

Sumário

4	Maria Lúcia Vassalo Namorado e a educação feminina: a revista <i>Os Nossos Filhos</i> (Continuação).....	807
4.1	Os fins: a revista <i>Os Nossos Filhos</i> (Ver 1º volume)	807
4.2	Causas de <i>Os Nossos Filhos</i> : militância activa e passiva.....	807
4.2.1	Política, feminismo e mulheres	807
	As mulheres e o empenhamento político e cívico	818
	Associações de mulheres	823
	Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas- CNMP	823
	Associação Feminina Portuguesa para a Paz-AFPP.....	843
4.2.2	O pacifismo	855
4.2.3	A Mulher como trabalhadora e a educadora.....	863
4.2.4	Outras causas cívicas	869
4.2.4.1	Assistência	894
4.2.4.2	Assistência pública e privada – Da República ao Estado Novo	895
	As <i>Ligas</i> de assistência	950
	Liga Portuguesa dos Deficientes Motores	951
	Liga Protectora da Infância.....	954
	Liga Portuguesa de Profilaxia Social:	957
4.2.4.3	A Saúde e a profilaxia	965
4.2.4.4	Educação.....	1046
	Contexto educativo de <i>Os Nossos Filhos</i> :	1048
	Quotidiano em <i>Os Nossos Filhos</i> :	1059
	Religião na revista <i>Os Nossos Filhos</i>	1073
	Criação, educação e instrução – conceitos e prática.....	1094
	Finalidades, meios educativos e pedagogas(os)	1112
	Papel da família e as relações escola – família.....	1123
	Crítica ao sistema educativo e debates pedagógicos	1129
	Erros educativos e a Educação das mães.....	1134
	Educação infantil e juvenil: Creches, Escolas infantis, primárias e colégios e liceus.....	1171
	Creches	1171
	Escolas infantis e primárias:	1172
	Colégio Moderno:.....	1193
	Contestar e abordar a interdição: Adolescência, Educação masculina e feminina	1209

Educação masculina	1223
Educação feminina	1237
Actividades físicas, artísticas e lúdicas na educação: o Desenho e os Trabalhos manuais, a Educação Física, a Música, os Brinquedos, o Cinema e o Teatro	1259
Desenho	1259
Trabalhos Manuais	1278
A Educação Física	1278
Música e Canto Coral:	1289
Teatro.....	1326
A instrução das mulheres: Orientação profissional e profissões femininas	1332
A Orientação escolar e profissional:.....	1332
Justificação da profissionalização e profissões femininas:.....	1346
Donas de Casa, Educadoras familiares, Assistentes Sociais e visitadoras	1350
Educadoras de infância.....	1355
Professoras primárias:	1356
Profissões ligadas á saúde: Enfermeiras, parteiras e médicas	1368
Enfermeiras:.....	1368
Casamento das enfermeiras:	1384
Médicas:	1388
Criadas de servir	1398
Outras profissões e ocupações femininas (deputadas, bailarinas, rendeiras...)	1418
Deputadas	1423
Bailado:.....	1426
Outras profissões femininas:	1430
4.2.4.5 <i>Os Nossos Filhos</i> – controle, sobrevivência e agonia de uma proposta	1430
Censura no quotidiano da revista.....	1430
Avaliação contínua do trabalho realizado	1443
Suspensão de <i>Os Nossos Filhos</i>	1462
5 A correspondência no Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado	1468
5.1 Sentido da epistolografia	1468
5.2 Análise morfológica e temática	1480
5.3 O quotidiano na correspondência	1488
5.3.1 A correspondência para Maria Lúcia Vassalo Namorado	1491

5.3.1.1	Presença de Maria Lamas no <i>Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado</i>	1491
5.3.1.2	Um diálogo silencioso entre duas mulheres – <i>Maria Lamas e Maria Lúcia</i> 1495	
5.3.2	Presença de Maria Lamas em <i>Os Nossos Filhos</i>	1558
6	Uma biografia incompleta	1576
6.1	Dos anos 60 e setenta e da militância possível ao ocaso	1576
6.1.1	Colaboração em publicações periódicas.....	1576
6.1.2	Vida profissional/pessoal da pedagoga e iniciativas editoriais.....	1587
7	Conclusões.....	1612
8	Bibliografia final	1650
8.1	Fontes primárias	1650
8.1.2	Arquivos	1650
8.1.2.1	.Arquivo Nacional de Imagens em Movimento – ANIM.....	1650
8.1.2.2	Arquivo da Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho	1651
8.1.2.3	Arquivo da Direcção Regional de Educação de Lisboa	1652
8.1.2.4	Arquivo da PIDE/DGS	1652
8.1.2.5	Arquivo da Fundação Mário Soares Fundo “Antes do 25 de Abril”. Subsecção: “Oposição legal e semi-legal”	1652
8.1.2.6	Arquivo do Ministério da Justiça. Direcção-Geral da Administração da Justiça: 1653	
8.1.2.7	Arquivo do Movimento Democrático de Mulheres.....	1653
8.1.3	Espólios	1653
8.1.3.1	Espólio de Maria Lamas. Lisboa: B. Nacional. E28 Maria Lamas. Caixas 9 e 11	1653
8.1.3.2	Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação. 85 arquivadores + 6 caixas (sala 403 sobre a Biblioteca, sala de trabalho de doutoramento).....	1653
8.1.3.3	Espólio de Humberto Delgado. Lisboa: Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo. Caixas 76, 78 e 53.....	1653
8.1.3.4	Espólio de António Florentino Namorado. Évora: Biblioteca Geral. Fundo Reservados. 16 pastas.....	1653
8.1.4	Entrevistas	1653
8.1.4.1	Filhos	1653

8.1.4.2	Diversos:.....	1653
8.1.5	Publicações periódicas/inéditos.....	1655
8.1.5.1	Publicações periódicas/inéditos da autoria de Maria Lúcia Namorado 1655	
8.1.6	Monografias.....	1663
8.1.6.1	Monografias da autoria de Maria Lúcia Namorado.....	1663
8.1.6.2	Monografias de outros(as) autores(as)	1665
8.2	Fontes secundárias.....	1703
8.2.1	Referências diversas a Maria Lúcia Namorado.....	1703
8.2.2	Monografias sobre questões metodológicas.....	1708
8.2.3	Outras publicações periódicas e textos apresentados em eventos sobre questões metodológicas	1718
8.2.3.1	Outras monografias	1718
8.2.4	Outras publicações periódicas e textos apresentados em eventos.....	1737
8.2.5	Dissertações e teses:	1743
9	Apêndices – (Apenas em suporte digital).....	1746
9.1	Apêndices ao capítulo 1.....	1746
9.1.1	Doações	1746
	Rui Manuel Namorado Rosa	1746
	Ana Maria Pessoa.....	1746
	Carmélia Vicente	1746
	Maria Isabel Rodrigues Anjo.....	1746
	Constança Leonoreta da Graça Azambuja Leitão	1746
	Maria Adelaide Salvador Marques	1746
	Maria Cândida Caeiro.....	1746
	Maria da Conceição Coutinho de Oliveira Marques	1746
	Maria do Carmo Rodrigues	1746
	Maria Iolanda Faria e Maia Bustorff Lapão	1746
	Ema Martiniano Delgado Mercês de Melo.....	1746
	Isabel Maria de Caldas Correia Lage	1746
	Cecília Menano.....	1746
	Carlos Nuno de Abreu Pinto Coelho	1746
	José Casimiro dos Santos Vinagre	1746
	Jaime Salazar de Sousa.....	1746
	Maria Amélia de Almeida Ribeiro Vieira da Luz Carvalho.....	1746
	Maria Carolina Tito de Moraes	1746
	Maria Eugénia Teixeira dos Prazeres	1746
	Maria Isabel Mendonça Soares	1746
	Maria Isabel Vieira Pereira.....	1747
	Maria Lira Keil do Amaral	1747
	Maria Regina Pereira da Silveira e Sousa	1747

9.1.2	Guias preliminares	1747
	Regras de construção	1747
	Guia preliminar	1747
9.1.3	Base bibliográfica de Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado	1747
9.2	Apêndices ao capítulo 2.....	1747
	Liceu Garrett- Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho	1747
	Espólio de António Florentino Namorado – Évora	1747
9.3	Apêndices ao capítulo 3.....	1747
	<i>Notícias de Penacova</i>	1747
	<i>Modas & Bordados</i>	1747
	<i>Página das Mães em Modas & Bordados</i>	1747
	<i>Mãos de Fada</i>	1747
	Programa radiofónico	1747
	Rádio e Televisão	1747
	Exposição <i>Tapetes de Arraiolos, 1956</i>	1747
9.4	Apêndices ao capítulo 4.....	1747
	Biografias	1747
	Critérios de construção da base	1748
	Listagem de biografadas(os).....	1748
	Fotos 1700	1748
	Base das fotografias – revista e registo de fotos.....	1748
	Listagem por categorias.....	1748
	Colaboradores estrangeiros.....	1748
	Concursos	1748
	Editoriais.....	1748
	Exposição <i>Lisboa vista pelas suas crianças</i>	1748
	Número de artigos/ano.....	1748
	ONF 205 –base de artigos da revista	1748
	Publicidade educativa.....	1748
9.5	Apêndices ao capítulo 5.....	1748
9.5.1	Guias da base das cartas	1748
	Guia versão Maio 2004- com 11237 cartas	1748
	Guia versão seleccionadas – com 9890 cartas	1748
	Guia versão 9500 cartas.....	1748
	Cartas: análise por categorias	1748
9.5.2	Dedicatórias	1748
Anexos.....		1748
	Anexos ao Capítulo 1	1748
	Base bibliográfica de Espólio de Torres Novas	1748

4 Maria Lúcia Vassalo Namorado e a educação feminina: a revista *Os Nossos Filhos* (Continuação)

4.1 Os fins: a revista *Os Nossos Filhos* (Ver 1º volume)

4.2 Causas de *Os Nossos Filhos*: militância activa e passiva

Desde o início da sua publicação que a revista *Os Nossos Filhos* nos aparece como um lugar onde a sua directora defende um conjunto de princípios sobre um conjunto de temas que aqui designaremos como *causas* uma vez que delas não se afasta nunca, mesmo que o faça de forma mais ou menos exposta ou mesmo velada. Caracterizar *Os Nossos Filhos* desta perspectiva pareceu-nos também fundamental uma vez que só assim se pode perceber como pretendia Maria Lúcia Vassalo Namorado, através da revista, levar as mulheres a pensar e a intervir sobre um complexo de áreas nas quais o podiam e, julgava ela, deviam fazer. Algumas dessas *causas*, como a da educação infantil, a da educação feminina entre outras, iremos analisá-las em capítulos seguintes. Aqui deixaremos apenas a apreciação das que se ligam directamente com a política, a saúde e a assistência tão presentes em toda a revista.

4.2.1 Política, feminismo e mulheres

Ao longo das páginas anteriores, sobretudo no capítulo 2, fomos mostrando como é que a vida e a obra de Maria Lúcia Vassalo Namorado se podem inscrever num contexto político que lhe era adverso.

A leitura atenta da revista *Os Nossos Filhos* e mesmo as cartas do *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* mostram-nos que a sua directora estava consciente do que, do ponto de vista político, se passava à sua volta. A 2ª Guerra, quer directa ou indirectamente, é nela frequentemente referida. Como vimos, a directora da revista também aderira ao MUD- *Movimento de Unidade Democrática*. Ela fazia parte do grupo dos “(...)democratas temerosos de convulsões sociais, /que/ apostavam numa liberalização pacífica, que era aliás posição da Inglaterra, e manobravam nesse sentido (...)”(Barradas, 2004. p. 8). Mulher informada como era, Maria Lúcia Vassalo

Namorado não deixara de se aperceber das convulsões sociais provocadas pelas greves de 1943 e 1944, nas quais o Partido Comunista Português tivera o protagonismo total, sobretudo nas zonas de Lisboa e Vila Franca de Xira.

Quer os republicanos moderados quer os militantes comunistas ou mesmo os anarquistas tinham visto a sua acção dificultada sobretudo a partir de incício da década de 40. Como podemos constatar, sobretudo nas cartas que as(os) colaboradoras(es) lhe dirigem e que ela troca com elas(es), como veremos ao analisar a sua posição face à Censura, Maria Lúcia Vassalo Namorado tem consciência clara do que pode legalmente fazer sem ser importunada, do que não deve fazer e do que pode fazer, arriscando, mas sem entrar em confronto, jogando sempre com as armas do poder, para nele sobreviver.

Em Junho de 1942, data do primeiro número de *Os Nossos Filhos*, o período era de crise grave em Portugal. Desde o início, quer a revista quer os documentos do *Espólio*, confirmam os problemas que afectavam a maioria da população. Não se pode esquecer que “(...) nos primeiros anos da década de 40, num ambiente de guerra mundial, de escassez de géneros e de especulação generalizada, agravavam-se as condições de trabalho, depreciavam-se os salários, verificava-se uma acentuada polarização social. Entre 1940 e 1950, a percentagem de assalariados (na maioria proletários) aumentou 18,7%. Em Outubro de 1944 o custo de vida, subindo em flecha, era cerca de 75,4% superior à média de 1938 e 1939, segundo relatório da embaixada britânica em Lisboa (...) e o poder de compra dos operários não especializados diminuiu, de 1939 a 1945, de 42% (Barradas, 2004. p. 18).

A revista, dirigida aos pais mas, como veremos, quase só a pensar na educação das mães, dirigia-se a um nicho de mercado muito específico pois que, de acordo com dados do *IX Recenseamento Geral da População* de 1950 “(...) nos anos 40, 56,1% das mulheres eram analfabetas, contra 41,2% dos homens (...)” (Barradas, 2004. p.19. nota 4).

Não eram só as condições políticas e económicas que dificultavam a vida da população em geral e das mulheres, em particular. A revista menciona frequentemente alguns dos maiores problemas que estas enfrentavam quotidianamente: a falta de instrução, a impossibilidade de um planeamento familiar, a inexistência de apoio à mulher trabalhadora como seja a falta de creches ou a violência doméstica. A vida das mulheres em geral e das pobres em particular era agravada com gravidezes sucessivas, sem apoios de qualquer espécie, sem apoio médico, assistidas no parto por pessoas sem qualificações para tal e enfrentando taxas de mortalidade infantil terrivelmente altas.

Depois de 1945, a falta de géneros, o preço alto dos de primeira necessidade ou o racionamento de muitos deles, sobretudo em Lisboa, são uma constante nos artigos de muitas colaboradoras de *Os Nossos Filhos*, sobretudo nos de Adriana Rodrigues.

A crise provocada pelo fim da 2ª Guerra, no exterior e interior, assim como a agitação que a candidatura de Norton de Matos traz em 1949, é acompanhada de uma maior visibilidade pública da participação política das mulheres. Não podemos esquecer que essa candidatura cria a *Comissão Feminina de Apoio à Candidatura de Norton de Matos*, de que faziam parte algumas senhoras, empenhadas colaboradoras de *Os Nossos Filhos*, como é o caso de Maria Palmira Tito de Morais. Essa Comissão reivindica, como Maria Lúcia Vassalo Namorado o faz em *Os Nossos Filhos*, a abolição do regulamento da prostituição, a atribuição de salário igual para trabalho igual, a equiparação jurídica para ambos os sexos, o sufrágio universal e a assistência social para todas as mulheres, independentemente de credo político, crença religiosa ou estado civil, este último aspecto por diversas vezes abordado também na revista.

Na sequência das eleições realizadas em 13 de Fevereiro de 1949 serão presas(os) muitas(os) das(os) apoiantes daquela candidatura e, em anos posteriores, sê-lo-ão também muitas mulheres como Cesina Bermudes, Maria Lamas, Antónia Ferracha, ou proibidas de exercer a sua actividade profissional (como vai ser o caso de Maria Palmira Tito de Morais), para citar apenas algumas das mulheres ligadas a *Os Nossos Filhos*.

Maria Lúcia Vassalo Namorado tem consciência de que o direito de voto das mulheres é ainda muito limitado pois “(...)que, em meados dos anos sessenta, apenas 15 % da população usufrui /dele/ (...)” (Léonard, 1998. p.86).

Como regime antiparlamentar que se afirmava ser, o Estado Novo não aceita a existência de partidos políticos. A *União Nacional* nunca como tal se quis identificar e nem sempre foi a via de acesso a cargos políticos. Nos seus dois Congressos, separados por dez anos, o primeiro realizado em 1934 e o segundo em 1944, este último dois anos depois do início da publicação da revista *Os Nossos Filhos*, percebe-se que embora não fosse obrigatória a filiação nos cargos de topo da administração central, ela era desejada para os lugares de menor prestígio na Função Pública. Este problema vai senti-lo a revista, como veremos na análise da correspondência entre Maria Lamas e a directora de *Os Nossos Filhos*, pois estava-se perante uma “(...)ditadura não de partido único mas com um partido único, ditadura de Governo e não de massas(...)” (Léonard, 1998. p. 91).

Como se verá neste capítulo, com o problema do encerramento do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, em 1947, a liberdade de reunião e todas as outras, se bem salvaguardadas na Constituição podem ser retiradas em qualquer altura, sem explicações adicionais.

Uma das grandes preocupações do regime salazarista vai ser a de desenvolver nas pessoas a ideia de que, a nível externo, Portugal é um país com direitos adquiridos mas pacífico. Para provar este ‘isolamento’ paradisíaco vai mostrar-se na *Exposição do Mundo Português*, de Junho a Dezembro de 1940, em Lisboa, ou seja, em plena 2ª Guerra mundial.

Quanto à organização do trabalho, esta assenta em organismos ‘simples’: os sindicatos nacionais, para trabalhadores e empregados e as Casas do Povo e dos Pescadores, por um lado e os grémios, organismos patronais e de proprietários, por outro com uma estrutura de topo ocupada “(...) por um *Subsecretariado de Estado das Corporações*, por um *Conselho Corporativo* e por uma *Câmara Corporativa*(...)os sindicatos nacionais de trabalhadores e de empregados encontram-se rigorosamente controlados e privados de qualquer tipo de iniciativa pelo *Instituto Nacional do Trabalho e da Previdência* (INTP)(...)” que zela pela aplicação dos princípios do Estatuto do Trabalho Nacional- promulgado em 23 de Setembro de 1933 e que traduz a influência da *Carta dei Lavoro* o, ou seja, a *Carta de Trabalho*, publicada por Mussolini em Abril de 1927- que, de resto, proíbe o sindicalismo privado(...)” (Léonard, 1998. p.99) .

Na revista passarão também muitas decisões de organismos internacionais como a constituição, em 26 de Junho de 1945, da Organização das Nações Unidas (O.N.U.). (Igreja Católica. 1963. p. 51) Um acto de grandíssima relevância efectuada pelas Nações Unidas foi a *Declaração Universal dos Direitos do Homem*, aprovada em Assembleia Geral, a 10 de Dezembro de 1948. (Igreja Católica. 1963. p. 51) e que Maria Lúcia nunca deixa de referir.

A directora da revista pode ser vista como fazendo parte de um grupo de republicanos cuja evolução merece ser analisada uma vez que, muitas figuras republicanas sofreram uma evolução ideológica, após o 28 de Maio de 1926 que as levou a passarem de republicanos convictos a apoiantes da nova situação. Mais tarde, apreciaremos uma evolução diferente e muitos situacionistas irão rebelar-se contra ela também. Apenas a título de exemplo refiram-se os casos de “(...) Alfredo Pimenta, que, depois do entusiasmo anarquista da juventude, tende para posições republicanas e, daí, para ideias de tipo nacionalista monárquico e até fascizante. Partindo de ideais

republicanos tornam-se outros paladinos do Integralismo, como António Sardinha. Um sindicalista e bolchevista da primeira hora, como Manuel Ribeiro, converte-se espectacularmente ao catolicismo, tornando-se os seus livros uma bandeira de ideais conservadores. Republicanos de matizes diversos acabam por aderir à Revolução Nacional e ao Estado Novo (...) / assim como apoiantes do / 28 de Maio de 1926 e do Salazarismo, tornam-se seus opositores, sejam eles católicos, como o Padre Abel Varzim, ou militares, como Henrique Galvão ou Humberto Delgado (...)” (Torgal. 1999, Prefácio a SOUSA, 1999. p. 9).

Um outro caso interessante também é, como referimos, o daqueles que dentro do regime vieram com ele a estar em desacordo como aconteceu, depois de 1934, a “(...)Integralistas e nacional-sindicalistas que se recusaram a enfileirar no regime e — permanecem, politicamente isolados, à margem da vida pública, até que no pós-guerra, se aproximam da oposição democrática, vindo mesmo alguns deles — como por exemplo Almeida Braga e Rolão Preto— a apoiar a candidatura do General Humberto Delgado à presidência da República, nas eleições de 1958. Outros, embora críticos para com o regime, não deixarão porém de lhe dar colaboração nos momentos mais difíceis, como foi o caso de Pequito Rebelo que, nos começos da guerra de Angola, se ofereceu como oficial miliciano aviador para combater naquela colónia(...)”. (Cruz, 1982. p. 134). Um outro político que Maria Lúcia Vassalo Namorado conhecia, Bissaya Barreto, é também exemplo de uma evolução *sui generis*: de republicano convicto, membro do *Partido Evolucionista* em Coimbra, passa a membro da *União Nacional* e amigo de Salazar se bem que, simultaneamente, nunca tenha abandonado o médico Orlando de Figueiredo, do PCP com quem colaborou mais de 20 anos consecutivos em Vila Real (Sousa, 1999).

Neste grupo poderemos mencionar ainda outros casos como o faz João Madeira (1996) quando afirma que :”(...) a linearidade de opções é difícil pois havia uma grande permeabilidade: por ex., enquanto que Cochofel é do PCP, a avó era amiga de José Alberto dos Reis, presidente da *Assembleia Nacional*(...)e o próprio Fernando Lopes Graça fora professor de música de Cochofel em Coimbra e estava em 1937, em Paris, a trabalhar para o governo da *Frente Popular Espanhola* (Madeira, 1996. p. 197). Um último exemplo: Maria Amália Borges, depois de lhe terem fechado o colégio, era professora particular de uma das altas figuras do regime (Fernandes, 2004).

Na análise da *causa* política e feminista (que é a de Maria Lúcia Vassalo Namorado) não se pode omitir a referência á participação política das mulheres durante

o Estado Novo que é um facto, mesmo que as fontes oficiais a não tornem visível, quer desse lado quer mesmo do ponto de vista da oposição.

Uma das reivindicações do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* fora, durante muitos anos, o voto feminino. Não admira portanto que, quando em 1931 o Estado Novo lho concede¹ elas, as sócias desse movimento, se regozijem por tal facto. Uma das recomendações feitas pela *Comissão Feminina de Lisboa* do MUD — *Movimento de Unidade Democrática* em Junho de 1946 chama a atenção das mulheres para a necessidade de se recensearem afim de poderem votar em futuras eleições (Org. Mulheres Comunistas, 1994. p. 34).

Esta questão do voto feminino, como veremos seguidamente, é apreciada dentro e fora da revista, por Maria Lúcia Vassalo Namorado porque ela considera que esse é um direito de que as mulheres não podem abrir mão.

A directora da revista tem conhecimento do que é a vida das mulheres pobres e da classe média e sabe bem como o regime político também as oprime. Do seu quotidiano e da sua relação com a prima Maria Lamas, ela tem conhecimento de que são também diversas as mulheres que, para apenas citar algumas das que tinham relações directas com a revista *Os Nossos Filhos*, são privadas de liberdade. Neste caso estão Maria Isabel Hahenman Saavedra de Aboim Inglês, presa em 13 de Dezembro de 1946 (Org. Mulheres Comunistas, 1994. p. 35) que, como afirma Maria Helena Rosa Torres Peres de Seixas (Entrevista em 11 Jan. 2005), era uma das colaboradoras da revista. Maria Lamas será presa pelo menos duas vezes durante o período de publicação regular da revista e tem de trocar Lisboa pela Madeira, primeiro e depois por Paris, para não ser mais molestada. O acompanhamento destas mulheres é feito por Maria Lúcia Vassalo Namorado, como nos provam os documentos que sobre elas se guardam no *Espólio*. Citemos apenas o exemplo de Maria Lamas ou de Maria Luísa Palhinha da Costa Dias², também privada de liberdade. Na revista escrevem professoras primárias que, como Maria Isabel Rodrigues Anjo (Cf. *Apêndice Cap. 4- Biografias*) filha de César Anjo e irmã do médico comunista César Anjo, que não pode exercer o professorado por ter participado na campanha de Norton de Matos ou Regina de Oliveira e Sousa que esteve

¹ Cf. texto de *Alma Feminina*, n.º 3-4, Março-Abril de 1931, p. 14.

² Que será também, entre 14 e 17 de Junho de 1969, uma das representantes portuguesas no Congresso Mundial das Mulheres em Helsínquia, na Finlândia, num grupo integrado também por Sofia de Oliveira Ferreira, Maria da Piedade Morgadinho, Maria José Ribeiro e Cecília Areosa Feio e que apresenta intervenção sobre “(...) condições de vida da mulher trabalhadora, os esforços que se fazem em defesa da paz e as campanhas de solidariedade realizadas em Portugal (...)” (Org. Mulheres Comunistas, 1994. p.92).

para ser representante portuguesa no *Congresso Mundial das Mulheres* realizado em 1953.

Se Maria Lúcia Vassalo Namorado se dá com este grupo de mulheres é certo também que se relaciona com um sem número de outras que, do lado do regime, conhece por relações de amizade ou institucionais. Sabemos que tinha também uma admiração enorme por católicos opositores ao regime, como D. António Ferreira Gomes, o então bispo do Porto que em “(...)13 de Julho daquele ano fatídico para o regime /1958/,— escreve ao Presidente do Conselho denunciando “(...) abertamente a miséria social do povo português e reivindica para os católicos o direito de expor abertamente os princípios da doutrina social cristã (...)” (Rezola, 1999. p. 13).

Havia dentro da Igreja um sector tinha vindo a dar “(...) atenção à questão social e, em particular, à questão operária (...). Por comodidade de expressão serão designados de “católicos sociais”, (...) um movimento católico de cariz social, de amplitude considerável, que, orientado pelos princípios e directivas papais em matéria social, irá procurar instaurar uma “nova ordem”. A liderá-lo encontraremos desde cedo um dos nomes mais conhecidos da Igreja Católica Portuguesa: Abel Varzim, activo defensor da causa da justiça social, o seu nome surgirá associado às lutas que, durante as décadas de 30 e 40, os operários católicos irão travar pela dignificação do trabalho e do trabalhador(...)” (Rezola, 1999. p. 15). Este padre fora, é certo, deputado na *Assembleia Nacional* mas a partir de 1943 o conflito entre os católicos insatisfeitos e o regime agrava-se e “(...) este processo evolutivo culminará, em meados de 1948, com o encerramento do jornal *O Trabalhador* e o afastamento do P.e Abel Varzim dos principais cargos que ocupava na *Acção Católica* (...)” (Rezola, 1999. p. 16).

O Pe. Abel Varzim, assim como os católicos sociais, defensores da encíclica *Rerum Novarum*, de Leão XIII, publicada em 1891, exigia que o regime, qualquer que ele fosse, não se alheasse da “(...) questão operária(...)”. Quando em 15 de Maio de 1931 se publica a *Quadragesimo Anno*, para celebrar o 40º aniversário da anterior encíclica, reafirma-se a reflexão sobre “(...) os problemas da propriedade, das relações entre o capital e o trabalho, a noção de salário justo e de salário familiar, o direito de propriedade e a propriedade industrial e das sociedades anónimas (...). Pio XI propõe uma reflexão completa sobre a sociedade, relação patrões-operários, participação dos operários na gestão das empresas, defendendo o corporativismo, não enquanto corporações fascistas - *corporativismo de Estado* - mas sim enquanto criação de corpos intermédios - *corporativismo de associação* - (...) com a mesma ideia de base: o

estabelecimento de um quadro doutrinal que oriente a acção dos católicos no terreno social(...)" (Rezola, 1999, p. 20). Neste caso era fundamental a possibilidade de criação de sindicatos católicos, o que o regime proibia, mesmo sendo estes também partidários da necessidade de estabelecer laços entre capital e trabalho e construir uma sociedade em que a colaboração entre classes fosse real. Na defesa do sindicalismo católico está o Pe. Abel Varzim e, se não sabemos qual era a relação de *Os Nossos Filhos* com ele, não duvidamos de que Maria Lúcia Vassalo Namorado o admirava porque no *Espólio* existem duas³ das suas obras mais interessantes: *O Dever social* de 1941 e *O Ideal cristão do trabalho*, de 1942. Na primeira, o autor defende a ideia de que "(...)não pode o cristão deixar de actuar no campo social, promovendo o maior bem-estar dos homens, sobretudo dos mais fracos (...)tem, portanto, de exercer uma acção social, sob pena de trair o Evangelho (Varzim, 1941. p. 11). Para intervir socialmente deveria a *Acção Católica* ajudar a espalhar o“(...)espírito de colaboração de classes(...) e dedicar-se generosamente à solução dos problemas sociais (...) ” (Varzim, 1941. p. 13), como determinava a *Quadragesimo Anno*. Não são poupadas críticas à sociedade cristã que se havia desviado das doutrinas essenciais: as classes dirigentes haviam perdido a "(...) noção cristã da vida (...) e tentam descobrir, não sei que passagens do Evangelho, um cristianismo à sua moda, que justifique o culto pagão pela força e pela matéria, culto que é moda prestar àquilo que eles chamam revigoração da raça ou prestígio do sangue(...)" (Varzim, 1941. p. 23). Sob o ponto de vista religioso "(...)impõe-se a distinção entre a Igreja e os maus católicos. Mas não a sabe fazer o povo, para quem a Igreja é o patrão que vai à Missa ou o egoísta que reza aos Santos. Assim cresceu a apostasia das massas operárias que foram procurar noutras doutrinas com que matar a sua fome e sede de justiça (...)" (Varzim, 1941. p. 23).

³ VARZIM, Abel, Padre (1941) – *O Dever social: conferência*. Lisboa: *Acção Católica Portuguesa*. 43 p. Este documento, em *Nota Prévia*, tem indicação de "(...) O presente trabalho foi escrito para ser lido aos Assistentes da *Acção Católica*, na sua recente reunião realizada em Lisboa. (Varzim, 1941. p. 3).

A outra obra é: VARZIM, Abel, Padre (1942) – *O Ideal cristão do trabalho*. Lisboa: *Acção Católica Portuguesa*. 31 p. Este texto, da autoria de Abel Varzim, *Assistente geral* da LOC, "(...)foi discutido e solenemente aprovado como programa doutrinário e de realizações da *Liga Operária Católica*, no seu Conselho Geral, reunido em Lisboa, nos dias 8 e 9 de Março de 1942, com a presença dos delegados das regiões de Braga, Porto, Bragança, Aveiro Viseu, Guarda, Coimbra, Leiria, Portalegre, Lisboa, Évora e Algarve. Lisboa, 15 de Maio de 1942, quinquagésimo primeiro aniversário da publicação da Encíclica «Rerum Novarum» e décimo primeiro da Encíclica «Quadragesimo Anno» (...)" (Varzim, 1942. p. 31).Embora o tenhamos tentado, não foi possível identificar as razões que terão estado na origem da entrada destes dois documentos neste *Espólio*.

Este mau estar também se estendia ao núcleo da família, admitindo-se “(...)como normal a união ilegítima, e até a sucessão de uniões efêmeras. Perdeu-se o respeito pela santidade do matrimónio e pela vida dos inocentes. Recentes estudos calculam, em certas regiões do país, ser maior o número de abortos que o dos nascimentos (...)” (Varzim, 1941. p. 24) e afirmava ainda que “(...) sob o ponto de vista social, não é mais risonho o panorama. Verifica-se apenas que há de cada vez maior necessidade de obras de Assistência e mais angustiados apelos à generosidade das populações, sem que a miséria deixe de existir e de aumentar (...)” (Varzim, 1941. p. 25).

A referência à miséria e doenças incuráveis e à tuberculose encerram a lista da enumeração dos males que a *Acção Católica* devia chamar a si, tentando resolvê-los através dos princípios da Caridade cristã, divulgados sobretudo através do exemplo de cada um e do empenhamento de todos para “(...)implantar a justiça nas relações económicas e a Caridade nas relações sociais (...)” (Varzim, 1941. p. 34).

Neste trabalho gigantesco, o autor entendia que ao Estado só competia uma função “(...) supletiva e que o corporativismo deveria ser fruto da iniciativa particular (...)” (Varzim, 1941. p. 39).

Em *O Ideal cristão do trabalho*, o P.e Abel Varzim parte do princípio de que o “(...) lar é a oficina do Criador. A Fábrica, um templo O trabalho, um sacerdócio.. O suor do nosso rosto, uma oração (...)” (Varzim, 1942. p. 9). Defende a “(...) moralidade no trabalho(...), as mais severas sanções penais contra aqueles que abusem da sua categoria para tripudiar sobre a miséria material das operárias ou empregadas, roubando-lhes a honra e o pudor (...), que a oficina deveria ser escola de educação dos jovens trabalhadores e a natural continuação da obra educadora da família, como os colégios o são para os filhos da gente abastada (...)” (Varzim, 1942. p. 20), não terminar a educação moral, religiosa e intelectual quando esses jovens operários entram no mercado de trabalho, defende a criação de escolas de orientação profissional, a melhoria das condições de trabalho, “(...)facilidades e possibilidades de os jovens trabalhadores de ambos os sexos constituírem o seu lar na maior força vital da sua mocidade. Defendemos, por isso, o salário familiar a partir do casamento, para que os lares se constituam cedo (...)” (Varzim, 1942. p. 23), a mulher casada não deve estar na fábrica nem nos escritórios, a rigorosa fiscalização das condições de trabalho e a protecção do operário na doença e em casos de acidentes, o respeito pelos idosos, o fim do proletariado e o respeito pela tarefas que desempenha, o estabelecimento de “(...) relações de mútua estima, confiança e respeito entre patrão e operário (...)Contratos de

trabalho devem ser escrupulosamente respeitados por ambos e preverem um regime de salários que tenha em conta a participação nos lucros (...),” (Varzim, 1942. p. 25), “(...) respeito pela autoridade, respeito por quem obedece. Mandar é servir (...)”, “(...) respeito pelo horário de trabalho, e os trabalhos insalubres ou pesados devem ter horário menor. Dia de domingo deve ser igualmente pago. E, todos os anos, deve o operário poder gozar de férias pagas (...)” (Varzim, 1942. p. 26).

Para atingir tais fins, propunha ainda a maior participação da *Liga Operária Católica* neste programa social.

Esta abordagem ao catolicismo social justifica-se porque, sobretudo no campo da Assistência vamos encontrar em inúmeras cartas alguns reflexos destas teorias e, destes textos, recolheu Maria Lúcia Vassalo Namorado muitos argumentos sobre os quais, retirando-os do seu contexto católico e analisando-os apenas sob o ponto de vista da justiça social, ela vai reflectir e aprofundar na revista.

A participação política é, para Maria Lúcia Vassalo Namorado uma das causas a defender e, se exercida por mulheres, ela pode ser apoiada independentemente do lado do regime em que se estiver.

A revista é o palco onde, durante todo o período da sua publicação, se assiste ao difícil equilíbrio entre a sobrevivência num sistema que não agradava a Maria Lúcia Vassalo Namorado e a defesa das *causas* que lhe são queridas. Nestas, como a da intervenção política militante, não duvidamos que a revista lhe serviu para, nem sempre abertamente, como é compreensível, defender aquilo em que acreditava fosse através da colaboração de personalidades afectas ao regime que ela usava para ‘contrabalançar’ com mulheres e homens como Maria Palmira Tito de Morais, *Lília da Fonseca*, Maria Lamas, Maria Alada Nogueira ou Maria Madalena Taveira, Enfermeira especializada em Pedriatria(sic) na Universidade de Chicago, USA (ONF, Out. 1954), Maria Keil, entre muitas e muitas outras em que colocamos também Matilde Rosa Araújo que usa a revista para fazer recensão de obras de José Régio (ONF, Fev. 1955), falar de Urbano Tavares Rodrigues (ONF, Maio 1955), escrever uma biografia de Einstein em que afirma, no meio de imensos dados biográficos que o cientista terá dito: ”(...) «Enquanto puder escolher, só viverei num país se onde a liberdade política, a tolerância e a igualdade de todos os cidadãos perante a lei seja a regra» (ONF, Jun. 1955) e faz elogios a *O Anjo ancorado* de José Cardoso Pires (ONF, Dez. 1958). Neste grupo não deixamos de mencionar ainda Francine Benoît que faz a apreciação do *Dicionário Musical* de Tomás Borba e Fernando Lopes Graça, das *Edições Cosmos*, Maria Amália Borges de

Medeiros que escreve sobre *Dislexia e Disortografia* (ONF, Maio 1956) e faz o *Correio dos Pais* (ONF, Dez. 1956), *Lúcia Benedita* (ONF, Jun. 1956) que publica também como *Mário Castrim* (ONF, Abr. 1957) ou ainda como *Maria Manuela Nunes* que, numa rúbrica minúscula sobre *Crianças* escreve, a propósito de uma notícia do *Correio da Unesco* em que se dizia que, em Inglaterra, as crianças “(...) recebem um copo de leite nas escolas(...) em Oslo, recebem uma garrafa de leite e pão, doce e fruta. Portugal não é referido(...) até parece que não temos crianças o que é falso...(...)” (ONF, Out. 1958) e ainda: “(...) os professores (...) meditem que ensinar é amar o povo a que se pertence é uma das mais elevadas funções do educador(...)” (ONF, Mar. 1956), ou também: “(...)sete casos diferentes de negligência por excesso de trabalho dos pais(...)meninos afogados em poços(...) para quando uma creche em cada terra da nossa terra?(...)” (ONF, Abr. 1957).

Maria Lúcia Vassalo Namorado usa também as páginas da publicação que dirige para elogiar Bissaia Barreto, o homem e a obra, quando este atinge a “(...) aposentação por ter atingido o limite de idade(...)” Dele dirá que : “(...) mais uma vez chamo a atenção dos portugueses para este ilustre clínico e homem de coração, que á frente da *Junta da Província da Beira Litoral*, dotou o país, com a obra mais vasta e completa que possuímos, de profilaxia, antituberculosa e protecção à mãe e à criança. «Façamos felizes as crianças da nossa terra» foi um dos lemas que o norteou(...) na *Obra de Protecção à Mulher Grávida* se inicia essa grande cruzada, que prossegue no *Ninho dos Pequeninos* em Coimbra, no *Preventório de Penocova*, nas diferentes *Casas de Crianças* com os seus serviços de sociais e educativos, e nas *Escolas de Educação e Trabalho* para rapazes e raparigas(...) na nobre tarefa de tornar o povo português melhor, mais forte, e mais feliz(...)” (ONF, Jan. 1957). Esta mulher é a mesma que, admirando o homem que ela conhece e que realizara tal obra, vai chamar a atenção das crianças, escondendo-se sob o pseudónimo *Velhinho das Barbas*, para o facto de que “(...) os meninos nascidos em Fevereiro são homens inteligentes, leais esinceros e muito dados à política. Mas. Cuidado... A Política traz muitos dissabores...(...)” (ONF, Fev. 1956) e que, três anos antes, para o homenagear pelos 25 anos da publicação de *Emigrantes*, entrevistara Ferreira de Castro dele dizendo ser um “(...)escritor ao serviço dos que sofrem(...)”e dele publica a frase na qual ele resumia o objectivo da sua escrita: “(...) /o que pretendo exprimir com a minha literatura é/ A arte e o meu desejo de ver um mundo mais justo e os homens menos infelizes. Porque eu estou absolutamente certo de que o homem pode ser muito menos infeliz do que é e do que tem

sido(...)”(ONF, Jul. 1953).

As mulheres e o empenhamento político e cívico

Uma das causas mais fortemente defendidas em *Os Nossos Filhos* é a da participação das mulheres em todos os sectores da vida social, económica, política e cultural. Muitas vezes, ela é feita de forma subtil, quando se chama a atenção para um problema como é o das vereações municipais, como veremos seguidamente; outras é feita através da chamada de atenção para as mulheres que, como deputadas, têm presença na *Assembleia Nacional*. O facto de não serem da mesma área política da directora da revista não a impede de com elas ter as melhores relações de amizade (como acontece com a médica Maria Luísa van Zeller⁴ e com a professora Virgínia Faria Gersão) e de as apresentar como modelos de mulheres e de de lhes transcrever alguns dos discursos que proferem sobre temas como a educação, a assistência, a habitação em que por vezes apenas divergem nas soluções que propõem mas em que concordam com a argumentação usada. Também estas senhoras, como é o caso da deputada Maria Luísa Van Zeller, eleita pela situação, por vezes invocam o trabalho do *CNMP*, como em 1944, durante a discussão do decreto do *Estatuto da Assistência Social* recordava os “(...) justos e antigos apelos do *CNMP*(...)”. A revista do *CNMP*, no número de *Alma Feminina* – nº 12 de Out. 1944 onde tal é referido, tece também os maiores elogios àquela deputada. Outras vezes, com imensa frequência diga-se, recorre a exemplos do estrangeiro⁵ para, sobre mulheres ou a partir dos textos que elas escrevem, mostrar como poderia ser outra a condição feminina no nosso país. Neste campo, veja-se, como exemplo, a notícia sobre *A Mulher na política*⁶ em que, a propósito das eleições em Inglaterra, Maria Lúcia Vassalo Namorado aproveita para informar que naquele país há 112 mulheres sendo que “(...) Entre as actuais pretendentes ao Parlamento, 20 já pertenciam à legislatura cessante. As trabalhistas são as mais numerosas, com 45 candidatas; seguem-se as liberais com 32; as conservadoras com 25; as comunistas com 8; e uma independente. (...) Entre as candidatas há médicas, jornalistas, advogadas, uma economista, uma solicitadora, uma conferente, uma comerciante e algumas domésticas(...)” uma das quais com 8 filhos. Refere ainda que não estão lá, como às

⁴ Foi garças á amizade existente entre esta médica e a directora da revista que Maria Helena Rosa Torres Peres de Seixas foi assistida, na primeira gravidez, por Maria Luísa Van Zeller.

⁵ Esses textos de mulheres que escrevem do estrangeiro analisamo-los e agrupámo-los no subcapítulo deste trabalho sobre a *colaboração estrangeira* em *Os Nossos Filhos*, pelas razões que nele apresentamos.

⁶ *Os Nossos Filhos*. N.º 94. Março 1950.

vezes era costume, por serem mulheres de deputados falecidos mas por reconhecimento das suas qualidades.

Entre 1931 e Maio de 1946 serão promulgados alguns decretos que visam disciplinar o recenseamento eleitoral e a definição da elegibilidade. Pelo Decreto 19.694 de 5 de Maio de 1931, que organiza o recenseamento eleitoral define-se que⁷ “(...) podem votar os chefes de família domiciliados na freguesia há mais de 6 meses. As mulheres são chefes de família quando: são portuguesas, viúvas, divorciadas ou judicialmente separadas de pessoas e bens com família própria e as casadas cujos maridos estejam ausentes nas colónias ou no estrangeiro(...). Os vogais das câmaras municipais e os membros do Poder Legislativo são eleitos (...) pelos cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores de vinte e um anos, que por diploma de qualquer exame público provem saber ler, escrever e contar, domiciliados no concelho há mais de seis meses (...) colectados em quantia não inferior a 100\$, por todos, por algum ou alguns dos seguintes impostos: contribuição predial, contribuição industrial, imposto profissional, imposto sobre a aplicação de capitais. (...) Pelos cidadãos portugueses do sexo feminino maiores de vinte e um anos, com curso secundário ou superior comprovado pelo diploma respectivo, domiciliados no concelho há mais de seis meses. (...)” (Sousa. 2004. p. 1).

O Decreto-lei 24.631 de 6 de Novembro de 1934 também “(...) define os requisitos de elegibilidade dos candidatos à *Assembleia Nacional* e regula o exercício do direito eleitoral. (...)” (Sousa. 2004. p. 1). Em 29 de Janeiro de 1946 “(...) foi submetida a debate a ratificação do Decreto-lei 35.426 de 31 de Dezembro de 1945, sobre o recenseamento eleitoral.(...)” que alargava às chefes de família a capacidade eleitoral mas que “(...)retirava à mulher casada o direito de voto(...)”(Sousa. 2004. p. 2). Houve reacção de alguns deputados (entre os quais Virgínia Gersão) e o decreto não foi ratificado depois de ter sido apreciado na *Assembleia Nacional*, em Fevereiro do mesmo ano. Defendida por Maria Luísa Van Zeller foi a proposta de não retirar esse direito à mulher casada porque “(...) o voto da mulher é de «maior interesse para o Estado que o voto das solteiras, porque a mulher casada tem, em regra, a sua personalidade mais definida, responsabilidades mais pesadas» e vota «por isso com maior segurança, mais consciência e ponderação»(...)” (Van Zeller. Cit. In Sousa. 2004. p. 2).

⁷ O texto dos parágrafos seguintes baseia-se na documentação de apoio que foi apresentada por Maria Reynolds de Sousa no *Curso de Formação* promovido pela Associação de Professores de História e pela CIDM- Comissão para a Igualdade e Direitos das Mulheres, já referenciado neste trabalho.

É neste contexto que, em 1946⁸ a Revista *Modas & Bordados*, em entrevista /scanner/ dirigida por Judith Maggiolly, coloca a seguinte questão: *O que pensa da nova lei eleitoral, no parágrafo que se referem à mulher?* Respondem, deduzimos que por escrito, Madalena Soto (artista), Deolinda d’Antão Pessanha (mulher de um médico de Colares-Penedo) e “(...) Maria Lúcia Silva Rosa, escritora e directora da revista *Os Nossos Filhos*(...)” (p. 11).Qualquer uma delas discorda da lei. Não resistimos a transcrever o texto que é dado como da autoria da directora de *Os Nossos Filhos*:

“(...) Apesar de toda a minha simpatia por *Modas & Bordados*, confesso que não tenho nenhum desejo de responder ao seu inquérito por uma razão muito simples: não gosto de falar daquilo que não entendo e eu não entendo a lei eleitoral.

Não posso compreender o motivo porque um analfabeto pode votar desde que pague cem escudos de contribuição anual ao Estado e corpos administrativos, pois suponho que um analfabeto... é sempre um analfabeto. Não compreendo porque razão a mulher casada, e portanto a mais consciente e autorizada de todas as mulheres⁹ não pode ser eleitora, ficando assim igualada aos interditos, aos falidos, aos criminosos e aos indigentes. Também não compreendo porque é que ao marido para poder votar, se levam em conta os impostos correspondentes aos bens da mulher, ainda que entre eles não haja comunhão de bens- quando para o mais a mulher é letra morta.

Na ignorância dos motivos destes pontos capitais, eu acho a lei injusta e tão atentatória da unidade e do prestígio da família como aqueles cargos femininos que vedam à mulher casada.

E já agora, uma pergunta: Não lhe parece que pedir uma lei mais justa é muito pouco? Não teremos também direito a uma mais cuidada educação cívica? Recebe a mulher portuguesa – recebe o homem português- a preparação cívica que lhe é indispensável para exercer conscienciosamente e a bem da Pátria os seus deveres de cidadão?(...)” (p. 11).

⁸ *Modas & Bordados: Vida feminina*. Ano XXXIV. N.º 1777. 27 Fevereiro 1946. p. 5 e 11; nestas páginas há também uma entrevista a Maria Barroso, conduzida por Hortense de Almeida.

⁹ Veja-se como usa os mesmos argumentos de Maria Luísa Van Zeller

Esta reflexão¹⁰ continuava decerto no espírito de Maria Lúcia Vassalo Namorado quando, na revista que dirigia, resolve escrever e assinar um texto sobre o tema da participação das mulheres na vida política, mais concretamente enquanto vereadoras municipais. O texto¹¹ que publica então intitula-se: *Porque não há mulheres vereadoras nas nossas Câmaras Municipais?* Nele a autora tece um conjunto de apreciações depois de afirmar logo de no início do artigo e, sem qualquer hesitação, que “(...) determinados pelouros entregues a mulheres ficariam muito melhor do que entregues a homens. Tudo que de perto ou de longe se relacione com a mulher, a criança, o lar, e também tudo o que implique arrumação, limpeza, economia — não passa sem colaboração feminina. Desde que o Mundo é Mundo, à mulher tem sido, por excelência, dona de casa. Ora, as cidades, as vilas, às aldeias — e o Mundo—são grandes casas que estão há muito a pedir mãos de mulher para aquela arrumação e aquela limpeza indispensáveis (...). Quando se procurar inteligentemente, na vida pública a colaboração das mulheres-mulheres (quero dizer das mulheres inteligentes, sensatas e competentes), quantos problemas até hoje insolúveis encontrarão solução?(...) Quantas modificações, quantas beneficiações a mulher vereadora não introduziria nos hábitos, no arranjo e na limpeza da cidade?(...)”.

Posteriormente, na sequência deste texto, e sobre o mesmo tema, a revista entrevistou¹² algumas figuras públicas /scanner/ que identificamos, assim como as respostas que deram:

Dr. Mário de Albuquerque, professor da Faculdade de Letras de Lisboa e vereador	“(...)Não condeno(...) elas é que sabem o que têm para nos dizer(...) o que pensam melhorar, reformar e corrigir(...)”
---	--

¹⁰ Sobre o papel da mulher como eleitora ainda será promulgada a Lei 2.015 de Maio de 1946 em que se definiam as normas a ter em conta no recenseamento eleitoral para a eleição do Presidente da República e da Assembleia Nacional. Lei discriminadora pois que aos homens cidadãos eleitores bastava saberem ler e escrever ou caso não soubessem, desde que pagassem contribuição não inferior a 100\$00 (artº 1º e 2º); as mulheres podiam fazer parte dos cidadãos eleitores mas como *habilitação mínima* deveriam possuir o Curso Geral dos Liceus, o do magistério primário, o das escolas de Belas-Artes, os do Conservatório Nacional ou do Conservatório de Música do Porto ou os dos Institutos Industriais e Comerciais(artº 3º).

¹¹ O artigo de Maria Lúcia Vassalo Namorado intitulado *Porque não há mulheres vereadoras nas nossas Câmaras Municipais?* foi publicado em *Os Nossos Filhos* em n.º 77 de Outubro de 1948. p. 21; esse mesmo artigo, sem quaisquer alterações e que serviu também de pretexto para este conjunto de entrevistas foi publicado, na íntegra, no jornal *Notícias da Covilhã* de 10 de Outubro de 1948 (Cf. Caixa 29. Maço 3) Sobre o mesmo tema tinha saído uma notícia em *Alma Feminina*, do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, Ano XXVII, n.º 12, de Outubro de 1944. p. 8 intitulada *Triunfos femininos*, em que se dava notícia de “Em Paris foram nomeadas 100 mulheres para conselheiros municipais, desta cidade e seus subúrbios, pela Comissão de Libertação Parisiense. Muitas já tomaram posse”.

¹² *Os Nossos Filhos*. N.º 84. Maio 1949. p. 20-21; como se vê, há um desfazamento de sete números da revista entre a data da publicação do artigo e as entrevistas com as opiniões destas personalidades sobre o tema, ou seja, medeiam sete meses entre eles.

sua mulher, Maria Manuela Corte-Real de Albuquerque	não vejo vantagem(...) funções administrativas mais adequadas aos homens(...) ela ama o pormenor(...)
Vereador Dr. Américo Cortês-Pinto, médico escolar e poeta e mulher, Maria José Cortês-Pinto	(...) A colaboração social da mulher deve ser eminentemente feminino. A função do edil é eminentemente masculina(...). (...)mulher em lugares públicos está deslocada da verdadeira missão que lhe compete(...)
Vereador Correia Marques e Mulher, Maria Correia Marques	Sim, (...) na economia doméstica, na limpeza da cidade, nos serviços de higiene (...) acção benéfica sobre as condições de educação popular(...) e na construção de habitações (...) mas só a mulher com larga experiência de governo da casa(...)" (...) a mulher, já presente em profissões e responsabilidades, pode ter intervenção na administração municipal (...)na vigilância da limpeza material e moral das mercados, por exemplo(...)
Vereador António Maria Pereira, proprietário da antiga "Parceria António Maria Pereira" E mulher, Maria Helena Martinho Pereira	(...) concordo com a sugestão de o anjo do lar passar a ser tb o anjo da Câmara (...)" "(...) para acabar com o aspecto grotesco do Largo D. João da Câmara(..) proibir a matança dos animais nos mercados (...) e mandar plantar nos jardins municipais e até na via pública árvores frutíferas que juntando o útil ao agradável, dariam sombra e tornariam a fruta mais acessível às classes pobres(...).

A colocação da pergunta e as apresentação das respostas mostra-nos que, parecendo tratar-se de um *fait divers*, Maria Lúcia Vassalo Namorado interpelava, sem qualquer sombra de dúvida, as suas leitoras sobre um tema que lhes dizia directamente respeito mas que ela pretendia discutir para além do assunto que lhe servira de pretexto para os artigos assim publicados.

Sobre a participação das mulheres nos foruns de discussão masculinos, como a *Assembleia Nacional*, esta é defendida sem rodeios porque ali as deputadas podem tomar a seu cargo a denúncia, a defesa e as propostas que lhes permitirão contribuir para a mudanças das condições de vida e do quotidiano das suas semelhantes, que vêem e depositam nelas a confiança necessária para a resolução de muitos dos problemas que as atormentam, sobretudo nos campos da educação, assistência e habitação.

Sob este aspecto, Maria Lúcia Vassalo Namorado também tinha consciência de quão fraco era o poder da *Assembleia Nacional* no pós-guerra (1945-1949), no quadro institucional do Estado Novo, porque Salazar conseguira retirar-lhe todo o poder e porque não se pode falar da existência de um verdadeiro Parlamento. O conceito de soberania popular e de representação não existia na prática da Constituição de 1933 pois, como já mencionámos, apenas 12% da população tinha direito de eleição e não era possível a fiscalização dos actos eleitorais (Carvalho, 2002. p. 10).

Associações de mulheres

Quando fizemos a contextualização histórico-política da vida e obra de Maria Lúcia Vassalo Namorado referimo-nos já a duas associações de mulheres a que a directora de *Os Nossos Filhos* esteve também ligada: o *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas- CNMP* e a *Associação Feminina Portuguesa para a Paz-AFPP*. Ambas representam mulheres de diversas origens políticas e sobre elas há inúmeras notícias em *Os Nossos Filhos*. A defesa deste tipo de associações é uma das *causas* que identificamos como integradora do projecto educativo da revista de que aqui nos ocupamos. Ao longo das páginas desta publicação não faltam os apelos á união, discussão e participação das mulheres em todos os problemas que lhes digam respeito. Essa é a proposta que faz Maria Lúcia Vassalo Namorado às senhoras que, como vimos, estudam na sua *Escola de Noivas e Donas de Casa*, às mulheres trabalhadoras como veremos ainda neste capítulo assim como ás que se queiram pronunciar sobre os males da assistência e da saúde existentes no país. Vejamos de que forma essas duas orgnsizações são visíveis quer em *Os Nossos Filhos* quer no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*.

Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas- CNMP

A revista *Os Nossos Filhos* vai fazer passar, nas suas páginas, um conjunto de tomadas de posição políticas de oposição ao regime que nem sempre foram entendidas por uma parte das leitoras que a assinaram (Entrevista a Ema Martiniano Delgado Mercês de Melo, 2 e 5 de Junho 2004) assim como pelo próprio sistema político vigente.

O *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* foi uma organização feminina criada em 1914 por Adelaide Cabete e nela estavam federadas um conjunto de outras

organizações “(...) que se ocupavam das mulheres e das crianças, tanto na vertente profissional, como assistencial e educativa(...) e era uma ramificação do *Conselho Internacional das Mulheres*(...)” (Castro e Esteves, dir, 2005. p. 243). Pretendia ser uma organização sem distinção de classes sociais, religião ou credo político.

Nos seus *Estatutos*...¹³ de 1946, o CNMP referia ter como fim principal “(...)reunir numa vasta associação e federação as agremiações femininas portuguesas que se ocupam da mulher e da criança, esforçando-se por estabelecer a harmonia e bom entendimento entre todas(...) defender tudo que diga respeito ao melhoramento das condições materiais e morais das Mulheres, especialmente a proletária(...) por uma remuneração equitativa do trabalho(...) na protecção à criança contra maus tratos e exigências de trabalho superior às suas forças, e higiene das grávidas e puérperas(...)”(CNMP, p. 3-4).

Estavam previstos quatro tipos de sócias:“(...) fundadoras, honorárias, delegadas e auxiliares(...), reúne uma vez por ano e sempre que necessário, a pedido de 20 sócias ou da Direcção(...)”(CNMP, 1946. p. 5).

Entre a sua criação e a sua extinção - no final dos anos quarenta do século passado, por ordem do Governo Civil de Lisboa - podem ser identificadas três fases na vida desta associação: uma primeira que se estende da formação a meados dos anos 40 em que nela se destaca a “(...) primeira geração de feministas portuguesas onde pontificavam Adelaide Cabete, Aurora Castro de Gouveia, Angélica Porto, Deolinda Lopes Vieira Quartim, Fábria Ochôa, Sara Beirão, eleita presidente em Janeiro de 1936 ou Elina Guimarães (...); uma segunda fase, “(...) de quase paralisação durante II Guerra e a eleição em 1944 de Isabel Cohen Von Bonhorst para presidente. Maria Lamas tornou-se sócia durante a 2ª Guerra. Dirá mais tarde que: “(...) As mulheres que o compunham eram burguesas, muito medrosas. A sua actividade era praticamente nula, quase sempre dirigida num sentido muito ‘maternalista’ para com as mulheres menos favorecidas» (Sousa, 1973 cit in Gorjão. 2002. p. 145. nota 255). O terceiro e último período corresponde ao período do pós-guerra até ao encerramento em 1947.

No 1º período as grandes questões passam pelo direito de voto. Fizeram petições à Assembleia Nacional por causa do voto feminino e é também neste período que será realizado o *1º Congresso Feminista de Educação*, em Maio de 1924 mas o relatório só será publicado em 1925. Embora o pai de Maria Lúcia Vassalo Namorado tenha muitos,

¹³ São os mesmos de 24-4-1914 que foram vistos por Cassiano Neves, então Gov. Civil de Lisboa.

para não dizer todos, os livros da *Editora Spartacus* (cf. Base do *Espólio*) não tem este que agora analisamos. Por ele, organizado por Arnaldo Brazão (1925), sabemos que da *Comissão Organizadora do Congresso* fizeram parte: Adelaide Cabete, Aurora de Castro e Gouveia, Angélica Porto, Domingas Lazary Amaral, Albertina Gamboa, Laura Corte Real, Maria O'Neill, Deolinda Lopes Vieira, Vitória Pais Madeira, Elisa Lima, Arnaldo Brazão e João Teixeira Simões. (Brazão, 1925. p. 17).

O Congresso, previsto para Março de 1924 mas só realizado em Maio do mesmo ano, fora convocado pelo CNMP “(...)a exemplo dos seus congéneres estrangeiros (...) /com o fim de/ discutir e ventilar princípios feministas e educativos que tão intimamente se relacionam (...)” (Convite do CNMP. In Brazão, 1925. p. 18).

As intervenções sobre Educação de alguns(mas) das(os) oradoras(es) vão ser identificadas e transcritas algumas das suas afirmações uma vez que, muitos anos mais tarde, em *Os Nossos Filhos*, ainda delas iremos ter algum eco: alguns dos temas aqui abordados assim como algumas das soluções propostas vão merecer menção na revista. Essa situação prova que: por um lado, Maria Lúcia Vassalo Namorado estava actualizada quanto às questões que, em Educação, haviam sido diversas vezes afloradas mas raramente resolvidas; por outro, muitas das soluções preconizadas pelas(os) intervenientes neste Congresso irão ser, quase com as mesmas palavras, discutidas em *Os Nossos Filhos*; por fim, encontramos um número enorme de intervenientes que vai continuar a escrever sobre estes temas, também naquela revista feminina.

Por essas razões, iremos abordar apenas os temas apresentados como ‘teses’ no Congresso e, depois, veremos nos capítulos diversos deste trabalho como é que os mesmo temas serão recorrentes em *Os Nossos Filhos*.

Nem Maria Lúcia Vassalo Namorado, então com 15 anos, a frequentar o *Liceu Almeida Garrett* nem Maria Lamas, então com 31 anos, participaram nesse encontro embora não desdenhassem subscrever as afirmações de Adelaide Cabete quando afirmava que “(...)A maior parte dos homens de hoje já não receiam que a mulher se torne menos feminina por ser feminista (...). Ele vê que a mulher à medida que se interessa pelas questões de ordem social, vai esclarecendo / a sua inteligência, vai disciplinando o seu espírito, vai aperfeiçoando a sua própria individualidade, tornando-se assim um elemento de valor positivo, um/ ser consciente e portanto com maior direito ao título de mãe e de esposa. A vida na família assim se tornará mais harmoniosa, mais bela e mais equilibrada, visto que desta maneira o homem terá a seu lado uma verdadeira companheira, uma sua igual e não uma escrava (...)” (p. 25). Sublinhando ainda atitude

moderada do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* que “(...)tem sabido impor-se, sem exageros e sem atitudes ridículas (...)” (p. 26), ela reconhecia que não era formado “(...)por mulheres ociosas e frívolas mas por mulheres dignas e conscientes (...)” que defendiam “(...)todas as mulheres que sofrem, e pretende a reforma das leis iníquas e desumanas que as mantêm num estado de inferioridade que humilha e revolta (...)” (p. 26). A importância posta na obtenção do voto é um facto incontestado e até “(...)O próprio Mussolini, no discurso inaugural do *Congresso Internacional Feminista*, realizado em Roma, o ano passado, a que assistimos, fez um apelo às mulheres italianas que o auxiliassem (...) com o seu esforço, a sua dedicação e inteligência e as suas ideias pacifistas para uma melhor acção no governo da Itália, lhes prometeu desde logo o voto o que é já hoje um facto (...)” (p. 29).

As mulheres mereciam tanto mais esse direito quanto era certo terem “(...) qualidades especiais e particulares que ornaram o carácter lídimo da mulher e devidamente aproveitadas na administração geral do Estado, seriam uma garantia de uma melhor moralização nos costumes(...)” (p. 30). Também aqui as qualidades naturais da mulher para ocupar certas pastas públicas é sublinhada e propõe-se que seja utilizada a bem da sociedade. Quanto às comunicações apresentadas nesse encontro e soluções preconizadas, elas enumeram-se no quadro seguinte:

Quadro nº1.: *1º Congresso Feminista e de Educação* – resumo das intervenções seleccionadas¹⁴:

Comunicação	Responsável	Data
<i>Reivindicações políticas da mulher portuguesa</i>	Dra. Aurora de Castro e Gouveia, notária em Lisboa	5 Maio 1924
Pedia-se o voto para as mulheres, embora algumas senhoras, na discussão, não vissem com maus olhos a atribuição desse direito apenas “(...) àquelas que têm diploma (...)” (p. 86).		
<i>Bibliotecas infantis</i>	Ilda Pinto de Lima	
“(...) dada a situação embaraçosa do tesouro público não podemos hoje pedir qualquer coisa ao Estado, eis a razão por que as bibliotecas infantis têm de ser obra dos professores. Sobre livros, eu direi que já há alguma coisa boa,		

¹⁴ Foram aqui resumidas as teses que, mais tarde irão ser utilizadas em diversos artigos de *Os Nossos Filhos*.

os de Maria Paula de Azevedo (...)” (p. 98).		
<i>Saudar o Projecto de reforma João Camoesas</i>	Júlia Franco,	6 Maio antes da ordem do dia 1924
As pensões de estudantes	Tito de Sousa Larcher	
“(…) Deve haver rigorosa fiscalização sobre a capacidade moral e pedagógica dos dirigentes de colégios e cursos para menores(…)” (p. 111).		
<i>A mulher na administração dos municípios</i>	Maria Correia Manso	
“(…) A mulher edil, por natureza e por sentimento, melhor compreende a necessidade de organizar no seu concelho uma obra de solidariedade e de assistência social (...)” (p. 113).		
<i>Assistência e educação à infância desvalida¹⁵</i>	A C do Amaral Frazão	
Propunha-se a reforma da assistência e que a “(...) à educação nos institutos de assistência infantil seja essencialmente profissional e prática (...)” (p. 116).		
<i>Assistência às delinquentes</i>	Angélica Porto	
“(…) defesa de justas regalias económicas, e o combate a perniciosos vícios e injustos preconceitos(…)” (p. 127).		
<i>Educação de anormais¹⁶</i> , na qual a relatora não defende a separação entre anormais e normais	Deolinda Lopes Vieira	
“(…) a fundação de escolas especiais para educação de anormais impõe-se (...) como medida preventiva contra o crime(…)” (p. 131).		
Antes da ordem do dia: Chamada de atenção para “escola única”	Deolinda Lopes Vieira,	7 Maio 1924
Agrado por a Câmara ter criado um posto médico para tratamento de doenças venéreas	Angélica Porto	
<i>Assistência e trabalho</i>	Maria O’Neill	
Criar oficinas e ateliês para pobres e a “(...) exploração das crianças deve ser perseguida e castigadas as mulheres (que alugam os filhos e as que \ andam com eles) com dias de prisão. 5-a — O profissional da esmola, quando não tenha doença justificada, que impeça de trabalhar, não deve ser socorrido se não aceitar trabalho. É um modo de o fazer vencer a preguiça (...)” (p. 146)		

¹⁵ O Dr. Bentes Castel-Branco considerou que “(...) A educação deve estar ao cuidado da iniciativa particular e o Estado deve ser um auxiliar, um fiscal, um estimulante de melhores escolas. A solução deve ser a base fundamental em que teve assentar um plano de educação. Selecção física e selecção intelectual. Os vencedores das provas devem ser elevados às classes superiores e desta fôrnia se irá preparando a sociedade para ser guiada pelos seus membros de maior capacidade produtiva e elevação moral, para que sirvam de exemplo à grande massa popular (...)” (p. 118).

¹⁶ Albertina Gamboa considerava “(...) pernicioso a convivência de crianças, anormais e normais nas escolas(…)” e propunha que “(...) “(...) se faça a selecção entre anormais e normais em todas as escolas primárias do país e que a estes seja administrado ensino são adaptado às suas faculdades, quanto possível, até que haja pessoal especializado para este fim (...)”(p. 133).

<i>A influência da mulher na extinção da mendicidade</i> ¹⁷	Jorge das Neves Larcher	
<i>Luta anti-alcoólica nas escolas</i>	Dra. Adelaide Cabete	
Adopção de livros de leitura em todas as escolas e liceus com trechos de propaganda anti-alcoólica (...) Obrigatoriedade de conferências anti-alcoólicas nas escolas e liceus (...)” (p. 159).		
<i>Escolas ao ar livre</i>	Regina do Carmo ¹⁸	
“(...)votos para que os professores trabalhem no sentido de obter do Ministério da Instrução, que se criem escolas ao ar livre (...)” (p. 163).		
<i>A mulher como educadora</i>	Albertina Gamboa	
“(...) mulher é a educadora por natureza (...)educador deverá basear-se na observação e experiência; nunca nos preconceitos e muito menos em dogmas (...) nomeação de inspectoras para as escolas primárias (...)”		
<i>Educação dos indígenas nas colónias e suas vantagens</i>	Domingas Lazary do Amaral	
“(...) substituição do Depósito Geral de Degredados da Província de Angola, por uma ou mais colónias agrícolas (...) e imediata formação de missões laicas que se espalharão profusamente pelos mais recônditos sertões africanos, por entendermos que só o exemplo de elementos de reconhecido valor moral, profissional e cívico terá o poder de, educar vantajosamente o indígena de África (...) por considerarmos estas a única barreira eficaz a antepor ao desenvolvimento, cada vez mais crescente, de missões estrangeiras que, desnacionalizando o indígena o subtraem à influência da Pátria Portuguesa(...)” (p. 175).		
<i>Abolicionismo</i>	Arnaldo Brazão	
“(...) O Estado não reconhece a prostituição como modo de vida (...)A prostituição não é um delito (...)Os regulamentos da prostituição ou outra qualquer medida excepcional contra a mulher, por ineficazes, por imorais, por degradantes e por um rudimentar princípio de equidade, devem ser abolidos (...) vulgarizar os conhecimentos de higiene individual, as medidas preventivas (p. 179)		
“(...) No dia em que se resolver o problema da educação, está resolvido o problema “feminista, o económico e o político, e tantos outros que, neste momento, assoberbam a sociedade portuguesa (...)” (p. 188). Referência de J. Fernandes Alves, da <i>Liga Pró-Moral</i> , associação de protecção à infância, que protegendo a infância, protege a mulher e acompanha o Congresso (...) Angélica Viana Porto é a presidente da	Dr. Barbosa de Magalhães, presidente da sessão	8 Maio 1924

¹⁷ Domingas Lazary Amaral, na discussão, propõe que se criem mais casas de trabalho.

¹⁸ Professora do *Instituto Feminino de Educação e Trabalho*.

assembleia geral e Maria O'Neill é sócia		
<i>Educação sexual</i>	Paulina Luisi	
“(...) Educação Sexual deve começar desde o despertar da inteligência da criança e deve prosseguir a partir da escola maternal durante toda a duração da vida escolar (...)” (p. 195). Defesa da coeducação e da educação integral e de “(...) cursos obrigatórios de Higiene, de Profilaxia e de Deontologia Sexual em todas as escolas nocturnas para adultos de ambos os sexos. Ajuntar-se há mais, o ensino da Puericultura e noções de Eugénica (...)” (p. 197).		
Ligas de Bondade	Maria O' Neill, poetisa	
Domina pela bondade e vence pelo amor (...)O professor constitui sócios da Liga os seus alunos que têm por obrigação cumprir uns preceitos bondosos e educativos tais como não dizer mentiras, tratar bem os animais, auxiliar os velhos etc... (p. 199)		
<i>A influência dos espectáculos públicos na educação</i>	Vitória Pais Freire de Andrade	
subtrair todas as crianças à acção nefasta dos espectáculos de exhibições dissolventes (...)estabelecer sem demora uma comissão de censura moral e artística sobre todos os teatros e cinemas, comissão que ficará dependente do Ministério da Instrução (...)membros desta comissão devem ser recrutados entre os professores de todos os graus de ensino de reconhecida competência moral e sem distinção de um ou outro sexo, sendo mesmo obrigatório fazer parte dela um certo número de senhoras, devendo também ter nela representação o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (...)Esta comissão terá a seu cargo pôr o visto em todas as peças que se exibam nos nossos teatros, assim como nos fins dos cinemas sem o qual nem uns nem outros poderão ser apresentados ao público. Terá também os poderes necessários para chamar a atenção de todo nosso país para o abuso que entre nós se está fazendo de certos desportos fazendo-lhe sentir que as vantagens que deles advém para a educação física, não compensam dê forma alguma as vantagens que trazem para a educação social (...)cinemas, haverá espectáculos para crianças em dias e horas que se reconheçam de maior utilidade para elas, não se consentindo a sua permanência ali por tempo superior a a horas, por mais higiénicas que sejam (...)proibindo-se a entrada de crianças antes de 8 anos (...) touradas, como espectáculos desumanos, impróprios na nossa época que muito prejudicam a educação devem ser abolidas (p. 203)		
<i>Protecção à mulher grávida e à criança</i>	Dra. Adelaide Cabete	
“(...) promulgação de uma lei em que se estatua para as mulheres grávidas, empregadas em fábricas ou outros lugares da dependência particular ou do Estado, o repouso de ura mês antes do parto (...)” (p. 211)		

“(...) A mulher, pela sua bondade, delicadeza e inteligência pode contribuir para aperfeiçoar as leis e, junta do homem, colaborar na grande reforma educativa de que o povo português tanto carece (...)” (p. 250)	João Camoesas, intervenção	9 Maio 1924
---	----------------------------	-------------

Como sabemos, na análise dos dados dos artigos da revista *Os Nossos Filhos*, muitas destas temáticas e das medidas preconizadas vão ser também nela abordadas. Estão neste grupo as teses sobre a mulher como educadora, sobre a intervenção política das mulheres nos municípios, sobre a criação de bibliotecas infantis, sobre a criação de uma *Liga de apoio à criança*, sobre a Educação sexual, sobre a influência dos espectáculos sobre as crianças, sobre a educação dos anormais, sobre a luta anti-alcoólica, sobre a mendicidade, a assistência infantil ou até sobre o abolicionismo.

Apenas a título de exemplo refira-se que, já neste 1º Congresso, a defesa de que a mulher é educadora por excelência está patente na comunicação apresentada por Albertina Gamboa, sob o título: *A mulher como educadora*. Ela defende, como Maria Lúcia Vassalo Namorado o continuará a fazer 18 anos mais tarde, que a formação do “(...) educador deverá basear-se na observação e experiência; nunca nos preconceitos e muito menos em dogmas, fazendo ver à criança que se o passado não for igual presente, o futuro não poderá ser o que é a actualidade(...)” (In Brazão, 1925. p. 168) e que a educação da mulher deverá ser muito cuidada porque a sua “(...)influência abrange a vida inteira(...). É em torno do berço que se formam os sentimentos perduráveis.(...) A mulher, ou dá heróis à Pátria ou assassinos e ladrões, conforme a elevação da sua alma, ou o adormecimento da sua razão(...)” diz ainda.

O 2º Congresso decorrerá já em plena Ditadura Militar, ou seja, em Junho de 1928, em Lisboa. Coube “(...) a Elina Guimarães a responsabilidade da abertura solene e a apresentação das Teses *A protecção à mulher trabalhadora e Da situação da mulher profissional no casamento*. Adelaide Cabete 3 tratou de *O ensino da puericultura na escola infantil* (...) “; Beatriz Teixeira de Magalhães pronunciou-se sobre *Leituras e bibliotecas infantis*; Deolinda Lopes Vieira analisou a *problemática da Escola única*; Manuela Palma Carlos, então aluna da Faculdade de Letras Lisboa, apresentou uma comunicação dedicada à *Coeducação*; Aurora Teixeira de Castro discursou sobre *Reivindicações feministas* (...) Maria O’Neill reflectiu sobre *O voto às mulheres* (...)” (Castro e Esteves, 2005. p. 242 e Org. Mul. Comunistas, 1994. p. 14).

Mais uma vez, algumas das defensoras das teses seriam as mesmas que, anos mais tarde, estariam a escrever também em *Os Nossos Filhos* ou nela a serem citadas. De dia 24 a 28 de Junho de 1928, realiza-se o segundo *Congresso Feminista da Educação* em que muitas destas questões serão novamente abordadas. Não fazemos aqui a sua análise uma vez que apenas nos interessou mostrar como desde 1924 algumas mulheres abordarão, diversas vezes, as mesmas questões.

No 3º período do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, entre 1945-47, aquele de que mais informações temos em *Os Nossos Filhos* e no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*, o alargamento foi o objectivo principal. Em Outubro de 1946 criaram a *Campanha das cinco sócias* ou seja, propunham-se “(...) aumentar o número de sócias para 5000 que cada uma traga mais cinco sócias novas (...)”¹⁹ e tentaram conseguir delegadas em todas cidades, vilas e aldeias, tendo conseguido que o Ministério do Interior aprovasse o modelo do cartão de identidade de sócias (Gorjão. 2002. p. 152). Na reunião de Outubro de 1946 foi aprovado ainda que o *Conselho* deveria dividir-se em subgrupos de trabalho, por áreas profissionais – designadas *Blocos* – e que seriam o das “(...) universitárias, professoras, empregadas, médicas, advogadas, engenheiras, arquitectas, artistas, domésticas, etc. (...)”. Nessa data funcionavam já cursos de francês e Inglês mas havia “(...) poucas inscrições para o de estenografia que será dado pela sócia Maria Emília de Medeiros Tavares (...)”; também propunham a elaboração de um plano de serviço social obrigatório “(...)”.

Da leitura das actas das reuniões dos anos de 1945 e 46 retiramos o nome de algumas das sócias do *Conselho* que também colaboraram com a directora e com a revista *Os Nossos Filhos* ou que, de alguma forma a ela estiveram ligadas, a saber: em primeiro lugar sabemos que Maria Lúcia Vassalo Namorado era sócia assim como Maria da Luz de Deus, Maria Evelina Faria e Maia de Aguiar Bustorff, Anália Torres, Broglie, Comtesse de Pange, Fernanda Tasso de Figueiredo (Acta de 10 Nov. 1945); Maria Jesus Barroso, Etelvina Lopes de Almeida, *Lília da Fonseca* (Acta de 24 Nov. 1945²⁰); Berta Rosa Limpo, Maria Helena Rosa Torres Peres²¹, Maria Amália Harberts /Borges de

¹⁹ Agradecemos a Regina Marques a consulta de /Acta da reunião de 30 de Outubro de 1946 / redigida por Fernanda Tasso de Figueiredo/. *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas - Livro de Reuniões de Sócias*. 10 Novembro de 1945 a 26 de Janeiro de 1946. Lisboa /Depositado no Movimento Democrático de Mulheres /Consultado na Exposição *Maria Lamas uma mulher do nosso tempo*, realizada no Museu República e Resistência, em Lisboa, de 8 a 19 de Março 2005).

²⁰ Maria Lúcia Vassalo Namorado faltou a esta reunião ou não assinou a lista de presenças.

²¹ A primeira funcionária de *Os Nossos Filhos* (Cf. ainda *Apêndice Cap. 4- Biografias* e administração da revista).

Medeiros/, Matilde Rosa Araújo (Acta de 8 de Dez. 1945); Virgínia Jardim Gomes (Acta de 15 de Dez. 1945); Eugénia Cunhal (Acta de 5 de Jan. 1946); Maria Cesarina Tavares Gonçalves de Castro e Dulce Barroso Morais e Castro (Acta de 12 Jan. 1946); Maria Clementina Carneiro de Moura, Manuela Porto, Isabel Aboim Inglês, Stella Fiadeiro (Acta²² de 19 de Jan. 1946). Na reunião de 26 de Janeiro deste último ano, a seguir à assinatura das sócias há ainda uma palavra “aprovo” ou “não aprovo”. Estiveram presentes: Alice Ogando, que nada escreveu e Maria Lúcia Vassalo Namorado, Maria Amália Borges, Cândida Gaspar Caraça, Judith Maggiolly, Maria Lamas todas escrevem “aprovo”; só Manuela Porto escreve “não aprovo”. No total houve 45 aprovações, 10 não aprovação e 19 abstenções (...)” (Acta de 26 Jan. 1946).

Das sócias do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* e da *Associação Feminina Portuguesa para a Paz* muitas houve que também assinaram as listas do *Movimento de Unidade Democrática*, em 1945: “(...) Maria Isabel Aboim Inglês, Maria Palmira Tito Morais, Maria da Luz Espírito Santo, Laura Borga, Maria Helena Lucas, Maria Lamas, Alda Nogueira, Maria Lúcia Vassalo e Silva²³, Hortênsia Neves, Gamboa Abranches, Valentina Trigo de Sousa, Josefina Simões, Manuel Porto, Maria das Dores Cabrita, Maria Branca lemos, Maria Barroso, Maria Elvira Cortesão, Irene Cortesão, Ilse Losa, Maria Manuela David, Irene de Castro, Beatriz Almeida Cal Brandão, Irene Lisboa, Maria Keil do Amaral, Maria Estanco Louro, Maria Luísa Costa Dias, Francine Benoît (...)” (Gorjão. 2002. p. 172). Essas mulheres estavam sobretudo próximas da oposição ao regime, tomando parte activa nela em determinadas circunstâncias, e “(...)algumas estavam realmente próximas do Partido Comunista mas não o diziam às outras. Em entrevista a Vanda Gorjão, Branca Lemos dirá: “(...) . Nada disso, não havia ordens de partido nenhum: Ali cumpria-se exactamente não ter cor política nem religiosa, procurava-se nunca ofender as crenças religiosas de ninguém, e idêntica preocupação havia para a cor política. (...)” (Gorjão. 2002. p. 174).

Em carta de Isabel Cohen von Bonhorst, de 29 de Junho de 1944²⁴, esta senhora agradece a oferta da assinatura da revista feita por Maria Lúcia Vassalo Namorado ao *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, feita através de Frenanda Tasso de

²² Também há uma acta com deliberações sobre cursos que o *CNMP* poderia fazer guardada no *Espólio*, Caixa 46. Maço 1, datada de 20 de Março de 1947.

²³ Não encontramos mais nenhuma referência a esta situação nos documentos guardados no *Espólio* de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

²⁴ Carta em papel timbrado do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, Parça dos Restauradores, n.º 13. 2º Lisboa, em Caixa 76. Maço 8.

Figueiredo. Também é feito o convite á directora da revista *Os Nossos Filhos* para ser consócia para participar nas reuniões que também respeitavam as férias de Verão (Caixa 76. Maço 8). Esta foi efectivamente sócia do *Conselho /scanner/* a cujas reuniões ia muitas vezes acompanhada por Maria Helena Rosa Torres Peres. O apelo²⁵ às sócias para que possuíssem “(...) o cartão de identidade do *CNMP /sendo necessário/* que cada sócia nos envie com brevidade dois retratos para esse fim(...)” foi assim seguido por Maria Lúcia Vassalo Namorado cujo cartão é assinado por Maria Lamas; ela era também assinante de *Alma Feminina*, a revista dessa organização feminina, pois pagou o recibo de 10\$00 relativo ao primeiro semestre de 1945. (Caixa 77. Maço 1)

Em Setembro de 1945, refere-se que o *CNMP* “(...) tem por fim elevar o nível moral, intelectual e social, da mulher e da criança. E porque estamos certos de que a sua acção vai ser grande e notável, gostosamente chamamos a atenção das nossas leitoras para este Conselho, que é uma das mais antigas e a mais representativa instituição feminina do País(...)” (n.º 40 Set. 1945. p. 33) que tem Teresa Leitão de Barros como Presidente da Assembleia Geral e constituíram-se seis Comissões – Educação, Higiene, Arte, Assistência, Propaganda e Paz – sendo que Elina Guimarães é apresentada como Consultora jurídica. Maria Lúcia Vassalo Namorado Silva Rosa está em duas dessas Comissões: a de *Educação* e a de *Propaganda*. Na de *Educação* também está Maria da Luz Albuquerque que tem diversas cartas no *Espólio* e, na de *Assistência*, encontra-se Maria Octávia Teixeira Bastos Andréa que é uma das entrevistadas para a rubrica “Mulheres que trabalham”²⁶ como vimos anteriormente..

Em Janeiro de 1946, uma outra notícia sobre o *CNMP* refere que as reuniões se realizam aos sábados e que as discussões que aí se desenrolam interessam a “(...) todas as mulheres, quer sejam mães ou não(...)”²⁷. O plano geral da actividades que o *CNMP* se propõe realizar é então publicado. Dele constam três capítulos mais gerais em que se identificam as acções que pretendem realizar, a saber, “(...) Coordenar, dirigir e estimular todos os esforços tendentes à dignificação e emancipação da Mulher. (...) Estudar todos os problemas que envolvam interesses da Mulher (...) Tomar as medidas que lhe pareçam necessárias para a resolução destes problemas (...)”. O segundo objetivo desdobra-se em 6 pontos diferentes²⁸:

²⁵ *Alma feminina*. Ano XXIX. N.º 15. Maio 1946. p. 7

²⁶ Cf. *Os Nossos Filhos*. N.º 156. Maio 1955. p. 19

²⁷ *Os Nossos Filhos*. N.º 44. Janeiro 1946. p. 17 e 29

²⁸ cf. Nota anterior, p. 29

“(…) 1- situação jurídica da mulher	no direito privado e público e seu exame crítico.
2- situação social da mulher:	empregos, cargos e carreiras que lhe estão vedados retribuição do seu trabalho; necessidade da Mulher sentir interesse pela vida social e política; necessidade de que todas as mulheres estejam em condições de poder ganhar a vida pelo seu trabalho;
3- a família:	papel da família na sociedade actual; o problema do divórcio; problema dos, trabalhos domésticos; a educação dos filhos; o problema dos filhos ilegítimos.
4- protecção social à mulher:	Luta contra a prostituição Estudo da criminalidade feminina; Educação moral da Mulher; Condições do trabalho feminino; Serviço Social obrigatório
5- protecção da mulher e dos filhos sob o ponto de vista sanitário:	Certificado médico pré-nupcial; Problema das habitações; Assistência moral e material às mães; Vulgarização de conhecimentos de higiene e puericultura; Aplicação do serviço social obrigatório.
6-nível intelectual da mulher:	O desenvolvimento intelectual que traz a vida profissional e o interessa pelos problemas sociais e políticos; O nível intelectual da Mulher em função da sua missão educadora; O dever e o direito que a Mulher tem de contribuir para o património cultural da sociedade.

Quanto ao terceiro ponto desta agenda, o *CNMP* compromete-se reflectir sobre a forma de apresentar “(…) representações ao Governo, criação de associações que especialmente se dediquem a determinados grupos homogéneos de interesses, vista à realização prática dos objectivos do Conselho, organização de brigadas de instrução em todo o país e organização de conferências, publicações e programas radiofónicos(…)”.

Da “*Lista a eleger para os novos corpos gerentes do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*”²⁹/scanner/ fará parte Maria Lúcia Vassalo Namorado Silva Rosa, como 1ª Secretária da Assembleia Geral, sendo Isabel Cohen von Bonhorst a presidente desse órgão e Maria Lamas³⁰ e Manuela Porto, respectivamente, a presidente e a vice-presidente da Direcção.

²⁹ *Espólio*, Caixa 46. Maço 1.

³⁰ Já fora membro da *Secção de Arte* com Maria da Luz de Deus, Alda Maia Henriques e Flávia Marinho Alves. *Espólio*. Caixa 46. Maço 1

Sobre o CNMP ainda sairá uma notícia³¹ em meados de 1946 intitulada *Uma grande exposição de livros escritos por mulheres de todo o mundo*, em que se informam as leitoras de que, durante a segunda quinzena do mês de Julho se realiza na *Sociedade de Belas Artes* em Lisboa, uma exposição(...) promovida pelo *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, com a colaboração de todos os escritores portugueses, do *Grémio dos Editores e Livreiros Portugueses*, das Embaixadas e Legações estrangeiras acreditadas em Portugal, dos *Institutos de Cultura* estrangeiros existentes em Lisboa, etc.(...)”. Afirma-se que desta forma se fará o “(...) renascimento do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, durante largos anos inactivo(...)”.

Desta Exposição, realizada em Janeiro de 1947 na *Sociedade Nacional de Belas Artes*, em Lisboa, existe um documento³² de 159 páginas, intitulado *Exposição de livros escritos por mulheres, organizado pelo Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas: Catálogo*, organizado por ordem alfabética dos países que enviaram documentação e, dentro de cada país há uma listagem dos nomes das participantes, com indicação de pseudónimos, quando é caso disso, uma pequena informação biográfica³³ e a lista de obras cedidas, num total de 231 nomes. A selecção inclui, desde a *Marquesa de Alorna* e Ana Plácido a senhoras conotadas com a oposição como Maria Archer³⁴, Sarah Beirão, *Lília da Fonseca*, Elina Guimarães, Irene Lisboa, Maria Lamas, a feministas como Alice Pestana, Ana de Castro Osório, Maria Amália Vaz de Carvalho e Carolina Michaëlis de Vasconcelos, mas também Fernanda de Castro, Virgínia Gersão e Maria Luísa Van Zeller.

Em *A Mulher*³⁵ há uma descrição da forma como decorreu a *Exposição*³⁶ acima referida. É interessante verificar que, das seis mulheres estrangeiras cuja foto é reproduzida nas p. 6 e 7, a revista *Os Nossos Filhos* fez reportagens sobre quatro: Madame Curie, Sigrid Uudset, Pearl Buck e Selma Lagerlof.

³¹ *Os Nossos Filhos*. N.º 50. Julho 1946. p. 15.

³² Está no *Espólio*, em Caixa 46. Maço 1.

³³ Não existe para todas as senhoras nele identificadas.

³⁴ Nome literário da escritora e conferencista Maria Emília Archer Eyroles Baltasar Moreira.

³⁵ O órgão do CNMP, ano 2º, nº 2. Caixa 46. Maço 1.

³⁶ Para essa *Exposição*, Maria Lúcia Vassalo Namorado emprestara, porque dele tem o *Recibo de livros entregues por...*(Caixa 46. Maço 1) passado por Fernanda Tasso de Figueiredo, em nome da *Comissão organizadora da Exposição de livros escritos por Mulheres: Joanhina quer casar, A Mulher dona de casa, Negro e cor de rosa*, 2 vol. Da revista *Os Nossos Filhos*, e *O Tontinho da esquina*- Etelvina Lopes de Almeida, *Antes da batalha, As sete palavras* e *Folhas* - todos de Maria de Carvalho, e *Jardim* de Fernanda de Castro e ainda *Trevas luminosas* de Cândida Pires de Magalhães.

Paralelamente, entre 4 e 12 de Janeiro de 1947, houve *Programa de palestras e passagem de filmes*³⁷, sendo os convites pedidos à *Sociedade Nacional de Belas Artes*. No primeiro dia, a sessão de abertura contou com Maria Lamas que pronunciou *Algumas palavras sobre o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* seguidas dos filmes *Anjo de misericórdia* e *Salvemos as mães*. Nos restantes dias o programa foi o seguinte:

Data	Temas	Conferencistas
Dia 5	Figuras de mulheres: Adelaide Cabete Florence Nightingale Amélia Earhart Filme: <i>Sétima Cruz</i>	Fernanda Tasso de Figueiredo Maria Palmira Tito de Morais Maria Helena Lucas ³⁸
Dia 7	Palestra: A Mulher e a ciência Filme: <i>Madame Curie</i>	Alice Maia Magalhães e Maria Alda Nogueira
Dia 8	Leitura de trechos escolhidos de escritoras portuguesas	Etelvina Lopes de Almeida Joana Campino Miguel e Carmen Dolores
Dia 9	Virgínia Woolf Filme: <i>O filho do Dragão</i>	Manuela Porto
Dia 11	Tarde para crianças com leitura de contos infantis de diversas escritoras ³⁹ À noite: Figuras de mulheres Sally Salminen Clara Barton Helène Keller e a sua professora Ann Sullivan Macy Harriet Stone Danielle Casanova	Maria da Luz Espírito Santo Maria Valentina de Sousa Maria Teresa Ana de Neves Benvinda Caires Amália Neves
Dia 12	Filme: <i>Horas de tormenta</i> /Discurso notável de Maria Lamas ⁴⁰	

O documento dactilografado em que o *CNMP* se queixa do encerramento da sua sede, de duas páginas dactilografado, está no *Espólio* (Caixa 46. Maço 1)

³⁷ Existe documento dactilografado em Caixa 46. Maço 1, com cabeçalho do *CNMP* e com a morada da casa de Maria Lamas, à época na Travessa da Fábrica das Sedas, nº 1 às Amoreiras.

³⁸ No texto, a lápis, com letra de Maria Lúcia Vassalo Namorado tem indicação de que “esta conferente trocou com Amália Neves”.

³⁹ Foi organizada pela Associação Feminina Portuguesa para a Paz e “(...) Constou (...) dum conto lido e ilustrado com desenhos sugestivos, de projecções de daipositivos(sic), espécies de peixes explicados em linguagem acessível; e ainda outras projecções sobre escritas desde a sua origem. Passaram-se películas de desenhos animados, uma criança que colaborou também disse poesias, adivinhas e anedotas. Ofereceu-se, num pequeno intervalo, livros de contos e bonecos para estampar”. *A Mulher*, órgão do *CNMP*, ano 2º, nº 2. p. 11. Caixa 46. Maço 1

⁴⁰ Tem, a lápis, com letra de Maria Lúcia Vassalo Namorado Silva Rosa

Dois anos depois, ou seja, em Setembro de 1949, haverá nova exposição de livros escritos por mulheres⁴¹ mas, desta vez no Brasil⁴², no *Liceu Literário Português*(Caixa 29. Maço 3). A iniciativa⁴³ noticiada em *Os Nossos Filhos* do mês anterior, partira de Iveta Ribeiro⁴⁴ /[scanner/](#) que em 1945 fora convidada pelo *Instituto de Estudos Portugueses Afrânio Peixoto*, do *Liceu Literário Português*- Fundação José Gomes Lopes, para fazer um trabalho sobre *Poetisas Portuguesas Contemporâneas* e fora-lhe difícil reunir obras porque elas não existiam quer em livrarias, quer em bibliotecas públicas ou ainda nas associações culturais da colónia portuguesa residente no Brasil. Contou com o apoio, em Portugal, da poetisa Ilda Correia Leite e irá organizar, no *Liceu Literário Português*⁴⁵, uma estante *Feminina Portuguesa* com as obras que figuram na *Exposição*.

⁴¹ Existe no *Espólio* o catálogo desta Exposição, de 6 p., impresso, da autoria do *Liceu Literário Português* e intitulado *I Exposição do Livro feminino de Portugal no Brasil: integrada nas festas comemorativas do 81º aniversário da fundação desta instituição: inaugurada em 28 de Setembro de 1949*, no Rio de Janeiro. (Caixa 29. Maço 3)

⁴² Em 1931, Sara Beirão, em nome do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, defendera já o intercâmbio cultural entre as mulheres de letras brasileiras e portuguesas no intuito de pugnar pelo levantamento moral e cultural da mulher (Cf. *Alma Feminina*, n.º 5-6, Maio-Junho de 1931, p. 17 In Org. Mul. Comunistas, 1994. p. 15).

⁴³“(…) Escritora brasileira Iveta Ribeiro está organizando uma *Exposição de Livros Femininos de Portugal*, que deverá realizar-se no próximo mês de Setembro, no *Liceu Literário Português*, do Rio de Janeiro. As escritoras portuguesas poderão enviar os seus livros de qualquer género, Devidamente autografados, à «Directoria do Liceu Literário Português—Rua Senador Dantas, 118 —Rio de Janeiro» até 30 de Agosto corrente, a fim de serem catalogados e apresentados no grande certame em organização (ONF, Ago. 1949). Da Exposição existe catálogo no *Espólio* (Caixa 29. Maço 3).

⁴⁴ Também colaboradora de *Portugal Feminino*.

⁴⁵ A biblioteca desta instituição funcionava todos os dias úteis, das 14-16h menos aos sábados, na Rua senador Dantas, 118, 2º andar, no Rio de Janeiro.

Num total de 96 mulheres⁴⁶ representadas, apenas 25⁴⁷ não constam do *Catálogo da Exposição de Livros escritos por Mulheres* que, dois anos antes, fora a causa do encerramento do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, em Lisboa. Maria Lúcia Vassalo Namorado tem apenas dois dos três livros que apresentara em Lisboa (falta *Negro e cor de rosa*- novelas). A fazermos fê na carta que de Iveta Ribeiro existe no *Espólio* da directora de *Os Nossos Filhos*, esta poetisa conhecia ainda Alice Ogando e Maria Lamas, sendo que esta última não mostrara grande interesse em participar na referida *Exposição* no Brasil. A primeira iria estar representada na *Exposição* que aquela escritora estava a organizar por intermédio da “(...) poetisa Hilda Correia Leite, o mesmo não acontecendo com Maria Lamas que segundo informação que me foi enviada recusou-se a enviar seus livros por "não interessá-la essa exposição", que não chego a compreender por considerá-la uma senhora inteligentíssima, uma das mais ilustres escritoras de Portugal e minha velha amiga muito querida (...)exposição seria incompleta e dois ou três livros dela estarão entre os 42 vol. de autores portugueses que doei ao Liceu para fazerem parte da exposição e da Estante (...)” (Carta de Iveta Ribeiro. 9 de Ago. 1948. Caixa 31. Maço 2).

Maria Lamas terá, finalmente, uma entrada separada como *Rosa Silvestre*, pseudónimo e sobre ela há um pormenor interessante: a *Exposição* do Rio de Janeiro inclui já “(...) *As Mulheres do meu País*- 11 números(...)” (Caixa 29. Maço 3). Muitas das obras seleccionadas para esta *Exposição* no Brasil são as mesmas que as mesmas senhoras

⁴⁶ São elas: Arminda Gonçalves, Atly*, Adelaide Felix, Alice De Oliveira, Ana De Castro Osório, Albertina Paraíso, Alice Pestana, Alice Ogando, Ama.Lia Proença Norte, Arminda Fortes, Aurora Jardim, Branca De Conta Colaço, Berta Leite, Beatriz Machado, Beatriz, Arnut, Branca Rumina (Dra.), Cecília Gonçalves, Claudia De Campos, Condessa De Nova Goa, Condessa De Proença*, Carlota Serpa Pinto (Clarinha), Emilia De Sousa Costa, Ester Nobre De Sousa*, Ester Gil Nobre*, Elvira Maria Da Cruz*, Estefania Cabreira, Estela Brandão, Emilia Morgado (Dra.), Fernanda de Castro, Florbeia Espanca, Guimar (Sic)Torrezão, Gabriela Castelo Branco*, Helena Bianchini, Helena de Aragão, Heloísa Cid, Ilda Correia Leite, Isaura Matias De Andrade, Luisa Grande*, Laura Chaves, Lilia Da Fonseca, Ludovina Frias De Matos, Madalena Martel Patrício, Madalena Da Glória*, Maria Do Céu*, Violante Do Céu*, Mafalda Castro*, Margarida Mayer*, Margarida de Abreu, Maria da Conceição Telles*, Maria Estela Lobo*, Maria Amália Vaz de Carvalho, Maria de Carvalho, Maria Carolina Ramos, Maria Espiñal*, Maria da Graça Varela Cid, Maria da Graça Azambuja, Maria Helena Duarte de Almeida, Maria Diniz*, Maria Henriques Osswald, Maria Lúcia, Maria Luz Sobral, Maria O'Neill, Maria (sic) Dimbla, Maria Natália de Carvalho*, Maria Pedra Palácio*, Maria Paula de Azevedo, Maria Teresa de Andrade Santos, Maria Júlia Antunes*, Maria Lamas, Maria de Santa Isabel*, Maria do Carmo Peixoto, Maria d'Assunção da Silva*, Maria Marim Marques*, Maria Isabel da Câmara Quental, Maria Matos*, Manuela d'Azevedo, Matilde Rosa Araújo, M.G., Mércia Mouzinho de Albuquerque, Olga Alves Guerra*, Olga de Morias Sarmiento, Oliva Guerra, Natércia Freire, Nita Lupi, Raquel Bastos, Raquel Castelo Branco*, Raquel Roque Gameiro*, Rosa Silvestre, Sara Serzedelo, Sara Benoliel (dra), Sara Beirão, Seomara da Costa Primo (dra.), Soror Mariana, Tereza Maria*, Tereza Leitão de Barros, Virgínia Lopes de Mendonça, Virgínia Vitorino e Virgínia de Castro e Almeida.

⁴⁷ Assinaladas com (*) na nota anterior.

viram expostas em Lisboa mas, casos há, como acontece, por exemplo, com Estela Brandão, em que é maior o número de obras expostas no Brasil do que na *Sociedade Nacional de Belas Artes*.

Aquando do encerramento em 1947 o *CNMP* tinha cerca 2000 sócias e a *AFPP*, de que nos ocupamos no próximo subcapítulo, cerca de 300 não contando com sócios homens (Gorjão. 2002. p. 175).

Estes movimentos reuniam na mesma frente de oposição ao regime, socialistas, comunistas e liberais; também essas organizações femininas congregaram mulheres de diferentes quadrantes políticos, unidas por causas comuns. Muitas delas seriam presas, como o caso de Maria Lamas que aqui particularmente nos interessa – e, entre Janeiro de 1932 e Dezembro de 1960, houve 720 mulheres com estatuto de presas políticas(...)" (Gorjão. 2002. p.175).

Entre Agosto de 1944 e Julho de 1950, são pouco mais de uma dúzia as notícias que, em *Os Nossos Filhos*, se relacionam directamente com o *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, abordando a vida e princípios defendidos do/pelo Conselho e iniciativas por ele realizadas.

Nos artigos sobre os princípios defendidos, assinadas por Fernanda Tasso de Figueiredo, os mais extensos são reflexões sobre os princípios que devem orientar a educação feminina e a educação infantil. Insiste-se na importância da "(...) saudável educação, note-se bem, que é diferente de instrução, em geral bem mais difícil do que desenvolvimento- numa alma e domínio, quase absoluto, das suas más tendências(...)" e do papel que à Mulher está reservado nessa "missão": o de fazer com que o lar seja "(...) um doce exemplo de amor e paz onde cada criança se desenvolva num homem ou mulher que, pela sua educação, conduta e carácter, possa ser um elemento precioso e útil à sua Pátria, dignificando-a com a sua virtude, e tornando os seus venturosos(...)" (ONF, Ago. 1944). A mulher tem como função principal a "(...) moralização da sociedade(...)".

A educação infantil é um dos aspectos a que há que voltar a maior atenção pois as mães que "(...) por terem de ganhar a vida, têm de passar os dias fora do lar ou dessas outras que, por não terem nada que fazer, têm todo o seu tempo ocupado longe do lar, com mil e uma 'obrigações de sociedade(...)" precisam de quem lhes preste "(...) auxílio na formação moral e cívica dos pequeninos(...)". A defesa de escolas infantis é assumida com frontalidade e opta-se por aconselhar às mães o método que se considera o melhor de todos: o "(...) nosso portuguêsíssimo(...) de João de Deus "(...) dado que

sendo portuguesas as crianças naturalmente a cuidar em Portugal, julgo ser um erro optar qualquer método estrangeiro que talvez não esteja absolutamente de acordo a sensibilidade nacional dos pequeninos seres a quem se destina (...)”(ONF, Mar.1945)

Como reivindicação, o *CNMP* defende a que “(...) seja determinada a obrigatoriedade de criação, ao lado de cada fábrica, ou grande organização comercial ou industrial que empregue mulheres, de instalações de pequenos Jardins Escolas João de Deus e creches onde as mães, operárias ou empregadas, possam depositar os filhos pequeninos, ao começar o seu dia de trabalho com a confiança, tão benéfica para a sua actividade, de que à hora de findar o seu horário poderiam voltar para casa trazendo os filhinhos (...)”(ONF, Mar.1945). Do ponto de vista teórico, esta autora vai ser responsável pela tradução livre, para *Os Nossos Filhos* de alguns dos capítulos que ela considerou mais importantes na obra *Futuras esposas* de Charles Grimaud, um padre que, melhor do que muitas mulheres, conseguira “(...)escrever um conjunto de princípios básicos que nenhuma mãe devia desconhecer para bem orientar a educação moral das filhas (...)”(ONF, Abr.1945). Ao tomar esta atitude, a tradutora pretende “(...)Despertar a moral da Mulher para, carinhosa e inteligentemente, a poder dirigir, com elevação, na mais nobre e sublime de todos as suas missões(...)”, no capítulo que se refere à educação sexual de ambos os sexos uma vez que os rapazes “(...)correm o perigo de ter sido mal dirigidos sobre os complicados problemas que se relacionam com a sua vida sexual, em detrimento do pureza da sua futura vida conjugal, /e que a/ rapariga é criada sob o ameaça de nunca lhe falarem em qualquer desses melindrosos assuntos(...)” (ONF, Abr. 1945)

As jovens devem ser orientadas subtilmente para “(...)os verdadeiros deveres conjugais que a noiva de hoje terá de praticar, corajosamente, amanhã.(...) Este despertar moral deve ser realizado tendo como base a grande ideia de «maternidade», centro e eixo de toda a perfeita formação da futura mulher(...)”; sem nunca ferir a emotividade e sensibilidade femininas há-de ser também ensinado à menina que “(...) a esposa e a Mãe têm, na ordem social “(...)um papel complementar do homem e um lugar duma importância absolutamente igual à dele(...)”. (ONF, Abr. 1945).

Este texto será continuado no número seguinte, chamando a atenção para a importância da educação da vontade feminina e para a necessidade de a orientar no sentido do cumprimento do dever e da virtude. Tanto para a rapariga como para os rapazes, o ideal de pureza deve ser um fim a atingir e toda a jovem na “(...) idade em que deve ser formada a alma da futura esposa, mais ou menos à roda dos dezasseis anos (ou antes

mesmo, segundo os casos) tem necessidade de ser esclarecida sobre estas questões(...)/de forma a que chegue/ à hora gravíssimo do casamento com uma consciência não somente absoluta mas perfeitamente clara relativa às suas obrigações para poder energicamente ficar apta e decidida a preenchê-las(...)/porque na maior parte dos casos/” o que ela sabe adivinhou-o em frases soltas, palavras que ouviu e não entendeu, factos de que fatalmente foi testemunha, respostas vagas e indecisas que conseguiu obter de seus pais, se, por acaso, alguma vez se atreveu a interrogá-los....Os pais, encarniçam-se em manter a filha numa falsa verdade que lhe alimentam com meias mentirolas e ridículos, ou, mesmo, com o mais severo e inconsciente dos silêncios(...)” (ONF, Maio 1945).

Como refere Fernanda Tasso de Figueiredo, a questão não é fácil uma vez que entre *o dizer nada e o explicar tudo*, há Mães que não sabem como “(...)abordar os complexos problemas sexuais (...)porque imaginam que é preciso dizer tudo abruptamente e duma só vez e recuam, aterradas, perante semelhante dilema(...)”(ONF, Jul. 1945). Ela recomenda que as mães procedam “(...) lentamente, a pouco e pouco, (...) com a maior paciência, perseverança e tacto subtilíssimo(...),ensinando-as e convencendo-as que foram criadas para ser mães, não se esquecerá da utilidade de ensinar os suas pequeninas «a brincar às mamãs»,(...) /dirá à menina, enquanto ela brinca com as bonecas:«Quando fores crescida serás paciente e boa... Serás modesta... Nunca esquecerás as tuas obrigações... Darás sempre bons exemplos a teus filhos... Terás todo o cuidado em não deixares os teus filhos apanharem maus hábitos, porque eles vêm facilmente, mas dificilmente se perdem etc.» (ONF, Jul. 1945).Estará assim o caminho aberto para falar da maternidade. Será que “(...)a próprio oração «Avé-Maria» se presta para possíveis elucidações? Onde se poderá encontrar mais eloquente homenagem à maternidade? ..as crianças nascem de suas mães, como os frutos desabrocham das flores... E a sua ternura pelos filhos é tal que, durante longos meses antes de nascerem, as mães os trazem carinhosamente em si, alimentando-os com a sua própria carne. O milagre da intervenção de Deus no seio de Maria, suscitando a sagrada concepção (...)”(ONF, Jul. 1945) pode ser usado como exemplo.

Eis a forma ideal escolhida para as mães explicarem, às meninas, o milagre da vida. Como se vê, a questão não era simples e as mulheres tinham disso consciência. O facto de serem membros de uma organização de defesa das mulheres não lhes dá, por si só, como é evidente, a possibilidade de pensarem diferentemente do que a maioria das mulheres deste grupo social e então entendia sobre o assunto.

Esta senhora irá recomendar outra obra às leitoras: em Dezembro de 1946 faz o elogio de *A Filosofia da Vida*, de Will Durant, “(...) um filósofo americano cheio de humanidade, e creio que médico também(...)” (ONF, Dez. 1946) que chama a atenção para a importância do exemplo na educação das crianças e para a possibilidade que uma criança tem pois “(...) pode adquirir óptimo comportamento sem nunca ser castigada nem compelida(...)”(ONF, Dez. 1946), como o fará também José Francisco Rodrigues no livro *O grande problema*, muito anunciado em *Os Nossos Filhos*.

No *Espólio* de que aqui nos ocupamos há inúmeras cartas de senhoras do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* (Cf. *Apêndice Cap. 5- Análise cartas por categorias –CNMP*) ou que a ele se referem na sua correspondência. Neste último caso está o médico Ferreira de Mira (Caixa 41. Maço 3). Por elas podemos ver que Sara Pinto Coelho assim como Noemy (de Carvalho Ferreira Costa), de Leiria, amiga de infância de Maria Lúcia Vassalo Namorado (Cartas de 4 e 22 de Mar. 1947. Caixa 32. Maço 2), que ganhara um prémio de literatura infantil do SNI, vão ser convidadas, assim como Lídia Serras Pereira, e Maria Jesus Mateus de Oliveira Mendes (Carta de 18 de jan. 1946. Caixa 21. Maço 2) por Maria Lúcia Vassalo Namorado para sócias do referido *Conselho*, sendo que era a directora da revista que recebia a quota desta última e é ela também que vai servir de intermediária entre Virgínia Faria Gersão e o *Conselho* para a Exposição dos livros desta última. Entre elas contam-se: Maria da Luz Albuquerque⁴⁸, Isabel Cohen von Bonhorst, Fernanda Tasso de Figueiredo⁴⁹ a quem Maria Lúcia Vassalo Namorado sugere o nome de Maria Lamas para a presidência deste órgão (Carta de 1 de Ago. 1945. Caixa 41. Maço 3), Maria Manuela Campos, Lídia Serras Pereira, Maria Luisa (Silva Neves), Maria Evelina Faria e Maya de Aguiar Bustorff, Maria da Luz de Deus (Ramos Ponces de Carvalho), Eduarda Mattos, pseudónimo de *Clara do Prado*, Maria Soares e Maria Feio.

Na correspondência entre Maria Lamas e a prima as referências ao *Conselho* são marginais aos assuntos que as ocupam sendo que, numa dessas cartas, Maria Lamas está preocupada por ainda não ter conseguido uma sede para o *CNMP* e porque, para poder ir às reuniões, tem de estar deitada durante o dia pois, se assim não fizer, “(...)as forças

⁴⁸ Que escreve, em papel timbrado do *CNMP*, com pseudónimo *Clara e Luís* e chega a pedir á directora de *Os Nossos Filhos* que não revele a sua colaboração na revista porque está a ser alvo de um processo e nele pode vir a ter problemas se se souber dessa sua colaboração. Também cartas em Caixa 46. Maço 4, Caixa 77. Maço 9, Caixa 46. Maço 1. Caixa 31. Maço 1,

⁴⁹ Tia de Maria Leonor de Faro Viana, assim como Manuel Pereira dos Santos, violoncelista da *Orquestra Emissora*, casado com Matilde Taveira, do *Conselho*.

não dão para sair outra vez(...)" (Caixa 50. Maço 4).

No *Espólio* há ainda duas cartas sobre o *Conselho* que transcrevemos na íntegra. Elas datam de mais de um quarto de século depois da sua extinção compulsiva e nelas é feita uma sugestão de veras interessante:"(...) Li o seu artigo publicado na *República* de 12 do corrente de que gostei imenso(...) só hoje escrevo por não ter tido tempo disponível mais cedo(...) como me agradou a proposta de homenagem a Maria Lamas(...) não a conheço pessoalmente(...) por isso lhe escrevo pedindo-lhe que continue com a sua ideia de levantar o *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*(...)" (Carta de Maria Manuela Alvim Carvalho. Lisboa. 20 de Set. 1973. Caixa 46. Maço 1) e outra que refere:"(...) Também eu não estaria em casa se não fosse a minha pequenina Marta, de quem sou a guardiã para que a mãe possa aderir a este movimento de alegria de renovação da nossa reintegração na vida como seres humanos (...). Sabe bem Maria Lúcia, como nós, mulheres, algumas, batalhamos para que nos deixassem apresentar as nossas razões de direito a seres humanos(...). Escrevo-lhe, pois, Maria Lúcia, neste dia histórico o dia de todos nós, pois todas somos trabalhadoras não posso participar na grande manifestação de regozijo de Esperança, dum futuro livre e honesto mas tenho um desejo dentro de mim que queria contar a alguém e esse alguém é você, também mulher marcada pela Vida!!(...) porque não reorganiza o *Conselho Nacional (Democrático, claro está) da Mulher Portuguesa?*(...)" (Carta de Clélia Varanda. Lisboa. 1 de Maio de 1974. Caixa 72. Maço 3).

Associação Feminina Portuguesa para a Paz-AFPP

Uma das instituições referidas, por diversas vezes, em *Os Nossos Filhos* é a *Associação Feminina Portuguesa para a Paz*, criada oficialmente em 1936, e que“(...) defendia a paz mundial e a melhoria da condição das mulheres em todas as esferas da sociedade (...)" (Gorjão. 2002. p. 152) e de Maria Lúcia Vassalo Namorado era associada. A notícia sobre ela publicada em *Portugal Feminino*⁵⁰ diz:"(...) oficialmente autorizada, acaba de se fundar, com fins culturais, uma (...) É objectivo principal desta agremiação congregar os esforços de todas as mulheres que tenham verdadeiro empenho em espalhar ideias de paz e de solidariedade humana, desviando o espírito da mocidade de preocupações bélicas e defendendo com entusiasmo, e por todos os meios

⁵⁰ “Associação Feminina Portuguesa para a Paz”. *Portugal Feminino*. Lisboa. N.º 75. Março de 1936. p. 20

ao seu alcance, o princípio de que só a guerra defensiva ou exigida pelo brio nacional, é admissível. Dum grupo de jovens senhoras, alunas dos cursos superiores, partiu a iniciativa da fundação desta Associação, bem merecedora da simpatia de rrtodas as mulheres (...). As adesões devem ser dirigidas para a sede provisória Rua de Passos Manuel 20 (...).”

Esta instituição terá tidos dois períodos distintos de funcionamento: um primeiro até 1940 e ou outro, dessa data ao seu encerramento, pelo regime salazarista, em 1952. A sua constituição nessa data tem relação directa com o eclodir da Guerra Civil em Espanha e com o envio de apoios em géneros que é feito aos republicanos. O grupo inicial teria cerca de 20 sócias (Gorjão. 2002. p. 152). Numa segunda fase vai ser importante a acção de Bento de Jesus Caraça trabalhando com a *Cruz Vermelha Portuguesa* durante a Segunda Guerra Mundial. Com esta mesma instituição e para ajudar as crianças vítimas da guerra trabalhou Maria Lúcia Vassalo Namorado, como vimos. È de admirar que a *Associação* tenha conseguido um certo desenvolvimento durante este período de intensa vigilância interna e “(...)ter conseguido até a criação de uma delegação no Porto, registada no Governo Civil a 24 Maio 1943(...) (Gorjão. 2002. p. 154).

“(...)Em finais de 1942 e princípios de 1943 , com a proibição de envio de encomendas para os campos de concentração, a *Associação...* vai concentrar-se no campo cultural (Gorjão. 2002. p. 155). Com a ideia de levar as raparigas portuguesas a interessarem-se pelos problemas da vida feminina, propunha-se a formação cultural, considerada “componente incontornável da realização pessoal”. Fizeram-se palestras, organizaram-se cursos de dactilografia, cultura musical, francês, inglês, enfermagem, corte, ginástica. A *AFPP* no Porto, em 1950, fez um *Curso de Puericultura* em que se falou sobre sexualidade, tema pouco discutido nos anos 50 e ali apresentado pela Dr.^a Natércia Medina.

Quase metade das iniciativas destinou-se às crianças: um coro orientado por Francine Benoît, como veremos neste trabalho, envio de brinquedos a hospitais e crianças nele internadas, biblioteca e sala de leitura infantis. Participava Francine Benoît, com ligações de amizade a pianista Maria da Graça Amado da Cunha, Lopes Graça e Irene Lisboa. Defendiam que era na família que se desenvolviam os valores do pacifismo e que a mulher poderia ser deles um excelente veículo.

Em Lisboa o encerramento foi motivado por comemorarem o 8 Março em 1952 como *Dia Internacional da Mulher*; no Porto, foi durante um Concerto de Fernando Lopes Graça promovido pela Associação no Teatro de S. João (Gorjão. 2002. p. 168).

Faziam parte da direcção de Lisboa: Maria Helena Correia Guedes, Maria Clementina Carneiro de Moura, Cesarina Marques, Maria Barreira, Clementina Ventura e Maria Graça Cochofel; pela direcção do Porto, Irene de Castro, Maria Tereza Ruela, Virgínia Castro; Maria Luísa Lemos e Maria Sofia Monteiro; e pela direcção de Coimbra: Laura Celeste Tavares Mendes, Maria Regina Dias Carvalheiro, Maria de Lourdes Amado, Ivone Maria Teles, Olinda Rodrigues e Alice Damasceno Albuquerque (Gorjão. 2002. p. 169). É de estranhar que o regime não a tenha proibido mais cedo: faziam palestras, festas como a do 15º aniversário da AFPP, em 1950, em Lisboa e no Porto, de Maria Lamas, compositor Eurico Tomaz de Lima e Manuela Porto, sarau de poesia com Manuela Porto e Maria Barroso, uma palestra de Vitorino Nemésio, uma de Teixeira de Pascoais sobre a paz e a acção das mulheres na sua defesa (Gorjão. 2002. p. 170).

Havia dois tipos de sócios: mulheres, sócios efectivos e homens que eram sócios auxiliares e dela faziam parte figuras da oposição como Lima de Freitas, Júlio Pomar, João Pedro Freitas Branco, ou Ruy Luís Gomes, entre outros.

O encerramento da AFPP foi ordenado ao abrigo do conteúdo decreto lei 37.447 de 13-6-1949 por questão de actividades ilegais por ser composta por elementos subversivos ou 'comunizantes'. Esta *Associação*, que defendia o pacifismo e a melhoria das condições de vida das mulheres e das crianças, era menos politizada do que o *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (CNMP)*, tal como o conhecemos nos anos 40.

Havia, porém, relações estreitas entre ambas pois a AFPP estava filiada no CNMP e foi na sua sede que se fizeram alguns ensaios do *Coro infantil* e na exposição de livros também havia um espaço para a AFPP realizar uma tarde infantil. Foi nessa tarde que Maria da Luz de Deus viu a directora de *Os Nossos Filhos* muito triste, como lho dirá, posteriormente, por carta.

Eram filiadas de ambas as associações: Maria das Dores Cabrita, Maria Letícia Clemente da Silva, Alda Nogueira, Manuela Porto, Josefina Simões e Maria Valentina Trigo de Sousa (Gorjão, 2002, ° 158), como vimos, algumas também colaboradoras de *Os Nossos Filhos*. A primeira informação sobre a composição da direcção da AFPP é publicada no numero 3 do *Boletim da AFPP* de 1944-1945, os nomes mais sonantes de sócias eleitas na sede de Lisboa são Maria Palmira Tito de Moraes (presidente da direcção), Maria Helena Correia Guedes (vice-presidente), Maria da Graça Amado

(secretária), Irene Lisboa (1ª vogal), Maria Leticia Clemente da Silva (da assembleia geral) e Cândida Ribeiro Gaspar (2ª suplente do conselho fiscal). Estas mulheres “(...) tinham uma concepção humanista da política, e faziam a crítica dos problemas, sobretudo através da cultura(...)”, reunindo-se de forma informal e quase todas eram conhecidas entre si. Por vezes, “(...) encenou-se mesmo uma fachada de conservadorismo enquanto tática de mobilização; instrumentalizaram-se valores tradicionais com o objectivo de chegar a outros meios sociais e pessoas, realçando posteriormente novos pontos de vista e criticando os anteriores. Não significa isto que nunca tenham existido pontos de contacto entre o pensamento e a actuação de alguns desses grupos de mulheres, e determinadas concepções, tradicionais sobre o feminino e a família; houve discursos de emancipação imbuídos de resquícios religiosos, caritativos e filantrópicos. Todavia, no prisma dos regimes ditatoriais, mesmo mobilizações sustentadas por valores conservadores podiam ter «consequências revolucionárias» (...)” (Gorjão. 2002. p. 164).

Quer o *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, como vimos, quer a *Associação Feminina Portuguesa para a Paz*, vão ser proibidas nos anos 50 porque a Guerra tornara-as mais politizadas e muitas delas participariam nas campanhas de Norton de Matos, em 1949, e Ruy Luís Gomes, em 1951.

As referências anteriores feitas à *Associação Feminina para a Paz*, sobretudo retiradas da fonte que é o trabalho incontornável de Vanda Gorjão (2002), permitem-nos estabelecer, de imediato, uma forte ligação entre esta Associação e a revista *Os Nossos Filhos*. Vejamos então por que fazemos semelhante afirmação.

A primeira das sete notícias sobre a *Associação Feminina Portuguesa para a Paz* em *Os Nossos Filhos* refere-se à “tarde infantil” que a Associação promovera, em 11 de Janeiro de 1947, durante a *Exposição de Livros Escritos por Mulheres* que o *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* organizara na *Sociedade Nacional de Belas Artes*. A grande preocupação com o que devia ser feito, do ponto de vista cultural, em prol das crianças portuguesas é aí posto em ‘prática’ com a “(...)passagem de filmes, adequados e projecções sobre “Os habitantes do fundo do mar» e «As origens do alfabeto»(...) muito bem explicadas aos pequenitos(...) estes ouviram, ainda, encantados, um conto/anedotas adivinhas, e receberam, como lembrança, livros de histórias e bonecos de estampar. Foi uma tarde encantadora, que registamos com prazer, lamentando uma vez mais(...) que continuem a ser tão raras iniciativas como

esta(...)"(ONF, Fev. 1947). Um dos livros⁵¹ distribuídos como lembrança foi *Chico Pipa*, da autoria de outra sócia da AFPP, *Lília da Fonseca*.

Um ano e meio depois, uma nova notícia refere, com foto, /scanner/ a actuação do *Grupo Coral Infantil*⁵² da *Associação Feminina Portuguesa Para a Paz*, dirigido por Francine Benoît, como exemplo das preocupações pedagógicas da referida *Associação*. O espectáculo, ao fim de poucos meses de trabalho, foi realizado na "(...) Sala do Museu de João Deus e (...) antes de principiar a lição, a coralista «conversou» com o auditório, expondo os seus pontos de vista sobre a educação musical infantil e os seus métodos de ensino, a seguir demonstrados de modo a convencer e encantar os ouvintes(...)". Maria Lúcia Vassalo Namorado faz então votos para que "(...)em breve, a educação musical deva abranger a maioria, senão a totalidade, das nossas crianças /porque/ além das vantagens que esse ensino ofereceria a cada uma, isso é o principal, seria possível a selecção de conjuntos excelentes, no género dos «Pequenos Cantores de Viena» que há pouco nos visitaram(...)"(ONF, Set. 1948).

Publicada também em *Os Nossos Filhos* foi a conferência do Dr. Mário Monteiro, proferida a convite da *Associação Feminina Portuguesa para a Paz*, sob o título *Vantagens do médico escolar*. Nela (ONF, Set. 1949) o autor insurge-se contra a ideia que algumas pessoas têm do "(...)verdadeiro significado ,da palavra, «ESCOLA»: a Escola é apenas um estabelecimento de ensino (...) um local em que (...) todas as crianças dos 7 aos 10 anos de idade, vão adquirir um certo número de conhecimentos que, ou lhes servirão de base a uma preparação futura mais desenvolvida, ou lhes darão a instrução, mínima necessária, para ganhar depois, o pão de cada dia (...) (ONF, Set. 1949). Essas pessoas confundem "(...)a Escola com uma sala de aula, educação com instrução e (...) Medicina Escolar, é uma expressão vazia de sentido(...)". Para outros, "(...) como nós, e refiro-me a todos aqueles que pensam, que uma sociedade só pode realmente progredir quando cada geração vem melhor, mais compreensiva, mais sã do corpo e do espírito do que a antecedente (...) para quem a Escola é um organismo cheio de complexidade, apta a preparar crianças instruídas, e também o mais capazes possível, sob o ponto de vista psíquico e fisiológico (...) compete colaborar na formação "total" da criança (...) que pode ser observada (...) e deve pois ter-se todo o cuidado em

⁵¹ Nesse dia, essa autora ofereceu o livro a Maria Lúcia Vassalo Namorado, com dedicatória manuscrita: "(...)Lembrança da tarde organizada pela AFPP. 11-1-1947(...)". No Espólio existem dois exemplares da mesma obra. O outro exemplar tem dedicatória diferente: "(...) à sua querida amiga Maria Lúcia com um abraço de muita amizade oferece Lília da Fonseca. Lisboa, 24-4-46(...)"(Espólio).

⁵² A este Grupo pertencia o filho mais novo de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

combater os maus hábitos, criados pelos desvios psíquicos, por leves que esses desvios se mostrem a princípio. As pequenas lesões da pele, das mucosas dos olhos e da boca, são muitas vezes sinais reveladores de deficiências nutritivas de tipo avitaminósico (...).O médico escolar está, numa situação privilegiada para obter informações da sua aptidão psico-fisiológica (...). Em tal tarefa os professores poderiam ajudar o médico, assim como “(...) essas excelentes auxiliares que são as jardineiras de infância (...) que o informam acerca das condições psico-afectivas como o grau da emotividade, timidez, irascibilidade. Enfim de tudo o que diz respeito ao «quantum» da sua sociabilidade(...) “. Se assim se fizer, realizando uma “(...) verdadeira profilaxia isto é, o impedimento das doenças o que não quer dizer que essa profilaxia não se aplique também ao tratamento de perturbações existentes, de desvios já realizados, mas que tratados a tempo, têm muito menos probabilidade de se tornarem crónica ou, de evoluírem para perturbações mais graves (...)”. Se se souber o que a criança come e se se criarem cantinas escolares elas serão mais saudáveis e a sociedade mais feliz.

Em 15 de Fevereiro de 1950, “(...) um grupo de senhoras, em representação da *Associação Feminina Portuguesa para a Paz*, esteve em casa do eminente professor Dr. Egas.Moniz, a fim de lhe prestar homenagem, pelo facto honrosíssimo de lhe ter sido atribuído o Prémio Nobel de Medicina de 1949(...)”. Na ocasião, as senhoras entregaram-lhe uma mensagem escrita “(...)em pergaminho e encerrada numa linda pasta de seda branca(...)”, cujo texto laudatório é transcrito. À frente desta delegação estava a presidente da direcção da *Associação*, Maria do Carmo Rosendo Dias. Deste momento foi feita uma fotografia que ilustra o artigo e nela se vê Maria Lúcia Vassalo Namorado junto a Lília da Fonseca⁵³ e outras senhoras /*scanner*/.

Em Junho de 1952, várias figuras da oposição do Porto enviam ao Governo Civil um abaixo-assinado de protesto, com 98 assinaturas, contra o encerramento da *Associação Feminina Portuguesa para a Paz* (Org. Mulheers Comunistas, 1994. p. 55).

Também na revista, no mesmo espaço em que se refere que a escritora brasileira Iveta Ribeiro, que fora também uma das colaboradoras de *Portugal Feminino*, revista de Maria Amélia Teixeira, organizara, em 1949 uma *Exposição de Livros escritos por Mulheres portuguesas*, no Brasil, tendo vindo a Portugal organizar uma exposição de livros escritos por brasileiras, informa-se que a “(...)A *Liga Feminina Portuguesa para a Paz* festejou brilhantemente o 15º aniversário da sua fundação, tanto em Lisboa como

⁵³ Para a identificação destas senhoras (ONF, Mar. 1950. p. 21). foi fundamental a colaboração de Maria Cândida Caeiro, filha mais nova de Maria Lamas.

no Porto, com conferências e recitais (...) Em Lisboa, a escritora Maria Lamas falou sobre «A Paz e a Vida», e o Professor Vitorino Nemésio sobre Poesia; os recitais estiveram a cargo da declamadora Manuela Porto e da actriz Maria Barroso; na já habitual festa infantil exibiram-se filmes apropriados e apresentou-se o grupo infantil da Associação. No Porto, a escritora Maria Lamas dissertou sobre «O dilema do Paz e do Guerra», e o poeta Teixeira de Pascoais também sobre o Paz. Manuela Porto deu um recital poético, e o compositor Eurico Tomás de Lima um recital de piano. Felicitamos a *Associação* pela sua actuação a favor da Paz, pelo brilho que revestiu todos os seus serões, quer em Lisboa, quer no Porto. (...)” (Jul. 1950).

Também sobre Manuela Porto, uma das sócias da *AFPP*, irá dizer Maria Lúcia Vassalo Namorado: “(...) por iniciativa da *Associação Feminina Portuguesa para a Paz* (...) foi prestada homenagem a Manuela Porto, dia 24 de Abril, data do aniversário do nascimento da querida e saudosa Amiga. De manhã, no cemitério do Lumiar, descerrou-se uma lápide na sua campa, que ficou coberta de flores. A noite, no Museu João de Deus houve sessão em que a pianista Maria da Graça Amado da Cunha interpretou «Pranto, e o grupo coral do G. D. L. Um «In Memoriam»; falaram a jornalista *Lília da Fonseca* e o compositor Fernando Lopes Graça (...) a artista Maria Barroso disse duas poesias. Associamo-nos a estas homenagens, singelas mas sentidíssimas, de todo o coração. É-nos muito grato verificar que os amigos e admiradores de Manuela Porto não esquecem a sua gentilíssima de mulher e artista, dona dum grande coração e dum carácter puro (...)” (ONF, Maio 1951).

Como se vê, Maria Lúcia Vassalo Namorado nunca deixa de noticiar algumas das actividades da *Associação Portuguesa Feminina para a Paz*. Além deste tomada de posição, ela convida para escrever ou entrevista na sua revista algumas das mulheres que militavam naquela *Associação* entre as quais se contam: Maria Barroso, Manuela Porto, Maria Clementina Carneiro de Moura, Ilse Losa, Maria Isabel Aboim Inglez, ou ainda Maria Palmira Tito de Morais, Irene Lisboa, Elina Guimarães ou *Lília da Fonseca*. A *Associação Feminina Portuguesa para a Paz* fora “(...) criada numa conjuntura política desfavorável às organizações de mulheres sem vínculo oficial, o seu carácter apolítico logo no parágrafo único do artigo 1.º dos *Estatutos*...Na verdade, nem os seus objectivos nem o seu programa trabalhos eram declaradamente políticas. A demarcação entre, por um lado, a postura política de certas sócias (algumas à frente da direcção e, portanto com propósitos de defesa da paz e de dignificação da mulher que a Associação invocava, era real. Muitos desse propósitos acabavam, na prática, por

implicar o questionamento do regime, mas de forma indirecta e (...) podia reger-se pelos valores da democracia representativa, negados com o salazarismo(...)" (Gorjão. 2002. p. 167).

De sócias da *Associação Feminina Portuguesa para a Paz* e apenas sobre temas que à referida Associação dizem respeito existem cerca de 20 cartas no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*.

A iniciativa que a directora de *Os Nossos Filhos* promove para ajudar as crianças vítimas da 2ª Guerra, como vimos, fora noticiada em 21 de Janeiro de 1946, por Maria Lúcia Vassalo Namorado, que em carta dactilografada, contacta a *AFPP* pois tomara conhecimento, por Estela Fiadeiro, "(...) do interesse da *AFPP* (Associação Feminina para a Paz) para auxiliar as crianças vítimas da guerra (...)" (Caixa 47. Maço 1). Como directora da revista ela pretende fazer um espectáculo a favor das crianças vítimas da Guerra, comovimos, e oferece *Os Nossos Filhos* para que a *Associação* nela possa divulgar as suas actividades. Sabemos que, em carta de 2 de Fevereiro de 1946, que a *AFPP* pensara não a apoiar mas, posteriormente e sem que se indique o motivo, resolve dizer-lhe que "(...)temos o prazer de vos comunicar que faremos junto das nossas sócias a melhor propaganda sobre o espectáculo que a revista *Os Nossos Filhos* está organizando(...)" (Carta de Maria Luiza Silva Bastos, 1ª secretária da *AFPP*. Caixa 24. Maço 5). Um leitor da revista, Joaquim José da Rocha Ribeiro, em carta não datada, refere que está interessado em saber mais informações sobre o *Jardim Escola Montessori* e o *Grupo Coral Infantil* da *Associação Feminina Portuguesa para a Paz*. Pede também "(...) elementos que me permitissem ver (...)para além dos títulos(...)"(Caixa 57. Maço 2).

Sobre o funcionamento do referido *Grupo Coral Infantil* da *Associação*...a revista *Os Nossos Filhos* anuncia que "(...) sob direcção da nossa consócia Francine Benoît(...)" haviam recommçado as aulas e a sede da Associação mudara para a R. Rodrigo da Fonseca, 141, r/c dto, onde funcionariam as referidas aulas. Esta carta é assinada por Branca Braga de Macedo, em nome da *Associação* (Caixa 46. Maço 4).

De Helena Lucas, 2ª secretária da *Associação*, em carta timbrada da Av. Barbosa du Bocage, 86, 4º, sabemos que Maria Lúcia Vassalo Namorado teria convidado a *AFPP*, por intermédio da sua Vice-Presidente Maria da Luz Espírito Santo a colaborar nas visitas que ela iria encetar a hospitais "(...) e que a Associação fizera"(...) um plano de trabalhos (...) e de que está em vias de solução o problema relativo a visitas a hospitais e a correspondência com algumas mães (...)"(Carta de 22 Fev. 1947, Caixa 46.

Maço 4).

A directora de *Os Nossos Filhos* será procurada por António Leal, director técnico da *Farmácia Hygia*, de Monchique que quer saber onde pode adquirir o *Boletim da AFPP* (Caixa 27. Maço 3). Dos cursos que a *AFPP* promove fazia parte um “(...) *Curso de Socorros de urgência* na *Associação Feminina Para a Paz* e umas conferências em Março na mesma *Associação* (...)” realizados por Maria Palmira Tito de Morais (Carta de 16 de Jan. 1943. Caixa 42. Maço 1). Será esta enfermeira, como já vimos, uma das professoras de um curso idêntico que a revista publica ao longo de diversos anos.

Temos a certeza de que Maria Lúcia Vassalo Namorado foi associada desta agremiação mas ainda não o era ainda em 1945, antes de promover a festa a favor das crianças vítimas da Guerra pelas cartas que já referimos. Depois ter-se-á filiado. Deduzimos que aconteceu depois de 1946 pois tem o “(...) *Plano de actividade da gerência de 1948-49* para aprovação das sócias. Entre elas contam-se a realização de palestras sobre higiene, puericultura, alimentação, educação, profilaxia, literatura; realização de cursos de primeiros socorros, corte, labores, dactilografia, estenografia e educação física; criação de uma secção infantil dentro da antiga Biblioteca(...)” (Caixa 47. Maço 2). Há ainda um *Aviso Convocatória*, assinado por Glafira Lemos, *Presidente Assembleia Geral da AFPP*, em que se faz a “(...) Convocação da Assembleia Geral Extraordinária da *AFPP* para dia 6 de Novembro de 1950 para...Votação sobre a possibilidade de trabalho em comum com o *M. N. na Defesa da Paz*.....Todas as sócias efectivas isentas têm direito de voto...(...)” (Carta de 16 de Out. 1950. Caixa 47. Maço 1). Tem outro documento, sem data, em que diz que no dia 30 de Novembro fizeram uma reunião do *Museu de João de Deus* para exporem alguns pontos de vista sobre as futuras actividades mas poucas foram as sócias que compareceram. Descrevem a seguir uma espécie de acta dessa mesma reunião. Expõem a situação financeira da *AFPP*, que necessita de mudar de sede e por isso aumentar as cotas. A frequência os cursos era muito diminuta e nada rentável, pelo que se propõe que sejam suspensos, nesse ano. Apenas continuará o de francês cuja professora era paga pelo *Instituto Francês* sem prejuízo para a *AFPP* (Caixa 47. Maço 2).

Da mudança de sede, como estava previsto no plano de actividades, nos dá conta novo documento guardado no *Espólio*, sendo então na Avenida Barbosa do Bocage, N° 86-4° Lisboa, como vimos. Para atingir os seus fins pacíficos, a *Direcção* organizara uma *Comissão de Pedagogia*, a qual se interessava por estudar os problemas que dissessem

respeito à educação e à criação de escolas infantis, para que as crianças tivessem mais e melhores escolas infantis onde fosse possível educá-las com uma sã formação. Haveria um *Curso de Pedagogia* realizado através de uma série de palestras com debate (Caixa 47. Maço 2).

A *Associação* fizera também um *Inquérito às Famílias* sobre a *Necessidade de Escolas Infantis*. Tinha 5 perguntas, sobre o número de horas de trabalho, se tinham confiança nas pessoas a quem entregavam os filhos, se tinham jardim ou quarto em casa para a brincadeira dos filhos, se podiam assegurar assistência médica regular e vida higiénica aos filhos e se a educação pré-escolar poderia contribuir para o melhor desenvolvimento intelectual e físico dos filhos (Caixa 47. Maço 2). Estas questões, como veremos, em nada diferem das que são constantemente discutidas nas páginas de *Os Nossos Filhos*.

Maria Lúcia Vassalo Namorado receberá também o convite para uma conferência proferida pelo Dr. Armando Bacelar em homenagem a Manuela Porto (Caixa 47. Maço 2). E recebe a informação de que “(...)ao abrigo da lei, as delegações desta Associação do Porto e de Coimbra foram encerradas(...)sob a acusação de exercerem actividades de carácter comunista(...)Descrevem os esforços imediatamente feitos para remediar o sucedido e pedem a ajuda das sócias (Caixa 47. Maço 2) Há ainda uma outra carta em que se dá conta dos passos feitos depois do encerramento das delegações de Coimbra e do Porto. A sede, em Lisboa, fora também encerrada, 3 dias depois de ter sido entregue ao Ministério do Interior de um documento assinado pelos corpos directivos: Assembleia Geral, Conselho Fiscal e Direcção. Os bens da associação seriam distribuídos pelos sócios que ficavam como depositários (Caixa 47. Maço 2).

Nas palestras da *AFPP* incluíam-se uma por Dr^a Manuela Palma Carlos sobre o tema *A Escola e o Lar* e actividades a pôr em curso como horas de estudo, ginástica, curso de primeiros socorros e corte (Caixa 47. Maço 2).

Desta organização feminina de que Maria Lúcia Vassalo Namorado também era sócia, como vimos, há algumas notícias e cartas sobre ela no *Espólio*. Uma das primeiras refere-a como: “(...) “Já uma vez nos referimos ao interesse que a *Associação Feminina Portuguesa para a Paz* manifesta pelos problemas pedagógicos. Uma das suas iniciativas mais interessantes é, sem dúvida, a criação dum grupo coral infantil, dirigido por Francine Benoît (...) que deu uma lição em público na Sala do Museu de João de Deus, cheia a transbordar (...) antes de principiar a lição Francine Benoît “coversou” com o auditório, expondo os seus pontos de vista sobre a educação musical

infantil, e, os seus métodos de ensino(...)"(ONF, Set. 1948). Esta coralista é também a responsável, como veremos, por muitos dos artigos que, em *Os Nossos Filhos*, abordam o mesmo tema. Como muito frequentemente acontece, Maria Lúcia Vassalo Namorado formula um desejo: "(...) Bom seria que se multiplicassem iniciativas como esta, confiadas a pessoas da competência e da probidade profissional de Francine Benoît, a fim de, em breve, a educação musical abranger a maioria, senão a totalidade, das nossas crianças(...)" (ONF, Set. 1948).

Ainda da responsabilidade da *Associação Feminina Portuguesa para a Paz* é um artigo que é transcrito do seu *Boletim* com o título⁵⁴ *A Educação na adolescência*, em que são dados inúmeros conselhos no sentido dos pais aprenderem a lidar com essa "(...)época da vida(...): procure controlar as suas atitudes(...) não cave entre ambos um abismo(...), não o contrarie constantemente e sobretudo nada de vigilâncias ostensivas(...) procure interessar-se por tudo o que o interessa(...) não mande, não dê ordens, aproxime-se, aconselhe, explique, ampare(...) que os vossos filhos vos considerem companheiros, camaradas, amigos, compreensivos, tolerantes(...) /porque/ o amor filial não se impõe, conquista-se(...) a obediência não se exige: um conselho dá-se, explica-se e deve ser voluntariamente aceite(...)submissão imposta pela força (...) não tem nenhum valor educativo(...) confie no seu filho(...) deixe-o realizar sozinho todas as tarefas compatíveis com as suas forças(...)dê-lhe confiança em si próprio(...) não o inferiorize(...) prepare-o para ser livre, consciente e responsável(...) não afaste os amigos ou amigas dos seus filhos ou filhas. Não se mostre enfadado quando lhos tragam para casa(...)se verificar que qualquer inclinaçãoa fectiva é menos conveniente para a saúde moral do seu filho, não a proíba(...) que seja o jovem que acabe por compreender que não lhe convém determinada companhia(...) Não isole o seu filho; deixe-o conviver largamente. Facilite-lhe a prática dos desportos. Consinta que organize excursões, (...) que faça parte de grupos que se dediquem a jogos, representações teatrais, música, a criação de um jornal, a realização de passeios, etc(...) e assim filhos transformar-se-ão em jovens felizes, alegres e sadios". Estes são quase os mesmo conselhos que a revista publica sobre o mesmo tema.

Sobre a *Associação Feminina Portuguesa para a Paz* e sobre Manuela Porto tem o *Espólio* o recorte de jornal em que Helena Neves entrevistou, Helena Correia Guedes, Josefina Simões e Isabel Carlos Soares para jornal *República: Secção Presença da*

⁵⁴ *Os Nossos Filhos*. N.º 90. Nov. 1949. p. 8

Mulher em 11 de Junho de 1973 (Caixa 44. Maço2) e em que elas referem Manuela Porto, filha de César Porto e casada com o artista plástico Roberto de Arújo, que falecera em 1950, dois anos antes da *Associação* fechar.

A *Associação* iniciara em 1951, como dissemos, um inquérito sobre a necessidade de escolas infantis oficiais e um programa radiofónico onde se dedicava toda a atenção à criança, levávamos livros e brinquedos a crianças doentes nos hospitais. Nesse ano fizeram uma campanha pela paz “(...)Pedimos à casa *Benard*, a única que vendia brinquedos no Chiado, para não vender brinquedos de guerra(...)” porque nesse ano, numa conferência em Copenhaga, representantes de 600.000 mulheres de 22 nações reuniram-se para discutir a proibição dos brinquedos(...). Durante a Guerra, primeiro com a *Cruz Vermelha Portuguesa* e depois com a Polaca, a *AFPP* chegou a enviar encomendas para campos de concentração(...).(Caixa 44. Maço 2).

O *Apelo às mães portuguesas da Associação Feminina para a Paz*⁵⁵, contra os brinquedos de guerra em que se refere esta reunião em Copenhaga, está no *Espólio* e nele se refere que a conferência se reuniu “(...) para discutir a proibição de brinquedos e películas de guerra(...)”(Caixa 44. Maço 2). “(...) A *Associação Feminina Portuguesa para a Paz* não pode ficar indiferente perante uma iniciativa desta natureza e desta envergadura. Nós. Mulheres portuguesas, que temos filhos e somos conscientes dos nossos deveres de mães, devemos seguir o admirável exemplo que deram estas mulheres. Lutemos pela Paz não comprando esses inúmeros brinquedos de guerra que tanto mal podem fazer aos nossos filhos. Que desde pequenos eles se habituem a sentimentos de solidariedade humana. Afastemos do espírito infantil o ódio, a vingança, a morte e a destruição. Se os brinquedos de guerra não tiverem procura, os fabricantes cessarão o seu fabrico e procurarão encontrar outros que interessem o comprador. Porque não havemos de entreter os nossos filhos interessando-os por máquinas agrícolas ou outras quaisquer que se liguem ao trabalho construtivo do homem, em vez de lhes tornarmos familiares, os terríveis engenhos de guerra?. Tractores em vez de tanques, jogos educativos em vez de perseguições e tiros. A *AFPP* pede a todas as mães portuguesas que pensem um pouco neste problema de educação. Estamos certas de que concordarão connosco e nunca mais poderão comprar um brinquedo de guerra(...)” Caixa 44. Maço 2). Tem também uma foto da campa de Manuela Porto, que era um ano mais nova do que Maria Lúcia Vassalo Namorado e de quem esta era muito amiga,

⁵⁵ Rua Latino Coelho, 25. 2º, em Lisboa

como se vê pelo elgio fúnebre que lhe faz na revista, onde aliás esta colaborou, como vimos.(Caixa 41. Maço 1).

Além destas duas Associações ou movimentos, mulheres houve no Estado Novo que estiveram na oposição também em movimentos declaradamente políticos. Aqui, elas estiveram quase sempre integradas em grupos com os homens; porém, da sua posição de inferioridade ficam-nos os testemunhos coligidos por Ana Barradas na obra *As Clandestinas* (2004) em que as vemos, por vezes, apenas como companheiras e donas de casa na sombra dos homens que faziam política ou então estiveram mesmo integradas em grupos que, dentro dessas organizações, eram especificamente femininos.

4.2.2 O pacifismo

O regime foi posto em causa quando se sentiram os efeitos nefastos da II Guerra Mundial e da crise do comércio internacional. Embora Portugal não tenha participado no conflito de forma directa, aqui sentiram-se também as consequências, ainda mesmo antes dele acabar.

Desde finais dos anos 30 Portugal estava completamente dependente da “(...)da importação de hulha da Inglaterra e Alemanha enquanto o ferro, aço e algodão vinham da Grã-Bretanha, EUA, Alemanha (...) e no triénio de 1936-38, 61% do total da tonelagem das importações vinha da Grã-Bretanha, Alemanha e França, quatro dos principais estados beligerantes (Rosas, 1995. p. 30 e 33). Esta situação agrava-se quando, depois de 1940 é exigido sempre um navicert⁵⁶ aos navios em virtude do bloqueio à Alemanha (Rosas, 1995. p.39).

Portugal ficou celebrizado, até no cinema, como quase a única porta de saída e entrada na Europa a partir do Verão de 1940 mas, é na sequência do “(...) *Decreto das Represálias* /que/ entra em vigor a 1 de Agosto de 1940 até Novembro de 1942 que as relações tensas luso-britânicas em que os “(...) efeitos da guerra se vão fazer sentir dura e prolongadamente sobre o conjunto da vida económica e social(...)” (Rosas, 1995. p. 49). O Tratado Anglo-soviético de 26 de Maio de 1942 também não facilita as relações entre e a Portugal-Grã-Bretanha (Rosas, 1995. p. 50). Depois daquele *Decreto*, “(...) os consulados britânicos em Portugal lançam-se num policiamento exaustivo de toda a

⁵⁶ “Passaporte comercial” para as mercadorias que se pretendiam exportar para a Europa, passando pelas missões britânicas nos países exportadores (...) certificando-se não terem um “destino indesejável” (...)”(Rosas, 1995. p. 39)

actividade comercial, da navegação, dos transportes terrestres, da existência e movimentação dos stocks de mercadorias, da actividade das firmas, etc. na metrópole e também nas colónias (Rosas, 1995. p. 51), estendendo-se esse controle á correspondência para os Açores, como podemos ver na carta⁵⁷ com a indicação de “censurado” que Maria Lúcia Vassalo Namorado enviara a Maria Evelina Faria e Maia de Aguiar Bustorff (Carta de 20 de Set. 1943). O “custo de vida” terá aumentado entre as vésperas da guerra e 1946 em 146% de acordo com o *Banco de Portugal* e de 108% de acordo com *INE* (Rosas, 1995. p. 298), subindo a alimentação entre 163% de acordo com *Banco de Portugal* ou de 117% de acordo com *INE* (Rosas, 1995. p. 301). Em 1943, o preço dos produtos essenciais como arroz, feijão, bacalhau, batatas, toucinho, banha e cebolas sobe o dobro e até ao triplo dos tabelados (Rosas, 1995. p. 302). Na revista regista-se uma sublevação de mulheres que se recusaram a pagar esse aumento. Como nos mostram alguns médicos (Mira, 1945 a) cujos textos existem no *Espólio*, eram enormes a miséria, a falta de condições de higiene, a mortalidade infantil nos campos á qual se juntava, nas cidades, a crise da pequena burguesia urbana, mais ou menos letrada, aquela a quem Maria Lúcia Vassalo Namorado não deixa de se dirigir e que ela identifica como “as classes médias” que, ao contrário do que acontecia com muitas famílias pobres, não podiam enviar os seus filhos para colónias de férias, não podiam passear aos fins-de-semana nos transportes públicos porque o orçamento familiar não comportaria semelhante despesa e porque não poderiam enviar os filhos para a praia ou para o campo, gozar férias (cf. *Editoriais* de *Os Nossos Filhos*). Os aumentos dos funcionários públicos foram de “(...) 20% em 1944, de 15% em 1945 e de 20% em 1946- na função pública totalizando 55% desde 1939 (...) insuficiência reconhecida pelo próprio Governo (...) os ordenados dos servidores do estado não tinham conseguido “apanhar” o ritmo dos preços (...) que segundo números do *Banco de Portugal* subiram 148% entre 1939 e 1946(...) vencimentos na função pública conheceram uma quebra real de 36%. Com agravante de entre 1940 e 1942 terem estado sujeitos ao imposto de salvação pública(...)” (Rosas, 1995. p. 417). Este ‘mal estar’ das classes médias e do funcionalismo público continuaria a fazer-se sentir até 1947 (Rosas, 1995. p. 421) e pode explicar algum do muito descontentamento que leva ao apoio dado por estes sectores á oposição.

⁵⁷ Cf. *Apêndice Cap. 1- Doações* -Doação de Maria Iolanda Faria e Maria de Aguiar Bustorff Lapão.

A referência á escassez de géneros alimentares, de matérias-primas como o papel para a revista, até mesmo á política de racionamento, á inflação e conseqüente carestia e desvalorização salarial é constante em *Os Nossos Filhos*. Muitas senhoras escrevem informando de que não podem continuar a suportar o encargo da assinatura da revista, Adriana Rodrigues dá inúmeras receitas em que os restos são referidos como fundamentais na preparação de outras receitas porque “(...)com a guerra, ementas tendem a simplificar-se (...)” (ONF, Dez. 1946) e até se sugere que, em caso de ter visitas e, se não houver cobertores disponíveis, deve a dona de casa coser jornais uns aos outros, com um cobertor no meio e dessa forma poderá resolver o problema da falta de aquecimento.

Como vimos, a oposição do *MUD* criado em 8 de Outubro de 1945 assim como diversas greves nos anos de 1942 e 1944 e seguintes vêm mostrar uma debilidade que o regime não queria aceitar mas que conseguirá, momentaneamente, ultrapassar. Apesar de tudo, conseguiu que a oposição fosse “(...)forçada a abster-se de concorrer às eleições de 1945(...) numa época em que o número de eleitores recenseados era limitado a 12% da população activa(...)” (Carvalho, 2002. p.38), como anteriormente referimos.

Neste contexto abordamos seguidamente duas *causas* mais que Maria Lúcia Vassalo Namorado defende afincadamente: por um lado, promove o pacifismo com a realização da festa de apoio ás crianças vítimas da Guerra, como vimos, ao lado da *Cruz Vermelha Portuguesa* o que lhe vale uma medalha dessa instituição e apoia sempre os *Aliados*, nas páginas de *Os Nossos Filhos*, como veremos em diversas notícias que analisamos. Vejamos também, neste contexto, a defesa permanente que faz do pacifismo ao reflectir sobre a importância que os brinquedos podem ter na educação e na formação da personalidade infantil pra a criação de um mundo pacífico.

Como indicámos já, uma forma que a revista teve de, abertamente, apoiar as vítimas da Guerra foi promovendo o envio de donativos (ONF, Dez. 1943) que posteriormente ia entregando, por exemplo, á embaixatriz de Inglaterra que lhes dava “(...) o destino devido(...)” (ONF, (Fev. 1944).

Publica fotografias de senhoras do *Socorro Nacional Francês* a desfazerem sacos e “(...) dos milhares de sacos de farinha fornecidos pela *Cruz Vermelha* fazem-se roupinhas para as crianças vítimas da guerra. Antes de serem descosidos, os sacos são sacudidos uma vez mais, e assim se obtém ainda, 30 quilos de farinha por cada 5.000 sacos(...) (ONF, Jun. 1944). Sobre a escolaridade em tempo de guerra informa que as “(...) escolas em Londres transferiram-se para campo(...) /e que há voluntárias em diversos

serviços/ (...) Esta vai para o hospital todos os sábados nas horas que a escola lhe deixa livres(...) aliviando as enfermeiras(...) (ONF, Out. 1944). A alegria da criança jugoslava que recebeu “(...) uns calções da *Cruz Vermelha Americana*(...)” e a das crianças americanas que oferecem “(...) livros, cadernos e lápis aos amiguinhos yugo-eslavos (...)” (ONF, Dez. 1944) são também de destacar na revista. Os textos que mais referem a Guerra são os de *Renée de Charmoy* que, a propósito de uma visita que fizera à Noruega, remata o seu texto dizendo: “(...) Queria que (...) os meninos portugueses que têm tão bom coração, consagrem um pensamento aos seus irmãozinhos da Noruega que acabam de sofrer tanto mas que se mostraram tão heróicos(...) (ONF, Jun. 1945) ou quando noutro artigo desta senhora, sobre a França do pós-guerra, em Paris, diz: “(...) embora não tenha a felicidade de ser mãe, sou madrasta, e a alegria voltou ao nosso pobre lar (onde nós fingimos não ver todas as profundas e numerosas feridas)—com o regresso do nosso prisioneiro. Não tentarei contar-vos a sua vida, se se pode chamar a isso viver, passada nos tristes campos alemães. Mas ele voltou, não de muito boa saúde mas está ao pé de nós e por agora não podemos ambicionar mais. A vida em Paris? Lembra-me a vida duma pessoa que acaba de sofrer durante 5 anos consecutivos as maiores dores e que ainda enfraquecida não pode dum hora para a outra retomar gosto (...) e rejuvenescer em actividade(...) O grande frio deste inverno, sem aquecimento, foi terrivelmente mortífero (...)” (ONF, Out. 1945). A ilustrar este artigo tem ainda uma fotografia de crianças com a seguinte legenda: “(...) Nos arredores de Strasbourg filhos de deportados e de fusilados franceses encontram novamente a alegria de viver(...)” (ONF, Out. 1945).

No pós-guerra são entrevistadas crianças estrangeiras, francesas e inglesas, por *Lília da Fonseca* (ONF, Nov. 1945) e, no mês anterior, novo artigo sobre a França mostra o regozijo pela participação das mulheres nas eleições, elas que “(...) foram admiráveis durante este horrível período de cinco anos, não estão ainda cansadas de combater diariamente a favor do bem-estar dos seus pequeninos(...)” (ONF, Dez. 1945).

Em Inglaterra os professores tinham visto o seu número drasticamente reduzido pela “(...) perda de muitos membros que se alistaram nas Forças Armadas “(...) as mães estavam agora em “(...) Organizações femininas, cheias de entusiasmo, tais como o *Serviço Feminino Voluntário*, os institutos femininos provinciais e as mães pertencentes às associações maternas e ofereceram os seus serviços para ajudar no funcionamento das cantinas (...)” (ONF, Jan. 1946).

É no enorme manancial de ensinamentos para as mães que vamos encontrar uma grande reflexão sobre a possível ligação entre brinquedos e pacifismo. Esta chamada de atenção não era nova uma vez que já em 24 de Julho de 1931, o *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* elaborara, “(...)em conjunto com outras organizações femininas internacionais, um abaixo-assinado a favor do desarmamento para ser entregue aos respectivos governos (...) (Org. Mul. Comunistas, 1994. p. 16).

Os artigos mais frequentes têm em vista ensinar as mães a escolher os brinquedos que devem comprar para os filhos e este foi também o tema, como vimos, de um dos programas de rádio realizados por Maria Lúcia Vassalo Namorado em 1945.

Mas quais são os critérios que devem presidir à escolha dos brinquedos para as crianças? Em que fundamentos teóricos deve assentar essa escolha? Como podem eles ser de tal forma educativos que levem as crianças a rejeitar a guerra e promover a paz?

É num texto de Elina Guimarães que encontramos também este aspecto que muito frequentemente é abordado na revista: o das consequências que os brinquedos bélicos podem ter na formação das crianças. Se em *Os Nossos Filhos* e como acontece também com as sócias da *Associação Feminina Portuguesa para a Paz – AFPP*- sempre se defende a ideia de que não se deve dar aquele tipo de brinquedos às crianças pois eles as induzem a serem violentas, Elina Guimarães discorda, teoricamente, deste ponto de vista quando refere: “(...) A voga de pacifismo que em 1914 trouxe uma autêntica campanha contra os 'brinquedos fomentarem todos as ideias bélicas manifestadas através da história (...) pergunto a mim mesma se os autores desses artigos «viram» alguma vez crianças a brincar. Se o tivessem feito verificariam que a falta de brinquedos guerreiros em nada importam às crianças que querem brincar às guerras. Pedras, fósforos, papéis, transformam-se pelo prodígio da natural imaginação infantil, em exércitos aguerridos e bem apetrechados (...) a criança, brincando às guerras, exterioriza o sentimento que, sufocado, poderia transformar-se em terror, causando perturbações nervosas (...) /podem assim ser /considerados permissíveis os brinquedos guerreiros (...)”. Porém, apesar de defender também este ponto de vista, Elina Guimarães, coerente consigo e com a associação de que era membro, assim como a directora da revista, dirá, com imensa graça, em jeito de desabafo final “(...) Mas confesso que continuo a mão simpatizar com eles... (...)” (ONF, Out. 1943).

Da autoria de uma das colaboradoras estrangeiras, Sabine Petersen é também um artigo em que se condenam os ódios entre os povos, a guerra e os

brinquedos bélicos (ONF, Jun. 1949).

A preocupação com os brinquedos bélicos não se manifesta só em Elina Guimarães. Duas outras sócias da *Associação Feminina Portuguesa para a Paz*, Fernanda Tasso de Figueiredo e *Lília da Fonseca* também escrevem sobre o tema em *Os Nossos Filhos*. Da autoria da primeira é a informação dada sobre a *Conferência da Confraternidade Feminina no Mundo*, realizada em Paris, no mês anterior ao da publicação da notícia em que “(...) delegadas de 50 países que assistem à Conferência (...) ouviram a delegada alemã pedir abolição de brinquedos bélicos no mundo(...)” Esta mesma senhora, ao ler *O Mundo de ontem* de Stefan Zweig, pensa que “(...) Madame Lacombe, italiana de nascença, francesa pelo casamento e portuguesa do coração, essa mulher pediu fossem proibidos todos os brinquedos bélicos que, de meninos, vão industriando os homens na aspiração sangrenta da guerra! (...)” (ONF, Nov. 1947).

Quanto a *Lília da Fonseca*, refere a conferência realizada no Porto, subordinada ao tema *A Paz pela transformação do Homem* em que foi debatida a questão da urgência de “(...) ensinar as crianças a amar a Paz (...)” também foi feita uma reflexão sobre a “(...)acção nefasta que a maior parte das obras literárias e dos espectáculos exercem na formação do homem e do mulher de amanhã, lançando nas almas infantis os germes do ódio, da vingança, da injustiça, em vez do amor do humanidade (...)” e, a mesma chamada de atenção foi feita para os efeitos negativos dos brinquedos nas crianças e um apelo foi lançado: que os “(...) fabricantes não fabriquem, que não se comprem, que os vendedores não vendam (...) e que não se comprem (...)” (ONF, Mar. 1950) brinquedos bélicos.

A maior parte das notícias sobre este aspecto do tema, num total de seis artigos, entre 1947 e 1950 são, no entanto, da autoria de Maria Lúcia Vassalo Namorado. A guerra “(...) a mais sangrenta carnificina de todas as que na História deve haver(...)” provocara-lhe um enorme abalo. No número de Natal da revista apela às mães para que sejam “(...)as primeiras a neutralizar com sentimentos da amor, fraternidade e, respeito por todos os seres humanos, nossos irmãos (...)” os inconvenientes da inconsciência que ainda grassam em que “(...) é lícito matar e destruir, /perante/ a indiferença pelo sofrimento alheio e que deliberadamente se provoca, a noção de que frieza é sinónimo de valentia e conduzem à glória (...)” . Por essa razão as mães devem preparar as crianças “(...) para aquele mundo de compreensão, paz, amor e justiça que devemos desejar e a que «todos», temos direito (...)” (ONF, Dez. 1947).

A notícia que publica, depois de uma entrevista com a presidente da Direcção⁵⁸, Maria da Luz Espírito Santo, sobre as actividades da *Associação Feminina Portuguesa para a Paz* sublinha o trabalho que tem sido feito em prol da criança e da paz. Nela são publicitadas as “(...) matinées infantis, para crianças de todas as classes sociais (...)”. Ao referir a que fora feita no *Clube Atlético de Campo de Ourique*, onde o filho mais novo praticava desporto, menciona também a *Escola Infantil* que a *Associação* pretendia criar assim como o *Grupo Coral infantil* então já a funcionar sob orientação de Francine Benoît. Além das tardes infantis, a *Associação* tinha já uma biblioteca infantil e em 1947 realizara “(...) uma curiosa exposição de brinquedos, que despertou o mais vivo interesse e se notou a ausência absoluto de brinquedos guerreiros, e provou-se que é possível e até fácil oferecer às crianças brinquedos atraentes e económicos; a maior parte desses brinquedos, que os pequeninos muito apreciaram, foram efectuados pelas nossas consócias que se ocuparam da exposição (...) com material vulgaríssimo e barato, caixas de fósforos, carrinhos de linhas, cascas de nozes, etc.(...)” (ONF, Jan. 1948).

No Natal do ano seguinte, sob um ‘lead’ “(...) Mulheres! Chamai a vós as criancinhas! (...)” mais uma vez chama a atenção das mães para “(...) as montras que se enchem de brinquedos condenados por todas as pessoas de bom senso: metralhadoras, espingardas, tanques e muitas outras miniaturas de engenhos guerreiros (...)” (ONF, Dez. 1948) e apela às “(...)pedimos ás nossas leitoras que não comprem esses brinquedos de guerra. Há jogos, livros, comboios, automóveis, palhaços bonecos, ; inúmeros brinquedos «formativos» que interessam 'à criança, que o entretém, diverte; desenvolve e educa. Para quê dar-lhes brinquedos que nela acordem ou acentuem sentimentos de luta e de maldade?(...)Sejamos, sensatos, sejamos coerentes. Encaminhemos por todas as formas os nossos filhos para o Bem. Ensinemo-los, ajudemo-los a serem bons (...) a amar, respeitar, defender os seus irmãos (...)” (ONF, Dez. 1948).

No Natal de 1949 volta a aconselhar as mães a escolher, como presentes para os filhos, “(...) os bichos e as construções, as ferramentas em miniatura que “(...) permitem carpintear, jardinar(...)e há carros, comboios, aeroplanos; jogos, livros, e muitas coisas mais (...) não há necessidade de oferecer às crianças brinquedos lembram

⁵⁸ Da mesma direcção fazem parte Maria da Carmo Anta, Maria Helena Furtado Correia, Benvinda Caires, Suzette Gomes, Branca de Macedo e Josefina Simões (ONF, Jan. 1948).

maldade, destruição, morte, guerra! (...)”. Acrescenta ainda que “(...) já que se consente fabricação que mães e todos que comprem se recusem (...)” (ONF, Dez. 1949) a comprar semelhantes brinquedos.

A última notícia sobre este tema é sobre a conferência realizada em Setembro de 1950, em Copenhague, onde “(...)577 mulheres (...) representantes de 22 nações (...)discutiram a proibição de brinquedos de guerra (...)” (ONF, Nov. 1950). No mês seguinte, como presentes possíveis “(...) para pôr no sapatinho(...)” pede que, além de uma assinatura de *Os Nossos Filhos*, as mães “(...) não comprem brinquedos de guerra: tanques, espingardas, metralhadoras (...)” (ONF, Dez. 1950).

Já no último ano da revista com periodicidade mensal, em Novembro de 1958 é publicado, no local onde vulgarmente está o *Editorial*, um desenho de Júlio Pomar, datado de 1953 com a pomba do símbolo da paz, acompanhada de um texto de Maria Lúcia Vassalo Namorado sobre esse tema. Nele se apela às mães, mais uma vez, para que “(...) não se ofereçam brinquedos de guerra e leve amigos e conhecidos a proceder da mesma forma (...)” (ONF, Nov. 1958). No mesmo número vem também um texto de *Marisabel Pereira* (cf. *Apêndice Cap. 4- Biografias e Bibliografia –entrevistas*) em que ela conta como, ao ver um menino num jardim a brincar às guerras, foi ter com ele e, ao explicar o que isso significava, ele deixou de brincar com esse objectivo. Também desta autora é o texto em que se chama a atenção para a necessidade de “(...) em vez de dar só brinquedos velhos a meninos pobres se comprem também de propósito para eles brinquedos novos (...)” (ONF, Nov. 1958).

Também Irene Lisboa fizera uma conferência no dia de Natal de 1953, publicada na revista dois meses depois, em que, depois de abordar diversos temas, ela terminava dizendo:“(...) Os brinquedos de guerra são alarmantes /devem-se/ substituir tais brinquedos pelos bonitos carros das bombas e respectivos bombeiros, pelos lindos vapores, carros de corridas, motos, aviões, tractores, e caixas de música (...)” (ONF, Fev. 1954).

4.2.3 A Mulher como trabalhadora e a educadora

É com título semelhante a este que em 1946, em *Alma Feminina*⁵⁹, órgão do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, se reflecte sobre um conjunto de problemas que a mulher enfrenta, sobretudo a mulher casada, com filhos.

A autora do artigo parte da premissa de que “(...) o problema da educação dos filhos surgiu na altura em que a mulher começou a trabalhar fora de casa, a exercer uma profissão(...)” (p. 3), defendendo que o que está errado não é o facto da mulher ter começado a trabalhar mas a inexistência de “(...) instituições encarregadas de receber as crianças durante a ausência das mães(...)”. (p. 3). E continua: “(...) A campanha de devolver a mulher ao lar não tem sentido se estas últimas forem criadas. Mas a vida para o homem também não ficou melhor uma vez que, ao admitirem mulheres, normalmente por salários inferiores ao do homem, os deste também baixaram. Uma outra consequência foi o facto de, se antes a mulher tinha menos poder económico do que o homem, ao trabalhar, também vai exigir direitos iguais aos dele. O trabalho feminino “(...) não é um capricho(...) a mulher trabalha porque as circunstâncias nesse sentido a impulsionaram e ela não pode abandonar uma situação que, sem dúvida, a favorece(...)”. O direito dos filhos a serem assistidos não colide “(...) com o direito das mães ao trabalho remunerado(...)”. A mulher tem “(...) de ser economicamente independente (...) e a legislação deverá garantir os mesmos direitos que ao homem garante(...) ela não os possuirá nunca se em relação ao homem estiver numa relação de dependência(...)”. Outro problema é saber “(...) o que será mais útil e proveitoso para a criança, a educação feita em casa pela mãe ou a educação feita em instituições adequadas e com pessoal especializado? (...)”. A criança não é um adulto em miniatura. Precisa de se mexer, rasgar...Necessita, portanto, de um ambiente próprio para plenamente se poder desenvolver. E esse ambiente, por muito que em contrário se tenha dito, não é o ambiente da casa, é o ambiente da escola, é o ambiente da creche, não de qualquer escola ou de qualquer creche mas das que forem cientificamente organizadas (...) Em casa a criança não pode exercitar livremente os seus sentidos e movimentar-se à vontade porque (...) não a deixam quebrar à loiça, rasgar os livros, estragar os móveis e não existe material apropriado(...) em vez de irem para a escola somente com 7 anos, ao que, ninguém se opõe, irão desde o berço.(...) A mãe culta, saberá que o muito amor que tem

⁵⁹ B., M. – “A Mulher e a educação dos filhos”. *Alma feminina*. Ano XXIX. N.º 15. Maio 1946. p. 3-4

aos filhos não substitui os conhecimentos necessários para educar, como não substitui a ciência do médico quando a criança adocece (...)” (p. 4).

Esta questão *feminina* de saber como conciliar vida familiar e vida profissional atravessa a revista desde o princípio ao fim. É por assim dizer um problema determinante sem resolução á vista. A ela se referem muitas e muitas das senhoras que escrevem em *Os Nossos Filhos* e que para ela escrevem. Muitos são os artigos em que se pretende mostrar como foi o problema resolvido por algumas, em que a directora da revista apela á colaboração entre as mães para estudarem a melhor forma de o resolver, em que se pede a criação de escolas infantis, como também acontece no artigo de *Alma Feminina*, para melhorar a vida das mães e das crianças. Sobre a importância da educação infantil, outra *causa* de Maria Lúcia Vassalo Namorado, tratamos nos capítulos a ela especificamente dedicados, mais adiante neste trabalho. Sublinhamos aqui os argumentos que, do ponto de vista político, identificam esta causa como uma das que a directora da revista defende afincadamente. Parafraseando Maria Eugénia Varela Gomes⁶⁰ diríamos: as mães não podem deixar de ser trabalhadoras e como trabalhadoras não esquecem (nunca) que são mães. Este (des)equilíbrio que se analisa em *Os Nossos Filhos* nunca propõe, porém, o ‘regresso’ da mulher ao lar.

Não são muitos os artigos que, em *Os Nossos Filhos*, se referem às mulheres operárias. No entanto, num deles sobre a vida das operárias na Suíça, é a vida das congéneres portuguesas que Maria Lúcia Vassalo Namorado tem em mente quando descreve um conjunto de regalias de que aquelas desfrutam e que, embora não o dizendo, seriam fáceis de implementar em Portugal: “(...) prescreve expressamente que elas não podem trabalhar de noite nem aos domingo. O descanso nocturno para as mulheres e, de pelo menos, de 11 horas consecutivas (...) não pode ser reduzido a 10 horas senão temporariamente e em casos absolutamente excepcionais. As horas extraordinárias não podem ultrapassar 140 horas por ano. Às mulheres com responsabilidades domésticas não podem trabalhar mais que as horas normais diárias estabelecidas. Todas as operárias beneficiam do descanso do meio-dia e têm livre a tarde de sábado. A mulher-mãe está especialmente protegida. Ela é dispensada do trabalho durante as 6 semanas seguintes ao parto e este período pode ir até 8 semanas.

⁶⁰ Em entrevista a Manuela Cruzeiro, quando refere a sua militância, diz que existiu nela um confronto permanente:“(…) entre a sua consciência política e o que se lhe exigia profissionalmente (...) Como assistente social sempre fui política e como política sempre fui assistente social (...)” (Maria E. Varela Gomes entrevistada por Manuela Cruzeiro. 2003. p. 117).

Elas não podem ser despedidas durante este período. As mulheres grávidas podem, com um simples aviso, deixar temporariamente o seu lugar; é proibido despedi-las por este motivo(...) não podem ser obrigadas a trabalhar horas suplementares. Não é permitido empregar mulheres em trabalhos que ofereçam perigo de desastres ou de intoxicação, ou obrigarem-na a esforços consideráveis(...)"(ONF, Abr. 1948).

Referir 'regalias' que as operárias e mães já tinham adquirido no estrangeiro é, como para outros temas mais delicados, uma estratégia conscientemente assumida pela directora de *Os Nossos Filhos*. Em Setembro de 1947, no ano anterior á publicação desta notícia fora lançado, na forma de *pergunta-concurso*, um desafio ás às leitoras que estão empregadas e com filhos pequenos. Deveriam responder às questões: "(...) Como resolveram a vossa situação? Como desejariam vê-la resolvida? (...)" O prémio coube, por sorteio, a uma leitora cuja resposta é publicada em 1947⁶¹ e a leitora apenas identificada com o pseudónimo de *Mãe de um Carlinhos loiro*. Ela mostra os problemas que têm de enfrentar as mães que trabalham e que têm filhos pequenos e que não encontram escolas infantis onde os deixar. No final, é feito um apelo às leitoras para que mais uma vez "(...) as nossas leitoras que têm filhos e estão empregadas continuassem a responder-nos a estas duas perguntas: Como resolveu a sua situação? Como desejaria vê-la resolvida? (...). Como prémio deste concurso esta senhora deveria ir buscar à direcção da revista "(...) uma caixa de esplêndidos sabonetes *Natus* (...)"(ONF, Nov.1947). Este problema da vida dura das mães de família é retomado em diversas outras ocasiões. Pôr as mulheres da falar deles e a tentar, entre si, resolvê-los é também um dos objectivos da revista (ONF, Fev. 1948).

Vejamos como esta preocupação enche as páginas da revista, durante anos sucessivos:

Exerce uma profissão? Qual? Porque a exerce? Aonde ficam os seus filhos, enquanto a sra. trabalha? Conte-nos o seu caso. Interessa-nos imenso.	01-1946
Mãezinha Exerce uma profissão? Qual? Porque a exerce? Aonde ficam os filhos enquanto a senhora trabalha? Conte-nos o seu caso Interessa-nos imenso. Seria interessante que os leitores nos escrevessem dizendo "o que há" e "o que falta" nas suas terras, em matéria de protecção à Mãe e à criança ⁶²	02-1946
senhoras que têm filhos pequenos empregadas: Como resolveram a situação? Como desejariam vê-la resolvida? Escrevam-nos! Sortearemos, entre as que nos responderem estas duas perguntas, uma caixa de esplêndidos sabonetes <i>Natus</i>	09-1947
Portanto, criem-se, multipliquem-se as escolas infantis, para crianças a partir aos 2 ou 3 anos	02-1948
Mãe! Exerce uma profissão ? Qual?: Porque a exerce ? Aonde ficam os seus filhos enquanto a senhora trabalha ? Conte-nos o seu caso. Interessa-nos imenso.	04-1948

⁶¹ *Os Nossos Filhos*. N.º 66.Novembro 1947. p. 15

⁶² A primeira resposta é dada por uma leitora do Bairro da Madre de Deus, em Lisboa, funcionária do Estado, logo no mês seguinte.

A luta pela vida tornou-a responsável, consciente, e analfabeta embora, ela é resoluto e progressiva. Ainda tem muito que lutar, a mulher portuguesa, para anular tudo o que a inferioriza e poder alcançar o lugar que lhe pertence	12-1948
verdade é que todas devemos fazer alguma coisa e não esperar que «os outros» façam tudo. Se as mães da mesma, rua ou bairro se unissem, com certeza descobririam maneira de resolver, ainda que provisoriamente, muitos dos seus problemas, por exemplo: descobririam alguém que pudesse tomar conta dos pequeninos quando as mães não podem olhar por eles— , evidentemente, enquanto as creches, os jardins de infância as escolas:pré-primárias, as vigilantes de meninos bem habilitadas não forem entre nós, uma realidade para todos.	01-1949
Trabalha fora de casa? Qual é a sua profissão? Onde ficam os seus pequenos, e quem toma conta deles, enquanto a senhora trabalha fora de casa?	01-1954

Muitas mães trabalhavam em casa par se poderem ocupar dos filhos. Fora o caso de uma senhora da Beira que, com 10 filhos, criara a *Frutas da Beira*, uma ‘empresa’ familiar que lhe permitia tomar conta dos filhos e trabalhar, sem sair de casa. Esta é por vezes a opção defendida e fora, durante alguns anos, a perspectiva da própria directora da revista. Porém, em artigo que escreve em 1947 ela confessa estar convencida de que fora um erro actuar assim. Leia-se o que escreveu sobre este assunto: ”(...) diz-se vulgarmente que a melhor profissão para a mulher é a que ela pode exercer na sua própria casa. Diz-se que, desta maneira, ela não abandona o lar, sabe tudo o que se passa, continua vigiando os filhos, e as criadas, se as tem (...). Também já encarei assim o problema, quando era muito nova e inexperiente. Hoje, talvez porque sempre tenho podido exercer a minha profissão sem abandonar o lar, penso doutra maneira. Não há mulher, não há ninguém que possa, sem grave prejuízo do seu equilíbrio físico, mental e nervoso, atender, simultaneamente, durante meses e anos, no mesmo ambiente carregado de trabalho e preocupações, os filhos, o marido, a casa, o pessoal, e os deveres profissionais. Só excepcionalmente a mulher pode isolar-se na sua própria casa. Mas as excepções não contam, e, isolando-se, também não vê o que se faz(...) Regra geral, é com os filhos à sua volta, com a criada a pedir-lhe explicações, com o marido a chamá-la, que a mulher que «trabalha» em casa, exerce a sua profissão. Nestas condições, ela acaba por não atender convenientemente coisa alguma, e, pior do que tudo, acaba por azedar o seu temperamento e tornar desagradável a atmosfera da sua casa. Milagres, só os santos. Não há, repito, resistência física, nervosa, e mental, triunfe dum tal excesso de trabalho e em tais condições. Com pequenas variantes, esta é a situação da mulher que «trabalha em casa». Muitas vezes, e favorecida pelo carácter da profissão, ela consegue manter a casa em ordem e o ambiente seu calmo(...) mas à custa dum esforço prodigioso, que dentro de pouco tempo a arrasa. Ora, o que me parece

realmente muito importante, é que a harmonia, o conforto, a felicidade familiar não sofram(...) que a mulher possa desempenhar convenientemente as suas missões, sentir-se feliz, e também cuidar da sua pessoa e do seu espírito; que as crianças se desenvolvam benêficamente de corpo e alma, em ambiente propício(...)E isto consegue-se, sim, mas doutra maneira: dotando a habitação de comodidades (...) dando às criadas conveniente formação moral e profissional(...) dando às crianças boas escolas. E então, com todos estes problemas resolvidos, tanto faz que a mulher esteja em casa como fora de casa durante as suas atribuições profissionais (...)" (ONF, Dez. 1947).

Este problema está também presente nos inquéritos realizados às “mulheres que trabalham” (cf. subcapítulo anterior), assim como em algumas entrevistas que são publicadas em *Os Nossos Filhos*. Destas últimas importa reter que a questão se prendia também com uma outra *causa* cara a Maria Lúcia Vassalo Namorado: o feminismo. A entrevista que é feita a Cesina Bermudes (ONF, Ago. 1948) mostra como, á época, um dos grandes debates sobre a temática do feminismo era o de se afirmar que as mulheres que trabalhavam se masculinizavam e deixavam de cumprir os seus deveres de donas de casa e mães.

Vejamos apenas algumas das questões sobre as quais se pronunciam diversas mulheres:

Maryse entrevistada por Anália Torres entrevista	é a voadora dos "Alizés", sucessores dos "Codonas" que maravilharam o mundo...Os "Alizés", trapezistas-voadores franceses, estiveram há pouco Coliseu de Lisboa. Maryse, mulher, esposa e mãe	02-1954
Virgínia Motta de Aguiar entrevistada por M.C.C. /autora da entrevista é Maria Cesarina de Castro/	Virgínia Motta de Aguiar, professora na Escola Patrício Prazeres, em Lisboa: acha que lhes dedica o tempo suficiente?	12-1947
Anónimo	Isaura Pavia de Magalhães, violoncelista...mãe de quatro filhos...Tínhamos todo o interesse em saber como conseguia conjugar os deveres que impõem o amor aos filhos e o amor a arte	02-1948
Judith Navarro entrevistada	Esta é a minha história", primeiro romance Trabalha na Junta de Freguesia da Amadora, tenho a meu cargo a Assistência	02-1948
Maria Vicência escreve	Quando as mães estão empregadas (...) mas quem nos substitui junto deles quando temos doença prolongada?	09-1950

M.C. entrevista Maria da Conceição Marçal de Figueiredo	entrevista foto da sra com seis dos 7 filhos também esposa dum professor...lecciona na Escola na parte da tarde e num Asilo na parte da manhã...	06-1948
Clara do Prado entrevista duas hospedeiras	voo Paris-Roma fala com Huguet e Guillomaille, de 24 e 27 anos...)/hospedeiras de bordo	07-1948

Cesina Bermudes entrevistada	M.C. entrevista A mulher superior que pelo trabalho e inteligência, ascende aos mais fdtos cargos, é, como muitos temem, masculinizada, insensível, feia, ridícula, numa palavra. — indesejável? seu trabalho científico tem sido prejudicada por preconceitos anti-feministas? Penso que desenvolver a Cultura entre as mulheres é criar em cada lar uma escola. Defendo a ideia de que as mulheres devem ter uma profissão, embora se dediquem ao lar. A sua profissão porque isso lhes traz uma Independência consciente. Essa ciência dá-lhes, em face do homem, uma dignidade muito mais desejável do que a vulgar subordinação imposta pela dependência material. Quanto às noções de puericultura é educação que a vossa Revista se esforça por difundir, interessam-me particularmente por dois motivos: porque como médica as reconheço indispensáveis, e como mulher adoro as crianças.	08-1948
------------------------------	---	---------

Algumas das entrevistas, quer pelo tipo de mulheres a quem são feitas quer pelas colaboradoras que as fazem, como podemos verificar pelos exemplos que apresentamos acima, mostram-nos que a revista teve sempre, mesmo que não o expressasse nos títulos das secções, uma preocupação em dar visibilidade às mulheres trabalhadoras, cultas, mães de família e, o que é mais interessante, empenhadas politicamente.

Sobre esta causa sabemos bem qual era a opinião da directora da revista. A sua vontade de, mesmo que subrepticamente, defender a mulher que trabalha é indubitável como podemos verificar em dois textos que escolhemos para exemplificar o que acabamos de afirmar. Estes textos são coerentes com a estratégia que Maria Lúcia Vassalo Namorado costuma adoptar e á qual muitos historiadores (Rosas, 1995 entre outros) hoje também recorrem: a de ir buscar aos textos do regime os dados que melhor ajudam a corroborar aquilo que defende. Sobre esta necessidade de as mulheres trabalharem e de poderem ter o apoio de escolas infantis para os filhos a directora da revista transcreve um texto da *Junta Central das Casas do Povo* que nada fica a dever ao que, sobre o assunto, se defende em *Os Nossos Filhos*: "(...) Visto que se acentua cada vez mais a tendência para que as mulheres casadas trabalhem fora do lar, torna-se também cada vez mais agudo o problema de definir a situação das crianças que não podem beneficiar da assistência das respectivas mães. Ao aumento de empregadas na indústria, no comércio, na organização corporativa e no funcionalismo público, tem de corresponder, para que se estabeleça o equilíbrio, o aumento de infantários e de escolas (...)" (ONF, Out. 1952).

O último texto que escolhemos é de *Avòzinha*, como vimos, um dos pseudónimos de

Maria Lúcia Vassalo Namorado. O tema nele abordado era o *casamento de conveniência* mas depressa, como é costume, o seu conteúdo deriva para outros assuntos que mais a preocupam e é nele que ela assume o que pensa da condição da mulher trabalhadora e educadora, considerando que é errado que “(...)muitos homens — e mulheres — (...) insistam na distinção entre as mulheres que vivem em casa e as mulheres que trabalham fora do lar(...)” (ONF, Nov. 1951) pois o problema de todas é mais profundo do que esse: elas devem ter uma educação sólida “(...)de boa formação moral, inteligente, esclarecida, activa(...)” e poder decidir o que fazer com a sua vida, ou seja, trabalhar se precisarem e quiserem, ficar em casa ou trabalhar e tratar das crianças se assim o entenderem também.

Outras *causas* de Maria Lúcia Vassalo Namorado que ela tenta dar a conhecer e para elas atrair outras mulheres, através de *Os Nossos Filhos*, são agora apreciadas sendo que, como já referimos, muitas estão implícitas nos conteúdos dos capítulos anteriores assim como nos que se seguem. As que aqui seleccionamos agora dizem respeito á militância cívica da directora da revista e nelas incluímos também as questões sobre a assistência e a saúde que encontramos em *Os Nossos Filhos*. Cremos que, tal como Bento de Jesus Caraça, Maria Lúcia Vassalo Namorado defendia que a política, a assistência, a saúde e a “(...) “(...) cultura não deve/m/ ser privilégio de uma elite ou monopólio de uma classe mas a sua promoção destina-se a todos, porque o aperfeiçoamento (...) é um facto de dignificação humana(...)” (Madeira. 1996. p. 91).

4.2.4 Outras causas cívicas

Maria Lúcia Vassalo Namorado empenhou-se em muitas outras *causas* ao longo da sua vida. Abordamos aqui algumas das que dizem respeito á condição da mulher, á assistência e á saúde. Muitas são as referências a estes temas em *Os Nossos Filhos* e no *Espólio* que seguidamente aqui abordamos.

Da leitura das fontes que acabamos de referir é visível o empenhamento da directora da revista em causas como o abolicionismo e a luta contra o analfabetismo.

O escritor e político Alberto (Allen Pereira de Sequeira) Bramão, casado com Adelaide Bramão, falecido em 1944, cuja casa era frequentada por Maria Lamas (cf. cap. 5) e que durante a 1ª República fora um dos paladinos e defensores da *Lei do Divórcio*, fora um dos promotores de dois congressos abolicionistas – realizados em 1926 e 1929 (Org. Mulheres Comunistas, 1994). Nesses debates intervieram Albertina

Gamboa, Adelaide Cabete, Aurora Teixeira de Castro, Maria O'Neill, Angélica Porto, entre outras (Castro e Esteves, 2005. p. 241). Esta temática não pode ser analisada sem referir, em simultâneo, a questão feminina e feminista pois aqui se combatia a prostituição, tida como uma chaga social e moral que arrastava os rapazes para a perdição e para o desrespeito pelas futuras esposas, como referem Fernanda Tasso de Figueiredo, Anália Torres ou Elina Guimarães e Maria Lúcia Vassalo Namorado em *Os Nossos Filhos*.

Uma *tese* sobre o *Abolicionismo* fora apresentada, ainda antes destes dois congressos, por Alberto Bramão, em 1924, no *1º Congresso Feminista e de Educação* que já referimos, organizado pelo *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*. Nela o autor defendera um conjunto de conclusões, e apresentava algumas propostas, a saber: "(...) O Estado não reconhece a prostituição como modo de vida, constata os males por ela produzidos e procura os seus remédios. (...) A prostituição não é um delito. (...) Os regulamentos da prostituição ou outra qualquer medida excepcional contra a mulher, por ineficazes, por imorais, por degradantes e por um rudimentar princípio de equidade, devem ser abolidos. (...) Como medida de profilaxia social deve procurar-se: — a) desenvolver e aperfeiçoar a assistência médica gratuita aos doentes venéreos, devendo suprimir-se os hospitais especiais para tratamento destes doentes. — e) Vulgarizar os conhecimentos de higiene individual, as medidas preventivas (...) / e deveriam debelar-se/ os males causados pelas doenças venéreas por meio de palestras populares, folhetos e outros impressos, gravuras, animatógrafos, museus, etc., etc. (...)” (In Brazão, 1925. p. 180).

Este problema era também visto como uma falha da educação masculina, como o verá mais tarde Fernanda Tasso de Figueiredo em *Os Nossos Filhos*, dele dizendo Arnaldo Bramão que só se podia resolver com educação pois “(...) no dia em que se resolver o problema da educação, está resolvido o problema feminista, o económico e o político, e tantos outros que, neste momento, assoberbam a sociedade portuguesa (...)”. (In Brazão, 1925. p. 188).

Do ponto de vista oficial o problema era visto sob outra perspectiva porque se afirmava: “(...) procura-se contrariá-la na impossibilidade de extingui-la (...)” (Lemos, 1935. p. 3). Existia mesmo um *Serviço de Inspeção de Toleradas* que funcionava desde 1928 e que tinha, em 1935, “(...) um médico, uma enfermeira assistente social, uma escriturária, um servente, e dois guardas da repartição sanitária (...)” (Lemos, 1935. p. 29). Nesse ano, das 138 raparigas observadas a maior parte era filha “(...) de pais não

casados e não sabia ler, (...) como profissões camponesas, criadas, operárias, domésticas, empregadas, coristas, vendedeiras e costureiras(...) a maioria tivera relações pela primeira vez na casa da família, hospedarias, campo, casa dos namoros ou na dos patrões(...) em 1939 foram observadas 181 nesse Serviço (...)” (Lemos, 1936. p. 19). O *Serviço de Inspeção e Profilaxia da Sífilis e doenças venéreas das Toleradas* fazia parte do “(...) *Dispensário de Higiene Social* de Lisboa, na Praça do Brasil, e Beato, para prevenção e consultas de sífilis(...) na Praça do Brasil ainda o *Serviço Anti venéreo* (...) em 10 anos, entre 1930-1939 fizera 872.312 consultas e tratamentos (...)” (Lemos, 1940. p. 11). Tinha “(...) consultas às 3^{as} e sábados, às 11 h(...)”. Aquele *Serviço*... tinha começado a funcionar “(...) a 3-3-1930 depois do director, A.Tovar de Lemos ter visitado Londres, Greenwich, Köhln, Wiesbaden e Dusseldorf, Roterdão, Leyden, Paris, Lyon, Madrid, S. Paulo e Barcelona(...)”(Lemos, 1940. p. 6) para ver o que de mais correcto se estava fazendo, nessas cidades, sobre este problema.

As(os) abolicionistas portuguesas(es) estavam filiadas(os) na *Liga Abolicionista Internacional*, fundada em 1875 por Joséphine Butler, que pretendia a “(...) abolição da regulamentação administrativa da prostituição, a abolição de todas as regras ou organizações que tenham como resultado fazer da prostituição uma instituição pública de a erigir em profissão reconhecida, autorizada e patenteada pelas autoridades(...)” (Fédération, 1931. p. 1).As abolicionistas como Joséphine Butler defendiam que o homem é responsável pela queda destas mulheres e preconizam a criação de casas para reeducação que lhes ensinem um ofício, a reeducação física, moral e intelectual, os dois sexos devem-se submeter à mesma lei moral e que a educação inculque princípios são nos jovens”(Fédération, 1931. p.2). Se hoje se pode afirmar que a prostituição mostra como o “(...) homem não reconhece as mulheres como parceiras sexuais(...) e é uma forma refinada de sexismo(...)”(Vicente, 2000. p.56), para a época de Maria Lúcia Vassalo Namorado e para as(os) republicanas(os) convictas(os) ela era vista como uma forma de exploração da mulher e pela caridade deveria desviar-se a mulher desse caminho.

A revista publicita uma exposição *Exposição bibliográfica e iconográfica abolicionista*, entre 6 e 14 de Maio, na *Sociedade de Geografia* em Lisboa, com sessão solene na *Casa de Entre Douro e Minho* a fim de se comemorar o 75.º aniversário da *Federação Abolicionista Internacional* (Carta de Arnaldo Brazão. Lisboa. 3 de Nov. 1949. Caixa 47. Maço 4). *A mostra fora inaugurada* pelo “(...) Subsecretário de Estado da

Assistência, Sr. Dr. Trigo de Negreiros(...)" (Carta de Arnaldo Brazão. 1 de Maio 1950. Caixa 47. Maço 4).

Em *Os Nossos Filhos* também se ensina às leitoras que o fim da *Liga Portuguesa Abolicionista* era o de "(...) combater a prostituição em geral, particularmente, a regulamentada. Portugal é um dos cinco ou seis países da Europa que mantêm a regulamentação. Aqui esta um problema gravíssimo pelo qual devem interessar-se todas as mulheres que pregam a dignidade do seu sexo, a moral e a saúde das suas famílias(...)" (ONF, Jun. 1950).

Maria Lúcia Vassalo Namorado foi também uma acérrima defensora da *Liga Portuguesa Abolicionista*. A *Associação Católica Internacional para Obras de Protecção às Raparigas- Junta Nacional Portuguesa*, a *Liga Portuguesa Abolicionista* e a *Liga Portuguesa de Profilaxia Social* editaram uma folha⁶³ volante /scanner/ que condenava veementemente a prostituição e o tráfico de mulheres. Essa "folha", com a transcrição de um artigo de Iginio Giordani, que fora publicado no diário *Novidades* de 25 de Junho de 1948, foi depois colocada em diversas obras de vários editores que se associaram à iniciativa com o objectivo de sensibilizarem o maior número de pessoas para esse problema que tanto penalizava as mulheres(*Espólio*).

Em Portugal fora também por iniciativa de Fernanda Tasso de Figueiredo, Secretária da *Comissão Reorganizadora da Liga Abolicionista Portuguesa* que fizera a relação com aquela *Liga Internacional* (Carta de 9 de Dez. 1946. Caixa 68. Maço 1). Foi ela também que convidou Maria Lúcia Vassalo Namorado para a primeira reunião, com aquele objectivo, na "(...)Sala de Propaganda de Portugal com a Madame Leroy-Boy, Secretária da *Federação Abolicionista Internacional* e Delegada do *Council International of Woman* (...)" (Carta de 9 de Dez. 1946. Caixa 68. Maço 1). No ano seguinte é ainda esta colaboradora de *Os Nossos filhos* que analisa o programa do Congresso que "(...) na ultima reunião desta *Comissão Organizadora do Movimento Abolicionista Português* foi apresentada pela *Liga Abolicionista Portuguesa* um convite para o *Congresso Internacional Abolicionista* que se realizará em Setembro em Bruxelas(...)" (Carta de 26 de Abr. 1947. Caixa 68. Maço 1).

Uma outra associação que, antes desta, tivera como uma das suas preocupações também

⁶³ Estava dentro da obra: COSTA, Sousa (1949)- *Como se faz um ladrão ou as Cinco Estações da Via Infamante*. Porto: Imprensa Social da *Liga Portuguesa de Profilaxia Social*. 38 p.

a prostituição fora a *Liga Pró-Moral*⁶⁴ de que faziam parte “(...) Angélica Viana Porto como presidente da assembleia geral, há anos, e Maria O’Neill, uma ilustre consócia (...)” (In Brazão, 1925. p. 191).

No *Espólio* existe uma dúzia de cartas⁶⁵ sobre a *Liga Portuguesa Abolicionista*. A directora de *Os Nossos Filhos* era sócia da *Liga*, pelo menos desde 1948 e chegou a ser dela vice-presidente (Carta de Arnaldo Brazão. Lisboa. 16 de Set. 1950. Caixa 47. Maço 4). Da sua leitura sabemos que em 1954 foi feito um pedido aos sócios para felicitarem o “(...)o Senhor Ministro do Ultramar pela publicação do Decreto nº 39606, por proibir o exercício da prostituição nas províncias ultramarinas(...)” (Carta de 22 de Maio 1954. Caixa 47. Maço 4) ao mesmo tempo que proibia “(...) o o exercício da prostituição, determinando o encerramento de bordéis e estabelecidas penas correcionais (...)” (carta de 15 de Abr. 1954. Caixa 47. Maço 4). A maior parte das cartas é relativa á péssima situação financeira da *Liga*... chegando-se a pedir que “(...)como medida para aumentar a massa associativa, que cada sócio traga para a Liga um novo sócio, pessoa de familia ou amizade(...)” (Carta de 5 de Mar. 1956. Caixa 47. Maço 4).

O presidente da *Liga Portuguesa Abolicionista* referido nas cartas é sempre Arnaldo Brazão, sobrinho de Adelaide Cabete e filho de Maria Brazão, médica dentista, que fora membro da *Liga Republicana das Mulheres Portuguesas* e sócia fundadora do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*. Era maçõn, com o nome simbólico de *Spartaco* (Castro e Esteves, 2005. p. 134) e foi ele que organizou as ‘actas’ do *1º Congresso Feminista e de Educação* que referimos, publicado pelas Edições *Spartacus*, já mencioandas na biografia inicial de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Conhecia a obra de Josefina Butler e foi ele também o promotor dos dois congressos abolicionistas que mencionamos no início deste subcapítulo.

Sobre este tema se debruça ainda o livro *Negro e cor-de-rosa* que Maria Lúcia Vassalo Namorado havia publicado em 1937, como vimos. Há uma outra referência a ele feita por *Manuel da Fonseca* (ou *Lúcia Benedita*, ou *Mário Castrim* ...) quando escreve á directora de *Os Nossos Filhos* dizendo que descobrira um jornal – *Vagabundo* – publicado “(...) por um grupo de rapazinhos que se reúne não sei em que café, mantém um jornal copiografado, mensal(...)” (Carta de Manuel da Fonseca, s.d., Caixa 41. Maço

⁶⁴ “(...)Associação de protecção à infância, que protegendo a infância, protege a mulher, tem acompanhado com interesse o funcionamento do congresso feminista, seguindo as discussões aí levantadas sobre as importantes teses que têm constituído a ordem dos trabalhos.(In Brazão, 1925. p. 190).

⁶⁵ Caixas 47. Maço 4 e Maço 5.

1) em que um conto da sua autoria, abordando “(...)um tema eterno, que, entre nós, portugueses, assume uma importância extraordinária: o das raparigas perdidas (...)”, fora transcrito e ele ficara muito satisfeito com tal atitude.

Uma outra causa defendida na revista é da desculpabilização das mães solteiras pois também elas não são as únicas ‘pecadoras’. Para atingir o objectivo que se propõe refere até uma conversa que teria tido com uma senhora sueca que lhe afirmara que naquele país “(...)a mãe é rodeada de todos os cuidados e atenções, seja qual seja o estado civil.(ONF, Jun. 1946). Também um artigo de Isaura Correia Santos sobre uma visita que esta fizera a Copenhague é usado para se descrever uma visita “(...) a um *Centro Social de Amparo à Mãe e à Criança*(...)criado em 1939, para mães casadas ou não, para as crianças e casais com muitos filhos(..) e também casa para mães solitárias(...)sem família ou que se afastaram delas por falta de apoio moral e material de quem lhes teria feito promessas de amor e casamento numa sedução enganadora(...). Há Lares para mães solitárias(...) e há 7% de crianças com pai incógnito na Dinamarca...e para essas mães são estas casas(...) e Escolas com ensino obrigatório de 7 a 14 anos, em breve será até 16 (...)” (ONF, Nov. 1956).

Uma outra causa sempre defendida em *Os Nossos Filhos* é a da luta contra o analfabetismo e o hoje chamado *iletrismo*. A ela fazemos uma breve referência neste subcapítulo pois teremos de a ver mais desenvolvida nos capítulos seguintes ao abordarmos todas as medidas propostas na revista para abolir este e muitos outros ‘males’ do sistema educativo.

A tentativa de resolver alguns dos problemas das crianças que frequentavam a escola primária é apresentada, por diversas vezes, em *Os Nossos Filhos*. Uma dessas reflexões é feita por *Clara*, que sabemos ser o pseudónimo de Maria da Luz Albuquerque, do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, que num texto ‘mais teórico’ aborda o problema:“(...) é á escola que o POVO vai buscar o mínimo de cultura e é nela que inicia a sua educação. Por isso os estadistas de todo o mundo têm de pôr este problema em primeiro plano. Nas escolas é que está o destino das nações. Têm de colocar-se ao alcance de todos(...) que os filhos do povo, mas todos, tenham nelas o seu lugar e nelas encontrem também, como guia carinhoso, um Mestre competente e amigo(...) que os necessitados aí gozem o máximo de conforto que lhes possa proporcionar a Cantina e o auxilio indispensável e valioso da Caixa Escolar. Só depois de se criarem as escolas necessárias e dotá-las com o que lhes é absolutamente preciso ao seu bom

funcionamento se poderão compelir os pais, por meios coercivos, a mandarem lá os filhos (...) o que não poderá conseguir-se enquanto o serviço do mestre for qualificado pelo número de crianças apresentadas a exame no fim do ano lectivo(...). Enquanto a criança pobre precisar de procurar fora por meio de um trabalho compatível com as suas forças, o pão que em casa lhe não é dado, por não o terem, o problema do analfabetismo não será resolvido(...). Questões da alimentação, do vestuário e da educação andam ligadas(...) por isso só pode ser resolvida uma, quando se resolverem as outras.(...)”(Clara. ONF, Dez. 1944).

Da autoria da sua directora é o artigo que, em Fevereiro de 1948 em que, para mitigar o enorme analfabetismo existente no nosso país, ela propõe uma série de medidas que ajudariam a resolver o referido problema. Dado que entre nós se verificava longa a caminhada para a extinção do analfabetismo, propunha:”(...) E se nós, mulheres e mães, tomássemos parte activa nesta batalha? Nem só fundar escolas e cantinas é obra, meritória. Nem todos podem ,tomar tamanhos encargos. Mas ajudar as cantinas, e caixas escolares já existentes, contribuindo para que alarguem a sua acção, isso já se torna possível para quase todas nós. Muitos crianças não frequentam a escola porque não têm fato ou calçado(...) muitas a abandonam, desinteressadas (...). As Caixas escolares, protegendo essas crianças pobres e pobríssimas, prendem-nas à escola da única maneira possível. Por isso, auxiliar tais instituições é um dos melhores, meios que os particulares têm para combater o analfabetismo. E se todas as mães remediadas e abastadas tomassem a peito levar uma criança para a escola? Se lhes dessem uma ou duas refeições por dia, as roupas e o calçado já usados de seus filhos, com a condição de frequentar a escola? (...)” (ONF, Fev. 1948).

Para ilustrar esta insistência de que é necessário acabar com o analfabetismo poderíamos usar diversos outros contributos. Uns mais empenhados do que outros mas todos conducentes á ideia de que o pior problema de que o país precisaria de se desfazer, deveria ser o do analfabetismo ao qual muitas vezes se poderiam ligar outros como o alcoolismo, a ignorância, a falta de conhecimentos básicos sobre saúde, sobre doenças e muitos outros obstáculos que se colocavam ao desenvolvimento do país. A referência á Suíça país onde “(...)não há analfabetos e a instrução é obrigatória desde há muito e gratuita no ensino primário, aberta, a todos no ensino secundário e superior, /realizada em / edifícios escolares sumptuosos e /sendo que/ todos os suíços conhecem pelo menos, duas línguas(...)” (ONF, Maio 1948) seria um bom fim a atingir.

A referência a Bibliotecas é frequente em *Os Nossos Filhos* quer para indicar às mães as obras que elas devem conhecer e ler para melhor educarem os filhos quer com indicação de obras que as meninas e as crianças devem ler para a formação pessoal ou ainda sobre iniciativas que, no âmbito da bibliotecas, algumas leitoras realizaram.

Da investigação que tem sido feita nos últimos anos sobre a história das bibliotecas públicas e mesmo das escolares (Cf. Magalhães, 2003, Rebelo, Melo, 2005 ou Pessoa, 1994; Calixto, 1995) fica a conclusão de que, desde muito cedo, se percebeu a necessidade das bibliotecas públicas se desenvolverem “(...)numa lógica não escolar e para além da cultura escolar(...)” (Magalhães, 2003. p. 91).

Em *Os Nossos Filhos* elas são vistas como meios de continuação da cultura transmitida na escola, uma vez que era ali que a maioria dos seus frequentadores, ao deixá-la, poderia continuar a ir e aprender mais qualquer coisa, sobretudo porque era nessa idade, à saída da escola primária, que muitas crianças passavam a não mais ter acesso à palavra escrita podendo, a curto prazo transformarem-se em quase novos ‘analfabetos’ por falta de prática da leitura.

Do período republicano e pelo decreto de 18 de Março de 1911 sabemos que se acentuou a ideia de que as bibliotecas eram vistas como fontes poderosas de ensino e de informação. Data também da República a crescente preocupação em bem definir o que se entende por ‘literatura infantil’, tema também frequentemente abordado em *Os Nossos Filhos*, como já vimos.

Como os republicanos, também o Estado Novo compreende que as bibliotecas podem prestar excelentes serviços à causa política. Neste ultimo período “(...) acentua-se o controlo ideológico sobre a leitura pública, a partir das bibliotecas populares que, destinadas a favorecer o combate ao analfabetismo, obedecem a regulamentos rigorosos que impedem o fornecimento ao público de quaisquer livros, revistas e panfletos que contenham doutrinas imorais e contrárias à segurança do Estado (cf. Decreto de 27.6.1931), Cabe às bibliotecas populares assegurar o controlo sobre a leitura domiciliária e sobre as bibliotecas móveis (...)” (Magalhães, 2003. p.95).

As bibliotecas populares vão sendo progressivamente integradas nas bibliotecas escolares mas “(...)o Salazarismo não foi favorável ao fomento da leitura. Segundo o inquérito de 1958, das 84 bibliotecas municipais então existentes, a maioria estava instalada em espaços reduzidos, e ao número reduzido de títulos, correspondia também uma escassa frequência de leitores (...)” (Magalhães, 2003. p. 96).

Uma das preocupações presentes ao longo de toda a revista é a da leitura em geral e, em particular, a importância educativa de que se pode revestir a boa leitura para as futuras mães, a leitura de obras específicas, actualizadas e adequadas a crianças e jovens, sendo que a maior parte da informação que respigámos em *Os Nossos Filhos* tem por objectivo a orientação das crianças, das raparigas e das mães.

De Agosto de 1945 a Maio de 1946, ao longo de cinco números da revista serão publicados quadros sistematizadores *Para orientar as leituras dos nossos filhos*⁶⁶, entre o “período realista”, ou seja, até aos 6 anos e o “período do romance”, ou seja, entre os 13 e os 18 anos. Entre estas duas etapas são também analisados os períodos “de expansão- dos 6 aos 7 anos”, “o de imaginação- dos 7 aos 9 anos”, e “o de aventuras dos 9 aos 12 anos”. Sem indicação da fonte de onde é retirada semelhante classificação, os ditos quadros sistematizam sempre “o que a criança faz” e aquilo “de que precisa” para, numa última coluna, se indicar “o que os livros devem dar”.

O conhecimento de tudo o que de bom se publica, a aquisição de obras de acordo com as características etárias dos(as) destinatários(as) e a vigilância prudente, discreta e constante das leituras por eles(as) realizadas são aqui encaradas como a melhor forma de as mães poderem orientar e “graduar” o crescimento de seus filhos. Aquelas são também constantemente aconselhadas no sentido de se informarem e se actualizarem para ultrapassar a vulgar ignorância que grassa, muitas vezes, em diferentes meios sociais e não só naqueles em que é vulgar o desinteresse pela cultura.

A publicidade a livros, organizados por áreas temáticas, em quadros sistematizadores mereceria uma análise mais detalhada de forma a fazer um levantamento exaustivo do que é anunciado por géneros, por grupos etários e por temas. Não sendo a área da Literatura uma das categorias por nós analisadas neste trabalho, não deixámos, contudo, de organizar, em quadros que se seguem, diversos dados sobre livros recomendados, recensões críticas realizadas e reflexões sobre bibliotecas infantis e orientação da leitura infanto-juvenil pois que eles são importantes para a caracterização da educação que deveria ser dada às mães para bem cumprirem a sua missão. Estas deveriam possuir bons conhecimentos de culinária e transmiti-los, desde pequenas, às filhas por forma a que estas fossem aceitando essa tarefa como se de um jogo se tratasse e não de uma imposição. Neste aspecto os anúncios da revista, na sua

⁶⁶ São ao todo cinco quadros publicados em *Os Nossos Filhos*. Nº 39 de Ago. 1945. p. 9; n.º 41 de Out. 1945. p. 6; n.º 43 de Dez. 1945. p. 6; n.º 48 de Maio 1946. p. 7 e n.º 51 de Ago. 1946. p. 21

maioria da *Casa Pimentel & Casquilho*⁶⁷ são bem elucidativos do tipo de conhecimentos que as mães deviam ter: são inúmeros os livros de Culinária que anunciam e, mais interessante ainda, em Português, Francês, Espanhol e Inglês⁶⁸.

Neste capítulo, o maior reclame feito em *Os Nossos Filhos* é a *Tesouro das Cozinheiras* de Blandimar que vai ser até um dos brindes a distribuir pelas assinantes que, de 1949 em diante, participam na 2ª Campanha de assinaturas para a Revista (cf. Capítulo sobre administração de *Os Nossos Filhos*).

As mães, de todos os grupos sociais são aconselhadas, como já referimos, a ler bons livros de diversos temas, entre os quais a Puericultura. A oferta de diversos livros dessa área a Maria Lúcia Vassalo Namorado, como se prova pelas dedicatórias nos livros que possui no *Espólio* (cf. *Bibliografia* do presente trabalho), a sua leitura pela directora da revista, como se prova pelas inúmeras passagens assinaladas, a lápis, nessas obras, assim como a recensão crítica a muitas delas e a recomendação que delas é feita nas páginas da publicação periódica de que era directora, são testemunhos incontornáveis da grande preocupação que se sente, na preparação das jovens ou futuras mães em Puericultura, ao longo dos anos em que *Os Nossos Filhos* foi publicada e mostram ainda a militância da directora da revista na *causa* da leitura. A título de exemplo, referimos que, em Português, dos sete livros de Puericultura do catálogo da *Pimentel & Casquilho*, anunciados⁶⁹ em 1945, Maria Lúcia Vassalo Namorado recomendara já ou irá ainda recomendar cinco, a saber, *Puericultura*, do Dr. Oliveira Martins, *Livro de Puericultura*, do Dr. Almerindo Lessa, *Mãe e Filho: arte de ser mãe*, de Dr. Ferreira de Mira, *O Meu menino*, pelo Dr. Samuel Maia e *Cuidemos das criancinhas*, da Dra. Emília Morgado. Por outro lado, os últimos três autores são também colaboradores frequentes da revista.

Ao divulgar as obras que a *Editorial Os Nossos Filhos* se encarrega de enviar para todo o país⁷⁰,/scanner/ Maria Lúcia Vassalo Namorado mostra qual a concepção de “boa leitura” que ela defende para as mães que pretendem organizar “(...) a sua biblioteca e a de seus filhos”: nela recomenda obras para pais e professores, “para

⁶⁷ representante que enviava os livros à cobrança e com escritório na Rua do Jardim do Regedor, 24-2º, em Lisboa

⁶⁸ Cf. Anúncios retirados dos n.ºs 30 de Novembro de 1944, p. 32, n.º 33 de Fevereiro de 1945, p. 33 e ainda n.º 34 de Março de 1945. p. 33

⁶⁹ em *Os Nossos Filhos*. N.º 34. Março 1945. p. 33

⁷⁰ Por exemplo, entre muitos outros, em *Os Nossos Filhos*. N.º 168. Maio 1956. p. 14.

raparigas” e “para crianças” além de “Obras da Dra. Virgínia Gersão” e “outras obras”, neste caso, os seus dois livros: a *Mulher dona de casa* e *Negro e Cor de Rosa*:

Quadro n.º 2. : Obras recomendadas para “(...) a sua biblioteca e a de seus filhos”:

Livros	Fonte
Colecção Problemas escolares: <i>O Caderno Diário</i> <i>Organização dos exercícios de desenho</i>	n.º 168. Maio 1956. p. 14
/Para Pais e educadores:/ <i>Nós e a criança</i> , Ilse Losa <i>Brinquedos cantados portugueses</i> , Capitão Marques Pereira e Nina Marques Pereira <i>Ensaio para a iniciação ao ensino do Desenho</i> , Maria da Luz de Deus	
Obras da Dra. Virgínia Gersão: <i>Branca de Neve, Rosas, Filipa de Vilhena, Auto do Natal e Uma Aurora no Poente</i>	
Livros para raparigas: <i>Joaninha quer casar</i> , Maria Lúcia <i>Ar Puro</i> , Virgínia Lopes de Mendonça <i>Liliana</i> , Teolinda Maria de castilho Gersão	
Livros para crianças: <i>Férias da Páscoa</i> , Maria Elisa Nery de Oliveira <i>A Quinta das Amendoeiras</i> , Maria Elisa Nery de Oliveira	

Ainda sobre os bons livros é mesmo Maria Lúcia Vassalo Namorado quem, sob o pseudónimo *Avòzinha*⁷¹, responde a uma leitora, de 19 anos, que lhe escreve pedindo “(...) se me indicasse algumas leituras de autores portugueses próprias para a minha idade(...)” (N.º 57 de Fev. 1947. p. 25). Salvaguardando o desconhecimento que tem do “(...) teu grau de cultura, preferências e livros que já leste(...)”, a *Avòzinha* propõe a seguinte lista de autores e obras que considera adequados:

Obra(s)	Autor(a)
Todos os livros de	Júlio Diniz
Júlio Diniz e a sua obra	Egas Moniz
<i>Viagens na minha terra, O Arco de Sant’Ana, Frei Luís de Sousa, O Alfageme de Santarém</i>	Almeida Garrett
<i>Lendas e Narrativas, O Bobo</i>	Alexandre Herculano
<i>A Cidade e as Serras</i>	Eça de Queiroz

⁷¹ “Conselhos da Avòzinha”. *Os Nossos Filhos*. N.º 57 de Fevereiro 1947. p. 25

<i>A Mantilha de Beatriz, O Juramento da Duquesa</i>	Pinheiro Chagas
<i>Os Filhos de D. João I, Vida de Nun'Alvares</i>	Oliveira Martins
<i>Capital bendito, Terra Bendita, Fé</i>	Virgínia de Castro e Almeida
<i>Vidas que foram versos, Escritores de Portugal, Contos e casos</i>	Teresa Leitão de Barros
<i>Cartas a uma noiva, Mulheres e crianças, Cartas a Luísa, Valentina, Vida do Duque de Palmela</i>	Maria Amália Vaz de Carvalho
<i>Rindo e chorando, Os que se divertem, Cartas duma vagabunda, Cartas do campo e da cidade, Lições da vida</i>	Luzia
<i>História maravilhosa da rainha Astrid</i>	Alice de Oliveira

A maior parte deles eram clássicos estudados nas escolas secundárias quer no tempo em que Maria Lúcia Vassalo Namorado a frequentou quer ainda no período em que escrevia esta crónica.

Na revista, na secção de Literatura também são aconselhados diversos livros, mais até para as mães comprarem e saberem o que hão-de dar aos filhos – as listas estão organizadas, muito frequentemente por níveis etários- do que para os adultos, embora também seja frequente esse conselho. Muitas vezes apenas se referem os títulos, idades a que se destinam e uma pequena frase resumo sobre o conteúdo⁷². Outras é feita a recensão crítica da obra⁷³ e noutros casos apenas se refere terem sido recebidas na redacção certas obras, sem qualquer crítica ao seu conteúdo⁷⁴; há ainda há casos em que as recomendações são feitas por temas como é o caso da pequena rubrica “Bibliografia” em que, como introdução a uma lista de livros recomendados se insiste em que esta é feita para responder a “(...) muitas mães que desejam ter conhecimentos pedagógicos seguros para poderem orientar os seus pequeninos. Algumas pretendem reunir os filhos com os amiguinhos e remediar, assim, a falta de escolas infantis, nas terras e nos bairros em que habitam. Lendo com atenção *Os Nossos Filhos*, essas mães encontrarão matéria para se instruírem e orientarem. Hoje vamos indicar-lhes algumas obras cuja leitura lhes será muito útil. Para compreender o ensino infantil é indispensável conhecer o método Montessori e o método Froebel, do qual aquele deriva. Deve consultar-se: (...)”(ONF, Jun. 1952. p. 9) e segue-se então a lista de obras que se julga indispensável as mães

⁷² É o caso, a título de exemplo, da colaboração de Virgínia Motta em *Os Nossos Filhos*. N.º 67 de Dezembro 1947. p. 21 ou n.º 68. Janeiro 1948. p. 21 ou ainda em n.º 69. Fevereiro 1948, na mesma página. Nesses números também são incluídos, da autoria da mesma professora artigos sobre, respectivamente: *Os Nossos Filhos e a leitura, O problema dos que ainda não sabem ler e O Maravilhoso na Literatura infantil*. É ainda o caso da lista do n.º 132. Maio 1953. p. 19 ou do n.º 145. Junho 1954. p. 18.

⁷³ Recensão feita por Virgínia Motta no n.º 70 de Março de 1948. p. 21 a obras de Noémia Setembro ou a *Lília da Fonseca*, esta última também colaboradora nas páginas de Literatura

⁷⁴ Por exemplo, /scanner/*Os Nossos Filhos*. n.º 121. Junho 1952. p. 21 ou n.º 132. Maio 1953. p. 19.

conhecerem nas áreas da teoria sobre ensino infantil, Trabalhos manuais e modelação e ainda em desenho infantil.

Com esta preocupação de orientação das mães para melhor cumprirem a sua missão é também feita uma lista de livros incluída no artigo *Saiba escolher os presentes de Natal* e em que são propostos treze livros para crianças e adolescentes, sem indicação das idades a que se destinam e em que, se há autores como Adolfo Simões Muller, a maior parte deles é de autores conotados com uma certa oposição ao sistema vigente: de Matilde Rosa Araújo, a Sidónio Muralha e Francine Benoît, estes com ilustrações de Júlio Pomar, João de Barros e Ilse Losa, como vimos no subcapítulo precedente.

Esta ideia de que a revista se apropria de que *deve ensinar* as mães a fazer as coisas *como deve ser* está sempre patente nas sugestões que lhes dá para que, com cuidado, possam escolher os livros para os filhos⁷⁵. A revista quer exercer uma orientação e controle constantes sobre a forma de propostas para as mães mas não verdade que, ainda hoje, muitos destes conselhos aqui transcritos não fazem parte dos critérios que orientam as pessoas que adquirem publicações para crianças?

As escolhas são feitas, ao longo do período de publicação da revista por diversas colaboradoras, a saber, Virgínia Motta⁷⁶, *Lília da Fonseca*⁷⁷, Madalena Gomes⁷⁸, Maria de Lourdes Saraiva⁷⁹ mas a que durante mais tempo assina as resenhas é Matilde Rosa Araújo⁸⁰. É ela que faz a maior parte das críticas depois de 1952, ano em que também inicia uma nova secção *Queremos saber um pouquinho* em que pretende dar lições de Literatura às mães e às professoras primárias e encetar mesmo uma série de concursos para elas.

Os textos de crítica literária da autoria de *Lília da Fonseca* são os mais interessantes de todos se bem que os de Matilde Rosa Araújo sejam os mais eruditos. Em linguagem desassomburada, aquela primeira crítica não poupa elogios assim como não se coíbe de escrever os maiores ‘dislates’ quando um texto não lhe agrada. No primeiro caso, chamamos a atenção para a crítica que faz a um dos livros muito publicitado em *Os Nossos Filhos – Faisca conta a sua história*, um conto para crianças dos 7 aos 11 anos,

⁷⁵ “Sabe escolher livros para os seus filhos?”. *Os Nossos Filhos*. N.º 163. Dez. 1955. p. 6

⁷⁶ Ex em n.º 67 de Dez. 1947, n.º 68 de Janeiro 1948. e n.º 69 em Fevereiro de 1948. sempre na p. 21

⁷⁷ Ex. em n.º 79. Dezembro 1948. p. 18-19 ou n.º 93. Fevereiro 1950. p. 18

⁷⁸ Ex. em n.º 132. Maio 1953. p. 19

⁷⁹ Ex. n.º 196 de Setembro 1958. p. 10

⁸⁰ Ex. n.º 122 de Julho 1952. p. 24 a n.º 179. Abril 1957. p. 19 ou 196. Setembro 1958. p. 10-11. No número 122 faz a apreciação crítica dos livrinhos- num total de seis- da “Colecção Infância-Juventude” dirigida por Maria da Natividade Pinheiro Correia e Dr. António Correia, editada pela *Coimbra Editora*.

de Ilse Losa⁸¹ No caso oposto, veja-se o texto⁸², demolidor, da obra de Sarah Pinto Coelho – *O Tesouro maravilhoso*. Esta última recensão ocupa dois ‘linguados’ completos e nela faz uma reflexão política sobre o conceito de “esmola”. A crítica é a seguinte:“(…) À parte um pequeno deslize de concordância, este livrinho está bem escrito(…). Pena é que não consiga conjugar estas qualidades ao conceito e à moral da única história que contém, que são reprováveis! Primeiro que tudo o que é uma nação? É o conjunto de todos os seus habitantes, e quando parte desses habitantes vivam como os que acima estão descritos, essa nação não é próspera nem feliz. E para remediar o mal dos mendigos e dos necessitados, qual a solução que a autora toma no livro? Fomentar a instrução, a indústria e a agricultura, para todos tenham trabalho e um nível de vida superior? .Não! Dar esmolas! Começa-se por radicar no espírito da criança a aprovação ao erro de uma sociedade que incensa, como virtude, o gesto de mãos que se estendem, umas para dar outras para receber esmola. A poesia desta atitude, que se tem cultivado até ao infinito, morreu no dia em que se compreendeu que a pobreza é um fenómeno social e que o seu remédio não está na panaceia da esmola(…)” (n.º 79. Dez. 1948. p. 18). O texto completo da crítica (assim como outros que se reportam a obras que não são do seu agrado) é interessantíssimo. *Lilia da Fonseca* é também a responsável por outras críticas em *Os Nossos Filhos*, como a da obra neo-realista *Os caminheiros e outros contos*, de José Cardoso Pires.

A explicitação e reflexão sobre possíveis critérios a ter em conta na escolha de livros para crianças e adolescentes é feita, em *Os Nossos Filhos* por diversas(os) colaboradoras(es). Ema Quintas Alves, apresentada como *Professora e Bibliotecária de Crianças* é uma das que defende que os livros devem ser um “(...)alimento espiritual eficaz, um auxiliar na formação do carácter e da estética, e nunca um passa-tempo duvidoso cujos efeitos ignoram ou menosprezam(…)”(ONF, Jun. 1950). Aproveita este artigo para publicitar uma iniciativa, as *Publicações 7 léguas*⁸³, de que faziam parte Matilde Rosa Araújo, Ilse Losa, Maria Keil do Amaral e a própria subscritora do artigo. De Alice Gomes também é o artigo em que se indicam às mães alguns critérios mais a ter em conta na escolha dos livros para crianças:“(…) livros bem escritos e tão simples

⁸¹ *Os Nossos Filhos*. N.º 93. Fevereiro 1950. p. 18

⁸² *Os Nossos Filhos*. N.º 79. Dezembro 1948. p. 18-19

⁸³ Na folha volante existente no *Espólio* encontramos estes dados, assim como as razões que levavam estas senhoras, também da oposição, a definir critérios de escolha de livros, indicavam os primeiros textos que já haviam publicado, assim como as condições que tinha de respeitar quem deste grupo quisesse ser assinante(*Espólio*) /[scanner](#)/. Este documento lembra até certo ponto o Círculo de Leitores dos nossos dias.

que os possamos pôr nas mãos das crianças mal elas tenham feito o aprendizado do leitura. E livros que, não só ensinem coisas, mas despertem o interesse de conhecer mais e mais. Livros que falem o mundo, da variedade infinita dos seus aspectos desde as pedras os estrelas. Livros que lhes contem o vida maravilhosa das plantas, que lhes falem da inteligência dos animais. Livros de História, e a história dos heróis, mas também a história da terra, a evolução dos costumes, a marcha da humanidade. Quando tivermos tudo isto, bem impresso bem ilustrado, bem escrito, será possível fazer na escola primária e nos primeiros anos dos escolas secundários, um ensino sem drama(...)" (ONF, Nov. 1950).

Para a escolha dos livros mais adequados a raparigas entre os 15 e os 20 anos escreve Maria Irene Madail Rosa (ONF, Fev. 1951) e sobre a sua importância reflecte Carmélia Vicente (ONF, Out. 1956) enquanto que *Maria Manuela Nunes* ou *Mário Castrim* ou *Realejo* vai traduzindo, sobre o mesmo tema, alguns parágrafos de Charles Vildrac:"(...) escolher as leituras para desenvolver o espírito crítico(...)mesmo cuidado a escolher que para vós...não escolher à toa(...)Não vos deixeis seduzir pelo aspecto exterior das obras, por uma apresentação aliciante e por um título prometedor. Não aceiteis o primeiro álbum que á montra ou o vendedor vos oferecem. Procurai os bons autores(...)" (ONF, Maio 1956).

Como propostas para aumento do interesse pelos livros e pela leitura a revista divulga a existência, já em 1946, na *Biblioteca Municipal* de Braga de "(...)uma secção infantil, instalada em sala própria, com móveis de tamanho correspondente à estatura dos pequenos leitores(...)" (ONF, Ago. 1946) e directora de *Os Nossos Filhos* faz votos para que todas as bibliotecas públicas imitem o que aquela fez já. Sobre a escolha de livros também Adriana Rodrigues explicita um conjunto de critérios que as mães devem conhecer porque "(...)depois da escola, o livro é o principal elemento de cultura intelectual. O lar, verdadeiramente lar, precede, acompanha e prolonga a acção escolar(...)" (ONF, Abr. 1949). Por essa razão e, citando algumas sugestões dadas por Albino Forjaz Sampaio em *Como formar a minha biblioteca*, a autora faz uma lista geral das obras que qualquer mãe deve comprar para ter em sua casa assim como dando indicações sobre como devem ser manuseados(ONF, Abr. 1949). As obras poderiam incluir, resumidamente: "(...)dicionário da língua pátria(...)um atlas de geografia, que permita a grandes e pequenos situar os vários acontecimentos nacionais e estrangeiros; uma boa História de Portugal e outra Universal, pois o homem precisa de conhecer os feitos dos seus maiores e enquadrá-los no mundo. Os compêndios escolares têm o seu

lugar na biblioteca doméstica. Os livros da pai, da mãe, dos avós, embora fora dos actuais programas, prestam ainda serviço à cultura familiar, que mais não seja como relíquias(...), a *História Sagrada*(...), os manuais de iniciação profissional, um bom livro de culinária, as revistas de educação, os bons romances, os clássicos da língua (em edições comentadas), os livros infantis, de aventuras, os manuais desportivos, etc.(...)” (ONF, Abr. 1949).

Finalmente, Beatriz Franco d’Almada, do Funchal, sugeria que uma crítica literária fosse feita a obras para crianças no programa que ela tinha *Um quarto de hora feminino*, no posto *Emissor do Funchal*. Para tanto, precisava de ter dois exemplares de todas as obras que fossem saindo para ali dar “(...)um pouco de expansão aos livros infantis. Devo acrescentar que só me interessa facultar boas leituras às crianças, e não qualquer intuito comercial(...)” (ONF, Set. 1952). Também na Escola de Educadores da Infância se havia dado início à Hora do Conto, numa “(...) 1ª sessão de histórias para crianças do bairro de Santos, onde aquela instituição tem a sua sede. A história, que foi contada por uma educadora, despertou vivo interesse no numeroso público infantil, que seguiu avidamente as peripécias e aventuras dos heróis (...)” (ONF, Mar. 1958).

Outra das preocupações de Maria Lúcia Vassalo Namorado vai ser a do apoio à criação e divulgação de projectos de bibliotecas, como referimos.

O primeiro texto informativo sobre este tema é o que explica o projecto da Biblioteca infantil⁸⁴ *Alegria de saber*. As autoras da proposta, aqui identificadas apenas como “(...) um grupo de senhoras empenhadas na organização de uma biblioteca infantil(...)”(ONF, Jul. 1948) decidiram pedir um parecer à revista sobre a experiência que queriam iniciar. Pretendiam criar, em Lisboa, uma biblioteca infantil com o “(...) fim principal de despertar e desenvolver na Criança o gosto pela leitura sã e instrutiva e incutir-lhe o amor ao estudo(...)”. O excelente plano que apresentam é muitíssimo detalhado e verdadeiramente avançado para a época. É que, no nosso país, projectos como aquele só muito recentemente, mais precisamente só depois de 1987, após a implementação do projecto da *Rede de Leitura Pública* foram propostos e realizados, sem bem que com objectivos menos moralizantes.

As senhoras previam dois tipos de utilizadores: crianças e adultos sendo que as primeiras deveriam ser orientadas pelos segundos. Ainda se defendia que a Biblioteca deveria ser “(...) uma continuação da Escola sob a aparência de um centro de recreação(...)”. Os

⁸⁴ *Os Nossos Filhos*. N.º 74 de Julho 1948. p. 15 e 30.

actuais projectos de bibliotecas infantis, se bem que agindo da mesma forma, muitas vezes são apenas mais subtis em fingir que tal não é a intenção. Ainda no que toca ao projecto da biblioteca *Alegria de saber* é definida a composição ideal dos seus fundos documentais dando especial relevo aos “(...) livros de cunho científico e literário(...)” e defende-se já o empréstimo domiciliário que durante tantos anos e ainda hoje tanto aterroriz(ou)a determinados responsáveis de bibliotecas. Para além desse fundo de livros deveria dispor também de uma “(...) colecção de gravuras devidamente catalogadas(...) de *Filatelia e Numismática*, (...) *Jogos educativos e recreativos*, (...) um *jornal de recortes*, (...) *jornal* dirigido e elaborado pelas próprias crianças, (...) *hora do conto* em que cooperam escritores, artistas alunos de escolas secundárias e superiores e mesmo crianças(...) *Palestras* educativas feitas por professores ou alunos dos cursos superiores sobre assuntos de interesse imediato e de livre escolha da Bibliotecária(...) e *Sessões de cinema* com filmes devidamente escolhidos que atraiam e eduquem os frequentadores(...)” (ONF, Jul. 1948). Previa-se também a realização de inquéritos para verificar que obras eram preferidas pelas crianças mas...como era ‘normal’ à época... “(...) a escolha do material é subordinada a um critério de severa censura e de meticulosa, selecção a fim de evitar a presença de quanto possa prejudicar a formação moral, cívica e intelectual da criança(...)”(ONF, Jul. 1948). Sobre este problema talvez se pudesse reflectir sobre o que é a prática hoje em dia em bibliotecas infantis e escolares mas não é este o momento nem o local indicado para o fazer.

A organização técnica do fundo documental também estava prevista assim como todas as outras questões relativas a “(...) situação, horário, pessoal(...) despesas(...) e estabelecimento e manutenção da Biblioteca(...)”.

A revista dá conta de outro projecto de uma *Biblioteca Infantil*, agora na Madeira⁸⁵, levado a efeito por “(...) um grupo de assistentes sociais, auxiliares sociais, professores primários e jovens domésticas(...)” e que fora fundado por Maria Amélia Vieira da Luz⁸⁶, Maria Regina da Silveira e Sousa, António Carvalho e João Gonçalves a que se juntaram outras “(...)colaboradoras como Maria Margarida da Silveira e Sousa,

⁸⁵ *Os Nossos Filhos*. N.º 116. Janeiro 1952. p. 12 mas cuja notícia fora transcrita da publicação “Eco do Funchal”, sem data

⁸⁶ Esta menina era filha da antiga professora de Maria Lamas. Ela própria virá a casar com António Carvalho à época já perseguido por motivos políticos, era mesmo por essas razões que estava na Madeira; Maria Regina da Silveira e Sousa é sócio nº 2 do SPGL, fizemos entrevistas a todos porque ainda vivos e a residir em Lisboa. Essa biblioteca continuou a funcionar em Vila Viçosa para onde se mudou o casal Maria Amélia e António Carvalho. Temos fotografias deles e da casa na doação que fizeram a este *Espólio*.

Alda da Silveira Sousa, Maria José Felisbela Andrade, Maria Lucinda Azevedo Camacho, Iolanda Henriques, Fausta Telo Teles, Maria Isabel Ferreira de Jesus, Maria da Conceição Trindade, Zita Garcês e Ema Azevedo Camacho(...)”(ONF, Jan. 1952). Pediam livros infantis, mesmo já usados e obtiveram 70 livros com os quais organizaram essa biblioteca. O objectivo principal era constituir com ela uma biblioteca itinerante, que desse a volta a todas as freguesias da Madeira. A experiência começara na freguesia do Monte e aí foram requisitados os setenta volumes e em muitas casas, pais e irmãos mais velhos também os liam ou ouviam ler. As crianças respeitam imenso os livros que lhe são confiados mas, mesmo assim, cada volume tem dentro um pequeno texto de advertência: “(...) não és só tu que lês estes livros e por isso debes tratá-los com cuidado, porque quanto menos os sujares e rasgares mais rapazes e raparigas como tu os poderão ler(...)”(ONF, Jan. 1952).

O *Eco do Funchal* fizera aquela divulgação para que os seus leitores, entusiasmados com a ideia, oferecessem alguns volumes para a dita *Biblioteca Infantil*.

Nova notícia sobre a *Biblioteca da Criança Portuguesa* é publicada dois meses depois quando se refere que, em Lisboa, esta iniciativa semelhante á do Funchal era dirigida por “(...)Maria Regina Silveira Santos(sic, é Sousa), Maria Cesarina de Castro, Aida Sequeira Santos e Maria Amélia Albuquerque(...)”, sob o patrocínio de *Os Nossos Filhos*. Participando com sugestões e enviando livros mesmo usados as senhoras estariam a trabalhar para “(...) resolver, em parte, o problema das nossas crianças menos afortunadas que não podem comprar livros que as distraiam e que as eduquem(...)” (ONF, Mar. 1952). Na biblioteca assim formada colaboravam também:“(...) a livraria Sá da Costa, Livraria Portugália Parceria António Maria Pereira Livraria Rodrigues Papelaria Fernandes e Maria Cesarina de Castro, Dra. Maria Adelaide Belo, Maria Amélia Melo Gouveia, Maria Amélia Albuquerque, Maria Luísa Albuquerque Ferreira de Almeida, Fernanda Fialho de Sousa e Castro, Berta Salvador Marques, Maria Fernanda Lapido O'Neill e sr. Carlos Vieira(...) a assistente social Maria Amélia Vieira da Luz Carvalho, uma das organizadoras da *Biblioteca Infantil do Funchal*, está também, actualmente, no continente, em Vila Viçosa e propôs-se pôr a funcionar, naquela vila, a primeira caixa biblioteca. Por isso(...) todos os livros até agora recebidos foram entregues àquela senhora, que já começou a trabalhar(...)” (ONF, Ago. 1952).

Da experiência de funcionamento em Vila Viçosa /scanner/ é feito o relato em *Os*

Nossos Filhos, num texto⁸⁷ de Maria Amélia Vieira da Luz (ONF, Nov. 1952). Ela apresenta a experiência como a primeira fase para a “(...) fundação de uma Biblioteca móvel infantil(...)”. Esta iniciativa fora possível em Vila Viçosa porque “(...) cinco livrarias e nove assinantes desta Revista corresponderam ao apelo lançada através das suas colunas pelas organizadoras da Biblioteca(...) Foram 125 pequenos livros de histórias, contos, biografias históricas(...)”. No primeiro dia haviam sido requisitados 29 livros e no final do mês as requisições ascendiam a 1.100, “(...) uma média diária de 30-40 livros havendo dias de 60 livros(...) Funciona 1 h dia das 19 às 20h só para alguns fica perto de suas casas, pois está instalada num bairro operário distante da vila. É de notar também que os leitores, todos filhos de operários e camponeses, são já muitos deles aprendizes das mais diversas profissões, o que lhes ocupa o dia como o qualquer adulto. Ultimamente tem-se verificado uma diminuição na saída dos livros porque o número de leitores é exagerado em relação à quantidade de livros existentes: para 185 leitores assíduos, existem apenas 125 livros(...) a função da biblioteca nas terras por onde passar, será: Despertar nos pais e, nas entidades locais o interesse pela formação, post-escolar das crianças portuguesas(...). Os dois mais importantes problemas que a experiência de Vila Viçosa nos forneceu e que os organizadores da *Biblioteca da Criança Portuguesa* - B.C.P têm a resolver são: Aumento do número de livros que permita manter, em bom funcionamento, pelo menos, dois núcleos da Biblioteca(...) Angariação de fundos para arranjo e encadernação dos livros existentes; confecção de fichas, requisições e outros impressos. Construção de caixas para transporte de livros, etc., etc.. Formemos Bibliotecas infantis em todas as cidades, vilas e aldeias! Multipliquemos os iniciativas a favor do criança portuguesa! (...)” (ONF, Nov. 1952). Este artigo terminava exortando as pessoas que quisessem colaborar a enviar “(...) livros e donativos para a Rua de Infantaria Dezasseis, 69-2.º ou seja, para a morada da (directora e) da revista. Veja-se que a ‘sede’ era numa casa dum “bairro operário” e eram também trabalhadores as crianças e os adultos que a frequentavam.

A revista *Os Nossos Filhos* colaborava, assim, na criação da *Biblioteca da Criança Portuguesa*⁸⁸, que pretendia ser uma biblioteca infantil, a criar em Lisboa. A preocupação educativa deste tipo de iniciativas é sempre a mesma pois “(...) Todos sabemos a influência que a leitura exerce nos espíritos juvenis, ajudando a formar o

⁸⁷ Cf. também com conteúdo de carta da mesma senhora, datada de Setembro de 1952 e cujo conteúdo, aqui em forma de artigo, foi publicado em Novembro do mesmo ano.

⁸⁸ *Os Nossos Filhos* N.º 124. Set. 1952. p. 13

carácter, desenvolvendo aptidões literárias e fazendo compreender à criança o mundo que trabalha e no qual ela terá de ser elemento útil. Também sabemos a influência que uma literatura mal orientada, formada principalmente por livros de aventuras em que tudo gira à volta de ladrões e polícias, tem no grande número de jovens desadaptados às condições de vida(...)" (ONF, Set. 1952). A ideia era reunir sobretudo contos e para isso apelam nas páginas da revista para que os leitores dêem os livros que tenham dos seus filhos, "(...) contribuindo desta maneira para uma obra que terá uma influência enorme na formação moral e intelectual de muitos jovens portugueses(...)"(ONF, Set. 1952). Desta forma, ou seja, como um dos elementos da Comissão Organizadora da Biblioteca da Criança Portuguesa, iniciava Maria Lúcia Vassalo Namorado um percurso, de que não mais se afastaria e que a iria levar, anos mais tarde, como se verá, a escrever obras para crianças e que ainda hoje figuram em muitas das bibliotecas públicas existentes no país.

A publicação desta proposta e dos outros artigos sobre bibliotecas, como referimos, levou a que Adriana Crisóstomo, responsável pela biblioteca da *Sociedade de Instrução e Beneficência A Voz do Operário* escrevesse para a revista, narrando também a sua experiência à frente da biblioteca infantil dessa instituição. A compra e oferta dos livros fora feita por Fernando Rau. Foram colocados em estantes apropriadas à altura das crianças e catalogados e distribuídos por assuntos, com empréstimo. A "(...)Biblioteca foi inaugurada em 1938 por Emília de Sousa Costa, especialmente convidada para esse fim(...) e depois entregue aos pequenos(...) Manuel Lavrador, um garoto de 13 anos, era o Bibliotecário(...) com empréstimos às sextas-feiras e (...) aos sábados organizavam-se concursos com prémios (...) de livros(...) uma máquina de projecções , Hora do Conto e da Música(...)"(ONF, Dez. 1952).

A importância educativa das bibliotecas foi assim sublinhada em *Os Nossos Filhos* através da publicação dos artigos que acabamos de referir e que davam conta de algumas experiências existentes no país nessa área. Do ponto de vista teórico e no sentido de enquadrar essas práticas numa reflexão mais vasta e mesmo política, deve ser visto o artigo de Jorge Tristão /scanner/ sobre *O Valor das bibliotecas*⁸⁹.

Nele se reúnem uma série de citações de autores que vão de Alexandre Herculano a Pe. António Vieira, passando por D. Manuel Trindade Salgueiro e pelo brasileiro Afrânio Peixoto para mostrar como é importante a cultura que se adquire pelos livros. Este

⁸⁹ *Os Nossos Filhos*. n.º 137. Out. 1953. p. 9 e 30

artigo é bem interessante porque nele se critica a falsa ideia de que com o ensino da leitura o analfabeto não mais precisa de se cultivar. Bem pelo contrário: o autor defende que a “(...) a vigorosa vontade com que se está trabalhando na luta contra o analfabetismo(...)” tem de ser continuada com outra campanha “(...) a de obtermos livros que venham a ser utilizados pelos recém-alfabetizados, para que não esmoreça a sua fome de leitura, para que a utilidade da leitura se apresente logo de início(...)” pois que, como diz Alexandre Herculano “(...) Ler e escrever não é instrução, é um meio de alcançar”(...)”(n.º 137. Out. 1953. p. 9 e 30).

Com ligação imediata a esta questão fora feita já a defesa da criação de bibliotecas escolares junto das escolas. Em 1946 elogiava-se a *Hora feliz*, biblioteca criada junto da *Biblioteca Pública* em Paris, só para crianças, o que seria de todo impensável durante muitos anos em Portugal. Nela tudo era “(...) feito na proporção das crianças(...) as poltronas(...)estantes com aventuras, livros de viagens, histórias maravilhosas(...) o alcance educativo desta iniciativa é incalculável beneficiando centenas de crianças cujos pais não lhes poderiam comprar livros, actualmente tão caros e desviando-as de ociosidades perniciosas(...)”. A esta apresentação acrescenta-se ainda um dado que, apresentado no meio de um texto extenso, não deixa de ser uma crítica política aberta porque nela se diz:“(...) Isto passa-se num país que sofreu todos os horrores da guerra e da ocupação estrangeira. Em Portugal, cujas energias e possibilidades ficaram intactos, porque não surgem iniciativas como esta, de realização prática, contínua e eficiente?(...)” (ONF, Jul. 1946). A resposta a esta questão, for dada com a criação das bibliotecas escolares junto das escolas primárias, com a qual a revista se regozija pois também elas poderão contribuir para a diminuição do que, então, ainda não havia sido identificado como ‘iletrismo’:“(...) é muito elevado o número de analfabetos que frequentaram a Escola Primária—pois outra coisa se não pode chamar àqueles que, por nunca mais terem tido oportunidade de ler, ao fim de meia dúzia de anos mal sabem soletrar e assinar o seu nome. Por outro lado, ler não basta(...) torna-se indispensável que, por meio da boa leitura, os espíritos se enriqueçam e esclareçam, saber ler não é, não pode ser, uma «prenda» estática e quase inútil. Tem de ser uma verdadeira luz que alumie a vida do espírito, rasgando as trevas densas da ignorância, revelando os horizontes largos, passo a passo mais largos e mais belas, da Verdade, do Bem, e da Alegria pura. Felicitemo-nos, pois, e esperemos que a escolha das obras para as novas bibliotecas seja acertada e inteligente, de modo a obter-se o máximo e o melhor rendimento desta feliz iniciativa, pela qual cumprimentamos o Governo da Nação(...)”

(ONF, Mar. 1947). Este texto, que não duvidamos seja de Maria Lúcia Vassalo Namorado, tem implícitas duas questões fundamentais: por um lado as bibliotecas podem ajudar a desenvolver as competências necessárias em todas(os) as(os) cidadãs(os) mas, tem de ser ‘orientada’ porque de outra forma pode ser ainda mais perniciosa do que se elas não existirem. Este segundo aspecto, que se liga de imediato com alguma aceitação da censura sobre o que se lê, não pode ser encarada com os nossos olhos. Integrada no contexto em que Maria Lúcia Vassalo Namorado viveu e produziu *Os Nossos Filhos*, cremos que ela defende essa ‘vigilância’ sobre o que se lê para orientar a formação moral da população e não para a proibir de reflectir e de saber. Sobre as questões do iletrismo e da importância das bibliotecas junto das escolas se pronuncia também Maria Elvira B. Rocha, sob pseudónimo *Eu*, reflectindo ao mesmo tempo sobre a importância das bibliotecas nas escolas primárias (ONF, Jul. 1950).

Uma outra notícia breve sobre a formação de uma biblioteca infantil é aplaudida pela Revista em 1954 quando a *Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal*⁹⁰ inaugurou, em 14 de Novembro do mesmo ano, uma biblioteca infantil para os filhos dos seus associados. Nela se faz empréstimo domiciliário e está aberta aos domingos, proporcionando “(...) programas recreativos e educativos(...)”(n.º 151. Dez. 1954. p. 12) a essas crianças.

Todos os exemplos de bibliotecas divulgados em *Os Nossos Filhos* são de iniciativa particular. Há apenas uma notícia mais analítica sobre *Bibliotecas escolares*⁹¹, no último número mensal da revista, em Dezembro de 1958, em que se referem as 2.500 bibliotecas escolares que, em Janeiro de 1959 deverão existir junto das escolas primárias oficiais do país embora haja 9.000 núcleos escolares. Estavam então no prelo seis livros para crianças, patrocinados pelos *Serviços de Escolha de Livros da Direcção Geral do Ensino Primário*, segundo informações do director desse serviço, Dr. José Carlos Amado. Já então, em resposta à fraca situação das bibliotecas escolares o ministro da Educação Nacional, de visita a esses *Serviços de Escolha de Livros*, referia que “(...) tem sido de facto, bastante tolhida pela insuficiência do apoio dado ao serviço de bibliotecas pelas autarquias locais (...) /porque/ os Municípios não se dispõem a desviar

⁹⁰ Anos mais tarde, será nas suas instalações que irá funcionar um grupo da iniciativa *Lisboa vista pelas suas crianças*, também analisada neste trabalho, em subcapítulo específico.

⁹¹ Na Secção: Mundo dos nossos filhos. *Os Nossos Filhos*. N.º 199. Dezembro 1958. p. 5. O texto merece ser lido porque os argumentos usados pelo Dr. José Carlos Amado para devolver à comunidade a “culpa” do desinteresse pelos livros são soberbos.

verbas para a instalação dos nossos serviços e o estado em que se encontram algumas escolas é também deficiente para os receber(...)"(ONF, Dez. 1958) ou seja, tempos passados problemas actuais...

Sobre uma outra iniciativa oficial para difusão da leitura há algumas pequenas e insignificantes referências. A realização, a nível oficial, da *Campanha Nacional de Educação da Adultos* é mencionada, como seria de supor, como um empreendimento benéfico mas incapaz de resolver, por si, o problema enorme de que a sociedade não conseguira ainda ver-se livre: o analfabetismo e a falta de hábitos de leitura.

Uma professora da Covilhã, Maria Ilda Catalão Espiga, tomara uma iniciativa digna de nota:"(...) está colaborando de modo notável na actual *Campanha Nacional de Educação da Adultos*. Requereu a criação de um curso de adultos para os operários da fábrica de Lanifícios de que é sócia, e assumiu a regência desse curso, cargo que tem desempenhado com proficiência e(...)reuniu um grupo de 10 serviçais analfabetas, que também lecciona. Já há anos aqui lembrámos que todas senhoras, com um bocadinho de boa vontade, podiam ensinar a ler as suas criadas analfabetas(...)" (ONF, Fev. 1952). Esta iniciativa fora, realmente proposta por Maria Lúcia Vassalo Namorado (cf. profissões femininas) e figura entre uma das muitas sugestões que são dadas neste capítulo sobre a erradicação do analfabetismo. Sobre ele dirá ainda *Jaquelina, professora de aldeia* que defende que "(...) saber ler é um privilégio que se não pode negar a qualquer ser humano...A lei, que os homens esclarecidos e de boa vontade fizeram torna obrigatória aquela aprendizagem(...) e o Agente de ensino sob pena de lesa humanidade, deve insistir por que a lei se cumpra, custe o que custar(...) porque ensinar a ler é ser autor, espectador e crítico de uma obra(...)" (ONF, Fev. 1953).

Vejamos ainda algumas reflexões sobre o mesmo tema, do lado do regime. Um texto de reflexão e de propostas sobre este tema do analfabetismo e da importância das bibliotecas fora publicado⁹² com o título *As Bibliotecas no Plano de Educação Popular*. Nele se explicava que "(...)a *Campanha Nacional de Educação de Adultos*, no elevado e firme propósito de criar o gosto e difundir o hábito da leitura no povo, organizou uma *Secção de Bibliotecas* em ordem a atingir esse fim imediato (Fernandes, 1954. p. 3), devendo fomentar-se o empréstimo de livros a domicílio. Uma das preocupações deste autor é a de definir o perfil do orientador da biblioteca como "(...)alguém que seja

⁹² FERNANDES, P.e Baptista (1954) –. “As Bibliotecas no Plano de Educação Popular”. *Mensário das Casas do Povo*. Ano IX. N.º 101.Novembro. p. 3-5.

craterioso no facultar dos livros, atendendo a idade, estado, sexo, profissão e grau de cultura do leitor (...) Aconselhar-se-á a leitura par gradação de interesses e curiosidades. Até aos sete anos, quase não há problema para o bibliotecário. Dos sete aos catorze há a gradação dos contos infantis, dos romances populares, dos livros de aventuras, ás ‘bibliografias de heróis e santos, da história profana e religiosa. Dos catorze aos dezoito, depois da (puberdade, já os interesses são diferentes, a curiosidade menos a fantasista e mais realista (...). É o período de maior perigo moral e religioso. As raparigas são atraídas pelos problemas do matrimónio e da maternidade. Os rapazes apresentam dúvidas sobre artigos de fé, m questões políticas, etc. Convirá orientá-los com bons a livros de apologética(...)”. Depois destas considerações o autor estabelece uma lista de livros que considera adequados aos critérios que anteriormente estabelecera e que poderão vir a fazer parte “(...)do recheio bibliográfico da biblioteca paroquial: primeiro, a bibliografia indispensável para uma biblioteca de 125 volumes(...)”. Depois de vermos a lista recomendada e de compararmos com os livros existentes no *Espólio*, verificamos que, aqui, há apenas seis autores cujas obras⁹³ também existem na lista do Pe. Baptista Fernandes: Mário Gonçalves Viana, P.e Américo, Nuno de Montemor, Adolfo Simões Müller, Maria Elisa Nery de Oliveira e Agostinho de Campos.

Ainda sob o ponto de vista das Bibliotecas e numa altura particularmente difícil da vida da revista, Maria Lúcia Vassalo Namorado irá, por iniciativa própria e numa última tentativa de salvar a publicação, dirigir uma carta ao *Serviço de Escolha de Livros* oficial cujo teor é o que se segue:

“(...) Tomo a liberdade de enviar a VV. Exas. Alguns exemplares de *Os Nossos Filhos* publicação que procura ajudar os pais a conhecer e compreender os seus filhos, para melhor os poderem criar e educar, dentro da moral cristã, para um Portugal maior. Há 16 anos que mantenho esta publicação sem o menor auxílio levada unicamente pelo desejo bem sincero de bem servir a minha Pátria. Ser-me-ia, portanto, profundamente grato, que VV Exas determinassem a inclusão desta revista entre as Obras destinadas às vossas Bibliotecas. E creio que essa divulgação seria verdadeiramente útil para a

⁹³ As obras de cada um seriam: *Luís de Camões*, *Gil Vicente*, *Almeida Garrett*, *Rainha D. Leonor*, *Vasco da Gama*, *Rei D. Dinis e Afonso de Albuquerque* de Mário Gonçalves Viana; *Pão dos Pobres* do P.e Américo; *A Maior Glória*, *E o Sangue se fez Luz*, *Maria mim*, *Um que não mentiu* de Nuno de Montemor; *A Pedra Mágica e a princesinha Doente*, *O Capitão da Morte*, *Aventuras do Trinca-Fortes*, *O Homem das Mil Invenções*, *O Grande Almirante das Estrelas*, (este último dado por Maria Lúcia vassalo Namorado ao filho) de Adolfo Simões Müller; *A Quinta das Amendoeiras* (prémio SNI de 1955) de Maria Elisa Nery de Oliveira e *Antologia Portuguesa Paladinos da Linguagem* de Agostinho de Campos.

Criança Portuguesa(...)"(Carta de 3 Out.1957. Caixa 72. Maço 1). Este documento tem, em anexo, também manuscrito, uma lista com os nomes de "personalidades" que têm colaborado na revista e que a sua directora usa como forma de atestar da qualidade da publicação.

Estes relatos sobre formação de bibliotecas e sobre o contributo que elas poderiam dar á luta contra o analfabetismo eram considerados importantes pois poderiam despertar em quem os lesse a vontade de também iniciar um projecto semelhante. Ao publicar estes relatos, Maria Lúcia Vassalo Namorado pensava estar a contribuir para uma reflexão necessária sobre a importância educativa das bibliotecas. No ano em que a revista *Os Nossos Filhos* deixa de se publicar mensalmente, ou seja, em 1958, uma entidade privada fundada três anos antes, a *Fundação Calouste Gulbenkian* cria uma rede de bibliotecas itinerantes e dois anos depois, uma rede de bibliotecas fixas (Magalhães, 2003. p. 96).

No referido ano de 1958, em Março, é enviada ao Presidente do Conselho de administração da *Fundação Calouste Gulbenkian* um documento de 4 páginas dactilografadas, em que Maria Lúcia Vassalo Namorado, apresentando-se como directora de *Os Nossos Filhos*, com Matilde Rosa Araújo, escritora de literatura infantil e Belmira da Piedade Baptista, inspectora do *Ensino Infantil e Primário* pretendem "(...) expor um plano de criação de uma biblioteca infantil que muito provavelmente poderia ser o ponto de partida duma rede de Bibliotecas do mesmo género a estender-se por todo o país (...)"(Documento de 31 de Março de 1958. Caixa 34. Maço 2 é igual a outro em Caixa 64. Maço 1).

Em Dezembro de 1963, enviam também a Henrique Martins Gomes, Director da 4ª *Repartição de Bibliotecas e Museus da Câmara Municipal de Lisboa*, uma carta em que anexam a proposta que haviam elaborado para a *Organização e Manutenção de uma Biblioteca- Museu- Infantil*. Propunham-se colaborar, a título gracioso, ficando as despesas a cargo da referida Repartição. (Caixa 34. Maço 2) mas nada vão conseguir fazer.

Ainda algumas anos mais tarde, publicado na forma de livro⁹⁴, sairá um conjunto de

⁹⁴ FONTES, Vitor; BOTELHO, Maria Leonor; SACRAMENTO, Mário (1971) – A Criança e o livro: aspectos psicológicos, pedagógicos e literários. Lisboa: Livros Horizonte. 111 p. (Biblioteca do Educador Familiar; 1). É o n.º 135 da Base bibliográfica que elaborámos com as publicações do *Espólio* (Cf. *Anexo 1- Base bibliográfica do Espólio- Lisboa*). Este livro fora o primeiro da referida colecção, onde também saíra o que Maria Lúcia Vassalo Namorado havia traduzido: 2 —PROBLEMAS QUOTIDIANOS DE EDUCAÇÃO de Irene Lézine(seria o n.º 2).

reflexões⁹⁵ sobre as questões da leitura e da criança que aqui não analisamos pois nos afastariam muito da análise que estamos a fazer das *causas* cívicas em que a directora de *Os Nossos Filhos* se empenhou na revista e fora dela e para, a partir delas, dar às mães um conjunto de conhecimentos teóricos que as poderiam orientar para melhor escolherem as leituras dos filhos.

4.2.4.1 Assistência

Como indicámos já no início deste capítulo, uma das *causas* em que Maria Lúcia Vassalo Namorado se empenha na revista *Os Nossos Filhos* é a da assistência, não enquanto forma de caridade mas como tarefa principalmente feminina de solidariedade para com o próximo neste caso, sobretudo, para com as mulheres, as mães e as crianças. As instituições de assistência mencionadas em *Os Nossos Filhos*, as iniciativas que, nesta área vai promover para ajudar enfermos, pobres e doentes dos hospitais e as medidas que apoia ou critica fazem parte de um conjunto de dados que nos permitem apresentar uma reflexão sobre o que em *Os Nossos Filhos* são os ensinamentos que se querem passar às mulheres. Ao analisar as questões que, sobre Assistência às mães, às crianças ou à juventude são identificadas nesta revista será necessário contextualizar as

⁹⁵ Os trxtos destes três autores tinham sido feitos, como se explica na *Nota preliminar*: “(...)Esses estudos foram elaborados com vista a um programa de comemorações em Portugal do *Dia Internacional do Livro Infantil*, dia promovido pelo IBBY (*International Board on Books for Young People*), que é uma organização da UNESCO. No nosso país, aquelas comemorações têm vindo a ser planeadas e executadas, desde 1968, pela *Cooperativa Ludus — Círculo de Realizações para a Infância e a Juventude*, com sede em Lisboa. Foi em Março daquele ano, e como parte do programa comemorativo, que a *Ludus* promoveu três colóquios públicos, sob a orientação do Dr. Rui Grácio, em torno do tema «A CRIANÇA E O LIVRO — Aspectos psicológicos, pedagógicos e literários»(...) São as suas intervenções, palestras introdutórias dos colóquios, que aqui se publicam(...). As sessões correspondentes — que provocaram o interesse e a participação activa de pais, educadores, escritores de livros para a infância e a juventude —, realizaram-se no Museu Pedagógico da Associação dos Jardins-Escolas João de Deus (...). Um ano depois, a delegação da *Ludus* no Porto fez repetir nesta cidade as palestras em questão, seguidas igualmente de colóquio. Infelizmente, Mário Sacramento já não pôde estar presente, sendo a leitura da sua palestra feita pela escritora Ilse Losa. As sessões, também comemorativas do *Dia Internacional do Livro Infantil*, foram por igual objecto de vivo interesse e empenhada participação. Este volume, contém ainda a fixação do registo gravado de uma mesa-redonda realizada na sequência dos colóquios em causa. Com efeito, alguns escritores e pedagogos — António Torrado, Calvet de Magalhães, Correia da Fonseca, Lília da Fonseca, Matilde Rosa Araújo, Mário Castrim, Rui Grácio —, todos, ao tempo, responsavelmente vinculados à *Ludus*, decidiram prósseguir, em duas sessões informais de trabalho, a discussão aberta pelas palestras e colóquios de Lisboa. Correia da Fonseca, que serviu de moderador, embora tomando parte activa na mesa-redonda, propôs os três seguintes tópicos para debate: *A determinação dos escalões de idade para uma classificação criteriosa dos livros infantis — O problema da fantasia e do maravilhoso — A literatura e a imagem*. Mais tarde, os participantes resolveram submeter à discussão pública os pareceres e as dúvidas que ali formularam; assim, o respectivo texto, agora incluído neste volume, foi dado à estampa no suplemento «Mesa-Redonda», do jornal *Diário de Lisboa* (26-XII-1969 e 2-1-1970)(...) A *Ludus* e o editor de Livros Horizonte julgaram útil arquivar este feixe de textos acerca de um tema educativo de inquestionável importância, como é o das relações entre a criança e o livro (p. 7 e 8).

actividades aí referidas no movimento assistencial que, da 1ª República ao Estado Novo, passara a estar dependente de três entidades diversas, a saber: o Estado laico, a Igreja Católica e outros organismos ligados à Maçonaria. Esta necessidade é tanto mais premente quanto a directora de *Os Nossos Filhos* reflecte sobre o que entende ser a primeira e a última e elogia muitas das iniciativas por ambas realizadas enquanto que, só muito raramente e, sobretudo para as colónias como acontecia desde a 1ª República, ela se refere á actividade assistencial da Igreja.

Em casa, Maria Lúcia Vassalo Namorado aprendera também, quer pela tradição religiosa da mãe quer pelo sentido de solidariedade laico do pai, muitas vezes confundindo-as com civismo, que a caridade não deve ser fomentada pois, se ligada à ideia de esmola, pode converter-se numa forma perversa de sobrevivência dos mais pobres. O pedinte deve ser desencorajado e, para o apoiar, devem ser criadas instituições que o amparem, numa primeira fase e que, posteriormente, através de um trabalho honesto ou ofício, ele possam sair da infelicidade em que cai ou em que havia nascido. Nesta óptica, ajudar asilos já existentes ou criar os que ainda fossem necessários era sempre uma das melhores formas de apoiar as crianças, para delas poder fazer alguém, sobretudo as órfãs, as abandonadas ou até só as doentes, do corpo ou do espírito.

Com a ideia de assistência, que põe de lado a “esmola”, quer-se provar que qualquer donativo assim doado, humilhava quem o recebia e nem sempre aliviava quem o dava uma vez que “quem precisa, precisa sempre”. Aquela perspectiva acarreta também mais responsabilidades a todas(os) que se lançam na tarefa de criar essas instituições.

Nesta nova orientação se inserem as medidas que, ainda na 1ª República, vão ser tomadas no sentido de dar melhores condições a diversas instituições já existentes ou fomentar a criação de outras.

Um outro esclarecimento é devido: nem sempre, na análise da revista *Os Nossos Filhos*, e também aqui na leitura e interpretação dos dados dela retirados, foi possível o estabelecimento de uma rigorosa fronteira entre os problemas que se devem incluir na assistência e os que se relacionam com a área da saúde.

4.2.4.2 Assistência pública e privada – Da República ao Estado Novo

Uma das primeiras medidas tomadas pela República no âmbito da Assistência foi a publicação, em 16 de Novembro de 1910, do decreto-lei que promovia a reorganização do *Dispensário da Rainha*, em Alcântara, designando-o agora de

Dispensário Popular de Alcântara (Caldeira. 2004. p. 9), ao qual se referirá Maria Lúcia Vassalo Namorado em *Os Nossos Filhos*, mais de trinta anos passados sobre esta data. No ano seguinte, pela lei de 25 de Maio e, do ponto de vista oficial, serão criados “(...) a *Direcção - Geral da Assistência*, o *Fundo Nacional de Assistência*, o *Conselho Nacional de Assistência Pública* e ainda o *Depósito Central de Fornecimentos* (...)” (Caldeira. 2004. p. 17).

O maior problema que os republicanos vão enfrentar nesta área será quase o mesmo que, em 1942, Maria Lúcia Vassalo Namorado referirá em *Os Nossos Filhos*: a falta de articulação entre diversas instituições assim como os problemas que colocava uma demasiado elevada mortalidade infantil, sobretudo até um ano de idade em consequência de três causas principais: problemas do foro congénito, problemas provocados por inexistência dos mais conhecimentos de puericultura (como cuidados e hábitos alimentares à nascença e nos primeiros anos) e problemas derivados de inúmeras infecções a que estavam sujeitos os bebés, até mais ou menos ao final dos dois primeiros anos de vida uma vez que, “(...) até ao séc. XXI(...) na Europa, as doenças garantiam cerca de ½ das crianças morreriam até 5 anos e que a mãe ou pai morreria antes de o filho mais novo chegar à idade adulta(...)”(Vicente, 2000. p.25).

A maior parte dos médicos estava convencida de que qualquer um destes problemas poderia ser drasticamente reduzido, ou mesmo erradicado, se as mães pudessem aceder, durante o período pré-natal, a cuidados de saúde que evitassem as doenças transmissíveis aos filhos, como era o caso da sífilis, cuidados com o trabalho da grávida, higiene pessoal e vigilância médica durante a gravidez.

Os problemas de índole alimentar, como a inexistência e a falta de qualidade do leite materno ou a demasiada rápida passagem deste tipo de alimentação para um regime alimentar não adequado ao desenvolvimento das crianças, eram também responsáveis por um grande número das mortes que ocorriam também quer em recém-nascidos quer em bebés. Por último, um problema ainda mais temível do que os dois anteriores, era o do excesso de doenças infecciosas que mães e filhos podiam contrair, sempre difíceis de prever uma vez que as condições económicas da maioria da população não autorizava a melhoria das estatísticas. Como veremos neste subcapítulo ao abordarmos as doenças que Maria Lúcia Vassalo Namorado quer que as mães conheçam para mais facilmente apoiar os seus filhos, a escarlatina, difteria, varíola e tuberculose, já com vacina disponível, eram ainda grandes responsáveis pela alta taxa de mortalidade infantil. Muitas outras doenças, como veremos também, nas quais se incluíam a tosse convulsa,

o sarampo e a poliomielite não eram passíveis de erradicar não havendo ainda vacina para elas. Embora a vacina para a varíola ou bacilo de Jener tivesse sido descoberta em 1796, embora desde Março de 1899 a lei obrigasse à vacinação e revacinação anti-variolica, embora o *Regulamento* de 25 Agosto de 1911 reforçasse esta disposição da vacinação contra varíola (Caldeira. 2004. p. 10), embora a vacina da tuberculose tivesse sido descoberta por Koch em 1882, a da lepra ou bacilo de Hansen em 1873, a da difteria ou bacilo de Loeffler-Roux e Yersin em 1889, a da febre tifóide ou bacilo de Eberth em 1884, e se os bacilos da desintéria - Shiga, Flexner e Y – também já haviam sido identificados assim como a constatação de que a malária era transmitida por *anofelis* (Nogueira, 1942. p. 113) o certo é que eram estas doenças, de foro imprevisível, as que também causavam grandes baixas nos recém-nascidos.

Em estreita ligação com este problema havia um conjunto de médicos que defendia, na 1ª República como depois no Estado Novo, uma vez que muitos deles até são os mesmos á frente de diversas instituições, como veremos, que era mais fácil ‘atacar’ o problema da mortalidade infantil ainda antes dele ter possibilidade de se manifestar, ou seja, antes das crianças nascerem. Se se dessem ás mães as condições de vida correctas durante a gravidez, desde a alimentação aos cuidados e vigilância necessárias, haveria menos doenças de foro infeccioso. Esta vontade era sempre travada pela endémica falta de meios, sobretudo estatais, para o fazer. Nesse sentido foi promulgada vária legislação, ainda na primeira República, tendente a proteger a mulher grávida mas, como para muitas outras áreas da intervenção política, os resultados nunca foram animadores.

Nos primeiros tempos depois da Monarquia como até aos anos 40 do século passado havia legislação que protegia a mulher grávida mas, não era cumprida⁹⁶. Outro problema era a *hipotrofia* das crianças, ou seja, o das que nasciam com peso inferior àquele que deveriam ter e que começavam o aleitamento misto antes de este ser aconselhado fisicamente, ou mesmo um completo aleitamento artificial (Caldeira, 2004) com leite impróprio ou em doses não aconselhadas, isto por falta de recursos ou de informação suficiente. A insistência na ignorância das mães, de todas as classes sociais,

⁹⁶ Como a “(...) Lei de 17 de Setembro de 1908 que proíbe trabalho nocturno das mulheres; os decretos 1435 e 498 de 1917 que exigem que, em fábricas com mais de 400 operárias haja uma maternidade e ainda a de 10 Março de 1937 que dispensa mulheres por 30 dias por ocasião do parto (...)” (Caldeira. 2004. p. 27).

sobre o que a este assunto específico do aleitamento natural e artificial diz respeito, ocupa muitos dos artigos de *Os Nossos Filhos*.

Se exceptuarmos a existência de algumas maternidades privadas, que referiremos mais adiante neste capítulo, temos de ter presente que neste período não existem maternidades em número suficiente para as necessidades do país o que, a par da ‘tradição’ de dar à luz em casa⁹⁷, era a situação mais vulgar. Se a vontade de construir maternidades é um dado adquirido que já vinha de longe, (veja-se o *Orçamento Geral do Estado*, em 1904), constata-se que é só pelo Decreto-Lei 20395 de 17 de Outubro de 1931 que se cria a *Alfredo da Costa*, em Lisboa (mas que só começa a funcionar em pleno em 1933) e, no Porto, a de *Júlio Dinis* só começa a funcionar em 1937 (Caldeira. 2004. p. 29). Será sobre esta maternidade um dos artigos de *Lavinia*, pseudónimo de Ludovina Frias de Matos, em *Os Nossos Filhos* (Abr. 1943).

Desde 1775 havia apenas, em Lisboa, uma maternidade oficial: a Maternidade de S. Bárbara, anexa ao Hospital de S. José, sem grandes condições pois que as mulheres pobres aí tinham os filhos sem qualquer separação entre as que estivessem doentes e as outras. Em 1916, os médicos dessa Maternidade pedem enxovais para os recém-nascidos⁹⁸ porque alguns morriam de frio por não terem com que se cobrir (Caldeira. 2004. p. 32). No grupo das maternidades estatais incluiremos ainda a Magalhães Coutinho que, desde 1938, funcionava no Hospital de S. Lázaro.

Anteriores aos anos 30 havia ainda, como referimos, maternidades particulares, a saber: a *Maternidade Bensaúde* – que servia de ‘refúgio’ como veremos, e a da *Companhia dos Tabacos* – onde nascemos, criada para as operárias. Havia ainda nos anos 50 as clínicas *Monjardino* e *Cabral-Sacadura* que eram também das poucas clínicas privadas, com maternidade (Caldeira. 2004. p. 33 e *Espólio* assim como *Os Nossos Filhos*).

Criadas na 1ª República e muito referidas em *Os Nossos Filhos* temos algumas instituições que se afirmaram no apoio à mulher grávida, à puérpera e à Criança. É delas que daremos conta seguidamente.

Lactários da Associação Protectora da Primeira Infância

⁹⁷ Com apoio de médicos e parteiras ou com ajuda de alguma “curiosa” conforme a classe social a que se pertencia ou a disponibilidade económica que se tivesse...

⁹⁸ Estes pedidos de enxovais começam em 1914, por iniciativa de Costa Sacadura. (ver *Espólio* e Caldeira. 2004. p. 40).

Esta *Associação* fora criada em 1901, e seria acompanhada do primeiro *Lactário* em 1903; um segundo refúgio para mulheres fora criado em 1911, também pelo coronel Aboim Ascensão. A funcionar no Largo do Museu de Artilharia n.º 2, aí havia consulta para grávidas e parturientes e era feita a distribuição, orientada pelo respectivo médico, de dietas lácteas. Pretendia-se fomentar o hábito de ida às consultas para as grávidas e depois para os bebês, fazia-se a pesagem periódica e ensinavam-se às mães alguns preceitos de higiene. “(...)As alunas da *Escola do Magistério Primário* e do 6º ano do Instituto *Torre e Espada* de Adelaide Cabete assistiam a estas sessões de pesagem/consultas (...)” (Caldeira. 2004. p. 37-38). Este 1º *Lactário* vai dispor de uma biblioteca especializada e chega a publicar inúmeros documentos como quadros com preceitos de higiene a seguir e uma *Bibliografia da 1ª Infância* que encontramos no Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado. O segundo *Lactário* desta *Associação* seria criado em Outubro de 1907, no Largo da Esperança, em Santos e o 3º *Lactário*⁹⁹, em 30 de Julho de 1927, no Largo do Calvário, em Alcântara. A justificação para a criação destes *Lactários* era tão só a necessidade que os ditava. Muitas vezes as mães não tinham leite, tinham de ir trabalhar, alimentavam-se mal e, quando iniciavam a alimentação mista esta podia incluir “(...)“(...) as sopas: de leite, de azeite, de chá e de café; as papas: “Nestlé”, de araruta, de arroz, de “Maizena”, de pão; e os caldos de farinha. Também o leite de vaca e, mais raramente, o de cabra apareciam; O problema destas dietas era que, ou continham alimentos completamente desadequados (por exemplo, café), ou incluíam muitos outros que, embora adaptados ao bebé (caso das papas *Nestlé*), começavam a ser introduzidos demasiado cedo, não raro logo no primeiro mês de vida(...)”. (Caldeira. 2004. p. 47).

Outros *Lactários* havia então na cidade de Lisboa como o de S. José, fundado em 5 de Abril de 1914 e que “(...) fornecia leite, prestava às crianças socorros médicos, farmacêuticos e dentários, bem como garantia e controlava a sua vacinação. Fazia ainda a educação das mães em preceitos de puericultura. Com subsídio da Câmara Municipal de Lisboa, funcionava na Rua Alves Correia, 207-209, antiga rua de S. José e também dava enxovais (...)” (Caldeira. 2004. p. 50). Em 1925, por iniciativa do vereador

⁹⁹ Para conseguir a construção de mais este *Lactário*, a *Associação Protectora da Primeira Infância* vai promover um sarau de beneficência, no Teatro Nacional, em 15 de Abril de 1916. Este é um dos exemplos, a que nos referimos já aquando da festa promovida por Maria Lúcia Vassalo Namorado a favor das crianças estrangeiras vítimas da 2ª Guerra.

Alexandre Ferreira¹⁰⁰, também impulsionador dos banhos de mar para crianças, vão ser fundados mais cinco Lactários municipais:

Lactário nº 1- inaugura 2 de Maio 1925- *Sociedade Voz do Operário*;
Lactário n.º 2- 5 Junho 1925- Travessa dos Fiéis de Deus- a médica responsável era Branca Rumina¹⁰¹ -
Atende 136 crianças.
Lactário nº 3- 1 de Julho de 1925- na antiga escola *Froebel*, na Estrela¹⁰²- dura 6 meses-
Lactário nº 4- 31 de Julho 1925- Rua da Mouraria.
Lactário n.º 5- fins Dezembro 1925- Calçada da Tapada(Caldeira. 2004. p. 50 e seg.)

Se a situação era de grande necessidade em Lisboa, onde os transportes não eram acessíveis às mulheres pobres que tivessem necessidade dos serviços do *Lactários* mas deles vivessem longe, pior era o panorama fora da capital onde só existia o *Refúgio Aboim Ascensão*, em Faro e um *Lactário* creche em Caldas da Rainha, em 1925. Os lactários, como refere Pais de Sousa (1996) haviam sido incluídos no programa do *Partido Evolucionista*, ainda na 1ª República como uma necessidade para as mães e serão muito referidos em *Os Nossos Filhos* como forma de, através deles, ensinar às mães os cuidados a ter na fase lactente das crianças.

Neste período, assim como nos anos iniciais da revista era vulgar o recurso às amas de leite, para quem podia pagar ou mesmo só por favor, nas aldeias. Também se recomendavam já exames prévios a essas mulheres pois podiam ser portadoras de doenças transmissíveis por essa via. A utilização do leite de animais, em más condições higiénicas, por vezes contaminado com tuberculose, em doses não adequadas ou alterado por falsificação – desnatação ou adição de água imprópria, às vezes - contribuem para o péssimo aspecto das estatísticas de mortalidade infantil até um ano de idade. Alguns artigos de Maria Lúcia Vassalo Namorado têm por tema este assunto tão delicado: a higiene do leite que se consumia em Lisboa.

Na revista, muitas são as senhoras que pedem e muitos são os artigos de médicas(os) e enfermeiras como Maria Palmira Tito de Morais em que se dão exemplos de numerosas dietas alimentares cobrindo, pelo menos o primeiro ano de vida da criança, o que é bem

¹⁰⁰ Pai do futuro escritor José Gomes Ferreira. O *Museu República e Resistência* já promoveu uma homenagem ao ilustre republicano e “maçon” ao organizar uma exposição biográfica, em Benfca.

¹⁰¹ Como veremos esta será a médica que mais colaboração tem, nesta área, em *Os Nossos Filhos*., ou seja, de Setembro de 1942 a Novembro de 1957.

¹⁰² /Em Abril de 1921, na 1ª festa de beneficência no Jardim da Estrela participou Fernanda de Castro, mulher de António Ferro, que não está identificada pela autora da tese/ ver Caldeira, 2004. foto Anexo 19/.

revelador da preocupação que tal assunto merecia. Quanto a estas, já não há unanimidade sendo bastante diferentes os momentos escolhidos para a introdução de alimentos novos na dieta da criança, nomeadamente no respeitante à introdução de papas de farináceos, de carne e do peixe.

Na revista assiste-se á publicidade crescente da utilização das farinhas já disponíveis no mercado o que nos leva a pensar que elas seriam cada vez mais usadas na alimentação ao bebé. Para promover esse consumo, como vimos, vão ser feitas campanhas permanentes em *Os Nossos Filhos* e elas culminam com a promoção do concurso do Bebê Nestlé, como já foi dito. Apesar disso, em virtude do seu preço, ainda elevado para as classes mais humildes, o seu uso era proibitivo.

A criação de Lactários é acompanhada da fundação de *Institutos de Puericultura*. O primeiro, por iniciativa do médico Samuel Maia¹⁰³, fora criado em Maio de 1911: o *Instituto de Puericultura- Associação de Assistência Infantil e escola de Educação Materna*, e funcionava na Rua do Alecrim, 2º andar, passando para a Rua Alexandre Herculano em 1913. Aí passou a ocupar o rés-do-chão da *Associação de Beneficência da Freguesia de S. Mamede* (Caldeira. 2004. p. 62), instituição particular que também ainda hoje existe, no mesmo local, em edifício demasiado degradado. Este médico escreveu dois livros importantes: *O Meu menino: como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer*¹⁰⁴ e *Breviário de Medicina Preventiva*¹⁰⁵: *para uso das famílias: Prática de sanidade e meios de evitar infecções, contágios, erros de conduta causadores de doença*. Este médico, uma espécie de *Dr. Spock avant la lettre*, tem participação em *Os Nossos Filhos* desde Agosto de 1942 a Dezembro de 1951.

A partir de Janeiro 1912- funciona aí também uma consulta para crianças, 3 vezes por semana e “(...) são ministradas às mães noções de puericultura e distribuídas dietas alimentares, Fiscaliza-se, enviam-se as crianças para o *Parque Vacinogénico de Lisboa* para aí vacinar crianças gratuitamente (...)”. Pelo Natal, também oferecia enxovais e brinquedos quando podia (Caldeira. 2004. p. 63).

Um outro organismo de assistência são os Dispensários, sendo o mais antigo o de *Santa Isabel*, fundado em 1905, pelo médico Santos Farinha. A preocupação com a alimentação das crianças e os conhecimentos das mães eram a sua principal actividade.

¹⁰³ Cf. Bibliografia deste trabalho e notícia biográfica em Nóvoa, dir. 2004. p. 854.

¹⁰⁴ Maia, Samuel (s.d. a)- *O Meu menino: como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer*. Lisboa: Bertrand. 454 p. que existe no *Espólio* com dedicatória do autor. (É o n.º 156 do Anexo Cap. 1-Base bibliográfica –Lisboa).

¹⁰⁵ Publicado em Lisboa: Editora Bertrand. 386 p.

Disponha de uma consulta semanal desde 1912 (Caldeira. 2004. p. 64). A função destes organismos era sobretudo a de apoiar as mães e acompanhar as crianças durante os primeiros anos, através da prestação de assistência médica e medicamentosa fornecimento de leite e vestuário, vacinas e de aconselhamento e ensinamento ministrado aos progenitores, quase sempre só dirigida às mães. Sobre este tipo de instituições, o mais referido em *Os Nossos Filhos* é o da Rua Coelho da Rocha, onde as enfermeiras da Escola Técnica de Enfermagem faziam estágio em Saúde Pública e muito apreciado e divulgado na revista, funcionando muito perto da redacção da mesma.

Muitas eram ainda as iniciativas privadas, mas sempre insuficientes, lideradas por senhoras da sociedade para apoiar “os seus pobres” como muitas leitoras escrevem a Maria Lúcia Vassalo Namorado. Como vemos a revista *Os Nossos Filhos* também teve os seus, o mais importante dos quais foi Joaquim Alberto da Conceição Anjos.

Desde que “(...) as ordens religiosas haviam sido expulsas em 1834 e sem instituições alternativas que minorassem o sofrimento e a situação precária de muitos (...)” (Silva, Amaro, 1997. p. 42), a miséria a que estas senhoras tinham de valer, era enorme. Neste grupo encontramos as que são realizadas ou por senhoras que, de sua livre vontade, organizam algumas instituições ou por órgãos de comunicação, como os jornais e as revistas que, também elas, promovem, criam, dirigem e administram algumas dessas actividades. Como exemplo de iniciativas levadas a cabo individualmente por algumas senhoras temos inúmeros exemplos em *Os Nossos Filhos*, como por exemplo a referência a Guilhermina Bataglia Ramos e Emília de Sousa Costa, com outras senhoras, criaram *Caixa de Auxílio aos Estudantes Pobres* (/Diário de Maria Lúcia/ Caixa 74. Maço 2).

Também os jornais e algumas revistas femininas como *Portugal Feminino* ao promover a iniciativa Uniforme *Portugal Feminino*, e como *Os Nossos Filhos* se condoem da situação de miséria de muitas crianças e tomam elas a iniciativa de ajudar a debelar esses problemas.

Um desses jornais, *O Século* faz campanha para criação das *Ligas de Protecção de Mães*, em 24 Abril de 1923. O jornal abre um “Maternário” (o projecto é referido em notícia em 21 Janeiro 1925 e, em Abril, já estava aberto indicando que é para “(...) orientar e auxiliar materialmente a alimentação das crianças até aos dois anos de idade, filhas de mães pobres e com falta total ou parcial de leite e, portanto, impossibilitadas de amamentar convenientemente.(...)”. Queria também uma *Casa Maternal*, semelhante ao que hoje se chama *Ajuda de Berço*, para prestar assistência a mulheres grávidas e

abandonadas; o jornal tinha mesmo uma *Comissão de Assistência e Beneficência*, em 28 de Janeiro de 1925, presidida, na altura, pela Condessa de Rilvas. (Caldeira. 2004. p. 65). Tinha ainda a funcionar duas consultas, “(...) uma para as mães e outra para as crianças, /sendo os médicos/ Costa Sacadura e Samuel Maia (...)os médicos responsáveis por estes serviços (...)”. (Caldeira. 2004. p. 66). Aquele primeiro médico tem colaboração em *Os Nossos Filhos* entre Agosto de 1942 e Novembro de 1945.

Os equipamentos do *Maternário* foram dados, alguns pelo *Instituto Pasteur* que forneceu biberons gratuitamente(...)”. *O Século* comprou até um “sol de altitude artificial” para o “(...)tratamento de crianças com raquitismo e doenças do sistema linfático(...)”(Caldeira. 2004. p. 66). Como vimos, é também do *Instituto Pasteur* a maior parte da publicidade que, em *Os Nossos Filhos*, é feita a brinquedos adequados às crianças, assim como a cadeiras e jogos para os bebês.

Para apoiar as mães e as crianças a partir dos 2-3 anos a falta de equipamentos era também assustadora.

A 1ª creche a que se faz referência terá sido a de S. João Baptista, em 2 de Fevereiro de 1876, no Campo Grande, em Lisboa (Caldeira. 2004. p. 67). Estas instituições foram (e são ainda...) pouco numerosas e vivem com inúmeras dificuldades.

Em finais da Monarquia existiam em Lisboa apenas três: “(...) a *Escola Infantil* do Jardim da Estrela, a aula infantil no *Colégio Estefânia* na Rua de Sta. Bárbara, n.º 18 e a do *Instituto Lusitano*, na Rua de S. João da Mata, n.º 115. (Caldeira. 2004. p. 72). Em 1907, depois de criada a *Associação das Escolas Móveis pelo Método João de Deus* terá que se esperar pelo Decreto de 29 Março de 1911 que vai criar o ensino infantil obrigatório dos 4-7 anos, propondo que nele se façam já exercícios graduados de vocabulário, contos e lendas com intuítos patrióticos e morais, observação de lugares que criança conheça; hábitos morais por meio de exemplo e ensino; animais e vegetais da região; desenho e modelagem; canto e dicção de poesias; jogos livres, trabalhos manuais, distrações agrícolas (Caldeira. 2004. p. 73).

Em 16 anos, ou seja, de 1010 a 1926, serão criados apenas doze novos jardins de infância: sete oficiais no Porto, quatro *João de Deus* em Coimbra, Figueira da Foz, Alcobaca e Lisboa e ainda a *Escola Israelita* que se juntavam a vinte e duas creches em todo o país (Caldeira. 2004. p. 70 e 73).

A educação pré-primária era ministrada apenas em duas instituições oficiais criadas pela *Provedoria Central da Assistência*: na *Escola Maternal da Ajuda* que fora criada em 1920 e tinha como directora Ilda Jorge de Bulhão Pato e, 3 anos mais tarde,

acolhia sobretudo órfãos da pneumónica; tinha um *Mealheiro* para dar um dote aos alunos ao saírem(...) a outra era na do Alto do Pina, inaugurada em Maio 1922. Uma escola privada para a educação pré-primária era a *Escola Maternal da Academia de Estudos Livres*, dirigida por Afonso Vargas (Caldeira. 2004. p. 77).

Da 1ª República datam outras instituições de assistência como as Cantinas, os asilos e internatos, muitas referidas também em *Os Nossos Filhos*, entre 1942 e 1958. Quanto às primeiras, elas eram em número mais do que deficiente e sempre o foram, não conseguindo dar apoio às crianças em idade escolar realmente necessitadas.

Para melhor compreendermos o panorama da época que nos interessa, vejamos um pouco do que já havia sido realizado até 1926. A partir de 1909 tinham sido criadas algumas cantinas em Lisboa. Em 13 de Janeiro desse ano tinha começado a funcionar a *Cantina Escolar de Alcântara*, na Escola Primária da Calçada da Tapada, n.º 76 e 54. Em 25 Julho é criada a *Cantina de S. Miguel* e, em 20 Novembro, a *Cantina de Sta. Catarina*, para escolas oficiais da freguesia.

Dois anos depois, a 31 de Janeiro, é criada a *Cantina da Junta da paróquia Civil de Camões*, com cantina, balneário e duas escolas-oficinas, que promoviam visitas de estudo e banhos de mar seguindo-se-lhe, a 15 Fevereiro de 1911, a *Cantina escolar de S. Mamede*, com balneário, na Rua do Rato, 47 1º, passando em 1912 para a Rua do Salitre 378, ao lado da Sinagoga. Esta cantina tinha salas de estudo e assistência médica a partir de 3 de 12-1912. Para crianças da 1ª e 2ª infância pobres e funcionava ainda nos anos 30 (Caldeira. 2004. p. 80 e seg.).

Em 21 de Maio de 1911 é criada a *Assistência Infantil da Freguesia de Santa Isabel*, na Rua Possidónio da Silva, n.º 3 e 5, à Estrela, internato para crianças de 7 a 18 anos, para aprenderem, com o seu trabalho, a angariar meios de subsistência. Em 26 de Maio foi inaugurada uma escola gratuita. Finalmente, em 7 Dezembro do mesmo ano entra em funcionamento a *Cantina do Bem*, em Campolide, na Escola Central n.º 23.

No ano de 1912 são criadas mais oito cantinas em Lisboa: nas localidades de Ajuda, Pena, S. Cristóvão e S. Lourenço, *José Estêvão* no Lumiar (cujo edifício ainda hoje existe, com a sua designação inscrita em azulejos) e Monte Pedral. Naquele número incluem-se ainda as três seguintes: *Junção do Bem*, da Rua dos Douradores, n.º 57 que dava calçado uma vez por ano, tinha cantina própria com uma refeição por dia, assim como colónia balnear (Caldeira. 2004. p. 93); a da Escola do Bairro de *O Século* para filhos trabalhadores do Jornal ou moradores no bairro, criada em 31 Março de 1912 e,

finalmente, em 13 Abril 1912, a da *Assistência Escolar de Beato e Olivais*, com cantina e balneário junto Escola n.º 20 para rapazes e alunas da n.º 71.

No que diz respeito a asilos e internatos, eles eram sobretudo destinados a crianças órfãs ou em situações de abandono. Uma das críticas que foram sendo feitas e que encontramos em *Os Nossos Filhos* é que, dessa forma, vivendo muitos anos isoladas do mundo exterior, tinham inúmeras dificuldades em se inserir na sociedade, quando chegavam à idade limite para nelas permanecer. Os dois maiores obstáculos que encontravam na nova vida resumiam-se muitas vezes a ter de lutar contra os preconceitos e também, muitas vezes, com a sua, na maior parte das vezes, pouco aprofundada e adequada preparação para o mundo do trabalho. Essa situação era a causadora, muitas vezes, de nova queda na vida de miséria de onde tinham sido resguardadas(os) durante alguns anos. Para que tal não acontecesse, muitas instituições, como veremos, foram a pouco e pouco instituindo um mealheiro para providenciar alguns meios de sustento em épocas de desemprego ou dificuldades inesperadas.

A criação da *Provedoria Central de Assistência Pública* (Caldeira. 2004. p. 103), a 25 de Maio de 1911 vem reorganizar um sem número de instituições de assistência algumas que existiam já antes de 5 de Outubro de 1910.. A título de exemplo refiram-se o *Asilo D. Maria Pia* para rapazes, fundado em 1894, o *Asilo António Feliciano de Castilho*, que funcionava na Rua Correia Teles, em Campo de Ourique e promovia a instrução primária para invisuais e a aprendizagem da música, dos 6 aos 18 anos (Caldeira. 2004. p. 141). Havia ainda outros Asilos: a *Casa Pia*, com um *Instituto de Surdos-Mudos* que tinha parte masculina na sede da *Casa Pia* e a feminina no *Instituto de Santa Isabel*- ao qual seria dado o nome de *Jacob Rodrigues Pereira*; tinha ainda a *Colónia Agrícola de S. Bernardino* e a *Colónia Agrícola Correccional de Vila Fernando* (Caldeira. 2004. p. 123).

O *Asilo de Sta. Catarina* que havia sido criado em 1 de Dezembro de 1858 existia ainda em 1919, no Largo João Nepomuceno, também em Lisboa, assim como o *Asilo Escola de S. Pedro de Alcântara*, criado em 7 de Janeiro de 1862, e o *Asilo de S. João*, criado em 2 de Julho de 1862, para raparigas órfãs e desvalidas (Caldeira. 2004. p. 130).

Muitos outros poderíamos aqui enunciar mas, interessa-nos mostrar apenas o panorama geral deste tipo de instituições existentes na Lisboa do primeiro quarto de século passado para melhor contextualizarmos os dados e propostas que são feitas em *Os Nossos Filhos* sobre este tema.

As *Casas de Trabalho* eram instituições da *Provedoria da Assistência de Lisboa* que tinham regulamento interno aprovado pelo Governo Civil, já em 5 Fevereiro 1907 (Caldeira. 2004. p. 115). Estas instituições serão muito abordadas em *Os Nossos Filhos* como forma de ajudar as raparigas pobres a aprenderem um ofício como bordadoras, lavadeiras, criadas de servir para o exercerem como forma de ganhar a vida.

Francisco de Almeida Grandella cria a *Casa Mãe*, de Benfica, "(...) destinava-se a proteger jovens do sexo feminino às quais proporcionava a aprendizagem da leitura, da escrita, das contas, do francês e do português. (...)"(Caldeira. 2004. p. 143). Com uma designação semelhante vai ser criada, na sequência de uma proposta feita em *Os Nossos Filhos*, a *Casa Mãe da Gaiata de Lisboa* que abordamos mais adiante, ainda neste subcapítulo.

Como instituições de assistência privadas, fundadas antes do início da publicação de *Os Nossos Filhos* e nele referenciadas, destaque-se o *Asilo D. Pedro V* e a *Associação Protectora das Florinhas da Rua*. A primeira fora fundada em 1857, a partir de boas vontades individuais e não havia criadas pois as alunas é que serviam á mesa, lavavam e executavam todos os trabalhos domésticos de manutenção da instituição e ainda recebia do exterior encomendas de bordados, rendas, calças e outros trabalhos 'de mãos'(Caldeira. 2004. p. 152).

A *Associação Protectora das Florinhas da Rua*, fora criada em 1917 (Caldeira. 2004. p. 145) para raparigas em perigo moral, por ideia de arcebispo de Mitilene, João Evangelista de Lima Vidal, como ainda hoje se pode ler na lápide lá colocada. Foi presidida durante cerca de 20 anos pela *Condessa de Rilvas*, Elisabeth d'Albignac Bandeira de Mello que se demite em 19 Junho 1943 indicando para a substituir a vice-presidente da Direcção, Lídia Maia Cabeça (Caldeira. 2004. p. 168. nota 4). Nessa data torna-se *Instituto independente das Florinhas de Rua*¹⁰⁶. O regime de internato só começou a vigorar em 12 de Março de 1920. Aqui também trabalharam as *Missionárias Franciscanas de Maria* que eram especializadas no método Décroly e que tinham sido formadas na Bélgica, no Instituto Médico-Pedagógico de Rixensart. Em 1936 são afastadas e a instituição passa a designar-se, e assim é ainda hoje, *Instituto Médico-Pedagógico Condessa de Rilvas*, frente ao Hospital Curry Cabral, em Lisboa.

Para a vigilância do regime de internato, podiam ter, como pessoal interno, antigas "florinhas" (Caldeira. 2004. p. 171) mas também participavam rotativamente nos

¹⁰⁶ Esta instituição, hoje mista, ainda funciona hoje no Campo dos Mártires da Pátria, n.º 108, 1º andar, em Lisboa.

trabalhos. As antigas internadas que tivessem feito vida fora da instituição estavam, no entanto obrigadas a “(...) duas vezes por mês as antigas “florinhas” irem à casa mãe(...)” (Caldeira. 2004. p. 174). Desde 1921 iam para a praia três meses porque Luísa Cabral colocava á disposição uma casa que possuía em S. Domingos de Rana e a “(...) *Companhia dos Caminhos de Ferro* do Estoril todos os anos transportava as crianças graciosamente. (...)” (Caldeira. 2004. p. 172). Em 1918 fizeram um espectáculo no *Teatro Nacional* para obtenção de fundos; “(...) que nunca chegavam. Era porém a única instituição onde o leite, hortaliça e ovos eram em maior quantidade que nos outras instituições, muitas das quais davam vinho (...)” (Caldeira. 2004. p. 221).

Desde que começou a publicação de *Os Nossos Filhos*, uma das preocupações de Maria Lúcia Vassalo Namorado foi a assistência, sobretudo no campo infantil. Na revista podemos encontrar não só a descrição de uma série de iniciativas levadas a cabo pela directora da publicação mas também a menção de muitas outras realizadas por senhoras, assinantes, ou organizadas e dirigidas por outras pessoas ou instituições. A identificação de todas essas referências e a contextualização da maioria delas é o que passamos a fazer nas linhas seguintes.

Entre Dezembro de 1942 e 1949 a revista *Os Nossos Filhos* distribuiu, gratuitamente, mais de 2000 livros ou exemplares da publicação. Existe no *Espólio* um caderno tipo papel almaço em que Maria Lúcia Vassalo Namorado fazia a *Relação dos livros, revistas, folhetos ou peças de roupa distribuídos pelos doentes pobres dos Hospitais e outras Casas*¹⁰⁷. Foram doados alguns ao *Sanatório do Outão*, em 24 de Dezembro de 1942; ao *Preventório de Colares*, em 16 Abril de 1943; ao *Sanatório da Gelfa*, em Viana do Castelo, em 10 de Janeiro de 1943; aos leprosos do *Hospital do Rego*, em 6 Novembro de 1943; a Mariana Vieira Rosa, directora da *Escola Hospital de D. Estefânia*, em 23 Fevereiro de 1943; à *Biblioteca dos Operários* da Coimbra Editora, em 7 de Agosto de 1945; a Maria Teresa Andrade Santos, do Bairro Social da Boavista, em Fevereiro de 1948 - foram dados 70 revistas religiosas, um quadro, 30 livros e santos - entre muitos outros (Caixa 27. Maço 3).

Em 1944 o tempo era de grande escassez uma vez que a Guerra não poupava nenhum país europeu, pelo menos nas suas consequências mais horríveis, como a fome. Ecos

¹⁰⁷ Num total de 13 páginas manuscritas em que está descrição minuciosa, em três colunas: designação da instituição, descrição do que foi dado e totais/data, entre 24 de Dezembro de 1942 e 1949; entre aquele primeiro ano e 3 de Dezembro de 1947 foram dados 2037 livros ou exemplares da revista *Os Nossos Filhos* (Caixa 27. Maço 3).

dessa situação de miséria encontram-se em *Os Nossos Filhos*, onde se lembra constantemente o período difícil que se vivia. Em França, concretamente, sabemos porque existe fotografia na revista, em que se vêem, como já mencionámos, elementos do *Socorro Nacional Francês* que tiram dos milhares “(...) de sacos de farinha da Cruz Vermelha o tecido para fazer roupa para crianças vítimas da guerra (...)” (ONF, Jun. 1944).

Sobre o funcionamento de dispensários há referências ao “(...) *Dispensário Pequeninós de Benfica*, desde há 4 anos, em Fevereiro; (...) com ajuda de médica Dra. Berta Manso Preto e médicos da família das meninas: Dr. Fernando Magalhães, Dr. Campos de Oliveira e Dr. Lobo Antunes(...) alugaram uma casa com três compartimentos, fizeram festas, e trabalham por turnos; (...) aberto todos os dias de manhã, para distribuição do leite; depois de tarde, há consultas médicas 3 vezes por semana e uma vez por semana crianças vêm à pesagem e recebem ração de farinha(...)ensinar mães hábitos de higiene e asseio, puericultura... em Fevereiro temos a nossa festa; oferecemos um enxoval de inverno e um de verão aos dois melhores exemplares- um rapaz e uma rapariga- 1500\$00 de cotização particular, festas e outro particular de sete contos e já dois subsídios da *Assistência Social*(...) somos 20 em turnos de três(...) ali até casarem depois também mas depois dos 30 anos deixa de fazer parte do grupo(...)das Meninas de Benfica /scanner/ só acompanham primeiro ano de vida dos bebés(...). Raparigas portuguesas têm que se compenetrar dos seus deveres e responsabilidades. Dançar pintar a boca e as unhas, fazer renda, estudar um pouco de qualquer coisa, não chega para preencher a vida duma rapariga que se preze(...)é um crime gastar os dias em futilidades, sem uma hora séria de trabalho útil e solidariedade humana(...)“ (ONF, Abril 1946)

Neste mesmo número vem a notícia assinada por Fernanda Tasso de Figueiredo¹⁰⁸, do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* em que refere o 5º aniversário da instituição, tendo sido distribuído vestuário confeccionado pelas meninas a 130 bebés(...)”(ONF, Abril 1946). Também da mesma senhora há um artigo em que se refere que este exemplo fora seguido por outras meninas ou seja, como as Meninas de

¹⁰⁸ Esta senhora do *CNMP* escreve sobre outras instituições como o *Lar da Criança Portuguesa* com sede provisória na Rua da Cerca, 402 ou Av. Brasil, 484, na Foz do Douro (ONF, Mar. 1946), sobre a *Protecção à criança da Rua*, de Octávia Isabel Lucas (ONF, Mar. 1946) e sobre a *Assistência Infantil de Sintra* sob a direcção de Margarida da Costa Ramos Machado, Marquesa do Cadaval, Viscondessa da Asseca, Carolina Anadia, Amélia de Carvalho Maia e Condessa de Castanheira (ONF, Mar. 1946) e sobre a *Casa do Ardina* na Calçada da Glória cuja directora é a assistente social Maria Luísa Ressano Garcia (ONF, Maio 1953).

Benfica, também as de Campo de Ourique criaram um grupo *Os Nossos Garotos* (ONF, Mar. 1945) que pretendia ser uma iniciativa idêntica à das de Benfica. Esta atitude é entusiasticamente apoiada pela revista e é feito outro apelo a todas as meninas que, tal como aquelas, se possam dedicar à assistência.”(...) Se a Juventude Feminina tomasse consciência das suas possibilidades. Dos seus deveres, da sua força! (...) Vamos! Nós confiamos em vocês, raparigas portuguesas! E estamos ao vosso dispor, prontas a encorajar-vos, a esclarecer-vos, a ajudar-vos! (...)” (Fernanda Tasso de Figueiredo. ONF, Fev. 1945).

O lançamento de iniciativas mesmo que esporádicas de assistência também é encorajado em *Os Nossos Filhos*. Exemplo dessa situação é, em 1950, depois de um ano de seca profunda, a disponibilidade que a *Casa do Alentejo*, em Lisboa, manifestou para receber crianças pobres da sua província porque “(...) as secas dos últimos quatro anos, consecutivas deixaram trabalhador rural na penúria(...) director da casa, Dr. Amado de Aguiar lançou ideia(...) apoio dos corações femininos(...) Marquesa do Funchal , mãe de 13 filhos, preside subcomissão de Évora, Luciana Garrido Belard da Fonseca à de Beja, e Governador Civil de Portalegre(...) benfeitores receberiam temporariamente crianças entre 3 e 10 anos porque essas seriam protegidas no próprio lar e(...) as de mais de 10 anos já não constituem um encargo para a família mas são seus auxiliares(...) A *Carris* mandou dois autocarros buscar crianças ao Alentejo e (...) 125 crianças vêm para Lisboa em 2 de Janeiro 1950 (...)” (ONF, Fev. 1950).

Por vezes, como era vulgar acontecer com as senhoras que tinham ‘os seus pobres’, o apoios aos da revista, realizado com frequência, é noticiado em *Os Nossos Filhos*. Exemplo paradigmático desta situação é o de Joaquim Alberto da Conceição Anjos¹⁰⁹ que, em 22 de Setembro de 1951, recebeu 5.454\$50, a quantia que fora obtida na subscrição que, a favor dele, fizera a revista e da qual se haviam de dar notícias em números e números sucessivos da revista (Caixa 27. Maço 3). Nas oito páginas que se seguem, este documento manuscrito onde foi feito o assento de todas as contribuições apresenta um total de 23.201\$30. De anónimos, a treze funcionários da *Companhia Reunidas de Gás e Electricidade de Lisboa*, a elementos do *Pessoal da Lavandaria do Instituto Português de Oncologia de Lisboa*, a senhoras que abrem uma subscrição por sua iniciativa, junto de conhecidos e amigos como é o caso de Maria Manuela N. S. e

¹⁰⁹ O mutilado fora indicado por Ana Barata, uma enfermeira do Hospital de S. José, entrevistada na rubrica *Mulheres que trabalham*.

Cruz ou Maria João Reys do Canto Amaral, entre o pessoal da *Estação Central Telefónica* da Horta, Açores ou ainda Rosalina Magalhães de Vila Pery, Moçambique ou até por contributo de um jornal como *O Intransigente*, de Angola, são inúmeras as pessoas que, a título de assistência privada, respondem ao apelo feito em *Os Nossos Filhos*. Maria Lúcia Vassalo Namorado utiliza com muita frequência o diminutivo quando se refere às crianças, sobretudo nos textos que, sobre assistência, escreve em *Os Nossos Filhos*. Sobre casos de iniciativa privada de assistência levada a cabo pela revista também encontramos vários exemplos como o do pedido de uma cadeira de rodas para uma menina Maria Manuela da Silva Assis, de quem se publica a fotografia na revista e se diz que:“(...) vive com a mãe e uma irmã tuberculosa na 1ª Travessa Particular à Calçada da Quintinha, nº 9. Á pobre mãe, abandonada pelo marido, já morreram um filho e uma filha, ambos tuberculosos, Resta-lhe duas filhas: uma, doente pulmonar, como acima dizemos (...) e outra, a Maria Manuela, que tem 7 anos, é linda, branca, rosada, loira, olhos azuis, mas, pobre vítima da meningite, cega, parálitica, e tontinha! ...Acontece que, duas vezes por semana, a mãe vai, da Calçada da Quintinha ao Hospital de Santa Marta, com a filha de 7 anos, ao colo, para esta receber tratamento.....A nossa Revista tem-se mantido com inúmeras dificuldades, e está longe de «viver» desafogadamente. Não pode, por isso, levar à pequena Maria Manuela, a cadeirinha, as botas, os agasalhos de que necessita (...)”. Por esta razão, a revista inicia uma subscrição a favor da referida criança e, dando o exemplo, contribui com 50\$00. Rapidamente a cadeirinha é oferecida pela menina Maria da Conceição Salema, de Castelo de Vide, rendendo a subscrição a quantia de 2.438\$80 e no texto de agradecimento diz-se:“(...) verificámos que a bondade não morre, muitos a sabem praticar (...) o que se fez agora, por uma só criança, não se poderia fazer, com carácter permanente, por todas as crianças doentes, desamparadas, infelizes? (...) Bastaria congregiar todas as boas vontades, todos os esforços, para o fim único: salvar, proteger, amparar a criança. Se todos nos uníssemos e dêssemos muito ou pouco do que podemos dar — em dinheiro, em trabalho, ou apenas em interesse — que grande Obra realizaríamos!(...)” (ONF, Abr. 1945). Como se vê, a reflexão é feita a partir da importância que a directora da revista atribui á solidariedade e fraternidade.

Uma das primeiras notícias sobre assistência a crianças na revista é sobre uma instituição que se havia inaugurado havia pouco tempo em Lisboa: a *Casa de Repouso*

do *Menino Jesus*¹¹⁰, destinada as crianças pobres saídas dos Hospitais (ONF, Ago. 1942).

A solidariedade para com os desprotegidos e os que sofrem é uma das facetas que move Maria Lúcia Vassalo Namorado ao orientar ou liderar alguns apoios a iniciativas de carácter particular dirigidas a um(a) só necessitado(a). Há alguns exemplos deste tipo de pedidos em *Os Nossos Filhos* sendo porém o caso de Joaquim Alberto da Conceição dos Anjos, como referimos, o mais digno de nota. Durante mais de um ano a revista coordenou uma subscrição em seu nome. Mas, como chegara o caso ao conhecimento de Maria Lúcia Vassalo Namorado?

Durante o ano de 1949 a revista abriu uma nova secção intitulada *Que fazem as mulheres? Como organizam a sua vida, pelo que se interessam, o, que pensam, «como são» as mulheres que trabalham?* Várias foram as entrevistadas, como vimos e, entre elas, estava a enfermeira Ana Barata do Serviço de Banco do *Hospital de S. José*. Quando lhe foi pedido que relatasse um episódio que, na sua profissão, a tivesse impressionado, ela referiu o de um rapaz do Seixal que, aos 21 anos, no serviço militar e em dia de folga fora “(...) atingido por um comboio, e a quem foi preciso cortar imediatamente as duas pernas e um braço. Nunca vi ninguém com tanta coragem, tanta fé e tanto amor à vida (...)” (ONF, Fev. 1949). No número seguinte é Maria Lúcia Vassalo Namorado que, como sempre nas iniciativas de carácter assistencial que preconiza, lança o apelo para que sejam dadas umas pernas artificiais ao rapaz e, vai mais longe, ao afirmar que depois poderiam pensar até em lhe dar uma profissão.

A solidariedade gerada em torno deste caso é impressionante. Em secção intitulada *Ternura humana*, Maria Lúcia Vassalo Namorado vai dando conta às leitoras do que vai sendo recebido na redacção de *Os Nossos Filhos* para ajudar o referido rapaz. Há uma senhora, “(...) Maria de Lourdes Lopes C. Dias, mulher de Filipe Lopes C. Dias, que foi pedindo a todos os seus fornecedores (...) e à sua pequena, /ou seja, a criada/ Virgínia Lúcia Duarte que dá 2\$00 e que conseguiu, ela e as pessoas suas conhecidas 100\$00 (...)” (ONF, Set. 1949). A Revista já tem 4.048\$50 mas está “(...) muitíssimo longe da quantia necessária (...) precisa de duas dezenas de contos de reis(...)” (ONF, Out. 1949), sendo uma “(...) pena que ainda não as possa ter no Natal...(ONF, Dez. 1949. p. 15. Afirma que não será difícil pois se “(...) há tanta gente rica, que pode gastar contos de

¹¹⁰ Sobre a mesma instituição sairá outra notícia, breve também, em Maio de 1948: “(...) Estivemos na *Casa de Repouso do Menino Jesus* deixámos trinta e um brinquedos, livros, revistas e estampas que as pequeninas receberam com vivo entusiasmo(...)”.

réis em festas, passeias, «toilettes» e coisas supérfluas!(...) (ONF, Mar. 1949) também poderá ajudar o rapaz que está internado no *Hospital Militar da Estrela* (ONF, Maio 1949). Todos os meses vão ser listados, em coluna criada para o efeito, os contributos que a revista recebe com este fim com identificação exaustiva de cada contribuinte e respectivo montante. Em Junho desse ano, o apelo é mais veemente: (...)se todas leitoras de *Os Nossos Filhos* dessem 5\$00 não só teria pernas como teria futuro resolvido. Quem o não pode fazer?(...)” (ONF, Jun. 1949). A lista dos donativos continua a aumentar e, a solidariedade alastra a Angola, onde Maria Amélia de Moraes, na cidade de Lobito, com patrocínio do jornal *O Intransigente*, de Benguela, promoveu uma subscrição e conseguiu angariar 11.707\$80 (ONF, Jan. 1950).

Quando o montante já se elevava a 18.441\$30 há uma outra questão que urge resolver: “(...) Estamos a chegar ao fim da missão que nos propusemos, mas um novo problema surge: tão importante como proporcionar ao simpático rapaz a possibilidade de andar, é ajudá-lo a refazer a sua vida. Antes do desastre, e antes ir para a vida militar, o Joaquim Alberto trabalhava nos barcos do Tejo, É uma profissão para a, qual não pode voltar. O que irá então fazer agora? Nós queremos absolutamente, que ele seja uns homem independente e útil, queremos eu se baste, a si próprio, que retorne ao seu interesse pela vida, que sinta de novo a alegria, que o trabalho dá. Queremos que encare o futuro com confiança (...) é pois a altura de conversarmos, demoradamente com o Joaquim Alberto sobre este segundo problema, para ajudarmos na realização dos sonhos que já terá acalentado nestes longos e arrastados meses de sofrimento expectativa. De tudo o que se passar daremos conta aos nossos estimados leitores(...)”.(ONF, Abr. 1950).

No mês seguinte (ONF, Maio 1950) será fechada a subscrição. O deficiente estava então “(...)no Quartel de Infantaria 1 (...) onde recebera do *Socorro Social* as duas pernas de alumínio articuladas e o braço na sequência da colaboração do “(...) Coronel do Estado maior António Augusto de Sousa e do Tenente coronal Pinto Cardoso, 1º e 2º comandantes de Infantaria 1 e ainda do 1º Sargento Ilharco (...). Com o dinheiro vai montar um negociozinho de frutas ou hortaliças no Seixal (...) e parte do dinheiro é para fazer exame da instrução primária (...)” (ONF, Maio 1950). Apesar deste optimismo, o rapaz tivera necessidade de se manter mais tempo no *Quartel de Infantaria 1*(...) pois as pernas tinham sofrido muitas alterações (ONF, Jul. 1950). No ano seguinte a notícia continua pois fora um rude golpe para o rapaz perceber que as pernas apenas lhe iriam “(...) servir para completar o corpo e não para andar (...)” (ONF, ONF, Dez. 1951). Os donativos tinham atingido o valor final de 23.151\$30 e havia

ainda juros a receber pois o dinheiro estivera no *Banco Borges & Irmão* (ONF, Dez. 1951).

Como referimos este é o caso mais terrível que se apresenta em *Os Nossos Filhos*. No entanto, outros há em que se pretende (e consegue) apoiar crianças ou mães e até famílias em circunstâncias penosas.

Outra obra de assistência pública, estatal, cuja divulgação se faz em *Os Nossos Filhos* é a *Obra de Assistência da Junta Geral do Distrito de Coimbra*, nas suas diversas valências, dirigida por Bissaya Barreto, que como presidente, aí iniciara funções políticas em 1927. Fora ele também o responsável pela “(...) edição ininterrupta do jornal quinzenário *A Saúde*, entre 1931 - 1942, então o meio privilegiado para divulgar a obra de assistência levada a cabo por aquele organismo (...)” (SOUSA, Jorge 1999, p. 15). Este médico, “(...) Fernando Baeta Bissaya Barreto Rosa - nascido em Castanheira de Pêra em 1886 e falecido em Lisboa em 1974 e que, desde 1932 integrava a Comissão Central da *União Nacional* - (...) teve vida longa, marcada por um enorme poder de realização no campo da assistência pública (...)” (SOUSA, Jorge Pais de (1999) p.15) e realizou a sua obra mais conhecida no distrito de Coimbra uma vez que ali vivia e que aí, ou nas imediações, criou, primeiro como presidente da *Junta Geral do Distrito de Coimbra* – depois *Junta de Província da Beira Litoral* e por último *Junta Distrital de Coimbra*¹¹¹, um conjunto de equipamentos ainda hoje a funcionar. De todos eles, apenas nos interessam aqueles que, em *Modas & Bordados* ou em *Os Nossos Filhos* vão ser apresentados como exemplos de dedicação e carinho quer à causa assistencial quer à causa da educação das mulheres e das crianças, seja na Puericultura seja na formação feminina. Em Celas, em Coimbra, criou Bissaya Barreto o primeiro *Sanatório de Mulheres* e o *Sanatório Infantil* que estiveram na origem do *Hospital Pediátrico de Coimbra*. A partir de 1938, a Junta da Província da Beira Litoral – JPBL, presidida por Bissaya Barreto, lança-se na criação de uma rede de *Casas da Criança* que pretendia cobrir todos os concelhos que integravam a província. Em 1945 criara o Hospital Psiquiátrico Sobral Cid e em Lorvão, em 1959, (Sousa, 1999. p. 110) criou o *Hospital Psiquiátrico* que Maria Lúcia Vassalo Namorado conhecia pois que essa era a localidade onde o marido nascera e onde ela frequentemente passava férias (Cf. cap. sobre *Exposição de Arraiolos*, neste trabalho).

¹¹¹ Cf. *Espólio* as notícias e os folhetos de divulgação publicados por este organismo.

Também foi este médico que fundou a *Maternidade* que ainda hoje tem o seu nome e também, na Tocha, promove o o *Hospital de Leprosos Rovisco Pais*, onde ainda hoje vive a última meia centena de pacientes, agora curados, da terrível doença. Na área da formação feminina foi ele que a criou a *Escola Normal Social* de Coimbra, que à semelhança do *Instituto Social* do Largo do Mitelo, em Lisboa, formava senhoras que, como Maria Eugénia Varela Gomes ou Adriana Rodrigues Barata Moura, aí se especializaram numa área então nova no país: a da assistência social. Em Coimbra, esta Escola fornecia um contingente de assistentes sociais que se integrava nas *Casas da Criança*, por ele também criadas e que foram buscar a designação às de Maria Montessori, e os parques com elas relacionados são a mais conhecida realização da Junta: o *Portugal dos Pequenitos*. A Junta criará também a *Obra de Protecção à Grávida e Defesa da Criança*. Esta foi instalada num edifício “(...) onde funcionava o Hospício Distrital, que ia ser extinto e que havia sido propriedade em tempos da própria Junta (...). Bissaya Barreto “(...) conseguiu a devolução dessas instalações pelo Dec. 19.034, para que nelas fosse instalado o *Ninho dos Pequenitos* (...)” (Sousa, 1999. p. 135).

Naquela *Obra de Protecção à Grávida e Defesa da Criança* era objectivo de Bissaya Barreto fazer a chamada profilaxia pós-natal. “(...) Para o efeito, inspira-se na luta contra a mortalidade infantil dos filhos de pais tuberculosos, levada a efeito em França com muito êxito pelo professor Leon Bernard, ao criar «centros de colocação colectiva» ou «Pouponnières», *Ninhos dos Pequenitos* na tradução portuguesa, ou seja, institutos organizados para receber e educar crianças dos 0 aos 4 anos...que deste modo as crianças recolhidas entre os 0 e os 4 anos no *Ninho dos Pequenitos*, a fazer no edifício do Hospício, aos 4 anos transitam para o *Preventório de Penacova*, onde são tratadas e educadas até aos 12 anos; nesta idade são admitidas na *Escola Agrícola Profissional de Semide* donde devem sair aos 18 anos com o seu curso completo. Quer dizer a *Junta Geral* toma sob a sua protecção os filhos dos tuberculosos no dia de nascimento, aninha-os, cuida-lhes da saúde, educa-os, fortalece-os, dá-lhes um curso, retira-os do meio infectado em que nasceram, põe-nos em contacto sempre com a natureza e entrega-os depois à sociedade, são e robustos. A 28 de Novembro de 1930 a Junta toma posse das instalações do *Hospício Distrital* e dá início às obras naquele edifício (...)” (Cf. Sousa, 1999. p. 136 e *Espólio*).

Na área da profilaxia e tratamento da tuberculose também foram criados por Bissaya Barreto os *Preventórios de Penacova*¹¹² e da Tocha e a *Escola Profissional de Semide*¹¹³ esta “(...) para rapazes em situação de risco, com a interferência do governador civil, o governo virá a ceder parte das instalações do extinto convento para serem adaptadas para aquele fim(...)” (Sousa, 1999. p.122).

Sobre estas instituições de assistência criadas por Bissaya Barreto escreverá Maria Lúcia Vassalo Namorado alguns dos seus artigos: sobre a *Junta Geral do Distrito de Coimbra* tem um texto em *Modas & Bordados* n.º 1245, publicado em 18 de Dezembro de 1935; sobre o *Preventório de Penacova* escrevera, na mesma publicação, a pedido de Maria Lamas (cf. cap. correspondência entre ambas) um artigo assim intitulado, no n.º 118 de 12 de Julho de 1933 e outro, com o mesmo título também, na *Secção* que ela assinava em *Modas & Bordados - Carta de Coimbra* - no n.º 1256 de 4 de Março de 1936. Tal como se constata na revista que acabamos de referenciar ou em *Os Nossos Filhos*, as notícias elogiosas a estas obras de assistência devem ser vistas à luz das grandes preocupações da época, ou seja, o empenhamento na luta contra algumas das doenças que mais preocupações causavam à sociedade de então e que, como veremos na área das doenças referidas em *Os Nossos Filhos*, são entre muitas outras “(...) a lepra, as doenças venéreas, a loucura, o paludismo, a tuberculose e a mortalidade infantil (...)” (SOUSA, 1999, p. 16) e o alcoolismo.

Mas, que razões teriam levado este homem a criar uma obra de assistência de tal envergadura? Bissaya Barreto, enquanto estudante de Medicina em Coimbra foi iniciado na Maçonaria. Tal como o pai de Maria Lúcia Vassalo Namorado, os valores da solidariedade, do apoio aos pobres e da preocupação com todos os desfavorecidos da sociedade vão estar subjacentes à obra de Assistência que aquele médico vai organizar mais tarde. A admiração que, nos artigos de *Modas & Bordados* ou em *Os Nossos Filhos*, apenas nos seus primeiros anos, se dedica a este médico e às suas realizações de carácter humanista e filantrópico, não podem deixar de ser vista sob esta óptica.

Bissaya Barreto e, mais tarde, Maria Lúcia Vassalo Namorado vão dedicar uma atenção especial à árvore, aos jardins e à natureza. A poesia da futura directora de *Os*

¹¹² A “(...) Junta Distrital de Coimbra consegue, através da Portaria 6.870, a autorização para que a Misericórdia de Penacova ceda as instalações do seu hospital para ali ser instalado um Preventório, vocacionado para tratar crianças que haviam vivido num meio infectado pela tuberculose e que podiam de outro modo contagiar-se (...)” (Sousa, 1999. p.134).

¹¹³ Única referida em *Os Nossos Filhos* mas à qual se juntaram outras em Travanca de Lagos, Monte Redondo, Cantanhede, Sever do Vouga e Tocha (Sousa, 1999. p. 15).

Nossos Filhos intitulada *Canta a lenha na lareira*¹¹⁴ mais tarde publicada novamente num dos manuais escolares¹¹⁵ do Estado Novo ou a conferência que sobre a árvore faz o professor primário em Goa mostram-nos que a *Festa da Árvore* promovida pelo *Grande Oriente Lusitano*, a partir de 1908 e até 1912, fora considerada fundamental no processo de formação das crianças (Sousa, 1999. p. 73).

Bissaya Barreto merece ainda uma outra referência neste trabalho pois que em 1931 lança o jornal «*A Saúde: jornal popular, bimensal, de higiene e profilaxia sociais*»¹¹⁶, da *Junta Geral do Distrito de Coimbra*, com direcção do médico Armando Gonçalves, responsável pelo *Dispensário Antituberculoso*. Esta publicação que terminará precisamente em 1942, o ano em que Maria Lúcia Vassalo Namorado inicia a publicação de *Os Nossos Filhos* - tem como objectivo, como acontecerá também com *Os Nossos Filhos*, educar as pessoas no sentido de, através da sua leitura, obterem os ensinamentos indispensáveis à profilaxia da saúde, através sobretudo de identificação, exemplificação e interiorização de preceitos de higiene, necessários a todas as classes, aos ricos e aos pobres. Lutar contra as credices e superstições será, como se vê em *Os Nossos Filhos*, um dos objectivos desta publicação e, onze anos depois deste jornal de Bissaya Barreto ter iniciado a sua publicação, o estado de ignorância das populações continuava calamitoso. Estas iniciativas esbarravam com um forte entreve social: as populações que delas mais precisavam eram analfabetas o que dificultava a disseminação de muitas normas de profilaxia e higiene indispensáveis a uma melhoria das condições gerais da vida da população.

A higiene está sempre presente na obra de Bissaya Barreto assim como em *Modas & Bordados* ou em *Os Nossos Filhos*, como veremos ainda neste subcapítulo. Foi um tema “(...) desde sempre, (...) caro à ideologia e à propaganda republicanas, e como tal presente no pensamento pedagógico do republicanismo em Portugal. Está por exemplo, patente em João de Barros (...); o discurso pedagógico republicano considerava que a «república devia dar às crianças uma educação total e optimista, que, incidindo sobre o

¹¹⁴ Que fora publicada pela primeira vez em *Modas & Bordados*, n.º 946. de 26 de Março de 1930 e será publicada em 1932, com o mesmo título que em *Modas...* - “Canta a lenha na lareira”/poema/. *A Renascença: semanário Pela Pátria. Pela República*. Torres Novas. 17-4-1932.

¹¹⁵ Referimo-nos a Maria Lúcia (s.d.)- “O Destino da árvore” /poema/. In *Livro de leitura da 3ª classe*. Lisboa: Ministério da Educação Nacional. P. 67-68

¹¹⁶ “(...) A partir do segundo ano de publicação do jornal, este passa a incluir um suplemento especial dedicado às crianças (...)”, intitulado *A Saudinha*. *A Saúde* tinha “(...) tinha uma tiragem média de 20 mil exemplares e era distribuído gratuitamente pelo distrito e província, tendo sido único no seu género, enquanto publicação vocacionada para a divulgação de hábitos de higiene e profilaxia social em Portugal (Sousa, 1999. p. 138).

corpo, pela ginástica e pela higiene, e sobre a alma, pelo ensino cientificamente adequado e pela educação moral e cívica, regenerasse a ‘raça’ e formasse o ‘carácter’, dando-lhes a ‘energia’ bastante para vencerem os factores que estavam a degenerar a ‘alma nacional’» (Catroga, cit. In Sousa, 1999. p. 137). Com Bissaya Barreto, nos anos 30 e início dos anos 40 e com Maria Lúcia Vassalo Namorado este objectivo da educação republicana ainda não fora atingido.

Este jornal de Bissaya Barreto assim como, mais uma vez, *Os Nossos Filhos* vai ser usados, como faziam os republicanos que haviam percebido a importância da imprensa como veículo de informação e formação, para neles divulgarem os hábitos de higiene mais correctos para afastar as doenças como o alcoolismo, o tabagismo, a sífilis, a tuberculose e o paludismo ou “sezões”.

Em *A Saúde* (...) um especial relevo é dado à saúde infantil e ao combate à mortalidade infantil. Por isso, divulga noções de «medicina caseira» e defende que as futuras mães deviam adquirir formação específica para a maternidade, na escola oficial. Nessa formação escolar devia ser dada especial atenção ao período pré-natal, à primeira infância, e depois à educação intelectual, moral e física das crianças. Divulgam-se, ainda, quanto ao tema da protecção à infância, declarações dos direitos da criança¹¹⁷ e aborda-se a acção de várias tipos de instituições relacionadas com a protecção da criança (...)” (Sousa, 1999. p. 137).

Para compreender algumas das medidas profilácticas preconizadas em *Os Nossos Filhos*, contra a tuberculose, a febre tifóide ou outras não é descabido perceber o que era o país, mesmo em 1931 quando Bissaya Barreto criou o jornal *A Saúde* até porque é “(...) entre os anos de 1928 a 1931 que o núcleo da obra assistencial da *Junta Distrital* se começa a estruturar, designadamente, a *Obra Antituberculosa* e a *Obra de Protecção à Grávida e Defesa da Criança* (...)” (Sousa, 1999. p.139).

Mais do que *Modas & Bordados*, a revista *Os Nossos Filhos* dá-nos conta da péssima situação que existia em Portugal, nos anos 40, em termos de saúde pública. Contra as elevadas taxas de tuberculose e de mortalidade infantil se havia insurgido Bissaya

¹¹⁷ Divulga-se a *Declaração dos Direitos da Criança*, em *A Saúde*, n.ºs 177 e 178, de Maio de 1938, p. 5 e 3. Esta mesma declaração também vai ser publicada em *Os Nossos Filhos*, com indicação de ter sido aprovada em 1924 pela Sociedade das Nações, assim como em *Jornal Magazine da Mulher*, dirigido por Lília da Fonseca, em 1951. A utilização do texto desta Declaração é frequente entre os anos 30 e mesmo depois dos anos 60 pois que, aquando da “(...) inauguração das actuais instalações do *Instituto Maternal de Coimbra*, em 1963, Bissaya Barreto fará expor em painel de azulejos e em local bem acessível ao público, a *Declaração dos Direitos da Criança*. Esta ainda hoje é susceptível de ser apreciada, ao aceder aos serviços situados no lado poente do referido edifício (...)” (Sousa, 1999. p. 137)

Barreto e continuará a batalhar Maria Lúcia Vassalo Namorado que não conseguia esquecer que a maior parte das crianças morria antes de completar um ano de idade, vítimas de má alimentação à nascença, de falta de higiene das mães, de gastrenterites, de debilidades várias, de doenças sexualmente transmissíveis, ou outras.

Maria Lúcia Vassalo Namorado, que passava férias no Luso no início dos anos 30, soube por certo da homenagem que diversos grupos e “(...) “as classes operárias de Coimbra”(...)” (Sousa, 1999. p. 141) promoveram, em 21 de Junho de 1931, para agradecer a Bissaya Barreto a obra por ele realizada desde que tomara posse como presidente da *Junta Distrital de Coimbra*, quatro anos antes. Sabemos também, pelos artigos que escreveu em *Modas & Bordados* dirigida ainda pela prima Maria Lamas, que ela conhecia bem as iniciativas da *Junta Distrital de Coimbra* e do seu presidente. Tendo ela conhecimento de todas estas actividades de Bissaya Barreto não admira pois que seja, de forma entusiasta, que sempre se refira a este médico e à obra por ele realizada, quer em *Modas & Bordados*, quer, mais tarde, em *Os Nossos Filhos*, a revista de que será directora, até porque, quando se casara fora viver precisamente para...Penacova, como já vimos no capítulo relativo à sua biografia.

Maria Lúcia Vassalo Namorado vivia ainda naquela localidade quando, no ano antes do nascimento do seu primeiro filho, na *Sociedade Portuguesa de Geografia de Lisboa*, em Maio de 1934, se realiza o I Congresso da *União Nacional*. O médico Bissaya Barreto que já fazia parte, desde 1932, da *Comissão Central* daquele movimento, vai apresentar três comunicações: uma sobre *Medicina Social*, outra sobre a *Assistência Psiquiátrica em Portugal* e uma última em que faz o balanço do trabalho realizado, até então, pela *Junta Geral do Distrito de Coimbra*. Na primeira, como acontecerá mais tarde em muitos dos artigos que sobre o tema encontramos em *Os Nossos Filhos*, apela-se à necessidade de se identificarem todos os indivíduos portadores de doenças, de se conhecerem todas as medidas de saneamento que “(...) defendam o indivíduo são do contagioso, que dêem habitações salubres e higiénicas, que promovam desinfecções (...)” (Sousa, 1999. p. 160), assim como a necessidade de se educarem as famílias (para Maria Lúcia Vassalo Namorado havia que educar sobretudo as Mães) e se prestar assistência aos doentes que dela precisassem. Embora muitos anos mais tarde, em *Os Nossos Filhos* temos uma visão e proposta semelhante da assistência aos doentes, defendendo-se a actuação contra as doenças em dois campos: “(...) por um lado combatendo as suas causas através da promoção de uma Medicina Preventiva ou profiláctica educativa que altere os costumes e hábitos de higiene das

populações, por outro fazendo o combate à doença propriamente dita (...)” (Sousa, 1999. p. 160).

Esta dimensão educativa da Medicina, defendida por Bissaya Barreto, está presente em todos os artigos que, em *Os Nossos Filhos* são escritos por médicos(as) sobre as diversas doenças e formas de as evitar ou tratar, assim como sobre a assistência e cuidados a prestar às crianças sãs e às doentes. Nesta luta há um elemento chave, a mulher - ou a mãe, no caso de Maria Lúcia Vassalo Namorado – a quem compete agir, auxiliando o médico, quer como enfermeira em casa, como educadora na escola ou junto de outras mulheres, amigas ou inferiores socialmente, ou como voluntária em muitas instituições que por esse país tentam erradicar o flagelo da doença.

Será nesta comunicação que ele defende a criação de *Escolas de Serviço Social* em Lisboa, Porto e Coimbra, de forma que a mulher possa aí encontrar os conhecimentos adequados ao cumprimento dessa missão.

Do problema da assistência psiquiátrica se ocupa a segunda das intervenções de Bissaya Barreto naquele I *Congresso da União Nacional*. Quando em 1945 ele consegue que seja criado o *Hospital Psiquiátrico Sobral Cid*, perto de Coimbra, já a revista *Os Nossos Filhos* terá publicado uma série de artigos, como veremos, sobre os problemas dos anormais, sobre a necessidade de fazer profilaxia mental, e a despistagem dos distúrbios mentais provocados muitas vezes por doenças hereditárias, como o alcoolismo e outras.

Enquanto que, neste mesmo Congresso, a Condessa de Rilvas defende uma assistência mais próxima, do ponto de vista teórico, do *catolicismo social*, Bissaya Barreto, demarca-se dessas concepções pois “(...) ao defender para o Estado um «dever» de intervenção neste domínio(...)” ele coloca-se no “(...) grupo de republicanos laicos, em oposição aos monárquicos e aos católicos(...)” (Sousa, 1999. p. 164). É naquele mesmo grupo do médico conimbricense, se bem que sempre fora da *União Nacional*, que poderemos colocar as propostas que Maria Lúcia Vassalo Namorado defenderá mais tarde, em *Os Nossos Filhos*. Porém, sob a égide do Patriarcado de Lisboa, o *Instituto de Serviço Social*, criado em Lisboa, em 1935, no Largo do Mitelo, e que ela tanto vai defender em *Os Nossos Filhos*, será orientado por aquela concepção que fora defendida pela Condessa de Rilvas, que se torna também a sua primeira dirigente.

A criação de uma escola desse género - a *Escola Normal Social* - em Coimbra, só se verifica em 1937 e é concretizada pela *Congregação das Franciscanas Missionárias de*

*Maria*¹¹⁸ que formava assistentes sociais, como a de Lisboa e ainda enfermeiras visitadoras (Martins, 1993. cit. In Sousa, 1999. p. 165).

A razão da vinda destas missionárias para Coimbra está directamente relacionada com a concepção que Bissaya Barreto tinha do que devia ser a assistência e que ele fora buscar ao modelo francês, precisamente de onde era oriundo o grupo de freiras que ele colocará á frente da *Escola Normal Social*, por intermédio de um organismo que ele liderou durante 47 anos: a *Junta de Província da Beira Litoral*¹¹⁹.

A falta de pessoal especializado em Portugal que formasse as mulheres nesta área vai levar Bissaya Barreto a convidar, em 1935, “(...) a vigária provincial da Congregação, Isabel de France (...) com o objectivo de visitar os equipamentos de assistência da *Junta*. Resultou dali o convite para que, em meados do ano seguinte, um grupo francesas no qual se incluía a própria Isabelle de France, Constance Davon, Madeleine Jamot, Raymond Trouvay e a portuguesa Ester Fernandes, todas da Congregação, assumissem a direcção da *Obra de Protecção à Grávida e Defesa da Criança*. Todas estas religiosas eram pessoas qualificadas em termos de estudos e portadoras, naturalmente, de formação específica, por escolas e organismos franceses vocacionados para a prestação de assistência social. A título de exemplo, aponta-se o caso daquela que se tornou, porventura, a religiosa mais conhecida e que mercê da sua competência e dinamismo veio a assumir responsabilidades na direcção no seio da *Escola Normal e Social*, e da referida *Obra de Protecção Grávida e Defesa da Criança*. Falamos de Constance Davon, que se instalou em Coimbra com a missão de abrir o *Ninho dos Pequenitos*, e era puericultora diplomada pela *Escola de Puericultura da Faculdade de Medicina de Paris* e assistente de *Psicologia e Higiene Mental* pela *Universidade de Sorbonne* (...)” (Martins, 1993. vol II, p. 243, cit. In Sousa, 1999, p.167).

¹¹⁸ Esta Congregação, que se estabeleceu em Portugal em 1895, actuava também na área do “Catolicismo social” e a sua actividade cessara aquando da revolução de 1910. A Província desta Congregação só se restabelece em Portugal em 1937, “(...) com a recuperação da Casa do Cristo da Boa Morte, em Lisboa(...)” (Castro e Esteves, dir, 2005. p. 358-360). Ainda hoje estão aqui estabelecidas cerca de 260 irmãs, dispersas por 28 comunidades. Á data da criação da Escola de Coimbra, esta Congregação, como vimos, estava a ser reintroduzida em Portugal.

¹¹⁹ A *Junta de Província* é “(...) um organismo autárquico da administração pública, cujas raízes remontam à reforma do liberalismo de 1835 e que será reorganizado com a 1ª República em 1913, onde passou a ter a designação de *Junta Geral do Distrito*. O conhecimento do quadro jurídico e das competências destas autarquias é essencial para compreender o comportamento político de Bissaya Barreto, que presidiu a um destes organismos durante cerca de 47 anos. Assim, a partir da publicação em 1936 do *Código Administrativo do Estado Novo* (Dec-Lei n.º 31.095), da autoria de Marcelo Caetano, a autarquia distrito é substituída pela autarquia província (...)”. Sobre este organismo, veja-se a continuação desta excelente descrição que é feita em Sousa, 1999. p. 165.

Estas religiosas defendiam o *método de Calmette*, referido em *Os Nossos Filhos*, quando se apresenta o Centro da Rua Coelho da Rocha, em Campo de Ourique e que defende que as crianças devem ser vistas no dispensário e continuar a ser vigiadas em suas casas, pelas mesmas enfermeiras que ali a observaram, sobretudo ao nível do conhecimento que assim podiam ter das famílias e das condições higiénicas em que as crianças viviam e ainda controlar a administração de medicamentos prescritos pelo médico ou do regime alimentar aconselhado.

Esta inovação em relação ao serviço social que se estende ao domicílio deve ser vista, no estrangeiro, como consequência da Guerra que trouxe consigo a miséria e criou a necessidade de novas instituições vocacionadas para a assistência pública, para a preocupação com a higiene social e para a necessidade de formação de profissionais com valências até então pouco valorizadas. A revista *Os Nossos Filhos* vai ser um veículo de afirmação destas inovações uma vez que nela encontramos diversos artigos em que a educação das mães para as questões da higiene social é identificada como sendo uma das grandes preocupações da época. Neste sentido devem ser vistos os artigos que nela são publicados sobre a tuberculose, sobre as doenças venéreas, a sífilis e os seus efeitos maléficos assim como para a necessidade de prestar mais apoio à área materno-infantil.

Uma outra influência no currículo da *Escola Normal Social* de Coimbra vem do “(...) *socialismo municipal* de Henri Sellier¹²⁰ (...) presidente do município de Suresnes, no início da década de 20, que se propunha, (...) influenciado pelas ideias de Edouard Vaillant, ‘fazer obra de ‘socialismo municipal’ e procurar para os seus munícipes todo o bem-estar possível, sobretudo na saúde e na instrução(...); criou em 1923 as visitadoras polivalentes, para tomarem a seu cargo os problemas de cada família visitada, para evitar a intervenção de enfermeiras visitadoras e de outros intervenientes no mesmo processo, pois constatava-se não raras vezes suscitarem-se conflitos de competência, além de levar aos lares um número excessivo de agentes(...)” (Sousa, 1999. p.169).

Constance Davon orientou então a *Obra de Protecção à Grávida e Defesa da Criança* e a *Escola Normal Social* no mesmo sentido, ou seja, o de dar às assistentes

¹²⁰ Em 1936, “(...) Henri Sellier assumirá as funções de ministro da Saúde Pública, no governo da *Frente Popular* de Léon Blum, onde defende uma orientação para o serviço social que tenha em conta este carácter polivalente, pois perspectiva o serviço social como um instrumento de progresso social e não um meio de controle pela «organização metódica da solidariedade nacional no domínio sanitário e social». Dois anos depois procedeu-se, em França, à unificação dos diplomas e das funções das visitadoras -1922 - e das assistentes de serviço social -1932 -, para a adopção do título comum de assistente social para todas as trabalhadoras sociais(...)” (Sousa, 1999. p.169).

sociais a componente de ‘polivalência’. A partir de 1838, como referimos, são criadas as primeiras *Casas da Criança* que tinham sempre dois espaços separados: uma sala onde se faziam as consultas médicas e um outro onde estavam as crianças com idade inferior a 3 anos. Para dar apoio às *Casas da Criança* vai ser criado, na *Escola Normal Social*, um *Curso de Especialização de Enfermeiras Puericultoras Visitadoras de Infância*. A articulação, através de estágios, feita entre as duas instituições leva ao publicamente reconhecido decréscimo da taxa de mortalidade em toda a Beira Litoral (cf. *Espólio*). Apesar de todo este trabalho, Constance Davon que pretendia “(...) lançar associações católicas femininas para o sector do serviço social (...)” e que “(...) veicula em Coimbra uma «concepção progressista» de serviço social, e que orienta a *Escola Normal Social* e a profissão, no sentido da «justiça social» e da «defesa dos direitos humanos» (...)” (Sousa, 1999. p. 173), verá sempre o seu trabalho posto em causa pelos sectores mais tradicionalistas da hierarquia católica e, tais pressões levam-na a deixar o país, em 1958.

A noção de higiene que perpassa em *Os Nossos Filhos* sofre grande influência, sob o ponto de vista teórico, da visão republicana que havia sido condensada no *Projecto de regulamento de higiene geral aplicável aos estabelecimentos oficiais de instrução secundária*¹²¹, onde se defendia que o reitor era o responsável máximo pela vigilância e higiene das escolas que orientava. Porém, a obra cuja influência sabemos ser mais detectável, neste campo, em muitos dos artigos de *Os Nossos Filhos* é a de Brás Nogueira¹²² que considera a sua obra “(...)um catecismo de saúde que convém ler mais do que uma vez(...)” (Nogueira, 1942. p. 2). Esta é uma das áreas que, analisada do ponto de vista teórico se deve incluir nas questões mais gerais da saúde abordadas na revista mas que, do ponto de vista prático, pode ser incluída nas questões que se relacionam com a assistência porque ela teria várias intenções que iriam desde “(...) conservar a saúde, aperfeiçoar a saúde e aplicação de princípios para aumento da utilidade social(...) através da educação profiláctica do indivíduo, da profilaxia individual e da profilaxia da colectividade(...)que abrange a organização das escolas, etc(...)”(Nogueira, 1942. p.2).

¹²¹ CONSELHO Superior de Instrução Pública. Secção Permanente (1909) – *Projecto de regulamento de higiene geral aplicável aos estabelecimentos oficiais de instrução secundária*. /apresentado por/ José Curry da Câmara Cabral, Sebastião Cabral Costa Sacadura, José Estêvão de Morais Sarmiento. Lisboa. 18 de Janeiro. In Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (1995) – *Projecto de Regulamento de Higiene destinado aos Liceus –1909*. Lisboa: (ex. fot.). 12, /7/ p.

¹²² NOGUEIRA, Brás (1942) – *Lições de higiene*. 1ª ed. Lisboa: Herdeiros da Tipografia Vieira. 8 x 15 cm. 131 p. *Ecos de Belém: Separata*.

Do ponto de vista assistencial seria necessário ter em conta as três fases da profilaxia individual: a fase pré-natal, em que se deveria dar assistência á criança antes do nascimento, a fase natal ou seja, a assistência que era necessário dar á mulher durante o período da gravidez e a profilaxia infantil que incluía a assistência e os conselhos a dar á mulher depois do nascimento da criança, sobretudo na fase puérpera e do aleitamento. A obra de Brás Nogueira, assim como os artigos de muitos dos colaboradores médicos que escrevem em *Os Nossos Filhos*, tem em vista a divulgação de um conjunto de preceitos teóricos sobre intoxicações, alimentação infantil, cuidados especiais com olhos, estudo de algumas doenças sobretudo as infecto-contagiosas, etc. que podem ser dados ás mães, em Dispensários, para que estas possam ajudar a reduzir a mortalidade infantil.

A assistência ás mães passava ainda pelo ensino de algumas regras elementares de higiene que encontramos em muitos dos artigos, teóricos, que em *Os Nossos Filhos*, como se de um Dispensário se tratasse, vão ser usados para dar ás mães os conhecimentos de que elas precisam para evitar as moscas e outros insectos perigosos. Uma das tarefas de assistência que o *Dispensário da Rua Coelho da Rocha* vai tomar a seu cargo, assim como a *Liga Portuguesa da Profilaxia Social*, na área da assistência, vai ser a da realização de campanhas temáticas. A título de exemplo veja-se a que foi lançada por esta última instituição - *Campanha contra as moscas e mosquitos* – em 1928 secundada por outra, sobre o mesmo tema, na forma de folha volante com o título *A Mosca- insecto perigoso e nojento*(Caixa 86. Maço 1), custeada pelo comerciante do Porto, Sr. Cristóvão Cassels e “(...)feita na Tipografia Sequeira que nada quis receber, (...)” (LPPS, 1954. p.67). Por vezes, estes folhetos, cartazes e textos eram distribuídos, além dos Dispensários e nele afixados, em “(...)Hotéis e pensões, Câmaras Municipais, Comissões de Turismo, Grémios, Sindicatos Nacionais, Casas do povo e Pescadores, Jornais diários, semanários e outras publicações periódicas, governos civis, autoridades escolares, etc.(...)”(LPPS, 1954. p.74).

A Higiene Social infantil foi abordada, do ponto de vista teórico, por Branca Rumina(1945), a médica que mais colabora em *Os Nossos Filhos*, nesta área, que nela incluía as “(...)Obras que cuidam entre nós de higiene e de assistência à criança, sua finalidade e necessidade (...)” (Rumina, 1945. p.285) e que defendia a existência de uma disciplina de *Higiene social da Infância* no curso de Assistentes Sociais, do *Instituto de Serviço Social*, de Lisboa. O *Estatuto da Assistência Social* que fora publicado em Março de 1944 previa, no âmbito da higiene, três áreas de apoio ás famílias: antes do nascimento, depois do nascimento na 1ª infância e depois do nascimento na 2ª infância.

Para a primeira área havia, na altura da criação de *Os Nossos Filhos*, as (mais do que insuficientes) consultas de gravidez das maternidades de Lisboa, Porto e Coimbra, respectivamente, na *Direcção-Geral de Saúde* na Praça Brasil, no *Centro de Assistência Social e Infantil de Alcântara*, na *Maternidade Alfredo da Costa*, e *Magalhães Coutinho* e na *Companhia dos Tabacos*, esta última, privada. Em Coimbra essa assistência era feita no *Dispensário da Obra de Protecção à Grávida e Defesa da Criança* (Rumina, 1945. p.286) e no Porto, como referimos, depois de 1937, na *Maternidade Júlio Diniz*. Para a assistência ao aleitamento materno não havia nenhuma instituição pública dela encarregue. O *Instituto Maternal*, como se refere muito em *Os Nossos Filhos*, nunca chegou a ter capacidade para dar assistência à mãe e à criança, nem mesmo depois do Decreto - Lei de 2 de Fevereiro de 1943 que deveria ter regulamentado a sua actuação.

Também é Branca (Fernandes) Rumina, a médica que mais escreve sobre puericultura em *Os Nossos Filhos*, como já referimos, que nos indica os estabelecimentos de apoio à higiene social, do nascimento à 1ª infância existentes em Lisboa e no país: ela apenas refere, para a capital, as consultas de lactantes dos Hospitais Civis, do *Dispensário Popular de Alcântara*, Largo tenente Valadim, já existente na 1ª República, como vimos, e que fora criado pela Rainha D. Amélia, a *Consulta de Higiene e Medicina Infantil* do *Dispensário Policlínico da Junta da Estremadura*, Rua dos Anjos, 17 (...) Rua Marquês da Fronteira, 104; Estrada da Torre, n.º 19; Rua das Gaivotas, 6 e Largo do Rato; os *Lactários* da Sta. Casa da Misericórdia de Lisboa, Rua Franklin, nº 12; Largo Trindade Coelho, Rua de Xabregas, Pavilhão do Jardim da Estrela, Edifício do Amparo, à Mouraria (...) e Calçada da Tapada (Rumina, 1945. p.287). Refere ainda a *Fundação Júlia Moreira*¹²³ e, no Porto apenas o Dispensário do Porto para crianças pobres. Em Coimbra menciona apenas a obra de Bissaya Barreto.

Como na 1ª República, nos Lactários, Postos e Dispensários, as (poucas) crianças inscritas eram constantemente vigiadas por pesagens periódicas, exames directos e visitas domiciliárias até um ano de idade (Rumina, 1945. p.288).

Havia Cursos de Visitadoras diplomadas, com estudos especiais para esse serviço e os Cursos para Visitadoras funcionavam na *Direcção Geral de Saúde*, de Lisboa, na *Faculdade de Medicina* de Coimbra e do Porto.

¹²³ Sobre a qual há inúmeras informações no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* pois ela fora criada pelo médico Vicente Moreira (cf. *Bibliografia* deste trabalho), o mesmo médico que estaria presente no nosso nascimento...

Vejamos os *Lactários* existentes em Lisboa: havia a *Associação Protectora da 1ª Infância*, no Largo Museu de Artilharia, já criada na 1ª República por Aboim Ascensão e Largo do Calvário, Av. Presidente Wilson e Freguesia de Sta. Isabel, e Rua do Patrocínio. No Porto havia o *Instituto de Puericultura, Dispensário Magalhães Lima* da Faculdade de Medicina, o *Dispensário de Higiene*, o *Dispensário da Tutoria da Infância* e o *Dispensário do Lordelo*.

Em Coimbra, mais uma vez se menciona apenas a *Obra de Protecção à Grávida e Defesa da Criança da Junta da Província da Beira Litoral*(Rumina, 1945. p.288).

Em Lisboa, na maternidade oficial de Magalhães Coutinho havia também o *Enxoval do Recém nascido*, com sede na Rua 20 de Abril, criado para “(...)remediar miséria de crianças que nem roupa têm para vestir(...)” (Rumina, 1945. p.288) e que fora uma iniciativa criada na 1ª República pelo médico Sebastião Sacadura e que o Estado Novo irá utilizar também, sobretudo na *Obra das Mães pela Educação Nacional*.

Na obra desta médica que vimos analisando são várias as críticas ao regime uma vez que existe “(...) falta de coordenação entre instituições de assistência (...)”(Rumina, 1945. p.289) e que, a colocação de crianças em amas de leite é mal orientada pois não existe qualquer fiscalização nem sanções para quem não cuida bem da criança. Também no que se refere á inexistência de creches, a autora não poupa o sistema quando afirma que as creches e os externatos para lactentes são pouco numerosas. Diz ela que, exceptuando a da *Misericórdia*, a da *Companhia dos Tabacos*, a da *Fábrica da Pólvora* e da *Fiação e Tecidos Oriental*, são “(...) pouco numerosas porque é caro, e os patrões não são obrigados a criar as instalações das creches junto das operárias(...)” (Rumina, 1945. p.289).

Quanto a *Pouponnières*, ou seja, “(...) internatos para lactantes, com ou sem amas encarregadas da amamentação protegidas(...) são pouco numerosas e só há a da Misericórdia de Lisboa, Casa Hospício Materno Corte Real, da Junta de Província do Douro Litoral, do Porto e Ninho dos Pequenininos em Coimbra (...)”(Rumina, 1945. p.289), com amas de leite para amamentação dos internados.

O texto continua informando que as “(...)Cantinas para mães e refúgios para mães e amas sem recursos não têm interessado os filantropos nem poderes públicos(...)” (Rumina, 1945. p.289) e que a *Santa Casa da Misericórdia* sustenta algumas mães abandonadas.

O problema da assistência infantil era agravado pelo facto de não existirem também “(...) hospitais exclusivamente para crianças, apesar da lei de 1942 que determinou que

o *Hospital de S. Roque da Sta. Casa da Misericórdia* fosse exclusivamente dedicado à Infância(...)" (Rumina, 1945. p.290). O problema das crianças com pais tuberculosos era apoiado apenas em Coimbra pela obra de Bissaia Barreto e alguns "(...) abrigos transitórios para crianças sozinhas com mães nos hospital ou cadeia(...)" (Rumina, 1945. p.290).

Sobre a Higiene social na 2ª infância Branca Rumina não refere um panorama muito melhor do que aquele que descreve para a 1ª Infância. Critica a inexistência de escolas "(...) maternais quer externas quer internas para além de algumas particulares ainda há a de *João de Deus*, da Junta de Freguesia de Camões, Campo Grande e pouco mais(...)" e o *Jardim Infantil*, de Coimbra, a *Casa Hospício* do Porto e o *Jardim Infantil n.º 1* do Porto (Rumina, 1945. p.291). Mais grave do que a ausência destas escolas infantis é não haver "(...)escolas maternais ao ar livre para débeis, colónias de férias, terrenos de jogos e casas para adolescentes(...)"(Rumina, 1945. p.291) assim como haveria poucos asilos para crianças na pré-adolescência.

Também as cantinas existentes deixavam muito a desejar não só por serem poucas mas também por serem mal orientadas.

Quanto a colónias de férias haveria, em 1944, a de *O Século* com 20 mil crianças beneficiadas, algumas em *Juntas de Freguesia* em Lisboa Porto, a da *Junta de Província do Ribatejo* e da *Mocidade Portuguesa*. Instituições para tuberculosas(os) existia um bom, o de Penacova e os bons sanatórios eram bons mas insuficientes; neste número estavam o de Outão, em Setúbal; Valadares no Porto, o da Parede, o da Misericórdia da Carcavelos (...) e Gelfa, perto de Viana do Castelo e o da *Assistência Nacional aos Tuberculosos*(Rumina, 1945. p.292).

Para crianças atingidas por paralisia infantil havia apenas uma instituição, única no mundo, na Foz do Douro.

A assistência a crianças anormais para o sexo feminino era feita na Secção da Associação das *Florinhas de Rua*, no Rego, em Lisboa e para o sexo masculino na Albergaria de Lisboa.

Algumas instituições para crianças delinquentes eram o *Reformatório* em Lisboa, Caxias, Guarda, S. Fiel, Viseu e Vila do Conde, além dos Estabelecimentos para detecção Correccional de Vila Fernando, Peniche e Bragança (Rumina, 1945. p.292).

Estes problemas de assistência eram tanto mais complicados quanto não podiam as mulheres dispor (ainda) de um planeamento familiar¹²⁴ mais eficaz e porque a intervenção do Estado nesta esfera, era francamente deficitária sendo que, a “(...)criação do abono de família em 1942 ou a legislação de licença de parto não modificavam o sentido pontual e supletivo da intervenção do Estado na assistência social e familiar, que deveria ser assegurada sobretudo pela iniciativa privada(...)” (Gorjão, 2002. p.101). Esta concepção – supletiva e pontual - da intervenção do Estado na área da assistência e a defesa da iniciativa privada como forma de ajudar a minorar os problemas de assistência às mães e às crianças é a única que Maria Lúcia Vassalo Namorado, como acontecia desde a República, defende em *Os Nossos Filhos*.

A leitura dos artigos publicados em *Os Nossos Filhos*, sobre assistência, é um constante apelo a que as mães digam como é feito o apoio á mulher e á criança nas suas terras, sendo as mães frequentemente convidadas a escrever para/na revista, dizendo “(...) o que há e o que falta(...)” nesse campo, nas suas terras (ONF, Dez. 1945).

Essas abordagens permitem-nos compreender que a revista denuncia este tema a partir de várias perspectivas, sejam elas a informação às leitoras de algumas iniciativas que, a título meramente particular, outras vão executando na área da assistência; seja na referência a actividades do Governo neste campo, seja na promoção de concursos com este tema, como vimos com a *Grande e Linda Roda de Os Nossos Filhos*¹²⁵, em que a publicação da fotografia da criança era acompanhada do envio de donativos para os pobres da revista, seja ainda com a biografia de alguns beneméritos importantes como é considerado Bissaia Barreto (ONF, Jan. 1957) ou com a redacção de pequenos textos que em *Os Nossos Filhos* dão a conhecer, como se de uma pequena monografia se tratasse, muitas instituições que, no continente ou nas Ilhas, se dedicam ao trabalho de assistência. Por último devemos referir também um dados fundamental: a formação necessária para algumas das profissões a ela ligadas, como é o caso de enfermeiras de saúde Pública, assistentes e visitadoras sociais.

¹²⁴ A *Associação para Planeamento da Família* só foi criada em 1967(Gorjão, 2002. p.222).

¹²⁵ Este Concurso, iniciado em Junho de 1951, como referimos, vai-se prolongar por vários anos e cada fotografia era acompanhada de um donativo para assistência que, em Julho de 1955 era de 1091\$80. De número para número são dadas contas do que se vai recebendo, procedendo-se ao respectivo ‘transporte’. Sem ele, as fotos não seriam publicadas como percebemos quando se informa que “(...) temos ainda em nosso poder, fotografias dos meninos Mário e Helena Maria Bettencourt Resendes /precisamente o jornalista que já nos anos 2000 seria director do *Diário de Notícias* de Lisboa/, José Eduardo da Silva Santos, e José Paulo Domingos Jorge da Silva, concorrentes estes que não atenderam a todas as condições do Concurso. Agora, muita atenção aos próximos números de “Os Nossos Filhos», pois vamos proceder à classificação das fotos (...)” (ONF, Ago. 1955).

Na área da assistência e, na impossibilidade de analisar todas as instituições privadas que a revista privilegia, há que chamar a atenção para a uma instituição privada de assistência que a directora de *Os Nossos Casa Mãe da Gaiata de Lisboa* e *Casa da Rapariga da Cidade, Filhos* não se cansa de elogiar porque a sua fundação terá sido consequência de um apelo que ela lançara nas páginas da revista.

Uma das iniciativas de assistência privada feminina mais elogiadas em *Os Nossos Filhos* é a da fundação e desenvolvimento de uma casa para raparigas a *Casa da Gaiata de Lisboa*¹²⁶, referida pela primeira vez em 1944. Dá-se a informação de que em 15 de Fevereiro desse ano se teria realizado “(...) um baile de máscaras, a favor da futura «Casa da Gaiata», esperançoso projecto da *Divisão Auxiliar Feminina dos Escuteiros de Portugal*, Num dos próximos números nos referiremos pormenorizadamente a esta felicíssima iniciativa, inspirada na *Obra do Padre Américo*, e digna da protecção de todas as mulheres portuguesas (...)” (ONF, Mar. 1944).

No ano seguinte sabemos que a referida *Casa Mãe da Gaiata de Lisboa* se localiza na Avenida Manuel da Maia¹²⁷, 14, em Lisboa e tinha sido “(...)uma feliz iniciativa da *Divisão Auxiliar Feminina dos Escoteiros de Portugal* (...) propõe-se arrancar à rua as rapariguinhas, protegendo-as contra a miséria física e moral, e preparando-as para uma vida clara e honesta (...)”(ONF, Jun. 1945) ou “(...) destina-se, como sabem, a acolher maternalmente, amparar e educar, as rapariguinhas que para aí vagueiam aos baldões da sorte, de preferência órfãs. Verdadeira mãe, a «Casa» procura fazer de cada um desses farrapinhos humanos uma mulher digna, consciente, útil, e a cada uma dará a profissão, mais adequada às suas faculdades, aptidões e vocação. A Casa-Mãe deseja acompanhá-las a todas, uma por uma, proporcionar-lhes o casamento, como fim natural. Mas para aquelas que por qualquer circunstância não cheguem a casar, a Casa-Mãe terá um cantinho que será sempre o lar das suas filhas maiores, empregadas, desempregadas, doentes ou já velhinhas (...)” (ONF, Ago. 1947).

Dois meses depois a revista publica fotografias das meninas antes e depois de terem sido recolhidas na instituição /scanner/ (ONF, Set. 1945).

A *Divisão Auxiliar Feminina Escuteiros de Portugal* que criara esta instituição, iniciara

¹²⁶ *Casa Mãe da Gaiata de Lisboa* e *Casa da Rapariga da Cidade* é a MESMA INSTITUIÇÃO, sendo que a primeira é para recolher as pequenas e a segunda é para recolher as que saem da primeira.

¹²⁷ Os folhetos que existem no *Espólio* têm a morada no n.º 44 da mesma avenida lisboeta.

também no mesmo ano de 1944 uma *Campanha do Fio de lã*, a que *Os Nossos Filhos*¹²⁸ se associou para fazer “(...)Também sei que as raparigas da estão fazendo, para as crianças pobres, agasalhos com os bocadinhos de lã que lhes queiram dar(...) ajudar os pequeninos que não têm casacos nem camisolas. Vou por esse país fora, na capa de «Os Nossos Filhos», pedir um fio dela para esta linda campanha. Haverá quem me resista? Minha Senhora, olhe bem para mim! Veja com que ternura lhe peço: um fio de lã, para os meninos que têm frio! As raparigas da *Divisão Auxiliar Feminina dos Escuteiros de Portugal*, que tiveram a generosa lembrança da campanha do fio de lã, aceitam todos os restos de lã que queiram mandar-lhes, para a Rua de Santa Justa, 45, 4.º ou para a Rua de Rodrigo da Fonseca, 74, r/c. Dto(...)” (ONF, Nov. 1944). Na sequência desta iniciativa, as roupas que as “(...) *Raparigas da Divisão Auxiliar Feminina dos Escoteiros de Portugal* conseguiram fazer com os tecidas e fios de lã que de lhes enviaram(...)” (ONF, Fev. 1945) estiveram em exposição entre 6 e 13 de Janeiro 1945, na Rua de S. Paulo, 254, 1º. No dia seguinte ao final da exposição fora feita a distribuição das roupas. Dado o sucesso da Campanha, as promotoras haviam decidido continuá-la pelo que, mais uma vez, pediam ás leitoras que lhes enviassem “(...)roupas usadas, retalhos e fios lá; assim Poderão trabalhar durante todo o ano, e no próximo Natal será muito maior o número de crianças contempladas(...)” (ONF, Fev. 1945). Esta ideia de que o Natal podia e devia continuar durante o ano é expressa pela directora da revista, como já vimos, em inúmeros *Editoriais* da mesma.

Em 1946 sabemos que o presidente da *Casa* era António Emílio de Magalhães o médico do Porto, um dos directores da *Liga de Profilaxia Social* porque agradece “(...) Na qualidade de Presidente da *Casa Mãe da Gaiata de Lisboa* (...) os cumprimentos que enviou no dia anos (...)” (Carta de 9 de Maio 1946. Caixa 4. Maço 2).

Em 15 de Maio de 1946 esta instituição fora publicitada no programa de rádio que Maria Lúcia Vassalo Namorado tivera em *Rádio Clube Português* e onde ‘contracenava’ com Adriana Rodrigues (Barata Moura). Depois de ter começado o programa com a *Canção de embalar* e de ter falado sobre a necessidade de não enganar as crianças, quando se explica o que quer que seja, é introduzido outro tema, através de

¹²⁸ Todo o acompanhamento da campanha é feito aqui. Neste número, finge-se que quem faz este ‘discurso’ é a criança apresentada na foto da capa, da autoria de Casimiro Vinagre e que se dirige directamente ás leitoras:“(...) minha Senhora, eu sou o Bebê que lhe sorri na capa desta Revista. Gosta de mim? Dizem que sou engraçado, que tenho olhos de esperto, riso de maroto, e dentinhos de rato(...) /que já ouviu/ dizer que há meninos com frio. Uma coisa que deve ser horrível, e que eu não sei o que seja, porque tenho muitos vestidos de lã, —como os seus filhos, minha Senhora(...)” (ONF, Nov. 1944).

uma pergunta: “(...)Já repararam na percentagem assustadora de rapariguinhas que vagueia pelas ruas, expostas a todos os perigos? Já pensaram no destino dessas infelizes crianças? (...)” á qual se segue a resposta e a entrevista a uma das directoras da *Casa Renée van Nitsen*, como vimos já no capítulo em que analisamos o conteúdo dos referidos programas radiofónicos

Fora para esta *Casa* que a revista lançara a campanha do *Fio de Lã* e, como “(...) as pequenitas da *Casa Mãe da Gaiata de Lisboa*, são trabalhadoras e previdentes, com os fios de lã que lhe deram já fizeram as suas roupinhas de inverno, e agora pensam tristemente nas suas irmãs infelizes que ainda, andam ao abandono pelas ruas da cidade. Por isso (...) com os fios de lã que ainda têm, vão fazer agasalhos para essas pobrezinhas(...) e pedem às leitoras que enviem para a Calçada da Cruz da Pedra, 38 em Lisboa., todos os fios de lã¹²⁹ que lhes não sejam precisos para poderem fazer muitas camisolas, e combinações e assim agasalharem o maior número possível de pequeninas que no próximo inverno não tenham roupas nem lar (...)” (ONF, Set. 1946); como se pode ver, a instituição mudara, entretanto, de local para a área de St^a Apolónia.

A *Casa Mãe das Raparigas da Cidade* fora “(...) fundada por (...) Clotilde Ferreira e Renée van Nitsen (...) para chamar a si meninas infelizes e fazer delas mulheres honestas, úteis e felizes (...)”. A instituição começara com “(...) quatro pequenitas que receberam num alegre 4º andar da Av. Manuel da Maia, há precisamente 7 anos (...)hoje conta com 56 educandas num antigo solar e pequena quinta na Calçada da Cruz da Pedra, quatro dessas já frequentam 1º ciclo liceal, a maioria aprende instrução primária (...)e as pequeninas limitam-se a comer, dormir e brincar(...). Todas vão aprendendo a ser rapariguinhas de recto pensar e recto proceder; todas vão aprendendo as boas maneiras e os segredos da limpeza, e do arranjo, nada fáceis de fazer assimilar a quem só conhecia o lado feio e mau do vida até à hora abençoada em que transpôs o limiar da *Casa-Mãe*. Aprendem todos os trabalhos domésticos e todos os labores femininos; da sua oficina de bordados a ponto de cruz saíram em 1950 para cima de 14.000 peças; foi também a *Casa-Mãe* que criou» a boneca «Maria Rita», que se tornou tão popular com o seu gracioso enxoval (...). Oferecimento externo de muitos enxovais...distribuição de 3.500 refeições, 390 quilos de pão e 635 litros de leite (...). É uma Obra que merece

¹²⁹ Em Fevereiro de 1948 a revista volta a publicar o nome e quantidade de dádivas em lãs e retalhos de pano que as senhoras enviam para esta instituição mas agora refere-se-lhe como *Casa Mãe das Raparigas da Cidade*. No mês seguinte *Os Nossos Filhos* foram lá entregar mais “(...) uma caixa com fios de lã, músicas e livros de histórias(...)” (ONF, Mar. 1948)..

interesse e carinho da mulher portuguesa (...)”(ONF, Maio 1951).

Também em 1952 temos a referência ao *Mealheiro do Menino pobre* que fora criado nas páginas da revista e que, no número de Março desse ano se destina a apoiar as meninas da *Casa Mãe das Raparigas da Rua da Cidade* que dele receberam 1.000\$00 (ONF, Mar. 1952).

Dois anos depois haverá nova notícia, ilustrada com fotos de crianças, só com nomes em iniciais e com bom aspecto, mas relatando as suas origens: valetas, cancro ou tuberculose materna em famílias numerosas e faz-se novo apelo para que as senhoras que lêem a revista visitem a *Casa Mãe*, na nova morada do solar da Calçada da Cruz da Pedra, 38. Essa instituição seria digna de ser visitada pois que insistia na formação moral e doméstica necessária a todas as raparigas /sendo que / cada uma segue a sua vocação e vai até onde lhe permitir a sua capacidade intelectual, ou artística. É assim que umas já estudam o Curso dos Liceus, outras música, outras simplesmente se dedicam a labores manuais. Da oficina de bordados saiem (*sic*) os mais belos e perfeitos trabalhos deste género. Assim, noivas e donas de casa que entreguem a esta oficina as suas encomendas, contribuem para o sustento o ensino (...)”(ONF, Abr. 1953) destas raparigas. A obra será visitada por “(...)Maria do Carmo Carmona, esposa do Chefe do Estado, visitou a Casa, mostrando tal interesse e agrado pelo sua finalidade e boa organização, que logo ficou sendo sua grande e generosa amiga, começando por oferecer tecidos, cobertores e uma linda imagem de N. S.^a de Fátima para a capela (...). Depois visitada inesperadamente pelo Gov. Civil de Lisboa (...)dr. Mário Madeira¹³⁰ (...)que deu donativo em dinheiro e 10 camas (...)” (ONF, Ago. 1947).

Frequentemente se pede às senhoras que lêem a revista que apoiem a instituição dado que se “(...) confia na generosidade da mulher portuguesa, e agradece a visita de todas as pessoas que se interessam pela sorte das rapariguinhas da rua (...)”(ONF, Jun. 1945). O mesmo pedido é feito em Agosto de 1947 mas solicitando visita às instalações e um apoio económico mais explícito: “(...)As suas fundadoras afirmam que, se todas as mulheres portuguesas contribuíssem com um escudo mensalmente, nada mais seria necessário para acabarem as rapariguinhas abandonadas, uma vez que elas abririam tantas casas quantas fossem necessárias para nelas caberem todas as rapariguinhas em tristes condições de miséria, orfandade e perigo moral (...). Está instalada na Calçada da

¹³⁰ O mesmo que fizera cumprir a ordem de encerramento do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* a quem Maria Lamas respondera que iria mostrar como viviam as mulheres portuguesas e para isso, realizaria a obra *As Mulheres do meu País*.

Cruz da Pedra, 38 — e pode ser visitada aos domingos, das 3 às 5 horas da tarde. E as suas educandas executam primorosamente quaisquer encomendas de bordados, rendas, «tricot» e costura (...)» (ONF, Ago. 1947).

Como era vulgar desde a 1ª República, muitas instituições recorriam a festas para angariação de fundos. Também a *Casa Mãe das Raparigas da Cidade* “(...) na Feira Popular com fins de beneficência tem uma barraca *Maria Rita* onde as encantadoras pupilas (...) uma linda colecção de bonecas *Maria Rita* com enxoval (...)” (ONF, Jul. 1949) que, como vimos, fora uma criação sua, como ainda hoje o fazem certas instituições¹³¹. Também faziam trabalhos para fora para prover à sua subsistência como sabemos pela lista de tipo de bordados que realizavam e respectivos preços (Carta de Clotilde Ferreira. Lisboa. 23 de Jan. 1948. Caixa 77. Maço 8). O anúncio desta actividade é feito em *Os Nossos Filhos* e apela-se a que as pessoas visitem a *Casa* onde se dava “(...) formação moral e doméstica necessária a todas as raparigas(...). Cada uma segue a sua vocação e vai até onde lhe permitir a sua capacidade intelectual, ou artística, Ê assim que umas já estudam o Curso dos Liceus, outras música, outras simplesmente se dedicam a trabalhos manuais. Da oficina de bordados saem (sic) v mais belos e perfeitos trabalhos deste género. Assim, noivas e donas de casa que entreguem a esta oficina às suas encomendas, contribuem para o sustento e ensino de meio cento de raparigas salvas da rua da cidade (...)”(ONF, Abr. 1953).

Estas casas lutavam sempre com falta de professoras que pudessem ajudar na tarefa da educação das protegidas. Uma leitora, que assina *M.T.S.N.*, e que visitara a instituição resolve escrever para a revista e sugere uma forma de conseguir professoras, gratuitamente, para apoiarem as raparigas ali recolhidas: “(...) dar uma sugestão sobre um assunto que me parece não ser descabido em *Os Nossos Filhos* (...) Trata-se da vida inútil que levam a maior parte das raparigas que não seguem os estudos; eu sei que nem todas têm inteligência para tirar um curso e que nem todas as raparigas podem empregar-se, mas há uma coisa que se pode aprender em casa com um bocadinho de boa vontade, há tanta criança que não sabe ler, tanta instituição de caridade que precisa de auxílio, não só monetário mas de pessoas que ali fossem umas horas fazer ou ensinar qualquer coisa (...) tanta e tanta rapariga que passa semanas, meses, anos, sem se ocupar em nada, pensando apenas no penteado mais moderno, na fita de cinema que irão ver

¹³¹ Não conseguimos informação alguma sobre de que tipo de boneca se tratava. Neste género há hoje o boneco bebé da *Ajuda de Berço* ou o *Pirilampo mágico*.

nos vestidos e (...) no noivo(...). Há cerca de dois anos visitei em Lisboa a *Casa Mãe das Raparigas da Cidade* e uma das directoras disse-me que lutavam com dificuldades e estavam sobrecarregadas de trabalho porque não havia dinheiro para pagar a professoras e que tinham elas todo o trabalho. Ora havendo tanta rapariga (...) bastava que tirassem umas duas ou três horas diárias às suas frivolidades (...) não se lembram essas raparigas que têm muito mais probabilidades de ser felizes(...)" (ONF, Maio 1950).

A *Casa* publicava um jornal, *A Mãezinha: Jornal da Casa Mãe das Raparigas da Cidade*, de que era também directora a directora da instituição, Clotilde Ferreira. O número de que dispomos no *Espólio* fora impresso nas *Oficinas de S. José* e apresentava-se como jornal católico. Nele se percebe que uma filial da *Casa* funcionava também em Fátima (Ano 4. n.º 11. Caixa 26. Maço 2).

Um outro problema que se colocava a este tipo de instituições, como já referimos para as *Florinhas de Rua*, era o da integração destas raparigas, como se diria hoje, o da reintegração social quando atingiam a idade limite de permanência na obra. Sobre este problema vai ser publicada a correspondência trocada entre a *Casa Mãe das Raparigas da Cidade* e o director de uma casa semelhante, do Porto: o *Recolhimento do Postigo do Sol*, cujo director Dr. Bertino Daciano tinha mostrado estar interessado em saber como resolvia aquela *Casa*...o problema acima referido. A carta em que *As Mães* (como se intitulavam as directoras da *Casa Mãe das Raparigas da Cidade*) descrevem como solucionaram o problema é publicada em *Os Nossos Filhos*, em Janeiro de 1949: "(...) é sempre com o máximo interesse que lemos a revista *Os Nossos Filhos* e dela tiramos óptimos ensinamentos e nos pomos em contacto com outras casas congéneres, suas preocupações e seus projectos. Em larga reportagem, a revista do mês passado falamos nas *Pequenas Cantoras do Postigo do Sol*, e na preocupação do seu Director, receando a transição brusca das suas recolhidas para um mundo desconhecido e mau (...).De momento parece solucionar o problema dar-lhes um curso comercial ou industrial ou qualquer outro. Na prática isso não soluciona. Há sempre que contar com aquelas de inteligência medíocre, que mais não poderão ser que serviçais. Em que casas? As educandas de qualquer estabelecimento de carácter interno devem ser amparadas até à constituição dos seus lares. Colocadas aqui ou além, difícil se torna a qualquer direcção vigiá-las. Colocadas como mercenárias, em troca de alguns escudos e sem lar, de que serve? A base principal e para nós a que mais interessa são crianças órfãs ou abandonadas, e por conseguinte sem casa ou, se a têm, ela é por vezes o foco da sua própria perdição. Portanto, com as mesmas preocupações e projectos foi fundada

a *Casa Mãe das Raparigas da Cidade*, lar humilde, onde todas trabalham por amor a Deus, na salvação do próximo. Com o decorrer dos anos constatamos que dificilmente a rapariga conseguirá manter-se fora do ambiente da escola sem ser amparada e ajudada por mão firme mas carinhosa. E solucionámos o problema da nossa *Casa* e de todas as que queiram colaborar connosco. Constituímos uma pequena comunidade (sem hábito) de senhoras que de coração generoso e almas bem formadas (...) apoiam a causa e nela trabalham como auxiliares; e assim a Direcção (*As Mães*) desloca as abelhinhas para novos cortiços levando à frente uma abelha mestra. Qualquer educanda do *Recolhimento do Postigo do Sol* é já exímia bordadora(...) acompanhada com uma auxiliar e uma ou duas das irmãs que mais não puderam ser que serviçais, deslocadas para longe, criando oficinas de trabalho, escolas rurais, abrigos de crianças, etc., seriam uns pequenos focos morais e educativos levados para o centro de qualquer aldeola. Sempre amparadas pela *Casa Mãe* e em ligação com ela, essas raparigas formariam pequenos lares onde se sentiriam como em casa própria. No *Recolhimento* que tão dignamente dirige existem já recolhidas com 18 anos, portanto já na idade de saírem, a *Casa Mãe* poderá recebê-las (...).”

Mas esta não é a única iniciativa privada de assistência que Maria Lúcia Vassalo Namorado elogia, como vimos, em *Os Nossos Filhos*. Uma das primeira instituições de assistência referenciadas em *Os Nossos Filhos* é a *Legião do Bem* onde estava a menina “(...)Maria Augusta Gaspar, filha Edmundo Soares de Oliveira e de Benvinda Gaspar, protegida desde 1 mês e 19 dias(...)” (ONF, Jul. 1943). A obra de assistência assim designada, funcionando na Junta de Freguesia de S. Mamede, era dirigida por Mário de Noronha e a visitadora da instituição tinha como tarefa “(...)inteirar-se da situação material e moral das famílias (...)”. A *Legião do Bem* tinha sido já responsável pela realização de “(...)inúmeros casamentos de casais que viviam irregularmente, baptizado não só crianças mas também adultos (...)e tem protegido maternidade e infância, aconselhando e socorrendo mães e filhos, encaminhando-os para dispensários e instituições indicadas, fornecendo alimentos a crianças, pagando a sua estadia em preventórios (...)”. A multiplicação desta iniciativa por todas as freguesias de Lisboa é o apelo e desejo expresso pela revista ao finalizar o artigo que lhe dedica.

A maior parte dos artigos sobre assistência, no que diz respeito a iniciativas privadas, entre 1944 e 1949, são da autoria de Ludovina de Matos que, normalmente sobre o Porto ou das zonas circundantes, assina os artigos com os pseudónimos *Vina de Matos* ou ainda *Lavinia*. Esta senhora assina reportagens sobre:

Quadro n.º 3. Assistência no Norte do país:

Caracterização	Fonte
<i>Recinto Infantil da Fábrica de Lordelo</i> – da <i>Sociedade Nacional de Fósforos</i> , existe há 10 anos em favor dos operários, fundando creches, refeitórios, subsídios para casamentos, ajudas a parturientes (...) inaugurado pelos Sub-Secretários de Estado das Corporações e Previdência Social e do Comércio e Indústria (...) sob direcção de Maria Eugénia Rebelo Valente (...) com 60 crianças (...).	/Assina/ Lavínia ONF, Abr. 1944
<i>Escola-Cantina-Patronato de Vila Nova de Famalicão</i> - primeira dádiva de 100 contos, a que já fizemos referência, dos irmãos Silva Pereira, grandes industriais de Bairro (...) nova oferta de 100 contos, dos irmãos Rita Ferreira Braga, Feliciano Gonçalves, e Delfim, Alfredo, Joaquim Raul Ferreira, de Riba de Ave (...)	ONF, Maio 1944
<i>Sopa da Criança da Rua</i> , Gaia – Av. da República, 1302 (...) Deus, manda exercer a caridade (...) Octávia Isabel Guedes de Amorim /segue/ o mandamento, de Deus (...) para matar a fome aos necessitados, com sua sopa (...) todas as crianças famintas, não exige atestados, abonações ou informes, partindo do princípio de que quem pede é porque precisa (...) numa dependência obsequiosamente cedida pelo reverendo Padre Jacinto de Magalhães (...) Começou por quinze comensais (...) perto de cem (...) nos maus tempos actuais (...) e a filha igualmente devotada (...) pão vem da padaria Aliança, fabricado com farinha directamente comprada no Grémio (...) novas dedicações vão surgindo (...) Ida Pinto Leite e Margarida Brito ganham amor à causa sagrada (...) máquina de costura oferecida pelo benemérito (...) Alberto Ferraz Carneiro, estimado vice-presidente do Vilanovense Futebol Clube (...). Leitora (...) não te queres associar à obra da senhora D. Octávia Isabel Guedes de Amorim? Se os teus filhos se alimentam bem em três ou quatro refeições diárias recusando-se, às vezes, a comer com mira na sobremesa (...)	/Assina/ Vina de Matos ONF, Jul. 1944
uma nobre senhora vestiu 36 rapariguitas necessitadas (...)	/Assina/ Vina de Matos Fev. 1945
<i>Sopa da Divina Providência</i> , Porto - (...) vestiu 120 crianças (...) para este animador resultado muito contribuíram (...) padre Vitorino José de Pinho e (...) Maria Pinto de Macedo, Rita de Vasconcelos Porto Vanzeler e Ermelinda Norton de Matos /VER SE É/Sousa Pires, auxiliadas (...) Fernanda de Paiva Vanzeler, Teresa de Vasconcelos Porto, Amélia de /Magalhães?/ e Maria Helena de Magalhães. Associaram-se ao benemérito acto alguns comerciantes e industriais de Vila Nova de Gaia, visto a sede da «S. D. P.» ser nas Devezas. A <i>Fábrica de Fiação de Fafe</i> ofereceu tecidos; Domingos Fernandes & C. da Rua dos Vanzeleros, camisolas interiores; Fernandes Matos, da Rua dos Clérigos, flanelas. As camisolas exteriores que as meninas pobrezinhas receberam (...) foram confeccionadas pelas alunas do Colégio de Nossa Senhora da Bonança (...)	/Assina/ Vina de Matos ONF, Mar. 1947
Centro de Assistência Educativa da Foz do Douro - sede na rua Senhora da Luz é o natural seguimento da antiga <i>Casa de Trabalho de Nossa Senhora da Paz</i> , da rua Bela. Coopera com a família e a escola nos tempos livres deixados por esta, roubando as rapariguitas à rua e dando aos pais, durante as horas de trabalho, a merecida tranquilidade	/Assina/ Ludovina Frias de Matos

<p>(...)O <i>Jardim de Infância</i>, a <i>Escola Maternal</i>, a <i>Cantina</i>, a <i>Casa de Trabalho</i> e o <i>Patronato de Formação Doméstica</i> (...)de que dispõe o «Centro de Assistência Educativa da Foz do Douro», agora com bom edifício, vasto, beijado pelo sol(...) algumas dezenas de rapariguitas, segundo as idades, aprendem a bordar, a costurar, a rezar, a ler, a escrever e a contar, aprendem a cantar, a brincar e a rir.</p>	<p>ONF, Ago. 1947</p>
<p>Recolhimento do Postigo do Sol, Porto - ou <i>Recolhimento das Meninas Desamparadas</i>, fundado por Francisca de Paula da Conceição Grelho e Sousa em 1809 por causa de familiares das meninas que ficaram órfãs e cujos familiares que morreram no desastre da Ponte das Barcas(...). Hoje com Dr. Bertino Daciano, presidente do Conselho administrativo (...) tem coral desde 1941, sob direcção de maestro Virgílio Pereira (...)com aulas regulares de solfejo, teoria e canto coral (...) com composições a quatro e mais vozes, desde as modas regionais tratadas harmonicamente por Virgílio Pereira e Lopes Graça, até à polifonia clássica de Palestrina, Victoria e Manuel Mendes. (...) Fizeram audições¹³² no Teatro de S. João, Coliseu do Porto, Palácio de Cristal, Clube Fenianos Portuenses, Ateneu Comercial do Porto, etc. (...)1ª audição foi no Teatro Rivoli, na noite de 31 de Maio de 1946 (...)</p>	<p>/Assinal/ Vina de Matos ONF, Nov. 1948 /tem fotografia/</p>

Também do Norte, mas de Espinho, há uma reportagem sobre a *Creche e Recreio dos Pequeninos da Fosforeira Portuguesa*, da autoria de Maria Helena Caravana, que descreve pormenorizadamente as instalações da creche, iniciativa da empresa, onde as 300 operárias podem agora deixar as crianças (ONF, Out. 1946).

Para o sul, as reportagens são assinadas por Isaura Correia Santos embora assine como se constata no quadro seguinte, do Porto. É a reportagem que faz sobre o *Lar da Criança Portuguesa*, na Rua da Senhora da Luz, Foz do Douro, com mais de cinquenta crianças, com uma enfermeira, (...) e a fundadora Maria Leonor Cochofel Mendes e irmã, Maria Amélia (...) com colaboração de médico que Queirós Costa visita as crianças todas manhãs e (...) fugindo das suas congéneres (...) recebe crianças de meses, de dias, de horas (...)ampara a Criança desvalida com os olhos postos na Raça e na Pátria (...) não esquece o canto coral, os recitativos, a música, a alegria de viver, como valiosos e indispensáveis elementos na educação de quem quer que seja (...) pequeno orfeão, regido por uma graciosa menina das *Cantoras do Postigo do Sol*, e, portanto, discípula do Maestro Virgílio Pereira (...)” (ONF, Abr. 1951). Seis anos depois, a revista publica uma fotografia de um dos rapazinhos da instituição (ONF, Abr. 1957). No mês anterior fora feito um apelo à ajuda desta instituição pois nela “(...)são muitas vidas salvas da morte ou da miséria moral (...) salvas duma perdição em que

¹³² Em Maio de 1949 faz nova referência a actuação/audição do *Coro das Pequenas Cantoras do Postigo do Sol*

todos temos alguma responsabilidade (...)” (ONF, Mar. 1957).

Quadro n.º 4. Assistência no Sul do país:

Caracterização	Fonte
<i>Sopa dos Pobres</i> – Estremoz - Num meio como este, em que há mulheres que saem dos seus lares o fim de ganhar o pão, quer ceifando, mondando ou apanhando azeitona, não há qualquer instituição, particular ou oficial, que abrigue e cuide, durante o dia, os filhos pequenos dessas batalhadoras da agricultura, que tão mal as recompensa. A maior parte dessas crianças não vai à escola (...). Essa caridade aos pingos, provada e comprovadamente ineficaz e, digamos, até, demolidora. Sabendo que se faz a apologia da natalidade, pasmo ante a incoerência dessa apologia, ou, mesmo, propaganda, se não cuidar da fundação de postos de protecção à mulher grávida, de lactários, de creches e de tudo o mais necessário ao aumento honroso, prometedor, da população (...).	ONF, Jan. 1949
<i>Creche</i> - Vila Viçosa – Em 1947, “(...)graças aos bens imóveis legados pelo casal Lobo Vidigal Salgado para fundação e manutenção da creche Reixa Lobo, (...)administrada pela Misericórdia (...)número de crianças nessa instituição, diminui consideravelmente nas quadras do ano em que para a mulher não há faina fora do lar (...)com enfermeira diplomada paga pela Casa de Bragança (...)	ONF, Fev. 1949
Para Asilo D. Luísa Soeiro Cravo anexado ao asilo D. Amália Tenreiro Cordeiro Vinagre, para crianças órfãs ou desvalidas, (...) tal como para o Hospital da Santa Casa da Misericórdia (...)dirigidos por religiosas da <i>Ordem de Tudo pelo Amor de Deus</i> (...) dá a Fundação da Casa de Bragança uma verba importante - Vila Viçosa – Fundação dirigida pelo Dr. António Luís Gomes (...)dá bolsas de estudo (...) e <i>Sopa dos pobres</i> duas vezes ao dia(...)há duas Conferências de S. Vicente de Paulo (...)	ONF, Fev. 1949
Asilo Reixa Lobo – Vila Viçosa - velinhos também em refúgio (...) também doado pelo casal e dirigido pelas <i>Irmãs Hospitaleiras</i> (...)	ONF, Fev. 1949
Assistência em Évora ¹³³ - <i>Associação de Beneficência Escolar Eborensis</i> instituição conhecida por <i>Cantina-Escolar</i> - actualmente, administrado por pessoas estranhas ao professorado (...)criada em Junho de 1923 ¹³⁴ pelos professores Caetano José da Silva e Serafim Mira ¹³⁵ que (...)realizariam um espectáculo teatral para a iniciação de um estabelecimento de assistência à criança escolar (...) e por meio de cotização (...)” em que se propuseram como sócios número dois e um, respectivamente, e foram falar ao presidente da Câmara que deu 14 mil escudos anuais “(...)que afinal só durou alguns anos(...) tinham refeição, vestuário, calçado(...) emédicos da cidade não levavam nada...um grupo de médicos, tendo à cabeça oDr. Jorge Reis iniciou gratuitamente o	ONF, Abr. 1949

¹³³ Refere também a existência de “(...) um Instituto de puericultura, creche, Casa Pia, alguns asilos (ainda que assentes em velhos e imperfeitos métodos) (...)”.

¹³⁴ “(...) quando um aluno do benquisto professor Caetano José da Silva, caiu inanimado ao entrar na aula, vítima do enfraquecimento provocado pela miséria (digamos falta de pão, pela falta de assistência, que tão profunda e desumanamente marcaram, debilitam, grande número de crianças da nossa terra o professor socorreu-o, e aos irmãos (...).”

¹³⁵ “(...) Serafim Mira, ao ter conhecimento das crianças, à hora da merenda, apanharem migalhas deixadas pelas mais afortunadas(...)”.

<p>estudo psicológico das crianças. O professor Oliveira Charrua...tinha a seu cargo as fichas sanitárias e psíquicas e faziam selecção dos alunos retardados, anormais (...)aos quais seria ministrado ensino especial (...)Professor Sebastião de Carvalho inaugurou um Dispensário Escolar(...)"</p>	
<p>Assistência em Beja - Uma creche, uma cantina escolar, asilos e uma Casa Pia. "(...) Asilos têm as características de todos os outros: Ensinam, ali, das primeiras letras ao exame de instrução primária, sem contudo aproveitarem esta ou aquela inteligência invulgar (...)Ali, uns bordadinhos, malhas, um pouco de costura, de cozinha e pouco mais(...)Dão às educandas, ou educandos/ livros cor-de-rosa (quando os dão!) um livro de orações que devem decorar e repetir, geralmente, de modo mecânico, automático, sem convicção ou crença que lhes deviam inculcar por processos mais construtivos, mais elevados, mostrando a existência de Deus dentro de nós e vice-versa, mostrando, enfim, a, Sua existência em tudo que os nossos olhos abrangem ou, adivinham (não através de lentes opacas!) (...) os rapazes, esses aprendem a sapateiro, alfaiate," e,, pouco mais sem terem sido submetidos, tal como acontece com as raparigas, a um exame de orientação profissional que os orientasse de harmonia com as suas possibilidades, a sua vocação. Além disso, nunca aprendem a fundo o que lhes garanta o pão de amanhã. E pior do que isso é, ainda, a falta de protecção post-asilar, tanto para rapazes como para raparigas — do que resulta grandes males. ...Como disse, essa cidade tem uma creche. O único «senão» desse estabelecimento de assistência, é o facto de só admitir crianças dos dois aos sete anos. Porque não admiti-tas desde meses, desde ou mesmo dias? (...)</p>	<p>ONF, Jun. 1949</p>

Esta situação das crianças que saem dos Asilos sem terem para onde ir, apenas porque é chegada a hora ‘cronológica’ de o fazer é uma das preocupações, como vimos, de *Os Nossos Filhos*. Sobre este mesmo tema – a *Assistência post-asilar* – Isaura Correia Santos proferirá uma conferência na *Liga Portuguesa de Profilaxia Social*. As considerações finais desse texto serão publicadas em *Os Nossos Filhos* porque a conferente dá um conjunto de ‘conselhos’ que a directora da revista subscreve sem hesitar quando aquela propõe: "(...) a centralização dos serviços se bem que com autonomia e ligação entre si nos distritos(...) /que se crie em cada cidade/ um instituto de orientação profissional(...)" (ONF, Set. 1949) com promoção do ensino técnico e comercial "(...) interno ou externo, assim como escolas agrícolas, residências de férias, e, para todas as raparigas cursos de puericultura, largos ensinamentos de economia doméstica, etc. etc. uma estreita e bem orientada colaboração entre o público, os estabelecimentos de assistência aos menores, e o Estado(...)". Se não estivessem esses rapazes e raparigas ainda em condições "(...) para se manterem independentes na vida, os rapazes e raparigas entrariam em estabelecimentos de espera, chamemos-lhe assim, dando, desse modo, vaga a outros. Daqui, só sairiam quando estivessem empregados, para o que contribuiria a acção desses estabelecimentos que simultaneamente, seriam

uma espécie de agências e de pousadas. Como se faz na Obra do Dr. Bernardo (Inglaterra) os jovens já empregados, se não se bastassem a si próprios, ficariam nesses estabelecimentos de espera. Ou noutros apropriados, pagando o que fosse possível até melhores dias. Se se desempregassem ainda em verdes anos, voltariam a ser favorecidos pela rede de assistência centralizada (...)” (ONF, Set. 1949).

Por esta autora é ainda referida a situação das crianças que, em Borba, são levadas pelas mães que não têm a quem as deixar quando vão para o campo e “(...) pousam esses pedacinhos de gente debaixo de um sobreiro, ou, azinheiro, e lá vão, para a sua labuta dando, de quando em vez, uma corridinha até junto do seu cachopinho, ou cachopinha (...) quantas crianças morrem por serem expostas, a uma temperatura que, bastas vezes, afecta os adultos, quanto mais esses tenros corpinhos que requerem tantos e tantos cuidados (...)” (ONF, Jan. 1949).

Durante diversos números a visita de elementos da revista a Hospitais onde estão internadas crianças vai ser frequente e dela se dá conta nas páginas de *Os Nossos Filhos*. Estas visitas eram aproveitadas para levar brinquedos, roupas, livros às crianças internadas e também para, em alguns artigos se fazer a apresentação de serviços hospitalares que deveriam ser tomados como modelo. Esta ida aos hospitais e a prisões, como veremos de seguida, era uma forma de solidariedade que muitas outras sócias da *Associação Feminina Portuguesa para a Paz* também preconizavam como forma de fazer o bem. Desse tipo de visitas encontramos eco também na revista *Eva* em que se descreve uma visita à *Escola infantil* do hospital de D. Estefânia (...)” (n.º 172 de 25 de Agosto de 1928. p. 6).

As notícias sobre hospitais ocupam algumas páginas dos anos entre 1945 e 1951. São sobretudo de dois tipos: por um lado, apela-se a que as pessoas contribuam para as crianças internadas nesses estabelecimentos e, por outro, fazem-se até reportagens sobre alguns hospitais com valência pediátrica. Aqueles pedidos de ofertas incluem “(...) brinquedos, livros, postais, estampas, para os doentes pobres dos hospitais (...)” (ONF, Dez. 1945 e Jan. 1946). Os Hospitais visitados pela revista *Os Nossos Filhos* situam-se em Lisboa como são o *Hospital de D. Estefânia*¹³⁶ ou o *Centro de Saúde de Lisboa*¹³⁷ e os que analisamos adiante. No número de Agosto de 1947 inicia-se – terminando em Março 1948 - uma “(...) série de reportagens sobre as crianças pobres

¹³⁶ Onde deixam “(...) 24 brinquedos, 2 dúzias de lápis e 19 livros (...)” (ONF, Ago. 1947).

¹³⁷ Onde deixaram, para “(...) distribuir pelas crianças mais pobres que estão sob sua vigilância, 108 peças de roupa (...)” (ONF, Ago. 1947).

dos hospitais (...)” que servem para informar as mães do que existe em matéria de apoio às crianças doentes. A revista foi ver essas crianças e levar-lhes alguns brinquedos e outras ofertas que as senhoras enviaram pois muitas delas não têm quem as vá visitar. Vejamos os dados que, sobre cada hospital e enfermaria de crianças, são seleccionados.

Quadro n.º 5.: Hospitais visitados em *Os Nossos Filhos*:

Identificação	Caracterização	Fonte
Hospital de D. Estefânia, uma enfermaria de crianças	tem anexo uma escola infantil(...)única no género(...)director da enfermaria /o médico/ Abel da Cunha (...)A escola infantil, é a escola oficial 94, foi fundada em 1925 pela /médica/ Sara Benoliel, nesse tempo directora daquele serviço...Esta senhora, embora hoje afastada por outras ocupações, nunca deixou os de manifestar todo o interesse (...)professora é Mariana Serra que há 22 anos ensina os doentinhos (...)como um verdadeiro apostolado(...)Há também uma pequena biblioteca, e (...) uma mesa onde se ostentam, os trabalhos de cortiça que feitos pelos pequeninos(...) Noutra vitrina(...)o diploma ganho no <i>Concurso de Desenho Infantil da Sociedade Nacional de Belas Artes</i> em 1941, outro no concurso em Genebra, também de desenho infantil, em 1928, em que Portugal ficou classificado em 2.º lugar (...) o nome do premiado— José do Nascimento (...). As aulas quase sempre são dadas (das 2 horas às 5 da tarde) na enfermaria, visto muitos não se poderem levantar. Escrevem e desenham sobre pranchetas(...).”	ONF, Ago. 1947
Hospital de D. Estefânia ¹³⁸ , Serviço 4	Director do Hospital é/ médico/ Cordeiro Ferreira(...) ali trabalha há 29 anos... Serviço tem a única clínica médica de crianças dos Hospitais Civis, e a maior de Portugal. Foi construída em 1936, por determinação (...) Enfermeiro Mor dos Hospitais Civis, Tenente Coronel Freitas, sendo o seu primeiro Director, Professor Dr. Leite Lage (...) durante 16 anos; foi seu assistente o actual Director (...)2 salas de enfermagem, 114 camas (...) 30 destinadas a lactantes (...) uma consulta externa que funciona 5 dias por semana (...) 4 para medicina geral de crianças e 1 para lactantes, funcionando também como lactário. Esta consulta tem movimento de uns 100 doentes por dias(...) Enfermeira Sub-Chefe, mas que desempenha as funções de Chefe, Carlota Martins(...)há 16 anos no Serviço, Diplomada pela Escola Artur Ravara (...) fez viagens de estudo à Espanha e à Suíça, onde frequentou especialidades de Pediatria...(no final tem:) hospitalizadas...entregámos (...)12 lápis, borrachas e 7 brinquedos (...)	ONF, Set. 1947

¹³⁸ Para este mesmo hospital e serviço e por sugestão de sugestão Maria Cristina Franco de Almada , de 7 anos, Funchal, /filha de Beatriz Franco de Almada, farmacêutica/(cf. Biografias com foto/ deram “(...) a esses meninos brinquedos baratos de escudo, escudo e meio cada(...)”, num total de mais 60 brinquedos (ONF, Nov. 1947).

Hospital do Desterro, Serviço 3 sala 2	director Sá Penela (...)com 21 crianças de ambos os sexos(...) pois doença mias vulgar é a "tinha" andam todas a pé (...)curam-se em 3 meses (...) habituadas à liberdade (...)da maior parte da crianças pobres portuguesas, que têm por parque de brinquedos a rua com a sua liberdade perigosa (...) 30 trinta brinquedos(...)todos contemplados	ONF, Fev. 1948
Hospital de S. Marta, Serviço de Pediatria Dr Salazar de Sousa	dirigido pelo Prof. Castro Freire (...) internadas 30 crianças. Entregámos à enfermeira-chefe, para serem distribuídos por esses doentinhos, 33 pequenos brinquedos e 50 postais ilustrados (...) /tem indicação de quem os enviara/	ONF, Mar. 1948

Um problema que se coloca a Maria Lúcia Vassalo Namorado ao finalizar a reportagem sobre o *Hospital de D. Estefânia* (e que ela apresenta sempre no final de cada texto) é uma reflexão bem apropriada: ela interroga-se sobre o que irão fazer aquelas crianças quando dali saírem. Seria importante que elas pudessem transitar para uma “(...)casa de convalescença com características educativas apropriadas ao organismo debilitado daqueles doentinhos, uma ponte de passagem para a vida de luta e trabalhos que os espera como pobres que são(...). A própria organizadora da enfermaria, Sara Benoliel tinha imaginado que seria importante que houvesse “(...)um serviço encarregado de vigiar em casa as crianças que tenham alta, de maneira que os tratamentos fossem seguidos à risca e a criança não piorasse com a transição (...)” (ONF, Ago. 1948). A prometida reforma da assistência preveria a existência de visitadoras que poderiam ter essa como uma das suas funções. Da leitura de todas estas reportagens e notícias uma atitude constante se evidencia: insiste-se sempre em referir quase só as responsáveis femininas por cada um desses serviços.

Em *Os Nossos Filhos* são referidos alguns exemplos de necessidade de assistência a crianças maltratadas considerando-se que é em determinados grupos sociais que existe maior incidência desse flagelo. Tal tese é defendida por Emília de Sousa Costa que refere ser “(...) precisamente no lar, que esse sofrimento principia a ser-lhes que infligido, pela falta de preparação (...) para a tarefa educativa das mães e sobretudo dos pais espancadores: (...) pais alcoólicos, os tarados, os devassos, os coléricos(...) a quem Jules Simon chamou: — órfãos de pais vivos(...)” (ONF, Out. 1942). A existência de crianças pedintes que “(...)brincam junto ao pai que abre valas na rua...a mãe que quer bater no filho(...)” levam Maria Lúcia Vassalo Namorado a reflectir sobre outros problemas como sejam: “(...) até onde deve ir a autoridade dos pais sobre os filhos(...)dum modo geral das pessoas crescidas sobre as crianças?(...)”

(ONF, Jan. 1948).

Quanto a outras iniciativas individuais de assistência há também algumas referências na revista. Um ano depois do início da revista é publicada uma carta de Constança Dessa Pereira, do Porto, que a directora de *Os Nossos Filhos* não conhece pessoalmente. Aquela senhora oferece-se para fundar um Lar “(...)onde, sob a minha vigilância, as criancinhas dos 2 aos 7 anos de idade pudessem encontrar esse delicado ambiente, puramente familiar, em que a sua educação fosse orientada pelos princípios montessorianos. Penso organizar este Lar, em pleno cenário aldeão, numa pequena instalação graciosa e com o essencial conforto, onde a riqueza esteja traduzida em carinho maternal, desvelos de bem orientada puericultura e incessante zelo higiénico (...) o bom ar, luz discreta e bom gosto de decorativo, tornariam essa pousada de agradável aos pequeninos clientes(...)em atmosfera de prosperidade corporal, mental e intelectual. Esse Lar seria superior e clinicamente dirigido por um médico. A vida sadia do campo cooperaria connosco nesta obra de verdadeira cultura, dando-lhes uma saúde e alegria sãs, fazendo nascer nesses pequeninos corações o amor pela natureza e inculcando-lhes gostos de simplicidade. Penso nos criancinhas convalescentes e de saúde delicada; nos orfãozinhos; nos filhos de pais atingidos por doenças contagiosas e dos quais urge afastá-los (...)para um meio sadio, onde possam ser tratados e vigiados conveniente e carinhosamente; nas crianças nervosas que tenham necessidade dum da tratamento especial, de cuidados especiais, de muita paciência e compreensão; nas crianças cujos pais não possam encarregar-se directamente da sua educação (...) No intuito de favorecer também as crianças no período escolar, organizaria o fim-de-semana para todas as quisessem aproveitar esses dias em pleno campo, debaixo de cuidadosa vigilância, colhendo novas energias vitais, e retemperando o de organismo num benéfico banho de ar e de sol (...) educando-os gratuitamente na proporção das minhas forças (...)” (ONF, Maio 1943).

O único comentário a esta intenção é de apoio incondicional e de apelo “(...) às mulheres portuguesas inteligentes e cultas — sobretudo àquelas que, possuindo pequenas quintas dentro ou nas proximidades de grandes centros populacionais, se vêem embaraçadas perante a dura necessidade de ganhar a vida (...)” (ONF, Maio 1943).

Muitas vezes são as professoras primárias que relatam casos de sucesso na área da assistência às crianças que são ao mesmo tempo, suas pupilas justificando esta dedicação pelo facto de se saber que “(...) não há mãe que mais filhos tenha do que nós,

a professora de ensino primário. Mãe dos nossos e mãe dos filhos dos outros (...)” (ONF, Abr. 1954). Uma delas, anónima, mas que sabemos ser a professora de Álvares, Maria Elvira Buíça Rocha, descreve a acção de um benemérito o Dr. Jaime Arnaut, que “(...) todos os anos auxiliava a *Caixa Escolar*(...)” e que, no Inverno anterior ao envio da referida carta para *Os Nossos Filhos*, dera fazenda para vestidos e calças para as crianças. “(...)Vestimos, por suas mãos caridosas, cinquenta e sete crianças! O alfaiate fez as calças. A professora e a regente, os vestidos (...).As meninas auxiliaram como puderam — as meninas da escola. Alinhavaram, desalinhavaram, fizeram e desfizeram — mas aprendendo sempre, como foi desejo do seu benfeitor — os seus 28 vestidos. E no dia catorze deste mês de Fevereiro, os meninos todos da escola e posto, de fatos novos, e mais lavadinhos do que os seixos da ribeira, ajoelharam em acção de graças, à hora da missa dominical, pedindo a Deus pela vida de tão nobre conterrâneo (...) Os meninos, esses, fecharam as alegrias do dia com pão e marmelada (quentes e doces, que mais era preciso?). Isto deu-se em Alvares, freguesia da Serra (...)”(ONF, Abr. 1954).

Estas professoras, com enorme sentido social das injustiças no acesso à educação denunciam na revista, em forma de desabafo ou de pensamento, o que consideram ser inadmissível, por exemplo, que uma criança que a professora percebe que tem capacidades para seguir os estudos não o possa fazer porque embora bem dotado “(...) ele não é bem nascido(...)” (Maria Elvira Buíça Rocha, ONF, Maio 1949) e embora sabendo que há bolsas de estudo nem todos os que as poderiam obter sabem que elas existem ou o que fazer para a elas ter direito.

Notícias dispersas sobre obras de assistência em outras localidades como Montemor-o-Novo, onde os *Irmãos Hospitaleiros de S. João de Deus* queriam instalar uma *Casa de Saúde para Crianças Pobres* por ser ali a terra do fundador da sua Ordem (ONF, Jul. 1944), ou em Torres Novas¹³⁹, localidade de nascimento da directora de *Os Nossos Filhos* (ONF, Fev. 1949) ou ainda a existência de uma obra *Sopa*, em Vila Nova de Cerveira, orientada por uma assinante de *Os Nossos Filhos*, Júlia Pinto Barbosa cujo marido é Subdelegado de saúde e vive na Rua Manuel Espregueira, em Viana do

¹³⁹ Notícia assinada por “Uma torrejana” em que se refere que naquela terra tudo falta “(...) Excepto na *Companhia Nacional de Fiação e Tecidos* que dizem ter uma assistência cuidada para os filhos das suas empregadas e para elas próprias (...)não há um jardim-escola para as mulheres do campo e para as empregadas publicas (...)Não temos um vulgar parque infantil. Foi há anos lançada 1ª pedra para esse parque mas não sei porque nunca mais foi avante (...)Nossas escolas são uma lástima, pois a maior parte das salas de aula não têm um bocadinho de sol, e ali estão tantas crianças encerradas todo o dia (...)” (ONF, Fev. 1949) para já não referir o problema da mendicidade que afectava a localidade.

Castelo (ONF, Fev. 1953) ou, finalmente, uma Casa na Venda Seca para mulheres que saíram do hospital (ONF, Dez. 1954).

Pequenas notícias sobre doadores benévolos de dinheiro ou terras – os chamados beneméritos - para obras de assistência também são anunciados em *Os Nossos Filhos*. Neste caso estão Maria Faustina Simões Alves Margiochi que ofereceu ao município de Évora a propriedade da *Horta dos Soldados* para ali se construir um parque infantil (ONF, Nov. 1958) ou, no mesmo número da revista a informação de que “(...) Maria Teixeira Vieira que faleceu em Março em Ponta Delgada ofereceu por testamento os seus bens no valor de 1.200 contos para a instituição de uma Casa destinada a crianças desvalidas e abandonadas do Concelho de Velas e depois de toda ilha de S. Jorge (...)” ou o caso de Leonor das Neves Alves que ofereceu ao ministério da Educação 250 contos para manutenção de uma cantina escolar em Alcaide, Fundão (...)”(ONF, Nov. 1958).

Sobre obras de assistência no estrangeiro e fora de Portugal continental existem algumas notícias em *Os Nossos Filhos*. A mais referida quer em cartas do *Espólio* quer em artigos na revista é a obra *Dr. Barnardo's Homes*, em Inglaterra. A descrição minuciosa da instituição é noticiada por *Clara do Prado*, pseudónimo de Eduarda Mattos (ONF, Jul. 1946).

Nas então colónias portuguesas são noticiadas algumas instituições em Moçambique, como a *Obra do Vestuário das Crianças*, em Lourenço Marques, noticiada por Costa Lima (ONF, Dez. 1948). A *Câmara Municipal* daquela cidade apoiou uma *Colónia Balnear Infantil* com 3 turnos de, em média, 250 crianças cada e “(...) abriram os *Refeitórios de Assistência à Criança*, que, diariamente distribuem uma boa refeição a 780 crianças. Em seguida outra obra surgiu: *Colónia de Altitude*, na Namaacha, em Julho. Terminados os exames, duzentas crianças fracas, da cidade, foram para os Libombos, onde o ar é mais puro. Em troca, 200 crianças da Namaacha foram para a praia de Lourenço Marques, instalando-se no «Pavilhão» D. Mariana Nunes de Oliveira». Uma outra «*Obra do Vestuário das Crianças*» em Lourenço Marques, mais uma obra como o seu nome indica, esta obra destina-se a vestir as crianças que de tal necessitem, sem distinção de raças ou de religiões. Em Lourenço Marques, também há crianças que não têm o necessário, que não estão preparadas com vestuário próprio para a época fria do ano, que necessitam de boa alimentação. Estas terras africanas só vistas da Metrópole têm sorridentes aspectos de fartura para todos. Ao perto são hostis aos que

chegam, como se se defendessem do homem que as violenta,, pata tentar facilmente enriquecer. Por isso, nem sempre a vida cá pelas Colónias é branda e farta (...)Fundada por Maria João Vieira de Castro Teixeira, esposa (...) do Governador Geral. Em 4 secções: *Obra do Enxoval do Recém-nascido*, *Obra do Vestuário das Crianças das Escolas*, *Obra de Assistência da Associação Comercial* e *Obra de Assistência à Infância* (...) a primeira destina-se, a fornecer enxovais completos a Bebés. 2- auxilia as Caixas Escolares que, pelo nonos uma vez por ano, distribuem roupas aos alunos das Escolas Primárias. 3- Fornecerá à Associação Comercial, para a sua Obra de Assistência à Criança, todas as peças de Vestuário que sejam necessárias(...)" (ONF, Dez. 1948).

Na ilha da Madeira, no número que lhe foi dedicado, é referenciada a obra *O Ninho*, criado por Carolina da Rocha Machado, já com doze anos de existência, sob o lema bíblico "(...) *Deixai vir o mim as criancinhas* tem (...) trinta crianças, entre bebés e adolescentes, tonificam-se — banhos de luz, medicamentos, e boa comida (...) aprendem a ler, cantam, vivem um ambiente higiénico, sadio, e amorável (...)" (ONF, Jul. 1951).

Existem referências a diversas instituições, de norte a sul do país, na área da assistência à infância. No quadro seguinte enumeram-se e caracterizam-se as que detectamos em *Os Nossos Filhos*:

Quadro n.º :6. Assistência à infância e a crianças pobres:

Caracterização	Fonte
<i>Casa do Alentejo</i> está realizando (...) campanha de assistência infantil no sentido de auxiliar as crianças alentejanas duramente atingidas pela crise económica (...)/artigo em que se dirige às senhoras alentejanas que ainda não têm em suas casas, uma criança alentejana para o fazerem pelo/ "(...)prazo mínimo de três meses (...)"	/assinat/ Vinda de Matos ONF, Ago. 1950
<i>Centro de Assistência a Maternidade e à Infância</i> - Lisboa – fundado por Sofia Abecassis, mãe de Helena Abecassis Correa de Barros que agora criou, com o mesmo nome, uma loja de "prendas" na Rua Borges Carneiro, à Lapa, onde fundou esta casa para ajudar a manter o <i>Centro de Assistência a Maternidade e à Infância</i>	ONF, Mar. 1956
<i>Centro Artístico Infantil</i> – do pintor Hermano Baptista	ONF, Fev. 1957
<i>Associação de Beneficência e Refúgio Aboim Ascensão</i> – Lisboa, associação protectora da infância e da velhice (...)que há pouco completou 50 anos de existência (...) com o primeiro lactário português, uma secção destinada a Crianças escolares que recebem roupas, livros, e auxílios pecuniários, e um refúgio para velhos (...)estende a sua actividade a Lisboa, Faro, Évora e Reguengos de Monsaraz (...)" obra continuada por	ONF, Dez. 1957

Maria da Piedade Aboim Ascensão Sande Lemos e marido Coronel Aboim Ascensão Sande Lemos, filha, e sobrinho e genro do grande benemérito (...).	
<i>Casa da Criança</i> , de Albergaria-a-Velha – com frequência de cinquenta crianças	ONF, Out. 1958
Uma senhora que “(...) acompanha passo a passo vida da nossa revista (...) escrevem...Noemy avalia a nossa vida de trabalho pela sua (...) mãe de 3 filhas. Ajuda marido nas atribuições profissionais...não é rica mas ilimitada ternura humana...(como mora perto de uma escola) escolhi entre crianças um rapazinho pobre a quem convidei diariamente a vir almoçar a minha casa...tem um irmão que entra para o ano...já pensei a quem hei-de pedir igual convite...apresentar esta ideia na revista talvez dê resultado...As ideias das nossas amigas em relação às crianças interessam a todas as leitoras. Porque <i>Os Nossos Filhos</i> sendo uma publicação com características próprias, diferenciada de todas as outras, e estabelece uma corrente de simpatia e compreensão entre quantos a lêem, não é verdade? Formamos todos, assim como que uma só família, muito unida por este sentimento carinhoso, por este interesse constante que a Criança merece(...)	ONF, Maio 1952

Iria de Fátima Antão, uma das senhoras da *Casa da Criança* de Albergaria-a-Velha que fizera o seu Curso na *Escola Normal de Coimbra*, pretendia realizar “(...) uma obra de auxílio a famílias pobres, principalmente àquelas que sofrem ou sofreram de doenças pulmonares (...). Para tal ela informa que “(...) dividirei a vila em zonas e cada zona terá uma encarregada que colocará em todas as casas que achar conveniente um pequenino saco para que nele depositem diariamente uma colher de arroz, de açúcar, de massa, um ovo, etc., conforme as refeições do dia. Deste modo, chegar-se-ia ao fim da semana com o saquinho cheio. A encarregada da Zona substituirá semanalmente o saquinho cheio por outro vazio e procederá cuidadosamente à separação e empacotamento dos géneros recebidos. Faz-se uma lista das famílias a socorrer e escolhe-se um dia da semana para a distribuição dos géneros (...)” (ONF, Out. 1958). Esta ideia que ela revela aqui não era original, como a própria confessa: ela havia sido posta já em prática em Coimbra, por iniciativa da referida Escola e chamava-se *OPS* ou, *Obra do Pequenino Saco*. Como se vê, a senhora não estava muito longe do que, noutra época e com outros meios, se veio a realizar como *Banco Alimentar contra a fome*¹⁴⁰ de Lisboa. Todas estas iniciativas, mesmo nos anos 40 e 50 do século passado, mostram como era ainda vulgar a assistência ser feita a partir de iniciativas privadas, por

¹⁴⁰ Em 1992 foi constituído o *Banco Alimentar contra a fome* de Lisboa e tem por objectivo “(...) lutar contra o desperdício de produtos alimentares para combater a fome de pessoas comprovadamente carenciadas na área da Grande Lisboa(...). Distribui anualmente mais de 6500 toneladas de alimentos chegando a mais de 53.000 pessoas. Funciona na Estação CP Alcântara Terra, Armazém 1 da Avenida de Ceuta 1300-125 Lisboa /Folheto de divulgação/.

conjuntos de senhoras que apoiavam os seus pobres, como acontecera na 1ª República porque, entre outras razões, “(...) os mecanismos de assistência social tinham-se visto desarticulados desde a expulsão das ordens religiosas em 1834 e sem instituições alternativas que minorassem o sofrimento e a situação precária de muitos, os liberais não previram as consequências funestas desta atitude (...)” (Silva, 1997. p. 42).

Uma notícia sobre a assistência é desconcertante: relata o caso de uma menina que, numa ilha do Porto, que pedira “(...) demais ao Pai Natal (...)” nada recebera para “(...) à conta de lição, não tornar a «pedir demais» e se habituar a ser grata ao muito e ao pouco que lhe derem (...)” (ONF, Fev. 1945).

Antes de passarmos à análise de uma outra *causa* de Maria Lúcia Vassalo Namorado – as *Ligas* – temos de analisar a concepção de assistência que ela defende em *Os Nossos Filhos* e a forma como ela evolui entre o início e o final da publicação.

A referência a iniciativas oficiais de assistência é feita na revista sempre com o intuito de apenas informar as leitoras da sua existência. A publicação de textos como os de Maria Leonor Correia Botelho sobre o *Instituto de Assistência à Família* (ONF, Fev. 1954) ou o de Maria Luísa Van Zeller sobre assistência e mortalidade infantil (ONF, Maio 1944), de Manuel Gersão da *Tutoria da Infância*, de Coimbra (ONF, Fev. 1944), de uma entrevista com o Dr. Elísio de Moura do *Asilo da Infância Desvalida*, de Coimbra (ONF, Fev. e Mar. 1944), sobre o *Instituto Maternal* do Porto (ONF, Mar. 1944) servem para, sem grandes comentários, dar uma perspectiva do que (não) existe em matéria de assistência oficial no país.

Noutros casos a revista publicita iniciativas, sobretudo particulares e individuais de sucesso de obras de assistência como é o caso a que já fizemos referência da *Casa da Gaiata de Lisboa*, ou o da fundação de uma cantina escolar por um benemérito Francisco da Rocha Gonçalves (ONF, Set. 1954) ou de uma colónia de férias promovida pelo jornal *Terra Minhota*, através da mulher do director, uma professora primária (ONF, Jul. 1953).

Também enumera as diversas actividades de assistência a que a revista se dedica quer por iniciativa própria quer em resposta a pedidos que, de vários pontos do país lhe são enviados. Como exemplo destas duas situações refiram-se as visitas a hospitais, os pedidos de brinquedos, livros, roupa para os pobres da revista ou ainda dois dos pedidos que lhe são feitos para apoio a pobres: um, entre muitos, é o do director da *Casa da Divina Providência e de Maria Auxiliadora do Centro de Assistência Social de Safara* (Moura) (ONF, Nov. 1944) que entra em contacto com a revista para saber se será

possível que esta interceda por uma criança “(...) o menino chama-se António do Cunha Costa, nasceu em Safara a 20-III-1944 foi baptizado a 9- ÍV-1944, e é filho de Albertino da Costa hortelão, e de Isaura da Cunha, doméstica, falecida a 20-V-1944, ambos naturais de Várzea Cova, concelho de Fafe da Arquidiocese de Braga, para(...) Nós, tomámos conta da criança com menos de 1 mês(...)” (ONF, Nov. 1944) ou o outro que já referimos neste subcapítulo da pequena Maria Manuela em que, ao mesmo tempo que se divulga o apelo se revelam, sem qualquer recato, *todos* os dados sobre a pessoa a quem se dirige o apoio.

O outro é o pedido de ajuda feito por uma senhora da Amadora, Maria de Lourdes do Amaral Cascão que, tendo já ajudado uma criança que precisa de um céu da boca em prata não pode dar mais e a criança ainda precisa. É a directora da revista a dar a solução: vai ao pecúlio que tinha para os pobres da revista e disponibiliza 237\$80 que aí tinha (ONF, Nov. 1948) exortando outras senhoras a seguirem o exemplo da revista. Já fizera o mesmo para a Manuela e para iniciar a organização de uma Creche e uma Escola-Oficina para rapazes, no Bairro da Boa Vista, onde estivera com Maria Teresa Andrade Santos¹⁴¹, mais conhecida por *Mitza*. Depois de ter publicado, em Outubro de 1944 o primeiro artigo sobre o trabalho que aquela senhoras desenvolvia naquele bairro periférico de Lisboa, Maria Lúcia Vassalo Namorado tivera a ideia de propor, a todas as leitoras: “(...) O que custava, a meia dúzia de leitores ricos de *Os Nossos Filhos*, criar essas duas obras? Com boa vontade era tão fácil! (...) Uma sra. francesa, boa amiga da nossa Revista, inteligente e generosa, que se interessa pelos problemas infantis, perguntou-nos: Nesse caso, se nenhuma pessoa rica respondeu, espero que uma dúzia de pobres e remediados se possam reunir e abrir uma subscrição a favor dessa obra. Aqui tem 250\$00(...).” Ficámos, muito contentes e comunicámos a boa-nova à senhora D. Maria Teresa, Andrade Santos...Mas(...) haverá realmente uma dúzia de pobres e remediados que possam erguer esta Obra? Pobrezinhos como somos, também queremos oferecer o nosso grão de, areia(...).” Nasce mais um peditório em *Os Nossos Filhos* com o contributo de “(...) Uma amiga de Portugal e das crianças...250\$00 e de «Os Nossos Filhos»...50\$00(...).”

Como iniciativas da revista veja-se o êxito que teve a *Grande e Linda Roda de Os Nossos Filhos*, a que já aludimos, e que fora criada apenas como uma estratégia com dois objectivos: angariar dinheiro para as obras de assistência apoiadas pela revista e, ao

¹⁴¹ Cf. *Apêndice Cap. 4- biografias*.

mesmo tempo, conseguir mais assinantes porque as famílias queriam assinar a revista para nela verem publicada a fotografia das(os) filhas(os), sobrinhas(os), familiares e amigas(os).

A reflexão que Maria Lúcia vai fazendo ao longo das páginas da revista também é interessante: chama a atenção das pessoas para o facto de que a resolução dos problemas da assistência pode ser individual mas é melhor porque pode ser maior, quando são várias pessoas a juntar esforços, insurge-se contra a propaganda que sublinha o bucolismo da província quando diz que, a passar férias numa aldeia da Beira /Lorvão/ “(...)a beleza e o bucolismo das aldeias, onde estão, que ainda os não vi? Num velho mosteiro arruinado abrigam-se centenas de pessoas numa promiscuidade arrepiante (...) num ambiente de miséria material e moral, de abandono, desleixo imundície, que se respira naquele malfadado albergue? Mais baixas condições de vida só as de quem vive em buracos abertos no solo (...).Não posso dar um passo no povoado que me não cerquem dezenas de crianças descalças, rotas, desgrenhadas, sujas, pernitas como linhas e ventres espetados; aos oito anos, já muitas delas, divorciadas da escola, trabalham para comer.(...) preciso ensinar a higiene. Educar, Educar, educar, crianças, homens e mulheres. Erguer uma vida nova, humana, equilibrada, digna, optimista, feliz. - É preciso! O caso, desta aldeia não teria grande importância se fosse singular; o remédio não, seria difícil....Mas quantas aldeias, nas mesmas misérrimas condições, existem no nosso país?(...)” (ONF, Set.1946).

Por vezes os apelos são feitos através de frases curtas, ‘misturadas’ no meio de publicidade como acontece quando pede “(...)Fios de lã, retalhos, roupas usadas. Para fazer abafos e roupinhas para as crianças pobres. Livros infantis, estampas, brinquedos para as crianças pobres dos hospitais (ONF, Out. 1946) ou “(...)Auxiliar as Casas de Assistência, que recebem, protegem e educam crianças, é a melhor forma, de proteger as crianças órfãs, desamparadas, e em perigo moral (...)” (ONF, Out. 1946) e ainda “(...)Os Nossos Filhos querem hospitais infantis para que todas as criancinhas doentes possam tratar-se(...)” (ONF, Out. 1946).

Em relação aos pobres o que interessa não é ‘ter pena’ é ‘ser solidário’, como Maria Lúcia Vassalo Namorado escreve, em texto de reflexão sobre a assistência, depois de ter feito a distinção entre os *pobres* e *mendigos* que precisam e os *impostores* (ONF, Nov. 1948). Aquela diferença entre o conceito católico de ‘caridade’ e os conceitos de ‘solidariedade e fraternidade’ faz toda a diferença sobre a forma como deve ser encarada a assistência em *Os Nossos Filhos*. Veja-se o texto em que a directora

da revista se dirige às mulheres “(...) dignas desse nome(...)” para que não se contentem com uma “(...) vida egoísta...Comer, dormir, vestir-se, divertir-se, e mesmo trabalhar , para ganhar dinheiro — já não satisfaz ninguém. É que há a solidariedade humana, que tanto preocupa as consciências. Os homens e as mulheres devem ser solidários. Acabou a época dos ociosos. Hoje, todos temos de ser activos....E o tempo? — perguntará uma ou outra, comodista. — Onde iremos nós buscar o tempo para essa solidariedade? Oh! Temos sempre tempo para aquilo que verdadeiramente desejamos fazer. E há tantas obras à nossa espera! Eu sou de opinião que devemos trabalhar em obras já organizadas. Há inúmeras, que se ocupam de velhos, de crianças, de doentes, de problemas de educação, etc. etc. Cada qual pode, segundo as suas preferências, ingressar na que mais lhe interesse, pois em todas há imenso que fazer. Cada dia, cada semana, cada mês, todos podemos tirar algumas horas (...) para coser meias a uma Casa de Rapazes. Outra vai, todos os domingos, ler a uma Casa de Cegos. Como vêm, todas podemos fazer qualquer coisa. É uma questão de disciplina, de vontade (...)”(ONF, Dez. 1955).. Encontramos aqui uma excelente forma de ligar assistência a voluntariado.

As *Ligas* de assistência

Uma outra *causa* defendida por Maria Lúcia Vassalo Namorado é a das *Ligas* protectoras desta ou daquela *causa* de assistência privada, que se foram criando quer na 1ª República quer depois no Estado Novo. A revista não só as divulga como nelas promove subscrições diversas para o seu desenvolvimento e a própria directora é sócia delas.

Como vimos no início deste subcapítulo, *O Século* tentara criar *Ligas de Protecção de Mães*, em 24 Abril de 1923 e já antes, em 19 de Junho de 1913 fora criada a *Liga de Protecção à Criança* internato para raparigas, no Largo da Princesa, n.º 2 ao Bom Sucesso (Caldeira. 2004. p. 143). Outras *Ligas*, como a *Liga das Mulheres Republicanas Portuguesas* ou a *Liga Portuguesa Abolicionista*, entre outras, haviam sido criadas durante a 1ª República. Esta ideia de criar uma *Liga* para, através dela, apoiar uma *causa* é, portanto, uma ‘forma de estar’ e de resolver problemas que se herdara daquele período. Maria Lúcia Vassalo Namorado vai apoiar a criação de algumas ou ser sócia de outras a que aludimos seguidamente.

Liga Portuguesa dos Deficientes Motores

A referência e o apoio a instituições privadas de assistência é feita a uma *Liga* que havia sido organizada havia pouco:“(...) Está em organização a *Liga Portuguesa de Protecção aos Perturbados Motores* que, como o nome indica, se destina a estudar e resolver os problemas das crianças paralíticas. Para estas crianças em especial, nada há no nosso país; e por isso a Liga em organização tem à sua frente um vasto campo para exercer a mais necessária actividade. Porque esta iniciativa merece o interesse e o apoio de todos os portugueses, pensámos que os nossos leitores gostariam de a auxiliar. E assim, os donativos que acompanham as fotografias dos Concorrentes à «Grande e linda roda dos nossos filhos», serão entregues à Comissão organizadora da *Liga Portuguesa de Protecção aos Perturbados Motores* (ONF, Maio 1955).

A lista dos donativos obtidos começa a ser publicada no mês seguinte e é sempre noticiado o nome de quem contribui e a importância que dá como sejam “(...) Noemy Ferreira da Costa, Liliana Eduarda Maia da Costa Nogueira, Emília de Oliveira Pegado, Maria Antónia Ribeiro, Maria Eugénia da Costa Domingues, dos Irmãozinhos Mercês de Mello, Anónimo de Matola /Lourenço Marques, Moçambique/, das meninas Ana Maria e Maria Teresa de Jesus Vilhena Fernandes, menino António José Dias de Matos...(ONF, Jun. 1955).

Em 1956, quando é criada a *Liga Portuguesa de Deficientes Motores* mais uma vez, em artigo assinado por *Maria Lúcia* há um apelo- oferta: “(...) vivamente interessadas neste movimento(...) colocámos a nossa Revista ao seu inteiro dispor e daqui dirigimos apelo aos leitores para que todos, sem excepção, colaborem connosco nesta grande obra de tão largo alcance social(...)”(ONF, Jun. 1956)

Aquelas subscrições prolongam-se no tempo. Em 1956-57 quando Maria Lúcia Vassalo Namorado continua a referência á *Liga* porque a “(...) recuperação e a reabilitação dos deficientes motores são problemas que preocupam mundialmente entidades oficiais e particulares. Entre nós, o lado ortopédico e fisioterápico da questão tem merecido a atenção dos especialistas; mas os deficientes motores precisam ainda de educação, instrução, e orientação profissional que lhes permita tomar parte activa na sociedade. A *Liga Portuguesa dos Deficientes Motores* propõe-se solucionar os seus problemas psicológicos, profissionais, e sociais, coordenando esforços e colaborando com todas as pessoas interessadas no assunto. (...) leitores além de nos pedirem explicações sobre a

Liga e indicarem casos do seu conhecimento, têm-nos mandado donativos que muito agradecemos, pois, como todas as obras que principiam, a *Liga* necessita ajuda de todos (...).” Como resultado da subscrição aberta para a *Liga Portuguesa dos Deficientes Motores* Maria Lúcia Vassalo Namorado foi recebendo donativos como os do (...) Furriel João António Lopes, assinante em Santa Margarida, tem subscrição (...) como Fernanda Rosa Valentim, reside em Novo Redondo, (...) total de 1.801\$00 (ONF, Dez. 1956).

Continua a subscrição para “(...) *Liga* que se fundou criou com o fim de cuidar especialmente dos problemas das crianças paráliticas e amputadas.(...) o total de 6.360 angolares, obtidos na subscrição feita por Fernanda Rosa Valentim, reside em Novo Redondo, mas que está em férias na Metrópole foi entregue por Maria Lúcia Vassalo Namorado a Dr. João dos Santos e Julienne Cypriano e Rosa Benfeito, presidente, secretária geral e tesoureira da *Liga*, respectivamente (...)vai em 8.231\$00 (ONF, Jan. 1957). A notícia refere ainda refere todas as ofertas, também de roupas e quem as deu ou de onde vieram.

Dois meses depois desta informação a revista volta a noticiar a existência de uma consulta acabada de criar na *Liga*, estando a proceder a “(...)diligências para fundar uma escola do Ensino primário(...). No dia 25 Fevereiro iniciaram-se colóquios com os pais sobre assuntos de reeducação e aos quais podem assistir todos os pais com crianças com deficiências motoras (...). Durante colóquio, crianças são distraídas com uma pequena sessão de cinema e merenda(...) (ONF, Março 1957). Dois meses mais tarde, novo apelo é feito: “(...)se tiverem triciclos e brinquedos podem enviar para *Liga Deficientes Motores*. Alameda das Linhas de Torres, 23 r/c esq. onde crianças que frequentam consulta os receberão(...)”¹⁴²(ONF, Jun. 1957).

A “(...)ideia da fundação da *Liga*¹⁴³ teve origem nos problemas propostos pelas mães de crianças atingidas de deficiências motoras, abandonadas a si próprias(...) /e fora/ criada em 16-4- 1956 (...) /sendo/ a 1ª Assembleia Geral em 16-5-56 e eleição dos corpos gerentes (...). Havendo “(...) aproximadamente 8000 deficientes motores em Portugal(...) a *Liga* tem como programa de realizações próximas: Criação de um laboratório de Psicologia infantil. (...) dum centro de reeducação e orientação psicológica e social(...)oficinas protegidas. (...)projecto de estatuto do trabalhador

¹⁴² Entre Março de 1957 e Junho do mesmo ano, a quantia recebida em *Os Nossos Filhos* para a *Liga Portuguesa dos Deficientes Motores* passara de 8.423\$00 para 8.583\$00 (ONF, Mar. e Jun. 1957).

¹⁴³ Sobre esta *Liga* cf. também os documentos do *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*.

deficiente. (...)’Formação de pessoal técnico especializado. (...)Obtenção de transportes colectivos gratuitos para deficientes em idade escolar. Morada: Alameda das Linhas de Torres, 23- r/c Lisboa (ONF, Jul. 1956). 22 sócios reuniram na sede provisória na Praça Andrade Caminha, n.º 5-A em Lisboa, no dia 16 de Maio de 1956 na 1ª Assembleia Geral da Liga(...) ideia foi de mães de deficientes motores, há 4 anos, perante problemas das mães pobres com filhos nas mesmas condições(...)Procedeu-se eleição dos Corpos gerentes(...)” (ONF, Jul. 1956). Destina-se a reunir numa mesma associação, pais, técnicos, pessoas interessadas e em particular os indivíduos atingidos por deficiência motora(...). Para quem se interessa pela reeducação das crianças paralíticas, participar na sua reabilitação social, auxiliar reintegração social dos amputados(...) pode ser sócio qualquer indivíduo com idoneidade moral desde que proposto por um associado ; pode ser sócio benemérito com donativo igual ou superior a 5.000\$00 ou cota mensal igual ou superior a 100\$00 ou ser sócio subscritor se contribuir com cota mínima de 5\$00 mensais(...) ensinar às famílias como devem agir, prevenir problemas psicológicos(...) reeducação e reintegração social, divulgar meios de prevenir perturbações motoras, promover reeducação, de preferência precoce, das crianças atingidas; promover reeducação de adultos deficientes(...) sede em Lisboa mas criará uma Clínica de reeducação, mais psicológica do que médica, colaborará com médicos, ortopedistas(...) e haverá escolas especiais e outros serviços destinados a deficientes motores(...) Muito se pode conseguir através das Mães(...)João dos Santos é presidente da *Liga Portuguesa de Deficientes Motores*(...) que mães não deixem crianças no berço até 6-7 anos(...) que devem colocar crianças no cobertor(...) ouvindo mães e ensinando como devem proceder com seus filhos deficientes(...). Para colaborar basta inscrever-se como sócio da *Liga* (...) quotização a partir de 5\$00 mensais(...) contribuir com qualquer donativo(...) fazer propaganda junto de amigos, divulgar ensinamentos, expor ideias e sugestões, indique nome, idade, morada e situação de pessoas que conheça que sofram de perturbações motoras./Neste nº pedem/ roupas, livros, brinquedos e qualquer donativo(...) as importâncias que acompanham a *Grande e Linda Roda dos nossos filhos* já se destinaram à *Liga Portuguesa dos Deficientes Motores* e depois de encerrado o concurso com 1291\$50 ainda recebemos(...) ficando total de 1331\$50(ONF, Jun. 1956) Em 9 de Julho de 1956 começou a funcionar um dispensário médico-psicológico e social na sede na Alameda das Linhas de Torres (...): Um grupo de senhoras simpatizantes da Obra, patrocinado pela Ex.ª Sra. Maria Amélia de Pitta e Cunha organizou festas (...). Ana Moerschner, quinesiterapeuta do maior valor, ofereceu sua

preciosa colaboração para formar o pessoal. os Serviços sociais orientados pela *Assistente Social Chefe do Dispensário de Higiene Mental*, Gabriela Sales e o de Enfermagem de Saúde Pública orientado pela Sra. Enfermeira Rosélia Ramos, Directora do Centro de Assistência à Maternidade e à Infância. (...) A Direcção Geral de Assistência tem dado o maior apoio (...) (Doc. da *Liga...* Caixa 46. Maço 3).

Para angariar sócios foi enviada uma circular a diversas pessoas entre as quais figuravam: “(...) Clélia Varanda, Isabel Telo, Lisboa; Eng. João Pedro Neves Clara, T. Novas(...), Fernanda Dinis, Maria Galamba de Oliveira, Luísa da Costa, Lisboa(...), Lídia Serras Pereira, Algés(...), Madalena Lopes, Lisboa; Maria da Graça Amado da Cunha, Lisboa(...), Maria Helena Vaquinhas de Carvalho, Lisboa; Maria Edite Silva Martins da Luz, Barreiro(...), Maria Amélia Carvalho, Maria Luísa Torres Pires, (...) Nikias Skapinakis, (...), Tília Vidinha Rodrigues de Carvalho, Arruda dos Vinhos (...)”(Caixa 16. Maço 1), esta última antiga colega de Maria Lúcia Vassalo Namorado no Liceu. A directora da revista foi a sócia n.º 6 desta *Liga de Deficientes Motores* (Caixa 46. Maço 3).

Durante uns anos esteve depois afastada das actividade associativas *Liga*, até que em 1958, Julienne Cypriano, Secretária Geral da *Liga...*, no tempo em que João dos Santos era presidente e Rosa Bemfeito a tesoureira, lhe comunica que haviam recebido autorização de Earl Carlson para traduzir o livro *Born with way*, lamentavam “(...)deveras o longo afastamento de V. Ex.a de todas as actividades da Liga. Não esquecemos o valioso esforço das colaborações da 1ª hora (...) e o quanto contribuiu para a criação da LPDM(...)”. Por essa razão pediam “(...) na remodelação, pedir para contar com maior actuação da sua parte no cargo de vogal da Direcção (...)” (Carta de Lisboa. 20 de Nov. 1958. Caixa 46. Maço 3), o que foi aceite por Maria Lúcia Vassalo Namorado.

Liga Protectora da Infância

Maria Lúcia Vassalo Namorado apresentara, num dos *Editoriais* de *Os Nossos Filhos*, a proposta de criação de uma *Liga Protectora da Infância* (ONF, Maio 1945). Como vimos, essa proposta recebeu comentários de Fernanda Tasso de Figueiredo assim como de Maria Lamas. Nesse texto ela dirige-se, tratando-a por ‘tu’ a uma leitora indeterminada, como muitas vezes faz. Aconselhava as leitoras felizes, ou seja, aquelas

que apenas sabiam da existência de crianças alegres, sadias a lerem o texto¹⁴⁴ que, no número anterior da revista fora escrito por Merícia Nunes, Assistente Social do Instituto António Aurélio da Costa Ferreira. Considerando que é certo que existem muitas Obras, quer oficiais quer particulares, que trabalham pela criança e a protegem, é igualmente verdade que essas Obras são em número insuficiente, e que há aspectos do problema infantil pelos quais parece que ninguém se interessa. Também é certíssimo que a maior parte das pessoas não está habituada a pensar nestes assuntos nem mesmo de que serviria pensar neles, por não lobrigarem modo de lhes ser prestáveis. Assim, não seria natural, que se organizasse uma *Liga Protectora da Infância*, que se interessasse por tudo o que diz respeito à Criança, estudasse todos os seus problemas, aceitasse e coordenasse todos as colaborações, e ao mesmo tempo sugerisse cada qual a forma de actuar utilmente no sentido de elevar a Criança?(...)” (ONF, Maio 1945). Elaborou um texto em que definira os objectivos da *Liga* e foram de funcionamento:”(...) A LPI tem por fim:

1º- despertar em todos portugueses maior interesse problemas que dizem respeito Criança e Adolescentes

2- Procurar melhoria de condições de vida e de educação das Crianças e Adolescentes.

Para atingir esses dois fins, propõe-se: promover palestras de propaganda e educativas em Lisboa e na Província, procurar cooperação da grande e pequena imprensa e da Rádio fornecendo a uma e outra pequenas Crónicas e palestras educativas e de propaganda, criar, propor e estimular a criação de cursos elementares de puericultura, higiene e educação infantil, solicitar autoridades oficiais e patronais e pessoas de boa vontade a criação de "Abrigos para pequenitos", de jardins-escolas e de escolas-oficinas onde as não haja, servir de agente de ligação entre as crianças órfãs, desprotegidas, doentes ou em qualquer perigo e as diferentes instituições já existentes, procurar por todos os meios que as crianças e adolescentes levem vida higiénica, acarinhada e honesta, lutar para os subtrair a quaisquer más influências logo q situação material lho permita, subsidiar a entrada de crianças órfãs, doentes, abandonadas ou em perigo, em Asilos, Preventórios, Hospitais que já existam e criar uma casa para as crianças e apara as raparigas-mães abandonadas(...) essa casa cuja criação é uma necessidade urgente visto não haver(...)receberá, com carácter transitório, as crianças e as raparigas mães em aflitiva situação de abandono e procurará, em cooperação de

¹⁴⁴ Era a transcrição do artigo «Como vivem crianças num pátio de Lisboa», que publicara no último número de «A Criança Portuguesa» (Junho-Setembro), boletim do IAACF.

Assistentes Sociais, resolver a situação de cada uma, reintegrando-as nas famílias, legalizando relações, obtendo-lhes empregos honestos, colocações em famílias ou em orfanatos, etc.(...)” (Doc. s.d. timbrado da revista. Caixa 24. Maço 5).

Sobre esta ideia sabemos que Fernanda Tasso de Figueiredo considerou que a ideia era interessante mas não seria original:”(...) ao rever uns jornais que esperava para rever quaisquer notícias que não tivera tempo de ler com atenção, encontrei um pequeno artigo que lhe mando sobre "mulheres polícias a empregar na defesa e protecção das crianças, em geral, e das menos protegidas pela sorte, em particular", que foi como um raio de luz a esclarecer a minha incompreensão de há dias. É pena não ser novo, não ter a senhora a primazia da esplêndida ideia para tão magnífico projecto, absolutamente possível de realização- mas de realização prática e real, que resulte tal e qual quanto os seus fins visam, e não apenas desses que são óptimas, em teoria, como tal, se tentam pôr em prática somente "pour épater le bourgeois" e que apenas são belas obras no papel, de jornal ou revista, que as preconiza ou réclama...(...)” (Caixa 41. Maço 3).

Perante as dificuldades que via para a criação dessa *Liga Portuguesa de Protecção à Infância*, Maria Lúcia Vassalo Namorado escrevera ao director da *Liga Portuguesa de Profilaxia Social* para lhe perguntar se não seria mais adequado integrar a ideia que tivera numa outra instituição já existente. Sendo ribatejana e tendo sabido que a *Casa do Ribatejo* havia criado um secção de Beneficência e que a sua iniciativa poderia ser integrada nas *Florinhas de Rua*, questiona-se:”(...) Não valeria mais a pena pôr a minha boa vontade ao dispor de uma destas Obras mencionadas? Ao menos sempre faria alguma coisa já que não me parece fácil a criação duma Liga Protectora da infância, com largos poderes e eu não me sinto com forças nem tenho tempo para lutar activamente para que ela se crie(...). Que me aconselha? Não será mais fácil dentro da Casa do Ribatejo, fazer uma pequena Obra social e educativa, que abranja todas as crianças dessa Província? Obra que amanhã atraísse as atenções e se fosse alargando pelo País? Peço seus conselhos. Confesso: adoro trabalhar- mas não tenho paciência, nem geito, no estado em que estou, e depois as lutas que já tenho mantido para lutar para que me deixem trabalhar(...)”(Caixa 4. Maço 2).

António Emílio de Magalhães vai enviar essa proposta a Diniz da Fonseca, subsecretário da Assistência Social (Caixa 4. Maço 2) mas recebe resposta da *Obra das Mães pela Educação Nacional* referindo a impossibilidade a apoiar tal ideia porque seria iniciativa paralela áquelas que a OMEN deveria realizar (Carta da Condessa de Rilvas, 29 de Mar. 1944. Caixa 4. Maço 2). Do gabinete de Diniz da Fonseca, em carta

assinada pelo Secretário, Manuel Lourenço Vasco, Juiz de direito, recebera também a informação de que já existia a “(...) *Organização Nacional de Defesa da Família* onde cabem todos os objectivos que a Liga se propõe (...) não vale a pena abandonar o que já existe para fundar Ligas com o mesmo fim e apenas com nomes diferentes (...). Todas boas vontades aceites para trabalhar na *Organização da Defesa de Família* a ñ ser que às pessoas não seja simpático por ter character oficial mas, nesse caso, à margem do Estado ou contra ele não podem consentir-se outras Ligas (...)”. Em resposta, António Emílio de Magalhães propõe que Maria Lúcia Vassalo Namorado seja convidada a “(...) ingressar nalgum organismo oficial já existente, e a realizar por seu intermédio a muito interessante e importante obra social que se propõe, quer facultando-lhe os meios dela a pôr em prática mediante uma instituição especialmente fundada, não deixará fenecer tão generosa ideia antes proverá a que ela possa em breve desentranhar-se nas mais belas florescências de caridade cristã (...)” (Carta dos directores da *Liga...Caixa 4. Maço 2*). Como todos os esforços se revelaram infrutíferos, é para lançar esta ideia que o médico convida a directora de *Os Nossos Filhos* a realizar, no Porto, a conferência *Pela Criança*, já analisada neste trabalho.

Em *Os Nossos Filhos* apreciamos a sua preocupação constante em referir o abandono e a negligência a que as crianças eram votadas. Não deixa de assinalar a comemoração do *Dia Mundial da Infância* (ONF, Nov. 1955) e, no mesmo ano, publicitara a criação da “(...) Associação Protectora da criança contra a crueldade e o abandono, criada no Porto, sob orientação de Dr. Leonardo Augusto Coimbra (...)velho sonho nosso, pelo qual lutámos, mas que não podemos, nós, realizar (...)” (ONF, Mar. 1955). Só muitos anos mais tarde, já depois de 25 de Abril de 1974 ela será a 70ª sócia do *Instituto de Apoio à Criança*, como dissemos.

Liga Portuguesa de Profilaxia Social:

Uma outra instituição também actuando no campo da assistência e da profilaxia é a *Liga Portuguesa de Profilaxia Social*, do Porto que teve, como vimos referindo, um papel extremamente importante em *Os Nossos Filhos*.

Esta instituição fundada em 1924 vai ser muito referenciada na revista como podemos ver nos diversos artigos que sobre ela ou de colaboradores que nela trabalham, ali são publicados. Faremos agora uma apresentação das relações que, a título oficial e privado, existiram entre a *Liga Portuguesa de Profilaxia Social*, sedeadada no Porto e *Os*

Nossos Filhos assim como com a sua directora, Maria Lúcia Vassalo Namorado.

António Emílio de Magalhães e Gil da Costa foram dois dos médicos que dirigiram a *Liga* no período durante o qual se publicou a revista. Sobretudo o primeiro, vai criar com a directora da revista uma relação, primeiro profissional e depois, de amizade pessoal. Essa ligação nem com a morte do primeiro se apagará como referimos anteriormente neste trabalho.

Não nos é possível identificar o ano em se terão iniciado as relações profissionais entre ambos. Sabemos, por diversas cartas (cf. Caixa 4. Maço 2), que uma das grandes preocupações de António Emílio de Magalhães foi conseguir a expansão da revista. Para tal ele vai dela fazer propaganda junto dos funcionários da *Liga...*, de médicos ou apenas de amigos pessoais justificando essa atitude pelo facto de considerar que a “(...) esplêndida e útil(...)” revista deveria entrar “(...) em todas as casas mesmo das terras mais afastadas dos grandes centros(...)” (Carta de António Emílio de Magalhães. 28 Fev. 1947(?).Caixa 4. Maço 2). Esse esforço aqui referido pelas assinaturas conseguidas em Cabo Verde e Moçambique poderiam aumentar e estender-se a Angola e continuar naquela última colónia pois “(...) de grão a grão enche a galinha o papo (...) e não está de todo desamparada pois ainda tem amigos(...)” (Caixa 29. Maço 3).

A necessidade de aumentar o número de assinantes de *Os Nossos Filhos* foi uma preocupação evidente de António Emílio de Magalhães como ele próprio confirma ao sugerir estratégias que Maria Lúcia Vassalo Namorado deveria seguir para atingir aquele objectivo: “(...)Desde seu telefonema não deixei de pensar em si e nos problemas relacionados com a revista (...) Delfim Ferreira, em minha opinião, não lhe prestava nenhum serviço mas, lembrei-me do Comendador António Augusto da Silva (Rua do Almada, 291) que nem por sonhos é rico como o Delfim Ferreira mas possui a fortuna bastante para a poder servir /poderia/ vir pessoalmente ao Porto, expor ideias (...) para começar, enviava-lhe carta amável, mandar alguns exemplares (...) passada uma quinzena voltaria a escrever para lhe pedir s a recebia para poder levar por diante o sonho da sua existência (...) ele é bom, generoso e bastante simpático e tem dado, com largueza, contributo para obras úteis; não cite o meu nome que fica para uma troca de impressões com ele (...) “quem quer vai, quem não quer manda” (...) . uma viagem ao Porto, incógnita, mesmo em 3ª classe, com demora de um dia(...) não é coisa de assustar ninguém(...) para a entrevista poderá ir acompanhada por qualquer pessoa amiga (...)ele tem mais de 70 anos (...)”(Caixa 4. Maço 1).

A preocupação com a sorte da revista, patente nas cartas trocadas, é genuína e faz-nos crer ter existido realmente da parte daquele médico a vontade de tudo fazer para a não deixar morrer. Uma das etapas de uma série de diligências que ele faz, ainda em 1957, para conseguir obter um subsídio da *Fundação Calouste Gulbenkian* para evitar o encerramento de *Os Nossos Filhos* será a apresentação, naquela *Fundação*, do pedido seguinte¹⁴⁵:”(...) A Revista *Os Nossos Filhos* cuja ética merece todos os louvores dos sociólogos, educadores e intelectuais da nossa Terra (...) que tem como objectivo ajudar os pais e professores na sua nobre e alta missão de fortificar, moral, física e intelectualmente, o homem de amanhã, problema que teria sido acarinhado por C. Gulbenkian (...) a fundadora, D. Maria Lúcia Silva Rosa, mulher e mãe com autoridade moral e intelectual para falar às outras mulheres e outras mães, tem lutado para a manter em Portugal e territórios ultramarinos (...) a revista é acarinhada pelo público, dificuldades em conseguir número de leitores (quando se trata de assuntos sérios) (...) enfrenta as dificuldades das publicações, de ordem intelectual e benemérita, que não sejam patrocinadas pelo Estado ou por qualquer Organismo interessado no fortalecimento da raça e do País (...) a revista apresenta um déficit de largas dezenas de contos, o qual se não for solucionado (...)apressará morte de tão valiosa publicação que tem servido grandes causas da Higiene, Assistência, Profilaxia, Puericultura, bem como as da Pedagogia e Arte (...) /os signatários/ solicitam subsídio para que possa prosseguir na sua nobilíssima tarefa (...)” (Carta a Azeredo Perdigão. 21 Dez. 1957. Caixa 4. Maço 1). Este pedido fora assinado por perto de quatro dezenas de intelectuais portugueses¹⁴⁶

¹⁴⁵ (Documento em papel timbrado de) *Liga Portuguesa de Profilaxia Social* R. De Sta. Catarina, 108, Porto; (o papel da carta tem cercadura de luto cortada; carta dactilografada).

¹⁴⁶ Haviam assinado o documento: Dr. Gil da Costa e António Emílio de Magalhães médicos e directores da LPPS Dr. Mário de Vasconcelos e Sá, prof. E escritor D. Martha de Mesquita da Câmara, Jornalista e escritora (Porto) Dr. António Maria Gonçalves Ferreira, Juiz Conselheiro do Sup. Trib. De Justiça e escritor (Porto) D. Isaura Correia dos Santos, Jornalista e escritora (Porto) Dr. José Maria d’Almeida Corte-Real, médico e presidente da Federação dos Amigos da Escola Primária (Porto) D. Elaine Sanceau, escritora (Leça do Balio) Dr. Sousa Costa, homem de Letras (da Academia de Ciência e escritor, Porto) Dr. Domingos Braga da Cruz, Delegado de Saúde do Porto (e ex-Gov-Civil, Porto) D. Maria Irene Faria do Valle, prof^a (jornalista e escritora, Porto) D. Belmira de Baptista Almeida, Inspectora do Ens. Particular do MEN (Lisboa) Dr. António Paul (Adjunto do Delgado de Saúde do Porto e Chefe de serviço no Dispensário Central de Higiene Social do Porto) Dr. Adriano Rodrigues, Prof. Da Fac. De Engenharia (e ex-reitor da Univ. do Porto) Dr. Fonseca e Castro, Prof. (De Pediatria) da Fac. De Medicina (do Porto) Dr. Paulo Gonçalves (médico pediatra, Porto) Dr. José Ayres d’Azevedo, médico e jornalista (Porto) D. Virgínia Faria Gersão, prof. Do Liceu Infanta D. Maria (e ex-deputada) de Coimbra D. Maria da Luz de Deus, prof. (e Presidente da Direcção da Ass. De Jardins-Escola João de Deus, Lisboa) D. Maria do Rosário Carvalho Soares prof. E gerente da Maternidade Abrahão Bensaúde, (Lisboa) Dr. Vitor Fontes, Prof. Da Fac. De medicina e Director do Inst. Ant. Aurélio Costa Ferreira (Lisboa) D. Maria da Conceição Martins Magalhães, prof. Do Liceu Maria AVCarvalho (Lisboa) D. Maria Keil do Amaral, Pintora (Lisboa) D. Guida Keil, Publicista e vice-presidente da Academia de Ex-Libris (Lisboa) Dr. Francisco

(Caixa 4. Maço 1), liderados pelos dois directores da *Liga Portuguesa de Profilaxia Social*.

Numa primeira fase, Maria Lúcia Vassalo Namorado opor-se-ia a tal intenção mas, por fim, dadas as dificuldades que enfrentava, decidira aceitar a oferta de António Emílio de Magalhães pois “(...)a solução ou antes, o meio que V. Ex. indica para o assunto que lhe expus, não me encanta, porque temo entraves e complicações, mas concordo que tem razão, uma vez que nem eu nem V. Ex. somos milionários ou ministros...Está pois, muito bem, e com a maior ansiedade fico esperando que V.Ex.^a me transmita o que se for passando(...)caso venham a responder-lhe; junto devolvo a cópia da carta na qual me permiti eliminar duas palavras, e agradeço que V. Ex. mantenha esse corte: nem eu sou bondosa nem a revista importante(...). Perdoe mas cada vez estou mais selvagem (...)” (Carta de Maria Lúcia. Caixa 4. Maço 2). Mas, vejamos como começara esta ligação.

Em 1944 essa relação profissional já se ia cimentando e transformando numa certa amizade pessoal. Maria Lúcia Vassalo Namorado pedira a uma assinante da revista, amiga de António Emílio de Magalhães que lhe indicasse a data do aniversário daquele médico. Sabemos que a senhora em causa, que se tornara assinante através dele, dirá que ele fizera 49 anos em 23 de Abril de 1944 (Carta de Maria Cândida Nogueira d'Azevedo Pinto e Melo de Rio Maior. 23 Maio 1944. Caixa 34. Maço 1). Também pelas cartas do *Espólio* sabemos que o médico havia informado uma das assinantes de Mortágua de que 1 de Junho era o dia do aniversário de Maria Lúcia Vassalo Namorado (Carta de Maria Elisa de Melo, assinante. 31 Maio 1950. Caixa 30. Maço 3).

Esta relação, que nunca foi além de uma amizade começada por questões profissionais, não vai acabar com a suspensão de *Os Nossos Filhos* em 1958. Em viagem de férias, ele escreverá diversas vezes a Maria Lúcia Vassalo Namorado para lhe dizer que “(..)como sua vida teria sido diferente se em lugar de ter nascido em Portugal tivesse nascido nesta terra onde se aprecia o trabalho de quem tem valor!(...)” (Postal de António Emílio de

Freire, médico da Direc. Geral de Saúde (e Direc. Da Liga Portuguesa de Educação Sanitária, Lisboa)D. Maria Leonor Correa Botelho (Inspectora do Serviço Social e ex-deputada, Lisboa)D. Virgínia Lopes de Mendonça (escritora, Lisboa)D. Maria da Luz Ferreira de Oliveira, Prof. E regente do Jardim-Escola João de Deus, PortoD. Nina Marques Pereira, concertista e prof. (De Música, Lisboa)D. Heloíse Cid, escritora(Lisboa)D. Guilhermina Rodrigues Faria Fernandes (Lisboa)D. Ida da Conceição Guilherme, Prof. Do Liceu Rainha de Sta. Isabel no PortoD. Ana Clarice da Costa Pinto, Prof. Da Esc. Técnica Elementar Clara de Resende, (Porto)D. Alexandrina Reynaud publicista e professora (Porto)Dr. Arlindo Lima de Magalhães, Júnior (prof. Da Esc. Comercial Oliveira Martins (Porto)Augusto Gomes de Oliveira, inspector escolar (Porto)D. Lúcia Herculana de Castro, prof. Do Ensino Especial (de Anormais, Porto)Artur José Figueiredo (Porto)Manuel Caetano de Castro, professor primário aposentado (Porto).

Magalhães. Genève, Suíça Caixa 30. Maço 1), ou enviar um postal com vista geral de Maiorca para lhe dizer apenas: “(...)já não sei de si há longo tempo...(...)” (Postal de António Emílio de Magalhães. S.d. Caixa 77. Maço 9).

O percurso pessoal de Maria Lúcia Vassalo Namorado também foi acompanhado por este médico porque em 1956 viria “(...)ver uma exposição de tapetes de Arraiolos a Lisboa(...)” (Carta de 20 Nov. 1956. Caixa 30. Maço 3).

O conhecimento de alguns pormenores diários da vida de ambos é também partilhado: depois de ele lhe dizer que, *Trajano*, “(...) vai de mal a pior (Carta de António Emílio de Magalhães. 10 Ago. 1949. Caixa 4. Maço 2), será a vez dele lhe dizer que “(...) agradece condolências enviadas na morte de *Trajano*, sofreu muito sem queixumes(...)” (Caixa 4. Maço 2) e de se inteirar da evolução da “(...) doença do seu filho- febre da carraça- está a pedir enérgicas medidas(...)” (Carta de António Emílio de Magalhães. Caixa 4. Maço 2).

António Emílio de Magalhães não será parco em elogios quer a Maria Lúcia Vassalo Namorado quer a *Os Nossos Filhos*. Em relação a ela, ao marcar a conferência que iria proferir em Março no Porto, dirá: “(...) “(...) sei que a Liga prestará, por seu intermédio, bons serviços ao País (...) tenho por si além de muita consideração a amizade que me merece uma Mulher inteligente, que ao mesmo tempo sabe ser boa Esposa, boa Mãe e boa Amiga, /assina/ António (...)” (Caixa 4. Maço 2).

Muitas vezes o Director da *Liga*...vai saudá-la a propósito de algum texto de *Os Nossos Filhos* que ele particularmente mais aprecia. Foi o caso da “(...)satisfação pela leitura do magnífico artigo *Uma professora extraordinária e uma escola modelar*, publicado no n.º 135 da revista (...)que bem merece a estima e apreço que já conquistou em muitos lares portugueses(...) /onde se faz a /homenagem a uma bondosa e ilustre professora, para quem o magistério é um verdadeiro sacerdócio que derrama amorosamente a maternal luz da educação e da cultura sobre as crianças que lhe são confiadas...D. Maria do Rosário Carvalho Soares, ilustre directora da Escola Primária de Queluz, que o seu talento transformou em instituição modelar(...)é exemplo de competência, dedicação e bondade(...)” (Caixa 27. Maço 1).

São também muitas as pessoas que, ambos vão conhecer por intermédio um do outro. Neste grupo figuram a médica Adelaide C. Fernandes (que vai criar um curso de *Parto sem dor* e tem consultório na Av. Dos Aliados, 184) (Carta de 11 de Mar. 1959. Caixa 27. Maço 2), Maria da Luz de Deus que diz dever-se a ele a criação do *Jardim Escola João de Deus* no Porto:“(...) projectos? O do Porto vem concerteza a tornar-se uma

realidade porque se interessa o Sr. Dr. António Emílio de Magalhães e... quando este Sr. se interessa por qualquer caso não desiste facilmente!...(...)” (Carta de 3 Jun. 1948. Caixa 42. Maço 1), Vidal Pereira da Costa, irmão de Leopoldo Gonçalves (Carta de 26 de Out. 1947. Caixa 62. Maço 2), Virgínia (Faria Gersão) que diz:”(...) Esteve aqui o Dr. António Emílio que gostei imenso de ver. Deus devia dar-nos muito dinheiro ou nós a ele...Grande alma, isso é que é!...(Caixa 42. Maço 2), Isaura (Correia Santos) que iria a uma “(...) recital no Porto a favor do Jardim-Escola João de Deus. O nosso amigo Dr. António Emílio tem sido incansável!!(...)” (Carta de 22 de Fev. 1949. Caixa 41. Maço 1), Maria Irene Vilaverde Alves de Faria do Valle (Carta de 10 de Set. de 1947. Caixa 60. Maço 2), Creusa Nobre, avó da assinante anual, com 7 anos, cujo padrinho era irmão de António Emílio de Magalhães (Carta de 10 de Abr. 1947. Caixa 35. Maço 2), Aida Maria que vai dirigir a escola infantil do Bairro da Boavista, em Lisboa (Carta de 5 de Jan. 1945. Caixa 61. Maço 1), entre muitas outras, como vimos, Fernanda Tasso de Figueiredo e Maria Lamas de quem diz:”(...) a sua prima (...) seguiu anteontem para Monção, de onde hoje recebi uma carta muito amiga(...). Está contente com as facilidades que lá encontrou, e, aqui no Porto, tudo lhe correu bem(...) a sua prima é uma senhora com todas as grandes virtudes cívicas e morais(...) é muito inteligente e muitíssimo boa (...) tem razão de sobejo para ser muito amiga dela, pois que bem o merece(...)” (Carta de 27 de Nov. de 1947. Caixa 4. Maço 2).

Também Óscar Lopes faz uma conferência sobre a *Educação do gosto literário como problema social português*, em 4 de Fevereiro de 1965, no *Clube Fenianos Portugueses* porque diz ser agradável “(...) "cooperar com pessoas de boa vontade como Dr. António Emílio de Magalhães(...)” (*Espólio*).

Esta instituição teve uma vasta intervenção através da realização de inúmeras conferências que depois sempre editava. No *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* existem diversas dessas brochuras¹⁴⁷, a maior parte com dedicatória pessoal. Em Maio

¹⁴⁷ Dias, Jaime Lopes, Delegado de Saúde de Castelo Branco (1951)- *Ensaio de combate à mortalidade infantil em Castelo Branco: conferência* realizada no Clube Fenianos Portugueses, em 30-11-1950. Porto: Imprensa Social. 40 p.(repetida na Casa das Beiras, de Lisboa, em 13-1-51).

COSTA, Sousa, magistrado, escritor e académico (1949)- *Como se faz um ladrão: ou as cinco estações da Via Infamante*: conferência realizada no Clube Fenianos Portugueses, em 2-12-48. Porto: Imprensa Social. 38 p.

CASTRO, J. de Albuquerque e, professor do Instituto de Cegos de S. Manuel (1951)- *A Educação dos cegos e a sua recuperação para a vida: aspectos fundamentais da assistência tiflológica*. conferência realizada no Clube Fenianos Portugueses, em 29-1-51.Porto: Imprensa Social. 50 p.

LIGA PORTUGUESA DA PROFILAXIA SOCIAL(1951)- *O Problema das carquejeiras do Porto e como a LPPS tem procurado resolvê-lo*. Porto: Imprensa Social. 53 p.

de 1954 a instituição fizera as bodas de prata e, por essa razão, fora convidado o Prof. Sebastião da Costa Sacadura para proferir uma conferência sobre *A Enfermagem: missão espiritual pelo amor do próximo*, uma vez que ele havia sido também o primeiro conferente da *Liga*, vinte e cinco anos atrás (Caixa 86. Maço 1).

Esta *Liga* estará ligada a diversas iniciativas que passam na revista: á luta contra a lepra, e as moscas, como referimos, e também contra “o pé descalço”, iniciada em 1928 (Caixa 4. Maço 2), a favor das carqueijeiras do Porto, do casamento das enfermeiras como veremos ainda. A maior informação de que dispomos sobre as actividades da *Liga* é feita por num artigo de jornal *O Século*, enviado por Adolfo Pereira da Costa, um dos colaboradores da *Liga*... a Maria Lúcia Vassalo Namorado aquando do falecimento de António Emílio de Magalhães “(...) a apertar os sapatos, sentado na cama(...) foi assim encontrado pela criada (...)” (Carta de 22 de Abr. 1973. Caixa 4. Maço 2). O texto do jornal é o seguinte:“(...) contava 77 anos(...). era tio de Angélica Magalhães Vaz Pinto casada com Engº Vaz Pinto(...) foi fundador e director da *Liga Portuguesa de Profilaxia Social*, fundada em 1924 por ele, Dr. Gil da Costa e Veiga Pires¹⁴⁸ (...) /tendo promovido/ Campanhas pela extinção do pé descalço,

FERNANDES, Adelaide do Carmo, chefe dos Serviços de Psicologia Experimental e Orientação Profissional do Refúgio do Tribunal Central de Menores do Porto (1949)- *O Problema da Orientação Profissional: necessidade da sua expansão e generalização*: conferência realizada no Clube Fenianos Portugueses, em 23-5-47. Porot: Imprensa Social. 56 p.

COSTA SACADURA(1954)- *A Enfermagem: missão espiritual pelo amor do próximo*. Separata de O Médico. Nº 138.

SANTOS, Isaura Correia, escritora e jornalista (1955)- *Assistência pós-asilar*: conferência realizada no Clube Fenianos Portugueses, em 26-5-49. Porto: Imprensa Social. 42 p.

MONTEIRO, Manuel Lema, médico-veterinário (1950)- *A Raiva, doença comum ao homem e aos animais: métodos de combate e profilaxia*: conferência realizada no Clube Fenianos Portugueses, em 4-7-50. Porto: Imprensa Social. 38 p.

VIANA, Mário Gonçalves (1948)- *O Problema agrícola português considerado à luz da Psicologia, da Pedagogia e da Sociologia*: conferência realizada no Clube Fenianos Portugueses, em 12-4-47. 43 p.

LIGA PORTUGUESA DA PROFILAXIA SOCIAL(1954)- *O combate às moscas e mosquitos transmissores de muitas e graves doenças, visto através da actuação da LPPS*. Porto: Imprensa Social. 58 p.

CARVALHO, Carlota Almeida de, professora do Curso Liceal do Instituto de Odivelas (1949)- *A Profilaxia da Língua Portuguesa*: conferência realizada no Clube Fenianos Portugueses, em 30-10-43. 28 p.

LIGA PORTUGUESA DA PROFILAXIA SOCIAL(1951)- *A Acção da LPPS em prol dos leprosos portugueses*. Porto: Imprensa Social. 94 p.

Algumas conferências posteriores a 1958:

Fernando Ilharco, director do Instituto de Assistência Psiquiátrica e do Dispensário de Higiene e Profilaxia Mental de Lisboa (faz conferência em 23-1-60, sobre perigos sociais do alcoolismo).

Dr. Ernesto Roma, director clínico da Ass. Protectora dos Diabéticos Pobres, em 1965

Prof. Dr. Edmundo Lima Basto, chefe de Serviço de Cirurgia do IPO, em 1965

Dr. Alberto Ralha, director do Laboratório de Polícia Científica, em 1965

¹⁴⁸ Este médico não consta da cópia que está no arquivador, com os *Estatutos da Liga* que acompanham a carta.

casamento de telefonistas e enfermeiras(...) moralização dos costumes, assistência pública(...) ânimo na instalação do 1º jardim-escola João de Deus no Porto, Matosinhos e do V.N. Gaia e Amarante em vias de se tornarem realidade(...) fazia parte da comissão instaladora do 1º centro anticanceroso com que o Norte vai contar(...) formado em Medicina, pela Faculdade do Porto, Curso Superior de Medicina Legal de Medicina Tropical(Porto), Hidrologia e Climatologia, por Lisboa(...) Sócio correspondente da Soc. De Ciências Médicas de Coimbra(...), prestou relevantes serviços durante a “pneumónica” após 1ª Guerra(...)”.

Nos *Estatutos* que acompanham a carta, aceites em 29 de Março de 1928, é dada indicação dos objectivos que a *Liga...* tinha em vista:“(...) difundir entre o público os princípios da higiene individual e colectiva (art. 1, 1º), os bons princípios para a prática da educação Física (art.º 1, 2º), combater e evitar a propagação das doenças venéreas(art.º 1, 3º), mostrar a gravidade da tuberculose como flagelo social, divulgando a sua profilaxia(art.º 1, 5º); fazer propaganda contra o alcoolismo, a prostituição e pornografia(art.º 1, 6º), difundir cuidados a prestar às grávidas e as noções indispensáveis de puericultura(art.º 1, 8º); lembrar aos Poderes Públicos a urgência de evitar que os degenerados mentais continuem sem assistência, e em liberdade pelo país (art.º 1, 9º)(...) chamar a atenção dos industriais e das classes proletárias para a higiene do trabalho(art.º 1, 10º); chamar atenção dos poderes Públicos para a necessidade de regulamentar o casamento no sentido de se fazer a profilaxia social(art.º 1, 12º); pedir às autoridades a repressão de curandeirismo e do aborto provocado (art.º 1, 13º);promover a profilaxia da cegueira e pugnar pela criação de escolas de amblíopes(art.º 1, 14º)”. Em parágrafo único, a *Liga...* apresentava-se ainda como “(...) neutra em matéria política e religiosa(...)”. Como vimos, intercede junto de algumas entidades oficiais e privadas para que a revista seja por elas apoiada ou subsidiada.

Quando Maria Lúcia Vassalo Namorado expusera a António Emílio de Magalhães a sua ideia de fundar a *Liga Portuguesa de Protecção à Infância*, a que fizemos referência, será António Emílio de Magalhães a iniciar um processo de pedido de apoio oficial, que não vai conseguir, como vimos já. No *Espólio* existem todas as cartas em que tal percurso é descrito e, felizmente que este médico enviava sempre cópia das cartas que mandava às entidades com quem entrava em contacto.

De outras Ligas, como escrevemos no início deste texto, se encontram textos neste *Espólio*. Uma outra *Liga...* á qual Maria Lúcia Vassalo Namorado vai ter ligação, pouco antes e depois do encerramento da revista como publicação mensal, é a *Liga de*

Profilaxia da Cegueira, orientada por Maria Amália Harberts Borges Medeiros, que, em férias no Sítio do Pocinho, Cacela, no Algarve, pede a Maria Lúcia Vassalo Namorado:“(...) não me esqueço dos problemas que durante o ano me preocuparam. Como sabe, a Liga vive com grandes dificuldades. Era necessário dar-lhe um impulso, organizar as coisas para ir para diante como sucedeu com a *Liga dos Deficientes Motores*. Estou empenhada a fundo nisto mas falta-me tempo e qualidades de iniciativa e organização que me permitam fazer sozinha este trabalho! Conhece alguém que esteja em condições de me poder ajudar? Que seja capaz de se entusiasmar e dedicar por uma obra e que possa fazê-lo? Acha, a minha amiga, que me poderei dirigir à D. Cesarina de Castro? Lembra-se de mais alguém que seja capaz de dar a sua colaboração, organizando festas, encarregando-se da propaganda, etc.? Agradecerei muito as suas sugestões...Caso saiba, o favor de me mandar a direcção da Alice Gomes Casais Monteiro e no caso de ela não estar em Lisboa, me saber para onde lhe poderei escrever. É um caso urgente(...)” (Carta de 15 de Ago. 1957).

Dois anos mais tarde, depois da suspensão da revista, será ali que Maria Lúcia Vassalo Namorado vai trabalhar, a convite desta senhora (Carta de 26 de Jun. 1959).

4.2.4.3 A Saúde e a profilaxia

Um das grandes preocupações constante em *Os Nossos Filhos* é a da falta de saúde permanente da população, sobretudo a das mães e das crianças.

Mais do que referir-se uma medicina curativa, a grande aposta da revista é na chamada medicina preventiva vista sobretudo nas suas componentes¹⁴⁹ de “(...) higiene mental, infantil, maternal, escolar, dentária, profilaxia das doenças contagiosas, profilaxia da nutrição e profilaxia e educação sanitária(...)” (Morais, 1946. p. 2).

A maior parte dos textos publicados em *Os Nossos Filhos* mais do que referir os cuidados a ter com os doentes pretende ter uma outra função “(...)em grande parte profiláctica, isto é, impeditiva do aparecimento das doenças (...)” (Pereira 1938. p.8), ou seja, “(...) tem de socorrer-se mais da higiene—que é a ciência que nos ensina a conservar a saúde—do que da terapêutica que nos ensina a curar os estados patológicos(...)” (Moura, 1942. p. 9).

¹⁴⁹ Em *Os Nossos Filhos* só é menos trabalhada uma outra componente: a *Higiene industrial* que aquele autor também inclui na medicina preventiva.

Para atingir esse objectivo a revista aposta, como dissemos já, em dois aspectos: por um lado, encomenda e publica, traduz ou republica textos de médicas(os) nos quais elas(es) definem cada doença e apresentam o problema do ponto de vista teórico; por outro, as páginas da revista são um repositório vasto e minucioso sobre um conjunto de dados práticos que, em relação a cada área da medicina preventiva há que ensinar às mães. Esta tarefa de esclarecer, do ponto de vista teórico e de explicar pormenorizadamente um conjunto de atitudes a implantar no quotidiano são as duas traves em que assenta toda a construção do currículo de saúde que qualquer mãe de família deveria conhecer. No subcapítulo em que analisamos as profissões femininas abordadas na revista, abordamos a questão das médicas e das enfermeiras que colaboram ou são referenciadas em *Os Nossos Filhos*.

A revista era publicada num contexto em que havia que “(...) dosear cuidadosamente esta espécie de fúria desportiva que atravessamos, de tentar disciplinar os exercícios físicos, criando uma verdadeira educação e uma verdadeira cultura físicas, e de cuidar nesses homens que parece só darem valor ao somático...(Moura, 1942. p.10). Estava tudo por fazer num país em que “(...) a mãe trabalha exaustivamente até que as dores do parto a surpreendam agarrada ao cabo da enxada ou da charrua, e da sua parte não há o mais insignificante cuidado de higiene em favor do fruto que traz dentro de si(...). O menino lactante vai ser a vítima indefesa das sentenças obtusas e soezes dum passado de ignorância escura como a desgraça: berra? É fominha(...) tem eczema? É medrança; cicatrizam-lhe o umbigo com uma teia de aranha da adega e um pouco de pó das portas; se tem o sarampo deve ser apanhado ao ar e recolhido ao ar(...)que é para fazer com todas as honras a recepção à broncopneumonia que há-de matar a pobre criança pura e simplesmente (...). As chupetas—esses sinistros veículos de infecções de vária ordem (...). Os desvios alimentares—uma batatita das cozidas com sardinha para desaguar o menino de três meses que esta a olhar para a travessa do conduto amarelo e salitroso(...) isto quando se não chega a dar-lhes, como é do meu conhecimento, uma pinguita para rebater (...)” (Moura, 1942. p. 13).

Defende-se que as raparigas aprendam, na escola, desde cedo os mais elementares preceitos de puericultura assim como a existência de profissionais capazes de actuar em “(...) consultas para grávidas e jovens mães, dispensários de higiene infantil concelhios, gotas de leite para ajudar a maternidade pobre e indigente tão digna de ser ajudada(...) promulgar leis de protecção às grávidas e às amas, criar em suma um respeito que ainda não existe pela mãe e pela criança que é—não contando já com toda a beleza que

encerra—um grande filão de riqueza do país(...)” (Moura, 1942. p. 16) Assim pensa também a directora da revista e parece-nos que pode ser este, resumidamente, o objectivo que Maria Lúcia Vassalo Namorado quer atingir ao querer ensinar as mães a serem-no, antes, durante e depois do nascimento das crianças.

No campo das questões da saúde, como referimos no subcapítulo anterior, muito ligadas às da assistência, a leitura de textos das deputadas que sobre estes temas se pronunciam na *Assembleia Nacional* ajuda-nos, do lado de *dentro* do regime, a melhor compreender qual era também o contexto em que se inseria a revista *Os Nossos Filhos*. Os dados que elas fornecem para explicar o que havia a fazer são para nós preciosos porque, depois da sua leitura, podemos compreender melhor como a maior parte dos conhecimentos que a revista quer das ás mulheres é mesmo importante e desconhecido de um grande número delas, das classes inferiores e médias, ou como frisa com frequência quer a directora da revista quer as leitoras, de uma grande parte também das mulheres das “(...) classes ricas(...)”. Como veremos no último capítulo deste trabalho ao fazer a leitura da correspondência entre Maria Lúcia Vassalo Namorado e a prima Maria Lamas, esta realidade de ‘ignorância’ das mães era constantemente sublinhada.

A deputada Maria Luísa de Saldanha da Gama Van Zeller¹⁵⁰ denuncia a má distribuição “(...) topográfica dos serviços de saúde e assistência(...) por não obedecer ” (...) a um plano de conjunto decalcado sobre as necessidades do país e não sob a conveniência dos organismos onde estão integrados ou, o que ainda é pior, das pessoas que os hão-de servir(...)”. Muitos serviços como a assistência Materno Infantil era prestada “(...) por ex: em Lisboa a Assistência (...) pelo *Instituto Maternal* e rede de serviços que dele dependem: pela Junta de Província da Estremadura, pela Juntas de Freguesia, pela misericórdia, pela OMEN, pela Federação das Caixas de Previdência, pela Legião Portuguesa, pelos Serviços Sociais Telégrafos e telefones, por diferentes associações e centros materno-infantis de vida autónoma, pelas organizações particulares(...)Urge criação de ministério único para coordenar trabalho da saúde, previdência e de meios curativos e recuperadores(...)” porque o “(...) pessoal é a alma das obras ou seu maior fracasso(...)” daquela dispersão e (des)responsabilização resultava fazerem todos pouco e menos ainda do que o que deveriam.

Vivia-se num país em que a falta de pessoal técnico era enorme, sobretudo de enfermagem pois que a estas últimas era exigido que não casassem, se trabalhassem no

¹⁵⁰ Intervenção no *Diário das sessões* da Assembleia Nacional n.º 138- 1948/19 Março, IV legislatura, em 18-3- 1948.

sistema público. As escolas de enfermeiras puericultoras do *Instituto Maternal* não diplomava um conjunto de profissionais em número suficiente o que levaria a que as mulheres não tivessem para as ajudar na tarefa do parto senão alguma “(...) vizinha caritativa mas ignorante(...) ou as ‘curiosas’” para não referir o problema que se sentiria nas Ilhas e no “(...)vasto império de Além-mar(...)”.

É esta deputada que, no discurso que vimos seguindo, dirá que em 1946, quatro anos depois do início do funcionamento de *Os Nossos Filhos*, teria havido “(...) 212.659 nascimentos em Portugal e desses, 135.972 – 63%!- não tiveram qualquer espécie de assistência técnica de médico ou parteira (...)e nesse ano se registaram 9101 nado-mortos e que 53% do total dos médicos existente no país exercem clínica em Lisboa e Porto e desses, 35% correspondem à capital (...)”. Alude ainda ao facto (que muitas vezes desprezamos) de ter havido “(...)deficiência de aleitação e falta ou agravamento de medicamentos por causa da guerra(...)”.

Sobre a taxa de tuberculose dizia esta médica que, em 1946, ela “(...)ou é estacionária ou aumentou(...)” e tinha-se tentado baixar as mortes por “(...) doenças infecto-contagiosas, como a febre tifóide, varíola, sarampo, escarlatina, difteria, tosse convulsa, gripe, etc.(...)”. Tal como em *Os Nossos Filhos* é afirmado por diversos médicos, também Maria Luísa van Zeller refere que não era só a população ignorante que não vacinava os filhso contra a varíola, embora ela fosse obrigatória. Outra doenças havia como o tracoma, as doenças venéreas e a malária que encontramos em *Os Nossos Filhos*, como veremos adiante, que, como a tuberculose ainda não havia capacidade de erradicar, sendo que o aumento de verbas dedicadas a esta última doença tinha aumentado mas...o número de doentes também. Em “(...)1938 morreram 11.467 óbitos, em 1945- 12.366 óbitos e em 1946- 12.905 óbitos(...)”. Para a lepra fora criada a Leprosaria Rovisco Pais pelo Dec. Lei 36.450/47 de 2-Agosto desse ano.

Ainda sobre um outro tema referido sobretudo na correspondência do *Espólio* como veremos, está o aborto. Os dados que apresentamos, relativos ao início do Estado Novo, mais uma vez retirados do texto que um médico apresenta sobre esse assunto e que ele teria ido solicitar em *Tribunais de 1ª Instância*, no *Ministério da Justiça*, são os seguintes:

11 casos em 1926 - quatro sabem ler e sete analfabetas desse, onze mulheres entre 18 e 45 anos e sete entre os 30 e 45 anos 6 eram solteiras, 4 casadas e 1 divorciada	Sacadura, ca. 1929. p.11
--	--------------------------

Processos por crime de aborto entre 1-1-1927 e 31-12-27 nos tribunais Criminais da Comarca de Lisboa: 13 casos – desses, 7 processos foram julgados; destes, cinco foram condenadas e duas absolvidas; houve 6 arquivados por falta de provas	Sacadura, ca. 1929. p.12
Processos por crime de aborto entre 1-1-1928 a 31-12-1928 nos tribunais Criminais da Comarca de Lisboa: 24 casos- 1 condenada, 1 aguarda julgamento; 8 em fase de instrução; 14 arquivados por falta de provas	Sacadura, ca. 1929. p.12

Um outro problema ao qual são feitas diversas alusões em *Os Nossos Filhos* é o das mães solteiras/filhos ilegítimos e o da falta de assistência nos partos, como indicámos acima. O mesmo médico havia registado, duas décadas antes do início da revista que, entre 1919 e 1925 em 82.389 crianças nascidas, 53.848 eram legítimas e 28.541 eram ilegítimas(...)” (Sacadura, ca. 1929. p.14). Também as mortes na sequência de parto eram vulgares. A mesma fonte revela-nos que, entre 1911 e 1920, em consequência de partos, dos 8967 partos registados haviam falecido mulheres em parto normal, em acidentes de gravidez e na sequência de septicémias puerperas haviam morrido mas de 43% desse total, ou seja 401 mulheres (Sacadura, ca. 1929. p.16).

É neste país que a revista *Os Nossos Filhos* quer intervir, promovendo, como dissemos, a medicina preventiva. Aquela publicação pretende dar a conhecer as mais básicas regras de higiene de forma a que, em linguagem acessível á maioria das mulheres, elas possam aprender a manter a saúde na família pela qual são as maiores responsáveis. Esta ‘maioria’ a quem a revista se dirige é aquele grupo de mulheres e mães que, não sabendo, quer aprender. A protecção dos seus teria um outro efeito muito importante a longo prazo: é que o país também beneficiaria uma vez que, se cada mulher agisse de acordo com os preceitos higiénicos adequados, haveria menos doenças e o país sairia também beneficiado dessa aprendizagem feita pelas mães. Essa tarefa poderia caber ao Estado ou, como se assume em *Os Nossos Filhos*, a particulares que, como no caso da assistência, eram ‘naquele’ país ainda a maior fonte de apoio social na doença. A directora da revista defendia ainda, como vemos pela leitura da maior parte dos artigos que, se as mães soubessem agir para evitar as doenças, elas próprias poderiam ir ensinando outras quando vissem a agir mal, o que produziria uma cadeia de ensino-aprendizagem que levaria, sem dúvida, á melhoria das condições de saúde da população em geral. Cremos que partilhava esta ideia de passagem de conhecimentos de mãe para mãe, agindo as primeiras sempre em casos concretos. Como sabemos, Maria Lúcia Vassalo Namorado frequentemente apela ás leitoras para que enviem as suas

opiniões para a revista. Algumas das vezes em que o faz, é precisamente para lhes pedir que “(...) contem casos(...)” em que elas tenham tido alguma intervenção podendo esta ser em casos de erros educativos ou de maus procedimentos na área da saúde das crianças.

A revista irá insistir nos ensinamentos respeitantes sobretudo às doenças evitáveis a nível individual e àquelas cujos efeitos negativos, com o contributo de todos, era possível também evitar. Havia um terceiro grupo, as doenças que, apesar de todos os cuidados, o seu aparecimento e propagação não eram controláveis pelas mães nem pela sociedade.

No primeiro grupo das evitáveis estariam as doenças infecto-contagiosas: “(...) a varíola, difteria, escarlatina, sarampo, tosse convulsa, febre tifóide, meningite epidémica, paralisia infantil (poliomielite) umas mediante vacina outras por apartamento dos focos de contágio (...) /assim como/ o alcoolismo e seus derivados, cirrose, loucura, nevrites(...)”. No segundo grupo figuram “(...) a tuberculose, a disenteria e diarreias causadoras da mortalidade infantil, a lepra, as sezões, /porque/ exigem um acto sanitário extenso e complexo com ordens de asseio pessoal e doméstico, dos lugares públicos, dos serviços industriais e agrícolas(...) e obrigam a isolamento dos contaminados até completa extinção (...)”(Maia. S.d. p. 21).

A separação de pais e filhos (quando os primeiros haviam sido afectados por alguma das doenças deste último grupo) era vista como o único remédio para que não se propagasse o mal na sociedade. Dessa concepção temos ainda hoje resquícios na nossa sociedade: pessoas separadas das famílias nesses anos 40 e 50 do século passado, vivem no Lar da antiga Leprosaria Rovisco Pais.

Esta é a área em que, a par das questões educativas específicas, mais se utiliza o verbo ‘dever’. Começamos pelas questões que se prendem com a área da profilaxia das doenças contagiosas, mais concretamente como define a revista os deveres das mães para com a Saúde infantil neste campo.

Uma das questões principais é a de como evitar os contágios o que não seria difícil tendo em conta as condições deficientes de higiene da maior parte do país. Samuel Maia¹⁵¹, o médico que escreve um livro sobre medicina preventiva, dirá:“(...) Colher um contágio por desastre imprevisível como um acidente de automóvel aceita-se(...) recebê-

¹⁵¹ MAIA, Samuel (s.d.) – *Breviário de Medicina Preventiva: para uso das famílias: Prática de sanidade e meios de evitar infecções, contágios, erros de conduta causadores de doença*. Lisboa: Bertrand. 386 p. (Cf. n.º 123 do Anexo 1- Base Bibliográfica do Espólio- Lisboa).

lo por desleixo de precauções, devido a ignorância dos meios existentes para evitá-lo, tem-se por indecoroso(...)" (Maia, s.d.. p. 9). Para que tal não acontecesse as mães deveriam seguir/ensinar um conjunto de regras que são resumidas em seis tópicos, apresentados por Maria Palmira Tito de Moraes como veremos mais adiante.

A maior parte dos conselhos e ensinamentos de saúde aqui publicados referem-se à infância"(...) àquele período da vida que vai desde o primeiro dia após o nascimento até o aparecer dos primeiros indícios da puberdade, o que entre nós se dá vulgarmente por volta dos 12 ou 13 anos (...)" (Pereira¹⁵², 1938. p. 7).

Os contágios deveriam ser evitados desde o nascimento e são dados diversos conselhos nesse sentido porque "(...) Para evitar os contágios é indispensável suprimir todos os focos transmissores (...)" (Maia, s.d.. p.14). O mais interessante é o que recomenda às mães que usem babeiros com a frase *Não me beijes*, numa época em que a profilaxia das doenças contagiosas era uma preocupação quotidiana em Portugal (ONF, Set. 1942). A revista chegou a publicar o desenho para as mães bordarem com essa frase, feito por Vera Bordallo Pinheiro (Gomes) /scanner/.

Que conhecimentos deveriam ter as mães para evitarem que os filhos pudessem contrair certas doenças? Como se evitavam os contágios? A estas questões responde Maria Palmira Tito de Moraes ao publicar uma lista de normas que visavam esse objectivo:

"(...) 1- Não deixar as crianças terem contactos com doentes. 2- Isolar em casa a criança doente e não permitir que as outras crianças a visitem. 3- Ensinar as crianças a lavar as mãos antes das refeições e depois da eliminação. Este hábito de lavar as mãos nestas ocasiões/ deve ser mantido todos os dias. 4- Ensinar as crianças a não meterem objectos na boca ou no nariz. 5- Levar a exames médicos periódicos as crianças e colaborar com o médico no seu programa de vigilância, que irá proporcionar ò criança condições para que ela goze sempre de excelente saúde, 6- Ver que a criança tenha bastante ar livre e sol (...)" (ONF, Jun. 1945).

A revista *Os Nossos Filhos* refere-se com insistência a diversas formas (das mais simples às mais complicadas) de evitar estas doenças, estando entre elas o asseio

¹⁵² Em Agosto de 1964, quando já colaborava em *Diário de Lisboa*, Maria Lúcia Vassalo Namorado ainda vai recomendar e citar obras que adquirira através da Editorial *Os Nossos Filhos* e que haviam sido editadas muitos anos antes: é o caso da obra do médico PEREIRA, dr. Mário Monteiro (1938) – *Crianças escolares*. Porto: Educação Nacional. 221 p. Esta obra é o n.º 13 da base bibliográfica que elaborámos com os livros do *Espólio*. Dela vai retirar diversos excertos que publica, quer em *Os Nossos Filhos* quer naquele jornal. De *Crianças escolares* (1938) temos a informação de que os textos sobre *Férias grandes*, publicado neste livro entre p.148-150 e o texto sobre os *Vermes intestinais* (p. 201-202) serão, muitos anos depois, publicados em *Diário de Lisboa*.

peçoal e da casa que era uma das formas mais defendidas de evitar as doenças e, por conseguinte, os contágios. Ensina-se como se deve preparar o banho do bebé e das crianças, insistindo na necessidade das lavagens diárias.

O asseio na rua era imprescindível mas difícil porque as ruas apresentavam detritos de toda a espécie, a céu aberto, e nem Lisboa escapava a tal imundície. Nas vilas e aldeias o problema agravava-se porque, em muitos lugares, a falta de pavimentação das ruas obrigava a que, de inverno se atapetasse as ruas com giestas e elas fossem utilizadas para estrume. Estes procedimentos são dos mais condenados em *Os Nossos Filhos* uma vez que as moscas e toda a espécie de bichos transmissores de doenças proliferavam sem problema, sobretudo no verão. Evitar que as moscas atingissem a comida, os olhos e boca das crianças era também imprescindível para evitar doenças como a febre tifóide ou a disenteria. O medo das doenças contagiosas não era exagerado e *Os Nossos Filhos* tudo faz para que, através dos preceitos ali disseminados na área da puericultura, como veremos neste subcapítulo, elas sejam banidas do quotidiano das mães e das crianças.

Para que as mães percebam bem o que é cada doença, como se identifica, como se evita e/ou como se trata, os artigos da revista vão dar muitas indicações teóricas, como dissemos feitas por médicas(os), seguidas de muitos conselhos e ensinamentos práticos que elas deviam seguir. Neste grupo de textos podemos incluir os de Samuel Maia sobre as causas da mortalidade infantil (ONF, Nov. 1943), sobre a mosca que mata o menino (ONF, Maio 1944), sobre a disenteria (ONF, Jun. 1945), sobre os vermes intestinais (ONF, Dez. 1951) e sobre os contágios da infância (ONF, Out. 1944) assim como sobre o sarampo (ONF, Set. 1945). A *Liga Portuguesa da Profilaxia Social*, através das suas publicações cujos excertos são transcritos em *Os Nossos Filhos* quer através dos textos de alguns dos seus médicos como António Paúl, apresenta informações teóricas sobre a mortalidade infantil (ONF, Fev. 1943), sobre a febre tifóide (ONF, Dez. 1943), sobre a importância do combate às moscas (ONF, Jul. 1945), sobre os vermes intestinais (ONF, Nov. 1945) ou também sobre o alcoolismo (ONF, Jul. 1957). Sobre a tuberculose se pronuncia também Branca Rumina, a médica que mais intervenção tem na revista na área da puericultura, durante três artigos (ONF, Abr. a Jun. de 1947), assim como sobre o tracoma (ONF, Set. 1949) e ainda sobre os vermes intestinais (ONF, Fev. 1958). Ao ler a revista, de forma sequencial ou ao analisar os textos que cada médica(o) escreve ao longo dos anos, percebemos que a referência às mesmas doenças é frequente, feita por pessoas diferentes, ou seja, como acabamos de ver, sobre ‘vermes intestinais’ há artigos de António Paúl assim como Branca Rumina; sobre as moscas há textos de Samuel

Maia, da *Liga Portuguesa da Profilaxia Social* e de António Paúl, um dos directores desta última instituição á data de publicação da revista.

Em alguns casos, como temos referido, os artigos não eram o resultado de um texto especificamente escrito para a revista. Aproveitamos para, no caso dum dos textos de Samuel Maia mostrar como era obtida a informação para publicação. O texto teórico sobre desinteria publicado em Junho de 1945 é a transcrição exacta do texto que, sob o mesmo tema, aquele médico escreveu no seu livro sobre *Breviário de medicina preventiva...*Naquele livro, aquele excerto está assinalado á margem, pela mão de Maria Lúcia Vassalo Namorado com a indicação de *Filhos*. Essa anotação engloba o texto publicado entre as páginas 54 a 57 do referido livro.

Apenas como exemplo da forma que tinham estes artigos teóricos na revista transcrevemos o início do artigo que acabamos de assinalar e que sobre a desinteria diz :“(...) Esta doença localizada no intestino manifesta-se por diarreia com emissão de muco sanguinolento na antiga linguagem médica denominado câmara. O povo continua a chamar-lhe «mal de cambras» não se sabe se para designar o sangue-muco evacuado, se o tenesmo doloroso, aflitivo, assemelhando a sensação da câibra muscular. De qualquer modo apelidada essa doença contagiosa, mortífera nas crianças, principal contribuinte da cifra da mortalidade infantil que grassa de preferência no verão quando a mosca trabalha com diligência a disseminá-la. Grande número de enterites em crianças e adultos manifestas na quadra estival são disenterias não classificadas como tais. A segurança de diagnóstico dá-la-ia o exame bacteriológico, fora de prática na vastidão dos casos, muitos nem dando tempo de realizar o exame tão brusco aparece e abate o infectado. Abaixo dos dois anos o ataque adquire malignidade a ponto de actuar quási fulminante, em poucas horas produzindo a morte sem permitir cura eficaz (...). Conhecem-se duas variantes de disenteria, a europeia produzida por bacilos, a dos países quentes produzida por amiba, daí chamar-se a uma disenteria Bacilar a outra disenteria Amibiana (...). Aqui se refere apenas a bacilar de importância maior em Portugal pela devastação produzida na primeira idade. A medicina preventiva que lhe respeita comporta um problema grave de alcance social (...).Sempre o vício da sujeira profusa a descoberto(...) nos lugares habitados se reconhece como fornecedor dos bacilos que a mosca se encarrega de espalhar. Aí o insecto inimigo colhe os micróbios infectantes, Bacilo de Shiga e Bacilo de Flexner, que levados nas patinhas vai depor na boca do menino a dormir, nas mãos depois lambidas, na papa, no pão, na bolacha, no leite, em tudo que serve para alimentá-lo ou às pessoas da família (...).Mas o correntio, a

fonte constante acha-se na mosca transportadora dos germes contidos nas fezes humanas a descoberto. Nesse vício popular de abandonar a evacuação, sem cumprir o que já recomenda o Pentateuco, tapar com terra a obra imunda, procede a grande desgraça da disenteria e da febre tifóide endémica na terra portuguesa. Neste particular é o português europeu mais inculto, ou menos educado que o preto do sertão desde menino ensinado a esconder o excremento debaixo da terra(...)" (Maia. S.d. p. 54-55).

Com muitos outros artigos acontece serem republicações, sendo essa indicação, em alguns casos, fornecida pela própria revista. Como exemplo do que acabamos de afirmar veja-se o artigo de Maria Palmira Tito de Morais¹⁵³ sobre os cuidados a ter para evitar as doenças contagiosas, publicado em Junho de 1945 mas que, volta a ser republicado, sem alterações em Outubro de 1950. Sabemos que a razão que explica este último procedimento se deve tão só ao facto de, nesta última data, a referida enfermeira estar proibida de colaborar e trabalhar na sequência das eleições de Norton de Matos.

Ainda sobre doenças infecto-contagiosas e formas de as evitar são referidas a difteria, o sarampo, a escarlatina, a tosse convulsa (ONF, Out. 1944), assim como o tracoma sobre o qual escreve Branca Rumina (ONF, Set. 1949) assim como Maria Eduarda Santos Cordeiro (ONF, Mar. 1957), aluna de enfermagem da *Escola Técnica de Enfermeiras*. Esta doença "(...)em linguagem clínica, é uma conjuntivite clamidiana, que provoca a inflamação das pálpebras e a introversão das pestanas. Esta delicada erosão sobre a córnea produz uma opacidade progressiva. Termina em cegueira. Em linguagem chã, o tracoma é uma doença dos pobres. Está directamente relacionada com a falta de higiene, de saneamento e de bom alojamento"¹⁵⁴. Pode ser transmitida pela mosca e, clinicamente define-se como uma "(...) Conjuntivite granulosa ou Tracoma. Contagiosa, incurável, de efeito grave que obriga a tratamento perpétuo, a fim de evitar a cegueira como resultante extrema. Persegue a gente ignara, desacautelada, vivendo em promiscuidade nas moradias imundas, ignorando todo o preceito da sanidade inicial representada no uso da água e sabão. Flagela as populações do Norte de África e próximo Oriente. No Extremo do Ocidente apresenta-se por focos dispersos através do território. No *Instituto Oftalmológico de Lisboa* perto de 10 % dos inscritos sofrem desta enfermidade(...). A doença adquire-se na idade infantil por via mais frequente do pai ou da mãe contaminados e o mais severo /cuidado contra contágio/ consiste em evitar contacto próximo de doentes ou objectos por eles usados, tais as roupas, toalhas e

¹⁵³ Cf. *Apêndice Cap. 4- Biografias*.

¹⁵⁴ MENDES, Pedro Rosa (2003)- *A Praga arenosa. Visão: Esplendor na selva*. (18 Set.). p. 109

outros capazes de receber o humor dos olhos enfermos(...)" Maia. S.d. p.106). Esta doença era sobretudo grave na escola primária onde, por exemplo, em Peniche, a professora Maria Olegário Mendes fala de grupos destas crianças separadas das outras, na mesma sala.

Sobre esta doença contagiosa haverá uma comunicação de Manuel de Lemos no *Congresso da Sociedade Portuguesa de Pediatria* (1952. p. 319) em que este médico a define como "(...) ou conjuntivite granulosa (...) afecção crónica, específica e contagiosa da conjuntiva, caracterizada por uma hiperplasia do tecido adenóide e pela formação de pequenos nódulos foliculares segundo Cuenot e Nataf (...) ou doença da miséria e da promiscuidade, segundo Sergent, conhecida desde 50 séculos A.C.(...). Em Portugal, particularmente frequente entre pescadores e população costeira, em 9% dos escolares e 36% nos asilos(...) provocada por um vírus que pode durar toda a vida de uma pessoa com 4 fases de evolução: incipiente ou dúbim, período de estado, período pré-cicatricial e período cicatricial (...). Em 1948, em Matosinhos, era de 24% a população afectada(...)e por essa razão fora criada uma Associação Anti-tracomatosa desde 1948(...) em Portugal por iniciativa de Dr. Trigo de Negreiros(...) com 5 centros de apoio: Lisboa, Porto, Peniche, Faro Setúbal (*Sociedade Portuguesa de Pediatria*, 1952. p.319). Um *Serviço de Profilaxia de Tracoma* chefiado pelo médico José de Sousa Fialho havia sido fundado, em Novembro de 1934 em Setúbal, um concelho com 37.100 habitantes (Lemos, 1935. p. 39).

Uma outra doença contagiosa, da área das doenças parasitárias (como o tifo e as sezões) e doenças venéreas muito referida em *Os Nossos Filhos* é a sífilis de que temos também informações na correspondência do *Espólio*. Este flagelo social é abordado sobretudo em pequenas e discretas notícias sobre a necessidade das mães estarem atentas porque, caso exista na família, os tratamentos devem ser feitos para que a doença não se transmita a futuros bebés. Um artigo sobre o tema, de uma colaboradora brasileira, Eline Mochel de Matos (ONF, Fev. 1949) aborda-a no seu aspecto preventivo. Esta era uma doença com enorme incidência nacional como constatamos ao analisar o que sobre ela diz A Tovar de Lemos, delegado de saúde em Lisboa e que dirigia um serviço de combate a esta doença. Nesta cidade havia no *Dispensário de Higiene Social*¹⁵⁵ da *Direcção Geral de Saúde*, situada na Praça do Brasil, uma secção *de Profilaxia da Sífilis* de que aquele médico era director. Ali dava-se "(...) preferência

¹⁵⁵ A partir da obra LEMOS, A. Tovar de (1936) – *Dispensários de Higiene Social: relatório de 1935*. Lisboa: Direcção Geral de Saúde. Dispensário de Higiene Social. 88 p.

aos doentes portadores de lesões contagiosas, aos recém inoculadas, aos portadores de lesões recentes positivas e aos doentes enviados pelos clínicos pedindo o tratamento e afirmando a carência de meios (Lemos, 1935. p. 5), sendo maior, em 1935, a frequência de mulheres 262 do que de homens – um total de 209 na mesma data. No mesmo local havia ainda uma Secção da Profilaxia anti-venérea, dirigida por Marçal de Mendonça, para combate á blenorragia e onde se fazia o levantamento da origens dos contágios: “(...)dos homens: Meretrizes, criadas de servir, operárias, não averiguados(...) Das mulheres: Operários, Militares, Empregados, Contágio por objecto de uso doméstico, não averiguados (...)”.

Havia outro posto do mesmo *Dispensário no Beato*, também com *Secção de Sífilis*, sob direcção de Neves Sampaio. Nas mesmas instalações consideradas, pelo próprio director como “(...)muito modestas e impróprias(...)” funcionava também o *Serviço de inspecção e profilaxia das doenças venéreas nas toleradas*, dirigido por Tovar de Lemos.

Ao lermos estes dados percebe-se a exiguidade de locais onde era possível obter apoio oficial para ajudar no combate áquela doença. No fim deste relatório o médico relator via que as doenças venéras estavam longe de ser debeladas no país, e que se exigia a criação de “(...) mais Dispensários, pelo menos em todas as localidades com mais de 30,000 habitantes(...) e ainda a necessidade de formação especializada de pessoal para actuar neste meio assim como a necessidade de extensão do apoio social aos doentes (Lemos, 1935. p. 87).

No capítulo da prevenção das doenças contagiosas encontramos ainda a referência á lepra. Esta doença vai ser oficialmente controlada depois de 1947.. Sobre ela escreve de Vila do Porto, Sta. Maria, Açores, uma assinante aflita, Maria Luísa de Sales Grade:“(...) Ignoro se está responder a assinantes(...)atrevo-me a pedir sair dessa regra e me envie parecer do médico encarregado de "Os teus problemas, mãezinha" para que envio selos para porte aéreo; estou há uns anos ilha de Sta. Maria, com meu marido e filhinho; ilha agradável mas existe nela horrorosa doença: a lepra(...) não posso pensar nesses desgraçados sem que sangue se me gele(...) está em vias de execução um Dispensário anti-leproso (...) deixou de haver manteiga em Vila do Porto e conseguimos que venha do interior da ilha(...) soube que é de lugar onde existe maior número de leprosos! fiquei transtornada embora me dissessem que é de casa onde não há ninguém leproso(...) um médico disse que não há problema mas é este motivo da minha carta: há

ou não perigo nessa manteiga?(...)a pensar em tudo isto, no meu marido, no meu adorador pequerrucho(...)eu sei lá?(...)" (Carta de 1 de Fev. 1947. Caixa 26. Maço 4).

Sobre o mesmo problema existe uma brochura¹⁵⁶ no *Espólio* em que se apresenta o que tinha sido a presença da *Liga Portuguesa de Profilaxia Social* na luta contra tal flagelo e sobre ela fora dada notícia na revista de Março de 1952. Sobre essa doença trabalhara a *Liga...* desde 1929 promovendo conferências sobre o tema, a cargo de alguns médicos de reconhecido mérito como a que fora feita em 1934 por Froilano de Melo¹⁵⁷ e de Vilas-Boas Neto. No final dos anos 30 só se "(...) recolhiam leprosos no Hospital de Curry Cabral, com três enfermarias: uma de 40 leitos, para homens, e duas para mulheres, estas com um total apenas de 26 leitos(...)" (*Liga...*1951. p. 57). Só em 1947, com a Lei de assistência aos leprosos, de Agosto 1947, e a inauguração da Leprosaria Rovisco Pais, que fora criada pelo decreto de 15 de Novembro de 1938 fora possível apoiar aquelas(es) doentes. Em 7 de Setembro de 1947 "(...) realizou-se a inauguração do Hospital-Colónia de Rovisco Pais,(...) na Quinta da Fonte Quente, no lugar da Tocha, e no centro da região do País onde é maior o número de leprosos. Consta de bastantes edifícios, maiores ou menores: hospital, asilo, núcleos familiares, creche, preventórios, casa de educação, dispensário central, casas de trabalhadores, residência do pessoal, igreja, etc., sendo a capacidade total de 773 pessoas(...). Foi inaugurada por Trigo de Negreiros e estivera presente o director da *Liga...* pelo seu Director Dr. António Emílio de Magalhães (*Liga...*1951.p. 85).

Em *Os Nossos Filhos* o problema da doença pode considera-se um dos subcapítulos da área da saúde¹⁵⁸. Ensinar às mães o que fazer em caso de doenças mais ou menos frequentes nas crianças assim como a forma de as evitar e, não sendo possível, como agir perante elas é também uma das preocupações da revista. Desde os primeiros números até ao final da publicação a insistência na profilaxia e na prevenção das doenças é uma constante, se bem que seja mais insistente nos primeiros dez anos do

¹⁵⁶ LIGA PORTUGUESA DE PROFILAXIA SOCIAL (1951) – *A Acção da Liga Portuguesa de Profilaxia Social em prol dos leprosos portugueses*. Porto: Imprensa Social. 94 p.(Conferências da LPPS; 11)

¹⁵⁷ "(...) Director da Escola Médica de Nova Goa, Professor Honorário da Faculdade de Medicina do Porto e Chefe de Saúde da Índia Portuguesa, actualmente no Brasil procedendo a investigações médicas(...)" (*Liga...*1951. p. 8). Conferência já foi publicada no IV volume das Conferências da LPPS. Fora também "(...) o criador e grande animador da Leprosaria da Índia Portuguesa em 1926, sem encargo para o Estado(...)" (*Liga...*1951. p. 52).

¹⁵⁸ Sobre este tema, de um ponto de vista teórico, cf. a tese de Carlos Abreu – *Limpos, dóceis e sadios...*

que no período final da vigência da revista.

Não nos surpreende esta atitude uma vez que a revista está voltada para a identificação dos problemas, para a sua explicação e tenta ainda ensinar, quer do ponto de vista teórico com os artigos de diversos médicos, quer com os conselhos práticos que preconiza, uma erradicação ou diminuição de certas doenças. Da formação das mães e da sua maior ou menor consciencialização deste facto dependia a melhoria das condições sanitárias da população e é nesta perspectiva que devemos ver os contributos que *Os Nossos Filhos* prestou neste campo.

A preocupação com a saúde das populações fora herdada dos republicanos que, para o meio escolar, tinham publicado um conjunto de disposições legais que tentavam prevenir a existência de muitas das doenças então existentes no nosso país. Como exemplo de uma dessas medidas, aplicadas às escolas com mais espanto do que concretização, temos o *Regulamento da Sanidade escolar de 6 de Janeiro de 1918* em que se preconizava a existência de um médico escolar por cada estabelecimento de ensino secundário, enquanto que as escolas do ensino primário seriam ainda assistidas pelos médicos municipais, sendo que em Lisboa haveria 4 médicos para todas, no Porto dois e em Coimbra 1. Aos médicos escolares competia, designadamente, proceder a exames médico-pedagógicos dos alunos, fiscalizar a sua alimentação e a conveniência dos seus horários lectivos, propor alunos para colónias de férias ou estimular e orientar o ensino da educação física. (Caldeira. 2004. p. 11).

Em *Os Nossos Filhos* encontramos muitos artigos, como veremos no quadro sistematizador que colocamos mais adiante neste capítulo, nos quais os ensinamentos sobre cada doença, os seus sintomas, as formas mais correctas de actuação ou ainda formas de a evitar são referenciadas.

A maior parte deles é escrita por médicos a quem Maria Lúcia Vassalo Namorado endereçava um convite, por carta. Muitos, ela não os conhecia de todo. Se alguns acedem com facilidade a escrever sobre certas doenças para a revista, outros há que, invocando os seus afazeres, nem sempre respondem com a prontidão por ela desejada. Alguns não escrevem os artigos mas dão-lhe autorização para que sejam transcritos de publicações existentes para divulgação da classe médica (artigo de Pedro Sampaio, ONF, Ago. 1943 retirado de *Jornal do Médico* de 1 de Junho 1943). Alguns artigos não são mais do que a transcrição de intervenções feitas em Congressos ou mesmo na *Assembleia Nacional*. Neste último caso está a intervenção da médica e deputada

Maria Luísa van Zeller, em Maio 1944 que já analisámos.

Sobre puericultura versam ainda muitos dos artigos sobre doenças em *Os Nossos Filhos*. Por esta enumeração podemos concluir que não houve, da parte de Maria Lúcia Vassalo Namorado um plano prévio de publicação por temas. Ao consultar os artigos que sobre doenças reunimos, verificamos que enquanto que algumas são referidas apenas uma única vez, outras, são-no bem mais frequentemente. Sobre os artigos que, na área das doenças, como na da saúde, em geral, não é feita distinção entre o relevo dado a artigos escritos por médicas(os) e os que são da autoria de enfermeiras, como é o caso de Maria Palmira Tito de Morais.

A preocupação com as condições de saúde da população em geral é exposta na revista, muitas vezes a partir de dados e informações fornecidos, mais uma vez, pelo próprio poder político. É o caso da taxa de mortalidade infantil referida¹⁵⁹ por José dos Santos Bessa, ao tomar posse do cargo para que foi nomeado na *Delegação Maternal* em Coimbra que já tinha afirmado na Assembleia Nacional: " (...) 200.000 crianças que nascem em Portugal(...)morrem no 1º ano de vida à roda de 25.000 e nos primeiros 5 anos, mais de 40.000!...20% das que nascem não chegam a atingir os 5 anos de idade(...)" (ONF, Out. 1946).

Um dos problemas que mais ajudava na propagação das doenças era o da falta de higiene das pessoas, como dissemos já. A ele se refere a médica Branca Rumina (ONF, Dez. 1946) ao explicar como se podem evitar algumas das doenças dos olhos. Em termos igualmente alarmantes se exprimem todas(os) as(os) colaboradoras(es) ao referirem credices que, sobre diversas doenças, se haviam instalado em certas pessoas, independentemente do grupo social de pertença. A chamada de atenção constante para que se desconfie "(...)dos conselhos dados por parentes, amigos ou conhecidos, embora aleguem experiência pessoal (...) sejam bem intencionados (...)" (ONF, Dez, 1946) é outra linha de força em *Os Nossos Filhos*.

No mesmo sentido as mães deveriam ter o cuidado de saber responder a algumas perguntas básicas sobre a saúde dos filhos. Eis as principais:

"(...) 1- Os seus filhos (ou filhas) ouvem e vêem bem? 2- Os seus dentes são saudáveis e estão sempre limpos. 3- O nariz e a garganta estão em condições de saúde? 4- O médico pensa que eles têm um bom estado de nutrição? 5- Têm eles os olhos brilhantes,

¹⁵⁹ Os dados estão em carta publicada em *Os Nossos Filhos*, escrita pelo General Ferreira Martins, vice-presidente da Cruz Vermelha Portuguesa (ONF, Out. 1946).

as faces rosados/ os músculos firmes e uma correcta posição do corpo? 6- Já foram vacinados contra a varíola, difteria e tosse convulsa? (e contra a febre tifóide, se for preciso?) 7- Têm bons hábitos de alimentação, sono, banho, eliminação e obediência? 8- São alegres gostam de ajudar no trabalho procurando fazê-lo bem feito? Dominam o mau génio/ brincam bem com outras crianças, são leais a brincar e pensam nos outros?(...)” (ONF, Jun. 1945).

Muitas vezes o peso do quotidiano é-nos dado através de alguns pormenores que chamam a nossa atenção. Neste grupo de textos, o que nos pareceu mais digno de transcrição, pelo seu conteúdo, foi o que escreveu o médico Gil da Costa, um dos directores da *Liga Portuguesa de Profilaxia Social* do Porto, que no texto que dedica à explicação do flagelo da tuberculose, faz uma reflexão sobre a sua forma mais fácil de contágio: o escarro que então era considerado o maior foco de transmissibilidade. Apreciar a forma empolgada como é escrito assim como a solução que o autor apresenta para o problema é interessante: se se quer ter êxito na “(...)da luta contra esse flagelo apostado em devorar a raça, em diminuir a população e negar-lhe todo o seu vigor (...)Todos podem e devem participar nesta campanha.../deixando de escarrar/ nas ruas, na CP, nos eléctricos, nos cafés, nas repartições públicas, por toda a parte / usando/ os lenços e melhor, muito melhor, os escarradores de bolso e os escarradores próprios para os lugares públicos(...)”. Ao menos, se por outra razão não for “(...) lembremo-nos do espectáculo que oferecemos aos estrangeiros, oriundos de países onde tal hábito é desconhecido (...)” (ONF, Set. 1945).

Os Nossos Filhos muda as(os) suas(seus) articulistas com muita frequência, ou seja, se há médicas como Branca Rumina que têm colaboração ao longo de muitos anos, outros há que apenas escrevem um ou dois artigos, por vezes, como dissemos, sobre assunto já abordado por outras(os) autoras(es). A título de exemplo veja-se que, sobre a tuberculose há dois artigos de Veiga Pires (ONF, Nov. 1949 e Jul. 1950) em que muitos dos cuidados são os mesmo apresentados por Gil da Costa no artigo que escreve sobre o mesmo assunto em Setembro de 1945.

O cuidado na profilaxia das doenças não inclui apenas as do foro físico. Também outras doenças, como as do carácter, são identificadas, explicadas, analisadas e ensina-se a forma de as afastar. Neste grupo, a título de exemplo colocamos o mau humor que “(...) é uma doença...Pode ter a sua origem em desmandos orgânicos apreciáveis, como nas gastrites, nas doenças de fígado, na pobreza de sangue, mas pode constituir-se por mau hábito e pobreza de espírito. O mau humor que deriva de

perturbações orgânicas requer o tratamento médico; mas o outro o que se filia na irritabilidade de carácter, na impaciência, no abandono e desleixo (...) do seu dono (...) deve combater-se com exercícios da vontade(...) A primeira coisa a fazer, nestes casos, é tomar a resolução de ser alegre/ de ter a cara lisa...Todas as manhãs se dá vontade é um formidável reservatório de força, ... Cada hora do dia a resolução da boa cara, do bom humor, será renovada e passada esta, converter-se em actos de complacência, (...) de alegria, de optimismo, contra todas as objecções e temores de parecer ridículo (...)” (Serras e Silva, ONF, Ago. 1945).

Nem sempre os conselhos sobre a forma de evitar as doenças são dados em artigos das(os) médicas(os) que escrevem na revista. Alguns são apresentados na forma de pequenos pensamentos ou máximas, sucintos: “(...) Mães que amamentam devem evitar comidas salgadas e picantes, café, bebidos alcoólicas, caça, mariscos, conservas, enchidos com alho; também não devem abusar de ovos, e carnes (...)” ou ainda “(...) Raríssimo é morrer uma criança de fome. Todos os dias morrem milhares delas por comerem de mais ou do que não deviam comer(...) (ONF, Ago. 1945).

Ainda sob o ponto de vista das doenças, a revista passa a ideia de que é nas cidades “(...)principalmente nos bairros humildes e sombrios, onde as crianças não encontram meio ambiente favorável ao seu desenvolvimento. E também não o encontram nas aldeias sórdidas e miseráveis (...) (Armando Narciso. ONF, Dez. 1945) que as doenças mais se propagam.

Os artigos das(os) colaboradoras(es) estrangeiros que escrevem sobre doenças vão no mesmo sentido dos que são escritos pelas(os) médicas(os) nacionais. Apenas a título de exemplo podemos citar o de Howard Beaufait cujo artigo aprovado pela *National Foundation for Infantile Paralysis*, aconselha às mães algumas formas de prevenir a paralisia infantil, a saber: o que deve e o que se não deve fazer. No primeiro grupo aconselha-se que se “(...) 1- Vele porque os crianças cubram o nariz e a boca quando espirram ou tosem; isto pode evitar que contagiem outras pessoas de paralisia infantil2- Ensine-lhes o preceito de levar as mãos e escovar unhas As mãos sujas podem contaminar os alimentos. 3- Lave todos os frutos e vegetais. 4- Destrua moscas e outros insectos. Conserve as casas bem protegidas. No segundo, o que não se deve fazer, é recomendado que :”(...) 1-Não deixe fazer qualquer intervenção às amígdalas das crianças sem que um médico especializado o aconselhe. 2-Não consinta que as crianças brinquem com água estagnada. 3-Não deixe que se cansem demasiado. A

fadigo diminui o resistência contra a doença. 4 — Não permita contactos excessivos. Como beijos na boca, etc., entre crianças (...)” (ONF, Nov. 1947).

Muitas vezes são apresentadas na revista algumas instituições que funcionam como modelo e que, do seu orçamento, fazem publicar pequenos folhetos e brochuras sobre determinadas doenças ou cuidados profiláticos a seguir. O *Centro de Enfermagem* da Rua Coelho da Rocha, oferece um conjunto de artigos sobre temas tão diversos como: origem dos bebés, como pentear uma criança, como lavar os dentes da criança, sobre como educar os filhos únicos, vacinar as crianças contra a tuberculose, a necessidade e banho diário (ONF, Jun. 1955).

Da iniciativa particular no combate às doenças, sobretudo as infecciosas, nos damos conta também em *Os Nossos Filhos*. Uma senhora de Viseu, que assina *RATF* e é membro da *Cruz Vermelha* naquela cidade vai propor à revista que dado que tem visitado “(...) pais e mães tuberculosos dormindo com os filhos(...)” propõe que a revista inicie uma “(...)campanha em defesa dos filhos dos tuberculosos. Não poderia obter-se do Estado verba para a construção de preventórios onde se metessem estas crianças? Não seria necessário fazer construções de luxo, com belo aspecto arquitectónico para deslumbrar visitantes. Casas simples, do menos dispendioso possível, mas com bom ar, sol, luz, um ambiente de saúde para estes pobrezitos que não fizeram mal para quem a vida começa (...)” (ONF, Jul. 1949).

Aquela preocupação com a transmissão de certas doenças está patente em toda a revista e sente-se que perpassava o quotidiano dos anos 40 e 50. Ela é mais incisiva e deve ser mais debatida com os jovens casais. Estes, na preparação para o casamento devem ter esta questão como uma das mais importantes a enfrentar. Para elas(es) é publicado um dos artigos em que, como espécie de exame de consciência, elas(es) deveriam ver se tinham controle sobre todas as implicações para a saúde que aquele passo poderia trazer. A revista coloca as questões e dá as respostas que podem tranquilizar os noivos (ONF, Set. 1957). Quanto às respostas, se as leitoras tivessem lido toda a revista, saberiam muito bem quais as mais adequadas e que são as que também ali se publicam.

A leitura de *Os Nossos Filhos* permite-nos identificar um conjunto que diríamos quase interminável de doenças. Vejam-se as que ali são referenciadas:

Quadro n.º 7.: Doenças referidas em *Os Nossos Filhos*:

Constipação, Difteria, Maria Palmira Tito de Morais, enf. De Saúde Pública	Jun. 1942
Difteria ou garrotilho “	Dez. 1942
Convulsões	Ago. 1943
Tosses, Pneumonias, Influenza, Amigdalite, Escarlatina, sarampo, Parotidite, Tuberculose, Tracoma, Conjuntivite, sífilis, Infecção gonocócica, Escarlatina, Difteria, Meningite, Poliomielite meningocócica, febre tifóide , por Maria Palmira Tito de Morais	Jul. 1942
Gastro-enterite por Samuel Maia médico dos hospitais de Lisboa	Ago. 1942
tuberculose pulmonar Tosse convulsa J. Rosa da Paixão ¹⁶⁰ , médico, assistente livre da cadeira de Pediatria da FML	Mar. 1943
Sífilis pré-natal Por Branca Rumina	Ago. 1943
Intoxicações como alcoolismo, ópio e cocaína	
Difteria Por médico Pedro Sampaio bacteriologista da Fac. Medicina do Porto -	Ago. 1943
Febre tifóide por LPPS	Dez. 1943
Mortalidade infantil e outros flagelos de saúde, Maria Luísa van Zeller	Mai 1944
Mormo e doenças afins afecção mormo-laparótica ou laparão...doença dos solípedes, transmissível aos homem e Linfangites, por A Oliveira e Sousa quintanista de Medicina Veterinária	Ago.1944
Raiva por A Oliveira e Sousa quintanista de Medicina Veterinária	
Varíola e vacinação por J. Rosa da Paixão	08-1944
Às nossas leitoras, senhoras instruídas, compete a divulgação dessas medidas; aconselhando-as àquelas mães que por ignorância tanto contribuem para, a difusão da maior parte das doenças infecto-contagiosas	
Difteria, Escarlatina, Sarampo, Tosse Convulsa por Samuel Maia	10-1944
Tosse convulsa, franceses Coqueluche, os espanhóis Tosferina, a nossa linguagem popular Esgana à doença epidémica por Anónimo	10-1944
Brucelose, A Oliveira e Sousa	11-1944
cancro não é uma doença contagiosa por Anónimo	11-1944
BCG, Manuel Farmhouse, Colegas muito competentes já nesta revista a este assunto têm dedicado vários artigos, O que vai ler-se é somente fruto de uma experiência clínica, infantil de mais de 10 anos, e de uma experiência de pai de oito filhos	12-1944
Sífilis e o crime que ela representa, J. Rosa da Paixão	01-1945
1940 houve em Portugal 8172 nados mortos para 172.644 nascimentos com vida, podendo-se atribuir a maior parte dos nados-mortos à sífilis	
PSITACOSE - traduzindo-se por beijos e carícias que não são repreensíveis sob o ponto de vista moral, mas que o são, e muito, sob o, ponto de vista higiénico. ...a papagaios e periquitos,	01-1945
FEBRE AFTOSA, anasarca , difteria - duvidoso que as difterias animais possam dar lugar ao garrotilho...anemia infecciosa ..varíola e vacina, gripes e infecções de origem cárnea e láctea, A Oliveira e Sousa	02-1945
neurastenia e raquitismo Anónimo	02-1945

¹⁶⁰ Familiar do marido de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

Maria Lúcia Vassalo Namorado e a educação feminina: a revista Os Nossos Filhos (Continuação)

cuidados de asseio geral Higiene dentária por Maria Palmira Tito de Morais	06-1945
Diarreia, Samuel Maia, (extraído do) <i>Breviário de Medicina Preventiva</i>	06-1945
Moscas no quotidiano, LPPS	07-1945
Mau humor, Serras e Silva	08-1945
Escarro, por Gil da Costa(é da LPPS)	09-1945
sarampo Não há vacina, por Samuel Maia(foi retirado de) <i>Breviário de Medicina Preventiva</i>	09-1945
Tuberculose infantil, conselhos para ferver leite , Maria Palmira Tito de Morais	10-1945
Colónias de férias ,Prof. Dr.Armando Narciso	12-1945
anti-variólico que é obrigatória vacinas anti-diftérica, anti-tífica e anti-tuberculosa, Branca Rumina	01-1946
purgação grave do recém-nascido nos olhos, Branca Rumina	03-1946
Febre tifoide, /scanner/, Manuel Vicente Moreira desenhos inspirados num quadro do Museu de Higiene de Varsóvia, reproduzidos em «Lisboa Oriental», do Dr. Manuel Vicente Moreira	07-1946
Tuberculose, E. J. Pampana, Professor Dr Director dos Serviços e Higiene e de Socorros da Liga das Sociedades da Cruz Vermelha	08-1946
tuberculose E. J. Pampana, É inadmissível que nos países ser civilizados, imponham às crianças a educação obrigatória sem se esforçarem por evitar ao mesmo tempo os perigos, que dela possam derivar.	09-1946
Asseio geral e ex. de princípios a seguir pelas mães, Branca Rumina	12-1946
Cuidados com olhos, Branca Rumina	01-1947
organização médico-social anti-tuberculosa, 1º- Profilaxia da infecção :No lar, na escola e na rua Inspeccionar com frequência todo ,o pessoa} docente, e banir p beijo na professora à, entrada e saída das aulas!... Na rua, deverá ser proibido aos :om detritos de todo a espécie: desde as, simples papeis inúteis aos fósforos ardidos e às pontas dos cigarros. Cuspir ou escarrar no chão, e por toda a parte, é um costume ignóbil que marca bem o atraso de civilização. 2- tratamento de infecções... 3- Profilaxia do doença... 4- tratamento do doença... 5- Profilaxia das recaídas...Ladislau Patrício (extraído de:) "O Jornal do Médico"	02-1947
raiva, botulismo, psitacose do papagaio, cão e gato e sarna, ténia da vaca ou porco, tinha, tuberculose, paralisia infantil epidémica e certas paralisias de animais, por Branca Rumina	03-1947
medidas higiénicas infância, Branca Rumina	04-1947
das moscas, Samuel Maia(é retirado de) " <i>Breviário de medicina Preventiva</i> "	04-1947
Tuberculose infantil, higiene do tubo digestivo e influência da temperatura na vida criança, Branca Rumina	05-1947
primeira dentição, Anónimo varíola e a difteria malefícios chupeta Corpos estranhos nos olhos...(o que não/fazer)	06-1947
Tuberculose, colaboração de todos, desde o Estado (e só ele pode resolver certos problemas económicos, e certas fases do problema higiénico, como seja a fiscalização rigorosa dos produtos alimentares, a repressão do alcoolismo, a vigilância das tabernas, o	06-1947

Maria Lúcia Vassalo Namorado e a educação feminina: a revista Os Nossos Filhos (Continuação)

afastamento das pocilgas, cavalariças e outros focos de infecção) até a colaboração dos industriais, patrões e particulares , Branca Rumina	
Moscas e mosquitos e higiene, Branca Rumina	07-1947
Malefícios do tabaco nas crianças, M.N.	08-1947
Mães internadas com filhos sem um pavilhão com jardim, para creche e jardim-escola especialmente destinados aos filhos do pessoal (Maria Lúcia)	02-1948
dado n/s estarem esgotados e sras pedirem esclarecimentos sobre assunto...)...vamos repetir as lições daquela nossa ilustre colaboradora. Enfermeira-chefe do Centro de Saúde de Lisboa, Maria Palmira Tito de Morais	05-1948
Continuemos o responder às perguntas sobre enfermagem e doenças contagiosas que nos têm dirigido, publicando de novo o» artigos que sobre o assunto saíram nos primeiros números do nossa Revista, os quais se encontram esgotados.	08-1948
Por estar esgotado o número em que foi publicado a primeira vez, e para satisfazer , inúmeros pedidas, voltamos a publicar este. Artigo da nossa colaboradora Maria Palmira Tito de Morais	01-1949
Por estarem esgotados	03-1949
efeito nocivo do álcool nos filhos de mães, Armindo Fernandes	05-1948
proposta de luta contra alcoolismo, com ex. de França, Inglaterra, LPPS	08-1948
propagação da tuberculose, Sabine Petersen	11-1948
exame de fezes, Eline Mochel Matos, é brasileira	01-1949
Sífilis não é hereditária. adquirida de indivíduo para indivíduo, Eline Mochel Matos	02-1949
sobre gastroenterite, Joseph Kalmer	04-1949
Raquitismo, Liga Portuguesa de Profilaxia	06-1949
Tracoma, Branca Rumina, em 1947, em Setúbal, apresentaram-se à consulta 233 tracomatosos dos quais 94 eram crianças segundo informou Dr. Albarran1929- criação da Org. Internacional contra o Tracoma...Quando existam numerosos casos de tracomatosos pode consentir-se escolas e locais de trabalho	09-1949
chamada de atenção para vacinar contra difteria, Anónimo	10-1949
, defesa vacina BCG, Camila de Oliveira, leitora(pretende ser resposta a leitora anterior	10-1949
Tuberculose, escarros, e outros conselhos, Veiga Pires	11-1949
Assistência nacional aos Tuberculosos...com postos em Lisboa, Porto, Coimbra e Setúbal em colaboração com Delegações e sub-delegações do Instituto Maternal...em Lisboa funciona provisoriamente todos os dias úteis das 9 às 12 e dos 14 às 17 horas, um posto de vacinação do INSTJTUTO DE ASSISTÊNCIA NACIONALAOS TUBERCULOSOS, provisoriamente instalado na rua Tenente Valadim Casanova Alves, Director dos Serviços de B. C. G.	04-1950
Sobre tuberculose na mulher, Luís de Castro, pseudónimo dum ilustre tisiólogo português	06-1950
Tuberculose e vários conselhos, para quotidiano, Veiga Pires	07-1950
(criança que está bêbada na escola...mãe alcoólica...)Professora diz aos outros que ele é doente e nunca nos devemos rir da infelicidade dos outros, Jaquelina, prof. ^a de aldeia, (extraído de) "O Educador", 17 de Março 1950	08-1950
combater o alcoolismo- inimigo da saúde, da felicidade e da ordem, Jaquelina, prof. ^a de aldeia	11-1951 02-1952

Maria Lúcia Vassalo Namorado e a educação feminina: a revista Os Nossos Filhos (Continuação)

alcoolismo do avô que dá neto vinho beber, Jaquelina, prof. ^a de aldeia	
O Doente com tuberculose pulmonar, Maria Palmira Tito de Morais	05-1951
, Educação mães nas doenças Júlio Esmeraldo Gouvêa	07-1951
Leitora, Irene, que viu menina com tracoma e mandou-a Inst. Gama Pinto,	02-1952
, superstição de cortar o trava língua, Professorinha da aldeia	02-1952
Miopia...estrabismo...deficiência auditivas....Desvios da coluna...fome e mau aproveitamento...tuberculose óssea, dr.Rolando Moisés, (extraído de) "O Educador", 10-5-1951 (UM ANO ANTES	09-1952
crianças doentes, Exclusivo para «Os Nossos Filhos», C.M.Watson	09-1952
Maurice de Fleury , Le corps et l'âme de l'enfant:(cuidados na adolescência com as bebidas porque hereditariedade	09-1952
Alcoolismo e cons. sociais, dr. António de Miranda, Em "Natura" de "Vida e Saúde", do Brasil	02-1953
Enurese: pode persistir até adolescência, Dora Bell Exclusivo para «Os No\$?os Filhos»	04-1953
Sintomas de doenças, identificação, Dora Bell, Exclusivo da Reuter Features	06-1953
(Normas divulgadas) pelo Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos	09-1953
(pedido de explicação do que á a "febre de Malta"), Dra. Maria do Carmo Martinho	06-1954
1952: morreram em Portugal continental e colónias 100.846 indivíduos, sendo 8% de tuberculose...,Maria do Carmo Martinho	11-1954
Desde 1953, Tuberculosos que saem do Hospital, em Hoje uma Casa na Venda Seca, para mulheres, onde 31 convalescentes se fortificam e casa em Caneças onde 13 homens , por L.C.T. da Conferência de Nossa Sra. Do Amparo	12-1954
oftalmia purulenta, transmitida pela mãe no momento em que criança nasce...Liga Portuguesa de Profilaxia	01-1955
Anónimo excertos Centro Internacional da Infância (Jornal do Médico, 24-7-954), bebé com dentadura completa(Jornal do Médico, 2-12-954, ataque poliomielite em Canal da mancha(Jornal do Médico, 4-12-954)	01-1955
Maria Francisca da Costa Andrade, médica pediatra, publicou «Profilaxia da tuberculose infantil"... hormonas sexuais que servem para contrariar menopausa, nos EUA (Jornal do Médico) 20 de Novembro de 1954 ¹⁶¹	01-1955
Quadro com tempo de isolamento para doenças contagiosas: Coqueluche Difteria Papeira Sarampo Rubéola Escarlatina Tifo Varicela	02-1955
Tuberculose, explicada minuciosamente, Maria da Assunção Semedo, (autora é) EE da Escola Técnica de Enfermeiras do I. P. O Legendas do Instituto da Assistência Nacional aos Tuberculosos	05-1955
Vacinas, Anónimo (quando se descobriram)	05-1955
Filhos alcoólicos, detenção de leite,... Branca Rumina, (extraído de) Guia das Mães	06-1955
Conselhos oferecidos às nossas leitoras pelo, Centro de Enfermagem da Rua Coelho da Rocha — Lisboa	06-1955

¹⁶¹ É neste n.º que tem a indicação de doutoramento de Maria Isabel Magalhães Colaço, com 19 valores. 13ª Exposição do *Grupo de Artistas Portugueses*...esteve Maria Amélia da Costa Nery, com belos e activos 80 anos.... (ONF, Jan. 1955).

Maria Lúcia Vassalo Namorado e a educação feminina: a revista Os Nossos Filhos (Continuação)

constantes cuidados do médico para criança, Ruth Martin Especial para «Os Nossos Filhos»	11-1955
Avitaminose, como curar, etc. Emília Morgado,(tem um artigo de Gilberto Vasco e outro de Drª Emília Morgado:)retirado da Obra: «Cuidemos das criancinhas»	02-1956
(...perto de minha casa vive mãe com criança de 11 anos parece ter 5...onde ir?)- ao Instituto Aurélio da Costa Ferreira..Terras de Sant'Ana, 15	04-1956
são "doenças das crianças", Maria do Carmo Martinho	05-1956
Curso de Pediatria Social, Lisboa, «a contribuição da Escola Pediátrica de Lisboa para o tratamento da meningite tuberculosa	06-1956
Amigdalite o que é...cuidados, Maria do Carmo Martinho	06-1956
protecção da criança contra o alcoolismo, em 1955, em França (extraído de) "Jornal do Médico, -28-4-956	07-1956
Sarampo o que é, como se transmite, vacinação, Maria do Carmo Martinho	07-1956
escarlatina o que é, como se desenvolve...)Maria do Carmo Martinho	08-1956
criação do "Diabetarium", em Roma extraído de): <i>Jornal do Médico</i> , 11-8-956, centro de assistência materno-infantil na póvoa de santa iria; uma colónia infantil de média altitude em lourical do campo	09-1956
selos financiam luta contra tuberculose	01-1957
Dentes,.. António Paúl, da LPPS	02-1957
Tracoma, cegueira e suas causas, Maria Eduarda Santos Cordeiro, Estudante-Enfermeira Finalista da Escola Técnica de Enfermeiras do Instituto Português de Oncologia reabilitação	02-1957 03-1957
Papeira o que é, que fazer..., Anónimo	04-1957
criança hospitalizada, extraído de) <i>Jornal do Médico</i> , 1--1-1955 (DOIS ANOS ANTES(TENHO CÓPIA)	05-1957
inflamações crónicas e agudas das fossas nasais e ouvidos, Carlos Larroudé, prof. Dr(extraído de) <i>Jornal do Médico</i> , 19-2-1955 (DOIS ANOS ANTES	06-1957
25º Congresso Internacional contra alcoolismo, Istambul, Liga Portuguesa de Profilaxia	07-1957
Fastio das crianças e anorexia , dra Margarida Mendo	08-1957
(luta contra tracoma na Formosa problema da Tosse convulsa nos EUA, tuberculose infantil em Portugal	09-1957
medidas especiais readaptação de adolescentes após doença prolongada, Anónimo	09-1957
Fastio das crianças e anorexia,2º parte dra Margarida Mendo	09-1957
campanha contra o pé descalço desde há 30 anos LPPS	10-1957
Que fazer se criança tem apendicite, ou tosse convulsa, pergunta leitora,	03-1958
Tuberculose dr Carrizo, pediatra brasileiro	03-1958
doenças de pele mais frequentes entre crianças espinhas e borbulhas, Sarna Tinha, o que são...	04-1958
Tuberculose o que é, como se detecta, Carrizo, pediatra brasileiro	04-1958
colóquio sobre poliomielite, 25 e 26 de Junho	08-1958
Notícia sobre planos do Centro de Reabilitação de Diminuídos Físicos que se vai construir em Alcoitão, concelho de Cascais	08-1958
Se vacinação contra paralisia(sic) infantil dentro de 10 anos banida da terra	
transmissão da tuberculose pelos animais;	11-1958

a poliomielite em Portugal desde Verão passado no nosso país alguns casos vantagens da vacinação...	11-1958
---	---------

Se lermos os textos que, do lado oficial, se referem a doenças existentes em Portugal no início dos anos 50 encontramos o mesmo panorama assustador, contra o qual desesperadamente luta Maria Lúcia Vassalo Namorado. Com vacinação existiam a “(...) Variola, difteria, tosse convulsa, tétano, febre tifóide (todas com vacinação) e ainda sem vacinação: a febre amarela, tifo, peste e cólera, raiva, tuberculose, escarlatina, trazorelho e poliomielite (Prof. Carlos Ramalhão no *Congresso da Sociedade Portuguesa de Pediatria*, 1952. p.150)

Muito frequente era a morte por doenças como a tuberculose que na sua vertente pulmonar tivera uma taxa de mortalidade “(...)no continente (...)de 10.5% com Braga com 19.9%“(...)” ((Dr. Lopes Parreira, In *Sociedade Portuguesa de Pediatria...*, 1952. p.190). Esta questão era tanto mais grave quanto a vacina já existia mas embora aquele médico dela tenha feito propaganda entre 1931-34 (...)em 1941 ainda só a *Liga Portuguesa de Profilaxia Social* a recomendava(...)”(Dr. Lopes Parreira, In *Sociedade Portuguesa de Pediatria...*, 1952. p.191)

Outras doenças havia que, não provocando a morte, causavam em quem era atingido uma incapacidade permanente. Neste caso estava a poliomielite que, segundo é uma “(...) doença que inspira pavor(...)” e que só em 1784 fora descrita clinicamente, sabendo-se de epidemias na Europa em 1905. Embora entre nós não houvesse estatísticas fiáveis, sabe-se que também se dera uma epidemia em “(...)Lisboa e arredores, em 1936 e que só em 1935 foi de notificação obrigatória (...)” (Dr. Arnaldo Rodo, intervenção In *Sociedade Portuguesa de Pediatria...*, 1952. p.281).

Tentando uma sistematização dos dados que encontramos sobre saúde e doenças, no âmbito da medicina preventiva na revista *Os Nossos Filhos* poderemos indicar que a maior quantidade de conhecimentos dados às mães são sobre a criança na fase pré e pós natal até cerca dos dois a três anos, como vemos ao abordar a questão da puericultura, o que faremos no final deste subcapítulo.

Um dos aspectos da medicina preventiva é a vacinação. Os apelos para que as mães tenham consciência de que é preciso, diríamos até imprescindível, vacinar as crianças são constantes em *Os Nossos Filhos*, quer apresentados por médicos que pela directora da revista. Da profilaxia e educação sanitária faziam parte os ensinamentos relativos a vacinação e de que não faltam exemplos na revista, na qual se insistia que

devia ser feita “(...) durante o primeiro ano de vida contra a varíola (bexigas), contra a difteria ou garrotilho e contra a tosse convulsa faz com que se evitem estas horríveis doenças que não só podem afectar os dentes de leite, como prejudicar a dentição permanente (...)” (Tito de Moraes, Jun. 1945). Em 1945 faz um apelo à vacinação em que a filantropia republicana não nos passa despercebida: ao aconselhar as mães a vacinarem os filhos contra a varíola, aos três meses de idade, ela dará a seguinte sugestão: “(...) Não se esqueça... E o filho da sua lavadeira? Não tem igualmente 3 meses? E o daquela mulherzinha que mora lá no fim da rua, não tem a mesma idade? Pois bem, convide essas mães a irem a sua casa com os filhos, no dia da vacinação do seu Bebê. O tubo da vacina chega perfeitamente para as 3 crianças(...)” (ONF, Jul. 1945). Outras vezes, na forma de pergunta simpática insiste-se na importância da vacinação, como: “(...) Que Idade tem o bebê? 3 meses? É altura de o vacinar contra a varíola, não te esqueças (...)” (ONF, Maio 1946).

Quanto à profilaxia da higiene dentária tinha dois aspectos fundamentais: uma tinha a ver com o que as mães deviam fazer, a si mesmas, enquanto grávidas, nessa área. A outra ligava-se ao que as mães deviam fazer para que os filhos tivessem, por sua vez, uma boa dentição. No primeiro caso, qualquer grávida era aconselhada a seguir alguns conselhos para tornar a sua gravidez mais saudável. Por essa razão, “(...) antes da criança nascer, mãe tem de cuidar de si própria; é uma medida de higiene dentária. A mãe que espera um bebê deve, durante todo o tempo antes do nascimento da criança, ter refeições onde generosamente estejam incluídos, entre outros, principalmente os seguintes alimentos: Leite, fígado, ovos, hortaliça, batatas, farinhas de grão completo e fruta fresca (...)” (Tito de Moraes, Jun. 1945).

As mães deveriam saber tudo o que tinha relação com a profilaxia da nutrição, sua antes da criança nascer, e sua, das amas e da criança depois do nascimento. Vários seriam os conhecimentos que se exigiriam às mães nesta área, por exemplo, conhecer “(...) todas as regras de uma boa alimentação infantil: desde aleitamento materno à composição ideal da dieta alimentar das crianças com ajuda de um médico (...)” (Tito de Moraes, Jun. 1945). “A tudo isto se acrescentava a necessidade de (...) Não esquecer também a administração do óleo de fígado de bacalhau e do sumo de laranja, que se começa depois do 3.^a semana de vida. O ar livre e o sol são factores igualmente essenciais para a saúde dos dentes. crianças devem ter (Tito de Moraes, Jun. 1945).

Muitas vezes há textos de médicas(os) sobre alguns aspectos particulares e mais acessíveis de saúde que são usados para deles ser feita uma crítica em *Os Nossos Filhos*, como é o caso da que foi feita ao livro sobre o valor alimentar do mel que fora oferecido á revista pelo autor, o médico Alfredo de Araújo Serrão¹⁶² cuja crítica sai em Janeiro de 1945, ou seja, dois anos após a publicação. Das doenças da nutrição á qual se ligava o raquitismo e a falta de vitaminas temos também diversos textos em *Os Nossos Filhos*.

A higiene maternal compreendia pelo menos três aspectos: um que se prende com aqueles conhecimentos que fariam parte da chamada puericultura pré-natal, da gravidez e pós-natal.

Quanto aos do primeiro grupo, insistia-se muito nas questões das doenças transmissíveis e hereditárias, na alimentação, na higiene corporal e do sono da futura mãe, assim como nos cuidados a ter antes do parto, com roupa menos apertada, sapatos baixos, conversas agradáveis evitando os desgostos e arrelias.

Um dos autores que escreve sobre temas de puericultura em *Os Nossos Filhos* é o médico Samuel Domingos Maia de Loureiro, como dissemos, que quando a revista começou em 1942, tinha já 68 anos e nela vai ter colaboração até Dezembro de 1951, um mês depois de ter falecido. Muitas vezes estes artigos não são escritos propositadamente para a revista: em alguns casos, como no presente, eles são pequenos excertos que a directora de *Os Nossos Filhos* escolhia de obras dessas pessoas.

Nesta área da higiene da grávida, este médico que no seu livro *O Meu menino*, muito publicitado na revista, defendia as práticas eugénicas, vai ver os seus ensinamentos aceites até ao final da revista porque, em 1957 ainda se aconselha a que, nas vésperas de casar os noivos respondam a perguntas como estas: “(...)Para que os filhos nasçam saudáveis, e indispensável que o pai tenha uma saúde perfeita? As anomalias também se transmitem por hereditariedade?... As mães também podem transmitir as doenças hereditárias? As doenças hereditárias transmitem-se sempre infalivelmente? Deve evitar-se o casamento de primos, mesmo primos afastados? Assim como se transmite a doença, também se transmite a saúde? A mãe deve, realmente, ter cuidados especiais com a sua saúde, antes e durante a gravidez? As doenças contraídas pela criança durante período da sua gestação ou durante o parto, são transmissíveis, aos seus descendentes?

¹⁶² (1943) – *O Valor alimentar do mel e a sua aplicação na terapêutica infantil: trabalho realizado por iniciativa do Posto Central de Fomento Apícola*. Lisboa: Ministério da Economia. Direcção Geral dos Serviços Agrícolas. Repartição de Estudos, Informação e Propaganda. 95 p. (Divulgação; 22). É o n.º 140 do *Anexo I- Base bibliográfica do Espólio – Lisboa*.

(ONF, Set. 1957). Se bem que sejam dirigidas a noivos, estas são as questões sobre as quais se escreverão mais textos na revista para as mães saberem como agir.

Sobre a eugenia e as suas práticas também escreve o médico Gilberto Vasco (ONF, Out. 1950) ou seja, na revista é transcrito o texto sobre o tema extraído do livro do mesmo autor intitulado *Eu quero conhecer o meu filho*. O autor sublinha a importância da hereditariedade em alguns “(...) países em que seus dirigentes e cientistas consideram condição primacial que a sociedade futura seja constituída por homens são, .robustos de corpo e equilibrados de espírito, de modo a evjtar as onerosas, excessivas e inúteis sobrecargas dos valores nulos. Estão neste caso os alejados, os anormais, os cegos, etc.. (...) criou-se assim uma ciência especial chamada “Eugenia”(...) que nos diz que a primeira condição para gerar prole saudável é a saúde dos pais(...) indivíduos com taras não devem procriar(...) algumas deonças mentais, a coreia de Huntington, certas malformações congénitas, algumas perturbações visuais como cegueira congénita, icterícia hemolítica, heredoataxia cerebelosa, etc.(...) outras doenças só em certas condições são transmissíveis(...) por indivíduos aparentemente são mas que tiveram noss eus antepassados a idiotia amaurótica, a luxação congénita da anca, certas formas de suro-mudez, etc. Outras como a hemofilia e o daltonismo manifestam-se quase só no sexo masculino, embora transmitidas pelo sexo feminino. Remédio é evitar casamentos consanguíneos. Também não devem procriar portadores de doenças susceptíveis nos descendentes como sífilis, avitaminoses francas ou frustes, alcoolismo(...) tuberculose é doença não trnasmissível hereditariamente, mas cria maior susceptibilidade para novo ser contrair doença dos progenitores(...)(ONF, Outubro 1950).

Sobre a higiene da grávida há vários artigos em *Os Nossos Filhos* que a ensinam a tomar conta da sua higiene pessoal e do que deve fazer enquanto preparação para o nascimento do bebé. Vejam-se alguns: “(...) Como quero ser boa mãe, quero meu filho nasça perfeito e saudável agora que vou ter um filho prometo a mim própria: Ir ao médico regularmente e seguir conselhos, não tomar alcool nem fumar durante gravidexz e amamentação, levar vida regrada e higiénica, dormir 8-9 horas e janela do quarto aberta(...) andar bem disposta, ser optimista, ter pendsamentos suaves e bons(...) fazer vida sem excesso(...) sem fadiga(...) todos os dias um passeio a pé(...) ir médico(...) interromper habituais exercícos de ginástica se ele recomendar(...) andar a pé(...) não fazer viagens sem ouvir o médico(...) comer bem, sem exagero(...) evitar condimentos e guisados(...) comer fruta, legumes, ovos,c arene, peixe(...) irdentista(...) ter cuidado com

higiene pessoal banho diário (...) nos últimos dois emses, em vez de imersão, duche(...) evitar contágios que me possam prejudicar(...) vestir-me e calçar-me convenientemente(...) o que eu ignore, ir ao médico(...)pessoas amigas bem intencionadas mas sem conhecimentos para conselheiras (...)” (ONF, Nov. 1952).

Alguns artigos, espaçados no tempo, despertaram-nos especial atenção pelo tema neles abordado. Referimo-nos ao *parto sem dor*.

A primeira referência de nota a este tema em *Os Nossos Filhos* é feita por João dos Santos, apresentado como médico e psiquiatra em artigo (inofensivamente) intitulado *Novas perspectivas para um melhor desenvolvimento infantil* (ONF, Dez. 1954). É um texto teórico, em que se faz a defesa deste método ao afirmar:“(…) que nenhuma descoberta terá tantas consequências no aperfeiçoamento psicológico do homem como o parto sem dor pelo método psicoprofilático, baseado na doutrina dos reflexos condicionados do fisiologista Pavlov(...)”. Refere ainda que, mesmo os católicos a ele não se opõem como prova um artigo publicado no “(...) semanário católico *Témoignage Chrétien* de 26-2-54(...)” em que Lestapis, o autor, afirmava “(...)Eu veria mesmo, neste facto, homenagem ao Criador que tão bem fez as coisas, e uma censura ao homem ,que tantas vezes tem comprometido a sua obra(...)”. Continua João dos Santos: “(...) assim, as maiores autoridades da medicina, da neuro-psiquiatria e da Igreja, aprovam a técnica, pelo seu grande alcance sanitário e moral. Os teólogos interrogados(...) /afirmam que/ o sofrimento do nascimento é uma simples constatação e não uma imposição(...) também a constatação de que o homem ganha o pão com o suor do seu rosto, deixou de verificar-se com o aparecimento da máquina e das carreiras em que se exerce apenas actividade intelectual(...)” (ONF, Dez. 1954).

No ano seguinte, a revista começa a publicar testemunhos de mães que o haviam sido com a ajuda daquele método. No “lead” que precede essa notícia informa-se que “(...)introduziu, este processo, no nosso país o Dr. Pedro Monjardino, com a colaboração do Dr. Seabra Diniz(...). Os partos têm sido feitos no Hospital do Ultramar já convenientemente apetrechado para este fim. Em Lisboa, outros médicos já estão seguindo o novo método. A depoente de hoje é uma cliente do Dr. Pedro Monjardino, professora do Liceu Francês(...)” (ONF, Mar. 1955). O texto da senhora, descritivo, refere que ela conhecera o método apenas um ano antes, “(...) em artigo de jornal em Paris: No método havia muitas razões para me seduzir: a) ele combatia a ignorância. Sempre me tinha chocado a ignorância em que geralmente se encontram as mães no que respeita ao desenvolvimento do feto e a um mínimo de conhecimentos científicos sobre

os órgãos genitais. B) ele fazia apelo ao domínio superior do cérebro e «desintoxicava» os espíritos c) impunha o conhecimento dos nossos músculos e o seu comando bem diferenciado, o que me seduzia, porque eu pratiquei atletismo durante bastante tempo (...)"'. Depois de descrever como fora o parto, remata:"(...) Não só o parto é indolor, interessante, um «acto» que entusiasma! Agora, eu desejo ardentemente que o método se generalize e que deixe de ser um «método" para se tornar o «habitual»(...)" (ONF, Mar. 1955).

No número de Novembro do mesmo ano, sob a assinatura de Silva Santos é publicada a recensão ao livro *Princípios e Prática do Parto sem Dor*¹⁶³, por Collete Jeanson, tradução dos Drs. J. Seabra Diniz e P. Monjardino, Edições Cosmos, 1955. O texto de crítica indica que o referido método se usava já no *Hospital do Ultramar* e na *Clínica de S. Miguel*, em Lisboa sendo o texto original francês uma "(...)Obra de esperança e dum optimismo convincente — que a tradução, enriquecida com uma encantadora carta-prefácio de mestre Aquilino¹⁶⁴, só vem corroborar apresentando-nos já a casuística portuguesa. Não se julgue, contudo, tratar-se dum livro de didáctica(...), capaz de ensinar a alguém e algures, prescindindo da colaboração médica especializada (...). Nada pode substituir a assistência e ensino que deve a sua eficácia, não apenas ao conteúdo, mas também à atmosfera que lhe serve de estímulo(...)" (ONF, Mar. 1955).

No texto introdutório, da autoria dos dois médicos portugueses, eles indicam como haviam tomado conhecimento do método em Nov. de 1951, através de um colega francês o Dr. BOURGUIGNON, membro da Academia de Medicina de Paris, que há pouco tinha visitado uma maternidade onde praticava tal método, cuja eficiência ele testemunhara e o galvanizara(...). Em Abril de 1953, por mera casualidade, quando nos encontrávamos em Paris, se deparou nos jornais a notícia de que se festejara na

¹⁶³ JEANSON, Colette (imp.1955) – Princípios e prática do parto sem dor: trad. E nótulas de J. Seabra Dinis e Pedro Monjardino; carta-prefácio de Aquilino Ribeiro. Lisboa: Cosmos. 239 p. (Cf. n.º 121 do Anexo Cap. 1- *Base bibliográfica do Espólio* – Lisboa). Na contracapa tem publicidade a: *Dicionário de Música ilustrado* de Tomás Borba e Fernando Lopes Graça ...Obra para ser publicada em 20 fascículos mensais de 64 páginas. Cada — 20\$00.

O médico Pedro Monjardino era sócio da clínica privada *Pro Matre* onde se tinha iniciado o método do *Parto sem dor*. Ali ficou Isaura Silva Borges Coelho a trabalhar durante 10 anos porque se criava uma rede de relações de entajada das pessoas que se conheciam (Gorjão, 2002. p.110). Esta enfermeira assim como a irmã, Hortênsia Silva, tinham sido detidas por serem casadas e enfermeiras dos Hospitais Civis.

¹⁶⁴ CARTA-PREFÁCIO: "(...)É possível que a arte grosseira da *Maria da Roda* esteja no limiar da obstetrícia. Os senhores avaliarão. Havendo traduzido este livro, lançando os fundamentos duma prática tão humanamente racional, com todo esse vosso consumado *talent de bien faire* vão os meus amigos clarificar um departamento da vida, libertando uma das suas funções mais santas —quando o ventre da mulher é um altar— de terrores e sugestões ominosas. Os meus aplausos de leigo a tal empreendimento, e creiam-me muito vosso. AQUILINO RIBEIRO (...)"

Maternidade Des Bleuets o milésimo parto sem dor. Logo ali acorremos, na. ânsia incontida de também *de visu* nos certificarmos(...). Facto já irrecusável, só resta pô-lo ao alcance do maior número possível de mulheres. Não é justo, nem sequer humano, que a mulher portuguesa permaneça à margem dum tal progresso(...). Um assunto de tamanha magnitude continua bastante arredado do âmbito das nossas esferas científicas e mesmo do público em geral. À parte o ainda reduzido ensaio de aplicação (aliás, com pleno êxito) que desde fins de Maio de 1954 estamos empreendendo em Lisboa, no Hospital do Ultramar, e de um ou outro artigo de divulgação surgido aqui ou ali, pouco ou nada se tem realizado em Portugal nesse sentido(...). No princípio de Março de 1955 terminaram as lições preparatórias ao 14.º e do 15.º cursos, que abrangem um total de 24 grávidas. Segue-se o 16.º curso, no qual já estão inscritas 23 alunas(...)"(p. 239).

Camila de Oliveira, uma assinante da revista informa que, em 1 de Março de 1956 abriu em Lourenço Marques "(...)a 1ª maternidade onde se pratica o parto sem dor(...), fundada pela Dra. Ema Machado da Cruz(...)que foi o ano passado estagiar em França e Inglaterra em clínicas da especialidade e (...)tem como colaboradores distinto médico Dr. Vaz de Sousa e competentíssima parteira D. Artemisa Purvis (...)" (ONF, Ago. 1956). Anos antes, em 1950, estivera Cesina Bermudes¹⁶⁵ em Moçambique e fizera uma conferência sobre *parto sem dor*, na Beira, no Salão nobre da Câmara Municipal (...)"(Gorjão. 2002. p.180). Em 1954, ela vai a "(...) Paris fazer curso sobre *parto sem dor* e encontrou lá Monjardino e João dos Santos. Depois de Seabra Diniz foram os primeiros médicos portugueses a seguir o curso (...)"(Gorjão, 2002. p.103).

Entre Maio e Julho de 1957 a revista *Os Nossos Filhos* publicou um extenso documento sobre a posição do Papa Pio XII sobre o *parto sem dor*. Era o texto que fora pronunciado no ano anterior, a 8 de Janeiro de 1956, e versava os aspectos morais e religiosos do problema e terminava assim:"(...) Por estas razões o cristão, perante a descoberta científica do parto sem dor, guarda-se de o admirar sem reservas ou de o utilizar da recta razão natural e daquela outra luz mais viva da fé e do amor que emana de Deus e da Cruz de Cristo(...)" (ONF, Jul. 1957).

Na mesma página onde termina o artigo dá-se conhecimento da criação da *Liga Feminina para o Parto sem Dor* porque "(...) com o patrocínio do Dr. João de Almeida,

¹⁶⁵ Desta colaboração de Cesina Bermudes na clínica nos dá notícia uma das leitoras da revista que era seguida por Cesina Bermudes e decidira vir a Lisboa ter a criança mais nova, numa clínica onde aquela médica a ia orientando "(...)e instruindo-me sobre o parto sem dor (...)" (Carta de Maria Vitória (Gonçalves Rodrigues Pereira). Estremoz. Carta de 18 de jan. 1957. Caixa 30. Maço 3).

e sendo professores a Dr^a. Adelaide do Carmo Fernandes¹⁶⁶ e os dr. Francisco de Almeida e Pimentel das Neves, funcionou no Porto, na Casa de Saúde da Boavista o primeiro curso de preparação de enfermeiras- parteiras para a realização do parto sem dor. O curso, que inclui estudos teóricos e práticos, entusiasmou as alunas, as quais obtiveram excelentes resultados(...). Terminado o curso que teve a duração de dois meses, as alunas prestaram homenagem aos seus professores, e durante essa cerimónia foi sugerida e aprovada a criação da *Liga Feminina para o Parto sem Dor*, cujo fim é unir médicos, parteiras, enfermeiras e o maior número de mulheres para conhecimento e divulgação do parto sem dor(...)" (ONF, Jul. 1957). Sobre este assunto, dirá a médica, um ano depois:"(...) Do *parto sem dor* vai-se remando contra a incompreensão muitas vezes das próprias mulheres que lhe não querem reconhecer o alcance, por falta de inteligência(...) outras, mesmo inteligentes, mas vergadas ao peso de milénios de tradição e fazem assim coro com interesses nem sempre justos (...). Isto não se sente só aqui: na civilizada Suécia encontra-se o mesmo panorama (...)" (Carta de Amélia C. Fernandes. Porto. 11 de Mar. 1959. Caixa 27. Maço 2).

Em 1971 será publicada a obra *Problemas quotidianos de Educação* de Irène Lézine¹⁶⁷ que refere também as questões do parto sem dor, e será traduzido por Maria Lúcia Vassalo Namorado. Também na revista ela tinha dado conhecimento do livro ao mencionar, numa 'breve':"(...) Parto sem dor- "(...) A dra. Irene Lésine Dra. Irene; Lesine foi encarregada pelo *Centro Nacional de Pesquisas Científicas*, de França, de realizar um inquérito sobre o parto sem dor. Esse inquérito leva-a a concluir que as crianças nascidas de partos sem dor são mais equilibradas, mais saudáveis do que as outras. As mães que o são sem dor têm um procedimento mais pedagógico, mais inteligente para com os filhos, regulando melhor o regime alimentar e o do sono,(...)importantíssimos na criação do bebé. Assim se confirma que o parto sem dor é não só favorável à mãe, mas também ao bebé(...)" (ONF, Fev. 1958) desta forma assumindo e tomando posição sobre o assunto.

A referência às consequências, na escola, das doenças que os alunos transportavam consigo é outra das afirmações bem frequentes em *Os Nossos Filhos*. Neste caso está o médico Lopes Parreira, médico escolar que afirma:"(...) "(...) os indivíduos com linfatismo, micro poliadenites cervicais, adenoides e amigdalites

¹⁶⁶ Esta médica fora indicada para assinante da revista por António Emilio de Magalhães, um director da *Liga Portuguesa de Profilaxia Social*.

¹⁶⁷ Pela Editora Livros Horizonte, como n.º 2 da colecção da *Biblioteca do Educador Familiar*.

hipertrofiadas, insuficiências respiratórias e antecedentes bacilares (...) são um estorvo nas aulas e valores nulos na sociedade(...)" (Dr. Lopes Parreira, médico escolar In *Sociedade Portuguesa de Pediatria...*, 1952. p.189).

Do ponto de vista da manutenção da saúde, há diversas fases na infância¹⁶⁸ como explica o médico escolar Mário Monteiro Pereira. Aquela que mais preocupa os médicos escolares, aqueles que na revista abordam o problema da higiene escolar, como parte integrante da medicina preventiva, é a criança depois da segunda fase – a *criança escolar* que ele considera que engloba a criança entre os sete e os 13 anos porque "(...) Após a época instável da lactação, e o acidente do desmame, a criança entra numa fase relativamente calma, em que a sua vida se faz sem sobressaltos, sem preocupações, e a vigilância familiar é mais constante. É o período que vai desde o fim do primeiro ano até aos sete. É nesta altura que vulgarmente começa a fase escolar, para melhor dizer, a primeira fase escolar ou fase escolar infantil que independentemente do nome do estabelecimento de ensino que frequentem deve a meu ver ir até ao fim do 13.º ano. O que lhes dá clinicamente uma personalidade é o duplo facto de serem crianças e andarem numa escola. (Pereira 1938. p.9). Com elas, ou seja, com as crianças entre os sete e os 13 anos, este médico pretende "(...)constituir um agrupamento fisiopatológico(...)" embora ele saiba que, do ponto de vista didáctico e médico elas estão geralmente separadas em dois grupos distintos "(...) pois que entre os sete e os dez anos frequentam a Escola Primária, e dos dez ou onze em diante, os estabelecimentos liceais. ...agrupamento «Criança Escolar» deve ir dos sete anos aos catorze, e todas as crianças nestas condições merecem e necessitam os mesmos cuidados(...)" (Pereira 1938. p.10).

Nos primeiros anos da publicação de *Os Nossos Filhos* a preocupação com os aspectos do 'choque' que a criança sofre quando entra na escola, são objecto de diversos artigos na revista: a criança que entra na escola muda de meio, tem de obedecer a rigorosos horários, não pode ter faltas, contacta com muitas outras crianças, mais ou menos saudáveis do que ela, tem de trabalhar mesmo se isso lhe provoca cansaço ou danos nos órgãos dos sentidos e tem de fazer um esforço intelectual considerável.

Nem sempre os pais estão despertos para estas questões e não sabem distinguir a criança saudável da que o não é. Por essa razão as mães devem ser apoiadas pelo médico

¹⁶⁸ Sobre os médicos escolares e, para um período que cronologicamente não coincide totalmente com aquele que aqui evidenciamos veja-se a tese de mestrado de Carlos Abreu (cf. Bibliografia deste trabalho).

escolar ou outro e ter alguns conhecimentos que lhes permitam evitar ou, quando não o fizerem a tempo, identificar os primeiros sinais de alarme nos filhos.

Os conselhos que Mário Monteiro Pereira deixa nos artigos que escreve na revista são retirados da obra que vimos citando. Em *Os Nossos Filhos* seleccionámos seis artigos, publicados entre Setembro de 1942 e Outubro de 1949. Todos eles se referem às crianças escolares e às vantagens do médico escolar. Mas esses artigos não são escritos pelo médico para a revista. Do livro *Crianças escolares*¹⁶⁹ (1938) extrai Maria Lúcia Vassalo Namorado os conhecimentos que ela considera que as mães deviam ter sobre as características identificadoras de uma pele saudável em crianças (Pereira 1938. p. 16), dos ouvidos (p. 18), do nariz (p. 19), boca (p. 19), dos gânglios (p. 19), e dos ossos e músculos (p. 21) e que ela agrupa, sob a designação de *Como é a criança normal* (ONF, Maio 1943) título que dá ao ‘artigo’ indicando serem os dados extraídos daquela fonte¹⁷⁰. Com os dados extraídos do mesmo livro, relativos às características que tem o ar, o que é a inspiração e a expiração...(Pereira, 1938. p. 117 a 122) e como deve ser feita, publica Maria Lúcia Vassalo Namorado o artigo *Arejamento* (ONF, Out. 1943) assim como publica o texto *O Recreio*, (ONF, Fev. 1946) na rubrica *Vida escolar*, que retira da mesma obra (Pereira, 1938. p. 125-126). O primeiro excerto que Maria Lúcia Vassalo Namorado publica deste autor em *Os Nossos Filhos* intitula-se *A noite* (ONF, Set. 1942), sob o antetítulo *Crianças escolares* e que corresponde ao texto retirado do capítulo com a mesma designação na obra daquele médico (Pereira, 1938. p. 127-128) e no qual se indicam as boas características de um quarto para uma criança.

As doenças mais referidas como características das crianças escolares são: sarampo (p. 211), escarlatina, Varíola, Febre tifóide(p. 212), Febre paratifóide e infecções intestinais, Paralisia infantil, Tosse convulsa, Bronquites-bronco-pneumonias, Anginas repetidas (p. 213), Supurações frequentes dos ouvidos, Estomatites repetidas, Reumatismo(p. 214) e tuberculose (p. 217-219).

Sobre a saúde das crianças em idade escolar escreve também António Paúl,

¹⁶⁹ Entre as páginas 16 e 21 Maria Lúcia Vassalo Namorado assinala, à margem esquerda, o texto deste livro de Mário Monteiro Pereira que corresponde a estes assuntos e escreve: *Filhos*, como muito frequentemente faz quando quer usar um texto de uma qualquer obra de que se serve como fonte.

¹⁷⁰ Ao fazer a transcrição do texto, Maria Lúcia Vassalo Namorado retira-lhe as possíveis marcas de ligação entre diversas ideias do mesmo. Exemplifiquemos: quando Mário Monteiro Pereira escreve o texto sobre os gânglios, diz que as crianças linfáticas “(...) são como mais adiante explico, as crianças que mais necessitam de sol e ar puro, de preferência marítimo (...)”. Sobre esse texto, Maria Lúcia Vassalo Namorado risca, a lápis, no livro. “(...)como mais adiante explico(...)” (p. 20).

médico no Porto. Quando Maria Lúcia Vassalo Namorado o convida para colaborar em *Os Nossos Filhos* é dos poucos colaboradores que impõe algumas condições para aceitar: “(...) 1º- Não posso comprometer-me com colaboração no prazo fixo devido aos meus muitos afazeres q me ocupam todo o tempo mesmo o, de direito, reservado ao descanso 2- A revisão de provas tipográficas será realizada por mim 3- Ser-me-ão entregues pelo menos 3 ex. em que publicar artigos e receberei todos os números da revista como se fosse seu assinante (...)” (Carta de António Paúl, Porto. 23 Jan. 1943. Caixa 41. Maço 2). Este autor defende as instituições que tinham sido criadas para assistência à mulher, já durante o Estado Novo, a saber, o *Instituto Maternal* que abrange a infância até aos sete anos (Paúl, 1953. p. 37), “(...)um organismo de eficácia incontestável, levando a sua assistência até à criança com alguns anos de vida (...)” (Paúl, 1953. p. 13). A par dele, como refere em nota deste texto, havia ainda as “(...)Direcções Gerais de Saúde e de Assistência, o Instituto de Assistência à Família, a *Obra das Mães pela Educação Nacional*, as *Casas das Mães* em várias Terras do País (...)” (Paúl, 1953. p. 13. nota 4). Defende ainda a maior intervenção dos médicos escolares no apoio aos professores, sobretudo na escola primária. Se para esse fim o Estado tinha “(...)médicos e visitadoras escolares dedicados e competentes (...)” eles não podiam, porém, “(...) conseguir a realização plena do objectivo que todos pretendemos, dada a elevada quantidade de alunos a seu cargo(...)”. Como já sublinhou Fernando Rosas (1994. dir.) é interessante verificar que são os médicos ‘do regime’ que mais manuseiam os números que hoje tão importantes se revelam para quem estuda aqueles períodos. Para mostrar como são insuficientes os meios de que a escola dispõe para vigiar a saúde das crianças por ela frequentadas, ele vai convocar um conjunto de dados que nos mostram bem como a realidade não era igual ao que se propagandeava. É este autor que nos diz existirem no país “(...)no ano lectivo de 1950/51 as seguintes crianças frequentando o ensino primário: Nas escolas oficiais. . 564.200 Nas escolas particulares ...49140 Nas escolas infantis — dos 4 aos 7 anos –1954(...)” (Paúl, 1953. p. 15) num total de 615 294 alunos (...). Dessas crianças, 26361 frequentavam 152 escolas em Lisboa, assistidas apenas por 6 médicos, ou seja, “(...)uma média aproximada de 1 médico para cada 5.000 alunos (no Porto 1 médico para 7.500 alunos!) que terá de visitar, aconselhar e seguir em mais de 34 escolas!(...)” (Paúl, 1953. p. 16), apenas sob o ponto de vista geral, individual e colectivo, sem possibilidade de as acompanhar em doenças mais específicas.

Sobre a questão da higiene escolar, ligada sobretudo á escola profissional, houve a intenção de alguns médicos como António Paúl e Manuel Vicente Moreira de criarem um *Museu de Higiene Escolar*, aliás como teria feito ainda no tempo da monarquia o médico que ainda escreve em *Os Nossos Filhos*, o Prof. Costa Sacadura. Este último teria organizado à sua custa em 1908, na Escola Central n.º 1, em Lisboa, um Museu de Higiene Escolar. Nele se apresentaram mais de 150 quadros murais, bancos-carteiras modelos e muito material de higiene escolar(...)” Em 1914 ele chamava a atenção para a necessidade de se defender a saúde dos futuros operários ensinando-os e obrigando-os nas escolas a atitudes correctas. Ele trouxera “(...) do estrangeiro 171 quadros parietais educativos, que ofereceu ao Liceu Camões (Lisboa). Desses quadros, existiam apenas alguns(...) (Paúl, 1953. p.19. nota 15).que o médico António Paúl, do Porto, usava nas suas conferências sobre o tema. Os cartazes eram usados sobretudo com imagens de acidentes de trabalho, apra os evitar.

Outro problema que perpassa na revista é a referência frequente, sobretudo pela parte dos implicados (Paúl, 1943; Parreira, 1952) da falta de médicos escolares que pudessem, com qualidade, assegurar na escola a parte da prevenção que esta podia assegurar, na área da saúde. António Paúl refere essa “(...) falta de médicos escolares(...): em 1941, Paiva Boléo chamou a atenção para o facto de, em Lisboa, frequentarem a instrução primária oficial 23 000 crianças e a assistência médica a cargo apenas de 5 médicos escolares(...) um médico para cada 4.600 alunos!... (...)”(Paúl, 1943. p.17. nota 1), sendo que o ideal seria “(...) um médico para cada 2000 escolares(...)”(Parreira, 1952. p.184).

As questões de higiene escolar sobre se a criança vê e ouve bem, se tem gosto em estar na escola, sobre as carteiras mais adequadas ao seu tamanho são apreciadas na revista assim como as vantagens e desvantagens da ginástica escolar.

Como indicámos anteriormente, a área mais abordada, no que á medicina preventiva diz respeito é a da puericultura Os conselhos que a revista publica são sempre dirigidos às mães, no sentido de as esclarecer sobre o *como fazer* e identificam também inúmeras *crendices e preconceitos* que, sob este tema, eram frequentes no quotidiano feminino, das mulheres pobres ou também das mais abastadas.

Em *Os Nossos Filhos* subentende-se que as raparigas e as mães deveriam ter acesso, nas escolas, a conhecimentos de puericultura , como fora determinado pela Lei de 15 de Outubro de 1935 que introduz o ensino dessa área mas só nos liceus. Ter conhecimentos sólidos sobre estes assuntos ajudaria as mães contribuir para o decréscimo da taxa de

mortalidade. A este flagelo se referem José Lopes Dias que afirmava estar “(...)convencido que é possível reduzir a mortalidade infantil portuguesa a menos de metade, quando se generalize no nosso país a assistência às crianças (...)” (ONF, Jan. 1944) assim como a médica Maria Emília Morgado que, em Bragança, perante/ a ignorância dos conhecimentos de puericultura, afirmava que a solução era apenas uma/:(...) Ensinar as mães que ignoram os perigos da saúde de seus filhos, ensinando-as pelas divulgação dos benefícios prestados pelos Dispensários e Postos de Protecção à Infância, espalhados por muitas terras do nosso país(...)” (ONF, Nov. 1944).

Dos conselhos práticos aos conhecimentos de ordem geral, como referimos, não faltam exemplos em *Os Nossos Filhos*. As mães deveriam saber que, para cuidar do bebé seria necessário que, previamente, elas tivessem tomado certas precauções como “(...)Usar sempre avental limpo ao cuidar do bebé(...) lave cuidadosamente as mãos com água e sabão(...) verifique se tem unhas limpas(...)” (ONF, Ago. 1942 e Jun. 1946), “(...)devem ler livros sobre estes assuntos e frequentar dispensários e cursos onde recebam as instruções necessárias (...)/porque/ diminuem as possibilidades de errar e concorrem para a criação de filhos fortes e belos(...)” (ONF, Ago. 1942), se não tem bons conhecimentos pode ler revistas como *Os Nossos Filhos* ou “(...)teve o bom senso de comprar e ler os melhores livros de puericultura, cujos conselhos segue rigorosamente(...)” (ONF, Maio 1945), ou seja, é preciso que as mães leiam e frequentem as “(...)obras de protecção à infância que só foram criadas para auxiliar o bom desenvolvimento dos pequeninos. Não se nasce sábio, é preciso aprender. Saber criar e educar os filhos é a ciência mais necessária e mais útil para a humanidade(...)” (ONF, Abr. 1946). Como corolário desta atitude havia que olhar “(...)para os vossos filhos com olhos de mães conscientes e não piegas. Considerai-os, não como bonecos, mas como pessoas que realmente são, pensai nas suas necessidades(...)” (ONF, Abr. 1946).

Ensinar à mãe o que deveria comer ainda grávida ou a amamentar é também tarefa de *Os Nossos Filhos*: “(...) sê sóbria na tua alimentação enquanto amamentares o pequerrucho(...) não abuses de comidas salgadas e picantes, de café e bebidas alcoólicas, de caça e mariscos, de conservas e enchidos(...)” (ONF, Maio e Out.1946). Já no que diz respeito à alimentação da criança defende-se o aleitamento materno a não ser que “(...)haja razão imperiosa(...)”. Em qualquer caso a mãe deve preparar os seios para a amamentação e só se não puder ser de forma diversa, conjugar aleitamento artificial com o materno ou só o artificial. Neste caso deve ser compensado com “(...)o

emprego de sumo de frutos frescos. Limão, uvas, tomate, laranja (...)” (ONF, Ago. 1942).

Grande quantidade de referências é feita às amas e ao desmame, dois assuntos de imensa importância. Em relação ao primeiro, aconselhava-se “(...)Sê tu própria a ama do teu filhinho. Se não pudeses cumprir esta obrigação, ouve e segue o conselho do médico(...)” (ONF, Maio 1946). Esta orientação deveria ser seguida na altura do desmame em que “(...)o uso de farinhas medicinais, deste ou daquele leite, deste ou daquele medicamento, são problemas que não deves resolver sozinha, mas sempre orientada pelo Médico(...)” (ONF, Maio 1946). A higiene da ama e a escolha das melhores é uma das questões que deve orientar qualquer mãe porque, como tinha dito Maria Amália Vaz de Carvalho,“(...)entregar o filho a braços mercenários de mulher estranha é aceitar a mais tremenda das responsabilidades(...)”(1880. p.240). Definidas em 1931 pela LIGA DE PROTECÇÃO À INFÂNCIA haviam sido as regras para ensinar as senhoras a escolher uma ama para as crianças: “(...)Não a admitir sem mandar examinar previamente por um médico (...)Nem menos de 20 nem mais de 35 anos(...),tenha tido mais de um filho(...), não ter o seu filho há mais de 4 meses(...),Investigar-se sobre doenças anteriores (tuberculose e sífilis) e fazer análises(...), dar vinho em pequeníssima quantidade, proibir licor e aguardente(...), não aceitar com má dentição¹⁷¹(...), Órgãos normais (...) e Boa gordura da ama não é sintoma de boa qualidade do leite(...)” (Liga...1931. p. 21-22).

A higiene do sono é outro dos aspectos frequentemente abordados. As mães deveriam saber que as crianças precisam de dormir muito (ONF, Ago. 1942) e, “(...)Desde primeira hora, o menino deve dormir no berço(...)conservar junto de si o filhinho recém-nascido, mas nada menos higiénico(...)Resignemo-nos a deixar dormir o menino no quarto dos pais, primeiros tempos. Mas, a partir do meio ano, não há razão para o menino aí continuar(...)” (ONF, Jan. 1944), “(...) no seu bercinho com um véu de tule, bordado pela mãe como diz o professor Costa Sacadura: enxoval do menino. — Fica-te sempre com esta — Só tem valor a limpeza, O luxo de nada presta. Limpeza Vale mais do que beleza; vale mais do que riqueza; Mais do que seja o que for Porque limpeza é virtude Que dá e mantém saúde Bem de muito mais valor — ...Rede da janela e o tule do berço defendem-no das moscas(...)” (ONF, Maio 1945).

Para ajudar as mães a aprender, mas com satisfação e a poderem pôr á prova se

¹⁷¹ No texto original estava ainda “(...) menstruada(...)” que Maria Lúcia Vassalo Namorado riscou ao ler.

realmente sabiam agir como deveriam nas mais diversas circunstâncias, a revista vai lançar, em Junho de 1943, um concurso, como vimos, *Grande Concurso das Mães*¹⁷² que consistia no seguinte: “(...) A nossa Revista publicará uma série de seis problemas sobre puericultura e educação infantil, os quais as concorrentes terão de resolver (...)Para isso organizarão um caderno de tamanho e formato que quiserem. Em cada folha escreverão, seguindo a ordem da sua publicação na Revista, o enunciado de 1 problema e a respectiva resposta. Cada folha não deve conter mais de 1 problema e sua resposta, a qual será escrita à máquina, ou com letra bem legível (...)” (ONF, Jun. 1943). Esses problemas diziam respeito a amamentação, cuidados a ter com as crianças (não as deixar com criadas, não consentir que fossem beijadas, sobre higiene da criança, primeiros socorros e escolha de livros para a segunda infância.

Outra área de aprendizagem para as mães era a do vestuário do bebé que “(...)quer seja usada quer seja nova, deve ser muito bem lavada previamente(...)indispensável para a roupa mais menos aparatosa que se compra já feita(...).lavagem, tanto mais que não sabemos quem a fez, e pode ter sido uma pessoa doente O ideal é destinar-lhe uma bacia, ou alguidar, onde se lava apenas a roupa do bebé. lavagem deve limitar-se a uma boa ensaboada, depois do que se deixa ou não corar a roupa, e se tira muito bem o sabão, passando-a por águas limpas; em seguida, enxuga-se ao sol e passa-se a ferro. Não se deve recorrer a lexívias nem outras drogas, porque podem ficar restos na roupa, que servirão para irritar a pele da criança. Deve ser lavada no próprio dia em que é despida, principalmente as fraldas. nunca se deve vestir ao bebé roupa que não esteja completamente enxuta(...)” (ONF, Jan. 1944 e Jun. 1946), devendo ser “(...)ser leve; não lhes deve tolher os movimentos; deve agasalhá-las bem, sem ser de mais(...) não deve ter pregas, nem botões ou alfinetes que as possam magoar nem picar(...) deve ser feito de tecidos macios, de preferência brancos. A cabeça das crianças deve andar fresca e os pés agasalhados, mas nunca apertados(...)” (ONF, Set. 1945) e os pèzinhos agasalhados, mas nunca apertados (ONF, Maio 1946).

Para ajudar as mães nas tarefas da realização dos enxovais para bebês a revista prontificava-se a fazer as encomendas, como vimos, ou recomendava casas especializadas como era o caso de uma que funcionava na Av. Guerra Junqueiro, 24-B,

¹⁷² Foram seis os problemas colocados: Como resolve o problema se não pode amamentar o filho? Como resolve problema de ida ao cinema para deixar filho de 4 anos? Consente que toda a gente beije os seus filhos? Quem dá banho aos filhos? A criada? Seu filho a brincar no jardim e feriu-se ligeiramente. Que faz? Sua filha faz 10 anos e presente será colecção de livros. Que escolherá? (...)” (respostas premiadas e publicadas depois de Maio 1944).

em Lisboa, dirigida por “(...)uma puericultora(...)” (ONF, Mar. 1954).

Um dos aspectos que as mães não podiam descurar era o combate ás crendices e preconceitos diversos existentes sobre as crianças. Sobre eles se debruça a médica Custódia do Vale que, do seu livro *A Higiene, a criança e o conforto do lar*, deixa transcrever um texto sobre esse problema, publicado depois de contacto da senhora com “(...)alguns meios rurais /onde/ são rotineiras as pessoas. Não acreditam que os ensinamentos de certas regras para a criação dos meninos sejam necessários, e por isso não fazem caso. Como castigo da sua pouca confiança nos conselhos que lhes dão, têm dobrada canseira com a criação dos filhos. Quando as crianças têm saúde criam-se sem custo, como se diz vulgarmente. Claro que não é assim(..) dão sempre muito trabalho sei a criar, mas é um trabalho que não enfada(...)Não é sempre fácil seguir assim caminho recto, porque os mães se desorientam em face da quantidade de conselhos desencontrados que lhes dão as avós, as mães, as tias e os vizinhos, todos com a melhor das intenções, pois só pensam, ao dá-los, no bem do bebé. Desses conselhos dados com boa intenção. São prejudiciais, já não são para este tempo. Sigam antes os ensinamentos do médico e dos obras de protecção à infância se querem ter filhos sãos e que dêem pouco trabalho a criar o sfilhos(...)” (ONF, Abr. 1946).

Uma outra médica, Maria Emília Morgado, em Bragança, que escreve contra os :“(...) preconceitos...de ignorância...outros parecem ser aceites pelos meios mais educados sendo também prejudiciais: desnecessário apertar cabeça com uma touca para que adquira bom formato(...) 4º ou 5º dia não tirar leite dos mamilos das crianças "leite das bruxas"(...) com receio de ferir moleirinha não lavam cabeça aos lactentes(...) Mães costumam mastigar alimentos antes de os darem aos filhos(...)contrário a todas as regras de higiene (...)” (ONF, Nov. 1944). Outros dados sobre o mesmo tema são:“(...) Crianças de colo ganham, por vezes, na cabecinha, umas crostas que povo diz que se não devem combater. Aí está um dos tais conceitos perigosos, ..além de se tornarem repugnantes, elas são, muitas vezes, porta de entrada para as infecções a criança limpa, (...) elas aparecem convém combatê-las imediatamente, e muito ã noite, deitar, unta-se: a çabecinha da criança com vaselina; no dia seguinte, no banho, saem(...) As crostas nunca devem coçar-se ou arrancar-se(...)” (ONF, Maio 1945) ou ainda “(...)Moscas, os mosquitos, porcarias de toda a 'espécie, os descuidos na vigilância, as guloseimas e os conselhos de vizinhas ignorantes, são os. maiores inimigos das crianças(...)” (ONF, Maio 1945). Por vezes, sem qualquer indicação de fonte são colocados pequenos conselhos, contra as crendices e os preconceitos como:“(...) Não receie que uma criança

possa «aguar» por não lhe darmos o que estamos a comer. As crianças só devem comer alimentos próprios da sua idade. «Aguar» não é nada(...)» (ONF, Maio 1945) ou “(...)o menino chora? Não julgues que ele tem fome ou tem «raivinhas dos dentes»(...) observa-o, procura a verdadeira causa, que pode na verdade, ser fome ou mau estar de dentes, mas pode também ser outra muito diferente: sono, fralda molhada, frio, calor, picada de alfinete ou de pulga, etc.(...)” (ONF, Maio 1946).

Para que as crianças, em geral pudessem manter uma boa saúde seria necessário: “(...)defenda os seus filhos dos ruídos, que tanto prejudicam a saúde. Esforço, constante e inconsciente, que se faz, quando se trabalha, mental ou fisicamente, no meio de ruídos fortes, faz com que o sistema nervoso se debilite e provoca a neurastenia(...)” (ONF, Fev. 1945), ou “(...) o bebé não é um brinquedo. Não o deixe andar de braço em braço. Isso fatigo-o e. Enerva-o (...)” (ONF, Fev. 1945).

O asseio em casa e na rua é fundamental como vimos porque “(...)Quer em casa, quer na rua, defendo o menino da poeira e da um idade. Não há nada mais perigoso para a sua saúde. A Falta de sol, e sobretudo, uma alimentação defeituosa ou insuficiente, são os causas principais do raquitismo(...)” (ONF, Fev. 1945).

Para não haver dúvidas sobre o que seria o aspecto de uma “criança saudável” há que saber que “(...)crianças saudáveis e bem tratadas, acordam geralmente assim, bem dispostas(...) e têm (...) a carinha fresca e rosada, o olhar vivo, o corpinho rechonchudo, sem gordura demasiada, carne rija, a pele esticada e com uma finura especial(...) a grande fontanela, a que vulgarmente chama* moleirinha, apresenta-se flexível, nem saliente, nem deprimida(...)” (ONF, Maio 1945).

Todos os cuidados seriam poucos perante os maus ares e “(...)Bom ar é preciso, as correntes de ar são funestas. As frinchas das portas causam muitas vezes bronquites e pneumonias, pelo que as camas das crianças devem estar delas abrigadas, o que também as livra de poeiras. Bom ar, a luz, o asseio e os cuidados, são indispensáveis às crianças(...)” (ONF, Set. 1945) repetindo os mesmos conselhos em Janeiro do ano seguinte. É nesse número que vão ser publicitados uns postais que, sobre a saúde das crianças, Maria Lúcia Vassalo Namorado mandara fazer, a partir de uns que vira intitulados *As reivindicações dos bebés*, publicados pela *Obra Nacional da Infância belga* (ONF, Jan. 1946). O director da *Liga Portuguesa de Profilaxia Social*, António Emílio de Magalhães considerara a ideia tão interessante que, na sua correspondência pessoal e profissional se compromete a usá-los, como já referimos (cf. cap. Iconografia). No campo da higiene da grávida, ou seja, da puericultura pré-natal, há alguns conselhos

que as mães devem seguir e ensinar a outras que o não saibam. A título de exemplo vejamos os seguintes: “(...)Está à espera de um bebé? Faça-se observar por um médico e siga ...A gravidez não é uma doença, é um estado normal; com os seus incómodos, sim, mas normal. Coma simplesmente, o que tiver na vontade. Procure levar uma vida o mais calma possível. Evite zangar-se. Não trabalhe até a fadiga. Não se deite tarde. Não use tacões altos. Não use espartilho, que a aperte,, num somente uma cinta que a ampare. Dê o seu passeio diário. Sobretudo ande bem disposta, seja alegre, se quer que o bebé saiba sorrir(...)” (ONF, Maio 1945).

A médica Maria João Lopes do Paço¹⁷³ terá a seu cargo ensinar as futuras mães a fazer alguns exercícios intitulados:“(...) Ginástica para grávidas: movimentação muscular conveniente neste estado, educação da respiração, é muito Útil, porque dispõe 'bem a futura mãe facilita-lhe a gravidez(...)” (ONF, Jun. 1946). Também da médica Maria Emília Morgado, extraídos do seu livro *Cuidemos das criancinhas* há um conjunto de ensinamentos que as grávidas não podem descurar:“(...) Toda a mulher grávida deve ser observada por um médico. Esta observação, entre muitas razões que a impõem, tem por fim: 1- Evitar a transmissão da sífilis ao filho; 2- Vigiar o funcionamento renal, investigando na urina a albumina e o açúcar, etc., 3- Evitar um grande número de abortos; 4- Evitar alguns acidentes do parto. toda a mulher grávida deve consultar o médico no início, no 4.º e 7.º mês de gestação. ...Mãe deve também ter em rigoroso cuidado a higiene da boca, e tratar ou evitar a cárie dentário, cujo aparecimento é particularmente favorecido neste estado, em virtude dessas perturbações. últimos meses, deve abster-se de trabalhos fatigantes ou de exercícios violentos. Não deve, no entanto, levar uma vida sedentária. Os passeios ao ar livre, convém muito, havendo, é claro, o necessário repouso quando sinta cansaço. Durante o período de gravidez e de amamentação, a mulher precisa dum regime alimentar além de variado, de maior valor nutritivo, que lhe forneça os elementos de que mais carece o seu organismo. O leite, a manteiga, q queijo, os ovos, os frutos crus, legumes (couves, cenouras, tomates, e te.), o peixe, a carne e os cereais, devem constituir compreende vitaminas, sais (de cálcio, ferro, etc.), e outro ...Durante o inverno ou quando ela tenha de trabalhar em fábricas ou locais onde não recebo a acção do sol, convém aconselhar o emprego diário duma pequena porção de óleo de fígado de bacalhau, rico em vitaminas. ...as pessoas que vivem no mesmo ambiente devem evitar que qualquer abalo moral a possa

¹⁷³ Cf. *Apêndice cap. 4- Biografias.*

impressionar(...)” (ONF, Mar. 1946).

No campo da higiene pós-natal era importante acatar os conselhos sobre o banho do bebé que “(...)na primeira semana, o banho do bebé deve ser preparado com água previamente fervida(...)” (ONF, Fev. 1945) e diário (ONF, Maio 1945).

A revista não se coíbe de chamar a atenção das mulheres para os problemas da mãe que não tem onde deixar as crianças pequenas. Para mostrar que é possível organizar esse apoio, o que não acontecia, de forma generalizada, no nosso país, a directora da revista socorre-se de exemplos recolhidos no estrangeiro: “(...) Milhares de mulheres americanas trabalham ao lado do homem — quando os não substituem — nas fábricas de munições e de aviação, nos estaleiros, etc. por isso nos Estados Unidos as creches para benefício dos filhos de operários de guerra, se multiplicam por todo o lado, nos centros industriais. As creches estão abertas das 6 da manhã às 6 da tarde (...). As crianças são examinadas diariamente de por uma enfermeira e vistas por um pediatra uma vez por semana. Cada grupo de 30 crianças tem 5 professores(....) Nas creches, as crianças não só estão livres de perigos como aprendem a trabalhar e a brincar juntas, a solucionar as suas próprias disputas, e a reconhecer os direitos dos seus companheiros e as suas próprias responsabilidades(...)” (ONF, Jan. 1944).

No campo da higiene infantil seria necessário que as mães tivessem conhecimentos sobre a importância de certas medidas básicas como “(...)Lavar as mãos e o rosto das crianças assim que se levantam. Lavar bem as orelhas. Escovar os dentes de manhã e à noite e após as refeições. Ter as mãos sempre asseadas e as unhas cortadas. Trazer os cabelos sempre cortados, penteados e limpos. Usar lenço não se servindo nunca do das outras Ter o seu copo e beber água só por ele(...)” (ONF, Maio 1945) o que se repete em Maio do ano seguinte.

Um dos aspectos que mostrava a ignorância das mães em relação aos mais elementares princípios da higiene era a utilização da chupeta “(...)que tanto mal causa às crianças(...)Usam-na os pobres e os ricos. Muita gente julgo que é impossível criar meninos sem ela(...)” (ONF, Abr. 1946). Esse objecto, em borracha ou em pano com açúcar, era censurado pela revista porque “(...)são anti higiénicas e causam transtornos intestinais(...)” (ONF, Set. 1946).

Se as mães não se considerassem informadas sobre os mais elementares conhecimentos na área da educação, da saúde, da puericultura, seria bom que aprendessem porque essa era a única forma de se tornarem boas mães. Se lessem determinadas obras que a revista não só se encarrega de aconselhar como pode até

enviar para as leitoras que as pretendam adquirir, ficariam elucidadas sobre as maiores dúvidas que pudessem ter. Um conjunto muito vasto de obras foi sendo apresentado em *Os Nossos Filhos* como tivemos ocasião de referir no subcapítulo da publicidade na revista. Para esta área que aqui analisamos eram recomendadas, sobretudo: *Mãe e Filho*, de Ferreira de Mira, *O Meu Menino*, de Samuel Maia *Cuidemos das Criancinhas*, de Emília Morgado *Livro de Puericultura*, de Almerindo Lessa (ONF, Jun. 1945), ou ainda *O Guia das Mães*, de Branca Rumina (ONF, Jan. 1946) e *Puericultura*, por M. Gesteira (ONF, Jan. 1946).

Para ajudar a tomar nota das questões mais importantes da vida do bebé recomendava-se a compra da *História do Bebê*¹⁷⁴, “(...)pois é um livro que pela sua beleza artística e literária, é para a Mãe ou para o Pai que a tal tarefa dedique alguns minutos mais uma bênção que o filho sempre recordará com enternecido reconhecimento. Esta livro, onde Raquel Roque Carneiro, a maior desenhadora portuguesa, colaborou brilhantemente,, encontra-se à venda nas boas livrarias do pois ao preço de Esc. 50\$00. Depositários no Porto: Livraria Simões Rua do Almada, 123 — Porto editores e distribuidores Gerais: Papelaria da Moda Rua do Ouro, 167-173 — LISBOA(...)” (ONF, Mar. 1946).

Há um outro livro do mesmo tipo *A minha História: o livro da criança*, de Maria da Natividade Correia e António Correia, /scanner/editada pelo *Instituto Infantil* de Coimbra. Esta senhora, do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, e o marido haviam feito esta obra porque, como referem na introdução, escrita como se fosse o bebé a falar:“(...) as pessoas crescidas entretêm-se muitas vezes a escrever ‘diários’. Arranjam livros onde escrevem os factos mais importantes da sua vida, para depois recordarem e utilizarem esses ensinamentos nas situações novas que lhes surgem(...). Com a ajuda das pessoas crescidas que gostam de mim eu vou apontar neste livro as coisas mais importantes da minha vida de menino, e hão-de ver, mais tarde, o grande favor que me prestaram com o vosso auxílio. (...) ele não só me dará no futuro a alegria do espírito como muito ajudará a conservar a saúde do corpo(...)” (Correia, s.d.). Estes álbuns serviriam para, como pugnavam muitos médicos escolares, registar os passos que as crianças iam dando, permitindo ver a evolução da sua saúde, gostos, etc. de forma a, mais tarde na escola, serem um precioso auxiliar para o professora e para o dito médico.

A Puericultura dividia-se em pré-natal, natal e pós-natal. A primeira, segundo a

¹⁷⁴ Como veremso é este livro que Maria Lamas queria oferecer a Maria Lúcia Vassalo Namorado quando, em 1940, nascera o terceiro filho desta última.

parteira Olga de Lima “(...) é a ciência que trata da profilaxia, contra todas as enfermidades na procriação, desenvolvimento e nascimento do feto(...)” (ONF, Maio 1947) por sua vez, poderia ainda subdividir-se em duas outras fases: PRIMEIRA: Consiste no tratamento dos pais e das mães, antes e depois do casamento, quando portadores ou suspeitos, de doenças infecto-contagiosas. SEGUNDA: No tratamento e cuidados para com a criança, durante o período de 9 meses, isto é, até ao seu nascimento(...)” (ONF, Maio 1947).

Vejamos outros ensinamentos para serem seguidos pela mulheres grávidas, ou seja, durante a fase pré-natal:

V. do V. – se a mãe tem sífilis(...) vigiar o esgotamento materno, a albuminúria, a gravidez gemelar, dificuldades do parto, etc. O tratamento anti-sifilítico no período da gestação é o único remédio a opor, a tão grande mal.	08-1946
não tomar medicamentos sem ouvir médico deve ser calma, sem contrariedades, desgostos, e emoções. É indispensável, o , sono de dez horas diárias quarto arejado e de janela aberta; quando isto não seja possível, é indispensável a sesta, a meio do dia. O vestuário, deverá evitar sobretudo o aperto da cintura e das pernas(...) portanto, nada de cintas para, encobrir a gravidez. Nem de, ligas circulares que, perturbam a circulação, agravando a dilatação das veias (varizes).Apenas se aconselha o uso de cintas apropriada, servindo simplesmente para amparar o ventre, e com rugas de suspensão	09-1946
Maria Carolina ¹⁷⁵ - gravidez não deve servir de pretexto para a mulher abandonar todas as suas preocupações de beleza e elegância. Uma futura mãe pode perfeitamente manter até bastante tarde os seus encantos, se souber tratar-se convenientemente. É preciso antes de mais nada dissimular tanto quanto possível, a palidez extrema e as manchas da pele, muito frequentes nesse estado. Procure-se, pois, disfarçar esses inconvenientes com uma «maquillage» discreta e hábil. Os vestidos, como já aqui temos acentuado, devem ser, principalmente, práticos e de corte sóbrio....Cinta apropriada	06-1947
A cultura física não deve ser abandonada, desde que a futura mãe esteja habituada a praticá-la (...) deverá, no entanto, suprimir os exercícios violentos, «tennis», equitação, etc.. A natação é permitido durante os 3 ou 4 primeiros As viagens não são aconselhadas, principalmente nos 3 primeiros e nos 2 últimos meses....É preciso lutar contra q ameaça de descalcificação. Cabelos devem ser vigorosamente escovados de manhã e à noite...Alimentação deve ser, sã, equilibrada, sem excessos. ..\ futura mãe não deve aumentar mais de 8 a 9 quilos.	06-1947
pratos muito condimentados e o álcool serão suprimidos. Indispensável a observação médica, se possível, todos os meses	06-1947

Os conselhos, sem estarem incluídos em texto algum podem também ser encontrados em *Os Nossos Filhos*, como pequenos avisos:

se a criança regurgita, seguidos de vômitos, e os fezes e tornem líquidas, é necessário consultar o médico	6-46
Cuidado com os animais domésticos! Não deixe o gato dormir ou brincar com bebé	

¹⁷⁵ Da autoria de Maria Carolina (Ramos?).

bebé precisa de viver ao ar livre tonto quanto possível. E de dormir a sua sesta. Uma varanda da casa pode ser utilizada para este fim. Quando elo já pode sentar-se, deve ser levado a passear no seu carrinho	
bebé deve brincar com brinquedos fáceis de lavar	
não saiam com bebé à noite nem cinema ou café	9-1946
Não deitem bebé na vossa cama podem esmagá-lo e é anti higiénico	
Não dar ás crianças para elas brincarem, objectos sujos	

Um caso específico de muitos cuidados que são descritos em *Os Nossos Filhos* é o da alimentação do bebé. Recomenda-se o aleitamento materno como fazem na “(...)Suécia, as, princesas e todas as senhoras da nobreza amamentam os seus filhos e tratam pessoalmente de tudo que lhes diz respeito(...) frequentam, as escolas de puericultura, enfermagem e ensino doméstico, aprendendo, como qualquer burguesa, a fazer todos os trabalhos femininos(...) isto leva as raparigas de todas as classes a, seguirem-lhes o exemplo(...) aqui está como a mulher sueca é das mais cultas, esclarecidas e, encantadoras (...)” (ONF, Ago. 1946).

Depois de se insistir no aleitamento materno pois a “(...)Mãe tem obrigação de amamentar o seu filho, pelo menos durante os primeiros meses, desde que se não oponha um motivo grave. mães que amamentam gozam mais saúde do que aquelas que se recusam a cumprir esse dever (...)” (ONF, Jun. 1946) há que ensinar a alimentar convenientemente a criança: “(...)Depois cada mamada, e antes de deitar o bebé, a mãe deve pegar-lhe pelos sovaco e mantê-lo, assim ao alto, durante uns momentos. Criança expulsa o ar que engoliu enquanto mamou, evitando-se as regurgitações(...)” (ONF, Jun. 1946). O leite materno é o melhor pois evita a debilidade e o raquitismo nas crianças. Se se recorre ao “(...)aleitamento artificial á falta, da leite materno, ou em segundo lugar o da ama, complica, fortemente o problema. As probabilidades de Levantamento do débil decrescem numa grande percentagem(...)” (V. do V. ONF, Set. 1946).

Um das rubricas que Maria Lúcia Vassalo Namorado vai lançar é sobre o tema: “(...) o que falta e o que há (...)” na sua terra em matéria de apoio e assistência á mãe e á criança (ONF, Dez. 1945), como referimos no subcapítulo anterior. De uma forma velada, de intervenção política de largo alcance, a directora da revista consegue várias coisas ao mesmo tempo: levar as leitoras a interagirem com a revista, dar espaço para que as mulheres posam dizer o que pensam e mostrar, sem entrar em conflito com ninguém, como era pobre ou nulo o apoio dado ás mães e ás crianças em Portugal nos anos 40 e 50 do século passado. Esse apelo completo tem o seguinte texto: “(...) Escreva-nos! Colabore connosco na defesa do Criança! Diga-nos o que há e o que falta na sua terra, em matéria de protecção à Maternidade e à Infância. Digo-nos o que, pela

sua parte, está disposta a fazer. Nenhum esforço é pequeno ou inútil. Nenhum português tem o direito de ficar indiferente... para o futuro da raça e da nação(...)" (ONF, Set. 1946). Como dirá mais tarde, desde que se falasse em "raça" e nação" ou termos afins não haveria forma de a incomodarem (Borges, 2003). Os depoimentos como resposta a este repto vêm de Vila Fresca de Azeitão (Set. 1946), de Cabeceiras de Basto (ONF, Out. 1946) entre muitas e muitas outras localidades.

A preocupação que Maria Lúcia Vassalo Namorado manifesta perante a seleccionar um conjunto de temas que a preocupam e, sobre eles pede textos originais, copia, republica, publicita, organiza concursos, repete outros que apresenta como artigos que usa como 'textos de apoio' do que ela quer que as mães aprendam. A preocupação da directora da revista é a da maior parte da classe médica porque, na realidade, as condições de vida da população em geral eram duras e difíceis. As enormes alterações políticas dos últimos anos do século passado, o extraordinário desenvolvimento produzido na medicina e na farmacologia em que, "(...)a síntese molecular, (...) possibilitou um aparentemente ilimitado abastecimento de novos medicamentos(...)" (Basso, 2004. p. 175), a melhoria das condições de vida da população actual só com alguma dificuldade nos deixam entrever o que era o quotidiano neste período a que nos reportamos e de que a revista nos dá uma imagem obtida de um determinado ângulo de visão. Em relação á doença e formas de a encarar, a visão que dela hoje temos nada tem a ver com a "(...)explicação microbiana das doenças e da patologia celular /que/ foram substituídas por uma visão bioquímica e molecular(...)" (Basso, 2004. p. 179).

No período que estudamos a saúde das pessoas ainda não era vista como uma preocupação social e não havia ainda imensos soros e vacinas, antibióticos hoje disponíveis, por vezes até em doses excessivas em relação ás necessidades reais. Um conjunto de novas vitaminas foram sendo criadas nos últimos 50 anos e a física nuclear "(...)conduziu à medicina nuclear, à radioterapia e aos radionuclídeos. E a biotecnologia e engenharia genética abriram novos horizontes com medicamentos inovadores(...)" (Basso, 2004. p. 181). Nos anos 30 "(...)pouco se conhecia acerca da concentração dos medicamentos nos tecidos e no sangue e o conceito de semivida (o tempo que o medicamento demora ai atingir a sua concentração plasmática máxima e a descer para metade dos valores), foi primeiro demonstrado experimentalmente em 1953, e os conceitos de taxa de dissolução e absorção controlada só foram introduzidos em 1959 (...)" (Basso, 2004. p. 183), não sendo possível actuar sobre 'órgãos-alvo' nem dosear a concentração exacta e actuante de um medicamento.

Esta luta contra os micróbios e a insistência numa medicina preventiva, em que as regras do asseio eram fundamentais estava ligada ao facto de poucas vacinas, como a da difteria (1890) ou a da raiva(1885), serem então conhecidas. É precisamente depois dos anos 30 do século passado que se assiste á produção em maior escala e/ou descoberta de novas vacinas ‘contra’ algumas das doenças tão referidas em *Os Nossos Filhos* como o tifo, a gripe, a poliomielite (1955), a tosse convulsa, o sarampo, a rubéola e a papeira. Alguns tratamentos só foram possíveis na sequência do isolamento da insulina em 1921, do estrogéneo em 1929, da cortisona em 1946 ou da criação dos primeiros contraceptivos orais depois de 1951. As mulheres –assinantes, leitoras- de *Os Nossos Filhos* não podiam falar ainda da ‘pílula’ porque a Schering só a lançou em Portugal em 1963, sob a designação “(...) comercial de *Anovlar 21*, tendo sido autorizada a sua venda não como um método anticoncepcional, mas sim como um “regulador do ciclo menstrual” da mulher(...)”(Basso, 2004. p. 183). O impacto social deste medicamento estaria para vir uma vez que muitas foram as concepções de vida, de família, de natalidade, até relativamente ao papel da mulher que passaram a ser vistas por outro prisma. A descoberta da penicilina em 1945 é outro aspecto da saúde que importa ter em conta pois “(...)valeu o prémio Nobel a Alexander Fleming (1881-1955) (194) mas era difícil produzir em grandes quantidades. Em 1942, só se conseguiu Penicilina suficiente, produzida nos EUA, para tratar cem doentes, mas em 1944, durante a invasão aliada da Europa, já existia Penicilina suficiente para tratar as forças inglesas e americanas dos graves ferimentos provocados pela guerra. (Basso, 2004. p. 196). Essa descoberta seria fundamental para o tratamento de uma das doenças infecto-contagiosas mais temidas em *Os Nossos Filhos*: a sífilis, pois em 1943 foi possível demonstrar que aquela ‘substância’ curava esta doença. A utilização da Estreptomicina “(...)um medicamento derivado não de um fungo, nem de uma bactéria, mas de uma forma intermédia de vida, as actinomicetas(...)”(Basso, 2004. p. 197) foi usado em 1944, com resultados excelentes, contra outra das doenças mais analisadas na revista: a tuberculose ou a ‘peste branca’. Não queremos concluir a análise desta categoria em *Os Nossos Filhos* sem referir novamente que não foi só devido aos novos medicamentos que a taxa de mortalidade desceu para níveis inferiores. Os cuidados ensinados na revista, mesmo que não acessíveis a toda a população, foram ajudando essa queda assim como o recurso a terapêuticos químicos que foram melhorando os problemas dos aqui designados raquíticos, débeis (pois foi possível combater avitaminoses e desequilíbrios vários) e também os ‘anormais’ pois “(...) apesar de os barbitúricos ainda serem valorizados

como calmantes do sistema nervoso central, foram lentamente substituídos pelos agentes tranquilizantes, como a *reserpina* em 1953 (...) e finalmente o *diazepam*, com o nome comercial de *Valium*, em 1963. Com o advento destes medicamentos, o tratamento dos distúrbios mentais entrou numa nova era e o progresso espectacular dos doentes mentais, a quem estes medicamentos foram administrados, levou a uma enorme redução de doentes internados nos hospitais de saúde mental. Depois de 1955, a terapia medicamentosa suplantou claramente a terapia e cirurgia convulsiva no tratamento das psicoses... (Basso, 2004. p. 202).

É deste período também a descoberta de um tratamento para um determinado conjunto deste último tipo de doentes – a leucotomia pré-frontal – feita por Egas Moniz, que lhe valerá, em 1949, o (hoje contestado) Prémio Nobel da Medicina e Fisiologia. Este médico tem fotografia /scanner/ na revista e testemunha a homenagem que um grupo de senhoras, entre as quais Maria Lúcia Vassalo Namorado e *Lília da Fonseca* o foram homenagear por ter sido galardoado com esse prémio.

Na categoria de doenças há que incluir ainda as das “crianças anormais” que era possível dividir em diferentes categorias, como explicava Maria Lúcia Vassalo Namorado quando ainda colaborava em *Modas & Bordados* porque os “(...) especialistas /as/ dividem em sensoriais, intelectuais, mentais e orgânicos, mongóis. Há ainda hemiplégicos, doença de Little, andam mal, não coordenam movimentos maioria delas podem tornar-se adultos normais se educação começar 2 ou 3 anos. Do 2º ao 14º ano é o melhor tempo para educação da criança anormal. Educação muito morosa. Quando se percebe o que ela tem, cedo entregue a educadores especializados para cada caso há um método educativo especial (...)” (*Página das mães, Modas e Bordados*. 6 Set. 1939).

Esta concepção de que todas as pessoas são reeducáveis, até as “crianças anormais”, era defendida e, como hoje, era tema com alguma invisibilidade na maior parte da imprensa. Se era aflorado, ficava-se muitas vezes pelo lamento, pelo ‘coitadinho’, pela lamúria ou pela rejeição. *Os Nossos Filhos* vai-lhe dar, cada vez com mais destaque, alguma visibilidade, sobretudo na divulgação teórica e nas formas de combater este flagelo que, na área da medicina preventiva, também se incluía na higiene mental.

A maior parte dos textos de *Os Nossos Filhos* que, sobre elas são publicados são da autoria, em maior percentagem, de médicos e professoras(es) que com tais crianças trabalhavam, como o médico Victor Fontes (cf. *Apêndice Cap. 4- Biografias*), as professoras Regina de Oliveira e Sousa, Maria Luísa Torres Pires ou mesmo, entre

muitas(os) outras(os) instituições e escolas a jovem cega, Francisca de Fátima Pereira ou *Francisquinha*.

Dos encontros científicos mais destacados nesta área e ao qual Maria Lúcia Vassalo Namorado assistiu e deu particular relevo nas páginas da revista, citamos o *1º Congresso Nacional de Protecção à Infância*, organizado pela *Sociedade Portuguesa de Pediatria* e cujas actas foram publicadas em 1952.

A grande importância deste *Congresso* advém do facto de nele terem participado alguns médicos que, anos mais adiante, vão tomar a iniciativa de criar algumas instituições de apoio às crianças com diversas dificuldades como é o caso de João dos Santos e Barahona Fernandes ou ainda Victor Fontes.

Um dos participantes, o médico Arnaldo Rodo considerava como “(...)causas de perturbações motoras: a Poliomielite, os síndromas espásticos, as deformidades congénitas, a tuberculose óssea articular e as afecções traumáticas(...)” e apresenta a ideia de “(...) proteger e reeducar crianças fisicamente incapacitadas(...)” como vira ser defendida já em Estocolmo, em Setembro de 1951, no *5º Congresso Internacional de Assistência aos Estropiados* (intervenção In *Sociedade Portuguesa de Pediatria*, 1952. p.281). No período da discussão que se seguiu a esta comunicação foi a vez de João dos Santos sugerir que se incluíssem “(...) neuro-psiquiatras da infância, professores e psicólogos no pessoal técnico dos *Centros Especializados de Reeducação Motora* que se projectam criar(...)”(João dos Santos, intervenção In *Sociedade Portuguesa de Pediatria*, 1952. p.293). Este médico e Barahona Fernandes, em intervenção, sublinham a urgência de criar “(...) asilos para epiléticos, clínicas psicológicas para recuperação de crianças deficientes- esforço profilático, nas escolas, nos bairros com equipas de trabalhadores sociais e serviços técnicos de psicologia e psiquiatria e dispensários formativos(...). João dos Santos refere ainda a sua experiência de acompanhamento de 1800 crianças na *Voz do Operário* e propõe a criação de “(...) ensino de *Psiquiatria infantil* e de *Higiene Mental Infantil* nas Faculdades de Medicina, e da profissão de Psicólogo...(In *Sociedade Portuguesa de Pediatria*, 1952. p.380)

As crianças anormais, ou seja, “(...) as cegas e as que vêem mal, as surdas e as que ouvem mal, as crianças cuja inteligência se desenvolve anormalmente(...)muitas, muitíssimas vezes, as crianças anormais podem tornar-se adultos normais, desde que a sua educação comece cedo e seja o que deve ser. Para cada caso especial há um método educativo também especial(...)confiá-la imediatamente a médicos e educadores especializados” (ONF, Jun. 1942). É esta a opinião que Maria Lúcia Vassalo Namorado

expressa logo no primeiro número que publica de *Os Nossos Filhos*. Para que as Mães possam saber identificar as ditas características, a revista irá contar com a colaboração do médico Victor Fontes, do *Instituto António Aurélio da Costa Ferreira*.

A escrita sobre este tipo de problemas tem diversos aspectos na revista *Os Nossos Filhos*: por um lado, é entregue a médicos considerados, à época, peritos no tema em questão. Tem ainda informações e pequenas notícias sobre actividades desenvolvidas para este tipo particular de doentes, são publicadas cartas de mães que expõem os seus problemas quotidianos que se prendem com a educação destas crianças, há artigos sobre instituições vocacionadas para o encaminhamento de doentes ditos anormais e ainda a publicidade a diversas instituições educativas que se ocupam da recuperação de doentes desta categoria.

Do ponto de vista do olhar especializado dos médicos sobre este tema, a revista convidou Victor Fontes, como referimos, então Director do *Instituto António Aurélio da Costa Ferreira* para orientar, do ponto de vista científico, os Pais sobre estes assuntos.

Os artigos que este médico escreve são de dois tipos: uns que ele redige expressamente para *Os Nossos Filhos* em que “(...) sendo esta Revista para os Pais, abordaremos noções muito genéricas que servirão apenas de guia aos que porventura notem certas alterações nos filhos(...)” mas em que não aborda temas mais complexos como as “(...)causas das anomalias mentais: Doenças de influência hereditária, como a sífilis, o alcoolismo, certas doenças nervosas e mentais(...)” (ONF, Fev. 1943) Neles pretende “(...)fornecer apenas as noções práticas que possam ser de alguma utilidade para quem tenha crianças à sua guarda. (...)”. Outros artigos são textos que o referido médico publica noutros locais e que aqui também são transcritos, como conferências ou palestras que pronuncia em escolas.

Vitor Fontes é o médico que mais escreve sobre as crianças deficientes, sobretudo mentais, na revista *Os Nossos Filhos*. É apresentado como director do *Instituto Aurélio da Costa Ferreira para Anormais*, aposto no artigo que escreve para o segundo número da revista *Os Nossos Filhos*, em Julho de 1942. Ele fora contactado por Maria Lúcia Vassalo Namorado para aqui escrever sobre crianças anormais “(...)um dos problemas mais cruciantes das idades infantis (...)”. Vitor Fontes compreende que nem todos os pais estão despertos para o problema e considera que quase parece descabido escrever sobre este tema nesta revista pois que “(...)num jornal que tem por título «*Os Nossos Filhos*» toma um ar pesado, desagradável, diríamos, de mau agouro(...)” porque “(...) *Os Nossos Filhos* são muito espertos e ficam distintos (...) seguem a sua vida afanosa de

estudos (...) ano atrás ano, exame atrás exame, as distinções são muitas e a alegria dos pais vai num rítmico «crescendo», porque, a par de bons estudantes, são muito bons pequenos: meigos, amigos dos pais e dos irmãos, bondosos para todos, tanto para os colegas como para as pessoas da casa, obedientes, disciplinados; e eles são já uns homenzinhos e mulherzinhas, e lá vão frequentando os cursos que escolheram; através uma carreira brilhante, são doutores, são oficiais, são agrónomos, são comerciantes... E «Os Nossos Filhos» vão pela vida fora... Num mar de rosas! Mas!... (ONF, Jul. 1942) ... nem todos são normais. Por essa razão os artigos seguintes deste médico serão sobre «as crianças anormais». Num total de 23 artigos ele abordará temas tão diversos como a profilaxia das anormalidades, as alterações de conduta e a “(...)a importância que as refeições infantis têm na boa ou má formação mental dos filhos(...)” (ONF, Jan. 1944) sobre a exclusão dos deficientes mentais (ONF, Out. 1944) entre muitos outros temas, como veremos. Parte-se do princípio de que a medicina preventiva ou profiláctica é a mais adequada para detectar estes casos (ONF, Set. 1942), ou seja, ainda antes do casamento. Defendia-se que se poderiam vir a “(...)estabelecer seguramente quais as óptimas condições eugénicas, ou seja as condições de boa geração, para se terem filhos sadios de corpo e alma; no entanto, do que se sabe, é já possível deduzir um certo número de regras(...)” (Fontes, In ONF, Set. 1942). Insiste-se em que “(...)Muitas taras dos pais, umas congénitas, outras adquiridas, são a causa da anormalidade psíquica dos filhos. Certas doenças nervosas, algumas doenças microbianas, por exemplo a sífilis, determinadas intoxicações (alcoolismo, saturnismo...)”(Fontes, ONF, Set. 1942). Se o médico põe algumas reservas quanto às medidas eugénicas aprovadas em alguns países sobre este assunto, outras há que ele defende sem peias, a saber, a instituição de consultas pré-nupciais que, em alguns países “(...)são completados por um certificado oficial obrigatório...entre nós, já não constituem raridade estas consultas(...)/devia generalizar-se.../porque/ “(...)Constituir família é um dos encargos mais nobres(...)/mas não se deve transformar/”(...) um dos mais nobres actos do homem: a procriação, numa via dolorosa de todos os instantes(...)” (Fontes, ONF, Set. 1942).

Uma das preocupações de Vítor Fontes é a vergonha que certos pais têm, sobretudo das “(...) classe mais elevadas em (...) reconhecer a anormalidade dos filhos e em consentir o seu internamento (...)” (ONF, Out. 1944) em instituições como o *Instituto Aurélio da Costa Ferreira* ou o *Instituto Médico-Pedagógico da Condessa de Rilvas*. Os pobres “(...)pelo contrário, anseiam pelo internamento dos filhos, nele esperando o remédio numa situação completamente desorganizadora das suas

vidas(...)"'. A anomalia mental nem sempre é definitiva, havendo possibilidade de recuperação para muitos dos casos, desde que detectados a tempo e tratados convenientemente.

Quanto às causas das anomalias mentais infantis são analisadas sobretudo as influências que o meio exerce sobre as crianças (ONF, Out. 1945): desde o desentendimento entre pai e mãe, a miséria económica ou moral, os maus exemplos, os castigos corporais aplicados aos filhos, o abandono e desinteresse pelas crianças, nas famílias pobres; nas famílias ricas também os problemas existem: o excesso de mimo e a incompreensão do que é a alma infantil (ONF, Out. 1945).

Para melhor conhecer a situação de cada criança, o *Dispensário de Higiene Mental e Infantil* do Instituto António Aurélio do Costa Ferreira aplicava um *Inquérito Social* a cada uma das mais de 3000 crianças que por lá haviam passado.

Como exemplo de textos divulgados na revista, depois de terem sido apresentados em palestras em escolas, foi publicado em todos os números entre Dezembro de 1947 e Maio de 1948, durante seis números, um texto sobre a *maldade infantil* que fora realizada na *Queen Elisabeth's School*, em Lisboa (ONF, Dez. 1947), abordando o furto infantil, os tiques como roer as unhas, as dificuldades do filho único e dos que, tendo os pais enviuvado e voltando a casar, têm dificuldade de se adaptar à nova situação face aos padrastos e madrastas que "(...)não têm para com o enteado a solicitude de verdadeiros pais, facto que muitas vezes se agrava, quando aparece um filho de ambos os cônjuges(...)" (ONF, Abr. 1948), a situação dos filhos preferidos ou a oposta dos menos queridos, a má moral e a desunião do ambiente familiar, assim como as maldades da idade púbere ou da adolescência.

No texto de uma outra palestra feita na sede da *Acção Católica*, a convite da *Liga Universitária Católica*, em Fevereiro de 1955 e publicada em *Os Nossos Filhos* em Junho seguinte, ou seja, quatro meses depois, sob o título *A Tragédia da Infância*, apresentava Victor Fontes o *Dispensário de Higiene Mental Infantil* do Instituto António Aurélio da Costa Ferreira (ONF, Jun. 1955), explicando como fornecia apoio aos casais que haviam tido uma criança sem a desejarem, ou seja, quando a mãe "(...)pouco cuidadosa com as manobras ante-concepcionais, aparece grávida(...)" novo ser é causa de aborrecimento(...)" , como se devia ser cuidadoso na escolha dos nomes para as crianças porque "(...) podem criar reacções extremamente violentas em espíritos predispostos à neurose, /como o demonstrara/ De Greeff em *Nos enfants et nous*(...)"

(ONF, Jun. 1955). Também alude às mães que podem sofrer vômitos e dores no período da gravidez, na amamentação e ainda face “(...) ao incómodo que a criança traz à vida conjugal, por perda de liberdade de acção e por cuidados constantes (...) ou no relação que se estabelece nas mamadas entre a criança e a mãe.

Este mesmo texto será publicado durante mais três números, ou seja, o texto da palestra intitulada *A Tragédia da Infância* começara a ser publicado em Junho de 1955 e só termina em Setembro do mesmo ano. Nos números de Julho a Setembro de 1955 o autor abordará ainda o problemas do desmame e do egocentrismo infantil (ONF, Jul. 1955), o ciúme infantil (ONF, Ago. 1955) e finalmente, o problema das madrastas e padrastos, da desadaptação e desagregação familiares – onde se aborda o divórcio e os males que este traz para o bem estar dos filhos, se pequenos – (ONF, Set. 1955).

Sobre este médico são ainda dadas notícias que se referem ao seu currículo. Neste grupo inclui-se a notícia sobre a atribuição de uma das quatro vice-presidências da recém criada *Sociedade Internacional de Psiquiatria Infantil* para a qual o médico Victor Fontes fora designado quatro meses antes e a indicação do relatório que o médico apresentara subordinada ao tema: «A agressividade infantil e a vida familiar». Do texto, que fora publicado no «Jornal do Médico», a revista transcreve, como muitas vezes sucede, uma parte (ONF, Dez. 1948) na qual se apresentam algumas informações sobre a então ainda novíssima especialidade em psiquiatria infantil. Naquele Congresso havia sido ainda recomendado que se criassem em todos os países *Institutos de Psicologia* assim como cadeiras de *Psiquiatria infantil* nas Faculdades de Medicina (ONF, Dez. 1948). Um médico de Paris, o dr. Henyer propusera que se “(...) acabasse com os tribunais da Infância, como se fez Suíça, Noruega Suécia e Dinamarca, e a sua substituição por comissões de protecção à Infância(...)”.

Tendo participado no ciclo de conferências do *1º Ciclo de Estudos Pediátricos* organizado pela *Secção Regional de Lisboa*, da *Sociedade Portuguesa de Pediatria*, em Maio 1951, um ano depois, durante dois números são apresentadas as linhas gerais das medidas sobre higiene mental infantil que Victor Fontes apresentara nesse encontro (ONF, Jun. e Jul. 1952). O médico abordara questões como : a vida sexual das crianças, o regime alimentar, o asseio (ONF, Jun. 1952) e também o problema do sono, da marcha, da linguagem e da ida para a escola (Jul. 1952).

Outros artigos do médico Victor Fontes foram escritos em resposta a pedidos concretos da directora de *Os Nossos Filhos*, como fora o caso de um artigo sobre enurese infantil

(ONF, Maio e Jun. 1949) enquanto que outros, como o que ele assina sobre erros educativos – o cortar do freio para a criança se livrar da gaguez – resulta apenas da transcrição de outros textos que Maria Lúcia Vassalo Namorado retirara de outras obras, nem sempre indicando a obra de origem (ONF, Out. 1953).

Sobre o *Instituto António Aurélio da Costa Ferreira* e o seu director durante o período de vigência da revista são dadas ainda informações sobre as iniciativas por eles(s) realizada(s). Neste grupo podemos incluir o ciclo de conferências anunciado em Maio de 1944, tendo falado “(...)Diogo Furtado(...) sobre as «Causas da anormalidade infantil». Na segunda, foi conferente (...) Barahona Fernandes, que tratou da «Psiquiatria infantil e psiquiatria geral». Na, terceira, (...) Emile Planchard ocupou-se das “Dificuldades pedagógicas e seu diagnóstico». A série de conferências terminou com (...) Vítor Fontes, sobre «A psicologia geral e a criança anormal» (...)” (ONF, Maio 1944). As conferências proferidas aquando dos 10 anos do *Instituto Aurélio da Costa Ferreira*, em Junho de 1952 são também anunciadas em *Os Nossos Filhos* (ONF, Jun. 1952). Neste mesmo campo podemos dar o exemplo da publicação de uma outra informação sobre o “(...) 2º Ciclo de palestras da «Escola de Pais¹⁷⁶», que teve por tema «A Adolescência», sem dúvida uma das fases mais delicadas nas relações entre pais e filhos (...)” e em que o texto da que foi proferida por Victor Fontes é publicado em *Os Nossos Filhos* (ONF, Dez. 1958), no último número da publicação com periodicidade mensal.

Neste *Instituto*, sob a direcção deste médico, realizaram-se cursos de especialização para professoras(es) primárias(os) interessadas(os) em trabalhar com este tipo de crianças. Nele participaram Maria de Lourdes do Nascimento Rodrigues e Maria Regina da Silveira e Sousa, entrevistadas por *Os Nossos Filhos* em Setembro de 1952. Estes cursos haviam sido criados porque era grande o número “(...) de crianças atrasadas que frequentam as nossas escolas primárias, dificultando imenso o trabalho dos professores, prejudicando os companheiros, e não aproveitando nada, ou quase nada, dum ensino que não é próprio para elas. Também, todos sabemos que, para remediar este estado de coisas, são necessárias classes especiais, criadas expressamente para

¹⁷⁶ Nesse ciclo de conferências, inaugurado e encerrado por Victor Fontes, haviam participado ainda “(...) Octávio Dordonnat, director da *Escola do Magistério Primário de Lisboa*, que falou sobre «Os que querem ser professores do ensino primário» Maria Carlota Lobato Guerra, directora do *Instituto de Serviço Social*, versou o tema «Vida Social da Adolescência» (...) o padre Honorato Rosa, ocupou-se dos «Aspectos morais e religiosos na adolescência» (...), Silva Nunes, pediatra dos Hospitais Civis de Lisboa, falou de «Alguns problemas médicos na adolescência» (...) Simão Lopes Gonçalves, médico do *Instituto*, ocupou-se de «Diversões na Adolescência»(...)” (ONF, Dez. 1958).

essas crianças atrasadas. Embora lentamente, essas classes vão-se criando, e vão-se formando os professores especializados nesse ensino (...)" (ONF, Set. 1952). Neste ano haviam concluído o Curso Elvira Sarmiento Pereira, Georgina da Conceição Costa Sousa, Maria Clarisse Barreto Pereira, Maria Eduarda Azevedo, Maria de Lourdes do Nascimento Ferreira Rodrigues, Maria Regina Pereira da Silveira e Sousa e Maria Tereza Jardim Gouveia Leal. Regina da Silveira e Sousa¹⁷⁷ (cf. *Apêndice Cap. 4-Biografias*) é uma professora da Madeira, de Estreito, Câmara de Lobos, que tinha vindo frequentar o Curso em Lisboa e que, por intermédio de Victor Fontes, o então director, conseguira orientar crianças que acompanhava particularmente (Carta de 19 Mar. 1954. Caixa 32. Maço 2).

Sobre as iniciativas que o poder político ia realizando nesta área, como Maria Lúcia Vassalo Namorado faz com frequência, são dadas algumas informações de tipo 'cultura geral' sobre o assunto às leitoras e mães assinantes da revista. Muitas vezes essas notícias ou são muito lacónicas ou são desenvolvidas de forma que servem apenas para mostrar como era pouco o que tinha sido concretizado, embora não se faça essa censura abertamente, como exemplificamos com as duas notícias seguintes. Em 1956 fora criada uma comissão para reflectir sobre o problema da *Higiene Mental Infantil*. Com esse mesmo título é apresentada uma 'breve' na revista: "(...)para no prazo de 3 meses estudar e propor um programa de higiene e recuperação de menores mentalmente irregulares, foi nomeada uma comissão constituída (...) Vítor Fontes, director do *Instituto António Aurélio da Costa Ferreira*(...) José Sebastião da Silva Dias, director do *Instituto de Assistência aos Menores*(...), Pedro de Campos Tavares, provedor da *Casa Pia de Lisboa*(...), Manuel João dos Santos Afonso Farmhouse, médico do *Refúgio* anexo ao *Tribunal Central de Menores* e João Augusto dos Santos, assistente do *Hospital Júlio de Matos*(...)2 (ONF, Abr. 1956).

Em Junho de 1958 realizou-se em Lisboa, como se noticia em *Os Nossos Filhos*, sob a direcção do já referido médico Victor Fontes, "(...) o *IV Congresso Internacional de Psiquiatria Infantil*, no qual estiveram representados vinte e sete países(...)"(ONF, Jul. 1958). Maria Lúcia Vassalo Namorado informa que não poderia publicar todas as comunicações¹⁷⁸ e opta por transcrever apenas o texto de 'balanço' desse encontro feito

¹⁷⁷ Esta professora é a mesma que terá ainda a iniciativa de criar uma biblioteca itinerante, que referimos já neste trabalho.

¹⁷⁸ Embora presente resumos de algumas como:"(...) Ensino de crianças sofrendo de perturbações emocionais, Utilização de organismos de recreio pela equipa de «child guidance», Consequência do abuso

por aquele clínico. Essa avaliação não é abonatória do empenhamento de algumas entidades pois apenas são elogiadas, enquanto únicos participantes, o *Instituto Antônio Aurélio da Costa Ferreira*, a Secção Infantil do *Hospital Júlio de Matos* e o *Instituto Adolfo Coelho*. A inexistência de mais instituições onde se fizesse o acompanhamento psiquiátrico de alguns casos que o necessitavam, é posta em causa e Victor Fontes continua a insistir na necessidade da criação da “(...) especialidade médica de psiquiatria infantil(...)” (ONF, Jul. 1958).

Um outro médico, Cidrais Rodrigues debruça-se ainda sobre alguns aspectos políticos mais precisos do problema dos apoios às crianças diminuídas. Ele faz, na revista¹⁷⁹, uma análise minuciosa da (má) organização, por fragmentária, dos serviços de assistência. Mais do que pôr em causa a função do Estado - que ele considera que deve orientar e dirigir todas as iniciativas, mesmo as particulares – defende que no campo do “(...) amparo às crianças física ou mentalmente inferiorizadas(...)” (ONF, Ago. 1958), como não há respostas particulares satisfatórias e globais, deve competir àquela entidade a organização de tais serviços. Esclarece ainda que, se se pretende resolver o problema a nível nacional (porque ele tem essa dimensão), tem de ser o Estado a realizar tal tarefa não o entregando sequer a “(...) autarquias locais que, tendo conhecimento apenas de um número limitado de casos, dificilmente tomarão consciência da importância e da vastidão do assunto. A assistência às crianças inválidas ou defeituosas reveste dois aspectos: por um lado, a recuperação, permitirá certamente transformar (...) em seres socialmente úteis e capazes de garantir o seu sustento(...) e, por outro lado, a criação de instituições onde fosse possível internar estas crianças quando não tivessem família ou esta se mostrasse incapaz de lhes ministrar os cuidados necessários. É talvez preferível não dissociar estes dois aspectos e facetas médico-sociais, porque deste modo se engrandeceria o prestígio da sua tarefa e se facilitaria a sua acção de propaganda junto do público, para não haver relutância nos internamentos(...)” (ONF, Ago. 1958). Deveriam ser criadas instituições para apoio à “(...) infância deficitária pelo menos nas nossas três cidades universitárias(...)” e neles se trataria daquelas(es) que fossem recuperáveis; aquelas(es) cuja recuperação não fosse possível, “(...) ficariam, infelizmente, a cargo da Nação para toda a vida(...)” (ONF, Ago. 1958).

da noção de frustração afectiva e (...) a Família e as perturbações do comportamento da criança (ONF, Jul. 1958).

¹⁷⁹ Em artigo já publicado em *Jornal do Médico*, de 20 de Julho de 1957, ou seja, mais de um ano antes da sua republicação em *Os Nossos Filhos*.

Não há dúvida de que em *Os Nossos Filhos* se defende esta ideia de que havia crianças recuperáveis socialmente e outras não. Muitas vezes, como já vimos no texto de Victor Fontes e como se pode ver também num outro da autoria de Maria de Lourdes de Almeida, professora de crianças anormais no *Hospital Júlio de Matos*, o maior problema e “(...) sempre doloroso e difícil para os pais /é/ convencerem-se de que, o seu filho, tem uma deficiência mental ou perturbação afectiva. É o ensino da professora que é deficiente, é a falta de interesse que esta manifesta pela criança, é a própria criança que é preguiçosa e não presta atenção às lições, etc. Se a criança não tem aproveitamento, procuremos na própria criança a razão do seu mau rendimento. Seguindo as técnicas da moderna psicologia, aplicando testes que nos forneçam dados acerca da inteligência, detalhando e investigando qual das faculdades mentais é a que se apresenta perturbada ou diminuída, nós obtemos elementos preciosos...Aos elementos obtidos juntemos, o conhecimento do meio onde a criança tem vivido, os seus antecedentes pessoais e hereditários e os resultados de uma observação médica. Da posse de todos estes dados, pode um *Dispensário de Higiene Mental* (a funcionar no Instituto Aurélio Costa Ferreira) pronunciar-se não só sobre a causa que impede o rendimento, escolar, mas também o tratamento essa criança deverá ser submetida(...)” (ONF, Fev. 1948). Por esta mesma professora sabemos que existiam 3 classes especiais em Lisboa, em 1946/47, em escolas primárias e no ano seguinte teriam sido abertas mais três¹⁸⁰. O afastamento destas crianças anormais das classes regulares era visto então como vantajoso, sobretudo para as crianças frequentando o “(...) o ensino nas classes regulares porque delas se podem tirar agora, os alunos que prejudicavam o ensino colectivo e, a disciplina, melhorando assim o ambiente da classe e dando ao professor possibilidades de caminhar num só sentido, sem ter necessidade de perder tempo com os que não acompanham o ritmo geral da classe (...). Essas crianças que são retiradas da classe normal, submetidas numa classe especial a um tratamento intelectual metódico e por adaptado a cada um dos casos, individualmente assistidas pelo professor especializado, em breve recuperarão possibilidades adormecidas ou perturbadas por uma tática inicial errada(..). Á frente destas classes está pessoal especializado (...)que além de determinadas técnicas de ensino possui a boa vontade e o ardor de quem é novo e caminha para um ideal, vencendo as dificuldades de uma tarefa árdua e

¹⁸⁰ As três primeiras, nas escolas 20, 56 e 86 e as outras três novas, mantendo-se as três anteriores, nas escolas 6, 9 e 15 “(...) em conformidade com o Decreto 35401 de 27 de Dez. de 1945(...)” (ONF, Fev. 1948).

esgotante(...).Que nunca elas sintam que a frequência numa classe especial, as inferiorizo perante os companheiros das classes regulares(...). Entre as muitas razões que podem levar uma criança para uma classe especial pode encontrar-se, por exemplo, uma instabilidade de conduta, uma perturbação da atenção ou memória, um raciocínio, lento, uma perturbação afectiva ou uma debilidade física(...). Os pais precisam ser os primeiros a vencer o seu suposto desgosto(...). Que os pais tratem a saúde mental e moral de seus filhos(...)" (ONF, Fev. 1948). Como vantagens para este tipo de ensino via ainda esta professora a individualização possível e a "(...)a concretização, /que/constituem as bases do ensino na classe especial.... Individualização do ensino só é possível desde que o professor possa não só fazer o número de repetições necessárias, mas também ensinar crianças conforme o seu caso particular. A concretização consiste não só em tornar risíveis e palpáveis as noções q ministrar, mas também em levar as crianças a observar e deduzir por elas próprias novas noções(...). Os métodos e processos estão ao serviço da criança (...)" (ONF, Maio 1948). As crianças ditas normais, mesmo diante de deficientes processos de ensino, seriam sempre capazes de os ultrapassar, porque "(...) o capital precioso das suas possibilidades conseguirá suprir as deficiências do ensino(...)" (ONF, Maio 1948).

Num país onde se estimava a existência de "(...) mais de 200 mil deficientes mentais(...)" (*Alore*. ONF, Out. 1957) não admira que houvesse diversas obras de apoio particulares criadas mais por "(...)espírito de caridade do que especulação comercial(...)" (*Alore*. ONF, Out. 1957). Se os pais e mães fossem educadas(os) "(...)ministrando-lhes princípios eugénicos que caibam e não firam a moral cristã(...)" (ONF, Out. 1957) também fosse possível diminuir aquele número assustador. A criação de clínicas e escolas especializadas ou trabalho específico seria excelente "(...)quer se trate de débeis mentais ou físicos, onde se valorizem e venham a ser elementos humanos produtivos no enriquecimento económico e moral da Nação, à semelhança dos bem dotados, que os governam e orientam. igualando-se uns e outros em Fé, Esperança e Caridade como criaturas de Deus e filhos de uma Pátria Generosa que nunca mediu sacrifícios para dar aos povos um Mundo melhor(...)" (ONF, Out. 1957).

Estes princípios orientam algumas das instituições de assistência e reeducação de deficientes que encontramos quer na publicidade quer nos artigos que sobre elas são publicados em *Os Nossos Filhos* e que enumeramos no quadro seguinte.

Quadro n.º:8. Instituições para crianças com necessidades educativas especiais:

<p><i>Escola Profissional para atrasados</i> – criada na Albergaria de Lisboa, velha instituição de assistência da capital que há 30 anos presta inestimáveis serviços, primeiro velhos inválidos e depois educando da órfãos, foi agora transformada em escola profissional para reeducação de crianças atrasadas(...)Os que alguma vez viveram o problema da educação, sobretudo primária, e sentiram o peso morto que representam as crianças atrasadas em classes normais, compreenderão perfeitamente a grande lacuna que esta escola vem preencher(...)”. Esta Escola fora iniciativa de Victor Fontes, como director do Inst. AC Ferreira e ao Provedor da Casa Pia de Lisboa, Pedro de Campos Tavares, que, para a resolução desse problema da assistência soube coordenar, interesses e os esforços da Assistência Publica(...)” . A direcção da Albergaria ficou a cargo Victor Manuel Santana Carlos com grandes qualidades e rara formação foi médico escolar durante 10 anos, tem o curso de perito orientador do <i>Instituto de Orientação Profissional</i>, e trabalhou durante 4 anos com o professor Dr. Victor Fontes, que o indicou, para este, novo cargo, e visitou no estrangeiro várias instituições desta especialidade(...)”</p>	<p>06-1944</p>
<p><i>Instituto Médico Pedagógico Condessa de Rilvas</i>¹⁸¹/scanner/Para reeducação de crianças mentalmente anormais, do sexo feminino. Entre as crianças apanhadas pela Associação Protectora das Florinhas da Rua havia muitas anormais. Em Outubro de 1925, a Sociedade Protectora do Hospital para crianças de N^aa Sra. Da Saúde, ao rego fez um acordo com a Associação Protectora das Florinhas da Rua e nasceu assim o Instituto. Possui um internato que recebe pensionistas, porcionistas e indigentes e uma consulta externa para as admitir e dar indicações às famílias. Aprendem todos os trabalhos domésticos. Uma grande parte volta á normalidade e fazem exames de 3^a e 4^a classe, sem reprovação. Deve-se à fundadora, Condessa de Rilvas, ao director do Instituto, Dr. Victor Fontes, à regente, Maria da Conceição Duarte Silva e à médica Dra. Alice Tavares. Pessoas ricas fazem ideia do que é alimentar esta casa? Com as migalhas da sua mesa remediariam muitas situações difíceis.</p>	<p>Nov. 1944.</p>
<p>ceguinho segue pelas ruas como músicos ambulantes (...) muitos foram alunos do <i>Instituto de Cegos Branco Rodrigues</i> (...) de combóio para S. João do Estoril sede do Instituto(...)Directora Maria Isabel Pontes (...)biblioteca de 3000 volumes literárias e 4000 musicais...um dos professores é Joaquim Nunes Pinto...q escreveu um livro "Os cegos no Mundo" e que está à espera de quem o queira publicar...orientadora para a remodelação e expansão do ensino dos cegos em Portugal e a organização da assistência especial que aos mesmos se deverá prestar. Realmente, por este trabalho vemos que, ao contrário do que julgávamos, a assistência aos cegos em Portugal é de uma limitação confrangedora. Número mínimo de cegos e semi-cegos existente em Portugal é de 13.434 (...)só 3 estabelecimentos onde o ensino lhes pode ser ministrado: «Instituto dos Cegos Branco Rodrigues», «Asilo dos Cegos António Feliciano de Castilho», em Lisboa, e «Escola dos Cegos», no Porto, cada um dos quais com uma capacidade para 50 educandos apenas(...) e os que têm a felicidade de ser admitidos em qualquer dos três estabelecimentos acima citados, é orientada apenas no sentido musical assim a sua cultura literária e científica vai apenas até aos anos de liceu necessários para o acesso ao curso do Conservatório (...).É muito o que se faz, mas não é tudo porque está absolutamente comprovado que os cursos superiores de letras e de ciências que abrem as carreiros do professorado, advocacia e outras, não são incompatíveis com o estado de cegueira (...).Pelo que ouvimos, parecemos que, excluindo os cegos que se tornam músicos ambulantes por decidida vocação, é a falta de um ensino que os oriente poro carreiros melhor remuneradas, desde as de artífices às de carácter liberal,</p>	<p>Lília da Fonseca 04-1946 com cont. em Maio 1946</p>

¹⁸¹ Com a mesma designação ainda hoje funciona, no mesmo local, em Lisboa, mas em edificio remodelado, pertencendo ao *Centro Distrital de Solidariedade e Segurança Social* para jovens deficientes, misto, em regime de *Centro de Dia*. Estava ligado à *Associação Protectora das Florinhas da Rua*, através da sua fundadora, como vimos no subcapitulo anterior. Esta última instituição, com fim diverso, existe ainda hoje, no memso local onde funcionava no Campo dos Mártires da Pátria, em Lisboa.

<p>que os lança na mendicidade das ruas (...)Mas para que a sua assistência fosse eficiente seria necessário introduzir-lhes as novas concepções e realizações da moderna pedagogia para cegos¹⁸².</p> <p>01-05-1946</p> <p>A sua bondosa directora, D. Maria Isabel Pontes, conta-nos das preferências dos educandos . Por este ou aquele fato e a sensação exacta que têm dos fatos velhos ou novos, bonitos OM feios. Possuem dois fardamentos para sair. Um, de gola subida contornando o pescoço; p outro, de casaco aberto, de .lapela permitindo o uso do colarinho e da gravata. A preferência dos alunos vai para este último, porque se sentem mais bonitos com ele; e, 3ora assistirem a qualquer festa,,, é. Luta travada se por ocase m desejam que eles levem o primeiro dos fardamentos. ..M sentimento!. Raros são os educandos que depois de crescidos não tenham a sua inclinação amorosa tendo/ não poucas vezes, o desenlace no casamento. Muitos casam até no próprio Instituto, acarinhados com a bênção da sua Directora, que, assim, vê amparados pelo amor e por uma mão feminina esses que ela se habituou a proteger como filhos.</p>	
<p>Internato e semi-internato e externato para ensino especial de crianças com deficiências psico-físicas (débeis, atrasados mentais, e surdos mudos). Único estabelecimento particular existente no País, com pessoal privativo especializado para este género de ensino. Pedir informações à Direcção do <i>Instituto Portugal</i> — Vivenda Seabra Aqualva, Cacém.</p>	02-1948 e Mar. 1948 e Maio 1948
<p>estabelecimento de ensino para crianças com deficiências psico-físicas (débeis, atrasados mentais e surdos-mudos) acaba de transferir as suas instalações do Cacém para a Quinta de Santa Júlia em Bucelas. Isto quer dizer que a iniciativa da nossa colaboradora, Virgínia Jardim Gomes, veio de encontro a uma necessidade do País: após escassos meses de funcionamento foi. Preciso alargar às suas Podemos dizer que terminado um período .experimental O Instituto está apto o admitir todas os crianças que nele precisem de receber assistência médico-pedagógica. Além duma vasta e bela quinta, para recreio e ensino dos alunos, o Instituto vai ter também as suas oficinas, indispensáveis para a educação destas crianças</p>	09-1948
<p><i>Internato, Semi-Internato e Externato</i> Quinta de Santa Júlia Bucelas Reeducação de atrasados Educação oficial e sensorial Classes especiais de reeducação motora e ensino primário O melhor local</p>	12-1948 e Mar. 1949 e Nov. e Dez. 1949
<p><i>Colégio Instituto Portugal PARA O SEXO, Masculino Internato — Semi-internato, Externato Para</i> crianças débeis mentais e difíceis Rua Pena Monteiro, 16 (Ao Lumiar) LISBOA</p>	12-1952
<p><i>Externato Escola Padre Cruz</i> Av. Do Aeroporto, S.A 1º(Junto à Praça do Arieiro) LISBOA Classes especiais da ensino elementar Educação e reeducação de surdos-mudos e perturbados motores Ensino Sensorial</p>	12-1948 e Jan. 1949 e Mar. 1949
<p>Externato, semi-internato ,e, pequeno Internato de ambiente familiar para crianças com dificuldades de aprendizagem,. Praça do Arieiro/ 11-1º-D.to — LISBOA</p>	12-1948
<p>Corpo docente especializado Óptimos instalações — Auto-carro para transporte dos alunos. Praça do Arieiro, 11,1ºD.to</p>	03-1949, Abr. até Maio 1949
<p><i>Colégio de Reeducação Pedagógica</i> - ALVARÁ N.o 987 PRAÇA DO A RE EI ÍR 0,11 1º dto ENSINO SENSORIAI, — ENSINO PRIMÁRIO ESPECIALI, E DE ADMISSÃO AOS LICEUS E ESCOLAS</p>	12-1952, Jan. 1953 até

¹⁸² Como muito frequentemente acontece, os artigos sobre determinados assuntos, escritos por autores estrangeiros ou com pseudónimo são usados para com eles se provar que, no estrangeiro, se fazia o que a revista propõe. Neste caso, em artigo assinado *Langston Day*, verificamos que se defende o tratamento igual ao dos ditos normais para os alunos cegos na Grã-Bretanha (ONF, Set. 1950).

TÉCNICAS, DESTINADO A CRIANÇAS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM ou DE CONDUITA O R T O F O N I A I N T E R N A T O - S E M I - I N T E R N A T O — E X T E R N A T O As referências feitas, pelos famílias dos nossos alunos, são a nossa melhor propaganda	Mar. 1953 e Ago. 1953
Praça do Areeiro 11 r/c, 1º e 4º andares Tel...Os proprietários do Colégio de Reeducação Pedagógica, sito na Praça do Areeiro, 11-1.º, satisfeitos com os resultados técnicos obtidos desde a sua fundação, em 1948, e no desejo de atender os pais de :as do sexo feminino, que têm solicitado a sua matrícula, vêm informar P público, em geral, e os Médicos, em particular, de que acabam de ser superiormente autorizados a abrir o COLÉGIO FEMININO DE REEDUCAÇÃO PEDAGÓGICA, situado no rés-do-chão do mesmo prédio e destinado ao ensino de crianças com dificuldades de aprendizagem ou de conduta.	07-1954
<i>Clínica Psicológica Infantil</i> ouvindo o seu director, Prof. Dr. Vitor Fontes	09-1949
<i>Clínica Psicológica Infantil</i> Benfica, Av. Gomes Pereira...vivenda com casa, horta e pomar...inaugurada há um ano...director Dr. Vitor Fontes...festa de fim de ano em 20 Agosto findo...com crianças com dificuldades psíquicas...manhã, parte religiosa com 1ª comunhão de 3 das internadas...tarde: inauguração de trabalhos de alunos: lavores, cartonagens, modelagem, desenhos, aritmética...ginásio: em 3 partes: exercícios de ritmo, de contenção de espírito e atenção auditiva...2ª parte com lições movimentadas...de gramática, aritmética...de substantivos comuns...3ª parte de carácter recreativo...peq. Bailados, sentido musical artístico, estético	10-1950
<i>CLINICA PSICOLÓGICA INFANTIL</i> - do Dr. Vitor Fontes...trabalhos manuais, desenho, escrita...de alunos com acentuadas deficiências mas progresso comprovado pelas , classificações obtidas rios exames feitos nas Escolas Primárias e nos Liceus.	08-1956
<i>Colégio Feminino de Reeducação</i> . Internato e Externato Para crianças com deficiências psico-físicas. (Instalações próprias) (Assistência médica especial) Vivenda Xang Venda Nova Amadora	09-1951 e Out. 1951
<i>Instituto António Feliciano de Castilho</i> - publicação de um excerto de prof. Mendonça Pais, publicado em "O Educador" de 25 Março 1952	05-1952
comemorando 69º aniversário da fundação...onde actualmente 40 meninas cegas...professora animadora destas festas é Maria Emília Montalvo e escreveu «A melhor esmola» e «Recompensa», que ás alunas interpretaram com entusiasmo e convicção. Apresentação da pequena fantasia «À Menina e a Borboleta» escrita e ensaiada pela professora e artista brasileira D. Thais Bianchi (...)	04-1957
<i>Instituto Branco Rodrigues</i> - uma entrevista com Francisca de Fátima Pereira/ (p. 30):de Junho de 1912	05-1952 ¹⁸³

¹⁸³ A partir deste número vai-se insistir na questão do apoio à integração social dos cegos em diversos números da revista. A título de exemplo veja-se a referência que em 8 de Maio fora inaugurada uma exposição - a *1ª Exposição Internacional de Histologia*, no Salão de Festas do Coliseu do Porto...oxalá actual campanha cria e Obra para reeducação de cegos, assistência e trabalho a que têm direito...com dignidade e independência (...)" (ONF, Ago. 1953) ou ainda a que é realizada no Porto, também, sob orientação da Liga Portuguesa de profilaxia Social de ex de trabalho criador dos cegos...único factor a ponderar é método de ensino e escolha da profissão adequada segundo suas tendências e conhecimentos...1º Exposição Tiflológica Internacional no Porto, no Salão de Festas do Coliseu, plano ordenado pelo Dr. Bertino Daciano, antigo director o Inst. De Cegos do Porto por incumbência da Comissão para Recuperação dos Cegos constituída por ele e por Dr. Domingos Braga da Cruz, gov. civil do Porto, J F de Albuquerque e Castro, do Inst. De Cegos D. Manuel; Dr. Ant. Emílio de Magalhães, da LPPS, Dr. Cândido António da Silva, do Inst. De Cegos de S. Manuel e Dr. Sobral Torres, do *Instituto de Assistência à Família*...a exposição com várias actividades entre as quais...primeira infância- educação dos sentidos...Adolescência- preparação dos cegos para a vida maioridade- prática e acção profissões para

com a assistência do chefe de Estado de então Dr. Manuel de Arriaga, 24 anos depois. Sobrevive quase só com juros das heranças que tem recebido...1ª Escola de cegos...prepara também os seus professores...Secção Masculina da Escola de Cegos- o Instituto Branco Rodrigues-.....É tempo do Estado solucionar este problema da recuperação de Cegos.	
<i>Instituto de Reeducação e Aperfeiçoamento de Cegos</i> ¹⁸⁴ - por iniciativa particular acaba de fundar-se em Lisboa...diferente de tudo o que existe presentemente entre nós. Trata-se de dar ao cego português, de norte a sul do país, condições de vida moral material lhe permitam viver honestamente, arrancando-a à rua, onde ele mendiga, disfarçado em tocador...Maria da Conceição Nobre, directora do novo Instituto...IRAC: 5\$00 mensais é o mínimo de contributo...não tem internato...em Lisboa mas estende-se a todo Império Português...Ensina gratuitamente Braille a todos os subscritores, cegos ou não, que o desejem. Ensina negro a todos os cegos subscritores que a desejem, gratuitamente. Faz funcionar cursos de educação cívica, física, língua materna, etc., sem qualquer dispêndio para os subscritores. Vende artigos feitos por invisuais, como sejam: vergas, empalhamento de garrafas, rendas e malhas, etc.; os lucros revertem a favor dos cegos.promove palestras científicas, literárias, filosóficas e artísticas...Fundu um grupo coral de invisuais. Tem uma biblioteca pública Braille e negro...Tem assistência permanente de Um oftalmologista, gratuita para os subscritores. Terá um infantário para crianças filhas de cegos, a fim de os arrancar à rua onde...e tudo mais que a prática ou a necessidade imponham. Rua Augusto Gil 23 1º Esq. Lisboa	09-1952
<i>Instituto de Reeducação e Aperfeiçoamento de Cegos</i> - No intuito de difundir a instrução entre os invisuais e porque não bastam palavras necessário obras, propôs-se a Maria da Conceição Nobre, que acaba de fundar o Instituto de Reeducação e Aperfeiçoamento de Cegos abrir gratuitamente cursos de Braille e negro para todos os invisuais que deles se queiram aproveitar, Brevemente também começarão a funcionar cursos de ginóstca e canto coral para os mesmos individuos. As inscrições dos cursos de Braille e Negro fazem-se todos os dias úteis das 9 às 12 horas ng secretaria provisória, Rug Augusto Gil, 23/ 1.º, Esq.	11-1952
<i>Colégio de Reeducação</i> Direcção Técnica; DR. JOÃO DOS SANTOS Praça Andrade Caminha 5, LisboaInternato — Semi-Internato — Externato Ensino domiciliário Classes especiais para ensino e reeducação de crianças sofrendo de:1º Atrasos leves de desenvolvimento intelectual 2º Perturbações motoras, paralisados etc.3º Deficiência visual - amblíopes4º- Deficiência auditiva- surdos-mudos Inscrição limitada	10-1954
<i>Colégio de Reeducação</i> Reeducação Médico-Pedagógica Internato, Semi-Internato — Externato Ensino domiciliárioClasses especiais para ensino e reeducaçãõ de crianças sofrendo, de: 1- Atrasos leves de desenvolvimento intelectual 2- Perturbações motoras (paralisados etc.,). 3- Deficiência visual (amblíopes) 4- Deficiência auditiva (surdos-mudos)Inscrição limitada Tel..Praça Andrade Caminha, 5 — LISBOA	11-1954, 12-1954 e Abr. 1955
<i>Laboratório De Psicologia Infantil Aplicada Dr João Dos Santos</i> : Exames e relatório de orientação clínica ou escolar para crianças com desenvolvimento normal ou apresentando dificuldades escolares, perturbações do desenvolvimento, da fala, da motricidade ou dos órgãos sensoriais.Exames pedidos pelos pais; professores ou médicos i assistentes.Psicologia da 1ª infância— Dra Margarida Mendo Psicologia da idade escolar, deficientes visuais e surdos-mudos — Dra Maria Borges Psicologia dos adolescentes — Dra Ana Gonzalez Perturbados motores e psiquiatria infantil— Dr. João dos Santos Praça Andrade Caminha, 5—Tel. 778666 —Lisboa	02-1955

cegos...(quem quiser pode dirigir-se)Comissão para recuperação dos cegos, que funciona no Gov. Civil do Porto (ONF, Set. 1953).

¹⁸⁴ Ainda sobre o problema do apoio social aos cegos refere-se a exposição que fora organizada por Maria da Conceição Nobre, a fundadora do *Instituto de Reeducação e Aperfeiçoamento de Cegos* (ONF, Jan. 1953). Nesse texto tem fotografia de Vieira Alves, cego e biografia e no número seguinte tem um texto de Maria da Conceição Nobre sobre o Professor Albuquerque e Castro (ONF, Fev. 1953).

<p>Fevereiro de 1955- inaugurada a <i>Clínica de Reeducação de Amblíopes</i> (Pereira, Isabel 29 Mar. 2004) CLÍNICA INFANTIL DE REEDUCAÇÃO DE AMBLÍOPES Liga Portuguesa de profilaxia da cegueira, fundada e dirigida por Dr. Mário Moutinho, inaugurou na Praça Andrade Caminha, 5- Bairro de S. Miguel- a primeira Clínica Infantil de REEDUCAÇÃO DE AMBLÍOPES =os que sofrem de enfracueciemtno, perturbações da vista- doação do Rotary Clube de Lisboa.Clínica dirigida por Dr. Henrique Moutinho fundiona em colaboração com o Colégio de Reeducação e dispõe da colaboração do Laboratório de Psicologia infantil, dirigido pelo Dr. João dos Santos.</p>	<p>03-1955</p>
<p>(tenho foto de sala de aula)...vivenda com jardim na sossegada Praça Andrade Caminha...placa que tem indicação de que ali estão duas instituições que nos interessa conhecer: "<i>Colégio de Reeducação</i>" e "<i>Clínica Infantil e de Reeducação de Amblíopes</i>".Professora Rosa Gouveia Benfeito, directora do "Colégio de Reeducação", passamos pela sala de jantar, cmaratas cheias de luz...salas de aula... - ..."Clínica Infantil e de Reeducação de Amblíopes" dirigida por Dr. Henrique Moutinho nada tem a ver com "Colégio de Reeducação" dirigido pedagogicamente por mim e orientação médico-pedagógica do Dr. João dos Santos...clínica no rés-do-chão e entrada própria e...(TENHO CÓPIA)</p>	<p>09-1955</p>
<p>COLÉGIO DE REEDUCAÇÃO esteve patente uma exposição de trabalhos dos alunos...</p>	<p>06-1956</p>
<p><i>Colégio de Reeducação</i> na Praça Andrade Caminha, nº 5 uma das exposições escolares que mais nos agradou...Este colégio destinado a crianças com pequenas deficiências...apresentou, além do -fess material didáctico destinado à iniciação da me leitura e dá aritmética, grande variedade d« trabalhos executados nas aulas pèlos alunos (modelação, pintura livre, colagens» fantoches, animais de arame e papel, etc., etc.), tudo revelando bem o cuidado que os propõem ao seu ensino e a eficácia dos métodos, empregados.</p>	<p>08-1957</p>
<p><i>Instituto de Surdos Jacob Rodrigues</i>. Realizou-se uffia festa escolar, quê êxitc realizou-se uma festa escolar, .que êxit< constou de bailados rítmicoô, recitativos e diálogos, pèlos alunos surdos. ...Entre nós, ainda se julga, vulgarmente,que as crianças surdas, como as cegas rância ã tristeza d<> uma vida Iriútfi. Não é assim. Apesar das áuaa limitações^ na< essas crianças, quando recebam uma educação conveniente, podem tornar-se "" * pessoas activas, úteis e felizes.</p>	<p>05-1956</p>

Algumas são também as instituições para necessidades educativas especiais que vão ser visitadas por *Os Nossos Filhos* para delas fazerem publireportagens. A listagem seguinte dá conta das que foram objecto dessas visitas e do conteúdo dos textos que, sobre algumas são publicados mais do que uma vez, em mais do que um número da revista.

Instituição	Caracterização
<p>Escola Profissional para atrasados</p>	<p>Funciona na Albergaria de Lisboa, já foi local de educação de inválidos e depois de órfãos. Vem preencher a lacuna de escolas para atrasados que são um peso morto nas classes normais da primária. Por esforços de Victor Fontes, director do Instituto Aurélio da Costa Ferreira, do Provedor da casa Pia de Lisboa, Pedro de Campos Tavares Direcção a cargo de Dr. Victor Manuel Santana Carlos que foi médico escolar durante 10 anos, tem o curso de perito orientador do Instituto de Orientação Profissional, trabalhou 4 anos com Dr. Victor Fontes que o indicou para este cargo e visitou no estrangeiro várias instituições deste especialidade. (ONF, Jun. 1944)</p>

<p>Instituto Portugal</p>	<p>/sacner/ em Publicidade educativa, o folheto de divulgação na Rua Pena Monteiro ao Lumiar/Colaboradora de <i>Os Nossos Filhos</i>, Virgínia Jardim Gomes, começou por se dedicar crianças pré-escolares e durante anos foi professora regente dos Jardins-Escolas(sic) João de Deus, em Alcobaça e Castelo Branco; veio para Lisboa interessada pelas crianças com deficiências psico-físicas e especializou-se no Inst. De António Aurélio da Costa Ferreira e depois era professora na Escola de reeducação de crianças atrasadas, instalada na antiga Albergaria de Lisboa/cf. notícia anterior/ destinada a crianças pobres; as ricas e remediadas estavam privadas de ensino não havia nenhuma escola para elas(...) família sou ficavam com elas em casa, perdendo-se possibilidades de reeducação, mandando-as para estrangeiro não as vendo durante anos/o caso de Hortense Martins, na Guiné e filho em Lisboa/ ou internadas em clínicas psiquiátricas. 1945 prof. Fortunato Folgado convidou-a para fundarem escola para atrasados; não foi possível mas ficou com ideia de fundar escola para crianças remediadas e ricas com deficiências psico-físicas-débeis mentais, atrasadas e surdas-mudas. Foi essa escola inaugurada em 13 de Novembro último /de 1947/.Convidou para colaborador directo o Prof. Edmundo Cavalheiro Andrade Pires, prof. de surdos mudos na Casa Pia ; está instalada numa vivenda rodeada de jardim, no Cacém, destina-se a rapazes(...) criar para raparigas e para diferentes casos que apareçam, mas só para crianças recuperáveis(...) seis anos é idade mínima cronológica para admissão(...) um dormitório com 5 camas mais três dormitórios cada um com 3 camas- total de 14 internos ambiente mais de lar do que de escola; mais possibilidades de reeducar em meios pequenos do que na cidade(...) a 7 minutos da estação do Cacém e 21 km do centro de Lisboa(...) uma 'Ceia' na sala de jantar, luz e sol, sala de recreio, aparelho de telefonia, consultório médico, salas de ensino sensorial, trabalhos manuais, ortofonia, de instrução primária(...) carteiras individuais e abolição da carteira fixa(...) funciona um semi-internato e um externato; haverá autocarro logo que população externa o justifique /No final do artigo faz votos para este seja o primeiro de "(...)muitos que se abram dentro em breve(...)". (ONF. Dez. 1947. p. 16).</p>
<p>Clínica Psicológica Infantil</p>	<p>Problema de assistência e reeducação de crianças anormais tem melhorado com reorganização do Inst. Ant. Aurélio da Costa Ferreira(...) do âmbito oficial passou-se ao particular e vê-se criação do Instituto Portugal e Instituto de Reeducação Pedagógica(...) Inaugurada recentemente em Benfica a Clínica Psicológica Infantil (...) do Dr. Victor Fontes(...) entre os anormais há que distinguir os casos de débeis mentais, recuperáveis em escolas de reeducação onde podem aprender profissão simples adequada suas insuficiências mentais; atrasados escolares podem fazer sua aprendizagem literária elementar em classes especiais junto das escolas oficiais; casos médico-psiquiátricos de loucura, tratáveis nas secções infantis das clínicas psiquiátricas e os grandes anormais irrecuperáveis- idiotas e imbecis- aos quais há que assistir humanamente; (n.º 88. Set. 1949. p. 16-17)</p> <p>Para classes especiais, em Lisboa, em 1948, funcionaram 14 escolas em Lisboa e 2 no Porto; para escolas de reeducação há a Albergaria e o Instituto de Condessa de Rilhas; e secção psiquiátrica infantil de Júlio de Matos, com 2 pavilhões; e fazem parte do que se chama hoje "Higiene mental infantil" há outro tipo de crianças perturbadas mas que não são doentes apenas estranhas na sua vida afectiva, os apáticos, instáveis, inibidos, excessivamente medrosos, violentos, coléricos, agressivos, os que contraem vícios infantis como chuchar no dedo até muito tarde, perturbações da linguagem, gagueês(sic), enurese,</p>

	<p>vomitam por tudo e nada, roem unhas desafortadamente(...)"Para elas se criou esta clínica (...)médico não usa bata e é um lar, com jardim, instrução primária até 4ª classe, gabinete de psicoterapia com tabuleiro de "Little word" de Lovenfeld/explica conteúdo do tabuleiro/ Instituição para meninas.(n.º 88. Set. 1949. p. 16-17). É referida novamente quando da festa de fim de ano ali realizada (ONF, Out. 1950).</p>
<p>Instituto António Aurélio da Costa Ferreira</p>	<p>03-1943 - da Avenida Álvares Cabral onde hoje se ergue tal o edifício deste Instituto, existia ao findar o século passado, criado pelo célebre Vereador Rosa Araújo, o Asilo Municipal, sem funções especializadas. Passou o Asilo mais tarde para a Casa Pia, então sob a direcção do Dr. António Aurélio da Costa Ferreira, médico Costa Ferreira inaugurou em 1915, o <i>Instituto médico-pedagógico da Casa Pia</i> para anormais lá começou a trabalhar imediatamente o actual Director Prof. Dr. Vítor Fontes, ...em 1935 nomeado director; edifício novo, instrumental científico novo, pessoal novo," obra que, em prol da criança e da Raça Portuguesa; Hoje é, fundamentalmente, uma clínica de observação...entidades oficiais mais diversos, dos Serviços Tutelares de menores, das clínicas pediátricas e psiquiátricos, bem como das instituições particulares e, querendo, qualquer da particular de per si, apresentam... as crianças em que notam anormalidade psíquica ou funcional...Apresentada a criança para observação dispõe: Parte clínica e parte social. ...parte social de uma Assistente Social, profissional de Serviço Social, diplomada pelo Instituto de Serviço Social. Colhem-se imediatamente dados de interesse quanto ao exterior e comportamento da criança ... informações que se podem e devem obter, a título genérico, da família. Entregue ao médico... Começa delicado e por vezes árduo e complicado diagnóstico...algumas crianças...imediatamente eliminadas porque, à primeira vista, se apresentaram insusceptíveis de melhorar com tratamentos actualmente conhecidos...outras...a criança frequentemente internada no próprio Instituto...No Instituto o internato está dividido em classes de observação e não de ensino....Todas as quinzenas, o pessoal médico, docente e social, se reúne...A criança que não foi internada não é abandonada mas pelo contrário, ...sob a orientação do clínico, o Serviço Social por intermédio das suas assistentes sociais Instituto, como no domicílio...tem os fins seguintes: Diagnóstico e orientação medicopedagógica de crianças anormais. Preparação de pessoal docente e técnico. Investigação científica. Formação de cientistas, especializados nesse ramo do saber humano. A formação do pessoal docente diz respeito aos professores primários...</p> <p>Começou a funcionar em Janeiro do corrente ano, com inscrição voluntária, e constitui preparação indispensável, como se calcula, para todos aqueles que se vejam à frente de classes especiais para anormais.</p>
<p>Instituto António Aurélio da Costa Ferreira</p>	<p>Já funciona há 10 anos(...)/artigo é transcrição de um texto do Instituto sob autorização de Victor Fontes, director/</p> <p>Em Jun. 1871 criou-se em Lisboa a primeira Casa de Detenção e de Correção para menores delinquentes até 18 anos; só em 1912, António Aurélio da Costa Ferreira, tb director da Casa Pia criou duas instituições para anormais mentais: Colónia Agrícola de S. Bernardino, em Peniche e o Instituto Médico-Pedagógico da Casa Pia, em Santa Isabel, ou tb chamado Instituto Médico-Pedagógico de Santa Isabel em 1915(...) em 1929 passou a Inst. António Aurélio da Costa Ferreira(...) Houve iniciativas de Costa Sacadura, Pacheco de Miranda, José de Magalhães e Victor Fontes(...) Em Maio 1919, realizou-se na Escola</p>

	<p>Normal de Lisboa um curso livre de ortofonia e junto das classes especiais estabeleceram-se 20 classes para atrasados, duas de ortofonia,(...) Em 1930 foi criado Instituto Navarro de Paiva destinado menores de sexo masculino anormais delinquentes, dos 9 aos 16 anos, suscetíveis de educação(...) e capazes de um ofício(...) mas ainda não se encontra em funcionamento(...) De iniciativa particular foi criado, em 1926, o Instituto Médico Pedagógico Condessa de Rivas para menores anormais de sexo masculino. (...) e funciona ainda hoje como Escola de Reeducação, sob a direcção de Victor Fontes, até 1941, uma consulta externa de especialidade e teve, de início pessoal religioso especializado na Bélgica, no Instituto Médico Pedagógico de Rixensart, e era utilizado o método Decroly; (...) Faria de Vasconcelos impressionado com o n.º de anormais que ocorria ao Instituto de Orientação Profissional criou clínica privada de externato para anormais recuperáveis que fechou passados 4 anos por motivos económicos (...)Em 1930, o Inst. António Aurélio da Costa Ferreira foi encarregado de ministrar o curso de habilitação do magistério especial de anormais e em 1932 atribuiu-se-lhe a função de preparar professores habilitados com o curso do magistério especial de anormais(...) e publicaram mensalmente "A Criança Anormal"(...) Reforma do ensino primário em 1935 criou-se cargo de Inspector orientador do ensino de anormais e foi nomeado Victor Fontes, encarregado da direcção do Instituto que entrou em obras por 6 anos(...) abriu em Outubro de 1941 e passou para Ministério da Educação Nacional- secretaria Geral e observa e classifica menores afectados de anomalias mentais(...) para observação e classificação o Instituto tem uma consulta externa, um internato, brigadas técnicas e serviço social(...) crianças trazidas pela família ou enviadas pela jurisdição de menores, de ensino ou de assistência(...) obs. Começa na sala de espera, reacção a brinquedos(...) vai ao gabinete do serviço social onde assistente informa de meio familiar e depois vai médico e fazem diagnóstico(...) e tratamento ou destino a seguir(...) maior n.º de rapazes pq maior preocupação das famílias com rapazes(...) observação de internato é destinada a menores do sexo masculino dos 5 aos 15 anos(...) meio importante: lares desunidos, divorciados, meios de moral mais que duvidosa, miséria e abandono dos filhos, escola da rua (...) usam-se testes mais convenientes: Terman, Porteus, Oseretzky, Fay, Rorschach, TAT, etc(...) Decretos 32.607 e 35.801 de 30-12-1942 e 13-8-1946 criaram e regulamentam o Curso do Magistério Especial de Anormais onde se vão especializar os professores primários diplomados que o requeiram; já saíram 66 professores diplomados e frequentam-no agora 7.O Curso tem duração de um ano de duas cadeiras de psicologia e pedagogia(...) diplomados exercem nas classes especiais da Casa Pia de Lisboa, nas escolas de reeducação Adolfo Coelho e Condessa de Rivas e nas classe especiais que funcionam junto das escolas primárias oficiais, duas no Porto e doze em Lisboa; há cursos no Instituto Aurélio (...) de Aperfeiçoamento para vigilantes do Instituto, de psicologia da escola Técnica de Enfermagem, de higiene escolar do Instituto de Serviço Social, de psiquiatria infantil do mesmo instituto e de especialização para os vigilantes da Albergaria de Lisboa(...) tem revista "A Criança portuguesa" já publicados 10 volumes, um por ano, e seis das "Monografias". O primeiro n.º da revista foi publicado em Março-Junho de 1942./continua com indicação do que têm na biblioteca, como se gerem as separatas, os artigos/ (ONF. Mar. 1953. p. 9 e 30)</p>
Asilo Escola António	<p>1950- n.º cegos em Portugal = 10.434 sendo 5.119 de sexo masculino e 5.315 do feminino. (...)entre nós julga que só pode interessar-se pela música. Em Portugal há:</p>

<p>Feliciano de Castilho</p>	<p>Associações de Beneficência Louis Braille, Liga João de Deus, Asilos de Santa Maria, em Marvila, de Na Sra Aflitos, na Rua Eduardo Coelho, Lar Lázaro Leitão, na Tv. Lázaro Leitão, de N^a Sra da Saúde, na Rua Silva Carvalho e de N^a Sra da Esperança, em Castelo de Vide; (...)há apenas 3 instituições de cegos em Portugal: Asilo Escola António Feliciano de Castilho, para meninas, na Rua Francisco Metrass, Campo de Ourique, em Lisboa, Instt. Bracno Rodrigues, em S. Pedro Estoril, para rapazes e Inst. S. Manuel tb para rapazes, no Porto(...) visitar estas casas para saber o que se faz, como vivem o que pensam, o que ambicionam(...) dístico à entrada: 'Auxiliai os cegos sem os lamentar na sua presença'(n.º 154. Mar. 1955. p. 12-13)</p> <p>Visitar o <i>Asilo Escola Feliciano de Castilho em Campo de Ourique:</i></p> <p>Recebe-nos Sol Féria Correia, há 25 anos Regente da escola, com 40 'filhas' as que actualmente aqui vivem; prof^a Emília Montalvo acompanha-nos"(n.º 154. Mar. 1955. p. 12-13). Camas são feitas pelas alunas(...) sala de aulas, refeitório, biblioteca, ginásio(...) pequenina capela(...)</p> <p>1887- Vitorina Sigaud Souto, filha do Dr. Sigaud Souto, fundador e 1º Director do Instituto Benjamin Constant, funda 1ª instituição para cegos em Portugal formando Associação Promotora do Ensino dos Cegos, por quotização que ainda se mantém, e em 1912, inaugura Edifício de Asilo Escola António Feliciano de Castilho, em terrenos oferecido por Maria José e Maria Adelaide Prado Rodrigues(...) proibida há anos a coeducação, este ficou só para meninas(...) entre 6 e 12 anos; (...) aqui é particular e ministra-se inst. Primária, português e francês, solfejo, canto coral, piano, órgão, violino, violoncelo e todas disciplinas necessárias para Curso do Conservatório(...)aprendem tb rendas e malhas(...)ginástica, dança rítmica e dança clássica(...)distraem-se jogando cartas, escondidas, dominó, passeios(...) corpo docente actual: Emília Montalvo, prof. Inst. Primária, português e francês, António Pereira e Maria Pereira, primeiras classes(...), José Domingos- 4ª classe, Silva Rosário- piano e violoncelo, Mercedes Martins- solfejo; Maria Irene Pereira Marques- canto Coral; Laurinda Rosa- violoncelo; Maria Ferreira, a única professora visual, é de ginástica(...) Emília Montalvo utiliza método João de Deus para iniciação à leitura(...) pq mandou imprimir a expensas suas em Paris, na Association Valentin Haüy o seu método de leitura para cegos(...)</p> <p>Que fazer pelos cegos portugueses? Criar escolas em n.º necessário(...) para instrução literária e educação profissional compatíveis com faculdades, reeducar cegos adultos, em idade e condições de virem a serem úteis, criar 'Liga de trabalho para cegos' que desse rápida colocação a cegos(...) criação de um Lar em Lisboa e Porto para cegos sem família ou com família longe(...) bolsas de estudo para cegos prometedores(...) abrindo as Faculdades(...)(n.º 154. Mar. 1955. p. 12-13) e (ONF, Abr. 1955).</p>
<p>Colégio de Reeducação</p>	<p>Vivenda na Praça Andrade de Caminha, em Lisboa(...) funcionam duas instituições: Colégio de Reeducação e Clínica Infantil de Recuperação de Amblíopes dirigida pelo Dr. Henrique Moutinho(...)Prof^a. Rosa Bemfeito, directora do <i>Colégio de Reeducação</i> recebe-nos(...)dirigida pedagogicamente por ela e direcção médico-pedagógica por Dr. João dos Santos(...)clínica e colégio independentes: a primeira no rés-do-chão e resto é colégio;(...)colaboração entre duas instituições para atingir os fins em vista: a reeducação de crianças amblíopes (...) no mesmo edifício funciona tb 'Laboratório de Psicologia Aplicada' dirigido por Dr. João dos Santos /scanner/ antes de admitidas, todas crianças passam pelo Laboratório de Psicologia onde se averigua nível intelectual, aptidões e</p>

	<p>personalidade que condicionam métodos de ensino(...)regime de internato, semi-internato e externato(...) Cartilha do método João de Deus(...) que é o melhor para ensino de amblíopes, 2º Profª Rosa Bemfeito(...)jogos, blocos, mapas em relevo para levar criança a interessar-se, a compreender, e saber da maneira mais fácil e agradável(...)máquina de projectar para pequenas histórias e filmes(...)usam giz que não deita pó para não prejudicar vista(...) a recuperação pode até permitir que vão para liceu(...)Colégio não só para amblíopes mas tb para crianças com atrasos leves de desenvolvimento intelectual, perturbações motoras(paralisados), e com deficiência auditiva – surdos mudos.(...) Dr. João dos Santos e Dra. Maria Borges já fizeram exercícios graduados para vencer dificuldades(...) Crianças cuidam da sua pessoa, vestem-se, lavam-se, arrumam roupas e objectos pessoais(...) aulas até 4ª classe e trabalhos manuais de picagens, colagens, dobragens, desenho, modelação, trabalhos em madeira e cortiça, tecelagem(...), ginástica, contos-jogos, jogos dirigidos, canto coral e jardinagem(...) (n.º 160. Set. 1955. p. 16-17)</p>
<p>Clínica de Recuperação de Amblíopes</p>	<p>Liga Portuguesa de Profilaxia da cegueira, fundada e dirigida por Dr. Mário Moutinho, inaugurou na Praça Andrade Caminha, 5- Bairro de S. Miguel- a primeira Clínica Infantil de Reeducação DE AMBLÍOPES =os que sofrem de enfraquecimento, perturbações da vista- doação do <i>Rotary Clube de Lisboa</i>. Clínica dirigida por Dr. Henrique Moutinho funciona em colaboração com o Colégio de Reeducação e dispõe da colaboração do <i>Laboratório de Psicologia infantil</i>, dirigido pelo Dr. João dos Santos (ONF, Mar. 1955).</p>
<p>Clínica de Recuperação de Amblíopes</p>	<p>/scanner/ vivenda com jardim na sossegada Praça Andrade Caminha...placa que tem indicação de que ali estão duas instituições que nos interessa conhecer: "Colégio de Reeducação" e "Clínica Infantil e de Reeducação de Amblíopes".Professora Rosa Gouveia Benfeito, directora do "Colégio de Reeducação", passamos pela sala de jantar, camaratas cheias de luz...salas de aula... Clínica Infantil e de Reeducação de Amblíopes" dirigida por Dr. Henrique Moutinho nada tem a ver com "Colégio de Reeducação" dirigido pedagogicamente por mim e orientação médico-pedagógica do Dr. João dos Santos...clínica no rés-do-chão e entrada própria (ONF, Set. 1955).</p>
<p>Clínica de Recuperação de Amblíopes</p>	<p>Orientada ponto de vista oftalmológico por Dr. Henrique Moutinho(...)Liga Portuguesa de Profilaxia da Cegueira, graças a donativo do Rotary Club de Lisboa, tem a funcionar esta clínica na Rua Correia Teles, n.º 45, a Campo de Ourique(...)orientada ponto de vista psico-pedagógico por Dr. João dos Santos e Dra. Maria Borges que estagiou em Paris(...) objectivos da Clínica: preservar a visão» das crianças inferiorizadas nesse domínio, e dar-lhes possibilidades de ingressarem numa Escola normal ou facultar-lhes os meios de Cultura adequados à preparação de uma profissão digna é compensadora.(...)assenta no princípio de que:’ tanto a educação como a reeducação são cada vez menos baseadas nas rígidas regras pedagógicas clássicas, para se tornarem num método de constante observação e estimulação destinado a permitir à criança um desenvolvimento de acordo com os dados da psicologia genética»João dos Santos(...)orientação pedagógica: alargar âmbito de experiências(...) contacto com coisas e Natureza, expressão verbal, desenho, pintura, modelação e recorte livres(...) material de ensino com dimensões superiores às normais principal/ leitura e matemática(...), ensino predominantemente oral e reduz esforço visual da criança(...) recreios mais frequentes livres ou com actividades de canto coral e movimento, diariamente(...) iniciação de línguas a começar com francês mas encarando tb inglês e dactilografia(...) para aprendizagem da leitura usam letras móveis(...)Clínica fará</p>

	este ano exposição de resultados tanto pedagógico com oftalmológicos (n.º 181. Jun. 1957. p. 8-9)
Instituto Adolfo Coelho	<p><i>Inst. Da Casa Pia de Lisboa</i> internato destinado educação e reeducação de crianças irregulares recuperáveis(...) em edifício sem condições mas perto do campo, dirigido por Prof. António Lopes do Rego(...) recuperação feita através de 3 modalidades básicas: educação literária, educação profissional, formação moral e religiosa) e outras tantas modalidades acessórias - educação social, terapêutica médico-psíco-pedagógica, e assistência educativa pelos serviços de vigilância)(...) ligação mínima entre duas modalidades(...) educação literária feita em cinco classes: sensorial, inicial, 1.ª classe atrasada e adiantada, 2.ª e 3.ª classes, com todo o ensino baseado na técnica sensorial(...) há oficinas de sapataria, colchoaria, tecelagem, cesteiro-vassoureiro-empalhador e de carpintaria-marcenaria(...) distribuídos pelas actividades consoante suas características físico-psicológicas e depois de cuidada observação médica(...) em primeiro lugar a disciplina de hábitos e em segundo deduzir conduta profissional mais adequada para cada aluno(...)todo ensino profissional deve ser orientado para trabalhos mecânicos (...) é erro aconselhar para débeis a oficina tipo artesanato(...)tem tb construção civil, pedreiros, trab agrícolas, tratadores de animais e jardineiros (...) o trabalho é prémio e não castigo aqui é a norma diz Director(...) recuperação moral e religiosa através do Catecismo feita por Capelão privativo(...) lições de Moral e Religião tiradas das Sagradas Escrituras, da vida social e relacionado com vida e meio social dos educandos(...) disciplina e correcção de atitudes imorais e amorais feita pelo Capelão(...) castigo rigoroso por vezes contraproducente(...)educação social feita entre Instituto e meio social onde vão ser colocados(...) nos padrões e famílias onde são colocados (...) constante apoio médico na despistagem de anomalias e vigilantes devem informar serviços médicos, morais, e, directivos, do que lhe pareça anormal no comportamento da vida de relação do menor, A vigilante tem aqui, também a finalidade de suprir e superar à família, visto que a substitui nas actividades, digamos, familiares.. A vigilante tem que orientar(...)</p> <p>Concluída função recuperadora do Inst. Vai ser seguido na família, se a tem e entidade patronal. Se não tem família, vive em Lar anexo ao Instituto e Provedoria da Casa Pia fornece enxoval e manutenção é paga pelo salário auferido e remanescente depositado na Caixa Económica em nome aluno quando economias atingem 500\$(...)director mais equipa de técnicos: Prof. especializados Carlos Abrantes, chefe de disciplina; Dra. Alice Fortes, Maria Adelaide Ramos da Conceição, Luísa Vieira, Aida Rebelo, Maria Manuela Borges, Maria Luísa Torres Pires, Francisca Baptista, e António de Oliveira; Padre João Maria Gomes Trindade; os médicos Dr, Nuno de Medeiros e Dr. Fernando Aragão de Barros; os professores de canto coral, de clarins, de ginástica; os mestres de oficinas; os vigilantes. (n.º 186. Nov. 1957. p. 14-15)</p>
Colégio de S. Francisco de Sales	<p>Mudez é apenas consequência da surdez(...) 1950, segundo dados estatísticos havia em Portugal, 9.319 surdos dos quais 3086 menores de 19 anos e 1086 menores de 9 anos; só 195 rapazes e 101 raparigas frequentavam institutos de surdos mudos do país!/original/ Colégio S. Francisco de Sales, em Lisboa, apenas com um ano de existência, instituição particular, com internato, externato e semi-internato, aberto desde 4-5 anos, (...) dirigido por sra. belga Monique Luder e prof. Antonino Amaral na direcção pedagógica(...)internato apenas masculino mas escola mista pq calhou pq em Lisboa há mais raparigas do que</p>

	<p>rapazes surdos, com secções pré-primária e primária(...)deve começar reeducação a partir de 3-4 anos pq desenvolvimento linguístico deve acompanhar físico(...) segue método oral pq todo pessoal se dirige crianças falando pretende estar a par das recentes técnicas(...) usamos gestos naturais, fugimos aos convencionais pq pretendemos implantar linguagem oral nestas crianças(...)distraem-se menos que outras crianças(...) pintura e dança eficiente na recuperação destas crianças(...) Colégio tem ensino infantil primário e crianças recebem lições de desenho e trabalhos manuais, de educação rítmica e bailado, de educação física, de moral, e as meninas de labores femininos, E têm os treinos auditivos e de aquisição de linguagem falada.(...)</p> <p>Se educar é uma das mais belas missões, — educar recuperando para a vida normal as crianças diminuídas é, certamente, a mais bela de todas (n.º 188. Jan. 1958. p. 14-15)</p>
<p>Associação Portuguesa de Surdos</p>	<p>Iniciativa de Maria Madalena Pires /scanner/, de vinte e poucos anos, quer instituição para promover a instrução, reeducação e reabilitação dos 10.000 surdos e surdos-mudos portugueses. Aos 19 anos, depois do Curso comercial, empregada escritório(...) meningite(...) foi ficando surda durante três anos vegetei(...)fui Serviço Prof. Larroudé no Hospital Santo António Capuchos e conheci Irene Mercier, foniatra desse serviço(...) para além de colégios particulares, portanto para crianças ricas só há Secção da Casa Pia para ensino de rapazes surdos e uma escola para raparigas no Porto; estas duas instituições só recebem os alunos até 18 anos(...)li biografia de Helen Keller dada por Irene Mercier(...)dirigi-me Dr. Fernando Marques Fonseca que apoiou meu desejo e ele falou ao prof. Larroudé(...) fui aluna há 12 anos de Dra. Matilde Rosa Araújo(...) e ela apresentou-me ao dr. João dos Santos(...) Há uma Comissão para elaborar os estatutos da Associação composta por prof. Larroudé, Dr. João dos Santos, Fernando Marques Fonseca, Manuela Larroudé Trigo da Rosa, prof de surdos mudos Cruz Filipe, advogado Paradela de Oliveira, Dr. Adriano Pires Jordão e surdos Luís Filipe Argel de Melo, Dario Assis e eu(...) finalidade de promover a instrução, reeducação reabilitação dos surdos e surdos-mudos. Pensamos criar clínicas, escolas de reeducação, oficinas, e ao mesmo tempo promover o convívio social que falta aos surdos, fazendo-os interessar .pelo desporto, pela cultura e pela arte. (...) penso ensinar corte e costura às raparigas surdas (n.º 192. Maio 1958. p. 12-13)</p> <p>No n.º 198. Nov. 1958. p. 10 refere que Associação já está formada por despacho do Ministro de Saúde e Assistência os estatutos aprovados</p> <p>Depois de publicar um entrevista com Maria Madalena Pires, faz um apelo, em caixa, aos leitores para que”(...) aos que tenham filhos sofrendo de deficiência auditiva. Pedimos que se interessem pela. Associação que se está elaborando, (..) que apresentem propostas para sócios e ofereçam qualquer peça de mobiliário destinada sede da Associação para Maria Madalena Pires, Calçada do Lavra, 17, 3º Esq. Lisboa(…)”(n.º 192. Maio 1958. p. 12-13)</p>

Várias são as ‘anormalidades’ apreciadas na revista: o alcoolismo, as consequências da sífilis, a surdez, a cegueira assim como o atraso mental são vistos em

Os Nossos Filhos também sob três perspectivas: identificação do mal, apreciação e estudo do problema e informação sobre a forma de o ultrapassar, quando tal é possível. O alcoolismo é visto como fonte de problemas sociais e sanitários, e “(...)na área das possíveis causas de muitos atrasos das crianças incluíam os médicos os filhos de pais alcoólicos que demonstravam ainda, pelas estatísticas, que “(...)nascem mais crianças robustas das uniões legítimas(...) e que é menor a de criminosos e loucos entre os casados (...)” (ONF, Nov. 1944). Há artigos que se debruçam sobre o alcoolismo, do ponto de vista médico e outros que o analisam sob o ponto de vista social, a sua influência no quotidiano e formas de o combater. O quadro seguinte sintetiza o que acabamos de referir:

Quadro n.º 9.: Alcoolismo em *Os Nossos Filhos*:

Aspectos gerais do problema		
Alcoolismo: falência moral	António de Miranda. In <i>Natura de Vida e Saúde, do Brasil</i>	02-1953
25º Congresso Internacional contra alcoolismo, Istambul, Liga Portuguesa de Profilaxia		07-1957
Combate ao problema		
proposta de luta contra alcoolismo	texto da LPPS com ex. de França, Inglaterra,	08-1948
protecção da criança contra o alcoolismo, em 1955,	em França (extraído de) "Jornal do Médico, -28-4-956	07-1956
O problema no quotidiano		
<i>Efeito nocivo do álcool nos filhos de mães alcoólicas</i>	Por Armindo Fernandes	05-1948
/criança que está bêbada na escola...mãe alcoólica.../	Professora diz aos outros que ele é doente e nunca nos devemos rir da infelicidade dos outros, autora é Jaquelina, prof.ª de aldeia, (extraído de) "O Educador", 17 de Março 1950	08-1950
alcoolismo do avô que dá neto vinho beber,	Autora é Jaquelina, prof.ª de aldeia	02-1952
Filhos alcoólicos	por Branca Rumina, /extraído de/ <i>Guia das Mães</i>	06-1955
Combate ao problema		
a repressão do alcoolismo, a vigilância das tabernas		6- 1947
combater o alcoolismo- inimigo da saúde, da felicidade e da ordem,	Artigo de Jaquelina, prof.ª de aldeia	11-1951

Outras anomalias e doenças há que são analisadas no campo da higiene mental em *Os Nossos Filhos*. Nesse grupo incluímos as que enumeramos no seguinte quadro:

Paralisia infantil , Howard Beaufait(artigo foi aprovado pelo) National Foundation for Infantile Paralysis	11-1947
Sobre Helen Keller, Lisa Wheller Exclusivo para «Os Nossos Filhos»	02-1949
insuficiência mental; assim nos idiotas, profundos, Victor Fontes, Director do Instituto de António Aurélio da Costa Ferreira, "(...) não nos é possível ir mais longe para pessoas sem cultura especializada(...)	06-1949
Cegos, J. de Albuquerque e Castro, há 10.000 cegos J. de Albuquerque e Castro(da conferência proferida na LPPS, intitulada:) Os cegos como cidadãos e como homens.	08-1949 09-1949
filhos de alcoólicos epilépticos, idiotas, criminosos...convulsões infantis....meningite não perdoa, Samuel Maia	01-1950
Cegos e condições de integração, dr Bertino Daciano(extraído de) <i>Jornal do Médico</i> há 2 escolas para rapazes cegos, duas para raparigas cegas e o asilo para cegos adultos de ambos os sexos dirigi uma no Porto até pouco...	01-1950
doentes mentais de Júlio de Matos e exposição realizada, Anónimo	12-1951
Paralisia infantil	07-1956
Epilépticos na escola, Maria Júlia de Figueiredo, extraído (de) O Educador	10-1952
reabilitação dos cegos e amblíopes, Mary Thomas	03-1958
crianças cegas e amblíopes, discurso na Assembleia Nacional de 9 de Abril passado, Urgel Costa, deputado	09-1958

Duas áreas são particularmente apoiadas em *Os Nossos Filhos*, sobretudo depois dos anos 50: as iniciativas realizadas em apoio dos cegos e dos surdos.

Um dos textos sistematizadores sobre ambos os grupos é da autoria do médico César Anjo, Filho, que informa que, pelas estatísticas oficiais, em 1940, seria de 11.891 cegos o número total no país, sendo que, desses, "(...) 1.026 (ou 8%) desde a nascença(...)11301 maiores de 10 anos, sabiam ler 2.602 {ou 23 %y, Menos de 20 anos, havia 1.421, viviam do seu trabalho, independentemente de qualquer assistência, 921(...).Pelo mesmo senso, verificou-se a existência de .6.477, surdos-mudos, entre os quais 5.807 (ou 90%) apresentavam, a enfermidade desde o nascimento. Desse total, 1.936 (ou 30%) eram menores de 20 anos. Entre 5.948 surdos-mudos , maiores de 10 anos, havia 1.213 (ou 2,0%) que sabiam ler. Viviam à custa do seu trabalho 1.875(...).Os alienados atingiram o número de 14.231 apenas uma parcela do número total de indivíduos portadores de anomalias psíquicas mais ou menos duradoiras. Desde o nascimento, eram alienados 2.307 (ou 16%). Conseguiram viver apenas à custa do seu trabalho 1281. Eram menores de 10 anos, 1.179(...). O número daqueles que não tinham atingido os 20 anos subia para 3.125 (...). Segundo Vítor Fontes(...)crianças

mentalmente atrasadas(...)admitir estimativa de 981.123 crianças em idade escolar(...)”(ONF, Out. 1948). O texto escrito por este médico¹⁸⁵, reconhecidamente da oposição ao regime político vigente, defende que a “(...) educação especializada interessa a quase totalidade das crianças anormais. Só os indivíduos com grandes anormalidades, incapazes de qualquer compreensão ou esforço físico prolongado, estarão excluídos dela...De acordo com o Regulamento dos Serviços Escolares de 1945 , o Ministério da Educação BRITÂNICO determinou os diferentes categorias de crianças às quais deve, ser proporcionada educação especial, definindo-as ao modo seguinte: Alunos cegos, Alunos parcialmente cegos. Alunos surdos, Alunos parcialmente surdos, Alunos débeis, Alunos diabéticos, Alunos emocionalmente anormais, Alunos epilépticos, Alunos desequilibrados, Alunos fisicamente estropiados, Alunos com defeito de pronúncia(...) Por um lado, muitas crianças tornam-se anormais devido às condições do meio em e que vivem. Revelar-se-á, pois, absolutamente desumana a sociedade que, mostrando-se incapaz de as colocar em boas condições de desenvolvimento e segurança, não proporciona às crianças todas as possibilidades de recuperação. Por outro lado, a maioria das crianças anormais são susceptíveis, pela educação adequada, de atingirem um valor social bastante elevado, e casos há, até, em que se descobrem aptidões extraordinários. ...um atrasado mental ou uma criança de temperamento desequilibrado, se não tiverem urna educação especializada, tornar-se-ão no futuro, aquele indivíduo incapaz de se sustentar a si próprio(...) e esta numa pessoa sempre .predisposta à prática de actos anti-sociais(...)” (ONF, Out. 1948).

Do lado do governo vigente, dez anos depois, na *Assembleia Nacional*, em 9 de Abril de 1958, o deputado Urgel Costa referia o censo de 1950 e indicava serem 10.434 cegos os cegos portugueses, mas a “(...)assistência aos cegos não está organizada(...) existem três escolas dedicadas ao seu ensino(...) duas dependentes das Misericórdia do Porto e de Lisboa e ainda a *Escola António Feliciano de Castilho*. Há 150.000 amblíopes, 2% da população (...). Nas escolas dos videntes, escolas que eles frequentam, o seu aproveitamento é reduzido. Sendo tomados muitas vezes por deficientes mentais havendo que criar, com material e métodos próprios(...) as escolas de amblíopes (ONF, Set. 1958). É este deputado que, no mesmo discurso, elogia a escola de amblíopes referenciada em *Os Nossos Filhos* e que havia sido criada em “(...)1955 graças á Liga da Profilaxia da Cegueira, mantida pelo altruísmo do Rotário Clube de Lisboa(...)2

¹⁸⁵ Cf. Biografia em Nóvoa, 2004. dir.

(ONF, Set. 1958) e onde trabalhavam João dos Santos e Maria Amália Borges de Medeiros!

A questão da recuperação dos cegos, á qual Maria Lúcia Vassalo Namorado iria dedicar as suas energias nos anos 60 do século passado era já uma das suas preocupações enquanto directora de *Os Nossos Filhos*. Em 1952, num dos muitos apelos que a revista concentra, dirá de forma lacónica, a propósito do *Instituto Branco Rodrigues*, a *Secção Masculina da Escola de Cegos*:“(...) É tempo do Estado solucionar este problema da recuperação de Cegos(...)” (ONF, Maio 1952).

Ainda sobre os cegos, neste caso as raparigas, que tinham que sair da Escola, por limite de idade, dirá:“(...) que Os cegos bem dotados cursem as escolas superiores dos visuais. A constituição de orquestras de cegos...Em trabalhos de tecelagem e de malhas; na manufactura de caixas e cartuchos; como afinadores de instrumentos, como telefonistas, dactilógrafos, etç. —, os cegos, devidamente preparados, dariam boa conta de si. Haveria, também, que montar uma tipografia onde se imprimiriam livros didácticos e de recreio, formando-se uma importante biblioteca para os cegos. Em suma, há muito a realizar. Ouvindo a Senhora D. Emília Montalvo, pensamos que o sonho máximo do cego é ser independente, útil, e que todos nós devemos contribuir para que esse sonho tão justo, tão humano, possa realizar-se dentro em breve, no nosso país, como já se realizou em alguns outros(...). Na *Escola António Feliciano Castilho*, há raparigas de 18, 20 anos, que dentro em terão de sair- para fazer o quê? E pensamos, de repente, que naquela grande casa faltam oficinas que não seria difícil (...) Por exemplo: uma oficina de tecelagem. Começaríamos por um só tear(...), outros viriam, depois. Basta que tu queiras, Leitor.Se concordas manda-nos, a nós ou directamente à Escola, uma qualquer importância para. esse fim. Essa pequena oficina criada por ti pode muito bem ser o berço de uma grande indústria que garanta a independência de dezenas, de centenas de raparigas cegas. Quem não quererá colaborar nesta obra de fraterna solidariedade, tão bela e tão necessária? (ONF, Mar. 1955). Sabemos que essa iniciativa teve adesões porque, dois anos depois, em notícia sobre o referido assunto informa as leitoras de que “(...)nossa amiga e dedicada assinante Maria do Rosário Santos Graça, de Évora entregou 25\$00 para as meninas cegas do *Asilo - Escola António Feliciano de Castilho* (...)” (ONF, Maio 1958).

Alguns artigos são escritos no sentido de ensinar as mães com filhas cegas a saber conduzi-las logo desde pequenos, desde bebés, como é o caso do de Maria Emília

Montalvo, Professora do *Asilo- Escola António Feliciano de Castilho* (ONF, Abr. 1955). Considera-se que a criança cega é em regra mais nervosa do que a vidente mas há um conjunto de regras que não podem deixar de se conhecer para as ajudar a ser independentes: “(...)não lhe fazer tudo é ajudar mais...habitua-la a fazer...corrigindo-lhe as atitudes, visto que, não podendo "imitar os gestos das outras pessoas, ela está sujeita a adquirir involuntariamente hábitos que a tornam ridícula....como: balouçar o corpo, trazer á cabeça pendida, pôr os dedos nos olhos, estender as mãos para a frente quando caminha, pequenos defeitos que prejudicam a apresentação. É necessário deixá-la em liberdade pela casa, quintal, nas escadas(...). Criar o gosto pelo trabalho...Enraizando-lhe no espírito a convicção de que não é uma nulidade...É conveniente evitar diminuí-la ou entristecê-la, lembrando-lhe a cada momento a sua deficiência física que pode tirar-lhe a confiança em si mesma..."Carinho para com elas, sim, mas não a pieguice que as enerve, a indiferença que as magoe, ou o desprezo que as esmague(...).Se há irmãos mais velhas, é necessário ensiná-los essa irmã ou irmão cego, protegendo-o sem o inferiorizar, considerando-o com as mesmas possibilidades. ..(p. 28:)logo que começa raciocinar.....roca que chocalhe...boneco que chie, ...ocupar a criança cega, não é tiranizá-la...e se filha de lavradores saber dar ração aos animais...e o cego, mais ainda que a criança vidente, precisa ser escutado, atendido, dar passeios, rir, brincar, conviver como toda a gente (...)"(ONF, Abr. 1955).

Maria Lúcia Vassalo Namorado havia estado com Helen Keller na sua passagem por Portugal e ficara fascinada com a possibilidade de recuperação que vira. Acompanhará a nessa conferência Lucinda Atalaia, então a iniciar a sua colaboração com *Os Nossos Filhos* e que escreve o artigo: *Nos vimos e escutámos Helen Keller, a mulher-milagre* (ONF, Maio 1956), ilustrado com a fotografia da célebre mulher, ladeada por Maria Lúcia Vassalo Namorado e Lucinda Atalaia. O caso mais interessante desta educação da menina cega para as actividades manuais, e mesmo para o estudo é dado por *Francisquinha*, ou seja, Francisca Ferreira Calito(?), que esteve em Beja a estudar, tendo chegado a fazer o 5º ano liceal (Carta de Francisquinha. 5 Dez. 1959. Caixa 2. Maço 3). Esta pequena ouvia ler a revista *Os Nossos Filhos* tendo enviado até uma renda para o concurso que nela, sobre este tema, realizou (Caixa 8. Maço 2). No período em que, nos anos 60, já trabalhava na *Fundação Sain* temos indicação de que Maria Lúcia Vassalo Namorado continuou a apoiar a dita jovem.

Estes casos particulares são frequentes na revista, sobretudo na forma de correspondência, enviada por mães que querem saber como agir perante fihas(os) com

determinados problemas ou que querem indicar como resolveram, por si, os problemas com que se viram confrontadas. No primeiro caso, a uma mãe que, tendo um filho cego, de 6 anos de idade e que pede livros, mesmo em inglês para sua orientação, é-lhe recomendada a obra *Recreation for the handicapped*, de Valerie V. Hunt e sugere-se, na forma de pergunta:“(...) o seu filhos não está demasiado isolado? ão poderá ir a escola em vez de pensar como diz, que professor vá a casa?(...)” (ONF, Jul. 1957) o que nos mostra como, por um lado as famílias escondiam os seus quando ditos ‘anormais’ e *Os Nossos Filhos* defende a integração, quanto mais não fosse, com outras com o mesmo problema.

Sobre as crianças surdas também há alguns artigos em *Os Nossos Filhos* e essa era também uma preocupação de longa data da parte da directora da revista, antes mesmo de a ter fundado. Sobre ele escrevera na revista dirigida pela prima:“(...) Todas crianças nascem mudas(...) as normais, graças ao ouvido e imitação por volta 11º a 13º mês começam a querer falar (...) quase sempre criança surda-muda tem aparência aparvalhada que não corresponde à verdade(...) ela é uma criança normal, a inteligência é normal(...) /pode combater-se/ a surdez por meio de exercícios repetidos e progressivos(...) especialistas consideram que educação deve ser individual mas num meio colectivo (...) através de lotos especiais(...) pais de crianças surdas não desesperam porque educadores especializados operam verdadeiros prodígios(...) até pode obter mesmos diplomas de uma criança normal(...) criança surda-muda aprende a articulação por imitação (...)”(Página das Mães, de *Modas e Bordados*. 18 Out. 1939).

Esta será a mesma posição que defende quase vinte anos depois quando, a propósito de uma festa de encerramento de ano lectivo no *Instituto de Surdos Jacob Rodrigues*, depois de explicar o que foi feito, ela afirma:“(...) a festa escolar constou de bailados rítmicos, recitativos e diálogos, pelos alunos surdos. Entre nós, ainda se julga, vulgarmente, que as crianças surdas, como as cegas (...) têm vida inútil. Não é assim. Apesar das suas limitações essas crianças, quando recebam uma educação conveniente, podem tornar-se (...) pessoas activas, úteis e felizes(...)” (ONF, Maio 1956).

J.J. Correia da Silva, professor Adjunto do *Instituto António Aurélio da Costa Ferreira*, divide as crianças surdas em dois grupos: “(...)umas não se corrigem(...)” mas outras podem “(...)aprender por imitação(...)” (ONF, Mar. 1952). O mais importante é que os pais não inferiorizem os filhos nessa situação.

Como se vê, quer nos anos 30 quer no final dos anos 50 e, até muito recentemente, pensava-se que se devia recorrer ao *treino auditivo*, como fora feito com Helen Keller

para resolver os problema desta deficiência. Não se mencionava, ainda, a aprendizagem de uma linguagem específica, ou seja, a *linguagem gestual portuguesa*, como se defende hoje. A defesa daquele tipo de recuperação, como vimos, fora defendida por Maria Lúcia Vassalo Namorado em *Modas & Bordados*, como o seria por muitas(os) outras(os) articulistas em *Os Nossos Filhos*. Nestas(es) últimas(os) incluímos António (sic) Gonçalves Amaral, o Director do *Instituto de Jacob Rodrigues Pereira* de quem é feita a reprodução¹⁸⁶ de um texto sobre o tema, onde se define o que se entende então por “(...) O treino auditivo é o processo de ensinar a criança ou o adulto surdos a beneficiar de sons seus desconhecidos e é muitíssimo importante para toda a criança que apresenta uma perda de audição ao nascer, ou cuja perda ocorre nas primeiras idades. Regra geral, estas crianças são incapazes de, por si só, adquirirem uma linguagem oral correcta. Há, pois, necessidade de recorrer ao treino auditivo. Felizmente que a maior percentagem dos chamados surdos tem resíduo auditivo. Mesmo para os casos mais difíceis, o treino auditivo pode ser usado como um auxiliar no desenvolvimento do comando da linguagem, pois encoraja a criança a falar, determinando assim uma melhor adaptação ao mundo da gente ouvinte. A criança cria unia base sólida para o seu futuro comportamento em situações sociais normais (...)” (ONF, Jul. 1957).

Sobre a forma como as mães deveriam saber e ensinar os seus filhos surdos é o texto de Marina Amélia Almeida Lemos, professora no mesmo *Instituto* e que chama a atenção das mães para o que elas devem saber e fazer para conseguir ensinar os filhos a ultrapassar a sua dificuldade, a saber:: “(...)pessoas surdas podem falar e entender a fala do seu semelhante, se lhes for ministrada uma educação especial, que tenha em vista o desenvolvimento das faculdades e dos órgãos indispensáveis a esse fim(...).Os sons podem ir-se perdendo e a fala jamais se estabelecerá, se não for levada a usá-la. Os seus órgãos fonadores terão assim de ser exercitados de maneira diferente dos da criança ouvinte. Para tal, deverá ver e sentir a fala dos outros. Daí a necessidade de uma boa

¹⁸⁶ Este autor tem uma brochura, no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*, intitulada: AMARAL, Antonino Gonçalves (1956) – *Reconhecimento da Psico-Fisiologia dos Surdos : Suas necessidades médico-pedagógicas*. Separata do «Boletim do Instituto Nacional de Educação Física» Ano 17 – nºs 3-4. Lisboa. 30 p. O autor era também Bolseiro do Instituto de Alta Cultura /p. rosto/ e proferira aquela lição no dia 1 do Agosto de 1956, no *Instituto Nacional de Educação Física*, integrada no *Curso de Informação sobre irregulares f isio-psicológicos e sociais*. O texto, publicado na forma de artigo, em *Os Nossos Filhos*, seria publicado quase um ano depois de ter sido apresentado publicamente. O texto está assinalado pela directora de *Os Nossos Filhos*, com a indicação do que, dele, havia de ser publicado na revista. Na p. 15 da brochura, tem a lápis, à margem, a indicação: “(...)182(...)”, o número de *Os Nossos Filhos* onde efectivamente foi reproduzido, a p. 12-13 e 26-27 com o título: *O Treino auditivo na Educação de Crianças Surdas*.

atenção visual e táctil do desenvolvimento da inteligência para poder relacionar e ordenar as ideias(...) do uso da memória para, a fixação dos movimentos articulatorios, tanto para a compreensão da fala dos outros como para a emissão da sua fala(...), da posse de uma vontade forte para prosseguir na aprendizagem que, por ser especial, requer muito tempo(...): A) A expressão do rosto e os movimentos dos lábios são mais claros quando a face quem fala está bem iluminada. B) quando a mãe diz uma palavra ou frase que quer que o seu filho aprenda, há-de dizê-la no momento exacto em que a criança está a olhar para a sua face; c) os olhos da mãe devem falar tanto como a boca» isto é, ela deve dirigir a sua vista para o objecto cujo nome mencionou (...)” (ONF, Jul. 1958). No número seguinte, esta professora mostrará como as mães poderão ensinar as crianças a usar a “(...) fala ritmada(...) (ONF, Ago. 1958).

A partir da revista ficamos a saber que existiam, em 1950, “(...)9.319 surdos-mudos entre os quais 3.016 menores de 19 anos e 1.086 menores de 9 anos (...) e frequentavam no mesmo ano, os Institutos de Surdos-Mudos 195 alunos do sexo masculino e 101 do feminino (...)” (ONF, Jul. 1957), o que era manifestamente pouco e é esta situação que *Os Nossos Filhos* pretende denunciar.

Na forma de pequeno anúncio, em Maio de 1958 começam as primeiras referências à *Associação Portuguesa de Surdos*, que estaria em formação. Tratava-se de uma espécie de apelo para que as pessoas se fizessem sócias e oferecessem peças de mobiliário, mesmo usada para a dita associação(ONF, Maio 1958).

A aprovação dos Estatutos da *Associação Portuguesa de Surdos* é publicitada em *Os Nossos Filhos*, em Novembro de 1958. A *Associação* começara por iniciativa de Maria Madalena Pires e “(...)O fim da nova Associação é reunir os surdos e surdos-mudos, os pais de crianças deficientes, os técnicos e mais pessoas interessadas problemas da surdez e surdi-mudez, numa obra de solidariedade visando essencialmente os seguintes objectivos: Promover por todos os meios a instrução, reeducação e reabilitação dos surdos e surdos-mudos. Criar dispensários destinados «o estudo de problemas médicos e de reabilitação postos pd deficiência auditiva; Organizar escolas de reeducação de surdos(...) Divulgar os meios de fazer a profilaxia da surdez e, junto dos pais, professores, médicos e outros obter a colaboração necessária para a obra de reabilitação dos deficientes e Criar os meios necessários ao convívio social dos surdos através de actividades culturais, desportivas e recreativas(...)” (ONF, Nov. 1958). Com esta iniciativa regozijava-se a revista a que interessava “(...)maneira especial, a situação das crianças surdas, e por isso chamamos a atenção dos pais e dos professores para a nova

Associação, que tanto poderá contribuir para a felicidade de seus filhos e educandos com deficiência, auditiva (...)” indicando que todos os assuntos sobre o tema deveriam ser tratados junto daquela impulsionadora, na Calçada do Lavra, 17, 3.º Esq. — Lisboa (ONF, Nov. 1958).

Um outro aspecto a ter em conta na profilaxia das doenças sociais é o da delinquência e da criminalidade de menores. Os artigos sobre este tema ficaram a cargo de José Francisco Rodrigues, a partir de Outubro de 1947. Esse fora o tema da tese que aquele (recém formado) advogado¹⁸⁷ havia defendido, intitulada *Da criminalidade de menores* e que irá sendo publicada na revista.

Colaborando com a *Clínica de Recuperação de Amblíopes* a revista *Os Nossos Filhos* decidira “(...) dar um bocadinho de alegria às crianças deficientes (...), /criando/ um grande concurso de desenhos e pinturas absolutamente inédito e a ele “(...)só poderão concorrer crianças deficientes. (...). Qual o fim desse concurso? Em primeiro lugar proporcionar alegria a essas crianças que entre nós ainda recebem tão pouco estímulo e tão pequena ajuda, Depois, demonstrar que uma criança deficiente não é forçosamente uma inválida e que ainda lhe restem muitas possibilidades para se valorizar formando-se útil, independente e feliz. Finalmente... Um terceiro motivo, de incalculável alcance, mas que por enquanto é segredo! Talvez o revelemos no próximo número. Hoje diremos, apenas, que ele vem acentuar por forma surpreendente o ineditismo deste grande e concurso. Atenção, pais e professores de crianças deficientes! (...)” (ONF, Jul. 1958). Apesar desta chamada de atenção, não mais se fez referência a tal iniciativa.

No *Espólio* existe também um documento de oito páginas, da autoria de Maria Lúcia Vassalo Namorado¹⁸⁸ intituladas: “Breves considerações sobre os problemas das crianças deficientes(...)” (Caixa 2. Maço 3) em que a directora da revista se insurge contra o facto de a maior parte das pessoas considerar que as crianças cegas, surdas, aleijadas, paralíticas ou débeis mentais inspirarem compaixão. Considerando que se não deve aceitar “(...)a sua infelicidade como desgraça irremediável(...)”, ela propõe que se corrija tal atitude uma vez que “(...) as técnicas médicas, psicoterapêuticas, pedagógicas

¹⁸⁷ “(...) Também é professor primário, perito orientador pelo *Instituto de Orientação Profissional*, e que na *Escola Profissional de Reeducação de Crianças Atrasadas* tem desempenhado o cargo de *Chefe da Disciplina* (...)” (ONF, Out. 1947).

¹⁸⁸ /As primeiras 5 p. são assinadas, no fim, com/ M.L. / e as 3 últimas, seguem a 1ª numeração e são assinadas/ M.L.S.R. /tendo um traço azul, na vertical, sobre todo texto/ (Caixa 2. Maço 3).

e sociais têm feito progressos(...)" e que a recuperação destas crianças, mesmo parcial deve ser sempre encarada como um "(...)triumfo maravilhoso(...)". Como medidas tendentes a ultrapassar esta situação, Maria Lúcia Vassalo Namorado defende a "(...)criação de serviços especiais, clínicas, escolas e oficinas destinadas a essas crianças (...)". As instituições assim criadas deveriam preocupar-se com a preparação das crianças para uma integração adequada na sociedade e esta, por sua vez, deveria saber aceitar as pessoas diminuídas. A informação geral sobre tais problemas é fundamental e as mães, mais uma vez, são chamadas a desempenhar o papel mais importante. Defende que as crianças deveriam estar o mais possível com as famílias para evitar o "(...) hospitalismo, (...) a deformação da personalidade devido a estar muito tempo afastada do seu ambiente natural(...)". Ao contrário do que era a prática de então, Maria Lúcia Vassalo Namorado defende que a criança deficiente não deve ser poupada ao "(...)trabalho, esforço e emoções(...)". Deve deixar de se aplicar a "(...) frase do "coitadinho" que conduz às mais perniciosas consequências: fere a criança na sua sensibilidade, amor próprio, cria nela atitude de aceitação inerte, apatia ou revolta; enraiza-se o medo de tudo, hesitação constante e hábito de nada fazer, indolência, preguiça, manha de explorar piedade alheia, ou impaciência, inconformidade azeda, desespero e profundos complexos de inferioridade(...)". Considerando que para todas as crianças ditas normais o estímulo é fundamental, mais importante se revela ainda para as outras, para que possam ir tão longe quanto lhes permitam as suas capacidades, como defende a autora em quem a directora de *Os Nossos Filhos* se apoia para escrever este texto, ou seja, "(...) Mlle. Descoedres, que se tem dedicado ao estudo deste assunto e que afirma" Agir por si mesma e encontrar por si mesma é maneira de tornar crianças capazes de se desenvolver"(...)". Maria Lúcia Vassalo Namorado acredita, como muitos técnicos, que "(...) não há crianças totalmente irrecuperáveis e a acção das mães, constante, persistente, de ilimitada paciência, devidamente orientada pelos médicos psicólogos e pedagogos, poderá conduzir a resultados surpreendentes(...)". Não esquecer a personalidade ao mesmo tempo que se cuida da deficiência física ou sensorial: tem de ter amor próprio, fazer bom juízo de si, considerar útil, e sentir que também outros assim consideram (...). Lamentar leva a sentirem-se desvalorizados e inseguros(...) a aceitar a deficiência com coragem e sem revolta(...). O educador com paciência e persistência deve insistir no que a criança sabe fazer e não no que não é capaz de fazer /porque/ a natureza compensa com possibilidades inéditas aqueles que diminui de qualquer maneira(...)". Por esta razão, Maria Lúcia Vassalo Namorado defende ainda

que a criança deve ser ensinada a fazer pequenos trabalhos e a tornar-se o mais autónoma possível.

Este texto mais não é do que um excelente resumo do que a revista tinha vindo a publicar, desde o início, sobre estes problemas.

4.2.4.4 Educação

“(…)Educar é uma grande palavra. Escrevi-a e sustive-me. Que entenderá cada um por «educar»? Ligeiramente, e, muitas vezes para abreviar, ela se emprega. No entanto, que mundos, que mares, que extensões e que abismos, que variedade de conceitos estão atrás dela(…)”.

Airina, in Educação infantil III. *Os Nossos Filhos*, 117 Fev. 1952. p. 7

Como temos vindo a referir, foram já identificados diversos aspectos que Maria Lúcia Vassalo Namorado considerava fundamentais para que as mães e as crianças pudessem ser mais educadas e felizes, para que as crianças não morressem tanto, para que as mães aprendessem a sê-lo, para que a sociedade pudesse mudar, para melhor. Esta proposta de conteúdos de uma educação não-formal passa ainda por outras áreas como a da identificação do que eram os principais ‘erros educativos’ cometidos pelas mães, por propostas concretas de remediar esses ‘erros’, por identificar as escolas cujo perfil a directora da revista considerava ser o mais adequado a uma educação infantil e juvenil. Sendo a revista dirigida às mães e pretendendo educá-las para melhor desempenharem tal tarefa, não admira que também nela encontremos muitos conselhos sobre o que devem as mães saber sobre a adolescência e do que deve ser a educação das raparigas e dos rapazes para o casamento ou a sua orientação para uma actividade profissional. São essas reflexões de *Os Nossos Filhos* que analisamos no presente subcapítulo mas, ao mesmo tempo, não podemos esquecer que quando Maria Lúcia Vassalo Namorado decide investir num projecto na área da informação, na forma de uma revista e até de uma *Editorial*, mais do que preocupações pedagógicas movem-na preocupações de ordem económica. Vimos que a sua vinda para Lisboa, no ano de 1940, foi acompanhada de uma série de problemas nessa área. Casada, com três filhos, com um casamento que já havia sido mais feliz, em plena segunda guerra mundial, se bem que dela aqui ainda só chegassem as consequências económicas, ela vai criar uma

revista pois afigurou-se-lhe que, de forma permanente, seria capaz de dar um apoio à família, sem sair de casa. Embora não tivesse sido educada pensando que teria de ganhar o seu sustento, não era a primeira vez que trabalhava, afincadamente. Aliás, desde que casara, outra coisa não fizera. Tendo pensado lançar-se primeiro como escritora, como veremos na sua correspondência com a prima Maria Lamas, depressa constata que o caminho teria de ser outro. É talvez esta uma das razões que a levam, perante meses sucessivos sem o ordenado fixo de funcionário do marido, a lançar-se naquela que será a sua mais arriscada empresa: a criação de uma revista que, desde o início, resolve dirigir quase só às mães. Pelas pessoas que contacta para com ela colaborarem e que, na maior parte dos casos ou conhece das suas anteriores experiências na imprensa ou não conhece de todo, cremos que terá hesitado entre criar uma revista semelhante a *Modas & Bordados* ou investir num outro modelo, mais ligado a questões sociais, de assistência e, sobretudo, educativas. Em Junho de 1942, coincidindo com o seu 33º aniversário, num dos piores anos da guerra, como vimos, lança o primeiro número de uma revista – *Os Nossos Filhos* – que quer rentável e educativa.

Dado não ter formação específica na área que se propunha tratar, a ideia de fazer da revista um projecto coerente e estruturado de defesa de determinados princípios pedagógicos não lhe pode ser exigida. Temos então uma primeira constatação: a de que Maria Lúcia Vassalo Namorado não tinha qualquer ideia sobre os problemas que pode colocar a definição do que se entende pelo conceito de *currículo*. Da sua experiência, como já referimos anteriormente, ela vira que muita coisa estava mal no quotidiano *educativo* do país. Neste último adjectivo ela colocava problemas tão diversos como o da educação moral das crianças, o da defesa sem limites das necessárias educação e instrução das meninas para poderem trabalhar e para o casamento, o da assistência que se dava às mães e às crianças, o da elevada mortalidade infantil e das deficientes condições sanitárias do país, entre muitos e muitos outros. Ela não sabia da existência de um possível currículo *oculto* mas denuncia-o quando quer lutar contra as crendices e superstições de que a criança era vítima ou quando, orientada pelo que fora o seu empenhamento enquanto jovem, não deixa de se questionar sobre temas como o feminismo, a política e a participação (ou o afastamento) feminino em todas as instituições.

Se a revista não parte da definição de um currículo formal e nada tem de escolarizada, não deixa de ter subjacente, porém, a ideia de que pode ser usada numa acção

pedagógica geral, informal, directa, simples e acessível, para ensinar aos pais, sobretudo às mães, alguns rudimentos de educação sexual, de educação higiénica, de educação doméstica, de lhes dar alguns esclarecimentos nas áreas da puericultura, da psicologia infantil e juvenil, da prevenção e profilaxia de inúmeras doenças, da reflexão sobre o papel das instituições de assistência e recuperação de menores em risco, sobre o que hoje designamos como educação especial, sobre a formação cultural infantil e juvenil e sobretudo sobre a importância e o papel da educação pré-escolar e de muitos outros problemas de educação e ensino, sobretudo os que dizem respeito às áreas da formação feminina e masculina, da orientação profissional e escolar, da educação artística e manual, do papel das bibliotecas, da importância das actividades extracurriculares e de muitos outros problemas educativos como o da escolha de escolas adequadas e o da falta de apoio social escolar a nível nacional, para *todas* as crianças ou o da identificação de muitos e muitos *erros educativos* que havia que ultrapassar. Ela será usada, também, como uma tribuna para Maria Lúcia Vassalo Namorado nela manifestar, com veemência e doce dureza, o seu (des)acordo com inúmeras medidas e situações e tomar posição inequívoca sobre diversos problemas como o da participação política das mulheres, o da denúncia das injustiças como a proibição do casamento das enfermeiras ou ainda para defender as mães solteiras, as associações femininas, as iniciativas de oposição ou propor a criação e apoio a diversas *Ligas* (a *da Protecção à Infância, dos Deficientes Motores, dos Surdos, da Educação pela Arte*) e instituições que têm como fim a defesa dos direitos das mães e das crianças.

Este é o programa ou *currículo* que a revista constrói ao longo dos 205 fascículos. A maior parte dos ensinamentos que *Os Nossos Filhos* se propõe levar às mães foram já apresentados nas páginas anteriores deste trabalho. Falta agora apontar ainda o que, em cada uma das categorias que acabamos de enunciar, nelas é também proposto. Os subcapítulos seguintes são uma tentativa de tal sistematização.

Contexto educativo de *Os Nossos Filhos*:

A revista *Os Nossos Filhos* tem do ideário liberal, a defesa da obrigatoriedade escolar, quanto mais não seja para a então chamada educação pré-escolar e instrução primária. Nela se defende a importância da escola, dirigida por uma elite intelectual politicamente instruída. Maria Lúcia Vassalo Namorado que vivera a época conturbada das grandes decisões republicanas para a educação não se tinha interrogado, nem o seu grupo social o fazia, sobre a justiça (não) existente na diferenciação dos públicos

escolares ou sobre o desigual prestígio social atribuído desde logo ao ensino liceal e ao ensino técnico. Para ela, como o afirmara Magalhães Lima em *Episódios da minha vida* (s.d.) e muitos outros republicanos convictos, a questão da educação era tão só a da necessidade que todos tinham de aceder a “(...)um nível mínimo de instrução, como parte da sua integração cívica na sociedade republicana (...)” (Pintassilgo e Mogarro, 2003. p.52).

No primeiro número de *Os Nossos Filhos*, de Junho de 1942 o texto inicial de João de Barros, identificado como “(...) antigo ministro(...)” assume a defesa da “educação para todos”, e em relação à Infância defende a educação que “(...) não oprime, nem violenta a inteligência e a sensibilidade da criança, mas cumpre-lhe estimulá-las e guiá-la (...) /porque «Educar é vigiar atentamente o crescimento orgânico”, (...) /seguir/ o desenvolvimento a evolução total do educando, alma, espírito e corpo (...) e «vigiar» não perder o seu duplo sentido de ver e de fiscalizar disciplinando é o mais alto e eficaz ideal educativo da século XX(...)” (ONF, Jun. 1942). Para ele, a educação mínima é vista como um direito e um dever: o primeiro, é do cidadão; o segundo, do Estado.

A formação republicana do cidadão para uma sociedade melhor não pode aqui ser confundida com formação democrática uma vez que este adjectivo tem hoje um sentido que não existia no pensamento republicano.

A revista defende a necessidade de cada indivíduo adquirir e desenvolver uma certa “consciência cívica” que o leve a compreender a necessidade de intervir no quotidiano.

Fizemos já a contextualização social e política do período em que se publica a revista *Os Nossos Filhos*. Do ponto de vista da educação, no período entre ao anos 40 e inícios dos anos 60 muitas forma também as mutações verificadas. O enquadramento educativo da revista é o objectivo das linhas seguintes.

Como veremos, são os níveis de escolaridade pré-escolar e primária os que mais serão referidos em *Os Nossos Filhos*. Antes de analisarmos o que sobre eles se defende nas páginas da revista devemos perceber qual era, do ponto de vista oficial, o projecto do Estado Novo para estes dois níveis.

Se a 1ª República fora bastante interveniente no sentido de alterar, não tendo sido capaz de agir até às últimas consequências, o panorama educativo nacional, é bem verdade que, “(...) a acção da Ditadura Militar, após o golpe de 1926, cingiu-se numa primeira fase ao desmantelamento da escola republicana(...)” (Fernandes, 2003. p. 10).

O encerramento das Escolas Normais primárias e Superiores por um período de seis anos e a contratação de regentes escolares são duas das medidas que devem ser lidas

como um ataque à expansão da escolaridade básica que a República tinha querido alargar, pelo menos no campo das boas intenções, a um maior número de crianças. Esta política de *nivelar por baixo*, será uma constante pois que, ainda entre 1953 e 1958, o grupo das regentes escolares corresponde a “(...) mais de 30% do total do corpo docente do ensino primário (...)” (Teodoro, 2003. p. 43).

Durante o período que medeia entre 1910 e 1926 uma grande parte da população não conseguiu aproximar-se da cultura letrada e é bem verdade que, depois daquela última data, o perigo da “(...)recaída no analfabetismo funcional uma vez cumprida a escolaridade obrigatória (...)” (Fernandes, 2003. p.10) passa a ser uma realidade. Esta situação vai ser inúmeras vezes abordada em *Os Nossos Filhos*, sobretudo pelas professoras primárias que para ela escrevem como Maria de Jesus Mateus de Oliveira Mendes, Maria Elvira Buíça Rocha, e muitas outras como referimos.

Sendo poucas(os) os que ultrapassavam o nível de instrução primária, aquelas(es) que o faziam tinham de frequentar os quatro anos necessários como base comum à entrada num dos ramos do sistema escolar seguinte: o ensino liceal e o ensino técnico. Neste período do Estado Novo não será ainda posta em causa a “estrutura dualista” (Fernandes, 2003. p. 11) que se herdara da escola pombalina e “(...) tal estrutura obedecia (...) a uma orientação de *segmentação*, reflectindo os dualismos sociais e gerando diferenciações profundas no plano dos destinos sociais e profissionais dos escolares. Do ponto de vista oficial, a reforma do ensino liceal de Carneiro Pacheco de 14-10-1936 (Carvalho, imp. 1986. p.774). com regime de disciplinas e não de classes como até então, mostra que as suas preocupações máximas foram: “(...) o culto dos heróis, a exaltação patriótica, a prática das virtudes cristãs (...). Nessa reforma do ensino liceal as alunas teriam actividades particulares e poderiam os liceus dar um curso de “educação familiar” com duração de um ano, composto de treze aulas de diversas matérias e de três sessões. As sessões seriam de Culinária, Educação Física e Canto Coral (...). Tanto raparigas como rapazes frequentariam a disciplina de Organização Política e Administrativa da Nação (art. 9.º), (...) e determina ainda que duas vezes mês haja sessões culturais nos liceus para prof. e alunos do 2º e 3º ciclos, obrigatórias sobre império colonial, educação cívica (...)” (Carvalho, imp. 1986. p.775).

Este curso, regulamentado pelo Decreto 27084, chegou a funcionar em alguns liceus como o Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho pois que aí encontrámos um “*Livro de exames do Curso Especial de Educação Familiar do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho Livro I*” cujo termo de abertura, assinado em 1 de Julho de 1937 pela então

reitora Maria Baptista dos Santos Guardiola, refere ser destinado “(...) ao registo de exames do Curso Familiar(...)”. O elenco disciplinar do dito curso era composto pelas seguintes disciplinas: Língua e Literatura Portuguesa, Francês, Inglês, Moral geral, familiar e social, Métodos de Educação Familiar, Economia e Arte Doméstica, Economia Política e Social, Organização Política e Administrativa da Nação (“OPAN”), Direito usual, Higiene e Puericultura, Roupas brancas, vestidos, etc., Chapéus, Bordados e Tapeçarias e finalmente ainda Flores e Arte Aplicada. Neste Liceu, este curso, durante aquele ano de 1936/37 fora frequentado por vinte e seis alunas¹⁸⁹, com classificações finais variando entre doze e dezassete valores.

Depois de Carneiro Pacheco na pasta da Educação Nacional encontramos dois ministros (professores catedráticos de Faculdades de Direito), o primeiro da Universidade de Coimbra, Mário de Figueiredo, e o segundo da de Lisboa, Caeiro da Mata. No período da 2ª Guerra, ou seja, entre Setembro de 1939 e 1945, assiste-se à passagem deste três ministros, o primeiro quase a sair no início da Guerra e os outros dois entrando e quase saindo também antes dela acabar.

Mário de Figueiredo, pelo decreto lei de 5 de Setembro de 1942, abre as Escolas do Magistério, fechadas desde 1936 por Carneiro Pacheco. Esta reabertura é vista como um “(...) retrocesso porque o curso que era de 3 anos passava a ser de dois e ministrado em 4 escolas: Lisboa, Porto, Coimbra e Braga e ainda em 1943 é aberta uma em Ponta Delgada e outra no Funchal (...)”(Carvalho, imp. 1986. p.779).

A coeducação continua posta em causa mas não abolida, a depuração política chega depois da guerra pois é também Caeiro da Mata que assina a portaria que demite Bento

¹⁸⁹ N.º 1- Ludovina dos Santos Rolão, Fuzeta, Olhão, filha de Bruno dos Santos Rolão, Classificação 15 valores 2- Maria Alice da Fonseca, S. Martinho, Covilhã Classificação 17 valores 3- Maria Alice Pereira de Oliveira, Lisboa Classificação 16 valores 4- Maria Isabel dos Reis Figueira, Estreito, Câmara de Lobos, Classificação 14 valores 5- Maria Luísa de Vasconcelos Albuquerque de Nogueira do Cravo, de Oliveira do Hospital. Classificação 15 valores 6- Maria Vicência Lino, de Rio de Moinhos, Abrantes Classificação 15 valores 7- Palmira Soeiro Freire, de Serra, Tomar Classificação 14 valores 8- Maria Helena Baptista Lucas, de Lisboa. Classificação 16 valores 9- Alda Rodrigues Gomes, de Eixo, Aveiro Classificação 14 valores 10- Arminda Natália Lopes de Morais (sem nada) Classificação 16 valores 11- Hermínia da Silva Gonçalves, de Vale, Odemira Classificação 14 valores 12- Lídia Pereira dos Santos, de Lisboa Classificação 14 valores 13- Margarida Maria do Céu Pires da Silva, Olêdo, Idanha-a-Nova Classificação 16 valores 14- Maria Amélia Ramos Rosa, Vila Viçosa Classificação 14 valores 15- Maria Helena da Costa Morais, de Barcouço, Mealhada Classificação 12 valores 16- Maria de Lourdes Velez Frazoa, de Seda, Alter do Chão Classificação 15 valores 17- Mercês Dias Ferreira, de Martinchel, Abrantes Classificação 13 valores 18- Alda de Jesus Nunes Pinho Ribeiro, de Lisboa, Classificação 15 valores 19- Judite Augusta de Carvalho, Vassal, Valpaços Classificação 14 valores 20- Maria Joaquina Alves da Cruz, Vimioso Classificação 15 valores 21- Gracinda Pais Brígida, de Lisboa Classificação 16 valores 22- Maria Freire Ribeiro, de Carvalhal, Sertã Classificação 15 valores 23- Alda Amália de Faria, Castelo Branco Classificação 13 valores 24- Ester Amigo Rebordão, Sobral da Adiça, Moura Classificação 14 valores 25- Maria Margarida de Souza Martins, Maceira, Leiria Classificação 13 valores 26- Maria Palmira Barbosa de Barroso Mendes, Lisboa Classificação 15 valores

de Jesus Caraça e Mário de Azevedo Gomes, em 8 de Outubro de 1946 embora seja já Pires de Lima que, “(...) ao abrigo do decreto lei 25317 de 13 Maio de 1935, de Eusébio Tamagnini vai demitir professores e militares avessos à situação (...)” (Carvalho, imp. 1986. p. 784). É com este último ministro que se vai assistir ao *Plano de Educação Popular* criado pelo decreto-lei de 27 de Outubro de 1952, em cujo preâmbulo se refere “(...) que entre 1947 e 1952 tinham-se formado 4350 professores pelas Escolas de Magistério Primário(...)/decorrendo a / Campanha entre 1953 e 1954 para analfabetos entre 14 e 35 anos de idade (...)”(Carvalho, imp. 1986. p. 785). Pires de Lima, que deixa o ministério em 1955 depois de aí ter estado oito anos, reforma novamente o ensino liceal, reintroduzindo os cinco anos e o sistema de classes para o Curso Geral e o regime de disciplinas, com separação em Letras e Ciências, para o Curso Complementar. É o ministro seguinte, o engenheiro Leite Pinto que vai “(...) estender a 4ª classe apenas ao sexo masculino no ensino primário e na educação de adultos Para as raparigas essa obrigatoriedade das 4 classes no ensino primário vai ser ainda com Leite Pinto, mas só em 28 Maio 1960 (...)”(Carvalho, imp. 1986. p. 796).

Do ponto de vista socio-económico, em 1950 há ainda “(...) 48% da população activa (...) na agricultura (...)” (Teodoro, 2003. p. 31) e assiste-se a “(...) uma primeira crise entre as bases sociais de apoio ao regime pois a burguesia industrial sente que tem de aproveitar para retirar a hegemonia económica e no aparelho de Estado ao mundo agrário e rural, inquestionavelmente hegemónico no apoio ao movimento militar do 28 de Maio de 1926 e na consolidação ideológica e política do Estado Novo nos anos trinta (...)” (Teodoro, 2003. p. 27). Nesta maior abertura “(...) às pressões modernizantes (...)” enquadra-se a “(...) *euforia industrialista* de 1953 (...)”(Teodoro, 2003. p.29) que verá, pela primeira vez, com o *I Plano de Fomento* para 1953 a 1958 o triunfo das teses industrialistas sobre as da ruralidade natural do país, se bem que, não seja acompanhado de uma maior abertura do ponto de vista político. O confronto político à volta da candidatura de Humberto Delgado em 1958 pode assim ser visto à luz da influência destas duas teses uma vez que, no início da década de 50 “(...)a luta surda travada entre os sectores industrialista e ruralista vai dar a primazia ao primeiro mas, do ponto de vista político este segundo terá mais visibilidade criando / três tipos de consequências a curto e a médio prazo: isola perigosamente o Estado Novo de boa parte – a parte mais dinâmica e modernizante – dos seus sectores ‘naturais’ de apoio (...) lança certos sectores mais moderados da oposição liberal para a contestação e a conspiração contra o Governo, inviabilizando historicamente qualquer possibilidade de transição pacífica do

regime(...) e, a prazo, abre uma duradoura contradição entre as transformações económicas que inelutavelmente se operavam na sociedade portuguesa e o aparelho político e institucional do Estado Novo, constituído, mercê do peso político dos sectores ruralistas e conservadores, sem correspondente suporte económico na sociedade, num factor parcial de bloqueio ao desenvolvimento do capitalismo português (...)” (Rosas, 1990. p. 47).

A partir dos anos 50, porém, ao nível do sistema educativo, “(...) começa a manifestar-se uma orientação de *unificação*, convergente com os ideais da escola única. Tal movimento surgiu a nível governamental, produzindo discordâncias e fissuras no interior do regime (...)” (Fernandes, 2003. p. 11). Estas duas tendências no interior do sistema vão passar também nos artigos que, sobre estas questões, são publicados em *Os Nossos Filhos*. Aqui, muitos dos textos defendem abertamente a modalidade do ensino técnico na vertente agrícola, mais do que industrial e comercial, como sendo a “(...)a via escolar preferencial para o filho do pobre que não abandonava os estudos no fim da escola primárias. As crianças e jovens das zonas rurais estariam condenadas à agricultura e, na melhor das hipóteses, a modalidades de educação e formação dirigidas ao trabalho na terra (...)” (Fernandes, 2003. p. 13). Em defesa deste tipo de escolas temos, no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*, o livro *Escolas rurais* de Mário Gonçalves Viana¹⁹⁰ cujas opiniões sobre o tema vão ser transcritas¹⁹¹ em dois números de *Os Nossos Filhos*.

Como acontece sempre em *Os Nossos Filhos*, há porém outras(os) autoras(es) que aí expressam as suas opiniões que se opõem a este simplismo e que defendem a via escolar como uma das formas de mobilidade social, embora nem sempre esta coerência dentro do pensamento das(os) mesmas(os) autoras(es) seja assumida. Não podemos esquecer que, no discurso pedagógico corrente, diríamos até do senso comum, mesmo em pessoas com empenhamento político ligado à oposição, não era frequente a análise da educação e a constatação de que “(...)a *segmentação horizontal e vertical das vias escolares pós-primárias* acompanhava as estratificações da sociedade de classes(...)” (Fernandes, 2003. p. 13).

¹⁹⁰ Em Mário Gonçalves Viana (1948)- *O problema agrícola português considerado à luz da Psicologia, da Pedagogia e da Sociologia*. Porto: Imprensa Social. 44p. (Conferência realizada no *Clube Fenianos Portuenses* em 12-4-47).

¹⁹¹ As páginas 22 a 37 do livro são publicadas nos números 85 e 86 de *Os Nossos Filhos*, respectivamente, de Junho e Julho de 1949.

Aquela evolução política a que acabamos de fazer referência vai ter consequências ao nível das políticas educativas e também elas devem ser vistas à luz das contradições económicas da época em estudo.

Vejamos como na revista *Os Nossos Filhos* encontramos também alguns ecos desta evolução. Entre 1940 e 1961 passaram quatro titulares pelo Ministério da Educação Nacional, a saber, Mário de Figueiredo¹⁹² [1940-1944], Caeiro da Mata¹⁹³ [1944-1947], Pires de Lima [1947-1955] e finalmente, Francisco Leite Pinto [1955-1961]. Se os dois primeiros são mais tradicionais nas orientações que defendem, já os dois últimos se podem enquadrar nesta tendência industrializante, mais preocupados com a formação qualificada. Francisco de Paula Leite Pinto, matemático e engenheiro, fora também professor de liceu, estivera na Comissão de reforma do ensino técnico, tinha sido leitor de Português na Sorbonne, professor do *Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras (ISCEF)* e no *Instituto Superior Técnico (IST)*. Era defensor da massificação da educação e do alargamento da escolaridade obrigatória (Proença, 1996c. P. 730 e Teodoro, 2003. p. 45). Leite Pinto defenderá, portanto, a educação para todos como forma de superação do atraso económico do país. Porém, ele verá os ventos de reforma abandonados, por algum tempo, após a sua saída do lugar de ministro. É ainda durante o período final em que a revista se publica com regularidade mensal que se vislumbram algumas fissuras neste dispositivo educativo: a partir de Outubro de 1957, pelo decreto-lei n.º 40964 de 31 de Dezembro de 1956, veremos o reconhecimento oficial do prolongamento da escolaridade *obrigatória* para quatro anos de instrução primária para os menores do sexo masculino e, pelo decreto-lei n.º 42 994, de 28 de Maio de 1960, ela será alargada também às raparigas, como já referimos.

¹⁹² Mário de Figueiredo foi colega de Salazar ao Seminário de Viseu e um dos seus poucos amigos de infância que o acompanhou na vida política. Professor da Universidade de Coimbra, dirigente do CADC com Salazar e Gonçalves Cerejeira, liderou as negociações com a Santa Sé que conduziram à Concordata e ao acordo missionário - profundamente católico e Monárquico convicto, depois da Segunda Guerra torna-se um dos chefes de 'fila' do 'núcleo ultraconservador que resiste à pressão dos reformistas que pretendem introduzir mudanças no regime, defendendo mesmo, na transição dos anos quarenta para os anos cinquenta, a restauração da Monarquia como forma de aumentar o poder de Salazar (...)' (Teodoro, 2003. p. 32).

¹⁹³ professor, jurista e diplomata, é, considerado um político muito próximo das posições de Salazar. Tendo chefiado a delegação portuguesa na Sociedade das Nações, entre 1935 e 1939, foi nomeado representante do Estado português junto do Governo de Vichy, durante a Guerra, ao regressar a Portugal, entrou para o Governo como Ministro da Educação. No pós-guerra, a sua acção tornou-se particularmente relevante como Ministro dos Negócios Estrangeiros, ao conduzir as negociações que associaram Portugal ao Plano Marshall, que o tornaram membro fundador da, OEEC/OCDE, e da adesão à Aliança Atlântica e ao Tratado do Atlântico Norte. Nos anos cinquenta, Caeiro da Mata é afastado do Ministério dos Negócios Estrangeiros, por alegada perda de confiança de Salazar (...) (Teodoro, 2003. p. 32).

Estas medidas devem ser vistas também em ligação com a reforma do ensino técnico profissional de 1948 (Grácio; e Alho, 2004) e com o lançamento da *Campanha Nacional de Educação de Adultos*, e o respectivo *Plano Nacional de Educação Popular* que, de acordo com o decreto-lei 38968, e o decreto 38 969 de 27 de Outubro de 1952, vão ter como objectivos, entre 1952 e 1956, o aumento do cumprimento da escolaridade básica obrigatória para as crianças e o combate ao analfabetismo adulto: Esta última iniciativa tinha colocado novos meios, como o cinema, ao serviço de um maior número de elementos da população.

No *Espólio* da correspondência entre as(os) leitoras(es) e Maria Lúcia Vassalo Namorado existem inúmeros postais ilustrados e selos da *Campanha de Educação Popular*, sendo que os primeiros têm sempre, na frente, uma frase alusiva à importância da leitura, como podemos verificar no quadro seguinte:

Quadro n.º 10.: Postais e selos da *Campanha de Educação Popular*:

Frases da Campanha	Fonte
Do que sabes, ensina, do que não sabes, aprende ¹⁹⁴	Caixa 19. Maço 1 e Caixa 47. Maço 4; Caixa 15 Maço 2
Não custa aprender a ler o que custa é não saber	Caixa 19. Maço 1; Caixa 15. Maço 2
Há uma esquecida forma de caridade: ensinar	Caixa 19. Maço 1 Caixa 15 Maço 2
Nunca estudaste nem leste? Ganha agora o que perdeste	19 1; Caixa 15. Maço 2, Caixa 32. Maço 2
Conta, escreve e lê: logo saberás porquê	30 2 e Caixa 21. Maço 1
(com poema intitulado) Wenn das Wasser im Rhein (em alemão) de Heinz Bonninghausen; Plano de Educação Popular/scanner/	41 1
Aquele que não sabe ler passa a vida a perguntar ¹⁹⁵	47 5 e Caixa 35. Maço 1; Caixa 15. Maço 2

¹⁹⁴ Este postal é enviado por um recluso da Cadeia de Monsanto, em Lisboa, que pede exemplares da revista para sua distração por estar “(...)rodeado de sofrimento moral, constituído pelas grades que me cercam e pelas saudades da liberdade e de algumas crianças que eram o meu mundo (...)” (Postal de Júlio Ferreira Portugal. 12 de Jul. 1956. Caixa 15. Maço 2).

Sobre a *Campanha* propriamente dita temos apenas duas referências explícitas: uma de Regina de Oliveira e Sousa, assinante da Madeira e outra de 20 de Janeiro de 1959, de A Lopes Correia¹⁹⁶, funcionário público, marido de assinante Maria Vitória Fernandes Correia (Caixa 27. Maço 2). Da primeira sabemos ter participado nela porque indica que está com excesso de trabalho devido a “(...)exames, exposição, Cinema de Campanha e tudo mais(...)” (Carta s.d. Caixa 32. Maço 2). A segunda, feita pelo marido da assinante que escreve de Travanca, Vila Meã, Douro, mostra o seu cepticismo face à *Campanha* quando diz que a indiferença que ainda existe no país em relação à educação dos filhos é um “(...)índice triste que a *Campanha de Educação de Adultos* ainda não desfez...(...)” (Caixa 27. Maço 2). Esta iniciativa, como ficou demonstrado, entre outros, por Cristina Barcoso (2001) lançou mão, pela primeira vez de forma concertada, de um conjunto de meios auxiliares da educação como o cinema, a rádio e o jornalismo com o lançamento do jornal *A Campanha*, com uma distribuição inusitada para a época e ainda com a “(...) criação de bibliotecas itinerantes e nas escolas, e o lançamento da *Colecção Educativa*, com 54 títulos publicados¹⁹⁷ até 31 de Dezembro de 1956, vendidos ao público por 5\$00 e distribuídos gratuitamente por todas as bibliotecas do país (...)” (Teodoro, 2003. p. 42). Destes livros há diversos exemplares no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* (cf. *Bibliografia* deste trabalho).

Embora muitas possam ser as críticas a fazer a esta *Campanha*, não restam hoje dúvidas de que, “(...)relativamente ao seu primeiro objectivo, o do cumprimento da obrigatoriedade escolar, em 1955, podia-se afirmar, pela primeira vez na história portuguesa, que praticamente todas as crianças entre os 7 e os 11 anos de idade frequentavam a escola primária, registando-se apenas um valor residual de cerca de 1 % de crianças, estimadas em 8891, que ainda resistiam a frequentar a escola (...) Quanto ao segundo objectivo, o da redução das taxas de analfabetismo na população adulta, a *Campanha* obtém igualmente resultados¹⁹⁸ de assinalar, passando de 27 mil inscritos no

¹⁹⁵ Neste postal dos Ctt tem data do carimbo de 25 de Junho de 1956, foi enviado por Luísa Dacosta a Maria Lúcia Vassalo Namorado e o carimbo sobre o selo tem: “Vacine-se e vacine os seus filhos”; o postal tem também esta frase da *Campanha*.

¹⁹⁶ O advogado da enfermeira Isaura Silva, mulher de António Borges Coelho, implicada no processo do casamento das enfermeiras tem o mesmo nome.

¹⁹⁷ Até ao seu termo, em 1966, foram publicados mais 32 títulos.

¹⁹⁸ As taxas de aprovação no ensino de adultos eram, naturalmente, muito inferiores às de frequência. Contudo, se em 1951-1952 ficaram aprovados nos exames da 3ª e 4.ª classes 3 702 adultos, em 1952/1953 subiu, para 23 863, em 1953-1954 para 72 418, em 1954-1955 para 80 638, e em 1955-1956, no termo da *Campanha*, foram 66658 os adultos que ficaram aprovados nos respectivos exames.

ensino primário de adultos, no ano lectivo de 1951 –1 952, para 257,2 mil, em 1955/56. Após o termo da Campanha, o número de adultos inscritos nos cursos começou novamente a decair, situando-se em apenas 105,4 mil, em 1959/1960 (...)” (Teodoro, 2003. p. 43).

No fim do período de publicação de *Os Nossos Filhos*, já só como publicação anual, o Ministério da *Educação Nacional* será ocupado por mais dois ministros: Lopes de Almeida, em 1961-62 e Inocêncio Galvão Teles, de 1962 a 1968 (Proença, 1996d), sendo que a revista publicara o seu último número em Dezembro de 1964. Qualquer um destes ministros vai adiar por algum tempo a hegemonia, no campo ideológico do regime, da burguesia industrial. Por outro lado, a procura social de educação aumentava e era agora impossível impedir, por mais tempo a ascensão cultural necessária ao desenvolvimento do país.

Maria Lúcia Vassalo Namorado contactava, do ponto de vista intelectual, com diversas figuras que como João de Barros, Aquilino Robeiro, “(...)o romancista Ferreira de Castro (...) o padre Manuel Alves Correia e até o padre Abel Varzim, da Igreja dos Mártires, impedido de residir em Lisboa por estar com residência fixa no Minho, onde iria fundar a possível primeira cooperativa agro-pecuária (...)” (Azevedo, 1997. p. 12) que se reuniam com frequência no *Diário de Lisboa*, “(...) dirigido por Joaquim Manso “(...) por certo, um espírito liberal, um republicano, contrário à coerção da liberdade de pensar e escrever. Mas ficar-se-á por aí. Por isso mesmo, meio século mais tarde, abrindo o seu jornal a todas as correntes da política quando pela primeira vez Salazar fazia um simulacro de eleições livres, logo passado o período eleitoral, definir-se-á na sua irredutibilidade ao dizer um «não» vigoroso ao convite de um grupo de apoiantes de Humberto Delgado para colocar o seu jornal ao lado da oposição. O *Diário de Lisboa* continuaria a ser um jornal livre e independente de partidos (...)”(Azevedo, 1997. p. 17).

A revista que está nos primeiros anos, até finais dos anos 40, em alguma sintonia com o que eram as preocupações culturais de certo grupo da burguesia, depois da eleições de Norton de Matos vai, como já antes o fazia mas de forma menos evidente, enveredar por um posicionamento mais crítico e militante de oposição mas actuando sempre com discrição, quase estabelecendo um equilíbrio entre o que se ajusta ao regime o que, dele se põe constantemente em causa na revista.

Sobre os conhecimentos pedagógicos da directora de *Os Nossos Filhos* pouco sabemos. Porém, por carta de José Francisco Rodrigues podemos identificar as obras de referência na área educativa que este colaborador aconselhara a Maria Lúcia Vassalo

Namorado pois ela guardou a lista manuscrita por ele enviada e que se intitula *Alguns livros sobre questões pedagógicas*¹⁹⁹, (Caixa 29 Maço 2). As obras desta lista eram as que o autor considerava serem necessárias a uma boa biblioteca pedagógica. No mesmo documento estão mais duas páginas com títulos de livros que a *Juventude Católica Feminina*²⁰⁰ recomendava, em 1956. Não sabemos a intenção que esteve subjacente a esta listagem pois não temos qualquer carta ou outra qualquer indicação de que a directora de *Os Nossos Filhos* lhe tenha feito semelhante pedido.

Das obras recomendadas por aquele colaborador, muitas são conhecidas ainda hoje, como obras de referência na área educativa²⁰¹ embora outras estejam completamente ultrapassadas. De todos os livros nelas enumerados, Maria Lúcia Vassalo Namorado vai apenas usar, retirando frases com as quais ‘enche’ certas páginas da revista, os seguintes títulos:

Quadro n.º :11. Livros usados para citações soltas em *Os Nossos Filhos*:

Títulos	Fonte
Montessori, Maria- A Criança	/Junto a cartão de visita de José Francisco Rodrigues, Lisboa, 13-12-1946/
Trindade Salgueiro, (D. Manuel)- O papel da vontade na educação	
Castro e Almeida, Virgínia de – Como devemos criar e educar os nossos filhos	
Peixoto, Afrânio- Ensinar a ensinar	
Vaissière, J. De la – Psicologia pedagógica	
Stern, (William e outros) – Psicologia e pedagogia de la adolescencia	
A Arte de educar as crianças de hoje- Abbé Courtois	/Listagem da <i>Juventude Católica Feminina</i> , 1956. 9 p.)
Montessori, Maria- A Criança	
Pour ou contre l'éducation nouvelle ?- Suzanne M Durand	

Não é, porém, suficiente o conhecimento destas listas para, a partir delas, podermos identificar a proposta educativa da revista *Os Nossos Filhos* para a educação das mulheres e das crianças porque para o fazer, temos de nos debruçar, em primeiro lugar, sobre alguns aspectos que abordamos neste subcapítulo e ao longo dos anteriores, a saber: que sabia Maria Lúcia Vassalo Namorado de *Educação* para se

¹⁹⁹ Junto a cartão de visita de José Francisco Rodrigues, Lisboa, 13-12-1946 (em envelope de) *Albergaria de Lisboa: Escola Profissional para a Educação de Crianças atrasadas Largo da Luz*, 1 Carnide, Lisboa /a morada pessoal no cartão é a mesma assim como n.º tel./ 2 p. manuscritas.

²⁰⁰ /Listagens de autores/títulos divididos por Igreja; Formação Bíblica; Liturgia; Formação Espiritual dividida em Cristologia, Mariologia, Espiritualidade; Biografias e Hagiografias; Educação e Catequeses; Formação Social; Problemas femininos e Vocação, Preparação para o casamento; Acção Católica; Encíclicas; Cartas; Discursos; Diversos /(JCF, = *Juventude Católica Feminina* 1956. 9 p.) que colocamos no mesmo anexo referido na nota anterior.

²⁰¹ Cf. conteúdo em *Apêndice Cap. 4- Listagem bibliográfica*.

lançar na aventura de publicar uma revista com a qual se pretendia educar os pais? Que conhecimentos teóricos tem do tema? Quem são as(os) autoras(es) em que se baseia a sua proposta? Em que debates educativos se insere a revista? Que filosofia e que fins considera que devem ser os da educação? Em que filiação pedagógica a poderemos colocar? O que entende por *criar, educar e instruir*?

Antes de responder a estas questões vejamos ainda alguns aspectos contextualizadores da revista no quotidiano e nas questões religiosas da época em causa.

Quotidiano em Os Nossos Filhos:

Ao analisar a proposta de educação das mães e das crianças que se retira de *Os Nossos Filhos* não podemos deixar de contextualizar a publicação também no quotidiano²⁰². Já vimos as razões que tinham levado a directora da revista a iniciar semelhante projecto em plena guerra mundial. Vejamos ainda, também a partir de *Os Nossos Filhos*, como era o quotidiano feminino em que se inseriu a revista. Muitos dos dados ali recolhidos, assim como a análise da publicidade, imagens entre outros que analisamos seguidamente, temos às vezes dificuldade em compreender que apenas se passaram entre 60 e 50 anos desde o início ao fim da revista e a actualidade. Num período histórico tão demasiadamente pequeno, muitas foram as transformações que se realizaram na nossa sociedade.

Desde o início até ao final dos anos 50 são constantes as referências á necessidade de poupar. Essa advertência vem sobretudo através dos textos de Adriana Rodrigues pois era ela que, na revista, se encarregava das questões da educação feminina – sobre o arranjo da casa, compras, orçamento familiar, etc. Sob o título *Necessidade de economizar* ela dirá:“(…) compre sabão de um mês para o outro, não compres grandes quantidades de farinha(…) não rasgues papel de embrulho (...)Camisolas interiores se fazem excelentes calcinhas para pequenos? Fácies de cortar e quase não levam costuras (...) Pincele solas novas dos sapatos com óleo de amêndoas doces ou outra gordura líquida; deixe secar...verá que solas durarão mais e humidade não entrará (...)Pequeno arranjo sempre menos pesado que grande reparação(…)” (ONF, Out. 1953). Também a directora da revista dá ideias para as senhoras guardarem “(…) o que não presta:

²⁰² A leitura dos textos de Fernando Rosas, em *História de Portugal, vol. VII* do Cículo de Leitores e do catálogo da exposição *O Estado Novo e as mulheres: o género como investimento ideológico de mobilização* (2001), da autoria de Helena Neves e Maria Calado são fundamentais para melhor contextualizar o que vamos referir.

Bocadinhos que se vão desprendendo da esponja de banho não servem para nada? Enganas-te. Vai-os juntando. (...)esponja estiver reduzida a mil pedaços, faz ,um saco de tule forte ou de crochet, mete-lhe dentro os bocadinhos pacientemente guardados, dá-lhe a forma redonda, e terás uma esponja nova que te prestará óptimos serviços(...)" (ONF, Jun. 1944) ou ainda novamente Adriana Rodrigues, já depois da Guerra mas ainda com as suas consequências internas, quando ensina como fazer:"(...) aproveitamento de restos torna-se cada vez mais necessário. Preciso lutar com paciência, perseverança e prodígios de apresentação culinária(...)As batatas, tão importantes para dar consistência às sopas de hortaliça, substituem-se por flocos de aveia, até no próprio caldo verde, e o paladar não perde....As saladas temperadas em conjunto e não no prato, ao gosto de cada um, economizam azeite(...) As saladas de frutas, dão melhor rendimento para casas de família e permitem comprar fruta com pior Aspecto (...) Coragem pois, senhoras donas de casa. Em vez de vos lamentardes sobre um tempo que passou, o melhor é enfrentardes resolutamente a realidade presente, adaptando-vos o melhor e mais sensatamente (...)"(ONF, Mar. 1947).

A necessidade de poupar passava ainda pelos conselhos dados às costureiras, lavadeiras e cozinheiras. Para as primeiras recomendava-se que "(...)As linhas de alinhavar também custam dinheiro...uma obra está pronta e se lhe tiram os alinhaves, em vez ...para o chão, o que é mau hábito, enrolam-se novamente num tubo vazio para a outra vez. e trabalho tão fácil que pode ser executada por 1 criança(...)". Quanto às segundas, chamava-se a atenção para o facto de "(...)um pedaço de sabão bem seco gasta-se muito menos que outro, fresco. Mal o sabão chega casa corta-se logo em pedaços, deixa-se ao ar (não ao sol) para enxugar bem, e só depois se guarda. Cortar sabão! Que tarefa divertida para um rapaz!..." (ONF, Fev. 1954). Finalmente para as cozinheiras recomendava-se "(...)As pegas são caras, as pegas sujam-se(...) uma rolha de cortiça atravessada na pega da tampa do tacho, isola-o e permite pegar-lhe sem perigo de queimaduras (...)"(ONF, Fev. 1954).

O racionamento provocado pela guerra e que tantas filas obrigava a fazer nas cidades para se obterem os géneros de primeira necessidade (Neves e Calado, 2001. p. 95) vai estar no quotidiano de todas estas mulheres como é o caso da própria directora da revista que diz ter direito"(...) ao dobro do açúcar porque o meu marido era doente(...)" (Borges. 2003. p. 207).

Sobretudo neste período da Guerra, a referência à necessidade de poupar é constante: "(...)a carestia da vida obriga-nos, também, a restrições no que diz respeito aos nossos

trabalhos de mãos; e assim, mais do que nunca, teremos de fazer coisas novas e lindas de materiais já usados e talvez pouco tentadores. Porém, com engenho e boa vontade, de que milagres a mulher é capaz! ...Podemos fazer sacos para a botija e para o saco de água quente; uma «camisa» para o bule, que é a maneira de conservar mais tempo o chá quente; uma «caixinha» para meter as castanhas assadas, para também "elas não perderem facilmente o calor(...)" (ONF, Out. 1943).

A sugestão que, nesta categoria, mais nos impressionou foi a que diz respeito a um conselho que encontramos em *Os Nossos Filhos*: "(...)se tiver hóspedes e os cobertores não chegarem, improvise alguns. Cosa uma porção de folhas de jornais umas às outras(...) coloque, assim, entre dois cobertores, três, quatro ou cinco camadas de papel, 'e prenda tudo com alinhavos. Pode dormir nessa cama um grande friorento que não se queixará de frio. Quer experimentar?...(...)" .

Na revista não há quase anúncios a lâmpadas eléctricas (ONF, Maio 1957) porque o "(...) consumo de electricidade por habitante tinha vindo a aumentar desde 1929-31 "(...)salvo durante os anos da guerra, nomeadamente durante o ano de 1942(...)"(Matos et al. 2004. p. 335). Quando Adriana Rodrigues ensina uma leitora a fazer um orçamento para casa (ONF, Jul. a Set. 1946), não deixa de mencionar o combustível mas não podemos esquecer que o peso de Lisboa na iluminação pública em 1941 "(...)representa mais de cinquenta por cento do total nacional e o Porto vai crescendo lentamente até que, em 1946, o seu valor excede o valor de Lisboa /sendoainda nessa data/ o consumo doméstico (...) dominado pela iluminação e mesmo essa numa minoria da população(...)" (Matos et al. 2004. p. 388 e 390).

A maior parte das vezes, no que diz respeito aos meios de transporte usados verificamos que, dentro de Lisboa o meio mais usado era o eléctrico (ONF, Set. 1943) e, mesmo quando se referem os casamentos de assinantes em *Os Nossos Filhos*, indica-se que os noivos partiram em lua-de-mel para o Norte, de combóio. A única senhora de quem temos informação de que possuísse carta e carro que ela própria conduzia é Maria Octávia Andrea, entrevistada em *Os Nossos Filhos* (...) e também ela membro do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*. As deslocações que Maria Lamas faz, como veremos, para ir ver a filha amis velha ao Sanatório da Guarda são feitas de comboio (cf. Cap. 5 deste trabalho).

Em relação a outros aspectos do quotidiano como sejam os hábitos de asseio e de higiene²⁰³: e problemas de saúde sabemos que a prática de algumas regras básicas era insuficiente numa grande percentagem da população.

A esmagadora maioria das mulheres tinha os filhos em casa. Esta era a norma e não a ida ao hospital. Para o primeiro caso recomendava-se que “(...) Se o parto decorre em casa, devem-se dispor os coisas de modo a (...) que seja asséptico, isto é, isento de micróbios. (...)Três semanas antes do parto deve preparar-se o quarto(...)se há por onde escolher (...)um aposento afastado da rua, para evitar os ruídos e poeiras.... Prepara-se além disso uma cama para o marido e luz abundante, para parto se dar de noite. Combatem-se moscas, que podem ser origem de infecções. (...) Para o parto devem-se preparar também: roupas de cama, toalhas, camisas, e casacos de flanela, para a parturiente, Bacia de esmalte para lavar a parturiente.(...) Irrigador completo, para clister. Bacia de esmalte para lavar as partes da parturiente (...) Arrastadeira(...)Caixas de vidro para guardar a cânula de clister...Gase esterilizada: 20x20. Desinfectante indicado pela parteira ou pelo médico. Agua 'fervida: fria e quente. Álcool. Algodão hidrófilo. Cintas de crepe Velpeau com 30 centímetros de largura e 5 metros de comprido (pode ser de flanela simples). Alfinetes de ama. Objectos para uso do menino:Botija com água quente, envolta flanela. Banheira ou alguidar (para servir só à criança). Água fervida: quente e fria. Tigela de esmalte... Pó de sabão. Soluto de nitrato de prata, a um %, em frasco conta gotas(...)” (Branca Rumina. ONF, Dez. 1943).

Os produtos farmacêuticos eram muito à base de produtos feitos na ocasião: “(...) As «gretas» do seio devem ser tratadas logo que aparecem(...). Lavam-se muito cuidadosamente com água fervida morna e depois aplica-se qualquer dos seguintes produtos: Sub-nitrato de bismuto - 5 gramas. Lanolina q. s. Para fazer uma pasta. (...)” (Branca Rumina. ONF, Jun. 1944). Um outro exemplo de remédio caseiro é o que é dado para ajudar a secar o “(...) mal da época(...)” ou seja, as frieiras:“(...) aproveite os coutos (sic) das velas de cera. Ponha-as a derreter em lume brando \ em caçarola bem limpa. Quando estiverem liquefeitos junte, fora do lume, azeite porção à da cera) deixe tomar a consistência de pomada, e aplique. Pode guardar em boiões. Se endurecer, leve ao lume e depois junte novamente azeite (...)” (ONF, Nov. 1945). No que diz respeito à

²⁰³ Baseado em MIRA, M. Ferreira de (1945) – *Higiene individual: a arte de vestir*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade. 217 p. É o número 122 da base bibliográfica do *Espólio*, com dedicatória manuscrita: “(...)À Exa sra D. Maria Lúcia, com muitos cumprimentos do admirador muito grato, F. Mira (...)”.

higiene individual não podemos deixar de mencionar o que sobre o tema se recomenda em *Os Nossos Filhos*: “(...) CABELOS GORDUROSOS - Para lavar cabelos gordurosos é muito bom deitar na água uma colher (das de café) de amoníaco (...)”. (ONF, Dez. 1943). Os conselhos que encontramos nas obras de alguns médicos que ao assunto dedicam os seus textos sublinham essa tendência embora os preceitos que propõem sejam hoje bem diversos como se constata quando, em obra existente no *Espólio*, se :”(...) aconselha uma lavagem da cabeça em cada semana para os homens, uma em cada mês para as mulheres, usando sabões de pouca alcalinidade porque os álcalis são cáusticos (...)”(Mira, 1945. p. 122).

Ainda no campo da higiene individual, aconselha-se que esta vá “(...) consagrando a certas regiões e aos orifícios naturais cuidados particulares. Essas práticas de asseio são indispensáveis e ninguém há que a elas mais ou menos se não submeta. Quem as abrevie e simplifique demasiadamente deve convencer-se de que comete um erro grave: o asseio é a base da higiene e da profilaxia de muitas doenças (...)” (Mira, 1945. p. 16). Também é deste médico o maior número de prescrições que selecionamos nesta área. Por exemplo, ele defende que o banho geral deve ser tomado “(...) com maior ou menor frequência conforme as exigências profissionais de cada um, isto é, tanto segundo a natureza da profissão, como segundo o tempo de que se dispõe. A banheira deve existir em todas as casas, mesmo nas mais modestas (...) (Mira, 1945. p. 17), o que prova como sabemos que em muitas isso não acontecia. Ao problema da higiene das criadas refere-se também Adriana Rodrigues (ONF, Maio 1946) quando defende que elas deveriam ter, pelo menos, uma bacia de zinco para se poderem lavar, até porque essa medida traria outros benefícios para a família de acolhimento: as doenças seriam menores e quem ganhava eram os patrões ao mesmo tempo que tratavam essas serviçais com mais caridade. O médico Ferreira de Mira afirma que a frequência dos banhos “(...) está menos em relação com a necessidade destes do que com a classe social a que cada um pertence, a sua educação, o seu desafogo de vida e os vagares que esta permite (...)”(Mira, 1945. p. 17). Ele aconselhava ainda que se deveriam lavar “(...) as mãos por várias vezes no dia, e sempre antes das refeições. Além disso devem ter-se as unhas extremamente limpas, e para que isto se consiga o mais simples é trazê-las curtas. As unhas longas, pintadas ou não, são, porém, muito apreciadas e pode usá-las quem não execute trabalhos manuais grosseiros e tenha vagar limpá-las com cuidado e frequência(...)” (Mira, 1945. p. 26), aconselhando ainda a prática da higiene dentária diária mas evitando “(...)o uso de palitos, considerado como pouco higiénico e, sem

dúvida, pouco estético (Mira, 1945. p. 28). Quando este autor enumera, por categorias²⁰⁴, as roupas que cada família deveria ter, pode ficar-se surpreendido por dois motivos: pela quantidade de peças hoje completamente caídas em desuso e pela impossibilidade que muitas famílias tinham de ter tudo o que se aconselhava. É claro que o médico está a dirigir-se á burguesia e é isso que tem em conta quando propõe aquele conjunto de peças (Mira, 1945. p. 61- 62). Ele não se coíbe de dar a indicação do que, do ponto de vista médico e estético, considera adequado como quando refere que :”(...) as mulheres voltaram às camisas de noite, principalmente porque os pijamas, vestuário de corte masculino, só fica bem a raparigas altas e magras. Quando se avolumam os seios e engrossa demasiadamente o ventre pela gravidez, pelas maternidades sucessivas ou somente pelo adiantar dos anos, muito melhor fica às mulheres um vestuário largo que encubra ou atenua as imperfeições do seu corpo(...)” (Mira, 1945. p. 71). Sobre as meias das senhoras também tem uma opinião ‘higiénica’:”(...) Muitas mulheres dispensam as meias durante o verão, não somente em casa, mas também nas praias e até nas cidades. É uma prática apenas defensável por razões económicas, visto que as meias, mesmo as de tecido transparente, dão certa protecção à pele contra poeiras e insectos(...)” (Mira, 1945. p. 154). As crianças deviam usar bibes em casa, para poupar a roupa mas não os da escola porque esses “(...) não devem servir para andar por casa....devem andar sempre limpos, cosidos, remendados e engomados bibes da escola convém escrever o nome ou o número do aluno (ONF, Fev. 1954).

Além da higiene individual este médico apresenta alguns conselhos sobre a higiene rural²⁰⁵ que nos interessa tanto mais quanto o quotidiano ali descrito,

²⁰⁴ Diz Ferreira de Mira: “(...) Podemos agrupá-las do modo seguinte:

1.º — As chamadas roupas de baixo: para o homem: camisolas, camisas, ceroulas ou cuecas; para a mulher: camisolas, camisas, calças, combinações ou coletes e saias de baixo, corpetes, cintas de seios e de ventre. (Mira, 1945. p. 61)

2.º — As roupas de cima: casacos, coletes, calças e blusas de homem; vestidos, blusas, casacos e saias de mulher; abafos que, para as mulheres, obedecem a variadíssimas formas e são constituídos por diversos materiais. (p. 62)

3.º — Coberturas para a cabeça e rosto: chapéus, bonés e gorros de homem; chapéus, véus, lenços, mantilhas, turbantes e coifas de mulher.

4.º — Coberturas para o pé e parte da perna do homem: peúgas, sapatos, botas, sandálias, tamancos» polainas e galochas; e para quási todo o membro inferior na mulher: meias, sapatos, sandálias, polainas, galochas.

5.º — Peças de vestuário que são exclusivamente ou principalmente adornos: colarinhos, gravatas, golas, peitilhos, lenços de peito, lenços ou mantas de pescoço, etc.(...)” (Mira, 1945. p. 62).

²⁰⁵ Baseado em MIRA, Ferreira de (1945 a) – *Higiene rural*. Lisboa: Livraria Luso-Espanhola. 135 p.(Biblioteca Rural. Fundada sob a direcção do Eng. Agrónomo Luís Quartin Graça; 8). N.º 126 do

felizmente, é hoje inexistente, em relação á maior parte dos casos descritos. Em *Os Nossos Filhos* são frequentes as descrições de situações de habitação paupérrima, como as ‘furnas’ em Lisboa, no Monsanto (cf. Cap. Assistência e ONF, Maio 1945) e as ilhas no Porto, além de muitas outras no campo. Ferreira de Mira descreve como comuns, no campo, as “(...)famílias que habitam em cabanas com paredes de mato preso a estacas de madeira e com tetos de palha, ou em casas miseráveis de tectos semelhantes apoiados sobre muros de pedra solta, sem que exista numas ou noutras qualquer abertura por onde penetre ar ou luz que não seja a porta de entrada e sem que haja chaminé para saída do fumo da lareira. Às vezes vivem também animais no mesmo aposento, e uma estrumeira onde se lançam todos os dejectos, com o fim de os aproveitar para adubo das terras e de promover a fermentação de camas de mato, cobre o chão junto à casa, em frente da porta(...)” (Mira, 1945 a p. 9). Esta última prática é descrita, na correspondência do *Espólio*, por algumas professoras primárias.

As doenças são uma constante no quotidiano dos anos 40 e 50 como a revista refere e já mostrámos: “(...)morrem em Portugal três vezes mais do que nos países civilizados onde se cuida delas como deve ser; — morrem em Portugal — desde o nascimento até aos 5 anos — na proporção de uma de 10 em 10 minutos; — morrem principalmente com enterites, que são devidas mais à ignorância das mães do que à miséria; — morrem na proporção de 40 % de enterites, 20 % de debilidade congénita e 12 % de bronquites (ONF, Mar. 1944).

Este quotidiano, como já referimos, era propício a contágios diversos, sendo que “(...)certas doenças contagiosas são mais frequentes nas cidades; é, por exemplo, o caso da tuberculose. Outras encontram-se sobretudo nos campos, como o carbúnculo ou o mormo. Para umas e outras o modo de transmissão pode ser directo, de animal ou de homem infectados para outro homem, e pode ser indirecto, feito através de alimentos, água, roupas, loiças (...)” (Mira, 1945 a p. 79). Por esta razão, a revista vai ter, durante algum tempo, artigos sobre doenças transmissíveis ao homem, da autoria de A Oliveira e Sousa que inicia a sua colaboração como “(...) quartanista de Medicina veterinária((...)” 2 a acaba como médico veterinário (ONF, Out. 1943 a Nov. 1946).

O receio da propagação de doenças através do contacto entre as pessoas faz com que se publicite o cartaz feito António Leal, farmacêutico em Monchique, um dos assinantes de *Os Nossos Filhos*, que elaborou um cartaz em que dizia: “(...)NÃO BEIJEM AS

Espólio bibliográfico por nós tratado. Tem dedicatória manuscrita: “À Exa sra D. Maria Lúcia, com muitos cumprimentos de, F. Mira(...)”.

CRIANÇAS BEIJAR as crianças é um costume péssimo, e todos os mães devem lutar contra ele. O BEIJO pode transmitir inúmeras doença», entre elas a tuberculose, a sífilis, o sarampo, a coqueluche, a escarlatina. Os nossos peque ignorantes beijem os nossos pequenitos. Mais uma razão para usarmos de todos os cautelas. Façamos notar a quem lida com os nossos filhos, que não gostamos que os beijem. Ensinemos os crianças, o mais cedo possível, a estender o mão para cumprimentar e a recusar beijos; enquanto são muito pequeninas, multipliquemos nos babeiros, nos vestidos, nas fitas do chapéu. Esta pequena frase bordada numa cor viva: NÃO ME BEIJE "(...)" (ONF, Nov. 1945).

É o que se vai fazer na revista quando se publica um desenho com esse mesmo bordado e há senhoras que o vão fazer e as crianças usá-lo-ão no dia-a-dia como se refere na correspondência do *Espólio*. Em *Os Nossos Filhos* com frequência se refere que se deve evitar o beijo nas crianças:“(...) O beijo este habito é mau e nunca deve ser considerado como prova de bem-querer, porque além de ser anti-higiénico e de expor a criança a uma série de doenças graves, massa em extremo os pequeninos. (ONF, Dez. 1947). Muitas eram as fontes de contágio e de falta de higiene na cidade mas a mais assinalada era a do leite, que “(...)é também veículo destas infecções, adquirindo o bacilo pela água que lhe misturam ou pela que serve para lavar as vasilhas(...)”(Mira, 1945 a p. 81). A esta falta de cuidado num bem essencial dedicou a directora de *Os Nossos Filhos* alguns textos na revista. Um quotidiano citadino também semeado de bichos como as moscas e certas imundícies, portadoras de diversas maleitas é diversas vezes identificado: “(...) a mosca propaga mais de 30 doenças entre as quais tuberculose, a lepra, a febre de Malta, a polimielite (sic) etc.(...) pousa nos excrementos e, logo depois, nas boquitas dos bebés... Ao escarro a Mosca v ai buscar sustento. Depois de pousar nas piores imundícies, a Mosca pousa também nos nossos alimentos (...)” (*Liga Portuguesa de Profilaxia Social*. ONF. Jul. 1945).

Sobre o ambiente menos higiénico que se vivia mesmo nas cidades como Lisboa e Porto e outras, escreve também Gil da Costa, um dos Directores da *Liga de Profilaxia Social do Porto*: “(...) a tuberculose é uma doença contagiosa; a sua transmissibilidade faz-se essencialmente pelo escarro. Quem pode, com o conhecimento desta verdade continuar a cuspir e a escarrar?! A cuspir e escarrar nas ruas, nos eléctricos, nos cafés, nas repartições públicas, por toda a parte?(...) Os que escarram geralmente não reparam que a sua atitude deselegante, anti-higiénico—vá, diga-se porca— que nauseia os que não têm semelhante hábito e os inferioriza enormemente na sociedade. (...) Existem também os

lenços, e melhor, muito melhor, os escarradores de bolso e os escarradores próprios para os lugares públicos.(...) Lembremo-nos do espectáculo que oferecemos aos estrangeiros, oriundos de países onde tal hábito é desconhecido (...)” (ONF, Set. 1945). Não esqueçamos que se está ainda muito longe do tempo em que o leite seria correctamente acondicionado em embalagens. Era transportado em vasilhame sem qualquer cuidado (*Rosalina*, ONF, Ago. 1944), a esterilização dos biberões era uma tarefa cansada como revela Maria Palmira Tito de Morais ao indicar como deve ser feita: “(...) Utensílios necessários: Numa panela (que possa servir de esterilizador) colocar dentro; uma cápsula de esmalte, a seringa de borracha e a pinça (ou o garfo quando não haja uma pinça). Cobrem-se estes utensílios com água, tapa-se a panela com a tampa e vai tudo ao lume. Quando a água começar a ferver, deixa-se que ferva durante 15 minutos. Retira-se depois a panela do lume e (itálico) sem tirar a tampa escorre-se toda a água (...)” (ONF, Ago. 1944), longe também se está de diversos detergentes pois que, para se limpar as banheiras de esmalte se aconselha que se esfreguem os traços de sabão “(...) com um paninho embebido em vinagre (...)” (ONF, Set. 1944), ou as cascas de banana ou de laranja para limpar cadeiras de palhinha (ONF, Set. 1944), ou umas “Gotas de amoníaco(...)” (ONF, Set. 1944) para tornar as meias mais brancas.

Como vimos, muitos são os artigos na revista sobre a higiene do lar²⁰⁶, sobretudo os que se ocupam da saúde e da puericultura dão-nos dados sobre esta questão. Também os textos de Adriana Rodrigues, mais uma vez, são fonte inesgotável de ensinamentos nesta área, como sejam *Vamos para fora* (ONF, Jul. 1945), *O quarto das criadas* (ONF, Maio 1946), *A Limpeza do vestuário* (ONF, Nov. 1947), ou *Os Maridos e o arranjo da casa* (ONF, Jun. 1948). Quer em *Os Nossos Filhos* quer nas obras do *Espólio* há uma preocupação em descrever a casa ideal: “(...) que satisfaça a certas condições essenciais: que nos resguarde convenientemente da chuva e dos ventos, permitindo, no entanto, a renovação do ar; que mantenha no seu interior um calor moderado, corrigindo as violências, num ou noutro sentido, da temperatura exterior(...) que seja bem iluminada pelo Sol quando este falte, por luz artificial; que seja abastecida de água de bom sabor e suficientemente pura em relação a germes de infecções(...) que possua as disposições convenientes para remoção higiénica de esgotos e de lixos(...)” (Mira, 1949. p. 5 e 6).

²⁰⁶ Baseado em MIRA, M. Ferreira de (1949) – *A Nossa Casa: Higiene do lar*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade. 174 p. É o n.º 80 da base bibliográfica por nós criada para o *Espólio*. Tem dedicatória do autor: “(...)À Ex.a senhora D. Maria Lúcia, com muitos cumprimentos do seu admirador dedicado F.Mira(...)”. Teve notícia e transcrição no n.º 88 da revista.

As donas de casa deveriam ter cuidado com o tipo de utensílios que adquiriam pois que a qualidade era fundamental dada a necessidade, como diz Adriana Rodrigues, de ser comprada pensando na necessidade de ser em ferro ou esmalte para “(...)durar largos anos(...)” (Adriana Rodrigues, ONF. Maio 1945).

Os cuidados com a limpeza da casa eram mais acentuados do que o são nas revistas femininas de hoje. O trabalho recomendado era imenso e os apoios de que as senhoras dispunham, exceptuando as criadas, eram bem diferentes dos actuais. Por exemplo, quando se vai de férias, recomendava-se que “(...) os para evitar surpresas desagradáveis (...) os tapetes deixam-se bem acondicionados. Depois de batidos, escovados, e ou limpos de nódoas, devem ser borrifados com um líquido insecticida, enrolados e envolvidos em Jornais. A tinta de imprensa é inimiga em jornais. Caçarolas, bem limpas, embrulham-se p em papéis. Veja-se se fica alguma coisa no guarda-comidas. jarros de água, as bacias de cama, os baldes e recipientes do lixo devem ficar limpos,' enxutos e emborcados. Lãs deixam-se embrulhadas em papel de jornal, juntamente com papel mata-borrão impregnado de essência de serpol (...)” (ONF, Ago. 1943).

Os cuidados com a casa são inúmeros e muitos não são hoje nunca referenciados em qualquer revista feminina como sendo parte das preocupações de qualquer casa. Os percevejos (ONF, Jun. 1944), a forma de conservação do gelo em casa:“(...) Para o conservar, põe-se entre duas camadas de pano e parte-se com um martelo. Faz-se um saco de flanela branca em forma de funil e adapta-se à boca de uma, vasilha que não seja vidrada, de modo que o saco não toque no fundo da vasilha, Metem-se, os bocados de gelo no saco, tapa-se a vasilha, e o gelo conserva-se assim (...)”, ou a conservação de limões que se “(...) conservam-se numa vasilha cheia de água, que se renova de dois em dois dias. Metem-se em serradura, tendo o cuidado de não os deixar tocar uns nos outros. (ONF, Jul. 1944), a única referência a uma marca de dentífrico – a *Clipper* – (ONF, Jun.1944), o uso de jornais velhos para substituir por carvão “(...) põem-se de molho, amassam-se com serradura, e .fazem-se pequenas bolas que se deixam secar. Misturadas com o carvão substituem-no em parte (...) ou a recomendação de como retirar as manchas de suor da roupa “(...)com álcool, enquanto húmidas. Se se deixam secar, é mais difícil...Se forem. Muito,, antigas,, só sairão com ácido oxálico dissolvido em bastante água (...)” (ONF, Jun. 1944) mostram-nos como era bem diverso do nosso quotidiano daquelas senhoras.

A falta de electrodomésticos no quotidiano será uma realidade durante muitos anos.

Interessante é a única referência a uma máquina de lavar já existente em Inglaterra. O texto do anúncio e a imagem que o acompanha são como segue: “(...)acaba de sair a sorte grande às donas de casa inglesas: q lavandaria automática «Bendix» é um pequeno aparelho doméstico tão maravilhoso, quê resolve de modo ideal o problema da lavagem da roupa. Não é preciso mais do que deitar-lhe dentro a roupa e um pouco de pó de sabão, fechá-lo e ligá-lo à corrente eléctrica. Automaticamente, «Bendix» enche-se de água, lava a roupa,, passa-a por móis duas águas limpas, seca-a até ficar ligeiramente húmida, despeja as águas, e limpa-se! Isto tudo sem deitar fora uma gota de água, pois só começa a funcionar depois de fechado; pelo que pode colocar-se até sobre uma alcatifa, e a dona de casa manobrá-lo com o seu melhor vestido, como mostra gravura que publicamos. Felizes senhoras inglesas! /scanner/ (ONF, Abr. 1946). Como se vê, pouco mais de sessenta anos depois destas linhas, nem os produtos nem as situações nela referidas são sequer comparáveis.

Em *Os Nossos Filhos*, como em *Portugal Feminino* e outras publicações da época é frequente, apenas nos primeiros anos, o noticiário de nascimentos, aniversários, óbitos e casamentos. Naquele primeiro caso está o anúncio de que “(...) em Condeixa, teve o seu bom sucesso, no passado mês de Maio, a nossa prezada assinante, Senhora D. Elsa Sotto-Mayor Matoso (...)” (ONF, Jul. 1942) ou, no mesmo número, a indicação de que, no mês anterior o neto de Maria Lamas fizera 12 anos: “(...)12 de Junho fez anos o nosso amiguinho João Manuel Ribeiro da Fonseca Calisto (...)”.

Para ocupar as férias são muito mencionadas as idas para a praia, para Sintra (Augusto Oliveira e Sousa. ONF, Nov. 1943).

O problema das famílias numerosas, que hoje ainda se fazem ouvir, era colocado na revista pela Deputada Maria Leonor Correia Botelho que, na Assembleia Nacional, quando ali faz uma intervenção sobre o problema da habitação, refere: “(...)Quem pode negar que as famílias numerosas que, por qualquer circunstância, não estão votadas a casas de renda limitada não estão votadas a casas insalubres, às criminosas rendas altas, ou... Ao casebre ou barraca de latas?... (...) (ONF, Jan. 1954).

As senhoras eram chamadas a não caírem no desmazelo “(...)que se esquece de restituir o que pede emprestado aos vizinhos (livros, ovos, fogareiro, escadote...) (...)” ao descuido “(...)que deixa portas das "marquises" e gaiutas toda a noite a baterem com grave prejuízo de sossego de vizinhança(...)” e ao “falso asseio (...) todo esmero das portas para dentro mas incapaz de mandar limpar as sujidades que deixou às portas dos outros leite, vinho ou azeite entornado, folhas de hortaliça caídas do cabaz das compras,

papéis de rebuçados ou cigarros, porcarias dos animais...)(...)” (ONF, Fev. 1954).

Os gestos de caridade, como vimos no capítulo deste trabalho em que apreciamos as questões de assistência, são mencionados com indicação dos nomes dos benfeitores e até, por vezes, do tipo e quantidade de dádivas ofertadas como quando se agradece a Maria da Piedade Coutinho Marques e a Nazaré Sacramento Monteiro, ambas de Lisboa(...)” (ONF, Dez. 1944) entre muitas e muitas outras cujos nomes encontramos ao longo das páginas da revista. O caso que mais ocupou as páginas da revista foi o de Joaquim Alberto Anjos, assim como a *Grande e Linda Roda de Os Nossos Filhos*, como referimos.

Esta realidade não diferia muito da cidade para o campo. De Monchique, também a descrição do quotidiano que ali se vive, feito pelo farmacêutico local, António Leal, é assustadoramente desolador: “(...) Venho informar que na minha terra esta tudo por fazer. O que há é muita miséria: por essas ruas bandos de crianças esfarrapadas, famintas, esgravatando nas ruas detritos de comida. É ...ingerindo copos de vinho ruas pronunciando as piores infâmias e praticando actos que brigam com os princípios Assim- Segue-se a descrição sumaríssima da cena que mesmo assim não podemos transcrever. Com as mulheres é outra tragédia. Não há assistência à grávida. Muitas conheço eu que no ultimo período da gravidez andam pelas ruas carregando ao quadril cântaros com água, quando a criança nasce não têm leite, não têm roupas. Para que os filhos fiquem sossegadinhos em casa, dão-lhes aguardente, embebedam-nos,. Mais crescidinhos, com meses apenas, dão-lhes barrigadas de sopas, feijão, batatas, e elos, dias depois, aparecem nas consultas com os filhos atacados de doença provocada por esta alimentação defeituosa imprópria. Crianças em idade escolar não frequentam q escola porque as famílias não têm condi:5es para lá as mandar. Outros em nada se preocupam com os filhos, mandando-os para a rua q pedinchar,, e, quantos, ,05, ensinam a praticar furtos. Há uns poucos de anos que se não fazem vacinas e, quer-me parecer, que ela é obrigatória, Junto das escolas não, há uma cantina, onde se forneça uma refeição aos mais infelizes (...)” (António Leal ONF, Fev. 1946) (ONF, Fev. 1946).

Exemplo também de normas de conduta hoje completamente esquecidas pela maioria das pessoas são rigorosamente ensinadas na revista. A título de exemplo do que acabamos de afirmar vejam-se os conselhos dados sobre a educação a ministrar aos mais pequenos a quem se aconselhava que se ensinasse “(...) a cumprimentar as pessoas crescidas .antes que a cumprimentem (...) a não se intrometerem nas conversas a que

assistem desde que não sejam convidadas a tomar parte(...) a levantarem-se, quando chega uma senhora ou pessoa de idade(...) ou a não dizerem «segredos» a propósito de tudo e de nada (...)” ou a “(...) ser gentis para com as crianças que acompanham as visitas, ainda que elas sejam pouco simpáticas... (ONF, Jul. 1945).

O quotidiano de Lisboa é pontuado por uma série de crianças de rua, trabalhadoras para quem o “(...) "Vendedores de jornais Futebol Clube" que já dirige e instalou o 6º Abrigo da Casa dos Rapazes da Cidade vai abrir na sua sede um abrigo para os Rapazes da Cidade, para os garotos de rua, com menos de 7 anos. Abrigo receberá crianças cujas provem ter ocupações profissionais que as impeçam de cuidar dos seus evitando deste modo que fiquem sujeitos ao perigo da rua (...)” (ONF, Set. 1945).

A mendicância é outro dos flagelos muito referenciados.. A ele se refere Maria Lúcia Vassalo Namorado dizendo que “(...)um dos espectáculos que mais surpreende e magoam os estrangeiros que nos visitam é o das crianças pedindo esmola. Não há dúvida de que o nosso exército de crianças mendigas é uma chaga nacional verberada por quantos nos visitam e por todos os portugueses esclarecidos.(ONF, Jul. 1946).

Novamente se lhe refere a directora da revista em Setembro do ano seguinte para indicar como à porta do mercado de Campo de Ourique, onde vivia, se viam constantemente “(...) pedintes exibindo suas desgraças(...)” (Set. 1947).

Ensinam-se as mães a fazer as sopas e papas para as crianças como a “(...)papa de bolacha e sopa creme(...)” cuja receita, entre muitas outras, é apresentada por Maria Palmira Tito de Morais (ONF, Mar. 1945) que hoje poucas mães sabem fazer/fazem uma vez que a indústria farmacêutica não tem deixado de inovar, nesse campo.

Muitos outros exemplos que nos dão informações sobre o quotidiano das mulheres leitoras de *Os Nossos Filhos* podem ser apontados. Não deixamos de referir o anúncio em que se vende um vestido de 1ª comunhão e se indica que tinha “(...)sido usado apenas uma vez, por menina saudável. Pode ver-se na Redacção de «Os Nossos Filhos(...) (ONF, Maio 1947), ou a cansa que era fazer uma viagem com crianças em comboio (Adriana Rodrigues. ONF, Nov. 1946) o que leva Maria Lúcia Vassalo Namorado a imaginar como seria bom, e propõe, que existisse um compartimento onde as mães pudessem tratar dos seus bebés sem dificuldades. Outra sugestão da directora de *Os Nossos Filhos* foi a de que “(...)seria bom que Carris mandasse por nos lugares dos carros eléctricos(...)um letreiro, plagiado do estrangeiro: lugares por prioridade, aos aleijados, às pessoas idosas, às mulheres grávidas ou acompanhadas de crianças»(...)” (ONF, Mar. 1948).

O tipo de livros recomendados nada tinha a ver com o que hoje se lê e até do ponto de vista da puericultura se condenava algo que hoje também já não se usa – os calções de borracha por fora das fraldas de pano (ONF, Dez. 1947).

Também às mães que trabalhavam ainda se ensina a fazer a barrela com cinza (Adriana Rodrigues, ONF, Fev. 1948) e há um constante apelo às mães para que façam as roupas dos filhos (como de facto fazem pois solicitam os mais variados promenores), na questão:“(...) mãezinha, quer ser a modista dos seus filhos?(...)” assim como os bonecos em pano para elas(eles) e para oferecerem no Natal (ONF, Ago. 1944 a 1961).

Este quotidiano não era fácil, tendo em conta que por exemplo, um número da revista custava 5\$00 mas um rolo de papel higiénico Edet, custava 5\$50 (ONF, Jul. 1951) e só é anunciado a partir dos anos 50. Também os anúncios aos *Caldos Maggi* surgem, pela primeira vez, na revista de Setembro de 1951, há conselhos como se debruam e remendam cobertores (Adriana Rodrigues, ONF, Maio 1952), sugere-se que as mães ensinem as crianças a ter “(...)sempre frasquinho ou tigelinha com água na mesa de estudo dos pequenos para lavar aparos logo terminem escrever(...)com flanela e trapos velhos(...)eles mudarão água...gostam destas obrigações habitue mais velhinhos a consertar briqueados dos mais novos(...)” (Adriana Rodrigues. ONF, Mar. 1952), crianças que morrem por causa de andarem descalças (ONF, Abr. 1953), o 1º anúncio a um aspirador é feito em Dez. de 1955 e a uma máquina de lavar roupa, vertical, em Jun. 1955. Também o primeiro anúncio a uma máquina de barbear *Philishave* é de Abril de 1958 e há apenas um único anúncio a um “(...)Formidável cocktail para crianças – o ALASKA ESPECIAL- Baste deitar duas grandes colheres de leite condensado Açucarado Nestlé na bebida favorita dos crianças (groselha, laranjada ou outras bebidas à base de frutas) para obter (...)” (ONF, Ago. 1958).

Finalmente há um anúncio a uma marca de biberão, pela primeira vez, em Outubro de 1958, referindo que “(...)EVENFLO(...) RESISTENTE À ESTERILIZAÇÃO RESISTENTE AO CHOQUE EQUIPADO COM TETINA DE DUPLA VÁLVULA ESTUDADA CIENTIFICAMENTE DE MODO A EVITAR AS CÓLICAS DO BEBÉ BAIXO PREÇO REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: ESTABELECIMENTOS BARRAL RUA ÁUREA 124-128 LISBOA(...)” .

A leitura da correspondência do *Espólio* dá-nos, se bem que não tenha sido aqui analisada, muitos mais dados sobre este campo onde a revista *Os Nossos Filhos* pretendia intervir, melhorando também a vida das mães e das crianças.

Religião na revista *Os Nossos Filhos*

Ao estabelecer o contexto de *Os Nossos Filhos*, abordamos a questão da religião, ou melhor, do catolicismo porque, embora ele seja marginal na revista²⁰⁷, não deixa contudo de ali se entrever alguma influência, sobretudo em artigos de algumas(uns) colaboradoras(es), como veremos. Tal como defende Braga da Cruz, é importante perceber, nem que seja de forma muito sumária, “(...) como actuaram as elites católicas nos primórdios²⁰⁸ do Estado Novo (...)”(1992. p. 547).

Se, de início, logo após o 28 de Maio de 1926 se criou uma ditadura de compromisso do ponto de vista ideológico, (...) /é certo que/ o regime que dela saiu /foi/ um regime de orientação ideológica predominantemente católica(...)”. É por este motivo fundamental perceber como essas relações se foram crismando, sobretudo devido a três problemas: o da “(...) forma como se resolveu a questão religiosa, (...) como se enfrentou o problema social, (...) e ainda como se tratou a relação política da autoridade com a liberdade (...)”(Cruz, 1992. p. 547).

Com a dissolução do *Centro Católico* em 1930, aquando da criação da *União Nacional* e a passagem de alguns dos seus dirigentes para esta formação política²⁰⁹ e com o lançamento da *Acção Católica* em 1933, alguns católicos ficaram descontentes tendo criado o grupo *Era Nova* “(...)reunido em torno do P. Alves Correia, e do *Grupo de Estudos Sociais do Porto* (...) que reunia um pequeno número de intelectuais⁹ que se diziam cristãos e populistas (...)” (Cruz, 1992. p. 550). Aquele *Grupo* tinha publicado, em 1929 um “(...)número único de *O Grito do Povo* -órgão dos democrata-cristãos portuenses-, comemorativo do aniversário da *Rerum Novarum*, para se apresentarem a si e às suas ideias: «somos operários e cristãos» — diziam — e «vimos a público expor e

²⁰⁷ No *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* encontramos um documento pontifício: a encíclica *Pacem in Terris* que corresponde ao n.º 116 da base bibliográfica por nós organizada: IGREJA CATÓLICA...Papa. (João XXIII) (1963) – *Pacem in Terris: Carta Encíclica de Sua Santidade João XXIII*. Lisboa: União Gráfica. 64 p. (Dado em Roma, junto de S. Pedro, na Solenidade da Ceia de Nosso Senhor, aos 11 de Abril do ano de 1963, quinto do Nosso Pontificado. JOÃO XXIII PAPA).

²⁰⁸ Para esclarecimento sobre o que o autor entende por “elites católicas” e por “primórdios do Estado Novo” vejam-se explicações por ele dadas na p. 547 e seguintes do texto que analisamos.

²⁰⁹ Alguns dirigentes do *Centro Católico* como “(...) Diogo Pacheco de Amorim, Pinheiro Torres, José Maria Braga da Cruz, Joaquim Diniz da Fonseca, Juvenal de Araújo, Mário de Figueiredo, António Sousa Gomes e o cônego Correia Pinto viriam a ser deputados, pela *União Nacional*, na 1ª Legislatura da Assembleia Nacional (...)” (Cruz, 1992. p. 549).

⁹ Luís Torreção, Ernesto de Lima Amaro, Jaime de Magalhães Lima, Rodolfo Knapic, Gomes Teixeira e Manuel Ribeiro. O P.e Alves Correia recusou o convite do grupo para dirigir o jornal, mas a sua administração tinha sede na Rua de Santo Amaro n.º 51, 2.º, onde ele residia, na *Procuradoria das Missões dos Padres do Espírito Santo* (...)”(Cruz, 1992. p. 550).

defender os princípios da Democracia Cristã, comemorando assim o 15 de Maio de 1891, data da publicação dessa *Encíclica*» (...)” (Cruz, 1992. p. 551).

Em termos político-ideológicos estas elites opuseram-se ao “(...)nacional-sindicalismo, no plano interno, e ao fascismo e ao nazismo, no plano externo (...)” (Cruz, 1992. p. 552).

Dentro do grupo a que Braga da Cruz designa por “(...)católicos oficiais(...)” que “(...) apoiavam «nacionalismo moderado» do projecto constitucional e o estabelecimento que nele se fazia dos limites à autoridade do Estado (...)” estavam Serras e Silva e o Pe. Alves Correia para quem “(...)«nem o nosso imperialismo nem o moderado nacionalismo português eram do género materialista e arrogante(...)” (Cruz, 1992. p. 558). Como veremos, a participação deste apoiante de Salazar²¹⁰, Serras e Silva, na revista (Cf. Biografia em Nóvoa, dir. 2004), é um facto uma vez que nela colabora entre Abril de 1945 e Setembro de 1958 com artigos sobretudo na área da educação moral e do carácter, sendo que o *Editorial*²¹¹ de Junho de 1948 – *Um ano mais-* lhe é atribuído, como vimos. Existem ainda cartas deste colaborador no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* (Caixas 42. Maço 2 e Caixa 47. Maço 3). Da sua leitura sabemos que terá sido convidado para colaborador apenas em 1944 uma vez que nessa data diz: “(...) em resposta carta de (...) agradecer lembrança do meu nome para colaborador do seu jornal e dizer que talvez seja possível dar de tempo a tempo um artigo(...) mas gostava de ver primeiro um número do jornal para ser assinante(...)”(Carta de 15 de Nov. de 1944. Caixa 42. Maço 2).

O Estado Novo, do ponto de vista institucional, adoptara muitos dos princípios católicos como foi o do “(...) corporativismo associativo, misto e parcial(...)e prometera pautar a sua política social pelos objectivos de justiça social. Abrira novas perspectivas à missionação ultramarina e acabara por dar à educação uma orientação cristã (...)” (Cruz, 1992. p. 560).

Numa primeira fase, o Pe Abel Varzim apoiara estas orientações e definira em 1941, como vimos, um conjunto de prioridades para a *Acção Católica* no sentido da “(...)cristianização do corporativismo(...)” (Cruz, 1992. p.561) e continuará a fazê-lo durante alguns anos, até 1948 data em que o jornal é encerrado. Os católicos sociais vão

²¹⁰ Cf. *Novidades* de 3 de Março de 1933.

²¹¹ Nele o articulista aproveita para fazer um balanço de mais um ano da publicação, tecendo os maiores elogios porque a revista é única no panorama nacional. Chama também a atenção para os programas radiofónicos que a directora da revista fizera no Rádio Clube Português em 1945 (ONF, Jun. 1948).

intervir sempre com o objectivo de resolverem os problemas sociais numa perspectiva cristã: seja o desemprego, seja a protecção dos trabalhadores contra as prepotências patronais, seja até o “(...) elogio das medidas governativas em prol de maior justiça social (...)” (Cruz, 1992. p.563) e paulatinamente vão-se desviando do apoio inicial dado ao Estado Novo. Esse afastamento vai-se acentuar depois de 1940 sobretudo depois da realização da 1ª *Semana Social Católica*, promovida, nesse ano, pela *Acção Católica* e aumenta depois do fim da Guerra. Aquando da formação do *Movimento de Unidade Democrática* – MUD alguns dirigentes católicos como Francisco Veloso e o Pe. Joaquim Alves Correia vão dar também o seu apoio ao dito movimento. Este último, na sequência dessa adesão vai ser “(...) afastado do país em 1946, vindo a morrer praticamente exilado nos Estados Unidos em 1951 (...)” (Cruz, 1992. p.565).

Do ponto de vista das relações entre educação e religião, que é sobretudo aquele que aqui nos interessa mais, os católicos queixavam-se da expulsão da religião das escolas e “(...) apesar de a ditadura haver já permitido o ensino religioso nas escolas particulares, a partir da publicação desse mesmo decreto de 1926, contudo, continuava de pé a proibição do ensino da religião nas escolas oficiais (...). Os católicos tinham, por isso, o direito e o dever de lutar pela alteração desse estado de coisas, devendo evitar que os seus filhos frequentassem tais escolas laicas(...)” (Cruz, 1992. p. 565).

Outro tema que movimentava as reivindicações dos católicos era o do divórcio que veio a ser regulado só pela *Concordata* em 1940 e que leva à redacção dos artigos que já vimos de Elina Guimarães.

Em 1931 fora revisto o *Estatuto do Ensino Particular* e o ministro Cordeiro Ramos conseguira fazer a subordinação do “(...) ensino particular ao ensino oficial, considerando os alunos do particular como «alunos externos» do ensino oficial, com a obrigação de validarem no oficial as suas habilitações e de nele se matricularem. Por outro lado, requeria aos professores do particular diplomas passados pela Inspeção-Geral e exigia licenciaturas em Letras ou Ciências para os do ensino liceal. /Porém/ Tais exigências continuavam a lesar especialmente os colégios católicos, onde muitos dos professores, eclesiásticos ou religiosos, não possuíam outros diplomas senão os passados pelas instituições de formação eclesiástica, não oficialmente reconhecidos (...)” (Cruz, 1992. p. 568).

Se no projecto de Constituição de 1933 “(...)no seu artigo 43.º se dizia que «o ensino ministrado pelo Estado é independente de qualquer culto religioso, não o devendo, porém, hostilizar» (§ 3.º) (...)” depois de diversas pressões, na ratificação constitucional

de 1935 o «ensino ministrado pelo Estado» passava a orientar-se «pelos princípios da doutrina e moral cristãs, tradicionais do País» como consta da Lei n.º 1910, de 13 de Maio de 1935 (Cruz, 1992. p. 568).

Depois desta breve contextualização da revista, sob o ponto de vista do que se entendia a nível oficial, pela importância da religião, vejamos como ela (não) está presente em *Os Nossos Filhos*.

A revista tem um conjunto de colaboradoras(es) que se sabe são profundamente católicas(os), como é o caso de Maria Henriques Osswald, Emília de Sousa Costa ou de Adriana Rodrigues a par de outras(os) que sabemos serem menos fiéis a princípios religiosos, como é o caso da própria directora da revista.

Foi importante analisar *Os Nossos Filhos* sob esta categoria porque, se não há qualquer diferença entre o que nela se defende para a educação feminina – para ser boa dona de casa e boa mãe – e o que são os conselhos dados pela *Acção Católica* às suas dirigentes (1938), é na leitura de outras obras²¹² que encontramos sempre estes pontos de convergência mas a distância entre esses textos e os da revista é enorme uma vez que, aqui, a religião é *sempre* secundária. A caridade nada tem a ver com o conceito católico mas é vista sobretudo como filantropia e solidariedade.

O *Editorial* de Outubro de 1942, da autoria daquela primeira colaboradora, tem uma comparação específica entre a mãe que guia as suas crianças e o *Bom Pastor* como guia das suas ovelhas (ONF, Out. 1942) aconselhando-se às “(...)Mães/ mulheres a quem Deus confiou novas vidas, velai, velai sempre(...) Pelo bater do coração das mães se mede o bom andamento de toda uma família, de todo um povo. Bate firme, forte, cobre todos os outros ruídos... Pulsa crente(...)”(Osswald, Out. 1942).

As ideias dos artigos de Maria Lúcia Vassalo Namorado não têm tanto um carácter religioso mas são mais de carácter de valores universais como a fraternidade, a solidariedade, a bondade, a responsabilidade cívica, a injustiça ou a maldade do que propriamente eivados de sentimento e significado profundo religioso. Também usa

²¹² CF. entre outras: ACÇÃO CATÓLICA PORTUGUESA (1938)- *A Família: estudo doutrinário: 1938-39*. Braga: Liga da Acção Católica Feminina. 218 p.

ACP /Associação Católica Portuguesa/: Comissão de Leituras (1955-56) – *Literatura Infantil: crítica de livros e jornais*. Lisboa: Comissão de Leituras da ACP. Nº 2. /28 fichas de apreciação de livros, revistas.../

ALMEIDA, Maria Joana Emiliano de (1963)- *A Mocidade Portuguesa feminina e o ideário da rapariga portuguesa*. Lisboa: s.n. (Palestra proferida nos Encontros de Dirigentes da MPF realizados em 24/2, 15/4 e 5/5 de 1963, respectivamente em Beja, Fátima e Braga). 21 p.

algumas expressões ou até mesmo atitudes desta área confessional apenas para se referir a épocas festivas do ano como o Natal ou Páscoa, mas sobretudo identificando-as como festas da família, mais ao sabor republicano do que ao padrão moral e religioso católico. É ela que diz, logo no número publicado aquando do primeiro Natal da revista, que é necessário dar alegria aos doentes, enviando postais e livros aos hospitais pois que: “(...) Vem cá o Natal, com toda a sua poesia terna e luminosa, tão grande que abrange mesmo aqueles que não conhecem a graça da Fé(...)Boa ocasião para meditarmos e (...)tornarmos sérias e firmes resoluções(...)”(ONF, Nov. 1942), em que apela sobretudo a um “exame de consciência” mais de solidariedade do que de piedade por quem sofre ou é pobre. Quando, no número seguinte, constata que o apelo que fizera no n.º 6 não fora suficientemente ouvido por quem devia, embora faça apelo à consciência de quem não saber dar, mais do recriminar a falta de caridade cristã apenas se referirá à “(...)indiferença dos outros, que nos fere como injustiça e maldade. Mas somos nós melhores para eles?(...)” (ONF, Dez. 1942). O apelo à caridade para com os mais necessitados é feito, quase em discurso directo, às crianças: “(...)Sejam amigos dos pobres e infelizes(...)quase no Natal. Toda a gente vos fala no Menino Jesus. Ele ensinou à gente que todos somos irmãos. Peçam às vossas mãezinhas que vos expliquem tudo o que isto quer dizer, e sejam bons irmãos dos meninos pobres(...)”(ONF, Dez. 1942). Na revista são sugeridas algumas actividades que se prendem com o Natal, por ex. a utilização deovelos de lã a serem colocados na árvore de Natal como prendas mas já depois de passada a época festiva adequada (Virgínia Lopes de Mendonça, ONF, Jan. 1943).

Para se atingir o fim que é o gosto pela dádiva, sugere-se a realização de teatro moralizante sobre o Natal (Gersão, ONF, Jan. 1943) e as actividades promovidas visam sobretudo as crianças, razão pela qual as propostas lhes são dirigidas, como já referimos, em discurso directo: “(...)Natal! Mais uma vez há guerra no mundo! Guerra sem piedade, os homens são tão maus, esqueceram mais uma vez as lições do doce Rabi que nos ensina o amor do próximo...não das para dar, ofereça um sorriso, uma palavra meiga ou uma boa acção, que encherá da mesma alegria e orgulho os vossos paizinhos..(...)” (Bustorff, Jan. 1943).

O comentário de Julieta Ferrão à ilustração *Adoração dos Reis Magos*, reproduzida na revista, além de ser feito no mês a seguir ao Natal, chama a atenção para “(...)esta quadra festiva em que se acaba de comemorar a Natividade, é a «criança» o fulcro de todo o preito. Eternamente, hoje, como ontem e como sempre, é o «menino», o «bebé»,

o senhor que absorve toda a atenção(...) (Ferrão, ONF, Jan. 1943).

Neste mesmo número, o artigo de Branca Rumina faz também uma alusão à imagem que se tem de “(...)Mãe e Filho, desde a Virgem e Jesus até ao banal e sempre enternecedor grupo de qualquer Mãe e Filho, são a todo o momento olhados com interesse e muito especialmente na época do Natal(...) mas apenas para, a partir daí apresentar uma série de reflexões sobre os cuidados a ter no desmame da criança(...)” (Rumina, ONF, Jan. 1943)

Quanto às possíveis relações entre concepções laicas e religiosas de educação, não há dúvida de que se defende na revista uma concepção laica da educação. Isto não quer dizer, como muitas vezes vai fazer Maria Lúcia Vassalo Namorado, que não tenha na revista inúmeros artigos de pessoas que, católicas(os) convictas(os), assim aproveitem as páginas de que dispõem para dar parecer sobre o que deve ser a educação, mas ainda assim mais numa perspectiva moral do que propriamente sobre quais devem ser os conteúdos religiosos possíveis de uma educação desse tipo. José Francisco Rodrigues, um dos autores que em *Os Nossos Filhos* redige alguns artigos mais de reflexão teórica sobre o que deve ser a educação, seus fins, princípios orientadores defende, citando o Papa Clemente XIV que, em matéria de educação, “(...)“(...)Os direitos da família são anteriores aos do Estado e que o papel da escola é coadjuvar a família e só deverá(...)substituí-la no caso da incapacidade desta para o desempenho das suas funções educativas(...)”. /Por tal razão/ o primeiro dever dos pais é conhecer seus filhos(...), /ou seja,/ saber-se debruçar sobre a sua alma, captar-lhes todas as manifestações(...)...saber adivinhar suas necessidades físicas e espirituais, surpreender a evolução dos seus interesses, para os satisfazer e o aparecimento das suas tendências para os desenvolver ou corrigir(...)agir em conformidade(...)”(Rodrigues, ONF, Maio 1943).

A mesma atitude de correcção do ponto de vista moral é defendida ao transcrever dois contos de António Botto, *As três peneiras* (sobre a verdade, benevolência e vaidade) e *Consciência*, da obra *O Livro das crianças* que fora “(...)aprovado oficialmente nas escolas da Irlanda, e aprovado em Portugal por Sua Eminência o sr. Cardeal D. Manuel Gonçalves Cerejeira(...)”(Botto, Set. 1943), como sendo adequados às crianças, em que se chama a atenção das Mães para a importância do desenvolvimento nas crianças daquelas “qualidades” como princípios de educação cívica e não como parte de um conjunto de princípios religiosos como tal identificados.

Ainda neste aspecto há que fazer uma chamada de atenção para algumas das

referências a certas ordens e instituições religiosas ao longo de *Os Nossos Filhos*. Estão neste caso o “(...) *Instituto das Missionárias do Espírito Santo*, congregação de espírito arejado²¹³ e activo, com uma só categoria de Irmãs: todas devem estar prontas a assumir as funções que lhe forem atribuídas(...)” (ONF, Jan. 1954).

São algumas as instituições religiosas abordadas em *Os Nossos Filhos* mas apenas porque estão de algum modo ligadas a obras de assistência. Nesse grupo incluem-se:

Quadro n.º12.: Instituições religiosas em *Os Nossos Filhos*:

Instituição	Caracterização	Fonte
<i>Instituto das Missionárias do Espírito Santo</i>	<p>/ligação estabelecida através da Irmã Isabel/ do Dispensário de Alcântara, onde trabalha(...)a quem mandamos todos os exemplares da nossa revista(...)e afirma-nos que tais exemplares são muito úteis nas Missões, porque ajudam as Irmãs na <u>sua obra educativa</u>(...)</p> <p>Em 1919, a Santa Sé encarregou Mons. Le Roy, Arcebispo de Caria e Superior Geral dos Padres do Espírito Santo, de reorganizar as missões católicas da Costa, dos Camarões...verificou quanta falta fazia uma congregação feminina especialmente dedicada à evangelização e ensino da Raça Negra. Ao mesmo tempo surgiu um grupo de raparigas francesas, das mais diversas proveniências, dispostas a dedicarem-se exclusivamente ao apostolado das Missões(...) pouco depois criou-se o Instituto(...)O fim principal da Congregação é evangelizar e instruir os infieis da raça negra(...) na Metrópole, o Instituto só tem casas de formação missionária, religiosa, ou técnica, de recrutamento e de repouso. Nas missões, a actividade é dedicação das Irmãs expande-se e reparte-se por todos os serviços que contribuam para a constituição da família cristã: escolas para crianças; obras de educação, ensino e formação, para mulheres e raparigas; casas de Trabalho, dispensários, hospitais, leprosasias(...) indígenas para procura de doentes e baptismo de moribundos(...) em França são conhecidas por «enfermeiras coloniais» seguem cursos de enfermeiras, de assistentes sociais, de médicas, etc., afim de obterem os. Diplomas oficiais, se ainda os não tiverem. As primeiras missionárias do Espírito Santo (...)embarcaram para as Missões dos Camarões em 1924. Em Portugal (...) a Casa do Noviciado é em Braga, e a Casa Principal em Lisboa, anexa ao Dispensário de Alcântara, tornado escola técnica das enfermeiras missionárias...No Dispensário de Alcântara, sob a orientação do seu Director e dos médicos especialistas, as Irmãs trabalham em pediatria, puericultura, pré- natalidade, raios x, e estomatologia(...) com acção religiosa social em todo o bairro e para além do bairro, de Alcântara, (...) e auxílios aos moradores dos pátios, das barracas, das furnas, que desgraçadamente ainda pululam na cidade e sua periferia...Em 1946 saíram para o nosso ultramar as primeiras Missionárias portuguesas do E. Santo(...)criada uma Missão em Santa Catarina (Cabo Verde) com Dispensário e Escola de Costura; e outra no Cuíma (Angola) com Dispensário e a Escola de Magistério Rudimentar Teófilo Duarte, cujo fim principal é formar catequistas, professoras e enfermeiras indígenas...Aqui está, a irmã Eugenie Haramboure, é a Madre Superiora(...)/scanner/</p>	Jan. 1954
	<i>Irmãs Missionárias do Espírito Santo</i> residentes em Lisboa precisam de um	11-

²¹³ Sublinhado nosso

	<p>automóvel e confiam nos nosso leitores:(imagens delas em África, ensinando mulheres a sewrem boas mães de família e donas de casa- uma ffreira com duas mulheres cada uma face a uma máquina de costura- tb trabalham no Dispensário da Assistência nacional aos Tuberculosos em Alcântara e cuidam dos doientes e criancinhas africanas...)Não é a primeira vez que nos referimos, com simpatia e admiração, a estas Irmãs. Alegres, simpáticas, activas, úteis, as Irmãs Missionárias do Espírito Santo, embora de formação recente em Portugal, contam já com uma Obra importante,de assistência a enfermos e dê educação da mulher para o Lar.Mantém hospitais em Nova Lisboa, S4 da Bandeira e Silva Porto, sendo o mais importante o, primeiro, com SOO amas para europeus e africanos; duas missões em Cabo Verde, uma na cidade da Praia e outra em Santa Catarina. De Sá da Bandeira pedem a criação de du« Missões no Interior e> como se calcula, é toda uma obra gigantesca, de assistência e ensino, que há a fazer junto das nossas mulheres e crianças africanas.A Casa do Noviciado está instalada em Braga, desde 1945, numa pequena casa alugada que possui muitas deficiências e, sobretudo, se tornou muito acanhada. Há o oferecimento do terreno para a construção de uma. Nova Casa, mas, onde está p dinheiro para a construir? Por outro lado, as vocações não faltam; /-nn+rth famílias das noviças não podem, contribuir para a sua formação, e nestes casos, em que a noviça possui uma pequena preparação intelectual, que em geral se resume à 3ª ou 4.ª classe formação de uma Irmã Missionária obriga a 7 anos dê estudos, visto que terá de ficar apta a ser professora, ou enfermeira, ou mestra de trabalhos domésticos e labores femininos. Compreende-se, portanto, com quantas dificuldades se mantém a Casa do Noviciado. Ol^{ma} justamentepara ajudara manter o Noviciado algumas Irmãs trabalhando em Lisboa, no Dispensário ida Assistência Nacional aos Tuberculosos. Além de ajudarem P Noviciado com o produto do seu trabalho no Dispensário, estas Irmãs fazem obra social na freguesia de Alcântara, recebem as noviças nue precisam de estudar em Lisboa, e as Irmãs que chegam do Ultramar ou para lá. ...precisavam de um automóvel usado...para recolher géneros que pessoas dão e para ir a casa prestar cuidados aos doentes que não têm dinheiro para se deslocar ao Centro em Alcântara</p>	1958
--	--	------

Uma das instituições de assistência que Maria Lúcia Vassalo Namorado admirava era a *Casa do Gaiato* (ONF, Maio 1944) e ainda quando vivia na “província” ela conhecera o Padre Américo.

Um dos colégios de assistência referidos em *Os Nossos Filhos* é o *Colégio e Orfanato*

de Nossa Senhora da Saúde, instalado no antigo *Recolhimento de Nossa Senhora da Saúde*, que recolhe catorze raparigas, “(...) o que não é muito para as necessidades do concelho mas é muitíssimo para as posses da casa (...)” (Vina de Matos. ONF, Abr. 1945), tendo na presidência da direcção Inácia Festas e como directora a irmã Laura de Maria Imaculada. A visita fora guiada pela irmã Maria Augusta das Dores, estando as de “(...) idade escolar atentas à lição, as crescidinhas prestando serviços, e as miuditas... brincando(...)”.

No campo da assistência referem-se ainda outras instituições religiosas como os *Irmãos Hospitaleiros de S. João de Deus* que, em 1944, pretendiam instalar “(...)uma *Casa de Saúde para Crianças Pobres* na terra da naturalidade de S. João de Deus, fundador da sua Ordem(...)” (ONF, Jul. 1944) ou seja, em Montemor-o-Novo.

Na área da assistência religiosa há o elogio de uma iniciativa que começara em 1952. Nessa data tinha começado uma obra de assistência, de apoio às mulheres que saíam dos hospitais, o do Rego em Lisboa, sem ter para onde ir convalescer, uma vez que ainda não estariam de todo recuperadas da doença que as afectara, neste caso a tuberculose. Esta obra realizada por “(...) senhoras Vicentinas e por um padre franciscano(...)” (LCT, ONF, Dez. 1954), partira do aluguer de “(...) um quarto que recebeu duas primeiras doentes sem família nem lar...cl clinicamente curadas mas não fortes para enfrentar vida (...)”. Em Dezembro de 1954 a obra contava já “(...) com 31 convalescentes na Venda Seca (...) e uma alma generosa ofereceu em Caneças a Casa onde 13 homens confiam que a força há-de voltar(...)”. Depois de atingir o primeiro objectivo, ou seja, dar um lar para convalescer a homens e mulheres que o não tenham, pretende a obra “(...)em seguida, dar, se não têm, preparação profissional compatível com possibilidades físicas...e por fim, reentrar no lar e sociedade(...)”. O texto na revista pretende ser um apelo no sentido de pedir o apoio de “(...)todas vós, mulheres de Portugal!...Hoje já dispomos de alojamento para mais 77 homens e mais 19 mulheres mas não temos verba para os alimentar e manter...enviem roupas, agasalhos, remédios...e façam-se associadas da *Conferência de Nossa Sra. Do Amparo...Vem aí Natal! Vamos vestir os 800 tuberculosos do Hospital do Rego? (...)*”.

Outra instituição religiosa com a qual a revista mantém alguma ligação é a *Casa da Divina Providência e de Maria Auxiliadora*, responsável pelo *Centro de Assistência Social de Safara*, concelho de Moura, Alentejo. O director de tal instituição, tendo visto um anúncio sobre encomendas que a revista pode satisfazer para leitoras(es) da província, pede uma caminha para bebé. Em resposta a este pedido Maria Lúcia Vassalo

Namorado vai perguntar se preferem que a notícia saia na revista, na forma de apelo. A sugestão é aceite e o texto do anúncio é o seguinte: “(...) O menino chama-se António do Cunha Costa, nasceu em Safara a 20-III-1944 foi baptizado a 9- IV-1944, e é filho de Albertino da Costa hortelão, e de Isaura da Cunha, doméstica, falecida a 20-V-1944, ambos naturais de Várzea Cova, concelho de Fafe da Arquidiocese de Braga (...). Nós tomámos conta da criança com menos de um mês (...)” (ONF, Nov. 1944).

Sobre esta obra, da iniciativa do pároco local, é publicado ainda o texto seguinte: “(...) Ele pensou que é um crime alimentar a mendicidade, o espírito da pedinchice que gera a preguiça, a falta de amor ao trabalho que leva a tantos crimes(...) e que é necessário criar hábitos de trabalho, desenvolver o sentimento da honradez, combater os vícios desorganizadores da Família, fomentar o espírito de economia e previdência, promover a caridade, a justiça e o mútuo entendimento entre todos, como irmãos que somos (...) e fundou na sua aldeia a *Casa da Divina Providência e de Maria Auxiliadora*, propondo-se valorizar espiritual, moral e fisicamente toda a população da freguesia. A obra principiou com um posto de socorros de urgência e de enfermagem (...) destinado em especial às crianças, mas que serve toda a população necessitada, à qual fornece os instrumentos indispensáveis para o tratamento das enfermidades: termómetros, copos de ventosas, banheiras, etc. (...). / Para as mulheres que dão à luz/ preparam-lhe a cama e o mais que é necessário, não esquecendo o berço. Após o parto, a mulher é visitada diariamente pelas Irmãs (...) com a necessária assistência, até que ela possa frequentar o *Lactário* e o *Dispensário Infantil* onde a criança é observada e pesada e a mãe recebe só conselhos e ensinamentos, mas também leite se o não tem bastante para a criação do menino (...). Há uma creche para as crianças cujas mães trabalham e projecta-se um Jardim-Infantil, uma Cantina Escolar, um Recreatório para rapazes com aprendizagem de ofícios e uma Casa de Trabalho para as raparigas (...)”(ONF, Nov. 1944).

Como se concluiu pelo que destas instituições se selecciona para publicar na revista, elas são mais interessantes porque se dedicam à assistência e apoio materno em instituições de referência e não porque sejam exemplares do ponto de vista religioso. É evidente que, apesar de não ser católica praticante, Maria Lúcia Vassalo Namorado também não ignora o trabalho que, na área assistencial, havia que reconhecer, tal como o fizera a 1ª República no que diz respeito às colónias, a estas organizações religiosas. Para algumas delas, como é o caso do *Instituto das Missionárias do Espírito Santo*, nem sempre foi fácil a convivência com a hierarquia da Igreja Católica em Portugal, como se pode ver da análise que, neste trabalho, é feita das instituições de assistência.

Não podemos ignorar, contudo, que também há alguns artigos em que a componente religiosa se faz sentir: estão neste caso alguns depoimentos de entrevistas feitas na revista assim como um conjunto de artigos sobre o tema do *Parto sem dor* em que se apresenta o que, sobre esse assunto, se define como sendo o pensamento da Igreja, como já referimos.

Sobre o casamento visto á luz da religião se pronuncia Elina Guimarães que explica que se os “(...)desgostos de amor não são a melhor preparação para a vida monástica (...)” porém há dados que têm de ser tidos em conta uma vez que “(...)o problema de religião, em matéria de casamento, é extremamente grave (...) porque dele depende a concepção da vida e moral dos conjugues(...)problema pessoal em conta como cada um encara a sua religião e a alheia...sendo impossível fixar regras de conduta (...)” (ONF, Abr. 1957). Sobre este tema aborda ainda a visão que do casamento se pode ter nos “(...) livros encantadores (...)” da protestante Lucy Montgomery e mesmo “(...)Entre católicos tb religião pode ser vista de formas diversas...ex: na linda peça "Peraltas e Sécias" de Marcelino Mesquita...Presentemente, em Portugal o problema do casamento religioso não tem apenas consequências religiosas mas consequências legais da maior importância. Desde 1940. **casamentos perante a Igreja Católica são indissolúveis** (...)” (ONF, Abr. 1957).

No caso de textos que se apresentam como transcrição de conteúdo de entrevistas feitas pela revista *Os Nossos Filhos*, há alusões objectivas em algumas respostas sobre as razões que levam algumas(ns) alunas(os) entrevistadas(os) a terem feito determinadas opções. É o caso das(os) alunas(o) Isabel Maria Ortigão de Mello Sampayo, Maria Teresa Correia Calado, e Maria da Silva Veríssimo e ainda de António Manuel Ribeiro Craveirinha, que ao estarem a ser formadas(o) para professor(as) referem, cheias(os) de retórica, a vontade de “(...)Formar verdadeiros cristãos e patriotas, homens de carácter e de bem, valores que contribuam para uma sociedade melhor e mais perfeita, mais respeitadora da Lei de Deus/ ou o facto de ser / imprescindível a existência duma finalidade espiritual, capaz de sobrelevar o próprio interesse material (ONF, Abr. 1954)

Ainda sob o ponto de vista religioso não podemos deixar de referir os inúmeros anúncios que são feitos às “(...) medalhas religiosas do Escultor João da Silva²¹⁴ (...) Um presente de arte — para todos Uma delicada lembrança — para sempre, Nas

²¹⁴ Cf. *Arquivo Mário Soares* e biografia no apêndice biografia neste trabalho tem uma casa Museu na Rua Tenente Raúl Cascais, hoje propriedade da SNBA.

principais joalharias e ourivesarias(...)" (ONF, Jan. 1954). Ainda hoje se fazem, em ouro e prata como então e são vendidas nas boas joalharias uma vez que o seu tamanho e peso não as tornam tão acessíveis como se poderia supor. Os anúncios não identificam as casas onde tais medalhas eram vendidas o que nos leva a crer que quem paga a publicidade é a casa que produz as ditas medalhas. Há referência a elas desde 1944 até ao fim da existência da revista com publicação mensal. As notícias são sempre com texto sucinto, referindo algum sacramento (a primeira comunhão, por exemplo, em Abr. 1954), a qualidade de fabrico das medalhas (Jan. 1944), "(...) encontrareis nas medalhas religiosas de ouro e prata(...)o verdadeiro culto da *vossa*²¹⁵ fé(...)"(Set. 1945), ou a "(...)Flor dos nossos encantos espirituais(...)" (Nov. 1945), alguma santa de mais particular devoção como Nossa Sra. da Conceição (Dez. 1945) ou o Anjo da Guarda (Out. 1950) ou, ainda, os terços em ouro e prata (Jan. 1949) do mesmo autor. Por vezes (Maio 1944) existem mesmo dois anúncios do mesmo artigo, em páginas diversas do mesmo fascículo da revista. Este é tanto mais interessante quanto sabemos que esse escultor foi um dos assinantes das listas do MUD.

Sobre publicidade a livros religiosos há um texto específico em que se aconselha: "(...) Ofereça às Crianças da sua família *Foi que a amizade falou*. A venda na nossa Redacção. -custa 15\$00, e mais 2\$00 para despesas de correio., Não mandamos à cobrança. Devem mandar-nos esta importância em selos (...)"(ONF, Jul. 1946).

Em 1957 são publicados os primeiros anúncios à *Rádio Renascença*. Num desenho que imita um pergaminho desdobrado, tem o texto:"(...) a estação que transmite mais música estação que apresenta mais novidades musicais a estação que todos preferem a estação que os seus filhos devem ouvir.CONCESSIONÁRIO EXCLUSIVO POR-Radio Press OfficeAgência, em. Lisboa: Rua Serpa Pinto, 15,,2.º-Dtº — tele...Agenda no Porto: Praça do Município, 309-5.º, salas 4 e 5 —Telef....(...)" (ONF, Fev. 1957). Este anúncio repetirá em Abril do mesmo ano.

Há ainda referências a escolas religiosas aconselhadas. Em resposta de *Avòzinha a Filha dum sonho*, ao sugerir que ponha a filha num colégio, recomenda o "(...) *Colégio Inglês do Bom Sucesso*, também dirigido por Irmãs, e do qual tenho as melhores informações dadas por muitas famílias de alunas (...)" onde a menina poderia ser reeducada para vir a ser "(...) trabalhadora, obediente, arranjada, e bem educada(...)" (Avòzinha, ONF, 09-1946).

²¹⁵ Sublinhado nosso.

Uma outra instituição deste tipo é objecto de artigo, como referimos neste trabalho, quando analisamos as escolas seleccionadas pela revista, no Porto e dela é feita uma reportagem: “(...) ano lectivo começou(...) termos decidido continuar ronda iniciada no Verão passado...na cidade *Invicta*, animados pelo desejo de ventilarmos as nossas impressões quanto a estabelecimentos de ensino que sirvam realmente bem os homens de amanhã e a Pátria. Jamais visitáramos um colégio que não se nos afigurasse bom. Somos nós que voluntariamente o escolhemos...*Grande Colégio Universal*: lar (itálico) construtivo que tem mais de 40 anos...sempre à altura de formar Homens, Portugueses e Católicos(...) fundado pelo Pe. Manuel Correia dos Santos Brito...volvidos anos fundiu-se num outro igualmente notável: o *Grande Colégio de N^a Sra. Da Boavista*, criado por um notável pedagogo, Prof. João Diogo, que há uns anos teve homenagem póstuma...o Grande Colégio Universal perdeu seu fundador pouco tempo depois dessa união...é também *Instituto de Formação Católica para rapazes*. Três sacerdotes, seus presentes directores bem adentro da moderna pedagogia: Dr. Valente Pombo, professor de Filosofia, formado na Faculdade gregoriana de Roma, escritor, tradutor, jornalista, filósofo e...poeta...Dr. Lopes Rodrigues, professor no Seminário de Teologia, como o outro professor...e Padre António de Abreu Freire...que como Carrel, (pensa que) Igreja Católica colocou as actividades morais muito acima das intelectuais...Colégio com capela com padroeira N Sra Conceição...Internos, semi-internos e externos...Alia Ciências à religião e vice-versa...missão principal do Colégio é educar, instruir, elevar o intelecto e o espírito, não descurando jamais a religião...aproximar o homem de Deus e afastá-lo do que possa arruinar-lhe o corpo e alma...Antes de deitar...exame de consciência feito por Dr. Pombo...Vantagens da religião no ensino, ministrado inteligentemente, sem imposição, e por *conta e medida* como disse bispo de Viseu...Música e canto coral, meios de desenvolver a sensibilidade...e portanto indispensáveis na educação de rapazes e raparigas...Ensino infantil se faz com carinho de João de Deus...edifício para pré-primário, primário e admissão Liceu ou Escolas Técnicas...nesse edifício tem frase: "Brincando se aprende a trabalhar". Palavras de Monssenhor Péchenard na sala de espera: escola é somente a continuação da família...que duas forças procedam harmonicamente...escola fortificando a vontade, não deve destruir o espírito da família assim como a família não deve tornar infrutíferas, por uma ternura excessiva (em itálico), as lições austeras da escola"...Salas de aula, de estudo, laboratórios, balneários, dormitórios, refeitório, cozinha...carteiras individuais, melhoramento muito pouco em uso na nossa terra...aprovamos em absoluto pq carteiras

que ajudam a crianças, larga e naturalmente, a fortalecer a sua personalidade...Incitam a alunos visitarem determinadas áreas pobres e cotizarem-se para fundos...Prepara jovens para entrada na Universidade...fomos acompanhados por Dr. Valente Pombo...Resultados óptimos no último ano lectivo..mesmo muitas dispensas...O que pensa sobre estabelecimentos mistos..que tanto tem sido discutido?...Que se juntem mas não nos liceus na fase da puberdade...isso principalmente nos países latinos...Maior o perigo nos rapazes ou nas raparigas?...afoitámo-nos a perguntar...No sector feminino..parecer do Dr. Pombo não foi ao encontro do nosso...Perguntou a nossa opinião quanto ao caso...prometemos que a veria impressa no *Os Nossos Filhos*...mas que tenha paciência...(..)"(Isaura Correia Santos. ONF, Nov. 1954).

Um dos colégios ao qual se faz imensa publicidade em *Os Nossos Filhos*, como vimos, é o *Lar dos Pequeninós*, situado no CAMPO GRANDE 167- 169, com "(..)"Ensino Infantil (misto) e Primário (Feminino e Masculino em secções separadas)francês, Inglês, ginástica, -ballet' Óptimas instalações —Assistência MédicaENSINO RELIGIOSO TRANSPORTE PRIVATIVO PARA TODOS OS PONTOS DA CIDADE (...)" (ONF, Dez. 1956). Esta indicação de que se trata de ensino religioso só aparece esta única vez, no anúncio próximo da época natalícia.

Não encontramos referências a actos religiosos específicos excepto a três sacramentos: o baptismo, a comunhão e o casamento. O primeiro visto na óptica das encomendas, ou seja, a revista fornecia, para a província, enxovais a pedido. Os casamentos são apresentados apenas como informações mundanas como já apreciámos ao descrever a iconografia de *Os Nossos Filhos*.

Também há uma *Oração ao Menino Jesus* para que "(..)"acabe depressa a Guerra e (...)" não haja meninos tristes(..)"Menino Jesus! Não queiras que haja meninos com fome e frio (...).Eu não me importo que me tragas uma caixa /de bombons/ das pequenas... Para os bombons chegarem para todos os meninos" (ONF, Dez. 1944) ao qual se segue, na página seguinte o conto *Jesus* de Miguel Torga.

Sobre a comunhão temos as fotografias de Adelaide Salvador Marques²¹⁶ e de António Carneiro Pacheco, esta última tinha sido publicada a pedido de Maria de Jesus Oliveira Mendes. Ainda sobre este sacramento é Maria Evelina Faria Maia d'Aguiar que aproveita para criticar a vaidade de certas mães que, em vez de chamarem a atenção das filhas para a solenidade e importância do sacramento, como acontecera consigo muitos

²¹⁶ Cf. Biografia e foto da mãe, Berta Slavador Marques, assinante da revista, em *Apêndice Cap. 4- Biografias e Anexos Cap. 1- Doação Adelaide Salvador Marques*.

anos antes, apenas se preocupam com o “(...)bom talhe do fato que umas traziam mais rico, outras mais modesto(...)” (Maria Evelina Faria Maia d'Aguiar. ONF, Jul.1949).

Também da autoria de Maria Lúcia Vassalo Namorado temos uma carta em *Os Nossos Filhos* em que, em Janeiro de 1945, chama a atenção para a vantagem de viver “(...)nesta abençoada terra de Portugal. Louvado seja Deus, que, nos tem poupado às lutas e ódios que devastam e ensanguentam o Mundo (...)” (ONF, Jan. 1945) ao mesmo tempo que faz um apelo para que o espírito natalício da visita aos enfermos, aos presos, aos tristes seja prolongada durante todo o ano. Este apelo é repetido diversas vezes, como vimos já ao analisar os *Editoriais* da revista.

Quanto às festividades religiosas do ano são sobretudo o Natal, como dissemos e a Páscoa que mais referências convocam. A este último período se referem as orientações que Adriana Rodrigues sugere para a limpeza pascal porque “(...)na Páscoa, época da Ressurreição, a nossa velha gente costumava lavar a alma, calar e alindor as casas para a visita do Senhor. Imitemo-la, e a mãe de família, entregando-se a estas tarefas, terá composto um belo poema de amor e de beleza no lar doméstico(...)”(Adriana Rodrigues.ONF, 04-1947).

A festa religiosa mais mencionada na revista é, sem dúvida, o Natal que os republicanos tinham transformado na *Festa da família* por excelência. Sobre a sua vivência Maria Lúcia Vassalo Namorado escreve um texto *A Noite de Natal* em que indica como deve ser vivida: “(...) as crianças terão licença de se deitar um pouco mais tarde do que é seu hábito, mas, se ainda não atingiram os 7-8 anos. Pelo menos, não devem assistir à Missa da Meia-Noite nem a Consoada, terão o seu jantar «melhorado» mas ligeiro, e deitar-seão para sonhar com o Menino Jesus, que só virá muito tarde visitar as chaminés. Durante a quadra festiva, manter-se-á a prudência aconselhável. Há mil maneiras das mães as crianças tanto apreciam. O presépio, armado e até executado com a colaboração das:,crianças, que recortam, pintam ou modelam as figuritas; o ambiente festivo, as estampas coloridas e os pequeninos presentes; a mesa bonita, e a apresentação vistosa dos pratos. tudo contribuirá para dar alegria às crianças. dá-se preferência às compotas, aos biscoiros, aos bolos de manteiga, aos cremes, aos refogados — que, se não forem em excesso, não prejudicam as crianças.SE, APESAR DE TUDO, o MENINO ADOECE ...Doente ou indisposta no dia de Natal, cabe à mãe conservar a calma e o optimismo» dominando a situação. Nada de aspecto preocupado nem de lamentações, principalmente ao pé da criança, dá-se um arranjo diferente ao quarto, transportando para ele o presépio, se for possível, colocando estampas nas paredes, com o auxilio de

adesivos. E respeitar a opinião do médico(...)"(ONF, Dez. 1956). Este texto resume talvez a forma pouco "ortodoxa" de que se reveste a abordagem desta época festiva católica em *Os Nossos Filhos*.

Sobre o mesmo tema será publicada uma carta da leitora *J.C.B.* que para ali escrevera explicando como é que organizava o Natal com as filhas: "(...)dizem ser Jesus e os anjos que fazem os presentes...; fará mal esta mentira eu não o é mas apenas para manter a tradição? (...)" (ONF, Ago. 1958). A esta pergunta, em artigo publicado em Agosto, em pleno período de férias grandes, a directora da revista pede apoio das leitoras e sugere:"(...) o problema que nos é posto por uma leitora, Que pensam as outras Leitoras,? Mandem-nos a vossa opinião. Publicaremos a melhor, e a sua autora receberá um livro de prémio(...)" (ONF, Ago. 1958).

È a ilustrar um conto para crianças publicado em *Os Nossos Filhos*, *O conto de Natal* de Maria Helena Brandão, visitadora sanitária, que é o único em que temos indicação do desenho que o ilustra ter sido feito por Luís Rosa, o filho do meio de Maria Lúcia Vassalo Namorado(ONF, Jan. 1956). Normalmente a época do Natal é referida ainda como a altura ideal para as senhoras mostrarem a sua solidariedade com os pobres e doentes, sempre numa perspectiva de solidariedade para com os necessitados, mostrando sempre que ela não se deve confinar apenas a esta época mas ser extensiva ao ano todo: "(...)(...) não tarda aí o Natal. Lembremo-nos das crianças que não têm brinquedos, nem roupas, nem mesmo sapatinhos para pôr na chaminé! Lembrem-se das crianças que nos hospitais e sanatórios, longe de suas famílias, passam dias tristes, entre gemidos de dor(...)". (ONF, 11-1948) ou ainda "(...)...lembrai-vos dos pequeninos sem lar, nem Pão (...) que a vossa ternura vá além desta quadra de fraternidade cristã (...) bonito pensar nos mensinos pobres na santa noite de Natal. Tão bonito como desumano, injusto, anti-crsitão, não pensar neles durante as restantes 364 noites do ano (...)" (ONF, 12-1949) assim como esta é a ideia de um outro texto de Maria Lúcia Vassalo Namorado quando se refere ao interesse de raparigas e rapazes dos Liceus e faculdades pelas obras de hospital não podem esquecer que "(...) o ano tem 365 dias e não somente os dias lindos de Natal e Ano Novo (...).hábito de durante o ano se intressem por esses problemas de assistência(...)" (ONF, Jan. 1951).

Ao desejar um ano bom para as(os) leitoras(es), é usado um pequeno texto de uma colaboradora, para que se acabe com as guerras e com a destruição, "(...)pedindo a Deus que nos mande/Outro Jesus pequenino/ Pra que nos venha salvar/ deste confuso Destino

(...)” (Maria de Lourdes ONF, 01-1950).

Os votos de *Boas Festas* na revista não são nunca ‘muito’ religiosos. São sobretudo virados para o apelo à fraternidade cristã e à solidariedade humana. Há mais vezes a formulação de votos de bom ano do que de Feliz Natal como o de Janeiro de 1955: “(...)A todas as Mães A todas as Crianças A todos os nossos Amigos Desejamos um novo ano de Paz Saúde e prosperidades(...)” (ONF, Jan. 1955). No final deste ano voltam os votos mas acompanhados de um pedido: “(...) A todas as Famílias e a todas as Crianças a todos os nossos Amigos e Leitores desejamos um alegre e feliz Natal (...)Para as crianças pobres e doentes Pedimos e agradecemos roupas e calçado, retalhos, fios de lã, brinquedos, livros e cadernos—qualquer coisa que lhes de um pouco de conforto e alegria (ONF, Dez. 1955 ou ainda ONF, Jan. 1957).

Em Dezembro de 1958 será a última vez que Maria Lúcia Vassalo Namorado, depois de ter anunciado a suspensão da revista, desejará: “(..)A todos os nossos amigos, colaboradores, assinantes, leitores e anunciantes, desejamos festas alegres e um novo ano próspero e feliz. Pensamos especialmente nos nossos meninos e nos meninos de todo o mundo, e do fundo do nosso coração pedimos ao Menino-Deus que lhes permita viverem em Paz. Num mundo de Amor onde, finalmente, todo homens se sintam irmãos(...)” (ONF, Dez. 1958).

Creemos que da autoria da mesma senhora seja um outro texto em que se chama a atenção das mães para o necessário exame de consciência²¹⁷ que devem fazer depois do Natal. Recomenda que, como já vai longe o Natal que “(...) façamos o nosso exame de consciência mas sinceramente, sem que nos iludamos a nós próprios: Lembrei-me dos pobres ou pelo menos dos meus conhecidos mais necessitados? Poderia tê-los auxiliado melhor? Esqueci-me (...) desta ou daquela criança que tanto carecia da minha protecção? (...) então com lindos projectos para o Natal seguinte. Mas (...) Para quê esperar tanto tempo? A quantos deles se não os ajudarmos, perecerão antes dessa data?(...)”. (Maria de Lourdes Coutinho, ONF. 02-1950). Dois anos depois, Maria Lúcia Vassalo Namorado renova os votos de bom Natal e “(...)como de costume, lembramos às pessoas felizes ano tem 365 dias, e pedimos que continuem, pelo ano fora, a pensar com interesse verdadeiro nas criancinhas infelizes. O povo diz, e com razão: «Quem precisa, precisa sempre; quem dá, não pode dar sempre» (...)” (ONF, Jan. 1952).

²¹⁷ A esta prática se referirá outra colaboradora: “(...) Um dos deveres da mãe seria o de ensinar às crianças, “(...)Antes de ir deitar ensine a fazer um exame de consciência perante Deus (...)” (Maria Luísa Torres Pires, ONF, Jan. 1956).

Sugerir às mães que fabriquem os brinquedos para oferecer aos filhos no Natal também é uma constante em *Os Nossos Filhos*:“(…) tão fácil contentar as crianças! Elas apreciam os brinquedos, precisam deles, porém, qualquer pequena coisa as satisfaz. Não é a riqueza que as atrai, mas a novidade. As crianças precisam principalmente, de «descobrir»), ver, palpar e dar largas à sua imaginação. Vem isto a propósito de quê? Do Natal que se aproxima. Nessa quadra festiva, todos gostamos de presentear os nossos filhos e amiguinhos, mas as despesas são tantas, que se pudermos dar alegria às crianças sem gastar muito dinheiro, será excelente. Esta série de bonecos resolve o problema. Cortam-se os moldes, fazem-se as diferentes, partes com pedaços de flanela, de veludo, de feltro ou camurçina; ou fazem-se em ponto de meia ou de liga, utilizando restos de lã, Enchem-se com palha fina, serradura, ou trapinhos cortados miúdos. Podemos fornecer os moldes de cada Boneco, com as indicações necessárias, por 6\$00 (…)” (ONF, Out. 1955 e ONF, Nov. 1956).

Também passível de ser divulgada no Natal é a própria revista uma vez que, como presente de Natal é sugerida, mais do que uma vez, “(…)O Melhor presente de Natal:Para uma senhora:Uma assinatura de «Os Nossos Filhos» 1 trimestre, 18\$00 — 1 semestre, 36\$00; 1 ano, 72\$00 Para uma criançaO livro «Férias de Páscoa» e A vida das aves contada às crianças, por Maria Elisa Nery de Oliveira 35\$00 mais 2\$ para correio; Pedidos para Editorial O Nossos Filhos», Lda., Rua de Infantaria Dezasseis (….) (ONF, Dez. 1956).

Do ponto de vista religioso são os artigos de Adriana Rodrigues também os mais empenhados. Dela é o artigo em que defende que o Natal pode ser utilizado como “(…)um meio óptimo de educação (…)” (Adriana Rodrigues. ONF, Dez. 1945) do carácter porque levar esmolas aos que precisem e ensinar a amar “(…)«Jesus pobrezinho», presente em todos os desprotegidos (...). Estes exerciciozinhos de generosidade são auxiliares preciosos na formação do carácter (...) “ajudando a que eles compreendam “(…)melhor os seus deveres de homens (...)”. É também a monárquica Maria de Carvalho que considera que “(…) fé e afectos são indispensáveis à criança (...)” (Maria de Carvalho. ONF, Jan. 1946).

Eivados de referências religiosas constantes, como dissemos, são ainda os artigos de Maria Henriques Osswald, (ONF, 08-1947) sobretudo os que se referem à necessidade da educação das raparigas para desempenharem o papel de boas mães de família.

Os artigos sobre a assistência nos Açores, no número temático que lhe é dedicado, tem também muitas referências a instituições assistenciais e religiosas, como se constata da

leitura do subcapítulo que sobre os números temáticos fazemos neste trabalho, sendo esses artigos da autoria de, entre outras(os), Maria Luísa d'Athayde, Maria Evelina Faria Maia d'Aguiar Bustorff e Rev. Padre Elias(ONF, Jul. 1955).

O médico Ferreira de Mira ao estabelecer a forma como as mães devem levar as crianças a seguir uma boa conduta – vigiando as crianças, não lhes tolhendo a liberdade de que precisam e os movimentos necessários- considera que não chega que por elas tenham muito amor e dedicação. É necessário também “(...) paciência e método, uma disposição sempre igual sem períodos de carinhos excessivos nem de agastamentos. A mãe deve esforçar-se por ter as qualidades atribuídas pelos crentes²¹⁸, ao Anjo da Guarda: só intervir nas ocasiões necessárias, estando, porém sempre presente (...)” (Ferreira de Mira, ONF, Dez.1947).

Também na senda das senhoras que invocam o exemplo de Cristo como exemplo de vida temos Anália Torres que, ao escrever sobre a ferocidade da guerra não deixa de lembrar que “(...) E veio os homens que mataram toda, a alegria da terra com as suas guerras sangrentas e ferozes. Cristo mandou que os ricos fossem menos ricos e os pobres menos E cada dia os homens são mais ferozes, mais egoístas, cada dia a miséria é maior cada dia o é mais sombrio e infeliz, cada dia os ricos são mais ricos e os pobres mais pobres ainda (...)” (Anália Torres. ONF, Mar. 1948).

Sobre as formas de resolver os problemas que a educação enfrentava, José Francisco Rodrigues dirá que uma forma de combater a imoralidade que “(...)que gera os filhos ilegítimos, que produz delinquentes, menores e maiores, e que corroi a unidade e solidez das famílias(...)” teria de passar pela “(...) reforma de toda a mentalidade materialista de uma sociedade que, na vida prática renegou Cristo e a sua doutrina espiritual (...)” (José Francisco Rodrigues. ONF. 11-1949).

O espírito de compaixão religiosa pelos que erraram está patente no discurso em que, ao defender a criação de mais infantários e instituições complementares se não esqueça que as mulheres não podem ser de tudo a cusadas como fez Pio XII quando “(...)proclamou que a “(...) actividade dos fiéis não deve limitar-se ao terreno puramente religioso (...)” (Emília de Sousa Costa. ONF, 01-1950).

Outros artigos há explicitamente escritos por religiosos ou sobre temas de religião. Sobre a dádiva do Padre Gnocchi, que deixara em testamento os olhos às crianças cegas e que muito apoiara as crianças vítimas da guerra é dada a notícia do seu

²¹⁸ Sublinhado nosso.

falecimento (ONF, Abr. 1956). Sobre Pio XII é referido o 80º aniversário e os 17 anos de pontificado e “(...)200 crianças italianas e 21 de 18 outros países asiáticos ofereceram flores e cantaram (...)”(ONF, Abr. 1956), de António Sardinha é publicado o poema *Natal do exílio quase ao pé da raia*(ONF, Dez. 1958), do Padre António Vieira o texto sobre o menino nas palhas que é comparado ao homem vaidoso (ONF, Dez. 1958), e do Pe. Horácio Nogueira o texto sobre criança pobre que não tivera presentes mas a quem o padre foi buscar um para lhe provar que o Menino Jesus existia (ONF, Dez. 1958) e outro anterior, um conto extraído de *A Reconquista*, de 24 de Nov. de 1957, jornal de Castelo Branco (ONF, Fev. 1958). Do padre S.J.Agostinho Veloso o poema sobre a mãe que explica ao filho quem é Jesus, porque está na cruz(Dez. 1958). Ainda de António Sardinha tem um poema sobre a pena que tem de Nª Sra. Não ter sido portuguesa (ONF, Dez. 1963) publicado quando a revista era só anual.

O apelo á consciência cívica usando a religião é visível em alguns artigos como aqueles em que se apela para que as meninas de vida desafogada economicamente em vez de acusarem as mulheres pobres de não saber educar os filhos deveriam contribuir para a multiplicação das instituições como infantários, jardins-escolas ou parques infantis pois “(...)não faz sentido que num país onde se multiplicam exteriorizações de piedade e que anda a proclamar a todo o mundo as excelências da sua fé cristã, /que/ não apareçam muitas e mais conscientes dos impositivos deveres do cristianismo que, à margem do Estado, tomem a iniciativa de provarem a sua sinceridade religiosa, por todo o território português, em obras de confraternização social, consubstanciadas nas palavras "Deixai vir a mim as cirancinhas..."(...). É imperdoável que havendo milhares e milhares de raparigas agremiadas, sob a flâmula (...) da Mãe de Jesus, essas raparigas, futuras mães, não tomem sobre si a tarefa admiravelmente bela do estabelecimento de lactários, infantários, parques infantis, em todos os povoados (...) e onde os meninos possam ser recolhidos, durante as horas de trabalho das respectivas mães (...)” (Emília de Sousa Costa. ONF, Mar. 1950).

No que diz respeito à ilustração dos artigos de *Os Nossos Filhos* ou das capas da revista com motivos de cunho religioso temos a utilização de diversas imagens religiosas mas, tendo em conta o número total de fascículos e os números em que elas são publicadas, concluimos que o recurso a essa fonte de ilustração é demasiado diminuto como podemos verificar pela análise do quadro seguinte:

/reprodução do quadro/ "Virgem e o Menino" de Pier Francesco-Bissolo -?- Escola Italiana Século XVI Museu Nacional de Arte Antiga por extrema amabilidade do Sr Dr João Couto, ilustre Director do Museu Nacional .de: Arte Antiga a nossa Revista tem a honra e o prazer de publicar a fotografia inédita desta bela Obra que ainda não foi exposta ao público. /em rodapé tem também/:A todas as Mães, a todos os Meninos, do..nosso..querido Portugal e do Mundo inteiro Feliz Natal Feliz Natal Feliz natal (...)"	12-1951
Desenho / Natal e pastor que nada leva é a sua prenda maior!(...) "(...) Boas-Festas, Amigos, Boas-Festas! Que nos vossos Lares haja saúde e alegria! Que 1953 seja para o nosso querido Portugal e para todo o Mundo, ano de Paz, Justiça, Harmonia (...)"	Maria Teresa Andrade Santos. 01- 1953
/poema de Augusto Gil da obra/ <i>Alba Plena</i> com /imagem de/ Adoração dos Pastores— Barro — Do Presépio da Madre de Deus —Escola Portuguesa, Século XVIII -Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa.	12-1953
/dois pormenores do quadro de/ Albert Dürer (1471-1528)—Jesus entre os Doutores /e poema/ Noite de Natal /com indicação de/ Popular- Loulé	12-1956
uma de Bellini, Brera, Milão- A Virgem e o Menino;	12-1958
Eduardo Gageiro- (a do padre que de perfil coloca mão na cara de criança-	12-1958
/números anuais e as capas sempre com figuras religiosas/	

Um dos aspectos que se sente presente na correspondência do *Espólio* e também na revista é a influência da moral católica sobre algumas das senhoras que se dirigem a *Os Nossos Filhos*. Sobre as questões da educação sexual há alguns textos em que nos apercebemos do que seriam os problemas das mulheres cuja consciência era atormentada pelos princípios religiosos. Neste grupo está, como caso paradigmático, uma senhora de Évora, Maria José Cordovil Vinagre, cujas cartas são sintomáticas do conflito em que vive, assim como *Filha dum sonho* e como é o caso de três leitoras que ostensivamente a isso se referem, duas delas nas cartas e uma cujo texto foi mesmo publicado. Esta última leitora, de Arganil, escreve em 16 de Março de 1953 e preocupa-se porque tendo já dois filhos, um casal, está de novo grávida mas fisicamente não devia. Afirma: “(...)quero limitar o número de filhos. Não tenho o direito de o fazer, perante a minha consciência e a fé cristã (...) devo aceitar a maternidade com todas suas dores e encargos (...) isto é quanto sei dizer a quem me critica e aconselha a limitação dos nascimentos (...)” (Maria Emília S. Castanheira Nunes. ONF, Maio 1953).

Algumas conferências anunciadas em *Os Nossos Filhos*, se bem que promovidas por entidades católicas são-no porque as(os) conferencistas são colaboradoras(es) da revista ou o tema diz respeito a questões de psicologia ou pedagogia, educação das mães e outros temas afins. Vejamos dois dos casos que podemos usar como ilustração do que acabamos de referir: a conferência *A tragédia da criança* que o prof. Vítor Fontes fez a

“(...) convite da *Liga Universitária Católica Feminina* (...) na sede da *Acção Católica*(...)” e as que “(...) Dra. Maria Irene Leite da Costa, a convite da *Acção Católica Portuguesa* realizou conferências sobre pedagogia e psicologia infantil (...)” (ONF, Mar. 1955).

O poema mais ‘desconcertante’ da revista, sobre o Natal, é da autoria de Maria Rosa Colaço e fora feito a partir de uma notícia sobre uma pobre menina, publicada no número anterior. Refere-se a uma menina pobre que morreu quando teve os desejados e muito pedidos sapatos novos (ONF, Jan. 1958).

Criação, educação e instrução – conceitos e prática

Comecemos por consultar o *Espólio* da directora de *Os Nossos Filhos* e tentemos ver nele, ou melhor, nas obras aí guardadas, a filiação intelectual que, na área educativa, podemos considerar como formadoras do pensamento de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

A definição do conceito de *educar* ocupa muitas(os) das(os) suas(seus) colaboradoras(es), de forma mais ou menos explícita, assim como o de *instruir*. Um dos artigos mais explícitos nessa reflexão é o de Emília de Sousa Costa em que se esclarece qual o sentido que, em os *Nossos Filhos*, se atribui a cada um deles. A articulista defende que, “(...)Instruir e educar, sendo as duas partes dum todo, homogéneo e indivisível, logicamente, não podem ser separados porque, se o analfabetismo é vergonha, o semi-analfabetismo é, em regra, audacioso e inábil, por tola vaidade. Mal guiado, transformar-se-á, possivelmente, em tormenta e vilipêndio. As noções instrutivas desacompanhadas das normas educativas temperadas salutarmente, acarretam piores males do que a ignorância bem intencionada (...). Impõe-se a máxima urgência e cuidados na formação dos caracteres (...) que reclama a colaboração de todas as boas boas-vontades e para a qual devem convergir neste momento, as vistas largas dos pedagogos, dos estadistas, dos médicos, dos mestres, dos sacerdotes, da imprensa e dos pais conscientes das suas obrigações(...)apostolado sincero, realizado pelo exemplo (...) com sacrifício de egoísmos (...). De desejar seria que no ânimo dos que instruem e educam se fincasse solidamente o princípio: **Ninguém tem direito ao exercício de qualquer cargo, se não se votar ao seu desempenho, com a devoção íntima exigida pelo sacerdócio.** Educação e instrução terão, pois de ser dirigidas no sentido da primazia do direito sobre a força (...)” (Emília Sousa Costa, Nov. 1943).

Um autor de quem foi publicado um grande número de artigos em *Os Nossos*

Filhos, sobretudo na área da Puericultura, é Ferreira de Mira²¹⁹. Este médico contribuiu com cinquenta e sete artigos, entre Janeiro de 1943 e Novembro de 1956. Ele assinara diversas obras científicas na área da Química, assim como fora autor de uma biografia de Brito Camacho, em colaboração com Aquilino Ribeiro, publicada em 1943. A leitura dos seus romances existentes também no *Espólio*, como *Gente Moça* de 1938 ou *Os Desportos em Vale de Giestas*, de 1941, mostra-nos como até neste tipo de textos, o autor não prescinde de ensinar e catequizar as novas gerações para a necessidade de uma vida sadia e higiénica. Também ele escreve uma obra teórica sobre educação, intitulada *A Arte de educar*, de que existe um exemplar²²⁰ no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* e cujo tema principal era “(...) os princípios gerais a que deve submeter-se a educação das crianças (...)” (Mira, 1944. p. 7). Sobre o mesmo tema escrevera já *Mãe e Filho*²²¹, uma obra que considerava ter destinado “(...) à sociedade burguesa, tal como está constituída actualmente em Portugal e na maior parte do mundo civilizado (...)” (Mira, 1944. p. 9). O conteúdo não ficara desactualizado uma vez que abordava “(...) as leis que regulam o desenvolvimento físico e mental e, portanto, a higiene aplicável(...) ao homem(...)”, em cada geração.

O livro *Mãe e filho: a arte de ser mãe*, na segunda edição, a que Maria Lúcia Vassalo Namorado guarda no *Espólio*, fora acrescentado com um capítulo sobre os “(...) principais cuidados que as mães devem ter com as criancinhas em caso de doença(...)” (Mira, 1938 a p. 5). O livro fora pensado “(...) para as meninas portuguesas em idade de casar(...)” (Mira, 1938 p. 7). Por tal razão o primeiro capítulo aborda os cuidados a ter face ao casamento: “(...) nas classe pobres, a partir do dia seguinte ao do casamento, o marido regressa ao trabalho quotidiano habitual e a mulher às lides domésticas. Nas classe abastadas, o casal pode permitir-se algum tempo de repouso para tornar mais apertada a intimidade entre os dois seres que o compõem(...)” (Mira, 1938 a, p. 11). Esta opinião, expressa pelo médico, é comum a muitas(os) outras(os) colaboradoras(es) de *Os Nossos Filhos*, como é o caso de Branca Rumina, também ela médica. A viagem de núpcias é desaconselhada, sobretudo devido ao desgaste que provoca na mulher e na

²¹⁹ Cf. Apêndice Cap. 4- Biografias e Nóvoa, dir. 2004.

²²⁰ MIRA, M. Ferreira de (1944) – *A Arte de educar*. 2ª ed. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade. 218 p. (1ª edição é de 1937). Na 1ª guarda ou folha de antetítulo, tem dedicatória manuscrita do autor: “(...) À Exa Sra D. Maria Lúcia Silva Rosa, com muitos cumprimentos de, F. Mira(...)”. A lápis, na mesma página tem, pela mão de Maria Lúcia Vassalo Namorado: “(...) Um livro para os pais D.L. Julho 1965 (...)”, o que nos dá a informação de que, ainda nessa data, ela o aconselha aos pais que a lêem no *Diário de Lisboa*.

²²¹ MIRA, M. Ferreira de (1938a) – *Mãe e filho: a arte de ser mãe*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade. 205 p. É o n.º 142 da base bibliográfica que organizámos no *Espólio*.

influência que esse cansaço poderia ter na gestação de novos seres saudáveis. Desta obra são transcritos diversos capítulos ou parte deles em *Os Nossos Filhos*. Vejamos os temas nela abordados e os que foram usados na revista de Maria Lúcia Vassalo Namorado:

Quadro n.º 13.: Capítulos de *Mãe e Filho: a arte de ser mãe*:

Capítulos do livro	Utilização por Maria Lúcia Vassalo Namorado
Alimentação das mulheres grávidas: Ventre preso e solto. Alimentação	À margem direita, a vermelho, tem: " <i>Filhos: todo o cap.</i> "; p. 17-23; publicado em ONF, Abr. 1943
Os alimentos. As preparações culinárias. As refeições.	
A mulher grávida e o médico. Profissões e desportos. O vestuário. A vida mundana e a vida íntima.	Assinalado a lápis sobre os exercícios que a mulher grávida pode fazer- p. 44-45 e 46
Primeiros cuidados com o recém-nascido. O quarto. O berço. Os banhos. Higiene da pele	Indicação para o n.º 140 - p. 54-55 sobre exposição do quarto ao sol; P. 58- sobre balanço dos berços para DL; Sobre banho, para DL- p. 62-63
Depois do primeiro banho. A pesagem. Os maus conselhos que é preciso desprezar. O vestuário	Sobre sono do recém-nascido- assinalado p. 73, a lápis
A primeira refeição do recém-nascido. Como deve ser regulada a alimentação. Desenvolvimento normal da criança. Mães e amas	Peso e altura e uso impróprio de laxantes – p. 86-87
Depois do parto. Regime de quem amamenta. Falta de leite. Escolha de ama. Suplemento de alimentação quando é insuficiente o leite materno	
Alimentação a biberon. Esterilização do leite. Sua preparação. Número de refeições e intervalo entre elas. Leites modificados industrialmente. Carências de vitaminas.	Confusão entre gordura e força- p. 107
A primeira dentição. A desmama. Caldos e acordas. Alimentação da criança ao completar o 1º ano de idade	
Os primeiros movimentos da criança. Os gritos. O despertar dos sentidos. Os primeiros sorrisos e as primeiras lágrimas. As carícias e os brinquedos. Os hábitos e o início da educação. Os primeiros passos.	Cuidado com a escolha dos brinquedos – p. 137-139; publicado em ONF, Jan. 1943 com indicação de ser retirado deste livro
A fragilidade das criancinhas de peito. O perigo de contágios. A vacina. O verão e o inverno. Doenças do aparelho digestivo e do aparelho respiratório.	Sobre a fragilidade e os contágios p. 149-151; publicado ONF, Jan. 1948 Sobre doenças do aparelho respiratório – p. 157-158
Depois da desmama. A adaptação gradual das crianças à	

alimentação dos adultos. A educação do aparelho digestivo	
Crianças doentes: primeiros alarmes e cuidados. A febre. Contágios. Febre eruptivas. Febres intestinais. Vômitos...	
Como vestir os pequenos. Vestuário de cidade, de campo, de praia. As primeiras virtudes: o asseio, a ordem, a simplicidade. A educação do gosto.	Erro das mães carinhosas fazerem dos filhos bonecos que vestem - /tem indicado/ <i>Filhos</i> - p. 184-185; publicado em ONF, Out. 1943
A linguagem infantil. As mães, os nossos primeiros mestres. Características mentais das crianças: curiosidade, inquietação, imaginação. Directrizes gerais da educação. Prémios e castigos. Amor próprio infantil. Liberdade e responsabilidade. A educação pelo exemplo. A formação pelo espírito. O que devemos às mães	linguagem infantil – p. 187-191; publicado ONF, Jul. 1945 Educar uma criança é prepará-la para ser feliz. É leva-la a ter confiança em si, para que lhe não falte coragem mais tarde perante os incidentes da vida, e a sentir-se como parte integrante da humanidade, sem exagerados individualismos que a façam egoísta e lhe tornem difícil e amarga vida social- /assinada para/ <i>DL</i> – p. 194

Enquanto que no livro *Mãe e Filho* abordara, principalmente, aquela relação, deixando o pai em lugar secundário, em *A Arte de educar* pretendia prestar “(...)mais atenção à parte «educação», prejudicada nesse primeiro livro em proveito da “criação» (...)” (Mira, 1944. p. 10).

Neste segundo texto – *A Arte de educar* - queria alargar os ensinamentos “(...) além da infância, ao tempo da puberdade(...) e, embora trate de crianças e de adolescentes em idade escolar não quis referir-me senão à educação caseira, pondo de parte tudo o que respeita a colégios e a processos de ensino (...)” (Mira, 1944. p. 10).

Este livro pretendia ser ainda “(...) um guia de pais: mais da mãe durante os primeiros anos de seus filhos, mais do pai nos anos seguintes, e sempre de colaboração íntima entre pai e mãe(...)” (Mira, 1944. p.11). Como havia prometido na introdução ao livro, neste texto todo o discurso é feito a partir de uma espécie de esclarecimento dirigido aos rapazes. Como para o livro precedente, também neste os textos que serão publicados em *Os Nossos Filhos* são assinalados, à margem, quase sempre a lápis.

Vejam, mais uma vez, os temas nele abordados e os que foram usados na revista de Maria Lúcia Vassalo Namorado:

Quadro n.º 14.: Capítulos de *A Arte de educar*:

Capítulos do livro	Utilização por Maria Lúcia Vassalo Namorado
A aptidão para o casamento /Cuidado com doenças transmissíveis/.A preparação para chefe de família. A eleição de esposa. As atenções para com a mulher grávida	A harmonia conjugal. /texto que foi assinalado para/ <i>Filhos</i> – p. 21-25 – publicado ONF, Fev. 1945

Os primeiros trabalhos de educação: regularizar as funções da vida vegetativa e criar automatismos. O ritmo funcional dos órgãos. A educação da função digestiva. Sono e vigília. Sono nocturno e sono diurno. O automatismo da marcha. O automatismo nas relações mundanas	
A educação dos movimentos. Movimentos espontâneos dos recém-nascidos. Movimentos reflexos e movimentos intencionais das crianças. O desenvolvimento físico. O andar. Coordenação dos movimentos. Educação manual. Brinquedos. A turbulência infantil. Jogos desportos. Cultura física e cultura mental	
Os sentidos. Gritos e gestos. Primeiras sílabas. A linguagem infantil. Defeitos de linguagem. O desenvolvimento intelectual. Caracteres infantis: imitação, curiosidade. A idade dos «porquês». Lições de coisas. O ambiente educativo. Ensinar brincando. A vaidade dos pais. O ensino das línguas. As mestras estrangeiras	

Ocupações pueris. Graças infantis. Contos e narrativas. As primeiras lições. Ensino precoce. Educações desleixadas e educações ambiciosas. Crianças preguiçosas. Crianças que convém moderar. Condições favoráveis do trabalho mental. Método de trabalho. Estudo e recreio	Publicado em ONF, Maio 1946 Graças infantis publicado ONF, Out. 1950 Assinalado para DL- p. 67-72
Ensino escolar e ensino doméstico. Colégios. Professores e alunos. Pais e mestres. Explicadores. O tempo de férias. Passeios e exercícios. Espectáculos e leituras	Publicado ONF, Jul. 1947
O automatismo moral. Crianças sossegadas. Crianças caprichosas. Crianças doentes. Crianças irrequietas. Súplicas e prantos. Cóleras e amuos. Orientação da educação. Educação autoritária e educação complacente.	Crianças irrequietas publicado em ONF, Set. 1948
Condições da boa educação. A personalidade do educador. O acordo familiar. Conselhos e repreensões. Promessas e ameaças. Prémios e castigos	
A arte de mandar. Ordens supérfluas. Ordens arbitrárias. Fórmulas erradas de mandar. Discussões. A personalidade infantil	Publicado ONF, Abr. 1950
Crianças tímidas. Vergonha e medo. Pavores infantis. Crianças mentirosas. O sentimento moral. A fraqueza de carácter. O medo da morte.	Timidez publicado ONF, Fev. 1952 <i>/à margem/ D.L. III (1)967</i>
A sensibilidade infantil. Crianças insensíveis. Crianças cruéis. As qualidades amáveis: bondade, ternura, espírito altruísta. O sentimento de propriedade. A generosidade. A formação da personalidade moral	sentimento de propriedade <i>/a lápis/ D.L.</i>
A educação mundana. O asseio. Cuidados de toucador. A higiene da pele. Crianças desleixadas. O vestuário. O gosto de vestir. A mesa. A vida de sociedade	Educações desleixadas publicado ONF, Maio 1946
Educação solitária e educação em comum. A emulação. Preferências e ciúmes. A educação social. O sentimento da honra.	Emulação como estímulo – publicado ONF, Mar. 1947
A idade ingrata. Raparigas e rapazes. Modificações de carácter na puberdade. Reserva mental. Elevação da personalidade. Imaginação. Ilusões e sonhos. Exaltação sentimental. Idealismo. Sentido crítico. Aspiraões e vocações. Conceito objectivo da vida. A conquista da felicidade	
Educação sexual. Inocência e ignorância. O primeiro ensino sexual: Lições de coisas. Reprodução das plantas. Reprodução dos insectos. Reprodução dos animais domésticos. Educação sexual dos rapazes. Educação sexual das	Educação sexual publicado ONF, Nov. 1945

raparigas. Pudor. Camaradagem e «flirt». Primeiros amores. Amor conjugal	
--	--

No sentido de dar mais visibilidade às diversas definições que do conceito de *educar* encontramos nas obras guardadas no *Espólio* ou nos artigos de *Os Nossos Filhos*, decidimos elaborar um quadro com as diversas definições encontradas nas(os) autoras(es) que apresentam dela definições, de forma a perceber as semelhanças e diferenças entre elas:

Quadro n.º 15.: Educar – definição de um conceito:

Conteúdo	Fonte(Rodrigues ²²² , 1944. p. 30-31)
Educar é formar homens. É transmitir às gerações novas o património acumulado à custa do labor esforçado das gerações passadas: património intelectual, moral, artístico e tecnológico. (...). É desenvolver a personalidade do indivíduo de modo que se lhe faculte a realização das suas potencialidades, a expansão das aptidões que possui em germe. Educar é cuidar do desenvolvimento do ser humano, cultivando-lhe os bons instintos e proporcionando-lhe um derivativo para os maus (...).Educar é formar hábitos úteis e consentâneos com a natureza e fins ao homem. Educar é cultivar o esforço e formar a vontade. Educar é desenvolver no ser humano a capacidade de compreensão, domínio e apreciação da vida (...)A obra educativa tem algo de arte, muito de ciência e muito de filosofia. De arte, enquanto pratica um método; de ciência, enquanto se preocupa com o ser a educar; e de filosofia, quando olha ao ideal, ao fim da educação”	
Educar uma criança é prepará-la para ser feliz. É leva-la a ter confiança em si, para que lhe não falte coragem mais tarde perante os incidentes da vida, e a sentir-se como parte integrante da humanidade, sem exagerados individualismos que a façam egoísta e lhe tornem difícil e amarga vida social- /assinada para/ DL –	<i>Mã e filho, Ferreira de Mira, 1938 a p. 194</i>

Vejamos agora o que cada um(a) das(os) autoras(es) consultadas(os) nos propõe como corolário destas definições de educação.

²²² Este livro tem um cap. entre p. 173 e 178, intitulado *O papel da família na educação* que, em nota de rodapé indica: “(...) artigo publicado na revista *Os Nossos Filhos*, ano I, n.º 12- relativo a Maio 1943. Primeiro duma série de artigos em publicação, subordinada ao título geral “*Conheça os seus filhos*” (Rodrigues, 1944. p. 173).

Para José Francisco Rodrigues, na educação convergem diversos factores que a influenciam decisivamente. À partida, educar é apenas um dos três aspectos que constituem o indivíduo, sendo os outros dois, a hereditariedade e o ambiente social (Rodrigues, 1944. p. 35). Se se entender que a “(...) hereditariedade é a transmissão, de pais para filhos, de caracteres, somato-psíquicos, operada através dos genes(...)” (Rodrigues, 1944. p. 35), pode concluir-se imediatamente que, para algumas pessoas a modificação é impossível pois não se pode alterar o que a natureza ordena. Face a esta impossibilidade, muitos pedagogos defenderam o eugenismo por considerarem que este “(...)pretende obter a melhoria da raça humana, evitando a transmissão de caracteres julgados prejudiciais, não permitindo a reprodução livre dos mais fracos. Sem os exageros dessa corrente, a moderna *Ortogénese* de N. Pende, visa o mesmo fim (...)” (Rodrigues, 1944. p. 36).

O factor educação, “(...) a primeira, a maior das necessidades individuais e sociais (...)” (Rodrigues, 1944, p. 38), tem pouca liberdade de acção, condicionado como está, pela hereditariedade, ou seja, “(...)a educação tem de agir dentro dos limites impostos pela hereditariedade. Só se podem desenvolver faculdades existentes em germe (...) /e a educação/ (...) só desenvolve aquilo que já exista potencialmente (...)” (Rodrigues, 1944. p. 36).

Esta é também a posição de Emília de Sousa Costa que afirma “(...)que todas as crianças, na sua chegada ao mundo, são portadoras de património hereditário próprio, e diferente dos herdados pelas demais (...) e embora Rousseau superficialmente afirmasse: «A criança nasce perfeita e degenera nas mãos dos homens» — a realidade é bem outra, como no-lo asseveram, após compenetrado estudo, pedagogos, higienistas e até o preceito bíblico do pecado original (...)” (ONF, Abr. 1944). A ideia sai reforçada quando assevera que “(...) O homem nasce imperfeito, submetido às leis atávicas, às taras hereditárias. Só a educação pode torná-lo sociável e corrigir, até certo ponto, segundo a flexibilidade e permeabilidade do bambino, os males herdados. Todos os infantes são diferentes, fácil é verificar a diversidade de reacções, até em irmãos, filhos do mesmo pai e da mesma mãe, afrontando o mesmo meio ambiente, submetidos ao mesmo sistema educativo (...)” (Emília de Sousa Costa, ONF, Abr. 1944). A influência montessoriana é visível e a defesa do papel que à educação cabe na regeneração é evidente também.

O ambiente social, segundo José Francisco Rodrigues, terceiro e último factor decisivo na formação do indivíduo é, simultaneamente, influência e produto da educação porque

ele é formado pelas “(...) instituições, os costumes, as formas de viver(...)”(Rodrigues, 1944. p.37). É ele que pode ajudar a melhorar a educação das crianças pois que, nem sempre, os pais sabem como agir porque “(...)nunca se preocupam com a interpretação exacta da conduta dos filhos que vão entrar na escola e, na sua maioria, são incapazes de fornecer os elementos precisos à acção do professor. Uns porque ignoram os rudimentares princípios da educação. Outros porque delegam nos mestres a responsabilidade de educar e ensinar os seus: Se são indolentes para que os transformem em activos. Se mentirosos para que os limpem desse pecado. Se viciosos para que lhes devolvam puros de qualquer mácula (...)” ((Emília de Sousa Costa, Abr. 1944). Por esta razão, deve a sociedade criar as instituições adequadas – os Jardins-Escolas – e entregar-lhes “(...)a tarefa preliminar de observação dos pequeninos, desde os quatro anos e estabelecer ligação entre esses beneméritos (...) e as escolas primárias. Assim, os meninos já podem transitar, acompanhados de cadernetas escolares informativas, para os mãos dos professores primários, habilitando estes a exercer (...) o seu ministério (...)” (Emília de Sousa Costa, Abr. 1944).

Na criação de um ambiente verdadeiramente adequado ao fim que se propõe, deve a sociedade preocupar-se em seguir: “(...) *o imperativo de educar os portugueses à portuguesa* (...)” porque o erro do passado foi o de durante muito tempo se terem gasto “(...)perdulariamente, erradamente, em nossa Terra, uma infinidade de energias, de esforços, de dinheiro, a educar os nossos meninos à inglesa, à francesa, à alemã, esquecendo-nos de que a educação estrangeirada, ou internacionalizada, se não compadece com as qualidades e defeitos nacionais e resulta caricatural a pretensão de os desintegrar da nossa psicologia típica, para os transfigurar em seres exóticos, asfixiando-lhes o amor a Portugal. É sempre lamentável encontrar mestras estrangeiros junto dos crianças portuguesas, antes delas adquirirem a fé patriótica. Argumenta o snobismo de classes, pretensamente elegantes, na defesa do seu ponto de vista, que as línguas estrangeiras só se aprendem perfeitamente, praticados desde os dois anos, simultaneamente com o idioma nacional (...)” (Emília de Sousa Costa, ONF, Abr. 1944). Esta defesa do carácter pátrio da educação infantil vai levar, como veremos, ao elogio constante dos jardins Escola João de Deus como sendo a instituição mais adequada a criar o ambiente social decisivo na formação da criança.

Um outro aspecto a ter em conta, em termos de conceitos identificados em *Os Nossos Filhos*, são as diferenças ali estabelecidas entre *criação*, *educação* e também *instrução*. Sobre os dois primeiros sabe-se existir “(...) “(...) grande a diferença entre

criar e educar. Criar consiste em dar a um ser, a partir do nascimento e até à idade em que ele possa bastar-se a si próprio, tudo quanto seja necessário para que o seu desenvolvimento se faça normalmente(...) criar é tomar alguém capaz de viver. Educar consiste em encaminhar o novo ser por tal forma, que as suas relações com o ambiente social, tanto nos primeiros anos como na idade adulta sejam fáceis e agradáveis; educar é tomar alguém capaz de ser feliz. Criar bem uma criança de dois anos é saber que “(...) pode comer a horas certas e somente as comidas convenientes para a sua idade, ter a agitação física bastante para o seu bom desenvolvimento físico e mental, dormir as horas que lhe dêem o necessário repouso, vestir-se do melhor modo para se resguardar, sem excessos, do frio, da chuva ou do demasiado calor (...)”. Será mal educada se “(...) for adorada pelas pessoas com quem vive, a ponto de ser prontamente obedecida nos seus pequeninos caprichos, que de cada vez serão mais frequentes e menos sensatos (...) tornar-se-á despótica e será muito infeliz quando tiver de mudar para ambiente que não aceite o seu despotismo (...) e se for tratada com rispidez que a obrigue a permanecer em inacção e silêncio, com a compostura própria de pessoa de mais idade, sob ralhos constantes e ameaças de castigos, a criança tornar-se-á triste, reservada, mentirosa por medo e portanto, também muito infeliz (...)” embora seja bem criada. É preciso ter a noção de que é mais fácil “(...) criar bem do que educar bem. Para bem criar bastam algum desafogo de vida, a consulta de qualquer livrinho de puericultura e certa atenção aos regimes alimentares. As mães pesam as crianças, medem-nas, espreitam-lhes os catarros e a regularidade do ventre, notam-lhes a cor das faces(...) Educar é mais difícil - filho tem corpo próprio e alma própria(...)”. Mesmo para as famílias é mais fácil perceber quando os seus filhos bem criados, às vezes estão mal educados. Um aspecto que impede os pais de ministrar uma boa educação é o facto de terem imagens estereotipadas dos filhos como seja o caso das “(...) famílias em que mães ou avós enternecedoras tratam ainda os seus descendentes, já era plena idade adulta, como se fossem meninos, e outras em que os pais dão conselhos a filhos que já atingiram a idade própria de poderem eles ser conselheiros(...) é vulgar que uma criança de quatro ou cinco anos seja tratada psicologicamente como se tivesse apenas dois...(...). O certo é que ambas, a criação e a educação, começam no dia em que a criança nasce, porque, “(...) nos primeiros meses a criação é, por assim dizer, tudo e a educação só consiste em deixar a criança em repouso no seu berço, a não ser quando mama ou se lava, não a

trazendo habitualmente nos braços e não a importunando com visitas²²³(...)” (Ferreira de Mira. ONF, 01-1945).

Também o médico Samuel Maia se socorre da linguagem popular para mostrar como, aí, não se distingue “(...) a *criação* da *educação*. Refere, mal criado e bem criado no sentido de mal e bem educado (...) porque esse modo de dizer vulgar (...) reconhece o valor e responsabilidade da mãe no desenvolvimento do acto criador” (ONF, Fev. 1945) e à mãe compreensiva cabe pois estudar e escolher o ritmo dos movimentos executados e cumpri-lo com rigor (...) sendo que a mãe “(...)boa criadora, também o é educadora, assim como formadora de um ente sadio, robusto, equilibrado quando procede com disciplina (...)” (ONF, Fev. 1945). Fazer o aproveitamento de tudo e ainda despertar o interesse por obras sociais desde bem cedo, guiá-la para o melhor caminho, no campo, “(...) milhares de ocupações remuneradas, darão à criança noção exacta do valor do seu trabalho (...)” era outra forma de bem educar as crianças. Estas poderiam, em férias “(...) descansar mas descansar não é de forma alguma não fazer nada (...) é modificar a vida monótona do tempo das aulas(...). É a preparação para a luta pela vida(...)” (Manuel Farmhouse. ONF, Dez. 1945)

Muitas(os) autoras(es) há que vincam bem a diferença entre dois conceitos diversos: a *educação* e a *instrução*, “(...)’em geral bem mais difícil do que desenvolvimento- dum alma e domínio, quase absoluto, das suas más tendências (...)” (Fernanda Tasso de Figueiredo. ONF. Set. 1944). A diferença entre *instrução* e *educação* é abordada também pelo médico Ferreira de Mira que não os considera “(...)propriamente sinónimos /porque/ Educar é proporcionar às crianças os meios de desenvolverem até ao máximo possível as suas potencialidades vitais, empregando processos biológicos porque só esses asseguram o desenvolvimento natural dos homens, tanto nas suas funções elementares, como nas de maior elevação. Instruir é principalmente ensinar técnicas em uso na vida económica e cultural. Pode dar-se instrução a urna criança, isto é, fazer-lhe aprender coisas, sem atenção ao seu natural desenvolvimento e até prejudicando-a, isto é dando-lhe má educação. Isto acontece por exemplo, quando se obriga a ficar sentada em frente dum carteira, em posição contrafeita, esforçando-se por decorar frases de que mal compreende o sentido. Na verdade, educar e instruir não são sinónimos, mas compreendem muitos actos comuns ou, pelo menos, actos que se

²²³ Interessante é verificar que, neste texto, ainda se faz menção, em passo mais adiante, à tradição de enfaixar o recém-nascido.

realizam simultaneamente. A instrução não começa na escola, e as pessoas com quem a criança convive, logo que começa a andar e a falar, são os 'seus primeiros professores, umas vezes ensinando directamente, outras fazendo-o com o exemplo. Esse trabalho de instrução passa a ser intenso a partir dos dois ou dos três anos de idade. Já então a criança abre para a vida grandes olhos curiosos, já manifesta interesse por muitas coisas, já quer saber (...)”(Ferreira de Mira. 05-1945).

Todo o serviço de casa é vista como por Adriana Rodrigues como “(...)profundamente educativo (...) /porque/ a formação doméstica das nossas filhas não se improvisa nas vésperas dum bom casamento, antes deverá fazer parte integrante do nosso programa de educação (...) Visto que só graças ao esforço pessoal conseguimos a verdadeira educação (...)” (ONF, Jan. 1945) .

A educação pode ser vista também como forma de, quando a criança entra na escola primária, se estabelecer uma boa cooperação entre “(...)a família, o Estado e o professor / e que estes/ se unam na sublime cruzada de melhor ar a raça, fazendo de cada criança um ser perfeito, portanto útil a si e a colectividade, de que faz parte integrante. O médico escolar tem também um papel predominante a desempenhar. Ele e o professor vigiarão atentamente a criança, procurando dar conta de todas as perturbações lógicas e mentais que se operem nela(...)” (Luís, ONF, Abr. 1945). Os pais nem sempre estão preparados, sobretudo nas classes pobres, para educar as crianças pois muito frequentemente “(...) deixam-nas ao abandono o dia inteiro, vagueando de rua em rua, de caminho em caminho viciando-se, corrompendo-se, estragando a saúde, se a têm (...)”. A educação deve começar no berço, “(...) rodeando o pequenino infante de cuidados e atenções e carinhos — primeiro dos pais e do Estado, juntando-se-lhes, mais tarde, os do professor e do médico escolar (...) porque na idade escolar, está sujeita a muitas e variadas doenças, como o raquitismo, o reumatismo articular, anemias, afecções pulmonares, transtornos nervosos, debilidade visual ou auditiva, etc. (...)”.

Na tarefa da educação devia ter papel primordial o médico escolar porque “(...) Ele deve fazer, com frequência, os seus exames cuidadosos, as suas observações atentas, para poder corrigir, orientar, prevenir com eficiência. Vigiará a educação física, atendendo à menor anormalidade das crianças, estudará a psicologia e a fisiologia de carácter de cada uma, com o fim de orientá-la convenientemente (...)” pois a escola tem “(...)uma alta e sublime missão a cumprir— fazer do criança um ser consciente, útil e

apto para a luta (...)” (Luís²²⁴, ONF, Abr. 1945).

Para bem educar, o educador deve estar atento à criança porque a que é normal é “(...) motivo de grande interesse e campo vasto de observação permanente. Preciso se torna, por isso, que o educador esteja atento e saiba vigiar esses movimentos e impulsos. Eles são, por vezes, aparentemente desordenadas, sem orientação definida, mas visam sempre um fim especial (...) Contrariar a cada passo as atitudes da criança, no intuito de a educar e supondo que a defendemos de muitos muitas vezes um erro, bem grave de que resulta sempre a destruição da personalidade infantil que desde a primeira infância se desenha...e as, vezes nas elevadas ou superiores camadas sociais mais profundamente se faz sentir.. A criança não pode, não deve ter vontade própria. Para, educar é preciso contrariar, julga muita gente. Assim é que a criança raramente compreende a razão das atitudes do adulto que apenas se preocupa com a sua obediência e passividade a que chama impropriamente disciplina. O conceito de educação é assim, por vezes, sinónimo de tirania, de. Domínio absoluto e despótico, incompreensível para o indefeso ser sobre a qual tantos direitos nos arrogamos sem pensarmos em respeitar um só dos seus(...) Começar pela criança» eis a máxima mais importante da obra educativa. Conhecer as suas necessidades espirituais e descer até ao mundo (para nós desconhecido) da criança é o primeiro passo para bem educar ajudando e estimulando o admirável esforço daquela para a compreensão das realidades conhece e só a pouco e pouco se lhe irão revelando (...)” (Maria de Jesus Mateus de Oliveira Mendes. ONF, 05-1945).

Em artigo especial para *Os Nossos Filhos* é também Emília de Sousa Costa que estabelece a sua definição e diferença entre *instruir* e *educar*, vistas como “(...)sendo as duas partes dum todo, homogéneo e indivisível, logicamente, não podem ser separados.

Porque, se o analfabetismo é vergonha, o semi-analfabetismo é, em regra, audacioso e inábil, por tola vaidade. Mal guiado, transformar-se-a, possivelmente, em tormenta e vilipêndio. As noções instrutivas desacompanhadas das normas educativas temperadas salutarmente, acarretam piores males do que a ignorância bem intencionada (...)” (ONF, Nov. 1943). Já anteriormente, Maria da Luz de Deus abordara o mesmo tema em *Os Nossos Filhos*, considerando que muitas vezes havia grande confusão entre as duas mas seria sobre a *instrução* que deveria cair a “(...)vigilância mais atenta do Mestre(...)” (ONF, Dez. 1942). Ambas as autoras defendiam que a criança portuguesa necessitava de métodos nacionais pois que a importação poderia desvirtuar o que se pretendia com a

²²⁴ Pseudónimo de Maria da Luz Albuquerque, de Vila da Feira, que o foi buscar ao pai (Carta de 27 Nov. 1947. Caixa 21. Maço 2).

instrução feita nas escolas.

Muitas vezes, como temos afirmado, as opiniões de alguns(mas) articulistas ‘chocam’ com as de outras(os) porque a directora pretende dar a conhecer diversos pontos de vista, sob um mesmo assunto. No que diz respeito aos conselhos e ensinamentos que se querem dar às mães, alguns desses autores são mais afirmativos do que outros e, dirigem-se de forma simples às mães para elas saberem como agir. Para exemplificar o que dizemos, podemos ver o que sobre o conceito de *educar* é ainda apresentado por José Francisco Rodrigues:“(…) A educação, porque tem antes de si a hereditariedade, só pode desenvolver as potencialidades que o indivíduo já tem. A educação serve para orientar o educando para a vida. Mas não se educam seres abstractos: educam-se (...) as crianças /e há que /aceitar a vida das crianças como ela é e guiá-la. Não violentar a natureza. Orientá-la. Fazer da educação um processo de desenvolvimento, uma norma de vida. Se o quiser conseguir tem de aprender a conhecer os seus filhos, Siga atentamente a sua evolução e procure ser compreensivo (...)” Não descurando conceitos fundamentais: “(...)O primeiro é este: lembre-se de que seu filho não é um adulto em miniatura (...) A segunda ideia que precisa de ter presente é esta: o seu filho é um ser em constante transformação. A terceira noção que precisa de ter sempre bem presente consiste nisto: a vida das crianças não é, como muitos julgam, uma vida incompleta, imperfeita (...)”. Por tal razão, os pais devem atender a todos os problemas da vida dos filhos, sem os subestimar, sem os irritar, responder-lhes naturalmente e com a verdade “ (...)Eduque o seu filho. Ainda que tenha meios de fortuna, convença-se de que não lhe poderá legar maior riqueza do que uma educação completa (...)” (José Francisco Rodrigues – ONF, Jan. 1944).

A professora Virgínia Gersão, ao abordar o problema da *educação* e da *instrução*, considera ser um tema complicado pois a discussão sobre o que se entende por uma e outra “(...)nasceu com o primeiro homem(...)/porque/ não se trata somente de administrar conhecimentos: é preciso sabê-los administrar e que tenham uma finalidade que satisfaça às necessidades individuais e colectivas que são a base do progresso duma nação(...) porque os povos não sentem todos da mesma forma(...). (ONF, Abr. 1946).

O texto que se segue, em que analisa diversas concepções de ‘criança’ desenvolvidas por diversos filósofos, usados por ela para corroborar a sua tese política, é de uma articulação interessante, pelo que não resistimos a transcrevê-lo quase na íntegra:“(…) Façamos ao menos com que, dentro da mesma nação, cada homem não faça um mundo, aparte, dos outros. Sem a mesma, forma de pensar —é claro que só posso referir-me às

linhas gerais — sem ideais comuns, sem os mesmos interesses, o Progresso reduzir-se-á a uma palavra oca, e a nação agoniza(...). Educar é exercer a nossa vontade sobre aqueles que nos confiam, para os prepararmos para a Vida e os tornarmos melhores(...). À Criança, a quem Maria Montessori consagrou páginas enternecedoras e a quem dedicou o melhor do sua vida, que Pestalozzi, fez santa(...) que para os místicos de Port-Royal tinha já, ao nascer os olhos abertos para o mal, para a corrupção e para o vício (...) e para quem Herbert Spencer não olhou com melhores olhos(...) a Criança, que Rousseau entregou quase exclusivamente à Natureza, e que julga sempre boa na sua origem, em quem Fénelon não vê nenhum vestígio do mal (...), e que mo perdoem tantos séculos de filosofia! — não é, afinal, uma coisa nem outra! Cada um desses seres é um mundo complicado, onde estão em embrião os princípios do Bem e do Mal. Mercê da própria constituição do indivíduo, da hereditariedade, do meio, de tendências construtivas ou destrutivas, vigorosas ou patológicos, heróicas ou cobardes, activos ou passivos, umas vezes é o Bem que vence, outras o Mal. ...Ora o papel do Educador é precisamente actuar sobre a Criança para que seja o Bem que triunfe. Mas tudo tem um limite, e eu não vejo inconveniente nenhum em que(...) ela se habitue a trilhá-lo, e de tal modo que lhe pareça, pela vida fora que foi ela mesma quem o escolheu, que não havia outro a seguir. Liberdade de acção? Mas para que serve a Liberdade quando se não sabe ser livre? Não é da coordenação lógica da liberdade individual que resulta aquela Liberdade que é na Vida qualquer coisa grande, sem a qual o Progresso não passa dum palavra sem sentido? Se o Educador, digno deste nome, *nunca* deve perder a ideia de que é um ser livre que tem nas mãos, convém, para bem da Criança e da Humanidade, que ela nem sequer sonhe, nos primeiros anos da sua educação, senão dum modo indefinido, como qualquer coisa que só mais tarde pode compreender-se, o que a palavra Liberdade significa. Eu sei que há pedagogos que querem que a Criança se julgue sempre livre, para bem dela, para bem do Mundo, a Criança deve também habituar-se a saber *obedecer* àqueles que julga superiores a si: que lhes dê, pois, confiadamente, a mão, para que se vá erguendo, cada vez mais alto, e de lá, por sua vez, a possa dar aos outros (ONF, Abr. 1946). Éste o sentido que deve ser dado á educação e que a articulista desenvolve apenas neste que é uma das suas intervenções mais teóricas em *Os Nossos Filhos*.

Um outro autor afecto ao regime, Serras e Silva, também é aqui convocado para tecer algumas considerações sobre o conceito de *educação* que “(...) não é o saber, o muito saber, o enciclopédismo: a educação é mais disciplina que saber. Não há evidentemente

educação sem conhecimentos, mas não são os conhecimentos que fazem a educação(...). Na educação moral os conhecimentos consistem na Ciência do bem e do mal, na compreensão do que é ilícito e ilícito, noções com as quais se forma a consciência que é o inspector vigilante das nossas acções e das nossas palavras. Educação intelectual é outra coisa... exige também conhecimentos, mas não é constituída por eles, nem pela natureza destes nem seu número (...) é formada pela Disciplina e método de trabalhar (...). A educação moral ou intelectual visto que tem que ser disciplina, emprega naturalmente a coacção, a força o castigo. Não me parece aceitar a norma de educar sem punições, sem obrigação, sem obediência e submissão(...) .imagem velha e tonta de que o coração da criança é como cera(...) favoreceu o emprego sistemático do coração, da reprimenda, do castigo(...). Como em muitos outros casos a questão está na medida, na dose(...) abusou-se do coração como se tem abusado também da liberdade, O educador deve ter experiência e sagacidade para actuar diferentemente conforme a circunstância. Fugir dos Princípios absolutos na prática(...) “(ONF, Ago. 1946).

Um outro aspecto apenas: ao longo da revista muitas são as frases que, como pequenos pensamentos para meditar, são deixadas, de forma solta, na revista. Uma delas, de Maria Montessori refere o que se deve entender por *educar* e quais devem ser os objectivos desta ‘actividade’: “(...) Pais Pais conscienciosos devem compreender que o, objectivo de toda a educação é formar seres capazes de se regerem, e bem, sem ajuda alheio. Para se alcançar tal resultado é mister que a criança exerça o livre arbítrio. O fim de toda a educação é despertar a acção voluntária do criança(...)” (ONF, Nov. 1944).

Também no que diz respeito a *educar*, o texto de D. Manuel Trindade Salgueiro²²⁵ sobre esta discussão é uma espécie de resumo e de crítica a/de algumas afirmações, sem citação. Refere este sacerdote que “(...) para muita gente, a educação reduz-se à simples aprendizagem e à prática de boas maneiras. Supõe-se haver uma educação primorosa, quando se dança bem, se toca bem, se realizam certos actos exigidos pela cortezia, se cultiva a polidez, se veste com Impecável correcção, ou até com tentadora elegância. Ser considerado um mundano, de maneiras cuidadas e graciosos, é para muitos, o supremo ideal de educação. Para outros, a educação reside particularmente na robustez físico. E, então, dedicam-se apaixonadamente e exclusivamente àqueles desportos, que desenvolvam os músculos e façam do homem um sólido atleta. Querem alguns que a

²²⁵ Retirado de *O Papel da vontade na educação*.

educação consista especialmente na cultura da inteligência. Desenvolver o espírito e adquirir uma poderosa bagagem intelectual é o que deslumbra e o que preocupa. Para muitos, ela resume-se na aquisição daqueles meios que ajudem a vencer na vida. Todos os seus esforços tenderão, por isso, logicamente, a conseguir uma profissão, a obter uma técnica, que lhes assegure o triunfo na existência, com um mínimo de dificuldades.

Tudo isto é muito, mas tudo isto, mesmo reunido, não chega. A educação deve, pois, aperfeiçoar não só o corpo, mas também a alma(...) *educar*, como escreveu um médico ilustre, é preparar para a vida, para resolver problemas que cada um encontra ao longo do caminho da vida». O homem que queira educar-se ou que pretenda educar os outros, tem de atender particularmente à formação da vontade. Fortificada esta faculdade, todo o resto virá por acréscimo. Pelo contrário, sem força de vontade, o homem será sempre moralmente inferior, mesmo quando possua reais qualidades de inteligência e sensibilidade(...)”(ONF, Dez. 1944). A ideia de que a vontade faria milagres na educação fora exposta já, muitos anos antes, em artigo intitulado *Os milagres da Vontade*²²⁶, no qual a autora prova como a vontade poderia “prestar um valioso serviço educativo(...)” uma vez nada poderia ser melhor exemplo para os débeis do que o relato de casos em que essa característica elevava, através da educação, aquelas(es) que a possuíam. Os exemplos de que a autora se socorre são de indivíduos espanhóis que “(...) são nossos irmãos de raça, dotados das qualidades e defeitos característicos do nosso tipo sentimental e moral(...)”. São descritos os esforços de um advogado que fora mineiro, de uma modista cega e de uma lavadeira que se tornara engenheira.

Anos mais tarde, como vimos já nos concursos realizados pela revista e pelos textos de Irene Lisboa, Alice Gomes, Ilse Losa, Lucinda Atalaia e até Maria de Jesus Oliveria Mendes iremos verificar como o conceito de educação defendido em *Os Nossos Filhos* se tinha desviado desta orientação, desde inícios dos anos 50.

Esta última escreve, pouco depois de publicado este texto de Serras e Silva que o exemplo, como defende durante muitos anos a directora da revista, “(...) persuadindo sem imposição e convencendo sem coacção, deve ser o ideal do educador(...) a obediência imposta pelo temor, falham sempre os seus métodos e engana-se aquele que pensa educar assim, consciente de que nada conseguirá por outros meios. A disciplina, no verdadeiro sentido educativo, é o bom entendimento entre o aluno e o professor, ou entre o pai e o filho. É a compreensão afectiva daquele em relação a este, a aceitação

²²⁶ Texto de Luísa de Macedo publicado em *Portugal Feminino*. N.º 73. Fev. 1936. p. 11.

voluntária pelo educando, das determinações justas do educador. Entre um e outro deve existir sempre a mais perfeita harmonia, o melhor entendimento(...). Temos (...) todos, o dever imperioso de nos vigiarmos constantemente, acautelando todos os gestos no sentido de que nada tenham de condenável, ou menos digno. Educar é modelar almas, e o que de mais nobre pode brotar da alma humana é, em grande parte, o fruto da educação recebida(...). Procuremos, pois, que os nossos actos se revistam sempre do maior equilíbrio, do mais perfeito espírito de justiça (...)”(ONF, Out. 1946).

Esta mistura de metáforas educativas entre o *jardim* republicano em que se deve deixar crescer a planta, e o *barro* que é preciso moldar, tão ao gosto do Estado Novo, encontra-se sistematicamente em muitas(os) autoras(es) da revista.

Outras perspectivas sobre o que deveria ser *educar* são apresentadas em *Os Nossos Filhos* por outras(os) colaboradoras(es), numa perspectiva mais consentânea com a Educação Nova, como veremos agora quando nos referirmos não só a outras concepções de educar como também ao analisar o que sobre a Escola Única, Escola Nova e Activa é veiculado na revista.

No outro grupo de autoras(es) que sobre o conceito de *educar* também deixam a sua marca em *Os Nossos Filhos* temos Ferreira de Mira, a quem já nos referimos ao analisar as suas obras, Ilsa Losa, Maria da Natividade Pinheiro, Maria de Jesus e Maria Olegário Mendes.

Ferreira de Mira defende que para bem educar uma criança os pais, sobretudo as mães, devem reprimir a sua natural vontade de mandar porque há situações em que é preciso exigir o cumprimento de ordens mas outras há, em que se pode confiar no que a criança já interiorizou e é desnecessário repetir o que ela deve já saber porque educar é “(...)é habilitar o educando a viver por si, no conjunto social, sem arrumo(...), especialmente dependente de outro indivíduo(...) portanto, proceder de modo a facilitar o desenvolvimento das suas iniciativas(...). Pior efeito que o das ordens supérfluas é o das arbitrárias(ONF, Abr. 1950). Este autor prossegue referindo que “(...)Educar em paz não consente excessos de autoritarismo. Evidentemente é possível educar por processos, enérgicos, com o único inconveniente de adensar e enegrecer a atmosfera do lar, enquanto dura a idade infantil. Os maus resultados aparecem mais tarde, na adolescência, que só se governa com tacto, com brandura, com os modos de captar a confiança e amizade. Assim, para que haja paz no lar é preciso proceder amoravelmente com os crianças . Não pode exigir-se que filhos e pais tenham as mesmas ideias e reajam de modo igual(...)(...)a boa educação fará com que uns aos outros se respeitem e

se tolerem sem quebra da sua boa amizade(...)" (ONF, Jun. 1950).

Esta tese é sublinhada por Cecília Rey Colaço Menano que, ao descrever o que vira nas escolas suíças por onde andara em visita de estudo, repara que em Genève, na *Maison des Petits* com Mlle Audemars, as crianças não desobedeciam porque tinham sido educadas para serem "(...)dona das suas ideias(...)2 e tinham "(...)algum espaço onde elas também possam decidir(...)" (ONF, Fev. 1951).

Ilse Losa, no seu livro *Nós e a criança*, tão anunciado em *Os Nossos Filhos*, vai defender que "(...) Educar é procurar compreender e tirar consequências das recordações da tirar consequências das recordações da nossa própria infância, não repetir erros que tal sofremos ou a que assistimos, é fazer compreender à criança o sentido, da vida, sem complexos estando sempre dispostos e com apreocupação de fazer dela uma pessoa que saiba desempenhar com honestidade o seu papel na sociedade humana(...).Não admirar que crianças que nada podem fazer a seu gosto e cujas actividades não se respeitem, sejam teimosas. /É preciso/ ver na criança um ser humano e não boneco às nossas ordens(...). Eduquemos as crianças para uma boa camaradagem e para a compreensão mútua(...). Um bom ambiente é terreno fértil para desenvolvimento de boas qualidades(...)" (ONF, Set. 1954).

Maria Olegário Mendes, a jovem professora do ensino primário que iniciara a ideia de *Se eu tivesse uma varinha de condão*, que já referimos nos concursos de *Os Nossos Filhos*, lançara aquele repto ás(aos) alunas(os) porque defendia que "(...)para bem educar é preciso conhecer o educando. Para bem ensinar é necessário também conhecer as faculdades físicas, intelectuais e morais dos nossos discípulos. É preciso conhecer o carácter, os gostos, a personalidade de cada criança e o meio em que vive. Conhecer o ambiente familiar, as condições económicas e sociais que a rodeiam. Sentir uma ternura profunda por essas pequeninas almas às vezes tão estranhas e incompreendidas (...)Cada criança tem o seu carácter. Compete ao educador conhecê-lo bem para poder desenvolver os sentimentos nobres e sublimar as tendências perniciosas ou os defeitos hereditários ou adquiridos. Compete.-lhe também combater o medo, a timidez, os complexos de inferioridade, etc. que muitas crianças manifestam(...)" (ONF, Jun. 1955).

Neste ponto José Francisco Rodrigues concorda com Afrânio Peixoto para quem uma "(...)«Uma má educação, tirânica e arrogante, faz uma civilização guerreira e desumana». Ele defende ainda que "(...)«A história da civilização é a história dos resultados da educação. «A história da educação é a chave ou decifração da outra»(...)" (ONF, Abr. 1957).

A antiga directora do *Instituto Infantil de Coimbra* e membro do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* no tempo em que Maria Lamas o dirigira, Maria da Natividade Pinheiro Correia, escreve:“(...) educar uma criança no verdadeiro sentido da palavra é acima de tudo amar e compreender(...). Antes de aplicarem qualquer sanção ou recompensa devem reflectir e procurar a melhor solução. (...) Todos os educadores saber que só se pode dirigir bem uma criança conhecendo bem a sua personalidade...e esta só a mostra quando não tem medo dos adultos(...) educar nossos filhos com lógica e inteligência...vida vivida com rectidão, lealdade, solidariedade(...)” (ONF, Maio 1957).

Ao abordar este problema da educação e do papel que as mães desempenham, quando sabem o que estão a fazer, a directora da revista mostra como “(...)educar é mesmo tempo tão fácil e tão difícil(..)/pois que há / mães que educam crianças encantadoras e outras, embora cheias de boa vontade, não conseguem orientar seus pequenitos(...). Não é igualmente fácil educar todas as crianças(...)que não basta ser mãe e amar os filhos para ser boa educadora(...) é preciso compreender a importância dos problemas infantis, conhecer personalidade infantil, proceder com tacto e inteligência(...) é preciso, enfim, estar preparada para educar — verdade do Sr de La Palisse que nem toda a gente ainda descobriu...(...)” (ONF, Jan. 1953). O melhor caminho a seguir é que as mães estudem e reflectam ao mesmo tempo que vão dando autonomia a rapazes e raparigas para elas(es) aprenderem sem ralhos e com alegria.

Finalidades, meios educativos e pedagogas(os)

Ao iniciarmos a sistematização e identificação do currículo proposto por Maria Lúcia Vassalo Namorado em *Os Nossos Filhos* duas pequenas advertências foram necessárias: uma primeira, é o cuidado que temos de ter em não identificar esse conjunto de princípios que detectamos como característicos de todo o grupo de pessoas que escrevia na revista e tem de se perceber se os elementos considerados fundamentais nesse currículo (não) são “(...) só típicos desse educador ou se são comuns na época (...)”(Gall, Borg e Gall, 1996, p. 666). O facto de termos estes registos, cuja análise podemos completar com o cruzamento de informações retiradas dos restantes documentos do *Espólio*, permite-nos, à partida, afirmar que Maria Lúcia Vassalo Namorado tinha a noção do valor que eles poderiam vir a ter. Um outro cuidado que temos de ter em mente é não cair na tentação de generalizar “(...) a partir dos relatos de um único indivíduo(...)” ou publicação, como é o caso de *Os Nossos Filhos* e ainda o de

evitar o presentismo, ou seja, “(...) a interpretação de factos passados com utilização de conceitos e perspectivas oriundos de períodos mais recentes (...)” (Gall, Borg e Gall, 1996, p. 672) ou ainda a ignorância do que hoje é evidente mas que, na época, ainda não o era.

Reflectir sobre as finalidades da educação não era uma novidade em *Os Nossos Filhos*. Leonardo Coimbra apresentara, em 1926, uma tese²²⁷ intitulada *Problema da Educação Nacional no Congresso da Esquerda Democrática*. Nela fazia uma reflexão sobre as finalidades da educação ao mesmo tempo que apresentava uma proposta de organograma para o sistema de ensino. Quanto às primeiras, considerava que podiam ser “(...) familiares, nacionais e humanas (...)” (Coimbra, 1926 In Dionísio, 1983. p. 921) dependendo do ponto de vista adoptado.

Habilitar o “(...) indivíduo para a capacidade de triunfo na luta pela vida (...)” só pode ser uma finalidade da família se aliada à “(...)vantagem da convivência(...) /porque/ a luta pela vida envolve vencidos e vencedores e não seria uma obra social aquela que cada família realizasse preparando apenas combatentes (...) e seria (...)sempre inferior como meio de educação social, pois a família não é uma sociedade em miniatura(...) ” (p. 921-922).

Os fins da educação nacional deveriam ser “(...) a prosperidade e engrandecimento de uma Nação, variando, pois, os métodos educativos com o ideal nacional. Se o ideal nacional é exclusivista, teremos os povos idólatras, absorventes e dominadores, esperando de si ou da sua providência a direcção dos destinos do Mundo (...)” (p. 922).

A outra finalidade seria a cultura, “(...) e as formas de cultura são todas hoje de carácter universalista: a Ciência, a Filosofia, a Arte, a Técnica, e até as Religiões(...) e aquelas /nações/ que, tendo atingido a cultura, a desviarem para o exclusivismo, para o encerramento nacionalista, correrão o risco de perderem essa mesma cultura (...)” (p. 922).

A “(...) finalidade nacional-humana, /é o/ único destino viável a polarizar a educação moderna (...)” (p. 923). Sendo a cultura um bem dinâmico, a finalidade da educação também o é porque “(...) educar é cultivar as liberdades criadoras da cultura nacional humana (...) e a educação parte da cultura para a cultura(...)” (p. 924). Como consequência desta afirmação, “(...) todos os métodos educativos que depositem a instrução no espírito dos educandos (...)”(p. 924) estão condenados à partida porque não

²²⁷ COIMBRA, Leonardo (1926) – *Problema da Educação Nacional*. In Dionísio, Sant’Anna (1983) – *Obras de Leonardo Coimbra*. 2º vol. Porto: Lello & Irmão. P. 919-954

permitem a busca de novos saberes. O destino da educação é a preparação e a “(...) formação dos homens de amanhã: Elemento da vida heróica e criadora, da vida excedente e progressiva e não simples elemento de repetição e conservação que não é vida pois esta é sempre heroísmo, luta, esforço ascensional e meritório (...)” (p. 924).

Se a formação é feita por um católico, ele formará outro mas...”(...) o Estado moderno, que homem deve formar? Não o forma; mas cultiva-o, cria-lhe o meio, onde ele *activamente* assimila e em reacção desenvolve as suas qualidades de liberdade criadora da cultura nacional humana (...)” (p. 925).

Pode colocar-se a questão de saber que papel deve caber ao Estado e qual a relação que deve estabelecer com a educação, ou seja, “(...) Com que direito e por que espécie de dever há-de o Estado tornar a si esta defesa e organização da cultura? (...)” (p. 925). Ele deve ser apenas “(...) o órgão de execução do conjunto de medidas supostas necessárias e suficientes para a conservação e desenvolvimento da cultura, ou teríamos um Estado bárbaro numa sociedade culta, anacronismo a que a vida social encontra sempre solução normal ou revolucionária, ou o Estado terá de ser um órgão da cultura. Não quer isto dizer que seja o único factor da educação, antes haverá toda a vantagem em que no quadro da sua função educativa se possa inserir a coordenação de muitas actividades educativas vindas de indivíduos ou agrupamentos (...)” (p. 925).

O ensino particular ficaria assim livre e o ensino oficial seria “(...) igual para todos dentro do mínimo de educação que a todos for imprescindível para serem liberdades coparticipantes na obra da Cultura (...)” (p. 939). Se essas escolas quiserem aí incluir a religião, terão a liberdade de o fazer porque “(...) o Estado tem de limitar a sua acção à linha geral da cultura, não pode impor mais que um método, uma atitude que deixa às liberdades a escolha das doutrinas especulativas que melhor recebam o seu acordo (...)” (p. 940).

No quadro regulador da educação propõe-se que a educação oficial seja “(...) dada no seu mínimo a todos e aberta no seu máximo aos mais capazes, venham de onde vierem. Mas a educação não pode fazer-se por um simples «*ministério*», ela é uma obra de conjunto em que todos terão de intervir. O ministério do trabalho, tomando para si a higiene pública, deverá cuidar da *eugénica* pela assistência económica e médica, pela divulgação por órgãos apropriados, que poderiam ser os médicos municipais e das escolas, das bases fundamentais da higiene geral, higiene do casamento, sexual, da mulher, da gravidez e da criança (...)” (p. 941).

Do ponto de vista da análise prática do sistema, as críticas são imensas. Uma delas, como muitos anos mais tarde acontece em *Os Nossos Filhos*, aponta o dedo à carga de conhecimentos exagerada que é exigida aos alunos e “(...) mesmo assim não há materialmente tempo para dar os programas em toda a sua extensão!! (...)” e que os transforma em estudantes “(...) em regra, tristes, fatigados, sem a alegria de viver (...)” (p. 944). Aos programas acrescem, como parasitas incómodos, uns trabalhos manuais sem finalidade educativa, é só uma parcela, (...) uma higiene, uma ginástica, uma música e um canto coral, que são também parcelas a mais e não o exemplo vivo da cooperação social no acordo das almas pelo acordo das vozes (...) “ (p. 945).

A proposta de “(...)Orgânica de Educação (...)” (p. 945) defendida neste texto, parte do princípio de que uma reforma das universidades e da formação de professores estava por fazer. A esse ensino superior teriam acesso “(...)os alunos saídos das competentes secções do curso liceal e os diplomados com o curso técnico especializado, mediante exame das disciplinas próprias da secção liceal correspondente à faculdade a que se destinam ou exame de admissão na referida Faculdade (...)” (p. 948).

Mas se desenvolver as liberdades era o fim da educação, como encarar o problema da igualdade de oportunidades no acesso ao ensino superior, ou seja, o problema da equiposição? A resposta seria uma: considerando que “(...) a igualdade social é a igualdade perante a Lei: a este grau do ensino têm acesso os ricos que o conquistem como os pobres que vençam as dificuldades dum valorização, que atinja o grau de selecção necessário para as vagas que o tesouro da instrução possa distribuir aos que não podem pagar (...)” (p. 948). Coloca também o problema de outra diferença que, nesse acesso, se verificava pois “(...) o prejuízo será ainda maior para os pobres da província, pois que o alto ensino está centralizado nas cidades e se é ainda possível um pobre da cidade frequentar a Universidade é isso muito mais difícil a um provinciano (...)” (p. 948).

Para o ensino primário a proposta apontava ainda para o “(...)ensino primário superior, que poderemos chamar ensino *fundamental*. (...) /visto como/ sequência dum iniciação sobretudo activa e de activo convívio com as cousas, que é o ensino primário geral, deve esse ensino ser aquele que, em resumo e minoração, respeite o organismo cultural como o definimos e contenha o quadrimónio ciência-filosofia-arte-técnica (...) ele dará um mínimo de conhecimento científico, o bastante para uma apreensão do verdadeiro espírito cultural. A revista de conjunto ou síntese filosófica será dada pela análise do que as ciências ensinam e da unidade que pela espontaneidade da actividade sintética do

espírito vem cingir esses ensinamentos. A arte será a estética da literatura, do canto coral regional, do desenho, etc., e a técnica, a aplicação desta arte a qualquer produto regionalista (...) Este ensino fundamental é que é uma obrigação indeclinável da nossa Democracia (...)” (p. 949), assim como a criação de uma escola destas em cada concelho.

Finalmente, abaixo do ensino primário, a assistência e educação infantil poderia ser feita em “(...) jardins-escolas para os pobres, porque os ricos podem, sem perigo social, guardar a primeira infância de seus filhos, guiados pelo natural carinho, que os irá informando nas fontes oficiais dos progressos de pediatria, etc.(...)” (p. 951).

Apesar da pouca confiança que Leonardo Coimbra tinha nos resultados que se previam para o *Instituto de Orientação Profissional*, propunha que ele fosse anexado a uma “(...) escola especial de formação de professores das escolas profissionais, técnicas especiais(...)” (p. 951).

A coeducação era intocável, sendo a segregação (...) dos sexos filhas da Razão mística, em pavor e obediência a velhos e contraproducentes tabus sexuais(...)”. Ela deveria ser feita mas adaptando “(...)é claro, a parte estética e técnica, às naturais diferenças dos sexos(...)” (p. 952). Quanto à possível entrada das mulheres na vida docente “(...)deverá ser gradualmente aumentada à medida que for realizando a sua capacidade social: por agora, nem o ensino fundamental, nem liceal, especial, universitário, etc., as pode receber mais que numa restrita quantidade em relação ao número dos homens (...)” (p. 953).

Na revista encontramos uma maior preocupação com a explicitação dos meios do que com os fins e as finalidades do ensino porque a maioria dos artigos se debruça mais sobre a “(...) técnica pedagógica informada especialmente pela Psicologia (...)” do que sobre a “(...) filosofia pedagógica (...)” A Pedagogia é aqui encarada como ciência, arte e filosofia porque “(...)enquanto Filosofia, propõe os fins que a educação deve atingir; como ciência, estuda o objecto da educação— a criança; como arte, ensaia as técnicas mais adequadas para levar o objecto à consecução dos fins, isto é, estuda os métodos pedagógicos(...)” (Rodrigues, 1944, p. 39).

Para quem tenha, como José Francisco Rodrigues, uma concepção católica de educação, deve ser feita uma distinção entre “(...) fins próximos da educação e o seu fim último(...)” (Rodrigues, 1944. p. 40); sendo os primeiros determinados pelo tipo de sociedade onde a criança vive/vai viver, eles condicionam o tipo de educação que se lhe dá. Para uma “(...) sociedade do tipo de civilização ocidental e cristã(...)” (Rodrigues,

1944. p. 40) havia três fins a atingir: o primeiro, “(...)desenvolver todas as faculdades individuais, é formar homens, no sentido mais nobre da palavra: homens completos, homens educados integralmente(...)”; o segundo, seria a “(...)socialização do educando (...)” podendo desdobrar-se noutros “(...) objectivos menores ou subsidiários como a liberdade disciplinada ou a disciplina da liberdade (...)” (Rodrigues, 1944. p. 41-42), pela qual se adquirirá a capacidade de entender os deveres da solidariedade social e o domínio das “(...) tendências instintivas(...)” individuais. Para alcançar estes objectivos a escola pode socorrer-se “(...) de diversos meios como (...)o ensino activo e do autogoverno das classes e a organização das repúblicas escolares (...)” (Rodrigues, 1944. p. 42). Quanto ao terceiro objectivo, a educação deve favorecer “(...)a aquisição e renovação da cultura(...) que representa o conjunto de actividades humanas tendentes a realizar esses valores: Bem, a Verdade, a Justiça, o Belo, etc.(...)” (Rodrigues, 1944. p. 42-43).

Os sistemas pedagógicos importados e mais citados são o de Maria Montessori, o de O Decroly e o de John Dewey (Rodrigues, 1944. p. 45) que, ajudam a resolver, como considerava Lourenço Filho, “(...) duas espécies de problemas: os da organização estática e os da organização dinâmica do ensino(...).Os primeiros respeitam à elaboração de programas e horários; à discriminação e classificação de temperamentos e aptidões; à organização racional de classes homogêneas, para ensino diferenciado; à determinação científica dos anormais e dos superiormente inteligentes; à orientação e selecção profissionais, etc.(...)” (Rodrigues, 1944. p. 45).

Em *Os Nossos Filhos* encontramos ainda diversas(os) autoras(es) que citam grande número de pedagogos ou apenas algumas frases extraídas de obras por elas(es) escritas. Para se perceber que ‘afinidades pedagógicas’ têm estas(es) colaboradoras(es) ou a própria directora da revista, há que referir as(os) autoras(es) mais citadas(os) em *Os Nossos Filhos* que vão de Froebel e Pestalozzi a João de Deus e a Helen Key que defendem que “(...) a educação não oprime, nem violenta a inteligência e a sensibilidade da criança, mas cumpre-lhe estimulá-las e guiá-la (...)” ONF, Jun. 1942) como dizia João de Barros e para quem, como para Van Eysinga, citado no mesmo texto, “(...)Educar é vigiar atentamente o crescimento orgânico(...) /usando educar no sentido de/ «vigiar» não perder o seu duplo sentido de ver e de fiscalizar disciplinando /de acordo com o/ mais alto e eficaz ideal educativo da século XX(...)”. Não há dúvida de que Montessori, Froebel, Pestalozzi (ONF, Dez. 1943 e 1955) e Claparède (citado por João de Deus Ramos em Julho de 1942) são as(os) pedagogas(os) mais citados por

todas(os) as(os) autoras(es) das(os) mais ou menos distanciadas(os) do regime. Virgínia Faria Gersão (ONF, Jun. 1943) assim como José Francisco Rodrigues (ONF, Out. 1943) e Manuel Subtil (ONF, Set. 1943) referem ainda Faria de Vasconcelos que todas(os) haviam conhecido. Outros autores como Bertrand Russel (citado por Mário Sacramento. ONF, Fev. 1954), William James (citado por Maria da Luz de Deus. ONF, Dez. 1943), assim como Rousseau (citado entre outras, por Emília de Sousa Costa. ONF, Abr. 1944) são trazidos para os textos destas(es) autoras(es) para, por razões diversas, neles se apoiarem na apresentação de alguns dos princípios educativos aqui defendidos. Ao método montessoriano aplicava Elina Guimarães algumas críticas porque, embora reconhecendo-lhe muitas vantagens, e sendo “(...) modernamente um método educativo muito espalhado propõe a separação do mundo infantil do mundo adulto (...) e cujo conhecimento é indispensável a quem queira fazer mister de educadora(...)” também é “(...) extremamente difícil aplicá-lo nos domicílios particulares /porque/ sendo a base do método Montessori o respeito pelo instinto infantil, deixando a criança escolher ela própria as suas ocupações, muitos lhe têm apontado o defeito de preparar mal as crianças para a vida, em que quase ninguém é suficientemente livre para obedecer apenas ao seu impulso. Esta passagem do mundo infantil ao mundo dos adultos é que constitui o principal óbice a este sistema(...)” (ONF, Abr. 1944).

A Psicologia é outro fundamental meio e apoio educativo sobre o qual se insiste as mães devem ter muitos conhecimentos porque nos diz “(...)como evoluem os interesses da criança, a sua atenção, a observação, a memória, a imaginação, etc.; diz-nos aquilo que a criança pode aprender em cada idade; quais os mecanismos e as leis da aprendizagem; a influência das horas e do ambiente, etc.: indica-nos, portanto, como devem ser organizados os programas e os horários (...)” (Rodrigues, 1944. p. 46). É a esta ciência que se fica a dever a classificação dos temperamentos, do nível mental das crianças, do quociente de inteligência (que nos indica quais os anormais, os super-normais e os bem dotados), das aptidões de cada criança (para as orientar e seleccionar do ponto de vista profissional) e da possibilidade de definição de características orientadoras das classe homogêneas. Aos alunos considerados anormais deveria ser proporcionada “(...)uma vida cristãmente digna e socialmente útil(...)” enquanto que com os bem dotados se poderiam criar escolas especiais “(...)com mira à formação dum escol, verdadeiramente superior, tão necessário à boa organização e ao progresso social(...)” (Rodrigues, 1944. p. 46).

Quanto ao outro problema que a Psicologia podia ajudar a resolver, o da “(...) organização dinâmica do ensino(...)”, ele diz respeito “(...) ao funcionamento do sistema educativo, à direcção da aprendizagem, Resumem-se, afinal, na questão dos métodos, processos, formas e modos de ensino (...)” (Rodrigues, 1944. p. 47).

A Psicologia é uma ciência fundamental em educação pois fornece-nos diversos ensinamentos que depois podem ser aplicados através da Didáctica. Se a Psicologia defende que a “(...) percepção da criança é sincrética: e a Didáctica conclui daí que os métodos devem ser globais (...) /se nos dá a conhecer/ as leis da aprendizagem: lei do exercício, lei do efeito, lei da novidade (...) a Didáctica diz que toda a aprendizagem deve ser motivada, para interessar a criança (...)” (Rodrigues, 1944. p. 47), assim como nos presta “(...) auxílios valiosos para a solução dos problemas estáticos e dinâmicos, orientando-nos na elaboração de testes pedagógicos ou de escolaridade, destinados a verificar o rendimento do ensino e a dar-nos a medida exacta dos resultados das diversas organizações e das diferentes técnicas escolares (...)” (Rodrigues, 1944. p. 48).

A educação integral que o autor defende, consistindo “(...) no desenvolvimento harmónico de todas as faculdades individuais, de todas as estruturas da personalidade (...) /considera que a/ personalidade humana é um composto de várias estruturas: física, intelectual, religiosa, artística, moral, económica (...) /e por essa razão/ a educação deveria consistir no desenvolvimento simultâneo equilibrado e harmónico de todas essas estruturas (...)” (Rodrigues, 1944. p. 48). As entidades responsáveis pelo desenvolvimento da educação deverão ser “(...) a Família, a Igreja e a Escola (...)” (Rodrigues, 1944. p. 50).

Muitas vezes estes agentes vêem a sua acção dificultada por diversos aspectos que impedem o seu desenvolvimento, a saber, a Miséria, a Doença, a Ignorância, a Sordidez e a Ociosidade (...)” (Beveridge, cit. in Rodrigues, 1944. p. 51) e que a educação pode e deve combater sem tréguas pois consegue dar mais resistência ao corpo, melhora o trabalho profissional, diminui o desemprego, a miséria e mata a ignorância. Do ponto de vista moral, a educação “(...) faz com que o homem tenha uma noção mais perfeita das suas responsabilidades individuais, familiares e sociais (...)” (Rodrigues, 1944. p. 52).

A educação só será verdadeiramente eficaz se for capaz de resolver outros problemas, a saber, “(...) os da higiene e da assistência (...)” (Rodrigues, 1944. p. 53) que com ela interagem e para os quais urge encontrar soluções que não ponham em causa o trabalho educativo realizado. Como vimos nos subcapítulos anteriores, essa era também a ideia fundamental no pensamento de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

Ainda no que diz respeito aos grandes debates que perpassam em *Os Nossos Filhos*, mais ou menos objectivamente, há um de que não podemos ultrapassar: a do papel que a educação pode/deve ter na formação da mulher.

A maior parte dos autores que, até ao séc. XIX, se foram pronunciando sobre este tema seguiam um pouco as concepções que sobre ele tinha Fénelon, ou seja, defendiam que as mulheres deveriam ser educadas “(...)mas tendo sempre em mira as funções que lhes são próprias: a educação dos filhos, o governo da casa, a harmonia do lar (...)” (Rodrigues, 1944. p. 91). A esta perspectiva acrescentara o referido século, e o seguinte, uma outra: a de que “(...) ninguém pode educar sem ser educado(...)” (Rodrigues, 1944. p. 91) e a de que não tem mais cabimento a questão de saber se a mulher é inferior ou superior ao homem porque a resposta não pode ser nem uma nem outra, ou seja, o problema não se põe em termos de *inferioridade* ou de *superioridade* mas em termos de *igualdade e diferença* que é obrigatório reconhecer.

Antes de mencionar os conteúdos a incluir na educação da mulher há que definir que tipo de mulher se quer obter com essa educação, que modelo se deve ter em mente; como resposta a esta questão “(...)o filósofo Will Durant escreveu há pouco a este respeito: «As que pretenderem levar por diante a emancipação, têm que tornar-se mulheres perfeitas em vez de homens imperfeitos(...)” (Rodrigues, 1944. p. 97). Por essa razão, as mulheres devem ser educadas, cultas mas não pretensiosas, nem sabichonas fátuas; “(...) devem ser livres, mas não libertinas(...) independentes, mas não altivas nem displicentes(...) antes compreensivas e conciliadoras (...) com personalidade forte, mas sóbria (...) culta, mas humilde e feminina através de tudo (...)” (Rodrigues, 1944. p. 97).

Só através da educação se poderá criar uma tal tipo de mulher. O programa de formação conducente a tal modelo tem de partir de um currículo mínimo de “(...)uma educação geral séria, uma educação integral, uma educação que considere e desenvolva todas as estruturas da personalidade; e uma educação técnica, profissional precedida da necessária orientação(...);na educação geral incluímos: a educação física, a intelectual e moral, a sexual e a económica (...)” (Rodrigues, 1944. p. 98). A primeira, permite à mulher o bom desenvolvimento de novos seres, saudáveis, aquando da gestação; a

segunda, não visa produzir “(...) intelectuais puras(...)” (Rodrigues, 1944. p. 99); ela é uma das componentes da educação integral temperada pela educação moral²²⁸.

A educação sexual não pode ser descurada; se o fosse, só “(...) provaria (...) o atraso dessas pessoas em assuntos educativos e sociais(...)” (Rodrigues, 1944. p. 99) e não há necessidade de “(...) pôr impureza e malícia em coisas naturais, que devem ser simples(...)” (Afrânio Peixoto, in Rodrigues, 1944. p. 99). Na educação económica deve colocar-se a necessidade de a mulher “(...)saber administrar convenientemente as receitas, dosear as despesas em conformidade com elas, não comprar coisas inúteis e aproveitar bem o que se tem(...)” (Rodrigues, 1944. p. 101).

Depois deste currículo inicial há necessidade de abordar “(...) o segundo ponto do programa: encaminhamento, orientação e educação profissional (...)”(Rodrigues, 1944. p. 101), aplicável aos dois sexos por ambos serem imprescindíveis na boa organização da sociedade.

Este programa, como temos vindo a mostrar ao longo deste trabalho, está muito próximo daquele que a revista *Os Nossos Filhos*, sem esta sistematização, defende para a educação das mães.

Esta identificação que fazemos do *currículo* que Maria Lúcia Vassalo Namorado queria fazer passar para as mães não estaria, como referimos já, no projecto inicial da directora de *Os Nossos Filhos*. As circunstâncias foram-lho impondo paulatinamente. Percebemos desde o início que o equilíbrio será difícil entre diversas concepções pedagógicas que passam na revista. Há autoras(es) representativas de diversas correntes e sensibilidades sociais e pedagógicas como Maria da Luz de Deus, Maria Evelina Faria e Maia de Aguiar Bustorff, Maria de Jesus Oliveira Mendes, Alice Gomes, Irene Lisboa, Serras e Silva, para apenas citar algumas(ns) e, mesmo neste grupo muitas(os) há que são mais respeitadas(os) do que outras(os) nas questões de educação. Apenas como exemplo, veja-se que a revista pretende ser consensual mas também inovadora e é neste periclitante equilíbrio pedagógico que se vai mantendo sem sobressaltos durante anos, ali fazendo passar textos de autoras(es) em que se nota o apego a alguns aspectos da designada Pedagogia Tradicional (sobretudo nas questões de moral e disciplina) mas também a defesa das questões da Educação Nova, sobretudo a partir da década de 50.

²²⁸ Na obra de José Francisco Rodrigues que vimos seguindo, a página 99 está dobrada no canto superior direito, indicando que Maria Lúcia Vassalo Namorado a assinala por conter matéria de interesse para a revista.

Parece-nos que Maria Lúcia Vassalo Namorado pretendia sobretudo, como refere José Francisco Rodrigues, socializar as mulheres aqui assumido como um “(...) processo pelo qual um indivíduo apreende e interioriza os valores, as normas e os códigos simbólicos do seu meio social, integrando-os na sua personalidade. A socialização é, antes de mais, aculturação “ (...) isto é, aquisição e interiorização das maneiras de actuar, de pensar, de sentir e de agir, próprias do grupo ou da sociedade de que o indivíduo faz parte e indispensáveis à sua adaptação ao meio. O resultado da socialização é uma certa conformidade dos comportamentos que permitem, a integração individual e a estabilidade do conjunto social(...)” (Thines e Lempereur, 1984, p. 852 cit. In Viana, 2001. p. 89). Porém, se este era um dos objectivos que podemos encontrar em *Os Nossos Filhos*, nela também está sempre presente uma ‘ponte’ possível com outras formas de ver e de estar no mundo. A directora da revista sabia que a acção educativa nunca é neutra e assumiu que, para que a publicação se mantivesse, precisava de estabelecer uma certa harmonia entre o que o regime pretendia, colocando-se então no plano daqueles que ‘desse lado’ a poderiam ler, respeitando os seus pontos de vista mas, ao mesmo tempo, nunca abdicou de nela dar a conhecer o que ‘o outro lado’ também podia oferecer, sobre temas afins. No entanto, em muitas áreas, nem sempre esses dois ‘lados’ eram tão distantes como poderia parecer á primeira vista.

Talvez possamos afirmar que, como grandes princípios de educação e orientação educativa de *Os Nossos Filhos* temos a insistência em três aspectos: o exemplo educativo a ser dado sobretudo pelos pais e continuado, na escola, pelas(os) professoras(es), a necessidade de cultivar a amizade com as crianças e satisfazer a sua natural curiosidade (José Francisco Rodrigues, Alice Gomes, Irene Lisboa ou Lucinda Atalaia é o que defendem continuamente). Como principal virtude de qualquer educador, de quem dependem as crianças é a serenidade e a confiança que mais devem ser cultivadas (Ferreira de Mira. ONF. Fev. 1950) assim como a correcta e necessária coincidência entre os princípios educativos que a criança tem em casa e que não devem ser postos em causa na escola pois que “(...) Pode o sistema de educação ser mais afável ou mais duro (...) o indispensável é que a criança sinta e compreenda, que são constantes ,as disposições do seu educador, isto é, da pessoa de quem ela depende. A criança não sabe laminar a sua curiosidade e não se deve estranhar da parte dela teimas. Amos e até acessos de ira (...). Procedendo com humor inalterável, sem manifestações exuberantes mas também não evitando as repreensões e correcções que o procedimento da. Criança porventura exija, o educador dá bom exemplo de serenidade ao seu

educando (...) Também o medo afasta a serenidade do espírito, e isso obriga a certos cuidados na educação das crianças. Evidentemente o medo é salutar como advertência de perigos, e há certas Idades, quando a criança inicia o seu conhecimento do mundo, em que é necessário ensinar (...) Mas ao mesmo tempo convém mostrar-lhe que muitos objectos cuja estranha aparência lhe mete medo são inofensivos e, muitas até incapazes de qualquer acção (...) Mau é o sistema de meter medo à criança com o intento de a educar, umas vezes para que não proceda de certa maneira, outras para a habituar à ocorrência. De causas que possam provocá-lo (...) Todos «s especialistas em matéria de educação concordam era que é preferível adoptar um mau sistema a não ter nenhum...lente. Uma criança «em cuja educação colabora meia dúzia, de pessoas, de ídoles diferentes, será (evidentemente mal educada porque a sua inteligência e a sua sensibilidade, são dirigidas ora num ora em outro sentido.(...)».

Papel da família e as relações escola – família

Este aspecto leva-nos a um outro tema muito analisado em *Os Nossos Filhos*, a saber, o das relações entre a escola e a família. A ideia de que a família estava, em geral, mal preparada para assumir a educação das crianças está presente na discussão que, na *Assembleia Nacional* foi feita aquando da discussão da “(...) reforma do ensino primário, proposta pelo ministro Carneiro Pacheco, apresentada à *Assembleia Nacional* em Novembro de 1937(...)” (Cruz, 1992. p. 569).

Alguns reconheciam a incapacidade da família, por falta de preparação, para assumir, sozinha, essa tarefa. Sobre o papel que a entidade estatal devia desempenhar nesse trabalho não havia unanimidade entre os católicos porque alguns, como Diniz da Fonseca, “(...) também antigo deputado do *Centro Católico*, (...)/defendia não só / a missão educativa da família, insubstituível pelo Estado(...)” (Cruz, 1992. p. 569) como a importância que as mães podiam ter na orientação da educação infantil.

A Igreja considerava que a educação fora excessivamente submetida ao Estado durante a 1ª República. Ela vai tentar não dissolver o *Corpo Nacional de Escutas*, como pretendia o Governo, por considerar que, com a criação da *Mocidade Portuguesa*, em 1936 e 1937, não havia lugar para aquela outra instituição. Ao mesmo tempo, na Páscoa de 1938, o episcopado português, em “(...) pastoral colectiva, convidava os católicos a orar para que a juventude portuguesa se não deixasse seduzir pelas propostas do culto do Estado, do culto do chefe, do culto da disciplina sem liberdade, do culto da força física, da violência e da guerra, numa clara alusão ao fascismo italiano(...)” (Cruz,

1992. p. 571). Este clima de insatisfação vai abrandar um pouco quando em 7 de Maio de 1940 se assina a *Concordata* com a Santa Sé.

Um texto que não está no *Espólio* é o estudo sobre a família da *Acção Católica Portuguesa* (ACP, 1938. 218 p.) publicado pela *Liga da Acção Católica Feminina* e dirigido às “(...) reuniões de militantes, com aprovação da *Junta Central da Acção Católica Portuguesa*(...)” (ACP, 1938. p.1), no qual são analisados temas como a importância da família, o problema do casamento e do divórcio vistos à luz da doutrina da Igreja, as questões inerentes à organização de um lar e a importância da autoridade paterna, ao mesmo tempo que se tecem diversas considerações sobre o problema da educação que aqui nos interessa particularmente e de assuntos mais específicos como sejam o tratamento do lar aliado a um sem número de outros conhecimentos úteis, tão necessários á educação das raparigas. A família é vista ali como “(...) uma sociedade natural perfeita porque instituída pela própria natureza é uma sociedade matrimonial, filial e heril porque até certo ponto os criados também fazem parte da família(...)” (ACP, 1938. p. 6). Esta sociedade obedece a um conjunto de princípios, a saber: ela é a responsável “(...) pela continuação do género humano sobre a terra(...)” é a ela que compete “(...) que a criança receba a educação mais apropriada ao desenvolvimento da sua personalidade(...) porque a educação é desenvolvimento e progresso dos homens em todas as suas faculdades, nos seus sentimentos, nas suas aspirações nobres(...)”, tem o dever de “(...) transmitir aos filhos a solidariedade familiar(...) porque sem meio familiar a obra da educação é impossível(...)”, exerce uma “(...) dupla influência masculina e feminina para a formação do ser humano uma vez que pai e mãe são um só por causa da educação dos filhos(...)” e o “(...) casamento monogâmico é indissolúvel e encontra coesão no amor, ao serviço da família(...)” (ACP, 1938. p. 7). A família serve ainda para “(...) assegurar a propagação e a perpetuidade da raça humana(...)” sendo que os fins da família são “(...) criar e educar os filhos, como fim primário e superior, legítimo remédio para as solicitações do mal, gozo de todos os bens da vida comum pelo amor e dedicação mútua aceitação de dificuldades e preparam a sua felicidade eterna(...)” (ACP, 1938. p. 13).

Sendo a família a “(...) escola verdadeira de civismo e de amor às tradições(...)”(ACP, 1938. p. 16) tem para com a Pátria e esta para com a família deveres recíprocos que aquela deve dar “(...)novos filhos à Pátria, filhos são física, moral e espiritualmente, educados, conhecedores da Pátria, de a amar e servir(...)” enquanto que esta “(...)reconhece a família como escola de verdadeiro sentimento nacional, defende-a e

protege-a (...) com indissolubilidade do matrimônio, das previdências sociais, da posse pacífica do lar, das facilidades de comunicações, etc.(...)” (ACP, 1938. p. 18).

As relações da família com a Igreja são profundas uma vez que a primeira “(...) procura na sociedade civil e na religiosa os meios de que necessita para atingir a sua completa perfeição (...)”(ACP, 1938. p. 22). A Igreja espera que a Família cumpra os seus deveres mais sagrados que podem ser reduzidos a três: conhecer a Igreja, amar e servir. Para realizar o primeiro dever, a Família deve dar a conhecer a Igreja através da educação que ministra às suas crianças, para a amar deve participar “(...) no culto, observância das prescrições, submissão aos seus conselhos e orientações(...) /e para a servir deve/ apoiar a construção e conservação dos templos e sustentação dos seus ministros(...)”(ACP, 1938. p. 26).

A família tem uma função específica que realiza pelo casamento pois o fim principal deste sacramento é: “(...) perpetuar a raça, dando à Igreja e à Pátria Filhos eleitos para o Céu (...). Os filhos vêm a este mundo pela virtude onnipotente de Deus, com a cooperação dos esposos, são um grande dom da bondade divina e um fruto insigne do matrimônio(...)”(ACP, 1938. p. 44). Como mostrou Poi XI, os filhos “(...) são o primeiro bem do matrimônio que se realiza com a educação (...) que completa a obra da procriação(...) Deus dá aos pais o direito de trazer os filhos à luz da vida mas impõe-lhes ao mesmo tempo, o direito e o dever de os educar(...) a criança precisa de longos anos de ensino, assistência e educação, verdadeiro direito que pertence à família(...). A Igreja considerou e continua a considerar que a educação familiar é o prolongamento da geração como função(...)”(ACP, 1938. p. 46).

No que diz respeito às considerações sobre o divórcio e os males que ele acarreta para a família, aquele que aqui nos cumpre analisar são as consequências para a educação porque a “(...) boa educação dos filhos é sempre prejudicada e ela exige que a união dos esposos seja perpétua porque a criança precisa de auxílio dos pais durante muitos anos (...)”(ACP, 1938. p. 82).

Esta imagem ideal da família e a sua “(...) importância social é reforçada pela legislação até fins dos anos 40 com a *Constituição de 1933*(...) com a criação da *Organização Nacional de Defesa da Família* pelo DL. 25.936 de 17-10-1935, com a *Concordata* regulada pelo DL 30615 de 25-Julho 1940, pela *Obra das Mães pela Educação Nacional*, pelas *Jornadas das Mães de Família*, pelo *Instituto Maternal da Subsecretaria da Assistência Social*(...) criando um modelo de família tradicional(...) contra trabalho feminino fora de casa, contra ideias de emancipação da mulher e “(...) desmoralização

dos costumes, e contra a prostituição e alcoolismo e ideias liberais em face da mulher e dos menores(...)"(Baptista. 1990. p. 360).

Nos *Estatutos da OMEN* aprovados por decreto 26.893 de 15 Agosto 1936 aublinhava-se que esta fora criada para "(...)estimular a acção educativa da família(...)" e os fins educativos são os de "(...) orientar as mães portuguesas para uma activa difusão das noções fundamentais da higiene e puericultura, para bem educar e criarem os filhos(...)"(Barros e Pereira, 1987. p.152).

Esta idealização da família coesa e educadora é também a imagem que dela têm muitas(os) das(os) colaboradoras(es) de *Os Nossos Filhos*. Algumas, como Emília de Sousa Costa sublinham mesmo essa faceta religiosa da instituição familiar contra a escola dizendo que "(...) a sociedade, tal como está constituída, destrói a obra educativa da família (...)"(Costa, s.d.. p. 210). Esta mesma autora considerava que a família tinha necessidade de formação para educar os filhos, como qualquer profissão.

Também a entrega da educação dos filhos apenas á mãe é vista como negativa não porque assim não deva ser mas porque, para educar os filhos, a mãe precisa de ter o pai do seu lado, de forma a que os valores de um e outro não colidam, diante dos filhos, estragando toda a obra educativa que a mãe possa realizar. As mulheres educadoras/mães, como se defende em *Os Nossos Filhos* deveriam ser educadas para educar os filhos como futuros pais respeitadores da função educativa das mães: "(...)Em Portugal, jamais se pensou neste postulado: a grande maioria dos homens não é preparada para a missão no lar doméstico. Improvisa-se um chefe de família de qualquer homem, pelo facto de o ser, e que, na melhor das hipóteses, conhece superficialmente, apenas, o dever de repreender os filhos, sem reflectir, ministrar-lhe dois sopapos, em qualquer ocasião, com o fim de incutir-lhes respeito e juízo, mandá-los à escola, sem cuidar das aptidões especiais reveladas, pagar as despesas de alimentação, vestuário e instrução deles e com o médico, se adoecem. A da mãe, em Portugal, pouco mais adiantada vai, por enquanto. E, mesmo que prodígios fizesse, sem que se principie pelo princípio, os efeitos, como já revelamos, muito deixarão a desejar (...). Urge, pois, que a educadora, moderna e consciente, principie por educar os seus rapazes, desde infantes, não só para adquirirem posição na sociedade, mas principalmente para chefes de família (...) também incutir-lhes, desde pequeninos, o amor pelo lar, a consciência dos deveres dum chefe de família, dum futuro pai que lhe impõe o domínio de paixões (...)" (Costa, s.d.. p. 212).

A insistência na cooperação, primeiro entre os elementos do casal (entre outras Emília

de Sousa Costa. ONF. Fev. 1948 e Maria Lúcia. ONF, Ago. 1949) e depois deste com a escola, é fundamental para uma adequada e boa educação dos filhos. À escola entregava José Francisco Rodrigues a tarefa de, a partir dos sete anos, desempenhar o “(...) o papel proeminente na acção instrutiva e na educação intelectual: neste campo a acção da família é subsidiária(...)” (ONF, Mar. 1946) embora considerasse que a criança aí não deveria permanecer por períodos superiores a cinco horas pois nada poderia substituir a educação individual dada pela família. Quer este autor quer a directora de *Os Nossos Filhos* assim como muitas(os) das(os) suas(seus) colaboradoras(es) vão insistir na ideia de que a entrada na escola deve ser precedida de todo o cuidado não para apresentar aquele mundo e a casa como hostis mas no sentido de preparar a criança para ver a escola “(...) como de dum outro lar(...)” (José Francisco Rodrigues. ONF, Mar. 1946) se tratasse. Falar com o professor para que este conhecesse os antecedentes da criança, inclusivé os hereditários, seria uma grande ajuda na tarefa de educação da criança.

A médica mais colaboradora da revista insiste neste último aspecto (ONF, Jun. 1955) em texto que foi retirado do seu livro *O Guia das Mães* porque só assim seria possível “(...) levar a bom termo essa delicadíssima tarefa que é a cultura perfeita da criança(...)”. Sabendo das doenças existentes na família e porque “(...) os filhos dos alcoólicos têm sempre diminuídas a sua resistência física e a sua aptidão ao trabalho. Neles são frequentes as doenças nervosas graves: histerias» idiotias, neurastenias, etc., sendo igualmente frequentes entre eles loucos, epiléticos, e os aleijados (...)” (Branca Rumina. ONF, Jun. 1955). As(os) professoras(es) teriam a sua tarefa facilitada porque poderiam desde logo, ‘identificar’ estratégias a seguir.

Outras(os) colaboradoras(es) como Maria Elvira Buíça Rocha e Jorge Tristão, este último da vila do Cano, tecem diversas considerações sobre a melhor forma de estabelecer tais relações entre a família e a escola. A falta de educação era consequência da falta de instrução e da saída das crianças demasiado cedo da escola (Maria Elvira Buíça Rocha. ONF. Mar. 1948). Jorge Tristão, amigo do tio paterno de Maria Lúcia Vassalo Namorado, professor em Cano, a terra do pai da directora da revista, vai ocupar-se de dar algumas indicações aos pais, durante quatro meses sucessivos, para estes bem estabelecerem os contactos adequados entre a escola e a família (ONF, Jan. a Maio de 1956). Este professor refere que o afastamento resulta do mau entendimento que, por vezes, existe de parte a parte do que deve ser o contacto a estabelecer (ONF, Jan. 1956). Ensina os pais a redigir um horário de estudo para os filhos, a cumpri-lo, a não despertar nas crianças o sentimento de rebeldia “(...) nem o censure pela sua falta de

habilidade ou de inteligência porque pode despertar nele um complexo de inferioridade de que não mais se libertará(...) Depois procure o mestre, troque com ele impressões, e verifique se p método de estudo seguido por seu filho, está ou não a dar resultados positivos, pois pode acontecer que ele não estude o tempo necessário ou se dedique mais às disciplinas suas preferidas, não obtendo tempo de estudo o rendimento que se deseja. (...) Há por vezes, tendência da parte dos pais para atemorizarem os filhos com os maus resultados dos seus estudos. Esta péssima orientação cria um estado nervoso no aluno que em nada o beneficia e os Pais devem antes dar-lhes inteira liberdade a qual condiciona uma completa responsabilidade. É aqui, nesta responsabilidade condicionada que bem dispõe o aluno nos seus trabalhos, que reside o segredo do triunfo de muitos pais e muitos filhos (...)” (ONF, Jan. 1956). Essa relação é fundamental porque “(...) Â Escola nada ou quase nada pode fazer sem a Família. Tenho-o dito e redito. Que pode a Escola fazer, durante três ou quatro fugidios anos, quando a criança traz já sete de educação mal feita, nesses quatro continua a sofrer influências deletérias da família durante a maior parte do tempo e tem, depois, à frente os anos em que o carácter e a personalidade se irão formar ao com as duras realidades da vida? (...)” (ONF, Fev. 1956). A saída com os filhos para lhes ensinar o que eles precisam saber e acamaradar com eles é fundamental para o bom êxito dessa relação. Num único texto se chama a atenção para os malefícios que a atitude dos pais pode ter sobre as crianças: quando o pai em casa, no café, na rua “(...) se vangloria e se intitula único ente educador de seu filho? Não foi o meu amigo quem disse que ao professor compete ensinar e que para educar lá estaria o Pai?(...)” (ONF, Abr. 1956). Só assim acontece porque os pais não pensam que a “(...)missão que à Escola impende, que não é só a de instruir mas a de educar, a de formar. E esta é bem mais importante do que aquela(...)” (ONF, Abr. 1956). Quando os pais não deixam as crianças frequentar a escola porque ali encontram outras crianças indesejáveis não as estão a ajudar mas a isolar e a atirá-las para o abismo porque o que se proíbe é o que mais agrada “(...)Pois bem, o método a utilizar ainda aqui, como em quase todo o acto educativo, há-de ser o de encaminhar e não o de obrigar. Melhor será que V. dê liberdade a seu filho. Liberdade condicionada, já se vê. Dê-lhe a liberdade de convidar para as suas brincadeiras os seus amigos e acredite que ele não vai convidar os “indesejáveis”. Recatando-o como se tivesse medo de poluição, não conseguirá nada (...)” (ONF, Maio 1956) (ONF, Maio 1956).

Crítica ao sistema educativo e debates pedagógicos

Os textos de Alice Gomes são, como veremos, os mais críticos sobre o sistema de ensino então em vigor, assim como os de Irene Lisboa e dos seus pseudónimos como *Carlos Taveira* e *Airina*. Esta última debruça-se, entre Dezembro de 1950 e Outubro de 1952, em *Os Nossos Filhos* sobre alguns problemas que vão de sugestões para entreter as crianças (ONF, Dez. 1950 e 1951) a diversos temas sobre educação infantil: ela aborda as questões que devem predir à escolha de escolas infantis para as crianças (ONF, Jan. 1952), aos problemas de como resolver questões de disciplina (ONF, Mar. e Maio 1952), como realizar trabalho manual na escola infantil e das vantagens que daí advêm para a educação das crianças (ONF, Abr. 1952), da importância do desenho como actividade formadora no jardim de infância (ONF, Jun. 1952), assim como sobre a importância dos jogos verbais e das histórias para crianças (ONF, Jul. e Ago. 1952), das dramatizações e do canto (ONF, Set. 1952) ou da qualidade dos jogos sensoriais (ONF, Out. 1952).

Como *Carlos Taveira* assina também Irene Lisboa uma secção entre Março e Novembro de 1951 sem interrupção, como a seu pedido, fora autorizada pela directora da revista. Esta secção partilha-a *Carlos Taveira* com Irene Lisboa que a retoma entre Maio de 1954 e Outubro do mesmo ano. Com o seu verdadeiro nome assina esta pedagoga uma série de outros artigos entre Março de 1953 e Abril de 1954. Os temas abordados serão: a psicologia do desenho infantil (ONF, Mar. 1953 a Jan. 1954), considerações sobre os lares de Crianças ou Casas de Crianças (ONF, Mar. e Abr. 1954). Em Janeiro de 1956 será Irene Lisboa entrevistada para falar da sua vida e da sua infância. Naqueles artigos intitulados *A primeira educação* a pedagoga imagina um diálogo efectuado entre dois professores sendo um “observador de escolas” que vai explicando as grandes diferenças que vê entre as escolas infantis actuais ou “escolas novas” e as “escolas velhas” (ONF, Out. 1951). Nestes textos são dados muitas informações sobre o que fora a evolução histórica deste tipo de ensino, sobre a forma como se deveria organizar uma sala de aula infantil, como se deveriam utilizar os jogos de palavras, o desenho e os trabalhos manuais em contexto educativo.

Sobre os problemas da Educação nacional pronuncia-se José Francisco Rodrigues, em artigo que foi retirado de *O Educador*²²⁹ e nele se reafirma a importância do conhecimento psicológico dos alunos, propondo-se mesmo a criação de um

²²⁹ De 25 de Março de 1949.

programa de actuação para uma correcta organização dos serviços de psicologia nas escolas, destinados sobretudo á despistagem dos “(...) atrasados e dos melhores dotados, readaptação das crianças difíceis, orientação e selecção escolares, orientação pré-profissional, adaptação dos programas escolares e verificação do rendimento dos diversos métodos pedagógicos(...)” (ONF, Maio 1949).

Sobre outros problemas de educação como o da adaptação de métodos estrangeiros a Portugal debruça-se Maria da Luz de Deus em *Em redor de problemas de educação* (ONF, Ago. 1954), considerando que a aplicação dos métodos montessorianos a crianças nacionais seria difícil sem as devidas adaptações de orientação muito cuidada ás características das crianças portuguesas.

Sobre o debate entre as vantagens da *escola activa* e da *escola nova*, assim como da oposição entre *escola tradicional* e *escola moderna*, encontramos diversos artigos, sobretudo nos finais dos anos 40 e durante a década de 50 mas sem nos parecer, como temos afirmado, que tenha existido uma linha condutora de autoras(es) escolhidas(os). A defesa da *Escola activa* é feita por dois autores estrangeiros: Roger Gal (ONF, Fev., Mar. e Maio 1947) e Sabine Petersen (ONF, Nov. 1949) em que, o primeiro vê publicado na revista um longo texto que a directora de *Os Nossos Filhos* havia transcrito da revista *La Nef*, como ela própria acentua em “lead” do artigo, ali assumindo que defende a visão da ‘escola moderna’. Sobre as questões relacionadas com a aplicação, na prática, dos princípios da *escola nova* podemos salientar Maria de Jesus Mateus de Oliveira Mendes que, entre Outubro de 1942 e Março de 1955 se encarrega de escrever sobre a formação da personalidade das crianças (ONF, Fev. 1943), sobre a *Escola Nova* (Set. 1947), as classe excursionistas (ONF, Nov. 1947), a necessidade do reestabelecimento do ensino infantil (ONF, Jul. 1948), sobre os métodos de leitura, defendendo o método de leitura global (ONF, Maio 1951), sobre os trabalhos manuais educativos ao longo de dez artigos entre Agosto de 1951 e Maio de 1952 e ainda sobre a importância da motivação no ensino (ONF, Mar. 1955).

O debate sobre a *escola única* é aqui quase inexistente pois o seu período áureo de discussão fora o da “(...)transição da República para o Estado Novo, meados da década de 20 e meados da década de 30, que se desenvolveu em Portugal um dos mais importantes debates pedagógicos tendo como questão central, ainda que embrionária, a ideia de que a escola é para todos – o debate sobre a chamada Escola Única. Adolfo Lima, no início do período, e Bento de Jesus Caraça, mais para o seu término, foram,

com Álvaro Sampaio e Mário de Oliveira, entre outros, alguns dos protagonistas desse momento. (Pintassilgo e Mogarro, 2003. p.54).

Apesar de não encontrarmos textos teóricos sobre esta questão, ela está *sempre* presente na revista pois são constantes e imensas as referências a “(...) uma forma de organização da escola de modo a que ela seja acessível a todos os seus membros em igualdade de condições, segundo as suas aptidões e competências e não segundo a sua situação económica e social (...) implica a unificação do sistema de ensino até uma idade considerada adequada para o aparecimento de quaisquer especializações, designadamente as natureza profissional(...) corolários (...) são a gratuidade(...) , uma selecção assente nos méritos pessoais, o apoio aos alunos capazes mas sem condições económicas e um sistema de orientação vocacional (...). Uma concepção que se enquadra, claramente, naquilo que hoje designamos como perspectivas meritocráticas (Pintassilgo e Mogarro, 2003. p. 54 e 55). Esta é a concepção que orienta a realização da iniciativa *Lisboa vista pelas suas crianças*, que está em todos os textos de Maria Lúcia Vassalo Namorado, de Alice Gomes e de muitas(os) outras(os) colaboradoras(es) mesmo que pouco explícitos, quando se referem a formas de melhorar o desempenho dos alunos em ortografia e ditado (Alice Gomes, ONF. Mar. 1951) ou quando refletem sobre a importância dos museusinhos escolares (Alice Gomes. ONF. Dez. 1950). Muitas(os) autoras(es) hoje associadas(os) a essa forma de ver as questões da educação vão ter intervenção directa na revista como são “(...)apesar dos constrangimentos óbvios a que, durante o período salazarista, estavam sujeitos, diversos autores do campo concepções educativas – umas mais moderadas, outras mais radicais – em defesa da democratização do ensino e de uma escola para todos. Podemos, aqui, recordar os nomes de António Sérgio, Bento de Jesus Caraça, Delfim Santos, Agostinho da Silva, Maria Amália Borges Medeiros, João dos Santos e Sérgio Niza, entre outros, para além de Émile Planchard e Rui Grácio (...)” sendo que este penúltimo autor, professor da Universidade de “Coimbra assumiu a defesa “(...)da democratização da educação, ainda que no quadro de uma leitura moderada das suas ‘implicações,’ e, também, numa relação de alguma ambiguidade com o regime então vigente, já que resultou de pedido de colaboração do ministro Inocêncio Galvão Teles no âmbito dos trabalhos conducentes à elaboração do *Estatuto da Educação Nacional* (...)” (Pintassilgo e Mogarro, 2003. p.57).

Sobre a *escola nova* escreve também Maria de Jesus Mateus de Oliveira Mendes (ONF, Jan. 1947) assim como Maria da Natividade Pinheiro Correia (ONF, Dez. 1948) que tenta explicar a diferença entre os métodos activos e a escola tradicional.

Como temos vindo a afirmar, em educação as diferenças entre as ideias dos que alinham pelo regime e aquelas(es) que se lhe opõem, no campo político, são por vezes pouco evidentes como podemos constatar aquando da leitura do texto que, sobre a escola, escreveu Mário Monteiro, numa conferência que proferiu a convite da *Associação Feminina Portuguesa para a Paz* (ONF, Set. 1949).

Alice Gomes defende ainda a aplicação do método dos projectos nas escolas velhas onde é possível trabalhar com um “(...) espírito novo(...)” ou seja, trabalhar com as crianças e “(...)transformar-se naquelas crianças o hábito de olhar á volta em busca de motivos (...) havia de arrejigar pelas um amor muito vivo por tudo o,que as rodeia, torná-las interessadas em desvendar e conhecer por si mesmas (...)” (ONF, Dez. 1950).

Os artigos de Lucinda Atalaia sobre as *lições de coisas* entre Outubro de 1954 a Novembro de 1955 assim como os de Virigínia Jardim Gomes (Ganho) sobre a educação infantil (ONF, Jan. e Fev. 1957) são, aliados aos textos que já mencionámos de *Carlos Taveira*, os mais importantes e que nos provam como a directora de *Os Nossos Filhos*, depois dos anos 50, vai enveredar pela divulgação, em *Os Nossos Filhos*, de um conjunto de textos teóricos dirigidos ás mães e educadoras. Neles quer dar a conhecer o que de mais importante atravessava o debate educativo de então, colocando-se sem sombra de dúvida ao lado das modernas tendências educativas, contestando a escola tradicional que em “(...) vez de responsabilizar as crianças, de lhes ensinar a leitura e o cálculo por meio de jogos preparatórios, (...) de pôr as crianças a trabalhar, brincando, (...) de ter salas recheadas de coisas interessantes e recreativas(...), de proporcionar responsabilidade, animação e independência no ambiente escolar(...) em grupos ou sózinhos, de /os deixar estar/ na **escola de pé** (...)”(Carlos Taveira. ONF. Ago. 1951) preferia conservar, aquela escola tradicional e ultrapassada “(...) os alunos sentados, trabalhando sempre no mesmo lugar, sem o direito de circular nem de variar de ocupação, /em que/ tudo se cifra em esforço de atenção (...)”(Carlos Taveira. ONF. Ago. 1951). A escola activa tinha ainda uma enorme vantagem: a de que as(os) alunas(os) assim preparadas(os) também conseguiam aprender e ultrapassar, com bons resultados, os nefastos representantes do processo da escola tradicional, a saber, os exames. A maior parte dos pais preocupava-se com a escolha da melhor escola esquecendo que são as actividades e a maneira como a aprendizagem se organiza que

fazem as diferenças entre as escolas e não os edifícios ou o enorme volume de alunas(os) reprovadas(os) no final do ano ou ciclo lectivo (Alice Gomes. ONF. Out. 1952).

Muitas são também as referências aos exames porque a maior parte dos alunos tem necessidade de a eles se submeter porque eles estão “(...) no fim de determinados anos lectivos(...)” (Francine Benoît. ONF, Out. 1944). Sobre esta forma de avaliação, o que é dito em *Os Nossos Filhos*? Desde o princípio do ano lectivo preenchem um lugar demasiado grande na vida do aluno. Nem sempre é para mostrar o que se aprendeu durante o ano lectivo. Na maior parte das vezes é só para o aluno “(...) se encher de nervos e apreensões(...)” porque tudo é visto em função de “(...) ir a exame, ter exame, ser para exame(...)”, submetendo-se muitas vezes a um critério não “(...) muito uniforme e sensato na mente dos «juizes» que formam o “tribunal» encarregado das sentenças.(...) onde, em vez de tolerância e benevolência, há exigência e rispidez (...)”, sobretudo nos exames de áreas que ficam fora do ensino artístico. A criança que vai a exame sabe que tem de “(...) defender-se dos outros, além de que defender-se duplamente de si mesma (...)” (Francine Benoît. ONF, Out. 1944) porque eles são “(...) um papão que as espreguiça(...)”. Embora seja possível fazer de forma diferente, por exemplo, explorando e acordar potencialidades latentes, a realidade ainda é muito feita no sentido da “(...) aglomeração de matéria que é preciso decorar, sem campo experimental, com a convicção de que depois do exame não haverá inconveniente em deitar fora a incómoda ciência tão ingloriamente ingerida (...)”. Como ainda não se optara pela supressão dos exames, poderiam pelo menos, ser diminuídos caminhando para “(...) a supressão mesmo das provas públicas, quando elas não são indispensáveis(...)”. Outro problema que se junta ao excesso dos exames é de saúde pois que não só as crianças ficam esgotadas com o que são obrigadas a decorar como eles se realizam na época mais quente do ano.

As críticas a esta forma de avaliação, decisiva, vêm de todos os quadrantes como de Serras e Silva (ONF, Jun. 1947) que afirma algo bem interessante: “(...) chegada a dolorosa e atribulada época dos exames, em que os pais têm tantas preocupações como os filhos que frequentam as escolas e, verdadeiramente, é a única de todo o ano que lhes interessa (...) e contudo a reprovação não é forçosamente sinal de incapacidade, como a aprovação não quer dizer competência e habilitação. Todo o exame, qualquer que ele seja, constitui uma indagação em que se prova ou se acha alguma coisa que se procura. Que se prova nos exames? Que se tem de memória umas tantas noções, que laboriosamente foram decoradas, às vezes sem bem serem compreendidas, e que se

dizem ou escrevem com certo desembaraço. A memória é a soberana potência que decide da prova (...)A compreensão, o juízo, a sagacidade e engenho têm pouco cabimento, neste jogo desportivo das noções(...) Mas o exame aparece já na 3.a e 4ª classe da primária, ali dominando o mesmo despotismo da noção(...)” (ONF, Jun. 1947). Porém, quando nos parece que havia sintonia entre este autor e os seus críticos, o exame, para ele só estava a mais porque...não era necessário para aqueles que, da escola primária, deveriam levar apenas três competências: saber ler, e escrever e contar...

Contra os exames mas por eles serem causadores de infortúnios para as crianças e as famílias estavam Anália Torres (ONF, Set. 1951) e Alice Gomes, sendo que, esta última diz:”(...) não venho falar com revolta naqueles dias negros de exame (José Régio não diga que estou a exagerar). É muito difícil rir, sorri-se, de angústia como os apologistas de que se acabe, sem mais nem menos, com os exames, para que os crianças deixem de tropeçar em escolhos no caminho da sua vida. Os escolhos são precisos para se aprender a vencê-los. Porém, o exame de admissão às escolas secundárias não é um escolho; é um abismo(...)” (ONF, Dez. 1951). Para debater este problema, a autora propôs mesmo a reunião, em Congresso, dos professores dos dois graus de ensino primário e secundário para debaterem o problema pois os “(...) examinadores queixam-se da má preparação com que os crianças entram no ensino secundário...Que lêem mal, que não sabem escrever, que aprendem tudo de cor, que não raciocinam(...)”.

As diversas tomadas de posição sobre as questões educativas não se esgotam nos problemas teóricos que temos vindo a abordar. De forma a melhor contribuir para uma correcta (in)formação das mães na área educativa, sobretudo nas questões da educação e instrução infantis e nas da educação e instrução proporcionadas pela escola primária, Maria Lúcia Vassalo Namorado vai abordar muitos outros temas que apresentamos seguidamente e que se prendem com a definição e identificação dos erros educativos que, quotidianamente, se lhes colocavam, com a educação que as mães deviam ter para melhor ajudarem os filhos ou com o que *Os Nossos Filhos* apresentava como conteúdos adequados a uma educação feminina e até á identificação das profissões mais adequadas ao género feminino.

Erros educativos e a Educação das mães

Na revista *Os Nossos Filhos* encontramos inúmeras alusões aos erros educativos que, sobretudo as mães, cometem diariamente na educação dos seus filhos.

Este problema liga-se com outro que abordaremos depois, ou seja, o da educação das mães. Em *Os Nossos Filhos* a apresentação, enumeração e crítica a diversos erros educativos é feita para que as mães tenham consciência de que, muito do que fazem, mesmo assim não parecendo, está incorrecto do ponto de vista educativo. Uma revista que se propõe educar as mães para, por sua vez, bem educarem as crianças tem de dedicar uma reflexão séria aos erros educativos de forma a, depois de os identificar, apresentar formas de não mais, não só as mães neles não caírem como serem elas, por sua vez, depois de ensinadas e esclarecidas, a levar esses ensinamentos a outras sempre que vejam algumas a errar.

A apresentação deste problema é feita de forma muito fragmentada porque no mesmo fascículo podem ser analisados diversos erros educativos e, noutros números, não lhes serem feitas quaisquer alusões. Como vimos, os erros educativos deram origem a concurso dirigido às mães, o *Concurso da Boa Educadora*, que Maria Lúcia Vassalo Namorado realiza em *Os Nossos Filhos* e vai promover, de novo, quando nos anos sessenta trabalhar no *Diário de Lisboa*, na página educativa que ali dirigirá também.

No *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* (Caixa 24. Maço 2, na sua maioria), da leitura das 77 cartas e postais directamente relacionados com esta iniciativa percebemos que se trata de uma actividade levada a sério pelas mães que a ela respondem. Não analisamos aqui todas as respostas enviadas e que, ainda hoje, ali se guardam, não sabendo nós se nelas também o tempo terá feito alguma erosão ou se forma apenas aquelas as respostas enviadas. No grupo das senhoras que respondem, muitas são professoras primárias mas muitas outras não se identificam do ponto de vista profissional (pois apenas respondem de acordo com a sua função de mães ou, como às vezes acontece, não o sendo, identificam-se como tias ou apenas como solteiras mas com grande interesse por estas questões femininas.

As cartas e os postais conservados no *Espólio* indicam, quase sempre, se a resposta (não) foi premiada. Se o foi, indica até o número da revista que lhe foi atribuída uma vez que consistia numa assinatura trimestral de *Os Nossos Filhos*.

Às vezes as senhoras acrescentam pequenos detalhes como, por exemplo, as razões que as levam a escrever para dar a sua opinião sobre este ou aquele erro educativo. Está nesse grupo Maria Rosa S. Pinto de Miranda, solteira, que escreve do Porto, tem 23 anos e frequenta Medicina e que, depois de ter explicado em que consiste o erro que

detectou, diz:“(...) tenho um grande desejo de me aperfeiçoar em tudo e este amor incondicional de agradecimento em nome de todas as raparigas que como eu esperam vir a ser mães(...) vejo sempre o seu programa de TV e estou sempre consigo de alma e coração; talvez por ter sido vítima de inúmeros erros de educação(...)” (Carta de 26 de Set. 1958. Caixa 24. Maço 2). A sua opinião sobre o *Erro Educativo IX* terá, como prémio, a revista do trimestre de Outubro a Dezembro de 1958. Uma outra senhora que recebe o mesmo prémio, pois também respondeu ao mesmo problema é (a então ainda não conhecida) Maria Alberta Menéres, que escreve da Covilhã (Carta s.d. Caixa 24. Maço 2) e que responde para agradecer o envio do prémio e acusar a sua recepção, ou seja, a assinatura trimestral (Carta de 7 de Out. 1958. Caixa 27. Maço 1).

Muitas leitoras enviam apenas um texto enquanto que outras mandam vários, analisando diversos problemas publicados. Aquela que mais participa neste Concurso é Laura Lopes²³⁰ (Pedroso), cujos textos ganham sucessivas assinaturas trimestrais e que são sempre extensos e muitíssimo bem escritos (Caixa 24. Maço 2).

Destas respostas guardadas no *Espólio* seleccionámos ainda mais três por razões diversas: uma das respostas é enviada, como muitas outras deste grupo, por senhoras que liam o *Diário de Lisboa* onde este concurso se desenrolava em 1958. Depois de escrever um texto que a directora de *Os Nossos Filhos* consideraria capaz para lhe ser atribuída uma assinatura trimestral da revista, a senhora diz não ter participado mais cedo “(...) por timidez(...)prefiro ouvir a opinião alheia(...)” Carta de Maria de Lourdes Pereira²³¹. Bombarral. 29 de Set. 1958. Caixa 24. Maço 2). Nesta mesma resposta acrescenta:“(...) há cursos para tudo menos para esposas e educadores?(...) aconselhe às leitoras a ler *A Criança*, de Maria Montessori, *A Mulher Educadora*, de Emília Sousa Costa, *A Arte de Educar* do Dr. Ferreira de Mira, *O Livro da Mãe* o *Livro da Educadora* de Paulo Combes, certamente algum proveito lhe trarão(...) não conheço nenhum deles senão no título porque não tenho filhos nem qualquer criança a meu cargo porque senão tinha uma grande preocupação em tudo ler para bem desempenhar a minha missão(...)”, ou seja, obras que tinham sido anunciadas, anos a fio, na revista *Os Nossos Filhos*.

As outras três respostas, duas enviadas apenas por uma leitora e uma terceira,

²³⁰ Cf. *Apêndice Cap. 4- Biografias e Entrevistas* para este trabalho.

²³¹ Esta senhora já havia escrito para a revista, anos antes, para solicitar informações sobre o preço do *Curso de Puericultura da Escola de Noivas e Donas de Casa*, perguntando também:“(...) duração de aprendizagem do mesmo, vantagens que pode proporcionar (sic) a quem o tirar com a ideia de um emprego de Visitadora? Criada de meninos? (...)” (Carta de 23 de Jul. 1950. Caixa 12. Maço 3). Depois desta carta em que ganha assinatura trimestral, escreve ainda mais duas.

anónima, põem em causa os ensinamentos que Maria Lúcia Vassalo Namorado tanto havia defendido na revista: a resposta não assinada censura as mulheres porque “(...)em muitos casos (...) empregam-se para se verem livres dos trabalhos da casa e principalmente dos filhos para os quais não têm paciência apesar de terem para estranhos(...) que se deve pensar da mulher que abandona o marido com a desculpa de este estar desempregado e usa o luxo moderno de entrar pelo alcol(sic)? E elas que também bebem para estar em forma?(...) bebem, fumam e tem desculpa mulher que em solteira já sabia que noivo entrava no alcool?(...) que sociedade é essa que facilita a essas mulheres, que não se podem chamar senhoras para que assim procedam em lugar de aconselhar juízo? (...)” (Carta anónima de 2 de Ago. 1958. Caixa 24. Maço 2).

Quase do mesmo teor são duas cartas enviadas por Maria Madalena Elói Santos, da Parede, em que responde aos *VII e X problemas*. Em relação ao primeiro, afirma:“(...) Tenho 19 anos, sem irmãos mais novos mas priminhos e amigos, atitude não me parece própria(...)meus progenitores dizem que é erro fazer ingressar na escola indivíduos com idade inferior 6-7 anos(...) hoje as mães pretendem libertar-se dos filhos o mais cedo possível. Para satisfação desse desejo que considero anti-cristão, comercializou-se a escola-infantil (...)” (Carta de 7 de Set. 1958. Caixa 24. Maço 2). Para responder ao Problema X escreve:“(...) vou apurar um pouco mais(...) vou ver se consigo ser um pouco menos confusa, se bem que, pelas obras premiadas me fique a impressão de que convirá usar de sistema "pó de arroz" ao qual sou um pouco avessa(...)tenho 19 anos, mais nova do rancho(...) a falta de contacto com colegas ou amigas praticando o que hoje se denomina "modernismo" me tem situado numa posição de abominar mas (...)quero-me assim(...). /Resposta ao erro inventando uma história de família com criada, pai conde de Agra/ a mãe não deve ir visitar pessoas que não têm filhos enquanto marido trabalha(...). Os filhos para certas mães são hoje um empecilho(...) por isso se está observando lamentavelmente um desenvolvimento enorme dos colégios a que se estão dando os mais variados nomes, como Ninhos, Jardins, etc. onde as crianças são positivamente "depositadas" sem qualquer proveito para a sua formação(...) não se julgue que se avança(...) a criança deslocada com agravante de se deslocar cada vez mais dos seus progenitores (Carta dactilografada de 28 de Set. 1958. Caixa 24. Maço 2).

Entre Outubro de 1957 e Março do ano seguinte serão publicadas umas ‘vinhetas’ /scanner/ na revista que, não sendo sobre erros educativos mostram como devem agir, em cada uma das situações, as mães boas educadoras. Aqui define-se primeiro a

situação, pela positiva, e depois explica-se como é que a mãe, sabendo como agir, resolveu cada problema.

Quadro n.º 16.: Episódios da vida do Joãzinho:

Joãzinho volta da praia:	
“Crianças excitam-se com as viagens e conseqüente alteração de hábitos e ambiente”. /Joãzinho vem da praia e não reconhece cama; a mãe, que já costuma deixá-lo só, hoje finge demorar-se um pouco mais no quarto com um trabalho de mãos/”(...) esta atitude da mãe, calma e silenciosa, restitui a Joãzinho a segurança de que necessita para adormecer tranquilamente (...)”	Out. 1957
Joãzinho descobriu um lápis:	
Mãe andava na lida da casa, o pai tinha-se sentado a ler um livro / Joãzinho encontrou um lápis e começou a riscar as paredes/ Pai resolveu prender na parede, com fita gomada, uma folha grande de papel de embrulho(...) que se pode substituir(...) ocupação que o absorve boa parte do dia(...) mãe pode trabalhar mais tranquilamente(...)	Nov. 1957
Joãzinho independente	
Tem quase três anos e está a tornar-se independente(...) recusa auxílio dos adultos(...) pai arranjou uma cadeira a que serrou uma parte dos pés(...) Joãzinho começou a lavar-se sem o auxílio da mãe(...) por vezes não faz mais do que soprar e chapinhar – mas isto já é importante para os seus três anitos incompletos	Dez. 1957
Joãzinho convalescente	
Esteve doente(...) durante duas semanas manteve-se de cama, com assistência médica(...) agora convalescente, mãe continua a dedicar-lhe os seus cuidados(...) defende-o das correntes de ar, mas mantém janelas abertas(...) obriga mãe a ocupar-se pessoalmente do Joãzinho o que lhe causa certo transtorno em relação aos trabalhos caseiros mas vele bem a pena(...)mãe e filho não se enervam e criança retoma mais depressa e sem complicações a sua vida normal(...)	Jan. 1958
Os afazeres matinais do Joãzinho	
Importante com a quantidade de coisas que tem de fazer logo pela manhã: (...) escovar os dentes e bochechar muitas vezes, (...) depois o nariz (...) um lenço bonito e muito lavado que a mãe lhe mete no bolso todos os dias(...) sai para o quintal e faz os seus exercícios de respiração profunda(...) entra muito ar pelo nariz e sai pela boca(...) contente porque fez as suas grandes obrigações matinais(...)	Mar. 1958

A definição de vários erros educativos tinha sido feita também por Maria Amália Vaz de Carvalho em *Mulheres e crianças: notas sobre educação*, em 1880. Nessa obra, depois de identificar como errada a concepção rousseauiana da criança afirma haver nela “(...) instintos inatos de natureza selvagem que só uma hábil cultura modifica, transforma, encaminha ou desarreiga (...)”(Carvalho, 1880. p.246). Outros erros educativos enumerados são a curiosidade da criança que a mãe deveria dirigir para um

fim elevado. Da parte dos pais aponta também diversos erros como sejam:“(…) não abanar nem atirar com criança ao ar(…) ralhos repetidos e castigos severos muitas mães pensam que é o melhor meio de emendarem os filhos(…) é engano porque único meio de educação proficuo é o exemplo que ensina, que guia, que robustece a alma e educa o espírito(…)não há crianças más, há crianças mal educadas” (p.262). As mães deveriam evitar, por errada a exibição dos filhos; para isso “(…)evitemos que os nosso filhos sejam meninos modelos: não dar excessiva atenção às graças naturais, não a louvar de modo que ela oiça, não a forçar a estudos precoces, fazê-la brincar, correr, dar-lhe plena liberdade d e movimentos e impulsos (…)” (Carvalho, 1880. p.263) seria a melhor forma de os educar convenientemente. Também, como será feito em *Os Nossos Filhos*, se defende a “(…)vida no campo para desenvolvimento do espírito e do coração das crianças(…)(Carvalho, 1880. p.263) uma vez que, nas cidades, as crianças têm menos hipóteses de respirar ar puro e saudável, ao mesmo tempo que não podem estar em contacto com a Natureza.

Um outro erro educativo que é assinalado por Maria Amália Vaz de Carvalho e também na revista é o péssimo hábito de “(…) às vezes, quando criança ou filho bate com cabeça no chão a criada vai bater no objecto: costume de aias e mães pouco atiladas(…) torna criança vingativa bater em quem a contraria(…)”(Carvalho, 1880. p.264).

Também será a própria directora de *Os Nossos Filhos* a condenar a teimosia com que alguns pais tratavam os filhos porque não se deveria “(…)combater a teima com a teima: combater a gulodice natural com abstinência forçada é errado; o melhor é distrai-la do que teimava(…)”(Carvalho, 1880. p.265). Finalmente também esta escritora era apologista, como Maria Lúcia Vassalo Namorado e muitas das articulistas que escrevem na revista, de que se usasse “(…)na educação, dos meios puramente morais e não das degradantes correcções físicas(…)”(Carvalho, 1880. p.265). Como veremos, são estes e ainda muitos outros os *erros educativos* contra os quais a directora de *Os Nossos Filhos* queria lutar na revista.

Os erros educativos (como os que vimos no Concurso promovido com a mesma designação) são sobretudo conotados com questões de ordem educativa e não com instrução se bem que em alguns números se façam referências a erros de organização dos conteúdos como os que se cometem na “(…)A botânica, na zoologia, na moral, ensinam-se nos escolas secundárias isoladamente, com definições abstractos, quando deveriam ensinar-se, parece-me, como partes correlativas dum todo maravilhoso que é a ida que nos rodeia e a nossa própria Vida (…)

assim, os nossos jovens não sabem nada

daquilo que verdadeiramente lhes interessa(...)" (ONF, Maio 1947) quando se abordam os erros educativos cometidos na educação sexual das crianças. Para não cair nesses erros, as educadora deveriam ter "(...)uma educação sólida e perfeita, só quem tenha a inteligência aberta, o espírito desempoeirado, qualidades natas e vocação poderá desempenhar a missão de educador com competência e brio (...)" (Luís ONF, Set. 1945). Na maior parte dos "(...) lares não se praticam as regras da boa educação...— umas vezes por ignorância, outras por carência de vontade ou comodismo, outras por má interpretação dessas mesmas regras, e, outras, ainda, por os chefes da família — marido e mulher — não sentirem sobre si o peso da enorme responsabilidade que lhes cabe é que observamos, diariamente, aqui e que além, perto e longe, a falta de respeito, o encontrão, o atropelo, a negligência, o pobre a fingir de rico, o néscio a querer passar por sábio, o incompetente a aspirar a ascensão a altos e rendosos cargos, a nulidade cheia de bazófias e pretensões(...). A educação é obra morosa e deve ter o seu início após o nascimento da criança; requer também muita paciência, cautela, actividade e poder de observação(...). O conceito de educação engloba também o de equidade e de dignidade. A caridade, o Amor pelo próximo e as demais virtudes devem ser ensinadas praticando-as e cortar as tendências perniciosas. A tarefa dos professores é ligar instrução e educação aliadas a um "(...)perfeito conhecimento da psicologia infantil e social (...)" (Luís ONF, Set. 1945). As boas educadoras devem aproximar-se dos filhos, sobretudo durante a adolescência (Carmélia Vicente. ONF, 11-1945). As melhores educadoras são, aos 3 anos, as mães "(...) Porque estas, para bem exercerem a sua missão devem ter carinho, e todas o têm na sua qualidade de mães; mas também carecem de paciência, o que nem todas têm em grau suficiente, e ainda de outra qualidade muito rara, que é a humildade entendida de modo seguinte: Porque é mais velha e porque é mãe, esta tende a dirigir a criança tolhendo a sua expansão natural. Evidentemente não pode deixá-la brincar livremente numa sala, com risco de quebrar os «bibelots» caros que tanto estima; mas as crianças não são personagens de sala. Têm, porém, uma casa de brinquedos, ou um canto próprio numa casa comum, ou um quintal ...Ver-se a brincar sem causar prejuízos. Aí é conveniente que esta seja livre e que a mãe ou quem a substitua, não intervenha senão no iminência de qualquer perigo ou na satisfação de desejos que a própria criança formule. Estes são de duas ordens: pedidos de auxílio e participações em brincadeiras, e perguntas sobre assuntos mais ou menos ligados a estas. Nesses pedidos e nas respostas a essas perguntas se dão lições: as primeiras lições. E assim é a próprio criança pela sua curiosidade e de harmonia com o

seu desenvolvimento mental, que estabelece o tema da lição.... (Ferreira de Mira. 05-1945). Muitos pais que têm “(...) uma preocupação constante de em auxiliar a criança em todos os seus movimentos e trabalhos, aplanando-lhe dificuldades (...) são maus educadores porque destroem a personalidade infantil. Não deixam que os filhos sejam “grandes” ou seja, que tenham a possibilidade de “(...) poder agir livremente (...) ter um vasto campo de acção que lhe está vedado, em que lhe é absolutamente defeso penetrar (...)”. Uma criança assim educada perceberá, dada a “(...) agudeza do seu espírito observador, instinto e poder de análise que possui. Ela compreende admiravelmente a sua posição de manietada (...) e só impotente para reagir, acomoda-se (...) ficará definitivamente fraca de vontade, destituída de personalidade, sem vincado carácter que a distinga e torne capaz de realizar por si alguma coisa (...).A ascensão lenta mas constante que marca no espírito humano a educação é, na aquisição da cultura intelectual, uma admirável evolução de cujos resultados nos orgulhamos bastante(...)”. Por isso, o educador deve ser “(...)apenas e principalmente o orientador consciente dos casos em que a criança mostra incompreensão das situações e das coisas(...) e o resto da obra educativa completá-lo-á o nobre exemplo das atitudes de firmeza digna e de lealdade de carácter(...)” (Maria de Jesus Mateus de Oliveira Mendes. ONF, 09-1945).

As boas educadoras sabem que hesitar, na criança, “(...) revela uma fraqueza e incapacidade moral que o diminui, e nunca será «alguém» (...) (Maria S. Anjos. ONF, 09-1945). Em educação, para que a “(...)vontade não degenera em teimosia, em reincidência num erro, em rotina e contra-senso, tem de ser guiada pela razão(...)que nos distingue do animal e nos eleva à semelhança de Deus (...)”. Por isso é necessário educar “(...)a vontade com firmeza mas sem violência nem arbitrariedade, fazer compreender à criança que a vontade (...) /deve ser/ um estímulo para o bem, um incitamento ao trabalho e ao cumprimento do dever, é a primeira pedra no edifício da educação (...)” . Por outro lado, não se deve deixar a criança fazer tudo que quer (...) /porque/ Educar não é dar absoluta liberdade mas sim guiar e dirigir a vontade depois de ter estudado e conhecido as tendências boas ou más da criança, para encorajar umas e combater outras (...). Assim se deve esclarecer a consciência da criança, pondo de acordo a sua apreciação com a moral. ...Não basta para isso uma enumeração abstracta dos deveres e das faltas, mas sim uma demonstração do que representam esses deveres, e o mal que advém dessas faltas....Torna-se também por vezes necessário, «endireitar» a consciência da criança tantas vezes falseada pelo meio, por preconceitos, por más leituras e más companhias (...)”. Há educadoras que erram quando tomam uma de duas

atitudes: ou exageram na análise das pequenas faltas cometidas pela criança ou “(...) “acham graça” a verdadeiros erros e maldades que reputam «espertezas» e não cuidam em repreender e castigar!(...)”. Estas educadoras não cumprem a sua missão porque não são capazes de dar à criança a noção correcta do dever, quer exagerando-o quer diminuindo-o, e contradizem-se, fazendo crer à criança que lhe é proibido o que ao adulto é permitido, tornando o dever uma «massada» (...)”. As boas educadoras também não confundem a vontade na criança com a teimosia(...)” que muito frequentemente não é mais do que, como nos animais “(...)uma defesa instintiva contra uma arbitrariedade(...)”(Maria S. Anjos. ONF, 09-1945).

A educação das mães para ultrapassar esses erros, nos diversos aspectos que temos vindo a identificar ao longo deste trabalho é, sem dúvida, o grande objectivo de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

Também ela parte do princípio de que os séculos anteriores não foram apenas épocas de submissão feminina. Sobretudo o séc. XX, “(...) o século da criança, para outros o século da ciência(...)” (Elina Guimarães. ONF, Maio 1943) fora/estava a ser uma época de descoberta de muitas ideias que, sobre esse tema, tinham sido produzidas. “(...)Longe de nós condenar em bloco as ideias educativas das gerações precedentes, que tão nobres exemplos nos legaram. Muitas dessas ideias têm até de ser conhecidas e meditadas por todos que aos problemas educativos se dedicam(...)” embora se reconhecesse que o “(...) interesse generalizado por estes assuntos é sem dúvida um fenómeno contemporâneo(...)”, como mais uma vez e, no mesmo texto, afirma Elina Guimarães.

De forma muito breve, a autora que estamos seguindo, insiste na importância que teve o aumento da cultura feminina e como tal factor se repercutiu na melhor educação das crianças e até na auto-imagem positiva que as mulheres passaram a ter de si mesmas. “(...) Esse factor foi, já dentro do século actual, a vulgarização da cultura feminina, cultura que, dando à mulher novo espírito científico, lhe mostrou que não basta amar os filhos: é preciso saber amá-los (...) No século XIX, uma filha família, destinada ao matrimónio outra carreira nem sequer era admissível — aprendia de forma rudimentar as de línguas estrangeiras, piano, pintura, bordados, arte (?) aplicada e outras prendas completamente inúteis(...) e era cuidadosamente mantida na mais completa ignorância sobre a sua própria vida fisiológica e sobre os sagrados deveres da maternidade que seria chamada a desempenhar...Esperando-se que desde logo se transformasse numa esposa e mãe modelar e esclarecida(...)Seja-me também permitido evocar a minha própria avó, que em 1880 mandava todos os dias as filhas, de cabelos curtos e vestidos laváveis,

munidas de bolas, cordas e arcos, brincar para os jardins públicos, sob os olhares indignados da vizinhança, e que, desprezando os pareceres das «senhoras de experiência» sobre higiene, acatava apenas os do Dr. Sousa Martins. Seria injustiça imperdoável não recordar também as três escritoras portuguesas que escrevendo não só para crianças, mas também sobre crianças, mercê do seu talento permissivo e claro bom senso, tão larga e proveitosa acção educativa exerceram: Maria Amália Vaz de Carvalho, Caiël e Ana de Castro Osório. Nós, as mães de hoje, recebemos uma educação mais sã e mais com cultura não nos são desconhecidos, começando também a não o ser a complexidade da psicologia infantil. Podemos tomar como lema a frase americana:..." motherhood is a full time job», a maternidade é uma profissão que absorve o tempo todo mas (...) quanto mais esclarecidas, maior é a nossa responsabilidade(...). Os nossos filhos não são o prolongamento de nós próprias, pois têm personalidades independentes que, como tal, devem ser respeitadas. De que a mulher portuguesa compreende a sua missão é esta revista prova irrefutável, como o são as crianças robustas e cuidadas que consoladoramente vão surgindo por toda a parte(...)" (Elina Guimarães. ONF, Maio 1943).

Este é o fim da educação das mães que Maria Lúcia Vassalo Namorado pretendia alcançar pois, como ela dirá, logo no primeiro número de *Os Nossos Filhos*, "(...) fazer a educação das mães, mas de todas as mães, não somente das mais ignorantes, das que não sabem, sequer, lavar e os filhos(...) também daquelas que, senhoras duma cultura mediana ou mesmo acima da mediana, não sabem, todavia (...) porque ninguém as ensinou e não nasceram educadoras(...)" (ONF, Jun. 1942). Pretendia-se educar as mães para que estas pudessem atingir o fim máximo da sua função que, apesar de tudo se reconhecia difícil. Como já Maria Amália Vaz de Carvalho explicara no seu livro *Cartas a uma noiva*, se nenhuma mãe "(...)devia dar sua filha sem saber bem a que espécie pertence ao homem a quem a entrega...."(...)", como seria possível haver mulheres casadas desconhecendo "(...)os problemas que a esperam no casamento, especialmente o que respeita à sua missão de mãe (...) sem o diploma comprovativo (...) se a costureira e a criada, para serem admitidas ao serviço duma família, têm de /dar referências/ por ser a missão da mãe, sem dúvida a mais delicada, subtil, e complexa, que se não cuida de ensinar às raparigas?(...)". As noivas deveriam frequentar uma escola especialmente para aprenderem a orientar a educação dos filhos até porque "(...) nalguns países há escolas onde as raparigas de qualquer categoria social aprendem tudo o que à mulher interessa dentro do lar(...) /pois/ educar crianças, orientar adolescentes,

formar homens e mulheres sadios, úteis e honestos, erguê-los acima da mediocridade, é, sem dúvida, difícil. Exige um esforço atento e constante, muita paciência, muita compreensão, muita subtileza, muita prudência, muito tacto. Para ser boa educadora não basta ser mãe carinhosa é; dotada da melhor vontade de acertar. Saber educar pode ser algumas, raras vezes, um dom natural, como a inteligência e a formosura; mas, quase sempre, é uma arte, uma ciência que se não possui(...) Indispensável que as mães, todas as mães dentro dos limites da sua cultura e do seu meio, adquiram essa ciência (...) porque a Maternidade é o dever de velar pelo desenvolvimento fisiológico das vidas a que deram vida(...)mas que lhes cumpre, também, moldar, corrigir, orientar, tornar mais belos e mais perfeitos, o coração, o espírito e o carácter que hão-de nortear essas vidas. Mãe, a mulher presta à Nação um serviço inestimável(...) e do bom cumprimento desse dever (...) /depende/ a valorização da colectividade e a elevação do seu nível moral. Nem todos podemos ser inteligentes, notáveis, ilustres, grandes personalidades — e bom é que assim seja, para se manter o equilíbrio que desde sempre tem regido o mundo(...). Mas todos podemos ocupar com dignidade o nosso lugar, por muito modesto que seja...Honrar o sexo a que pertencemos, a profissão que abraçamos, a terra em que nascemos(...)a valorização do indivíduo se torna extensiva a todas as classes, e que o dever de bem educar abrange todas as mães(...)” (ONF, Jun. 1942). É desta forma que a directora da revista define um programa mínimo de formação para essa educação das mães, cujo conteúdo temos vindo a explicitar ao longo deste trabalho e ao qual acrescentaremos os aspectos que seguidamente identificamos.

Como vimos, ao enumerar um sem número de *erros educativos* cometidos diariamente pelas mães, a revista pretendia alcançar dois objectivos: por um lado, colocar as mães face a face com o que eram as suas limitações e ignorância face a preceitos de higiene, de saúde infantil e juvenil, de formação teórica e prática para bem exercer a função que lhe estava naturalmente destinada; por outro, a revista sabia como colmatar as referidas deficiências, propondo todo um conjunto de informações e conhecimentos, mais teóricos ou mais apoiados em segura experiência, mas sempre extraídos de autoridades em cada assunto abordado. Nessa perspectiva foi possível recolher, da revista, um conjunto de saberes e deveres que as mães deveriam saber e respeitar de forma a conseguirem ser boas mães. Os conhecimentos que as mães deveriam ter, em diversas áreas, têm sido apresentados ao longo deste trabalho. Neste subcapítulo resta ainda mostrar de que forma deveriam as mães ter consciência dos seus deveres para atingirem os fins propostos.

As mães deveriam ter várias competências e conhecimentos, ou seja, deveriam ser capazes de lidar com e resolver um vasto leque de problemas que se estendiam da formação moral e cívica, a questões de higiene e saúde, ou a conhecimentos diversos sobre educação infantil e juvenil. Em termos gerais, elas deveriam ser o pilar fundamental da família.

Esta célula é vista como fundamental para a directora de *Os Nossos Filhos* e será uma das instituições que ela mais defenderá ao longo da vida. Do conceito e da prática que ela tinha dão-nos informações a revista e os escritos que foi fazendo, assim como a maneira como moldou a família que construiu a essa imagem que tinha. Ler outros textos do que na época, do lado do regime, se defendia sobre o mesmo tema é também importante para se perceber até que ponto o conceito de família de Maria Lúcia Vassalo Namorado se afastava/identificava com aquilo que, no quotidiano, era entendido como uma correcta vivência familiar.

Um dos textos que, sobre a família, fora patrocinado pela *Acção Católica Portuguesa* (ACP, 1938. 218 p.) publicado pela *Liga da Acção Católica Feminina* e dirigido às “(...) reuniões de militantes, com aprovação da *Junta Central da Acção Católica Portuguesa*(...)” (ACP, 1938. p.1) aborda questões como a importância da família, o problema do casamento e do divórcio vistos à luz da doutrina da Igreja, as questões inerentes à organização de um lar e a importância da autoridade paterna, ao mesmo tempo que se tecem diversas considerações sobre o problema da educação e de assuntos mais específicos como sejam o tratamento do lar aliado a um sem número de outros conhecimentos úteis, tão necessários ao conhecimento das raparigas.

Este estado que queria reorganizar a vida das famílias, como vimos, tem de legislar de forma a impedir o que, para a área da família, havia sido conquistado na 1ª República, como seja o direito ao divórcio que a legislação referida vai proibir por considerar que esse é um dos males a evitar em sociedade. A ideia de que era pela família e pelo casamento legítimo que ela podia e devir agir na educação das crianças é posta em relevo quando se analisa o que sobre o casamento se considerava adequado em publicações afectas ao Estado Novo.

Como vimos na análise dos textos que sobre a educação feminina foram escritos por Maria Lúcia Vassalo Namorado – os livros *Joaninha quer casar*, *A Mulher dona de casa* ou ainda os diversos textos que escreve em *Os Nossos Filhos* – o problema do casamento também é por ela equacionado diversas vezes. A ele também se referem

Anália Torres e Elina Guimarães, sendo desta última autora um conjunto de apreciações, sempre do ponto de vista da legislação, sobre este e outros temas importantes para a educação das mães, como veremos.

Do lado do regime sabemos que se defendia que o casamento devia ser bem ponderado e preparado antes “(...) pela escolha que se fizer da pessoa à qual tencionamos ligar os nossos destinos(...) - convém escolher que via no mesmo clima social, moral e religiosos com a qual se harmonize a nossa cultura e a nossa educação,- (...) pelo justo conceito de felicidade – não nos deixarmos levar pelos romances porque a felicidade esbarra, naturalmente, com a imperfeição humana, seus defeitos e fraquezas- pela lembrança de que o matrimónio cristão é um meio de santificação(...)”(ACP, 1938. p. 102-03). Também a manutenção desse casamento, depois, deve ser uma das preocupações dos esposos porque a “(...) felicidade, a harmonia conjugal estabelece-se e mantém-se desde que o marido e a esposa se libertem de paixões aviltantes, para deixarem triunfar o puro amor cristão, (...) que dominem o orgulho - que traz o aniquilamento do amor e porque não se pode ter sempre razão- (...) e o egoísmo que é vítima do orgulho(...)”(ACP, 1938. p. 103). Para bem escolher o cônjuge devem ter-se em conta alguns aspectos como “(...) a idade deve aproximar-se, tanto quanto possível(...) o temperamento se muito igual ou diferente provoca mútua fadiga, incompreensão e aborrecimento(...) com saúde porque os filhos são herdeiros das misérias físicas dos pais(...)”(ACP, 1938. p. 111).

Considerava-se a família em crise por diversas causas internas e externas: quanto às primeiras há a enumerar “(...) falta de preparação remota, conceito naturalista da vida, a insuficiência religiosa, o individualismo religioso, o péssimo exemplo dos pais(...)”(ACP, 1938. p.90).Esses maus exemplos estavam patentes no número de divórcios a que se assistira entre 1930 e 1934, ou seja, num pequeno período de quatro anos haviam sido realizados mais de 860 divórcios e, “(...)só nos primeiros 6 meses de 1935 houve 533 divórcios (...)”(ACP, 1938. p. 84). Quanto às segundas podem apontar-se “(...) a literatura, os espectáculos que escarnecem da virtude, a moda, o luxo exagerado e a situação da mulher que vai trabalhar para juntar ordenado do marido ou substituí-lo(...)”(ACP, 1938. p. 91).

Para esta Associação feminina, deveriam ser ainda os pais a “(...) legar aos filhos o património moral, o conjunto de todas as tradições cívicas e religiosas da família que, por assim dizer, constituem como que o seu título de nobreza, o seu tesouro espiritual(...) como o culto da honra e do dever, do trabalho, da justiça e da verdade(...)

o culto pelas virtudes e heroísmos dos antepassados, o sentimento do amor da Pátria e o culto de Deus e coisas sagradas(...)"(ACP, 1938. p.149).

Por tal razão, educar deveria ser entendido como "(...) tirar para fora, desenvolver, na sua origem(...) pretende o desenvolvimento gradual das faculdades da criança, as quais, existindo adormecidas ou em potência, pela educação, são postas à luz(...)"(ACP, 1938. p. 156).

A educação ou formação moral é completada pela instrução ou desenvolvimento intelectual entendido como "(...) o cabedal de conhecimentos preciso para ele cumprir a tarefa a que foi chamada e que abrange dois elementos distintos: a cultura geral e a cultura técnica(...) /Da primeira fazem parte/ o mínimo que é o clássico ler, escrever e contar(...) /a segunda deve / ser ministrada em atenção há (sic) profissão que há-de abraçar e permitir que a criança, mais tarde homem, possa ganhar honradamente o pão nosso de cada dia e por sua vez fundar uma nova família em condições satisfatórias(...)"(ACP, 1938. p. 157).

É assim "(...) dever dos pais instruir ou mandar instruir os filhos(...) mas a instrução ou desenvolvimento intelectual não deve fazer esquecer a educação ou formação moral porque esta deve preceder e acompanhar aquela, pode começar desde os primeiros meses e é a cultura da vontade livre de maneira a fazer-se da criança um homem de forte vontade de carácter(...) que ponha acima de tudo o verdadeiro e profundo sentimento do dever (...) que habitua a criança a lutar contra os seus defeitos e a praticar as virtudes a eles opostas, levando-a a amar o bem e a odiar o mal (...)"(ACP, 1938. p. 158).

O educador terá como objectivo colocar "(...) antes e acima da consciência há que pôr a virtude e antes e acima dos sábios, os santos (...) porque a educação ou formação moral não se compreende sem Deus (...) o fim primordial da educação da criança é salvar a alma ou fornecer-lhe todos os elementos para a poder salvar(...)"(ACP, 1938. p. 160).

Destes cuidados resulta uma grande importância a dar na escolha da escola ou colégio para os filhos tanto mais "(...) grave quanto há hoje gente que quer dar esse direito da educação dos filhos ao Estado(...) pois o fim único dos defensores do direito exclusivo do Estado, em matéria de educação, é roubar a criança à influência da Igreja, ao partido de Deus (...) o dever dos pais é então escolher para educadores dos seus filhos, pessoas de bons costumes e ideias sãs, almas boas e tementes a Deus que a pouco e pouco instilem na consciência dos educandos a noção do dever e os façam amar/praticar a doutrina da Verdade e da Salvação(...)"(ACP, 1938. p. 161).

Os pais são para os filhos a “(...) mais alta autoridade, mais pura fonte de verdade, mais rico tesouro de sabedoria, mais dignos representantes do amor, mais completa expressão de vida, autoridade é sagrada, verdade é indiscutível, amor é inimitável, a vida não se compara a nada(...) a casa de pais é escola de filhos e o exemplo pela palavra é o principal ânimo intelectual dos filhos e o primeiro e mais nutritivo alimento ideológico; o exemplo vale porque é arma que dobra e vence a vontade”(ACP, 1938. p. 164).

A partir desta referência constatamos que, se em *Os Nossos Filhos* se parte do princípio de que a família (também) é insubstituível, ali não deixam de ser analisados muitos outros problemas que a ela dizem respeito, mas nunca sob a perspectiva católica ou até mesmo apenas religiosa.

Maria Lúcia Vassalo Namorado sabe que a sociedade onde vive tem diversas interpretações o que pode e dever ser a preparação para o casamento, o que este deve ser assim como o que se entende por família em diversos textos e no quotidiano. Em relação a este último, ela própria é elemento de uma família em que o pai terá mais dois filhos fora do casamento, em que a prima mais amiga, Maria Lamas, é divorciada e novamente casada, em que ela própria casara primeiro pelo registo civil mas depois, por pressões sociais, fora também á igreja, o que levará o pai a não mais lhe dirigir a palavra até ao nascimento do primeiro filho e, pela correspondência que analisamos no último capítulo deste trabalho, ela própria só não acabara há muito com o seu casamento por respeito ás convenções sociais mais do que ao seu próprio querer.

Nos textos que existem no *Espólio* assim como na revista, como em muitos outros temas nela abordados, vai usar de um tacto enorme no que ás questões da família diz respeito. Ali podemos ler textos como o de Emília de Sousa Costa em que se faz a defesa da família como educadora fundamental dos filhos mas depois de ambos terem uma preparação para tal missão. Essa educação das mulheres para serem mães era fundamental e ela devia, como “(...) educadora, moderna e consciente, principiar por educar os seus rapazes, desde infantes, não só para adquirirem posição na sociedade, mas principalmente para chefes de família(...) e também inculcar-lhes, desde pequeninos, o amor pelo lar, a consciência dos deveres dum chefe de família, dum futuro pai que lhe impõe o domínio de paixões(...)” (Costa, s.d.. p. 212).

Um dos pontos principais da educação das mães deveria ser o de “(...) prepará-la condignamente, para o bom desempenho da sua missão social que não se restringe à maternidade física, mas se alarga a todos os campos — espiritual, intelectual, moral e económico. Sobretudo, na família, ela é o elemento primacial, como educadora, não só

das filhas—que poderão ser mães amanhã, se encontrarem marido—mas principalmente dos filhos — futuros *chefes de família* (...)”(Costa, s.d.. p. 214).

Neste sentido, as mães deveriam ser educadas também para preparar os filhos para serem chefes de família mostrando como “(...) os mentirosos, os desleais, os devassos, os estouvados, os preguiçosos, os extravagantes não poderão ser chefes de família competentes(...)” (Costa, s.d.. p. 216).

Para fazer essa educação dos filhos, os pais teriam que rever tudo o que até aí fora ensinado e aprendido pois só assim, colocando-se em causa, a reeducação poderia atingir o fim que se propunha: fazer “(...) compreender e sentir, aos rapazes, a devoção, o respeito, a ternura, devidos à Mulher, sua equiparada, como ser humano(...) dona de casa com perfeita autonomia(...) sua associada em todas as dores e alegrias(...)confidente leal ou colaboradora nos seus negócios. Tem de infiltrar no espírito deles que o trabalho de governar, dirigir e tratar a engrenagem doméstica é, por ventura, mais penoso do que o esforço produtivo do homem, cheio de minúcias e de responsabilidades, mais ingrato e inglório do que o dele, porque mal se dá pela sua presença e só se lhe reconhece o valor, quando falta(...)” (Costa, s.d.. p. 220). Quanto às filhas, as mães deveriam ser educadas para serem capazes de lhes ensinar “(...)a severa observância das suas obrigações(...) desenrolar, diante dos seus olhos, o panorama de virtudes, exigido pela sua tarefa, como criadoras de paz, de harmonia, de boa ordem material, moral e espiritual no lar. Que se lhes impõe energia, mas discreta e perseverante. Que lhes estão vedados gestos descompostos, as palavras rudes, ou mal soantes. Cumpre-lhes ser graciosas e meigas — a suavidade do sorriso a dourar a linha inquebrantável da beleza moral. Firmes na dignidade de ser pensante. Jamais admitindo que as rebaixem à categoria dos animais inferiores, mas cheias de indulgência, em tudo o que não contenda com o seu brio.(...)” (Costa, s.d.. p. 221).

A mãe deverá saber não confiara as suas mágoas a estranhos mas também saberá que não deve educar as filhas apenas para o casamento: “(...) A mãe, inteligente e cônica das suas responsabilidades, nunca pensará em educar filhas só para mães, ou só para o lar. Nas classes média e superior, o casamento está a tornar-se, hora a hora, mais problemático. Não é só porque o egoísmo masculino prefira as vantagens do celibato, livre de peias e incômodos, às complicações da chefia dum lar, com seu séquito de responsabilidades e deveres. É também pelas dificuldades crescentes na vida moderna que atemorizam mesmo os convertíveis à aparente severidade matrimonial. Daí, o aumentar sempre o número das senhoras *solteironas*.

Depois de, por suas culpas, lhes negar possibilidades de casar, impedindo-as de procurarem, como as estrangeiras, nas Províncias Ultramarinas, os companheiros da sua vida, o que anote-se de passagem — só beneficiaria a Nação, a educadora advertirá as filhas da possibilidade de ficarem solteiras, e não serem mães, demonstrando-lhes que tal facto não implica desaire algum, para quem quer que seja. Ocioso é insistir: a aquisição duma profissão, imperativamente se impõe a todas as meninas. A mãe avultará a necessidade instante, compressiva, da filha se preparar para qualquer contingência, dentro e fora do casamento, sem se tornar azeda, ridícula, ou perigosa por tolas pretensões(...)" (Costa, s.d.. p. 225).

Tal como a *Juventude Feminina Católica*, também Emília Sousa Costa (e como veremos ainda, Anália Torres e Elina Guimarães e, Maria Lúcia Vassalo Namorado em textos próprios ou através delas) considera(m) que os casamentos desiguais, na idade e na educação, produtos híbridos de alucinações de paixão, ou de interesses antipáticos, dos quais resultam graves inconvenientes, para a saúde moral das famílias, devem merecer a repulsa da boa educadora. "Casem-se as idades, e as educações" é preceito judicioso (...)"(Costa, s.d.. p. 225) defenderá esta senhora.

Deste programa para a formação das mães, a que fomos já fazendo referência em diversos capítulos anteriores fariam parte o desprezo por "(...) visitas, os chás, os cinemas, as reuniões mundanas, as diversões, sejam de que género forem, não podem constituir o objectivo principal na vida duma senhora sensata(...) e quando não tenha cuidados absorventes no seu lar, para ocupar a maior parte do tempo utilmente, há inúmeras missões sociais, a solicitarem a generosidade da Mulher (...) /sendo que/ mesmo que a sua casa e a sua profissão lhe ocupem muitas horas, cumpre-lhe ainda dedicar-se aos pobres, aos humildes, até onde lhe for possível (...)"(Costa, s.d.. p. 228).

As mães só poderiam abdicar de executar todas as tarefas para as quais haviam sido preparadas em caso de doença evidente. Mesmo as intelectuais, grupo onde Maria Lúcia Vassalo Namorado sempre se incluiu, não deveriam descurar os deveres femininos sendo, como o fora a "(...) sábia Doutora Carolina Michaëlis de Vasconcelos(...) modelares donas de casa, administradoras compenetradas das suas finanças, gerentes impecáveis dá disciplina doméstica (...)" (Costa, s.d.. p. 232).

Perante esta função das mães, havia que ter a certeza de que as mulheres seriam capazes de se apresentar como excelentes donas de casa, conhecedoras das mais elementares regras da economia doméstica, como vimos, assim como de possuir os indispensáveis conhecimentos de puericultura, vista como "(...) a arte cultivar as

crianças, no sentido de as tornar fortes, equilibradas, física e moralmente, alegres e felizes(...)"(ACP, 1938. p.190), mesmo que não viessem a casar. Elas deveriam saber criar um adequado ambiente educativo às crianças, um ambiente de felicidade no lar, ter a noção do que seria preciso para bem alimentar a família, identificar e praticar os mais elementares preceitos higiénicos, conhecer os princípios, ainda que rudimentares, da enfermagem caseira e ser capaz da paciência indispensável aos períodos de doenças existentes na família. Para prevenir as doenças e exercer constante acção profiláctica, as mães deveriam saber alguns rudimentos de cuidados de saúde, como evitar dar purgantes, tirar a febre antes da chegada do médico, afastar as fontes de pó e de doenças e saber agir em caso de doenças contagiosas. Desses deveres fariam também parte o conhecimento teórico dos alimentos, das vitaminas e dos diversos tipos e regimes alimentares. Também os trabalhos manuais como as rendas, saber passajar, arranjar vestidos seus executar peças de roupa para qualquer membro da família, assim como aproveitar e arranjar roupas dos mais velhos para os mais novos e fazer, em pano, brinquedos para os filhos, seriam outros tantos dotes femininos.

Como vimos ainda pela análise que também fizemos de *A Mulher dona de casa*, a mulher deveria gerir o interior, ou seja, a casa enquanto que ao homem competiria o exterior. Ela seria a alma da casa que deveria acolher a família e protegê-la contra todos os males do quotidiano. Como diz a directora de Os Nossos Filhos: "(...) a nossa casa deve ser, sobretudo, «nossa». Ao entrarmos nela, devemos sentir que ficou «lá fora» a vida, com as suas ciladas e a humanidade com os seus enigmas; e que encontramos, «cá dentro», a ternura, a compreensão, o sossego, o descanso, as compensações, a «nossa vida» (ONF, Fev. 1951).

Do ponto de vista das qualidades necessárias às mães, elas deveriam ser educadas para impor a disciplina no lar e desenvolver atitudes de firmeza, bom humor, evitar as discussões com o marido na frente das crianças, não manifestar, ou melhor, não desenvolver preferências em relação aos filhos e ser capaz de contribuir para a formação de crianças e jovens obedientes, autónomos, leais e verdadeiros e nunca gerir com estranhos os conflitos do casal porque "(...) desabafar os teus desgostos conjugais, mesmo que seja com a tua melhor amiga, é hábito que não deves adquirir, e, se já o tens, a que deves renunciar imediatamente. Seria necessário que a tua amiga fosse invulgarmente sensata, inteligente, conhecedora da vida e do pobre coração humano, para se não tornar embora inconscientemente! — a tua indesejável conselheira, isto é: a tua pior inimiga(...)" (ONF, Fev. 1951).

São inúmeros os exemplos que existem na revista, para cada uma das competências precedentemente citadas. Também se repetem frequentemente pelo que, neste subcapítulo optamos por apenas apresentar alguns, relativos a cada uma das áreas acima mencionadas, até porque alguns foram já convocados em subcapítulos anteriores.

Como deveres das mães, aqui entendidos como o que as mães devem saber para bem desempenhar o seu papel, teremos então:

Quadro n.º 17. : Deveres das mães:

Puericultura	Bebé não é um brinquedo(...)não o deixe andar numa roda-viva de colo em colo, porque isso o fatiga e enerva	06-1942
Saúde	Saiba como a doença! se evita, e saiba o que deve fazer no caso do seu filho adoecer deve ser o melhor cooperador do médico	06-1942
Formação moral	Ensine os seus filhos e filhas a serem alegres e felizes	06-1942
	ensinar o prazer pelo trabalho, a previsão, a paciência, a esperança firme e outras virtudes que dão expansão ao espírito e servirão, mais tarde, de base a nobres ideais	08-1942
	ajudemo-los a aperfeiçoar os seus métodos, mas não os levemos nunca a desistir (...)Demos-lhes coragem para suportar as consequências deveres das mães não desaparecem quando as filhas deixam de ser crianças. (...)dar-lhes de comer a horas certas, lavá-las, vesti-las, mandá-las à escola, ensiná-las a dizer «se faz favor» e «muito obrigada», é pouco e fácil(...) Formar-lhes a personalidade, orientá-las, defendê-las dos próprios defeitos(...)	09-1942
	crianças desenvolvidas, e intelectualmente verdadeiros prodígios, sem a mínima noção dos princípios morais que devem ser a base de toda educação integral perfeita — educação no sentido rigoroso e profundo do termo... Cidadãos são—desenvolvendo neles todos ao bons princípios que tornam a alma formosa fazem o recto carácter que pode tornar mais feliz o homem e mais perfeita a sociedade é tarefa das mães	10-1942
	a disciplina deve começar, mo primeiro dia: de vida do bebé(...) desde o nascimento, formar cuidadosamente carácter dos nossos filhinhos	01-04-1943
	Habitue o seu menino a bastar-se a si mesmo(...) será, mais tarde, enérgico e decidido, e terá, assim, mais probabilidades de triunfar na vida	08-1943
Princípios educativos	educação pelo exemplo é a mais fácil, a mais convincente, e a mais segura(...) também para o pai embora a sua curta permanência em casa e as suas ocupações absorventes lhe não permitam dedicar-se, tão completamente como a mãe, à educação dos filhos	07-1942
	Levar nossos pequeninos para o bem, sem exageros de justiça, apenas	07-1944

	sem transigências no que as não deve ter Eduquemos os filhos não para nós, mas sim para eles, para o bem deles	
	educar-se a si própria, corrigir-se, aperfeiçoar-se, de forma a possuir os sentimentos, as virtudes, as boas maneiras, que deve ensinar aos seus filhos (...) ter o maior escrúpulo na escolha de criadas (...) seleccionar rigorosamente as pessoas que frequentam a sua casa	07-1942
	não constranja a cada passo é bom não confundir liberdade com falta de educação repartir igualmente por todos os filhos os seus carinhos e cuidados	08-1942
	ensinemos os pequeninos que se deve ser delicado para as criados e todas as pessoais humildes. Que eles não percebam que os afastamos delas	03-1943
Assistência	todas as meninas da classe média, sem profissão, criassem em cada freguesia rural, uma casa de recolha das crianças, nos horas da labuta nos campos	08-1942
Educação	Porque se não unem os mães de cada cidade, cada vila, cada aldeia, para estudarem e resolverem os problemas infantis que lhes interessam directamente? Como se compreende que haja ainda crianças rotas, desgrenhadas, imundas, crianças abandonadas, exploradas, famintas; com que haja tontos crianças mal educadas — no duplo sentido da frase! — e que, mesmo nas classes altas, crianças continuem como se não existissem, tão pouco se pensa nelas e nas suas necessidades psicológicas	-03-1943
	à mãe cabe descrever a escola, como se fora um segundo lar, e o professor como um bom amigo, que irá fazer do menino um homenzinho(...) Mãe deve cooperar com seu filho, mostrar todo o interesse pelos sem exercícios, pelos seus livros, conhecer as suas preferências ou antipatia» por esta ou aquela matéria, depois de as conhecer, é muito proveitoso discuti-las com 'ele, argumentar; isto faz bem, desenvolve....mãe lhe comprar um livro novo, deve folheá-lo ao lado do filho. É necessário incutir-lhe todo o interesse por ele, e quem sabe, por vezes até é útil à mãe, pois recorda tantas coisas já 'esquecidas! Nessa ocasião, aproveita para lhe falar do 'autor desse livro, com respeito e gratidão pelo saber que espalhou, mencionando também o trabalho de quem o ilustrou, o imprimiu e encadernou ou brochou, tornando evidente e proveitosa sempre, a solidariedade no trabalho. É preciso fazer do filho um amigo dos seus livros se o filho já está na idade em que muitos dos seus camaradas tiveram de trocar a escola pelo trabalho na oficina, no escritório, fábrica ou no campo, deve a mãe fazer-lhe notar, o privilégio que para ele constitui poder estudar, sem cuidados, numa época em que a ignorância é a pior	10-1947

	das calamidades, acrescentando a seguir que para se gozarem certos privilégios, é necessário saber merecê-los	
Educação sexual	tua pequenina, que já tem quase 7 anos, perguntou-te há dias donde vinham as meninas. Ficaste muito embaraçada, respondeste-lhe vinham de França, num cestinho de flores, e agora que pedes a minha 'opinião* Procedeste bem? Procedeste mal? Entendo, que procedeste mal (...) dar-lhe um mau exemplo, e é inocular-lhes no espírito o veneno da desconfiança (...) Condeno classificar esse assunto de feio, vergonhoso, e complicado	11-1944

Todos estes exemplos que extraímos de *Os Nossos Filhos* como sendo necessários á educação de uma boa mãe estão também presentes na obra que começámos por citar no início deste subcapítulo. Porém, um aspecto encontramos na revista que a torna diferente do que, á época, era o entendimento do conteúdo da educação das mães: em *Os Nossos Filhos* podemos ver a reflexão sobre um conjunto de dados que, paralelamente, levam as mulheres a pensar sobre o que, relativamente ao seu papel e educação, nela também lhes é ensinado e que, muitas vezes, é posto em causa no seu quotidiano, pelo regime então vigente. Referimo-nos em particular ao contributo de Elina Guimarães que, numa secção que parece apenas dedicar-se ao esclarecimento das mulheres sobre leis que a estas dizem respeito, vai abordar outros temas como a separação, o divórcio, a participação cívica da mulher que não estão, de todo, nos conteúdos do que o Estado Novo entendia ser uma adequada educação das mães.

Como acontecia com outras revistas femininas já referenciadas, *Os Nossos Filhos* entregou algumas das secções, de forma mais ou menos permanente, a algumas das suas colaboradoras mais 'assíduas'. Podemos citar os casos de Maria Palmira Tito de Moraes que ficou encarregue dos ensinamentos na área de divulgação de preceitos de enfermagem, de Ferreira de Mira e de Branca Rumina, ambos ligados à divulgação de preceitos de puericultura, de Adriana Rodrigues que se ocupou, como se vê neste trabalho da formação e educação femininas assim como Elina Guimarães que, entre Maio de 1943 e Outubro de 1958, se vai encarregar das questões legais que dizem respeito à mulher na sociedade embora também reflecta sobre a formação feminina, os brinquedos para as crianças e outros temas que incluímos em cada uma das categorias a que pertencem. Os artigos desta colaboradora podem arrumar-se em três grandes grupos: generalidades sobre a criança e o quotidiano, a criança e a lei e a legislação aplicável ao casamento e aos seus problemas, ao qual dedica mais de vinte textos, indo das questões ligadas á raça (ONF, Jan. 1957), á religião (ONF, Abr. 1957), até aos

problemas como o divórcio e a separação (ONF, Ago. a Out. 1954).

A área das leis que importavam directamente às mulheres e mães tinha sido uma esfera muito abordada já por esta colaboradora. Em Dezembro de 1930 publicara um artigo intitulado *A situação da mulher em face das bases para a reforma administrativa*, nele defendendo a igualdade de direitos entre homens e mulheres no que respeitava a capacidade e participação eleitorais (Org. *Mulheres Comunistas*, 1994. p. 15).

Como muitas outras mulheres intervenientes em publicações periódicas e na sociedade, também Elina Guimarães escrevia em *Os Nossos Filhos* e, em simultâneo, noutras revistas. Por tal razão encontramos “(...) um artigo sobre a necessidade de alterar o Código Civil, procurando sensibilizar a opinião pública feminina para os direitos da mulher casada e mulher trabalhadora(...)” (Org. *Mulheres Comunistas*, 1994. p.30) e, no mesmo mês e na mesma publicação onde ele sai, ou seja, em Novembro de 1945, em *Alma Feminina n.º 14*, o órgão do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, também Maria Lamas escreve um texto intitulado *Algumas palavras às mulheres portuguesas*, de consciencialização sobre os direitos da mulher (...)” (Org. *Mulheres Comunistas*, 1994. p.30).

Tendo começado a colaborar, como dissemos, em Maio de 1943 e sendo o último artigo de Outubro de 1958, podemos concluir que esta autora sempre foi apoiante da revista *Os Nossos Filhos*, como ela indiscutivelmente escreve logo no primeiro artigo que assina para a revista. Num total de quarenta e quatro artigos, constatamos que entre Maio de 1943 e Abril de 1945 a designação da rubrica da sua responsabilidade vai mudando, assim como respectivo conteúdo.

Consideramos que os artigos de Elina Guimarães, na área da legislação e do quotidiano, com os de Adriana Rodrigues, na área da educação feminina, são os que mais erudição e cultura geral demonstram em *Os Nossos Filhos*. A quantidade de citações, de livros lidos e neles meditados, assim como as conotações estabelecidas são, não só inúmeras, como de um humor e ironia indiscutíveis.

Elina Guimarães não questiona a importância da maternidade. Ela critica alguns aspectos da educação feminina de épocas passadas sem contudo “(...)condenar em bloco as ideias educativas das gerações precedentes, que tão nobres exemplos nos legaram. Muitas dessas ideias têm até de ser conhecidas e meditadas por todos que aos problemas educativos se dedicam /mas o / interesse generalizado por estes assuntos é sem dúvida

um fenómeno contemporâneo(...)" (ONF, Maio 1943) acrescentando que, "(...) De que a mulher portuguesa compreende a sua missão é esta revista prova irrefutável, como o são as crianças robustas e cuidadas que consoladoramente vão surgindo por toda a parte (...)"(ONF, Maio 1943).

A situação das mulheres e das crianças perante a lei é o tema analisado por Elina Guimarães ao longo dos artigos que ali escreve. Partindo do princípio de que a "(...) protecção legal envolve o homem antes mesmo do seu nascimento (...)"e de que devem ser tomadas medidas de apoio à mulher grávida, o tema que a inquieta é o nascimento de que "(...) resultam para a criança duas consequências legais da maior transcendência: a nacionalidade e o estado civil (...)"(ONF, Jan. 1948). Depois de ensinar como se faz o registo, a escolha de nomes e apelidos, insurge-se contra certa "(...) moda anti - patriótica e de gosto nem sequer duvidoso, porque é péssimo, tem espalhado entre nós o uso de nomes femininos estrangeiros, especialmente dos franceses terminados em «ette» (perdoa-se para Odette, Colette (...) mas não para Suzette diminutivo de Susana, Lucette, de Lúcia(...))e como tal, inadmissíveis (...).Piores ainda os que nem nomes são, como Layette (enxoval de bebé) ou Marionette (fantoche) (...) Garanto que não inventei estes(...)"É importante fazer o assento de registo porque estabelece a filiação quanto aos filhos legítimos "(...) isto é, nascidos de pais legítimos (...)" (ONF, Jan. 1948).

O seu pensamento sobre os brinquedos, a leitura ou os livros recomendados é analisado nos capítulos respectivos deste trabalho pelo que, por agora, apenas nos interessa fazer uma análise do conteúdo dos seus textos de divulgação de alguns aspectos da lei então em vigor no que dizia respeito ao casamento e que poderiam ajudar á educação das mães sobre estes assuntos. A leitura integral destes textos é imprescindível a todas(os) as(os) que pretendam entender um pouco melhor as leis que sobre a família regeram os anos 40 e 50 do século passado e a quem queira entender como eram usadas, no quotidiano, as fissuras que o regime não conseguia controlar. Mais do que a explicitação e explicação de alguns desses textos, o que nos prende são os comentários irónicos com que, em quase todos, ela expõe o seu pensamento. Da apreciação dos textos desta senhora, conclui-se que a colaboração de Elina Guimarães é assumidamente política, ou seja, ela pega em temas fundamentais da vida das mulheres e das crianças, tal como eles são regulados oficialmente e depois disseca-os ao pormenor, mostrando como em muitas áreas essa legislação é desadequada e desrespeitadora dos mais elementares direitos das mulheres e das crianças. Afirmando-o frontalmente, em muitos casos, criticando veladamente, outras, é certo que a sua postura

é sempre a de alguém que usa a caneta para reflectir, denunciar e, ironizando, mostrar como é e como se deveria mudar. Vejamos então como analisa alguns dos temas que aborda nos textos que publica em *Os Nossos Filhos* e como, com esses textos, aproveita a directora da revista para educar as mães.

Quando refere que a maioridade pode ser antecipada para os 18 anos explica que esse direito pertence aos pais, ou seja, isto “(...) significa que ele pertence ao pai e à mãe mas, no caso mais comum, só o pai os representa e dirige. A lei diz que a mãe deve ser ouvida, mas não lhe dá nenhum outro direito. Pelo contrário, se a mãe for solteira ou divorciada, mesmo por sua culpa, os seus direitos equiparam-se aos do pai, sendo portanto muito superiores ao da esposa impecável no seu lar. É estranho, mas é assim mesmo (...)” (ONF, Mar. 1948).

Quando aborda o poder paternal, à luz do art.º 138 do Código Civil então vigente, não se exime de afirmar que os dois progenitores, se casados, não estão em igualdade de circunstâncias pois que “(...) se deduz com a maior clareza que a intervenção da mãe e os seus direitos dependem da maior ou menor boa vontade, do pai visto que ele pode agir em contrário à opinião da mãe, ou mesmo nem a consultar, não tendo a mãe nenhum recurso (...)” (ONF, Maio 1948). Ainda no mesmo artigo, Elina Guimarães acusa a prática que ia contra o que estava prescrito na lei pois que aquela permitia que, “(...) na ausência ou impedimento do pai faz a mãe as suas vezes (...)mas é muitas vezes esquecida na prática (...)” ao impedir, por exemplo, que a mãe assinasse a caderneta escolar da filha. Mais uma vez chama a atenção para as vantagens que, também neste aspecto, tinham as mães divorciadas e as mães solteiras que “(...)gozam, pelo contrário, da facilidade de, requerer perante o tribunal próprio as medidas que entenderem em relação aos filhos(...)tendo, portanto, muito mais direitos do que a mulher casada (...)” (ONF, Maio 1948).

Sobre a *Situação criada por morte de um dos pais* mais uma vez irá insistir nas diferenças que atingem o pai viúvo e a mãe viúva insistindo na situação jurídica da mulher portuguesa em que “(...) a lei começa sempre, por lhe assegurar todos os direitos, mas...seguem-se, restrições que lhos retiram(...)” (ONF, Set. 1948). No caso em apreço, o pai viúvo pode gerir os bens como bem entender, sendo que o “(...)pai tem o direito de nomear por testamento um ou mais conselheiros que dirijam e aconselhem a viúva em certos casos ou “em todos aqueles em que o bem dos filhos o exigir». Compreende-se o que semelhante disposição representa de vexatório para mulher. Tanto mais que ela não tem nenhuma forma de evitar esta medida mesmo quando esta tenha

sido tomada com o intuito manifesto de a ofender, sobretudo estando ela separada ou mesmo divorciada (...) Digamos ainda de passagem que estes direitos do pai se podem exercer contra a sua esposa mas não contra a mãe dos seus filhos ilegítimos...(...)" (ONF, Set. 1948).

Depois de abordar os problemas que a adopção pode colocar, a atenção de Elina Guimarães vai prender-se, até ao final da sua participação em *Os Nossos Filhos*, com dois problemas fundamentais: primeiro, a separação e o divórcio, num total de seis artigos; depois, o casamento, ao qual dedica vinte e um artigos.

Mais do que tecer comentários sobre os dois primeiros problemas, a autora expressa a sua grande preocupação com "(...) a triste posição dos filhos(...)" (ONF, Ago. 1952) afectados quer pela separação quer pelo divórcio. Se bem que não haja "(...)regras fixas e por isso nunca se pode dizer com antecedência a quem as crianças serão confiadas(...)/considera que/ normalmente as raparigas estão melhor com a mãe. Mas suponhamos que a mãe dirige em sua própria casa, acanhada e pouco higiénica, um ateliê de costura enquanto que o pai vive numa vivenda espaçosa com jardim em companhia duma irmã dedicada à sobrinha. Esta menor estará melhor com o pai. Há também atender aos sentimentos e preferências das crianças(...) para resolver "(...) tão triste problema(...)"(ONF, Ago. 1952).

Ao abordar a *separação de facto*, ela irá explicar como é diferente aquilo que se escreve na lei e a sua aplicação real porque "(...) a lei portuguesa, declara que o casamento é baseado na igualdade dos cônjuges mas esta igualdade é apenas teórica pois o marido tem na sua qualidade de chefe de família muito mais direitos do que a mulher (...)" (ONF, Abr. 1953). A prová-lo está o direito do marido de escolher o domicílio da família, de quando a "(...)mulher se recusa a habitar com o marido exigir a entrega da mulher pelas autoridades... (...)" ou ainda de ser o "(...)Marido por lei administrador de todos os bens do casal (...)" ou de ter o direito de gerir "(...) o salário que a mulher aufera como trabalhadora(...)" quando as francesas dispõem do seu dinheiro desde 1900 e as inglesas desde 1876(...)". Também no que diz respeito à mulher casada que trabalha, ela "(...)não pode fazer contratos nem exercer uma profissão sem autorização do marido(...) na maioria dos casamentos (...) estas regras não se aplicam rigorosamente. Se o fossem nenhuma mulher poderia comprar um bilhete de carro eléctrico o que é um contrato de transporte sem mostrar a autorização do marido... (...) o que é uma situação falsa e desprotegida(...)"(ONF, Abr. 1953).

O Código Civil de 1866 pelo qual ainda se regia a sociedade portuguesa, feito numa

época de “(...) maior moralidade ou de maior hipocrisia(...)” (ONF, Jun. 1953) não incluía a lei do divórcio nem a *Concordata* e se o casamento ao ser celebrado religiosamente se tornava indissolúvel tal situação não impedia “(...) o direito de pôr fim a situações insustentáveis (...) e em vez de recorrer ao divórcio recorre-se separação de pessoas e bens (...)” porque embora seja um problema de consciência grave a “(...)mulher ou homem não é obrigado a suportar uma vida conjugal transformada, como tantas vezes infelizmente sucede, em sudário de dores, martírio degradante, ou até em ambas as coisas (...)” (ONF, Ago. 1954). A existência de *conselheiros matrimoniais* é já referida como existindo em Inglaterra e na América e a revista *The Ladies Home Journal*²³² tem mesmo uma secção de aconselhamento matrimonial (...)”(ONF, Out. 1954).

Do ponto de vista da educação da criança para o casamento, que deveria ser feita pelas mães, também Elina Guimarães considera que ela deve ser realizada desde o nascimento porque é “(...)durante a infância que o futuro cônjuge adquire as qualidades físicas e morais indispensáveis a um enlace feliz(...)” (ONF, Fev. 1956). A reflexão sobre o que deveria ser a preparação para o casamento não é abordada nos seus artigos uma vez que considera que “(...) fora do que a Revista *Os Nossos Filhos* tem feito, quer pelos seus artigos quer pela *Escola de Donas de Casa*, muito pouco se tem atendido a esse problema(...)” (ONF, Fev. 1956) em Portugal. Por tal razão, as raparigas e rapazes, embora “(...)estes problemas contem mais para o sexo feminino (...) deveriam ser habituadas a enfrentar a sua futura situação de mulheres tanto no família como na sociedade, antes de se encontrarem em altura de a viverem realmente(...). Deveriam ser levadas a reflectir sobre complicações de casamento com um estrangeiro, avaliar tragédia de vícios de jogo e alcoolismo e pouca probabilidade de reabilitar homem que os tenha (...) a meditar sobre os casos em que o trabalho da mulher casada representa uma necessidade ou simplesmente uma vantagem e aqueles em que tal não sucede(...). Meditar o casamento e as suas consequências para a vida prática, isto mesmo para aquelas que para ele não sintam nenhuma vocação(...). É certo que esta parte da educação pertence mais à família do que à escola mas nenhum mal faria/, pelo contrário, que as professoras, fora das lições de moral, cujo fim é diferente, abordassem estes assuntos quando de tal houvesse mister(...) porque “(...)se raparigas e mulheres pensam

²³² A mesma revista lida por Maria do Carmo Rodrigues, na Madeira, e da qual será traduzido o artigo de Dorothy Thompson.

muito em casamentos, no seu e nos alheios, raramente ou nunca meditam sobre o casamento, como instituição (...)” (ONF, Fev. 1956).

Para tal fim, propõe ainda que se elaborem antologias²³³ com textos de Maria Archer e Carmen Figueiredo – “(...)que por mais realistas não convém dar muito cedo às adolescentes (...)”(ONF, Fev. 1956) - e também com escritores masculinos para reflectir sobre “(...) a mulher no lar em aspectos e virtudes; Educação moral e doméstica; A mulher na história pátria (...) a Mulher na ciência e na literatura e finalmente, "A mulher moderna"(...)” (ONF, Fev. 1956).

A reflexão sobre a (des)vantagem de casamentos de amor ou por contrato, os chamados “marriages de raison”, que compreende e considera poder em vir a ser felizes, ocupa-a durante alguns artigos (ONF, Fev. a Jun.1956) para concluir que, quer num caso quer noutro, o fundamental é saber que as qualidades exigidas a qualquer candidato devem ser:“(...) valor moral, boa educação e hereditariedade perfeita, esta última completada com a saúde individual que por si só a não assegura, são realmente as qualidades bases de qualquer união feliz (...)” (ONF, Jun. 1956).

Ainda ao abordar a harmonia entre os noivos, “(...)não no sentido de bom entendimento mas no de equilíbrio, ou melhor, equivalência (...) ” (ONF, Ago. 1956), Elina Guimarães defende, como tão frequentemente acontece em *Os Nossos Filhos*, que “(...)tenhamos a coragem de reconhecer que, apesar de todos os progressos, o casamento é, ainda hoje, o mais eficaz meio de elevação da mulher (...)” (ONF, Ago. 1956). Aqui se expressa uma verdade que, hoje, muitas(os) investigadoras(es) querem ‘não’ ver quando analisam épocas ou figuras passadas. Muitas vezes, a todo o custo se tenta apresentar certas personagens como tendo defendido, desde sempre, valores e assumido posições que, por mais politicamente correctas na contemporaneidade, gostariam que essas figuras ou épocas que analisam, tivessem patenteado quotidianamente.

O tema tão referido no início de *Os Nossos Filhos* sobre a necessidade/vantagem do atestado de saúde ante-nupcial como em França, onde era obrigatório “(...) por causa da tuberculose e da sífilis(...)” (ONF, Set. 1956), merece-lhe alguns comentários pois que, normalmente, só se pensa nestas exigências para as mulheres porque a elas, “(...)modelos de docilidade, cabe sujeitarem-se a todas estas provas e contentarem-se com qualquer homem mesmo funcionando mal...(...)” (ONF, Set. 1956).

²³³ Estes são os capítulos de um “(...)livro italiano que não tem capa e não sei quem são autores(...)” (ONF, Fev. 1956) cujos conteúdos vai dar como exemplo de uma obra adequada a essa educação para o casamento.

Elina Guimarães analisará ainda, como dissemos, alguns factores que podem influenciar o casamento, tais como a beleza, o dinheiro, a diferença de classe, de religião, de nacionalidade e de raça.

Embora a beleza fosse importante para La Bruyère que dizia que “(...)uma mulher agradável com as qualidades dum homem de bem era o melhor ser da terra...(...)” a beleza deve ser entendida como “(...) encanto da inteligência, do espírito vivo, do carácter franco, gentileza e afabilidade do trato (...) há mulheres a quem por razões de saúde ou de deformidade o casamento e a maternidade, estão ou deviam estar vedados (...)” (ONF, Out. 1956) como as corcundas.

Um outro factor, o dinheiro que “(...) traz maiores benefícios e expõe a maiores perigos do que a beleza (...)” é um factor que muito se deve ponderar pois que o “(...) *marido é sempre o administrador dos bens do casal incluindo os que a mulher aufera pelo seu trabalho (...)*” (ONF, Out. 1956). A lei, mais uma vez, está contra as mulheres pois que “(...) a mulher não pode dispor deles sem autorização do marido é mais fácil para este aproveitar mal o dinheiro da mulher do que o inverso (...) e a mulher só pode reservar para si um terço dos seus bens em caso de convenção ante-nupcial enquanto que marido fica com os seus (...)”. Apesar de tal injustiça, Elina Guimarães declara que se a mulher “(...) não confia na probidade de seu futuro marido, a única coisa a fazer é... Não casar(...). Ela discorda da “(...) escola radical de certas escritoras que pretendem que se redija um contrato antenupcial como se o noivo fosse um bandido (...)” (ONF, Out. 1956). Considerando que o “(...) casamento por interesse, como o casamento por razão, não é forçosamente infeliz(...)” (ONF, Nov. 1956), dado que é um contrato como se refere no art.º 1º do Decreto n.º 1 de 25 de Dezembro de 1910, ele deve ser meditado pelos noivos porque não “(...) se destina a tornar felizes os participantes (...) nem mesmo a evitar-lhes a solidão: tem um fim por que transcende estes embora os englobe: o de constituir família. Mas... *uma família nova*. O casamento não é inteiramente livre mesmo “(...) fora dos impedimentos de idade ou parentesco (...)” (ONF, Dez. 1956) porque há grupos sócio-profissionais que têm certas regras a cumprir: estão nesse número os “(...) componentes das forças armadas de, terra, mar e ar assim como os diplomatas e (...) também as professoras primárias (...)” (ONF, Dez. 1956).

Ao analisar os casamentos desiguais o “(...) grande óbice (...)” apontado não é a “(...) diferença de classe, de fortuna ou mesmo, de país, mas a de educação, ou talvez mais a de civilização (...)” (ONF, Jan. 1957) assim como o factor pessoal. Neste artigo socorre-se, como em todos os outros, de exemplos simples que podem sublinhar e tornar

menos ‘árida’ a explicação que do tema faz. O exemplo convocado é o da célebre *Pocahontas*, de quem conta a história. Se as raparigas têm mais locais onde conhecer possíveis noivos, o risco que antes apenas existia para os rapazes aumenta, assim como a possibilidade de serem infelizes nas escolhas. Os métodos para se pôr “(...)em contacto as presumíveis almas gémeas são: as relações por apresentação directa ou das famílias, viagens individuais organizadas, festivais, desportos de inverno, espectáculos ou correspondência entre aderentes. O que se reduz a dois sistemas: pôr as partes directamente em presença, ou reuni-las sob pretexto de qualquer distracção (...)” (ONF, Jan. 1957). Este ultimo método “(...)embora menos franco, é também menos embaraçoso e permite a retirada airosa, sem humilhação, no caso de não se estabelecer simpatia suficiente (...)” (ONF, Fev. 1957). Em França recorria-se muito aos anúncios que entre nós “(...)também se usam bastante em relação aos colonialistas. Mas, infelizmente, muitas relações começadas por este meio acabam relatadas na secção de burlas...(...)” (ONF, Fev. 1957). Os ingleses preferem as agências matrimoniais e Elina Guimarães considera que “(...) uma agência séria, e fiscalizada, neste género, seria bem útil num país colonial e de emigração como o nosso (...)” (ONF, Fev. 1957) ao mesmo tempo que condena o costume de alguns países deportarem mulheres de “vida fácil” ou criminosas de direito comum o que “(...)libertava a metrópole e ajudava a povoar as colónias. Foi esta a lamentável aventura da célebre Manon Lescault imortalizada, pelo romance e pela ópera (...)sendo que, muitas delas, em novo ambiente, eram boas esposas e mães (...)” (ONF, Fev. 1957).

A ideia de frequentar determinados espaços culturais pode ser propiciadora de encontrar pessoas com gostos afins. As “(...) excursões a preços acessíveis, os clubes de fins desportivos ou culturais, as conferências, abundam. Por esta forma não é impossível encontrar, senão almas gémeas, pelo menos almas afins. Na pior das hipóteses, o tempo decorre, de modo mais agradável do que se a mulher ficasse isolada a carpir mágoas, ou a meditar sobre a vida alheia...(...)” (ONF, Mar. 1957).

Na realização de um casamento “(...) o problema de religião (...) é extremamente grave(...) porque dele depende a concepção da vida e moral dos cônjuges e um problema pessoal tendo em conta como cada um encara a sua religião e a alheia(...)” (ONF, Abr. 1957). Depois da Concordata, em Portugal, o “(...) problema do casamento religioso não tem apenas consequências religiosas mas consequências legais da maior importância (...) porque / desde 1940 os casamentos **perante a Igreja Católica são indissolúveis** (...)” (ONF, Abr. 1957).

Uma das mais “(...) flagrantes desigualdades jurídicas entre os sexos(...)”(ONF, Jul. 1957) é, para a mulher, o casamento no que diz respeito à questão da nacionalidade porque “(...) na mulher, o patriotismo é menos apreciado na mulher do que no homem... Se o homem sacrifica ao patriotismo a mulher que ama, é um herói. Se a mulher fizer o mesmo, é uma traidora (...)” ONF, Jul. 1957). Diversos casos de problemas que se criaram devido à nacionalidade diversa dos cônjuges são analisados no artigo de Agosto de 1957 que, como todos os outros, está recheado de exemplos que, embora reflectindo a erudição da autora, não dificultam, antes tornam mais agradável, a leitura dos textos que redige. Elina Guimarães insiste na ideia de que as mulheres casadas têm, na lei portuguesa, menos direitos do que as mães ilegítimas porque, se os pais são de nacionalidade diferente, os filhos seguem a do pai e “(...)se algumas excepções existem são a favor da *mãe ilegítima*, a quem, paradoxalmente, as legislações que protegem a família dão bem mais direitos do que à mãe legítima (...)” (ONF, Set. 1957).

A questão da diferença de classes no casamento é considerada, tal como Maria Lúcia Vassalo Namorado o faz nos seus textos, uma das mais importantes a colocar aos noivos. Outra também fundamental é a diferença de raças²³⁴ e Elina Guimarães faz questão de esclarecer que “(...) embora isso pouco importe, pede-me a consciência que me declare não só alheia mas adversária de preconceitos e barreiras ráticas (...)” (ONF, Out. 1957) afirmando, porém, que a “(...)união entre brancos e asiáticos é talvez mais complicada porque os africanos educados adoptam, pelo menos, as formas exteriores da vida europeia, não havendo o terrível choque de duas culturas diferentes. (...)” (ONF, Jan. 1958). Por vezes o problema maior nos casamentos entre raças diferentes recai sobre os filhos, os mestiços que sofrem de um “(...) duplo drama: drama social quando os preconceitos do meio ambiente pesarem sobre eles e, além disso, o drama pessoal causado pela dupla ascendência e Inclinações a ela relativas(...)” (ONF, Jan. 1958). Elina Guimarães passa depois a uma questão política muito delicada: afirma que “(...) a RAÇA constitui impedimento ao casamento não de modo geral mas para os militares que só podem desposar senhoras portuguesas de RAÇA EUROPEIA. ...mas as "Leis Extravagantes" publicadas D. José, em que há uma de 4 de Abril de 1757 defende esse casamento com gentes das Américas ou das índias(...)Eis aqui um dos casos— mais vulgares do que se supõem — em que o regresso ao passado marca, não atraso mas

²³⁴ O artigo de Novembro de 1957 nada mais tem do que histórias várias de casamentos bem sucedidos, em diversas obras literárias, entre pessoas de raças diversas.

avanço em benefício do porvir...(...)" (ONF, Jan. 1958)!

Finalmente, são abordadas também as relações entre marido e mulher, nomeadamente na necessidade que têm os namorados de pensar "(...) como decorrerá a sua existência(...)" após o casamento porque há que ter em conta a profissão do marido "(...) encarada sob os seus três aspectos: financeiro, social e psicológico (...)" (ONF, Set.1958). Ao referir o primeiro aspecto, Elina Guimarães considera "(...)perfeitamente legítimo e até aconselhável que os pais em boas condições financeiras auxiliem os jovens casais, evitando-lhes noivados demasiadamente longos. Mas é preferível que este auxílio consista numa quantia fixa e não no pagamento de contas em momentos de emergência (...)" (ONF, Set. 1957). A sua reflexão sobre as profissões possíveis para o noivo – carreiras militares e judiciais, profissões liberais e artísticas – mostra-nos como estava longe do seu pensamento a mulher outra que não a burguesa culta.

Outras referências legais patentes em *Os Nossos Filhos* são apresentadas, normalmente, por Maria Lúcia Vassalo Namorado, de forma anónima e dizem respeito, na maior parte dos casos, à forma de solucionar problemas do quotidiano. Em defesa dos menos protegidos pensa que "(...)seria bom que a *Carris* mandasse pôr nos lugares dos carros eléctricos (...) um letreiro, plagiado do estrangeiro:" lugares por prioridade, aos aleijados, às pessoas idosas, às mulheres grávidas ou acompanhadas de crianças» (ONF, Mar. 1948), ou ainda quando vê crianças que trabalham mais do que seria normal na sua idade, pensa que o seu lugar seria na escola (ONF, Mar. 1948), ou quando se refere à legislação que obriga à tapagem dos poços para que a segurança infantil seja uma realidade (ONF, Mar. 1948 e Jul. 1953).

Muitas vezes esta sua intervenção toma o aspecto de indignação frontal como acontece na reflexão que lhe suscita uma notícia que lera no *Diário de Notícias* de 5 de Maio de 1953, em que se referia que, em Ponte da Barca, uma mãe não deixara o filho no hospital, para que ali lhe ministrassem o tratamento de que carecia. Por ter falecido, Maria Lúcia Vassalo Namorado pergunta-se:"(...) como é isto possível? Onde está o organismo a que se possa recorrer qualquer pessoa consciente, sempre que observe uma criança em perigo? Crianças batidas deshumanamente, exploradas, empurradas para o vício? Um organismo que sem delongas as defenda e salve, porque o mal que se fez a uma criança é um crime gravíssimo para ela própria e para a Humanidade?(...)" (ONF, Jun. 1953). A criação desse "organismo" e a protecção da criança ou a possibilidade de denúncia de maus tratos como crime público eram ainda uma

miragem...

Sob o ponto de vista de apoio moral a dar às mulheres presas e a assistência a filhos menores de presos e presas debruça-se Maria Irene Faria do Vale quando aprecia a situação da mulher delinquente. Esta autora identifica o estado de analfabetismo das presas como uma das razões que as levam a não ter noções de dever, honra e responsabilidade. A reintegração social destas mulheres, ajudadas pelas assistentes e auxiliares de serviços sociais, é a grande preocupação por ela expressa pois nem sempre é fácil “(...)vencer a relutância do público para com todos aquelas que estão marcados com o ferrete de réprobos(...)” (ONF, Jul. 1948).

Enquanto que Elina Guimarães abordada a lei pelo lado da defesa da mulher, um outro advogado, José Francisco Rodrigues (cf. Biografias), terá intervenção em *Os Nossos Filhos* sobretudo para reflectir sobre temas educativos de interesse sobre crianças. A sua colaboração na revista abrange um conjunto de trinta e quatro artigos, entre Maio de 1943 e Abril de 1957. Este professor com diploma de ensino primário, era também orientador no *Instituto de Orientação Profissional* e, depois de ter trabalhado no *Instituto Adolfo Coelho*, entre outras funções, virá a ser ainda Provedor da *Casa Pia de Lisboa*. Do tempo em que ia levar em mão os artigos à redacção de *Os Nossos Filhos* recorda-o Maria Helena Rosa Torres Peres de Seixas (cf. Biografias) como “(...) pessoa mais simpática antes de ser advogado do que depois (...)” (Entrevista em 11 Jan. 2005). A sua colaboração na revista pode ser subdividida em dois períodos distintos: de Maio de 1943 a Junho de 1947 e de Outubro de 1947 a Abril de 1957. No primeiro período, nas rubricas *Conheça os seus filhos* e *Casa de Pais* apresenta as suas ideias sobre diversos temas que vão do reconhecimento da importância da anterioridade da função educativa na família em relação ao Estado (ONF, Maio 1943), da necessidade de evitar a pieguice no tratamento das crianças (ONF, Out. 1943), da importância da compreensão e do amor na educação (ONF, Mar. 1944) à necessidade de conhecer as diversas fases de evolução infantil (ONF, Dez. 1946), entre muitas outras.

Neste primeiro período publicara dois livros: *O Grande Problema- estudos sobre educação* (1944) e *A Família, a mulher e o lar* (1949), assim como uma brochura intitulada *Os Dez Mandamentos do Educador cristão: lição de abertura do I Encontro Provincial dos Religiosos para o Ensino em Moçambique*, proferida na semana de 14 a 21 de Janeiro de 1962, na cidade da Beira, naquela província ultramarina. Só o

primeiro²³⁵ destes dois livros e a brochura existem no *Espólio* de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Em *Os Nossos Filhos* serão feitas duas breves alusões ao primeiro livro: em Fevereiro de 1945 agradece-se a sua oferta e diz-se que:“(…) é o trabalho sério dum espírito culto, e idealista, que procura na "Pedagogia o caminho do Bem e da Verdade. Muitas das suas páginas são admiráveis, pelo poder de síntese, felicidade de forma, elevação e justeza de conceito. Tais são as de *Auto-de-Fé*, *A Educação nas relações diárias*, *O papel da Família na Educação*, *Os 10 Mandamentos do Educador*²³⁶, etc. páginas, de leitura, agradável, há muito que aprender (…)” (ONF, Fev. 1945).

A segunda notícia sai em Fevereiro de 1946, na rubrica *Mãos de Fada*, apenas com indicação de que os pais devem ler essa obra. Uma notícia de Novembro de 1949 vai buscar o título a esse livro e nela, como no livro, se explica que existe “(…)em Portugal um problema educativo para resolver (….)que a sua importância é muito maior do que geralmente se pensa (….)que o solução do mesmo exige sérios trabalhos de investigação e de doutrinação filosófica, pedagógica, social e moral; a criação de um ambiente propício; a preparação cuidada dos professores e a sua orientação, segura e constante; coordenação da actividade dê vários sectores da Administração interessados nessa obra (….) pôr ao serviço dessa causa q 'imprensa e a rádio, mediante uma campanha bem preparada, e bem conduzida (….) exercer uma censura inteligente e cuidadosa sobre o teatro que se representa, as fitas que se exibem, as revistas e livros que se vendem. Não apenas o problema do analfabetismo — já de si tão grave (….) e ainda o problema mais lato da protecção à infância (….). Há também, a par desses, e depois desses, os problemas das leituras formativas para os adolescentes, das bibliotecas populares para recreio e cultura do trabalhador rural e do, operário industrial e a orientação dos mesmos trabalhadores no emprego útil e agradável do tempo livre; do combate à imoralidade que gera os filhos ilegítimos que produz delinquentes, menores e maiores, e que corrói a unidade e solidez das famílias; da orientação profissional, em sentido lato, abrangendo, o problema da formação da consciência profissional com o sentido da dignidade e da responsabilidade que hoje atinge acuidade tremenda (….) e a reforma de

²³⁵ O exemplar que se conserva no *Espólio* tem dedicatória manuscrita na primeira guarda:” À Ex.ma Sr.a D. Maria Lúcia, à escritora ilustre, à educadora, à estudiosa perspicaz dos problemas sociais, à defensora insigne das mulheres e das crianças, à directora de *Os Nossos Filhos*, à autora de *A Mulher dona de casa*, da *Joaninha*, etc. *O Grande problema* oferece como homenagem às suas: inteligência, sensibilidade, carácter José Francisco Rodrigues, Lisboa 28/XII/1944”. Este livro é o número 144 da base bibliográfica que realizámos a partir do *Espólio*.

²³⁶ Títulos de alguns dos capítulos, misturando alguns da primeira com outros da segunda parte. Este capítulo, correspondendo às p. 197 a 198, será publicado, sem quaisquer comentários, em *Os Nossos Filhos* no número de Fevereiro de 1955.

toda a mentalidade materialista de uma sociedade que na vida prática renegou Cristo e a sua doutrina espiritual (...)”(ONF, Dez. 1949).

No segundo período, os artigos são quase todos extraídos da sua tese de licenciatura intitulada *Da Criminalidade de menores* sendo que doze desses artigos têm como título a *Delinquência dos menores*. Para apresentar o grave problema da delinquência juvenil o autor faz extensas citações da Constituição de 1933, dos decretos que criaram a *Defesa da Família* (Dec.lei 25936 de 17/10/1935), da criação do *Instituto de Assistência à família* pelo decreto-lei 35108 e lei 1998 que o regulamenta e da criação do *Instituto Assistência a Menores*, decreto lei 35108 (ONF, Abr. 1948), sobre a Lei que cria a Assistência psiquiátrica, lei 2 006 e decreto 34.502 que a regulamenta e que foi necessária porque “(...) a protecção dos menores normais e anormais, delinquentes ou não, é uma obra urgente que está a reclamar uma verdadeira cruzada santa (...)” (ONF, Jun. 1948), sobre a necessidade de prevenção da criminalidade que está em risco pois que o analfabetismo fora, “(...) na estatística da educação relativa ao ano lectivo de 1945/46, a última publicada, indica a taxa de analfabetismo de 49 % para o total do população maior de 7 anos (...)” (ONF, Ago. 1948), da importância do *Estatuto do Trabalho Nacional*, Decreto-lei 35.955 de 19-11-1946, que regula o trabalho dos ardinias (ONF, Dez. 1948): Finalmente, defende a importância dos pais que “(...)por direito natural e positivo são os educadores natos e os preferentes (...) como dizia S. Tomás o poder paternal é um poder-dever que tem de ser, exercido em proveito dos filhos (...)” (ONF, Mar. 1949). Outra das instituições a que se refere é à Tutoria e ao seu poder de regularização do poder paternal (ONF, Jul. 1949), à sua competência criminal (ONF, Maio 1950) e à possibilidade “(...) de acção e previdência (...) face aos Menores (...)” (ONF, Set. 1950).

Na categoria da análise de legislação devemos mencionar ainda o texto da autoria da *Junta Central das Casas do Povo* em que se afirma que “(...)se acentua cada vez mais a tendência para que as mulheres casadas trabalhem fora do lar, torna-se também cada vez mais agudo o problema de definir a situação das crianças que não podem beneficiar da assistência das respectivas mães. Ao aumento de empregadas na indústria, no comércio, na organização corporativa e no funcionalismo publico, tem de corresponder, para que se estabeleça o equilíbrio, o aumento de infantários e de escolas(...)”. O Decreto-lei 23.051 de 23 Set. de 1933 /passara para a /esfera da Casas do Povo a criação de infantários(...)” (ONF, Out. 1952). Neste artigo, também são referidos os filhos das mulheres domésticas que precisam de protecção legal para evitar

“(…)que as serviçais das famílias remediadas ou ricas exerçam, ou finjam exercer, funções de educadoras, para as quais, como é sabido, não se encontram habilitadas (...)” (ONF, Out. 1952).

A legislação cuja apreciação se publica na revista permite-nos ver como outros aspectos, que não apenas os do ‘agrado’ do regime, são apresentados em *Os Nossos Filhos* e como, com ela, se quer contribuir também para a educação das mães.

As mães devem ter inúmeros conhecimentos sobre economia doméstica, sobre puericultura, sobre saúde, sobre literatura infantil, sobre imensos outros assuntos como a orientação profissional, as profissões femininas mas também devem ser conhecedoras de um conjunto de dados sobre educação infantil e juvenil e sobre os problemas que se colocam na adolescência a suas(seus) filhas(os). Outro aspecto que se analisa em *Os Nossos Filhos* é ainda o da necessidade de educar as mães para saberem ser sogras. Deste capítulo da educação das mães nos ocupamos agora, deixando os restantes para os subcapítulos seguintes.

Entre Novembro de 1947 e Agosto de 1952, num total de treze artigos, sob a assinatura de *Maria Lúcia*, existe uma rubrica de educação das mães para saberem ser...boas sogras. Normalmente dirige-se á mulher que desempenhará (ou desempenha já) esse papel, partindo de vários preconceitos sobre elas: “(…)«Sogras? Nem de barro á porta!». «As sogras— roncam». «Sogras só para pôr na cabeça debaixo da bilha, quando se vai à fonte», «Já fizeram uma sogra de mel, e no fim ainda amargou» ou «Á minha sogra não é sogra, é mãe(...)”(ONF, Nov. 1947).

As mães nem sempre eram educadas para desempenhar essa importante tarefa, razão pela qual Maria Lúcia Vassalo Namorado dela se ocupa na sua própria revista.

Se as mães dos rapazes, as sogras, como seria mais tarde também o caso de Maria Lúcia Vassalo Namorado, podem educar os filhos para ‘acertar’, elas devem também estar conscientes de que a escolha dos filhos não é assunto da sua competência. O trabalho educativo que elas podem desenvolver para os ensinar a bem escolher um casamento, deve ter sido feito ao longo do tempo para que, na hora necessária, os filhos escolham bem, mas sem a intervenção das mães. A sua defesa dos direitos das mulheres leva-a a exigir que também as sogras saibam apreciar as escolhas dos filhos. A uma mãe que se lhe dirige por carta – assinando *MCCR*- enaltecendo o filho e rebaixando a escolha da noiva que ele fez, pergunta a directora de *Os Nossos Filhos*: “(…) será o rapaz tão “brilhante” como mãe diz (...) e será rapariga tão insignificante?(...)” (ONF, Jun. 1951).

Como resposta, aproveita explicar às leitoras que é “(...) da opinião que, para a felicidade conjugal, muito conta a igualdade de educações, de hábitos, de nível social. Mas também julgo a desigualdade mais perigosa quando é o homem que vem, digamos dum plano inferior (...) porque a acuidade perceptiva da mulher é enorme (...) para fazer boa figura, de não o deixar mal colocado (...) defendo a valorização da mulher mas nem todos os homens «já» estão preparados para serem os companheiros dessas mulheres brilhantes. Aqui está uma verdade talvez pouco isso, não se reparou que ainda (...) há muitos homens que preferem a mulher menos esperta, menos culta, menos «brilhante». Pertencerá seu filho a este número? Se for só lhe resta conformar-se, pois agora já é tarde; para o fazer mudar de opinião seria necessário que ele fosse levado, de muito novo, a admirar e preferir esse tipo de mulher que agrada a minha amiga, para nele procurar a sua eleita. E mesmo assim, o método não é infalível... (...)” (ONF, Jun. 1951).

No sentido de ajudar as mulheres a serem boas sogras, Maria Lúcia Vassalo Namorado propõe-lhes o seguinte *Decálogo das sogras*, com o qual resume as qualidades que as boas mães deviam ter:

1- Não fales nunca às tuas noras no passado amoroso dos teus filhos.
2- Não fales nunca aos teus genros nos antigos pretendentes das tuas filhas.
3- Não te intrometas na vida do casal nem nos seus problemas sentimentais ou económicos.
4- Ajuda-os em tudo que possas mas habitua-os a agradecerem-te o muito e o pouco que por eles faças.
5- Não os visites com excessivo frequência, nem te instales em sua casa por mais de 3 dias.
6- Se eles viverem contigo, pede-lhes uma vez por outra opinião sobre os problemas domésticos mas não deixes de ser a dona da tua casa.
7- Mesmo que eles se aproximem muito e sinceramente de ti se sempre discreta nas tuas palavras e atitudes.
8- Se houver discordância entre eles, e te pedirem que intervenhas, toma, de preferência, o partido da nora ou do genro.
9- Faz o possível por não teres necessidade do seu auxílio material.
10- Não queiras educar os netos à tua moda.

Fonte: ONF, Jan. 1951

Esta questão da educação das mães será abordada por Maria Lúcia Vassalo Namorado ao longo de vários anos, mesmo quando deixar já de publicar a revista *Os Nossos Filhos*. Ela ainda irá retirar alguns princípios educativos aqui apresentados para os publicar, novamente, no *Diário de Lisboa*, quando aí trabalhar depois da suspensão

da revista. Este problema fora diversas vezes abordado por outras mulheres antes dela como Maria Amália Vaz de Carvalho que, como ela e muitas das mulheres que escrevem em *Os Nossos Filhos*, defendiam que “(...)educar a mulher é um grande problema que resta ainda resolver(...)”(Carvalho, 1880. p. 11) e que “(...)a mulher sem educação só tem três caminhos a seguir: casar, mesmo que não tenha respeito pelo noivo, ficar a cargo de parentes mais ricos ou a perdição(...)” (Carvalho, 1880. p.65).

Maria Lúcia Vassalo Namorado vê o problema de forma menos drástica mas também ela quer que as mulheres, mesmo as que trabalham por necessidade, saibam que “(...)“(...) trabalhar não é fazer crochet, é ser útil, ocupar o espírito, adquirir e espalhar conhecimento em torno de si(...) concorrer para o bem estar dos outros e para o seu aperfeiçoamento próprio(...)”(Carvalho, 1880. p.178) e que “(...) a mulher que trabalha levanta-se cedo(...) é activa, tem saúde porque o tempo bem aplicado e dividido sem se entregar a moleza(...) goza de tudo com alegria, vitalidade, não desdenha nenhuma ocupação porque o amor e a inteligência prendem-se a tudo que ela faz(...) sabe conversar na sala com facilidade, sabe estar na cozinha(...) inventar um menú que reúna economia e variedade(...) observa os utensílios, ensina a cozinheira, faz por suas mãos o prato predilecto para filhos e marido(...) sabe bordar, serzir pano, cozer roupa da casa e dos filhos, cortar e fazer os seus vestidos(...) é um exemplo de economia e moralidade(...)”(Carvalho, 1880. p.180). Ela quer ainda que essas mulheres saibam ser mulheres de família:“(...) : instruída, ligada ao cumprimento religioso dos mais humildes deveres do amanho da casa e da maternidade(...) enfermeira desvelada na doçura (...) distribuidora sensata e económica do alimento(...) mãe carinhosa e dedicada(...) capaz dos mais perseverantes sacrifícios, (...) companheira do espírito masculino(...) sócia das suas aspirações(...) inteligência que compreenda e partilhe as legítimas aspirações(...) de ânimo viril para o apoiar nas horas de desalento(...) com mão firme e branda para o guiar no seio terno nas horas da derrota(...) entusiástico espírito de apoio nas vitórias(...)é a mulher digna de ser mãe e de educar uma geração de fortes(...)”(Carvalho, 1880. p.178).

Uma correcta educação das mães incluía também diversos conhecimentos sobre instituições para educação infantil (como as creches e as escolas infantis) e escolas primárias e liceus. É sobre elas que nos debruçamos seguidamente.

Educação infantil e juvenil: Creches, Escolas infantis, primárias e colégios e liceus

Creches

Uma vez que deixá-los com as criadas era grave erro educativo, como vimos, o problema das mães que trabalham sem ter onde deixar os filhos vai ser abordado com enorme frequência em *Os Nossos Filhos*. Vimos como se pediu a colaboração das leitoras, sobretudo das que trabalhavam fora de casa, para colaborar com a revista no sentido de explicar como resolviam tão difícil problema, a saber: onde deixar as crianças enquanto trabalhavam? Muitas são as respostas de mães trabalhadoras para a directora da revista e aqui publicadas. Também de creches diversas são dadas notícias uma vez que muitas(os) forma as(os) beneméritas(os) que foram contribuindo para que, aqui e ali, fossem sendo criadas creches para as mães deixarem os filhos. Um aspecto é evidenciado: todas as que iam sendo fundadas não chegavam para satisfazer a enorme procura existente. Muitas eram excelentes mas tinham a agravante de serem também inacessíveis á maioria das bolsas.

Certas iniciativas de particulares são apresentadas como modelo, como acontece com a *Creche da Empresa Fabril do Norte* que tinha sido fundada para as operárias - mães. Em artigo de *Lavinia*, ou seja, Ludovina Frias de Matos, do Porto, ilustrada com “(...) fotografias de António Silva feitas gentilmente para *Os Nossos Filhos*(...)(ONF, Set. 1943) sai uma extensa notícia onde não são esquecidos os objectivos, o mobiliário e restantes condições de funcionamento da instituição:“(...) camas de lona volantes para crianças da operária - mãe (...)tomam banho no balneário, de banheira ou de agulheta, dormitórios por onde gradualmente irão passando dos 3 meses aos 3 anos, o lago azul,(...)e o recreio (...), o carroucel carregado de bicharocos, o labirinto (...)”. A Dra. D. Deolinda Alves Martinho de Lima, é a médica e Directora da *Creche da Empresa Fabril do Norte*(...)” (ONF, Set. 1943).

Outra creche apresentada como excelente exemplo mas pouca acarinhada é a *Creche Pedro Folque*, em Belas, que fora fundada por *Maria Paula de Azevedo* em Março 1926 e “(...) abriu com trinta crianças(...)as mais pequeninas, de 1 a 3 anos, instaladas na «pouponnière»(...), as maiorzitas, de 3 a 7 anos, na *Escola Maternal*. Ao lado da *Creche* passou a haver a *Casa de S. Pedro*, para as rapariguinhas que aos 7 ou 8 anos abandonavam a primeira. Nessa idade, depois da lição na *Escola Primária*, as pequenitas encontravam na *Casa de Trabalho de S. Pedro* um jantar reconfortante, e passavam a tarde entregues a trabalhos de costura, a leituras instrutivas e a lições, de

catecismo (...)” (ONF, Fev. 1945). Porém, embora fosse uma obra exemplar, tivera de fechar por doença da proprietária que se tinha visto obrigada a vir viver para Lisboa e desfizera a creche, entregando o recheio á *Obra de Assistência de Moscavide*.

Muitas vezes, para resolver o problema, muitas mães escrevem e propõem a criação de uma creche com os seus filhos a quem reuniriam outros de amigas ou conhecidas mas nem sempre sabem como organizar actividades para o efeito. Muitas das sugestões de lições de coisa dadas por Maria Evelina Faria e Maia de Aguiar Bustorff são apresentadas de forma simples para que as mães que assim o desejassem, pudessem também de forma autónoma, iniciar um pequeno grupo de creche ou mesmo de jardim de infância.

Escolas infantis e primárias:

A revista *Os Nossos Filhos* é um excelente local de passagem de inúmeras notícias sobre escolas infantis e primárias mais do que sobre as escolas secundárias e técnicas. Alguns artigos, como veremos, assim como anúncios, é a este tipo de escolas que se reportam. A formação das mães para o serem, passava também pelos conhecimentos que poderiam/deveriam possuir para saber como agir, quando não houvesse escolas infantis na localidade ou o que fazer em caso de querer fundar alguma assim como, quando existiam, dar a conhecer o que se ia fazendo e como trabalhavam. Depois de analisar o que a revista defende em termos de educação infantil não podemos deixar de ter em conta que as escolas mais apreciadas e defendidas na revista são os Jardins escola João de Deus, como veremos agora. Quanto a *publireportagens* (Estrela, 2004. p. 43) sobre outras escolas de ensino infantil e/ou primário, elas são quase todas feitas a instituições anunciantes em *Os Nossos Filhos*, o que não acontece para as instituições de ensino pós-primário como veremos.

A revista defende sempre a criação de creches e jardins de infância sobretudo para apoio das mães que trabalham e que não têm onde deixar as crianças durante esse período. O ‘triângulo’ mãe/ trabalho /criada é um dos mais analisados nesta publicação, sendo que é a solução que nunca se deseja para bem das crianças.

Os Nossos Filhos assume a defesa de uma rede oficial de creches e jardins de infância para este grupo etário. Esta posição que se mantém ao longo de todo o período de vigência da revista é vista por nós como a forma de que se serviu Maria Lúcia Vassalo Namorado para ‘afrontar’ as decisões decorrentes do Decreto 28081 de 9 de Outubro de 1937 que extingue o ensino oficial pré-primário e o ensino oficial infantil

criado pelo Decreto Lei 6137 de 19 de Setembro de 1919 (Almeida, 1999. p. 229). Quanto às escolas de ensino primário de que há notícia em *Os Nossos Filhos*, elas servem para mostrar como o período de escolaridade era considerado exíguo mas tal situação só virá a ser alterada pelo Decreto Lei 45 810 de 9 Julho 1964 que amplia formalmente o período de escolaridade obrigatória de 4 para 6 anos(Almeida. 1999. p. 721), isto já no último ano de publicação, agora anual, da revista.

Da apresentação de escolas infantis e primárias que é feita em *Os Nossos Filhos* damos conta nas linhas seguintes. Como referimos, a revista é uma constante elogio ao sistema dos *Jardins Escola João de Deus* o que não é difícil de entender porque, como dissemos, foi ali que a directora da revista colocou os dois filhos mais novos e porque, á época, poucas alternativas havia aquele sistema. Vejamos o que sobre elas se apresenta na revista, dando indicações que, sobre elas, encontramos também no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*.

A escolaridade ‘laica, gratuita e obrigatória’ fazia parte dos programas republicanos desde a década de 90 do século XIX, sendo depois confirmada no programa do Partido Republicano, em 1912. De facto os republicanos fazem parte de uma geração que descobre horrorizada, nos alvares do século XX, que o País tinha à volta de 25% a 30% de alfabetizados, acusando os monárquicos e a igreja desse desleixo, lançando-se, de acordo com a maçonaria, na criação de ligas, associações de combate ao analfabetismo, escolas móveis para levar as letras à província, assim como, criando centros e escolas de primeiras letras. (Martins, 2002. p. 2)

Nesse período histórico, uma das medidas importantes de alfabetização foi a criação da *Associação das Escolas Móveis por Casimiro Freire* (1882), para difundir o método de leitura de João de Deus. A situação da instrução levou os republicanos a criarem uma Comissão de Reforma composta por João de Barros, João de Deus Ramos entre outros, que propunha a divisão do ensino primário em três graus (infantil, médio e superior), de habilitação do magistério primário (Escolas Primárias Superiores de Lisboa, Porto e Coimbra), em formação de professores, introduziu os novos métodos pedagógicos e uma nova estrutura educativa e de prática pedagógica (Bárbara, 1979; Carvalho, 1986; Fernandes, 1979; Sampaio 1975-1976). (Martins, 2002. p. 9)

Este educar e instruir constituíram o pilar do ideário educativo republicano. Insistia-se no problema da educação social, que era a instrução do povo e que viria a ser expressa no Preâmbulo da Reforma Geral (1911). (Martins, 2002. p. 9)

Era 1920, João de Deus Ramos, ao fazer parte de um efêmero governo como Ministro da Instrução, pretendeu incluir no seu Ministério, além dos estabelecimentos de ensino, os institutos públicos de assistência, os que ministravam educação especial (Casa Pia, Asilo Maria Pia), os serviços de saúde e higiene, as misericórdias, etc., com o intuito de dar uma maior conexão a todos estes serviços [Martins, 1998]. (Martins, 2002. p. 11)

No ano de 1923 promulga-se a criação, em cada escola, das caixas escolares, que recebiam as multas resultantes do não cumprimento da obrigatoriedade escolar, servindo este fundo para reparações da escola, compra de material escolar ainda custear excursões ou passeios escolares (Decreto Lei n.º 9.223, de 6/11). (Martins, 2002. p. 12)

Estamos ainda num país de muitos analfabetos alguns intelectuais que se irão preocupar com as questões da educação infantil.

João de Deus falecera em 1896 e a “(...)modesta pensão concedida ao Poeta e transmitida aos herdeiros...não chegava para manter a casa (...)”(Azevedo, 1997. p. 10).

O filho, João de Deus Ramos fora colega de João de Barros em Coimbra onde ambos haviam feito Direito, criara as *Escolas Móveis pelo Método João de Deus* com o apoio de Casimiro Freire²³⁷ e pretendia “(...)expandir o método de leitura pela *Cartilha Maternal*, capaz de substituir o lento movimento das *Escolas Móveis* (...) considerando que “(...)não basta ler e escrever. É preciso educar. Criar uma escola que seja modelo bem português, que dê ao filho do trabalhador acesso a mais larga participação na vida pública. Democracia, Pátria e Família (...) deseja evitar os erros alheios e conceber uma escola original, bem ao encontro da sensibilidade da criança portuguesa, um lugar onde esta colha os ensinamentos primários da instrução e da educação populares (...)” (Azevedo, 1997. p. 14 e 15).

²³⁷ “(...) Casimiro Freire (...)inspira-se uma tentativa nórdica de escolas itinerantes e funda a Associação de Escolas Móveis pelo Método de João de Deus(...) no ano de 1882.A primeira missão escolar foi em Castanheira de Pêra.(...)segunda missão em Pedrógão Grande...No 1.º ano realizaram-se quatro missões...ficando a ler cerca duma centena de alunos. De 1886 a 1888 tinham-se realizado 40 missões e os alunos dado como aptos elevavam-se a 1215.Em circular enviada em 1891 cita-se por estatística oficial a 1887/1888 que apenas 14% das classes trabalhadoras sabiam ler. Em 1920, num mapa geral de 38 anos de actividade, figuram como matriculados desde o início 20 656 crianças e adultos, tendo prestado provas 12 515(...)” (Azevedo, 1997. p. 38-39).

Em 1907 a *Associação de Escolas Móveis* funde-se com a *Associação de Escolas Maternais* (...) e em 1908 por proposta de João de Deus Ramos a Associação passa a designar-se «*Associação de Escolas Móveis pelo Método de João de Deus, Bibliotecas Ambulantes e Jardins-Escolas*». (Azevedo, 1997. p. 40 e 41).

Ainda durante a Monarquia vai “(...)conhecer o que de melhor se faz em França, Bélgica e Suíça, em matéria de ensino infantil (...)” (Azevedo, 1997. p. 14). Em 1911 criará o primeiro *Jardim-Escola pelo método João de Deus*.

Contra o Método de Leitura João de Deus opõe-se António Sérgio e combate o método de ensino pela *Cartilha Maternal*(...)” (Azevedo, 1997. p. 18).

João de Deus Ramos²³⁸ fora Ministro da Instrução de 21 de Janeiro a 8 de Março de 1920. Entre outras medidas subsidia as escolas infantis e é defensor das escolas normais superiores (Azevedo, 1997. p. 21). Sairá do governo sem ver cumprido o seu desejo de oficialização do *Método de Leitura João de Deus* e não deixará de lutar pela criação de novos jardins- escola onde a criança devia viver num ambiente a ela adequado em “(...) espaços floridos onde brincando aprende e onde aprendendo brinca (...). Os trabalhos manuais e artísticos, os jogos, o gosto pela vida das plantas, tudo são formas de despertar no pequenino ser humano a desabrochar virtudes que hão-de formar o ser adulto(...)” (Azevedo, 1997. p. 28). Todas estas vertentes destes estabelecimentos de ensino vão ser enfatizadas por Maria Lúcia Vassalo Namorado em *Os Nossos Filhos*.

João de Deus Ramos criara com João Soares, em 1935, “(...)o *Bairro Escolar* do Estoril. De permeio estava o major (...) Américo Buizel, conspirador «profissional» afastado do Exército por motivos políticos, era administrador do Colégio Moderno, do Dr. João Soares, então ainda no Estoril(...)”(Azevedo, 1997. p. 28). e será também ele a afastar os dois amigos: João de Deus Ramos e João de Barros.

Este pedagogo pretendia criar, em 1911, “(...)um modelo de escola diferenciadamente portuguesa (...)suprimia os corredores, propícios a esconderijos e a fugas (...) e criara um método pedagógico em que a professora devia ver a sua actividade como “(...)um sacerdócio e da escola um lar de maternal carinho(...)” cuja finalidade seria “(...) Educar na mais ampla expressão da palavra. Educar os sentidos, portas de comunicação com o mundo exterior; educar a vontade, favorecendo o auto-domínio que se não consegue sem um exercício longo e regulado; educar e estabilizar a atenção; educar a memória que carece de estímulo feito em período sensível estudado e, quando for tempo, encaminhar criteriosamente o raciocínio.(...)”(Azevedo, 1997. p. 43). Por essa razão, a “(...) necessidade de ter executantes com competência levou João de Deus Ramos a fundar em 1943 um curso de Didáctica Pré-Primária pelo Método João

²³⁸ Será ainda ministro do Trabalho De 22 de Novembro de 1924 a 15 de Fevereiro de 1925(Azevedo, 1997. p. 23).

de Deus. Destinava-se de início à preparação de professoras para os Jardins-Escolas (...)(Azevedo, 1997. p. 43).

Só em 1963, no penúltimo ano de publicação de *Os Nossos Filhos*, já apenas em periodicidade anual, será também criado “(...)um *Curso de Auxiliares de Educação* que, além de ocupar senhoras apenas com o 1.º ciclo dos liceus por vezes com dificuldades de desempenharem funções compatíveis, poderá impedir que, em grupos escolares, e até, individualmente, em casa de seus pais, em ambientes hospitalares, etc., as crianças continuem entregues a pessoas sem preparação adequada (...)” (Azevedo, 1997. p. 43).

Logo no primeiro número da revista Maria Lúcia Vassalo Namorado por interposto texto de João de Deus Ramos defende a necessidade das crianças frequentarem escolas infantis para lhes ministrarem os conhecimentos necessários pois só elas tinham a competência e as condições apropriadas. Como o mostrara Froebel, necessidade de ensinar as famílias, para quem a “(...)educação infantil reduz-se à necessidade mesquinha de ter a criança sujeita para lhe soffrear o irrequietismo importuno. Não se vê que a turbulência é um protesto, instintivo, contra a falta de ocupação adequada....preciso ocupá-la com meios e ensinamentos próprios do seu agrado, sim, mas previstos, regrados, metódicos...- quem não sabe ocupar a criança não sabe educar. Coisa «simples» que consiste em prender a atenção, ou seja a actividade espiritual duma criança (...)” (João de Deus Ramos. ONF, Jun. 1942). Nessas escolas as crianças tinham pessoas competentes para as orientarem nas “(...) lições de coisas, as narrativas singelas, criteriosamente escolhidas, o problema delicado da iniciação no desenho, a utilização inteligente dos trabalhos manuais educativos, a selecção e execução dos jogos de movimento ao ar livre, a alfabetização metódica, etc(...)” mais difíceis de realizar no lar doméstico tanto porque não dispunha das condições adequadas como por vezes lançavam mão de castigos e repressão que “(...)se impõe, consegue, quando muito, uma submissão aparente, conquistada, não pela palavra que persuade, mas pelo castigo, ou pela ameaça do castigo, processo anacrónico ainda usado em larga escala(...)”(João de Deus Ramos. ONF, Jun. 1942).

Também no primeiro número de *Os Nossos Filhos* são elogiados, em artigo não assinado mas que temos certeza de ser de Maria Lúcia Vassalo Namorado, os jardins-escola de João de Deus que existem aqui como em “(...)todas as nações civilizadas (...) onde a educação da criança é Objecto de constantes e carinhosos estudos e cuidados(...) não são cópia do que se faz lá fora(...) desde a arquitectura do edificio até ao método

educativo (...) os Pequenitos dos jardins-escola, alegres, sadios, falando com segurança e propriedade, hábeis, apumados, felizes... aumenta a nossa tristeza pelos milhares de crianças — pobres e ricos—que vivem ao abandono, isto é, sem a protecção e educação necessárias, na rua ao Deus dará, sem 'higiene. Sem conforto, expostas a todos os perigos morais, outras rodeados de mimos pieguices que farão delas criaturas caprichosas e inferiores, vencidos perante as exigências e vicissitudes da Vida....No dia em que, pelo menos, todas is cidades e vilas de Portugal possuíssem o seu jardim-escola, que invejável nível educativo teria atingido a infância portuguesa” (ONF, Jun. 1942).

Dotar, portanto, cada cidade e vila de uma instituição infantil deste género é outro dos sonhos que a directora de *Os Nossos Filhos* tem ao criar a revista.

Entre 1942 e 1958, ano em que se inicia e acaba a publicação mensal de *Os Nossos Filhos*, vejamos o que fora/será realizado pela família de João de Deus na área da educação infantil em Portugal:

1876	Publicação da Cartilha Maternal da autoria do Poeta João de Deus
1878	Nasce João de Deus Ramos
1882	Fundação da Associação das Escolas Móveis com Casimiro Freire
1896	Morre João de Deus
1907	Fusão das Escolas Móveis com a Associação das Escolas Maternais
1908	Escolas Móveis passam a designar-se Associação de Escolas Móveis pelo Método de João de Deus — Bibliotecas Ambulantes e Jardins-Escolas
1911	Inauguração do primeiro Jardim-Escola em Coimbra
1914	Inauguração do primeiro Jardim-Escola João de Deus na Figueira da Foz
	Inauguração do Jardim-Escola João de Deus em Alcobaça
1915	Inauguração do primeiro Jardim-Escola João de Deus em Lisboa
1918	Nasce a filha Maria da Luz (futura colaboradora de <i>Os Nossos Filhos</i> e professora dos dois filhos mais novos de Maria Lúcia Vassalo Namorado)
1927	Inauguração do Jardim-Escola João de Deus em Alhadas
1936	Inauguração do Jardim-Escola João de Deus em Leiria
	Inauguração do Jardim-Escola João de Deus Castelo Branco
1943	Inauguração do Jardim-Escola João de Deus em Viseu
	Criação do curso de didática pré-primário pelo Método João de Deus
1948	Inauguração do Jardim-Escola João de Deus em Mortágua
	Inauguração do Jardim-Escola João de Deus em Chaves
1951	Inauguração do Jardim-Escola João de Deus no Porto
1953	Morre João de Deus Ramos
1955	Inauguração do primeiro Jardim-Escola João de Deus em Tomar
1958	Inauguração do segundo Jardim-Escola João de Deus na Figueira da Foz

Fonte: (Azevedo, 1997. p. 53-55)

Ao falecer, João de Deus Ramos deixa 11 jardins escola já em funcionamento. Sete anos depois, em 1960, será inaugurado por empenho pessoal de Maria Lúcia Vassalo Namorado, um outro em Torres Novas²³⁹, terra natal da directora de *Os Nossos Filhos*, com projecto arquitectónico oferecido pelo filho desta, Luís Namorado Rosa.

João de Barros, sogro de Marcello Caetano, fora sempre o presidente da *Associação dos Jardins-Escolas João de Deus* e, após a sua morte foi substituído “(...) no cargo por seu filho, Prof. Henrique de Barros, presidente da Assembleia da República Constituinte e ministro de Estado, depois de 1974(...)” (Azevedo, 1997. p. 55). Será ele o convidado por Maria Lúcia Vassalo Namorado para, em 1942, escrever um dos primeiros textos de abertura de *Os Nossos Filhos*. No *Espólio* da pedagoga também há alguns textos dele²⁴⁰, em que afirma que João de Deus Ramos “(...) entendeu, e bem, que tudo estava por fazer em matéria de educação e ensino, e que era indispensável (...) começar— pelo começo (...) isto é: —educar desde a infância, orientar desde o instante em que a alma da criança desabrocha (...)” (Barros, 1933. p. 8). Nos jardins-escola construídos, considerados ainda em número insuficiente, mas servindo como “(...)incentivo e exemplo doutros, à espera que um dia o ensino infantil se torne um facto entre nós, e que se entenda que só o será, com verdadeiro carácter português (...)” não se usava “(...)nem a violência física, nem a violência moral, nem a violência intelectual ali se empregam, e as crianças desenvolvem-se, crescem, aprendem, como flores bebendo o sol (...) a atmosfera que se respira é de religioso fervor, e de carinho docemente familiar(...)” (Barros, 1933. p. 12).

Dirá ainda João de Barros, caracterizando os edifícios e o método pedagógico: “(...)as paredes, os quadros, e até mesmo os utensílios, são portugueses, pintados de motivos portugueses, ornados de formas e cores portuguesas; e portuguesa (...) é a música das canções e das marchas entoadas pelos pequeninos. Música e, um dos meios pedagógicos usados pelo fundador dos Jardins-Escolas...um papel importante na ordenação da sensibilidade e, portanto, na educação do carácter (...) disciplina total que o aluno não sente, mas que penetra fundamente a mentalidade, o temperamento e as tendências naturais das crianças (...)o querer do educando e o querer do mestre(...) em admirável harmonia, que nem na vida familiar será corrente, e que é, em suma, o mais

²³⁹ Depois deste e, até ao 25 de Abril de 1974 serão inaugurados: o segundo Jardim-Escola João de Deus em Tomar (1962), em Torres Vedras (1964), em Estarreja, Alvalade e Tramagal (em 1965), em Matosinhos (1969), no Entroncamento (1971) e em Olivais Sul (1972) (Azevedo, 1997. p. 55).

²⁴⁰ A título de exemplo veja-se: BARROS, João de (imp. 1933) – *Um grande educador: João de Deus Ramos e a obra dos jardins-escolas*. Lisboa: Oficinas Gráficas. 21 p.

eficiente incentivo que se pode instilar na alma dum povo, deseducado pelo velho sistema da compressão e de indiferença escolar,—para que ela saiba tornar-se rija de ânimo, serena de inteligência, e resoluta na decisão de progredir (...)” (Barros, 1933. p. 13-14). Sobre as fontes em que João de Deus Ramos se teria inspirado são referidas “(...) as virtudes eternas da raça ou do povo e ainda a capacidade que este manifesta, mas que tantos lhe negam, para a conquista ou preparação dum futuro melhor (...). Os Jardins-Escolas foram criados em função do futuro, e não em obediência a regras e a mandamentos do presente ou do passado... hábitos novos de pensar, de sentir, e, portanto, de proceder:—o amor do trabalho livre e deliberadamente executado; a paixão do dever voluntariamente desejado e gostosamente aceite(...). A reconquista da alma portuguesa pelos portugueses—João de Deus Ramos, antes de mais ninguém, a iniciou e promoveu dentro das suas escolas modelares, dentro dos seus portuguesíssimos e amáveis Jardins-Escolas (...)” (Barros, 1933. p. 16-18)

Para a educação escolar infantil, os *Jardins Escola João de Deus* são permanentemente referenciados em *Os Nossos Filhos*. No *Espólio* existem também diversos documentos sobre esta instituição. Neste caso incluímos os textos das palestras²⁴¹ pronunciadas por ocasião do 75º aniversário da *Cartilha Maternal*, em 1951, em que, como sempre, se refere “(...)o subtil perfume dessa florinha que é sempre a criança (Queiroz In *Museu...*, 1951. p. 12). Esta Escola tinha como uma das suas características diferenciadoras o facto de ali não haver “(...) prémios, nem castigos. Com efeito quer o prémio, quer o castigo podem originar despeites, ressentimentos ou revolta no espírito da criança, porque o critério de justiça dos homens — tão falível! — não coincide, não pode ajustar-se com as noções primárias, puras e cândidas que vivem no espírito da criança. Quer o castigo, quer o prémio podem traumatizar, originar psicoses que ficarão pesando no inconsciente, quer das vítimas do castigo, quer dos excluídos do prémio (...)” (Queiroz In *Museu...*, 1951. p. 12)

Resumidamente, o método criado por João de Deus partia do princípio de que a Escola deveria ter sempre um ambiente acolhedor e a ela competia treinar a atenção da criança

²⁴¹ MUSEU JOÃO de DEUS (1951) – *No 75º aniversário da «Cartilha Maternal»: Dois discursos comemorativos*. Lisboa: Direcção da Associação dos Jardins-Escolas João de Deus. 15 p. Esta brochura, com o n.º 86 dos livros por nós incluídos na base bibliográfica do *Espólio*, contém o texto do discurso proferido por Vasco de Barros Queiroz, Vice-Presidente da Direcção da Associação dos Jardins-Escolas João de Deus e Joaquim Manso, o conferente principal, na “(...)sessão solene na noite de 24 de Novembro de 1951(...)”(p. 1), realizada na Casa do Algarve.

sem lhe cortar a curiosidade natural, “(...)que levará pouco a pouco a criança ao conhecimento de ingênuos segredos (...) proporcionando que ela ensaie alegremente as suas mãozinhas e o seu espírito inventivo e criador em ingênuas e graciosas obras de arte, dá à criança o estímulo que consolida a confiança e a satisfação de si própria(...)” (Queiroz In Museu..., 1951. p. 13). Esta instituição de ensino infantil havia sido considerada, em *Parecer* dado pela *Câmara Corporativa*, como uma escola: “(...) com modelo pedagógico nacional, escola tipo portuguesa(...) cuja acção convirá estimular(...)”(Associação JE João de Deus²⁴²,1956, p.7).

Desta instituição educativa, criada ainda na 1ª República, dirá João de Barros, em Nov. de 1955: “(...) continuam sendo o que foram desde o princípio: salvadores do destino, do futuro da infância portuguesa(...)” (Barros. In Associação JE João de Deus,1956, p. 7). Estas escolas, porque se queriam diversas na localização mas idênticas na educação que ministravam, vão obedecer a regras específicas de construção. Elas deveriam ter “(...) Uma área de 2 a 3 mil metros quadrados terreno bem localizado(...) Participação do Estado, pelo Fundo de Desemprego(...) para pagamento de mão-de-obra, calculada em cerca de 3ª parte da despesa total(...) Obtenção de donativos locais, individualidades, produto de festas(...) a fim de alcançarem outros 2/3 para pagamento materiais de construção e do mobiliário(...)”(Associação JE João de Deus,1956, p. 8). Assim se faria o “(...) modelo português de escola infantil, segundo o espírito da doutrina da Cartilha Maternal para crianças de 4 a 8 anos de idade(...)”(Associação JE João de Deus,1956, p. 8). Quanto aos conteúdos ali desenvolvidos, e porque a educação “(...) não se realiza no lar doméstico: lições de coisas, narrativas singelas; ex: de desenho e modelação; utilização inteligente dos trabalhos manuais educativos; escola e execução dos jogos de movimento ao ar livre; alfabetização metodizada(...)”(Associação JE João de Deus,1956, p. 9).

O que pretendiam as pessoas para “(...)“(...) ambiente de um jardim escola: deverá ser o kindergarten de Froebel para a Alemanha de há um séc.? A escola Decroly, obedecendo à fama, experiência belga? A Casa dei Bambini, de Luiza Montessori, italiana? (...) a solução pedagógica é a dos jogos educativos – para divertir e como ocupação agradável e ensinamento- cuja originalidade de invenção pertence a Froebel e (...) um ambiente nacional, (...) de acordo com índole e tradição da nossa gente, sem

²⁴² Cf. também *Diário das Sessões*. N.º 165. de 5-3-1938.

exclusão formal das soluções pedagógicas universalmente adaptáveis e adoptáveis, senão não é boa (...)”(Associação JE João de Deus, 1956, p. 10).

O êxito da instituição, mesmo que pouco disseminada no país, podia ser observado através dos números que, num balanço realizado em 1956, se havia identificado que tinham : “(...)frequentado os 12 Jardins-Escola então existentes mais de 16.500 crianças, sendo que no ano de 1954-55 tinham sido frequentados por um total de 770 alunos, sendo 192 não contribuintes (...)”(*Associação JE João de Deus*, 1956, p. 34).

O movimento de criação de novos Jardins, pelo país fora, é dado a conhecer também na revista: “(...)Inaugurou-se recentemente em Viseu um Jardim-Escola de João de Deus— o oitavo que a Associação dos Jardins-Escolas, ou melhor, o. Dr. João de Deus Ramos, oferece ao país (...) destinam-se às crianças em idade pré-escolar(...) mas nem todos sabem — como nós sabemos por experiência própria²⁴³ — que o seu método educativo é admirável(...) e que um terço da sua população recebe gratuitamente duas refeições de diárias, educação, vestuário e utensílios escolares, Lisboa, Coimbra, Castelo Branco, Leiria, Figueira da Foz, Alcobaça, Alhadas e agora Viseu, já possuem o seu Jardim-Escola. Tudo se prepara para brevemente se inaugurarem outros no Porto, em Faro, Pombal, mais um na Figueira da Foz, e mais um em Coimbra (...)” (ONF, Jul. 1943).

Também sobre os cursos de formação no método João de Deus são deixadas diversas informações na revista, como a que é apresentada por Fernanda Tasso de Figueiredo: “(...) Estão em plena actividade os trabalhos do novo «Curso Didática Pré-Primária» dos Jardins-Escolas João de Deus (ONF, Mar. 1946).

Mesmo para aquelas crianças que tinham podido ser educadas em casa, o jardim escola também é recomendado pois se tiveram melhores condições por vezes, ficaram tão mal educadas quanto as que as não tiveram. Ao defender a existência de tal instituição, Ilse Losa enumera as razões que devem levar os pais a compreender a importância de um jardim infantil na formação dos seus filhos e de ter uma pessoa especializada nessa tarefa: “(...) muita gente julga que os parques infantis foram apenas inventados para livrar as .mães da tarefa de «aturar» os meninos em casa. ...pensou-se nas mães que trabalham e que portanto, não podem olhar pelos filhos,, como naquelas que os não sabem educar e nas outras que não querem ocupar-se deles. Mas o objectivo fundamental destas escolas é a criança. Para o seu desenvolvimento, para o seu

²⁴³ Referência aos dois filhos mais novos de Maria Lúcia Vassalo Namorado que ali tinham estado, sendo que o pedido para o frequentarem fora apresentado por Maria Lamas, como veremos na análise da correspondência entre ambas, mais adiante neste trabalho.

convívio, é que se criou o parque infantil (...) A pessoa que dirige um parque infantil não deve ser simplesmente alguém que tome conta de meninos para que estes não caiam ou não se magoem, cuja ideia seja livrar os pais «duma maçada». Ela colocar-se-ia assim no papel duma criada ou durma ama seca. A missão da professora duma escola infantil é bem mais profunda e importante. A criança, de um modo geral, não foi educada em casa como devia. Aparece na escola com todos os defeitos que ganhou com a incompetência dos pais. É tímida, teimosa, impaciente (...) sofre de complexos de inferioridade, superioridade, medo, etc.. O trabalho inicial de uma Professora consiste em corrigir estes defeitos, que prejudicariam a criança toda a vida. Deve portanto ter conhecimentos da psicologia infantil, deve ser compreensiva e tolerante. A criança depositará confiança nela em pouco tempo. Começa verdadeiramente a ser amiga dos companheiros, tirando todo o lucro do convívio. As que são educadas em casa não sabem desenhar, pintar, recortar, modelar. O trabalho em colaboração entusiasma-as, desenvolve-as (...) A criança que em casa não «sabe entreter-se com coisa nenhuma», costuma ganhar na escola rapidamente um verdadeiro amor pela acção (...) não julguemos que o nosso dever esteja bem cumprido se arranjarmos fatos vistosos e refeições abundantes para os nossos filhos. ...Uma das nossas maiores preocupações deve ser a felicidade das nossas crianças. E uma criança nunca é feliz se passar o tempo junto s adultos; nestas condições ela nem fica a saber o que significa a verdadeira felicidade infantil (...) Claro que no nosso país há poucos parques infantis e, mesmo para estes muita gente, não pode mandar os filhos por motivos económicos. Enquanto estas escolas exclusivamente iniciativas particulares, o problema não está resolvido (...)” (Ilse Losa, ONF, Abr. 1949).

A grande preocupação de *Os Nossos Filhos* é convencer os pais que a lêm da importância do jardim infantil, para TODAS as crianças, como acaba de mostrar Ilse Losa. Outra colaboradora, Maria da Natividade Pinheiro²⁴⁴, Directora do *Instituto Infantil de Coimbra* (Cf. Biografias) vai insistir nesta questão: Ela dirá: “(...)ainda há muitos pais ignorantes do valor do ensino pré-escolar. Para a grande maioria, os filhos só merecem atenção- dos sete anos em diante; até esta data encarregam-se deles as criadas ou deixam-se à vontade (...) Mas, sã entre muitas pais subsiste a ignorância da necessidade de educação pré-escolar, entre muitos professores subsiste o ignorância dos

²⁴⁴ O texto começa com história 'edificante' de menina rica que brincava sozinha, a quem pais foram dando brinquedos, levaram para casa meninos para brincar com ela mas esta só feliz no dia em que foi para um jardim infantil. Os pais só perceberam que deviam deixá-la ir depois “(...) de se esclarecerem em livros educativos (...)” (ONF, Ago. 1949).

métodos a usar no educação dos pequeninos, dos três aos seis anos. Para uns é suficiente entretê-los... Para outros educação pré-escolar quer dizer começar mais cedo, a ensinar técnicas e a introduzir conhecimentos. Ora uns é outros estão errados. Educação pré-escolar é sinónimo de preparação para vida, num ambiente onde o educando viva sua próprio vida de maneira o elevar-se interiormente e não a ser modelado exteriormente, desenvolvendo e aperfeiçoando as suas aptidões. Não com interesse, nelas próprias, mas como funções vitais, como instrumentos destinados a manter e aperfeiçoar a vida. (...) (importante para criança e para a Nação maneira como essas crianças hoje forem educados, actuarão amanhã como adultos, pois é durante as seis primeiros anos de vida que a unidade do seu espírito se forma(...))” (ONF, Ago. 1949).

Para dar mais informações mais correctas às leitoras, Maria Lúcia Vassalo Namorado publica, no número de Agosto, ou seja no período em que, em férias, as meninas ou senhoras podiam pensar que destino dar às suas vidas, o exame de aptidão para entrada curso de Didáctica pré-primária: “(...)1- Se tiver de instalar e organizar uma escola pré-primária -crianças de 3 a 8 anos de idade —quais são as condições indispensáveis a que deverá atender? 2- Enuncie e descreva as ocupações mais adequadas para a educação dos sentidos numa escola infantil. 3- Poderá haver ambiente apropriado à educação da criança — na 2ª infância — sem prévia escolha e definição dos métodos a adoptar? 4- A expressão «disciplina escolar», bem compreendida, implicará sujeição, isto é, o uso e abuso da obediência passiva por parte da criança, o que evidentemente se contrapõe ao moderno conceito da escola activa? Como defini-la? 5- Dá preferência aos métodos racionais sobrepondo-os aos processos mecânicos e artificiosos? Em qualquer das hipóteses, justificará o seu parecer(...))” (ONF, Ago. 1949).

Por vezes, as senhoras não têm sequer as habilitações necessárias para poderem ingressar no Curso mas querem criar em suas casas pequenas escolas ou então querem tomar conta das crianças da família e pedem conselhos sobre que obras ler ou que formação realizar para ficarem mais aptas a executar tal tarefa. Exemplo desse primeiro caso é uma leitora a quem Maria Lúcia Vassalo Namorado responde, enumerando uma série de obras que iriam ajudar a referida leitora a obter mais preparação na área da educação infantil.

A reportagem que sobre o Curso é feita, identifica as alunas do Curso da seguinte forma:

Quadro nº 18.: Alunas do Curso de Didáctica pré-primária da Escola João de Deus em Ago. 1949:

Nome	Situação
	muitas alunas 4 religiosas, 3 delas envergando hábito de S. Vicente de Paulo (...)estão ali 1º por obediência, foram escolhidas e depois dedicando-se inteiramente aos pobres Anexa à Escola de Enfermagem vulgarmente conhecida pela "Escola da irmã Eugénia" vai funcionar uma escola infantil(...)foram escolhidas para trabalhar aí
	Outra sem hábito (...) francesa (...)vestida de preto formada em Letras pela Sorbonne..em Portugal há 9 meses(...)Professora dum colégio feminino em Lisboa, frequentou o Curso por obediência (...) futuramente se dedicará ao ensino infantil; diz-nos que concorda em absoluto com os métodos e orientação do Curso
	Uma rapariga bastante nova, que não quer dizer-nos o nome
Maria Helena Matos	1 filho de 5 anos e professora do ensino técnico
Maria de Lourdes Mendes Barata	2 filhos
Maria Cândida Cavaleiro Pinto da Fonseca	1 filha
Laura Ferreira Borga	curso superior de Letras e mãe de dois filhos (...)trabalhando na sua tese sobre psicologia infantil
Ana Benevides	formada em Letras, 3 filhos, vive Barreiro(...)sonho dotar a terra em que vivo com uma escola infantil que não tem
Maria de Lourdes Costa Santos	rapariga solteira
Vera Azancot	rapariga solteira; se casar, para os filhos; se não casar- fundarei uma escola e darei um fim útil à minha vida (amiga de Maria Lamas)
Maria Emília Saragoça	rapariga solteira
Eva Jablonska	Senhora estrangeira, polaca
Emily Rwn tree	Senhora estrangeira, irlandesa, sou enfermeira, parto em breve para Angola

Como docentes do Curso, “(...) João de Deus Ramos, além das professoras do Jardim-Escola em Lisboa, nas aulas praticas e exercícios de aplicação dos métodos e processos de ensino infantil, privativos do sistema educativo adoptado, prestaram também muito apreciável colaboração, leccionando algumas das disciplinas do Curso, Maria Lúcia Lopes da Silva, Fernanda Loureiro e a médica Maria Francisca Sousa Dias da Silva (...) em Pedagogia e Higiene Escolar(...)” (ONF, Ago. 1949).

Em *Os Nossos Filhos*, como referimos, há uma constante chamada de atenção para os

perigos que representa, para a educação das crianças, a impossibilidade de certas mães as acompanharem: umas por falta de conhecimentos, outras por terem de trabalhar e não se poderem ocupar, como quereriam e deveriam, dos filhos pequenos; outras ainda por poderem fazê-lo mas não se preocuparem com tal tarefa.

Reconhece-se que havia algumas localidades com jardins infantis mas, nessas cidades, como era o caso de Lisboa, Porto, Coimbra e Figueira da Foz, onde tinham sido criados os *Jardins Escola João de Deus*, “(...)onde centenas de crianças são vigiadas e educadas por sistemas modernos, em ambiente próprio, por pessoas competentes(...)” (ONF, Maio 1943) eles eram ainda insuficientes sendo “(...) nessas mesmas cidades, nas outras, e na quase totalidade das vilas e das aldeias, (...) aos milhares as crianças que vagueiam pelas ruas ou permanecem em casa completamente afastadas do meio, da convivência e da educação que lhes seriam indispensáveis, se nós tivéssemos o hábito de pensar nestas coisas e resolvê-las. (...) não nos referimos apenas às crianças pobres; sobretudo na província, a maior parte dos rapazinhos das classes médias, depois dos sete anos, e às vezes ainda antes dessa idade, vai também brincar para a rua com os cães vadios, descansando nos bancos onde dormem os vagabundos, ouvindo as conversas dos soldados e dos carroceiros(...)” (ONF, Maio 1943) .

Esta situação havia-se agravado porque, face aos problemas económicos gerais, cada vez maior número de mulheres valiam-se “(...) dos seus conhecimentos e habilidades e, fora ou dentro de casa, exercem uma profissão (...)”, sendo também muitas as que faziam o serviço de casa por não poderem suportar o ordenado de uma criada.

O problema económico das mulheres era agravado porque, muitas vezes “(...) mesmo sem abandono do lar, que tempo e que atenção podem dispensar aos filhos pequenos? (...) Em que condições crescem, se desenvolvem e educam as crianças entregues a criadas com defeitos terríveis, pessoas que, no melhor dos casos, não sabem lidar com crianças ? E essas outras, que têm a seu lado a mãe, mas a mãe sobrecarregada pelo trabalho, a mãe que tão facilmente se enerva e castiga, a mãe que leva o dia a ralar: Tira daí (...). Ou ainda a situação das mães, que vêem claro o assunto mas não conseguem resolvê-lo de forma satisfatória, porque não podem dedicar-se mais e melhor aos filhos e não têm a quem os confiar ? Nos famílias onde a mulher leva vida folgada, serão as crianças mais felizes? A mãe mais carinhosa não é, implicitamente, uma boa educadora. Saber educar representa, algumas vezes, um dom, mas quase sempre uma ciência que se não possui desde que se não adquira. Possuem todas elas o bom humor, a paciência, a igualdade de carácter, o espírito inventivo, enfim, todas essas qualidades de

que deve ser dotada uma educadora ? Uma esplêndida preceptora — terá resolvido a questão da melhor forma ? Não será a educação colectiva preferível à educação individual? (...)” (ONF, Maio 1943).

Por todas estas razões se defende em *Os Nossos Filhos* que “(...) o jardim infantil, o jardim-escola ou a escola maternal, resolve todos os casos (...). Se não fosse o nosso egoísmo, a nossa apatia, os nossos preconceitos ou as nossas vaidadezinhas, (...) cada terra, mesmo pequenina, teria, pelo menos, um jardim para os nossos filhos. Não se sonhe com o ideal, não se pense em obra de vulto, quando irrealizável (...). Nem instalações modelares, nem material moderno, nem sequer pessoal especializado. Isso será muito bom (...) Quando puder ser. Mas, enquanto não for possível fazer mais e melhor, bastam alguns metros de terreno com árvores, balouços, areia, relva, flores; uma casinha-abrigo, mesmo de madeira, mas limpa e clara; uma senhora educada, carinhosa, paciente, alegre, capaz de brincar com as crianças (...) vigiá-las e manter a ordem. Só isto: um jardim onde as crianças brinquem sem perigo, em convivência salutar, depois das horas de escola, e quando a idade ainda não permita frequentá-la(...)”(ONF, Maio 1943).

As razões que levam *Os Nossos Filhos* a recomendar a entrada de uma criança numa escola infantil são: se a criança é filho único porque “(...) precisa de conviver com outras crianças, de preferência numa escola infantil, onde encontra ambiente, actividades, e orientação adequados (...)” (ONF, Dez. 1957).

Ao recomendar a ida para a Escola infantil, a directora da revista tem sempre o cuidado de ensinar as mães como devem fazer a preparação das crianças que assim saem pela primeira vez para um ambiente estranho e para um local onde os princípios educativos nele ministrados assim como os das crianças que o frequentam podem não ser os mesmos que a criança seguira em casa, até essa data. Para saber o que fazer, cada mãe deve ser ensinada. Se o não sabe, a revista recomenda que as leitoras leiam o artigo " Seu filho vai entrar na escola infantil? » que *Os Nossos Filhos* publicara em Outubro de 1957.

Sobre outras escolas infantis e primárias, particulares, sobre as quais são feitas reportagens ou anúncios na revista temos as que analisamos agora.

Adriana Rodrigues visita	- à	Em memória dum grande pedagogo católico: D. Andréas Manjon,, verdadeiro precursor da pedagogia infantil,, e organizador dum movimento educativo que, tem tal nome.... E , depois a Avé-Maria,, saudação angélica, marca o início dum	09-1946
--------------------------	-----	--	---------

Escola <i>Avé Maria</i>	<p>mundo novo! ...- tal método pode ser adaptado às crianças portuguesas?— Certamente! Na nossa Escola vive-se um ambiente educativo: cristão e português. Vestiário, salas de aulas,, casa de banho, sala de jantar, cozinha, dispensa, jardim,,horta,, tudo planeado para servir as crianças, que ali se sentem «em sua casa». Com estantes baixas, mesas e cadeirinhas. Onde os pequenos .leitores se sentam com à-vontade, e propósito, indo eles próprios buscar e colocar os livros nas estantes. Esta escola moderna é obra de uma grande alma de educadora, a senhora D. Maria Alexandra Ranito de Almeida Eusébio que voluntariamente abandonou p ensino secundário para se dedicar à educação de crianças. Escola Infantil é ainda completada pela Escola Primária, instalada no mesmo edifício, em prédio próprio, num bairro cheio de sol e bom ar na rua da Lapa, em Lisboa. Se pais que dizem não têm paciência para aturar os filhos, quisessem confiá-los a educadores assim e colaborar com eles, teríamos mais, um problema resolvido!</p>	
Leonor Vasconcelos- sobre <i>Mundo Infantil</i>	<p>Organizavam no momento, o menu para o almoço, segundo as prescrições médicas. ...Fazem aqui a sua vida normal e são, sem coacção. Nós não obrigamos, a aprender, .fazemos o, ensino, pela curiosidade. Criamos o desejo ...aprender e de colaborar nas tarefas comuns e que todos sempre querem ...cr e vida. Como na, escola de «Hermitage», os nossos alunos experimentam, e descrevem. Nós seguindo Mademoiselle Hamaide ou o Dr. Decroly, Como na escola de «l'Hermitage», os nossos alunos experimentam, agem baseamos o ensino na própria acção da criança(...).</p>	12- 1947
Colégio <i>Marquesa de Alorna</i>	<p>Na Casa das Beiras realizou-se do a 7 Junho...Peça teatral bem desempenhada pelas artistas improvisados. Danças clássicas e de carácter regional, Canto coral demonstrando o esforço da professora e das alunas durante o ano escolar. Poesias alegres e sérias. Músicas ao piano. Assistência brilhante e selecta. ... Directora do Colégio, Professora Dr.^a Lucinda Gomes Bastos, que tem visitado no estrangeiro os melhores colégios femininos, e que tem procurado introduzir em Portugal todos os melhoramentos pedagógicos modernos, apresentamos as nossas felicitações.</p>	08- 1947
Colégio <i>Da Marquesa De Alorna</i>	<p>Em Maio a festa de fim de ano do (...) directora Dra Lucinda Gomes Bastos, escola externato para educação de meninas...professora de bailado é Mme Ruth Aswin Heller</p>	09- 1948
Jardim <i>Infantil Montessori</i>	<p>Duas amigas, duas raparigas gentilíssimas, Mademoiselle Negrelli, italiana, e Mlle Miriam Moskovic, checoslovaca, lembraram-se há dois anos de reunir os seus alunos particulares numa escola. Assim fizeram, e assim nasceu o Jardim, chamado Montessori em homenagem à célebre pedagoga</p>	09- 1948
Escola <i>de Guerra Junqueiro</i>	<p>muito lentamente, Lisboa vai-se interessando pelo ensino infantil. A Escola dç Guerra Junqueiro, que já o ano passado funcionou com resultados satisfatórios, deve-se ao entusiasmo da Dr.^a Helena d'Ávila, que, coadjuvada pela professora Diva Chantre está dando apreciável contribuição para a solução do problema do ensino infantil. A gravura mostra alguns, alunos da Escola apreciando atentamente os trabalhos da sua primeira exposição.</p>	10- 1948

<p>Jardim Infantil N. Sra de Fátima²⁴⁵</p>	<p>fica na Rua de Santa Marta 68, 1º em frente à esquadra é de Madame Britton; um fundado e dirigido pela D. Almerinda Arez Que recebam educação e instrução em ambiente saudável, sem luxos...escola = trabalho e felicidade; programa de educação integral = física, intelectual e artística dividindo-se os tempos lectivos de modo a consegui-lo...Horário? 9.30-13h com dois intervalos de meia hora, com vigilância; trade das 14.30-16-30.crianças com menos de 6 anos fazem repouso em cadeiras de lona (1 h).brincando até saírem mais velhinhos realizam trabalhos escolares na primeira hora e brincam depois até saírem,...Método seguido?...o que usam nos Jardins Escolas..onde se instruíram nossas jovens professoras...é o que convém às crianças portuguesas normais...Que disciplinas? Lições de coisas, sobre a própria vida das crianças: aspectos da Natureza que já observou, campe», praia, cidade; yestuário que usa segundo as estações, e porquê; as diferentes partes do, seu próprio corpo; tudo em explicações e termos muito simples, é claro que criam criança espírito de observação e um extraordinário desenvolvimento de vocabulário, trabalhos manuais educativos em: ;papel>;princípios de ,costura para is meninas, modelação em barro, desenho de invenção, construções com os dons de Froebel, ginástica apropriada, canto coral, e pequenas lições de francês ou inglês, à escolha. ...meu jardim foi, depois de João de deus, o primeiro autorizado a funcionar...fui eu que incluí no programa do ensino, a ginástica, e uma língua estrangeira, por achar, útil e interessante, na educação moderna...depois outras</p>	<p>12-1951²⁴⁶</p>
<p>LAR D O S P E Q U E N I NOS</p>	<p>Campo Grande, 167 —Telefone jardim -infantil paro ambos os fundado ia 2 anos, pelas Senhoras D, Aida Castelo Ferreira e Maria Ivone de Figueiredo Costa...suas directoras.. Pretendemos encorar a séria o problema da educação infantil, ainda tão incompreendido e pouco propagado em. Portugal.; demos a esta obra o melhor...Horário das 10 às 4 horas...condicionado por uma certa ordem, oscila com o interesse manifestado pelo criança.optámos métodos suíços por serem os que mais cativam e menos fatigam os cérebros em formação. Tivemos, no entanto, que os adoptar à mentalidade da criança portuguesa, de desenvolvimento intelectual superior a crianças doutras nacionalidades....disciplinas são, para os móis velhinhos, iniciação no leitura, escrita e cálculo. Há também francês, inglês ou alemão, ginástica, ensino religioso (facultativo), desenho, trabalhos manuais, e «ballet». Todos os alunos têm assistência médica, com direito a vacinações. À quarta-feira há cinema, e por isso esse dia é sempre com ansiedade. ...(tem fotos de crianças lavando os dentes, fazendo a sesta ao ar livre em cadeiras de lona, como as da praia e</p>	<p>03-1952</p>

²⁴⁵ No nº seguinte, p. 8 tem um anúncio pedindo desculpa pelo erro do nome do colégio: é Jardim Infantil N. Sra de Fátima e não *Nossa Sra de Lourdes* como saíu neste nº de Dez. 1951 (ONF, Jan. 1952). Ainda funciona, agoar para ensino de adultos mas não foi possível entrar em contacto com direcção pedagógica.

²⁴⁶ Tem “lead” em que afirma “(...)muitas mães perguntam: que colégio me aconselha para pôr o meu pequenino?...embarço...não se pode fazer um juízo com uma simples visita; por outro lado há particularidades que interessam/agradam a uns pais...e desagradam a outros...pareceu que o melhor seria as próprias directoras dos colégios, as pessoas que têm a responsabilidade do que neles se passa e dos processos adoptados esclarecerem as mães(...)” ONF, Dez. 1951).

	numa aula de desenho com cavalete para "modelos" de desenho para copiar	
Lar dos Pequeninos e de Escola Sta Maria Goretti	(elogia a festa do) Lar dos Pequeninos e de Escola Sta Maria Goretti, directoras Dra Maria Ivone Figueiredo Costa e Aida Ferreira, realizada no Teatro Monumental... Peças: "Um lagarto em apuros" adpat. De um conto inglês..."Os brinquedos da Luisinha" de Isabel da Nóbrega "O Lago dos cisnes" adapt. De Ana Maria, primeira bailarina do C.J.C.	-06-1953
Os Pequeninos Amigos ²⁴⁷	..ouvimos, falando-se de escolas infantis, o nome de Mme Kaufmann...quando a procurámos soubemos que tinha falecido...Sua ajudante, Ana de Jesus Sobral...seguia os seus métodos, num jardim infantil a que chamou «Os Pequeninos Amigos». ..esta sra que nos conta como nasceu seu interesse pela educação infantil:Há 6 anos entrei no Jardim Infantil Lisbonense dirigido superiormente pelo ilustre pedagoga Madame Kaufmann, fiquei simultaneamente enternecida ao constatar o método, a ordem, a disciplina, mas também o alegria, que reinavam ...Gozavam duma liberdade bem orientada...quando faleceu Fiquei a orientar...Horário de manhã, das 9.30h às 12.30h e de tarde das 14.30 às 17 hse isso for considerado conveniente pode frequentar apenas uma parat do dia...Método montessoriano, com adesão de ideias de Froebel, Decroly e, em muitos casos, os ensinamentos que a experiência sugere...uso dos jogos sensoriais, em graus de desenvolvimento, segundo a idade e a mentalidade do aluno, fazemos de tudo um pouco desde os trabalhos de recorte, dobragem, colagem, passando pelo desenho espontâneo, costura (pará as'meninas)/ até à modelação em plasticina e barro colorido obedecendo sempre a fantasia da criança. Para as idades superiores cinco anos, iniciação da escrita e leitura. Francês e português, em dias alternados. À língua francesa é .intensamente praticado/ mesmo nas horas de recreio, que é feito ao ar livre contribui para desenvolvimento e Higiene mental. Com este método tenho obtido os melhores .resultados, A conduta da criança	09-1953
Lar da Criança	Na Rua Almeida Brandão, numa esplêndida moradia (...) andar térreo a cozinha, cantina e ginásio(...) higiene irrepreensível, último andar é oficina de carpinteiro e arrumações(...) 2 salas pré-primárias, masculina e feminina e 2 primárias tb masculina e feminina(...) Profª e fundadora Berta Cunha foi aluna de João de Deus Ramos e trabalhou com ele 3 anos, pretende contribuir para desenvolvimento pré-primária (...) método de leitura e escrita João de Deus, para lições de coisas, jogos educativos, desenho, aguarela, modelação oriento-me por métodos mais modernos fundamentados nos de Montessori e Décroly; ensino pré primário devia ser obrigatório a nível oficial pelo menos 1 anos; (...) não concorda com separação dos sexos porque os separam e só os voltam a juntar com 17-18 anos, sem q tenham sido preparados(...) canto coral e dança rítmica para lá dos programas oficiais; muito importante para raparigas a dança rítmica(...) melhor maneira de educar ouvido (...) desenho livre e aguarela espontânea, trab. Manuais mais adaptados ao sexo como carpintaria para rapazes e costura, iniciação bordados, tricot, trabalhos em feltro e ráfia para meninas tem gabinete	Jun. 1955

²⁴⁷ È o seguimento do *Jardim Infantil Lisbonense*, muito anunciado também em *Os Nossos Filhos*.

	<p>médico e org. anualmente exposição de trabalhos de alunos, aulas com assistência dos pais para apreciação do desenvolvimento das crianças(...) visitas a Museus e sessões de cinema infantis sobre animais, escolas infantis, etc; o ano passado criou uma delegação da Pró-Arte assistindo as crianças a concertos e promove conferências com os pais para se estudarem problemas das crianças</p>	
<p>Jardim Infantil Pestalozzi</p>	<p>tenho fotos com meninas que passam a ferro e lavam em tanque pequeno...)</p> <p>Lucinda Atalaia e Maria Luísa Sousa lobo acabam de fundar uma escola infantil no moderno bairro de S. Miguel, entre Campo Grande e Av. De Roma...</p> <p>Se diga que ensino infantil está sofrendo impulso...ainda em nº insuficiente...</p> <p>E quanto a dirigi-las...mas neste caso são professoras experientes, de esclarecida inteligência, cheias de entusiasmo e confiança, sinceramente interessadas nos problemas da Pedagogia e da psicologia infantil...Objectivos: Conhecer melhor a Criança e procurar demonstrar, na medida que nos for possível, as vantagens do ensino infantil.....9.30 às 12 h- as crianças estão, ocupadas com, as, actividades que de certo modo sé dirigem mais ao raciocínio,: lições de coisas, exercícios dê contagem e cálculo por meio de construções com os dons de Froebel e outros jogos sensoriais; iniciação na leitura e escrita, para os mais crescidos...além destas actividades e ainda na parte da manhã, haverá jogos ao ar livre, jardinagem, canto coral, ensino , haverá jogos ao ar livre, jardinagem, canto coral, ensino da língua materna por meio de historietas e jogos, dança rítmica para as meninas, ginástica, etc. A partir das 14 e até às 16, 30 prevalece a actividade manual: dobragens, entrelaçamentos com fitas ou ráfia, trabalhos de recorte, modelação, desenho, pintura, exercícios de vida prática, etc. Evidentemente ...todas actividades org. de acordo com o que nos parece satisfazer a criança e não lhe causar aborrecimento ou fadiga...sempre atentas às suas reacções, sempre a aprender com elas...e atendermos a casos individuais que requeiram cuidados individuais... a partir de que idade considera importante ensino infantil?- partir 3 anos.. criança com condições para frequentar ensino infantil e quando problemas familiares- ex o facto da mãe estar empregada...</p> <p>— O que pensa dá obrigatoriedade do ensino infantil? —Penso que é pena qué o ensino infantil não esteja generalizado de modo a dele beneficiarem todas(itálico) as crianças portuguesas. Dadas as vantagens de carácter social, a sua importância na formação da criança e a sua influência no melhor aproveitamento da instrução primária, é pena, realmente, que as instituições que se dedicam à educação pré-primária nãp tenham possibilidades de facultar esse ensino às crianças de todas as classes sociais.</p> <p>- Pode falar-nos do* seus projectos? -. Receio que se resumem todos nisto: contribuir para que a formação da criança se faça tanto quanto possível no sentido de desenvolver todas as suas possibilidades, para se tornar mais tarde um Homem, digno, honesto, trabalhador, e justo sabendo amar e compreender o seu semelhante, enfim, uma «alma sã ém corpo são». Realizaremos periodicamente visitas, a monumentos, museus, oficinas e fábricas (ò que esteja</p>	<p>09-1955</p>

	ao alcance da idade	
Lar da Criança	festejaram Natal récitas no Lar da Criança sob a direcção das professoras Berta Cunha Ávila de Melo, Francine beboit e Luna Andermatt	01-1956
escola oficial nº 22	festejaram Natal récitas na (...) sob directora, D. Maria de Brito e Matilde de Brito Araújo...carinho das profesoras e grandes possibilidades das crianças quando bem orientadas.	1-1956
Os Pequeninos Amigos	(tem foto de grupo de crianças que representaram na) festa de escola "Os pequeninos Amigos" que a Sra. D. Ana de Jesus Sobral vem dirigindo com competência e dedicação.	09-1956
Viveiro Infantil	duas senhoras —uma, médica pediatra; outra, professora, do ensino infantil—, acabam de montar uma escola pré-primaria, com secção especial destinada a lactentes. Assim, o «Viveiro Infantil» está ciai mente autorizado a admitir crianças desde os primeiros meses até aos 6 anos. Na classe pré-primária as crianças recebem o ensino de inglês, trabalhos manuais, desenho, canto coral e ginástica. Cremos que é a primeira escola que entre nós possui uma secção especial para lactentes. Sabendo como é difícil a situação das mães empregadas que não têm pessoas de confiança a quem entreguem os seus bebés, aqui lhes damos «ta boa notícia, na convicção de que o «Viveiro Infantil», dirigido por pessoas conscienciosas e competentes, lhes poderá prestar inestimável colaboração na criação e educação dos pequeninos.	09-1958
Jardim Infantil Pestalozzi	visitado por Ministro da Suíça e 1º Secretário da Embaixada foto com Lucinda Atalaia	09-1958

Da definição do que deve ser o ensino primário e das competências que deve ter uma professora do ensino primário dá conta Emília de Sousa Costa quando defende que a :“(...) instrução pública, desde a escola primária(...) racional de utilidade prática, abdicando das especulações de carácter geral nos sábios privilegiados com dotes invulgares(...)” (ONF, Jan. 1944) e que se insurge contra uma preparação ou formação inicial, como diríamos hoje, igual para todo o país ao mesmo tempo que define o que deve ser o ‘perfil’ da professora primária porque “(...)o preparar com fartos cabedais de sabedoria urbanística os mestres que têm de ensinar nas aldeias das nossas províncias — qualquer delas com sua feição típica, seus costumes próprios, suas características especiais — como os que exercerão suas altas funções, escolas das cidades, ou nas das províncias ultramarinas, infringe a doutrina salutar duma educação satisfatória e eficaz. Muitas vezes o observei, quando existiam as antigas Escolas Normais. Obedientes a programa único, revelaram-se incapazes. Da organização demasiadamente intelectualista e livresca derivava o seu afastamento das noções claras respeitantes aos problemas educativos nas aldeias e vilas provincianas. Ali, o professor primário é

obrigado a desempenhar missão preponderante de modelador de almas. Pelo que terá de ser um tudo-nada médico e um pouco enfermeiro. Sendo um tanto agricultor, deverá exercer o múnus espiritual de director de almas. E frequentemente, sem deixar de ser mecânico, tem de mostrar-se artista....Conquanto possa é deva ser amável para todos, só convirá que distintas, é-lhe proibido, para manter o seu prestígio, o nivelar-se com os que lhe compete orientar, por intermédio dos seus discípulos. Nas aldeias, a mestra acumula profissões diversas também, mas muito mais complexas do que as do seu colega, em vista da atitudes respeitosa reinante nos meios aldeões em frente à mulher que trabalha... Nunca lhe é permitido o descer da sua categoria de senhora distinta, sem doutorices, ou pedantismos ridículos, mas ativa na sua dignidade de cinzeladora de caracteres(...). Ê obrigada a vestir com decência e certa elegância, compatível com a modéstia; a habitar casa que, embora seja pobre, apresente aspecto de bom gosto; a elevar até si as mulheres do povo sem baixar até elas, e jamais admitir o mínimo desprimor das damas da terra. Estas, em regra, estão habituadas, por atraso incompreensivo da sua própria situação, a fitarem as mestras oficiais, desdenhosas, como se estas fossem suas inferiores, criadas ou assalariadas. ...Destas minúcias...que não rezam os livros das escolas, mas o saber empírico ilustra com clareza e exactidão, se deduz como labora em erro quem pretenda classificar os professores primários pelo número de alunos apresentados a exame, nas vilas e nas aldeias. Não são os exames as afirmações verdadeiras de trabalho produtivo, na tarefa primacial de educar e instruir. (...) Porque nas aldeias, nem de bacamarte em punho, algum professor conseguirá assiduidade nas frequências(...). Por este ligeiríssimo apontado dos pormenores que intuitivamente se oferecem à priori, a quem tente perscrutar o futuro, sem ideias preconcebidas e somente animado pelo anseio de ser útil à sua Pátria, se vê a urgência compressiva de preparar o futuro dos que nos seguem...contra os possíveis desregramentos da época post-guerra e das incógnitas do que está para vir e ninguém, absolutamente ninguém, adivinha onde nos levará (...). Impositivo é, contudo, o educar e instruir, com visão esclarecida, objectiva, imperturbável, superior a proselitismos(...)" (ONF, Jan. 1944).

Quanto a colégios e liceus ou sobre escolas de alunos com dificuldades de aprendizagem há também diversas referências em *Os Nossos Filhos*. Para dar a conhecer algumas instituições consideradas de qualidade, iniciaram-se reportagens ou melhor, *publireportagens* em *Os Nossos Filhos*, ou seja, "(...)uma forma de publicidade que consiste em anunciar o produto em forma de reportagem ou artigo, conseguindo

assim uma maior credibilidade(...)” (Estrela, 2004. p. 43) uma vez que com elas se pretendia, simultaneamente, fazer publicidade a alguns colégios de Lisboa e Porto e apresentar cada um deles, como se de uma monografia se tratasse.

Colégio das S. José de Cluny	Torres Novas, de irmãs de um dos melhores Colégios femininos do País 08-1942
Colégio Alexandre Herculano, Coimbra	festa anual das alunas do Colégio superiormente dirigido pelas nossas assinantes D. Aurora e D. Emília Coelho...Sarau no Teatro Avenida...números de canto, dança, recitação de uma lição de ginástica musicada e uma mágica infantil. (ONF, Ago. 1943)
Externato de Santa Maria ²⁴⁸ , Vila da Feira	Até há poucos anos apenas havia as escolas primárias oficiais e algumas ‘mestras’ que tomavam conta das crianças até à idade escolar(...) há cerca de 5 anos Maria Cândida Santiago e marido, Dr. Fernando Miranda, instalaram aqui Externato de Santa Maria(...) por enquanto só tem 1º e 2º ciclos liceais que agora crianças já podem obter 5º ano liceus(...) (n.º 165. Fev. 1956. p. 14-15)

Também em Lisboa se refere o *Colégio Moderno* do Dr. João Soares (ONF, Fev. 1954), sendo então Rogério de Araújo, o Sub-Director do Colégio e também director do *Centro da Mocidade Portuguesa*, e ali trabalhando também o Dr. Mário Soares, filho do Director(...)”. Para cada colégio vai ser feita uma pequena abordagem á história da instituição desde a fundação até á data da entrevista e aprecia-se então o que ali se faz. Vejamos que colégios são assim divulgados na revista:

Colégio Moderno:

Direcção	João Lopes Soares
Localização	Estrada de Malpique, 19, Campo Grande, Lisboa
Alvará	N.º 200 de 26 Novembro 1936
Níveis de ensino e lotação	Ensino Primário em regime de separação de sexos e Secundário (os dois ciclos) para sexo masculino 35 alunos internos e 75 externos
Historial até 1958	Registo no Liceu Camões em 28 Novembro 1936 e Maria Amália Vaz de Carvalho em 14 Dezembro 1936 Autorização em 6 de Dezembro de 1938 para ministrar 7º ano do Curso Liceal, aumentar lotação para 60 alunos internos e 200 externos sendo 15% do Curso Liceal masculino e

²⁴⁸ Referido no artigo sobre a Academia de Música da mesma vila, por Gilberta Gouveia Xavier de Paiva, em *Os Nossos Filhos*. n.º 165. Fev. 1956. p. 14-15

	<p>feminino e 50 do ensino primário em regime de separação de sexos.</p> <p>Despacho ministerial de (Março) 1941 para instalar em regime de Pensionato para uma frequência máxima de 12 pensionistas do sexo feminino debaixo da direcção de Maria Margarida Pereira Galvão, possuidora do diploma 8783.</p> <p>Autorização em 10 Fevereiro 1942 para ministrar ensino técnico profissional secção comercial, planos oficiais, até máximo de 50 alunos, tanto quanto possível fora das horas do ensino liceal.</p> <p>Despacho ministerial de 14 Setembro 1942 fixa lotação em 320 alunos, sendo 220 do ensino liceal, 40 do ensino técnico comercial e 50 do ensino primário.</p> <p>Despacho ministerial de 23 de Setembro 1947 autoriza Maria da Conceição Lopes a exercer funções de directora cumulativamente com João Soares.</p> <p>Despacho ministerial de 9 Agosto 1948 autoriza Maria da Conceição Lopes a exercer funções de directora cumulativamente com João Soares durante ano lectivo 1948/49.</p> <p>Registo no Liceu Nacional de Pedro Nunes em 18 Setembro 1951.</p> <p>Despacho ministerial de 9 Agosto de 1952 autoriza funcionamento de um Curso Prático de Comércio, nocturno, regime de planos e programas próprios, sendo lotação deste curso de 200 alunos sexo masculino.</p> <p>Despacho ministerial de 3 Março 1956 autoriza transferência de propriedade do Alvará para Sociedade denominada “Colégio Moderno de João Soares & Filhos, Lda, constituída pelos sócios João Lopes Soares, Cândido Nobre Baptista e Mário Alberto Nobre Lopes Soares.</p> <p>Despacho ministerial de 7 de Abril (1957?) fixa lotação de 673 alunos do sexo masculino dos quais 72 podem ser internos sendo 120 alunos para Ensino Primário, 353 para Ensino Liceal (1º,2º e 3º ciclos) e 200 para Curso Prático de Comércio Nocturno, com planos próprios e cancelada autorização para funcionamento do ensino técnico diurno e os alunos que frequentam o 4º ano de Curso Complementar de Comércio do Decreto n.º 20.420 ficam em regime de transição.</p> <p>Despacho ministerial de 16 Janeiro 1958 foi Mário Alberto Nobre Lopes Soares autorizado a exercer cumulativamente com João Lopes Soares as funções de director deste estabelecimento de ensino, ficando o último como presidente da Direcção.</p> <p>Despacho ministerial de 16 de Fevereiro 1958 foi autorizado funcionamento de uma parte da secção primária deste estabelecimento no prédio n.º 99, ao Campo Grande, em Lisboa, e o aumento da lotação da mesma secção, fixando-se lotação total do colégio em 791 alunos, do sexo masculino:</p> <p>Ensino primário com 238 alunos, Liceal com 353 alunos, Curso Prático de Comércio, nocturno, com planos próprios com 200 alunos</p>
Obs.	<p>Despacho ministerial 11 de Outubro de 1962 cessa autorização para funcionamento do curso prático de comércio nocturno, fixa lotação em 805 alunos e autoriza funcionamento do ensino infantil a alunos de ambos os sexos, em coeducação e o Ensino Liceal Nocturno, 1º e 2º Ciclos, a alunos maiores de 18 anos, sexo masculino.</p> <p>Por despacho ministerial de 7 Janeiro 1964 nova alteração propriedade do Colégio que passa para João Lopes Soares, Mário Alberto Nobre Lopes Soares e Joaquim Maria Nobre.</p> <p>Despacho ministerial de 7 Janeiro 1964 autoriza Rogério Jorge Ribeiro de Araújo a exercer funções de director cumulativamente com Licenciado Mário Alberto Nobre Lopes Soares e João Lopes Soares, este como presidente da Direcção.</p> <p>Despacho ministerial de 3 Outubro 1968 autoriza Licenciado José Luís Mota Costa a</p>

	<p>exercer funções de director com Rogério Jorge Ribeiro de Araújo, Mário Alberto Nobre Lopes Soares e João Lopes Soares, este como presidente da Direcção.</p> <p>Despacho ministerial de 12 Agosto 1971 autoriza ensino nocturno a alunos de ambos os sexos, em regime de duas secções....</p> <p>Só por Despacho de 30 Novembro 1983 o Colégio ficará com únicos e actuais proprietários: Mário Alberto Nobre Lopes Soares, Maria de Jesus Simões Barroso Soares, João Barroso Soares e Maria Isabel Barroso Lopes Soares.</p> <p>Neste Anexo está também o exemplar de Gente Moça: Jornal dos Alunos do Colégio Moderno, de Maio de 1987.</p>
Fonte	Direcção Regional de Educação de Lisboa

Colégio Moderno ²⁴⁹ , Lisboa Fev. 1954	<p>Ouve-se elogiar a instituição /é a razão pela qual se escolhe este colégio/Em 1935, o Sr. Dr. João Soares montou um pequeno pensionato, que no ano seguinte deu lugar ao Colégio Moderno...ensino primário e liceal em regime de internato e externato mistos. Depois a lei que obriga à separação dos sexos; o Director do Colégio Moderno optou pelo sexo masculino</p> <p>- Que desvantagens notaram no regime de co-educação?</p> <p>— Pela nossa parte, nenhuma. As actividades escolares tinham outro brilho e outras possibilidades quando feitas em comum</p>
	<p>Meu pai teve sempre a preocupação de não fazer do Colégio uma obra comercial, tão pouco uma obra rígida onde um Director dogmático impusesse as suas opiniões. Procurou sempre realizar uma obra de colaboração com os professores, as famílias, e os próprios alunos. Assim, por exemplo» tem procurado fazer dos nossos conselhos escolares reuniões fecundas do ponto de vista pedagógico — e não meros conselhos de rotina — onde professores e director trocam as suas do experiências e .debatem os seus pontos de vista, (...) num ambiente de cordialidade e respeito recíproco. Podemos afirmar que o êxito desta modestíssima obra se deve inteiramente à dedicação e interesse dos nossos professores e demais colaboradores e ao espírito de amiga cooperação que, desde o início, estabelecemos. Note-se — por exemplo — o que se passa nas aulas de desenho (...) prof. Passos Pinto conseguiu — nas aulas e fora delas — despertar de tal modo o interesse dos alunos pelo desenho, a pintura e a modelação, que pôde organizar, dado o volume e qualidade dos trabalhos (...) «Exposições de Arte Infantil» que, sem favor, constituíram curiosa novidade no nosso meio escolar. (...) passado ano, os organizadores da interessante «Exposição de Artistas de Horas Vagas», (...)</p>
	<p>nunca o meu pai pretendeu que o Colégio se transformasse numa «máquina para salvar alunos perdidos do Liceu». Nem procurou confinar a nossa tarefa treinar rapazes para fazerem bons exames no fim do ano. Sem descurar o aspecto, .evidentemente fundamental, da preparação escolar dos nossos alunos, não perdeu nunca de vista a função mais nobre deste ou de qualquer outro Colégio — que é a de formar integralmente os alunos que lhe são confiados, procurando atender, com igual desvelo, aos vários aspectos da sua preparação moral, intelectual, física e artística.</p> <p>(...) - No centro de todas as nossas iniciativas culturais — procurando impulsioná-las e coordená-las — está um jornalzinho que é o órgão da vida do Colégio. (...) «<i>Gente Moça</i>», feito pelos</p>

²⁴⁹ A visita é conduzida por Mário Soares sendo o texto de Maria Lúcia Vassalo Namorado (cf. Cartas do primeiro para a segunda em Caixas 35. Maço 1 e Caixa 27. Maço 1).

	<p>alunos do Colégio(...) de excelente apresentação gráfica, dêem de entrevistas com os professores, colaboração de alunos de toda? As idades e de antigos alunos (...) dirigido pelo sub-Director Dr. Rogério de Araújo, também Director do centro da M. P (...) Possuímos (...) uma razoável Biblioteca, com uns milhares de volumes e todos os anos renovada, onde os rapazes completam e alargam os conhecimentos colherem nas aulas.</p> <p>(...) serviços da Biblioteca promovido várias a séries de palestras culturais, feitas por professores e até por especialistas de mérito reconhecido, estranhos ao Colégio....por ex: reportando-me apenas aos dois anos lectivos findos, ...realizaram-se séries de palestras semanais — seguidas sempre de debates subordinadas aos seguintes temas: Educação Física e Desportos; História de a Arte (Evolução da Pintura Moderna); Colonização Portuguesa; Cultura Portuguesa. Este ano, de par com a Discoteca que está em organização, vão realizar-se várias palestras, iniciação musical. Além desta actividade, dia organizam-se todos os meses visitas de estudo da e, anualmente, excursões — algumas delas ao estrangeiro</p>
	<p>— Ministra o Colégio aos seus alunos educação religiosa?</p> <p>— Todos os nossos alunos — tanto da Instrução Primária como das classes liceais — têm aulas de moral e religião dadas... Padre Acácio Aleixo que é também o assistente religioso do <i>Centro da M. P.</i> Possui o Colégio uma pequena me capela onde cumprem os seus deveres religiosos os alunos cujos pais assim o determinem</p>
	<p>— E a parte artística?</p> <p>Na formação dos nossos rapazes um grupo cénico que há vários anos vem animando, com as suas representações as festas do Colégio. Tem sido dirigido pelo actor Manuel Lereno, que é também o prof. De Arte de Dizer do Colégio. Tem-se representado — em complemento de: das aulas de literatura várias peças de Teatro Cultural — Autos de Gil Vicente, «El-Rei Seleuco» de Camões, «Os Palradores» de Cervantes, etc.. Estas representações revestem uma enorme importância na correcção da um timidez, do nervosismo e da, dicção dos rapazes...Além deste grupo temos um teatrinho doa ara pequenos (Instrução Primária) que promove ale: a representação de peçazinhas infantis. Animado por Maria Barroso, tem promovido a realização de pequenas peças e ainda recitais e pantomimas tendo, no último ano, apresentado com muito sucesso junto do seu pequeno público, um teatro de fantoches...Dois grupos corais seleccionados das aulas de canto obrigatórias para a generalidade dos alunos: um, dos pequenos» dirigido por Cândida Mota Pereira; e outro, dos mais velhos, orientado pelo Maestro Rui Barral. Este segundo grupo foi classificado como o melhor grupo coral das escolas (...) Motivo porque — por gentil iniciativa da M. P. — foi convidado a gravar alguns discos na Emissora Nacional. ..um óptimo estímulo e uma recordação a mais o para o nosso Arquivo... Volto a falar das Exposições de Arte Infantil realizadas. Aliás, «Os Nossos Filhos» por mais de uma vez já teve ocasião de, amavelmente, se lhes referir. ...desde já, com alguns trabalhos só originais como o presépio feito em barro pelo Natal (obra colectiva), que obteve o 1.º prémio do concurso organizado pela M. P...</p>
	<p>- Sei que têm especial cuidado com a educação física...</p> <p>A educação física é um departamento que está sob a orientação dos Capitães Marques Pereira, há longos anos, ambos, professores do Colégio. Como precioso auxiliar têm ainda o prof. Noronha Feio que, além de excelente professor de ginástica, é notável desportista(...) há vôlei, o futebol(...),o basquete, o hóquei e o atletismo. ...Para os alunos mais fracos funcionam também aulas de ginástica médica respiratória. Tem-nos merecido especial atenção a ginástica infantil, dirigida exclusivamente pelo Cap. Alberto Marques Pereira. No passado ano, apresentou aquele ilustre professor na Sociedade de Geografia duas das nossas classe infantis que ilustraram, com agrado geral, o seu novo método dos «Brinquedos Cantados...»(...) Além das professoras de Ensino Primário, de Música e Ensino Secundário, há uma enfermeira, a senhora que dirige o internato dos mais novos, e outra que preside às refeições. ..Funcionam no Colégio Moderno «Serviços psico-pedagógicos» orientados pelo Dr. João dos Santos, ilustre medico-psicólogo e pela nossa colaboradora Dra Maria Borges. ...não diremos mais nada, dado que disso nos</p>

	ocupámos, com o relevo merecido, no nosso número de Dezembro de 1953
	<p>- E o problema da disciplina?</p> <p>É sempre um problema, num Colégio Resolvemo-lo criando um Conselho Disciplinar, de que fazem parte dois professores e sete alunos eleitos trimestralmente pelos colegas: um representante do 1.º ciclo, dois representantes do 2.º ciclo, três representantes do 3.º ciclo, e um representante do Curso Comercial. Todas as semanas o Conselho Disciplinar se reúne com o Chefe do Internato para deliberar sobre as sanções a aplicar aos alunos em falta. Há como uma tabela de penalidades (que tem sido elaborada, discutida, aperfeiçoada pelo Conselho) para as diferentes faltas, mau comportamento, notas negativas, etc.; ainda assim, cada falta é ponderada pelo Conselho Disciplinar, e, sempre há dúvidas, ouvido o interessado. É curioso notar, que a princípio, foram eleitos para o Conselho os rapazes mais turbulentos; mas, pouco a pouco, têm sido escolhidos os mais sensatos e os melhores alunos. ...O Conselho obriga os rapazes a serem leais, justos, ponderados, além de lhes dar um extraordinário sentido da responsabilidade. Os que incorrem em qualquer falta justificam-se junto dos seus representantes e são assim ao seus companheiros que fazem a critica e que julgam da sua conduta(...)"</p>

Da leitura da correspondência do *Espólio* entre Mário Soares e a directora da revista (num total de cinco cartas) e dos documentos anexos, sabemos que do número em que saiu esta reportagem foram feitos mais duzentos exemplares para “(...)distribuir por antigos alunos e amigos da direcção(...)”e que esse texto teria sido revisto por Mário Soares que diz:“(...) Parece-me que usei e abusei da autorização de V. Ex.^a me conferiu para introduzir alterações no texto do artigo a sair nos *Nossos Filhos* (...) as alterações resultaram de algumas passagens especialmente delicadas tendo em vista as contingências da vossa política...educativa! Junto envio o texto completo do artigo que mandei passar à maquina(...)”(Carta de Mário Soares. S.d. Caixa 35. Maço 1). No ano seguinte também é Mário Soares quem envia “(...)uns tantos prospectos da nossa colónia de férias para, como combinámos, enviar se possível, dentro da sua revista(...)” (Carta de 1 de Jul. 1955. Caixa 35. Maço 1) e que ainda ali se encontram. Também o Colégio havia enviado á directora da revista uma lista completa dos alunos, pais e respectivas moradas para ela os contactar e ver se estariam interessados em ser assinantes de *Os Nossos Filhos*. A dita lista que está no *Espólio*, fora enviada por Cândido Baptista, secretário do *Colégio Moderno*:“(...) enviar lista dos nomes dos pais dos nossos alunos, com as respectivas direcções e fica assim satisfeito o pedido que V. Ex.^a fez ao Sr Director muito desejando que essa relação lhe possa trazer novos assinantes(...)enviar um programa da nossa festa infantil- que se realiza aqui no próximo sábado(...)honra da sua presença(...)” (Carta de 17 de Dez. 1953. Caixa 31. Maço 3).

Havia algumas escolas que dispunham de colónias de férias para os seus alunos, como era o caso do *Colégio Moderno* de Lisboa. Estava instalada na Foz do Arelho e destinava-se “(...)especialmente aos alunos do Colégio mas (...) também recebe

quaisquer rapazes estudantes dos 6 aos 18 anos. De manhã, a praia com barracas privativas, banheiro instrutor de natação e barco; depois de almoço- repouso obrigatório, tarde- jogos ou brincadeiras no pinhal ou em passeios pela região(...) há uma sala de leitura e biblioteca e os alunos que tenham exames em Outubro seguem horário de estudos dirigidos e acompanhados por professores(...) vem completar a obra educativa do Dr. João Soares (...)" (ONF, . Ago. 1955).

Há mais uma fotografia de João Soares e "(...) os seus netinhos Isabel e João(...)", ao lado da notícia em que se refere a exposição de arte no dito Colégio (Cf. subcapítulo *Desenho*, neste trabalho). Ela fora enviada por Mário Soares para a revista e na biografia que dele fazia e que Maria Lúcia Vassalo Namorado publica em *Os Nossos Filhos* de Maio de 1955, escreve: "(...)“(...)pedagogo, natural do concelho de Leiria. Fez estudos naquela cidade e depois em Coimbra, onde se formou; foi Governador Civil da Guarda, de Braga e de Santarém; deputado em várias legislaturas e Ministro das Colónias. Professor dos Pupilos do Exército, fundou e dirigiu em colaboração com Dr. João de Deus Ramos, o Bairro Escolar do Estoril. Em 1936 fundou o Colégio Moderno,...tem sabido rodear-se de professores novos e de qualidade; tem publicado várias obras dentre as quais destacamos, «Novo Atlas Escolar Português»(...), além duma edição especial para o Brasil, prefaciada por Dr. João de Barros ;"História Universal", 3 volumes, que durante várias décadas foi adoptada para o ensino de História nos Liceus; «Portugal, nossa Terra», obra de Educação cívica, em colaboração com Elísio de Campos; «Quadros da História de Portugal», de colaboração com Chagas Franco e ilustrada(...). Verdadeiro pedagogo e verdadeiro chefe (...)"

Da leitura da carta de Mário Soares em que ele fazia uma pequena biografia do pai, de onde a directora da revista retirara estes dados, constatamos que ela cortou uma informação ali incluída onde ele dizia "(...) No colégio tem procurado rodear-se de professores novos e de qualidade como Dr. Álvaro Salema, Pe. Ávila, Mário Dionísio, Edmundo Curvelo, Jorge de Macedo, Alice Gomes, Celestino Marques Pereira, Germano Sacarrão, José Passos Pinto e tantos outros(...)"(Carta de Mário Soares. Lisboa. 3 de Maio 1956. Caixa 27. Maço 1).

Muitas outras referências são feitas ainda ao *Colégio Moderno* o que nos mostra que esta era a instituição de ensino privado que a revista privilegiava:

1ª Exposição	Exposição...cumprimentos dos programas e palestras culturais: Desporto, História da Literatura e da Arte....e mensalmente serões culturais.. Preparar os alunos para os exames	07-1952
-----------------	--	---------

de Arte infantil no Colégio Moderno	oficiais, apoiados nos mais modernos métodos da pedagogia, criar-lhes hábitos de trabalho e, de, reflexão sobre os problemas sérios da Cultura, da Literatura e da Arte, formar-lhes o carácter no sentido da honestidade e da rectidão, fazer, em suma, dos rapazes homens esclarecidos, sabedores e honestos: —melhorar as condições la criança no domínio da Educação e da Instrução da criança no domínio da educação e da instrução...o que se propõem dirigentes do Colégio Moderno	
Secção Psico-Pedagógica no Colégio Moderno	<p>missão dos pais:...não consiste apenas (...) do desenvolvimento físico e da formação intelectual, mas também em aperfeiçoar o carácter, ajudar as crianças e os jovens a resolverem as suas dificuldades, a adaptarem-se ao meio que os rodeia e à própria vida. Este aspecto da acção educativa, de altíssima importância e apaixonante interesse, é frequentemente descurado pelos pais e educadores . Por comodismo, incompreensão, ou ignorância. Daí resultam tantos desentendimentos la e conflitos que separam as crianças e os adolescentes dos adultos, com fundo dei sofrimento para todos, e prejuízos de vária ordem. ...Dr. João Soares introduziu no seu colégio uma Secção Psico-Pedagógica que nos interessava conhecer e divulgar...Iniciados o ano passado, estes serviços são dirigidos pelo ilustre médico-psicólogo Dr. João dos Santos, especialista muito competente e estudioso, cuja contribuição para o conhecimento da psicologia infantil entre nós, se está tomado verdadeiramente notável; o Dr. João dos Santos tem, como colaboradora, a professora a Dra Maria Borges, que à sua preparação ci científica alia um finíssimo tacto feminino e a maior devoção pêlos delicados Problemas da infância. ... Um dos mais importantes de Lisboa; Semi-internato, internato e externato...rapazes das classes primárias e liceais...os que vivem com pais e os que estão deles separados meses e até anos...Até há pouco, julgava-se que um aluno que não se comportava nas aulas coma máxima atenção e correcção, era insubordinado; e assim por diante. Hoje sabe-se :[eu o atraso de um aluno pode ser, motivado por perturbações de ordem afectiva, a desatenção, etc., -li muitas vezes não são defeitos caiba a responsabilidade, mas consequência do seu estado de ansiedade, dos problemas que p preocupam. Entre nós é preciso ainda repetir isto aos pais e até a muitos professores que ainda não compreenderam, não acreditam, que as crianças e os adolescentes possuem uma sensibilidade que é preciso respeitar que «também» têm os seus problemas, por vezes angustiosos, que é preciso compreender, evitar, e ajudar a resolver. Os serviços psieo-pedagógicos do Colégio Moderno, estão procurando uma estreita colaboração entre o médico, os professores, as famílias e os próprios alunos. Assim, os professores e as famílias são convidados a fornecer ao médico os dados que interessem ao conhecimento completo dos alunos, aos quais se aplicam testes de personalidade e de nível mental; àqueles que necessitem de um estudo mais minucioso fazem-se depois os testes individuais que estejam identificados; M por fira a observação médica e a organização da ficha de cada aluno. As conclusões são comunicadas à família, e aos professores prestam-se esclarecimentos e : indica-se a conduta a seguir em cada caso....Atrasos escolares e as perturbações de ordem .afectiva,, PU seja despistar as perturbações que prejudicam a criança sua adaptação, à vida escolar, a fim ée as aliviar e lhes restituir quanto possível a tranquilidade e a</p>	12-1953
Colégio Moderno	Natal récitas festejaram uma no, sob direcção de Professoras Maria de Jesus Barroso e Cândida Mota Pereira e professor José Passos Pinto	1-1956
Exames oficiais no "Colégio Moderno"	...aludir em ONF para festas no teatrinho escolar, quer exposições quer ao "Gente moça" que se tem publicado...e também à experiência pedagógica que o Dr. João dos Santos ali vem realizando desde que criou os serviços de observação psico-pedagógica. Hoje é para referi realização dos exames do 2º, 5º e 7º ano do Liceu, num total de 200 rapazes ali realizados...medida, inteligente e oportuna, que se deve ao critério pedagógico do ilustre	08-1958

	<p>titular da pasta da Educação Nacional, veio beneficiar o ensino particular no seu conjunto, colocando o» seus alunos — cuja importância numérica é considerável — em paridade de condições com os do ensino oficial. O próprio Senhor Ministro da Educação Nacional, acompanhado 4o Senhor Director Geral do Ensino Ligeal, se quis informar da forma como decorriam os exames e, para isso, se deslocou, pessoalmente, àquele estabelecimento. A realização de exames oficiais no Colégio Moderno veio ao encontro duma justa e velha aspiração dos seus alunos. Estão pois de parabéns os seus directores — o Sr. Prof. João Soares (a cuja obra e sentido pedagógico por mais duma vez nos temos referido) e o Sr Dr. Mário Lopes Soares. E justo é que assim seja, pois trata-se dum Colégio onde se trabalha com seriedade e devoção pela causa do ensino e que muito se recomenda, tanto pela reputação do seu escolhido corpo docente, como pela excelência das suas instalações, no Campo Grande, mesmo ao lado da futura Cidade Universitária.</p>	
--	--	--

Dois meses depois da reportagem sobre o *Colégio Moderno* de Lisboa, há uma nova sobre outro colégio, agora feminino, do Porto, realizada por Isaura Correia Santos (cf. *Apêndice Cap. 4- Biografias*). Nesta secção, que aqui se apresenta agora como sendo um local onde “(...)se fala de Colégios, da sua ética, dos seus professores, dos seus discípulos, quisemos visitar dois ou três colégios do Porto e deles dar as nossas impressões — pondo de parte amizades, simpatias, propaganda(...)”(ONF, Abr. 1954). Vejamos sobre que instituições são feitas essas publireportagens:

Colégio Moderno, feminino, no Porto	internas. Semi-internas, e externas (...) situado na rua Barão Forrester, numa antiga quinta, dos Limoeiros chamada, e onde se construíram pavilhões destinados a aulas, laboratórios, oficinas, e desportos
Abr. 1954	Actual Directora, Senhora D. Joana Dias Machado Correia Dinis, que, como sua irmã Senhora. D. Rosaria Dias Machado Dinis, falecida há uns decénios, tem devotado anos de carinho Com ela, estava sua filha Senhora D. Maria de Lourdes Dias Machado Correia Dinis Fernandes, formada em Biológicas, professora no colégio em questão e, sem dúvida, futura Directora
	Trezentas e vinte alunas e Quarenta e duas professoras, entre as quais algumas que foram aqui discípulas, e três antigos professores
	Concordemos com as vantagens de turmas mais pequenas. Contudo, o aproveitamento entre nós tem sido óptimo, de uma maneira geral, o que nos leva a crer que a falta de turmas pequenas não tem sido prejudicial
	Agradou-nos profundamente a disposição e ambiente dos refeitórios, dos dormitórios. Das salas de estudo, de aulas, de pesquisas, de trabalhos manuais, de labores. Luminosidade, limpeza, garridice
	Formação católica no vosso colégio é obrigatória? - É não é. Eu explico: O espírito do colégio é estruturalmente católico. Por amor à tolerância, porém, aceitamos discípulas de todos os credos... Contudo, compreende, por uma questão de disciplina, todas as internas assistem pelo menos à missa dos domingos e dias santos
	há certos Organismos que nos trazem e exibem filmes culturais. Além disso, quando há um filme em exibição num dos cinemas da cidade, que realmente mereça ser visto pelas raparigas, as nossas internas não deixam de o ver — tal como não deixam de assistir a um ou a outro concerto
	E quanto à vossa biblioteca. Quais os livros que mais procura têm?

Maria Lúcia Vassalo Namorado e a educação feminina: a revista Os Nossos Filhos (Continuação)

	Os de estudo! — se bem que tenhamos grande número de outros, de autores escolhidos...As raparigas quase não têm tempo para ler... Os programas são muito vastos, com sabe, e absorver-lhes a maior parte das horas que as aulas lhes deixam livres. Vontade de ler não lhes falta, tal como lhes não falta desejo de trabalhar em lides domésticas
	Tomámos a oportunidade de falar numa piscina — de tão grande utilidade nos Estabelecimentos de Ensino, posto mais útil dos desportos, cujo ensino devia ser obrigatório desde a escola primária
	fazer uma festa no fim de cada ano lectivo(...)Idalina Boal, /ali professora mostra / uma paródia ao «Auto da Barca» ... na última festa anual ali efectuada (...) Além dessa representação em que algumas professoras foram graciosamente caricaturadas, a festa constou de jogos, ginástica e canto coral
	quando chegam ao sétimo ano, já se têm finalmente decidido. Umas escolhem Farmácia, outras Medicina, outras Germânicas, outras Engenharia, e por aí fora. Algumas fazem a escolha por vocação, outras por conveniência
	Nunca foi misto, este colégio? - Em tempos idos, sim. Mas tomou-se simplesmente feminino muito antes da Lei em vigor Concorda que haja qualquer vantagem em separar os rapazes das raparigas? — inquirimos. Para nós professoras, há vantagens nessa separação. E-nos mais fácil ensinar sem necessidade da vigilância que, de certo modo, teria que existir Mas pondo o problema quanto às estudantes? Ainda não pensei bem no caso. Por experiência não sei, porquanto estudei aqui, sendo o colégio, como agora, simplesmente feminino. Depois, na Universidade... Aclimatei-me facilmente Lógica, a resposta da Senhora D. Maria de Lourdes. Preparávamo-nos para fazer a mesma pergunta à Senhora D. Idalina Boal, na esperança, talvez, que pensasse como nós não concordando com tal separação
Isaura Correia Santos- COLÉGIO GARRETT , em 07- 1954	/?/hoje decorria ali uma exposição de livros de arte...fundado em 1913, pelo Padre Guimarães Dias com seu colaborador na Direcção e ensino Padre Adão de Carvalho...ainda hoje aqui...formar homens na verdadeira acepção da palavra...Filho andara aqui desde instrução primária ao 6º ano do Liceu...azulejo com palavras de Garrett em "Da Educação": "Eu tenho que nenhuma educação pode ser boa se não for eminentemente nacional".170 internados iniciais e com lotação de 750 internos e externos...Tem 5 directores: Dr. Carlos de Aguiar, Dr. Fernandes de Carvalho, Engº Jorge de Araújo, Padre Guimarães Dias, Padre Adão de Carvalho, todos, de irrepreensível, estofo moral e intelectual» tal como cinquenta e sete Professores que ali prestam serviço. Ainda há pouco director era Dr. Avelino Soares...agora retirado...Pe. Guimarães Dias, condecorado pelo gov. francês, notável pedagogo: Os melhores Mestres são os que senhores do programa, o cumprem e preparam os alunos, submetendo-os «todos» a uma ginástica de espírito, por forma a tirar de todos o maior rendimento escolar. O ensino deve ser dirigido a «todo» o curso. Por forma que ele aproveite ao maior número. Não desprezar os mais atrasados, nem tb só atender a estes, com prejuízo do avanço a que têm direito os bem dotados. (...) disciplina: Indispensável que os alunos vivam num ambiente de afeição, acolhedor e sadio, e compreendam a necessidade de uma disciplina sem rudezas, mas também sem tolerâncias desmoralizadoras, que prejudicam esse ambiente (preocupado tb com orientação profissional, cinema e música
Colégio Brotero em Jun. 1954	continuando a ver alguns dos melhores colégios da nossa terra não com o fito comercial mas com a intenção de verificarmos o que de bom temos no Ensino e possa rivalizar com outros estabelecimentos congéneres que lá por fora temos visto, coube ao «Colégio Brotero». Desta vez ficar sob a nossa objectiva. Situação panorâmica, arejado... Melhores condições sanitárias... Fundado 1931 pelos doutores Sousa Pinto, Rui Serpa Pinto e Rodrigues Beires, no Passeio Alegre, na Foz do Douro...1951- passou do Passeio Alegre para novos domínios actuais...dirigido pelo Padre Lopes...tem o máximo cuidado na escolha dos ter professores que p acompanham na sua missão de ensinar e educar, com pulso firme, sim. De mas sempre com um sorriso misturado com Bi uma palavra amiga, um conselho, ott uma ;raça que amenize, enfim, momentos de saudade da família e do lar... ...familiaridade que impera...respeito e camaradagem entre prof. E alunos internos, externos e semi-

	<p>internos...Nas horas de recreio prof. Confraternizam com alunos...campos com mais de um hectar...Director espiritual Padre Tavares... Ping-pong, tem um centro de Conferências de S. Vicente de Paula" para o qual se fez uma gincana de carros...Tem do "berço" à Universidade- ou seja dos 4 anos às faculdades...Tem quadras aqui e ali: Pão e lume nesta casa/ Pão e lume, pq não?/ Também a ciência é brasa/ O saber tb é pão", de Maurício Queirós" Tem nobre fé em ti mesmo/ Em Deus, na Pátria, na raça/ Rio que vem de tão longe/ Rasga montanhas e passa", de Ant. Correia de Oliveira.....temos judeus e protestantes até mesmo entre os internados...jamais a força produziu belos frutos e são...Tem 65 estudantes mas será alargado...médico vai ao colégio todos os dias apenas para marcar o ponto...Com colaboração da MP tem equitação, vela, natação...Direcção: Padre Lopes, Dr. Sousa Pinto, Dr. Fernando Allegro e Dr. José da Silva...quer juntar a patinagem...</p>
Isaura Correia Santos Grande Colégio Universal, em 11-1954	<p>ano lectivo começou...termos decidido continuar ronda iniciada no Verão passado...na cidade Invicta, animados pelo desejo de ventilarmos as nossas impressões quanto a estabelecimentos de ensino que sirvam realmente bem os homens de amanhã e a Pátria. Jamais visitáramos um colégio que não se nos afigurasse bom. Somos nós que voluntariamente o escolhemos...Grande Colégio Universal: <i>lar</i> construtivo que tem mais de 40 anos...sempre à altura de formar Homens, portugueses e Católicos...fundado pelo Pe. Manuel Correia dos Santos Brito...volvidos anos fundiu-se num outro igualmente notável: o "Grande Colégio de N^a Sra. da Boavista". criado por um notável pedagogo, Prof. João Diogo, que há uns anos teve homenagem póstuma...o Grande Colégio Universal perdeu seu fundador pouco tempo depois dessa união...é tb "Instituto de Formação Católica para rapazes.Três sacerdotes, seus presentes directores bem adentro da moderna pedagogia: Dr. Valente Pombo, professor de Filosofia, formado na Faculdade gregoriana de Roma, escritor, tradutor, jornalista, filósofo e...poeta...Dr. Lopes Rodrigues, professor no Seminário de Teologia, como o outro professor...e Padre António de Abreu Freire.. que como Carrel, (pensa que) Igreja Católica colocou as actividades morais muito acima das intelectuais...Colégio com capela com padroeira N Sra Conceição...Internos, semi-internos e externos...Alia Ciências à religião e vice-versa...missão principal do Colégio: í "educar, instruir, elevar o intelecto e o espírito, não descurando jamais a religião...aproximar o homem de Deus e afastá-lo do que possa arruinar-lhe o corpo e alma...Antes de deitar...exame de consciência feito por Dr. Pombo...Vantagens da religião no ensino, ministrado inteligentemente, sem imposição, e por conta e medida (itálico) como disse bispo de Viseu... Música e canto coral, meios de desenvolver a sensibilidade...e portanto indispensáveis na educação de rapazes e raparigas...Ensino infantil se faz com carinho de João de Deus...edifício para pré-primário, primário e admissão Liceu ou Escolas Técnicas...nesse edifício tem frase: "Brincando se aprende a trabalhar" Palavras de Monsenhor Péchenard na sala de espera: escola = "somente continuação da família...que duas forças procedam harmonicamente...escola fortificando a vontade, não deve destruir o espírito da família assim como a família não deve tornar infrutíferas, por uma ternura excessiva (em itálico), as lições austeras da escola"...Salas de aula, de estudo, laboratórios, balneários, dormitórios, refeitório, cozinha...carteiras individuais, melhoramento muito pouco em uso na nossa terra...aprovamos em absoluto pq carteiras que ajudam a crianças, larga e naturalmente, a fortalecer a sua personalidade...</p> <p>Incitam a alunos visitarem determinadas áreas pobres e cotizarem-se para fundos...Prepara jovens para entrada na Universidade...fomos acompanhados por Dr. Valente Pombo...Resultados óptimos no último ano lectivo.. mesmo muitas dispensas...O que pensa sobre estabelecimentos mistos. .que tanto tem sido discutido?...Que se juntem mas não nos liceus na fase da puberdade...isso principalmente nos países latinos...Maior o perigo nos rapazes ou nas raparigas?...afoitámo-nos a perguntar...No sector feminino.. parecer do Dr. Pombo não foi ao encontro do nosso...Perguntou a nossa opinião quanto ao</p>
Isaura Correia Santos Colégio Lusitano em 04-	<p>tem pré-primária e primária...na Rua Viera Portuense, de meninas...impulsionado pelo espírito do pedagogo Doutor Álvaro Machado, já falecido, pai da actual directora, Sra. Dra. Fernanda Machado, autora de valiosos livros didácticos...como pai...Apresentaram festa de fim de ano no teatro "Vale Formoso" com peças escritas e musicadas por Emília Resende, professora...Hino do colégio:"....Raparigas Lusitanas/ Ë grande a nossa missão //Que o nosso lema afinal / Ë ter sempre Portugal /Mais alto que outra Nação!"...construíram uma casa para uma família de 4 filhos...Daquele</p>

1955	Templo onde não se ensina apenas a brincar, a jardinar, ler, a bordar, á costurar, a adquirir os conhecimentos necessários para entrar num Instituto, numa Universidade, e assim sucessivamente, na Progressão que se deseje....Além do ensino, na moderna Pedagogia, de bem preparar, sob todos os aspectos, as jovens que podem e devem enfrentar a vida seguindo a evolução dos tempos, ó «Colégio _ Lusitano incute profundamente, naquele espírito cristão que bem o aquece, o_ amor a Deus, o amor à família, o amor à Pátria, ° o amor ao Próximo, na alma das suas numerosas educandas — sem a abandonar a tolerância, naturalmente indicada, quanto a credos religiosos ou políticos....Professoras como se fossem segundas Mães daquela grande revoada....que se prepara para voos mais altos...O edifício do internato, por, exemplo, é bom uma casa portuguesa, no seu alto significado, a que não faltam os seus relvados...Um dos ramos que melhor caracteriza o colégio em foco: a contabilidade....Julgamos poder afirmar que o único colégio feminino e particular, com estenografia, caligrafia, e tudo mais que hoje abre as portas de uma firma, de
------	---

As colónias de férias e as vantagens que delas as crianças podem retirar, são referidas em diversos artigos de *Os Nossos Filhos* mas também em brochuras que Maria Lúcia Vassalo Namorado guardou no seu *Espólio*. No grupo destas últimas destaca-se uma do médico Armando Narciso²⁵⁰, publicada em 1945.

Da obra, oferecida pelo autor, publicou a revista uma pequena recensão na revista nº 41. Dela existem dois exemplares no dito *Espólio* e debruça-se sobre as vantagens, vantagens, possibilidades de sua organização, locais aconselháveis, sua relação com Escolas ao ar livre e as Colónias climáticas de férias. Do texto assinalado, á margem, a lápis por Maria Lúcia Vassalo Namorado, retiramos alguns excertos que tentam provar a importância deste tipo de organizações para a saúde das crianças.

O médico Armando Narciso, colaborador de *Os Nossos Filhos* e, como a sua directora, grande defensor das colónias de férias, participara em Nice, em Maio de 1937, num congresso internacional cujo tema fora precisamente: *A Criança no mar e na montanha Colónias de Férias*. Aí apresentara uma comunicação sobre “(...) *Microclimas mediterrânicos e atlânticos nas costas de Portugal*”(...)” (Narciso, 1945. p. 3). O conceito de ‘microclima’, é da “(...) autoria do climatologista germânico Geiser, que o divulgou em 1928,(...) foi introduzido por mim em Portugal, em 1933, na revista de geofísica *A Terra*(...)há mais de vinte anos, no meu primeiro curso de Terapêutica termal, em 1922, no Serviço do Prof. Belo de Moraes, de que, em 1925, publiquei extracto na *Lisboa Médica* (...) e chamara a atenção dos médicos portugueses para as diferentes indicações terapêuticas das nossas praias, segundo as suas características meteorológicas (...)”(Narciso, 1945. p. 3). Este médico considerava como ‘costume

²⁵⁰ NARCISO, Dr. Armando (1945) – *A Criança no mar e na montanha: colónias de férias*. Lisboa: Editora Médica. 28 p. Separata da Revista *Clínica, Higiene e Hidrologia* Maio 1945.

burguês' (p. 5) a frequência da praia. Para as crianças pobres haviam sido criadas as colónias de férias que, em Lisboa, tinham sido apoiadas trinta anos atrás, pelo então presidente da república, António José de Almeida. No ano de 1945 aquele clínico estimava que teriam tido acesso a esse tipo de férias cerca de 17.000 crianças pobres.

Por vezes não eram as escolas que tinham colónias de férias mas certas empresas facultavam esse apoio social aos filhas(os) das(os) empregadas(os). Neste caso poderiam incluir-se as da *União Eléctrica Portuguesa* e a da *Companhia União Fabril*. A primeira situava-se "(...) entre Palmela e Setúbal(...)" para os filhos do seu pessoal(...) inaugurada em 2 Julho 1950 e estava então instalada provisoriamente em Brancanes, perto de Setúbal, na Quinta de Sant'Ana; o primeiro turno foi de 20 meninas e teve espectáculo de palhaços para inauguração; (...) manteve-se aí durante 3 anos(...) casa foi vendida e Colónia não funcionou em 1954(...) novo edifício orientado pelo arquitecto Keil do Amaral e mulher, ceramista e pintora Maria Keil do Amaral com (...) pano de azulejos do refeitório com cenas de meninos brincando com papagaios de papel. Cozinha onde tudo funciona a electricidade é de fazer inveja à mais afortunada dona de casa(...) dormitório com janelas(...) gabinete médico(...) chuveiros lavatórios(...) campos de jogos com baloiços de todos os feitios(...) meninos e meninas que conseguem aumentar peso nos 20 dias de férias; antes de admitidas, todas crianças examinadas pelo Dr. José de Sousa Fialho ficam, durante o estágio na Colónia, sob a observação e cuidados deste clínico ministra vacinas, prescreve tónicos(...) ficha com antecedentes hereditários e pessoais (...) 4 refeições e roupas e chapéus fornecidos(...) oferecidos sapatos quando regressam a casa (...) turnos de 20 dias até 50 crianças (...) em 1950 recebeu 42 meninas e 43 rapazes(...) em 1956 recebeu 126 meninas e 96 rapazes (...) vêm de todo distrito de Setúbal, concelhos de Évora e Montemor e alguns de Lisboa(...) Ema Dimas como "dona da casa" tem sido este ano a 'mãe' à noite há cinema e o jardineiro é também o operador cinematográfico(...) biblioteca(...) idades dos 4-5 anos a 11-12 anos(...) Eng. Paulo de Barros é o director da UEP Sul e marido de Maria Antónia de Barros(...) colónia tem como director Eng. Armando Ataíde Medeiros que é também Director da Escola Industrial e Comercial de Setúbal e mulher Maria da Ascensão Medeiros também o acompanha(...) todos os filhos do pessoal da UEP que frequentam Escola Comercial e Industrial de Setúbal têm almoço pago na Cantina, pela Companhia(..) dá anualmente 10 bolsas de estudo e prémios aos alunos mais aplicados da mesma Escola(...) Mulher do sr. Engenheiro,

Maria Antónia de Barros dá todos os anos prémio à melhor aluna da mesma Escola e carinho à colónia(...)” (ONF, Ago. 1957).

Sobre a colónia patrocinada pela *Companhia União Fabril*, cujo texto é da autoria da própria directora da revista que assina *M.L.*, depois de um texto teórico de Henri Rey, explicando o que deveria ser uma colónia de férias para que as mães melhor entendessem o alcance educativo e social de semelhante obra, são dadas mais informações sobre o quotidiano da colónia:”(...) Tenso sido a CUF (...) CUF criada há quase um século por Alfredo da Silva (...) dirigida por Jorge de Melo, um dos seus netos, com numerosa prole e (...) filhos dele frequentam mesma colónia com mesmos grupos de tal sorte que as restantes crianças ignoram a sua qualidade de futuros patrões. (...) começou a colónia em regime de acampamento na Arrábida, há 13 anos (...) no lugar do Pego, Almoçageme foi escolhido novo lugar (...) campos de jogos, biblioteca, 5 dormitórios (...) balneários para 60 crianças onde crianças não se vêem mas vigilantes vêem todas as cabeças (...) lavandaria, rouparia, médico todas manhãs e enfermeiro permanente (...) uma capela, sapateiro, pintura e carpinteiro (...) mata circundante (...) É que se pretende dar às crianças noção de asseio e arranjo, da higiene; da beleza, que se podem obter e conservar com as coisas simples que lhes são familiares ou ‘acessíveis; procura-se elevar o seu nível dentro do meio em que terão de viver. (...) 1500 crianças/ano em turnos de 300 sendo 3 de rapazes de 7 a 14 anos e dois de raparigas de 7 a 13 anos (...) agrupam-se conforme as suas regiões, vestindo-se de cores diferentes: as do Barreiro, de castanho ou verde; as das aldeias para lá do Barreiro, de amarelo; as de Lisboa, de azul; as das restantes regiões, de encarnado. Cada turno de 330 crianças está dividido em 5 grupos de 60 crianças (...) cada grupo de 60 entregue a 3 monitoras responsáveis por grupos de 20 (...) estes grupos de 20 dividem-se em equipas de 10 com chefes e subchefes (...) Quando vêm para a colónia, recebem antes de vir, o equipamento e quando se vão embora, ele fica na Colónia (...) chegam já inspeccionadas pelo médico e com regime a seguir (...) levantar às 7.30h pequeno almoço; fazer as camas; praia, banho; almoço; descanso(sic) (...) 2 tempos de actividades educativas, cortados por merenda e passeio; banho (...), terço (...), deitar. Diariamente um grupo fica o dia inteiro na Colónia, de serviço. As suas obrigações são: içar a arrumar os dormitórios, velar pela limpeza dos alpendres e terreiros, escrever à família; arrear a .bandeira.. As raparigas são também iniciadas em trabalhos de costura e malhas (...) Pela manhã as dirigentes falam às crianças discorrendo sobre uma virtude (...) à noite relembram forma como decorreu o dia (...) Ter sempre a criança ocupada e interessada, eis ponto do programa

estabelecido.(...) O Centro de interesses da Colónia é a Natureza e cada grupo tem uma virtude a desenvolver: (...) fazem concursos de quem apresenta a melhor dança, o melhor trabalho em barro...como prémio recebem lapiseiras, blocos de papel(...) 3 dias da semana passado na Colónia e 3 dias passados fora em passeios (...) na Colónia as actividades educativas são: ginástica, dança, jogos de iniciação desportiva, canto coral, e actividades livres como colagens, recortes, modelação, desenho, pintura, etc.). Estas actividades realizam-se nos alpendres um para cada grupo de 60 crianças(...) mais crescidos podem requisitar livros para levar para fora do pavilhão; (...) 3x semana há cinema e há sessões de música explicada para as quais se podem inscrever 30 crianças as 30 mais velhas fazem publicar um jornal que aparece aos sábados ilustrado e redigido por elas(...) no refeitório cada chefe toma conta da sua mesa sentindo assim “(...) o seu esforço é necessário, e que a colaboração é a alma da vida familiar e social. Se um se portar mal à mesa todo o grupo sofre (...) chefes de equipa que se distinguem, mesmo depois de atingirem os 14 anos são autorizados a voltar à Colónia na qualidade de auxiliares.(...) ordens e conselhos sobre a higiene, a delicadeza, o respeito pelas plantas (...)a pontualidade, a obediência, etc., são dados em pequenas frases, nos sugestivos cartazes pedagógicos, ilustrados com gravuras, que se encontram no parque, na mata, nesta ou naquela parede (...) todos os domingos as famílias podem receber as suas visitas(...) Direcção da Colónia é em equipa orientada por Pe António Jorge Martins, Ana Isabel de Queirós Nazareth, prof. Saúl de Almeida que também dirige o Centro Educativo no Barreiro durante o ano e Maria Felícia da Veiga e Moura (...) em contacto com chefe dos Serviços Sociais da CUF, Dr. Carlos Amaral.

Trabalham na Colónia cerca de 70 pessoas incluindo 16 monitores(...) uns e outros recrutados entre o pessoal operário da CUF nas fábricas do Barreiro e no Estaleiro- e já atingem o número de 80. durante 3 meses a CUF dá-lhes 3 dias inteiros por semana para frequentarem um curso de monitores(...) Cursos elevam o nível cultural desses operários e operárias, .despertos novos, interesses intelectuais è humanos, tornaram-se já trabalhadores mais categorizados, aptos a ocuparem lugares de responsabilidade na Companhia; e amanhã serão mais eficientes pais e mães de família(...) Colónia funciona de meados de Junho a fins de Setembro (...)"(ONF, Set. 1957).

Do ponto de vista educativo a *Colónia de Férias da Companhia União Fabril* não descarta a formação moral das crianças criando obrigações diárias para cada criança e outras para serem feitas em benefício do colectivo. Essa formação inclui uma chamada à

reflexão logo de manhã e uma espécie de exame de consciência à noite, orientado pelas monitoras. A Colónia tenta implementar os Centros de interesses e neste caso é a Natureza o centro das actividades, de forma a “(...) preparar as crianças para que também pela vida fora saibam descobrir interesses que as valorizem e lhes dêem uma riqueza interior(...)” para além de terem virtudes a desenvolver, através de jogos, como a actividade, a devoção pelo estudo, a utilidade, a pontualidade e a firmeza. (ONF, Set. 1957). Também havia um jornal da colónia, feito pelas 30 crianças mais velhas e é assim que “(...) despertando-lhes interesses e activas, que se toma possível dirigir sem conflitos aquelas centenas de crianças vindas dos meios mais distantes e por vezes bem atrasados(sic) e dando-lhes, num ambiente de alegria e carinho, a noção da responsabilidade(...)” (ONF, Set. 1957).

A Colónia é dada como exemplo de elevação educativa dos operários e operárias que frequentam os cursos de monitoras(es) que, desta forma, podem elevar o seu nível intelectual e serem melhores pais e mães no futuro.

Também resultando de uma iniciativa particular, a revista promove uma espécie de colónia de férias “(...) idealizada por duas irmãs, senhoras, solteiras e de coração afectivo, está sendo posta em prática uma iniciativa feliz e a todos os títulos recomendável(...). Pretendem estas senhoras receber na sua casa em Cascais, durante os próximos meses de Verão, em óptimas condições, sob todos os pontos de vista, crianças do sexo feminino, que, por qualquer motivo, não possam passar as férias com os pais ou que os pais não possam acompanhar numa estadia à beira-mar. Todos os que saibam p que significa confiar suas filhas a pessoas competentes, não deixarão de se interessar por esta obra, cujo fim é não só proporcionar às crianças umas férias felizes, como desenvolver nelas os bons sentimentos e melhorar-lhes as condições físicas, tornando-as assim mais felizes, porque, fortes de corpo e alma serão de maior utilidade a todos e a si próprias(...). No *Lar da menina* alimentação ao adequada à sua idade e às suas condições físicas, sem grande preocupação de economia; respeitar-se-ão as horas do sono, e as do repouso após o almoço; haverá todo o cuidado com a sua higiene pessoal e com as suas roupas; além de brincarem, ao ar livre o maior número possível de horas, as meninas poderão fazer ginástica e praticar desportos, se os pais assim o desejarem. Passarão as manhãs na praia e as tardes no pinhal(...). Sob proposta dos pais, poderão aprender francês. Inglês e Música e mesmo estudar, qualquer disciplina que seja necessário adiantar para o futuro ano lectivo; caso convenha, passados as férias, poderão continuar a cargo dos mesmas senhoras na sua casa em Lisboa, situado o oito

minutos do Liceu D. Filipa de Lencastre. ...O *Lar da Menina* destina-se à classe média, pelo que os seus preços serão tão limitados quanto possível, mas compatíveis com um bom tratamento. Estamos plenamente convencidas de que as crianças se vão felizes neste ambiente de carinho e alegria, que não excluirá a disciplina indispensável a uma boa educação. Telefonar para(...)ou dirigir cartas para nossa Redacção(...)" (ONF, Jun. 1950). Esta colónia era dirigida por Amália Franco e Isabel Franco²⁵¹. A casa ficava situada no pinhal e era a Vivenda Fernanda, Cascais (Carta de s.d. Caixa 21. Maço 2).

As mesmas senhoras escrevem nova carta em que referem novamente não terem podido ir a Lisboa e participam á directora da revista que têm continuado com a "(...) nossa Colónia de Férias ultimamente tem sido num edifício do Colégio João de Deus, óptimas acomodações e situação(...) se quiser visitar(...) temos tido 12 crianças e 1 senhora(...) Se a senhora ou sua antiga empregada souberem de alguém que precise vir para o mês de Setembro, agradecemos indiquem nossa casa(...) todos os anos tem continuado a vir a primeira menina que recebemos, a Luizinha, filha do Dr. José Bacelar e os filhos do Dr. Hasse Ferreira são quase todos por conhecimento de pessoas amigas(...)" (Carta de 30 de Ago. 1955. Caixa 15. Maço 2).

Muito frequentemente são referidas as iniciativas particulares de ajuda e assistência às crianças das escolas ou mesmo de uma aldeia ou pequena comunidade. No primeiro caso temos a notícia que sobre a *Colónia Balnear Infantil A Terra Minhota*, iniciativa da professora Joaquina Adelaide F. Folgado, professora em Bella, Monção, mulher do director do jornal *Terra Minhota* (ONF, Mar. 1954) que decidiu organizar festas e um teatro e com o produto obtido levar as crianças a ver o mar. O próprio *Orfeão Académico de Coimbra* deu, no *Cine-Teatro João Verde* desta Vila de Monção, um espectáculo em benefício da referida Colónia. A directora de *Os Nossos Filhos* pergunta se não seria possível "(...) conseguir que artistas portugueses, em Companhias ou individualmente, se oferecessem para espectáculos semelhantes? Que diz o *Teatro da Mocidade Portuguesa*? Que diz o *Teatro dos Estudantes*? Que dizem os nossos Artistas? (...)" (ONF, Mar. 1954).

Esta questão da importância de que se revestiam as colónias de férias é referida ainda quando se apresenta a colónia de férias que havia sido criada pelo Colégio Moderno de Lisboa, na Foz do Arelho (ONF, Ago. 1955).

²⁵¹ A publicação deste texto custara 60\$00 e fora enviado por carta porque as senhoras não podiam deslocar-se a Lisboa; a notícia saíra como breve (Cf. Caixa 21. Maço 2).

A directora da revista tinha uma preocupação enorme com a falta de possibilidades económicas que tinham as “classes médias”. Chaga a propor ás leitoras que, caso tenham possibilidade levem com os seus filhos, para a paria, uma criança que saibam ter necessidade e não poderem os pais arcar com essa despesa, sobretudo quando essas crianças são das classe médias porque as mais pobres, normalmente, é mais fácil conseguirem integrar-se nessas actividades.

Contestar e abordar a interdição: Adolescência, Educação masculina e feminina

A revista *Os Nossos Filhos* também pretende ajudar os pais, mas mais uma vez é sobretudo ás mães que estes ensinamentos se dirigem, a lidar com uma das fases críticas da evolução humana: a da adolescência. Se é verdadeira a frase “filhos criados, cuidados dobrados” mais o é nesta fase da vida dos jovens pois é “(...)espantosamente difícil pegar na mão do adolescente, cômico do seu triunfo certo, impaciente por se lançar, qual corcel ávido de movimento, na arena doirada. Inundada de sol(...)” que é a vida. Pensar neste problema foi uma das razões que levou uma alma mulher a valer a este crucial quesito (...) e fundou-se uma Revista a que podemos sem exagero chamar a primeira e a mais necessária na vida feminina, pois se propõe responder leal e calorosamente a todas as perguntas de todas as ignoradas mães ansiosas, por certo a parte mais valiosa da nação, às voltas com o tormentoso problema: Como havemos de guiar os filhos, as filhas que entram na vida? (...)” (Maria Henriques Osswald. ONF, Jun. 1942).

Neste sentido, diversos artigos ‘ensinam’ o melhor caminho a seguir com rapazes e raparigas, nessa difícil época da vida. A passagem é mais difícil para as raparigas e as mães nem sempre têm esse problema em conta. Maria Lúcia Vassalo Namorado ajuda as mães a identificar as mudanças verificadas nas filhas:“(...)sua filha já não é uma criança mas ainda não é uma senhora. Está naquele período transitório, tão delicado, que tantos cuidados requiere(...). Na adolescência as raparigas diferem muito umas das outras. Há as que se julgam já mulheres, ganham modos arrogantes ou pretensiosamente senhoris, escolhem vestidos e penteados complicados e pintam-se exageradamente. Há as acanhadas, as que tudo receiam e de tudo se envergonham, como se o seu desabrochar fosse motivo de censura. Há, as que se julgam feias e sofrem porque não sabem como hão-de corrigir as suas imperfeições. É preciso que q mãe esteja vigilante, compreenda o que se passa, e as guie com doçura e firmeza. È preciso que a mãe as oriente no sentido da economia, da modéstia, da simplicidade, mas do bom gosto e da

verdadeira elegância também. Quantas mulheres, pela vida fora, se ressentem de não terem tido na adolescência quem as guiasse. (...). É natural que as raparigas se penteiem e vistam segunda a sua época, mas é igualmente necessário que tenham gosto pessoal, criem personalidade. É preciso que se convençam de que mocidade é sinónimo de beleza, e que, portanto, não há raparigas feias...Simplicidade, bom gosto, personalidade, eis o que as mães devem, ensinar a suas filhas, tanto no arranjo de si próprias como na escolha dos seus vestidos(...). Também neste capítulo, as raparigas precisam de se apoiar na experiência e na inteligência das mães(...)" (ONF, Abr. 1950).

Assume-se que "(...)não é fácil nem desejável, que seja só o pai ou só a mãe, a ocupar-se da orientação dos filhos adolescentes. É natural que a mãe estabeleça maior intimidade com as raparigas e o pai com os rapazes mas tanto o pai como a mãe devem saber conquistar a confiança de filhos e filhas, e procurar, por todos os meios, pelas conversas, peias, atitudes, pelo ambiente do lar, pelas normas de vida, dar-lhes uma sólida formação moral, que os ajude a triunfar dos perigos que fatalmente encontrarão. Assim, a obra educativa dos pais deve ser uma obra de conjunto, em que os dois colaborem em perfeito acordo, colaboração que se estreitará justamente à medida que os filhos forem crescendo. Quando essa colaboração não exista, a acção daquele que permanece no seu posto torna-se muito mais difícil, e, sempre fica incompleta, com prejuízo dos filhos; é o trabalho de dois obreiros, pesando sobre um só(...)" (ONF, Ago. 1949).

Ambos os progenitores devem ter a noção da importância que o seu exemplo exerce sobre os filhos, assim como a "(...) autoridade amiga mas firme(...)" pois se o pai não ajuda a mãe nesta tarefa, uma de duas situações podem acontecer: a mãe que toma decisões sozinha vê-se a certa altura acusada de autoritária pelo marido e, por outro, os filhos não ganham o devido respeito aos pais.

Para bem educar a juventude na adolescência há que ensinar às mães que devem tratar os filhos com a "(...) maior franqueza e lealdade(...) não mentir nunca e muito menos a quem já tem forte tendência para julgar tudo (...) e dar a essas inteligências ávidas o 'alimento' de que precisam. As Mães devem dar nessa idade às filhas distrações inteligentes. O cinema é mais um pretexto para perder tempo do que uma distração(..)Há filmes recomendáveis, claro, mas é preciso escolhê-los e, não ir a um espectáculo qualquer(...)por questão de higiene moral, mas também porque estas crianças, não têm, regra geral, muito tempo para dedicar a distrações inteligentes(..)Levem-nas, a museus e a concertos, escolham as suas leituras, ensinem-lhes a amar a

beleza, seja uma obra ,de arte ou uma linda paisagem (...)“(ONF, Out. 1944).

Do ponto de vista de uma educação correcta e, “(...)sem a preocupação de fazer literatura, esta pode e deve tratar da idade dos sonhos, das esperanças róseas e das paixões caprichosas (...) (ONF, Jan. 1945) no sentido de bem orientar a adolescência pois é nessa fase que se “(...) atravessa um dos mais perigosos lances da existência, nela tendo lugar o desenvolvimento dos órgãos da geração (...). Ao exemplo acrescentar-se-á a vigilância e a educação sexual(...) porque o despertar da actividade genésica deve preocupar a atenção dos pais, aos quais incumbe esclarecer, prudentemente, os filhos a tal respeito, evitando a aprendizagem clandestina, malévola pois da moral sexual recebida na infância (...) e na adolescência (...) depende a salvação da mocidade(...)”. As mães devem saber que lhes cumpre “(...) educar e civilizar o instinto da reprodução, obstando ao caos moral, ao tormento de saber o que se tem de aprender com pureza e clarividência (...). Isto, sem dúvida, em relação aos dois sexos, na opinião abalizada dos higienistas, moralistas e eugenistas modernos, à frente dos quais é justo lembrar o nome de Florel, autor do magnífico trabalho «La question sexuelle» e o de Wegener cuja obra, traduzida para o italiano, «Noi giodani» está ao alcance de todos (...)bem assim o pequeno opúsculo de Good, vertido para o português e intitulado: «Higiene e Moral» e ainda a obra «Virilidade» do médico e professor Augusto Mendes (...)” (*Liga Portuguesa da Profilaxia Social*. ONF, Jan. 1945).

O problema da adolescência não se analisa apenas sob o ponto de vista das(os) que são saudáveis, embora seja esta uma das grandes preocupações de qualquer mãe. A felicidade ajuda-nos a “(...)encarar as coisas com bom humor e optimismo (...) mas é também o teu melhor aliado na formação dum carácter recto, dum espirito equilibrado, dum coração generoso. (se tiver saúde não inveja a dos outros) (...) (ONF, Jan. 1945). Mas há mães que têm filhos – rapazes ou raparigas – “(...)fracos ou doentes, portadores de qualquer incapacidade ou defeito físico (...)” . Neste caso, elas não de devem deixar desanimar e devem “(...)conformar-se, em parte, com a sua sorte, e buscar nas suas capacidades intelectuais ou artísticas, ou numa actividade simplesmente generosa (...) o consolo (...)” (ONF, Jan. 1945) necessário para enfrentar a vida.

Como ainda hoje, a designação de *idade ingrata* para esta etapa da vida é frequente em *Os Nossos Filhos*. As Mães devem ter cuidado de agir de forma diferente com as raparigas e os rapazes porque é frequente “(...)na idade ingrata, as raparigas perderem a meiguice natural, tornarem-se bruscas, apaixonarem-se, pelos desportos, discutirem acaloradamente por um nada, dizerem que têm ‘ pena de não ser rapaz’ e que querem

ser aviadoras ou ir até ao polo (...).Quase sempre as mães se alarmam com estas manifestações e dão uma liberdade que as pode prejudicar para todo o seu futuro ou lhes impõem um regime severo que as exaspera. Mas o que é preciso é dirigir esta necessidade de movimento, de acção, que as raparigas manifestam (...).Compete à mãe organizar inteligentemente a vida das filhas, fazê-las interessar por este e aquele assunto, dar-lhe esta e aquela ocupação, porque uma actividade bem distribuída é bem orientada basta, quase sempre, para lhes dar o equilíbrio necessário (...)" (ONF, Abr. 1945).

No que respeita aos rapazes, é "(...) frequente mostrarem-se bruscos, e embirrarem, sobretudo com as mães. Recusam-se fazer o que elas mandam, falam delas com «superioridade», e consideram indigno da sua pessoa, ser carinhoso e prestável. As vezes é muito difícil modificá-los. Deixá-los à vontade é mau. Falar-lhes à razão ou ralhar-lhes nem sempre dá resultado. Experimente-se metê-los docemente a ridículo, manifestar surpresa por eles procederem tal como, fulano «que não passa dum palermazinho»(...) Dar-lhe a ler a vida de grandes homens, destemidos, valentes, mas generosos e amáveis, é ótimo, porque lhes desperta o desejo de serem amáveis(...). Mas, tudo isto não vale de nada se os pais não derem o exemplo, se a vida do lar não oferecer um ambiente acolhedor e calmo (...)" (ONF, Abr. 1945).

Para ajudar a encaminhar os rapazes, sobretudo nos meios rurais, durante a adolescência, pode-se recorrer à ajuda das bibliotecas nas escolas primárias. Sabe-se que, na maioria dos casos, os alunos que deixam a escola raramente voltam a pegar em livros, ficando assim "(...) num estado de quase analfabetismo(...)" . Poderiam ler obras que fariam o "(...)prolongamento das actividades escolares, leitura de bons livros, em vez de passarem, como possam, ao esquecimento (...) procurando para se distrair (...) a leitura em vez da taberna (...) porque nós sabemos como estes meios são pobres de distrações; e o Jovem procura a taberna a princípio, pela falta delas, e só depois pelo vício (...). Doutra forma, enquanto frequentar a biblioteca, o jovem continuará, mesmo sem dar por ela, sob a autoridade do mestre, (...) / e desta forma se faz o / prolongamento da acção educativa na adolescência (...) pois sai da escola (...)quando mais necessita de vigilância e cuidados especiais (...) e é nestas idades puramente subjectivas que o carácter se vinca, a personalidade se manifesta, as tendências se exteriorizam (...).Orientar, canalizar essas tendências, é a tarefa do educador. Não esperemos que a família rural, no geral inculta e sem preparação, portanto, para o desempenhar (...) Noutros tempos, embora sem maior preparação do que hoje, os

famílias das aldeias tinham a noção exacta dos seus deveres, dos suas responsabilidades, era mais vincada a formação moral e o exemplo do chefe, revestido de certa austeridade, produzia os efeitos benéficos. Hoje, são outros os tempos e os costumes. O chefe de família, no presente, só excepcionalmente incarna esse tipo patriarcal que impunha respeito e continha impulsos. Daí a necessidade da escola prolongar a sua acção (...)” (Maria Elvira Buíça Rocha, *Eu*. ONF, Jul. 1950).

A adolescência é a idade “(...)em que já não fazem perguntas(...)esta idade é justamente, a pior, a mais perigosa a mais crítica (...). A maioria das mães tem a cobardia de faltar, por uma questão de falsa decência, ao cumprimento de um dos seus mais sagrados deveres: iniciar os seus filhos, sobretudo as suas filhas, nos mistérios da vida(...) /porque/ útil pela seguinte razão: alguém virá, mais tarde ou mais cedo (...) uma colega mais «esperta», uma criada maldosa - sobre si esse espinhosa encargo de que a mãe se eximiu e irá macular a pureza - intacta a inocência com alusões torpes, com explicações ignóbeis (...) levando o "assunto" para o lado da obscenidade (...). Ora a mãe saber dizer exactamente o momento em que é necessário entrar neste campo: repetimos sempre)que é muito cedo, que não é pressa (...). Podemos encarar este problema de duas maneiras: pelo lado da religião, ou pelo lado da ciência. Cada uma de nós escolherá o que melhor lhe agrada, fará os paralelismos necessários com os animais e com as flores(...) porque o Mistério da Vida e da reprodução, à luz da religião é uma das maravilhas da obra de Deus; à luz da ciência, é a consequência de uma multiplicação celular; só à luz da obscenidade é qualquer coisa de inqualificável(...)”(Maria Irene Mandail (sic) Rosa. ONF, Ago. 1951).

Neste último caso sugere-se até que, se a mãe não souber responder com franqueza pode sugerir às filhas uma espécie de jogo a que chamarão “Caixa do Correio” e nela as meninas colocarão “(...) perguntas sobre problema sexual (...)que deixam em cada sábado e ela depois responde (...). Isso não tem dificuldade, pois basta-me supor-me no estado de ignorância de quem me interroga, e sem pormenores desnecessários, mas também sem sombra de malícia ou mentira (...)” (ONF, Set. 1951) responder como deve.

Ainda em *Os Nossos Filhos*, para ajudar a formação das mães face à adolescência das(os) suas(seus) filhas(os) se traduz um artigo de Dorothy Thompson²⁵² (cf.

²⁵² Publicado no *Ladies' Home Journal* — de Dezembro, 1950, traduzido por *Suzana pobre*, pseudónimo de Maria do Carmo Rodrigues, também entrevistada para este trabalho em 18 Fev. 2004. Sobre os

Colaboradores estrangeiros) que tenta perceber, de acordo com o “lead” da notícia:”(...) Em que consiste a felicidade dos jovens? Como podem os pais contribuir para essa felicidade. Preparando, ao mesmo tempo, para a vida, os rapazes e as raparigas? Este artigo mostra alguns aspectos do problema, e aponta interessantes sugestões (...)” (ONF, Set. 1951) para a educação das filhas adolescentes. Um dos primeiros cuidados que aquelas devem ter é não fazer tudo e devem ensinar às filhas a fazer tudo.

Em *Os Nossos Filhos* segue-se, nesse mesmo número, a listagem de um conjunto de dez princípios, que seriam necessários para as mães saberem lidar com as(os) filhas(os) adolescentes, a saber: estar “(...) sempre de bom humor, cada dia descobrir novo motivo de interesse e beleza, Praticar todos dias uma boa acção Fazer ginástica todas as manhãs, durante 15 minutos pelo menos; praticar um desporto compatível com a saúde, passar um dia (...) todas as semanas ao ar livre, dormir oito horas, todas as noites, com a janela do quarto aberta, não fumar, evitar bebidas alcoólicas e as comidas muito condimentadas. Beber leite e água pura. Comer principalmente legumes e frutas, trabalhar com entusiasmo e alegria, mas não abusar das forças e procurar o convívio dos jovens, acompanhá-los nos seus sonhos e nos seus problemas (...)” (ONF, Set. 1951).

Na revista são mais frequentes as notícias e os conselhos para que as mães aprendam a lidar com as filhas adolescentes do que com os rapazes em igual período de desenvolvimento. Muitas mães não sabem o que fazer às “(...)filhas mulherzinhas que são desmazeladas (...) que não mostram nenhum interesse pelo arranjo do lar, ou do seu quarto e das suas gavetas. (...) Essas rapariguinhas não foram habituadas, como deviam ter sido, desde a mais tenra idade, a cuidar das suas coisas. As mães que têm muito que fazer preferem fazer tudo com as suas mãos a deixarem que seus filhos pequenos se ocupem desajeitadamente (...). Pior ainda é quando essas mães que escrevem para a revista acusam quem lhes responde de só “escrever teoricamente sobre o assunto (...): É a estas mães que a directora responde, dizendo que as suas sugestões lhe são ditadas “(...) pela experiência e que os meus filhos, aos 3, aos 4, aos 5 anos, já se iam bastando a si próprios! (...)Que sugestões e ensinamentos dá a directora de *Os Nossos Filhos* a estas mães de adolescentes? Em primeiro lugar, sabe-se que “(...) em geral, a criança que de pequenina foi habituada a arrumar os sapatos, e dobrar a roupa, a limpar as

preparativos para a publicação e obtenção dos direitos de tradução em exclusivo para *Os Nossos Filhos*, cf. Base de Cartas do Espólio (Cartas de 19 Fev. 1951 e 31 Jul. 1951Caixa 42. Maço 1). A revista *Os Nossos Filhos* pagou 5 dólares por esta autorização, sendo que a tradução foi gratuita. O texto saiu em ONF, Set. 1951.

gavetas, e a fazer a cama, mais tarde terá esses cuidados como se eles fossem um, complemento inevitável da sua pessoa (...). A situação da adolescente que não mostra nenhum interesse pelo arranjo das suas coisas e do que a rodeia(...) deve ser vista de duas maneiras: “(...) Se o «desmazelo» é acompanhado de preguiça, indolência, apatia, é caso para o médico intervir, e toda a conduta, será orientada por ele, O mesmo se se trata de temperamento muito vivo, de entusiasmos variados e excessivos(...); se o desmazelo existe “(...) por defeito de educação; ou duma adolescente em cuja conduta normal apenas avulta esse defeito, por qualquer motivo que nos escapa mas que se nos não afigura grave — então a mãe poderá sozinha iniciar o seu combate (...). Neste caso, deve “(...) não criar conflitos, incompreensão entre mãe e filha(...)falar-lhe razão, invocar qualidades de que uma mulher deve orgulhar-se e contribuirão para sua felicidade; dar-lhe ex. do trabalho e arranjo, sem se escravizar, não insistir demasiado nos "defeitos" da filha...não lhe dar importância exagerada(...)não a pôr primeiro plano nas preocupações familiares(...)manifestar confiança no bom senso da filha, despertar por meios agradáveis, o gosto da beleza, da cor(...). A mãe terá bons resultados se for constante, discreta, paciente, hábil(...)poderá ajudar a filha criando-lhe um novo ambiente; mandar-lhe pintar o quarto duma nova cor, ir com ela escolher um novo tecido para a colcha da cama ou prateleiras, colocar livros nas prateleiras; oferecer-lhe qualquer coisa bonita, por exemplo, um bonito livro sobre decoração do lar. Fazer tudo isto com entusiasmo, com optimismo, como se abrisse as janelas e deixasse entrar um ar renovado que percorresse toda a casa —a começar pelo quarto da menina. E nada de censuras, de insistências descabidas, de insinuações(...)”(ONF, Nov. 1951). Depois de todo este programa, a directora de *Os Nossos Filhos* apela às mães para que lhe escrevam a relatar os resultados obtidos.

Se as senhoras têm filhas que, em pequeninas tudo faziam e, ao chegar à adolescência mostram “(...) desinteresse por tudo e falta de persistência(...)”, as mães devem ter em conta que a “(...)insatisfação e a instabilidade são próprias da adolescência(...) /Por isso se recomenda que a mãe/ seja companheira para ela (...) e que façam um trabalho de comum acordo, /em que /ela desempenhará a sua parte até ao fim (...)”(ONF, Dez. 1951).

Quando a filha nessa fase precisar de apoio, a mãe deve lembrar-se do tempo em que teve a mesma idade, em que precisou de apoio, em que travou relações com a dor e deve obrigar-se a prestar-lhe “(...) atenção(...)conversarei com ela, longamente, a sós (...)sem ares sentenciosos que a afastariam de mim (...)como camarada que fala simplesmente

das suas experiências (...) que seja minha confidente(...)que me auxilie, que me compreenda também (...)nunca troçarei suas ideias (...)mesmo que as considere ridículas (...)não direi que está na idade das asneiras(...)porque isso a feriria(...). Procurarei interessá-la em realizações úteis como vestir o pobrezinho, ensinar a ler aquele outro rapazito, lavar e dar sopa à neta da lavadeira, arranjar as flores, tomar gosto pelo decoro do quarto, cortar e cose cortinas da casa, pintar de novo os brinquedos dos irmãos (...) respeitarei o seu sentido religioso mesmo que me pareça exagerado(...)não descurarei vida ao ar livre (...) com exercício higienizante, (...)ensinando a saber ganhar e saber perder(...), a interessar-se pelas suas amigas(...). Ela precisa de conhecimentos novos, família não basta (...) precisa de companheiras de brincadeira, de estudo, escolhidas por ela própria (...)aceitarei que não lhe agradem filhas das minhas amigas, não violarei correspondência da minha filha (...) e irei convidar trocar impressões sobre o que lhe escrevem (...)sem ironia (...) mostrar que é deselegante preocupar-se demais com trapos (...) mas se pender para desleixo, estimular arranjar-se com gosto (...) tratar amor com cerimónia sem confundir com simpatia (...) e a camaradagem cristalina sem ideia dúbia (...)” (*Susana Pobre*, ONF, Maio 1952).

Se as mães querem combater a timidez dos adolescentes podem estimulá-la(o)s a fazer coisas que lhe permitam “(...) desenvolver a sua habilidade natural(...)” ou pô-las(os) em contacto com pessoas que tenham os mesmos interesses delas(es) (ONF, Ago. 1952).

Há ainda mais alguns artigos sobre as questões da adolescência que analisamos uma vez que eles contêm uma série de outros ensinamentos que convém que as mães conheçam, para que as mães saibam como agir face a eles.

Na adolescência deverá ter-se muito cuidado com o ambiente em que se vive pois que ele é um “(...)ótimo meio de cultura para cada um desenvolver suas tendências menos sãs (...)”.Para que a(o) adolescente não fique “(...)entregue a si próprio sem auxílio autorizado e sensato(...) é necessário que não seja “(...) desorientado por más companhias, por mau cinema e por maus livros (...)” (*Carmélia Vicente*. ONF, Fev. 1953). Em casa, a família, não deve assustar a(o) adolescente insistindo que a vida não é bem um «mar de rosas», mas dia a dia as coisas modificam-se e tu, se te souberes preparar, ficarás apto (...) muitos dos grandes homens vieram do nada, e conseguiram prodígios! A persistência no trabalho é a alavanca do triunfo, mas torna-se indispensável dominar o pânico(...)”. Os jovens precisam de energias que os façam encarar as provações com optimismo, porque o que dá gravidade, ao mal, muitas vezes, não é o mal em si, é antes o nosso pavor, que nos inibe e manietta (...)” (ONF, Dez.

1956). Quando os pais assim agem mais nada fazem do que aumentar a tristeza e as dificuldades de vencer das(os) filhas(os).

Muitas vezes, as(os) adolescentes ganham defeitos durante esse período de instabilidade emocional. Exemplo dessa reacção é a emergência da onicofagia, ou seja, o defeito de roer as unhas. Para que ela desapareça, as mães devem saber que essa atitude não é uma causa mas um efeito. Para ultrapassar essas situações a menina deve ser levada a identificar o momento que a levou a tomar tal atitude e, depois de identificado, a mãe pode “(...) ajudá-la; a dominar-se, a ter confiança em si própria se é tímida, a entrar na realidade no caso de se perder em sonhos e fantasias, etc.(...)”. Maria Lúcia Vassalo Namorado acrescenta ainda, em forma de conselhos directos às mães: “(...) Faça-a conviver activamente com .jovens da sua idade. O canto, a ginástica rítmica, o desporto moderado, o campismo, são excelentes. Por outro lado, ajude-a, discretamente, a tomar iniciativas, decisões, responsabilidades(...)” (ONF, Set. 1956).

Uma outra característica das adolescentes é a existência de alguns dias de enorme tristeza. Nessas alturas, as mães devem fazer um esforço para se lembrarem da sua própria vida na mesma idade das filhas. Não “(...) é verdade que havia dias em que se sentia só, incompreendida, ansiosa, desanimada? Os adolescentes vivem ainda num mundo irreal, feito de ilusões, de sonhos, e também de pequenos desgostos. Então, as decepções ferem profundamente e surgem as horas de abatimento durante as quais as pessoas mais velhas, e sobretudo as mães, devem usar toda a doçura, toda a compreensão para respeitar e partilhar esses desgostos. Nesses momentos, um sorriso, um gesto, valem mais do que palavras. Sobretudo, não se diga: «És uma patetinha!». A mãe que sabe qual é a sua missão educativa deve “(...)considerar com interesse e simpatia os problemas e desgostos dos nossos filhos, crianças ou adolescentes, e não os inferiorizar, pelo facto de nos parecerem pueris em relação aos nossos. Contudo, o interesse e a simpatia da mãe nem sempre conquistam a confiança total idos filhos, ou por outra, eles nem sempre «se abrem». Fazer segredo dos seus sentimentos, alimentá-los silenciosamente, é muitas vezes uma atitude do adolescente, que também se deve respeitar (...)” (ONF, Ago. 1958).

Como já sublinhámos, ao referir as(os) adolescentes também acontece que a maioria dos conselhos são dados às mães para ajudarem a crescer as filhas. São elas as visadas quando são acusadas de nem sempre percebem as adolescentes pois recusam ver que elas cresceram e que nada sabem da vida nem “(...) de onde vêm os bebés (...)” (*Susana Pobre*, ONF, Jun. 1957). Para colmatar esta lacuna há um artigo de Anália

Torres, uma das senhoras do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* que escreve em *Os Nossos Filhos* sobre a forma como as mães devem explicar a menarca e o nascimento dos bebês às filhas mas, sem nunca mencionar qualquer palavra que identifique o tema. Perante uma situação destas, a mãe deve “(...)explicar com palavras que criança perceba (...) dizer-lhes que as mães transmitem aos filhos as suas qualidades ou defeitos e por isso as mulheres têm de desenvolver todas as qualidades para mais tarde as transmitir aos seus meninos (...) A mãe aproveitará a “(...)a ocasião de a informar da mudança lógica que ela sofrerá em breve, prelúdio da grande alegria que é a maternidade(...) e é bom dizer-lhe que guarde o segredo para com a irmã por ser "muito pequena e para com, as outras meninas, pois não sabe se as mães querem que elas ignorem por mais algum tempo essa lei natural(...) dizer-lhe que tenha sempre toda a confiança na vossa mãe, que a deve informar de todas as dúvidas a tal respeito (...) É preciso insistir no capítulo da confiança. É necessário que a criança nunca procure informar-se por vias escusas encontre na mãe toda o acolhimento e amparo de que precisa (...)” (ONF, Maio 1956).

Dois artigos da autoria de Maria Lúcia Vassalo Namorado chamam a atenção para a necessidade de que sejam tomadas medidas especiais de readaptação de adolescentes após doença prolongada, por parte dos indivíduos empregadores do antigo doente (ONF, Set. 1957) e ainda, como em relação a muitos outros temas, ela pede às leitoras que entrem em diálogo com a revista, dizendo que “(...)Se tem filhos ou(...)se convive com crianças e adolescentes escreva-nos contando as suas observações, a maneira como resolveu os pequenos ou grandes problemas que surgiram (...) a sua experiência pode ser muito útil aos outros pais ou educadores (...) Dê-nos a possibilidade de aqui a apresentarmos, quer se trate de êxitos ou fracassos pois todos os exemplos podem servir de lição (...)” (ONF, Set. 1952).

Como acontece em relação a muitos dos temas abordados em *Os Nossos Filhos*, a apresentação de sugestões e conselhos práticos para as mães aprenderem a lidar com as(os) filhas(os) adolescentes ombreia com outros textos de conhecidas autoridades que escrevem sobre o(s) assunto(s) em questão. Vejamos, agora, de que textos de autoridade se serve Maria Lúcia Vassalo Namorado para ajudar as mães a aumentarem os seus conhecimentos teóricos sobre esta fase específica do desenvolvimento do ser humano, sendo que, a maior parte deles é publicada em *Os Nossos Filhos* na década de 50.

Quadro n.º19. : A Adolescência vista por especialistas:

Autoria	Conteúdos	Localização
Ed. Claparède	"(...) meninas chegam mais depressa idade da maturidade (...) pagam preço (...) menor grau de desenvolvimento intelectual(...)"	Psychologie de l'enfant. ONF. Jul. 1952
Domingos Barnes	puberdade mais brusca meninas (...) duas partes: uma mais visível outra o caos (...) inerente ao novo estado do organismo (...)"	L'éducation de l'adolescence ONF. Jul. 1952
Gabriel Compayré	principalmente para raparigas (...) adolescência semeada de escolhos (...) anemia, neurastenia, dores de cabeça prejudicam(...)"	L'adolescence. ONF. Jul. 1952
Margarite Evard	"(...) a mulher de amanhã valerá conforme tiver sido a educação da adolescente (...)"	La adolescente. ONF, Set. 1952
Constantino Muresanu	"(...) jovem precisa de uma realidade exterior, na qual tenha intervenção, e também responsabilidade, iniciativa e marca: a marca pessoal e a da sua geração, Para isso, tem de criá-la» e para criar essa realidade exterior refugia-se, primeiramente, na sua realidade interior(...)"	La educación de la adolescencia por la composición libre. ONF, Set. 1952
A Repond	"(...) adolescente está cheio de aspirações e de tendências confusas. Simultaneamente sugestionável e desconfiado, impulsionado pela necessidade de confiar em alguém, rebela-se contra o império da autoridade. Entusiasma-se generosamente pelas ideias que lhe parecem sugestivas, por qualquer ideal religioso, humanitário, político, desportivo, etc. Como o jovem tende a escapar a toda e qualquer disciplina e direcção, a autoridade deve ser, nestas ocasiões mais compreensiva, mais intuitiva do que nunca (...)Caindo o termo desta evolução moral numa época que escapa à direcção do Mestre, o seu amadurecimento fica, por desgraça, dependente das leituras e das relações sociais, das concepções novelescas do cinema, das actividades mais ou menos brutais dos desportos, para não indicar senão algumas circunstâncias. Apesar disso, é precisamente esta ocasião que a colectividade escolhe para se desinteressar praticamente da criança das escolas primárias julgando ter por ela feito o suficiente(...)"	La higiene mental del niño en la edad escolar. ONF, Set. 1952
Maurice de Fleury	vimos nós dominados por desoladas quimeras, por invencível necessidade de chorar por nada, sem testemunhas, durante a noite (...) Melancolia dos nossos filhos tem raízes mais profundas. Sendo assim, é nosso dever compreendê-la e opor-lhe um tratamento racional (...)"	Le corps et l'âme de l'enfant. ONF, Set. 1952
Vermeylen	adolescente tem, simultaneamente, tendência para se subordinar a um grupo e, por outro lado, para nele marcar a	De l'enfant de l'Adolescent. ONF, Set.

	sua influência pessoal	1952
Pierre Jeanneret	adolescente se encontra na presença de várias pessoas acontece, com frequência, recusar-se a falai ou, pelo contrário, por gabarolice, jactância ou prosápia fazer-se passar por pior do que é realmente.	ONF, Set. 1952
Benoit Bouché	nunca qualifiquem ninguém de maneira deprimente: "Tu és mal educado"...1º cometem 3 erros: classificam a criança categoria a que não pertence...são injustos, ofendem-na na sua dignidade e abalam confiança em si própria, submetem-na à aprendizagem da qualificação injuriosa dos outros...	A Educação moral das crianças na família. ONF, Out. 1952
Gustave le Bon	Nosso futuro depende daquilo que fizer, disser e pensar a juventude que nós vemos formar-se	ONF, Out. 1952
Almerindo Lessa	só novas mulheres criando novos homens poderão fazer brotar os esteios de novos mundos	Política Sexual. ONF, Out. 1952
Jules Rassak	impressões recebidas na casa paterna, recordação da maneira de viver, suas opiniões e seus actos, subsistem no subconsciente.. peças de teatro, leituras...	ONF, Out. 1952
Ferreira de Mira	/discorda das mães que abrem correspondência às filhas adolescentes/: Tem sido sempre para mim motivo de admiração a perda de contacto espiritual de que muito vulgarmente ocorre na adolescência Entre as meninas e suas mães (...). Algumas são exageradas na escravidão com que se ligam a um berço, ou tratam das bonecas da pequenita, ou lhe ensinam as primeiras letras e as lidas domésticas rudimentares, abandonando-as depois quando elas, fortes de corpo e possuindo esses simples conhecimentos, entram na idade em que, no dizer da Menina a quem me estou referindo há sonhos, anseios, segredos de coração que é preciso confiar às amigas íntimas. É admirável a mãe que possa tornar-se para sua filha a amiga mais íntima(...) Que a mãe a ouça e que não destrua o edifício erguido por esta, limitando-se a limar alguma aresta mais viva....É bom que os façam ouvir em vez de lhes chamar patetinhas (...)"	ONF, Fev. 1953
Mário Gonçalves Viana	tratamento desigual dos filhos (...)É inegável que os adolescentes são conflituosos, de sua natureza. Mas a incompreensão das famílias é, em muitos casos, a fonte de alguns desses conflitos (...) tratados com simpatia, os novos perdem, em geral, o ar irrequieto, altivo e insolente: tornam-se acessíveis. A contradição e o antagonismo juvenis dominam-se com simpatia, com tolerância, e com compreensão.	Psicologia do Adolescente. ONF, Fev. 1953
Vítor Mercante	infância e a adolescência são os dois períodos mais opostos da vida humana. Tudo quanto a escola realiza no sentido de	La crisis de la Puberdad e sus consecuencias

	conservar, na adolescência, o carácter da infância não passa de uma puerilidade; tudo será prematuro quanto a infância realizar com carácter adolescente.	pedagógicas. ONF, Fev. 1953
Ramalho Ortigão	ensine-o a não ter medo (...) estas duas coisas capitais: ser sóbrio e levantar-se de madrugada. Superioridade enorme! É ganhar a sua geração tempo imenso que ele perde a dormir de mais, a digerir dificilmente e a medicar enfermidades.	As Farpas ONF, Fev. 1953
Agnés Blanchard	...hábitos para sua beleza de mulheres não é incitar à toleima...higiene rigorosa, meticoloso asseio, cukltura física racional orientada, lavagem dentes, escovagem cabelos (...)adolescente tanto mais bela quanto mais natural...Sobre gordura ou delgadez...	ONF, Maio 1953
Anónimo	“(...) manter equilíbrio físico e psíquico...instabilidade nervosa...vitaminas a tomar (...)”	(extraído de) Jornal do Médico. de 1-8-53. In ONF, Jul. 1954
Mário Gonçalves Viana	...dos motivos de mais frequente desentendimento entre pais e filhos,, pode encontrar-se na diferença dos mundos (itálico) que cada um deles vive. Os pais erram com uma lastimosa frequência, nas suas relações com as crianças e com os adolescentes, porque se colocam no seu plano, esquecendo que o horizonte dos filhos e o plano em que eles se movem é diverso. Uns tratam como eternas crianças...outros como se fossem desde sempre adultos...Também há alguns quê sacrificam os filhos à sua vaidade e aos seus caprichos (...).Só praticará verdadeiro ofício de pai, aquele que procurar compreender a diferença existente entre si, e o seu filho, diferença esta vai evoluindo conforme as idades. O isso acentua que convém- discernir quais são as faculdades dominantes nas nos jovens, para tirar partido das mesmas, e Trindade, Salgueiro observa,— por seu turno — que a , imaginação de jovem não é a imaginação dê um velho; os perigos dos vinte anos não são os perigos dos sessenta. ..Todo o cuidado é pouco, porque,, muitas vezes, quando os pais julgam dirigir-se ao consciente dos filhos, nada mais conseguem do que provocar respostas do inconsciente. ..Os pais ou educadores que não sabem colocar-se rio mundo juvenil e que não sabem provocar os desabafos e as confidências infantis, arriscam-se a praticar muitos desvios e erros.	/Extraído de/ Psicologia do Adolescente. ONF, Jan. 1955
Ruth Martin	/sobre carta de uma adolescente que considera que ninguém a compreende.../	ONF, Dez. 1955
Mário Gonçalves	adolescência essencialmente pessimista e ao mesmo tempo optimista (...)1º revela-se em crises	/extraído de/ «Psicologia do Adolescente. ONF,

Viana	momentâneas...ansiedade e esperança (...) Goethe dizia para ser verdadeiramente pessimista é preciso ser novo...e Finot elucida que todos os jovens caem nas malhas do pessimismo antes da maturidade do espirito (...).	Mar. 1956
Herbert Spencer	mãe que educa filhos conforme disposição do momento(...)filhos não pela ciência mas pela ignorância dos tempos...	ONF, Mar. 1957
Isabel Junqueira Schmidt	causas principais aos distúrbios da, adolescência provém da sua desadaptação, da sua falta de disciplina física e psicológica \ às imposições novas que a idade acarreta. Disciplinar o adolescente é, conseqüentemente, facilita-lhe a adaptação ao meio social, além de ser factor de monta no desenvolvimento das suas faculdades intelectuais.	ONF, Mar. 1957
Isabel Junqueira Schmidt	nebuloso e por vezes incompreensível, o período da adolescência é de tal maneira plástico, que qualquer trabalho bem orientado neste sentido dará bons resultados	ONF, Mar. 1957

Os textos que, sobre a adolescência, são da autoria de uma das colaboradoras estrangeiras que, simultaneamente, publica em *Modas & Bordados* (Guimarães, 2002), são mais uma compilação de ensinamentos dirigida às mães que ainda tinham muitas ‘superstições’ e ‘erros’ na forma de encarar o quotidiano das transformações femininas da adolescência. O artigo publicado em *Os Nossos Filhos* de Novembro de 1957²⁵³ é o exemplo mais interessante deste grupo pois está escrito como se de um diálogo se tratasse, entre uma adolescente e alguém que a esclarece sem rebuços- neste caso, a autora é Ruth Martin, sobre um conjunto de questões, a saber:

Quadro n.º20. : Perguntas e respostas sobre o quotidiano da adolescente:

porque é que a gente cora sem querer?	Certa timidez...mas realmente interessada no que dizes, não coras...
doces e estou mais gorda e cheia de borbulhas	Fica mais gorda porque sentem muita fome e pequenos aborrecimentos levam a comer doces..., Passa a comer menos doces. Come carne fresca/ Q peixe, e ovos. Come fruta fresca e bebe leite. Não acreditas? Experimenta! ...Seguindo a mesma «dieta e acrescentando bastantes verduras, verás que melhora das borbulhas do rosto (acne). A acne é causada pela actividade excessiva das glândulas, Os poros dilatam, infecção na cara não espremer
durante o período mensal não devo lavar a cabeça?	fazer exercício, tomar banho, lavar a cabeça não fazem diferença nenhuma

²⁵³ No mês seguinte há novo artigo de Ruth Martin sobre os frequentes estados de irritação das meninas (ONF, Dez. 1957).

Tão depressa me sinto boa como má	precisas de uma amiga... porque não a mãe?...
estou apaixonada...ele terno...	Se o teu namorado te expuser ideias ousadas sobre as relações entre namorados — desconfia dele, sua honestidade e do seu amor. Q homem que está .realmente apaixonado por uma rapariga, sabe respeitá-la — seque as suas intenções são honestas.

Uma das recensões críticas, elogiosa, de obras feitas em *Os Nossos Filhos* debruça-se sobre o livro *Psicologia do Adolescente*, de Mário Gonçalves Viana, que fora publicado no Porto, pela Editorial Domingos Barreira, na *Biblioteca de Cultura Portuguesa* (ONF, Maio 1958).

Em *Os Nossos Filhos* será ainda publicada uma palestra proferida pelo Dr. Victor Fontes sobre a adolescência, vista sob o ponto de vista teórico. Essa comunicação fora apresentada “(...)no Instituto António Aurélio da Costa Ferreira (...) no 2.º ciclo de palestras da «Escola de Pais», que teve por tema «A Adolescência», sem dúvida uma das fases mais delicadas nas relações entre pais e filhos; A primeira palestra que temos o prazer de publicar em parte, foi proferida pelo ilustre Director daquele Instituto e nosso Colaborador, Sr. Professor Dr. Vítor Fontes. Seguiu-se-lhe o Sr. Dr. Octávio Dordonnat, director da Escola do Magistério Primário de Lisboa, que falou sobre «Os que querem ser professores do ensino primário»; a Sr.º D. Maria Carlota Lobato Guerra, directora do Instituto de Serviço Social, versou o tema «Vida Social da Adolescência»; o Ver. padre dr. Honorato Rosa, ocupou-se dos «Aspectos morais e religiosos na adolescência»; o Sr, Dr. Silva Nunes, pediatra dos Hospitais Civis de Lisboa, falou de «Alguns problemas médicos na adolescência»; o Sr. Dr. Simão Lopes Gonçalves, médico do Instituto, ocupou-se de «Diversões na Adolescência». O ciclo de palestras foi encerrado pelo Dr. Vítor Fontes(...)”(ONF, Dez. 1958).

Educação masculina

A educação das mães e das crianças é vista como um dos objectivos principais de *Os Nossos Filhos*. A educação das raparigas, nas suas fases infantil e juvenil, mais do que a dos rapazes, é de longe a maior preocupação de Maria Lúcia Vassalo Namorado (de quem é a maior parte dos artigos desta categoria) e das(os) suas(seus) colaboradoras(es). Porém, ao publicar uma revista que aborda os conteúdos que devem estar presentes na educação das raparigas forçosamente se toca naqueles que aos rapazes

dizem respeito. No presente capítulo queremos identificar as questões que, para eles, são apresentadas como fundamentais quer nas fases infantil e juvenil ou mesmo na fase adulta.

Melhor dizendo, esta educação masculina aborda sobretudo as questões que se prendem com a formação do carácter, com a preparação para o casamento e com as relações homem/mulher depois de casados, mais sob o ponto de vista de pais do que das relações entre o casal.

Neste aspecto, apesar da pouca preparação que as raparigas têm, é considerada mesmo assim melhor do que é dada aos rapazes, tendo em vista o mesmo fim. Quem cai neste erro pensa que as “(...)noções vagas dadas a um, pudessem resolver o problema que se apresentará a dois, e por ambos terá de ser igualmente aceite e vivido....Os pais e as mães não se preocupam muito com essas questões uma vez que, também elas(es) não foram preparadas(os) e não é por isso que não se casaram (ONF, Dez. 1948). Tal atitude peca por egoísmo uma vez que se eles(as) não tiveram quem os ensinasse não é repetindo erros que se avança em educação. A escola também não é o ideal para essa necessária formação. Maria Lúcia Vassalo Namorado gostaria que um dia se ensinasse “(...)no Lar e na Escola, a rapazes e raparigas, o que é casamento e o papel que neles cabe. Até lá, continuemos, os idealistas, a desbravar o caminho, a preparar o ambiente, e a dar a mão àqueles que se vêem sós, na encruzilhada mais séria da vida (...)”(ONF, Dez. 1948).

Os rapazes deveriam se estimulados a estudar, a trabalhar, a ser “(...) um profissional perfeito, um homem útil, e também para conquistares a tua independência material. Essa independência permitir-te-á a realização de um dos teus sonhos mais queridos: o casamento (...)” (ONF, Jan. 1949). Para atingir tal fim eles deverão casar cedo mas antes devem levar “(...)uma vida higiénica, activa, equilibrada, que defenda e aumente o potencial das tuas faculdades, das tuas riquezas espirituais, morais, e físicas (...)”. No estudo, ou seja, na vida académica, o método a seguir deve ser o de levantar cedo, “(...)vai alegre para as aulas, sê leal para os teus professores e colegas, aprende o mais que puderes, sem pressa de chegares ao fim, mas sem perderes um passo no teu caminho(...)”. Havendo horas livres pode fazer “(...)ginástica, salta, corre, anda de bicicleta, nada; nas férias, foge para a montanha e para o mar. Vive a vida simples dos pastores e dos pescadores. Não limites os interesses do teu espírito; ...dedica-te um pouco à literatura, à música, ao desenho, ou ao teatro; frequenta na medida do possível bons espectáculos. Concertos, exposições, conferências(...)”. Do ponto de vista social há

que falar “(...) a toda a gente, sem distinção de idades ou posição, mas escolhe os amigos; aproxima-te dos bons e dos honestos. Interessa-te por tudo que seja justo(...) procura alargar a tua compreensão das coisas e das pessoas, e para isso escuta todas as opiniões sinceras (...)”. Do ponto de vista das relações com o sexo oposto, deve conviver “(...)com as raparigas, sê gentil para elas, bom camarada, respeitoso e prestável, e esforça-te por compreendê-las; entre todas, escolhe a que mais te agrade para companheira da tua vida(...)”. Sob o ponto de vista moral, aconselha-se os rapazes a fugir “(...)de tudo o que o bom senso reprova: os maus companheiros, as más leituras, os maus espectáculos, os pequenos e os grandes vícios, tabaco e o álcool, os cafés e as tabernas, as casas de jogo e de perdição(...)” (ONF, Jan. 1949). São estes os vários pontos a respeitar numa boa educação dos rapazes. Eles são essenciais para que, depois, se seja feliz no casamento.

A missão educativa dos pais não pode cingir-se à infância. A adolescência e a juventude são também períodos críticos, por outras razões. Além deste erro, muitos pais ainda fazem distinção educativa entre raparigas e rapazes, “(...)dando todas as atenções às primeiras e deixando em perfeito abandono os segundos, supondo uns que «a vida é para os homens» o que significa que podem entregar-se a todos os desmandos, "julgando outros que os rapazes não correm perigos. Bom seria que tais pais reconsiderassem: os rapazes merecem. Tantos cuidados como as raparigas — e às vezes ainda mais, porque estando ainda estabelecidas duas morais, uma para o homem e outra para a mulher, a sociedade olha com indiferença e até com aplauso muitos erros praticados pelo homem, erros esses que não podem deixar de ser reprovados pelas pessoas verdadeiramente rectas e honestas, e dos quais se torna muito difícil defender os nossos rapazes(...)” (ONF, Abr. 1949). Maria Lúcia Vassalo Namorado reprova, com veemência, a possibilidade que os rapazes têm de “(...) fazer todas as loucuras ainda que a sociedade actual o consinta e louve. Eles precisam de ser honestos e dignos em seus pensamentos e actos(...)” (ONF, Abr. 1949). Para dar mais verosimilhança aos seus argumentos, não se coíbe de descrever uma situação em que, no eléctrico, um rapazinho teria sido aliciado para, a troco de dinheiro, acompanhar um cavalheiro ao cinema...Maria Lúcia Vassalo Namorado considera tão necessário a defesa dos rapazes como a das raparigas. Mas onde vão elas(es) buscar essa defesa? As mães devem estar conscientes de que ela só se adquire através duma “(...) sólida formação moral, e ao mesmo tempo conhecimentos das realidades da vida para que eles possam defender-se e fugir dos maus caminhos e das más companhias (...)” (ONF, Abr. 1949).

Como muitos outros autores da época (Remo de Noronha, Ferreira de Mira) o problema das tabernas e dos divertimentos facultados aos rapazes e homens não podia ser aqui esquecido. Aqueles que as frequentam, decerto serão capazes de bater nas mulheres ou então são capazes de as insultar e bater nas crianças. Maria Lúcia Vassalo Namorado não põe em causa que o operário e do trabalhador tenham direito “(...) a um ponto de reunião(...) mas isso não quer dizer que seja na taberna (...)”(ONF, Abr. 1949). Como alternativa propõe:“(...) Porque não se hão-de fundar casas modestas, de aspecto higiénico, sadio, onde se serviriam refrescantes bebidas feitas à base de sumo de frutos? Essas casas, podiam até organizar semanalmente, ao domingo, um programazinho de variedades simples, sem pretensões. Se há tantos músicos ceguinhos lutando com dificuldades, não serio feliz ideia aproveitá-los para casas de chá, pequenos leitarias, etc., etc..? (...)” (ONF, Abr. 1949). Com esta proposta ela mais não pretende do que contribuir para a resolução de um problema social: ao mesmo tempo, educava-se a sensibilidade e elevava-se a cultura do povo.

Se os rapazes forem, desde cedo, ensinados a assumir os seus erros (ONF, Out. 1949) e a contribuir para a melhoria económica do agregado familiar (ONF, Out. 1949), outros dois fins dessa educação terão sido atingidos.

Mais uma vez as mães não são poupadas a críticas quando se aborda o problema da má educação dada aos rapazes, sobretudo antes do casamento. Muitas, “(...)sorriem das suas aventuras e alardeiam o desafogo económico que lhes permite a satisfação de todas as loucuras. E não admitem que outras mulheres entrem, na família, porque para a sua prosápia e visão defeituosa não há nenhuma merecedora de tal distinção (...)” (ONF, Fev. 1950) não se preocupando quando os filhos (...)procuram e mantêm ligações mais ou menos clandestinas (...)”(ONF, Fev. 1950). Estas mães são duplamente culpadas: além, de egoísta, esta, mãe é injusta; é má para o seu próprio filho e injusta para as raparigas em geral, em particular para aquela que poderia vir a ser sua nora, e a quem deveria receber de braços abertos como a uma filha, a quem deveria transmitir o seu conhecimento do carácter do filho, os hábitos da família, é a sua ciência dos pessoas e da vida; é possível que essa rapariga possuísse costumes diferentes dos seus, até defeitos de educação, mas ela procuraria ainda limá-los, corrigi-los, e talvez o conseguisse; também possível que ela trouxesse à velha casa uma lufada de ar primaveril, e se mostrasse encantadora e alegre, desejosa de ser prestável e de se adaptar(...)” (ONF, Fev. 1952). Estas mães não se importam que os filhos casem mais tarde depois de terem levado “(...) uma mocidade viciosa(...)” . Este filho assim

educado, em contacto com “(...) uma existência falsa e ardilosa (...)/torna-se/desconfiado, céptico e insensível(...) encarando o casamento sem saúde e sem confiança (...)” (ONF, Fev. 1952).

Não são só as mães incultas que descuram a educação dos rapazes. As mães esclarecidas também caem no mesmo erro pois ainda têm “(...) aquele antiquíssimo e funesto conceito de que «ao homem nada fica mal», e de que «a vida é para o homem» (ONF, Dez. 1950). Por tal razão não os esclarecem e não lhes fazem ver que o casamento não é nem uma grande responsabilidade “(...) porque deitam contas à renda da casa, ao custo da alimentação, à despesa não com duas pessoas mas com três ou quatro(...)” nem uma prisão porque “(...) têm de ir jantar todos os dias ao mesmo lugar e à mesma hora (...) e manterem relativa fidelidade a uma só mulher — quando estão tão habituados à tal “liberdade» que se proclama própria e exclusiva dos homens (...)” (ONF, Dez. 1950). Essas mães devem educar os rapazes e as raparigas para o casamento, seguindo os mesmos princípios: ensinando que “(...) no casamento Homem e Mulher têm as mesmas responsabilidades (...)” Desta forma a “(...)mulher continua mãe dos seres a quem deu vida, irmã das outras mulheres, educadora da humanidade (...) sendo esta a melhor maneira de se solidarizar com as outras mulheres(...)”(ONF, Dez. 1950). Elas e eles devem conhecer “(...) os seus deveres, responsabilidades e direitos(...): procure-se que saibam analisar os seus sentimentos, virtudes, defeitos e reacções; fale-se, o mais claro e acertadamente possível, na psicologia do sexo oposto. Quero dizer: dê-se ao rapaz e à rapariga o máximo conhecimento de si próprio e do seu companheiro ou companheira; e a consciência da missão de ambos (...)” (ONF, Dez. 1950) sem interferir nos sentimentos de cada um(a).

As mães devem também incutir nos rapazes, como o fazem nas raparigas, o interesse pelo lar, chamando-os, desde crianças, a ajudar nas pequenas reparações da casa: “(...) substituir um parafuso, colocar um vidro, pintar uma porta, —, eles habituar-se-ão a gostar do arranjo e a dar valor a esse género de trabalho (...)” (ONF, Jan. 1951). Esse interesse pela vida doméstica leva o espírito masculino a não desprezar esses trabalhos “(...) só revela sensibilidade e compreensão(...). Cada um deve ter as suas funções: a mulher «deve» cuidar do lar e da família, «ninguém» pode substituí-la. Mas é preciso que o marido reconheça o que ele e toda a família devem à mulher; não complique a sua tarefa, por ignorância ou egoísmo; e lhe dê a cooperação que as circunstâncias exigam(...)” (ONF, Jan. 1951). Maria Lúcia Vassalo Namorado dirige-se sobretudo “(...) às pobres mulheres sem filhas, irmãs ou mãe que têm marido e filhos, só rapazes; que

levam a vida a arrumar, a limpar, a consertar (...) e que, num dia de doença, não têm quem lhes faça um caldo ou conserte a cama, porque os homens que a rodeiam são absolutamente incapazes de executarem tais trabalhos (...) Estou a pensar (...) no homem que, ao entrar em casa, só sabe exigir, complicar, inutilizar (...) a mulher acaba por se fatigar, perder a paciência, e desejar que ele esteja em casa o menos tempo possível (...)”(ONF, Jan. 1951).

Estas considerações gerais sobre a educação dos rapazes para o casamento transformam-se em conselhos de educação para os pais seguirem. Devem orientar os filhos para que estes “acertem”. Para tanto, não basta escolher uma rapariga bonita, saudável, trabalhadora, amiga do marido. É preciso ter afinidades sentimentais, interesses intelectuais, conhecer as reacções psicológicas e os hábitos adquiridos, entre muitos outros factores. Para ensinar os rapazes a escolher a rapariga com que possam “acertar”, eles devem ser ensinados, de muito novos, “(...) a apreciar nas raparigas as virtudes morais, as qualidades de trabalho, a inteligência, a boa educação (...)” que as “(...) apreciem pelo seu espírito, pelo seu coração, pela sua personalidade(...)” (ONF, Fev. 1951). O alargamento das relações de amizade a famílias “(...) dignas da nossa estima, confiança e consideração(...)” permite a convivência com outros jovens e impede que vão “(...) escolher entre as carinhas bonitas que encontram na escola, no escritório, no cinema ou na rua (...)” (ONF, Fev. 1951).

A educação masculina é de tal modo importante que, em Agosto de 1951, será criada “(...) a «*Escola de Maridos*», uma nova secção dedicada aos maridos e aos filhos já homens das nossas leitoras (...)” (ONF, Ago. 1951). A orientadora desta secção será a *Avòzinha*, como vimos, um dos pseudónimos de Maria Lúcia Vassalo Namorado com o qual responde ao correio das leitoras. A *Escola de Maridos* terá catorze capítulos²⁵⁴ e ‘funciona’ através das lições publicadas na revista. Não esqueçamos que neste mesma altura tinha sido iniciada a *Escola de Noivas e Donas de Casa*, dirigida às leitoras da revista. A ideia daquela nova escola surgira-lhe ao ver uma “(...)foto de curso de puericultura que funciona na América para pais (...)”. A razão que a leva a iniciar esta nova ‘escola’ é só uma: a de que “(...) o homem não está preparado para ser o companheiro da mulher de hoje (...)” porque, a mulher, durante muito tempo, “(...)vivia

²⁵⁴ Estas lições são publicadas nos números de Agosto, Novembro, Dezembro de 1951; Janeiro, Fevereiro, Março, Abril, Maio e Julho de 1952; Maio, Junho e Julho de 1953. Em Dezembro de 1952 e, sem continuação, há um artigo intitulado *Escola de Sogras* que analisamos também neste capítulo.

em situação subalterna, privada de instrução, de decisão própria, de convivência, quer a sua situação fosse a de escravizada no trabalho ou endeusada na ociosidade. Esta diferença deu naturalmente ao homem uma grande superioridade intelectual e mental, superioridade que, ligada à força física, lhe estimulou a vaidade, ao mesmo tempo que tornava decisiva e indiscutível a sua autoridade. O homem de hoje não tem culpa de que fosse assim, nem de ter recebido como herança a convicção altiva duma superioridade fatal e indestrutível (...). Os séculos passaram (...) e a mulher começou a instruir-se (...) libertou-se, expandiu-se (...) adquiriu consciência das suas possibilidades, e utiliza-as; vê, compreende. Compara, analisa, discute, sabe, realiza. Entretanto, o homem não compreende bem o que se passou e sobressalta-se. Preocupar-se quando vê a mulher sua concorrente ao trabalho remunerado, embora beneficie das suas actividades (...) está sempre pronto a criticar e censurar a sua conduta e reacções; mas jamais se lembrou de perguntar "sou o companheiro de que a mulher de hoje precisa? Procuo compreendê-la, ajudá-la, tornar-lhe a vida agradável fazê-la feliz?" (...) Ele vê a sua superioridade de séculos vacilante (...) a sua incomensurável vaidade ferida. Já não pode dispensar a cooperação intelectual e económica duma companheira instruída. Esclarecida e trabalhadora; mas revolta-se perante o inevitável, e então fere-a na sua sensibilidade, recusa-lhe a consideração que lhe deve, amesquinha-a e explora-a(...)" (ONF, Ago. 1951). A Avòzinha decidira formar esta *Escola de Maridos* porque recebia muitas cartas de "(...) mulheres jovens, entre os 25 e os 35 (...) casadas, algumas de pouco tempo, e já completamente desiludidas. Todas elas são boas raparigas, sinceras, dedicadíssimas ao seu lar e ao seu marido, ansiosas de compreensão e felicidade, e dispostas a tudo para a alcançarem; todas têm filhos e possuem rendimentos ou ganham o suficiente para se manterem. Todas se queixam do abandono a que são votadas logo após o casamento ou escassos anos volvidos — por maridos boémios, gastadores, grosseiros, mal orientados, que lhes não dispensam a mínima atenção, que se não preocupam com a tranquilidade e o bem-estar da mulher, nem com o futuro dos filhos; algumas até são maltratadas e exploradas. Estas mulheres querem desesperadamente salvar o bocadinho de sonho que ainda acalentam sem o saberem, querem prender nas suas mãos o verdadeiro lar e a verdadeira família que sonharam, apesar de só terem colhido desilusões. São dignas e corajosas! E são desprezadas, humilhadas, como se não merecessem a mínima consideração! A frequência de casos assim apavora! E faz pensar. É preciso preparar o homem para o casamento, é preciso dar-lhe consciência dos seus deveres para com a família que formar (...)" (ONF, Jan. 1954). Um(a) leitor(a)

mais distanciada(o) destas questões julgará, da leitura do artigo, que se trata de exagero de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Se lermos muitas das cartas do *Espólio*, usadas com espaço para desabafo de mágoas, veremos mais exemplos do que aqui é resumido pela directora de *Os Nossos Filhos*. Não identificamos as dezenas e dezenas de mulheres que se queixam por pudor e respeito.

Esta nova escola não se dirige aos homens que agem assim “(...) por cálculo ou crueldade (...)esses não-de existir sempre, posto que em menor número à medida que se caminhe para uma possível perfeição (...)” nem àqueles que “(...)simultaneamente inteligentes e esclarecidos (...) sabem ser companheiros perfeitos de suas mulheres(...)”. Só serão alvo dos seus ensinamentos aqueles que “(...) procedem impulsivamente, inconscientemente, por atavismo, ou ignorância, ou desforra de tibiezas e inferioridades escondidas no subconsciente, porque esses, uma vez esclarecidos, poderão emendar-se(...)” (ONF, Ago. 1951).

Esta escola seria desnecessária se as mães soubessem educar os filhos para futuros maridos. Com isso, em muitos casos, não acontece, a secção destina-se aos “(...) que nos escrevem, que são sinceros e não sabem como proceder. Com esses conversaremos nesta pequenina, elementar e despreziosa «Escola de Maridos» (...)” (ONF, Ago. 1951).

Ao longo destes artigos, a *Avòzinha* deixa uma série de dados que devem ser vistos como os ensinamentos adequados para os rapazes que são o público alvo da secção. Em primeiro lugar, quer entre as mulheres que vivem em casa quer entre as mulheres que trabalham há, como sempre houve, a “(...)mulher virtuosa, de boa formação moral, inteligente, esclarecida, activa, e a mulher preguiçosa, estúpida, ignorante, de espírito acanhado e moral débil (...)” (ONF, Nov. 1951) devendo-se preferir a “(...) mulher bem dotada e bem preparada para a vida (...)” (ONF, Nov. 1951).

Os homens têm de se convencer de que estão errados quando pensam que “(...)as mulheres cultas, as mulheres intelectuais, as mulheres profissionais, são excelentes para camaradas ou para esposas dos outros (...) porque para sua mulher, queria a mulher caseira, dócil sem vontade ou opinião que não fosse a dele (...)”(ONF, Dez. 1951). Também aqueles que impedem que a mulher trabalhe depois de casada, se antes o fazia, não percebem que ela se resignará durante algum tempo mas, a pouco e pouco, ficará “(...)mal humorada, impaciente e caprichosa (...)”. O conselho que devem seguir é o de que se quiser “(...) casar com uma mulher que seja só dona de casa, escolhe-a entre as muitas raparigas que são só donas de casa e não querem ser outra coisa. Nunca exijas

nem peças «demais». Porque há quem seja capaz de dar «demais»; e isso é um erro tremendo, que pode vir-se a pagar muito caro (...)” (ONF, Dez. 1951).

As famílias devem ter atenção à escolha de noiva em famílias onde haja problemas mentais porque muitas vezes o «mau génio», a «teimosia», a «preguiça» a «estupidez», a «falta de jeito», a “irascibilidade», os «nervos», etc., são manifestações de perturbações psíquicas (...)”(ONF, Dez. 1951). Também devem tirar informações “(...) sobre a saúde da noiva e família(...)mas ” (...) se resolveres casar com mulher doente fá-lo com plena consciência das responsabilidades que tomas, e vê se estás disposto a sofrer(...)” (ONF, Jan. 1952). Em relação a si mesmo, o rapaz deve também informar a noiva de doenças e “(...)taras de que és portador(...)” porque “(...)o ludíbrio é das coisas que mais custam a suportar e a esquecer. Franco, sincero, verdadeiro, encontrarás quem te queira (...)”(ONF, Jan. 1952).

Algumas das lições da *Escola de Maridos* são dirigidas não aos rapazes solteiros, como algumas das que já referimos, mas aos homens casados. A *Avòzinha* tratando-os directamente por “tu”, dirige-se-lhes tomando sempre a defesa das mulheres: “(...)Para a mulher a casa é um ninho(...)se não tens hábitos de método e ordem tenta adquiri-los, não troces, não censures, não olhes de alto (...) Se não podes compreender as suas preocupações pelo arranjo, tenta não depreciar (...). A casa é trabalho(...)e a mulher não é máquina (...) possui sensibilidade e inteligência e precisa de satisfazer uma e outra (...) não é justo nem inteligente considerar a mulher incapaz de se interessar por outra coisa que não seja o trabalho doméstico e entretê-la nele como se faz aos irracionais (...)” (ONF, Fev. 1952). Como poderá então o homem contribuir e respeitar o trabalho da mulher? “(...)Procura ser jeitoso e prestável, arrumando as tuas coisas, evitando sujar e estragar, não deites para o chão papéis e cinza de cigarro, limpa bem os pés antes de entrar em casa, dobra o teu guardanapo, não deixes água suja no lavatório e banheira, limpa tu próprio o teu calçado se não tens criados a quem mandes fazer esse serviço(...)” (ONF, Fev. 1952).

Outro dos cuidados a ter durante o namoro deverá ser o de estabelecer entre ambos um clima de verdade. Este texto, aliás como o anterior, e muitos dos excertos das lições da *Escola de Maridos*, depois de analisado, parece-nos autobiográfico. Vejamos o que diz Maria Lúcia Vassalo Namorado, encoberta sob o seu pseudónimo: o “(...)Homem no namoro deve ser sincero, verdadeiro, não prometer o que de antemão sabe que não poderá cumprir (...)Maria a quem o marido disse ganhar menos mal, ter alguma coisa;(...) era tão bom rapaz, mostrava-se tão apaixonado, prometia-lhe tanto carinho e

uma vida tranquila e feliz, embora simples! Maria acreditou, E casaram. (...)Ao chegar à terra do marido. Maria não encontrou a casinha com o pequeno jardim nem o piano, nem a biblioteca(...) ganhava ainda menos do que dissera(...) as dificuldades do casal eram enormes(...) pior: parecia ter esquecido completamente os planos que lhe apresentara, como se nunca tivesse pensado neles; jamais via que ele fizesse qualquer para vir a realizá-los. Maria compreendeu a sua situação. Corajosa nem sequer hesitou: enfrentou-a, decidida a vencê-la. (...) economizou, economizou, economizou; mais: trabalhou para ganhar dinheiro; milagrosamente as suas forças renovavam-se cada dia. Maria podia orgulhar-se de ter ganho uma grande batalha da maneira mais nobre e digna; os seus filhos desenvolviam-se educavam-se graças principalmente à sua decisão e energia, aos seus sacrifícios. Mas, no íntimo, Maria era imensamente infeliz. Sentia-se traída, enganada, ludibriada. Em vão se esforçava por compreender e admirar sem reservas o marido. Esta ideia de ludíbrio perseguia-a, enchia-lhe a alma de amargura e duma sensação de fracasso, não obstante o seu triunfo pessoal. Ele tinha-lhe mentido, tinha-lhe prometido em vão(...). Sentia ímpetos de voltar violentamente para trás. Sob aparência de mulher decidida que domina a vida, não passava dum ser infeliz e revoltado. (...). Pensamento envenenou-lhe a vida e foi causa de desarmonia e discussões entre os dois(...). Mais tarde compreendeu que talvez não tivesse havido ludíbrio nem deslealdade /mas/ o desejo de conquistar a mulher que lhe escapava(...) a total ignorância da psicologia feminina, a falta de consideração pela felicidade da mulher escolhida teriam levado Júlio a não ser sincero. Mas esta compreensão(...) só chega com os anos, e não impede que se passe a melhor parte da vida sofrendo tremendas desilusões(...). Maria era equilibrada, corajosa, honesta; a saúde e a resistência física surgiram quando foram necessários; porque teve possibilidade de trabalhar e ganhar dinheiro; porque lhe nasceram os filhos e o amor materno a compensou das desilusões no amor conjugal(...)" (ONF, Abr. 1952).

Esta ideia é retomada no mês seguinte quando chama atenção para a necessidade de, desde os primeiros tempos, o homem saber que a mulher "(...) não esquece jamais as primeiras delicadezas e atenções que o marido lhe « dispensou» como não esquece as suas primeiras faltas e incorrecções (...)" Logo na altura do casamento o marido deve "(...) dispor a sua vida de forma a que, durante alguns dias, ainda que dois ou três, não tenha que ocupar-se senão da sua felicidade. E procure ser, sempre e principalmente, correcto, delicado, atencioso, sem cair exageros, perigosos por não poder mantê-los.

(...)” (ONF, Maio 1952). Aconselha ainda a que o homem não esqueça²⁵⁵ “(...) as datas felizes da vossa vida (...). Pelo facto de, ela ser, já a tua mulher, não te julgues, dispensado de lhe fazer a corte. (...)Repara no vestido(...)de maneira discreta, com naturalidade e sem exageros (...)” (ONF, Jul. 1952).

Em alguns textos volta a dirigir os conselhos às mães dos rapazes casadoiros para que não descurem a educação moral, voltando também a insistir na ideia de que é “(...)preciso fazer desaparecer o preconceito cínico de que «os rapazes são para a vida», de que «aos homens nada fica mal”(...)” (ONF, Mar. 1953). Esta chamada de atenção para a formação moral dos rapazes é feita para evitar que as mães se esqueçam de que quem “(...)descura a preparação moral dos seus rapazes, contribui grandemente para que se mantenha ou agrave esse alarmante, doloroso e gravíssimo problema das mães solteiras e dos filhos ilegítimos (...)” (ONF, Mar. 1953).

O homem que descobre que a mulher “(...)é menos esperta ou menos ilustrada do que desejaras (...)” (ONF, Maio 1953) deve ajudá-la a progredir, reparando nas suas qualidades e “(...) com paciência e delicadeza, sem a humilhar e sem a envaidecer, ensina-a, corrige-a, e verás como ela corresponde ao que dela esperas (...)” (ONF, Maio 1953).

Finalmente, a *Avòzinha* chama a atenção para a vantagem que o homem tem de entregar parte do dinheiro da casa para a mulher administrar (ONF, Jul. 1953) e ainda para o cuidado que o marido deve ter de pensar “(...)no exemplo que dás o teus filhos; não apenas exemplo de honestidade e trabalho (...) também exemplo de marido atento e delicado (...) /para que os filhos/ o imitem em relação à mãe e às futuras companheiras(...)”(ONF, Jun. 1953).

No número em que terminam as ‘lições’ da *Escola de Maridos*, em resposta a uma carta de uma leitora, a *Avòzinha* mostra a sua desilusão face ao que tem sido a educação dos homens mas também desabafa sobre o que se pode(ria) fazer: “(...) Os homens são muito complicados (...) são o produto duma educação erradíssima e duma sociedade cheia de defeitos. Lutemos para que esta triste realidade se modifique, procuremos que os nossos filhos sejam melhores e mais perfeitos, procuremos, se for possível, que os nossos maridos se modifiquem, mas, se não se modificarem, tenhamos

²⁵⁵ Esta recomendação feita pela *Avòzinha* vai ser repetida, por outras palavras, por uma colaboradora *Maria de Lourdes* que aconselha o marido a ser sempre simpático para a mulher e a não esquecer “(...) o dia dos seus anos o do aniversário do vosso casamento(...)” (ONF, Mar. 1953). Será que *Maria de Lourdes* é também Maria Lúcia Vassalo Namorado?

a coragem de os aceitar como são, tratemo-los mais como filhos do que companheiros, e lutemos corajosamente por conservar a nossa serenidade, o nosso optimismo, o equilíbrio da nossa vida e a possível harmonia do lar. Ah! É bem difícil a posição das mulheres que começam a abrir os olhos num mundo errado! Mas não podemos desesperar, nem fugir à luta e temos de vencer! (...)” (ONF, Jul. 1953). Uma leitura mais superficial deste texto diz-nos que, apesar de tudo, Maria Lúcia Vassalo Namorado era uma feminista moderada. Discordamos desta interpretação pois parece-nos que esta mulher, aos 44 anos, procurava manter um casamento que a torturava quotidianamente e uma profissão que a desgastava mas continua a acreditar que é possível melhorar, pelo menos educando de forma diversa as gerações mais novas, rapazes ou raparigas. As duas últimas linhas do texto são um grito ensurdecido de angústia e determinação.

No âmbito da Educação masculina e também da feminina, em Outubro de 1953 vai iniciar uma nova secção²⁵⁶ – *Falam os rapazes e Falam as raparigas* - em que, alternadamente, dá a palavra aos rapazes e raparigas adolescentes para nela expressarem as suas necessidades, os seus anseios, as suas dúvidas face ao outro sexo ou a outras questões da vida. Não a analisamos neste trabalho porque aborda quase só problemas do quotidiano dos adolescentes e não tem qualquer tratamento mais aprofundado, do ponto de vista educativo, dos textos publicados.

Ao educar os rapazes para assumirem as sua responsabilidade enquanto pais, a directora da revista tentará ainda, através de uma sistematização e caricatura²⁵⁷, apresentar seis tipos de pais: o *jovem pai*, o *pai sabe tudo*, o *pai distraído*, o *pai bonacheirão*, o *pai silencioso* e o *pai papão* (ONF, Out. 1957). Deles fará uma breve

²⁵⁶ A leitura destes textos foi feita na íntegra e está transcrita na base que foi feita para a leitura dos artigos de *Os Nossos Filhos* (Cf. Apêndice a cap. 4 deste trabalho). Para sublinharmos, mais uma vez, como esta revista teve impacto social no período em que se publicou mencionamos que foi nesta secção que, pela primeira vez, Maria Rosa Colaço publicou, sob o nome *Maria Rosa* ou *Bia Rosa* os seus primeiros textos e poemas como *Propósitos*. Em Fevereiro de 1954, dirigindo-se-lhe directamente, escreve Maria Lúcia Vassalo Namorado a *Bia Rosa*:“(…) Continua trabalhando e, se quiseres, podes mandar uma foto de crianças e escrever um artigo sobre essa região e a maneira como aí vivem as mulheres e as crianças. Conta-me também o que fazes, sim? Interesse-me imenso por ti (...)” (ONF, Fev. 1954). Chamamos a atenção para três dos muitos depoimentos que nela lemos: um de Sinclética Soares dos S. Torres, futura procuradora..., estudante mestiça que, da Figueira da Foz, escreve em 5 de Agosto de 1953 (ONF, Out. 1953), um outro de Maria Lira Pereira que se queixava dos rapazes e outro de *F.P.K.A.*, ou seja, Pitum Keil do Amaral que responde a esta menina e que depois se conheceriam em Lisboa (ela vivia no Funchal e a mãe, Dalila Pereira assinante de *Os Nossos Filhos*, fora uma das participantes no número temático sobre a Madeira), estando, hoje, casados há 32 anos (Carta de Maria Lira Keil do Amaral de 3 Março 2004. Doação Ana Maria Pessoa) .

²⁵⁷ Esta ideia de usar a caricatura para, através dela, mostrar como se podia ler o carácter através do estudo fisionómico fora usada pela revista *Eva*, n.º 170 de 11 de Agosto de 1928, p. 10 para mostrar as diferenças entre um “bom” e um “mau marido”.

caracterização e acrescenta mesmo um desenho sobre o perfil tipo de cada um deles. No final do artigo, porém, considera que “(...) os pais são todos os mesmos: um coração que sofre com as dores dos seus filhos, se enternece com a sua felicidade e se entusiasma com os seus triunfos(...)” (ONF, Out. 1957).

Sobre a educação masculina vista nesta perspectiva também se pronunciam outras(os) colaboradoras(es), quase todas(os) no mesmo sentido de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Adriana Rodrigues, antes desta *Escola de Maridos* aconselhava que “(...)se os seus filhos já são homens peca-lhes esses pequenos serviços. É preciso inculcar nos rapazes o amor e respeito pelo lar (...)«É de menino..», como diz o povo, que se moldam as mentalidades. Nada de rapazes à boa vida, de mãos nos bolsos, estirados nos maples, assobiando o ultimo «slow» em voga. É de criança, que se cria gosto pelo trabalho (...)”(ONF, Fev. 1949).

Durante alguns artigos será Anália Torres a descrever a vida de uma jovem portuguesa que fora viver para Inglaterra por ter casado com um inglês. Constatase que a vida do casal lá é bem diferente da que as mulheres aqui levavam uma vez que as criadas eram dispensadas, o marido e o sogro da jovem cosiam meias, as tarefas quotidianas eram partilhadas por todos e os homens “(...) interessam-se profundamente pela vida doméstica, e não a encaram com desprezo, como na nossa terra (...)” (ONF, Abr. 1951). Esta colaboradora, “(...) avó de meia dúzia de netos (...)” (ONF, Fev. 1952) também defendia que os jovens deviam casar cedo. Esta questão pode parecer hoje de somenos importância; porém, “(...) este problema inquietante preocupa sobretudo os dirigentes dos países onde a prostituição está abolida e que se esforçam por facultar aos jovens possibilidades sérias de fundarem uma família, ajudando-os de princípio, tornando-lhes possível empregos remuneradores que lhes permitam sair da casa paterna (...)”(ONF, Fev. 1952).

Uma das questões que preocupa Maria Lúcia Vassalo Namorado é a da formação moral dos rapazes e a sua preparação para, sob esse aspecto, conduzirem a sua vida sexual e respeitarem o casamento. Para explicitar o seu pensamento sem ser acusada de imoralidade, ela irá publicar um excerto de uma conferência²⁵⁸ de A César Anjo Filho porque aquele médico também defendia o «casamento precoce aos vinte anos ou pouco depois». Desta forma ele enfrenta, opondo-se-lhes, aqueles que

²⁵⁸ O texto dessa conferência foi lido no Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado: ANJO, A César (1951) – Educação sexual e moral da juventude: conferência pronunciada em 4/5/51 no Salão Nobre da Associação Académica de Coimbra. Coimbra: secção de Textos da AAC. 45 p.

defendiam que o “(...)casamento só pode ser tomada numa idade madura(...)”, os que argumentavam “(...)sobre a necessidade de o chefe de família ter uma estabilidade económica e social (...)” ou ainda contra os que afirmavam que “(...) os noivos jovens não estão preparados para uma vida sexual regular(...)” (ONF, Mar. 1952). Para refutar tais argumentos, o autor afirma que, dos estudos feitos por si, a “(...) capacidade para uma decisão, além dum certo limite, não depende, do factor idade, mas, fundamentalmente, da educação e da formação mental(...) /enquanto que /a situação económica é que devia adaptar-se aos interesses biológicos e espirituais dos indivíduos e não o inverso (...)”. Por esta razão o médico defende que “(...) sem o casamento precoce, o jovem vai descaradamente, ou sob a máscara da pureza para a libertinagem; e se a tal válvula se lhe não abrir, corre o risco da nevrose ou da atrofia sexual (...) a solução não é simples; para lhe dar universalidade, impõe-se transformações económicas e políticas (...)” (ONF, Mar. 1952) como haviam sido feitas em França, Inglaterra, Checoslováquia e Suécia onde os governos subsidiavam os jovens que quisessem casar-se. Esta solução (que também é defendida por Anália Torres) é a mais correcta para Maria Lúcia Vassalo Namorado que a apresenta por interposta pessoa.

Na educação masculina tem todo o cabimento a reflexão sobre o tipo de leituras a que os rapazes têm acesso. Em artigo que dois anos antes²⁵⁹ fora publicado no *Jornal do Médico*, o médico Cidrais Rodrigues chamava a atenção para “(...) a literatura erroneamente chamada para rapazes e que, sob os nomes de romances policiais ou de aventuras, quando não até sob a forma ,de histórias em quadrinhos, se dedica a contar aventuras torpes. E por vezes até obscenas, de violências, assassinatos e crimes (...)” (ONF, Jul. 1957). Sendo o nível cultural da população considerado muito baixo, o autor defendia a utilidade “(...) dos poderes directivos(...)” proibirem a publicação de obras deste género “(...)tanto mais que muitas delas nos vêm do estrangeiro, escritas em português «macarrónico», com erros crassos de sintaxe ou ortografia, em certos casos até no título (...)” (ONF, Jul. 1957).

Obras de boa leitura seriam as que se aconselham, na revista, para os pais e educadores, as obras para a juventude ou para as mães lerem aos filhos.

²⁵⁹ O artigo do médico Cidrais Rodrigues fora publicado em *O Jornal do Médico* de 12 de Fevereiro de 1955; a sua publicação em *Os Nossos Filhos* aconteceu no n.º 182 de Julho de 1957.

Educação feminina

Em *Os Nossos Filhos* dividimos ainda a análise da educação das mulheres em duas categorias: a educação feminina e a educação das mães; na primeira, a que analisamos seguidamente, colocamos os conteúdos que se devem ter em conta na educação das raparigas em geral e, na segunda, apenas aqueles que devem ser ensinados às futuras mães ou às que já o são mas que para tal não receberam preparação adequada.

Depois de Maria Lúcia Vassalo Namorado, a colaboradora que mais artigos escreve sobre os conteúdos que devem integrar o currículo de educação feminina é Adriana Rodrigues²⁶⁰. Tal como a directora de *Os Nossos filhos* também ela coloca um rigor absoluto no que faz e, na revista, escreve textos deveras interessantes onde revela uma sólida cultura geral²⁶¹. Essa qualidade no trabalho que executa, estava já patente na monografia²⁶² final do *Curso de Educadora Familiar* que fizera, em 1939, no recém criado *Instituto de Serviço Social*, um documento em que, com um rigor metodológico e sociológico dignos de nota, analisa a vida de uma família de pescadores. O seu empenho na promoção da educação das raparigas é evidente ao longo de toda a sua

²⁶⁰ Cf. *Apêndice Cap. 4-Biografias e bibliografia* no final deste trabalho. Esta colaboradora, Adriana Antónia de Paiva Rodrigues, casada em 28 de Junho de 1947 com Barata Moura será a mãe de uma única criança: José Barata Moura, actual reitor da Universidade de Lisboa, nascido a 26 de Junho de 1948. A colaboração aqui analisada e publicada em *Os Nossos Filhos*, de Janeiro de 1945 a Abril de 1954 será sempre assinada apenas como *Adriana Rodrigues*.

²⁶¹ Adriana Rodrigues será uma das colaboradoras que participa no programa de rádio que, nos meados dos anos 40 a directora de *Os Nossos Filhos* organizou no *Rádio Clube Português* (cf. Programa radiofónico, neste trabalho). Também escreveu contos para crianças: (1943) - *A Estrela do oriente: contos para crianças* e *Horas alegres: contos para crianças*. ambos em 1943. O primeiro, com o *Nihil obstat* de 12 Nov. 1942 é composto por 23 contos de que nunca foram abertas as respectivas páginas, tem dedicatória manuscrita: "Para a amiga e boa Maria Lúcia dar a ler a seus filhos, oferece com muita consideração a Adriana Maio de 1945"; o segundo, com o *Nihil obstat* de 12 de Nov. de 1943, contém 11 contos que foram lidos, com dedicatória manuscrita igual à anterior. A editora deste último, a *LIAM-Liga Intensificadora da Acção Missionária*, cujo fim era a promoção da "(...) formação da consciência missionária em Portugal, criando núcleos de irradiação do espírito missionário: Ligas Missionárias e Centros da Associação de N^a S^a de África e editando *Acção Missionária*, a publicação missionária de maior tiragem e assinatura em Portugal (...), *Portugal em África*, revista de cultura missionária /e/ *Biblioteca Missionária* colecção variada a que *Horas Alegres* serve de introdução. A sede da Editora era na Rua de Santo Amaro, à Estrela, 47, em Lisboa.

²⁶² O único documento existente sobre ela na Biblioteca daquele Instituto é *Cidade de Lisboa: Freguesia de Santos-o-Velho: Estudo de uma família típica*, de 115 páginas, dactilografado e ilustrado. O estudo incide sobre a família de António da Silva Teixeira e Maria Rosa Peixinho, ele com 38 anos, natural de Ílhavo, analfabeto, marítimo de profissão, ligando "(...) pouca importância às coisas da política (...)" (p. 81); e ela com 32 anos de idade, da mesma terra, com alcunha de *Piorra*, grávida do 5º filho, teve um tumor no utero(sic) (p. 82), sabia ler e escrever porque aprendera com a madrinha que era modista; a apreciação que dela é feita é "(...) farta-se de trabalhar(...)". O casal tinha quatro filhos: Adamastor, de 10 anos, com 1.44m de altura, frequentando a 2ª classe; Idalina de 8 anos, Joaquim de 5 anos e Maria Irene de 2 anos. Os desenhos que ilustram este trabalho são espantosos sobretudo aquele em que, para mostrar o número de mulheres por profissões, é feito um histograma em que cada "barra" é o desenho de uma mulher, vestida conforme a profissão e em que a altura é proporcional ao número total de mulheres que pratica essa profissão.

colaboração em *Os Nossos Filhos* que se desenvolve entre Janeiro de 1945 e Abril de 1954. Os artigos que escreve (cf. índice onomástico) são sobre a casa, as relações entre mães e filhas, entre senhoras e criadas, sobre orientação da casa, sobre as férias das meninas (ONF, Ago. 1945), o pedido de casamento (ONF, Fev. 1946), entre tantos outros, sempre muitíssimo bem escritos, acutilantes, bem estruturados e irónicos.

Antes de vermos quais as propostas que a revista *Os Nossos Filhos* apresenta para uma educação feminina não podemos deixar de referir que a preocupação com a educação e a instrução das raparigas não foi sempre vista como dado adquirido; muito frequentemente, “(...)por meio do riso e da troça, os homens procuravam combater a ideologia (...) da igualdade dos sexos (...) e /só/ os finais do séc. XVIII vêm surgir em Portugal as primeiras manifestações de uma política educativa pública capaz de franquear a escola a um e outro sexo”(Fernandes, 2003. p. 14). No caso das crianças expostas ou enjeitadas “(...)uma vez completada a primeira criação, eram as meninas entregues a casas particulares, para que aprendessem na pratica as lides domésticas, entre as quais se contavam as “prendas” manuais (...)”(Fernandes, 2003. p. 14).

Muitas vezes, durante o século XX, foi criticada a educação dada às raparigas porque, quando algumas foram frequentar as escolas, fora certo que se tinham desenvolvido do ponto de vista intelectual, mas havia-se esquecido a sua preparação para as funções de mãe e dona de casa. Como antes houvera diversos textos irónicos sobre a formação intelectual das raparigas (Fernandes, 2003. p. 14 e seg.) era chegada a vez de ironizar com aquelas que, tendo aprendido inúmeros conceitos teóricos desconheciam, por completo, as regras elementares da criação dos filhos como deduzimos do soneto de Rolando de Viveiros em que se afirma: “(...) Ela fala o francês correctamente/ traduz grego e latim, na perfeição/ ninguém lhe leva, a palma em alemão/ e exprime-se, em inglês, fluentemente. /Para ler Nietzsche e Spinoza dá um dente.. /Pelo Zola tem grande admiração. Ao piano, executa, com paixão, trechos dos Mestres, proficientemente. /Esculpe, pinta lindas aguarelas, verseja; escreve artigos e novelas; joga o xadrez e & «bridge» com mestria. /Casou. Há pouco tempo, veio-lhe um filho/ e tem andado, agora, num sarilho/ por «não saber» criá-lo... Que ironia! (ONF, Jul. 1947)

Sobre a *instrução* e a formação profissional que as raparigas poderiam e deveriam ter analisaremos as propostas de *Os Nossos Filhos* mais adiante neste trabalho. Por agora interessa-nos saber que conhecimentos são considerados fundamentais para as raparigas, sobretudo para “(...) a formação das futuras donas de casa e mães e nas suas

consequências de ordem prática (...)” (ONF, Jul. 1947)? Esta identificação é importante sobretudo “(...)enquanto se não criarem escolas para as mãezinhas, e não forem incluídas, nos programas escolares, estas importantes questões(...).As nossas meninas devem, pois, esforçar-se por aprender os meios de evitar os males que atentam contra a vida das crianças e como conjurá-los(...)”(*Liga Portuguesa de Profilaxia Social*, ONF, Fev. 1943)

Nessa educação como é preconizada aqui nos artigos de Adriana Rodrigues ou na *Escola de Noivas e Donas de Casa* onde ela dirigiu um *Curso de Economia Doméstica* há diversos saberes que são imprescindíveis a qualquer menina que depois poderá (ou não) vir a usá-los para gerir a sua casa, se casar ou, se tal não acontecer, poderá viver sozinha, sabendo sempre como comportar-se. Nesse grupo estão saber fazer renda em linha de Alsácia (ONF, Nov. 1942)ou saber cuidar das rendas herdadas porque elas acompanham, em Portugal, a vida de toda a gente: “(...)Portugal é um lencinho e o mar a renda que o orla. Rendas no altar, no bragal da noiva, rendas na camisinha dos recém-nascidos, rendas na mortalha dos que partem para grande viagem. Rendas nos lenços que enxugam lágrimas, rendas nos tabuleiros cheios de bolos dos festas e romarias. 'As rendas acompanharam sempre a vida do nossa às gente. Haverá uma única mulher em Portugal que não saiba fazer renda?...requerem tempo e paciência...Cuidar das velhas rendas herdadas...(...)” (Adriana Rodrigues, ONF. 05-1949).

Não casar sem estar apta a governar a casa e cuidar das crianças(...)saber um pouco de psicologia, possuir noção exacta das responsabilidades que a esperam e aceitá-las com alegre e firme coragem (...)” (ONF, Maio 1943) é outro conteúdo fundamental dessa educação.

Adriana Rodrigues considerava que a manutenção da casa competia ao homem “(...)é o seu primeiro dever de chefe de família (...)”mas as meninas deveriam ser educadas para saberem ser “(...)a gerente da casa(...)”(ONF, Fev. 1954). Elas só poderiam executar essa tarefa com qualidade se o tivessem aprendido de pequenas. Por isso, as mães devem ensinar as filhas “(...)a conhecer como se estabelece o orçamento doméstico (...),habitue as nossas filhas a estabelecê-lo mensalmente /e saber distinguir/ (...) *despesas imprescindíveis* (...), *despesas convenientes* /e/ *despesas supérfluas* (...) dando-lhes mesmo uma pequena mesada, a qual já deve ser administrada como orçamento (...)” (ONF, Jul. 1947).

A menina deve aprender a gerir o dinheiro a gastar em alimentação, alojamento,

despesas de educação, vestir e calçar, transportes obrigatórios, algumas distrações, ou seja, aquilo a que se chamam as *despesas imprescindíveis* (ONF, Ago. 1946). Dentro das despesas convenientes, ou seja, “(...) aquelas de aconselhar para uma vida mais confortável e higiénica (...)” poderiam contar-se as que se deviam fazer com “(...) um seguro de invalidez, de doença, desastre(...)”, assim como as despesas de beneficência. Quanto às despesas supérfluas que, “(...) à primeira vista parece que deviam condenar-se. Sejam humanos. Não nos entreguemos a elas; ao luxo, ao «usa-se», ao «apetece-me», mas lembremo-nos que há certas coisas aparentemente inúteis que nos ajudam a viver. Uma carta que se escreve, pode dar prazer... Mas custa dinheiro, assim como um presente de anos, uma gratificação; quem será tão espartano que negue o valor da amizade e da recompensa? Umas flores para a casa, um «mimo», tudo têm a sua importância, mas ...Mães: Falemos destas coisas com as nossas filhas. Façamos-lhe ver a hierarquia destas despesas e a sua interdependência (...)” (Adriana Rodrigues, ONF, Ago. 1946).

Para melhor gerir a casa, “(...) gostava que todas as raparigas que se casam(...)” (Adriana Rodrigues, ONF, Set. 1946) fossem habituadas a levar “(...)no seu enxoval um «Caderno diário» e um «Livro mensal» (...). O «Caderno diário», de papel almaço com capa de cartolina, destina-se exclusivamente a assentar tudo o que se gasta em cada dia (...) O mesmo não sucede com o «Livro mensal». Este será objecto de maiores cuidados, embora devamos adoptar um sistema de escrituração bastante simplificado., É preferível usar papel pautado (...) No fim do mês, a dona de casa pega no «Caderno diário» e soma todas as importâncias da mesma natureza (...)A educação deve preparar a dona de casa para saber encarar um orçamento com «calma e decisão». Meditar sobre as importâncias gastas, ver o que é preciso suprimir para equilibrar a balança ou aquilo em que deve «alargar»(...)” será assim o objectivo deste controle a exercer.

A ordem nas contas de casa e a previsão deveriam ser ensinadas às meninas assim como a gestão de certos problemas do quotidiano, como as regras a seguir na ida à praça, como veremos.

As meninas deveriam aprender que não se podia “(...) ir ou mandar à praça sem «plano, previamente estabelecido» (...), que não deve comprar tudo à porta porque sai mais caro (...) não há recursos de escolha e perde-se um tempo doido à espera da peixeira, da mulher da hortaliça, e no que toca ao homem do talho (...) não se vê pesar, nem se escolhe a carne (...)” (ONF, Mar. 1945). Deve ensinar-se às raparigas, como se fazia no *Instituto de Serviço Social*, a “(...) técnica das compras(...)”: “(...)quem vai à

praça precisa de saber distinguir os géneros de primeira dos de qualidade inferior. É preciso dar a «volta à praça», ver o que há, confrontar preços e qualidades, e só então nos decidiremos. Quem vai à praça deve saber ver, conhecer os pesos, a técnica da pesagem e vigiar esta e a embalagem dos produtos. O cálculo mental é importantíssimo para o bom desempenho desta função. Encontramos muitas donas de casa e aspirantes a donas de casa que estudaram álgebra, sabem logaritmos, mas contam, pelos dedos... E não sabem achar a oitava parte do quilo sem recorrer a papel e lápis! (...)” (ONF, Mar. 1945). Se a dona de casa “(...) exercitar a sua criada no cálculo mental. Não é perder tempo... É poupar dinheiro! (...)É conveniente levar jornais para embrulhar os géneros, o que evita comprar papel pelo preço da mercadoria.(...)” (ONF, Mar. 1945).

Para Adriana Rodrigues, a educação das raparigas nem sempre passa por um correcto entendimento, por parte das mães e delas próprias, da importância de que se reveste a culinária, encarada mais “(...) como um meio prático e eficaz para a formação das raparigas (...)” (ONF, Jan. 1945). Esta aversão que algumas têm é fruto de erros de educação pois que muitas mães esquecem que a “(...)formação doméstica das nossas filhas não se improvisa nas vésperas dum bom casamento, antes deverá fazer parte integrante do nosso programa de educação (...) “ (ONF, Jan. 1945). A culinária contribui para a *formação da inteligência* — Cozinhar requiere cabeça no seu lugar, raciocínio, compreensão, a *formação do sentido prático* — Antes de iniciar o trabalho deve rodear-se de todo o material e ingredientes requeridos para evitar perdas de tempo(...), a *formação da vontade*—«Nem tudo o que luz é ouro», diz o provérbio. «Nem tudo o que sabe bem é agradável de manipular!» —dizemos nós. Abrir uma galinha, amanhar peixe, etc., etc., são tarefas que muitas vezes repugnam, principalmente se há pouca prática, a *formação do sentido estético* — O bom gosto na apresentação dos pratos e a *formação do espírito de ordem e limpeza* — Todos os objectos uma vez utilizados devem ser , lavados (...)” (ONF, Jan. 1945). Esta formação “(...)não pode ser deixada ao capricho da rapariga ou ao saber empírico da cozinha, mas que pede antes a acção inteligente da mãe orientadora, guia nos momentos difíceis, capaz de levar ao esforço que aperfeiçoa, tendo sempre nos lábios o sorriso que conforta e a palavra justa que anima (...)”(ONF, Jan. 1945). A formação das raparigas tem de ser muito pensada porque “(...) a missão de governar a casa não se improvisa, nem se resolve apenas com livros e receitas. Ela deve ser o resultado duma educação consciente e conscienciosamente dirigida para tal fim (...)” (ONF, Abr. 1945).

Saber organizar as limpezas e arrumações da casa nas vésperas de ir de férias. Para “(...)evitar surpresas desagradáveis (...) deixam-se os tapetes bem acondicionados. Depois de batidos, escovados, e ou limpos de nódoas, devem ser borrifados com um líquido insecticida, enrolados e envolvidos em jornais (...).As caçarolas, bem limpas, embrulham-se em papéis. Veja-se se fica alguma coisa no guarda-comidas (...) os jarros de água, as bacias de cama, os baldes e recipientes do lixo devem ficar limpos, enxutos e emborcados (...)” (ONF, Ago. 1943). Estas e muitas outras recomendações idênticas sobre a forma de limpar a máquina de costura, de tirar nódoas, de conhecer regras de etiqueta (ONF, Set. 1943). Ser económica e saber tingir as suas roupas (...)” (ONF, Out. 1943), lavar os cabelos gordurosos, fazer a limpeza de fatos e chapéus, e de escovas e pentes (ONF, Dez. 1943), deviam figurar entre os conhecimentos que as raparigas deveriam adquirir para bem orientar as suas casas.

Sempre que necessário, as raparigas deveriam ir ajudando as mães no governo da casa porque seria criminoso o egoísmo de muitas meninas que vivem como princesas, enquanto as pobres mães trabalham noite dia e se tornam verdadeiras escravas das filhas (ONF, Set. 1943).Como “(...) a carestia da vida nos obriga também a restrições no que diz respeito aos nossos trabalhos de mãos; e assim, mais do que nunca, teremos de fazer coisas novas e lindas de materiais já usados e talvez pouco tentadores. Porém, com engenho e boa vontade, de que milagres a mulher é capaz! ...Podemos fazer sacos para a botija e para o saco de água quente; uma «camisa» para o bule, que é a maneira de conservar mais tempo o chá quente; uma «caixinha» para meter as castanhas assadas, para também "elas não perderem facilmente o calor; sapatos e meias para dormir; e podemos fazer pequenas peças de vestuário cora que presentearmos os pobrezinhos no próximo Natal: chailes (basta um triângulo), «cache-cols», casaquinhos e botinhas para bebés, etc.(...)”.(ONF, Out. 1943).

No campo da formação feminina para a resolução das tarefas do quotidiano há diversos textos que consideramos antológicos: o de Adriana Rodrigues sobre os cuidados a ter com a casa antes de partir para férias²⁶³ (ONF, Jul. 1945) ou depois de voltar²⁶⁴ (ONF,

²⁶³ Esta colaboradora de *Os Nossos Filhos* dirá: “(...) Antes de «Partir», é preciso pensar na «volta», porque a vida duma família, não se interrompe com as férias (...). Substituamos os macabros lençóis por coberturas de cor. Não empilhemos a mobília, em improvisadas barricadas; além de estragar os móveis, pode alguém da família precisar de voltar a casa nas férias e não reconhecerá esta (...). É preciso proceder com método. (...) As cortinas, não se passam a ferro; guardam-se em local apropriado, embrulhadas em panos (...) Conveniente ter cortinas sobreceletes (...) Retiram-se igualmente tapetes e passadeiras sacodem, batem, limpam de nódoas (toda a nódoa guardada origina prejuízos) e polvilham-se com naftalina(...) enroladas em serapilheiras ou jornais, mas de forma a não adquirirem vincos. Os móveis

Out. 1949) são paradigmáticos e desenvolvem com rigor os princípios de *método* que as meninas deviam conhecer no arranjo da casa. A preparação de um jantar para um grupo de pessoas deveria ser feita com todo o rigor também deixando por exemplo, todos os ingredientes em casa, de véspera...(ONF, Jan. 1946), como fazer o pedido de casamento (ONF, Fev. 1946) são temas sobre os quais ela se debruça para educar as raparigas.

Finalmente, para que as raparigas saibam como gerir bem a sua casa devem aprender, com as mães, a realizar um balanço anual da sua actividade porque é à “(...)mãe de família que incumbe ser a guardiã da lei sagrada do bom viver doméstico. Ela tem por missão ordenar não só as coisas materiais mas também as do espírito, e em cada ano que finda a boa dona de casa fará o balanço da sua actividade. Como? Primeiramente passar ã em revista todos os - factos ocorridos no ano que termina, procurando extrair deles a «lição para a vida futura» que esses trezentos e sessenta e cinco atrás encerram: quantos momentos amargos, que se teriam evitado com um silêncio ou com uma palavra apenas. Às vezes com um pouco mais de ordem e método no trabalho! Quantos instantes de alegria, de satisfação, que é preciso não deixar cair no esquecimento! Quantas ideias, que só agora poderão realizar-se! A boa organização material da vida caseira envolve mais de setenta por cento do equilíbrio do bom viver. Mas trinta por cento pertencem certamente àquelas verdades muito simples, muito conhecidas(...). É à mulher, à mãe de família compete organizar a vida, «reformá-la», «adaptá-la», suavemente, sem que os restantes membros sintam «que as coisas vão mudando» Mas duas coisas devem permanecer: a boa harmonia e a boa educação. Sem

limpam-se e resguardam-se. Também se devem guardar todos os objectos e utensílios de uso. Para quê ficar loiça, pendurada, se ninguém cozinha? Que deixar candeeiros e estatuetas? Guardem-se também. Deixar à mão uma lanterna ou uma caixa de fósforos e uma vela, não tenhamos de entrar de noite e, não haja corrente eléctrica (...). Se há contas a pagar em férias: telefonia, quotas de instituições, gás e electricidade, convém prevenir igualmente, indicar o lugar onde poderão ser pagas ou no caso de combinar com os cobradores a forma, «mais suave» de pagamento (Julho e Agosto, antes de partir; Setembro e Outubro, à chegada) para não sobrecarregar o nosso orçamento, nem privar as instituições da receita devida (...) deixar a nova morada ao guarda-nocturno (...) comunicar à Administração dos Correios a nova morada (...) assim, sem dispender um centavo, teremos toda a correspondência endereçada para a residência de férias (...).Que papel têm os filhos na preparação da partida? Há quem os mande para a rua ou para casa de parentes, por achá-los indesejáveis em tais ocasiões? Como sou solteira e, gosto muito de crianças, tenho parentes e amigas que me escolhem para fiel depositaria das suas crianças (...) Como também estou preparando a minha partida, essas crianças tornam-se preciosos auxiliares! Há livros ou objectos a transportar, etiquetas a escrever(...)As crianças auxiliando-nos, aprendem a trabalhar, sem dar por isso! Não os ponhamos à margem da vida real, só entregues ao estudo ou à brincadeira (...)” (ONF, Jul. 1945).

²⁶⁴ “(...) depois de 3 meses de ausência muita poeira e sujidade...Escaldar tudo, lavar loiça que se for usando...lavar pedra mármore da mesa da cozinha...lavar fogão, desmontar, arrumar gavetas...É preciso ter sempre presente que da boa limpeza da Cozinha depende em grande parte o estado de saúde da família (...)” (ONF, Out. 1949).

elas nunca haverá verdadeira vida de família. E aqui surge a segunda parte do nosso balanço. Assim como «revimos» o passado e dele recolhemos a lição, trataremos agora de prever o futuro: «Que transformações sé vão dar este ano na família?» Nascera mais um bebé?...A Tiça vai casar?...(...)» (Adriana Rodrigues, ONF, Jan. 1947).

Na educação feminina uma das áreas muito analisada em *Os Nossos Filhos* é a da formação moral das raparigas. As mães são aconselhadas a afastar-se “(...)um pouco mais da sociedade, dos chás elegantes e » das «matinéés» de caridade (...)” (Teresa de Ávila, ONF, Abr. 1943) para darem apoio às filhas sobretudo na fase da adolescência pois só elas podem ser “(...)a melhor amiga, a camarada, a mais preciosa confidente (...)” das filhas pois ao lar, “(...) como a um jardim, a mulher terá de rodeá-lo de sebes de cautelas, fechar inflexivelmente suas portas aos que não /o/ sabem respeitar(...)” (Emília de Sousa costa, ONF, Jul. 1943). Este fora, bastantes anos antes, um dos conselhos dados por Maria Amália Vaz de Carvalho que também definira como deviam as mães orientar as filhas e ensiná-las a escolher as amizades “(...)aquelas de quem depois de nós, depende a pureza, a candura e a inocência delas(...)”(Carvalho, 1880. p.274). As mães deviam conhecer as famílias das amigas das filhas perguntando-se: “(...) quem é a mãe? Que educação dá aos filhos? Como vivem? Carácter e Moralidade da família? Não se preocupem com delicadeza(...) primeiro estão as filhas(...)”(Carvalho, 1880. p.274). Ao fazer isso, a mãe transforma-se na “(...)melhor amiga de sua filha e (...) esta não receie confiar-lhe os segredos infantis e comoções de alma adolescente(...)excesso de severidade cria desconfiança; de indulgência, cria cinismo e desvergonha; impôr respeito e atrair confiança é difícil para a mãe(...)”(Carvalho, 1880. p.276).

A leitura de bons livros, como *O Guia das Mães* da Dra. Branca Rumina /que/ encerra muitos e utilíssimos ensinamentos as *Cartas a uma noiva* de Maria Amália Vaz de Carvalho é recomendada (ONF, Abr. 1943), assim como *O conceito de Poesia*, do Prof. Dr. Hernâni Cidade; *Pequena história da moderna poesia portuguesa*, do dr. José Régio; *Perspectiva da Literatura Portuguesa do Século XIX*, do Dr. João Gaspar Simões (...)” (Resposta a *Joaninha Prado*, ONF, Fev. 1954).

De forma a contribuir para esta formação moral vão ser publicadas diversos aforismos, sem indicação de fonte ou proveniência, cuja intenção é a de, depois de reflectidos, serem interiorizados pelas raparigas. Como exemplos desse tipo de conteúdos, vejamos: “(...)O tempo é como o dinheiro: se queremos que ele chegue, não o deixemos perder (...).Antes de acusarmos os outros, façamos exame de consciência (...). às vezes ceder é

a melhor maneira de conseguir(...). Quem passa o dia à janela, fala de todos e todos falam dela(...).Queres viver? Trabalha, sente, consola e bem-diz(...).É preciso que a felicidade seja generosa e que a dor seja fecunda(...).Tens suportado muitas injustiças ? Consola-te, verdadeiro infeliz é o que as pratica (...). (ONF, Set. 1943).

Comprender que “(...) a melhor lição para os nossos é o nosso exemplo (...)” (Emília de Sousa Costa, ONF, Out. 1943).

As raparigas não devem ser desmazeladas ou seja, não se devem esquecer de “(...) restituir o que pede emprestado aos vizinhos (livros, ovos, fogareiro, escadote... (...), ser cuidadosas, não estarem presas a processos arcaicos de orientação da casa, como seja, passar com ferros a carvão quando possa usar outros, ser bem educada, cumprimentando os vizinhos, não ser bisbilhoteira e ter a noção do falso asseio, ou seja, ter”(...) todo esmero das portas para dentro mas incapaz de mandar limpar as sujidades que deixou às portas dos outros (...)” (ONF, Fev. 1954). Devem ser também poupadas, metódicas, e usar uma roupa diferente em casa e na rua, sabendo que o mesmo se deve fazer com as crianças. Os bibes por estas usados na escola “(...)devem andar sempre limpos, cosidos, remendados e engomados e (...) convém escrever o nome ou o número do aluno (...)” (ONF, Fev. 1954).

No âmbito da formação moral as raparigas devem aprender a desprezar a vida fútil porque “(...) sem o encanto de qualquer fim sério ou utilitário para a colectividade, é roubo feito à mesma colectividade (...) e deve habituar-se a pensar, a ser serena e enérgica nas suas decisões, justa e equilibrada nos seus conceitos e opiniões, e a manter a sua palavra através de todas as vicissitudes da existência (...)” (Emília de Sousa Costa, ONF, Dez. 1943).

A educação da vontade feminina deve ser encarada “(...) como meio do seu aperfeiçoamento(...)” (Fernanda Tasso de Figueiredo, ONF, Maio 1945). As raparigas devem ser levadas a ter “(...)um ideal de vida feliz que a encante, a seduzo e a guie, por assim dizer, inconscientemente, ao seu verdadeiro destino(...)”: o casamento. Dessa formação deve fazer parte a pureza e a verdade sobre a vida sexual, na “(...)idade em que deve ser formada a alma da futura esposa, mais ou menos à roda dos dezasseis anos (ou antes mesmo, segundo os casos) tem necessidade de ser esclarecida sobre estas questões delicadas com elucidações convincentes e seguras (...) porque as futuras esposas não devem ter uma absoluta ignorância de todos os segredos da vida(...)” (Fernanda Tasso de Figueiredo, ONF, 1945).

Para que as mães se sentissem mais vontade para abordar tema tão sensível, Fernanda

Tasso de Figueiredo que segue de perto, porque o traduz, o livro do Abade Grimaud-*Futuras esposas*, considera que, mais do que “(...)compreender a grande missão educadora (...) /das mães/ é preciso saber exercê-la (...)” (ONF, Jul. 1945). Muitas mães demitem-se de tal tarefa porque não sentem coragem para o fazer. As que assim procedem cometem “(...)um enorme erro ceder a semelhante tentação de fraqueza, nascida, em geral, duma falsa concepção da educação do pudor, em relação às raparigas (...) Certa mães, sentem-se amedrontadas porque imaginam que é preciso dizer tudo abruptamente e duma só vez e recuam, aterradas, perante semelhante dilema(...)”. A autora que vimos citando considera que neste ponto da informação sobre as realidades da vida sexual há duas formas diversas de agir, conforme se trata de falar a rapazes e a raparigas adolescentes: com eles, “(...)cujo temperamento positivo e menos sentimental pode/-se/, na altura precisa, ser industriado (...) em todos os pormenores e subtilezas essenciais inerentes ao assunto (...)” enquanto que, com elas, há que ter “(...)ao inverso, os maiores rodeios e precauções (...)” porque a emotividade das raparigas é elevada a um tão alto grau, a sua imaginação e o seu coração tão extremamente sensíveis que ameaçam, sendo agitados em demasia, inutilizar, todas as boas tentativas e conselhos maternos(...)”. Assim sendo, as mães de família que queiram, como devem, tomar em suas mãos a instrução das filhas nesses temas, são aconselhadas a “(...)procederem lentamente e a pouco e pouco, para o que terão de revestir-se do maior paciência, perseverança e tacto subtilíssimo (...)”. Esta tarefa desenvolver-se-á em diversas etapas que a autora enumera: “(...)primeiros ensaios de palestras sobre o tema «Maternidade» servirão de base a toda a educação moral das raparigas e ajudarão a explicar-lhes, ensinando-as e convencendo-as que foram criadas para ser mães e daí nascerá uma maior intimidade para tais conversas(...)”.

Depois, a “(...) educadora previdente não se esquecerá da utilidade de ensinar os suas pequeninas «a brincar às mamãs», como um dos divertimentos que melhor distrai as garotas desde a mais tenra idade. Depois, e servindo-se da seriedade com que elas tomam o seu importante papel, darão a esse brinquedo que parece à criança um simples passatempo, com reflexões apropriadas às suas pequenas idades, um sentimento profundo que elas só mais tarde descobrirão e compreenderão (...). Por exemplo: a Mãe presidirá, com a maior seriedade, ao banho ou ao deitar das bonecas, semeando esse laborioso trabalho de observações como estas; «Quando fores crescida serás paciente e boa... Serás modesta... Nunca esquecerás as tuas obrigações... Darás sempre bons exemplos a teus filhos... Terás todo o cuidado em não deixares os teus filhos apanharem

maus hábitos, porque eles vêm facilmente, mas dificilmente se perdem etc.» quase inconscientemente encorajado, o instinto maternal crescerá a pouco e pouco, tomando um lugar preponderante no coração da criança(...)” (ONF, Jul. 1945)..

Esta evolução da aprendizagem por etapas bem definidas levará, certamente, ao dia em que a mãe terá de “(...)falar abertamente desse magnífico milagre que é a maternidade (...)”. Nessa altura, como o fizera antes e como o fará sempre, a mãe nada deve temer e deve convencer-se “(...)de que as explicações, geralmente inesperadas, não surpreenderão as jovens, porque elas respondem exactamente às aspirações e suspeitas das suas almas em formação (...)”. As mães são aconselhadas a ir buscar o exemplo católico da Avé Maria pois “(...) onde se poderá encontrar mais eloquente homenagem à maternidade? (...) as crianças nascem de suas mães, como os frutos desabrocham das flores... E a sua ternura pelos filhos é tal que, durante longos meses antes de nascerem, as mães os trazem carinhosamente em si, alimentando-os com a sua própria carne (...)”. Desta forma as mães terão, decerto, conseguido atingir o fim pretendido. Porém, não terminará aí a missão das mães: elas devem então convencer as filhas de que o principal fim da mulher é a maternidade. Como vemos, esta militante do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* tinha da educação sexual feminina uma concepção ainda muito personalista e eivada de referências católicas. No entanto, a sua postura é muito criticada, na época, pois que ela e a revista se “aventuram” a tocar em temas considerados invisíveis socialmente. Também sobre a educação sexual das meninas e raparigas e crianças encontramos mais textos em *Os Nossos Filhos*: um da autoria de Victor Fontes, em Janeiro de 1953 e que mais não era que o texto que aquele médico proferira num Congresso e outro de Maria Borges em que esta aborda magistralmente o tema, referindo que “(...) o problema da educação sexual é mais um problema da educação dos pais do que educação dos filhos (...) (ONF, Out. 1953) porque esta psicopedagoga defendia que, para falar aos filhos os pais teriam de se libertar de muitos dos sentimentos de culpa e da insegurança de que eles haviam sido vítimas na sua educação.

No capítulo da formação moral das raparigas, a que se fazia nos meados dos anos 40 é muito criticada em *Os Nossos Filhos* por descurar o que se considerava ser essencial. Neste ponto, tomemos como exemplo, mais uma vez, o que sobre a forma das raparigas se ocuparem em casa é dito por Adriana Rodrigues que afirmava: “(...)se ficar em casa é sinónimo de passear o aborrecimento por todos os «mapples» da sala, ouvir telefonia ou telefonar a duas ou três amigas tagarelas, e pouco mais! As raparigas de hoje, detestam

a vida de casa, porque nunca foram habituadas a amá-la desde pequeninas. Se reprovos os métodos educativos que ainda há cinquenta anos agrilhoavam a criança portuguesa à almofada ou ao bastidor, horas, dias, semanas, meses e anos, também reprovos os actuais processos de criar as meninas como se fossem animaizinhos selvagens. É indispensável que a garota salte, pule, ria e cante, mas é preciso formar-lhe os mãos. As mãos que daí a menos de vinte anos vão segurar as rédeas do governo da casa, cuidar dos filhos (...)”. Para atingir tal fim Adriana Rodrigues propõe que “(...) tudo se remediaria se as mães consentissem que as filhas «começassem a brincar com a máquina» debaixo da sua vigilância (...): Primeiro, enfiar e desenfiar a agulha. «o trabalho de menino é pouco (...). Depois, aprender a limpá-la, a armá-la e a desarmá-la, a pôr-lhe óleo (...)» é sempre tempo que a mãe não desperdiça, podendo até ler um conto enquanto vigia o trabalho. Depois, a pequena fá-lo-á sozinha(...) Amanhã deixá-la-á «pedalar», com a roda desligada, e depois «coser» com a roda ligada, mas sem a agulha (para a não partir). Chega por fim o dia da grande iniciação (...)” (ONF, Jun. 1945). Esta educação da menina junto da mãe teria ainda outras vantagens que não somente as da resolução de pequenos problemas do quotidiano: “(...) desta forma se formaria também o carácter porque aí está o valor educativo dos exercícios deste género—fortalecem a vontade. Sem paciência, sem persuasão, sem muita indulgência, não há obra educativa (...) Mãezinhas! Lembrem-se que o enxoval das vossas filhas não consta só de rendas e bordados, que se compram na ocasião, mas de qualidades de alma. Formem-lhes o carácter (...)” (ONF, Jun. 1945).

No capítulo da educação feminina vamos encontrar em *Os Nossos Filhos* a polémica, então em voga, da definição do que se entendia ser uma “rapariga moderna” e que já havia sido discutida por muitas das colaboradoras de *Modas & Bordados*. Esta não seria, no entender da revista, a menina “(...) muito cinéfila, muito irrequieta, muito barulhenta, muito petulante; /a quem/ quanto à idade, conforme a hora, o traje, o penteado, a pintura, se lhe dariam 15, 19 ou 25 anos (...) /que contava/ histórias, ora estúpidas, ora «apimentadas» (...). Podem essas meninas, por vezes, ostentar um bacharelato, ou uma Educação artística esmerada, ou invulgares aptidões de trabalho, ou ainda, peregrinos dotes de coração. Não são menos lastimáveis e ridículas, porque lhes falta o equilíbrio, o bom senso, a delicadeza e a feminilidade, que devem ser das primeiras características femininas (...). Gostaríamos de ver reduzida a legião das palerminhas, das vaidosas, das levianas, das masculinizadas; aumentado o número de

raparigas que se conservam apenas raparigas- simples, despreziosas, modestas, sensatas, bem educadas (...)” (ONF, Set. 1942).

Para ser uma verdadeira mulher a menina deveria ser levada pela mãe a interessar-se “(...) por qualquer trabalho ou estudo, pelos assuntos da casa, pelas obras de caridade, sobretudo criancinhas pobres e doentes (...) pela música, pelas exposições de arte, pelas visitas a monumentos e museus, e por boas leituras (...) pela vida simples ao ar livre, põe-a em contacto com a Natureza (...) dar grandes passeios a pé, aprender a nadar, a remar, a andar de bicicleta, a jogar o ténis, a patinar (...) /ter/ uma boa professora de línguas, de canto, ou de bordados. Vai com ela para a cozinha, ensina-lhe a fazer bons pitéus e a ... Poupar(...). Deixa-a rir, brincar, tirar o máximo partido da sua esplêndida mocidade, abre-lhe largos horizontes (...)” (ONF, Set. 1943).

Se há artigos em que este tipo de rapariga é posto a ridículo, outros há, como o de Maria Lúcia de Melo Horta²⁶⁵ que se assume como “rapariga moderna”, em que se explica em que consiste esse conceito: são românticas mas não “(...) passamos os dias inteiros a suspirar, junto da janela, fazendo renda, como elas (...); a rapariga moderna ama a liberdade, a vida ao ar livre, a prática de desportos fortalecem o corpo (...)todas as raparigas, ou quase todas, usam o cabelo curtíssimo (...) não teme /os rapazes/ como antigamente, antes aprecia uma boa camaradagem sem pensar logo em «amor» e casamento (...) uma camaradagem sã, considerando os rapazes como uns primos um pouco afastados, aos quais se tem um pouco de amizade (...) muitas raparigas estudam; e todas devem fazê-lo, para se valorizarem e para um dia poderem compreender melhor o marido. Também é indispensável a uma rapariga aprender um pouco de enfermagem e puericultura, para saber tratar a família quando doente e criar os filhos com os cuidados de que eles necessitam. Devia aprender-se enfermagem e puericultura como se é obrigado a aprender a ler; todas as raparigas deviam estudar essas matérias, não digo para exercerem cargos, mas pelo menos para poderem cumprir melhor a sua missão (...)” (ONF, Fev, 1954).

Os rapazes que, em *Os Nossos Filhos* se pronunciam sobre as raparigas e a educação que elas devem ter²⁶⁶, identificam como se devem evitar as “(...) raparigas que se manifestam audaciosas, as que afectam uma frieza calculada, as que se vangloriam das

²⁶⁵ Ilustra o artigo a fotografia da menina que assim se expressa em *Os Nossos Filhos*.

²⁶⁶ Na rubrica *Falam os rapazes* onde são todos identificados com pseudónimo, com iniciais ou mesmo com o respectivo apelido. O único caso em que assim não acontece é aqui: o texto está assinado apenas *Rui*. Será o filho mais novo de Maria Lúcia Vassalo Namorado então com 14 anos de idade?

suas conquistas (é só elas quererem...), as que dizem mal das amigas, que tentam diminuí-las com críticas por vezes insidiosas, as que armam em donas(...)” as autoritárias, as que “(...) pretendem ser muito românticas e se julgam logo perdidamente amadas, ao mínimo sinal de preferência(...)”. Eles preferem as que são “(...)naturais, boas raparigas, simples, sinceras, alegres, corajosas e trabalhadoras(...)” (ONF, Fev. 1954).

Em toda a revista são veementemente condenados os artificios que, como a pintura ou seja, a maquiagem porque “(...) nesse ponto, somos intransigentes: achamos que uma menina de 15 anos, por mais senhoril que seja a sua aparência, é uma criança, e não deve, de modo algum, pintar-se(...).O seu aspecto é prejudicado com as tintas, acredite, porquenão há nada que suplante a frescura e a graça natural (...) e a influência que a preocupação da pintura vai exercer no seu espírito, também não é recomendável (...)” (ONF, Fev. 1944).

Como frisámos já, no campo da educação feminina deveria ocupar um lugar privilegiado a formação para o casamento, ou seja, para reparar as raparigas para serem as companheiras honestas de “(...)um honesto homem de trabalho, compreender o seu marido, amá-lo, perdoar-lhe os pequenos defeitos de humor, não exigir dele nenhum sacrifício de dignidade, preferir uma pobreza obscura a uma riqueza ilegítima, viver na estreita intimidade do seu espírito; e do seu coração, esquecer-se de si própria para viver duplamente no esposo e nos filhos (...)” (citação de Maria Amália Vaz de Carvalho, ONF, Jul. 1943) ao mesmo tempo que se deveria ensinar as raparigas a saber “(...) contrariar, se preciso for, qualquer inclinação que te não convenha, e escolher serenamente, harmonizando a cabeça com o coração, o noivo que pode fazer-te feliz (...)” (ONF, Set. 1943).

Na escolha do noivo, a rapariga deveria saber que qualidades lhe exigir: ser “(...)um homem de bem (...)” (ONF, Out. 1943), ser saudável, ter amor ao trabalho, a delicadeza, a lealdade, a sinceridade. A delicadeza embeleza a vida; encontra sempre maneira de adoçar as coisas mais rudes, de perfumar as mais simples. A lealdade e a sinceridade inspiram a confiança, sem a qual a vida em comum se torna tormento constante, além de que se não sabe nunca o que nos pode vir duma pessoa desleal e mentirosa (...)escolhendo noivo de educação e fortuna equivalentes à tua fortuna e educação²⁶⁷

²⁶⁷ Outros aspectos como este, por serem apresentados nos livros que Maria Lúcia Vassalo Namorado escreve para as raparigas casadoiras, como é o caso de *Joaninha quer casar* são analisados no capítulo em que fazemos a apreciação de tal obra.

(...)” (ONF, Out. 1943).

Se a rapariga quer “(...) ser amada e ser feliz? Queres fazer do casamento a realização das mais puras e risonhas ambições da tua mocidade? Queres fazer do teu ménage um modelo de tranquila paz, de elegância inteligente, nada de conforto moral e físico? Nesse caso prepara-te para não teres outro pensamento, outro fito, outra ideia, outra preocupação. Muitas vezes, ao cabo de longos e tenacíssimos esforços, encontrarás o desalento, a horrível certeza de que foi vão todo o teu trabalho, mas não desistas ainda assim, e se de todo em todo não puderes ser feliz, farás ao menos felizes os que te cercarem (...)” (Maria Amália Vaz de Carvalho, ONF, Dez. 1943).

A preparação para o casamento incluía o conhecimento das peças que deveriam compor o enxoval e respectiva quantidade e, embora não houvesse regras quanto “(...)ao número de peças de roupa que deve haver numa casa (...) não era possível um certo conforto nem mesmo uma boa organização com as gavetas... vazias... (...)” (ONF, Jun. 1944). Por tal razão as raparigas deviam saber o que levar²⁶⁸. Outros conhecimentos²⁶⁹, sobre a forma de apetrechar a casa, deviam também fazer parte da educação feminina.

Leituras recomendadas para uma boa educação feminina:

Livros recomendados	Fonte
<i>M.me Curie</i> , por Eva Curie; <i>O papel da vontade na Educação</i> por D. Manuel Trindade Salgueiro, <i>A Arte de Educar</i> por Ferreira de Miíra; <i>Joaninha quer casar</i> , por Maria Lúcia. São livros muito diferentes, mas cuja leitura te será muito proveitosa e agradável (...)” (ONF, Jul. 1945).	ONF, Jul. 1945

Livros recomendados	Fonte
Puericultura por Dr. A Lessa; Puericultura pelo Dr. Oliveira Martins; Puericultura Prof. M. Gesteira; «O Meu Menino», por Dr. Samuel Maia; «Mãe e Filho», por Dr. Ferreira de Mira; «Cuidemos das Criancinhas», por Dr.a E. Morgado; «Criancinhas», por P. Eipper;	07-1945

²⁶⁸ “(...)Uma noiva nunca devia levar menos que o seguinte: Roupa de cama — 12 lençóis, 6 travesseiros, 12 almofadas, 6 almofadões, 4 cobertores e 2 colchas,, para cama de casal; 12 lençóis, 6 travesseiros, 6 almofadas, 3 almofadões, 4 cobertores e, 2 colchas, para cama estreita. Roupa de banho — 12 toalhas de mãos, 6 toalhas de felpa, 12 Toalhinhas, 6 lençóis de banho. Roupa, de mesa, 6 toalhas de mesa, sendo 4 roais pequenas e 2 maiores; 12 guardanapos de jantar para cada toalha; 3 toalhinhas de chá. Com 12 guardanapos pequenos para cada uma ; 6 sacos para guardanapos. Roupa de cozinha—12 panos de sarja branca, 12 de pano cru, 12 de riscado, 6 toalhas de mãos, 3 toalhinhas de mesa e 6 guardanapos, 4 pegas para tachos. Diversos — 6 panos do pó, 6 flanelas, 4 panos do chão; 12 sacos de tamanhos diferentes, 6 aventais para a criada, sendo 4 de cor e 2 brancos. Isto é um enxoval modesto (...) mas razoável, visto ser o suficiente para um casal e criada. Duplicando a lista, o enxoval está longe de ser opulento, mas pode considerar-se bom (...)” (ONF, Jun. 1944).

²⁶⁹ “(...)A bateria de cozinha deve ser de primeira qualidade, para durar largos anos (...) deve ser em ferro ou esmalte (...)” (Adriana Rodrigues, ONF, Maio 1945).

Arte de educar...ferreira de Mira; Como devemos criar e educar os nossos filhos por M.aria Vaz de Carvalho	
<p>Livros já publicados: O CORTE SEM MESTRE de Lília Fonseca; A MULHER DONA DE CASA de. Maria Lúcia; SAÜ.DE. PELA EDUCAÇÃO FÍSICA Dr.* Deolinda Martins; O MESTRE DAS COZINHEIRAS de Maria Saavedra;</p> <p>No prelo: A MULHER EDUCADORA²⁷⁰ — de Emília de Sousa Costa. PRECEITOS DE CORTEZIA E ETIQUETA — de Graciette Branco</p> <p>Outros volumes da Biblioteca a publicar:</p> <p>O CORTE SEM MESTRE (2ª parte);— de lília do Fonseca AS MARAVILHAS DA AGULHA (tricot)— de Lília Fonseca O NOSSO LAR — pela Arquitecta Maria José Estanco NOÇÕES DE ARTE APLICADA — Aurora SeveroO BREVIÁRIO DAS MÃES — pela Dr.a Maria Teresa Paulo Rego A MULHER MÉDICA NO LAR — pela Dr.* Maria Emília Sena Martins AS LEIS QUE À MULHER INTERESSA CONHECER pela Dra Maria Alexandra da Costa Flórido</p>	07-1945
A Mulher educadora, de Emília de Sousa Costa	Fev. 1946

Alguns conselhos de educação para o quotidiano seriam imprescindíveis também. Se a rapariga for passar férias em casa de pessoas que não familiares deve seguir um conjunto de conselhos que as mães devem conhecer ou recordar, numa “(...)época em que muitas deixam suas filhas partir para, passar uns dias na companhia de amigas sendo que só deviam (...) aceitar convites de pessoas que conheças bem, e quando estejas segura de te poderes adaptar ao seu género de vida (...). Uma estadia em casa alheia é sempre dispendiosa: deves apresentar-te bem vestida e gratificar generosamente o pessoal. Bem vestida não quer dizer «luxo»...não pretendas ser manequim ambulante. Não te faças acompanhar de cãesinhos (...)Preparar as bagagens, sê discreta. Reduz o número de malas, não leves volumes de mão. Evita tudo o que possa causar trabalhos ou preocupações aos que te recebem. Não te esqueças de levar alguns presentes e mimos para as crianças da casa (...) chegar de dia ao local a que te destinas(...). os criados também fazem parte deste mundo(...) não os chames a toda a hora. Poupa-lhes trabalho, não mostres diante deles o enfado que reprimas na presenças dos amos. Deves fazer a tua cama e pôr em ordem, tudo o que serviu à tua «toitette».

²⁷⁰ A propósito desta obra dirá Maria Lúcia Vassalo Namorado: “(...)Edições Universo vem publicando, sob a direcção de Lília da Fonseca, uma «Biblioteca Prática do Lar», iniciativa de grande valor educativo. Ocupando-se, em volumes firmados por escritoras e técnicas competentes, dos diferentes assuntos que dizem respeito à Mulher no Lar, esta «Biblioteca» ficará constituindo como que um *curso de Educação familiar* de grande utilidade para todas as senhoras e raparigas. Contudo, não, trata o livro apenas do que em matéria educativa compete à mãe perante o menino; mas da posição que a mulher deve tomar, no família e na sociedade, como mãe de filhos de qualquer idade, esposa, ama e senhora (...)” (ONF, Jan. 1946).

Não passeies pela casa em trajos interiores, despenteada ou desarranjada. Não Importunes a dona da casa, porque o que vires e ouvires, que diga respeito à vida íntima da família que te recebe, será para ti objecto de segredo. Sempre alegre, mas nunca em demasia ou atroando os ares com gargalhadas intempestivas. Se tiveres saudades dos teus, não o deixes transparecer. Algum dinheiro a mais para atender a despesas imprevistas, sem recorrer a empréstimos junto dos amigos. A comida, as distrações ou qualquer outra coisa te desagrade, não o dês a entender. É sempre possível abreviar a estadia (...) mais vale ser desejada que aborrecida. Se te convidam por quinze dias, aceita apenas por oito. Sempre amável e com conversa apropriada. Não te esqueças de elogiar discretamente qualquer coisa que companheira de jogos dos filhos da casa, não permitas que eles desobedeçam às ordens dos pais, para te contentar a ti. Aceita os passeios que te propõem. Não procures suplantar as tuas amigas, ofuscá-las ou torná-las ridículas. Não critiques as pessoas da terra. Não troces dos seus usos e costumes. Dá-lhes bom exemplo na maneira de vestir, de falar, nas atitudes. Não te entregues ao «flirt». Lembra-te, que a passagem duma rapariga por uma terra estranha, pode tornar infelizes muitas outras que lá vivam. Foge de certas liberdades, muito frequentes entre gente nova. Sabes jogos, tocas, cantas ou tens outras «habilidades» não «forces» a sua exibição, mas se te pedirem não te faças rogada, nem presentes mil pretextos para te tornares mais apreciada. Esforça-te por distrair os que te recebem. A simplicidade é a mais bela virtude que uma rapariga pode ter para se tornar atraente. Durante a tua estadia, organizarem festas, pique-niques ou passeios, ajudarás a prepará-los na medida das tuas possibilidades, e nunca te mostrarás fatigada ou aborrecida com tais trabalhos.(...)Lavar no quarto as meias, os lenços, e as roupas Interiores, principalmente se estas são em malha. Não te esqueças de recordar alguns jogos, canções de roda e histórias infantis, para com eles divertires as crianças da casa. (...) Se te estragarem ou perderem alguma peça de vestuário ou objecto de uso pessoal, não te mostres enfadada, nem «lastimes» a torto e a direito a «desgraça» que te sucedeu(...) O Quarto ficará em ordem. Se a casa não é de etiqueta, e tu própria fazias a cama, deixá-la-ás desfeita: cobertores e colcha cuidadosamente dobrados sobre a cama e ao lado as almofadas e travesseiros. Em cima duma cadeira ficam os lençóis e fronhas, também dobrados (...)” (Adriana Rodrigues, ONF, Ago. 1945).

Condenando as “(...)as «graças» pesadas e de «mau gosto», os bailes que excitam, as festas infantis transformadas em «paradas de luxo», onde os garotos se aborrecem a valer e os pais gastam um dinheirão (...) Mar. 1946), Adriana Rodrigues propõe que, no

Carnaval, se entretendam as crianças com a produção de pequenos enfeites para as festas a realizar em família, “(...)no meio duma roda de amigos escolhidos, /porque/ pode trazer vantagens para a educação das crianças e preparar-lhes amizades futuras (...) e dar ensejo a excelentes exercícios práticos de imaginação. A «máscara» é um meio educativo desde que se dê a iniciativa e o papel primordial à criança (...)” (ONF, Mar. 1946). Quantas maravilhas de paciência e engenho e podem assim obter, e que esplêndidos resultados pedagógicos. Na preparação do trabalho pelas crianças reside um dos segredos do triunfo deste trabalho educativo. Muitas mães queixam-se da turbulência dos filhos, e com razão mas os pequenos não podem passar agarrados aos livros ou aos «trabalhos sérios» durante as horas que estão em casa, mas se estiverem ocupados com «trabalhos a brincar», evitarão muitas ocasiões de insubordinação. As despesas que estes trabalhos acarretam em papel, tintas, cartolina, etc. — são largamente recompensadas pelo seu resultado (...)” (ONF, Mar. 1946).

Desenvolver a noção de bom gosto pode ser mais ou menos fácil porque o “(...)bom gosto, é, a maior parte das vezes, um dom natural (...) (ONF, Abr. 1946) mas também se adquire. Ele consiste “(...)não só em saber escolher os móveis e os objectos, mas também em saber sobressair as coisas necessárias e bonitas, e fazer desaparecer as feias e inúteis (...). Também o bom gosto não tem que ver com a riqueza. Há objectos caros de péssimo gosto, e há modestos, de beleza rara (...)o bom gosto não pode levar a bem é que se exponham nos estojos, como se estivessem na montra à espera de comprador (...) Sejam, pois, discretos, simples, e sóbrios. Evitemos tudo que dê nas vistas, as cores berrantes, os floreados, as excentricidades (ONF, Abr. 1946).

Outro dos aspectos a ter em conta na educação feminina para os problemas do quotidiano é saber educar a criada porque esta “(...) reflectir-se-á sempre indirecta ou até directamente sobre os filhos. São os seus modos, as suas conversas, a sua maneira de fazer as coisas (...)” (Adriana Rodrigues, ONF, Maio 1946). Mas “(...) Como educar essas mulheres rudes? Pela maneira como as tratamos. Pelo ambiente de que as rodeemos. Nunca lhes falemos em tom áspero ou com desprezo. Demo-nos ao trabalho de lhes explicar bem as coisas(...)” porque não tiveram nem a formação nem têm a cultura das senhoras. A explicação não deve incluir a humilhação. As senhoras devem ser “(...) delicadas na hora de ordenar e de pedir. Não terão coragem de responder-nos. Dedicamos ainda diariamente, dez ou quinze minutos a conversar com elas não é descer nem perder tempo. Aconselhemolas, mostremos interesse pelo que lhes pertence. Assim como somos prontas a ralhar, sejamos diligentes em elogiá-las

discretamente, quando revelem progressos no trabalho realizado. Se houve qualquer trabalho extraordinário, e a criada o fez a contento, vamos até ao ponto de agradecer-lhe: (...). São pequenas coisas que cativam (...)”. Outros aspectos a ter em conta, como vimos no capítulo sobre esta profissão feminina, é a da importância de bem as alimentar, de lhes dar um quarto para terem a sua privacidade, de estar atenta à higiene e à limpeza pessoal assim como permitir-lhes que tenham os seus pertences resguardados, assim como se deve impedir que os filhos brinquem com as criadas e trocem delas.

Não são só Adriana Rodrigues e a directora de *Os Nossos Filhos* que escrevem sobre o que devem ou não as raparigas fazer. Outras colaboradoras são convocadas para aqui deixarem os seus ensinamentos e insistir na necessidade de se ser sóbria e simples porque “(...) a“(...) frescura da mocidade (...) dispensam admiravelmente a pintura e todos os artifícios (...)” (Graciete Branco²⁷¹, ONF, Jul. 1946).

As suas unhas também não devem apresentar-se pintadas de vermelho forte, mas apenas rosadas. Na sua maneira de vestir, nos seus adornos, deve ser sempre sóbria, evitando tudo o que for espalhafatoso, berrante e complicado. A Mãe compete vigiar-lhe os gostos e tendências, dando-lhe uma aparência encantadoramente simples, sem esquecer a nota elegante, cujo timbre é, exactamente, a simplicidade e discrição. Não usará jóias ricas, apenas brincos e um anel, com pedras boas mas pequenas, discretas e de tons suaves (...)”(Graciete Branco²⁷², ONF, Jul. 1946)..

As raparigas deveriam ainda confeccionar as suas roupas pois que se as meninas das instituições de assistência cortam “(...) e confeccionam as próprias roupas. Porque não hão-de as filhas de família fazer o mesmo? Formação doméstica de uma menina não compreende apenas alguns bordados, «tricot» e cozinhar bolos. Desde garota. Que me habituaram a passar as meias - não só as minhas, mas as da família a remendar as roupas, a limpá-las e a ajudar os trabalhos da «costureira»....Mães que me ledes; fazei os vossos filhos colaborar convosco na limpeza, no arranjo (...)” (Adriana Rodrigues, ONF, Abr. 1948).

Por vezes, as indicações sobre o que deve ser o conteúdo da educação feminina vem das leitoras de *Os Nossos Filhos*. É o caso de Guilhermina H.P.M.S. Ferreira que escreve, em forma de reflexão, sobre o que está (in)correcto na educação feminina. A autora constata que a vida das raparigas nas cidades é dificultada pela falta de “(...) lar

²⁷¹ Extraído de *Preceitos de cortesia e etiqueta*.

²⁷² Extraído de *Preceitos de cortesia e etiqueta*.

próprio isto é independente, ganhos suficientes do chefe de família, possibilidade da mulher ficar casa cuidando do lar e dos filhos, boa preparação desta para dona de casa e de ambos para educadores, etc. (...)” (ONF, Jul. 1949). A coragem e a capacidade de adaptação das mulheres portuguesas leva-as a “(...)conseguir um mínimo de felicidade, em condições absolutamente desfavoráveis (...). Por outro lado, nem todos os rapazes ganham o suficiente para que as mulheres não trabalhem nem elas são educadas convenientemente “(...)para a sua finalidade mais alta: mães e donas de casa, mas, ao mesmo tempo, pudessem e soubessem bastar-se a si próprias, no caso de não virem a casar ou de se encontrarem, um dia, sós, e a braços com dificuldades (...) “. A maior parte delas é educada apenas num de dois sentidos: “(...)ou «gotas borralheiras», vivendo num ambiente estrito, sem alegria nem finalidade, sonhando com o aparecimento, no próximo baile, do «príncipe encantador» que as há-de tirar dessa vida medíocre, ou meninas independentes, não dando conta a ninguém dos seus ganhos nem dos suas acções, trabalhando em meios inadequados à sua feminilidade, à sua fragilidade(...)”. Por outro lado, a maioria das mulheres não pode “(...)dispor de diversos aparelhos eléctricos, já hoje existentes em Portugal(...)” porque quanto importaria a aquisição desses mesmos aparelhos: aspirador, máquina de lavar roupa, louça, fogão eléctrico, esquentador, etc., etc.? Quanto sé teria que dispende, mensalmente, em electricidade, com tal aparelhagem?(...)”. Há um grupo delas, as que poderiam ter acesso a esses aparelhos que é a que não os usa porque o seu desafogo económico também lhes permite ter as criadas (...)”.

A educação das raparigas para o quotidiano deveria, finalmente, ter em conta que esse trabalho nem sempre é completamente reconhecido pelos homens. Elas terão que se consciencializar disso para não sofrerem pois eles “(...) gostam da casa bonita, arrumada, limpa, sossegada (...),mas a maior parte deles faz justamente o contrário: desfeia, desarruma, suja, bate com as portas, arroja cadeiras, deixa, cair objectos. Perante a contradição mulher a princípio, admira — e cala. A seguir, insinua, depois, pede (...) finalmente, enerva-se, diz isto e aquilo... e nada vale a pena!... Pior: estabelece-se de lado a lado o mau humor , a discussão principia (...)” porque os homens não são anjos, nem dotados de muita paciência nem gostam que lhes façam observações, que os constranjam. Habitados desde a meninice a fazer o que querem - já a mãe, indulgente dizia "são rapazes"...entendem que ceder, concordar, modificar ou perder um hábito , equivale a abdicação de personalidade, quebra de autoridade...sejamos justas- não há na sua atitude intento de desgostar, nem espírito de

contradição, nem menos amor ou consideração pela mulher(...)" (*Mãe*, ONF, Ago. 1949). Perante esta situação, recomenda-se um de dois caminhos possíveis: Ou "(...) nesta situação "a mulher supõe que só tem dois caminhos a seguir: Tornar-se um pouco <não te rales» (...) Ou então, teimar na sua- ele abre - ela fecha; ele tira- logo ela põe...(...)". Há ainda outro caminho que é "(...) o da astúcia. Ai de nós, minha querida filha, se não formos um bocadinho manhosas... Não lhe digas nada, não o contraries, que ele não suspeite das tuas intenções. Mas...concretizemos (...) Corrige, educa as manias dele - sem ele dar por isso...a vitória será tua. Mas cautela! Não cantes vitória em voz alta porque ele pode ouvir... e se ouve- os homens são tão caprichosos!- não juro minha filha, não juro (...)" (*Mãe*, ONF, Ago. 1949)

Outra colaboradora, Anália Torres, tem a mesma concepção do casamento em que a mulher é a "(...)rainha desse efêmero reinado(...)" mas o casamento "(...)não é apenas o véu branco, cortejo nupcial, todo esse cenário que o uso consagrou como início dum lar que se constitui porque o lar vai solicitar muita dedicação, sacrifício, renúncia (...)". Também para ela o lar deve ser visto como "(...) um cantinho sagrado(...)" que o teu lar seja sempre cantinho sagrado que o teu prestígio encha de luz e de fé, daquela paz bendita encontre no homem colaboração e entendimento, amparo e solicitude para que a tua obra resulte totalmente eficiente (...)"(Anália Torres, ONF, Set. 1949).

Ao mesmo tempo que dá todos estes conselhos sobre a educação feminina, Maria Lúcia Vassalo Namorado não se coíbe de criticar a atitude de muitos pais que não querem que as filhas se casem ou porque têm rendimentos suficientes para viver sem preocupações ou porque, tendo tirado um curso, não precisam de marido. A confusão que tal atitude provoca é lamentável pois "(...)Como pode o dinheiro ou um curso substituir num coração solitário os puros afectos, de esposa e mãe, que constituem o encanto e o tesouro duma vida de mulher?(...) (ONF, Jan. 1950). É que o casamento nem é emprego nem "(...) tão pouco é a solução dum problema económico. Casamento é, acima de tudo, a união de um homem e uma mulher que se amam, que desejam formar uma nova família, e que se dispõem a trabalhar juntos, a lutar juntos, pêlos seus ideais, pela sua felicidade, cada vez mais unidos, fortalecida essa união pelo amor dos filhos, pela partilha das horas comuns. Boas e más. O casamento, com todas as suas realidades positivas e materiais é, também, e sobretudo, uma aspiração, uma necessidade e uma realidade espiritual. Como se pode pensar em substituí-lo por um emprego ou uma boa maquia ao canto da gaveta? O casamento é o meio natural do homem e da mulher viverem integralmente. Não se mutila impunemente uma vida que aspire à sua plena

realização. ...Lembrem-se de que também casaram, e se tiveram contrariedades e dissabores, conheceram horas felizes; é bom ter uma filha, vê-la crescer e (...) porque não hão-de querer que a sua filha conheça venturas iguais? Como é triste e fria essa existência estagnada, parada, inútil, que muitos pais aspiram para as suas filhas! Pais devem prepara filhas para casamento...desvendaram os problemas da vida e a preparem-se para aceitar corajosamente, com optimismo, as realidades (...) no que respeita ao casamento, dar-lhes noções verdadeiras das responsabilidades de toda a vida que as esperam; ensinar-lhes a ciência profunda e a arte subtilíssima de viver(...) com o seu companheiro, ensinar-lhes quanto saibam de psicologia masculina e feminina, para que elas possam compreender e aceitar os sentimentos e as reacções do companheiro, e ver com clareza, dentro de si próprias.(...)” (ONF, Jan. 1950). Apesar deste discurso, como dissemos já, a directora de Os Nossos Filhos também entendia que não era necessário casamento para que se pudesse ser feliz.

Finalmente propunha-se que, se a rapariga quisesse ficar sempre jovem deveria seguir o Decálogo seguinte: “(...) 1- Estar sempre de bom humor 2- cada dia descobrir novo motivo de interesse e beleza 3- Praticar todos dias uma boa acção 4- Fazer ginástica todas as ma'nhãs, durante 15 minutos pelo menos; praticar um desporto compatível com a saúde. 5- Passar um dia, todas as semanas, ao ar livre. 6- Dormir 8 horas, todas as noites, com a janela do quarto aberta. 7- Não fumar 8- Evitar bebidas alcoólicas e as comidas muito condimentadas. Beber leite e água pura.. Comer principalmente legumes e frutas. 9- Trabalhar com entusiasmo e alegria, mas não abusar das forças. 10- Procurar o convívio dos jovens, acompanhá-los nos seus sonhos e nos seus problemas (...)” (ONF, Set. 1951).

Na educação feminina, assim como na educação das mães, cometiam-se diversos erros educativos. Esta noção vinha de muitas autoras que, como Maria Amália Vaz de Carvalho, eram bem conhecidas de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Aquela educadora tinha já identificado as mães como responsáveis de alguns. Entre eles podia contar-se que “(...) nas crianças do sexo feminino a tendência que cedo se desenvolve é a vaidade. (...) Aos 15 anos de quem é a culpa dela ser vaidosa?(...) De quem favoreceu em vez de combater esse pendor funesto que só à custa de reflexão a mulher consegue vencer(...) a culpa é da mãe(...) que teve orgulho dos defeitos da filha em vez de os transformar em virtudes(...) que criança tenha vaidade em ser boa, laboriosa, honesta, instruída, forte(...)”(Carvalho, 1880. p.271).

Da identificação dos erros educativos em *Os Nossos Filhos* podemos perceber quais os princípios que deviam orientar a formação das raparigas. Alguns começam a desenvolver-se ainda quando elas são crianças e só podem atribuir-se às mães. Era então contra estas má tendências que as mães deviam actuar para ter filhas bem educadas.

Actividades físicas, artísticas e lúdicas na educação: o Desenho e os Trabalhos manuais, a Educação Física, a Música, os Brinquedos, o Cinema e o Teatro

Desenho

Uma outra actividade muito abordada em *Os Nossos Filhos*, quer na vertente artística quer enquanto disciplina curricular é o Desenho, mais concretamente o desenho infantil.

Uma das obras que será editada e distribuída pela revista, *Ensaio para a iniciação do ensino do Desenho*²⁷³, é da autoria de Maria da Luz de Deus, filha de João de Deus Ramos e que fora professora dos dois filhos mais novos de Maria Lúcia Vassalo Namorado no *Jardim Escola João de Deus*, na Estrela. O anúncio da obra é feito, com frequência, nas páginas da revista, como sendo “(...)um livro que interessa às mães e professoras(...)” e que tem “(...)dezenas de gravuras(...)” (ONF, Jul. 1947). A autora aborda nesse livro, do ponto de vista teórico, a importância que tanto o desenho como os Trabalhos manuais têm no desenvolvimento da criança pois são actividades que ela procura de forma espontânea e afirma que: “(...) ocupar uma criança desenhando, é ir, salutarmente ao encontro duma necessidade(...)” (Deus, s.d. p. 5).

Ao escrever esta pequena brochura, a autora tem um objectivo que a orienta: quer mostrar, como se fazia então a nível mundial “(...)a importância do desenho, base de educação artística e profissional(...)” (p. 7). A “(...) educação dos sentidos é uma fórmula que entrou na moderna pedagogia como doutrina, mas que entre nós quase ninguém procura pôr em prática (...)” (p. 7). Por tal razão as pessoas ainda não se haviam apercebido da importância que os desenhos infantis podiam ter para revelar “(...) dados da alma e das reacções infantis, se a criança for guiada e desenvolvida salutarmente (...)” (p. 8). Como se vê, Maria de Luz de Deus não é apologista de uma total liberdade dada às crianças na realização do desenho. Ela afirma que “(...)Urge encontrar um método, pois a experiência demonstra que a prática exclusiva do desenho

²⁷³ DEUS, Maria da Luz de (s.d.) - *Ensaio para a iniciação do ensino do Desenho*. Lisboa: Editorial “Os Nossos Filhos». 39 p. A obra fora impressa na Tip. H. Torres; Rua S. BENTO, 279, 1º Lisboa.

livre não é processo satisfatório(...)" (p. 10). O caminho não era fácil pois que opunha dois intervenientes na discussão: por um lado, "(...) o artista que quase nunca nunca é pedagogo e o pedagogo, que embora tenha de ser artista para ser pedagogo, desconhece, a maior parte das vezes, as regras e cânones por que se regem as artes plásticas. O pedagogo quase sempre preconiza um método mecânico, baseado no desenho rigoroso e tendo em vista, principalmente, o lado profissional e utilitário. O artista persiste em querer levar a criança para a observação natural que, não sendo previamente preparada, implicaria a exclusão anti-pedagógica das crianças pouco favorecidas de dotes artísticos(...)" (p. 11). A condenação dos velhos processos de ensino do desenho é assumida e propõe-se que se encare "(...)o ensino do desenho sob dois aspectos: o exercício gráfico e a projecção exercida no espírito infantil (...)"(p. 12).

Como exemplos de desenvolvimento do primeiro aspecto os Jardins-Escolas de João de Deus tinham começado uma experiência com "(...) Modelos de desenhos graduados em séries(...) constituídas por modelos copiados e adaptados do Método de Desenho dum artista flamengo, de nome Van Dycke, que como método poderá ser contestado, mas que revela um poder de estilização, simplificando a silhueta, muito interessante e do agrado das crianças (...)" (p. 12). O aluno ia assim realizando desenhos limitados por linhas rectas e disciplinava-se, desenhando o que via e não só o que sentia ou pensava. Estes exercícios de "caligrafia do desenho", como lhe chama, serviam para "(...)distinguir o perfeito do imperfeito, além das noções de proporção(...)"(p. 13). Diariamente, além dos exercícios mencionados, a criança deveria ter "(...)uma parte do tempo consagrada ao desenho de imaginação(...)"(p. 14). A leitura de "(...) uma história narrativa ou lenda apropriada às possibilidades de execução aluno, para que ele a ilustre pelo desenho(...)" (p. 15) é assim o método preconizado.

A criança só faria o desenho depois de ter sido feito, pelo adulto, um "(...) comentário do texto, fornecendo as necessárias elucidações, sobre a arquitectura, os trajes e todo o cenário da época em que foi passado(...)"(p. 15). Para completar este percurso "(...) a Criança tem de objectivar as impressões colhidas reproduzindo uma cena à sua escolha o que representa um bom exercício de memória e de reconstituição de imagens (...). Por vezes a história é muito curta e deve reproduzi-la em três ou quatro cenas (...)" Deus, p. 16). Um dos cuidados a ter na escolha dos assuntos devia ser o de, com eles, abrir horizontes culturais às crianças submetidas a tal método, mas também se exigia que a criança dele gostasse. Para tal fim podiam ser usados desde "(...) os contos de Perrault,

às lendas e mitos das civilizações clássicas e germânica; desde as fábulas até as evoluções científicas das espécies animais(...)" (p. 17-18).

Maria da Luz de Deus reflecte ainda sobre a importância que o Desenho pode ter como apoio de outras disciplinas, como a História porque "(...) ensino da história deve ser, tanto quanto possível, uma reconstituição de épocas passadas mas conservando-lhes e não apresentando-as como quadros mortos e inexpressivos (...) assim se conservará o fundo étnico e as aspirações e anseios racionais, e só assim a história se tornará uma lição de moral e de virtude pátria (...)"(p. 18).

Na escrita também o desenho pode ter influência se se usar "(...) um projector que reproduza estampas e gravuras. O trabalho fica assim facilitado porque uma só estampa elucida toda a classe e além disso o interesse do aluno prende-se com mais agrado a uma figura projectada do que se ela for simplesmente entrevista num livro(...)" (p.19).

Depois desta primeira fase de exercício do Desenho, o aluno estaria apto a iniciar o desenho à vista. Preconiza-se que "(...)primeiro modelo a reproduzir é sempre uma folha ou flor de recorte simples(...)" (p. 19). Este exercício deveria ter como objectivo fazer "(...)a observação consciente do modelo e a compreensão das proporções a manter (...)" (p. 20). Depois, a criança deve passar para a aquisição da noção de volume que poderá ser feita não desenhando "(...)um frio e inexpressivo sólido (...) mas recorrendo (...)com vantagem ao material froebeliano. Um dos pequenitos faz uma construção com os dons. Depois de apreciada e aprovada, a construção é demolida e os elementos são cuidadosamente analisados (...).A construção refaz-se e é o modelo a desenhar(...)" (p. 20). "(...) Feitos os desenhos, são todos emendados e, em conversa com os alunos, dão-se breves noções de planos e de perspectiva. Depois do desenho emendado o autor tem liberdade para o decorar e rodear a seu gosto...Por emendar o desenho, não se entenda que o professor vá aperfeiçoar o desenho do aluno para dar a falsa ideia de que o aluno progride, ou para alindar o trabalho; o professor emenda o desenho mais ainda com palavras do que com traços para evitar que o aluno persista nos mesmos erros (...)" (p.20).

Era este então o método preconizado e aplicado nas escolas João de Deus. Ele fornecia "(...)à criança recursos para executar desenhos com. apreciável correcção e tem além disso uma salutar influência no desenvolvimento intelectual infantil e na formação da personalidade (...)" (p. 21).Aprendendo assim, a criança passaria a dominar uma outra linguagem. A autora continua a sua explicação teórica sobre outros aspectos do método, a saber, o da cor e da forma, sendo que a primeira antecede a segunda.

Os pais e educadores deveriam dar especial atenção também a estes pormenores pois que “(...) o mau gosto na combinação de cores é uma das lacunas mais se faz notar na educação estética infantil (...)”(p. 31) e poderia mesmo nunca ser debelado pela vida fora.

Como instrumentos a que as crianças deveriam ter acesso para desenhar são condenados os lápis de cor por não permitirem a mistura de tons, por limitarem a poucas cores a escolha da criança e por terem “(...)um traço áspero, pouco unido que dá um aspecto feio ao trabalho (...)”(p. 31). Recomendava-se a aguarela, mas com reservas para os mais pequenos a quem se devia dar “(...) papel de cor lustroso com que fazem vistosas colagens, dando brilho e colorido aos desenhos (...)”(p. 31).

Para os mais crescidos “(...)para aqueles cujas noções históricas lhes permitem volver os olhos para coisas velhas de alguns séculos localizando-as na sua época, fornecem-se, com interesse e agrado de aluno, noções de estilos decorativos(...)” (p. 32).

Duas outras actividades que, em *Os Nossos Filhos*, também se ligam ao Desenho são os Trabalhos Manuais e a Modelação. O primeiro porque desenvolve na criança uma “(...)prévia educação da atenção e desembaraço de mãos (...) /ou seja/ representam exercícios úteis de desembaraço e acuidade visual-manual (...)” (p. 33).

A modelação, “(...) executada em barro, copiando um modelo ou criando formas originais (...) quando uma obra fica muito perfeita, serve de modelo para desenhar (...) e estabelece-se assim um paralelismo, muito útil, entre o relevo e a sua reprodução em plano (...)” (p.34).

O Desenho, os Trabalhos Manuais e a Modelação seriam assim diferentes elementos de “(...)um sistema (...)” (p. 34), sendo que o primeiro não deve ser visto apenas como exercício mas “(...) acima de tudo uma linguagem humana (...)”(p. 34).

A maioria das mães ainda supunha que a iniciação artística infantil não era importante, poderia ser vista como mais um “(...) ornamento educativo(...)”. Ora é contra esta concepção que Maria da Luz de Deus se bate pois que, para ela, o Desenho “(...)é uma amarra do homem à sociedade (...)”(p. 34).

O trabalho sobre o Desenho em contexto de sala de aula poderia ser visto pela comunidade educativa, através de exposições escolares. Estas apresentam vantagens e inconvenientes como acontece com as exposições artísticas pois que “(...) o contacto com o público pode elevar ou transviar o carácter artístico das obras expostas (...)” (p. 38). O professor, dirigido pela sua vocação, com sólida formação artística e pedagógica, deve ver nas exposições escolares “(...)uma útil lição e ser um estímulo de maior zelo(...)”(p. 38) para si próprio. Ele será aquele indivíduo “(...)atento, aconselha e guia,

mas discretamente, sem que se sinta muito a sua acção (...)” (p. 39) porque “(...)Quase todo o trabalho da exposição é encargo e tarefa dos alunos. São eles que escolhem e seleccionam. Os trabalhos, sendo uma ocasião excelente para lhes fortalecer o espírito crítico, dar noções de justiça e interessá-los por aqueles que começam e carecem de estímulo Esse júri infantil é em geral constituído por quatro a cinco crianças e as suas reuniões nunca são secretas, realizam-se durante as horas de trabalho, tendo que responder aos autores das obras reprovadas se estes perguntarem o motivo da reprovação(...). Ao desempenharem funções de júri, as crianças adquirem um maior respeito pelo seu trabalho e pelo trabalho dos seus companheiros (...)” (p. 38-39).

Depois de escolhidos, os trabalhos deverão passar “(...)para as mãos daqueles que têm por tarefa, conservá-los e expô-los. O arranjo e ornamentação das salas é outra fonte de indicações úteis: a melhor harmonia na combinação das cores, o assunto dos trabalhos, o seu grau de adiantamento, etc. Finalmente são eles próprios a encarregar-se dos convites e de receber os visitantes (...)” (p. 39). A exposição escolar vai contribuir também para que a criança emende “(...) os seus erros e imperfeições e esse movimento consciente, conseguido sem ameaças, sem castigos e sem prémios, representa uma base segura de respeito e dignidade humana(...)” (p.39).

Sobre o desenho infantil há uma outra obra no *Espólio*, publicada no ano em que a revista tem o seu último número anual, ou seja, em 1964, da autoria de Maria Luísa Torres Pires e de Luísa Vieira Carneiro, com prefácio da médica Margarida Mendo²⁷⁴, que sabemos que Maria Lúcia Vassalo Namorado recomendou aos pais em *Diário de Lisboa*, de Novembro desse mesmo ano.

Nesse prefácio explica-se como é que o desenho infantil – quer o desenho livre quer o desenho sugerido - tem sido alvo dos estudos de psicólogos como Binet, Simon, Prudhommeau, entre outros que estudam a inteligência e a afectividade da criança a partir dos seus desenhos.

O grafismo infantil que se pretendia desenvolver com as actividades propostas na obra, que resultara da “(...) nossa experiência de ensino e pelo conhecimento da evolução

²⁷⁴ PIRES, Maria Luísa Torres e CARNEIRO, Luísa Vieira /1964/- Traçar para escrever. Capa de João Ramires. Ilustrações e arranjo gráfico de Prates. Porto: Livraria Avis. /88/ p. É o n.º de registo 114 da Base bibliográfica elaborada com as obras do *Espólio*. Tem dedicatória manuscrita de ambas as autoras, datada de Outubro de 1964. Tem, na guarda inicial, a lápis, no canto sup. direito a indicação *D.L. Nov. 1964*. Cf. Ainda o capítulo sobre as profissões femininas onde esta médica que assina o prefácio é citada como uma das colaboradoras de *Os Nossos Filhos*.

psicológica da criança (...)” é aqui visto como “(...)uma preparação prévia para a aprendizagem da escrita e da leitura(...)” (Pires, 1964. int.).

Sobre Desenho e Pintura de artistas adultas, quer como actividade profissional quer como actividade apenas lúdica, há também diversas notícias em *Os Nossos Filhos*. Educar as mães leitoras para as questões estéticas, orientando o desenvolvimento do desenho e da expressão gráfica nas crianças, sendo elas as protagonistas dessas actividades ou adquirindo informação sobre senhoras que a essas actividades se dedica(va)m, é então outro dos propósitos educativos de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

A participação das mulheres na produção artística é aqui assumida como sendo necessária e capaz de competir em qualidade com a do sexo oposto. Esta é a ideia que perpassa o texto introdutório do *Catálogo da I Exposição Feminina de Artes Plásticas*, que Maria Lúcia Vassalo Namorado guarda no seu Espólio²⁷⁵. Nesta Exposição promovida pela *Sociedade Nacional de Belas Artes* como depois na de 1947, promovida pelo *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, assume-se a importância da actividade cultural feminina e presta-se uma “(...) justa homenagem à mulher artista e intelectual(...)” (SNBA, 1942. p. 8).

Muitos outros artigos teóricos sobre desenho são ainda publicados em *Os Nossos Filhos* assim como diversas iniciativas na área das exposições infantis e escolares. É delas que damos conta nas linhas seguintes.

Como vimos, Maria da Luz de Deus explica, defende e teoriza a forma como o desenho é uma actividade quotidiana nos *Jardins Escola João de Deus*. Em *Os Nossos Filhos* também é ela que subscreve alguns dos textos que, de reflexão, sobre aquela actividade artística ali são publicados. Defende que as aulas de desenho não têm de ser apenas para as crianças com evidentes dotes artísticos pois ele deve ser visto como uma forma “(...)importante na iniciação visual-manual(...)”(ONF, Mar. 1944). Colocando embora algumas reticências ao uso (e abuso) do desenho livre, ela vê o desenho em geral como

²⁷⁵ SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES (1942) – *I Exposição Feminina de Artes Plásticas*. Lisboa: SNBA. 30 + /34/ p. Da Comissão Organizadora dessa exposição fizeram parte Alda Machado Santos, Maria Adelaide de Lima Cruz, Maria Eduarda Lapa, Maria de Lourdes de Melo e Castro e Úrsula de Leiro Montez, sendo o júri de admissão formado pelo Presidente da Direcção e a Comissão de Honra. Esta era formada por: Adelaide de Lima Cruz, Emília dos Santos Braga, Raquel Roque Gameiro, Sara de Vasconcelos Gonçalves e Loe de Batalha Reis. As obras estavam divididas por secções de *Óleo*, *Aquarela*, *Desenho*, *Pastel* e *Escultura*. Entre as participantes encontra-se Maria Keil (em óleo), uma das colaboradoras de *Os Nossos Filhos*, e as aquarelistas Raquel Roque Gameiro e Guida Ottolini, que viviam na Vivenda Santo Huberto, na Amadora e que têm cartas no *Espólio*.

uma forma de alargar o “(...) desenvolvimento intelectual e estético(...)uma linguagem humana”. Defende a iniciação artística infantil porque ela tem “(...)um âmbito mais largo do que lhe é geralmente atribuído, não é um ornamento educativo, é uma amarra do homem à sociedade(...)” (ONF, Mar. 1944).

Um texto de Herbert Read para o catálogo de uma exposição de desenhos feitos por crianças de escolas inglesas e que estivera no *Instituto Britânico* em Portugal, entre 24 de Fevereiro a Março seguinte, é publicado na revista pois nele são feitas apreciações, de carácter teórico, sobre a importância desta actividade no desenvolvimento da criança. Fazendo-se divulgador dos princípios do “(...)prof. Cizck, de Viena, que primeiro demonstrou as vantagens estética e psicológicas de libertar o impulso criador que existe em toda a criança, e foi ele, ainda, que teve a difícil tarefa de defender o valor estético dos desenhos assim produzidos por crianças(...)” a nova importância dada a esta actividade vem do facto de “(...) aquele novo método assegurar, a todo o custo, o gosto da criança pela actividade plástica e manejar um lápis ou um pincel, e o uso das cores, isto, só se pode conseguir deixando que esta actividade se torne instintiva, o que significa, afinal, deixar a criança descobrir as suas próprias possibilidades. O principal papel a desempenhar pelo professor é o de sugerir. O que é preciso em primeiro lugar, é criar um ambiente que induza a criança a exteriorizar a sua imaginação rica e intensa. isto envolve, no seu aspecto positivo, o inculcar na criança a fé em si próprio(...) mas existe, ainda, um aspecto negativo ou preventivo que requiere mesmo maior perícia e tacto da parte do professor. A criança é um animal de imitação e apanha, com incrível facilidade, não só qualquer idiosincrasia que o professor possa ter coma artista, mas também certos maneirismos alheios, espalhados por livros, revistas e filmes. É impossível excluir completamente estas influências (...). O bom professor orientar a criança no sentido de reconhecer, firmada na intuição e no sentimento, o que existe de genuíno e pessoal no seu trabalho(...). Todos os tipos de escola, desde as célebres «public schools» até às elementares, nos Bairros pobres de Londres, têm contribuído para esta exposição (...)” (ONF, Abr. 1947).

Da leitura que, no mesmo número da revista se pode fazer de um comentário à exposição feito também por Maria da Luz de Deus percebemos que não foi grande o seu entusiasmo pois a concepção de desenho livre e do papel do professor aqui defendida era diversa da que ela própria tinha apresentado na sua obra e na sua prática quotidiana.

Também outro texto teórico de interesse é publicado por João dos Santos²⁷⁶, apresentado como “(...)Psiquiatra do *Hospital Júlio de Matos*(...)” (ONF, Mar. 1953). Depois de traçar algumas críticas á aversão que entre nós despertam a música ou o desenho, este autor apresenta as vantagens do uso do desenho com crianças: “(...) Os nossos jovens não sabem cantar(...)aos domingos quando vêm das praias tentam mas só gritaria com cega-regas do *Parque Mayer* ou modinhas brasileiras(...). As crianças e adultos de outros países têm cantigas e sabem cantar(...). Veja-se também a facilidade com que estrangeiros pegam num lápis e traçam esquema e nós..."não tenho jeito para Desenho"(...)não creio sermos todos inaptos(...). A investigação com crianças sobre desenho infantil verificamos seguinte:1- Crianças doentes ou atrasadas do Hospital (...)fazem mais expressão e riqueza de colorido do que as normais das escolas(...). 2- Antes da idade escolar não se recusam a desenhar(...). 3- Desenhos perdem interesse pictoral a partir do 8-9 anos(...). Defeito é da falta de estímulo na idade em que criança se interessa mais por desenho e aguarela- entre 5 e 8 anos, em segundo lugar do abuso do desenho à vista que poderá interessar adolescentes mas não crianças(...). O desenho, modelação, pintura se atrofiam na idade escolar por falta de estímulo...ou do preconceito falso de que o desenho livre não é educativo. Não se vence começando tarde as que dependem das funções expressivas como atitude, mímica, movimento, dança, palavra, escrita, o canto, a música, o desenho, a pintura...A instrução deve ser completada pela educação que visa fundamentalmente no plano social, a aceitação dos princípios que regem as relações entre os homens(...)” (ONF, Mar. 1953).

Como se vê, quer o texto de Herbert Read quer o de João dos Santos, assim como aqueles que já referimos em subcapítulo precedente, deram origem a uma grande reflexão de Maria Lúcia Vassalo Namorado, levando-a a dirigir, mais tarde, a iniciativa *Portugal visto pelas suas crianças*. Sobre este tema, dirigindo-se directamente ás mães para elas saberem como actuar perante os desenhos dos filhos, escreve Maria da Natividade Pinheiro Correia²⁷⁷, que fora uma das grandes activistas do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* em Coimbra, que chama a atenção das mães dizendo:“(...) mãezinha não deite fora esses papéis onde o seu filho se esforçou por imitar aquilo que viu(...)Guarde-os bem guardados, com a indicação da idade e da explicação que ele deu ao desenho. Sabe que as expressões gráficas das crianças é um dos melhores meios de se estudar a evolução psíquica, os seus interesses e até os seus

²⁷⁶ O texto fora publicado em *O Educador*, de 10 de Janeiro de 1953 e era aqui republicado.

²⁷⁷ Cf. *Apêndice Cap. 4- Biografias*.

estados patológicos? (...) Piaget diz que a criança pensa como desenha. E Traube manda alunos desenharem o que viram na véspera(...) foram proscritos por pedagogos e psicólogos, os moldes para ensinar desenho nas primeiras idades. Não interessa criar artistas precoces ou, por outro, isso até pode ser muito prejudicial(...) o que importa é poderem apreciar aqueles que o são. Por isso, não se esqueça: não obrigue o seu filho a desenhar ,a jarra da sala ou a caneca(...)Se ele mostrar relutância pelo desenho, veja com atenção se é devido a uma incapacidade motora, a uma deficiência visual ou a qualquer perturbação no regime das imagens ou da memória(...) Se o deixe desenhar à vontade com a mão esquerda, pois se ele nasceu com a particularidade(...) Não é defeito de ter os centros nervosos ao contrário —qualquer atitude de crítico obstinada da sua parte pode ser gravemente, funesta ao seu comportamento moral e social(...)” (ONF, Ago. 1953).

Ainda sobre desenho infantil há diversos artigos de Irene Lisboa e de M.M. Calvet de Magalhães, que do ponto de vista teórico defendem esta actividade artística desde bem cedo e servem para dar os fundamentos necessários para que as mães compreendam a importância de tal actividade desde a escola infantil ou até, quando tal não for o caso, dentro de casa, sob a sua tutela.

A intervenção mais importante de Irene Lisboa neste contexto é a transcrição de uma palestra que, sob este tema do desenho ela pronunciara no Museu João de Deus, explicando o que sobre desenho infantil eram os “(...)pontos de vista bastante interessantes do psicólogo francês G.H.Luquet que dedicou ao assunto vários anos de estudo(...) e que via o desenho como actividade lúdica(...)/suscitando/ Aos 10 anos mais desinteresse. Luquet atribui esse desinteresse à acção da Escola que deforma o gosto natural das crianças(...)” (ONF, Mar. 1953). Este artigo continuou a ser publicado em mais três números da revista, e neles a autora apresentou as fases do desenho infantil estudadas por Luquet (ONF, Abr. 1953) e outros dados teóricos desse mesmo psicólogo, sobre o desenho infantil (ONF, Maio 1953). No último desses artigos (ONF, Jun. 1953), Irene Lisboa chamava a atenção para a diferença entre o “(...) desenho **lambido**, exigido geralmente nas escolas, é muito diferente daquele que as crianças produzem à sua vontade(...)”, chamando a atenção para as fases da evolução do desenho infantil, segundo aquele teórico:“(...) 1ª- desenho involuntário ou realismo fortuito...2ª do realismo falhado - intenção esboçada mas técnica deficiente...3º realismo intelectual(...) 4_ realismo visual descobre a perspectiva(...)” (ONF, Jun. 1953). Ao acabar o artigo é interessante verificar como ela afirma que, por vezes, quando se começa a falar de um

problema, parece que todas as pessoas que dele falam, defendem todas dos mesmo pressupostos, embora possam sobre ele ter divergências enormes mas, de tanto se falar, parece que todas as pessoas estão de acordo. A advertência por ela deixada reveste-se de extrema perspicácia e actualidade:”(...) A vulgarização de problemas tão usada tem o seu reverso: a **elementarização** dos assuntos, e o seu **panfletarismo**(...)”.

Os textos²⁷⁸ de M.M. Calvet de Magalhães sobre o mesmo tema, num total de catorze artigos entre Julho de 1954 e Maio de 1955, começam com uma reflexão sobre a necessidade que as crianças têm de pintar (ONF, Jul. 1954) e vão aprofundando temas como a educação através da arte (ONF, Set. 1954), os métodos de ensino artístico infantil (ONF, Out. 1954), as leis do desenho infantil (ONF, Nov. 1954) em que como Irene Lisboa, cita Luquet, o que diz e expressa a criança quando desenha (ONF, Dez. 1954), como podem ser feitas pinturas e desenhos colectivos e as suas vantagens educativas de tal procedimento (ONF, Jan. e Fev. 1954), que materiais devem usar as crianças para desenhar (ONF, Mar. 1955), como deve ser um *Centro Artístico Infantil*²⁷⁹

²⁷⁸ Ilustrado com crianças que vêm uma exposição, crianças tripeiras pintando nas margens do Rio Douro.

²⁷⁹ Na revista há notícias sobre um *Centro Artístico e Educativo Infantil* de Lisboa, dirigido pelo pintor João Hermano Baptista que se queixa de não ter visto um dos alunos (Romeu Costa Pereira) incluídos no certame *Lisboa vista pelas suas crianças* (Carta de ca. 1958. Caixa 26. Maço 2). Este Centro nada tem de ligação com o que aqui é descrito por M.M. Calvet de Magalhães. Parece mais uma obra de assistência, muito católica. O Centro de Hermano Baptista publicara até um boletim intitulado *Pelo Bem, Pela Arte*. O Centro fora criado para tirar da rua os rapazes em perigo. Cremos que o director tem relação com Amélia da Ressurreição Baptista. A este Centro haviam sido oferecidos diversos materiais pela Casa Varela, por Luís de Macedo, pelo Pintor J. Bronze e Jorge Pinto, Manuel Leite da Silva, 20 livros pelo deputado José Hermano Saraiva, António Carvalho e a directora da revista oferecera (...) tinta em pó, 6 cartões, pincéis, e publicação amável de artigo e diálogo com rapazes(...)”Na mesma carta sabemos que o Centro tinha um cartão de identidade com descontos em certas casas e médicos. O Centro iniciara a sua actividade em 1 de Janeiro de 1957 e para lá só podiam entrar os rapazes que assinassem um compromisso assinado por um padre, o cônego Manuel Luís e pelo director do Centro. O grupo deste rapazes fizera até uma visita ao ateliê do pintor Martins Barata (Carta de Maio 1959. Caixa 26. Maço 2). Há ainda outra carta em Caixa 21. Maço 6). A notícia sobre aquele Centro foi publicada em *Os Nossos Filhos* de Fev. 1957. O artigo tem uma parte de autoria de *M.L.* e outra é feita a partir dos documentos do pintor Hermano Baptista. Nesse texto da sua autoria refere que apoia “(...) com o mais vivo entusiasmo(...) e desejaríamos ver imitada em todos os bairros lisboetas(...)”(ONF, Fev. 1957. p. 14-15 e 28). Vejamos o texto desse Compromisso: “(...) 1º Centro para rapazes da Sé e Alfama com apoio e assistência moral de Cônego Manuel Luís, prior da Sé e S. João da Praça e ideia de pintor Hermano Baptista(...) fim é tirar dos perigos e inconvenientes da rua, rapazes dos 7 aos 14 anos; Ministrara-lhes ensino artístico preparatório; Facultar-lhes alguns exercícios e desportos educativos e recreativos; tentar, logo que seja possível, outros benefícios em defesa da juventude (...) destina-se como evidente, aos pobres e desprotegidos(...) depois de assumir e assinar um ‘Compromisso’ inspirado nos seus próprios hábitos e tentações :A obedecer com prontidão a meus pais e a meus mestres e também nos recreios, durante excursões (...).Je sempre que esteja confiado ao Centro. A tratar com deferência e auxiliar os meus companheiros, especialmente os mais novos e os mais fracos do que eu. A não repetir más palavras ou más acções A respeitar as senhoras, ás pessoas mais velhas e as crianças mais novas ou mais fracos do que eu. A respeitar tudo o que é dos outros, para que respeitem o que é meu. A não atirar com pedras a árvores, a monumentos e obras de arte, a pessoas e animais. A não andar atrás dos carros. Muitos têm morrido atropelados e esmagados. A não apanhar na ruas sementes das árvores nem pontas de cigarros.

(ONF, Abr. 1955 e que formação devem ter os professores para entenderem e trabalharem com as crianças nesta área (ONF, Maio 1955). Da leitura destes artigos conclui-se que se trata de um ‘quase’ programa de formação em Educação para o desenho, a ser seguido quer por mães quer por professoras(es) orientadores desta actividade artística. Num dos primeiros artigos o autor posiciona-se face ao que são lugares comuns sobre o desenho, e citando autores que vão de M. Braunschwig Blaise Cendrars, Herbert Spencer, Luquet, Natalie R. Cole e Trevor Thomas ele considera que as artes não podem ser vistas “(...)como passatempos agradáveis ou fúteis(...).O desenho assume na vida actual um lugar preponderante (...)A arte é uma necessidade social, e, por isso, se devem habituar as crianças com a arte, tratar de que se acostumem a considerá-la como facto natural, social e mundial, que deve ser recreio de todos, para se ir afinando o espirito e chegar a penetrar o sentido artístico(...). A actividade do desenho infantil não é uma obra de divertimento e acaso, mas necessidade de expressão humana(...)harmonioso das crianças. ...Não se pretende que todas as crianças sejam brilhantes desenhadores, deseja-se que tenham algum gosto, um elemento de cultura artística que virá integrar-se na sua cultura geral(...)” (ONF, Jul. 1954).

Os textos deste autor são excelente fonte de informação e erudição sobre o tema em debate. Sobre a formação dos professores para esta área não resistimos a transcrever o que diz:”(...) Se, no entanto, a habilitação dos professores no domínio do ensino geral, estabelece com inúmeros problemas, as dificuldades agravam-se no que se refere à escolha de um bom professor de arte(...). Podem ser muito diferentes mas igualmente bons...ou maus(...). A habilitação do professorado devia, possuir certas qualidades, como sejam: cultura geral bastante apurada, categoria artística, personalidade e sensibilidade para o contacto com as crianças e sentimento de responsabilidade docente. O programa de habilitação devia compreender as seguintes partes essenciais: expressão prática, apreciação da arte, aplicação da psicologia á arte infantil e estudo dos métodos de ensino integrados na cultura geral(...). Investigações revelam que o equilíbrio psíquico dos professores influi sobre o dos alunos. Professores infelizes, insatisfeitos e irritados não podem ajudar as crianças a tornarem-se seres felizes e adaptadas à existência. A insuficiência dos vencimentos, a demora nas promoções e as condições de trabalho em geral ruins, são factores que não podem trazer decepções à profissão de professores(...). Convém porém salientar que as qualidades humanas são básicas nos

Com elas apanham-se doenças perigosas(...)”(ONF, Fev. 1957. p. 14-15 e 28).

tipos de personalidades que pretendem dedicar-se ao ensino e se reconheça que os professores devem poder gozar de um nível de vida satisfatório(...). O professor de arte deve ser um educador pelo que esta segunda qualidade exige que conheça as tendências recentes do ensino, o conhecimento do crescimento e do desenvolvimento da criança(...), estudo sistemático, da psicologia(...), métodos de ensino adaptados às necessidades da criança(...), contactos com as crianças fora da escola(...), experiência directa sobre visitas de estudo, excursões e viagens(...), estudo directo e prático do ambiente local, das realidades sociais que a caracterizam e do tipo de civilização que representa(...), conheça os meios próprios de estimular as faculdades criadoras e como dar a todos os alunos possibilidade de se dedicarem a essas actividades(...), deve saber o modo de permitir aos alunos de se aperfeiçoarem em ramos artísticos, uma vez obtida uma educação básica, e a importância do desenvolvimento completo da personalidade do estudante como pessoa. Da boca dos professores orientados à base de esclarecimentos teóricos, também é vulgar ouvir a linguagem de apóstolos da moderna pedagogia artística — pondo a descoberto, imediatamente, o seu completo desconhecimento da realidade escolar. A Escola Nova repudia a facilidade. Impulsiona, sem ardis, as tendências profundas e realmente espontâneas, provocando assim trabalho fecundo a realizar com zelo e entusiasmo, com esforço inteligente. Mas o nível dos conhecimentos do professor em matéria de crescimento e desenvolvimento da criança define-se somente pela facilidade com que ele disso extrai aplicações práticas. ..O professor de arte infantil tem de ser *um artista* competente (...). Deve estar ao corrente das tendências da arte e da função desta na evolução da civilização. Como hoje se liga maior importância à criança do que à coisa ensinada, no ensino da arte infantil, como actualmente se concebe, poderá haver professores medianamente dotados para à expressão artística, pois a habilidade técnica e a perfeição dos resultados não está em causa porque a educação artística destina-se não somente para os indivíduos dotados, mas para todos os outros. Será professor de arte infantil aquele que souber suscitar notavelmente as faculdades criadoras(...)"(ONF, Maio 1955). Como em todos os textos anteriores o autor não deixa de, no final, remeter as(os) leitoras(es) para um conjunto de referências bibliográficas sobre cada um dos temas abordados em cada um dos artigos.

Sobre iniciativas na área de desenho há a publicação de anúncios ao curso de desenho dirigido por Cecília Rey Colaço Menano, como os que ela ainda hoje dirige aos sábados em atelier em casa (ONF, Dez. 1950). Também são divulgadas diversas

exposições artísticas de crianças, como se pode ver no quadro resumo seguinte.

Quadro N.º21.: Exposições e concursos de desenho publicitadas em *Os Nossos Filhos*:

Exposição de Arte Infantil	na Sociedade Harmonia Eborense(...) concorreram 69 pequenos, 174 trabalhos...Prémio de lavoires: Maria José Paula Soares prémio de desenho: António Bento Garcia	08-1943
Exposição de Trabalhos Infantis	salas do Vacuum Clube realizou-se uma adorável exposição de desenho, Pintura, e trabalhos manuais, de que são autores os filhos dos empregados da Socony Vacuum.. São cento e .quarenta trabalhos de crianças e, adolescentes de 4 a 16 anos (...) promotores estão dispostos a repeti-la anualmente	07-1945
Vina de Matos- Desenhos e pinturas feitos por crianças inglesas	demonstra o carinho e o interesse da Grã-Bretanha pelos seus filhos pequeninos. instituto Britânico, analisando com a devida atenção a colecção de desenhos e pinturas feitos por crianças dos 4 aos 12 anos, desenhos e pinturas seleccionados dos melhores colégios e escolas inglesas	08-1947
Emília de Sousa Costa-	exposição de desenho no <i>Colégio Moderno</i> , sob orientação de prof. Passos Pinto o que perdi desde pequena por ter chegado tarde para recolher utilidade dos novos métodos de ensino(...) depende dos mestres (...) lavro aplauso ao director do Col. Moderno pela sua colaboração na meritória obra educativa	07-1952
2ª Exposição de Arte infantil	sob orientação de dr. José Passos Pinto o Colégio Moderno deu-nos 2ª Exposição de Arte infantil	06-1953
Concurso de desenhos da revista	além dos desenhos de Luís Manuel Fraga e Maria Madalena Vilela Botto Pimentel, já publicados, publicaremos também os de Maria José G. P. Heitor, Orlando M. M. Curto, Alfredo Manuel P. Enes Pereira, Ana Maria G. S. P. Vieira, Luís Manuel A F. Guerra, Henrique Manuel P. A de Sousa, Júlia Maria, Fernando António M. De Abreu, Carlos Alberto R. Fraga e José Gabriel B R. Fraga. A todos, os nossos parabéns. (NOVO CONCURSO:) pedimos aos nossos amiguinhos que escrevam. um pequeno conto inteiramente a seu gosto, façam um desenho adequado ao conto, e nos mandem tudo/ com o nome/ idade e morada, até ao próximo dia 28 de Fevereiro. O desenho deve ser feito a lápis ou a tintada China (os desenhos coloridos não servem para reproduzir) não medirá mais de 9 x 12 cm e com uma letra bem feitinha, e numa folha de papel muito limpa. Valeu? Os que ainda não souberem escrever, mas só esses. Podem ditar o conto. Entendido?	01-1953
Elisa de Carvalho	Póvoa de Varzim: iniciativa de António Rodrigues da Luz Correia, foi criado um centro artístico infantil, para ministrar os ensinamentos das artes plásticas às crianças de 8 a 14 anos. Uma feliz inspiração que devia ser imitada por todas as cidades	02-1953

<i>CENTRO ARTÍSTICO INFANTIL</i>	na Póvoa do Varzim, criado prof. António Rodrigues da Luz Correia, crianças 7 aos 14 anos; gratuitamente qualquer criança pode frequentar...contribuir Para um melhor conhecimento àa criança portuguesa, observar as suas tendências e aptidões, aperfeiçoar o seu temperamento, e orientar a sua, sensibilidade por meio pintura e desenho...trouxe os trabalhos a Lisboa, onde os expôs no SNI, ...êxito...que bom noutros pontos do país se criassem centros Artísticos infantis!	08-1953
Emília de Sousa Costa ²⁸⁰	texto de apreciação da exposição do Colégio Moderno, director Dr. João Soares e orientada pelo prof. José de Passos Pinto /cita/ João de Deus, José de Passos Pinto, Fustel de Coulanges "A Cidade Antiga", Montessori	09-1953
<i>Exposição de Arte Infantil</i> ²⁸¹	"Galeria de Março" confiou a profª Alice Gomes e M M Calvet de Magalhães a org. de uma exposição de Arte Infantil durante 2º quinzena de Março passado...Procura por todos os meios estimular a arte infantil, não é menos verdade pelo menos entre nós, muitos adultos ainda não compreenderam como se de vem comportar perante a inspiração infantil, como devem respeitar, na criança, a espontaneidade criadora, a liberdade de plasticamente o que lhe interessa e a impressiona Sob este aspecto, a linda exposição deve ter constituído para muitos autêntica revelação reuniu algumas centenas de trabalhos de crianças entre os 3 e os 14 anos, inteligentemente seleccionados entre milhares» numa encantadora e eloquente demonstração da psicologia da sensibilidade infantis	05-1954
<i>EXPOSIÇÃO DE DESENHOS E PINTURAS</i>	INFANTIS ALGARVIAS	12-1954
ARTE DE CRIANÇAS	Exposição no SNI, de trabalhos de crianças dos 4-14 anos e de mineiros do Pejão. Organizou-a o prof. António da Luz Correia, que em 1952 criou o <i>Centro Artístico Infantil</i> da Póvoa do Varzim. Prof e pintor pernambucano Augusto Rodrigues, em Lisboa, a fim de expor trabalhos da sus "Escolinhas de arte do Brasil" a expor no <i>Diário de Notícias</i> , em Março.	03-1955
Mirita de Almeida ²⁸² , correspondente	Visitei ontem a <i>National Exhibition of Children's Art</i> 1955, no Royal Institute Galleries, patrocinada pelo Sunday Pictorial. Crianças dos 5	11-1955

²⁸⁰ Artigo tem "lead" de Maria Lúcia Vassalo Namorado sobre Emília de Sousa Costa (1877-1959): "(...)humilde mas sincera homenagem a esta sua querida e dedicada Colaboradora...trabalhadora infatigável...educadora amorável de crianças...Paladina intrépida da mulher escravizada, humilhada, explorada, ou incompreendida. O seu coração magnânimo, a sua sensibilidade finíssima o seu carácter íntegro, a sua coragem indómita estão sempre presentes na sua obra, tornando-a credora da gratidão de todas as mulheres. Maltratada pela vida... irmã das outras mulheres, deslumbrada admiradora de tudo o que a vida e as almas têm de belo e nobre...Mulher que todas nós, mulheres portuguesas temos o dever de respeitar, admirar, amar, e não esquecer (ONF, Set. 1953).

²⁸¹ Esta exposição faz lembrar aquela que, mais tarde, como vimos, Maria Lúcia Vassalo Namorado organizará com M.M. Calvet de Magalhães e Cecília Menano.

	<p>aos 16 anos de idade...Não encontrei nada de especial que me causasse espanto .No nosso país há quem trabalhe tão bem como aqui e tudo o que há-de confirmar é que a expressão infantil segue processos similares em todos os pontos do globo...Seleccionados entre os enviados pelas diferentes escolas inglesas infantis, primárias, secundárias , especiais de pintura e agrupadas por idades: 4-7 anos; 8-11; 12-14 e 15-16 anos; tem prémio para custear futuro do premiado...comissão d,e mestres no assunto, e outros o professor Herbert Read realizou o trabalho e conferiu prémios a certas produções. ...Criança gosta de construir «coisas para» e prefere a madeira, o fio, o cartão e outros materiais de uso corrente, à plasticina.</p>	
France Presse, enviada pela Agência	<p>no <i>Museu Pedagógico de Paris</i> esteve patente uma exposição de pinturas colectivas de crianças em que estão representadas França, a Grã-Bretanha, Portugal, .Bélgica., Holanda,, Itália, Jugoslávia, Marrocos, Dinamarca e Luxemburgo</p> <p>Segundo o método descoberto em 1936 por dois professores franceses, Vige Langevin e Lombard, o tema é escolhido alunos durante um passeio ou depois da leitura de um trecho. Cada criança faz o seu esboço e trava-se discussão geral sobre a escolha do projecto definitivo. Este é a, seguir dividido em 8, 16 ou 32 partes,(...).</p>	11-1955
Artista pintor Figueiredo Sobral org.	<p>uma "Exposição experimental de pintura para a juventude e Infância", na segunda quinzena de Dezembro..É, muito louvável esta ideia» pela primeira vez realizada entre nós, de organizar uma exposição especialmente destinada às crianças e aos jovens, onde eles próprios possam escolher os quadros que gostem de ver nos seus quartos é salas de estudo. A exposição reunia moas de 100 trabalhos — desenhos, aguarelas, pastéis, colagens, óleos —e foi muito concorrida.Integrada nesta Exposição na tarde de 28 de Dezembro, realizou-se «Uma hora musical Infantil", pelos Meninos artistas da <i>Fundação Musical dos Amigos das Crianças</i></p>	01-1956
Lisboa vista pelas suas crianças	<p>A CML oferece material de desenho e pintura às crianças que não o possam comprar Os trabalhos sobre Lisboa devem-nos ser entregues até 19 de Maio próximo</p>	03-1956
<i>Exposição de alunos do Liceu D. JOÃO DE CASTRO</i>	<p>Sob orientação do prof. Manuel Filipe os alunos expuseram no salão Havas, trabalhos de colagem, desenho, pintura, barro e azulejo, Alunos do 1.º, 2.º, 4.º, 6.º e 7.º anos do Liceu portanto de idades e capacidades muito diversas. Prof. E alunos expõem juntos</p>	04-1956
<i>I Salão de Arte Infantil da Costa Do Sol</i>	<p><i>Sociedade de Educação Social</i>, de S. João do Estoril, promoveu um Concurso de desenhos e pinturas infantis, entre ás crianças que habitam a Costa do Sol.Certame, que teve a assistência técnica do Professor M. M. Calvet de Magalhães, esteve patente,</p>	07-1956

²⁸² Não temos mais indicações algumas para a colocar como *colaboradora* mas é esta a referência que a autora do artigo tem na revista.

	<p>numa interessante exposição, que reuniu os trabalhos seleccionados por um júri, constituído por aquele professor, e pelas professoras D. Alice Gomes e D. Cecília Menano. Concorreram 1.005 crianças (das quais foram seleccionadas 280) com 1.845 trabalhos (dos quais foram seleccionados 350). Prémio "Junta de turismo de Cascais" para guache de João Pedro Luís, de 12 anos. Foram atribuídos mais 4 prémios, por grupos de idades, aos seguintes trabalhos: «Costa do Sol», guache de José Bettencourt Graça, de 6 anos; «A capoeira», lápis de cores, de Manuel Ermezendo da Silva de 8 anos; «Paisagem», guache de Manuel de Carvalho Pedro, de 11 anos; e «Paisagem», guache de José Carlos Jorge, de 13 anos.</p>	
<p>Exposição de Arte Infantil NO LICEU CHARLES LEPIERRE</p>	<p>Em Lisboa essas exposições revelam francamente uma renovação de processos pedagógicos demonstrativa da competência e actualização dos professores e evidentemente, das largas possibilidades das crianças. Feliz iniciativa, que merece ser imitada(...): criou para os seus alunos de todas as idades, um curso voluntário, de desenho e pintura, cuja regência foi "confiada" ao pintor Nikias Scapinakis. A exposição do fim do ano» ...competência pedagógica do jovem professor, que é um dos mais sérios e conceituados artistas da sua geração.</p>	07-1956
<p>ARTE NA EDUCAÇÃO</p>	<p>Maria José Gamito, professora de canto coral no Liceu e na Escola do Magistério Primário de Évora, criou nesta cidade uma escola de arte infantil. A que chamou «Arte na Educação». Neste 1.º ano lectivo, funcionaram cursos de rítmica, iniciação musical, piano, violino, violoncelo, e «ballet». ...próximo ano "Arte na Educação" ampliará as suas actividades aos cursos infantis de artes plásticas.</p>	07-1956
<p>Exposição na Escola Ave Maria</p>	<p>visitámos os trabalhos</p>	08-1956
<p>OS PEQUENINOS AMIGOS</p>	<p>exposição de trabalhos, graciosos em modelação...tiveram sessão cinematográfica</p>	08-1956
<p>CLINICA PSICOLÓGICA INFANTIL do Dr. Vítor Fontes</p>	<p>trabalhos manuais, desenho, escrita...de alunos com acentuadas deficiências mas progresso comprovado pelas , classificações obtidas nos exames feitos nas Escolas Primárias e nos Liceus</p>	08-1956
<p>Exposição de Arte Infantil no MUSEU DE ARTE ANTIGA</p>	<p>na quadra de Natal, os alunos da profª Cecília Menano...desde 4 anos a adolescência...vem realizando notável obra educativa</p>	-01-1957
<p>2.ª EXPOSIÇÃO EXPERIMENTAL DE ARTE PARA A INFÂNCIA</p>	<p>Os artistas Cambraia, Costa Pinheiro, Fernandes Silva, Figueiredo Sobral, Louro de Almeida, Mário Leiria, e Montoya, realizaram em Dez. passado no salão da Agência "Havas" a 2ª Exposição...1ª teve lugar o ano passado por iniciativa de Figueiredo Sobral com trabalhos exclusivamente da sua autoria. Desta vez, a Exposição constou de pintura, colagem, ilustração, e desenho de sentido infantil</p>	01-1957

<i>PORTUGAL na III EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARTE INFANTIL</i>	há dias inaugurada em Tóquio...obteve um grande prêmio e 4 menções honrosas; 4000 trabalhos expostos sendo 30 os de crianças portuguesas...org. da representação a cargo do Prof. Luz Correia, bolseiro do Ialta Cultura e do SNI...que tem dedicado esforço a educação infantil	02-1957
Pinturas e Desenhos Colectivos Infantis, no <i>Pórtico</i> ²⁸³	iniciativa da exposição de MM Calvet de Magalhães; 47 trabalhos de crianças portuguesas e 2 francesas	03-1957
Exposição da M.P.F.	No Palácio da Independência, em Lisboa, mais uma exposição de Estética da MPF, trabalhos de filiadas de Lisboa, Província e Ilhas...colchas de Castelo Branco do Centro das Indústrias Regionais da MPF de C. Branco, trajes de Viana do castelo, o de noiva, do Centro das Indústrias Regionais da MPF de Viana, os véus de noiva e mantilhas de Centro das Indústrias Regionais da MPF de Bragança, rendas da escola Industrial Josefa de Óbidos, de Lisboa; da Escola Industrial Aurélia de Sousa, do Porto; da Esc. Comercial e Industrial de Silves e Industrial D. Luísa de Gusmão, de Lisboa; presépio com aparas de madeira de D. Luísa de Gusmão, de Lisboa; e "Album de Actividades do Centro n.º 1 da MPF do Liceu Nacional do Funchal...trabalhos de pintura da escola "Avé Maria" de Lisboa...Escola Industrial e Comercial de Ponta Delgada, Matosinhos...Castro Verde e Açores	06-1957
Isaura Correia Santos- <i>Exposição de Arte Infantil</i>	no Porto, na Escola de Belas Artes- iniciativa de Martins da Costa...arte deve fazer parte da educação e instrução moral e intelectual	07-1957
No <i>Colégio de Reeducação</i>	na Praça Andrade Caminha, nº 5 uma das exposições escolares que mais nos agradou...Este colégio destinado a crianças com pequenas deficiências...apresentou, além do seu material didáctico destinado à iniciação da me leitura e da aritmética, grande variedade de trabalhos executados nas aulas pelos alunos (modelação, pintura livre, colagens fantoches, animais de arame e papel, etc., etc.), tudo revelando bem o cuidado que os propõem ao seu ensino e a eficácia dos métodos empregados	08-1957
<i>Lar dos Pequenos</i>	actividades no fim do ano terminou com comunhão anual dos alunos, missa campal no Jardim do Colégio coro dos alunos...assistiu directora D. Aida Castelo, professoras, famílias dos educandos...servida uma refeição e inaugurada exposição...reunindo, ps., cadernos diários, provas de redacção, ditado, de aritmética, desenhos, pinturas, cerâmica, laves, e os trabalhos manuais próprios do jardim infantil — tudo revelando o muito trabalharam, durante o ano, as professoras e as crianças	08-1957
<i>IV SALÃO DE</i>	direcção do "Clube ARTE e SPORT" organizou seu II	05-1958

²⁸³ A mesma galeria onde Maria Lúcia Vassalo Namorado apresenta a Exposição de tapetes de Arraiolos.

<p>DESENHO E MODELAÇÃO infantil</p>	<p>Salão...patrocinado pelos Ministro e subsecretário de Estado de Educação Nacional...Júri de admissão: Leopoldo de Almeida, MM Calvet de Magalhães e Anjos Teixeira, seleccionou 330 trabalhos de desenho e pintura e 27 de modelação de crianças de 3 a 15 anos...Prémio "Ministério de educação Nacional" foi atribuído a "Um Combóio" de Manuel José Geraldês de Oliveira, de 5 anos, do Colégio Susana Valsassina</p>	
<p>I FESTIVAL DE ARTE INFANTIL no Colégio Moderno²⁸⁴</p>	<p>exposição de pintura de Instrução Primária e do curso dos liceus assim como trabalhos de modelação em barro e pintura abstracta e ainda trabalhos de desenho, jogos visuais jogos de aritmética * de noção de tempo, e jogos de gramática. A exposição foi inaugurada em 27 Abril pelo Subs. da Educação Nacional, Dr. Baltazar Rebelo de Sousa, que se faria acompanhar pelo Inspector Superior do Ensino Particular Dr. Almeida Carneiro; e manteve-se aberta até 17 de Maio. Neste espaço de salão da exposição realizaram-se 1 tarde de poesia e canto com recitativos e números de canto coral por um grupo de alunos; duas tardes de cinema para crianças; «quatro sessões culturais, com os seguintes programas: "A criança e a música" D. Francine Benoît, Ilustrada com professora D. Francine Benoît, ilustrada com números de canto coral; "A Criança e Poesia», palestra pela professora e escritora Dra Matilde Rosa Araújo, e leitura de poesias J para crianças pela artista e professora Dra. Maria Barroso; Colóquio sobre «Os problemas psicológicos da infância e da adolescência orientado pelo Dr. João dos Santos; «Formação estética no ensino», palestra pelo Dr. Rui Grácio²⁸⁵, seguida de debate. O Festival terminou com um espectáculo de teatro «Grupo Cénico do Colégio Moderno»» sob a direcção da Dr.a Maria Barroso. De parabéns Drs. João Soares, director e seus incansáveis colaboradores Dr. Mário Soares, Dra Maria de Jesus Barroso Soares e Dr. Passos Pinto.</p>	<p>08-1957</p>
<p>Exposição de desenhos, pinturas e colagens</p>	<p>professor Alexandre Cunha, na galeria "Pórtico" fez exposição de desenhos, pinturas e colagens de crianças brancas e negras que foram seus alunos em Escolas Técnicas em Angola</p>	<p>06-1958</p>
<p>Trabalhos Escolares no Instituto Alemão de Lisboa</p>	<p>exposição de trabalhos do liceu feminino de Recklinghausen, Alemanha...e conferência de professora Gundula Tiemann.</p>	<p>12-1958</p>

A leitura deste extenso quadro mostra-nos um conjunto de iniciativas desenvolvidas na área do desenho infantil. Também verificamos que são feitas

²⁸⁴ Cf. o que sobre este assunto referimos no subcapítulo sobre este colégio. A fotografia publicada na revista com uma panorâmica da exposição ali realizada tinha sido tirada por Santos Roxo (Carta de Mário Soares. Lisboa. 3 de Maio 1958. Caixa 27. Maço 1).

²⁸⁵ Esta palestra é publicada na revista, neste mesmo número de Agosto de 1957 e está ilustrada com desenhos da *Exposição Lisboa vista pelas suas crianças*.

referências a algumas escolas que eram anunciadas em *Os Nossos Filhos* e, como no caso do Colégio Moderno e Liceu Charles Lepierre assiste-se a um elogio rasgado a pessoas que estavam impossibilitadas de exercer o professorado no ensino oficial, por questões políticas.

Como é costume em *Os Nossos Filhos*, a informação relativa a uma ou outra realização da *Mocidade Portuguesa Feminina* sai com muito menos frequência e o texto acompanhante é sempre mais contido de imagens, elogios e adjectivos.

Ainda antes da suspensão de *Os Nossos Filhos* em 1958 será publicada uma notícia sobre a formação da *Associação Portuguesa de Educação pela Arte* com “(...) Estatutos aprovados por decisão ministerial, promovida por artistas e professores (...) vai promover exposições de originais, de reproduções e de material de divulgação artística, inventários artísticos, fundação e orientação de museus, bibliotecas e colecções, criação de um instituto para o estudo e sistematização das teorias científicas sobre educação pela arte e seu desenvolvimento, colaboração com instituições e pessoas (...) pessoas interessadas dirigir Rua Pinheiro Chagas, 62, 1º dto Lisboa (ONF, Nov. 1957). No ano de 1958/59 farão parte dos seus corpos gerentes:”(...) Manuel Maria de Sousa Calvet de Magalhães que era presidente da *Mesa da Assembleia Geral*, Matilde Rosa Araújo a primeira secretária; a *Direcção* estava a cargo de Alice Pereira Gomes²⁸⁶ e Maria Lúcia Vassalo Namorado era secretária do *Conselho Fiscal*. Anos mais tarde, no biénio 1975/76, vamos encontrar Maria Lúcia Namorado como 1ª secretária da *Mesa da Assembleia Geral* e como 2ª, a professora Maria Isabel César Anjo; como presidente da *Direcção* estava então Dulce Barroso de Moraes e Castro, sendo o cargo de Tesoureira ocupado por Alice Gomes. Como ainda não tinham uma “(...) sede funcional(...)” os contactos eram feitos para a Av. Dos Estados Unidos da América, nº 105, 7º, letra L, em Lisboa (...)” (Caixa 46. Maço 6).

Muitas serão também as notícias sobre a vontade que a revista teria de organizar visitas guiadas com crianças a Museus (ONF, Fev. 1955) mas nunca encontramos qualquer notícia sobre a possível concretização dessa intenção. Sobre as questões da educação estética debruçam-se Rui Grácio (ONF, Ago. 1957) e M M Calvet de Magalhães (ONF, Set. 1954 e seguintes), assim como Maria Beatriz Carço Serpa (ONF, Out. 1957).

²⁸⁶ No *Conselho Fiscal* estavam, como presidente, Dr João Rodrigues da Silva Couto(...) como Vice presidente da *Direcção* estavam ainda o Arqº. Virgílio Arnaldo Alexandrino Bravo Silva e a profª Cecília Rey Colaço Menano (...) (Caixa 46. Maço 5)

Trabalhos Manuais

Sobre a importância desta actividade aliada ao Desenho a maioria dos artigos de *Os Nossos Filhos* são subscritos por Maria de Jesus Mateus de Oliveira Mendes, entre Agosto de 1951 e Maio de 1952. Num primeiro artigo (ONF, Ago. 1951) ela abordará as questões introdutórias gerais para, em Setembro de 1951 escrever um longo texto em defesa do desenho nas escolas como actividade de desenvolvimento de diversas capacidades da criança. No mês seguinte aborda todos os métodos e técnicas aplicáveis ao desenho infantil na escola para, a partir de Dezembro do mesmo ano, entrar em artigos mais descritivos, temáticos sobre as dobragens, o recorte livre e geométrico (ONF, Jan. 1952), a cartonagem (ONF, Fev. 1952), o entrelaçamento, entrançamento e tecelagem (ONF, Mar. 52), exercícios de picado e arame (ONF, Abr. 1952) e apresentar uma série de conclusões no artigo de Maio do mesmo ano. Estes artigos eram dirigidos expressamente às professoras primárias (ONF, Ago. 1951) para apoio da sua formação nesta área. Compara a escola tradicional com a moderna, defendendo esta última pois que “(...) procura desenvolver a inteligência, instrumento das aquisições necessárias à vida humana (...) a observação e raciocínio (...) que cada indivíduo possa adquirir por si próprio noções de cultura geral e integral (...)” (ONF, Ago. 1951) partindo de teóricos como Gustave le Bon, em “*Psicologia da Educação*” e Faria de Vasconcelos para quem, como a autora concorda, os trabalhos manuais educativos deveriam basear-se em certas condições, a saber:”(...) 1- Adaptarem-se á mentalidade dos alunos. 2- Não exigirem, esforço demasiado da parte dos alunos, 3- Tenderem com segurança para o seu desenvolvimento. 4- Serem saudáveis e higiénicos. 5- Despertarem interesse e aptidões do aluno. 6- desenvolverem a habilidade manual. 7- Serem variados e graduados. Serem úteis e práticos (...) para aplicação directa na vida do lar e da escola (...) /sendo/ o desenho um meio de expressão do aluno e fonte de observação para o mestre (...)no campo psicológico (...)” (ONF, Ago. 1951). Esta mesma perspectiva vão ter Maria Lúcia Vassalo Namorado assim como Maria Amália Borges de Medeiros e outras(os) colaboradoras(es) da revista.

A Educação Física

A preocupação com a Educação Física é maior nos anos quarenta do que o será na década seguinte, em *Os Nossos Filhos*. A importância da ginástica nas escolas fora vista já na 1ª República pois que ela fora considerada obrigatória para todos os

alunos dos liceus pelo decreto de 29 de Agosto de 1905 (Caldeira. 2004. p. 11). Posteriormente diversa legislação foi sendo promulgada no sentido de organizar esta modalidade desportiva.

A partir de 1942 a “(...) *Mocidade Portuguesa* fica com o monopólio das actividades não curriculares como o associativismo, as cantinas, as excursões, as comemorações, (...)” (Nóvoa. Prefácio em Viana, 2001. p. 7). A *Mocidade Portuguesa* nascera em 1936, em plena Guerra Civil de Espanha e, em muitos casos, vai sofrer influência de outros movimentos como o escutismo e alguns chefes são simultaneamente dirigentes de ambas, como é o caso de Clotilde Ferreira, muito referida em *Os Nossos Filhos*.

Na revista nunca se mencionam as actividades desta organização mas existem inúmeras referências em defesa da Educação Física, “(...)quase sempre subalterna, apesar de muita legislação (...)” (Viana, 2001. p. 47), no currículo escolar. Em *Os Nossos Filhos* a Educação Física é vista “como *médica*, com fins terapêuticos e/ou correctivos e *formativa*- atribui à Educação Física a finalidade suprema da educação do carácter(...)”(Viana. 2001. p. 47. nota 2) mas não militar, como também era possível encará-la.

As colaboradoras que escrevem sobre este tema são, na sua maioria, médicas. Mas quem são? Vejamos que artigos e sobre que temas escrevem em *Os Nossos Filhos*, durante quanto tempo. Para uma melhor visualização dessa colaboração, elaborámos o quadro que se segue:

Quadro n.º22.: A Educação Física em *Os Nossos Filhos*:

Autoria ²⁸⁷	Conteúdo	Fonte
Maria João Lopes do Paço ²⁸⁸	“(...) vários métodos e muitas maneiras de os aplicar, e é aqui que principalmente a atenção e estudo devem concentrar-se: é o lado científico da questão. Todos podem e devem fazer ginástica, qualquer que seja a idade, o estado ou a resistência de cada um; Há exercícios para todos os casos...Nem todos os indivíduos da mesma idade podem fazer exercícios iguais; variam até com o sexo. Há-os que são úteis aos rapazes e que só prejudicam ou masculinizam as raparigas (...)”.	ONF, Jun. 1942

²⁸⁷ No primeiro Editorial da revista, em 1 de Jun. 1942, o médico Carlos Salazar de Sousa refere a Educação Física mas só na enumeração dos temas de que a revista irá abordar, dizendo:“(...) escolha de exercícios desportivos conforme a idade e condições físicas (...)” (ONF, Jun. 1942. p. 3)

²⁸⁸ Com 50 anos nesta data, era médica e tinha também o Curso de Educação Física. Fora também professora no Liceu Garrett. (Cf. Apêndice Cap. 4- Biografias).

	/exercícios para corrigir erros de postura da coluna/ "(...)Além das vantagens do desenvolvimento físico, criam-se hábitos de boa disciplina e atenção, tão precários em geral. Experimentem com os seus meninos a executar o que vai escrito e verão o bom apetite e boa disposição que adquirem para o trabalho de cada dia (...)"	ONF, Set. 1942
	“(...) o jogo é uma diversão com 'movimentos do corpo e trabalho do espírito em que se obedece a um conjunto de regras (...)Deve ser praticado ao ar livre sempre que o tempo o permita. Questão de persistência para fazer sempre mais e melhor. A maior parte de das vezes, os jogos executam-se no meio da maior algazarra e desrespeito pelas leis por que se regem, faltando ao seu verdadeiro fim. Por isso (...)serem dirigidos por pessoa competente para deles tirar todo o proveito em benefício do jogador (...) No decorrer do jogo, descobrem-se defeitos morais e outras faltas a emendar (...)como a batota, tão vulgar nas crianças, deve-se corrigir sem menor desfalecimento por meio de persuasão e por pequenas penalidades. O exemplo apontado dos que pelas suas boas qualidades ocupam o primeiro lugar serve de estímulo forte e por vezes bastante para não ser necessário recorrer a meio...Nunca se deve castigar, ou envergonhar uma criança em voz alta diante das outras sob o pretexto de faltas morais (...)chamá-las a sós. A inveja, a mentira, são defeitos péssimos que têm nos jogos um excelente meio de combate (...).Começa a saber perder ou ganhar com calma; tem confiança em si...criança mole, lenta... Fugindo do convívio das outras, deve-se sujeitar a observação médica...ocultam-se .más tendências que mais tarde se transformam em vícios terríveis de combater. Quantas doenças mentais se originam assim por falta de vigilância! ...Vigiar bem os seus actos e combater a toda a hora esta vida inactiva, obrigá-la a tomar a criar gosto pelo movimento sadio ao ar livre, pela vida comunicativa e alegre, pela ânsia de melhorar e vencer. ...O sentimento de dignidade e do brio deve ser exaltado..Atenção é desenvolvida forçosamente porque entra em actividade contínua...Órgãos dos sentidos melhoram e afinam-se com jogos próprios...Além da educação moral, o jogo contribui muito para a destreza agilidade dos membros e de todo o corpo...Criam-se no meio da maior alegria e em liberdade [disciplinada, hábitos de luta e trabalho que vão continuamente melhorando. É o início da luta pela vida. ...Após estas considerações para os pais lerem, vamos hoje conversar com os meninos (...)” /seguem-se descrições de jogos.../.	ONF, Dez. 1942
	mas seja quem for é necessário que se torne robusto de corpo e alma. "Mens sana in corpore sano» é e deve ser de todos os tempos. Deve fazer-se a ginástica do Bebê? Bebê anda absolutamente ligado à mãe, a orientadora da sua vida e educação.	ONF, Jan. 1943
	/Uma sessão de ginastica com crianças antes do pré-escolar/ É a idade da imitação e as crianças sentem-se felicíssimas, fazendo o que vêem	ONF, Fev. 1943

	<p>fazer aos grandes, especialmente aos pais. ...não obrigar A fazer uma sessão de ginástica se não estiver com disposição para isso...No entanto, com paciência e imaginação criteriosa a Mãezinha tudo consegue «para bem.-» dos «Nossos Filhos» e vamos assistir «ao natural» como ela resolve o caso (...)"</p>	
	<p>/exercícios contra obesidade/ pessoas com peso a mais "(...) devido superalimentação, alimentação mal orientada, defeito de assimilação (...)"</p>	<p>ONF, Maio 1943</p>
	<p>(ilustrado pela) menina Morgadinha de Pina Manique pediu para ilustrar o artigo de sua tia. ...Quero que observe com os seus olhos o que, se passa com muitos dos "nossos filhos" enquanto a mãezinha fica na cama (como que um passeio em que mãe e quem a conduz vê sem ser visto:) criada o trouxe, muito bem sentada a fazer malha...A criança mete terra na boca, ou qualquer coisa que está no chão. Pequeno que atravessa a rua sozinho (Por este jardim circulam carros). As criadas estão muito bem sentadas a conversar. Menino muito bem entaladinho entre duas criadas anafadas, sem mexer \$é, nem mão... Gente não se pode andar sempre a levantar... Tem mais que fazer! Menino é muito traquinas... Vai jurando aos seus deuses os vigiar de perto, ou, ir com eles sem nunca mais entregar os pequenos, sem pré que possa, forque ninguém é mais competente do que ela para os acompanhar. mãezinhas dormem enquanto as criadas se divertem e gozam tranquilamente os rendimentos dos senhores, maltratando as crianças, ou não lhes ligando atenção alguma. Preciso que reparem e atentem »isto: entre tantas crianças, só na uma mãezinha, a que vem comigo. Quase todas entregues a mercenárias e ignorantes. Claro, que também vimos servas muito cuidadosas com os meninos a seu cargo. ...(ex. de exercícios físicos para mãe Mãezinha, repare, devem correr com termos e não com atropelamentos. Deve mesmo ser assim porque p jogo r escola de educação e disciplina. Habitue-os a obedecer prontamente. Estar com atenção e ouvir bem. E nunca deixe fazer batota,</p>	<p>ONF, Fev. 1944</p>
	<p>dos defeitos mais vulgares nos nossos filhos é a falta de atenção, ...A criança é por sua natureza irreflectida. Responde à toa, sem pensar. Dispersa a atenção por mil pequenas coisas e é incapaz de a fixar durante algum tempo sobre um assunto determinado. É comum ver crianças muito inteligentes não ocuparem na craveira intelectual numa classe o lugar que lhes pertence. Permanecem estudantes médios, não passam de pálidas estrelinhas quando deviam ser astros resplandecentes. Não devemos esquecer o papel que tem neste ponto o bom, ou mau funcionamento das glândulas de secreção interna, ou endócrinas por meio das suas hormonas que regularizam, ou não, p equilíbrio de todas as funções do organismo....</p>	<p>ONF, Abr. 1944</p>

	<p>Devemos iniciar de muito cedo a educação da atenção. A criança será habituada a não responder ou executar, sem primeiro pensar, isto é, tendo a consciência do que vai dizer ou fazer. Demos aos nossos filhos professores muito competentes logo desde as primeiras .letras que. «ensinem», que «trabalhem» a inteligência, que façam os pequenos raciocinar em vez de decorar, como acontece quase sempre. A ginástica faz parte integrante desta educação. Pois como não há-de influir na formação moral, intelectual e física se ela é a ordem, a disciplina, encaminhadas po sentido do bem e do cada vez melhor? Tudo e susceptível de se educar com mais ou menos trabalho, com mais ou menos tempo. É questão de persistência de métodos eficientes a empregar, e questão é, também, das condições de receptividade. A ginástica é por si, uma grande escola de aperfeiçoamento. ...(seguem-se os exercícios)...</p>	
Deolinda Martins	<p>lembrar-vos de os ataviar com mil enfeites e gracinhas, esqueceu-vos, por acaso, que o mais importante era torná-los saudáveis (...) Não esquecendo que existe um «corpo que deve ser o instrumento vivo da alma—segundo Ling— -e que não se deve esperar pela doença para depois lhe resistirmos com mil e uma drogas...</p> <p>Quantos crimes sra. praticam pela ignorância absoluta das mães !É a vida dos nossos Filhos e o futuro da Nação que se põe em causa...Quando queremos, que os nossos filhos aprendam latim, o que fazemos? Arranjamo-lhes o melhor professor o melhor latinista. Colhemos informações, assistimos mesmo a algumas aulas...Necessitamos agora que os nossos filhos pratiquem Educação Física e então quaisquer professores servem...Essa flor, que- é o vosso orgulho, pode dar um bom elemento para a Nação— Ou um encargo para a mesma, por falta de capacidade física.</p> <p>Com a Educação Física nós pretendemos atingir um fim: a saúde, a alegria de viver. A integridade do corpo e da alma.</p> <p>Para isso, temos determinados meios : a lição de ginástica segundo certos princípios que se adoptam à idade, ao sexo, ao meio, etc.; e os jogos (...) que obedecendo aos mesmos princípios, serão de início as simples rondas infantis, integradas dentro da tradição familiar ou escolar; depois vão subindo, moldando-se eles próprios ao corpo que se desenvolve, desabrocha, e acabam nos desportos na idade adulta. Na idade adulta, compreendam bem; nunca os desportos com o seu carácter unilateral, sem uma preparação física concomitante, devem ser praticados na adolescência(...) Mas então, os nossos filhos não devem correr, saltar, nadar, andar a cavalo, jogar o «voley» e o «'basket» ?Não confundamos desportos extra-murais, desportos ânsia de «records», desportos profissionais, com os jogos adaptados à idade, ao sexo, e ao meio, que um bom orientador escolherá. Se os nossos filhos ferem orientados deste modo, não mais se preocupem com a resistência à doença; eles serão fortes e saudáveis, para nossa felicidade e da</p>	ONF, Ago. 1942

	Nação(...)."	
289	/necessidade de todas as crianças aprenderem a nadar/"(...) pois não só lhes desenvolvem as suas aptidões físicas como os preparam para alguma eventualidade. Único indicado para se ensinar as crianças é o método de bruços (...) e não se deve levar a criança para a água sem conhecer os exercícios preparatórios (...)"	ONF, Out. 1942
	/uma série de exercícios em que se faz questão de conversar sobre o que se faz, com as crianças, numa suposta visita ao Jardim Zoológico; como "lead" a este artigo tem da autoria de Maria Lúcia Vassalo Namorado: "(...) da apreciada colaboradora Dra. Deolinda Martins., que se encontra actualmente em Lourenço Marques exercendo o cargo, de Professora de, Educação Física, no Liceu, de Salazar., daquela cidade, acaba de publicar , "A Saúde pela Educação Física», livro utilíssimo que recomendamos às nossas leitoras...Obra, está dividida em três partes: Ginástica:, senhoras, Ginástica para crianças, e Ginástica, correctiva (...) onde todos os exercícios são minuciosamente descritos e acompanhados de grande número de gravuras explicativas; pelo que, será fácil qualquer senhora aproveitar-se e fazer aproveitar seus filhos das lições inteligentemente orientadas ...Pela transcrição que a seguir fazemos, e que não está completa por a falta de espaço não nos permitir a publicação de todas as gravuras que lhe dizem respeito.. .poderão as nossas leitoras, ,avaliar, a, utilidade deste trabalho, pelo qual felicitamos sinceramente a sua autora (...)"	ONF, Jun. 1944

No campo dos médicos, temos textos de Manuel Palma Leal sobre a forma mais correcta de ensinar uma criança a corrigir defeitos de postura mas eles devem-se considerar "(...) quase sempre transitórios, devidos apenas ao crescimento (...) recomendando-se que se "(...)Ministre à criança o exercício apropriado ao bom desenvolvimento do seu tonus muscular, e poder-se-á banir afoitamente do vocabulário o vago e impreciso «põe-te direito» (...)" (ONF, Mar. 1943).

Nas páginas de *Os Nossos Filhos* também o médico da *Liga Portuguesa de Profilaxia Social*, António Capelo Jalles, escreve dois dos textos "críticos" à Educação Física formativa pois que discorda da introdução, nas classes de ginástica de "(...)alguns exercícios que, embora obriguem a movimentos, são, como as marchas e formações (...) sobretudo preparatórios para o Exército (...) e sem utilidade pessoal (...)" "(ONF, Ago. 1948). Este mesmo médico, no segundo artigo que publica, defende a "(...) importância de todas as pessoas saberem fazer respiração artificial (...) que deveria ser ensinado nas aulas de Educação Física(...)" (ONF, Maio 1949).

²⁸⁹ Este artigo continua no N.º seguinte com mais exercícios.

Sobre este aspecto pronunciavam-se ainda o médico Manuel Farmhouse e Américo Pires de Lima, além de M.M.V. Soares, falecido em 1951(ONF, Nov. 1952).

O primeiro destes médicos participou no *Congresso de Infância*, de 1952 com uma comunicação intitulada *Ginástica e educação física na Escola* (ONF, Jan. e Fev. 1953). Em Maio do ano anterior o mesmo médico escrevera um texto em que condenava os explicadores pois não só impediam as crianças de frequentar o ginásio na adolescência como “(...)Ter explicadores por sistema e para tudo é um erro! Por isso não têm tempo, perdem a iniciativa...não se sabem guiar na vida prática (...) Mais importante do que dar-lhes explicadores, repetidores, professores de tudo é dar-lhes saúde de corpo e espírito (...) desatentas às aulas por falta de capacidade respiratória (...)fatigada logo que se levanta, indolente, mandriona? Não, uma fácil correcção cardíaca ou endócrina...Amparar sem tirar a personalidade, corrigir o que está mal, com persistência, tenacidade e mesmo com sacrifício (...) providenciar para que o mal não apareça...indivíduo são e escoreito moral e físico (...)” (ONF, Maio 1952).

Américo Pires de Lima, defende a prática da Educação Física em qualquer sexo “(...)...seja qual for profissão ou ofício a que se destinem (...) porque dela pode obter-se desenvolvimento do corpo e aperfeiçoamento moral, pelo treino da auto-disciplina, do sentimento de cooperação para com os parceiros, e de lealdade para com os adversários. A Educação Física começa .antes do próprio nascimento, pela assistência às mães. Após o nascimento, há a questão melindrosíssima da alimentação infantil. A horrível mixórdia no que, tantas vezes, se vende por aí com nome de leite, envenena as crianças. Depois, as péssimas condições higiénicas de muitas habitações humildes. Famílias inteiras amontoadas em tugúrios sem ar nem luz (...)Até o próprio ambiente das escolas nas grandes cidades soma os seus efeitos aos da má hereditariedade, da má alimentação, do mau alojamento (...)” (ONF, Nov. 1953). Todas estas condições obrigam, com maior razão, a uma prática da Educação Física para/por todos.

Maria Lúcia Vassalo Namorado utiliza uma estratégia de apresentar bons exemplos do estrangeiro para talvez melhor fazer passar as ideias que defendia. Neste sentido pode ser lido o artigo de A Eden Green em que se sublinha que na “(...)Na Grã-Bretanha a elevada importância despendida no recreio físico é considerada valiosa: economiza despesas com médicos e hospitais; ajuda a manter a população a trabalhar nas terras, nas fábricas e nos escritórios e conserva-a sã e feliz (...)” (ONF, Nov. 1949).

Na área da Educação Física é referida a obra de Alberto Feliciano Marques Pereira,

intitulada *Brinquedos cantados portugueses* (cf. também, neste trabalho, a apreciação sobre publicidade), um “(...) tratado de ginástica infantil (...)” em que se aliam exercícios rítmicos e música. Essa obra, que não existe no *Espólio*, tem um capítulo, o IX, para professores e foi apresentado na *Sala Portugal* da *Sociedade de Geografia de Lisboa*. O livro é composto por “(...) canções historiadas, acompanhadas de movimento sob forma de jogos, destinam-se a crianças de 4 a 10 anos, idades para os quais a ginástica infantil ainda se não apropria, segundo o autor. Possuem músicas lindas e alegres, da autoria da compositora e pianista Nina Marques Pereira e o livro que os apresenta é sugestivamente ilustrado pelos artistas Álvaro Duarte de Almeida, Eduardo Coelho, e José Rui (...)” (*ONF*, Abr. 1951). Em *Os Nossos Filhos* é reproduzida uma das peças intitulada “O Pinguim”. Em Julho de 1953 este professor dedicou uma sessão do seu trabalho aos professores de Educação Física para verem a aplicação do seu trabalho. As crianças que fizeram as demonstrações dos exercícios eram do Externato de Santa Cecília e do Colégio Moderno (*ONF*, Jul. 1953).

Mas, o que preconiza Maria Lúcia Vassalo Namorado para a questão da Educação Física? Será que explicita a sua opinião sobre o tema?

As quatro referências que, sobre esse assunto que cremos serem da sua autoria vão de 1942 a 1950. Numa delas refere a homenagem que, em 10 de Junho de 1942, o Centro N.º 2 da *Mocidade Portuguesa Feminina* prestou à professora Maria Emília de Sousa e Castro, amiga pessoal da directora da revista. Nela estiveram envolvidas as alunas de ginástica do Liceu Filipa de Lencastre, orientadas pela professora Maria de Lourdes Tainha, estando também presente a reitora Maria Margarida Silva. Aqui viu-se o caminho percorrido pois “(...) há uma dezena de anos ainda as nossas me raparigas que faziam ginástica não passavam de meia dúzia de exercícios áridos, independentes uns dos outros, sem beleza nem graciosidade (...) Agora, as alunos do Liceu mostraram-nos em quadros encantadores que a agilidade, o aprumo e a robustez física se podem conjugar admiravelmente com a graça e a feminilidade (...) e que a ginástica bem compreendido, favorece tanto as raparigas, robustecendo-as e desenvolvendo-os harmoniosamente, quanto a ginástica mal orientada as prejudica e masculiniza(...)” (*ONF*, Jul. 1942).

Outra das intervenções é para anunciar e recomendar o livro *A Saúde pela Educação Física* da Dra. Deolinda Martins, que acaba de publicar-se, e do qual publicamos uma lição (...)” (*ONF*, Jun. 1944).

Refiramos ainda mais duas referências à Educação Física: numa delas Maria Lúcia Vassalo Namorado apoia a necessidade do ensino das regras e da prática da Natação como forma de evitar acidentes pois ela permite “(...)aos que a praticam o próprio salvamento e o do semelhante em circunstâncias frequentes, inevitáveis e imprevistas e assume uma importância (...) não só nas cidades(...)”(ONF, Set. 1948).mas em todos os locais onde se possa fazer.

A última referência enaltece as mulheres que já adquiriram o hábito de pensar na sua educa o física pois ela é “(...)seja imprescindível para o equilíbrio da saúde, da beleza, e da alegria de viver(...)”. Critica “(...) Salvo raras, excep es, as raparigas mal saem das escolas secundárias, dizem adeus   ginástica e a um ou outro desporto que dir-se-ia praticavam a medo (...) como se fossem .«toleráveis» apenas na juventude e se tornassem incompatíveis, com e condi o senhoril. Mas é tempo de desfazer este erro que tanto prejudica a mulher portuguesa. Sobretudo aquelas que passam a porte do tempo em casa, entregues a uma vida sedentária devem pensar quanto a ginástica bem dirigida lhes seria benéfica (...). Em Lisboa há várias classes de ginástica para senhoras e...frequentem-nos, acabem de vez com o «parecer  mal?», de que ainda enfermamos, infelizmente(...)”. É nesse sentido que recomenda, então os Cursos de Ginástica da Sociedade de Geografia de Lisboa, para as “(...) para as classes de Ginástica Educativa e li es individuais de Ginástica Correctiva e Respiratória (...)” (ONF, Dez. 1950).

O curso do *Instituto Nacional de Educa o Física* fora criado em 1940²⁹⁰ mas a questão da Educa o Física na escola atravessara, como demonstra Carlos Abreu, toda a República e continua no Estado Novo. Em *Modas & Bordados* também havia referências a ginastica feminina e a “(...) Higiene alimentar e ginástica não a da MPF mas a de modelar o corpo, acentuando feminilidade, conserva o da saúde, bem estar e beleza corporal(...) também ajuda moral para ter controle de si mesma (...)”(Guimarães. 2002. p. 180). A importância que, vai ser atribuída à Educa o Física em *Os Nossos Filhos* não é de forma alguma uma proposta nova pois sobre ela encontramos inúmeros artigos em *Modas & Bordados* ou *Portugal Feminino* e noutras publica es femininas publicadas antes e depois dos anos 30.

Algumas das médicas que aqui escrevem, como já vimos, sublinham na Educa o Física as suas “(...) potencialidades terapêuticas, preventivas e correctivas capazes de contribuir para um indivíduo mais saudável e conseqentemente para a

²⁹⁰ Decreto – Lei n.é 30729 de 23-1-1940

regeneração da raça – a corrente da *ginástica respiratória* (...) o Decreto 21110 de 16-4-32 é disto síntese e supremo exemplo(...)”, enquanto que outras, no seguimento do pensamento de Adolfo Coelho, em 1905, sublinham “(...)os da *ginástica formativa* – reconhecem-lhe não só outras potencialidades como configuram elas mesmo o eixo principal das suas preocupações. Crêem-na, acima de tudo, um veículo fundamental de ensinamentos morais e estruturadora do carácter. (...) É a esta possibilidade ou não da Educação Física ter repercussões no campo moral que, numa perspectiva redutora, poderíamos restringir o debate que no campo desta disciplina se travou no período em apreço (...)” (Viana, 2001. p. 54)..

As que defendem esta última contribuição da Educação Física para o desenvolvimento moral crêem que ela ajuda, quem a pratica, a tornar-se mais solidário, corajoso, até ordenado e obediente, enquanto que as que defendem a *ginástica respiratória* consideram que a *ginástica formativa* é fonte de influências negativas no carácter das raparigas pois torna-as mais competitivas e masculiniza-as ao fomentar o espírito de competição. Ou seja, deve fazer-se ginástica mas há desportos e desportos, como não cessam de referir em *Os Nossos Filhos* e em literatura que, sobre o assunto, também existe no *Espólio*. Um exemplo da defesa da ginástica ‘não masculinizante’ é o romance *Os desportos em Vale de Giestas* da autoria do médico e grande colaborador da revista Ferreira de Mira.

A *ginástica respiratória* passa a ser ridicularizada e, a pouco e pouco, sobretudo após a 2ª Guerra são os militares da *ginástica formativa* que vão ganhar este ‘braço de ferro’ em detrimento dos médicos e médicas que defendiam a *respiratória*. Em 1947, impõe-se então à *Mocidade Portuguesa* este último tipo como modelo a seguir e não mais vai ser abandonada até 1971, aquando da criação da *Direcção Geral de Educação Física e Desportos* (Viana, 2001. p. 65).

Mas quem escreve em *Os Nossos filhos* sobre esta área e que conselhos são dados? Que documentação temos no *Espólio* que sublinhe estas questões?

Uma outra médica que, sobre Educação Física, também escreve em *Os Nossos Filhos* é Judith Furtado Coelho²⁹¹, em 1952, já com 62 anos e que fora professora, de

²⁹¹ No *Espólio*, com n.º 170 da nossa organização, existe o livro de 1950 - *A Ginástica do bebé: Ginástica contra o raquitismo baseada nos princípios de Per Henrik Ling*. Fotografias de Carlota Arons. Lisboa: ed. Autora. /154/ p. que a autora oferece, com dedicatória manuscrita: “(...) À sua antiga aluna Maria Lúcia com muita amizade e muito grata oferece Judith Furtado Coelho Lisboa Natal de 1950(...)”. A obra fora dedicada aos netos “(...)em especial à minha neta, Maria Antonieta que, embora tão pequenina, me prestou a melhor colaboração para as fotografias deste trabalho(...)”. Escrevera também outras obras, nas

Maria Lúcia Vassalo Namorado, nessa disciplina, no Liceu Garrett. Sabemos que foi uma adepta da ginástica segundo os “(...) princípios de Per Henrik Ling(...)” (Coelho, 1950), ou seja da *ginástica respiratória*.

Na obra sobre a ginástica que recomenda para os bebês, na *Advertência*, a autora explica como soubera da existência deste tipo de ginástica: “(...) Foi em 1933 que pela primeira vez ouvi falar na forma como na Alemanha se estava lutando, por meio de uma Ginástica adequada, para que todas as crianças tivessem /«m desenvolvimento normal e se tornassem crianças robustas. (...)Achei interessante a ideia de iniciar o ensino da ginástica à criança desde os quatro ou cinco meses.(...) Mas ler não bastava. Precisava de bebês para trabalhar (...) Era ao tempo professora de ginástica na Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, e lembrei-me que talvez aí conseguisse ter bebês a quem pudesse aplicar esta ginástica (...) Procurei o Dr. Simões Ferreira que era o Director do Instituto Médico Central (hoje Hospital Infantil de S. Roque) e expus-lhe as minhas ideias resultantes do estudo que tinha iniciado.(...)Deu-me facilidades para eu poder trabalhar em ginástica com os bebês, ficando então combinado que eu começaria por trabalhar com as crianças expostas. Eu tivesse a ideia de publicar uma série de artigos chamando a atenção das mães para os benefícios que poderiam advir para os seus filhos se elas tivessem a paciência de os sujeitar à prática de exercícios de ginástica bem orientados e próprios para os pequeninos. Ainda em *Modas & Bordados* apareceram uns dois ou três artigos com fotografias e ensinamentos. As crianças fotografadas eram bebês da Santa Casa da Misericórdia, a quem eu fazia a ginástica que preconizava (...) Para aproveitar uma foto boa, era grande o número das que se perdiam, o que vinha onerar sobremaneira os artigos da revista. A vida levou-me para o Liceu de Luanda; e uma vez aí fui também trabalhar em ginástica para o Hospital Central dessa cidade (...) É o fruto deste meu trabalho, das experiências que colhi nestes anos, e a certeza de que podemos ajudar os bebês a terem melhor saúde e melhor resistência para a vida futura, que me entusiasmou e levou a chamar a atenção de todas as mães, para o resultado que podem conseguir para os seus filhos com uma ginástica bem aplicada (...)” (Coelho, 1950). Como se pode concluir não é só hoje que as crianças desprotegidas podem ser usadas para experiências, por muito inovadoras ou inofensivas que estas sejam...

quais se incluíam *Jogos Educativos*, publicada em 1934 e o *Estudo baseado nas medições antropométricas dos alunos do liceu de Salvador Correia* (Edição da Agência Geral das Colónias autorizada por despacho de Sua Excelência o Ministro Colónias, em 7 de Junho de 1944).

Com os seus ensinamentos, a autora queria “(...)ensinar às mães a fazerem dos seus filhos crianças fortes e saudáveis, e orientá-las na maneira de o conseguirem (...)” (Coelho, 1950), lutando sobretudo contra uma das doenças temidas na época: o raquitismo. Nos ensinamentos que as mães deviam seguir incluíam-se a necessidade de seguir rigidamente diversas orientações: “(...)Asseio escrupuloso. Lavar as mãos antes de começar a fazer ginástica ao bebé. Vestir uma bata branca ou pôr um avental limpo antes de começar a sessão. Não respirar para cima do bebé. O movimento deve ser ritmado, usando umas palavras ou umas canções para marcar o ritmo dos movimentos; cada palavra das maiores marcará um tempo, cada duas das mais pequenas marcarão também um tempo. Estar bem disposta durante a execução dos movimentos. Evitar os movimentos bruscos que assustem a criança. Não se fazem movimentos para trás do corpo do bebé. Não puxar pelas articulações. Não fazes apenas movimentos com os membros. Escreva os resultados obtidos e as dificuldades que o bebé encontra na execução dos exercícios. Essas notas serão um guia para si (...)” (Coelho, 1950). Ao fim dos 20 dias de ginástica, a evolução da criança seria notória. Em *Os Nossos Filhos* apenas seleccionámos um artigo – *Os seus filhos sabem nadar?*- que publica em Setembro de 1952 e que, como já o fizera Deolinda Martins, em Outubro de 1942, é aconselhado a todas as crianças, em nada se distanciando dos conselhos que aquela outra médica preconizara dez anos antes.

Música e Canto Coral:

Uma outra área em que *Os Nossos Filhos* insistem como fazendo parte integrante da educação das mães e das crianças é a prática da Música. Como referimos no subcapítulo anterior, muito frequentemente existe uma ligação entre a componente musical e a da Educação Física. Deste último caso temos dois exemplos: por um lado, a referência ao já citado livro *Brinquedos cantados portugueses*, diversas vezes anunciados, como publicidade, na revista e ainda a ligação que se encontram, com frequência, entre a área musical e a (prática ou a disciplina de) Educação Física. Está neste último caso a referência que lhes é feita “(...)quer em textos legais como é o caso do Decreto n.º 21110 de 16-4-1932 quando se afirma, condenando os desportos, ser o Canto Coral, essa sim, “uma aplicação de real valor” - Introdução do diploma-quer em publicações como a de Chorão (1941) que ao propor um Guia para a Educação Física dos Lusitos inclui, a par dos jogos, quatro hinos - *Nacional, Mocidade*

Portuguesa, Maria da Fonte e Restauração- que deveriam desempenhar funções de complemento ou aplicação da Educação Física(...)" (Viana, 2001. p. 66).

Cinco anos após o início da publicação de *Os Nossos Filhos*, em 1947, o Canto Coral será também entregue à Mocidade Portuguesa.

A importância que é atribuída a esta área formativa não se inicia só no Estado Novo. O Canto Coral surgira pela primeira vez no currículo com Sidónio Pais, pelo decreto n.º 4650 de 14 de Julho 1918, pretendendo contribuir para “educação da voz e do sentimento estético e para o desenvolvimento do espírito nacionalista(...)" (art.º. 20º), tudo de acordo com o clima de exaltação nacionalista da guerra. Tal Decreto previa a constituição de um orfeão nos liceus e “(...)destinava-se este a apresentar-se em festas o que logo dá a entender aos seus destinatários - os professores- que o ensino da música visaria principalmente fins exibicionistas e de propaganda. Exibicionismo e propaganda que, de tão presente, obrigou o legislador, em diplomas futuros²⁹² (...) sistematicamente, a alertar para os perigos da “estéril exibição”(Viana, 2001. p. 67).

No Liceu Garrett, onde Maria Lúcia Vassalo Namorado fizera parte, como sabemos / scanner / do Orfeão local, o professor Tomás Borba defendia sobretudo as potencialidades formativas da música e do canto, como se pode deduzir das obras que publicou para serem executadas nas escolas.

De início a disciplina não era vista como tendo as mesmas potencialidades formativas atribuídas a outras. Tal menosprezo era visível até no facto um qualquer professor do quadro que se oferecesse poder ser professor de tal disciplina.

O Canto Coral, sobretudo após a publicação do Decretos n.º 21150 de 23-4-1932, que cria o Regulamento da disciplina, vai ver definidas as “finalidades a atingir que deviam ser de ordem estética - emotivas e morais -, fisiológicas - aparelho vocal e respiratório - e recreativa -como forma compensatória do cariz demasiado intelectualizante das outras disciplinas)(...)" (Viana, 2001. p. 69).

Ela passa a ser vista como um veículo importante na formação do carácter, uma vez que se poderiam desenvolver, através dele, laços entre os alunos, “(...) criando-lhes um sentimento de coesão e de Pátria. A perseverança, a autoridade e a disciplina, valores imprescindíveis estão presentes também (...)" (Viana, 2001. p. 71).

Em *Os Nossos Filhos* temos diversas notícias e entrevistas sobre/a intérpretes musicais, concertos, festas e actuações de alunas(os) dirigidas(os) por professoras conceituadas.

²⁹² Cf. por exemplo, os Decretos n.º 4799 de 12-9-1918, 6675 de 12-6-1920 e 7558 de 18-6-1921.

A colaboradora que mais artigos tem sobre este tema é Francine Benoît, entre Novembro de 1942 e 1956, num total de vinte e nove artigos seleccionados. Neles a autora defende, do ponto de vista teórico, o lugar “(...) integrante que ela deve ter na vida infantil (...)” (*ONF*, Ago. 1943), ou seja, deve fazer parte da educação de qualquer criança, activa. A questão é identificar qual a música de que cada criança precisa e em que condições, pois todas gostam de ouvir as outras crianças que sabem e podem mais do que ela e (...) gosta ainda da música que lhe sugere outros interesses de primeiro plano (...)” os que se prendem com dados conhecidos do seu quotidiano, ou seja, em vez de explicar à criança o que é uma “(...)escala cromática descendente (...)” o efeito é o mesmo se explicar que “(...) é um avião a cair(...)” (porque “(...) a música, força motriz latente, é um jogo destinado a entremear outros jogos, ou é a ilustração de um mundo novo e reluzente, antes de ser uma manifestação propriamente sentimental ...Por isso, em qualquer escola, sem distinção de classes, é corrente um, dois, dez pedidos para o senhor professor, ou a senhora professora, tocar esta ou aquela canção em voga (...) uma cultura física não o é se não dá lugar à música, de modo colher dela, como de toda a cultura física, melhores e mais elevadas condições de vida, —o que não pode ser feito "de qualquer maneira, sem processos e sem escolha(...)” (*ONF*, Ago. 1943). Fazendo parte do programa de Educação Física devia incluir-se a Música, se bem que durante muito tempo ela tenha sido vista como não devendo fazer parte de tal área (Francine Benoît, *ONF*, Out. 1943). As razões que justificam a sua inclusão neste programa prendem-se com o facto de a Música ser vista “(...) como manifestação de sentimento, de carácter e de estética (...)” contribuindo para o desenvolvimento das noções de “(...) proporção e o equilíbrio(...)”. A Música deve ser “(...) o mais possível generalizada sob a forma do canto em conjunto, o canto coral (...) que tem por si outra vantagem muito divulgada, inerente a todas as práticas colectivas: o desenvolvimento do sentido da disciplina subordinada às possibilidades comuns (...)” (Francine Benoît, *ONF*, Out. 1943). Esta professora de Música explica ainda como e quando se deve iniciar as crianças nesta área e reflecte sobre “(...)o que se pretende da música para justificar a sua participação na cultura física? (...)” (*ONF*, Out. 1943). E sua opinião sobre a importância da inclusão da Música como parte integrante da cultura física fora, em tempos, criticada por Francine Benoît pois que, nessa época, “(...)o nosso conceito da educação integral, ainda ficava à música um larguíssimo campo de acção pelo seu triplo valor como manifestação de sentimento, de carácter e de estética, noção de primeira ordem sobre a proporção e o equilíbrio (...)” mas a evolução do pensamento fê-la pensar

que “(...)Hoje, não hesitamos em pôr como indispensável ponto de partida a cultura musical no pé de cultura física, — e como tal o mais possível generalizada sob a forma do canto em conjunto, o canto coral (ONF, Out. 1943). Desta forma chama a atenção para a importância de que se reveste “(...) O canto em conjunto que tem por si outra vantagem muito divulgada, inerente a todas as práticas colectivas — o desenvolvimento do sentido da disciplina subordinada às possibilidades comuns(...) (ONF, Out. 1943). Mas, que vantagens tem então o Canto Coral na formação das crianças? Elas são de diverso tipo sendo a mais importante, a “(...) vibração por simpatia(...)” , ou seja, a criança que fraqueja em determinada nota, se em grupo, não fica tão nervosa como quando o erro é feito a solo; o canto em conjunto convém a todas as crianças, sobretudo “(...) entre os 8 e 12 anos, na , instrução primária e princípios do tempo liceal (...)” Uma das causas pelas quais o canto coral ainda não tem o lugar que devia no currículo das crianças é por “ (...)ser pequeno ou nulo o lugar do canto coral na escola primária (...)” (ONF, Out. 1943).

Analisa também o repertório que deveria seguir-se “(...)para o canto coral em geral e o canto coral infantil em especial, atendendo ao que se pretende da música em benefício da criança. Se é simples ou complicado, avaliar-se-á em vista das referidas pretensões, natas (sic) e criadas sem nenhuma espécie de arbitrariedade(...)” Ao participar da cultura física integral, a Música deve “(...) provocar boa respiração, boa articulação, elasticidade de todo o aparelho vocal, portanto, descongestionamento da laringe, podemos mesmo dizer, da garganta. Constata-se facilmente que isto é exactamente, o contrário do que acontece com o canto infantil não orientado ou mal — vozes que se esganiçam, em consequência da contracção da garganta (...) porque não se deve cantar de qualquer maneira (...) qualquer cantiga (...)Em segundo lugar, a música, para as crianças, deve também corresponder aos interesses da pequena infância, e de se casar em seguida com a imaginação infantil (...)”. Ela pode ainda contribuir para o desenvolvimento intelectual pois que promove a “(...) expressão do sentimento, consciente incipiente, a revelação intuitiva da beleza plástica, da estética pura (...)” e o canto coral é também, ligado à poesia, “(...) um dos grandes intérpretes das atitudes e das situações representativas do civismo(...)” .

Face a estas vantagens da música e do canto coral na formação das crianças coloca-se outro problema de não menor importância: onde está o repertório adequado, “(...) que corresponda aos requisitos expostos?(...)” A resposta é simples: “(...) dentro do pouco em que se pode escolher, os protótipos da Canção popular (de texto de conteúdo

abstracto ou mesmo sem texto, porque não ?) têm bastantes qualidades a recomendá-las (...) apesar das reservas que convém fazer-lhe (...)(*ONF*, Ago. 1944). Se o canto infantil deve ter como características a “(...) frescura, a singeleza e a espontaneidade (...)” as canções populares portuguesas que na sua maioria têm “(...) requebros de lirismo só próprios para os adultos, ou, pelo menos para os adolescentes(...)” (*ONF*, Set. 1944) não serão as mais recomendadas. O canto infantil deve ser feito na língua materna das crianças, salvo se estiverem a aprender uma língua estrangeira; nesse caos, o canto de certas melodias favorece a interiorização da pronúncia da segunda língua.

Dada a falta de repertório adequado, esse seria uma área em que os artistas nacionais poderiam trabalhar e até o próprio Estado a podia apoiar.

Dada a ignorância destas limitações, não é raro verem-se pais e crianças a querer trabalhar textos musicais para os quais não estão ainda preparados e terem o péssimo hábito de, em “(...) qualquer camada social se interessarem pelas “(...) canções ouvidas na rua e na rádio (...)do mais inferior género de revista (...)”. Para evitar esse mau gosto musical, caracterizado pelo dinamismo e a alacridade há que desviar a criança do “(...)seu primeiro ímpeto(...) e através de uma Influência orientada e constante (...)” ir-lhe mostrando “(...) que os hinos e as canções patrióticas, mais próprias para os rapazes, mas que não prescindem das vozes femininas(...) mas no repertório infantil, em geral, são mais nocivos do que propício para a voz!(...)” (*ONF*, Set. 1944). O solfejo deve ser aprendido mas sem insistência. Ele depende da aceitação da criança a essa actividade.

Francine Benoît inicia na revista, a partir de Maio de 1945, “(...)uma secção musical – que em vez de dissertar sobre música, se propõe apresentar textos musicais. Estes textos serão escolhidos, ou compostos, de modo a poderem ser cantados e acompanhados facilmente. Contudo, hão-de obedecer a uma norma que pretende desenvolver o bom gosto musical (que nos seja relevada a prosápia). Hão-de procurar também casar-se com a evolução normal das crianças, com a feição peculiar aos rapazinhos e às meninas, e ainda com as diversas ocasiões em que a música pode ter interferência no dia-a-dia. Cada trecho será acompanhado do comentário que julgemos útil. A maior dificuldade que temos de vencer está no espaço forçosamente muito limitado de que dispomos. Mas estamos pronta q responder particularmente aos pedidos de complemento de explicação, informações e a orientação que nos forem dirigidos Neste número publica “(...)Pequenina jóia da música popular. Foi recolhido pelo folclorista inglês Rodney Gallop e está incluída no livro «Cantares do Povo Português», editado pelos cuidados do Instituto para a Alta Cultura (...)”(ONF, Maio 1945).

No número seguinte publica três dessas canções adequadas “(...) à criança desde a infância até á adolescência(...)” ao mesmo tempo que aproveita para, com elas, prestar uma homenagem ao Prof. Tomás Borba, então já reformado, mas que fora o “(...) mais popular, o mais respeitado e o mais querido dos pedagogos portugueses (...) ao estabelecer uma aliança entre as crianças e música (...)” (ONF, Jun. 1945). Dele se tecem os maiores elogios pois que conseguiu que, nas escolas de música, as crianças que a aprendiam, a entoassem, uma vez que a prática – errada- era a de aprender solfejo e teoria musical desligada da prática do canto. Ele vai participar na reforma de Augusto Gil ao Conservatório Nacional de Música em 1919 e consegue que se torne obrigatório o solfejo cantado. Por essa razão, Francine Benoît faz publicar *As gralhas* e *As ondinhas do mar*, duas composições adequadas a crianças e que ela extrai do livro *Toadas da nossa terra*, com textos de Adolfo Portela e música do referido professor..

Estes textos musicais vão servir um objectivo importante: dão às mães alguns conhecimentos teórico-práticos sobre pequenos trechos acessíveis para elas trabalharem com as crianças, ao mesmo tempo que lhes facultam a partitura respectiva.

Sobre Música colaboram ainda na revista *Maria de Jesus* Mosqueira²⁹³ com biografias de Beethoven e Chopin (ONF, Mar. 1944), em tom de conversa com as crianças.

Como referimos, *Os Nossos Filhos* vão ainda ser veículo de notícias sobre concertos e festas, lugar de publicação de entrevistas a diversas(os) executantes de música e de pequenas notícias sobre algumas escolas que a ela de dedicam em particular.

O *Viveiro Musical*, dirigido pelo professor Gonçalves Simões, que só aceita crianças com manifesta “(...) tendência musical(...)” e que já organizara uma orquestra juvenil de dezasseis elementos (ONF, Ago. 1946) é uma dessas instituições. Uma outra referência mais detalhada será feita em Junho de 1953, quando lhe é feita uma entrevista a propósito da comemoração dos treze anos da fundação daquela instituição, destinada a crianças dos 5 aos 15 anos, em que se enumeram as vantagens daquela agremiação: ter

²⁹³ Cf. *Apêndice Cap. 4- Biografias*. Casa com Augusto de Almeida de Oliveira e Souza, colaborador ainda a fazer o curso de Veterinário e depois como médico, ficando então como Maria de Jesus Mosqueira de Oliveira e Souza. Das 24 cartas existentes no *Espólio* (Caixa 27. Maço 3; Caixa 15. Maço 2; Caixa 41. Maço 2) podemos fazer uma pequena notícia biográfica sobre o casal. Ele trabalha nos Serviços Veterinários da *Secção de Produtos Farmacêuticos da Companhia União Fabril* e era sobrinho de Irene de Almeida Madaíl e José António Ferreira Madaíl.

sido capaz de “(...) ensinar música pelo método directo” ou seja, pôr as crianças imediatamente em contacto com um instrumento, formar uma orquestra juvenil, que actuara já em 19 de Junho de 1952, no *Conservatório Nacional*, e criar “(...)bolsas de estudo no estrangeiro, para os alunos talentosos(...)” (ONF, Jun. 1953). sendo que, apenas este terceiro objectivo não tinha conseguido concretização. Um outro aspecto sublinhado é o facto de que as “(...) crianças recebem livros e instrumentos sob empréstimo, lições gratuitamente(...) e se condições económicas permitem, pagam partir do 4º mês mensalidade de 25\$00(...)”. Este professor tinha uma ideia demasiado avançada para a época: dado que na Avenida /da Liberdade/ havia “(...) uma quantidade de cinemas (...)ali estaria bem uma Casa onde os pais deixassem os seus filhos quando fossem ao cinema, ou tratar da vida. Nessa Casa estaria instalado o «Viveiro Musical»(...)mas haveria também uma biblioteca infantil; uma «brincoteca» quero, dizer museu de brinquedos (...) além da sala para bebês, e o mais que se visse necessário. Cada secção entregue a pessoas especializadas (...) Que lhe parece? (...)”(ONF, Jun. 1953). Esta última pergunta continua actual...

Uma outra instituição, é o Externato de Santa Cecília, fundado por Maria Luísa Manso, que fora professora do Conservatório e do *jardim-escola João de Deus*, à Estrela, em Lisboa onde tivera como aluno o filho mais novo de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Esta tem a seguinte opinião sobre a professora de música do filho: “(...)Esta senhora há longos anos vem proclamando as vantagens de se extinguir o «analfabetismo musical», não esmorece na sua espantosa actividade a favor do educação musical dos pequenitos, inteligente e competentíssima dona de requintada sensibilidade artística e profunda conhecedora da arte delicada de atrair o interesse— e o coração— dos seus alunos, Maria Luísa Manso tem já realizado uma grande obra pedagógica. Mas não se satisfaz, não pára, e não perde uma oportunidade de ser útil, de divulgar (...) e de conquistar adeptos para a sua cruzado educativa(...)” (ONF, Abr. 1950).

Em 7 de Julho de 1946, Maria Luísa Manso proferira uma conferência naquela instituição sobre a importância da música na educação infantil, e o texto dessa palestra será publicado em *Os Nossos Filhos* (ONF, Ago. 1946). Como Francine Benoît, também esta professora defendia o início do ensino da Música desde a idade infantil, sem pretender logo que as crianças viessem a abraçar uma carreira profissional na área pois que também quando “aprender a ler e escrever não faz de todos escritores(...)” (ONF, Ago. 1946). Para justificar esta sua posição teórica cita Émile Planchard e

Marmontel que também defendem que “(...) a tarefa de um professor hábil /é/ distribuir a propósito a censura ou a lisonja, fazer amar o estudo, inspirar a fé (...) e despertar a atenção(...)”. Maria Luísa Manso chama a atenção da importância de que se reveste a criação de um ambiente de à vontade entre o professor e a criança que aprende porque, como afirmara Maria Montessori :”(...) o período infantil está de forma especial disposto à sugestão, porque, é nele que a consciência se acha em vias de formação e a sensibilidade para os elementos externos se encontra em estado criador(...)” . No período mais sensível da criança que dura até aos cinco anos, o adulto deve saber ”(...) interpretar as necessidades da criança, para as compreender; auxiliá-la com cuidados apropriados e preparar-lhe um ambiente adequado. Adaptar-se, as necessidades do ser em formação e renunciar às suas próprias, tal deve ser a linha de conduta a seguir(...)”. Por esta razão é tão importante a educação. Tratemos, pois da sua educação “(...) nos primeiros anos, porque é nesta fase do infância que o seu espírito se molda com maior facilidade. Temos de adoptar medidas educativas apropriadas a cada criança, examinando o seu desenvolvimento intelectual. É a este estudo que cada professor tem de se sujeitar (...) e impõe-se a aplicação dos métodos especiais a adoptar a cada aluno /porque/ Em cada criança, embora em idades iguais, a capacidade é diferente e, daí a necessidade psicológica de se descobrir o método a empregar para cada uma delas (...)”. É no seguimento destes princípios que a professora pretende “(...) habituar a criança a pensar, agir, a querer atingir um fim que é o de educar o seu espírito procurando fazer (...) coisas lindas que as divertem e encantam(...) /no sentido de/ que se combata o analfabetismo musical, tal como se tem combatido o analfabetismo propriamente dito (...)” (ONF, Ago.1946).

São em número elevado as notícias sobre as actividades desta professora. Nelas se incluem as referências às conferências que, com Nina Marques Pereira, ela profere em Londres, enquanto bolseira do *Instituto de Alta Cultura* (ONF, Mar. 1947), à viagem que fez a Paris (ONF, Jan. 1948), a mais audições no Conservatório e no mesmo Jardim-Escola (Set. 1948 e Jun. 1949), conferências várias (ONF, Abr., Maio e Jun. 1950) ou a referência a audições de crianças alunas de Maria Luísa Manso (ONF, Jul. 1950).

Sobre a fundação do Externato de Santa Cecília existem diversas notícias em *Os Nossos Filhos*. Vejamos quais:

Quadro n.º23.: Referências ao Externato de Santa Cecília:

<p>“(...) professora de música Maria Luísa Manso, especializada em ensino infantil, e que tem combatido com fervor o analfabetismo musical entre nós, recebe alunos, em cursos e lições individuais, na Avenida Defensores de Chaves, 40, r/c., onde também funciona um Curso de História de Música e Composição, por professora especializada. (...) propõe-se elaborar um Colégio com classe infantil e instrução primária entregues a professoras especializadas, situado entre a Avenida da Uberdade e o Rato; para o qual se podem inscrever crianças do sexo feminino a partir dos 4 anos. Este Colégio começará a funcionar logo que receba inscrições número suficiente (...)”</p>	<p>ONF, Nov. 1950</p>
<p>/tem "lead":/ “(...)6 de Abril festejou sua inauguração...curto espaço de 2 meses (...)fizeram uma exposição com trabalhos ,canto coral, recitações, piano e ginástica. Dirigido Maria Luísa Manso(...)distinguem dos outros pois nele se ministra a todas as crianças o ensino musical a par do infantil e primário(...)” e segue-se uma transcrição do discurso de inauguração:“(...)dei minha primeira lição aos 14 anos(...)a pedido do meu professor de violoncelo João Passos(...)Interesse pedagogia moderna, visitas a Espanha, França, Bélgica e Inglaterra...realizando neste país palestras sobre " a influência musical no espírito da criança"(...)campanha contra analfabetismo musical em Portugal de há anos para cá(...) Sonho era fundar um colégio...este propriedade sua e de Heloísa Cid²⁹⁴ e colaboradora Nina Marques Pereira (...)Juntava infantil e primário...e responder ...junto dos pais ou encarregados da educação, esbarrava sempre com este, grande problema, que me era .apresentado: onde vão as crianças buscar tempo para o, estudo musical se saem das escolas, tarde. E. Ainda sobrecarregadas de trabalhos a apresentar no dia seguinte? ...aqui organizamos aulas de estudo sob vigilância de professores para crianças irem para casa descansadas...não precisam de instrumento em casa para estudo porque colégio põe disposição instrumento de que necessitem(...) Externato de Santa Cecília Avenida Visconde Valmor 34 r/c Esq. Tel...</p>	<p>ONF, Maio 1952</p>
<p>(Sexo feminino) A v. Visconde Valmor, 34, r/c. Telef. 7 7589 Directora: Professora Maria Luisa Manso Ensino infantil (dos 3 aos 7 anos); primário, com admissão aos liceus e escolas técnicas; e musical. Aulas de canto coral, ginástica, dança rítmica, é línguas por professoras da nacionalidade. Ensino especializado,</p>	<p>ONF, Set. 1952</p>

²⁹⁴ A autora da quadra mais famosa sobre as mães (Com três letrinhas apenas...) e que já trabalhara com Fernanda de Castro nos *Parques Infantis*.

segundo os modernos métodos pedagógicos. Óptimas instalações e grande jardim para recreio. A secretaria encontra-se aberta todos os dias úteis excepto aos sábados, das 11 às 16 horas.	
---	--

Esta foi a escola que esteve na origem do Externato de Santa Cecília, hoje no Lumiar. Além desta escola, há referências a outras instituições como se vê no quadro seguinte:

Instituição	Caracterização
<i>Fundação Musical dos Amigos das Crianças</i>	/scanner/ Adriana de Vecchi, rainha e obreira do buliçoso cortiço recebe, minhota de nascimento e italiana por ascendência materna(...) fez conferências em que crianças deviam apreciar belo(...) Sofia Abecassis convidou-a para orientar crianças em casa dela(...) foi crescendo associação e casa de Sofia Abecassis não suficiente e sócios beneméritos foram Duquesa do Cadaval, Dr. Ricardo Espírito santo Silva, Irene Madail, madame Vaultier e Fundação Musical dos Amigos das Crianças instalou-se no r/c da Rua S. Bernardo(...) são 38 crianças que frequentam, todos meios sociais(...) aulas piano, violeta, violoncelo, violino, canto coral e conjuntos (...) para o ano haverá dança rítmica, cerâmica e desenho(...) se não possuem instrumento, podem vir estudar todos os dias(...) e tb concertos, passeios pelo campo e museus já foram recebidas por João Couto, do MNAA que lhes falou dos painéis de Nuno Gonçalves, por Armando de Lucena em S. Roque e Castelo S. Jorge e director do Museu de Arte Contemporânea, escritor Diogo de Macedo explicou o que viam(...) maioria são crianças de teres e distinção mas as que vivem muito modestamente são vestidas e calçadas, têm o seu lanche e são levadas ao médico(...) mais novo aluno, de 4 anos, é Augusto Martins Castelo Branco(...) José Luís de Figueiredo Ferreira um dos mais velhos 10 anos e frequenta Liceu Francês, Sílvia, 7.5 anos, Vasco de 9 anos, Luís Filiep, Wanda Terry, indianazinha de ar sério, Horácio e Renato, gémeos(...) as que não podem, nada pagam, quotas e auxílio de Sofia Abecassis e beneméritos(...) fim é formar, apurar sensibilidades e não criar "virtuosos"(...) (n.º 147. Ago. 1954. p. 13 e 30)
<i>Academia de Amadores de Música</i> ²⁹⁵	Ali pontificava Pe Borba e havia profª "(...)Hilda Carneiro que todas adorávamos(...)" no tempo do Liceu do Carmo;(...) Pianista Maria da Graça Amado da Cunha recebeu-nos agora em 1844 um grupo de sócios da Sociedade Guilherme Cossul desligou-se dessa associação e fundou Real Academia de Amadores de Música sendo o próprio rei presidente honorário da Academia(...) concertos, melhor sociedade de Lisboa mandava filhos ir ali aprender música(...) por 1920 João Vinhas e Prof. Tomás Borba arrancaram-na da estagnação em que fora caindo(...) completa falta de apoio oficial e particular ainda hoje(...) agora promoveu 6 recitais por jovens que pela 1ª x se

²⁹⁵ O artigo não é assinado mas a indicação de que "(...) nós outras, as alunas do velho Liceu do Carmo, a Academia ali a dois passos, era como o prolongamento do Liceu, onde se podia conviver um pouco mais com a jovem e linda professora Hilda Carneiro que todas adorávamos(...)"(n.º 164. Jan. 1956. p. 12-13 e 31) faz com que seja identificável como de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

	<p>apresentam(...) como violinistas Lídia de Carvalho e Emílio de Carvalho, as cantoras Maria Adelaide Robert e Judite Lupi Freire, os pianistas Maria Delfina Costa Simões e José Carlos Sequeira Costa. Ressuscitou antigo Orfeão com fundação em 1949 do Coro da Academia de Amadores de Música, cuja direcção artística foi confiada ao compositor Fernando Lopes Graça, a quem o Padre Tomás Borba em tempos tinha chamado para com ele dividir a tarefa de Director Artístico da Academia. realizou um concerto homenagem memória de Viana da Mota no ano da sua morte(...) 1950 promoveu, no Natal, com o Coro da Academia a primeira audição de uma série de Cantos Tradicionais Portugueses da Natividade harmonizados por Lopes Graça e que teve de repetir-se 6 ou 7 ; a reorganização da biblioteca, a representação em Portugal do Centre de <i>Documentation de Musique International</i>, com sede em Paris(...) a fundação por um grupo de sócios da Academia da revista "Gazeta Musical"(...) criação de Coro Infantil a partir dos 5 anos e depois ingressam num Curso de Solfejo infantil. Direcção do Coro e do Curso de Solfejo a cargo de Francine Benoît (...)actual direcção formada: Dr. João de Freitas Branco (Presidente), Dr. Luís Francisco Rebelo (Vice-Presidente), D. Maria da Graça Amado da Cunha e Dr. João José Cochofel (Secretários), e Dr. Cavique dos Santos (Tesoureiro) (n.º 164. Jan. 1956. p. 12-13 e 31)</p>
<p>Academia de Música de Vila da Feira²⁹⁶</p>	<p>(scanner) graças a uma boa amiga que nos pôs em contacto com Gilberta Gouveia Xavier de Paiva, natural de Lisboa, onde, no Conservatório Nacional de Música, aluna do professor Marcos Garin, concluiu o Curso Superior de Piano, colaborou em concertos com Orquestra Sinfónica Nacional e recitais na Emissora, na Academia de Amadores de Música, etc. Era, então, muito jovem, e o casamento, levando-a de Lisboa para Vila da Feira, onde resido há 17 anos(...) pôs termo a uma carreira de concertista (...) doença impediu de pôr dedos no teclado durante 10 anos(...) 1954- nova apresentação em público primeiro na Orquestra Sinfónica do Porta, depois no Conservatório Nacional de Musica de Lisboa (...) novo problema: o do ensino musical(...) colaborou no Externato Santa Maria, desta Vila e formei curso de piano frequentado no 1º ano por 5 alunos e ao fim de 3 anos por 20 alunos(...) com apoio de Dr. Ivo Cruz, director do Conservatório Nacional decidi org. uma Escola de Música(...) arrojado se em Portugal só Conservatórios em Lisboa, Porto e Academia de Coimbra(...)acaba de se inaugurar a de Vila da Feira com 30 alunos inscritos (...) música importante para formar carácter(...) (n.º 165. Fev. 1956. p. 14-15)</p>

²⁹⁶ Na rúbrica e como exemplo de "Conte-nos o que tem feito pelas nossas Crianças". In *Os Nossos Filhos*. N.º 165. Fevereiro 1956. p. 14 -15: o artigo também é de autoria de Maria Lúcia Vassalo Namorado porque ela refere, como introdução ao texto que "(...) temos incitado as nossas Leitoras a tomar iniciativas a favor das crianças suas terras — e quando dizemos <a favor>, não pensamos estritamente em auxílios materiais, mas em todo que possa contribuir para o bem estar, o desenvolvimento, a educação e a felicidade da infância. Até que ponto as nossas palavras e o nosso entusiasmo sempre vivo, têm contribuído para as realizações que ultimamente se vem verificando? Nem sempre o podemos averiguar, mas é-nos sempre gratíssimo saber que ,em qualquer; ponto da terra, pessoas de boa vontade, esclarecidas e corajosas, trabalham pelas nossas crianças(...)" (n.º 165. Fev. 1956. p. 14-15)

Como referimos, foram sendo feitas, por Francine Benoît, diversas entrevistas a intérpretes promissores, estando neste caso, Sérgio Varela Cid e irmã (*ONF*, Maio 1948 e Jul. 1949), e Maria Leonor da Silva Fernandes e António Victorino de Almeida (*ONF*, Ago. 1948) assim como Maria João Pires (*ONF*, Jun. 1954); pensamos que a entrevista realizada a Nina Marques Pereira, em que aparece a senhora ao piano e na cozinha, com avental (*ONF*, Jul. 1950) e a Joly Braga Santos (*ONF*, Maio 1951) foram feitas por Maria Lúcia Vassalo Namorado.

Outras notícias de circunstância, como a da ida dos *Pequenos Cantores de Viena* ao Porto, com o apoio de Maria Fernandes Borges a pedido do Comité de Socorro à Áustria da Cruz Vermelha Portuguesa (*ONF*, Mar. 1947) ou sobre as *Pequenas Cantoras do Postigo do Sol* (*ONF*, Maio 1949) feitas por Ludovina Frias de Matos são aqui referidas como exemplos de actividades do quotidiano, ligado à Assistência, na cidade do Porto.

Poderíamos analisar ainda as diversas notícias que, sob esta categoria, respigámos em *Os Nossos Filhos*. A maioria delas, no entanto, mais não faz do que insistir na importância que a iniciação musical deve ter na formação das crianças. Algumas dessas notícias, porém, serão agora analisadas uma vez que elas nos dão provas incontestadas de que a directora de *Os Nossos Filhos* tinha sempre presente a necessidade de fazer chegar as informações mais actualizadas sobre as inovações pedagógicas verificadas nesta área. Ao mesmo tempo, ela aproveita as páginas da revista que dirige para, subrepticamente, fazer propaganda de algumas pessoas e instituições que não se enquadravam nos parâmetros políticos apreciados na época.

Para começar vejamos que a articulista com maior número de artigos foi Francine Benoît, por vezes discriminada por razões de género. Ela é a colaboradora que se insurge contra o mau gosto musical das crianças cujas famílias só ouvem “as canções da Rádio (...) os palhaços do Coliseu, os cegos na rua com rebeca a gemer e até as canções das nossas criadas(...)” (*ONF*, Jan. 1948), que se insurge contra o papel de “(...) diversão despreocupada(...)” que a música tem na vida escolar (*ONF*, Nov. 1947), que se questiona por que razão hão-de todas as crianças que se iniciam na música optar pelo piano e “(...) porque não violino, harpa, guitarra, até! /e se questiona / porque não se constituem orquestras infantis ou mais simplesmente, conjuntos combinados que não se assemelham a imponência de um organismo sinfónico? E porque se não fazem concertos próprios para os miúdos? (...)” (*ONF*, Nov. 1947).

Na revista (ONF, Nov. 1947) é também anunciada a criação do GRUPO CORAL INFANTIL DA ASSOCIAÇÃO FEMININA PORTUGUESA PARA A PAZ, como já referimos, que deu um concerto no Jardim-Escola João de Deus / scanner/ orientado por ela que, no início dessa sessão “(...)«conversou» com o auditório, expondo os seus pontos de vista sobre a educação musical infantil e os seus métodos de ensino, a seguir demonstrados de modo a convencer e encantar os ouvintes. (...) Em breve, a educação musical irá abranger a maioria, senão a totalidade, das nossas crianças. Além das vantagens que esse ensino ofereceria a cada uma, isso é o principal, seria possível & selecção de conjuntos excelentes, no género dos «Pequenos Cantores de Viena» que há pouco nos visitaram (...)” (ONF, Nov. 1947).

Também é ela que assina o texto da recensão crítica da obra "Segredos do teclado, livro dos pianistas", de Andor Foldes, inglês, traduzido por Fernando Lopes Graça, edição da Valentim de Carvalho (ONF, Set. 1949), em que ela aproveita para fazer diversas apreciações sobre o ensino da música às crianças, considerando-o acessível quer para as que estão em idade pré-escolar quer para as que têm 7 a 11 anos. Zurze com veemência “(...) aquela pobre hora de canto coral muitas vezes mal mastigada que a podará levar muito longe a respeito de cultura musical; mas embora uma hora seja sempre pouco, se for convenientemente aproveitada já o caso mudo de figura. E não duvidamos de que, para dar o devido lugar à música na cultura geral, as audições apropriados a que aludimos há pouco seriam de enorme, mal sonhada importância. Interessará saber que o autor do livrinho entende que «devemos ter o cuidado de não dar à criança senão o melhor música», achando igualmente necessário que se adquira, logo de começo, o gosto da boa música contemporânea (...). Depois deste “juízo”, como lhe chama, Francine Benoît lança um apelo: que não se insista só no importância do piano até porque se sabe que a “(...)aprendizagem de um instrumento de arco exige mais finura auditiva do que a aprendizagem do piano, mas não mais do que o estudo do canto propriamente dito, que não afugenta mais do que o estudo do canto(...)” (ONF, Set. 1949).

Não podemos deixar de referir uma outra notícia de recensão crítica de uma obra, muito breve, mas em que se explicita sem reboços o apoio político dado pela revista a algumas iniciativas realizadas na área da música. A notícia em causa está assinada apenas “F.B.” e nela se informa que “(...)Recebemos 1º fascículo (...) do *Dicionário Musical*— (Ilustrado) por Tomás Borba e Fernando Lopes Graça, (...) que as edições Cosmos se abalançaram finalmente a lançar no mercado. Os nomes que a

assinam são uma garantia da seriedade e de dilatado conceito cultural e informativo deste grandioso previsto em 20 fascículos mensais, necessário a todo e qualquer estudioso português que se interesse pela música (...)” (ONF, Jun. 1956).

Por ela são enaltecidos os princípios da *Academia dos Amadores de Música* (ONF, Nov. 1949) e insurge-se contra o facto de, no *Congresso de Protecção à Infância* não terem sido apresentadas quaisquer teses sobre “(...) as atribuições que podiam ou deviam caber à música na formação da criança (...)” embora o Dr. Manuel Farmhouse se tenha referido ao papel que a Educação Física poderia desempenhar na formação da criança (ONF, Mar. 1953). Na sua perspectiva ela poderia ter incluído uma referência à Música na comunicação que ali proferiu, pois ela defendia que a Música podia integrar a Educação Física, acabando o seu artigo com dois desabafos: “(...)Se não há Educação Física nem médico para muitas das 600.000 crianças da escola primárias como querer que haja para Música? (...) /e/ a iniciação não pode ser feita no Parque Mayer e pela vedeta da rádio(...)nem a música popularucha destronar a música popular(...)” (ONF, Mar. 1953).

A crítica à reforma da *Secção de Música do Conservatório* é por ela “esquadrinhada” em *Os Nossos Filhos* e analisa pormenorizadamente as (des)vantagens de ter introduzido mais uma ano no referido Curso e Secção. (ONF, Set. 1953).

Apologética da prática de Francine Benoît como professora é a notícia saída em *Os Nossos Filhos*, assinada por Silva Santos em que se comenta a festa que ela orientou e na qual, participou a menina de “pouco mais de nove anos de idade (...) Maria João Alexandre Pires, discípula do prof. Campos Coelho. A orientação da primeira parte da festa foi excelente mas, na segunda, em que se critica o extenso e difícil repertório executado por aquela que é hoje uma excelente pianista pois “(...)Chegava Bach (...)não era preciso um programa de cor, de Beethoven, Liszt, Albeniz e Granados e Debussy (...) programa próprio para resistência de adultos(...)” (ONF, Maio 1955).

A vinda a Portugal do professor Edgard Willems de *Conservatório de Genebra*, a convite do *Instituto de Alta Cultura no Curso de Preparação Musical Infantil*, fundado e dirigido pela Prof.^a Maria do Céu Diogo, precursora em Portugal dos trabalhos deste professor (...) precedidas dos comentários do Prof. Fernando Correia de Oliveira(...)” (em artigo de Fernanda Cidrais, ONF, Set. 1954) são exemplos de outras notícias sobre actividades na área da música que se referem a um conjunto de iniciativas mais “oficiais”, mas não menos interessantes, do ponto de vista da inovação do ensino da música. Ainda neste último grupo se integra a referência à “(...)homenagem pelo

Governo da Nação e Amigos (...), feita a Elisa Baptista de Sousa Pedroso, criadora do Círculo de Cultura Musical (ONF, Jan. 1955). A vinda daquele eminente professor a Portugal é aproveitada, em *Os Nossos Filhos*, para Maria da Luz de Deus (Ponces de Carvalho) reflectir sobre as vantagens musicais que têm as crianças que vivem no campo sobre as da cidade (ONF, Abr. 1956).

Sobre o que na área da Música se fazia na Madeira é-nos dada informação em artigos de Beatriz Franco de Almada (Cf. Biografias), farmacêutica no Funchal, que, no seu artigo traça uma panorâmica rápida sobre a formação e a prática musical naquela ilha (ONF, Out. 1953).

Não temos dúvidas em afirmar que a defesa da educação musical, a introduzir logo desde a mais tenra idade é a proposta de *Os Nossos Filhos*. Todos os artigos analisados nesta categoria tentam convencer as mães de que a educação rítmica pode e deve ser feita com todas as crianças. A defesa da aplicação prática destas orientações é evidente quer seja nas referências feitas às *Tardes Culturais para a Infância* organizadas por “(...) Adriana de Vecchi, por iniciativa 4.^a Secção Cultural da Câmara Municipal de Lisboa, uma série de tardes culturais inteiramente dedicadas às Crianças de Lisboa. “(...)Estas tardes, que têm lugar no salão nobre do Pavilhão dos Desportos, são constituídas por números de poesia e música — canto, e instrumentos — previamente explicados aos pequenos ouvintes. A 1.^a e a 2.^a Tardes Culturais, foram um êxito. As entradas são gratuitas (...) (ONF, Maio 1956) quer seja na apresentação do *Curso de Iniciação Musical* que, no nosso Conservatório Nacional /e/ a convite governo /veio fazer o prof. /Edgar Willems (...)”(ONF, Jun. 1956).

No mesmo sentido apontam os anúncios aos cursos da centenária e republicana *Academia dos Amadores de Música* (ONF, Ago. 1956) ou o artigo do Dr. Fernando Serpa Branco em que se faz a divulgação da iniciativa da criação, em Évora, de um *Curso de Rítmica e de Iniciação Musical* para crianças de 3 a 10 anos na Escola Experimental *Arte na Educação* porque “(...) as crianças em Évora (...) marchavam defeituosamente, muitas incapazes de reproduzir um grupo rítmico que os professores realizavam com palmadas (...)ao fim de 6 meses- curso funcionou de Dezembro a Maio no ano lectivo- progressos no aspecto rítmico, aperfeiçoamento auditivo e interesse musical (...) pois se sabe hoje que a melhor idade (...)para iniciação musical (...) são os 3 anos (...) elementos fundamentais da Música são ritmo e som (...) porque uma verdadeira iniciação musical terá como finalidade tornar consciente na criança o ritmo

que penetra tudo (...)domínio de gestos na criança exuberante mas desordenada (...) e porque nos últimos 50 anos se desenvolveram diversos métodos de educação rítmica /como o de/ Jacques-Dalcroze (o de maior projecção), de Cremers, de Juan Llongueras (discípulo de Dalcroze), de Edgar Willems. Etc., todos concordando em que a regularização e aperfeiçoamento dos movimentos desenvolvem uma mentalidade rítmica, e que esta mentalidade, pela sua influência sobre a inteligência, imaginação e na vontade, harmoniza as capacidades corporais e espirituais, assegurando à personalidade mais liberdade e mais consciência e, portanto, maior possibilidade de se realizar(...)” (ONF, Jul. 1956).

Francine Benoît aprecia o *Viveiro Musical*, a escola a que já fizemos referência por ser uma obra de cultura musical infantil criada e inteiramente mantida pelo prof. Gonçalves Simões, em Lisboa. Em Portugal, há em várias escotes de ensino primário e liceal classes de canto coral. Contudo, o «Viveiro Musical», além de ser inteiramente autónomo, é único da sua natureza, que consiste em facultar a aprendizagem instrumental a crianças na idade escolar e mesmo pré-escolar. E a maneira como procede, rigorosamente, para a admissão de alunos e o seu ensino também é única: não se paga matrícula, nem inscrição, nem as lições(...) até os livros são fornecidos de graça, e os instrumentos, se forem de arco. O prof. Gonçalves Simões exige somente que o candidato, ou a candidata, prestem provas destinadas a revelar ouvido e aptidões musicais, em que a voz não tem interferência alguma (...) ter ouvido, gostar de música(...)não está forçosamente m em relação com ter garganta. (ONF, Jul. 1943). Funciona nas dependências da casa Sasseti(...).O que mais reivindicamos a propósito do que diz respeito á Criança e á Música, é uma cultura generalizada ao máximo, aplicada de modo a atingir todos os casos, os que formam as maiorias e as minorias —ao passo que o *Viveiro Musical* é uma obra de selecção, só interessam as vocações musicais já declaradas. Mas uma e outra coisa podem ir a par(...) da boa orientação e da largueza da cultura geral resultaria uma selecção com certeza (...)”. Sobre esta instituição serão apresentadas mais do que uma noticia como se vê nos artigos de Agosto de 1946 e Junho de 1953.

Brinquedos

Não admira que numa publicação para as mães, como se pretendia que *Os Nossos Filhos* fosse, se encontrem inúmeros artigos onde, ou só sobre esse tema ou sobre outros temas, os brinquedos sejam referidos, desde o princípio ao final da revista.

Os artigos mais frequentes têm em vista ensinar as mães a escolher os brinquedos que devem comprar para os filhos. Esse é também o tema, como vimos, de um dos programas de rádio realizados por Maria Lúcia Vassalo Namorado em 1945 (Cf. subcapítulo sobre *Programas radiofónicos*).

Mas quais são os critérios que devem presidir à escolha dos brinquedos para as crianças? Em que fundamentos teóricos deve assentar essa escolha? A resposta a estas questões é dada nas linhas seguintes. Os critérios a seguir na escolha dos brinquedos e que as mães devem conhecer são definidos quer por médicos quer por colaboradoras da revista, em artigos a isso dedicados.

Depois da leitura de todos os artigos que sobre este assunto se debruçam, foi-nos possível elaborar o seguinte quadro sistematizador desses dados.

Quadro n.º24. : Critérios a seguir na escolha e uso de brinquedos:

Autor(a)	Conteúdo	Fonte
Ferreira de Mira	De dimensões adequadas para que criança não os possa meter na boca (...) de forma a que não possam ser chupados(...)sempre lavadas as mãos e também os brinquedos (...) não dar chupetas por antihigiénicas (...)	Jan. 1943
Ferreira de Mira	brinquedos mais simples criam vida e tornam-se atraentes no imaginação das crianças (...) Elas galopam em cavalos de cana...	Fev, 1952
Elina Guimarães	Brincar com brinquedos não convencionais como água, areia... Criança não tem em conta o preço deles (...)Se queremos habituar os nossos filhos a socorrer os pobres, vale muito mais incitá-los a comprar do seu bolsinho qualquer objecto novo (...) brinquedos devem ter na casa o seu sítio certo e privativo (...) devem estar colocados de forma a serem acessíveis às crianças (...) ter um lugar fixo onde os reponham após o uso (...) Crianças devem levar o seu brinquedo de estimação quando viajam e pernoitam fora (...) Não se devem ter brinquedos de luxo (...) mas “(...) Não é no entanto desaconselhável ter algum brinquedo de reserva para dias de doença ou até de chuva. Mas isto deve ser feito com assentimento da criança (...)Outro problema que surge é o das rivalidades entre irmãos sobre brinquedos. Há quem pense que os brinquedos devem ser comuns/a diversos irmãos/ mas os psicólogos modernos entendem que, para desenvolver o sentimento do respeito pela propriedade e o da responsabilidade, cada criança deve ter os seus (...).Aos pais compete vigiar que os lotes sejam equivalentes (...)”.	Out. 1943

Maria Lúcia Vassalo Namorado e a educação feminina: a revista Os Nossos Filhos (Continuação)

/Maria Lúcia/	/se o pai tem uma profissão que lhe permite trabalhar em casa e se recebe clientes, a mãe deve providenciar para que o / o vestibulo, o corredor e a sala espera /estejam/ em perfeito estado de arrumação /pois / Nada mais desagradável para o cliente do que tropeçar com o cavalo de pasta ou o comboio de corda tombados no meio do caminho (...)"	ONF, Jun. 1944
/Maria Lúcia/	Brinquedos devem ser duráveis (...)Não se trata dum problema económico, mas dum problema educativo. O brinquedo que «dura» não levará q criança a respeitar os objectos? A criança afeiçoa-se aos brinquedos antigos e naturalmente tem para eles cuidados e carinho, procura conservá-los. Os brinquedos frágeis...parecem sugerir ao espírito infantil que não vale a pena ter cuidado com as coisas porque tudo se estraga depressa (...)"	ONF, Mar. 1945
/Maria Lúcia/	Bebé deve brincar com brinquedos fáceis de lavar, não dar chupetas porque são antihigiénicas e causam transtornos intestinais. Não dar crianças para elas brincarem, objectos sujos.	ONF, Set. 1945
Serras e Silva	Brinquedo é tudo o que diverte e entretém (...)brinquedo serve para dar prazer, para solicitar a actividade e fixar a atenção (...)brinquedos caros são erros psicológicos que os pais têm de pagar caro, sem proveito (...)brinquedos não agradam por serem ricos, ao nosso gosto, mas por serem interessantes e a gosto dos pequenos (...) sem presunção (...)brinquedos pobres mas ao gosto dos pequenos, e brinquedos variados (...)Examinemos agora o partido a tirar dos brinquedos para fazer a educação das crianças: (...) Habituar a ter ordem e limpeza nos seus domínios e haveres. Habituar a ser generoso e emprestar os seus tesouros a outras crianças menos afortunadas.' Habituar a suportar com magnanimidade, os desastres inevitáveis que avariam ou destroem os preciosos brinquedos (...) Habituar os pequenos a consertarem eles mesmos os seus brinquedos, e para ,esse efeito procurar coisas simples que se prestem a esses exercícios de aptidão manual, exercícios muito educativos — desenvolvem a habilidade, a paciência, o hábito de contar consigo, de se bastar (independência) e de sentir a alegria de resolver uma dificuldade— coisas em que a nossa escola é muito pobre .Saber tirar partido dos brinquedos não é ciência para desprezar(...).	ONF, Nov. 1947
Carmo Patrício	Brinca-se na idade própria por necessidade psíquica e física. A criança brinca agitando-se, quase sempre. ...Quem quiser conhecer os diversas teorias do jogo (ou do brincar infantil), pode ler com o máximo proveito os capítulos que se lhe referem na «Psicologia da Criança», de E. Claparède. (...) precisam de pouco (...)não brincar hábito suposto amoroso, de se brincar permanentemente com as crianças sem se deixarem antes brincar umas com as outras (...)Precisam de, brincar ao ar livre com as outras crianças, também, regularmente (...) qualquer membro da família, e não os seus criados, quando os têm, deve tomar o encargo de lhes dar essas distrações (...)brinquedo não precisa de requintes de arte nem de material...E, de todos o melhor brinquedo é aquele que a criança fabrica (...)brinquedo fabricado ou inventado pela criança é mais rico, mais fértil para a sua imaginação que o belo bonito digno de respeito, em geral. E nunca exageremos as suas artes- A natural vaidade e ignorância dos pais, que se julgam sempre progenitores de espécimes raros, prejudica os filhos. Estes, em vez de se limitarem, e se bastarem, passam a solicitar constantemente a atenção dos adultos e a perder a sua característica inocência (...)	ONF, Ago. 1950
Irene Lisboa ²⁹⁷	a escola não é, em verdade, não deve ser apenas um lugar de aprender; deve ser também um lugar de brincar. Mas de brincar à-vontade, e com brinquedos. O brincar nunca se faz nos	ONF,

²⁹⁷ O texto faz parte da transcrição de uma conferência que Irene Lisboa proferira no dia de Natal de 1953, no teatrinho da *Academia Recreativa de Santo Amaro*, próximo da Escola da Tapada, onde fora

	<p>recreios, rápidos e passados em lugares apertados....brincar, a bem dizer, é a sua higiene mental, a sua respiração do espírito (...)crianças mais pequenas aprendem um rol de coisas brincando. À sua educação nas escolas próprias (infantis ou maternais) é toda baseada em jogos e brincadeiras. E as outras mais crescidas, podem trabalhar, e trabalham até muito como se brincassem, gozando com o que fazem: fatos para as bonecas (coser, finalmente! E até bordar e fazer renda...)» desenhos, recortes, construções e concertos...mas que representam trabalho, imaginação, esforço</p> <p>mental, arte manual, aplicação do espírito! ...A brincadeira, irremediável, em suma, tem um rico significado educativo. ...brinca sempre, por mais oprimida e castigada que seja....Encaremos agora os brinquedos, os objectos com que a criança brinca. Tudo lhe pode servir de brinquedo, é já sabido. Duas cadeiras fazem uma casa...ela fabrica brinquedos...Fora estes há, como todos sabem, os brinquedos de compra, os chamados brinquedos, de verdade. Os bonitos, também chamados. Sempre tão cobiçados...Eu também tive uma boneca, de nome a boneca grande, que pouco saía da caixa e um serviço de loiça fina, que nunca foi desatado do lindo e grande cesto com asa, em que me foi oferecido (...) ficaram-me engasgados para o resto da vida...Por uma insatisfação psicológica, provavelmente. Lembro-me deles e não me lembro de outros ...Acentuar que o brinquedo, aí caro ou barato, é para uso exclusivo da criança. E que um brinquedo dura enquanto dura...Não tomando como unidade de valor a moeda, mas sim o apreço infantil. É verdade que o brinquedo de compra também é formativo. Tudo com que a criança brinca a estimula, a educa. Mas há brinquedos e Brinquedos... Brinquedos complicados, que os pais geralmente armam e desarmam, são brincadeiras para os pais, arvorados em mestres de habilidades, mais que para os filhos. Os brinquedos de luxo (como a minha boneca grande) são ineficazes e decepcionadores. Representam o fruto proibido...Os brinquedos de guerra são alarmantes....substituir tais brinquedos pelos bonitos carros das bombas e respectivos bombeiros, pelos lindos vapores, carros de corridas, motos, aviões, tractores, caixas de música (...)"</p>	<p>Fev. 1954</p>
--	--	----------------------

professora.

<p>Alice Gomes</p>	<p>o professor primário acompanhar as crianças nos recreios (...)a professora jovem, cheia de força e de vida, que olha paia os educandos como para irmãos mais novos, não deixa de entrar na dança de roda, de esconder no regaço a cabecinha do que ficou às escondidas e até de atirar a bola (...)no Museu Regional da Província do Douro-Litoral, no Porto, uma sala onde se ostenta uma variada e valiosa colecção de brinquedos feitos por crianças das escolas de toda a província. Visitá-la é receber uma lição, tanto grandes como pequenos. Tirando a música (-e o contingente de instrumentos de música não é pequeno) percebe-se nitidamente, ali, que a criança brinca imitando os adultos (...)</p>	<p>ONF, Jan. 1951</p>
<p>Secção de Higiene Infantil do Instituto Pasteur de Lisboa</p>	<p>objectos de distracção para as crianças devem ser comprados com consciência e não com generosidade. Não são presentes, são utensílios (...)</p>	<p>ONF, Dez. 1954</p>
<p>/Maria Lúcia/</p>	<p>surpreende a rapidez com que o pai ou a mãe escolhem os brinquedos para os filhos, numa idade em" que estes ainda não estão aptos a manifestar claramente as suas preferências. Só dois factores parecem orientar a escolha:</p> <p>o que o orçamento permite comprar, e aquilo de que a criança parece gostar (...)Ora é precisamente este segundo factor que muitas das vezes se apresenta errado. Quanto pais têm vagar para observar demoradamente a criança entregue a ela mesma, rodeada, de materiais, de objectos vários, e de brinquedos? Quais os elementos que norteiam a sua escolha? Em primeiro lugar, há a considerar a cor. Segue-se a forma: a simplicidade encanta-a acima de tudo: as bolas, os discos...Que alegria quando descobrem um pedaço de madeira clara e lisa! Os «brinquedos mais bonitos» são nessa altura postos de lado...Depois, é o trapinho que a pequenita, instintivamente enrolará (quase apetece dizer: amará), em mil e uma combinações. O rapazinho procurará qualquer coisa onde guardar o seu tesoiro: caixa, estojo, ...logo que souber andar, arrastará o seu «bonito» ou empurrá-lo-á na sua frente, até adormecer com a carinha em cima dele. Destas simples observações, podem as mães deduzir as qualidades indispensáveis do que será, verdadeiramente, um "bonito brinquedo» e um "bom brinquedo». Quanto ao material: a madeira é um dos melhores; temos também o cabedal, a pele, o veludo e os feltros; há que evitar os pêlos que se arrancam e são perigosos. São de reear os brinquedos metálicos, todos feitos em ângulos cortantes e agressivos; só as pessoas crescidas saberão brincar com eles...</p> <p>A cor, já o «dissemos, é tão importante como o material. Há que evitar principalmente as</p>	<p>ONF, Mar. 1954</p>

	cores violentas ou tristes. Os vermelhos demasiado berrantes, os verdes e os azuis muito vivos, são de rejeitar. ..Os verdes claros, francos, os cor-de-rosa, os encarnados claros, os azuis suaves, serão ao mesmo tempo tonificantes e calmantes. Os brancos cansam os olhos; e os pretos ainda não são uma cor, para os pequeninos. Último factor importante: o feitio. Quanto mais o feitio de um brinquedo for simples, liso, mais entusiasmo suscitara na criança a quem se destina. ...Descansadas, porque a criança dará inteira atenção ao seu “bonito”, entreter-se-á longas horas com ele, sem perigo, e a mãe, desobrigada de uma vigilância contínua, poderá entregar-se às suas ocupações caseiras, em paz, contente com o contentamento da sua ninhada (...)	
/Maria Lúcia/	brincadeira é o material de que é feita a vida da criança; nela, a criança emprega até o limite a energia que possui....Como competir, como suportar os embates, como vencer com elegância... tudo isso se aprende na brincadeira. Só ultimamente sé chegou a compreender a extraordinária significação da brincadeira...alcançar o alvo, é parte tanto da brincadeira como do trabalho (...) as atitudes e sentimentos que as crianças demonstram em suas brincadeiras são cheios de significação (...)Essa representação pode dar à mãe uma rápida percepção dos seus próprios métodos de disciplina. A criança passa muitas vezes às bonecas e animais, com que brinca, as repreensões que recebeu. Os seus sentimentos insuspeitados em relação aos pais manifestam-se também, com frequência, dessa maneira. A ocupação das crianças é brincar, do mesmo modo a dos pais, é gerir empresas ou conduzir locomotivas. Se o menino pode entregar-se de alma e coração a brincadeira, não lhe será preciso vencer obstáculos pára transitar mais tarde para um ofício em que sinta prazer. O menino que concentra a atenção em construções com blocos de madeira, mais tarde, feito homem, saberá mergulhar profundamente no terraço da, planta de um edifício.	ONF, Mar. 1957
/Maria Lúcia/	pais devem compreender que é através dos brinquedos que o cérebro do bebé se desenvolve e aprende a conhecer o mundo e as coisas que o rodeiam. Explora os brinquedos não só com olhos mas também com as mãos e a boca. Por isso os brinquedos devem ser: — Macios Laváveis — Resistentes - Económicos Logo que o pequenino comece a andar ou a mover-se os pais devem escolher carrinhos ou outros brinquedos que se possam puxar ou empurrar, ajudando assim o exercício. Até aos 6 meses, os brinquedos que convém ao bebé são: argolas de borracha, rocas, bonecos de pano simples ou de borracha, colheres de plástico. Dos 9 aos 12 meses; blocos, bolas, uma caixa resistente e baixa para trepar, animais e bonecos, l panelinhas. Dos 12 aos 24 meses: blocos grandes, balde e pá, brinquedos para empurrar ou puxar, livros de pano com bonecos. Pouco a pouco os pequeninos devem Ser levados a arrumar os brinquedos, e a tomar essa responsabilidade (...).	ONF, Ago. 1957

A reflexão teórica sobre os brinquedos mais adequados a cada criança e o que pode representar a brincadeira na formação infantil é também abordada em *Os Nossos Filhos*. Nem sempre os pontos de vista da criança e os dos adultos, sobre outros temas e este, em particular, é o mesmo pois que, para os adultos “(...)os brinquedos parecem objectos de pouca importância e cujo valor se mede pelo custo. Para a criança, pelo contrário, os brinquedos são o seu mundo e nada lhe é mais indiferente do que o seu preço(...)”. A criança pode brincar “(...) sem brinquedos convencionais (...) porque ” embora muitos pensem que o uso do brinquedo corresponde a um instinto natural da

criança, na realidade parece tratar-se mais dum espírito imitativo revelador já de um certo grau de civilização. Assim, se nós dermos brinquedos a crianças de famílias rudes, que não são necessariamente famílias pobres, verificamos que elas os despedaçam imediatamente, isto não tanto por espírito de destruição, mas por não saberem o seu uso...os mães têm a obrigação de ensinar, ou pelo menos orientar, o uso dos brinquedos (Elina Guimarães. ONF, Out. 1943).

Para esta colaboradora, as mães têm alguns deveres nesta área da diversão das crianças. Por um lado, elas devem orientar as brincadeiras das crianças, ou seja,“(...)sugerir que se vista, dispa, passeie e faça comer a boneca, que organizem carreiras de transportes em aviões, barcos ou caminhetas, etc. preciso mostrar igualmente à criança que o brinquedo escangalhado já não tem utilidade e que dá péssima ideia do seu possuidor; e, sobretudo, não o substituir quando o dano haja sido voluntário (...)”. Por outro lado, elas não devem nunca brincar nem “(...)consentir que qualquer adulto brinque habitualmente com a criança. Habituar a criança a precisar de quem a entretenha é uma catástrofe educativa tão grave como habituar o lactante a mamar sempre que chora...se precisa da atenção constante dum pessoa crescida, atrofia-se mentalmente, enerva-se e acaba por ser um verdadeiro flagelo para os que a rodeiam (...)”. Muitas mães cometem este erro educativo “(...)por excesso e má compreensão do amor maternal, tornam-se escravos dos caprichos dos filhos a quem preparam desta forma um tristíssimo futuro (...)”. Um erro que as mães muito cometem é o de deitar fora um brinquedo que, para elas, está velho mas que para a criança tem um significado completamente diverso.

Uma outra questão que é muito abordada em *Os Nossos Filhos* é a da vantagem de as crianças terem um quarto só para brincar “(...)a utilíssima «nursery» no estrangeiro considerada indispensável, que pode até ser instalada no quarto de dormir da criança (...)”. A utilização de bonecos pela criança, para dormir, não deve ser proibida uma vez que, “(...) os modernos psicólogos a ela não se opõem (...)”. Mesmo que o seu aspecto seja desagradável, as mães não devem “(...) meter a ridículo, sobretudo diante de estranhos, o que poderia humilhar a criança (...)”.

Elina Guimarães, no artigo que temos vindo a citar, é responsável ainda pela enumeração de outros cuidados a ter em relação aos brinquedos. Sugere ainda que, “(...) quando se presenteia uma criança pelo aniversário, é uma atenção delicadíssima e muito apreciaria levar qualquer coisita aos irmãos, especialmente se eles forem mais pequenos, nem que seja um pauzinho de chocolate ou uma «surpresa». Eles sentir-se-ão imensamente felizes com isso, e menos invejosos (...)” (ONF, Out. 1943). Este

problema, o da inveja entre irmãos, é considerado por Elina Guimarães como um dos mais “(...) delicados que às mães se antolha (...)” mas que não se desenvolve aqui por nos afastar da análise da categoria que estamos a realizar.

Ainda neste texto de Elina Guimarães há um aspecto que muito frequentemente é abordado na revista: o das consequências que os brinquedos bélicos podem ter na formação das crianças. Se em *Os Nossos Filhos* e como acontece também com as sócias da *Associação Feminina Portuguesa para a Paz – AFPP*- sempre se defende a ideia de que não se deve dar aquele tipo de brinquedos às crianças pois eles as induzem a serem violentas, Elina Guimarães discorda, teoricamente, deste ponto de vista quando refere: “(...) A voga de pacifismo que em 1914 trouxe uma autêntica campanha contra os 'brinquedos fomentarem todos as ideias bélicas manifestadas através da história (...) pergunto a mim mesma se os autores desses artigos «viram» alguma vez crianças a brincar. Se o tivessem feito verificariam que a falta de brinquedos guerreiros em nada importam às crianças que querem brincar às guerras. Pedras, fósforos, papéis, transformam-se pelo prodígio da natural imaginação infantil, em exércitos aguerridos e bem apetrechados (...) a criança, brincando às guerras, exterioriza o sentimento que, sufocado, poderia transformar-se em terror, causando perturbações nervosas (...) /podem assim ser /considerados permissíveis os brinquedos guerreiros (...)”. Porém, apesar de defender também este ponto de vista, Elina Guimarães, coerente consigo e com a associação de que era membro, assim como a directora da revista, dirá, com imensa graça, em jeito de desabafo final “(...) Mas confesso que continuo a mão simpatizar com eles... (...)” (ONF, Out. 1943).

Da autoria de uma das colaboradoras estrangeiras, Sabine Petersen é também um artigo em que se condenam os ódios entre os povos, a guerra e os brinquedos bélicos (ONF, Jun. 1949). Outra, Kathleen A Reed descreve brinquedos mais modernos como triciclos (ONF, Ago. 1947) e, finalmente, sob o título *Deixemos brincar as crianças* há um texto de Louise Saatman²⁹⁸ em que são enunciados os *Mandamentos do brinquedo*, a saber: “(...) 1- É preciso tomar a sério as brincadeiras da criança, porque elas constituem a sua

²⁹⁸ “(...) A autora é médica especialista das doenças nervosas das crianças /e publicara o livro/ na Edição francesa de Edouard Aubanel — Colecção «A criança Os seus complexos — A sua cura». — Preço: 26\$00 (...)” (ONF, Abr. 1958).

preparação mais importante para a vida. 2- Aquele que quer compreender o sentido do jogo infantil deve mergulhar no desenvolvimento da alma da criança. 3- Não encarar os jogos infantis com os preconceitos dos adultos nem considerar como fútil, por exemplo, o acto banal de querer atirar para longe um objecto, e depois recomeça ou deitar ao chão, demolir e destruir. 4- Não mostrar que certos jogos nos causam inquietação, porque isso desperta na criança o prazer de se tornar interessante. 5- Se é necessário acabar, por vezes, o jogo da criança para assegurar a tranquilidade dos adultos, não é preciso, contudo, oprimi-la com proibições. Limitar, somente, a sua necessidade de agir. Moderá-la com delicadeza. 6- Dar-lhe, se possível, um canto onde ela possa brincar em paz. 7- Não incomodar sem motivo uma criança entregue às suas brincadeiras. 8- Não se intrometer arbitrariamente numa brincadeira, e estar convencido de que a criança é seu mestre nesse jogo(...)"(ONF, Abr. 1958).

A preocupação com os brinquedos bélicos não se manifesta só em Elina Guimarães. Duas outras sócias da *Associação Feminina Portuguesa para a Paz*, Fernanda Tasso de Figueiredo e *Lília da Fonseca* também escrevem sobre o tema em *Os Nossos Filhos*. Da autoria da primeira é a informação dada sobre a *Conferência da Confraternidade Feminina no Mundo*, realizada em Paris, no mês anterior ao da publicação da notícia em que "(...) delegadas de 50 países que assistem à Conferência (...) ouviram a delegada alemã pedir abolição de brinquedos bélicos no mundo(...)"Esta mesma senhora, ao ler *O Mundo de ontem* de Stefan Zweig, pensa que "(...) Madame Lacombe, italiana de nascença, francesa pelo casamento e portuguesa do coração V essa mulher pediu fossem proibidos todos os brinquedos bélicos que, de meninos, vão industriando os homens na aspiração sangrenta da guerra! (...)" (ONF, Nov. 1947).

Quanto a *Lília da Fonseca*, refere a conferência realizada no Porto, subordinada ao tema *A Paz pela transformação do Homem* em que foi debatida a questão da urgência de "(...) ensinar as crianças a amar a Paz (...)" também foi feita uma reflexão sobre a "(...)acção nefasta que a maior parte das obras literárias e dos espectáculos exercem na formação do homem e do mulher de amanhã, lançando nas almas infantis os germes do ódio, da vingança, da injustiça, em vez do amor do humanidade (...)" e, a mesma chamada de atenção foi feita para os efeitos negativos dos brinquedos nas crianças e um apelo foi lançado: que os "(...) fabricantes não fabriquem, que não se comprem, que os vendedores não vendam (...)" e que não se comprem (...)" (ONF, Mar. 1950) brinquedos bélicos.

A maior parte das notícias sobre este aspecto do tema, num total de seis artigos, entre 1947 e 1950 são, no entanto, da autoria de Maria Lúcia Vassalo Namorado. A guerra “(...) a mais sangrenta carnificina de todas as que na História deve haver(...)” provocara-lhe um enorme abalo. No número de Natal da revista apela às mães para que sejam “(...)as primeiras a neutralizar com sentimentos da amor, fraternidade e, respeito por todos os seres humanos, nossos irmãos (...)” os inconvenientes da inconsciência que ainda grassam em que “(...) é lícito matar e destruir, /perante/ a indiferença pelo sofrimento alheio e que deliberadamente se provoca, a noção de que frieza é sinónimo de valentia e conduzem à glória (...)” . Por essa razão as mães devem preparar as crianças “(...) para aquele mundo de compreensão, paz, amor e justiça que devemos desejar e a que «todos», temos direito (...)” (ONF, Dez. 1947).

A notícia que publica, depois de uma entrevista com a presidente da Direcção²⁹⁹, Maria da Luz Espírito Santo, sobre as actividades da *Associação Feminina Portuguesa para a Paz* sublinha o trabalho que tem sido feito em prol da criança e da paz. Nela são publicitadas as “(...) matinées infantis, para crianças de todas as classes sociais (...)”. Ao referir a que fora feita no Clube Atlético de Campo de Ourique, menciona também a *Escola Infantil* que a Associação pretendia criar assim como o *Grupo Coral infantil* então já a funcionar sob orientação de Francine Benoît. Além das tardes infantis, a *Associação* tinha já uma biblioteca infantil e em 1947 realizara “(...) uma curiosa exposição de brinquedos, que despertou o mais vivo interesse e se notou a ausência absoluto de brinquedos guerreiros, e provou-se que é possível e até fácil oferecer às crianças brinquedos atraentes e económicos; a maior parte desses brinquedos, que os pequeninos muito apreciaram, foram efectuados pelas nossas consócias que se ocuparam da exposição (...) com material vulgaríssimo e barato, caixas de fósforos, carrinhos de linhas, cascas de nozes, etc.(...)” (ONF, Jan. 1948).

No Natal do ano seguinte, sob um ‘lead’ “(...) Mulheres! Chamai a vós as criancinhas! (...)” mais uma vez chama a atenção das mães para “(...) as montras que se enchem de brinquedos condenados por todas as pessoas de bom senso: metralhadoras, espingardas, tanques e muitas outras miniaturas de engenhos guerreiros (...)” (ONF, Dez. 1948) e apela às “(...)pedimos às nossas leitoras que não comprem esses

²⁹⁹ Da mesma direcção fazem parte Maria da Carmo Anta, Maria Helena Furtado Correia, Benvinda Caires, Suzette Gomes, Branca de Macedo e Josefina Simões (ONF, Jan. 1948).

brinquedos de guerra. Há jogos, livros, comboios, automóveis, palhaços bonecos, ; inúmeros brinquedos «formativos» que interessam 'à criança, que o entretém, diverte; desenvolve e educa. Para quê dar-lhes brinquedos que nela acordem ou acentuem 05 de luta e de maldade?...Sejamos, sensatos, sejamos coerentes. Encaminhemos por todas as formas os nossos filhos para o Bem. Ensinemo-los, ajudemo-los a serem bons; a amar, respeitar, defender os seus irmãos (...)" (ONF, Dez. 1948).

No Natal de 1949 volta a aconselhar as mães a escolher, como presentes para os filhos, "(...) os bichos e as construções, as ferramentas em miniatura que "(...) permitem carpintear, jardinar(...)e há carros, comboios, aeroplanos; jogos, livros, e muitas coisas mais (...) não há necessidade de oferecer às crianças brinquedos lembram maldade, destruição, morte, guerra! (...)". Acrescenta ainda que "(...) já que se consente fabricação que mães e todos que comprem se recusem (...)" (ONF, Dez. 1949) a comprar semelhantes brinquedos. A última notícia sobre este tema é sobre a conferência realizada em Setembro de 1950, em Copenhague, onde "(...)577 mulheres (...) representantes de 22 nações (...)discutiram a proibição de brinquedos de guerra (...)" (ONF, Nov. 1950). No mês seguinte, como prendas possíveis "(...) para pôr no sapatinho(...)" pede que, além de uma assinatura de *Os Nossos Filhos*, as mães "(...) não comprem brinquedos de guerra: tanques, espingardas, metralhadoras (...)" (ONF, Dez. 1950).

Já no último ano da revista com periodicidade mensal, em Novembro de 1958 é publicado, no local onde vulgarmente está o *Editorial*, um desenho de Júlio Pomar, datado de 1953 com a pomba do símbolo da paz /scanner/, acompanhada de um texto de Maria Lúcia Vassalo Namorado sobre esse tema. Nele se apela às mães, mais uma vez, para que "(...) não se ofereçam brinquedos de guerra e leve amigos e conhecidos a proceder da mesma forma (...)" (ONF, Nov. 1958). No mesmo número vem também um texto de *Marisabel Pereira* /cf. *Apêndice Cap. 4- Biografias e entrevistadas*) em que ela conta como, ao ver um menino num jardim a brincar às guerras, foi ter com ele e, ao explicar o que isso significava, ele deixou de brincar com esse objectivo. Também desta autora é o texto em que se chama a atenção para a necessidade de "(...) em vez de dar só brinquedos velhos a meninos pobres se comprem também de propósito pata eles brinquedos novos (...)" (ONF, Nov. 1958).

A revista publicita alguns brinquedos e é nesses anúncios que podemos ter informações sobre o que, à época, se deveriam considerar "(...) brinquedos educativos: jogos, paciências, construções, presépios para colorir, livros para pintar, bonecos de

estampar e teatros infantis(...)" e que eram anunciados por uma casa que, em toda a revista mais propaganda faz deste tipo de objectos: Pimentel & Casquilho, situada na R. Eugénio dos Santos 75 e na R. Jardim do Regedor, 24, 2º, em Lisboa (ONF, Jan. 1944).

Outro brinquedo muito referido é o jogo intitulado "O Gato Preto"³⁰⁰ "(...)interessante e divertido brinquedo para crianças. A alegria e entusiasmo permanente em todos os Jogadores (...)" (ONF, Jun. 1944), um brinquedo da *marca Pitt* que se vendia nos agentes Ribeiro & Soeiro, na R. Pereira e Sousa, n.º 18 - 1º, em Lisboa.

Há bonecos que são brinquedos e que são anunciados mas cujo desenho não temos em *Os Nossos Filhos*. Estão nesta caso as "bonecas de fazenda" que são anunciadas em Junho de 1944 ou a *Maria Rita*³⁰¹, uma boneca que era vendida na Feira Popular com um enxoval e que foi 'inventada' e produzida para, através da sua venda, obter fundos para a *Casa da Gaiata de Lisboa* (ONF, Jul. 1949).

A própria revista fornece moldes de brinquedos /scanner/ para serem feitos pelas mães ou "(...) podem fazer até meninas mais velhinhas (...)" sendo que cada molde importa em 6\$00 (ONF, Nov. 1952). Estes moldes e desenhos de brinquedos serão publicados entre Novembro de 1947 até ao número 200, ou seja, o número anual de 1959. Também publica um desenho para, "(...)a partir de uma caixa de chapéus, fazer uma caixa para arrumar brinquedos (...) com desenho de coelhinhos (...) /scanner/ e a revista também manda "(...) moldes mediante envio de 6\$00 em selos de correio (...)" (ONF, Set. 1955).

O uso dos brinquedos no quotidiano é referido por Adriana Rodrigues quando explica como se pode entreter uma criança que viaja de combóio. A mãe "(...) que viaja levará no seu saco o cão de borracha, um "popó" de plástico, etc. (...).brinquedos laváveis (...) e o jogo está em saber variar a aparição dos "bonitos" (...)" (ONF, Jul. 1950).

Em *Os Nossos Filhos* são ainda anunciados os brinquedos do Dr. Alfred Kiefe, autor de quatro jogos que ofereceu á revista para serem entregues em concursos, como prémios. Aqueles jogos infantis "(...) intitulados: *Aprenda a ler*, *Figuras de palitos*, *Snip-Snap* e *Gato-preto* (...) jogos destinados a crianças de 4 a 8 anos, sem dúvida curiosos, e

³⁰⁰ Sabemos que em Dezembro de 1942 o Dr. Alfred Kiefe oferecera a Maria Lúcia Vassalo Namorado "(...)quatro dos seus jogos infantis, intitulados: *Aprenda a ler*; *Figuras de palitos*; *Snip-Snap*; e *Gato-preto* (...)" (ONF, Dez. 1942).

³⁰¹ Cf. referência a esta instituição em Assistência, neste trabalho.

dignos de atenção(...) com eles, o seu autor procura desenvolver nos pequenitos as faculdades de observação, reacção, fantasia e concentração e cremos que obterá resultados satisfatórios(...) alegra-nos verificar que, entre nós, alguém pensa em construir brinquedos com uma preocupação pedagógica, e não apenas comercial(...) assunto importante de que os nossos educadores se não têm ocupado suficientemente (...) A verdade é esta: exceptuando meia dúzia, ou nem tanto, de trabalhos sérios, as nossas crianças não têm brinquedos, jogos, álbuns dignos delas...! Não nos referimos, evidentemente, aos brinquedos com mais ou menos peluche dos meninos ricos, nem aos de folha dos meninos pobres, que, por si só nenhum valor educativo possuem. Mas a tudo que, de qualquer modo, possa despertar na criança alguma coisa mais do que interesse passageiro, e desenvolver nela faculdades intelectuais. (...) Todas as mães sabem a dificuldade que têm em descobrir um álbum de bom gosto, ao menos, para os seus pequenitos colorirem, ou um jogo cuja literatura não seja pessimamente traduzida e cujas figuras tenham significado para os pequenitos portugueses (...). Artistas, educadores, industriais! ...Desenhem, criem, construam para as crianças álbuns, jogos, brinquedos de verdadeiro valor pedagógico, de bom gosto indiscutível —e, também, acessíveis. Acessíveis, porque os meninos — ricos, remediados, e pobres - são todos, simplesmente, meninos! (...)” (ONF, Dez. 1942).

Com este apelo, geral e patriótico, a revista pretende chamar a atenção de todos – mães, autoridades e artistas- para o problema da importância do brinquedo e do seu alto valor cultural e psicológico.

Cinema, festas infantis, touradas e teatro- os espectáculos na educação das crianças:

Durante todo o período em que a revista *Os Nossos Filhos* é publicada mensalmente, ou seja, entre 1942 e 1958, há artigos sobre a importância do cinema para as crianças, sobre o tipo de benefícios e de inconvenientes que dele se extraem e sobre a forma como caracterizar o cinema a que é possível elas assistirem. Às mães são revelados um conjunto de princípios que, bem aplicados, as levarão a usar este meio de diversão e como apoio à sua tarefa educativa junto das crianças.

Não devemos esquecer que Maria Lúcia Vassalo Namorado frequentara o Liceu Garrett onde se dava muita importância aos meios complementares de ensino como as palestras, as excursões e até, “(...) no domínio do apetrechamento audiovisual, no ano lectivo de

1929/30 já se dá conta da existência de uma “lanterna de projecção” de diapositivos, e em 25 de Junho de 1929 foi inaugurada a “máquina cinematográfica” e, a partir de 1968, existiu uma sala de meios audiovisuais (...) (Silva. 2003. p. 499).

Esta questão do cinema, visto como meio educativo excelente é a que orienta a apreciação que dele se faz em *Os Nossos Filhos*, quer do ponto de vista positivo quer negativo.

Logo no primeiro número da revista é colocada a questão: “Devem as crianças ir ao cinema?(...)” (ONF, Jun. 1942). É a ela e a muitas outras como “Que influência exerce o cinema sobre a higiene social?” (ONF, Abr. 1943) que mais de três dúzias de artigos vão responder. Os quadros que incluímos neste capítulo do presente trabalho foram a forma de que nos socorremos para inventariar, a partir desses artigos, os conhecimentos que se pretendia dar às mães sobre cinema para que elas melhor pudessem orientar a educação dos filhos nesta área.

Quadro n.º25.: Aspectos negativos do cinema:

Caracterização	Autoria	Fonte
Criança não deve frequentar salas de espectáculos nocturnos para adultos	“Paula”	ONF, Jun. 1942
assistência a espectáculos cinematográficos produz uma alteração do sono que, se for bastante frequente(...)deve olhar como prejudicial à saúde e crescimento normais	<i>Liga Portuguesa de Profilaxia Social</i>	ONF, Abr. 1943
extrema liberdade de acção figurada nas películas causa muitas vezes o descontentamento das crianças e adolescentes para com as sujeições de vida familiar		
Desenvolvem-se as tendências para a delinquência. Aprendem-se e imitam-se técnicas do crime		
Despertam-se paixões sexuais e promove-se a prostituição clandestina		
Outro espectáculo nocivo para, as crianças é o constituído pelas aventuras galantes., Não sabem, ainda as crianças o que é amor, não sentiram, ainda a agitação, que para, ele, as predispõe, e os filmes amorosos dão-lhes noções para receber as quais não têm aptidão suficiente	M. Ferreira de Mira	ONF, Maio 1948
documentários bélicos que arrepiavam os adultos, passaram no Carnaval, no Funchal	Beatriz Franco de Almada	ONF, Abr. 1949

Quadro n.º26.: Cuidados preventivos e proibições de cinema:

Visionar o filme antes da criança	Paula	Jun. 1942
Ter em conta o desenvolvimento da mentalidade infantil e o temperamento da criança		
Estudar o problema: investigações científicas sobre influência do cinema: Promova a formação intelectual, moral de crianças e adolescentes: para desenvolver neles qualidades de inteligência e carácter...Evite tudo o que promova passividade do espírito, a superficialidade conhecimentos, a falta de concentração, a tendência para a inatenção desenvolver criança o respeito e a necessidade da verdade não apresentar filmes que pela sua composição e pelo seu ritmo, sejam de natureza a embotar ou a perverter o seu sentimento artístico; se estabeleçam programas de família, doidos em certos dias e em certos condições; tentada proibição de crueldade, assim como tudo o que podia ser crime e imoralidade proibir tudo que seja nocivo para entendimento entre os povos como todas invenções científicas,(...)«sirva», (...) seja um instrumento de desenvolvimento harmonioso, de distracção são de difusão de todas as ideias susceptíveis de guiar a juventude para um ideal de paz	Liga Portuguesa de Profilaxia Social	Abr. 1943 e ONF, Maio 1943
Estudar o problema: resoluções do 1º Congresso Internacional de Cinema Educativo (Roma, 1934): assegurada cubagem suficiente de ar luz não fatigar os olhos proscrito uso de fitas demasiado usadas Suspensas sessões escolares no caso de epidemias Interdita crianças em horas tardias fadiga nervosa e falta de sono prejudiciais saúde materiais inflamáveis, saídas de segurança(...) não nos interessa especialmente aqui		Maio 1943
Estudar o problema: conhecimento da legislação de outros países: Inglaterra, Escandinávia, Austro-húngara de 1912, EUA, Suíça, Bélgica ³⁰²		Jun. 1943 até Out.

³⁰² Os artigos da lei belga “ (...)poderiam talvez servir da base, devida mente adoptados e completados, para a elaboração de um diploma lei oficial português (...) /sob mandato e/subscrita pelo malogrado rei Alberto e, como Ministro da Justiça, pelo notável chefe socialista Vandervelde. Tem a data de 1 de Setembro de 1920(...)” e defende “(...)Art. 1.º — É interdita aos menores dos dois sexos, de menos de 16 anos completos., a entrada nas salas de espectáculos e cinematógrafos; ...Art. 2.º — não proibidas quando apresentem exclusivamente películas autorizadas por uma comissão(...)”.Propõe então a Liga que “(...)Têm agora a palavra os juristas, os educadores e os pais de família, para quem apelamos, bem como para a Imprensa, nesta campanha de altos objectivos de higiene física, no intuito de despertarmos o país para plena consciência do seu grande atraso neste campo, de modo a «elevar-se em breve ao nível das

		1943
aventuras aconselháveis dentro de certos limites, é caro, e desde que não sejam metidas a ridículo coisas ou pessoas que, por sua natureza, devam ser respeitadas em todas as circunstância(...) as pessoas idosas, os aleijados ou possuidores de qualquer outro defeito físico, os alienados, os símbolos religiosos e outros igualmente dignos, de respeito(...)	Manuel Subtil	Maio 1946

Quadro n.27.º: Aspectos positivos do cinema:

maravilhoso invento do princípio deste século, podia e devia ser um manancial fecundo, permanente e inesgotável na transmissão de conhecimentos e didáctica de várias disciplinas	Manuel Subtil	Jun. 1944
consegue-se que a atenção seja contínua, sem esforço e sem imposição, vantagem, essa de altíssimo e inapreciável valor na transmissão de conhecimentos, os quais entrando pelos olhos, se retêm na memória visual, e auditiva, com relativa facilidade e eficaz aproveitamento.		
como instrumento educativo: Na formação do carácter da juventude		
deliciaria o espírito da juventude portuguesa a exibição dos nossos poéticos rios(...)nossos portos de pesca(...)dos nossos monumentos,, tão evocadores, de um passado glorioso(...)dos nossas indústrias regionais, (...) das tarefas agrícolas		
Há anos, a Universidade Popular Portuguesa promoveu, na sua sede, a realização de uma série de sessões cinematográficas, gratuitas, de carácter cultural e educativo destinadas especialmente, às crianças e, em geral, às classes menos cultas efeito desta generosa iniciativa foi verdadeiramente maravilhoso(...) vendo cenas ‘filmadas’ de «Cuore», de Edmundo de Amicis, livro admirável e de tão alto valor educativo		
filmes de treino, utilizados pelos exércitos (...) durante a Guerra, provaram como um assunto difícil pode ser compreendido muito mais rápida e eficientemente quando demonstrado pelo cinema. «Metro Goldwyn Mayer» propõe-se colaborar com Ministério da Educação Nacional no sentido de proporcionar às nossas escolas, a exibição de filmes educativos. Estes filmes incluem estudos sobre a geografia, a química/ a física, e outros, assuntos que interessam à. Instrução de adultos e de crianças «Metro»,(...)servindo-se de filmes de formato reduzido, organizar brigadas móveis(...)afim de levar o cinema a pequenos aglomerados populacionais onde não é possível funcionar permanentemente uma sala de espectáculos.	(Anónimo)	Mar. 1946
acção deletéria desapareça, a favor de uma acção moralizadora e instrutiva, que		

nações mais desenvolvidas(...)”(ONF, Out. 1943).

em nada prejudica a sua feição recreativa; (...) grande missão a cumprir dentro do campo educativo, quer moral quer científico.		
---	--	--

A utilização do cinema em festas de beneficência ou de encerramento de actividades lectivas é divulgada ao longo das páginas de *Os Nossos Filhos*. Este é o caso referido quando a revista organizou um espectáculo a favor das crianças portuguesas na miséria e das estrangeiras vítimas da Guerra (cf. eventos realizados pela revista, em capítulo neste trabalho), em que “(...)a «Metro Goldwyn Mayer», a importante e conhecida firma americana produtora de filmes, teve a gentileza de nos oferecer a exibição do lindo filme para crianças «O Feiticeiro de Oz»(...)” (ONF, Mar. 1946).

O cinema também é visto numa perspectiva maniqueísta pois que ele é tão útil para a formação das futuras gerações como pode contribuir para a sua perdição. Se as mães souberem da possibilidade dessa dupla influência, conhecendo vantagens e perigos, com mais facilidade elas poderão exercer a sua orientação educativa junto dos filhos. Elas devem saber que:

Quadro n.º28.: Importância negativa e positiva do cinema:

Para uns é «escola de criminosos», especialmente na formação do carácter infantil	Para pedagogos, quando devidamente utilizado, o melhor auxiliar para a sua formação moral e intelectual	Dr. ^a Maria Augusta Sant'ana Barbosa	Mar. 1946
um perigoso agente de dissolução. com maior facilidade para o empestar, às vezes irremediavelmente	um belo elemento educativo Pode concorrer para sanear o ambiente moral género «Tarzan», e quase todas por assuntos cómicos Em nossa opinião são estas últimas fitas as mais saltares	Manuel Subtil	Mai 1946
nem sempre, o tem sido(...) pela infeliz escolha dos assuntos	grande auxiliar na obra educativa(...)		
princípio de miséria ou	ser fonte de riqueza (...) cenário bem preparado para emocionar q imaginação vibrátil (...) meio de portentosa intensidade para educar, ilustrar, iluminar, isto é, salvar gerações e gerações! (...)actua imediata e directamente	Maria Henriques Osswald	Mar. 1947

Nas páginas da revista são apresentadas diversas medidas conducentes ao ‘bom’ uso do cinema como a proposta de “(...)proibição do seu acesso a menores de 16 anos não acompanhados dos seus representantes legais(...) /e o visionamento dos/ “bonitos’ quotidianos(...)”(ONF, Mar. 1946), que “(...)não sejam exibidas perante as crianças fitas cujos projecções não sejam recomendáveis, sob qualquer aspecto. Ora para o conseguir, é imprescindível que se tomem e mantenham providências de facto e não apenas platónicas, no sentido de se proceder antecipadamente a uma rigorosa selecção das fitas (...)” (ONF, Maio 1946), que as mães não consintam “(...)que os filhos e filhas adolescentes frequentem cinemas sem uma prévia e avisada escolha dos filmes(...)”(ONF, Mar. 1947).

A acrescentar a este grupo de medidas propostas, Maria Lúcia Vassalo Namorado sugere que os realizadores portugueses poderiam fazer “(...) orientados por professores das diferentes especialidades, (...) talvez, antes de se abalançarem a trazer a público filmes de grande metragem, exercitem-se em pequenos filmes educativos, que certamente despertariam interesse e seriam de grande utilidade (...)também filmes de puericultura, pedagogia/ psicologia infantil, ginástica, culinária, enfim, tudo que pudesse esclarecer, ensinar e educar o nosso povo, que tanto necessita aprender Nós teríamos bem viva a evolução do bebe durante os primeiros meses desenvolvimento, nas suas atitudes, que por veres se desenvolvimento, nas suas atitudes, que por vezes se nos afiguram disparatadas é provenientes de birras. Aprenderíamos também a educar os nossos filhos, quando mais velhinhos, com critério, inteligência e bom senso, nunca esquecendo a idade deles e, portanto, tudo o que é natural e próprio dela. E neste campo, quanto se poderá fazer! Sobre higiene, que obra imensa o cinema poderia também construir¹. Afirmamos convictamente, e com o entusiasmo que tal visão nos desperta, que os benefícios para a criança portuguesa seriam incalculáveis(...)”(ONF, Jul. 1947).

Nesta mesma perspectiva se insere a notícia que, de Londres é enviada por *Clara do Prado* quando insiste na importância que o cinema pode ter como material de complemento para as aulas dos professores(ONF, Out. 1947).

À época havia poucos filmes para crianças. Outros inconvenientes referidos o desprezo que as empresas cinematográficas dedicavam aos filmes para crianças pois não se empenhavam em organizar sessões para crianças (ONF, Set. 1950) nem nesse tipo de películas estar em condições uma vez que a legendagem tornava mais difícil a leitura .

Quando se cria a *Comissão Especial para a Literatura Infantil e Juvenil*, com poderes para censurar os livros infantis, o médico Remo de Noronha preocupa-se com o facto de essa atitude não ser extensiva ao cinema onde as crianças “(...) lêem e vêem ao mesmo tempo(...)” aquilo que muitas vezes não devem (...)” (ONF, Nov. 1950). Como medida de prevenção dos males que o cinema pode causar às crianças sugere-se aos pais deixem os filhos frequentar cine-clubes, onde os filmes serão devidamente escolhidos, que os vejam com os filhos quando forem ao cinema, que os discutam em casa e que seja o cinema a ir à escola para que as crianças compreendam o sentido educativo e estético do cinema(ONF, Mar. 1956).

Um dos artigos sobre este tema, assinado por Anália Torres defende a regulamentação da “(...) entrada de menores em espectáculos públicos. Esperamos que desta vez a Lei se cumpra, e abranja não apenas as crianças das cidades, mas de todo o País... Que os interesses dos menores, a, defesa da saúde física, psíquica e moral; se coloquem acima de todos os interesses,. E que, ao mesmo tempo se organizem espectáculos para menores a que eles possam assistir alegria e vantagem (...)” (ONF, Dez. 1952). O texto que escreve é muito interessante porque parte de uma análise dos títulos ‘apelativos’ de alguns filmes – como *Vingança*, *Lutas ferozes*, *Horda sanguinária*, *Matar ou morrer*, *Devastador assalto*(...)- para mostrar como a publicidade acentua o que de mau esses filmes têm mas as pessoas, sobretudo os adolescentes, gostam do que vêem embora esses filmes sejam “(...)a própria negação de qualquer elemento educativo (...)”. Os desenhos animados para crianças são também incluídos no grupo de filmes sem qualquer interesse educativo porque, mesmo aí, os que são “(...)feitos especialmente para elas, apresentam por via de regra, um monstro a perseguir seres indefesos. São estes sempre os vencedores, é certo, mas depois da perseguição. A angústia daqueles momentos horríveis, em que o monstro está prestes a vencer, não têm benéfica influência nos cérebros pequeninos. Pelo contrário, proporciona-lhes sonos agitados, e a sua imaginação fica perturbada e inquieta(...)” (ONF, Dez. 1952).

Em toda a revista há referência muito elogiosa apenas a dois filmes: “(...)”*Anjos marcados*” sobre problema das crianças vítimas da guerra(...)”(ONF, Jul. 1949) recomendado por Maria Lúcia Vassalo Namorado e ao“(...) filme «*Sempre cabe mais um*», sumamente enternecedor(...)” que é referido por Anália Torres (Dez. 1952).

José Francisco Rodrigues critica dois filmes que foram “(...) exibidos no ano passado em Lisboa mostram-nos os resultados trágicos das pedagogias naturalistas, e a fraqueza

da acção formativa dos que pretendem educar sem a força galvanizante de um ideal superior e sem o apoio forte de tuna disciplina bem compreendida, feita da compreensão do educador pelos interesses vitais do educando, e do respeito amistoso deste para com aquele. «*Sementes de violência*» e «*Fúria de Viver*»...os dois filmes...aspecto, não só pelo que mostram, mas também pelo que sugerem a respeito das graves dificuldades em que se debate a educação oficial na América do Norte(...)”(ONF, Abr. 1957).

Como medidas práticas, com qualidade, já realizadas em Lisboa, no sentido de se fazer do cinema uma utilização construtiva, são apontadas as “(...)“Tardes infantis no cinema Império, às 5^{as} feiras, da responsabilidade artística do pintor Guilherme Filipe e dão sua colaboração individual Prof. Victor Fontes, Dr. Delfim Santos, Dr. Fernando Amado, Dr. Vieira de Almeida, Dr. João dos Santos, Dr. Celestino Gomes e artistas Carlos Botelho, João de Freitas Branco e Joly Braga Santos(...)” (ONF, Jun. 1953) assim como as “(...) visitas de crianças e sessões cinematográficas no serviço de extensão escolar, criadas pelo ilustre director, /do Museu de Arte Antiga/, Dr. João Couto...com o apoio de Madalena Cabral, funcionária do Museu(...)”(Jan. 1957) ou ainda a sessão cinematográfica realizada no colégio *Os Pequenininos Amigos*(ONF, Ago. 1956) durante a sessão e exposição de trabalhos do final do ano lectivo.

O cinema fora visto também, em livros que Maria Lúcia Vassalo Namorado tem no seu *Espólio*, como “(...)um dos melhores meios de educação e de propaganda (...) para propaganda comercial com excelentes resultados (Paúl, 1956a. p. 3). Este autor conhece o que outros países haviam feito nesta área quando refere que “(...)países de língua inglesa e germânica, iniciaram há anos Campanhas de educação popular³⁰³ por meio de filmes acessíveis (...)”(Paúl, 1956a. p. 3). A utilização deste meio em conferências científicas para pares, sobre determinados assuntos mais específicos, era por ele também preconizada e para corroborar esta afirmação apresentava o seu caso pessoal pois que “(...) um dos primeiros filmes deste género exibido em Portugal foi devido à iniciativa da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, acompanhado de uma conferência realizada por mim no Porto em 21-12 1935 adquirido nos EUA sobre profilaxia dos dentes (...) durante 20 minutos(...). Uma criança lavava os dentes e outra que não os lavava(...) o interesse motivou a repetição da conferência no *Ateneu Artístico Portuense* em 5-2-1936 (...) e em Out-Nov. de 1947 no *Instituto Britânico*, comentados do Inglês, no Porto, por António Paúl e em Lisboa, por Baptista

³⁰³ O mesmo tinha sido feito entre nós, na Campanha analisada por Cristina Barcoso na sua tese de mestrado e também Nóvoa (2005) – *Evidentemente...*(2004).

Fernandes(...) com muito público, principalmente pessoas cultas (...) é necessário educar o público em geral ensinando-lhe as medidas que se devem adoptar na defesa da saúde, e incitando-o a obedecer a essas normas (...) julgo necessário intercalar os filmes de propaganda educativa nas sessões de cinema populares (...) até um dos intervalos em substituição dos reclamos(...) outras vezes fariam parte dos documentários, e então teriam carácter nitidamente didáctico, ilustrando com exactidão e clareza os perigos de determinados hábitos contrários à saúde e bem-estar(...)”(Paúl, 1956a. p. 5). Paúl, 1956a. p. 4-5)

A revista *Os Nossos Filhos* também publicita a formação do *Cine Clube Imagem* que resolvera “(...)“(...)criar sessões de cinema para crianças 6-11 anos e jovens dos 12-16 anos(...)”. /Essa Comissão era formada por /(...)Ana Maria Fonseca e Costa, Ana de Freitas, Manuel Pedro, José Praça e Manuel Pina que ficou encarregada de estabelecer as condições mínimas para o regular funcionamento das secções (...)As primeiras sessões experimentais realizam-se nos dias 21 (Secção Juvenil) e 28 (Secção Infantil) de Junho, no Centro Espanhol, pelas 16 horas, com programas oportunamente anunciados(...)”(Jun. 1958). Esta será também a última notícia sobre cinema publicada em *Os Nossos Filhos*.

Muitas vezes as mães, a quem eram destinadas estas notícias com artigos esclarecedores sobre o que deveria ser o ‘bom’ cinema para crianças, escrevem para a revista referindo que leram este ou aquele artigo e que dele retiraram grandes benefícios. No *Espólio* há um exemplo de uma dessas cartas, enviada por Clotilde P. Leal, que escreve de Faro, sob o pseudónimo de *Uma mãe preocupada* A senhora indica que “(...) o facto de a carta vir publicada em *Os Nossos Filhos* com o título *O cinema e as crianças* deu-me coragem para falar um pouco mais sobre o assunto(...)”(Carta de 14 de dez. 1946. Caixa 35. Maço 2).

Outros espectáculos são, por vezes, apreciados em *Os Nossos Filhos*: referimo-nos às touradas e ao teatro. É sobre cada um deles que veremos de seguida o que sobre eles se reflecte para que as mães saibam quais os melhores espectáculos a que podem e devem conduzir os filhos.

A luta contra as touradas fora também um dos temas abordados pelas mulheres republicanas do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* que, em 1927, havia apresentado uma proposta de defesa dos animais e, em Janeiro de 1931, integrada numa campanha de protecção dos animais “(...) coloca em circulação um abaixo-assinado contra os touros de morte (...)” (Org. Mulheres Comunistas, 1994. p. 18).

Sobre este tema existe no Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado uma brochura de Henrique da Costa Pereira³⁰⁴ em que o tema é glosado, sob o ponto de vista da condenação deste tipo de espectáculos. Esta obra tem muitas passagens assinaladas pela directora de *Os Nossos Filhos*, à margem, a lápis vermelho. No capítulo em que se analisam os efeitos das touradas sobre as crianças dirá o autor:“(...) É simplesmente repulsivo que as crianças, na generalidade, só com 13 anos de idade possam assistir a sessões de cinema e a espectáculos teatrais e apenas com 6 anos (seis anos!) já se lhes permita frequentarem as sanguinolentas touradas, esse passatempo malfazejo, essa diversão bárbara e estúpida, verdadeiramente imoral porque concorre para depravar o seu sentimento e viciando, por igual, o sentimento das multidões (...)” (p. 12).

Um outro autor que Maria Lúcia Vassalo Namorado também tem no Espólio é o zoófilo Dr. Júlio Eduardo dos Santos que estoutro autor cita para corroborar a convicção de que as touradas propiciam grandes danos morais a quem as vê pois “(...)assim se tornam indiferentes ao sofrimento alheio, pois como diz o imortal poeta Guerra Junqueiro³⁰⁵ na *A Velhice do Padre Eterno*: “As almas infantis são brandas como a neve, /São pérolas de leite em urnas virginais: /Tudo quanto se grava e quanto ali se escreve, /Cristaliza em seguida e não se apaga mais. “ (Santos, cit in Pereira, op. Cit. p. 12).

O autor preconizava a proibição de tais espectáculos e nesse sentido faz “(...)um apelo fervoroso, bem do âmago, às *Sociedades Protectoras dos Animais*, de Lisboa e Porto, por direito próprio, a todo o Episcopado — Cordial, Arcebispos e Bispos — Igrejas Evangélicas, Associações Culturais, Desportivas e Recreativas, e também à Imprensa de todo o país, para unirem esforços e dirigirem e orientarem o movimento nacional solicitando do Governo da Nação, como medida de higiene moral e social, a proibição formal das abomináveis touradas, esse passatempo degradante e estúpido (...)”(p. 15) pois tal espectáculo “(...) tem colocado Portugal, país que se confessa profundamente cristão, numa situação de inferioridade perante as nações civilizadas do Mundo (...)” (p. 15).

³⁰⁴ PEREIRA, Henrique da Costa (ca. 1958) – *As Touradas: Espectáculos anacrónicos e cruéis*. /Vila Nova de Gaia/: ed. Autor. 15 p. São dois exemplares, com os nº 82 e 83 dos livros por nós tratados na base bibliográfica do Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Tem dedicatória manuscrita : “À Ex.a Sr.a D. Maria Lúcia Silva Rosa, com respeitosos cumprimentos, of. O autor Gaia 1958 /tem, a lápis, a indicação da morada do autor, escrita por Maria Lúcia Vassalo Namorado/.

³⁰⁵ Esta vai ser a quadra com que Maria Lúcia Vassalo Namorado abre um dos seus programas radiofónicos para as mães, em 1945.

A defesa da abolição das touradas como espectáculo a que poderiam assistir crianças é tomada como uma das causas da revista e, através dela, chega às mães que aqui encontram os argumentos de que se podem servir para assim também pensarem.

Teatro

A formação das mães para a compreensão da importância do teatro na formação infantil é outra das componentes do currículo proposto por Maria Lúcia Vassalo Namorado. Na revista *Os Nossos Filhos* são várias as referências à importância do teatro na formação da criança mas há que ter em conta uma série de factores antes de levar as crianças a espectáculos desses. Em primeiro lugar é desejável que os espectáculos lhe sejam destinados pois, de outra forma, não compreendem o que se passa à sua frente.

São publicadas pequenas peças como exemplo de bom teatro. Nesse grupo são incluídas as peças de Virgínia Gersão sempre com carácter moralizante (ONF, Jan. 1943). Várias peças escritas por esta professora são também recomendadas, ao longo de vários números (cf. cap. Publicidade neste trabalho). A reflexão sobre a importância do teatro infantil (ONF, Abr. 1957) publicação de algumas peças de teatro que se consideram de qualidade, as entrevistas a actrizes, actores e autores ou empresárias de teatro, assim como a crítica a peças de teatro em cartaz ou a apresentação de companhias teatrais são também uma das formas de dar a conhecer o que se faz, no país, nesta área cultural.

Quanto à publicação de teatro para crianças temos o caso de peças de Virgínia Lopes de Mendonça (ONF, Set. 1943) como *Entre o cão e o gato há um rato*, peça em 1 acto (ONF, Out. 1945), *O dinheiro é pouco ou muito*, ambas com desenhos de Vasco Lopes de Mendonça (ONF, Jan. 1947) ou ainda *Uma partida da Fada Reinadia, peçazinha em dois quadros*, publicada em dois números seguidos da revista (ONF, Jun. e Jul. 1953).

Os artigos sobre este tema são assinados por *Lília da Fonseca* (ONF, Jul. 1943), João Alves das Neves (ONF, Jan. 1954) e Maria Evelina Faria Maia de Aguiar Bustorff (ONF, Fev. 1954).

A revista quer promover a leitura de boas peças de teatro e recomenda até, em anúncio, as peças de teatro que são vendidas, “(...) com textos, cenários e personagens(...)” (ONF, Nov. 1945) pela empresa distribuidora Pimentel & Casquilho ou as peças da autoria de

Virgínia Gersão que são anunciadas ao longo de muitos e diversos números (cf. capítulo sobre Publicidade neste trabalho) de *Os Nossos Filhos*, como já referimos e que também eram vendidas na Redacção da revista em causa. Como exemplos dessas peças temos: *A Gata Borracheira*, *Branca de Neve*, *A Pastorita*, *Miosótis*, *Filipa de Vilhena*, *Rosas* (sobre a Rainha Santa); *O Serão da infanta* e *Auto do Natal* (ONF, Nov. 1946). Da leitura dos títulos e depois corroborando com a leitura do seu conteúdo, se infere do grau mais ou menos patriótico dos textos e do fim moralizante que os enformava.

O artigo de João Alves das Neves, reflecte sobre o que, na área do teatro educativo “(...) cujo princípio é o de instruir as crianças e ao mesmo tempo distraí-las(...)”(Jan. 1954) ele vira no *VI Salão da Infância*, realizado no Grand Palais, em Paris.

São em número de três as companhias de teatro nacionais mais referidas em *Os Nossos Filhos*, ou seja, aquelas cuja acção se elogia como revelando preocupações pedagógicas com o teatro que se faz para crianças e que as mães devem conhecer para bem orientarem a formação dos crianças, dando-lhes a ver bons espectáculos: a Companhia de *Teatro de Robertos* de Augusto de Santa Rita, a de *Amélia Rey Colaço* e a do *Teatro do Gerifalto*.

Que boas qualidades pedagógicas têm então estas companhias de teatro? A primeira, sobre a qual escreve *Lília da Fonseca*, leva o Roberto a acenar “(...)com a sua sedução(...) à alma embrionária da infância (...) sacode da crusta de cepticismo, descrenças, dores e decepções que nos envolve, a criança ingénua que todos jamais deixamos de ser, sedenta de riso, do mistério da vida, de justiça(...) Na plateia acamaradam miúdos e adultos, e o «Auto da Barca» decorre; depois «A Cabrinha Mé-Mé, o Burro e o Papagaio», peça da autoria de 'Santa Rita, e por fim «A Grande Parada», acto de variedades, em que os bonecos que cantam e dançam são cópias chistosas e perfeitas dos nossos artistas do palco, mais em evidência.(...) As crianças portuguesas, que andavam tão esquecidas neste sector de divertimentos adequados para elas, receberam esta surpreendente dádiva que possui o supremo mérito, além dos outros apontados, de não ser esporádico, mas sim de ter a continuidade de qualquer outro divertimento para adultos. O pior é a concorrência que estes fazem aos miúdos na lotação da pequena sala(...)”(ONF, Jul. 1943).

A apreciação da Companhia de Amélia Rey Colaço é feita por Maria Evelina Faria Maia de Aguiar Bustorff. Para ela, “(...) Aquela senhora, uma “(...)grande Actriz e nobre alma de mulher(...) com coração maternal vem, desinteressada e porfiadamente,

oferecendo em cada Natal, como prenda às crianças lisboetas, teatro apropriado às almas inocentes dos nossos filhos(...)"(ONF, Fev. 1944). Nessa tarefa foi ajudada por diversos artistas nacionais, estes "(...)escrevendo para o «Nacional» peças interessantíssimas que honram sobremaneira a literatura infantil(...) Esta tarefa árdua e desinteressada é alguma coisa de que o nosso coração de mães muito deve agradecer a quem assim organiza espectáculos de verdadeira Arte para divertimento e cultura dos nossos pequeninos(...)"(ONF, Fev. 1944). Como se conclui, uma das características do teatro para crianças devia ser a qualidade literária aliada ao seu divertimento e proporcionando o bom enriquecimento cultural das crianças. Defende-se ainda, a existência de "(...) teatro e cinema próprios, adequados à sua idade como acontece "(...) lá fora, nos grandes países em que se pensa a sério nas crianças(...)". Algumas das peças cheias de encanto que para tal contribuem são «S. João subiu ao trono» de Carlos Amaro (ONF, Jun. 1944), «Maria Migalha», «História da Carochinha»³⁰⁶, «Maria Rita» e «João Pateta»(ONF, Fev. 1944) ou ainda «Pimpinela»(ONF, Jun. 1944).

A ida ao teatro é sempre benéfica para as crianças porque aprendem mais facilmente o que vêem e não esquecem a lição. O teatro histórico também pode ser uma boa fonte de informação mas sendo "(...)árido e difícil não interessa crianças mais pequenas(...)" (ONF, Jun. 1944)

Marianinha Rey Colaço Robles Monteiro³⁰⁷ adaptara para o teatro o texto *Maria Rita e João Pateta*(ONF, Jun. 1944) sendo digna de nota não só por ter realizado essa tarefa

³⁰⁶ Em Fevereiro de 1951, em mais um artigo sobre Amélia Rey Colaço são identificadas as peças e as(os) respectivas(os) autoras(es): "História da Carochinha" de Schwalbach, "S. João subiu ao trono" do dr. Carlos Amaro, "Maria Migalha" de Laura Chaves e V. Lopes de Mendonça, "Pimpinela" de Norberto Lopes e Pereira Coelho e "João Pateta", "Maria Rita" de Teresa Canto, adaptadas por Mariana Rey Colaço Robles Monteiro. Fora esta também a ordem pela qual haviam sido representadas. Em artigo posterior são ainda referidas: "O anão gigante", de Ilda Correia Leite, "A Gata borralheira" e "O Capitão Bonifrades". No ano de 1955, Amélia Rey Colaço pretendia ainda apresentar "A Menina tonta" de Molière e "(...)dar às crianças "a hora do conto" não na sala de espectáculos mas na de Música(...) Iniciativa absolutamente nova entre nós de que encarreguei Cecília Rey Colaço Menano(...)" (ONF, Fev. 1955).

³⁰⁷ Tem novamente uma referência a esta autora, com uma pequena fotografia e biografia:"(...) Marianinha Rey Colaço Robles Monteiro Lino, filha artistas Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro, esposa arquitecto Emílio Lino(...)3 filhos, Manuel Caetano, 5 anos; Francisco Alexandre, 4 anos; Maria Rita, 2 aninhos (...) recebia em adolescente as crianças da rua para ensinar em sua casa(...)1945- estreou-se no Nacional D. Maria II peça *Antígona* de Júlio Dantas...preserva Família(...) **Pseudónimo de Teresa Canto escreveu peças infantis Maria Rita e João Pateta(...)representadas** no D. Maria ...Teatro infantil educativo e recreativo...se não vão em crianças em adultos não gostam porque ninguém despertou a sua compreensão...nunca os filhos viram a mãe a representar...deixamos no seu papel de mãe(...)" (ONF, Ago. 1954).

mas por ser também um exemplo de educadora para muitas Mães e filhas. Ela, criada com todos os confortos que a família lhe podia proporcionar, decidiu também improvisar uma creche para crianças pobres, no jardim da casa onde vivia (ONF, Fev. 1944).

Esta preocupação com a inexistência de espectáculos de bom teatro para crianças vai ser manifestada mais vezes em *Os Nossos Filhos*. A Companhia de Amélia Rey Colaço, no Teatro D. Maria, só levava à cena, desde os anos 30, algumas peças num reduzido período do ano: o Natal; por essa razão, em 1951 começa a criar-se a ideia de ter esse tipo de espectáculos “(...) de carácter educativo e artístico e não apenas recreativo permanentemente em cena(...)” (ONF, Jan. 1951). Nesse ano o espectáculo de Natal não se realizara, sendo adiado para o feriado de 31 de Janeiro, sendo repetido nos três dias de Carnaval e em todos “(...) os Domingos até ao fim época (...) com Programa preenchido com peças de nossa colaboradora Alice Gomes: a mágica *Nau Catrineta* e a fantasia *A Menina do Capuchinho vermelho*(...)” (ONF, Jan. 1951).

Finalmente, outra companhia de teatro referida em *Os Nossos Filhos* é a do *Teatro do Gerifalto*, subsidiada pelo Fundo de Teatro, fundada em 1956/57, como *Companhia experimental de Teatro Infantil e Juvenil*, cujo director era o poeta António Manuel Couto Viana e fazia espectáculos aos sábados e domingos no *Teatro da Trindade* (ONF, Fev. 1957).

Em Maio de 1957, a Companhia apresentou, da professora brasileira Thaís Bianchi³⁰⁸, a peça *Maria Trapalhona* que foi um “(...) êxito retumbante entre nós(...): uma pequena história que elas compreendem e viveram, conversando com as personagens e tomando mesmo parte no que se passa no palco, com entusiasmo(...) e que leva os seus intérpretes a fazerem um esforço sincero no sentido de compreenderem as reacções infantis(...) A peça, escrita por uma professora que conhece profundamente a psicologia infantil(...) além do objectivo de agradar às crianças, possui outro, porventura mais importante: o de conhecer a criança, conhecer e respeitá-la como ser que raciocina (...) sente, e assim se vai formando.(...) Esta é preocupação que deve nortear quantos escrevem teatro e representam para crianças(...)” (ONF, Maio 1957).

Do que se fazia nas colónias na área do teatro infantil apenas há uma notícia em *Os Nossos Filhos*: é a que se reporta à “(...)” peça em verso, (...) constituída por prólogo e dois actos, (...) apresentada ao público de Luanda na tarde do dia 13 Janeiro de 1951, e

³⁰⁸ Cf. *Apêndice Cap. 4 - Biografias*.

inteiramente representada por crianças de 3 a 8 anos de alunos da secção Infantil do *Colégio Académico*, secção de que é Directora a nossa amiga (...) Dulce Barroso Morais e Castro(...)”(ONF, Jun. 1951).

Os Nossos Filhos faziam a defesa do teatro infantil resistindo à facilidade do cinema porque aquele servia para elevar o “(...)sentimento em prol do Bem e do Belo e ensinando amar e compreender o teatro(...)” e ajudava as crianças a reflectir sobre o que viam e a interiorizar os bons comportamentos que nele se viam como exemplo de vida e de conduta (ONF, Fev. 1955).

A reflexão sobre os benefícios deste tipo de espectáculo pretende mostrar que é imenso o seu alcance educativo e que, na educação das mães, o respeito pelo teatro devia ter um lugar privilegiado porque a “(...) a representação de pequenas peças escolhidas pode ser útil para as crianças. Vários benefícios daí resultam: desembaraço de dicção, harmonia de gesto, escola de naturalidade (esta faceta é bem importante); atenção condicionada num conjunto para entrar e falar no ,seu tempo; domínio interior de exuberância ou de timidez; compreensão duma figura estranha ao «eu», tão imperativo na criança e, portanto, uma noção de que para além da sua alma há outras almas a considerar(...) Estas serão os principais vantagens, mas há também o prazer e a alegria que fecundam ainda mais produtivamente estes benefícios(...)”(ONF, Fev. 1947). Assim o tinha visto Maria da Luz de Deus quando, nas vésperas da festa de Natal, produzira um pequeno discurso que antecedia a apresentação da peça “Os dois caminhos”.

As mães e educadores deviam saber também definir teatro infantil pois “(...) teatro infantil não é teatro por crianças, mas sim a interpretação dum conto próprio para crianças(...)”(ONF, Abr. 1950).

Às vantagens já apontadas, deveriam acrescentar-se outras como a”(...)correção de atitude, uma confiança em si, e o aproxima-se das outras crianças; ela vive os papeis que lhe são destinados e por, isso mesmo devemos olhar com atenção para a sua escolha em relação a idade maneira de ser dos intérpretes.(...) Procuremos, pois, contos e .peças, próprias para a infância. Prestemo-lhes um valioso serviço; pois se, na escolha de assunto, maneira de contar, procedermos com inteligência(...)” (ONF, Abr. 1950) será mais fácil influenciar o desenvolvimento da criança.

Nos início dos anos 50 muitas são ainda as rubricas sobre o teatro que se fazia em Lisboa, estando esse noticiário a cargo de Manuela Porto (ONF, Jul. 1950).

Sobre o valor educativo do teatro ainda se debruça o livro³⁰⁹ de Alfredo Cabral e Reinaldo Ferreira, o célebre *Repórter X* que, Inscritos na *Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses*, em 1949, oferecem a Maria Lúcia Vassalo Namorado³¹⁰. A obra é dedicada a pais e mestres que devem estar conscientes da importância que “(...)o teatro desempenha na formação moral da infância, quando, evidentemente, aos motivos das peçazinhas presida o bom-senso de fazer delas, como devem ser, apreciáveis instrumentos de educação, cultura e recreio, pois só assim compreendemos a sua verdadeira finalidade (...)”(p. III). Mais adiante os autores reflectem sobre a grande importância que atribuem a esta forma de divertimento que deve ser sempre educativo: “(...)com efeito, brincar aos teatros é para os pequeninos um dos seus divertimentos preferidos. O teatro ameno dispõe bem a mocidade, enchendo de sã alegria as suas...a alegria constitui, como todos sabemos, a grande fonte de saúde. (p. III) Entendemos que os senhores Professores podem o melhor partido do teatro infantil, fazendo dele um precioso colaborador da vida estética da Escola. (p. III) Não concebemos teatro infantil que não seja educativo, nem compreendemos teatro educativo que não seja pedagógico. (p. IV) Os alunos das diferentes classes, tomando parte activa nas récitas escolares, corrigem atitudes e gestos defeituosos, aprendem a falar ou a estar calados, (o que não custa menos...) obrigam-se a guardar conveniências e a ser sociáveis, perdendo pouco a pouco, o acanhamento e timidez que tanto caracterizam as crianças, exercitam a memória, adquirem o hábito das boas maneiras, o espírito de observação, o culto ao bom humor, o papel da responsabilidade. (p. IV) Os ensaios, bem conduzidos, constituem verdadeiras aulas de correcção moral e intelectual, educando, a tempo, o espírito e o coração. (p. IV) Os alunos poderão coadjuvar na montagem do palco e dos cenários. Tratando-se de meninas, elas próprias podem, em parte, confeccionar as diversas da indumentária, iniciando, deste modo, a sua formação

³⁰⁹ CABRAL, Alfredo; FERREIRA, Reinaldo (1949) – *ABC teatral: Recitativos, Episódios dramáticos, fantasias, comédias, peças radiofónicas e canções para as crianças de Portugal e Brasil: Com um guia muito útil para os organizadores de espectáculos infantis*. Lisboa: Papelaria Livraria Fernandes, 161 p., com seguinte dedicatória manuscrita: À Exa sra D. Maria Lúcia Silva Rosa, mui digna Directora da esplêndida revista “Os Nossos Filhos”, com a muita admiração pela notável obra educativa e social que vem realizando em favor da infância, oferece, muito respeitosamente, Alfredo Cabral Lisboa, 10-V- 1949 /só tem as páginas abertas até à p. 21; depois não foram mais cortadas/. Tem o número de registo 146 da base bibliográfica que organizámos para o Espólio. A obra fora apoiada “(...) pelos consagrados artistas Alice Ferrara. Orlando Settimelli e António Barata na elaboração deste trabalho(...)” (p. VI).

³¹⁰ Mais tarde, Maria Lúcia Vassalo Namorado irá usar um pequeno texto deste livro, intitulado *Vaidade*, dirigido a meninas de 8 a 11 anos, para publicar no *Diário de Lisboa* porque ela o assinala, como era seu costume, no início do texto, a lápis. A história refere-se a um jardim em que cada flor queria ser mais importante do que as que a circundavam. Ganhou a violeta que chamou a atenção da rosa e do cravo para a seguinte moral:“(...) Cada qual é como é, como o fez Deus, afinal! (...)”.

doméstica. Além disso, o teatro infantil aproxima sobremaneira a família da Escola, e desnecessário se torna encarecer as vantagens resultantes deste intercâmbio. (p. IV)

Numa disposição oficial (circular n.º 88, de 30-1-935) diz-se: — «As festas escolares devem servir o interesse natural da criança. A utilidade das festas consiste principalmente em produzir alegria e entusiasmo, em tornar a Escola atraente, prendendo a ela as crianças e as famílias e em fomentar laços de amizade no seio de umas e de outras». Ora as récitas infantis, devidamente organizadas, são autênticas festas escolares e realizam com eficiência o objectivo do legislador. E os pais e as mães, orgulhosos de verem admirada a graça e a habilidade dos cooperam nestas festas, de muito boa vontade que se lhes faça compreender o seu alcance cultural (...)» (p.V).

Estes autores consideravam que estes espectáculos, como temos visto em muitos artigos da revista *Os Nossos Filhos* sobre *Assistência*, eram excelentes meios “(...)na aquisição de fundos para as Caixas Escolares, e muitos Professores os vêm utilizando sensatamente nesse sentido...POUCOS escritores, entre nós, têm dedicado a este assunto a sua actividade, ao contrário do que sucede noutros países, por exemplo na Itália...A organização do *Teatro da Criança*, impõe-se, numa estreita colaboração entre architectos e higienistas, educadores e pedagogos, escritores e empresários. A obra — vastíssima — está, em grande parte, por fazer, e de todos exige carinho e entusiasmo (...) (p. III). Ao escrever o livro, os autores, também eles pais, pretendiam com ele iniciar a construção do *Teatro da Criança*. Maria matos dissera-lhes isso mesmo e esta obra pretendia então ser “(...)a pequenina cartilha dos actores de palmo e meio. As peças aqui reunidas, são simples e de fácil encenação, de modo a poderem desempenhar-se nos humildes palcos das aldeias, nas salas das escolas e até nos próprios lares (...)” (p. V).

São estas as actividades lúdicas e escolares que Maria Lúcia Vassalo Namorado inclui na formação das mães para que estas melhor possam desempenhar a sua função de educadoras e formadoras das crianças e jovens.

A instrução das mulheres: Orientação profissional e profissões femininas

A Orientação escolar e profissional:

Nas páginas de *Os Nossos Filhos*, assim como na correspondência guardada no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* encontramos um número elevado de referências às questões da orientação escolar e profissional das crianças e jovens. O

Instituto de Orientação Profissional fora criado em 1925 e “(...)três anos depois integrado no *Ministério da Instrução Pública*, sob direcção de Faria de Vasconcelos até 1939, estabelecendo qual a carreira que conviria a cada um dos escolares nos liceus (...)” disponibilizando “(...)uma tecnologia individualizante de selecção escolar (...)”(O, Jorge, 2002. p.585).

No Instituto era analisada a aptidão ou “(...)disposição natural ou adquirida para realizar certo acto e executar certo trabalho (...)” (O, Jorge, 2002. p.586) da(o) examinada(o) que era submetida(o) a uma série de exames ou “(...)“(...) interrogatórios dos pais e candidatos, provas clínicas, fisiológicas, psicológicas e pedagógicas usando depois a escolha da carreira ou grupo que mais convinham ao jovem(...)” (Vasconcelos, 1928. p. 29-30 Cit. In O, Jorge, 2002. p.586). Esta selecção era feita ainda com base em dois conjuntos de provas psicológicas “(...) de inteligência geral - *escala de Terman e revisão da de Binet Simon*³¹¹, depois adaptadas (...) e outras provas de aptidões especiais e provas de Aptidão intelectual- qual tipo de inteligência que caracterizava cada indivíduo(...)” (Vasconcelos, Faria, 1928. p. 54 cit In O, Jorge, 2002. p.586). Havia ainda um “(...) terceiro conjunto de provas – sobre funcionamento da Vontade, afectividade e carácter que filtrava os indivíduos no acesso às várias escolas e profissões orientando os alunos para estudos e carreiras que mais lhes convinham(...)”(O, Jorge, 2002. p.588). O director do Instituto até 1939 defendia que os “(...)alunos inferiores deveriam ser escludidos do ensino secundário(...) não podiam deixar /os liceus/ autênticas escolas de selecção(...) não ser frequentados por anormais nem ter classes de recuperação”(...) propondo criação de grupos turma sem divergências significativas (...)”(Vasconcelos, 1933. p. 18 cit In O, Jorge, 2002. p.590).

A escolha de uma profissão era então entendida como um “(...)Chamamento íntimo para a vocação(...)mas o direito de escolha não é ilimitado(...)”(ACP, 1938. p. 176).Essa escolha deveria ser feita esta ser feita “(...)ponderando determinados critérios como: em função dos recursos que a família possui(...) tomando em consideração aptidões dos filhos e recorrer a um *Instituto de Orientação Profissional*(...) respeitando as exigências da lei moral para não peder a fé e bons costumes não ir para armazéns e escritórios, certas fábricas e empresas/(...) atender à exigências da própria vida profissional, responsabilidade que ela impõe, justa noção da função social(...) tendo os pais grande papel na escolha (...) não estorvar, aconselhar amorosamente, desinteressadamente,

³¹¹ Sobre este tema escreverá *Uma pequena sobre Pedagogia*, em *Os Nossos Filhos* de Dez. 1952.

paternalmente, o melhor caminho a seguir, ajudar a cumprir sempre e integralmente o caminho escolhido e com devoção como se o trabalho fosse uma oração a Deus(...)”(ACP, 1938. p. 1776 e seg.). Se esta é uma área sensível em *Os Nossos Filhos* e se ali se defendem muitos dos critérios aqui explicitados por esta organização católica, porém, a forma de abordar o problema nunca é a partir da questão religiosa mas sempre moral.

Na área da orientação e selecção profissionais trabalhava também José Francisco Rodrigues³¹², um dos colaboradores de *Os Nossos Filhos* que, citando Pascal, considerava que “(...) a escolha da profissão é a coisa mais importante da vida, mas que, apesar disso, é o acaso que decide (...)” (Rodrigues, 1944, p. 105). Por tal razão o movimento que defendia, ou seja, a necessidade da orientação e selecção profissionais, ainda tinha alguns inimigos, a saber: “(...) a ignorância, a rotina e o interesse (...)” (Rodrigues, 1944. p. 106). Definir o que se entendia por cada um destes termos³¹³ era necessário para a aferição do conteúdo dos discursos sobre o tema: de uma maneira simples, devia chamar-se “(...) orientação profissional, à escolha da carreira para o indivíduo e por selecção profissional a escolha do indivíduo para a carreira(...)” (Rodrigues, 1944. p. 107).

Para se perceber a importância de tais funções educativas, José Francisco Rodrigues explica como se devia fazer a orientação profissional, ou seja, “(...) a escolha científica da carreira que convém a cada indivíduo (...)” (1944, p. 116).

Nessa tarefa havia que distinguir dois intervenientes: o educando e a família. Ao primeiro deveria ser feito um exame médico completo que deve recolher dados sobre os seus aspectos antropométrico³¹⁴, fisiológico³¹⁵ e clínico³¹⁶ (...)” (Rodrigues, 1944. p. 124).

³¹² No capítulo intitulado *A orientação profissional na vida*, do livro *O Grande problema: Ensaio sobre Educação*, (p. 113-130), Maria Lúcia Vassalo Namorado assinalou este capítulo ao dobrar a ponta do canto superior direito, a partir da primeira página do mesmo.

³¹³ Segundo José Francisco Rodrigues fora o segundo *Congresso Internacional de Psicotécnica*, reunido em Barcelona, em Setembro de 1921, que fixou a significação exacta a dar às duas expressões(...)” (1944. p. 107).

³¹⁴ “(...) O exame antropométrico tem em vista determinar as aptidões puramente físicas do indivíduo. Avalia o seu peso, da sua altura total e dos diversos segmentos do corpo, dos diâmetros e perímetros torácicos e abdominais e estabelece o seu coeficiente de robustez. Conclusões práticas a tirar deste exame: compreende-se facilmente que um homem, por exemplo excessivamente baixo, não deva exercer profissões como maquinista dos caminhos de ferro, estucador, electricista, etc. (...)” (Rodrigues, 1944. p. 124).

³¹⁵ “(...) O exame fisiológico revela-nos o desenvolvimento do indivíduo, e dá-nos a conhecer o seu tipo morfológico, permite tirar conclusões preciosas sobre os trabalhos mais ou menos indicados para cada um. Por exemplo: um tipo nervoso, activo, magro, com fraca musculatura não estará naturalmente

Aquele exame servia para detectar os aspectos negativos, o que o indivíduo não deveria ser. A ele deveria ser adicionado um outro, o exame psicológico “(...)muitíssimo complexo e de uma importância transcendente, pois dele resultarão não só as contra-indicações absolutas ou relativas, mas também as indicações positivas, a denúncia das aptidões reais que o indivíduo possua. Este exame procura avaliar do grau de inteligência geral do indivíduo e das suas várias modalidades: inteligência Abstracta, inteligência social, inteligência prática, artística, matemática, etc.; incide sobre a atenção e procura determinar as suas qualidades: atenção contínua, distribuída, rítmica, flutuante...; experimenta a memória nos seus atributos de rapidez, segurança, fidelidade, e nos seus tipos: visual, auditiva, muscular; busca apreciar o poder de associação, de imaginação e as aptidões lógicas do indivíduo (...)”(Rodrigues, 1944. p. 126).

Finalmente, “(...) um outro aspecto da sua personalidade preocupa o orientador: o moral. Avaliar o carácter do indivíduo, as suas tendências afectivas, a vocação o poder da sua vontade é fundamental em muitos casos; também estes se procuram surpreender por meio de provas especiais, embora de resultados menos seguros, porque a matéria é muito mais delicada. O carácter, quando não se possui, finge-se. É fácil arranjar-lhe um sucedâneo. (Rodrigues, 1944. p. 127). Todas estas provas seriam “(...) registadas sob as formas gráfica, numérica ou de conceitos e julgadas segundo critérios firmados em dados estatísticos rigorosos (...)” (Rodrigues, 1944. p. 127).

A orientação profissional seria benéfica para a sociedade em geral uma vez que, quer o indivíduo que passa conhecer melhor as suas aptidões, quer o patrão que sabe com quem pode contar, permitem o avanço económico e profissional da sociedade.

A preocupação com a escolha do futuro é patente em *Os Nossos Filhos* e será a sua directora que, frequentemente, a ela se referirá por exemplo, ao aconselhar as leitoras a levarem as(os) suas(seus) filhas(os) ao *Instituto de Orientação Profissional Maria Luísa Barbosa de Carvalho*, no Largo Trindade Coelho, n.º 21, 1º, em Lisboa. Uma mãe que assina *Uma assinante aflita*, ao pedir apoio à revista para saber que orientação dar à filha recebe a seguinte resposta: “(...) É muito difícil dizer-lhe que curso «deve» seguir a sua filha, porque isso depende principalmente da vocação da

indicado para profissões que exijam força e resistência, como carpinteiro, pedreiro, etc.(...)”(Rodrigues, 1944. p. 125).

³¹⁶ “(...) O exame clínico incidirá sobre o estado dos órgãos e do seu funcionamento. Os sistemas ósseo, muscular, nervoso; os aparelhos respiratório, digestivo e urinário; o estado da pele e dos órgãos dos sentidos(...)” (Rodrigues, 1944. p.125).

menina (...)” (ONF, Abr. 1954). Será Maria Lúcia Vassalo Namorado a afirmar que “(...) a escolha da profissão é um problema sério, porque dele depende o futuro inteiro, do indivíduo (...). Entre nós, o hábito da família escolher profissão dos rapazes e raparigas segundo as suas conveniências ou vaidades, e esse é o primeiro erro gravíssimo(...). A profissão não é, um, luxo, não deve ser instrumento de vaidades, mas elemento que nos ajude a cumprir o nosso dever na terra (...) não é meio mecânico de ganhar dinheiro, mas o meio de que nos servimos para sermos úteis à colectividade e desenvolvermos as nossas próprias faculdades (...) devemos dignificar a carreira para a qual nos sentimos *inclinados* por preferências e aptidões pessoais (...). Errar, nesta matéria, é ver na profissão o tirano que nos fornece um ordenado em troca de um aborrecimento, de uma fadiga, de um sacrifício constantes. Os pais não devem, nunca, antecipar-se aos filhos na escolha da sua carreira, mas esclarecê-los sobre a importância de tal decisão e, ajudá-los inteligentemente a descobrir o seu verdadeiro caminho (...)” (ONF, Jul. 1944).

Desde o primeiro número da revista, é Manuel Subtil (cf. *Apêndice Cap. 4- Biografias*) que, aos 67 anos, assume a colaboração mais ligada a esta área. Dele existem treze cartas no *Espólio* de Maria Lúcia Vassalo Namorado sendo a primeira anterior à publicação do primeiro número de *Os Nossos Filhos*, datada de 20 de Abril de 1942 (Caixa 41. Maço 1) e a última de 15 de Março de 1951 (Caixa 41. Maço 1).

Manuel Subtil fora convidado para participar em *Os Nossos Filhos* porque, “(...) entre 1925 e 1944 integra o corpo docente do *Instituto de Orientação Profissional*, na sequência de um convite de Faria de Vasconcelos(...)” (Castelo, in Nóvoa, dir. 2004. p. 1350) sendo nesses termos apresentado às(aos) leitoras(es) da revista (cf. ONF, Set. 1942). Terá sido a seu convite que Maria Lúcia Vassalo Namorado também escreve no *Boletim* do referido *Instituto*.

Defensor acérrimo da orientação profissional considera que esta pode ser realizada ainda na escola primária porque “(...) muito cedo, a criança começa a manifestar preferência decidida por determinadas actividades (...) e se houver o cuidado de a ir observando dia a dia(...)” (ONF, Jun. 1942), fácil será perceber as suas inclinações. Chama, no entanto, a atenção para alguns erros que muitos pais cometem pois que muitas vezes, “(...) pais menos prudentes, não esperam que os filhos revelem as suas tendências ou inclinações. Logo que o filho nasce — e às vezes ainda antes - anunciam à família com toda a convicção (...)” (ONF, Jun. 1942) o percurso profissional que a criança irá seguir. A escolha da carreira não é assunto de somenos importância. Por tanta

gente desprezar esta questão é que a “(...)escolha da carreira se realiza mais ou menos empiricamente a maior parte das vezes: por isso há tanta gente (75 % numa estatística francesa) trabalhando em profissões para que não tem aptidão (...)” (ONF, Jun. 1942).

Da escolha da profissão de acordo com o estudo das aptidões individuais deve passar-se para a compreensão que, do ponto de vista social, tem essa opção pois que a “(...)acertada escolha da profissão é de capital importância para o indivíduo, mas também para a colectividade a que ele pertence (...).É indispensável tomar em conta as aptidões físicas e mentais do indivíduo a orientar; É evidente que nem «todos» podem servir para «toda» e qualquer profissão (...) há contra-indicações evidentes(...) como um surdo-telefonista (...) é necessário conhecer as exigências da profissão, as condições físicas(...) e há outras de ordem mental, psíquica, funcional, física (...). É portanto, indispensável proceder a um exame rigoroso — clínico, antropométrico e fisiológico — do orientando (...) A esse exame segue-se outro não menos importante, o exame psicológico, o qual tem por fim apreciar as funções mentais, neuro-musculares, sensoriais, etc.(...)investigações se têm vindo aperfeiçoando ininterruptamente desde 1908, data em que, nos Estados Unidos da América, principiou o movimento da orientação e da selecção na profissional (...)também na Alemanha, se contam por centenas os institutos de orientação profissional, é uma prova bem clara da eficácia dos métodos científicos aplicados à escolha da carreira (...)” (ONF, Set. 1942).

Muitas vezes os indivíduos seguem profissões para as quais não têm aptidões. Uns fazem-no porque a “(...) a escassez de recursos do país lhes não permitiram seguir outra (...)” enquanto que “(...)outros escolheram ao acaso, por capricho, por ambição ou até por vaidade — quantas vezes! — uma profissão que, não é seguramente aquela que mais convinha às suas aptidões (...)” (ONF, Ago. 1949). Para evitar tais erros com graves consequências sociais, económicas, e até morais nada melhor do que a “(...)orientação profissional, que tornou possível a selecção profissional (...). O exame de orientação tem por fim escolher a profissão para o indivíduo em harmonia com as suas capacidades físicas, psicológicas, mentais (...) o de selecção tem por fim escolher, por meio de processos científicos, o indivíduo para uma profissão ou grupo de profissões (...)” Se assim se procedesse evitar-se-ia o que “(...)já no séc. XVII o Padre Manuel Bernardes o escrevia...” (...)assim fica mau letrado o que fora bom sapateiro e não é bom soldado O que fora bom religioso»(...)”. (ONF, Ago. 1949). A selecção mais se justificava pois que, tal como Faria de Vasconcelos também ele defendia a ideia de que “(...)De todos os que frequentam os liceus nem todos capacidade para

frequentarem cursos superiores(...)Convém, por isso, seleccioná-los devidamente, no interesse deles próprios e no da colectividade, de maneira tal que só chegue ao ensino superior uma limitada elite (...)” (ONF, Jan. 1951). Um corolário desta tese é também apresentado para as profissões “(...)não liberais não é menos conveniente seleccionar os indivíduos, sempre que seja possível, de modo que se possa realizar o velho preceito de Sócrates —cada um devia seguir só o ofício que mais se coadune com a sua natureza. Ideal não basta conhecer as tendências, aptidões, capacidade e inclinação dos indivíduos; é, absolutamente necessário estudar previamente as profissões, verificando quais s condições em que são exercidas, quais as suas exigências, quais as condições físicas e de outra natureza á que tem de satisfazer o respectivo profissional, qual a natureza e o objecto da profissão (...) porque nem todos são ou podem, vir a ser aptos para todas as profissões. Nem todas as profissões convêm a todos(...)” (ONF, Jan. 1951). Fora motivado por estes princípios que Manuel Subtil, “(...) em parceria com Faria de Vasconcelos e Fernando da Costa Cabral, produz monografias de diferentes profissões – alfaiate, montador-electricista, relojoeiro – a partir dos resultados obtidos através dos inquéritos directos(...)” (Castelo. In Nóvoa, dir. 2004. p. 1352).

O médico do ensino particular, do *Colégio Infante de Sagres*, Manuel da Palma Leal é também um dos colaboradores nesta área da orientação profissional. Ele proporá a Maria Lúcia Vassalo Namorado um conjunto de fichas que usa há quatro anos, na instituição onde trabalha, para analisar os alunos (Cartas de 3 Set. e 9 Nov. 1942. Caixa 41. Maço 1).

O médico António Paúl, da *Liga Portuguesa de Profilaxia Social* do Porto, no seu livro *Trabalhadores de tenra idade*³¹⁷, e em transcrição feita em *Os Nossos Filhos*, ao tratar do tema da orientação profissional conta uma história de um pai prepotente que obriga os filhos a seguir as carreiras que ele determinara e, no fim, conclui que “(...)seguirem uma carreira para a qual nada os atraiu, e que, por isso mesmo, nunca lhes proporcionará o bem-estar, a felicidade a que todos temos direito, convertendo-os até, por vezes, em doentes ou maus artífices, prejudiciais à sociedade (...)” (ONF, Fev.1954).

Os artigos da autoria de Maria Lúcia Vassalo Namorado sobre a orientação profissional, num total de mais de dezena e meia não se afastam destas orientações já apresentadas. Sobre o que representa para ela a profissão dirá: “(...)Muitas pessoas

³¹⁷ Cf. *Bibliografia* deste trabalho.

consideram a profissão apenas o modo de ganhar a vida, outras o de atingir uma posição mais ou menos brilhante. Mas a profissão é mais do que o meio mecânico de obter dinheiro ou a alavanca ao serviço da vaidade. A profissão não é, não deve ser, um problema que se resolve friamente, só por cálculos e interesses materiais. Porque o profissional não é uma simples máquina, ...Utilizar e aperfeiçoar as diversas faculdades individuais para valorização e proveito não só do indivíduo mas também da sociedade a que pertence— tal é o fim da profissão(...)" (ONF, Jun. 1947).

A directora de *Os Nossos Filhos* criticará veementemente a vaidade dos pais ao "(...)querer que o filho siga o curso de Medicina ou de Direito para que o tratem por doutor, é uma vaidade estúpida, como todas as vaidades(...)Querer que o filho seja lavrador porque se possuem terras, é já uma aspiração compreensível, mas que nem assim se deve tornar em resolução inabalável (...)"(ONF, Jun. 1947).

Ela dará um conjunto de conselhos que os pais podem seguir para descobrir a verdadeira vocação dos filhos:"(...) Observem os pais as inaptidões e relutâncias de seus filhos, para não insistirem inutilmente(...). Observem as suas faculdades, tendências e habilidades. Tentem estimular, despertar as que porventura estejam adormecidas. Procurem enriquecê-las, torná-las mais fortes, exercitando-as. Procurem, os que puderem, dar a seus filhos o maior número de conhecimentos gerais. ..permitir-lhes-á comparar, escolher, ter opinião consciente e firme. Quanto maior for a cultura geral, maior facilidade terão certas crianças em dizer de suas preferências, escolher o seu cominho. Outras hão-de dispersar-se, apreender facilmente grande número de assuntos, e hesitar na escolha de um só. Mas em qualquer dos casos, a aquisição de conhecimentos variados só pode beneficiar quem os adquire, e é sempre possível fazer-se a escolha acertada da profissão (...) há que verificar se se trata de uma vocação real, e se esta não é contrariada por factores de ordem física ou quaisquer outros. ...Quando a vocação se não manifeste abertamente, ou mesmo quando pareça não existir, há que ajudar a criança, propor-lhe assuntos e tarefas variadas e fazer um estudo ainda mais minucioso das suas possibilidades e maneira de ser, aptidões e inaptidões (...) Sempre, mas sobretudo quando a vocação parece hesitante ou inexistente, é necessário recorrer ao *Instituto de Orientação Profissional*. O ideal seria que todos os pais levassem seus filhos, rapazes e raparigas, a este, Instituto, onde, após exame clínico, antropométrico, fisiológico e psicológico, se definem as suas aptidões e inaptidões. Fica-se, portanto, sabendo quais estudos ou ofícios devem ser postos de parte por se não possuir qualidades necessárias para os seguir com êxito, e quais se podem escolher com

probabilidades de triunfo, pelo ajustamento das aptidões reveladas (...)” (ONF, Jun. 1947). Dois meses depois, a directora de *Os Nossos Filhos* insiste nesta ideia chegando a afirmar que a escolha errada da profissão provoca infelicidade porque “(...) não só não pode ser feliz porque vive em permanente contrariedade, como acaba por encarar todas as outras coisas com azedume ou indiferença/ porque oprime e aniquila as tendências naturais e o desejo de se aperfeiçoar, lutar e vencer. O seu trabalho é forçosamente medíocre, dificultando os que se lhe relacionam; e a sua atitude, que não pode ser construtiva, um fermento de mau estar, de apreciações depreciativas, quando não de sentimentos negativos, onde se insinuam e alimentam hipocrisias, invejas, ódios, revoltas(...) Nós não podemos chamar criminosos pai àqueles que ocupam lugares para os quais não têm aptidão; mas na verdade o que fazem eles, inconscientemente embora, senão verdadeiros crimes? Esses lugares, por direito - e justiça, não lhes pertencem. Pertencem àqueles que seriam capazes de os ocupar com competência e brilho (...) Quero ainda focar um aspecto vulgar, nem sempre confessado, que influi muito na decisão dos pais. Estabeleceram-se várias categorias para as profissões. Aquelas que exigem estudos, naturalmente se consideram «melhores» mais «elevadas». As que exigem menos preparação, ou mesmo sem preparação prévia se exercem, consideram-se inferiores e até humilhantes. Aqui está um tema para larga discussão(...). Todo o trabalho é digno e respeitável (...) o que me parece, é que há profissões que não estão devidamente dignificadas. Justamente porque têm sido postas à margem pelos mais endinheirados, ou mais inteligentes, ou mais sabedores (...)” (ONF, Ago. 1947).

No mês seguinte, irá voltar ao mesmo assunto com os mesmos argumentos para a infelicidade daquelas(es) que seguem as profissões que os pais determinam (ONF, Set. 1947) e desenvolverá um outro capítulo: o da competência profissional que liga à honestidade profissional, entendendo-a como “(...) não significa somente contas certas; mas também escrupulo, preocupação de cumprir melhor possível, e de não prejudicar seja quem for; e este «seja quem for» é a entidade ao serviço da qual se está; é o chefe, o colega, o subordinado com quem se trabalhe; é o público que se serve (...)”. A escolha da profissão tendo em vista também o interesse e as necessidades do país é também um dever de qualquer cidadão e de que “(...) melhor forma se pode cumprir esse dever do que procurar contribuir para a solução dos problemas nacionais, para o equilíbrio e prosperidade da vida colectiva? A existência, por exemplo, de engenheiros a mais e professores a menos, provoca evidentemente um desequilíbrio com variados repercussões de ordem educativa,, económica, social; nesta emergência, preferir o

professorado à engenharia, se não há motivos para o contrário, é prova de clara visão do panorama nacional, e contributo valioso para o desejável equilíbrio (...)” (ONF, Set. 1947).

As questões da escolha de uma profissão têm de ser vistas independentemente do género em causa uma vez que ela se aplica “(...)igualmente a rapazes e raparigas (...)”. Em texto que transcrevemos, apesar da sua extensão, porque consideramos antológico do pensamento de Maria Lúcia Vassalo Namorado sobre o problema da escolha da profissão para as raparigas, vamos encontrar uma longa reflexão sobre o que ela defende, ao tecer algumas considerações mais no que respeita às raparigas: “(...)Em primeiro lugar: devem as raparigas tirar um curso, isto é, escolher profissão? Evidentemente ! Todos as raparigas, sem distinção de classes, devem adquirir uma sólida preparação profissional. Só velhos hábitos e perigosos preconceitos admitem dúvidas a tal respeito; a simples observação dos factos, todas as realidades da vida, nos dizem eloquentemente que sim, que todas as raparigas devem seguir uma profissão. Adquirir conhecimentos sólidos e úteis só valoriza o indivíduo, seja homem ou mulher; a aquisição desses conhecimentos estimula e desenvolve as faculdades e aptidões naturais, que forçosamente eleva o nível intelectual do indivíduo, criando-lhe maior número de interesses e possibilidades: passará á interessar-se por maior número de problemas e haverá mais coisas que é capaz de compreender e realizar (...).Haverá ainda quem diga que uma rapariga pode cultivar-se sem seguir um curso. É uma verdade. Mas expliquem-me, por favor, quais são as vantagens? Não è preferível orientar a educação das raparigas para as realidades práticas da vida? Assim como à rapariga culta pode, em qualquer eventualidade, desembaraçar-se mais facilmente do que a inculta, também aquela que possui a necessária preparação profissional tem mais possibilidades de triunfar de todas as outras. Em geral, as raparigas das classes modestas têm uma profissão. Falta-lhes, a quase todas, a preparação devida, é certo. Mas todas elas, são criadas de servir, operárias, trabalhadoras do campo, costureiras, lavadeiras. Elas, sabem que têm de se bastar a si próprias, que têm de ajudar a manter os irmãos enquanto solteiras, e de partilhar tarde com o marido os encargos do casal (...) Para as raparigas das outras classes, porém, já tudo se modifica: começa a criar-se para a mulher uma situação de privilégio aparente; invoca-se a sua fragilidade (que não contou para os trabalhos mais rudes...da sua missão no lar e na família e decreta-se que ela deve ser apenas esposa e mãe. Assim se cria uma dependência que pode conduzir às mais angustiosas ou vexatórias situações; assim se favorece a preguiça, que a mãe de todos os

vícios, segundo a sabedoria popular; assim se atrofiam faculdades e aptidões; assim se deprime a mulher, relegando-a para o plano dos ignorantes e incapazes; assim se separa o homem da mulher. (ONF, Out. 1947). - *Eu não quero as filhas doutoras*³¹⁸, - era há vinte anos o estribilho dos que optavam por umas aparenciazinhas de cultura; e ainda hoje há quem o repita. Evidentemente, também não queremos todas as mulheres doutoras; aqui se aplica o que já dissemos para os rapazes. Mas, qual é o destino dessas que os Pais não querem «doutoras», isto é, diplomadas com um curso, por mais elementar e «feminino» que ele seja? (...)”(ONF, Out. 1947). Expõe então os casos de senhoras que, sem curso, depois de viúvas têm dificuldade em se manter, o mesmo acontecendo às que, solteiras e sem diploma, também vivem com dificuldades. Então ela explica que “(...) bastaria o mais modesto dos Cursos e o hábito de trabalhar profissionalmente só umas escassas horas diárias que fossem, de harmonia com as exigências da sua vida familiar - para qualquer destas senhoras, na hora em que a desgraça as visitou, terem um caminho aberto, por onde facilmente avançariam. Assim... (...)”. A estas situações das raparigas não terem formação com diploma podem ainda acrescentar-se aquelas cujos “(...) maridos que não ganham o suficiente, maridos que adoecem³¹⁹ ou se invalidam, maridos autoritários e avarentos, maridos perdulários, etc.. inúmeras situações angustiosas e vexatórias que podem surgir à mulher no casamento e fora dele, e às quais ela não deve estar sujeita — só porque não possui a sua independência material (...)” (ONF, Out. 1947). Esta é a pedra de toque de toda a argumentação de Maria Lúcia Vassalo Namorado para insistir em que as mulheres devem estudar, valorizar-se, ter uma profissão.

A estes argumentos de carácter mais geral e económico-social acrescentará mais alguns de ordem “(...) sentimental e moral(...)” como lhes chama. Se não chegassem os argumentos que anteriormente convocou, bastaria ter uma profissão para “(...) que deixe de ser considerada objecto de luxo e prazer, ou animal doméstico, é necessário que seja independente e compreenda o que significa «ser a companheira do homem»(...) é forçoso que a mulher seja independente, que se baste a si própria, que possa escolher livremente o caminho da sua consciência e do seu coração; de contrário, terá de aceitar o que lhe impuserem, terá de submeter-se ao que o homem quiser; em muitos casos e

³¹⁸ Este terá sido o argumento usado pelo médico que a viu no final do liceu para a dissuadir de continuar os estudos, dada a sua fraca saúde e de cursar Matemática, como ela pretendia (CF. Borges, 2003. entrevista final).

³¹⁹ É uma situação que Maria Lúcia Vassalo Namorado muito refere, como sendo a sua.

para a sociedade, talvez tudo seja bom e honesto, mas só a mulher sabe, no segredo da sua consciência, quantas dessas situações «honestas» são verdadeiramente imorais (...)” (ONF, Out. 1947).

Neste artigo, Maria Lúcia Vassalo Namorado fará ainda a distinção, para as raparigas, entre *preparação profissional* e *preparação doméstica*, considerando que *ambas* são necessárias às raparigas porque “(...) tudo se auxilia e completa. Isto é tão evidente que só os cegos de livre vontade o não vêem(...)”. Critica ainda a ideia de que a formação familiar interessa apenas às raparigas pois que “(...) a preparação doméstica e familiar não interessa apenas às raparigas. As raparigas serão esposas, mães, donas de casa; mas os rapazes serão maridos, pais, donos de casa. Se a educação da rapariga tem visado só e mal o aspecto familiar, a do rapaz tem visado unicamente a profissão — dois erros igualmente graves(...)” (ONF, Out. 1947).

A admiração que Maria Lúcia Vassalo Namorado tem pelo *Instituto de Orientação Profissional* está bem patente nos textos que acabamos de citar assim como na rubrica *Os Teus problemas, mãezinha!* quando nela explica o que fazer para ter acesso a essa instituição. Dirige-se a uma *Leitora certa* cuja verdadeira identidade não conseguimos apurar. No artigo são apresentadas todas as informações de que qualquer pessoa necessitaria para se poder dirigir ao *Instituto de Orientação Profissional*: “(...) preciso que filhos tenham pelo menos a 4ª classe primária. Não há limite de idade. Deve officiar ao Instituto, pedindo a inscrição das crianças. Nesse ofício colocar os nomes das crianças e dos pais, morada, e as habilitações dos crianças. Aberta todo o ano - mas só em Outubro começam os exames -, podendo portanto os inscrições ser feitas em qualquer altura. No acto da inscrição, *Instituto* o fornece umas fichas informativas a preenche pelos pais, professores, ou pessoa que conheça bem a criança. Não é forçoso responder a todas os perguntas contidas nessas fichas; só se deve responder o que se conheça, e o que for verdade. Provas duram o máximo uma semana, dias úteis, das 2 às 5 horas da tarde. Quanto, à despesa, é muito pequena. Os candidatos menores pagam, no 1º dia, 15 \$00, e nos seguintes 10\$00. Os candidatos maiores pagam no 1º dia, 20\$00 e nos dias restantes 15\$00. O *Instituto* fica no Largo Trindade Coelho, 20 (...)” (ONF, Set. 1949).

No ano seguinte, Maria Lúcia Vassalo Namorado ainda escreverá mais dois artigos sobre a questão escolha da profissão. Num deles, reforçará a ideia defendida quase dez anos antes por Manuel Subtil da importância social da escolha de uma profissão (ONF, Nov. 1950) ; no outro, publicado no mês anterior ao que acabamos de

citar, sublinha-se, de novo, a importância da escolha da profissão como propiciadora de triunfo. No caso de não se gostar de uma profissão podem ser duas as razões para esse facto: ou a falta de vocação ou a existência de “(...)uma deficiência física que a isso se opõe(...)”. Saber identificar os limites pessoais que devem impedir escolhas desadequadas é o fim do texto em que se explica, para certos ‘defeitos’ ou incapacidades físicas, que profissões evitar: “(...)Visão- pessoas que usam óculos evitar profissões no meio de vapores (...) Ouvido-...evitar as que têm de estar em contacto com público (...) Brônquios ou pulmões- evitar as que se exercem em lugares insalubres (...) Coração- as que têm escadas (...) Estômago e intestinos - evitar as que obriguem a comer horas irregulares (...) Esqueleto - coxos evitar as que obrigam estar muito tempo em pé (...) Reumatismo - as que obriguem a humidade (...) (ONF, Out. 1950).

Da autoria de Anália Torres, O. S. Marden e Américo Pires de Lima outros textos abordam ainda esta temática em *Os Nossos Filhos*. A primeira, mais não adianta em relação ao que já ficou anteriormente expresso. O seu texto serve apenas para reforçar a ideia presente no “lead” da notícia em que se sublinha que “(...) o problema da escolha da profissão, e o da dignidade e competência profissionais, são importantíssimos para o indivíduo e para a sociedade (...) e os pais e os educadores devem ajudar os seus filhos a resolvê-los com acerto (...)”. Para isso “(...) conhecer a fundo uma especialidade é melhor caminho na educação do indivíduo (...) Se não tiver vocação específica (...) recorrer à orientação profissional(...)” (ONF, Nov. 1951). A autora insurge-se contra os pais que escolhem a profissão para os filhos “(...) sobretudo na profissão liberal (...) porque essa carreira os mantém na consideração geral e os eleva mesmo na escala social (...) poderia ter sido hábil mecânico se tivesse seguido Escola Técnica(...)” (ONF, Nov. 1951). A intervenção de Anália Torres vai trazer ao debate sobre as profissões, a importância das que se obtêm nas Escolas Técnicas e que aqui são defendidas, quer para serem cursadas por rapazes quer também pelas raparigas.

Em Orison Swett Marden vai a directora de *Os Nossos Filhos* respigar a citação em que este chama a atenção para os erros que, como sublinhara Manuel Subtil, caem os pais que “(...)julgam como aptidões as infantis preferências dos filhos (...) porém, entre milhares só alguns confirmam na virilidade as aptidões que, antes de ser educados, manifestaram na infância(...)” (ONF, Nov. 1952).

Um texto de Américo Pires de Lima será publicado durante cinco números de *Os Nossos Filhos*, entre Junho e Novembro de 1953. Trata-se de “(...) parte da lição

proferida na *Semana Social*, proferida em Guimarães, em Outubro último³²⁰, pelo prof. da Universidade do Porto (...)” (ONF, Jun. 1953).

A sua reflexão sobre o ensino profissional ocupa grande parte do texto que analisamos. Reflectindo sobre a importância que devem ter a orientação e educação profissionais, o autor relembra ainda que não podem confundir-se educação profissional com educação técnica porque “(...) pode ser-se um bom técnico sem se ser um bom profissional. A inversa é que já não é verdadeira (...)” (ONF, Jun. 1953). Defende ainda uma rigorosa formação científica em qualquer profissão. Aborda o problema da vocação porque muitos há que andam “(...)deslocados da sua missão natural (...) sabe-se que a igualdade é um mito (...) mas a justiça social se ainda o é, é preciso que deixe de o ser(...)” (ONF, Jul. 1953). A diferença entre vocação e gosto pelo trabalho também é abordada porque, sendo a primeira digna de ser apoiada por ser “(...)apanágio de raros fora da arte e da religião(...)” ela não se pode confundir com gosto pelo trabalho que “(...) uma grande massa amorfa (...)” pode (não) ter porque será possível falar de vocação “(...)quando se trate de quebrar cascalho, um dia inteiro, à torreira do sol? (...)” (ONF, Jul. 1953). Na sua reflexão, o autor constata que face a qualquer trabalho “(...) só pode haver gosto quando haja o que se chama vocação ou pelo menos, tendência ou aptidão para o trabalho. Paradoxalmente, para os trabalhos mais rudes e grosseiros, a melhor condição para poder haver gosto, é que o trabalhador seja absolutamente destituído de vocação (...)” (ONF, Out. 1953). Lamentando que em Portugal exista apenas um *Instituto de Orientação Profissional*, defende a importância do ensino técnico em todos “(...) os graus de ensino (...) / acompanhada da/ “(...) educação física e da educação moral(...)” (ONF, Out. 1953) desta forma se favorecendo a formação integral do indivíduo.

Sobre a impossibilidade que têm algumas crianças mais desfavorecidas de poderem seguir a sua vocação, reflecte uma *Professorinha de aldeia* que pensamos ser Maria Isabel Rodrigues Anjo. Ela não esquece, após os exames da 4ª classe, aquela “(...) menina inteligente que gostava de ser professora mas não continuará a estudar, /e/ o que nasceu artista mas vai para empregado de balcão (...)” porque a escola primária abandona-as muito cedo e não lhes abre “(...) a todas, o caminho que cada uma seria capaz de seguir (...)”(ONF, Ago. 1953).

³²⁰ No fim do período de publicação mensal de *Os Nossos Filhos* alguns artigos foram apenas excertos de obras ou textos que Maria Lúcia Vassalo Namorado lera e que publica, com atraso. Haviam passado oito meses desde que o autor proferira a conferência até que, aqui, foi reproduzida e apenas em parte. A publicação na íntegra fora feita no n.º “(...) 72 de 15 de Janeiro passado, do jornal *O Médico* (...)” e a conferência proferida em Outubro de 1952. (ONF, Jun. 1953).

Entre Novembro de 1957 e Janeiro do ano seguinte será publicado um anúncio ao *Centro de Psicologia Aplicada à Educação* que, nas suas competências, também inclui a orientação escolar e profissional. Dirige-se "(...) Aos educadores: Para os vários problemas de ordem educativa. quaisquer que eles sejam: escolha do futuro dos filhos ou alunos, deficiências de aproveitamento escolar ou dificuldades de carácter e de conduta estudo, cuidadoso e científico de cada caso, investigará a causa de tais deficiências ou dificuldades, e Indicará a melhor forma de as remediar (...)” (ONF, Nov. 1957); apresenta-se também como estando "(...) dotado com o mais moderno material científico de investigação psicológica e pedagógica. Exames de Inteligência. Aptidão. Tendências e Personalidade. Orientação Escolar e Profissional. Selecção de candidatos a Escolas e Empresas Industriais e Comerciais(...)" (ONF, Dez. 1957). Localiza-se na Rua Actor Isidoro, 7 r/c Esq., em Lisboa.

Depois de termos observado o que, sob o ponto de vista da orientação profissional se defende em *Os Nossos Filhos*, podemos identificar as questões que são assim explicadas às mães a que compete, também neste capítulo da educação das(os) filhas(os) dar-lhes apoio para que possam escolher, com critério e sem receios, o melhor futuro.

Justificação da profissionalização e profissões femininas:

Um dos primeiros artigos em que identificamos claramente o que a directora de *Os Nossos Filhos* entende que deve ser uma profissão, quer para rapazes quer para raparigas é no texto em que apresenta o *Seguro Dotal*, um seguro de vida da *Companhia de Seguros Ultramarina*. O texto foi retirado da brochura de divulgação e refere:"(...) Todos os pais gostam dos seus filhos mas poucos sabem preparar-lhes o futuro...Há pais que pensam poder dar toda a vida a seus filhos as comodidades e as facilidades de que hoje desfrutam...São os que erram por optimismo. Outros vivendo dominados pelas dificuldades da áspera luta pelo pão de cada dia, pensam que nada podem fazer resignam-se à ideia do <Deus dará...>. São os que erram por pessimismo(...)" (ONF, Out. 1942). Este não tinha sido um texto pensado para analisar a importância de cada um(a) ter uma profissão mas dele nos podemos servir para o fazer. São de 1947 e 1948 dois outros textos de Maria Lúcia Vassalo Namorado em que se faz uma abordagem mais reflexiva sobre este tema. No primeiro dirá a directora de *Os Nossos Filhos*:"(...) Entendo todas as profissões, dum modo geral, devem estar abertas às raparigas, por este simples motivo: é injusto uma rapariga não poder dedicar-se ao estudo para que tenha

decidida ou excepcional vocação, unicamente porque...não é homem. Estão excluídas, naturalmente, as carreiras incompatíveis com o temperamento e a capacidade física femininos, como me sejam as profissões guerreiras, e as que exigem dispêndio de grande, força física. Mas , no domínio da inteligência, porque não há-de a mulher ,ir onde as suas possibilidades a são podem levar? Ninguém será capaz de me fazer compreender e aceitar como bom o critério que permite um homem muito estúpido, muito negligente, numa palavra, incapaz, ocupar determinado lugar de certa ,responsabilidade porque é homem — enquanto que uma mulher inteligente, cumpridora, competente, não pode ascender ao mesmo, lugar, porque é mulher. ..É evidente que defender o acesso das raparigas a toda e qualquer carreira não significa que elas vão de preferência para as carreiras que lhe são menos adequadas. Se bem que, na época vertiginosa que atravessamos, quem pode estabelecer dogmas a tal respeito? Quantas carreiras masculinas(...) tiveram colaboração feminina? Há 20 anos, só os muito avançados poderiam aceitar a mulher-aviadora. Hoje, com o desenvolvimento das carreiras aéreas, nas grandes aeronaves de passageiros são indispensáveis as «hospedeiras do ar»³²¹, que, se não são positivamente aviadoras, têm de possuir, além de outras qualidades, a coragem e a serenidade dos aviadores, e correm precisamente os mesmos perigos. ..Por mais voltas que lhe queiram dar, não no podemos sair da verdade: se a mulher é a companheira do homem, tem de acompanhar, colaborar com ele sempre, e substituí-lo muitas vezes. Que cegamente para qualquer carreira e se transforme, como se apregoa, em usurpadora dos lugares da homem? De modo nenhum....Foi o homem quem primeiro usurpou à mulher e ainda está, ocupando cargos que lhe pertencem. Já pensaram no ridículo e no embaraço que é uma senhora entrar numa loja e ter de dizer qualquer coisa neste género ao empregado que corre a atendê-la: «Desejo que me troque estos cuecas, porque verifiquei que me são apertadas».

Este é o motivo da entrada da freguesa na loja/ motivo que ela terá de mascarar, mas o disfarce nem sempre ocorre e, em qualquer caso, persiste um acanhamento, um mau estar que se evitariam se encontrássemos mulheres e não homens ocupados na venda destes artigos, e. Outros de interesse feminino.(...) Na minha opinião, a maior parte das carreiras podem ser indistintamente seguidas por homens ou mulheres; há algumas que são nitidamente masculinas, outras nitidamente femininas; e dentro da mesma profissão, ainda casos especiais a considerar,, como por exemplo, na enfermagem, profissão

³²¹ Que haviam sido entrevistadas, como mulheres trabalhadoras para *Os Nossos Filhos*, por Fernanda Tasso de Figueiredo.

essencialmente feminina, que em determinadas circunstâncias deve ser exercida por homens. ..Penso, pois, que as raparigas devem ser aconselhadas de modo a preferirem as carreiras que melhor se harmonizem com as tendências, as aspirações da sua feminilidade. Estão neste caso o ensino infantil, o professorado primário, a enfermagem, a assistência social, a educação familiar - tudo que exija delicadeza, paciência, intuição, espírito de sacrifício, ordem, etc.. É preciso, também, não ser míope, e não supor que, forçosamente, trabalho feminino se resume a actividades com crianças e trapos. Por exemplo: arquitectos, engenheiros de construção civil, tem sido sempre, ou quase sempre, homens. As nossas casas, onde nos, homens e mulheres vivemos, passam a ser «o reino» da mulher, têm sido sempre delineadas e erguidas pelo homem. Mas as nossas casas estão cheias de erros e deficiências — que só uma mulher com o seu conhecimento das lides e das autênticas comodidades caseiras, saberá indicar, A colaboração da mulher no trabalho de plano da habitação, abre-lhe uma carreira eminentemente feminina, embora à primeira vista não pareça(...) muitas profissões até hoje entregues unicamente ao homem, forçoso é reconhecer a necessidade desta colaboração feminina, colaboração indispensável, natural, nunca «intrrometida», e sem a qual o trabalho do homem não poderá atingir à perfeição, o equilíbrio ideal; porque é ditado por m critério unilateral, porque lhe falta quantas vezes, uma insignificância básica — que o homem nem suspeita. ..Com este espírito compreensivo de colaboração, o problema das .carreiras masculinas e femininas ficaria resolvido. Cada qual no seu lugar — e o lugar conquistado pelo saber, pela competência, pelas faculdades de cada qual (...)" (ONF, Nov. 1947).

Em artigo especificamente sobre a importância de cada rapariga ter uma profissão diz que :"(...) não sofre discussão a necessidade de dar uma profissão todas as raparigas, seja, qual for a sua posição social.. Naturalmente não queremos dizer que todas devem seguir cursos superiores, longos e dispendiosos, (...) há que contar com as possibilidades intelectuais de cada uma, com os seus meios de fortuna. Além disso, há uma infinidade de cargos a desempenhar, uns complicados difíceis exigindo longa preparação, outros mais fáceis...Dar uma profissão a todas es raparigas, não significa, pois, fazer de todas "doutoras"³²², como tanta gente receia... O que importa que cada um» escolha a carreira (...) a ocupar com consciência e dignidade a profissão escolhida, obtendo assim a sua independência material e quantas vezes moral!...Aconteça frequentemente às raparigas

³²² Como teria referido o médico Pulido Valente aquando da ida de Maria Lúcia Vassalo Namorado á consulta, ainda estudante do liceu, como vimos.

que não podem tirar cursos demorados — e estão neste caso também as senhoras que só a uma certa altura da vida pensam pela primeira vez em se tornar independentes — verem-se embaraçadas por desconhecerem as profissões que podem escolher. Julgamos, por isso, prestar um bom serviço às nossas leitoras, dizendo-lhes que cursos podem seguir entre nós as raparigas, quais as habilitações exigidas, e qual o futuro que se lhes oferece (...)” (ONF, Dez. 1948). Desta forma assume-se que a revista tem o dever de explicar que cursos podem as raparigas seguir, depois de ponderados todos os dados do artigo anterior.

Vejamos então alguns conselhos sobre a forma de mais correctamente escolher as profissões mais adequadas às raparigas e os cursos que são noticiados em *Os Nossos Filhos* como correspondendo a esses critérios de qualidade e adequação ao género feminino.

O problema das profissões mais adequadas às raparigas e às mulheres é abordado diversas vezes em *Os Nossos Filhos*. Não admira que assim seja numa revista feminina que se pretende vocacionada para a educação das mulheres, em geral e das mães, em particular. Maria Lúcia Vassalo Namorado era defensora do trabalho das mulheres, considerava mesmo pernicioso nada terem que fazer sobretudo as “ricas” mas... nem todas as profissões seriam iguais aos olhos dela e de muitas e muitas outras mulheres. Isto, apesar de ela ser um exemplo da mulher que trabalhava para, com o produto desse trabalho, fazer face às despesas do quotidiano.

Na revista que se dirige à mulher “(...) inteligente e culta(...)” por certo têm de ser referidas profissões adequadas para aquelas que são mais ignorantes e para aquelas a quem a revista escolhe como público-alvo.

Ao utilizarmos o conceito de ‘profissão’ partimos do princípio de que esta é o “(...) conjunto de interesses ligando-se ao exercício de uma actividade institucionalizada, da qual o indivíduo obtém os seus meios de subsistência, actividade que exige um corpo de saberes e saber - fazer e a adesão a condutas e comportamentos, designadamente de ordem ética, definidos colectivamente e reconhecidos socialmente” (Nóvoa, 1987. P-49 cit. in Soares, 1997. p. 105). “Nesta definição, estão implícitas duas dimensões e quatro etapas, que não se seguem, necessária e inexoravelmente, umas às outras, mas que estão presentes no processo desenvolvido por um grupo que procura o reconhecimento da sua ocupação como profissão. Segundo o autor, as duas dimensões são um corpo de saberes e saber - fazer próprio, específico e autónomo relativamente a outros domínios do

conhecimento, susceptível de reprodução e transmissão a outros, resultando do seu domínio, competência científica e técnica, principal argumento utilizado pelos grupos que procuram a profissionalização da sua actividade e a melhoria do seu estatuto socioeconómico; e um código deontológico, formal ou informal, portador de valores de ordem ideológica ou moral, que pauta a prática profissional e as relações com os outros, e as dos próprios profissionais entre si, defende o seu estatuto e prestígio social (Nóvoa, 1987, p. 53 cit. In Soares, 1997. p. 105). As quatro etapas são: o exercício a tempo inteiro ou, pelo menos, como ocupação principal, tirando daí os seus meios de subsistência; a criação pelo Estado de um suporte legal para o exercício da actividade, diploma ou licença, definindo também as condições de acesso à profissão e delimitando o campo de actividade o que permitirá reivindicar o seu monopólio; a formação específica, especializada e longa que não se limite a uma aprendizagem prática, mas contenha também referências teóricas, obtida num estabelecimento de ensino e institucionalizada; a constituição de organizações profissionais que, de acordo com o seu tipo, têm um papel e poder variáveis (...) Conforme as situações, podem ter capacidade para definir as regras de entrada e p controlo do exercício da profissão, defender os interesses sócio - económicos dos seus membros e definir normas de conduta. Estas etapas são marcos importantes do processo de profissionalização de uma actividade(...) (Nóvoa, 1987, p. 56 cit. In Soares, 1997. p. 106)

Passamos a apresentar as profissões que Maria Lúcia Vassalo Namorado considera serem adequadas às mulheres de um e outro grupos, assim classificáveis de acordo com o conceito que acabamos de abordar. Sendo a revista destinada à educação das mulheres, não admira que nela se refira também a formação que cada uma delas devia ter para bem desempenhar o trabalho a que se dedicasse.

Donas de Casa, Educadoras familiares, Assistentes Sociais e visitadoras

Muitos são os anúncios, em *Os Nossos Filhos*, aos cursos do *Instituto de Serviço Social*, onde a colaboradora Adriana Rodrigues era também professora. Logo depois de um texto dela na revista, em Fevereiro e Março de 1945 são colocados anúncios á referida instituição de formação. O ‘tom’ é sempre de grande apreço como se constata:“(…) O melhor curso de *Donas de Casa* é o que funciona no *Instituto de Serviço Social*, Largo do Mitelo(…)” (ONF, Mar. 1945) ou ainda:“(…) Uma boa dona de casa. Lembre-se de que Ser boa dona de casa, é um dever de todas as mulheres; seja qual for a posição social. E um factor valioso de felicidade. Instituto de Serviço Social,

Largo do 1, funciona um Curso de Donas de Casa, que é o melhor que conhecemos (...)” (ONF, Abr. 1946). Um anúncio construído no verdadeiro estilo comparativo (Estrela, 2004. p. 39). O anúncio seguinte, no estilo quotidiano (Estrela, 2004. p. 41) é também interessante por nele se visarem as mães, que orientariam as filhas e não estas, que estariam procurando um curso a seguir.

No número que antecede as férias grandes, com grande acuidade publicitária, tem um anúncio de página inteira, dirigido às mães, ilustrado /scanner/com a imagem do folheto de divulgação também existente no *Espólio*, em que uma menina (face a um poste indicativo de um caminho de: *Serviço Social*) põe os olhos no céu e tem o seguinte texto: “(...)Mãe: a sua filha terminou os seus estudos. Chegou encruzilhada. Que caminho seguirá? Ela tem 18 anos. E quer preparar-se para uma vida grande, nobre, generosa, que lhe encha o coração e lhe garanta p futuro. Procura uma actividade moderna, actual. Oportuna, que utilize toda a riqueza da juventude. Pois bem. Não hesite! Aconselhe-a a dirigir-se e ao *Instituto de Serviço Social*(...)” (ONF, Jul. 1945). Dois anos depois, mais uma vez, antes das matrículas tem:“(...) Abertas as inscrições no *Instituto de Serviço Social*. Os cursos ali ministrados têm por fim dar às raparigas que os desejem seguir, a formação necessária pára poderem exercer com eficiência, o trabalho social, tão urgente nos nossos dias. Por meio de estudos teóricos e práticos, estágios, visitas de estudo, et c., as alunas preparam-se durante três anos e meio para tomar conta dos muitos lugares que hoje necessitam de Trabalhadoras Sociais. Aí irão depois prestar a todos o auxilio necessário para- o melhoramento das suas condições de vida As condições de admissão são as seguintes: Idade de 18 a 30 anos: 7º ano dos liceus ou cultura equivalente(...) boa formação moral, inspecção médica(...) exame de admissão, de que, no entanto, serão dispensadas as candidatas com média mínima de 14 valores no 7 ano do liceu ou exame de admissão a qualquer Faculdade ou Escola Superior (...) ou com o curso do magistério primário. (...)” (ONF, Set. 1947).

Os Cursos de *Donas de Casa*, de *Educadoras familiares* e de *Assistentes Sociais* do *Instituto de Serviço Social* são elogiados por é neles que as raparigas “(...)obterão uma formação moral, doméstica e profissional perfeita, que as transformará numa das maiores e mais construtivas forças da Nação(...) (Maria Lúcia, ONF, Jul. 1944). Este é o artigo teórico da directora da revista em que ela também esgrime argumentos de natureza mais teórica para explicar a necessidade da rapariga tirar um curso, nele fazendo uma apresentação do que pensa sobre a importância da escolha da profissão, a reflexão sobre o que são profissões femininas, sobre a paixão da cidade, a preparação

das raparigas para donas de casa e mães de família e sobre a Educação e elevação do nível de vida das classes pobres e trabalhadoras, nas cidades, nas vilas e no campo(...)"(Maria Lúcia, Jul. 1944). Se é sempre difícil escolher uma, a "(...) dificuldade sobe de ponto quando se trata de raparigas. É que a rapariga nasce com profissão marcada: pobre ou rica, ela será, acima de, tudo, dona da sua casa, mãe dos seus filhos(...)" (Maria Lúcia, Jul. 1944). Porém, perante esta inevitabilidade, pode ainda ser possível e é mesmo "(...) indispensável conciliar a profissão escolhida com a profissão inata (...)" (Maria Lúcia, Jul. 1944). A rapariga possui também, evidentemente, a sua personalidade(...),vque o temperamento e o destino femininos possam unir-se, completar-se e aliar-se, no desempenho de tal ou tal profissão. Que todas as Escolas, que todas as Universidades, que todas as carreiras se facultem à mulher, porque a inteligência e o génio não têm sexo; mas que as simples; obscuras mortais, possuam as mais modestas e apreciáveis das virtudes: consciência e bom senso. As raparigas devem pois, escolher de preferência as carreiras que lhes permitam empregar e desenvolver as suas faculdades femininas, e em que melhor possam servir a .colectividade sem prejuízo dos seus deveres e felicidade pessoais. (Maria Lúcia, Jul. 1944). Por estas razões, a directora da revista considera então que o "(...) O Instituto de Serviço Social é, justamente, a escola onde as raparigas, terminado o curso dos liceus, se preparam para profissões essencialmente femininas. Os seus cursos de Donas de Casa, de Educadoras familiares e de Assistentes sociais são admiravelmente elaborados, no sentido de valorizar, pessoal e, profissionalmente, as raparigas que os frequentam. Eles, dão-lhes, além duma cultura universitária, uma formação moral sã e profunda, e, sob o aspecto prático, abre-lhes carreiras com o ordenado mínimo de 1.000\$00 mensais (...)"(Maria Lúcia, Jul. 1944).

Algumas instituições que ministram cursos considerados adequados às raparigas são objecto de informações mais aprofundadas em *Os Nossos Filhos*. Neste grupo temos de mencionar o *Instituto de Serviço Social*, ainda hoje no Largo do Mitelo, 1, em Lisboa onde era possível frequentar cursos de *Donas de casa*, de *Assistentes Sociais* e de *Educadoras familiares*. Sobre a instituição em si é dito que "(...)tem por fim conseguir mais elevada concepção e organização da vida familiar e social, e para isso procura exercer em todos os meios acção social profunda, pela educação e pelo melhoramento das condições de vida nos vários sectores(...) procura formar um grupo de pessoas competentes para todas as organizações e criações de Serviço Social, e, ao mesmo tempo, ser um centro, de informações, de documentação e de realizações sociais.(...) o

fim do Serviço Social é acção social, prática, cujo fim é instauração e a restauração da ordem social, pela adaptação dos indivíduos à sociedade, e pela adaptação das condições económicas e sociais às necessidades do indivíduo(...)” formação destina-se prevalentemente a indivíduos do sexo feminino que queiram consagrar a sua vida a um trabalho social profissional (...) anexo ao Instituto funciona um Centro Social e Familiar que serve as freguesias da Pena e Anjos – faz assistência e educação das famílias por meio das Visitas domiciliárias, Consultas sociais e familiares, reuniões de Mães, Cursos de *Ensino Familiar e Doméstico*, aula e vigilância do estudo das crianças. O Instituto é dirigido por Mlle. Marie Tèreise Lévêque (...)”(ONF, Set. 1944).

Deste Instituto, onde fez o curso de *Assistente Social*, dirá Maria Eugénia Varela Gomes³²³: “(...) no meio daquele bando de reaccionários e fascistas que nos ensinavam, havia uma excepção: o meu querido Dr. Abel Varzim. Nunca poderei esquecê-lo. Foi com ele que abri os olhos e acordei para o mundo real que nos rodeava. Dava-nos *Encíclicas e Economia*, mas aproveitava para nos ensinar um pouco mais, Nessa altura, ele era controlador da *JOC - Juventude Operária Católica*- e dirigia a publicação do jornal *O Trabalhador*. (...) ele foi mesmo posto na rua (...)” (Cruzeiro. 2004. p. 93)

Aqueles três Cursos deste *Instituto* vão ser diversas vezes mencionados na revista, sempre de forma apologética. Até aos anos 50 vários são os anúncios sobre eles publicados e irão ser diversas vezes sugeridos, na correspondência do *Espólio*, para as raparigas que ainda se encontram indecisas sobre o rumo profissional a dar às suas vidas. Fora também aqui que Adriana Rodrigues (Barata Moura) fizera o *Curso de Educadora Familiar* e era ela uma das maiores colaboradoras destes anos 40 em *Os Nossos Filhos*, como referimos. Também foi ela que participou, como dissemos, nos programas radiofónicos que Maria Lúcia Vassalo Namorado patrocinou no *Rádio Clube Português* em meados dos anos 40, ou seja, antes de integrar o *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*. Sobre os cursos ali ministrados serão feitas as seguintes apreciações em *Os Nossos Filhos*:

³²³ Muitas senhoras mais tarde com protagonismo quer no regime quer na oposição haviam frequentado o Instituto. Nesse grupo estão a actriz e encenadora Fernanda Lapa e Maria Amélia Vieira de Carvalho que referimos aquando da criação da biblioteca itinerante de Vila Viçosa. Do Curso de Maria Eugénia Varela Gomes, em 1947, faziam parte:“(...) Margarida Lencastre, Vitorina Henriques, Maria Eugenia Saldanha, Maria Helena da Conceição, Elvira Mil Homens, Manuela Antunes (Mané), Maria Eugenia Varela Gomes e Carmina Toscano. (...)” (Cruzeiro. 2003. p. 112).

Quadro n.º29.: Cursos do *Instituto de Serviço Social*:

Curso de Donas de casa	Existem muitos Cursos de Dona de Casa em Lisboa mas quase todos pecam por deficiência de organização, falta de professoras especializadas e saibam o que as alunas precisam de aprender; este é perfeito e completo; destina-se a meninas da sociedade e a senhoras que desejem aperfeiçoar os seus conhecimentos; duração de um ano, sem direito a diploma mas dá o conhecimento profundo e completo de quanto interessa à mulher e ao lar; problema das compras, do orçamento caseiro, da organização racional das ementas, o valor dos alimentos, seu preparo e conservação, maneira inteligente de os aproveitar, combinar e cozinhar, o arranjo, embelezamento e higiene do lar, as roupas e seus inúmeros capítulos, desde a pequena passagem à execução de vestidos, desde tratamento das nódoas aos engomados; E aconselha-se às Mães para suas filhas de mais de 16 anos para serem antes de tudo o mais boas, conhecedoras e hábeis donas de casa, condição primacial da felicidade familiar	Ago. 1944
Curso de Educadoras familiares	Duração de 3.5 anos, diploma oficialmente reconhecido pela Junta Nacional de Educação, com o ordenado mínimo de 1000\$00; devem ter o 7º ano do liceu, uma boa cultura geral e um exame de aptidão; primeiro ano, destina-se a preparação geral(...) estudo da enfermagem, da higiene geral, alimentar e social, da educação física, da puericultura, da pedagogia, da psicologia infantil e geral, da moral geral e familiar, da economia doméstica e política sempre sob o tríplice aspecto: moral, intelectual e técnico(...) para centros sociais, grémios, fábricas, obras paroquiais, instituições médico-sociais(...) famílias que queiram em sua casa preceptora competente e aqueles que com filhas crescidas queiram completá-lhes a educação com conhecimento dos problemas familiares	Ago. 1944
Curso de Assistentes Sociais	Sua acção consiste na educação integral das famílias de que se ocupam, no melhoramento das suas condições de e na reorganização do respectivo meio(...) exerce-se em instituições oficiais e particulares (...) levar ao lar, à oficina, ao bairro pobre, aos campos, à escola, ao dispensário, a todas as classes e meios, a palavra que educa e conforta, o remédio que salva e o estímulo(...) formação neste Instituto é integralmente cristã, baseadas nas Encíclicas, orientada para o culto da Tradição e dos ideias perenes da gente portuguesa e ao mesmo tempo os métodos mais modernos(...) duração de três anos e meio; (...) as alunas fazem estágio no Centro Social e Familiar anexo ao Instituto; ordenado mínimo de 1000\$00(...) Curso com direito a diploma. Para apoiar as alunas que frequentam os Cursos em Lisboa existe o <i>Lar das Alunas</i> do Instituto.	Set. 1944

Ao referir o Curso de Assistentes Sociais do *Instituto de Serviço Social* é dada a indicação dos locais onde estão a exercer as raparigas formadas por essa Instituição: das 34 alunas, dezoito estão em Lisboa, duas em Braga, uma em Coimbra, cinco em Cascais, duas no Porto, duas em Portimão, duas em Alhandra, sendo uma na *Fábrica de Cimento Tejo*, uma na *Fábrica da Vista Alegre* e uma nos Açores. (ONF, Set. 1944).

Ao mesmo tempo, é dada indicação que, no começo de mais um ano lectivo, os pais podem pensar em qualquer um destes três cursos para as filhas que tenham acabado o Curso dos liceus. (ONF, Set. 1944). Estes anúncios a esta instituição desaparecem por completo, depois dos anos 50.

Um outro curso que Maria Lúcia Vassalo Namorado considerava adequado a uma rapariga era o de Visitadora sanitária. Para termos uma ideia do que então se

entendia ser o papel destas mulheres poder-se-á- consultar o CD-rom que acompanha a tese de Pais de Sousa (1999) que é, a todos os títulos, esclarecedor do que a propaganda dele fazia.

Em *Os Nossos Filhos* é anunciado o ainda o Curso do *Instituto Superior de Higiene Ricardo Jorge*, que tinha a duração de um ano lectivo. E que tinha, como condições de admissão:“(...) ter menos de 18 anos nem mais de 30(...)Possuir como habilitações mínimas o 2.º ciclo dos liceus ou as correspondentes dos cursos equivalentes(...), não sofrer de doença contagiosa e possuir a saúde e robustez necessária ao desempenho das funções e, ter bom comportamento moral(...)” (ONF, Jan. 1949). Seria possível, mediante autorização do “(...)Subsecretário de Estado do Assistência Social a inscrição no Curso a candidatas que não tenham a idade legal e as que não possuindo os habilitações mínimos exigidas pelo presente Regulamento, em razão da prática da serviços sociais, da sua cultura geral ou por outras circunstâncias atendíveis reunam as qualidades necessárias para o bom desempenho das funções de visitadora. Na inscrição para se matricularem no Curso têm preferencio as que possuírem maiores habilitações literárias. Com o requerimento para a matrícula, feito em meia folha de papel selado e a assinatura sobre um selo fiscal de 5\$00, é necessário apresentar bilhete de identidade e certidão das habilitações literárias(...)” (ONF, Jan. 1949).

Educadoras de infância

Como referimos, a maior das causas de Maria Lúcia Vassalo Namorado em *Os Nossos Filhos* é a da educação infantil. Também no campo da formação feminina para exercer essa profissão são alguns os conselhos dados a leitoras que não sabem que orientação dar á sua vida profissional. A recomendação/sugestão para que as raparigas, solteiras ou não, façam desta área uma profissão é constante na revista. Em 1948, usando o mesmo desenho que já apresentara para sugerir o *Instituto de Serviço Social*, vai aconselhar a frequência do *Curso de Didáctica Pré-Primária de João de Deus*:“(...) Professora do Ensino Infantil: em Lisboa, na sede da Associação dos jardins-escolas, funciona um curso de didáctica pré-primária, curso esse também fundado e orientado pelo Dr. João de Deus. ...Para seguir este curso com facilidade e bom aproveitamento, convém possuir o curso geral dos liceus (5-º ano); não é necessário apresentar o diploma, pelo que bastará possuir cultura equivalente. Não tem limite de idade. O curso dura 6 meses; funciona de Fevereiro a Julho, todos os dias. Excepto sábados e domingos. durante 2 horas, à tarde. Além da teoria deste curso, as alunas têm a prática

no próprio Jardim-Escola. O curso é gratuito, e confere diploma. O diploma custa 100\$00, pagos em 2 prestações. Um curso rápido, económico. Cem por cento feminino, que hoje garante às raparigas imediata colocação tanto em Lisboa como na província (ONF, Dez. 1948). Como acontece para a sugestão dos cursos do Magistério Primário, também é muitas vezes no correio da *Avôzinha* que se encontram algumas sugestões sobre o Curso da *Escola João de Deus*. Em resposta a *Folha seca* que vai fazer curso de História e Filosofia a menina também é aconselhada a, em qualquer ano, ir frequentar o de Didáctica Pré-Primária, de Janeiro a Julho, no Museu João de Deus, na Av. Alvares Cabral...quando concluisses verias qual te agradaria mais...Dr. João de Deus Ramos costuma dizer: "«Supõe-se que para ensinar pouco, basto saber pouco. Não. Isto é um erro. Para ensinar pouco ,é preciso saber muito" (...). Se o podes fazer, não hesites em tirar o teu curso superior, para depois te especializares no ensino infantil(...)" (ONF, Nov. 1951), que funcionava assim como uma espécie de pós-graduação³²⁴.

Professoras primárias:

Dado que não nos foi possível analisar toda a correspondência do *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* não podemos indicar o número total de professoras primárias que interagiram com a revista durante os dezasseis anos da sua periodicidade mensal mas temos a certeza de que são algumas centenas. Não existem os verbetes de assinantes que eram realizados como já referimos no 1º capítulo deste trabalho. No entanto temos a certeza de que o maior grupo socio-profissional que lia *Os Nossos Filhos* era composto por professoras primárias. Na revista também elas têm um lugar de destaque, pois são muitas as senhoras dessa profissão que ali vêem publicados artigos seus. Se a construção da profissão foi já analisada (Nóvoa, 19), seria possível definir, a partir da revista e do *Espólio* um quadro de identificação do quotidiano pessoal e profissional destas centenas de mulheres que escrevem para *Os Nossos Filhos*. Em relação ao número de artigos da autoria de professoras primárias, que se incluem no grupo dos que foram por nós seleccionados, temos um total de dez que ali publica mais

³²⁴ Em 1955 foi realizado um Curso de puericultura para universitárias, por sugestão de um grupo de alunas da Fac. Letras de Lisboa, e desejo de Dr. Manuel Farmhouse e por iniciativa dele...realizou-se um curso de Puericultura na *Divisão Feminina do refúgio do Tribunal Central de Menores*...duração de 1 mês, 12 lições, 4 teóricas e oito práticas...alguns filmes e uma exposição de livros sobre puericultura...seguido por 52 senhoras, na sua maioria alunas universitárias. Curso gratuito, regido pelo Dr. Manuel Farmhouse...que à criança tem dedicado o melhor do seu esforço(...)" (ONF, Abr. 1955). Deste curso temos o programa das lições que nos foi fornecido por Maria Isabel Vieira Pereira, que também o frequentou (Cf. *Apêndice Cap. 4- Biografias* e entrevistas para este trabalho). Do grupo das formandas com o médico colaborador da revista (Cf. *Apêndice Cap. 4- Biografias* e entrevistas para este trabalho) existe fotografia na revista.

de cinco artigos. No *Espólio* as cartas das professoras primárias são o grupo maior. Vejamos alguns exemplos de quem escreve, de onde, para quê, o que diz. O levantamento exaustivo destes dados forneceria um excelente retrato do quotidiano destas mulheres trabalhadoras e do das(os) suas(seus) alunas(os) nos anos 40 e 50 do século passado.

Maria Alice Sendas, professora oficial, Sambade, Alfândega da Fé	vi referência na revista à Casa Regional da Ilha Verde e parece que compreendi que se encarregava de bordados, caso lhe fossem pedidos; favor de dar seguintes informações: essa casa borda para qualquer pessoa que peça? Pessoal competente para executar qualquer trabalho? Muito caro? Qual direcção? Preciso de lençóis bordados com toda urgência	Caixa 26 Maço 4
Maria Aldonça Rosado, em Moura	34 papéis resposta ao mesmo concurso das cores um aluna escreve: "(...)Vitória dos Anjos Lameira Teixeira- rocho(sic)= nosso.sr. Na coaresma(sic); encarnado = diabo	18 2
Eduarda(Rosa Marques Leitão da Silva, do Colégio de N. Sra de Fátima, Abrantes	(2 cartões 16 x 9 cm , timbrados de) JHS <i>Ecce Ancilla Domini Fiat</i> agradece reconhecida a apreciação e benevolência usada com os trabalhos das minhas pequenitas; pediram-me 10 números do mês de Maio	18 6
Maria da Conceição Nobre, de Lisboa	só em princípios deste mês estava livre dos exames.. envio entrevista - artigo dum serão de arte da Academia onde sou professora; se entender que merece publicação, ficaria grata...Interessará, em Outubro, 1 entrevista com as professoras e alunas, crianças, cegas da <i>Feliciano de Castilho</i> ? A revista tem repórter fotográfico? Desde os 14 anos que colaboro em jornais e revistas; gosto de jornalismo tenho razoável col. de biografias femininas devem ser 400 e espero arranjar mais; tencionava editar um Dicionário Biográfico Feminino mas edição é cara; gostaria de publicar em qualquer jornal mas pagassem; jornais onde colaboro só um me paga; não pode inserir mais; nós que escrevemos qualquer coisa, quando vivemos apenas do nosso trabalho precisamos dum estímulo material para ele; quando se é rico, basta fazê-lo por desporto intelectual; conhece algum assim?	26 4
Maria Zelinda Franco Andrade Matos, Touriz, freguesia de Midões (luto)	acuso recepção de "nossa" revista(...)envio dinheiro e espero a partir desta data me seja feito o desconto especial a professoras	30 1
Maria da Piedade Moura, em Espinho	acho do maior interesse este concurso (da <i>Varinha de condão</i>)...para nos professoras	37 4
	recebi postal agradecendo as pequenas redacções que enviei para o Concurso...envio agora no último dia do prazo...as redacções de uma professora da aldeia que tem as 4 classes tem interesse apenas para ver bem o atraso dessas crianças que comem mal, caminham muito para ir à	37 4

	escola e têm por agasalho e para se defender da chuva, apenas sacos velhos que põem pela cabeça. Foi difícil fazê-las compreender o que são fadas pois apenas conhecem histórias de ladrões.		
Maria João Vasconcelos, professora primária, da Escola Avé Maria, Lisboa	para concurso varinha de condão/ mando finalmente 63 redacções entrego-lhe os rascunhos com erros e tudo(...)Atenção para redacções 35, 39 <u>41</u> , <u>52</u> e <u>53</u> que considero notáveis pela poesia e pela ideia(...)Não sei quando lhe entregarei os meus artigos...tenho tanto trabalho e tão pouca disposição...	37	2
Alice Antunes, do Lobito, leitora dedicada	embora um tanto tardiamente remeto depoimentos dos muiditos da 2ª e 3ª classe da Escola Ruy de Sousa, Escola oficial primária, alunos da profª. Arminda Antunes	37	2
Maria Olegário em Peniche (também indica morada de Sintra)	/carta e texto sobre " <i>Madame Curie</i> " e "aprender até morrer"/que o doentinho esteja completamente restabelecido...sua bondade para comigo...vou a França passar férias grandes...passaporte, tenho autorização do Ministro e meus tios esperam-me ansiosamente. meu pai continua indiferente, há mais de um mês que não o vejo (...) ainda não terminei meu artigo sobre o <i>Ensino da Redacção</i> (...) meus discípulos de quem me despedi com um nòzito na garganta. Tenho ainda 8 para o exame de admissão e estarei com eles até final das provas orais mas estes são alunos particulares, alunos de outras Sr.as. Nas 4ª classes. Só deram lições comigo 2 meses mas também já me afeiçoei a eles. Estarei em Peniche até dia 30. Vou para Sintra até dia 6 Agosto. Depois será sonho maravilhoso que começará...passarei por aí agradecer-lhe boas palavras...não esperava que o meu pequenino trabalho pudesse ter algum interesse e afinal ele foi tão bem aceite!8original)...boa vontade para continuara a escrever sobre a criança e actividades escolares, não só escrever como observar e estudar a sua psicologia e maneira de ser mais dois trabalhitos meus escritos há já alguns anos mas que me parecem dignos de nota. Foram um pouco modificados e burilados...	38	3
Maria Olegário em Peniche	recebi seu postalzinho; directores da escola pouco competentes, pouco cumpridores de seus deveres, pouca ou nenhuma educação e armam-se em grandes patrões...exigindo respeito que não merecem, nem professores efectivos param em Peniche; arrelias por motivos profissionais e se aqui estou é porque terra é boa...exames estiveram marcados para dia 18, para dia 9 e hoje dia 8 mandaram dizer para trazer alunos porque as provas eram hoje; tenho aula mista de crianças tracomatosas que frequentam 2ª e 4ª; por isso estão separados dos outros; recebem tratamento médico diário do tracoma na Escola de Peniche de Cima; pobres, miseráveis e precisam muita ternura e carinho; têm de vir fazer prova perante júri previamente determinado; esperavam prova amanhã para vestir fatos novos e algumas não tinham lápis...; eu soube de manhã porque Srs. directores não me avisaram; quando chegaram já outras crianças iam a meio das provas e elas sentiram-se em ambiente estranho e desmoralizador; finalmente provas levaram data de	26	Maço 4

	<p>dia 9, o realmente marcado; fui rebelde, gritei e barafustei pela 1ª x com director da Escola; provas (de exame da 2ª)correram bem mas ganhei talvez um inimigo; mas não tinha razão?; 4ª classe = 25 alunos: 5 meninas e 20 rapazes; exame dia 23/7; fazem exame 222ª classe = 13 meninas.. fizeram hoje exame mas aulas até dia 14 ri e chorei ao ver artigo na revista de Junho; meus alunos vaidosos; mas preguiça porque meus tios também me convidaram a passar férias grandes com eles em França, Espanha e Marrocos...meu pai não tem vontade que eu vá, economias que não chegam...fui ainda nomeada para exames de adultos; durante + de 8 dias ensinando H e M da 3ª e 4ª classes do concelho de Peniche</p>		
Judith Fitas, da Covilhã	<p>interesse na pequenada e naqueles que por eles se interessam...não fugi à regra mas atrasei-me um pouco...tenho em meu poder uma redacção feita há + de 1 mês pelo meu pequeno amigo- 12 anos- João Nuno Oleiro Morais Alçada a quem a pedi no intuito de a mandar logo infelizmente meti-a num livro e não havia meio de a encontrar...já desesperava...quando apareceu</p>	38	3
Laura Dias Simões, em Ancião, distrito de Leiria	<p>Ancião: pequena vila de progresso lento, comércio e bom mercado ao domingo; sede de concelho, distrito de Leiria, perto de Coimbra, com carreira diária para lá; daqui natural; casada, 2 filhos; menina de 5, 5 anos e <u>rapação</u> de 2,8 anos; saudável mas pequena menos forte; estou a escrever em intervalo das aulas; não devo abusar da paciência de V. Ex. ando a pensar na solução de 1 problema: como há escolas primárias espalhadas por toda a parte, devia haver mais também devia haver para ensino infantil. Tinham missão tão útil como primário; meus filhos escusavam de estar 6 h do dia entregues a 2 criadas que tenho, infelizmente tenho de ter duas; e iam aprendendo muitas noções úteis se se arranjasse aqui um grupinho de 3, 4 anos até 6, não seria possível arranjar uma Sra. carinhosa que soubesse ministrar o ensino escolar infantil, canto coral, música, e labores? Não terá este problema solução? Sr.a de conduta irrepreensível e competente. .o que nos diz?</p>	26	2
Idalina Amélia de Paiva Ribeiro ³²⁵ , na Nazaré	<p>agradeço suas palavras; não sei quais condições de admissão no <i>Instituto de Odivelas</i>, nem importância das mensalidades; continuo a tentar minha colocação dentro ou nos arredores duma cidade onde haja Liceu mas até agora nada consegui; antes de me falar numa indústria remuneradora para estas mulheres e para mim já tinha pensado nisso; acção da D. Etelvina Lopes de Almeida em organizar aquele curso de tecelagem doméstica em Serpa tem-me levado a pensar que também aqui teria fazer; como tenho um curso de Educação de Adultos, feminino já se vê,...nas épocas de crise, quando mar se torna avaro ou não permite saída de barcos, situação desta gente é angustiosa; há casos de morte à</p>	26	2

³²⁵ Tem cinco cartas com este nome mas é a mesma da carta seguinte, em Caixa e Maço diferentes.

	míngua de alimentação		
Idalina Amélia de Paiva, professora oficial na Nazaré	solicitando-lhe um favor do qual depende o futuro dos meus filhos...a sra que é mãe e tem grande valor junto das estâncias(sic) oficiais...tenho absoluta necessidade de colocar-me em Lisboa para poder educar os meus filhos...a pequena já fez a escola primária, tem 11 anos, precisa de ingressar no liceu, mas não tenho possibilidade de a internar num colégio nem de pagar mensalidades em casa particular fora daqui pq não existe qualquer estabelecimento de ensino secundário. Daqui por 2 anos tenho o pequeno nas mesmas circunstâncias...professora tem de ter pelo menos 23 valores para se colocar em Lisboa ou outra cidade e só tenho 19...possibilidade é obter 1 escola num dos bairros económicos. Sei que há lugares vagos no Bairro Económico de Caselas. Essas vagas são sempre preenchidas por livre escolha e nomeação de S Exa o Ministro da Educação Nacional, mediante requerimento dos interessados....visto que bens materiais não tenho para lhes deixar...fazê-los suficientemente educados e instruídos para serem úteis para eles e para a sociedade. pedidos para esses lugares são sempre muitos e atende em 1º lugar os que lhe são dirigidos pelas pessoas que + consideração lhe mereçam meu marido pode aí exercer...ao passo que aqui esse diploma de pouco lhe serve, visto não haver, como já disse, estabelecimentos de ensino secundário. V. Exa toma como seus os problemas alheios. ...Se digne interessar-se por mim e me informe se posso contar com a sua protecção, para enviar o requerimento necessário	34	2
Maria Eugénia Ferreira da Cruz ³²⁶	vale para assinatura anual de Irene Pereira Ferreira de Pontena; Consegui outra assinante mas noutras condições que não sei se previstas: pouco interessa prémio; é bom realizar certos problemas q afligem a humanidade, campanha de assinaturas em curso...Germina em mim a fundação de uma creche na localidade onde exerço minha função de professora e onde sou tão mal agradecida; professor considerado vulgar ou inferior àqueles que têm 1 vinha, para conseguir impor-me mostrando que não é pelo \$ que se apreciam as pessoas mas pelas suas qualidades morais e intelectuais, tenho arrastado com grandes dificuldades, dissabores e arrelias; estou só e minha colega e médico não me ajudam; ; nova assinante como não é pessoa das minhas relações prefiro que mande \$ directa/ para sra; ela chama-se Violeta Soares Moreira, Pontena. Assinatura anual. Creche que tantos benefícios traz a esta terra tão cheia de bens materiais ...pobre de espírito, desejava perguntar a V. Exa. coisa	s.d. Caixa	26 Maço 2

³²⁶ Nesta carta desta senhora que, tem três cartas, escreveu, a vermelho, Maria Lúcia Vassalo Namorado:“(...) assuntos sociais: tratei os assuntos das 2 novas assinantes mandei opinião ao Dr. Victor Fontes. No fim de semana devo ter resposta; sobre a cunha, diga com que colaboração material e técnica pode contar; não desanimar(...)”.

	<p>muito difícil de conseguir e um conselho: estou a interessar-me por 1 pequenita de 9 anos, microcéfala, filha de rapariga nova ainda não casada mas que já tem 4 filhos, tem mãe com ela que em nova foi mesma coisa porque teve 7 filhos de pais diferentes; mãe das crianças tem de ganhar para 6 pessoas, ...tenho dado roupa dos meus filhos e especialmente para tolinha que é maltratada pela mãe e avó; queimada porque está muito perto da lareira; mão lhe vestem roupa; não consegue comer sozinha; comem antes e às vezes ela feria bate com testa no chão; bocados de broa que vizinhos dão, roubam-na os irmãos, lembrei-me de ver se seria possível colocar numa casa de caridade para estes infelizes; chamei mãe e disse o que me apeteceu mas nada...</p>	
<p>Maria Eugénia F. Da Cruz³²⁷</p>	<p>(data resposta)afazeres profissionais, filhos, casa e por vezes pouca disposição motivada pela pouca saúde não me permitem escrever pessoas amigas...respondo à carta de janeiro; obrigada pelas palavras; sonho com a creche que jamais terá realização; contava com as instalações do actual edifício da escola, com um subsídio da Câmara, conseguido por influência do nosso vereador, que tem por mim consideração; pedi aos filhos da terra que estão fora, pedindo donativos, fazendo festas de beneficência e obtendo dos lavradores géneros de alimentação como batatas, feijão, hortaliças, milho, vinho, etc.; hoje tudo se modificou porque Comissão de Melhoramentos da Terra resolveu destruir o edifício e fazer novo no mesmo sítio; meus planos ruíram por terra; nosso ordenado chega apenas para o comer e pouco +; ocasiões em que gostava de ser rica; em face do silêncio sobre tal pequenita, concludo que nada se conseguiu; quando em Lisboa, tão difícil, como posso eu nestes meios? resta-me vontade de lhe querer minorar sofrimento não tenho fotografia com meus 3 filhos; também não posso fazer vontade concorrendo ao concurso literário falta de tempo e pouca saúde não me dão coragem para tal; com nervos alterados e muito abatida; escola com as 4 classes e muito frequentada; meti-me também na resolução de uns assuntos; 24 alunos para exame este ano, sendo 7 para exame de admissão ao Liceu; todos os dias saio da escola depois das 5 horas; tenho visto anúncio a creme "Natus"; pedi 2 caixas e disseram-me que não há; não há de facto?;</p>	<p>Caixa 26. maço 4</p>
	<p>É professora . Tem 60 alunos divididas por 4 classes e outros alunos para exame de admissão. Castiguei um miúdo de 7 anos por cheirar a água ardente. A explicação deve-se ao frio que se faz sentir e os pais dão a beber aos filhos aguardente para os aquecer. Manda 3 nomes de novas assinantes:- Benvinda(?) Ferreira (?).- Orquídia dos Santos Oliveira. - Idalina Quinta Ferreira.</p>	<p>s.d. Caixa 59 Maço 2</p>

³²⁷ Mesma senhora da anterior mas nem sempre usam mesmo nome.

	afazeres e preocupações têm-me impedido de responder pedido de V. Exa. Direcção de 3 assinantes...revista é pouco conhecida nesta região...trago em mente a resolução de grandes problemas para a educação do povo mas aos quais é difícil dar cumprimento porque me vejo só. Noutra ocasião, com um pouco mais de vagar expor-lhe-ei para que me dê um pouco de alento e de confiança em mim própria. Há tanta coisa a fazer e tão pouca gente a trabalhar!...Só aceitam carta lacrada...vou aventurar-me a mandar o dinheiro assim...favor acusar recepção	26-1-49 Caixa 31 Maço 3
Rosa Soares de Pinto, professora agregada, assinante, em Airas, Feira	2º ano que trabalho; assino a revista; 1º lia por prazer, agora por necessidade; gosto secção cultural; estou em aldeia sem luz não posso ter rádio para me distrair; férias em casa, Frossos, e por isso recibos saiam dali; mandar revista para aqui; também assino porque tenho sobrinha de 2 anos; procuro em <i>Os Nossos Filhos</i> a maneira de curar as suas perrices e a sua teimosia extrema	26 4
Maria do Patrocínio (Antunes da Silva), em Povos	depois de ter estado aí minha mãe adoeceu, eu 2 vezes com gripe e a seguir um furúnculo numa perna, não cheguei a ir à Escola João de Deus; agora consegui colocar com garantias 50 contos ao juro de 8%; estou interessada na compra de uma máquina de tricot eléctrica; tenho que resolver o meu problema e não sair muito de casa de modo a não deixar a minha mãe, não vê nem ouve bem e minha irmã casa dentro de dias	26 4
Maria Isabel, professora primária de aldeia, em Santa Comba Dão ³²⁸	escrever deitada com dores em casa de meus pais por isso não agradei última carta; agradece oferta da revista; não a esquecerei nas minhas "Cartas"; logo que voltar a trabalhar, falarei às minhas colegas; muito trabalho porque regente de posto anexa à minha escola foi transferida e eu com crianças: trabalhar com 55 alunos, das 9-5 tarde foi violento para resistência física; não interessam minhas "cartas" às "cidadinas" porque são de aldeia	26 4
Berta L. Mascarenhas de F. A Batista, pseudónimo <i>Berfiba</i> em Bordeiro, Góis	envia cheque para pagamento Consulta com resposta para pseudónimo: minha mãe não nos ensinou a cumprimentar pessoas de família beijando mão; meu marido foi assim educado; como devo ensinar meu filhinho? Não gosto porque bastante anti-higiénico e impróprio...minha opinião mas há qualquer preceito de educação?; minha educação e dele chocam-se,...Para título do novo concurso escolherei: Ajudai os pequeninos /2/2/51/carta ficou retida entre papelada...	Carta em 11 de Jan. e 2 de Fev. 26 4
Maria Aida Dias da Cruz Ventura, professora e mãe, em Alpalhão,	recebi postal; se não respondi vossos concursos = falta de tempo; 7, 5 e 2 anos, respectivamente, 2 rapazes e menina; meu marido professor em Portalegre e este ano separada dele e com uma 4ª classe que recebi e filhos + novos quase permanente/ doentes; preocupação constante de	26 4

³²⁸ É Maria Isabel Rodrigues Anjo, filha de César Anjo e irmã do médico com mesmo nome. (Cf. *Apêndice Cap. 4- Biografias e Entrevistas* para este trabalho)

Nisa	tentar ir para Portalegre		
Belmira da Piedade Almeida, professora primária, em Diu, é goesa ³²⁹	com muito praxer (sic) leio a revista...confesso que me sinto cada vez + atraída para problemas infantis...da leitura despertou em mim um desejo crescente, uma ânsia de criar em Goa, que é a minha terra, um jardim-escola mas não possuo o treino necessário para uma empresa tão delicada. Gostava tanto de «tirar o Curso da escola João de Deus ou outro similar! Se não me engano é de 6 meses apenas mas a estadia na Metrópole, embora curto, vai custar algum dinheiro que não me sobeja dos meus exíguos ganhos de professora. Como remediar esta situação? Poderia conseguir a minha transferência para a Metrópole?...peço que me ajude a resolver este problema	77	4
Amélia Só Monteiro, assinante trimestral, professora no Entroncamento	pagamento da assinatura trimestral, e restante para subscrição da revista a favor de Joaquim Alberto da Conceição dos Anjos: de meu sogro João Pedro Monteiro, de minha mãe	27	1
Maria Jesus Mateus Oliveira Mendes, irmã de Clotilde	apresentar despedidas	29	3
Lídia Helena de Sousa Albuquerque Matos, professora em Eiras, Coimbra	agradavelmente surpreendida com postal de V. Ex.a. alegria qualquer notícia sobre a nossa escola classificada em n.º 1 no distrito de Coimbra; em 1948 tomaram conta do novo edifício, do Plano dos Centenários... (marido escreve um P.S. Em que diz):daria V. Ex.a uma surpresa agradável a minha esposa se publicasse a fotografia <u>O vira</u> da festa de 1938, onde esta a minha filha já professora dos liceus	29	3
Elisa do Nascimento Lopes Augusto, professora na Estrela, Póvoa de S. Miguel, Moura	enviar mês de Novembro a revista (...) e considerarem assinante por um ano...condições de assinatura?	29	3

³²⁹ Cf. *Apêndice Cap. 4- Biografias*. Será com o apoio dela, já em Lisboa, que Maria Lúcia Vassalo Namorado vai obter os diplomas do Ensino Particular Infantil (em 26 de Junho de 1959) e o Primário (em 18 de Março de 1959), como vemos em Caixa 83. Maço 4. Há mais informações sobre esta amizade em cartas do Espólio e ainda é a directora da revista que dá o parecer para esta senhora obter uma bolsa para Inglaterra, onde efectivamente irá estudar. Vejam-se a carta confidencial enviada, em 13 de Abril de 1955, por F G Wood, delegado-adjunto em Portugal do British Council, em nome Miss D E M Gardner, M A da University Reader in Child development, Head of Department da University Of London Institute of Education, em 13 de Abril de 1955 á directora da revista:“(...)/são 3 p. dactilografadas, uma é o original em inglês e a outra é a tradução, a outra é a carta principal); (timbrada de) The British Council, (com indicação de) Confidencial; (tem carta de ML presa com alfinete)/ teve amabilidade de escrever 1 carta atestando que conhecia Belmira da Piedade Baptista Almeida que, através deste Instituto, fez o seu pedido de admissão a um curso sobre "Child Development" do Instituto de Educação da Universidade de Londres...Universidade pediu + detalhes sobre a candidata...nós encarregaremos de tradução... (Caixa 37. Maço 4). /A resposta de Maria Lúcia Vassalo Namorado é a que está presa com alfinete e tem:“(...) Belmira da Piedade Baptista Almeida, dotada de inteligência acima do comum...conheci pessoalmente há ano e meio mas muito antes da sua vinda para Portugal já nos conhecíamos(...)”.

<p>António Emílio de Magalhães e Gil da Costa, médicos</p>	<p>satisfação pela leitura do magnífico artigo "Uma professora extraordinária e uma escola modelar", publicado no nº 135 da revista...que bem merece a estima e apreço que já conquistou em muitos lares portugueses...homenagem a uma bondosa e ilustre prof^a, para quem o magistério é 1 verdadeiro sacerdócio que derrama amorosamente a maternal luz da educação e da cultura sobre as crianças que lhe são confiadas...D. Maria do Rosário Carvalho Soares, ilustre directora da Escola primária de Queluz, que o seu talento transformou em instituição modelar...competência, dedicação e bondade</p>	<p>27 1</p>
<p>Édola de Oliveira, regente escolar, assinante anual em Vale da Urra, Vila de Rei</p>	<p>tendo terminado e como sinto grande interesse na leitura da indispensável revista, resolvi aumentar as minhas economias e junto lhe enviar \$...para renovação...da minha assinatura anual que terminou no passado mês de Junho</p>	<p>30 3</p>
<p>Beatriz Franco d'Almada, directora técnica Farmácia no Funchal³³⁰</p>	<p>desculpe só agora vir agradecer atenções que me dispensou quando estive em Lisboa....dias após a minha chegada procurei a professora, D. Regina, de que havíamos falado. Da entrevista que tivemos fiquei encantada, achei-a bastante esclarecida e compreensiva e deve tratar-se dum pessoa inteligente que deve vencer facilmente qualquer caso. Mas não podia tomar conta da minha filha por falta de tempo. Indicou-me 1 outra Sr.a que também aí esteve a tirar o mesmo curso e conseguiu até classificação superior. A impressão foi porém muito diferente. Achei-a muito paradinha e a quase tudo que lhe perguntei respondia-me "eles mandam assim; eles não mandam..."; referindo-se este "eles" aos professores daí. Pareceu-me- e hoje estou certa de que não me enganei- que lhe traçaram um plano, 1 caminho e será esse o que seguirá qualquer que seja o caso que se lhe apresente. Inclusivamente quando tratámos da remuneração - 500\$00 mensais por 1 hora diária- acrescentou que "foi o que eles disseram para levar". Como eu achasse 1 pouco pesado e acrescentasse que me valia a pena ter trazido uma professora daí, chegou a exprimir-se desta forma: "<u>Não tenho culpa</u> foi o que me disseram para levar. Nesta altura lamentei que, depois de tirado um curso e ainda + 1 especialização, ela não conseguisse ser independente...não discutia 1 centavo pois o que desejava era ver a pequena progredir. E assim começámos. Eu ia com a minha filha para baixo à hora da lição.. gastava assim 7\$ de camionete, e à tarde reuniamo-nos todos para voltarmos no nosso carro para casa. Não gostei nada da forma como tudo foi aí tratado e esperava encontrar mais desinteresse e amor à causa da parte de certo n.º de pessoas. O facto de não me ser indicado o nome destas professoras pelas próprias pessoas que as diplomaram deixa-me perplexa. Como ainda anda tudo tão errado,</p>	<p>41 2</p>

³³⁰ Não sendo professora primária é delas que fala. Tem indicação, a vermelho, escrita na carta por Maria Lúcia Vassalo Namorado: "(...) colaboradora R. em 17-1-53(...)". A professora Regina de quem ali se fala é Regina da Silveira e Sousa. (Cf. *Apêndice Cap. 4- Biografias* e entrevistas para este trabalho).

	<p>e como faz tanta falta o verdadeiro amor às causas! Parece que este verdadeiro e sincero amor só existe na vida a uma única coisa: o dinheiro. E isto numa certa classe que vive desafogada chega a ser vergonhoso...por este caminho revolta nunca mais acabo e a Sr.a tem muito mais que fazer e de + utilidade que estar para aqui a aturar as minhas caturrices. Outro caso: há 1 Sr.a daí de quem sou muito amiga e a quem bem desejaria ser agradável que me pediu para a informar da possibilidade de ganhar qualquer coisa com uma série de contos para crianças, que tem feito. Não sei de que se trata...sei apenas que é 1 Sr.a inteligente, muito culta e muito boa, tem sido muito minha amiga e eu por ela sinto um verdadeiro amor filial. São os contos da sua revista remunerados? Se o são, poderá a Sr.a mandar alguns à experiência?...uma resposta ...de maneira que eu possa ser útil à minha amiga...Recebi os livros da colecção "Juventude e Infância" de que já falei na rádio, embora sem o entusiasmo com que desejaria fazê-lo, e prometi ler um conto às crianças numa próxima emissão. Deverá dizer-se qualquer coisa na revista? Entretanto vou escrever directa/Não pensa este ano fazer outro n.º dedicado à madeira? Desta vez teria que vir cá...Junto uma cartinha para me fazer favor de entregar, quando lhe for possível, à Sr.a D. Maria Lamas. Ela teve a gentileza de me escrever mas como no envelope só trazia a direcção e não o seu nome, eu temendo que a Sr.a não deseja que a incomodem, ou que não esteja lá, peço à minha amiga o obséquio de tomar conta dessa cartinha, pelo que lhe fico muito grata (...)"</p>	
--	---	--

A leitura desta correspondência daria, como dissemos, uma análise do quotidiano destas professoras que escrevem para uma pessoa que (não) conhecem, para desabafar, para apresentar pedidos, para meterem 'cunha', para falar da violência doméstica de que são vítimas, para exporem projectos, de processos disciplinares, de pequenas bisbilhotices como é o caso de Maria Elvira Buíça Rocha que será filha do regicida de 1908 (Entrevista a Maria Cândida Caeiro. 10 Mar. 2004). Falam das(os) filhas(os), as regentes, as professoras oficiais, efectivas e agregadas, as do ensino particular também. Escrevem de grandes localidades, de minúsculas aldeias, das boas e más condições do quotidiano, uma única vez, cartas sem conta como é o caso da última professora, Maria Elvira Buíça Rocha, cujo périplo de colocações vamos acompanhando na revista. Falam sobretudo da vida, em suma.

Maria Lúcia Vassalo Namorado tem a noção da importância que este grupo representa para a sua revista porque cria condições especiais de assinatura para elas, como vimos, como também criar o *Concurso Literário* com o mesmo fim (Caixa

24. Maço 1). Quando realiza a sua *Exposição Lisboa vista pelas suas crianças* e a mesma em Évora, vai solicitar o apoio do delegado escolar para a divulgar também junto deste grupo profissional como o fizera para a Exposição em Lisboa (Carta em Caixa 19. Maço 2).

A directora da revista recomenda com frequência estes cursos porque tinha consciência que as professoras primárias, as enfermeiras, e as profissionais do serviço social, muito referidas na revista teriam a possibilidade de autonomia e sobrevivência e independência porque têm pagamento do trabalho, muito próximo do doméstico quer em casa quer no trabalho, e estavam ou poderiam estar, sozinhas perante comunidade (e por isso os conselhos para *Raparigas que vivam sós*), para manter a independência, a respeitabilidade e usarem os seus saberes para melhorarem a comunidade

Submetidas e vigiadas do ponto vista político com restrições como casamento, possibilidade de não serem reconduzidas, religiosas e locais sempre a serem observadas, como fonte de exemplo; as enfermeiras também vigiadas por não poderem casar nos hospitais civis, estavam como todas as mulheres, ligadas ao trabalho do interior da casa: coser, paciência, carinho em todas as três profissões; até a dactilógrafa e empregada de escritório fazia trabalho de mãos.

A revista é para os pais, como referimos, mas visa sobretudo as mães e dentro destas, as que, trabalhando, são professoras primárias, enfermeiras, e outras profissões da mesma ou de categoria próxima. Não há dúvida de que a feminização da correspondência é evidente no *Espólio* onde, se bem que existam, encontramos em muito menor número mulheres como professoras do ensino liceal ou do ensino técnico-profissional.

A apologia dos cursos do Magistério Primário para as raparigas era reforçada com a ideia de que essa profissão era a que melhor se coadunava com a visão de uma actividade adequada para as raparigas que dela queriam tirar algum proveito económico e que, ao mesmo tempo, não se opunha ao papel privilegiado da mulher como mãe, numa perspectiva de educadora.

Se é verdade que o regime realçava “(...) a simplicidade e a humildade, criticando as ambições pessoais ou os desejos de mudança, valorizavam a formação das consciências em detrimento da transmissão de conhecimentos, desenvolvendo em simultâneo o respeito pelas hierarquias e pela autoridade(...)” (Santo, 2003. p. 21), também é igualmente verdade que a leitura desta correspondência nos dá uma ‘outra face’ daquela realidade. “(...) Vivendo numa sociedade censurada, informada por uma imprensa censurada, sem conhecer a realidade exterior, a escola salazarista foi um poderoso

contributo para moldar o pensamento e os valores da maioria das mulheres portuguesas (...)” (Santo, 2003. 22) mas, como podemos ver na correspondência do Espólio muitas destas mulheres, tinham consciência dessa limitação e, ou se acomodavam ou a denunciavam, como aqui acontece com frequência. Esta outra leitura desse período está ainda por fazer.

Sendo a profissão de professora primária uma das que Maria Lúcia Vassalo Namorado defende como indicada para raparigas que queiram continuar a sua formação intelectual, não admira pois que, em *Os Nossos Filhos* haja referências a algumas das escolas onde era possível seguir esse curso, a saber: Lisboa, Braga e Faro.

São breves as notas sobre estas instituições de formação de professoras(es). Depois de uma apologia da profissão no início do artigo sobre a de Lisboa, seguem-se críticas severas ao edifício de Benfica e respectivo apetrechamento. Se ser “(...)mestre de ensino primário é sempre, e neste país em especial, exercer um verdadeiro sacerdócio, um apostolado bem nobre e espinhoso. É uma grave responsabilidade a dos primeiros mestres, e tão grave e delicada ela é que só a sentem bem aqueles que à escola primária dão o melhor do seu esforço e da sua actividade profissional (...)” (ONF, Jun. 1946) a formação é feita, em Lisboa, num local com acessos péssimos e, ao visitar o “(...) edifício central e os pavilhões anexos onde funcionam as escolas de Aplicação, outras decepções nos estão reservadas, se a nossa expectativa nos tiver criado a ilusão de que vamos encontrar instalações à altura da função de tão importante centro de cultura pedagógica(...)/porque/ as Salas boas, sem dúvida, amplos corredores, porém ressalta imediatamente a ausência de material e mobiliário considerado de elementar necessidade num estabelecimento desta ordem /excepto/ Uma sala de aula — a de desenho — que, realmente, se encontra provida do material necessário.. As Escolas de Aplicação funcionam em três pavilhões anexos onde trabalham dez professoras, regendo cada uma duas classes. Estes pavilhões estão em muito mau estado de conservação, a não ser um que recentemente foi restaurado. Material didáctico muito pouco e deficientíssimo. Mobiliário lastimoso e carência de muita coisa indispensável(...)”. Quanto a alunas(os), seriam duzentas em que onze eram rapazes e tinham entrado com o 6.º ano do liceu e um exame de admissão à Escola. Das disciplinas do Curso, depois de se listar a Pedagogia Geral, didáctica geral, didáctica especial, legislação e prática pedagógica, de acordo com a reforma de Setembro de 1942, havia ainda “(...) higiene, moral, organização política, desenho, canto coral, ginástica e labores(...)/visando/ uma preparação profissional que, correspondendo às

necessidades da nossa escola primária, acompanha o movimento pedagógico renovador do ensino e segundo as modernas tendências da educação(...)”. O director era, como foi entre 1943 e 1974, o doutor Octávio das Neves Dordonnat³³¹.

Sete anos depois é referida a *Escola do Magistério Primário de Braga*, tendo sido feita uma entrevista a diversas alunas: porque escolheu curso? Como utilizar o curso? Qual aspiração como agente de ensino?(...)” (ONF, Ago. 1953) foram as questões a que responderam as alunas Aldina Gonçalves Pereira³³², Maria Antonieta Bacelar e Maria Flora Nogueira Arantes. Fazem ainda um balanço da escola: “(...)dos alunos admitidos nos últimos dez anos lectivos, de 1943-44 a 1952-53 há 117 rapazes para 692 raparigas(...) tem Cantina dirigida por Ilda de Jesus Bernardo (...), Gabinete médico com médico assistente Dr. Teófilo Esquível e uma enfermeira e Biblioteca Infantil(...)festas culturais(...)”(ONF, Ago. 1953).

Em Faro, é o doutor Hortênsio Pais de Almeida Lopes- Director da *Escola do Magistério Primário* de Faro, criada em 1945, que refere que, de uma maneira geral são as raparigas que mais revelam capacidade para o ensino e que o professor primário “(...)não pode alhear-se dos múltiplos problemas educativos e sociais a que a sua acção está ligada. Assim, a Escola procura interessar os seus alunos nesses problemas, por todos os meios ie que pode dispor. A Associação dos Alunos possui uma secção cultural, e um jornalzinho — «*Escola Nova*». A jardinagem, os desportos, as iniciativas filantrópicas, são outros meios de que nos servimos para completar a preparação profissional dos nossos alunos. Além disto, procuramos estreitar os laços da boa camaradagem, realizando excursões, e festas de recepção aos novos alunos e despedida do 2.º ano. Nas Escolas de Aplicação, são os nossos alunos que promovem a organização do Presépio e Festas de Natal(...)” (ONF, Mar. 1954).

Profissões ligadas á saúde: Enfermeiras, parteiras e médicas

Enfermeiras:

Uma profissão que a revista *Os Nossos Filhos* coloca no grupo das que considera adequadas às raparigas que querem trabalhar é a de enfermeira. Algumas Escolas que

³³¹ Cf. nota biográfica em Nóvoa, 2004. (dir.)p. 299.

³³² A primeira responde: “(...)para ser apóstola, para ter uma escola disciplinada e sabedora(...)era mais fácil e estava um pouco fatigada de estudar(...)”; a segunda: “(...) ser apóstola e elevar profissão ao pedestal onde está(...)” e a terceira: “(...) ajuda a desempenhar missão no lar, quer exercer numa escola de cegos e a maior aspiração é ter aluno que venha a ser sacerdote(...)”(ONF,

dão essa formação são ali aconselhadas e, aquela a que mais evidência é dada é a *Escola Técnica de Enfermeiras*, do *Instituto Português de Oncologia*, em Lisboa, também conhecida por *Escola Rockefeller*.

Muitas são as enfermeiras que escrevem para a revista sendo a mais importante, do ponto de vista político, Maria Palmira Tito de Morais, como veremos. É também esta revista que, na *Escola de Noivas e Donas de Casa* cria o *Curso de Socorros de Urgência*, sempre dirigido cientificamente também por enfermeiras. Com este cursos não se podia, evidentemente, criar profissionais daquela actividade mas, ele fora feito com um outro objectivo: dar ás mães os conhecimentos de que necessitavam para, em casa, exercer com cuidado uma das suas tarefas: evitar as doenças da família e, no caso da sua inevitabilidade, saber como agir em situação.

Ao curso referimo-nos já na análise da *Escola* criada por Maria Lúcia Vassalo Namorado, sendo que abordaremos agora as questões que se prendem mais directamente com a enfermagem como uma das carreiras femininas defendidas pela directora de *Os Nossos Filhos*.

As escolas de formação para a área da enfermagem vão sofrer profunda remodelação precisamente nos anos 40 e cinquenta do século passado.

Embora tivesse sido feita uma primeira tentativa ainda nos finais do séc. XIX, é em 15 de Fevereiro de 1919 “(...) que é aberta solenemente a *Escola Profissional de Enfermagem*³³³, em Lisboa, e da qual será director durante largos anos o Prof. Doutor Costa Sacadura(...)” (Soares, 1997. p.36). Esta Escola resultava da “(...) remodelação da *Escola Profissional de Enfermagem* e deu origem, segundo reforma de 1918, por Lobo Alves, ao que mais tarde se deu nome de *Escola de Enfermagem Artur Ravara* cuja direcção me foi confiada e estabeleci: prévio exame médico ao candidato /a enfermeira!/(...) exame às suas habilitações literárias(...) estágio em enfermarias hospitalares durante o curso (...) caderneta escolar(...) quando entendesse, exames no IPO a que recorri algumas vezes com grande proveito(...) de uma forma um tanto ditatorial, enfrentando muitos entraves e algumas ameaças do meio revolucionário que ao tempo agitava o país...(...)” (Sacadura, 1954. p.20).

“(...) Essas enfermeiras e parteiras organizam anualmente festas em benefício da *Associação do Enxoval do Recém-nascido*- Associação por mim fundada(...)”(Sacadura,

³³³ Em 1930, pelo Decreto n.º 19060 de 24/11 a escola muda a designação para Escola de Enfermagem Artur Ravara, que ainda hoje conserva e determina que a aprendizagem prática passa a ser feita no Hospital de Santo António dos Capuchos (Soares, 1997. p. 38)

1954. p. 21) como Dinorah da Silva, Aida Marques, Irene Ribeiro “(...)ou Ana de Freitas³³⁴ que, em terras de África Portuguesa criou um núcleo análogo à *Associação do Enxoval do recém-Nascido*(...)” (Sacadura, 1954. p.21)

Em Maio daquele mesmo ano de 1919 abre outra escola junto dos *Hospitais da Universidade* de Coimbra (Soares, 1997. p.36). O governo republicanos, ao contrário do que fará após os anos 40 o Estado Novo, considerava desnecessária uma preparação centralizada e aos Hospitais era deixada a tarefa de preparação dessas profissionais.

A organização e profissionalização do ensino da enfermagem foram sendo sentidas e o “(...) o movimento da profissionalização tem raiz na negação progressiva dos saberes tradicionais(...)” (Soares, 1997. p. 106) que são, inúmeras vezes referenciados em *Os Nossos Filhos*, sobretudo aquilo que aqui se refere como as credices e as superstições, que a directora da revista veementemente quer combater e erradicar.

Até aos anos 40 a profissão não fora vista como uma área importante de intervenção. A primeira Associação de classe data de 1925 mas sem força para impor medidas de respeito pela profissão. Também desta data é a primeira revista profissional: *O Arquivo do Enfermeiro*.(Soares, 1997. p. 112)Vários problemas existiam entre os quais o excesso de horas de trabalho que era de 16 horas diárias ou mais (Soares, 1997. p. 113. nota 5). O *Sindicato Nacional dos Enfermeiros da Região Sul* é criado em 21 Fevereiro de 1931 e o seu “Programa de Realizações” espelha as dificuldades da actividade³³⁵: desde as remunerações, aos exagerados horários de trabalho de 60 a 80 h semanais ...e a competição dos não diplomados (como era o caso das religiosas que, mesmo sem curso, podiam ocupar lugares na província).

No início da década de 40 do século passado, o Estado vai chamar a si a “(...) regulamentação do ensino de enfermagem, centralizando o seu controle e a sua orientação. Na legislação publicada em 1942 e 1947, o Estado reconhece as graves deficiências na preparação do pessoal de enfermagem e chama a si a função de orientar o ensino, aprovar planos de estudo e programas, autorizar a abertura e fiscalizar o funcionamento das escolas(...)” (Soares, 1997. p. 19 e 20).

A primeira escola de Enfermeiras em Londres, criada por Florence Nightingale, em 1860 estabeleceu uma relação directa entre *Enfermagem e Ciências Médicas* (...)

³³⁴ Tem correspondência em *Espólio* e tem artigos sobre o que faz em *Os Nossos Filhos*, como veremos.

³³⁵ “Os ordenados do pessoal de enfermagem dos Hospitais Cívicos de Lisboa variavam entre 698\$00 para o enfermeiro - chefe, 648\$00 para o enfermeiro subchefe, 601\$00 para o enfermeiro de 1ª, 565\$00 para o enfermeiro de 2ª, 536\$00 para o praticante do período pós - escolar, 512\$00 para o praticante do período escolar. (...)” (Soares, 1997. p. 115. nota 11) e sobre esta base ainda eram feitos descontos vários.

/vendo a Enfermagem como / profissão laica (...)” (Morais, 1946. p. 11). Este é, também um dos grandes debates que perpassam a formação nesta área: o da defesa das congregações religiosas ou da laicidade na orientação da formação e da prática da enfermagem. Apoiante desta última hipótese, ou seja, de que a enfermagem devia ser entregue unicamente a laicos, foi Brito Camacho que defendia que “(...)as irmãs de caridade não são obrigadas a ter, e geralmente não têm, a competência profissional que devem ter as enfermeiras para o bom desempenho das funções que lhes cabem, sendo de uma ignorância completa sobre enfermagem tal como deve ser executada, de acordo com a ciência médica” (Camacho, 1932, p. 19-20 cit. In Soares, 1997. p.23).

Este vai ser também o tema abordado, em 1948, numa conferência intitulada *A Enfermagem: missão espiritual pelo amor do próximo*, em que o Prof. Sebastião C. da Costa Sacadura faz uma resenha histórica da profissão³³⁶. Nela se afirma também o carácter eminentemente feminino da actividade pois que a “(...) enfermagem nasceu na família, como bem se compreende(...) a Mãe, a Mulher é a primeira das enfermeiras (...) e a enfermagem comandada pela devoção, abnegação e sacrificio(...)qualidades inatas e essencialmente femininas(...) nos hospitais, Casa de saúde, junto dos sem lar e dos abandonados (...) a enfermeira substitui a Mãe, esposa e filha(...)”(Sacadura, 1954. p. 4-5).

Este médico defendia a posição oposta a Brito Camacho pois afirmava que “(...) pode ser profissão ou mesmo amadorismo mas sempre ideal e missão (...)e por isso a assistência aos enfermos tem sido confiada a religiosas(...)”(Sacadura, 1954. p. 7). Mesmo nas raparigas que a ela se dedicavam tinha de haver um pouco dessa ideia de missão religiosa ou seja, “(...) na alma da mulher que pretende praticar enfermagem o ideal de sacrificio pelo amor do próximo nunca apenas que enfermagem é um ganha pão ou desejo vil(...)é uma grande missão espiritual”(Sacadura, 1954. p.7) . Porque a profissão tem uma série de características ‘religiosas’ pois que, mesmo com a fundadora da enfermagem moderna, ao imprimir-lhe um cunho laico, “(...) com Florence Nightingale e as 40 senhoras da mais alta sociedade inglesa a enfermagem é laica mas

³³⁶ Existe no *Espólio*: SACADURA, Sebastião C. da Costa (1954) – *A Enfermagem: missão espiritual pelo amor do próximo*. Porto. *O Médico: Separata*. N.º 138. 22 p. Esta conferência fora proferida vários anos antes, a 7 de Abril de 1948, aquando do início da actividade da *Organização Mundial de Saúde* que “(...)e solicitou a organização das enfermeiras de todo o mundo (...) para comemorar o Dia Mundial da Saúde, sob lema “A Enfermeira, militante da saúde”(...) esta é a 1ª dessas conferências(...)”(Sacadura, 1954. p. 3)

tem as virtudes católicas da caridade, humildade, abnegação e obediência(...) pois um hospital é um templo(...)”(Sacadura, 1954. p.8 e 11).

Esta visão de compromisso será também a de Maria Lúcia Vassalo Namorado sobre esta profissão. Será talvez por esta razão que, desde o início da revista, se insistirá imenso em ensinar às mães os cuidados de enfermagem mais elementares que as tornariam melhores enfermeiras dos filhos. É este objectivo que a directora de *Os Nossos Filhos* pretende atingir com a rubrica *Mãezinha enfermeira*, que começa logo no primeiro número de Junho de 1942, a cargo da enfermeira Maria Palmira Tito de Moraes (ONF, Jun. 1942 e cf. Biografias e colaboradoras) ou com a realização de um *Curso de Socorros de Urgência*, da *Escola de Noivas e Donas de Casa*, dirigido pelas enfermeiras Beatriz Melo Correia e Louise Cunha Telles (ONF, Setembro 1952).

Outros autores, reflectem ainda sobre as qualidades de uma boa enfermeira “(...)e em especial uma boa parteira enfermeira(...): qualidades de vocação, dignidade, honestidade, dedicação, prudência, condescendência, coragem, discrição e altruísmo(...) e SEGREDO PROFISSIONAL /original/(...)”(Nogueira, 1942. p. 125 e 128). Este mesmo autor refere que, no debate sobre a importância da origem laica ou civil das enfermeiras aqueles que preferiam a primeira hipótese apresentavam como uma única “(...)razão da preferência na enfermagem religiosa sobre a civil deve-se à caridade do trato, esperança no falar e fé na cura do doente desiludido(...) porque não se compra ou vende caridade, piedade, dedicação e interesse pelo bem alheio(...)”(Nogueira, 1942. p. 126). Um outro dado muito importante nesta profissão era a “vocação” que “(...) está para a profissão como o amor para o casamento(...) sem amor vem divórcio (...) uma profissão sem vocação é desprestígio(...)” (Nogueira, 1942. p. 128).

Como escolas laicas houve, durante vários anos, apenas as duas escolas já referidas. Em 1940 “(...)havia cerca de trinta e seis ordens religiosas femininas em Portugal (Rezola, 1992. cit. In Soares, 1997. p. 43) e algumas³³⁷ ministravam cursos de enfermagem desde 1935. A *Escola das Irmãs da Caridade de S. Vicente de Paulo* é fundada em 1937, a da *Congregação de S. José de Cluny* em 1940, o *Instituto das Franciscanas de Calé* em 1947. Neste mesmo ano começa a funcionar a *Escola de Enfermagem Rainha Santa Isabel* pertencente a uma organização laica, a *União Noelista* de Coimbra. Destas escolas só três obtiveram o reconhecimento do *Ministério*

³³⁷ cf. Soares, 1997. p. 43 e seguintes.

da *Educação Nacional*, a das *Irmãs Franciscanas Hospitaleiras* em 1937 (e que fora criada em 1935), a dos *Irmãos de São João de Deus* (criada em 1938), estes também mencionados na revista e a de *Vicente de Paulo* (criada em 1937) em 1940. (Soares, 1997. p. 43).

Só esta última estava aberta a todas as candidatas, religiosas ou não e alcançou grande prestígio devido ao empenhamento da sua fundadora e directora, a Irmã Eugénia, de que(quem) falaremos mais adiante uma vez que a esse curso e à sua directora também se referem *Os Nossos Filhos*. Esta religiosa “(...) a Irmã Eugénia após 15 anos de permanência em Portugal...fundadora da Esc. De Enfermeiras de S. Vicente de Paula...partiu 7 de Maio passado para Paris...onde esteve em retiro espiritual na *Casa Mãe da Congregação em Paris*...condecorada pelo PR com *Comenda da Ordem de benemerência*...passou em Lisboa para ir para Brasil em 21 de Julho e foi homenageada por antigas alunas(...)” (ONF, Out. 1952).

A *Escola Técnica de Enfermeiras*³³⁸ é criada em 1940, por iniciativa de Francisco Gentil³³⁹, “(...)na dependência do *Ministério da Educação Nacional* e ligada ao *Instituto Português de Oncologia*, com o fim preparar enfermeiras de cultura superior no que respeitava às ciências naturais e de saúde pública e, sobretudo, no campo da física das radiações, o que, segundo se diz no preâmbulo do decreto da sua criação, não cabia no âmbito das escolas então existentes(...)” (Soares, 1997. p.39), com o apoio da Fundação Rockefeller, razão pela qual muitas vezes ela era assim mencionada. Na sequência desse apoio, muitas enfermeiras da Escola irão estagiar, com bolsas de estudo nos Estados Unidos. Esta “escola diferente”, segundo Isabel Soares (1997. p.39), inaugura um novo modelo na formação de enfermeiras, influenciado pelo sistema americano que por sua vez tinha sido, no seu início, inspirado no chamado modelo Nightingale(...).”

A Escola era inovadora em diversos aspectos: nas “circunstâncias da sua criação, da sua organização e funcionamento, do currículo do curso que ministra, da origem social das alunas (e) do apoio explícito e presencial de figuras importantes do regime em actos públicos que ali se realizam nos primeiros anos(...)” (Soares, 1997. p.40). “O texto legal que cria esta escola distingue-a das outras porque a sua finalidade é a preparação

³³⁸ Decreto n.º 30477 de 17 de Maio de 1940 (Soares, 1997. p. 39, nota 16).

³³⁹ Francisco Soares Branco Gentil (1878-1964) foi professor de Medicina Operatória, Patologia Cirúrgica e Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina de Lisboa, Director do Hospital de São José, Director da Faculdade de Medicina de Lisboa, Presidente da Comissão Directora do Instituto Português de Oncologia e Presidente das comissões técnicas para a construção dos Hospitais - Faculdade de Lisboa e Porto. (Soares, 1997. p. 39, nota 15)

profissional e formação moral do pessoal de enfermagem feminino do *Instituto*. Tem autonomia pedagógica, embora sob a orientação da comissão directora do Instituto. Só podendo ser aceites indivíduos do sexo feminino e as suas diplomadas podem exercer enfermagem em estabelecimentos hospitalares e de saúde pública. É financiada pelo orçamento privativo do Instituto, com auxílios particulares e a colaboração da Fundação Rockefeller, Competia ao presidente da sua comissão directora a função de inspector de ensino, sem contudo explicitar em que consistia essa função. O pessoal em serviço no Instituto podia ser admitido à frequência da Escola com a dispensa das habilitações exigidas. O regulamento e os programas eram aprovados pelo *Ministério da Educação Nacional*. A directora era uma enfermeira e o curso funcionava em regime de internato. A restrição da admissão a candidatos do sexo feminino, provavelmente de influência americana, onde os enfermeiros eram raros, precede o Decreto - Lei nº 31913, de 1273/1942, que reserva a mulheres solteiras ou viúvas sem filhos o tirocínio ou a prestação de enfermagem hospitalar, o que significa, na prática, a proibição do casamento.

A partir de 1942, passa a haver um controlo central das escolas de enfermagem, excepto da *Escola Técnica de Enfermeiras*, que sempre se manteve ligada ao *Instituto Português de Oncologia*, por sua vez, tutelado pelo *Ministério da Educação Nacional* e não pelo *Ministério do Interior* como todos os outros hospitais(...). (Soares, 1997. p.40).

Esta tentativa centralizadora do ensino da Enfermagem vai ver-se reforçada, em 1947, com a “(...)a promulgação do Decreto- Lei³⁴⁰ nº 36219, de 10 Abril (...) em que as Escolas de Enfermagem - excepto a *Escola Técnica de Enfermeiras* - passam para tutela da *Subsecretaria de Estado da Assistência Social* criada no *Ministério do Interior* em 1940 (Ferreira, 1986 cit. In Soares, 1997. p. 44).

Criavam-se dois outros Cursos: o de *Auxiliares de enfermagem* e o de *Pré-enfermagem*, o primeiro “(...)na tentativa de resolver o problema da carência de pessoal de enfermagem e o curso de *pré-enfermagem* visando o grupo dos jovens que entre o fim da escolaridade obrigatória e os 18 anos não tinham ocupação, constituindo uma reserva de recrutamento, já que este curso não tinha qualquer valor fora dos limites do ensino de enfermagem. São também previstos cursos destinados à formação de monitores e de enfermeiros chefes. Os cursos devem ser, quando possível, em regime de internato,

³⁴⁰ “Estabelece que nas escolas de enfermagem tuteladas pelo *Subsecretariado da Assistência Social* - Ministério do Interior – podem ser ministrados o curso geral de enfermeiros e o curso de pré - enfermagem, cada um deles com a duração de dois anos, o curso de auxiliar de enfermagem de um ano, cursos de especialização com a duração de três meses a um ano e cursos de aperfeiçoamento com a duração de um ano” (Soares, 1997. p. 55).

dando preferência aos candidatos do sexo feminino. De cada aluno deve haver uma *ficha cadastro* da qual constam, entre outros, elementos biográficos e informações relativas às sanções disciplinares e ao comportamento(...)” (Soares, 1997. p. 46).

Como esta legislação obriga à criação de residências para todas as alunas – os *Lares das Alunas* - mesmo que vivessem na cidade onde funcionava a Escola, eles passam a ter uma função adicional à de habitação: quer-se que sejam, simultaneamente, “(...)locais de formação moral e profissional, proporcionando às residentes uma vida de comunidade familiar. O viver comum facilita a formação e a vigilância e a oportunidade para desenvolver ou adquirir as qualidades indispensáveis à profissão(...)” (Soares, 1997. p. 47) de forma a que não haja distinção entre vida pública - privada.

Naquela data não havia um documento oficial de cada Escola em que se indicasse qual o currículo adoptado e seguido. Embora *Os Nossos Filhos* se refiram, como veremos, muitíssimas vezes à *Escola Técnica de Enfermeiras*, ao *Lar das Enfermeiras* da Escola e às condições exigidas para o ingresso na referida instituição, raramente se menciona o currículo que as alunas ali seguiriam. Enquanto que em muitas destas Escolas de formação se insistia na ideia, ainda hoje muito considerada, de que as enfermeiras mais não eram do que auxiliares do médico, na *Escola Técnica de Enfermeiras (ETE)* “(...)as funções da enfermeira ultrapassam os muros do hospital, e não se esgotam no acto de coadjuvar o médico. O curso desta Escola tinha como objectivo preparar enfermeiras para trabalhar com o médico e para assumirem outras responsabilidades, que exclusivamente lhe pertencem, e para além do adestramento na execução de simples habilidades manuais, permitira-lhes a aquisição de competência técnica que as habilitasse para o trabalho em hospitais, em saúde pública e para funções de chefia e ensino (...)” (Soares, 1997. p. 57-58).

O programa de formação da *ETE*, aplicado depois de 1940, vai seguir quase sem alterações o “(...)currículo que fora recomendado em 1923, no relatório subsidiado pela *Fundação Rockefeller* e intitulado *Nursing and Nursing Education in the United States*, mas mais vulgarmente conhecido como *Goldmark Report* (...)” (Soares, 1997. p. 66). Por esta razão, como se vê nas notícias de *Os Nossos Filhos*, as alunas deveriam frequentar a Escola durante um período de cerca de seis meses (Entrevista a Maria Eugénia Teixeira dos Prazeres Garcia. 8 Mar. 2005). Servia esse período probatório para colocar as alunas em contacto com o trabalho nas enfermarias, na prática futura, e assim se testava a sua capacidade de adaptação. Na *Escola Técnica de Enfermeiras* o currículo “(...)pela sua organização, extensão e conteúdo, é completamente diferente de

qualquer outro das escolas então existentes, Está organizado em períodos alternados de teoria e prática, e os primeiros seis meses são um período probatório, que se destina à avaliação das capacidades da aluna para continuar ou não o curso e findo o qual, em cerimónia pública, recebe a touca branca ‘cap’, sinal exterior da sua aceitação. A Enfermagem assume uma importância central; é desenvolvida acompanhando o modelo médico em todas as suas especialidades. Além da Psicologia e da Sociologia, são introduzidas outras matérias que conferem um estatuto diferente a este curso. Enfermagem de Saúde Pública, Medicina preventiva, Ensino e Administração, Orientação profissional, Cancro, Técnica de sala de operações fazem parte do currículo. A enfermagem centra-se no doente e não apenas nos procedimentos técnicos necessários à participação no diagnóstico e execução do tratamento”. (Soares, 1997. p. 66-67). A cerimónia de imposição do “cap” é referida, por diversas vezes, em *Os Nossos Filhos*. No *Espólio* existem os folhetos³⁴¹ que têm a listagem dos nomes das alunas a quem foi entregue esse símbolo.

A Escola considerava o “(...)ensino dos procedimentos de enfermagem o centro da formação, e o melhor método para os ensinar é descrito em quatro fases bem definidas: descrição, demonstração, retorno pelas alunas sob supervisão, e prática nas enfermarias também sob supervisão da professora. Para a compreensão e execução inteligente destes procedimentos, é necessário o estudo do que é designado por ciências básicas (anatomia, fisiologia, microbiologia, química). A enfermagem e seus procedimentos,

³⁴¹ Tem dois exemplares do mesmo documento: ESCOLA TÉCNICA DE ENFERMEIRAS DO INSTITUTO PORTUGUÊS DE ONCOLOGIA – Curso de 1954: /brochura/. Lisboa: policopiado. 6 p. . Num deles, tem assinalado com um “V” os nomes de algumas das alunas. As alunas do Curso de 1951 são: Alda Antonieta Soares Castanheira, Maria João da Cunha Corrêa, Maria Manoel da Cunha Corrêa, Armandina de Matos Miguens Falcão, Maria de Lourdes Gonçalves Gomes da Silva V, Maria Claudia Bandeira Guimarães, Matilde Maria de Oliveira Lohmann, Maria Helena Júlio Martins –V, Manuela Maria Paiva Nazareth Costa V, Amélia Cecília Valério. As do Curso de 1954 são: Suzete Augustine Piro Aleno dos Santos, Cidalina Araújo da Costa, Maria da Conceição Gandra Cardoso Lopes V, Lúcia Diniz Pina, Maria Luciana Hilitão Doiaingues, Maria Helena Ferreira Nunes, Ione Gisela Filipe Pinto, Maria de Fátima Valente Guerreiro, Maria Helena Gomes de Araújo Isabella V, Sofia Mercês Veiga, Auzenda Iodália Nobre Guerreiro, Thereza Maria Theodora Amélia Luiza Victória de Orleans e Bragança, Esmeralda Martins Pais Gomes, Maria Leopoldina Pinho Azevedo, Maria Bernarda Pinto Pontes, Albertina dos Prazeres Figueiredo Rebelo, Lisene Font Roldão, Annette Carlita de Sá Miranda V, Liaria Arlete Alves Simões da Silva, Maria Leonor Assis Lopes Soares d’Albergaria e Maria Alfredina Torres Cruz (*Espólio*).

como centro da formação, deve ser ensinada por enfermeiras livres de qualquer outra responsabilidade no hospital. O ensino teórico e o ensino prático devem ser programados em períodos alternados de aulas e prática nas enfermarias e noutros serviços. Propõe que no currículo, no período preliminar, estejam incluídas as matérias teóricas designadas por ciências básicas e, além destas, *Enfermagem médica e cirúrgica, Enfermagem obstétrica, pediátrica e de doenças mentais, Saúde Pública, Psicologia, Aspectos sociais da doença, História de Enfermagem, Ética(...)*” (Soares, 1997. p. 66).

As duas Escolas onde a prática era tida como fundamental na preparação das futuras enfermeiras são a *ETE*, como vimos a mais referida na revista e a *Escola de Enfermagem de São Vicente de Paulo*. Durante o período de estágio, “(...)além da prestação de cuidados aos doentes, as alunas deviam fazer palestras sobre assuntos diversos relacionados com a manutenção da saúde e prevenção da doença. Tanto nos estágios hospitalares como de saúde pública, eram mantidos registos sobre o trabalho realizado pelas alunas e sobre o progresso da sua aprendizagem(...)” (Soares, 1997. p. 73). Desta situação são exemplos os textos transcritos em *Os Nossos Filhos*, da autoria de alunas em estágio. É nesta qualidade que na revista *Os Nossos Filhos* serão apresentados os trabalhos, escritos, de alguma alunas, como: Maria Eduarda Santos Cordeiro, Estudante-Enfermeira Finalista que escreve sobre a cegueira e as suas causas (ONF, Fev. e Mar. 1957) insistindo sobretudo na reabilitação das pessoas cegas, Carlota Canto e Castro, aluna do 3.º ano que reflecte sobre o papel da enfermeira no parto sem dor (ONF, Fev. 1955), Maria da Assunção Semedo, sobre a tuberculose com texto ilustrado a partir de ensinamentos da Assistência Nacional aos Tuberculosos (ONF, Maio 1955), Maria Josefina Sousa Guedes, Estudante Enfermeira Finalista sobre a *Educação sexual na infância* (ONF, Out. 1956), Maria da Graça da Fonseca também Estudante Enfermeira finalista, sobre a enurese (ONF, Dez. 1956) e Zenaida Sobral, aluna do 1º ano, que escreve sobre a escola e o curso, considerando-o dos mais adequados às raparigas (ONF, Abr. 1957).

O corpo docente daquelas duas escolas eram formado por médicos mas, e aqui residia a novidade, também por enfermeiras que “(...) assumem o ensino de Enfermagem tanto em sala de aula como na prática, metodologia seguida noutros países (...)” (Soares, 1997. p. 77) e como se preconizava no supracitado *Goldmark Report* de 1923.

A formação académica exigida às futuras enfermeiras, como para outras profissões foi sendo regulamentada desde finais do séc. XIX. Se primeiro, pelo Regulamento de 1863 apenas se lhes exigia que soubessem “(...)ler, escrever e contar

(...)” (Soares, 1997.p. 82), já em 1928, “(...) quando Costa Sacadura reassumiu as funções de Director da *Escola Profissional de Enfermagem* (a futura e ainda hoje designada *Escola Artur Ravara*) encontrou mais de 300 candidatos de todas as classes- dactilógrafos, caixeiros(as), alfaiates, vendedores ambulantes (...) e até “candidatas da Rua do Capelão(...)” (Soares, 1997.p. 82).

Até final dos anos trinta nenhuma das escolas existentes excluía os homens como candidatos a esta profissão. Nessa altura, será a *Escola de Enfermagem de S. Vicente de Paulo* e depois, a *Escola Técnica de Enfermeiras* a fazê-lo “(...) como acontecia noutros países...(Soares, 1997. p. 83).

Como condições de entrada, a *ETE* não exigia exame de admissão. Como se lê nos folhetos existentes no Espólio e nos anúncios publicados em *Os Nossos Filhos*, depois de 1947 as candidatas eram obrigadas a ter “(...)o exame do 2º ciclo liceal, ou equivalente, com preferência para o curso liceal de educação familiar, dispensando desta exigência o pessoal de enfermagem em serviço no *Instituto Português de Oncologia*” (Soares, 1997. p. 88 e *Espólio.../A maioria das alunas que frequentava esta Escola era “(...)originária do grupo das profissões liberais e actividades similares (...)”* enquanto que as candidatas de outras escolas eram, “(...) em cerca de 50% (...) /oriundas de/ grupos de artesãos/operários (...)” (Soares, 1997. p. 92).

Ao entrar na *Escola Técnica de Enfermeiras*, as alunas tinham de preencher um questionário e, numa das perguntas as candidatas tinham de dizer as razões que as levavam a escolher semelhante carreira. A resposta a essa pergunta e a fotografia das candidatas que a ela respondeu, será publicada em *Os Nossos Filhos*. Muitas respondem que querem ter um futuro e ser um curso adequado à mulher como faz Zenaida Sobral que referimos anteriormente. “(...)Era reconhecida a carência de enfermeiras em Portugal, mas torna-se mais evidente a partir dos anos 40 com a criação de diversos estabelecimentos prestadores de cuidados de saúde, cuja legislação foi sendo promulgada a partir de 1943³⁴². Se o número de diplomadas por outras escolas vai sempre crescendo, na *ETE* o “(...)o número de inscrições vai crescendo lentamente, mas o número de diplomadas, entre 1943 e 1951, é diminuto, variando entre 6 e 13, com uma média anual de 9(...)”. (Soares, 1997. p. 98). Em 1947-48 e, tendo em vista suprir as necessidades de pessoal de enfermagem sempre deficitário nos Hospitais, começam a

³⁴² Como faz notar Isabel Soares, são promulgados os Decretos Lei nº 32651, de 2/2/1943 cria o Instituto Maternal; decreto-lei nº 34502, de 18/4/1945, organiza a assistência psiquiátrica; Lei nº 2011, de 24/4/1946, promulga as bases da organização hospitalar. (Soares, 1997. p. 95, nota 15)

funcionar os *Curso de pré-enfermagem* e o *Curso de auxiliares de enfermagem* mas a revista *Os Nossos Filhos* nunca se lhes refere porque a *ETE* não tinha nenhum deles em funcionamento. Como se publicita na Revista, desde o início a *Escola Técnica de Enfermeiras* tinha criado um *Lar* que funcionava ao mesmo tempo como Escola e residência para professoras e alunas.

Se, como referimos, as *Escolas de Enfermagem* começam a recrutar apenas mulheres para o curso, depois dos finais dos anos 30, o decreto-lei 32612 de 31 de Dezembro de 1942 vai permitir a profissão de enfermeira apenas às representantes do sexo feminino ou solteira ou viúva sem filhos. Assim, as mulheres casadas e viúvas com filhos são vítimas de discriminação e deixam de poder ser enfermeiras nos Hospitais civis. Contra esta disposição legal vão lutar muitas mulheres. Essa imposição era tida como inconstitucional porque não só impedia as mulheres de, livremente escolherem uma profissão como as penalizava pelo facto de constituírem família. Por outro lado, dado o número escasso de enfermeiras disponíveis, este impedimento mostrava-se irrealista. A luta pela revogação desse decreto vai arrastar-se durante anos e nela participa activamente a revista *Os Nossos Filhos* e a *Liga Portuguesa da Profilaxia Social*, no Porto. Sobre este tema existem cartas no *Espólio* e a ele dedicamos um apêndice no final deste subcapítulo.

Quanto ao tema que aqui também nos interessa, o da enfermagem dita pediátrica, ele vai ser muito discutido nos anos 50 do século passado. Alguns autores consideravam que “(...)“(...)O ensino da enfermagem pediátrica é um contra-senso pretender ensinar enfermagem, profissão essencialmente feminina, por meio de instrutores médicos. Seria como se um jardineiro tivesse de ser formado por um professor de botânica(...)”(intervenção de Leonardo de Sousa Castro Freire, In Sociedade Portuguesa de Pediatria, 1952. p.232). Para este autor, a enfermagem geral “(...) é uma das mais elevadas profissões sociais. Requer método, cuidado, paciência, espírito de sacrifício(...)”(intervenção de Leonardo de Sousa Castro Freire, In Sociedade Portuguesa de Pediatria, 1952. p.232). Assim sendo, não só as enfermeiras deveriam ter uma sólida formação como, “(...) Os centros pediátricos devem organizar Cursos e prática de enfermagem especializada para enfermeiras que se vão dedicar ao tratamento de enfermeiras, (...) dirigidos pelas enfermeiras chefes ou monitoras com larga experiência em serviços de pediatria, auxiliadas pelos profs. e assistentes dos mesmo centros pediátricos(...)”(intervenção de Leonardo de Sousa Castro Freire, In Sociedade Portuguesa de Pediatria, 1952. p.232).

A formação de enfermeiras em Pediatria foi também o tema duma comunicação naquele Encontro, realizada pelas Enfermeiras professoras da *ETE* mas apresentada apenas pela da Enfermeira Maria Madalena Taveira, também ali professora. Estas oradoras consideravam estas que as enfermeiras que quisessem enveredar por esta área da enfermagem pediátrica deveriam ter “(...) personalidade forte e íntegra, conhecimento da vida em geral, da comunidade em que trabalha, conhecimento e aceitação da responsabilidade, conhecimento seguro das técnicas e assuntos do seu ramo e prática delas(...)deve ter preparação geral em saúde física, mental e emocional, certificado de curso geral dos liceus, (...) a Escola, num período de 6 meses, deve verificar aptidão para o trabalho de enfermagem(...) médicos, especialistas e enfermeiras especializadas ministram ensino e fazem prática em Enfermagem e Medicina, Cirurgia, Sala de Operações, Psiquiatria, doenças Infecto-contagiosas, Obstetrícia, Pediatria, Métodos de ensino, Organização e administração hospitalar, Serviço de noites e Enfermagem de Saúde Pública (...)”(intervenção In Sociedade Portuguesa de Pediatria, 1952. p.252-53). Enumeram também as “(..) qualidades imprescindíveis da Enfermeira de Pediatria: simpatia e amor pelas crianças, grande poder de observação e habilidade em as compreender, respeito pelos seus direitos e privilégios, ver o mundo segundo o ponto de vista da criança sabendo atender a diferenças individuais(...)”(intervenção In Sociedade Portuguesa de Pediatria, 1952. p.257).

Sobre o currículo dessa formação pronunciou-se a mesma enfermeira, em comunicação intitulada *Períodos e fases de desenvolvimento da criança*. Dela deviam constar três capítulos sobre: “(...) Higiene infantil- dos recém-nascidos e 1ª Infância: ambiente da casa, assistência médica, cuidados diários (banho, pele, lavagem das roupas, alimentação)(...) hábitos de sono, eliminação e actividades, Higiene pré-escolar- 2 a 7 anos: orientação médica, vacinas, correcção de defeitos físicos, dentista, progresso desenvolvimento físico, destreza manual, hábitos sociais, possibilidades mentais, treino de determinadas funções como independência da criança, obs. E correcção de nutrição e hábitos alimentares (intervenção In Sociedade Portuguesa de Pediatria, 1952. p.263) e Higiene escolar- supervisão da criança em idade escolar- programa de saúde da escola; hábitos de saúde, orientações do médico, odontologia, condições da casa(intervenção In Sociedade Portuguesa de Pediatria, 1952. p.265).

Cursos de enfermeiras puericultoras vão ser criados, em 1947, no *Instituto Maternal*, sendo um em Lisboa e outro no Porto. Aí se fazia, segundo a autora da comunicação, Maria Luísa Van Zeller, o Ensino da enfermagem especializada materno-

infantil, antes, durante, depois do parto; em regime de internato, duração de 3 anos, 1^{as} alunas habilitadas com 1º ciclo dos liceus ou cultura equivalente (...) em 1952 tem já duração de 1 ano, em regime de internato, com cadeiras de Obstetrícia, Puericultura e Pedagogia, Pedagogia, Psicologia e Educação Infantil e Enfermagem em Saúde Pública. Também tinham Técnicas de enfermagem materno-infantil; Noções de E. Física aplicadas, Maternidade e 1^a Infância; Acção Social e Ass. materno-infantil e Adaptação profissional (...)”(intervenção In Sociedade Portuguesa de Pediatria, 1952. p.267).

A esta escola se refere a notícia publicada na revista, já em 1949, onde também se dão todas as indicações necessárias á inscrição e frequência do curso:”(...) há várias Escolas de Enfermagem. Referimo-nos, hoje, à Escola de .Enfermeiras-Puericultoras que funciona em regime de internato na sede do *Instituto Maternal*, em Lisboa. Destina-se preparar profissionais cie enfermagem para a assistência especializada à mãe e à criança, antes, durante e depois do parto. Na Escola funcionam dois cursos: o de enfermagem auxiliar e o de enfermagem especializada. O curso de enfermagem auxiliar tem a duração de um ano e destina-se a ministrar conhecimentos essencialmente práticos às candidatas auxiliares de enfermagem. O curso de enfermagem especializada tem- a duração de 3 anos e prepara para o exercício da profissão de enfermeiras puericultoras. A inscrições nos cursos é requerida até 15 de Setembro...No mês de Agosto são publicados anúncios em lugar próprio do secretaria, do qual constará o n.º de candidatas a admitir nesse ano. O requerimento de inscrição será acompanhado de duas fotografias formato 3X4 e dos seguintes documentos: 1 —Declaração escrita dos pais ou encarregados de educação, no caso de menoridade, autorizando a inscrição- 2- Certidão de idade. Bilhete de identidade. - Documento comprovativo das habilitações Atestado de bom comportamento moral e civil. Atestado de vacina...exame de aptidão e verificação de robustez física...Candidatas solteiras...tenham as seguintes habilitações literárias: exame de 4.^a classe do ensino primário ou equivalente para os cursos de enfermagem auxiliar; o primeiro ciclo dos liceus ou equivalente porá o curso de enfermagem especializada. ...Alunas podem sair ao sábado ou nas vésperas de feriado... De feriado/ depois das aulas, devendo entrar no dia seguinte à noite. Despesas do curso:(matrícula- 100\$ ano propinas- 200\$ 1º ano; 250\$ no segundo; 300\$no terceiro caução- 100\$/anomensalidade- 450\$ cada ano emolumentos pagamento passagem diploma final curso- 200\$ (...)” (ONF, Jun. 1949). O tom ‘neutro’ desta notícia e excessivamente descritivo contrasta com o tom empolgado e laudatório usado sempre que se trata da *ETE*.

Em *Os Nossos Filhos* vamos encontrar, como já referimos uma visível preferência pelo Curso de Enfermagem da *Escola Técnica de Enfermagem do Instituto Português de Oncologia*. A história da instituição (ONF, Jul. 1947), o juramento da enfermeiras (ONF, Jul. 1947), o elogio constante quer á escola quer ao corpo docente, sobretudo nas figuras de Fernanda Alves Diniz e Maria Luísa Moniz Pereira, Maria Irene Athias da Silva Pereira, e aluna enfermeira Sr.a Maria da Graça Morais (ONF, Jul. 1947), fotografias de imposição do ‘cap’ e do grupo graduação do curso de 1946 e 1947 (ONF, Abr. 1948) e do grupo do curso de 1954 com Gentil Martins em que, no texto que ali se publica se faz, novamente, a história da instituição, se referem as condições de entrada e frequência e se acentua o rigor que se coloca na formação ali prestada (ONF, Maio 1952) e ainda a mais importante colaboradora da revista, Maria Palmira Tito de Morais são com frequência, ali mencionadas.

Instituições de ensino de Enfermagem:

Instituição	Caracterização
Escola Técnica de Enfermeiras – Curso de Enfermagem ³⁴³	Três anos de teoria e prática na ciência e arte de enfermagem(...) direito a diploma e insígnia da escola(...) após seis meses de instrução e prática hospitalar quiser a profissão e aproveitamento reconhecido pelo corpo docente(...) conferido o “cap”(..) períodos de prática alternados com teoria (...) escola criada em 1940(...) objectivo é formar enfermeiras capazes de cooperarem (...) com os médicos no combate à doença em Portugal(...) preparação estruturalmente feminina que a auxiliará na sua missão de mulher e mãe(...)até há pouco tempo só apelava ao sentimento(...) hoje tb faz apelo às qualidades de inteligência , de trabalho e cultura das mulheres(...) que desapareça a ideia de que a enfermagem exige espírito de sacrificio(...) (...) ETE atrai raparigas com educação e cultura equivalente à daquelas que ingressam em cursos superiores(n.º 54. Nov. 1946. p. 14-15) /novo artigo em n.º 179. Abr. 1957. p. 14-15/ referência à criação pelo Decreto Lei 30.447 de 17 Maio 1940, tendo preparado até ao fim do ano lectivo passado 171 enfermeiras(...) projecto de prof. Gentil , Dr. Alberto Faria, então, Director Geral de Saúde e Fundação Rockefeller 4 enfermeiras foram EUA e Canadá preparar-se(...) em 1943 passou para edifício próprio antes num prédio da Av. Da República(...) alunas cuidadosamente seleccionadas e rigorosas condições de saúde física e mental, preparação académica mínima de 2º ciclo dos Liceus completo e submissão a cuidadoso exame psicotécnico(...) mesmo após selecção, candidata durante 6 meses aluna só com touca e juramento de Florence Nightingale(...)(n.º 179. Abr. 1957. p. 14-15)
Escola dos	/scanner / vivem dezenas de raparigas vindas de todo país continental e

³⁴³ Tem novo artigo em *Os Nossos Filhos*. n.º 179. Abr. 1957. p. 14-15 sob título: Profissões para as nossas filhas” e tem depoimentos de Enfermeira Beatriz de Mello Corrêa, a directora, e de Zenaida Sobral, aluna do 1º ano da ETE

Hospitais da Universidade de Coimbra ³⁴⁴ , Lar das Alunas Enfermeiras da	ultramarino(...) frente escadaria monumental(...) é uma associação das alunas dos Hospitais da Universidade de Coimbra direcção com delegados da Escola e representantes das alunas livremente eleitas(...) direcção e administração da casa e faz assistência domiciliária em ligação com Instituto de Assistência à Família: as alunas da Escola formam Brigadas de Intervenção Sanitária que tratam no domicílio os que não têm proventos para a pagar assistência(...)como há falta de enfermeiras ficam no Hospitais da Universidade de Coimbra quando acabam cursos; entrevistas a Maria José Nunes Pinho Vasconcelos que quer ir para Pediatria, Delmina dos Anjos Moreira quer ir para África especializada em doenças tropicais, Lucrecia Odete das Neves Ramalho especializar em Ortopedia e trabalhar em Hospital da província e Maria dos Anjos Rodrigues de Sousa Figueiredo queria especializar em Instrumentista e trabalhar numa Casa de Saúde(n.º 148. Set. 1954. p. 13 e Ago. 1956)
ESCOLA DE ENFERMAGEM DO HOSPITAL DE SANTA MARIA	SER ENFERMEIRA É CAMINHAR COM DEUS A ESCOLA DE ENFERMAGEM DO HOSPITAL DE SANTA MARIA PREPARA ENFERMEIRÃS NO MAIS MODERNO HOSPITAL DE PORTUGAL Peça informações na Secretaria: Avenida 28 de Maio — Bloco 3 — Lote C (ONF, 08-1957)

Na correspondência são também muitas as indicações sobre as escolas de enfermagem que acabamos de mencionar. Na respostas de Maria Lúcia Vassalo Namorado muitas são as indicações que delas podemos retirar.

Quando anuncia o Curso de Enfermagem ministrado em Coimbra refere-se ao carácter religioso que tal formação pode assumir: “(...) (ONF, Ago. 1956). Ilustrado com uma foto de um grupo de 8 enfermeiras fardadas a andarem na relva, tem:”(...) A enfermagem defende a vida dos homens, o maior dom do Senhor. É, pois, uma colaboradora de Deus. As enfermeiras têm colocação imediata. Nos nossos hospitais há muitas vagas abertas esperando enfermeiras. Para cursar enfermagem peça informações à Escola de Enfermagem dos *Hospitais da Universidade de Coimbra*, que dispõe de residência para as alunas (...)” (ONF, Ago. 1956).

Uma das enfermeiras que escreve sobre o Curso de Enfermeiras da Escola Técnica é Maria Luísa Silva Neves.(n.º 54. Nov. 1946. p. 14-15)

A partir de Junho de 1955 muitos são os artigos de conselhos de puericultura oferecidos pelo *Centro de Enfermagem da Rua Coelho da Rocha*, em Campo de Ourique, publicados em *Os Nossos Filhos e alguns versam problemas como a entrada (saudável)*

³⁴⁴ Artigo é sobre o Lar das Alunas, mas é vigiado pela Escola embora ela não interfira “(...) na sua vida interna(...)” (n.º 148. Set. 1954. p. 13)

na escola primária: “(...)1- Teve um exame médico completo e tem saúde para frequentar a escola? 2-Foi revacinado contra a varíola (bexigas), vacinado contra a tosse convulsa, difteria e febre tifóide? 3- Sabe p próprio nome e morada? 4- habituado a separar-se dos pais, por algumas horas e fica contente durante esse tempo? 5- Sabe brincar com cetras crianças? 6- Fala claramente sem voz de mimo? 7- Ê capaz de estar sossegado por períodos de 10 minutos a um quarto de hora, algumas vezes ao dia? 8- Pode entreter-se com trabalhos simples? 9- Sabe usar o lenço e tem algibeira para guardá-lo? 10- Lavar as mãos e a cara? 11- - Ir à retrete, sem ajuda de outros? 12- Despir, pendurar e vestir o casaco? 13- Tem apetite e come grande variedade de alimentos? 14- Bons hábitos de sono? Dorme 10 a 11 horas, deita-se e levanta-se cedo?, sem roupa excessiva e em quarto arejado? 15- Sabe, por ter visto fazer, como parar, olhar e parar, antes de atravessar a rua? (...)”(ONF, Set. 1955).

Muitas assistentes sociais e enfermeiras mencionadas em *Os Nossos Filhos* haviam de deixar aquela profissão para se dedicar a outras. No primeiro caso temos Fernanda Lapa que depois de ter trabalhado com Maria Lúcia Vassalo Namorado na Fundação Sain, nos anos sessenta, vai dedicar-se ao teatro como atriz e encenadora, actividade que ainda hoje desenvolve. Foi também Maria Lúcia Vassalo Namorado que entusiasmou a prima, hoje dona das lojas *Teresa Alecrim* a tirar o curso de enfermagem e foi através dela que conheceu Maria Eugénia Teixeira dos Prazeres que fez o papel de enfermeira no programa da TV que já apresentámos. No grupo de enfermeiras que se dedicaram depois a outras actividades temos Madalena Gomes depois escritora infantil, Maria Luísa Silva Neves como já vimos na actividade editorial no estrangeiro ou ainda Maria Mendonça (ONF, Jun. 1954) no jornal *Eco do Funchal* mas que fora já enfermeira-parteira.

Casamento das enfermeiras:

Contra a proibição do casamento das enfermeiras dos Hospitais civis também se manifesta a revista com o pequeno artigo intitulado: “Pelo casamento das Enfermeiras dos Hospitais Civis”, correspondendo à transcrição de uma conferência feita pelo *Director da Liga da Profilaxia Social* aos microfones do *Emissor da Assistência aos Tuberculosos do Norte de Portugal*, em 5 de Março de 1948 e em que alegava que, em 1939 a *Liga* tinha iniciado um protesto contra a proibição do casamento das telefonistas da *Anglo-Portuguese Telephone Company* e que, dois anos depois, fora levantada. A *Liga* insistia na falta que o Estado cometia ao obrigar a “(...) celibato forçado o que

constitui sempre um atentado aos direitos que a todos confere a *Constituição Política da República Portuguesa*, e ainda porque atenta contra as sagradas liberdades, religiosa e civil, e acima de, tudo é uma disposição anti-humana e anti-natural, (...) e a Liga empenha-se em bater-se mais uma vez no sentido que (...) enfermeiras possam casar(...) de modo a poder constituir famílias honestas e legais(...)”. (n.º 71. Abr. 1948. p. 25).

Sobre o mesmo assunto, ou seja a campanha para a permissão do casamento das telefonistas da *Anglo-Portuguese Telephone Company Limited* ainda no *Espólio*³⁴⁵ de Maria Lúcia Vassalo Namorado encontra-se uma lista enorme de apoios dados por figuras públicas a essa causa, até 1939, e, dos que aqui nos interessam por serem colaboradores ou de alguma forma terem ligação com a revista *Os Nossos Filhos* há que referenciar: “(...) as escritoras Sara Beirão e Maria de Castro Henriques Osswald, (...)Prof. Dr. Ferreira de Mira, da Universidade de Lisboa e Director do Instituto de Investigação Científica Bento da Rocha Cabral, (...)Dr. Remo de Noronha, médico municipal em Mesão Frio, (...) o *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, o *Rádio Clube Português* etc. etc.” (p. 9) assim como a *Obra das Mães pela Educação Nacional* e “*Defesa da Família*”³⁴⁶, que na pessoa da vice-presidente da primeira, Condessa de Almoester e acompanhada pelo Director da *Liga Portuguesa de Profilaxia Social*, Dr. António Emílio de Magalhães se tinham dirigido ao Dr. Trigo de Negreiros, *Subsecretário de Estado das Corporações e Previdência Social* que lhes resolveu o assunto em 24 de Outubro de 1940, autorizando o casamento das telefonistas. (LPPS. 1950. p. 18).

Sobre o problema da proibição do casamento das enfermeiras se debruçam os artigos de Maria Lúcia Vassalo Namorado (ONF, Dez. 1947 e Abr. 1948) em que defende que elas poderiam casar pois a criação de creches em cada local de trabalho permitiria que as crianças ficassem apoiadas e as mães a trabalhar. No *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* há as cartas trocadas entre a directora da revista e António Emílio de Magalhães que considera esse impedimento uma “(...) desvergonha governamental(...)” (Carta em Caixa 4. Maço 2). A carta mais interessante deste enorme conjunto em que aquele médico se refere ao assunto é a carta de 8 de Fevereiro de 1955 em que aquele director da *Liga Portuguesa de Profilaxia Social* refere:“(…) recebi carta da D. Joana

³⁴⁵ Liga Portuguesa da Profilaxia Social (1950)- *A Campanha pelo casamento das telefonistas*. P. 9 em diante

³⁴⁶ O Dr. Sousa Gomes, secretário da Organização Nacional “Defesa da Família”, por não poder comparecer, delegara a sua representação nos dois outros membros da Comissão (idem, ibidem. p. 18)

Maria Saldanha sobre ajuda a enfermeira Hortênsia Silva (...) não pude ser integrado nas testemunhas mas enviei documentação sobre o tema ao advogado(...) ela foi absolvida (...) mandei telegrama a Joana Maria Saldanha e telégrafo do Porto diz não ter entregue porque não existe o n.º dado por ela (...) não lhe teria ficado mal mandar um simples bilhete a comunicar a boa nova uma vez que também gastei escudos a telefonar para o advogado (...) o nome da senhora também seria falseado? Mandamos, em 1946, o opúsculo q a Liga publicou “A Acção da LPPS em prol do casamento das Enfermeiras dos Hospitais Civis” para todos os lado, a todos jornais, custou 25 contos, edição de 6000 ex., mandámos para enfermeiras de Hospitais de Lisboa e Coimbra (...) cerca de 600 ex. e recebemos 4 ou 5 agradecimentos!; em sua casa fizemos uma reunião e estiveram uma ou duas enfermeiras (...) desde Janeiro de 1948, em que a S. D. Maria Lúcia nos pediu o nosso esforço, que toda gente conhece; envio /não está/ o último depoimento que recebemos, em 3 do corrente, de Maria Luísa Carneiro Pinto, valioso por vir de uma senhora toda religiosa, servindo, certamente, o Governo, mas que não tem papas na língua para combater o próprio Governo (...) não são só as enfermeiras que têm nosso apoio (...) agora vamos começar no Porto a campanha para construção de Central Leiteira (...) ninguém pode dispor de 60\$ (5\$ mensais) para se inscrever como contribuinte da *Liga*, para termos 1 um boa secretaria para se intensificarem trabalhos da mais alta seriedade interessando todos os portugueses, especialmente sofredores e humildes (...) o caso da Hortênsia serviu para arejar ideias (...) quando for a Lisboa (...) podemos discutir este assunto(...)” (Carta em Caixa 4. Maço 2).

Sabemos assim que o médico se havia estado numa reunião sobre o tema em casa de Maria Lúcia Vassalo Namorado e que foi ela que interveio junto dele para que intercedesse pela enfermeira Hortênsia Silva (Campos Lima), irmã de outra enfermeira, Isaura Silva, que também fora presa (casada com António Borges Coelho). A lista das testemunhas de defesa era censurada pelas autoridades policiais. Em Junho de 1954, Isaura Silva tinha recebido a visitado do seu advogado, Lopes Correia, e entregara-lhe o manuscrito de defesa (Barradas. 2004. p. 104). No ano anterior, também por motivos políticos Hortênsia Silva tinha sido presa, em 3 de Novembro de 1953, no Forte de Caxias. (Org. Mulheres Comunistas, 1994. p. 60). Só em 18 de Março de 1963 foi publicado o decreto-lei que autorizava as enfermeiras a casar e a serem admitidas como enfermeiras mulheres casadas e viúvas com filhos. (Org. Mulheres Comunistas, 1994. 83). Quando entrámos em contacto telefónico com Hortênsia Silva Campos Lima no

decorrer desta investigação a própria desconhecia que Maria Lúcia Vassalo Namorado tivesse tido esta intervenção a seu favor junto daquele médico.

Sobre este tema também tinham tomado posição a favor das enfermeiras as escritoras Sara Beirão e Maria de Castro Henriques Osswald apoiaram esta campanha (LPPS. 1956. p. 9) porque se considerava que a “(...) proibição de casamento às mulheres de certas classes representa uma injustiça e resulta contraproducente. Sempre são menos famílias que se constituem e mais mancebias que se favorecem(...)”(LPPS. 1956. p.28).

Esta campanha fora apoiada, pelo lado dos católicos, pelo cardeal patriarca e por diversos bispos, “(...)pelas igrejas protestantes, (...)pelas comunidades israelitas de Bragança e Ponta Delgada, (...)por parlamentares, professorado universitário e altas personalidades da Nação(...)”³⁴⁷ por “Câmaras municipais, consulados e funcionalismo superior”(p. 79), por “(...) escritores e artistas e profissões liberais(...)”³⁴⁸(p. 93) e “(...) por comerciantes, industriais, proprietários, contabilistas, etc.(...)” (LPPS. 1956. p. 125).

A escritora Sara Beirão escreveu mesmo dois artigos sobre o tema, no jornal *O Primeiro de Janeiro*³⁴⁹, na coluna *Confessionário Feminino*. A *Liga Portuguesa da Profilaxia Social* considerava que “(...) condenando que se limite às mulheres de qualquer classe, salvo evidentemente as votadas ao celibato religioso, o direito de livremente se casarem e constituírem família legítima (...) e que esta alforria moral seja finalmente outorgada a todas as mulheres portuguesas e muito em particular, no momento presente, às enfermeiras dos Hospitais civis(...)”(LPPS. 1956. p.203) concluindo com uma questão: “(...) se os enfermeiros podem casar, como (...) escreveu o sr. Arcebispo de Évora, porque não poderão casar as enfermeiras?(...)” (LPPS. 1956. p.203). Maria Lúcia Vassalo Namorado também custeara os selos da Campanha que fora lançada pela Liga em favor do casamento destas profissionais de saúde (Carta de 14 de Jan. 1948. Caixa 4. Maço 2). .

As enfermeiras Fernanda Alves Diniz (ONF, Out. 1951) e Maria Palmira Tito de Moraes (ONF, Mar. 1951) vão ter a biografia publicada na revista. A da segunda foi ali apresentada já depois desta profissional ter sido impedida de trabalhar no país na sequência das eleições de Norton de Matos. Interessante é o facto de, quando esta

³⁴⁷ Do general Júlio Schiappa de Azevedo, deputado da nação(p. 53) a Ruy Luís Gomes (p. 63), ao médico Bettencourt Ferreira(p. 63), Condessa de Rilvas(p. 66), João de Deus Ramos (p. 69), Américo Cortês Pinto(p. 73), Beatriz F. De Magalhães, secretária do CNMP (p. 76)

³⁴⁸ entre muitos outros, aderem Sarah Beirão, jornalista e escritora (p. 93), De Castro Henriques Osswald, escritora e seu marido, Sr. Ernst Osswald (p. 93), Ramada Curto, advogado e escritor (p. 94); Teixeira Lopes, escultor(p. 99); Remo de Noronha, médico municipal em Mesão Frio (p. 112).

³⁴⁹ de 18 de Maio de 1939 e de 10 de Novembro de 1940

enfermeira deixa de ali colaborar os artigos continuarem a ser publicados, indicando-se como desculpa que os fascículos da revista onde o haviam sido, estarem ...esgotados! (ONF, Dez. 1948, Dez. 1950, A relação com esta profissional é privilegiada como se vê quer em *Os Nossos Filhos* quer na correspondência e mesmo nos documentos anexos do *Espólio*.

Muitas vezes, também as enfermeiras assinantes ou não da revista vão usá-la para, nos anúncios breves, até 40 palavras, divulgarem os seus serviços como acontece com Albertina Reis, que na Rua do Loreto, 56- 3º em Lisboa ia ao domicílio “(...)dar injeções ou fazer qualquer tratamento(...)” (ONF, Maio 1945) ou a enfermeira puericultora que oferece os eus serviços no número seguinte da publicação (ONF, Jun. 1945).

Médicas:

Ao analisar a revista *Os Nossos Filhos* deparamos com um número elevado de médicos que nela escrevem, alguns sempre sobre o mesmo assunto e outros que vão abordando temas diferentes. Também acontece com imensa frequência que, o mesmo médico, publica poucos textos sobre cada assunto sendo ‘substituído’ por outro, que vai algumas vezes, repetir o tema e a forma de o abordar.

Neste capítulo das profissões femininas em *Os Nossos Filhos* não é esta a questão que nos importa aprofundar pois deixamo-la para o subcapítulo onde analisamos as(os) colaboradoras(es). Neste ponto vamos tão só apreciar quem são as médicas que colaboram em *Os Nossos Filhos* e que temas abordam.

A primeira constatação que fazemos é a de que a revista não se refere à formação inicial deste grupo profissional. Elas apenas intervêm na medida em que o que escrevem, serve para ensinar as mães sobre problemas de doenças ou outros que as médicas podem ajudar a resolver.

Ao longo da revista, Maria Lúcia Vassalo Namorado vai dando conselhos sobre que médicos procurar quando as assinantes isso lhe pedem. Um exemplo é o que assume no seu pseudónimo *Avôzinha* em que recomenda a uma leitora que ela trata por *Maria* que vá às “(...) senhoras Dra. Maria Tereza Paulo, Cristina Cunha e Maria Luísa Palma Carlos médicas competentes para te aconselharem(...)” (ONF, Ago. 1951).

Sobre a formação na área da Medicina temos uma única referência a um “(...)Curso de puericultura para universitárias, feito por sugestão de um grupo de alunas da Fac. Letras de Lisboa, desejo de Dr. Manuel Farmhouse e por iniciativa dele...realizou-se um curso de Puericultura na *Divisão Feminina do Refúgio do Tribunal Central de Menores*...duração de 1 mês, 12 lições, 4 teóricas e oito práticas...alguns filmes e uma exposição de livros sobre puericultura...seguido por 52 senhoras, na sua maioria alunas universitárias. Curso gratuito, regido pelo dr. Manuel Farmhouse...que à criança tem dedicado o melhor do seu esforço(...)” (ONF, Abr. 1955). Foi neste curso que participou Maria Isabel Pereira (CF. *Apêndice Cap. 4- Biografias*) que está na fotografia /scanner/ .

Também o médico Costa Sacadura tece elogios ao trabalho que as alunas da Escola de Partejas e de Enfermagem, onde ele é professor de medicina, parteiras e enfermeiras, fizeram em África. Este professor refere-se concretamente à iniciativa realizada por uma antiga aluna sua, a enfermeira puericultora Ana de Freitas (cf. entrevistas) que, de Vila Pery (hoje Chimoio, Moçambique) escreve para a revista e relata o que lá foi feito. Esse relato é apontado, em “lead”, como “(...)um grande exemplo bem digno de ser seguido por todas as mulheres, em particular as que são mães(...)” (ONF, Nov. 1945). Mas o que fora aí feito? Ela organizou um “(...)um peditório a favor dos recém-nascidos da Metrópole e desta Vila (de Gandola)...Org. a comissão de que faziam parte D. Fernanda de Figueiredo, esposa do administrador desta circunscrição; vestimos 400 indígenas e roupa e géneros alimentícios pelos Europeus pobres...podia publicar no jornal da Cidade da Beira...Todos sabem como aqui tem germinado a Io bem que tem sido o obra das Jornadas das Mães de Família, e da 9in< acção que nelas tem representado a Maternidade do Dr. Alfredo da Costa, que tantos anos dirigi...Uma Exposição organizada a quando da Primeira Jornada incluiu uma secção que foi um dos seus maiores atractivos, merecendo de quantos a viram e atentamente a considerarem os maiores aplausos — a Secção de Trapologia...dirigi essa secção a sra. D. Maria da Conceição Nazaré...sempre "do velho se faz novo"..." (ONF, Nov. 1945).

Mas quem são as “doutoras” que escrevem sobre saúde em *Os Nossos Filhos*? Sobre que escrevem? Durante quanto tempo?

Quadro n.º 30.: Médicas em *Os Nossos Filhos*:

Nome	Área abordada	Fonte
Maria João Lopes do Paço, professora de Educação Física-	Educação física que não masculinize raparigas	06-1942
	Educação física	07-1942
	corrigir a curvatura dorsal, isto é, endireitar as costas	09-1942
	jogo é uma diversão com 'movimentos do corpo e trabalho do espirito os jogos	12-1942
	Deve fazer-se a ginástica do Bebé	01-1943
Deolinda Martins, professora de Educação Física-	Educação física – método Ling os nossos filhos não devem correr, saltar, nadar, andar a cavalo, jogar o «voley» e o «'basket» ? Não confundamos desportos extra-murais, desportos ânsia de «records», desportos profissionais, com os jogos adaptados à idade, ao sexo, e ao meio, que um bom orientador escolherá. Se os nossos filhos ferem orientados deste modo, não mais se preocupem com a resistência à doença; eles serão fortes e saudáveis,	08-1942
	descrição e desenhos da técnica de bruços	11-1942
	Recensão apreciada colaboradora (...) actualmente em Lourenço Marques exercendo o cargo, de Professora de, Educação Física, no Liceu, de Salazar,, daquela cidade, acaba de publicar , ^ <A Saúde pela Educação Física», livro utilíssimo que recomendamos às nossas leitoras...Obra, está dividida em três partes: Ginástica:, senhoras, Ginástica para crianças, e Ginástica, .correctiva...1º exercício aqui	06-1944
Luísa de Mesquita	MÉDICA? matrimónio é a vocação de quase todas as mulheres. E a primeira instituição social	01-1954
Maria Ana de Magalhães, Médica	PUBLICIDADE:/ de Crianças Estrada de Benfica, 519	12-1943
		01-1944
		02-1944
		05-1944
Custódia do Vale	(retirado do livro:) A Higiene, a criança e o conforto do larDesses conselhos dados com boa intenção. São prejudiciais, já não são para este tempo. Sigam antes os ensinamentos do médico e dos obras de protecção à infância se querem ter filhos sãos e que dêem pouco	04-1946

	trabalho a criar	
Emília Morgado	uma otite, É a mãe leva-o sem demora ao especialista. Os olhos dos recém-nascidos:	04-1954
Sara Benoliel	(extraído de) Os Preconceitos em Puericultura e a Maneira de Combatê-los- Recensão urgente a criação de organismos de assistência, como as cantinas maternas, especialmente nos bairros operários, dispensarias suficientes para as necessidades da população pobre, o cumprimento rigoroso de leis protectoras da primeira infância, centros de assistência materna a domicilio, creches, jardins infantis, etc. para que baixe o tão elevado coeficiente de mortalidade infantil, que, quando excessivo., corresponde sempre a um grau elevado de ignorância e de miséria do povo.	01-1944
	alimentação da ama, existem diversas interpretações	03-1945
Maria Luísa Van Zeller	11 de Março pretérito, da Assembleia Nacional, assumiu uma atitude que a impõe à simpatia, admiração e reconhecimento de todas as mulheres portuguesas. falou sobre Assistência Infantil e Maternal, e trafico de brancas	05-1944
Maria Emília Morgado, médica em Bragança	preconceitos...de ignorância...outrosdesnecessário apertar cabeça com uma touca para que adquira bom formato 4º ou 5º dia não tirar leite dos mamilos das crianças- "leite das bruxas"com receio de ferir "moleirinha não lavam cabeça aos lactentes... Mães costumam mastigar alimentos antes de os darem aos filhos...contrário a todas as regras de higiene... Muitos, mais casos a citar, denunciando a ignorância dos conhecimentos de puericultura. Ensinar as mães que ignoram os perigos da saúde de seus filhos, ensinando-as pelas divulgação dos benefícios prestados pelos Dispensários e Postos de Protecção à Infância	11-1944
	Cuidemos das criancinhas- Recensão: mulher grávida deve ser observada por um médico. Esta observação, entre muitas razões que a impõem, tem por fim: 1- Evitar a transmissão da sífilis ao filho; 2- Vigiar o funcionamento renal, investigando na urina a albumina e o açúcar, etc., 3- Evitar um grande número de abortos; 4- Evitar alguns acidentes do parto..Duma maneira geral, toda a mulher grávida deve consultar o médico no início, no 4.º e 7.º mês de gestação. ...Mãe deve também ter em rigoroso cuidado q higiene da boca, e tratar ou evitar a cárie dentário, cujo aparecimento é particularmente favorecido neste estado, em virtude dessas perturbações. ---Nos últimos meses, deve abster-se de trabalhos fatigantes ou de exercícios violentos. Não deve, no entanto, levar uma vida sedentária. Os passeios ao ar livre, convém muito, havendo, é claro, o necessário repouso quando sinta cansaço. Durante o período de gravidez e de amamentação, a mulher precisa dum regime alimentar além de variado...	03-1946
	(um artigo de Gilberto Vasco e outro de Drª Emília Morgado):- Recensão	02-

Maria Lúcia Vassalo Namorado e a educação feminina: a revista Os Nossos Filhos (Continuação)

	retirado da Obra: «Cuidemos das criancinhas»doenças de carência ou avitaminose...(sintomas, cuidados a ter, como curar...)	1956
	Criança com tuberculose deve ser separada da mãe	09-1956
Maria Evangelina Pinto, médica escolar	Indispensável que o horário de todas as escolas atenda, à necessidade ... têm de tomar uma boa e confortável refeição entre as 12 e 14 horas e surmenage	10-1945
Maria Teresa Furtado Dias	complicações irritativas da faringe, laringe e dos brônquios das crianças	01-1948
Cesina Bermudes, entrevistada por M.C.	professora de Anatomia na <i>Escola Técnica de Enfermeiras</i> desde 1947 /currículo e preconceitos feministas/	08-1948
Maria Isabel Catanho de Meneses 01-11-1949 90	publicou na «gazeta médica portuguesa» um artigo de grande interesse para as mossas leitorascontinua no próximo nº - recensão fotos carlos begonhacomo ensinar o bebé a portar-se bem ..formar bons hábitos desde o princípio importância da regularidade não se deve «estragar» o bebé devemos deixar a criança cooperar.... correcção de maus hábitos chuchar no dedo	03-1950
Branca Rumina	higiene da boca	11-1942
	Alimentação da criança	12-1942
	Começa logo nos primeiros meses de existência a influência moral da Mãe	01-1943
	criança gorda	02-1943
	alimentação	05-1943
	escolha do local para férias, para crianças	06-1943
	influenciar a criança no período pré-natal sífilis....o alcoolismo, o ópio, a cocaína, as toxinas das doenças infecciosas e os produtos de certas indústrias, como tabaco, o mercúrio, o álcool, paludismo	08-1943
	consongüinidodies e a vida moral e a higiénica dos pais e, ainda neste capítulo, perra algumas classes, o valor e influência de certos hábitos ...Outra série de males se tem apontado como resultante de um costume ainda muito arreigado, .pelo menos entre as nossas classes média e rica – lua de mel e a viagem de núpcias	09-1943
	«esfalfamento materno», durante a gravidez	10-1943
	preceitos de higiene aconselháveis à grávida	11-1943
	Precauções e objectos necessários ao parto	12-1943

	Regularização das intestinos que aconselhamos durante a gravidez ; a situação do pai na família depois do nascimento 1º filho	01-1944
	crescimento da criança faz-se nos primeiros tempos da sua vida, principalmente, pela observação do peso e da estatura	02-1944
	aspecto exterior da criança nua. Pode-nos dar também indicações acerca do seu estado de saúde	03-1944
	DENTIÇÃO ATITUDE E MARCHA	05-1944
	composição do leite de mulher vantagens e dificuldades do aleitamento materno	06-1944
	Aparecimento do Leite Para secar o Leite Higiene da ama	07-1944
	nunca mãe deve pegar na.. Criança a amamentar sem primeiro lavar as mãos...Não a deve encostar a si antes de vestir um roupão ou blusa lavada Durante os 5 primeiros dias, não se consente, em geral, que a parturiente se mova...	09-1944
	quantidades de leite que a criança deve ingerir conforme a sua idade	10-1944
	inflexível o horário das refeições	11-1944
	aleitamento mixto ...inconvenientes do aleitamento mixto	12-1944
recensão sobre a obra traduzida por colaboradora Dra. Branca Rumina	Maria Montessori – <i>A Criança</i>	01-1945
	esterilização do leite	01-1945
	administração do leite	02-1945
	preparação do biberon chupetas	03-1945
	sumo de frutos frescos ...leites modificados ... leite condensado açucarado	04-1945
	Leites secos	05-1945
	Complicações dos aleitamentos misto e artificial; gémeos, desmame	06-1945
	desmame	07-1945
	farinhas simples (farinha de milho...araruta ...tapioca sêmola farinha de banana) e farinhas torradas; preparação: dos caldos de farinha	08-1945
	Farinhas malteadas Farinhas lácteas Farinhas com cacau ou chocolate(tem uma lista de) Tabela de farinhas (Farinha de arroz.	09-1945

	aveia,.. » centeio . Cevada . Trigo, Trigo torrado, milho Sêmola de trigo, De grão, Flocos de arroz.... De aveia e de cevada ; Farinha de batata .. De ervilha, de fava, de grão, de araruta; Mandioca (Pau)..... Soja Tapioca	
	Açorda para crianças ...Exemplo de ementa para crianças de 9 meses ...Exemplo de ementa para crianças de 12 meses	10-1945
	Caldo de Combry ...(o que é, como se faz...)Caldo de Méry	11-1945
	febres tifóide e paratifoide são doenças infecciosas e contagiosas	02-1946
	anormalidade nos olhos de uma pessoa purgação grave do recém-nascido	03-1946
	Na boca vivem, em regra, micróbios	04-1946
	lesões dentárias90% o número de crianças das escolas com lesões dos dentes e que as doenças que eles provocam podem diminuir q aproveitamento escolar e o valor físico	05-1946
	alimentação da grávida tem de prover ao seu sustento e ao regular desenvolvimento da criança	06-1946
	alimentação da criança, em qualquer idade/ nascin»ento até ao fim da adolescência	07-1946
	ponham as mães de lado o seu, injustificado orgulho de obter um bebé excepcionalmente grande e gordo...	11-1946
	conservar os olhos sãos, se cuide da higiene de todo o corpo, inclusive dentes, unhas e cabelos	12-1946
	olhos dos crianças querem-se sempre vigiados	01-1947
	raiva, botulismo, psitacose do papagaio, cão e gato e sarna, ténia da vaca ou proco, tinha, tuberculose, paralisia infantil epidémica e certas paralisias de animais	03-1947
	educacão higiénica de iodios e a protecção à infânciacão higiénica infecção se adquire na infância, como fazer	04-1947
	Evitar tuberculose	05-1947
	tuberculose é a doença mais mortífera da nossa época	06-1947
	rigorosa higiene da boca e fossas nasais...preservar as crianças das afecções dos ouvidos	08-1947
	Palácio das Academias, em Bruxelas, inaugurou-se em 19 de Outubro passado o XIII.0 Congresso das Obras para a Protecção da Infância. (Guerra interrompera a) "Oeuvre Nationale de l'Enfance" de promover estes encontros...No congresso agora realizado q ordem do dia era simplesmente esta: o problema do aleitamento materno	11-1947
	Tracoma	09-

		1949
	(extraído de) O Guia das Mães de Dr ^a BRANCA RUMINA- Recensão biberon dado com líquido sempre a encher gargalo	03-1955
	da obra:) O Guia das Mães – Recensão: futura mãe não se emocionar nem entristecer...Três semanas antes prepara-se e quarto...Pesar bebé sempre mesma hora...Crianças alimentadas artificial mais pesadas diferente de mais saudáveis...Fontanela fechada antes dos 6-7 meses = possível idiotia; depois dos 18 meses = raquitismo...Saída dos dentes e saúde...	03-1956
	(extraído de) GUIA DAS MÃES - Recensão (quando crianças começam a andar- entre 11 e 16 meses...;examinar a que andou e deixa de o fazer...Proteger boca da Mãe com lenço fino ou mão, quando constipada para não transmitir...Higiene alimentar e higiene corporal, ambas importantes...Limpeza no quarto dos pequeninos...	05-1956
R./Branca Rumina/	Evite todo o alimento com caroços e sementes a menos que seja passado pela peneira	02-1958

Maria do Carmo Martinho	recebido na nossa Revista perguntas ligadas com assuntos médicos que, pelo carácter de interesse geral que assu lhes respondermos. Ela não tem por fim substituir o Médico perante o doente. Na verdade, em Medicina não há doenças mas doentes, cada um com sua personalidade fisiológica e psíquica e, por isso, o caso geral estudado nos compêndios tem de ser aplicado como Arte a cada caso particular. Serve p que fica dito para esclarecer que não faremos nesta secção um «Consultório Médico» em que se pretende ensinar como se cura esta ou aquela. Enfermidade. Isso é tarefa do médico consciente que examinou detalhadamente o doente. Pretendemos sim, servindo-nos das sugestoes apresentadas, dar esclarecimentos que ajudem á compreender o complexo do mecanismo orgânico, suas reacções ao meio <lue o cerca e processos gerais de evitar aã enfermidades. Entre as curiosidades que podem e devem ser esclarecidas, existem aquelas que, dizendo respeito à profilaxia geral, são de natureza a poderem ser tratadas nesta secção. E é "por isso que responderemos com satisfação e agrado às que, como a que hoje vamos parafrasear, servem perfeitamente os nossos intuitos. (perguntas e respostas sobre perigo dos animais domésticos para pessoas	05-1954
	sobre feijoeiro	05-1954
	que á a "febre de Malta	06-1954
	Anúncio a Médica Interna do Hospital Escolar Clínica Geral Avenida de Roma, 26,1º Dt.º	12-1954 e 01-1955
	que são "doenças das crianças", que podem também dar em adultos; o que são, como se propagam; como se curam...)	05-1956
	Amigdalite (o que é, .cuidados...)	06-1956

	Escarlatina /o que é; como se desenvolve/	08-1956
Leonilde Rego Costa Anglin ³⁵⁰ , médica em Açores, cinco filhos e agora já só 1 filha noiva em casa	dedicou-se à clínica de mulheres sempre sofredoras e tb às crianças...Conciliar trabalho profissional e vida doméstica com método e ordem.....Acha mulher exercendo uma profissão se masculiniza...?...todos os trabalhos podem ser executados sem perder feminilidade e personalidade...mulher do reitor do Liceu de Ponta Delgada...passam serões há 30 anos	07-1955
Margarida Mendo, dra.	Factores emocionais e variações de apetite... causas de anorexia No próximo número: Profilaxia e terapêutica	08-1957
J. Aubry, Médica dos Hospitais de Paris	(indicação de Extraído de unta conferência publicada na revista L' École des Parents. Maio de 1957. – Recensão/ O que a criança espera e recebe da escola ...O que qs pais esperam da escola ...O que a escola infantil dá à criança ...Adpatar à vida social...preparar para furura vida escolar...Is pais e a criança...	10-1957
Louise Saatman, médica especialista das doenças nervosas das crianças	DEIXEMOS BRINCAR AS CRIANÇAS Edição francesa de Edouard Aubanel — Colecção «A criança Os seus complexos — A sua cura». — Preço: 26\$00. Recomenda 10 Mandamentos para os brinquedos: 1- É preciso tomar a sério as brincadeiras da criança, porque elas constituem a sua preparação mais importante para a vida. 2- Aquele que quer compreender o sentido <te jogo infantil deve mergulhar no desenvolvimento da alma da criança. 3- Não encarar os jogos infantis com os preconceitos dos adultos nem considerar como fútil, por exemplo, o acto banal de querer atirar para longe um objecto, e depois recommear ou deitar ao chão, demolir c destruir. 4- Não mostrar que certos jogos nos causam inquietação, porque isso desperta na criança o prazer de se tornar interessante. 5- >e é necessário acabar, por vezes, o jogo da criança para assegurar a tranquilidade dos adultos, não é preciso, contudo, oprimi-la com proibições. Limitar, somente, a sua necessidade de agir. Moderá-la com delicadeza. 6- Dar-lhe, se possível, um canto onde ela possa brincar em paz. 7- Não incomodar sem motivo uma criança entregue às suas brincadeiras. 8- Não intrometer arbitrariamente numa brincadeira, e estar convencido de que á criança é seu mestre nesse	04-1958

Numa área próxima da medicina encontramos as psicólogas e psicopedagogas como se constata no quadro seguinte:

Maria de Lourdes Campos ³⁵¹ (Tedeschi de Bettencourt), Psicopedagoga		05-1956
---	--	---------

³⁵⁰ Artigo de Maria Evelina Faria Maia d' Aguiar Bustorff.

³⁵¹ Desta senhora há ainda uma brochura no Espólio: *Problemas Psicológicos* (sobre a puberdade), que é uma Separata da Acção Médica, n.º s 78 e 79, de 1956. Tem o n.º 250 da base bibliográfica que está em *Anexo Cap. 1- Base bibliográfica do Espólio – Lisboa*.

	É um erro julgar-se a mãe,, só pela circunstância de ser mãe, é conhecedora de tudo o que deve saber acerca do seu filho... Relações bebé - mãe	06-1956
	diferença entre o desenvolvimento físico e psíquico mãe e ao pai que compete assistirem à formação moral da criança	07-1956
	chamados defeitos, não existem na realidade Ignorância pode levar pais a prejudicar os filhos	09-1956
	choque entre o que criança quer comer e o que o adulto quer que ela coma	11-1956
Maria Borges, Psicóloga	/analisa os textos das crianças que escreveram para <i>Se eu tivesse uma varinha de condão!</i>	Fev. 1956 e 08-1956
	/idem/	12-1956
(Maria Lúcia)	Pais! Atenção ao Congresso internacional de Psiquiatria Infantil em Lisboa, de 15-20 Junho próximo o IV Congresso..., presidente Vitor Fontes, realiza-se no Hospital Escolar de Lisboa...(segue-se programa)	03-1958

Sobre o ensino da puericultura em idade escolar escrevera a médica Maria Evangelina Pinto em 1930 um livro que Maria Lúcia Vassalo Namorado vai usar para dele transcrever um texto que intitula *A Higiene nas escolas* (ONF, Out. 1945) e que é a cópia do referido livro³⁵², a p. 30 e 38. A médica fora a fundadora em 1915 do *Collège Fémini Français* (Caixa 25. Maço 1) ou *Colégio Português de Educação Feminina* onde “(...)dirijo o ensino de botânica e zoologia (...)” (Pinto, 1930. p. 26).

Nessa formação, “(...) Reconhecendo que a acção de médica escolar seria incompleta se não fosse acompanhada do ensino de higiene e puericultura, acrescentei ao programa oficial do curso dos liceus o ensino de higiene nas quatro primeiras classes, e de puericultura na quinta.(....). A muitos espíritos, profanos em matéria médica, parecerá anti-pedagógico aumentar-se um programa, já tão vasto, com uma nova disciplina. Mas tudo depende da forma didáctica posta em jogo nesse ensino. Eu tive sempre o cuidado de não sobrecarregar os deveres da criança, limitando-me a pequenas conferencias sobre os temas mais interessantes. E que a um tempo divertem e instruem. Pode parecer impraticável uma prelecção apontando simultaneamente a dois alvos diferentes : educar e recrear (Pinto, 1930. p. 15).

³⁵² PINTO, Maria Evangelina (1930) – *A Higiene nas escolas: necessidade do seu ensino*: Dissertação elaborada como título de candidatura ao concurso para provimento do lugar do médica escolar do Liceu de D. Filipa de Lencastre Lisboa: ed. Autora. 74 p.(feito na Tipografia da Cooperativa Militar). É o n.º 78 da base bibliográfica que elaborámos com os livros e brochuras do Espólio, com dedicatória manuscrita: “Homenagem da autora”. Cf. ainda *Apêndice Cap. 4 - Biografias* deste trabalho.

Esta mesma médica era dona do *Collège Féminin Français*, e escreve a Maria Lúcia Vassalo Namorado: “(...)li com interesse seu trabalho "Joaninha quer casar"; nossa literatura só ultimamente se tem lembrado das crianças; literatura delicada e difícil; vou aconselhar sua leitura às minhas alunas porque será bom subsídio para a sua formação moral (...)” (Carta de Maria Evangelina Pinto. Lisboa, S.d. Caixa 25. Maço 1). A profissão de médica é das poucas de ensino superior, como vimos, que a revista anuncia e aconselha. Em 1928 fora fundada a *Associação das Mulheres Universitárias de Portugal* integrando diplomadas em Lisboa, Porto e Coimbra e constituindo um núcleo feminino de intelectuais (Or. Mulheres Comunistas, 1994. p. 13), mas elas não eram ainda muitas no nosso país. Dado que os cursos eram mais extensos e dispendiosos, eles não serão objecto de muitas referências na revista pois não eram as mães que podiam pagar esses cursos às filhas que se pretendia atingir com a revista *Os Nossos Filhos*.

Criadas de servir

Sobre esta profissão, antes de referirmos o que sobre ela escreveu Maria Lúcia Vassalo Namorado quer em *Modas & Bordados* quer depois em *Os Nossos Filhos*, parece-nos importante deixar aqui alguns dos conhecimentos que, sobre esta ocupação, a directora desta última publicação recolhera em Maria Amália Vaz de Carvalho. Delas dizia a escritora que, era voz corrente serem ‘as antigas’ melhores do que as do seu tempo. Sobre estas ajudantes internas, indispensáveis até meados dos anos 50 e 60 do século passado, afirmava:“(...) Declama-se contra a decadência e a desmoralização das criadas de hoje e não se podem comparar às antigas na fidelidade, lealdade, desinteresse e moralidade(...) são corruptoras que exercem influência na família(...) mas são inimigas necessárias(...)(Carvalho,1880. p.211). Em algumas casas a escritora considera que eram mesmo essenciais porque “(...) as criadas recebem os credores á porta e trazem consigo o sorriso manganão(...) amesquinham os amos e há uma intimidade funesta(...) destrói-se o respeito, a disciplina, a obediência, a hierarquia que tem de existir uma família para que esteja bem organizada(...). Nas famílias pobres da burguesia o casamento é uma porta por onde se sai da miséria e a criada é a confidente natural que espia a mãe, entrega e recebe as cartas e ri-se da menina(...)expondo-a a perigos, humilhações e vergonhas(...)”(Carvalho, 1880. p.220). A relação entre patroas e criadas era sempre de conflito, uma verdadeira luta de classes porque quando se transformava na confidente que não devia ser, ganhava ascendente em casa e “(...)só

ganha com isto indulgência para as suas próprias faltas(...) uma advogada, que, por medo, defende(...) ganha quem a ajude no trabalho, a ser insolente e atrevida(...) de se vingar da sua posição inferior e desafogar o mau génio (...)”(Carvalho, 1880. p.221). Da parte dos patrões também havia “(...)indiferença profunda, desejo de explorar dependentes, rudeza, orgulho, egoísmo e desapego(...) da parte dos inferiores há indiferença face à incerteza quotidiana, desafeição pronunciada, despeito, inveja, desejo de trabalhar o menos possível em troca de um salário(...) se há doenças e vigílias, nunca a criada saberá ser enfermeira porque resmungo, furiosa, desatenta(...)”(Carvalho, 1880. p 221). Apesar de todos estes conflitos e problemas passíveis de existirem numa casa, com uma ou mais criadas, Maria Amália Vaz de Carvalho recomendava que “(...) as patroas devem ser benévolas para que a humildade dos nosso inferiores não seja para eles humilhação, ter no interior das nossas casa a máxima dignidade e respeito de nós mesmos e dos outros(...) que o exemplo levante os que stão em baixo(...) não explorar a actividade dos pobres para eles não explorarem as nossas fraqueza(...)” Carvalho, 1880. p.223). Nesse sentido a escritora sugere a criação de “(...) instituições especiais ou modificando a índole dos que já existem(...)as que estão em asilos aprendem a ler, escrever, contar, coser e marcar(...)bordar de branco, de missanga, (...) fazer crochet, tocar órgão, gramática e geografia, porque que serve?Porque não se dá às raparigas do povo, ao menos as que são educadas nos asilos de beneficência, uma educação em harmonia com o seu futuro papel? As que fossem mais inteligentes para professoras, contabilistas(...)aquelas cujo espírito fosse menos desenvolvido iriam para criadas de servir(...)”(Carvalho, 1880. p.225 e seguintes). Para ajudar e ensinar as meninas e futuras donas de casa, Maria Amália vaz de carvalho propunha ainda:“(...) de que educação precisa uma criada? Uma educação tão cuidadosa como uma duquesa. No asilo(...) escrupulo na escolha das mestras(...) moralidade austera, oficinas distintas para aprender cada uma das tarefas de cozinhar, regras de higiene, engomar, lavar roupa de lã, linho ou algodão(...) outras para talhar roupa branca, fatos de criança e senhora, onde se cosesse à máquina (...) as mestras seriam primeiro escolhidas nos países estrangeiros e depois educadas pelo mesmo asilo(...) ensinar as raparigas a ter uma honestidade da sua classe/ou seja/: leal, digna, resistir às más tentações, ser fiel, boa companheira, laboriosa, escrupulo no cumprimento das obrigações(...)”(Carvalho, 1880. p.231). Esta educação seria a ideal para desenvolver na criada de servir as qualidades de que ela precisaria para triunfar na profissão:“(...) ser boa não sendo excessivamente inteligente

tendo robustez, destreza de mãos, fidelidade e amor ao trabalho(...)”(Carvalho, 1880. p.234).

O primeiro artigo em que encontramos uma reflexão sobre as criadas de servir, embora anónimo, assinado contudo por *Uma dona de casa* é escrito por Maria Lúcia Vassalo Namorado para a revista *Fémima: jornal ilustrado da Mulher*, cuja directora era Helena de Aragão³⁵³.

Em artigo *As nossas criadas*³⁵⁴, /scanner / refere-se o regresso das praias e das termas, a necessidade de pôr em ordem a casa e “(...) o pessoal que nos serve(...)”, não o daquelas casa que têm três e mais criadas e até “chauffeur” e jardineiro, mas apenas “(...) apreciar o caso mais vulgar, o de uma criada apenas, *para todo o serviço*. (...)”. Como se percebe imediatamente, o artigo dirige-se às senhoras da classe média ou média baixa que não dispõem de meios para ter mais do que uma criada e que são ignorantes sob o ponto de vista da melhor orientação a dar à direcção de uma casa. Apesar da extensão do texto não resistimos à tentação de o transcrever pois que nele serão colocados todos os argumentos que posteriormente Maria Lúcia Vassalo Namorado irá usar em *Os Nossos Filhos*, ao referir-se a esta profissão feminina. O texto do artigo continua dizendo:“(...) em regra, as nossas criadas são más, são péssimas, são anti-economistas, mas à culpa não é delas, mas sim de todas nós, donas de casa, que não as sabemos dirigir, ensinar, limitando-nos a dizermos que são más e a mudar constantemente de criada. (...) *As criadas são umas porcas*, dizem as senhoras. E nesta afirmação referem-se tanto à higiene própria da criada, como à limpeza e aceio dos seus serviços. (...) V. Ex.as julgam indispensável para vossa higiene e aceio terem uma casa de banho, uma tina onde tomem banho de imersão, onde haja tinas pequenas para simples lavagens de pés, bidets, etc.; não é verdade? E para, as criadas? Com certeza não querem que elas se sirvam da sua casa de banho; então... onde é que elas se hão de lavar? Não haverá sempre maneira de se arranjar uma dependência da casa, na própria cozinha. Houver outra, onde se pouse por espaço de 20 minutos, de manhã ou á noite, uma tina circular onde a criada possa tomar o seu banho à francesa, com esponja?(...) }ou a dona da casa tenha critério e pense que a criada é uma mulher como ela, com as

³⁵³ Cf. Biografias e ainda Castro; Esteves, 2005. p. 339 e 385, pois tem biografia da directora e notícia sobre a publicação aqui analisada.

³⁵⁴ UMA DONA DE CASA (1934) – “As Nossas criadas”. *Fémima: jornal ilustrado da Mulher*. Dir. Helena de Aragão. Editor Aníbal Breia. N.º de 5 de Outubro de 1934. p. 15 que, depois de analisado do ponto de vista do conteúdo, pensamos ser da autoria de Maria Lúcia Vassalo Namorado, escrito ainda quando vivia “na Província”. Existe este único número da revista no *Espólio*.

mesmas necessidades de aceio e de higiene. Em quantas casas há retretes para as criadas? Em poucas. Em regra servem-se das pias. Pois quando assim seja, porque não cobrem as pias com assentos amovíveis, mas limpos e se não coloca junto deles um pequeno «bidet»? *As criadas são umas desperdiçadas, gastam carvão ou gás à doida*, dizem as senhoras. É verdade. Mas quando as contrataram exigiram-lhe algum certificado de frequência de uma escola onde se ensine a trabalhar economicamente com um fogão de coque? Não. As donas de casa apenas curam de saber se a criada é fiel, se sabe fazer o trivial e se pede pequeno ordenado. Ora a criada, como qualquer outra pessoa, não nasce ensinada. Em geral vem da província onde só via cozinhar com uns cavaquinhos de madeira. (...) Na cidade a dona de casa quer que ela passe a servir-se de fogão a gás ou fogão a coque(...) Não a manda, durante uns dias, frequentar um curso de cozinha, apesar de esse ensino ser gratuito. Sabe que na própria *Companhia do Gás* há uma escola onde as criadas são gratuitamente ensinadas a trabalhar com os fogões de gás, com o máximo rendimento e a maior economia. Sabe isso mas não manda lá a criada aprender. Poderia ela mesma ensinar a criada em casa, com paciência, com a mesma paciência com que se ensina uma pessoa a ler ou a bordar; mas não o faz porque ela, a dona da casa, também não sabe trabalhar com o fogão de gás; também nunca quis destinar uma semana a ir ao curso de cozinha aprender a forma económica de cozinhar. (...) Temos visto algumas donas de casa resolverem o caso por esta forma espantosa: como à corta o gás e passa a mandar vir carvão para fogareiros a sobro! É verdade! Ainda há neste século, nesta cidade de Lisboa, no estado de civilização actual, donas de casa que mandam vir dos carvoeiros carvão às arrobas, que em regra têm 10 quilos, que sujam a casa toda com o carvão, que correm um permanente risco de incêndio provocado pelas faúlhas e de intoxicação causado pelo ácido(sic) de carbono (...) meia hora para aquecerem uma cafeteira com meio litro de água e que no fim de contas gastam mais dinheiro do que se usassem o fogão a gás! (...) São as mesmas que para curarem uma doença vão às bruxas em lugar de irem ao médico. São as mesmas que preferem a água inquinada do Poço do Borratém ou de Andaluz à água imunizada da companhia.(...). Não são as criadas que são más. Mas elas que são incompetentes. (...)” (*Uma dona de casa. 1934. In Espólio...*).

Entre 1938 e 1941 a mesma reflexão vai ser feita sobre a profissão de *criada de servir*, agora em *Modas & Bordados*, na secção *Escola de Donas de casa* que Maria Lúcia Vassalo Namorado aí orienta, se bem que não viva em Lisboa. Como no artigo que acabamos de transcrever, também aqui essas mulheres são vistas ‘de cima para

baixo' mas, nas palavras da autora, existe sempre uma enorme preocupação em estabelecer um 'equilíbrio': por um lado preocupa-se com a forma como fazer dessas raparigas ignorantes seres mais cultos, ou seja, como educar quem precisa de ter mais conhecimentos para exercer uma profissão; por outro, põe a nu a ignorância que, sobre as tarefas femininas, exibiam muitas senhoras com criada a quem, por vezes, exigiam mais do que a si próprias como diz quando afirma que: "(...) criadas são raparigas incultas se não boçais; não podem ser mais inteligentes, pacientes e mais ricas de paciência do que nós nas mesmas circunstâncias. Temos o dever para os que trabalham para nós de esclarecer e simplificar os trabalhos que ordenamos" (*Modas & Bordados: Escola de Donas de casa*. 21 Set.1938. p. 11).

A educação das mulheres que podem ter criada de servir é fundamental uma vez que, fruto de más educações das meninas, nem todas as mulheres estão aptas a saber orientar a criada. A imagem de uma senhora que sabe o que quer, que sabe mandar e que tem bem a noção exacta do que se deve esperar de uma subordinada está subjacente à afirmação de que "(...) acabou a serva infatigável, dócil, dedicada que chamava suas às alegrias e às dores da família que servia(...) hoje é quase sempre uma inimiga mas indispensável(...) não há problema mais difícil e ingrato para a dona de casa(...) mandar sempre difícil e ser bom amo ainda mais porque eles testemunham a nossa vida privada(...) não ter a pretensão de nos fazermos queridas mas fazer respeitar e mesmo admirar(...) criados servem melhor as pessoas que vêm muito acima, num pedestal(...) se as senhoras forem justas e perfeitas vão inspirar, alimentar e fortalecer essa admiração e respeito(...) a dona de casa incorrecta, desordenada e enxovalhada não sabe e não pode impor-se (...) a senhora desgrenhada e vestida às três pancadas que autoridade moral tem para repreender a criada que não se penteia convenientemente ou cuida mal da sua pessoa?(...) deve reflectir antes de dar uma ordem que ela não vá contradizer a precedente (...) se a criada cumpre os seus deveres, que a senhora manifeste o seu agrado(...) ao dar um conselho ou fazer uma observação que o faça com bons modos e paciência(...) se a criada não serve é preferível despedi-la a dirigir-lhe ralhos(...) a senhora conserva a calma e a dignidade mesmo que a incapacidade da criada seja de fazer perder a cabeça a um santo (...)" (*Modas & Bordados: Escola de Donas de casa*. 16 Nov. 1938. p. 11).

Todos estes 'princípios' de educação que as senhoras deviam ter, evitariam os ralhos com as criadas, hábito aqui identificado e que até as senhoras mais educadas teriam e

seria frequente³⁵⁵ nos anos 30 e seguintes em Lisboa, como confirma também Serras e Silva em *Os Nossos Filhos* quando aconselha que “(...)Os pais devem esconder as suas querelas e evitar tudo o que possa perturbar a atmosfera da casa, como por exemplo o ralar alto com as criadas (...)” (ONF, Abr. 1946).

Maria Lúcia Vassalo Namorado vai identificando, ao longo de diversos artigos, um conjunto de componentes que considera imprescindíveis ao estabelecimento de uma relação correcta entre a senhora e a sua criada, como em 1880 o fizera Maria Amália Vaz de Carvalho. Deste modo, ela assume que tem as competências necessárias para orientar as senhoras que lêem a revista e tem como finalidade levar quem a lê a saber bem gerir a casa. Pretende-se que a senhora seja exemplar porque “a senhora deve saber fazer tudo o que se faz em sua casa /pois que/ (...) as criadas, mais uma máquina do que cérebro, fazem o que viram fazer, e têm tendência para ‘atrapalhar’ e não para ‘aperfeiçoar’(...)” (*Modas & Bordados: Escola de Donas de casa*. 3 Set. 1940. p. 11). Por esta razão, a vigilância constante, sobretudo em altura de limpezas e na cozinha, tem de ser feita só pela senhora ou por governanta, se a tiver.

Além dos cuidados a ter em questões práticas da limpeza e arrumação da casa, uma vez que a tarefa da organização só cabe à senhora, há que ter alguns conhecimentos sobre a forma de que se (não) podem revestir as relações entre a senhora e a criada. Entre elas “a delicadeza é fundamental entre os que servem e os que são servidos a condição das criadas já é bastante dolorosa se elas são orgulhosas não agravar com palavras e atitudes que as possam ferir (...) é impróprio de pessoas educadas e precisamos umas das outras” (*Modas & Bordados: Escola de Donas de casa*. 164/12/1938. p. 11).

A observância de pequenos pormenores que melhoram as relações não é esquecida. As senhoras têm que aprender a mandar e saber em que consiste essa sua função. Elas têm de saber que “(...) a arte de mandar é ser justo e paciente(...) /e que/ saber mandar é uma ciência que é preciso aprender com cuidado e perseverança, que se aperfeiçoa, que desenvolve a nossa personalidade(...) a não ser em casos especiais não tratar as criadas por tu(...) uma pessoa delicada também não trata por tu uma criança(...) uma criança com mais de 10 anos também não trata criada por tu, mesmo se esta muito nova(...) dizer “obrigada” quando nos ajuda a vestir o casaco(...) é a obrigação dela mas nós podemos ser corteses(...) num hotel é um “obrigada” simples em casa ou das nossas

³⁵⁵ É Maria Eugénia Varela Gomes que diz que “(...) quando as criadas se iam embora (...) a minha mãe é que carregava com tudo(...) naquele tempo as senhoras gritavam, gritavam com as criadas(...)” *Cruzeiro*, entrevista a Maria Eugénia Varela Gomes. 2003. p. 100).

amigas acrescentar o nome da criada para nós é uma atenção; a elas não lhes passará despercebida (*Modas & Bordados: Escola de Donas de casa*. 11 Jan.1939. p. 11).

Estas pequenas lições sobre como tratar as criadas não são apresentadas todas de uma vez. Os conteúdos vão sendo inseridos na revista em números diferentes mas, a sua leitura sequencial, mostra-nos que um plano prévio do conteúdo de cada uma delas fora pensado ao pormenor. Vejamos como quatro meses depois da última ‘lição’, o tema vai ser continuado, no mesmo ponto onde fora interrompido, ou seja, aos conselhos dados juntam-se agora outros que, no seguimento daqueles, fazem todo o sentido: “(...) não é só pagar o ordenado; dar um presente de vez em quando, sensibiliza-as e dispõe favoravelmente para cumprirem os seus deveres(...) presentear uma vez por ano as criadas das nossas amigas, em dinheiro; as nossas, em dinheiro ou uma peça de enxoval(...) se estiveres um tempo em casa de uma amiga, dar gorjeta à criada ou criado de maior categoria, quando há mais que um(a) (...)” (*Modas & Bordados: Escola de Donas de casa*. 26 Abr.1939. p. 11).

Oito meses depois, voltamos a encontrar mais uma referência ao problema das criadas: “(...) seja paciente para as suas criadas. Elas são cabeças no ar, mal educadas, pouco perfeitas, descuidadas? A melhor maneira de as suportar ainda é suportá-las com paciência. O que lhes havemos de fazer? Elas são mesmo assim, e nós infelizmente, não podemos passar sem elas...” (pensamento anónimo In *Modas & Bordados: Escola de Donas de casa*. 13 Dez.1939. p. 11).

A formação das senhoras nesta questão de tão grande importância nas suas vidas deve atingir os mais pequenos pormenores da relação que se estabelece entre a dona da casa e a criada que contrata. A educação das criadas e a sua formação trazem dois benefícios para as senhoras: por um lado, ao ensinar às criadas o que a vida não lhes facultou, a senhora fica mais liberta da opressão do trabalho doméstico e, por outro, pratica uma obra de caridade: “(...) na província as criadas na sua maior parte são raparigas vindas do campo que a respeito de higiene corporal pouco sabem e menos praticam(...) a dona de casa compete essa obra de caridade: dar-lhes novos hábitos(...) o assunto é desagradável mas as senhoras que, por acanhamento não o enfrentam; (...) há uma maneira hábil e simples de o resolver: no dia da entrada dar à criada algumas explicações: esta banheira para você se lavar e aquele lençol para se limpar; cá em casa é costume as criadas tomarem banho tal dia e tal dia da semana às tantas horas(...) assim se diz como fazer para que esses cuidados não prejudiquem o bom andamento do serviço(...)” (*Modas & Bordados: Escola de Donas de casa*. 27 Dez. 1939. p. 27).

Muitas senhoras, mesmo conscientes e sabedoras de todos os ensinamentos anteriormente enunciados, não sabiam por vezes que critérios aplicar na selecção das criadas. Por tal razão, *Modas & Bordados* vai ao ponto de aconselhar uma espécie de ‘grelha’ a aplicar na necessária selecção: “(...) Basta um pouco de psicologia para escolher criada: mande-lhe fazer puré de batata: se deita metade da casca fora é estragada; se não lhe tira os olhos é preguiçosa, gosta de passar a manhã na cama; lava-as numa água só é pouco limpa e negligente se põe muita manteiga ao temperá-las, é gulosa, amiga de comer bem e talvez de beber melhor; se faz tudo como deve é esplêndida, económica, trabalhadora, limpa e comedida” (*Modas & Bordados: Escola de Donas de casa*. 11 Dez.1940. p. 11).

Como senhora bem educada que era e como mulher profundamente humanista, Maria Lúcia Vassalo Namorado, num dos últimos textos que escreve em *Modas & Bordados* sobre este assunto, resume bem a sua opinião pessoal sobre o que pensava, afirmando que a: “(...)criada não é uma escrava mas uma auxiliar que tomamos para nos evitar os trabalhos mais penosos(...) /a quem devemos/ tratar com humanidade, benévolas, justas e devemos tratar com delicadeza se queremos ser respeitadas, respeitemos(...) não a humilhar, tem direito a exigir de nós delicadeza, justiça e bom trato; as pessoas bem educadas e bondosas só podem proceder assim; a bondade, justiça e natural delicadeza impõem respeito e consideração (...)”. Apesar de tudo isto, recomenda uma certa distância entre as senhoras e as criadas, ou seja, “(...) não se deve ser familiar porque não são alheias aos nossos assuntos particulares (...)”(*Modas & Bordados: Escola de Donas de casa*. 10 Dez. 1941. p. 11).

Quando Maria Lúcia Vassalo Namorado dirige a sua revista esta é uma profissão nela muito mencionada: umas vezes pela própria directora e outras pelas senhoras que nela colaboram. O mesmo tema encontramos também nas cartas do *Espólio*. São esses dados que passamos a analisar.

A maior parte das referências às criadas de servir está ligada a exemplos do que as mães não devem fazer na educação dos filhos. Se o melhor factor educativo é o exemplo (Maria Lúcia, ONF, Jul. 1942) e se “(...) o primeiro dever da mãe, educadora, é educar-se a si própria, corrigir-se, aperfeiçoar-se, de forma a possuir os sentimentos, as virtudes, as boas maneiras, que deve ensinar aos seus filhos (...)” então ela deve ter o “(...)maior escrupulo na escolha de criadas, e saberá seleccionar rigorosamente as pessoas que frequentam a sua casa (...)” (Maria Lúcia, ONF, Jul. 1942). Esta ideia é constante em *Os Nossos Filhos*, ou seja, a boa mãe, a que deve educar os filhos tem de

ser ela a ocupar-se da educação das crianças e não pode delegar essa tarefa em pessoas que para tal não têm a devida preparação pois que são muito frequentemente “(...)ignorantes e boçais (...)” (Maria Evelina, ONF, Ago. 1942).

A mãe “(...) consciente da sua missão ocupa-se, sempre que pode, de tudo que diz directamente respeito aos filhos. Cuida das suas pessoas e acompanha-os o mais possível. A conversa que se desenrola no 'decorrer do banho, das refeições, ou do passeio, tem uma importância extraordinária na educação dos pequeninos, e a orientação que a mãe lhe dá não é, com certeza, igual à da criada. O mesmo acontece com os modos (...) não se julgue que o único beneficiado é o pequenino. A influência que o convívio da criança exerce no espírito da mãe é enorme, precioso, insubstituível (...) mãe que não reconhece...despreza as mais puras alegrias da vida e a melhor escola de mesma. Porque a mãe, no contacto com os filhos, aprende muito, aprende sempre, aperfeiçoa-se e domina-se (...)” Por estas razões, deve-se, por um lado, evitar “(...)o mais possível o contacto das crianças com as criadas...quase sempre prejudicam a educação das crianças, porque é raro ensinarem-lhes alguma coisa de bom (...)” mas, por outro há que ensinar as crianças que se “(...)deve ser delicado para as criados e todas as pessoais humildes. Que eles não percebam que os afastamos delas, porque isso seria torná-los orgulhosos (...)” (Maria Lúcia, ONF, Mar. 1943). Neste aspecto se insistirá, por diversas vezes, em *Os Nossos Filhos*: “habitue os seus filhos a não repreender nem maltratar as criadas (Nov. 1946), “(...)não consinta, que seus filhos tratem por tu, batam ou insultem as criadas (...) toda a educação está em perigo nesse momento! (...)” (Adriana Rodrigues, ONF, Nov. 1948).

O problema do recurso às criadas para as mães trabalhadoras nem sempre é fácil de resolver pois que, para as mães que trabalham, o recurso às criadas que se ocupam dos filhos enquanto elas estão ausentes é a única possibilidade de conciliar trabalho e deveres de mãe. Por vezes, a revista reflecte o contra-senso que é querer que as mães trabalhem e se ocupem, como deve ser, dos filhos. A própria directora da revista cai neste dilema quando reflecte sobre : “(...)essas mulheres, que todo o dia trabalham, *mesmo sem abandono do lar*³⁵⁶, que tempo e que atenção podem dispensar aos filhos pequenos? Em que condições crescem, se desenvolvem e educam as crianças entregues a criadas com defeitos terríveis, pessoas que, no melhor dos casos, não sabem lidar com crianças ? E essas outras, que têm a seu lado a mãe, mas a mãe sobrecarregada (...)”

³⁵⁶ Itálico nosso.

(Maria Lúcia, ONF, Maio 1943).

Por vezes, os defeitos das senhoras passam também para as criadas, por exemplo quando se vêem “(...) muitas crianças bem vestidas, denotando abastança e mesmo bom gosto, apresentam unhas enormes e sujas (...) isto significa (...) que as próprias mães ignoram as boas regras da higiene e (...) as deixam entregues às criadas e não as vigiam convenientemente (...)” (Maria Lúcia, ONF, Set. 1943).

Outro defeito ainda é o da mentira aliado ao mau exemplo pois quantas vezes as crianças “(...) são castigadas por dizerem uma mentira e ouvem a mãe dizer à criada: «Se vier alguém para me visitar diga que não estou em casa.» (...)?” (*Uma Mãe*, ONF, Mar. 1944).

As criadas são ainda ‘acusadas’ de, com apoio de algumas mães, contribuírem para a interiorização do medo infantil do escuro e do “(...) papão que vem buscar o menino(...)” (Remo de Noronha, ONF, Abr. 1943) ou de contarem histórias terríveis às crianças, mesmo quando essas criadas são “(...) velhas e dedicadas (...)” (Elina Guimarães, ONF, Jan. 1944). Certos pais também são visados por se descuidarem das suas obrigações familiares e entregarem “(...) os filhos pequeninos o pessoal mercenário por mais tempo do que o devido, sendo assim as crianças educadas em grande parte por esse pessoal e tomando-o como exemplo (...) não admira então que elas empreguem na sua linguagem infantil palavras e frases que destoem da linguagem castigada das pessoas cultas(...) que se manifestem por gestos, maneiras e atitudes de que os pais se envergonham quando apresentam seus filhos em público (...)” (Ferreira de Mira, ONF, Mar. 1945).

Neste lado ‘mau’ da educação dada pelas criadas às crianças das famílias onde elas servem, inclui-se a possibilidade de ser com elas que a criança venha a aprender “(...) donde vêm os meninos(...)”. É que a falta de conhecimentos da mãe sobre este tema a levará a ficar “(...) muito embaraçada, respondendo-lhe que vinham de França, num cestinho de flores (...)”. Nessa altura será “(...) a criada ou uma companheira(...)” a dar os esclarecimentos que a mãe não soube ou não ousou (Maria Lúcia, ONF, Nov. 1944).

As criadas têm, porém, um lado ‘bom’ pois as crianças “(...) gostam de brincar com as pessoas crescidas /e é essa/ uma das razões porque elas fogem para a cozinha, para junto das criadas. As criadas, contam-lhes histórias e casos extraordinários, e brincam com elas — o que os irmãos mais velhos e os Pais, absorvidos pelo estudo, pelo trabalho, e por mil coisas, se esquecem de fazer. Pense nisto, mãezinha! E arranje

tempo para brincar com os pequenitos (...)” (ONF, Abr. 1944).

Um dos aspectos que se deve ter em conta na educação das mães, ao reflectir sobre esse “(...)mister mais delicado e complexo do que o mister de Mãe (...)”outro dos problemas diários da vida infantil (...) é o da reflexão sobre “(...) as relações entre as crianças e as criadas (...)”. Neste texto de Elina Guimarães, um dos mais extensos sobre este assunto, constatamos a divisão deste grupo profissional em três categorias: a primeira, a das criadas como as das “(...) *Memórias* de Maria Madalena Martel Patrício e de D. Tomaz de Melo Breyner, assim como as *Cartas de Fabrício* de Virgínia de Castro e Almeida pintam-nos adoráveis retratos de servas antigas dedicadas e cuja acção junto das crianças as elevava à altura de verdadeiras educadoras. Isto levar-nos-ia a evocações saudosistas do «bom velho tempo» se precisamente esse bom velho tempo não nos tivesse deixado (...) (Elina Guimarães, Jun. 1944). A segunda categoria de criadas é aquela como “(...) , na genial criação de Eça, *Juliana*, a mais satânica e perversa criada da literatura. Também Caiel, no «Amor à antiga», nos apresenta certa *Justina* que, sem descer aos abismos da «Juliana», faz o que pode em matéria de maledicência e intriga. E não esqueçamos á antipática «Antónia», de «Uma família inglesa» (...)”. A terceira categoria de criadas, como “(...) a Rosa do recentíssimo «Destino Humilde» de Raquel Bastos, mostrava-se suficientemente carinhosa com o bebé (...)” (Elina Guimarães, Jun. 1944). A autora reconhece que em “(...) todas as épocas tem havido bom e mau (...)” mas que se deve reconhecer “(...) o mal resultante da convivência com uma pessoa sem educação, muitas vezes eivada de credices, por ser mais subtil não é menos real (...)”. Esse perigo é mais evidente quando a criança atinge a idade de fazer algumas perguntas sobre “(...) tudo o que vê, e a criada, mesmo que tenha paciência e boa, disposição, não lhe sabe evidentemente responder. E ou lhe dá respostas absurdas, ou lhe atrofia a curiosidade legítima, deixando-a sempre insatisfeita (...)”. Por este motivo há que ter muito cuidado na escolha destas pessoas e não se deve falar mal delas às crianças pois que também há criadas que protagonizam “(...) casos, felizmente excepcionais , mas verdadeiros, de perversões voluntária e conscientemente levadas a cabo por criadas, nos inocentes à sua guarda. Arriscava a inculcar na criança o desprezo pêlos humildes e a magoar os sentimentos da criada, se esta for de boa índole. Nisto, como em tudo, é preciso usar de habilidade (...) e a criança não interrogará a criada se a mãe lhe responder com paciência e bom humor; não sentirá desejos de ir para a cozinha, se tiver na sala o seu cantinho acolhedor (...)” (Elina Guimarães, ONF, Jun. 1944).

A necessidade de as criadas serem orientadas pelas senhoras e de estas saberem mais do que aquelas para poderem executar cabalmente essa tarefa é sublinhada em alguns excertos que, de *A Mulher Dona de Casa*, se publicam em *Os Nossos Filhos* (ONF, Dez. 1943). Maria Lúcia Vassalo Namorado, pelo menos por três vezes, aquando da candidatura de Norton de Matos á presidência da República, vai exortar as senhoras com criadas analfabetas a ensiná-las a ler, muito antes do lançamento oficial da Campanha de Educação de Adultos. Constatando que “(...)a percentagem de analfabetos no nosso país é enorme(...)” ela propõe: “(...)E se todas nós, que temos criadas analfabetas, as ensinássemos a ler? Dedicar uma hora, mesmo meia diária a esta bela ocupação, não é coisa impossível para grande número de senhoras(...)” (ONF, Fev. 1948) ou ainda: “(...)A sua criada não sabe ler ?Ensine-a! Ensinar a ler adultos—que bela o grande tarefa para a mulher portuguesa!(...)” (ONF, Set. 1948). Finalmente ainda: “(...) já pensou, , minha senhora, que também pode ajudar a resolver o problema do analfabetismo? Se a sua criada não sabe ler porque a não a ensina? Ensinar a ler adultos que bela e grande tarefa para a mulher portuguesa (...) (ONF, Nov. 1949).

Noutros artigos de algumas colaboradoras como Adriana Rodrigues, Educadora Familiar, Professora no *Instituto de Serviço Social* de Lisboa. (Adriana Rodrigues, ONF, Mar. 1945) também a senhora é aconselhada a ensinar a criada. Esta deve aprender com a senhora, por exemplo, “(...) a técnica da compras (...) deve ir à praça com uma carteira ou porta-moedas para não perder o dinheiro como pode acontecer se levar “(...)leve o dinheiro apertado na mão ou embrulhado no lenço (...)” Alguns aspectos dessa ‘técnica’ incluem a necessidade de habituar “(...)a criada a não ter «vergonha» de pedir facturas nos estabelecimentos aonde vai. Isso facilita imenso as contas que prestará, ao vir da praça....E depois? Logo que a criada aprendeu os segredos de bem comprar, a patroa não mais pensará nisso? Parece-me indispensável que, uma vez por outra, q senhora vá à praça para verificar os preços, entre nas lojas donde se fornece para poder avaliar qual o tempo necessário Q este serviço, e conhecer os fornecedores. Não se trata de «espionar» a criada, mas todos temos visto serviçais conversando horas e horas em estabelecimentos, ou à porta do mercado, relatando com riqueza de pormenores falsos (...) e verdadeiros, o que se passa em nossas casas (...)”(Adriana Rodrigues, ONF, Mar. 1945).

Desta autora é também a listagem de um conjunto de princípios que as senhoras devem conhecer para responder à questão: “(...) Que é tratar bem uma criada?(...) (Adriana Rodrigues, ONF, Maio 1946). Vejamos então a resposta: “(...) Primeiro que tudo é

educá-la. Tal afirmação pode parecer disparatada, contudo não o é. “*Bem me basta o trabalho de educar os filhos, quanto mais as criadas*», pensarão muitas mães de família. Educação da criada, reflectir-se-á sempre indirecta ou até directamente sobre os filhos. São os seus modos, as suas conversas, a sua maneira de fazer as coisas. Como educar essas mulheres rudes? Pela maneira como as tratamos. Pelo ambiente de que as rodeemos. Nunca lhes falemos em tom áspero ou com desprezo. Demo-nos ao trabalho de lhes explicar bem as coisas. Lembremo-nos que as pobrezinhas não tiveram a nossa formação, não têm a nossa cultura. Mas não as humilhemos chamando-lhes «estúpidas, burras e outras epítetos. Sejam delicadas na de ordenar e de pedir. Não terão coragem de responder-nos. Dedicemos ainda diariamente dez ou quinze minutos a conversar com elas. Não é descer nem perder tempo. Aconselhemo-las, mostremos interesse pelo que lhes pertence. Assim como somos prontas a ralhar sejamos diligentes em elogiá-las discretamente, quando revelem progressos no trabalho realizado (...). Se houve qualquer trabalho extraordinário, e a criada o fez a contento, vamos até ao ponto de agradecer-lhe: são pequenas coisas que cativam. Mas vamos mais longe. Custa-me a crer que haja quem falte com o sustento ao pessoal. Quem a fizesse iludia-se apenas, pois as criadas mal alimentadas causam mais juízos, que as outras. Voltaremos ao assunto...hoje insistiremos neste ponto tão importante: o quarto da criada. A criada precisa de ter um quarto como qualquer outra pessoa. Não é justo que quem trabalha nas tarefas mais duras, tenha de dormir num colchão no chão, ou cama, Deus sabe como, pior que o cão ou os animais caseiros. E será responsável pela ordem e asseio do mesmo sem (...) cama todo o dia por fazer, e tudo o resto em desalinho, só porque é o quarto da criada. É um aposento tal como os outros (...) Os cobertores serão em número suficiente...A cama, de ferro, deve ser vigiada para que não albergue aqueles “hóspedes» indesejáveis, que podem passar para 'toda a casa. A roupa da cama embora de qualidade mais inferior, deve ser renovada semanalmente, tal como a outra. Não obriguemos duas criadas a dormir na mesma cama. Uma pode ser saudável e a outra não, além de que a dormir de companhia, não permite repousar tão bem. O sono e descanso das criadas devem preocupar-nos. Todo o ser humano necessita de dormir oito das vinte e quatro horas diárias. Por tanto se a criada, se deve levantar primeiro do que nós, é indispensável que se deite também primeiro! Em quantas casas acontece isto? Lembremo-nos no entanto que muitos desastres e faltas atenção não têm outra causa, senão um organismo intoxicado pela falta de dormir!

Depois do sono, a limpeza, uma criada suja é uma fonte de doença para toda a família...

No quarto haverá lavatório, bidé, balde, jarro para água, saboneteiras; fornecer-lhe-emos toalhas em número suficiente. Vigiamos para que tenha copo e escova de dentes, que os lave, assim como as unhas, para as quais terá também escova própria. (...) O bidé será também substituída por outro alguidar. Essencial é que existam os recipientes e as limpezas se façam. Daremos também à criada um espelho de dimensões convenientes, que lhe permitam compor-se e pentear-se. O ideal será a cómoda com gavetas para uma cortina, servem também. Lembremo-nos de que há peças de roupa que precisam de estar penduradas; se for possível tenhamos um armário no quarto, Para tal fim (...) bastam uns cabides de parede e outra cortina. Uma cadeira permitir-lhe-á trabalhar sentada. Na mesa de cabeceira haverá um relógio despertador. O quarto precisa' de ser arejado e ter luz natural. (...) Se criada trabalhe no quarto habituá-la a poupar a luz eléctrica, começando pelo seu próprio quarto. Este terá ainda espaço para a «mala» onde a criada guarda os seus haveres. E já que falamos destes, quero referir-me aquelas recordações da terra», retratos de família, santinhos, flores de papel, um mundo íntimo, que essas raparigas costumam trazer consigo. Não lhe proibamos que exponham esses objectos nas paredes (...) de maneira a se sentirem em família no meio de estranhos. Mostremo-lhes interesse por esses parentes (...). Não consinta que os nossos filhos vão brincar com Criadas, e muita menos que trocem dessas figuras ingénuas que elas aí guardam.... Tratadas assim, humanamente, tenhamos a certeza que as criadas tomarão mais consciência da sua missão e encontrarão melhores motivos para colaborar connosco na árdua tarefa do trabalho doméstico (...)” (Adriana Rodrigues, ONF, Maio 1946).

É também Adriana Rodrigues quem ensina às senhoras os cuidados que devem ter perante a questão da saúde das criadas porque dela “(...) depende em grande parte, a da nossa família (...) pois uma criada portadora de germes infecciosos pode contagiar a todos(...) provam a comida, lavam a roupa, mexem em tudo o que nos pertence, andam com crianças ao colo, beijam-nas. Primeiro cuidado da dona, de casa ao ajustar a criada ou mulher a dias será informar-se sobre, a sua saúde. Porém não basta, porque ignorância ou propositadamente / pode omitir informações/ (...). Não se pense tratar-se dum luxo (...). Mesmo que a rapariga tenha boa saúde, vigiemos para que prove comida de maneira asseada, com a colher própria evitaremos que as criadas beijem os nossos filhos, durmam na sua cama (...) ou comam da comida que lhes estão dando. A dona de casa vigiará, e aconselhará a criada para que tenha conduta moral irrepreensível (...) A senhora que deseje ter criadas saudáveis vigiará igualmente sua alimentação (...). Por

outro lado a criada não deve abusar do álcool, das carnes, ovos, gorduras, temperos e outros aumentos irritantes, provocadores de prisão de ventre. Muitas das indisposições, mau génio e padecimentos permanentes provêm do estado de envenenamento em que se encontram. Os legumes secos, as hortaliças, a fruta, o pão, o leite são indispensáveis como base na alimentação das criadas atendendo ao género de trabalho em que estas se empregam (...)" (Adriana Rodrigues, ONF, Jun. 1946).

Ao escolher a criada as senhoras podem ter em conta outros critérios como "(...) de uma maneira geral, não se deve entregar crianças a pessoas azedas, mal dispostas ou infelizes (...) /e deve-se /Fugir das criadas que foram as mais novas duma família numerosa ou das que vieram de asilos ou internatos: têm uma sede de vingança de todas as tiranias que sofreram, que se reflectem nas impaciências e troças que fazem sofrer almas mais delicadas (...)" (Maria Irene Madail Rosa, ONF, Maio 1953).

A formação específica desse grupo profissional deveria ser feita, portanto, pelas senhoras num trabalho quotidiano mas há também 'instituições' onde elas podem obter os conhecimentos necessários a um bom desempenho.

Um dos exemplos de uma escola de formação nesta área, funcionado ao mesmo tempo como "(...)notável obra de assistência (...)" é a *Escola de Donas de Casa da Sagrada Família*, que funciona na Quinta da Cardiga sob a direcção da nossa estimada assinante D. Albertina Duarte Braga Rodrigues, da família Sommer e destinada exclusivamente às filhas dos criados da Quinta (...) e ali é feita educação doméstica destas raparigas: (...) turma da cozinha prepara refeições (...) Restantes aprendem corte, costura, bordados, sem a menor despesa para elas ou suas famílias (...) (ONF, Jul. 1944).

As Criadas que tomam conta de crianças e que são desleixadas no seu trabalho, sobretudo quando as levam aos jardins (Elina Guimarães, ONF, Jun. 1944) são muito referidas em *Os Nossos Filhos*. Este é o caso, apenas a título de exemplo, de Maria Luísa de Andrade (ONF, Ago. 1946), de Maria João Lopes do Paço que refere as "(...) mercenárias e ignorantes(...)" que deixam que as crianças se portem mal no jardim embora "(...)também vimos servas muito cuidadosas com os meninos a seu cargo (...)" (ONF, Fev. 1946), ou de Maria Lúcia Vassalo Namorado quando refere "(...) as as crianças que brincam sozinhas, apanhando o que encontram no chão enquanto ao lado as criadas namoram embevecidas sem o menor cuidado pelos meninos (...)" (ONF, Abr. 1949), ou de Sara Pinto Coelho que percebe como as crianças gostam das criadas pois elas não as obrigam "(...)a seguir o horário(...)" (ONF, Jan. 1946), ou ainda de Maria Evelina (ONF, Nov. 1949) que na sua ida para Angola refere como, no barco, as

criadas preferiam “(...) namorar os estudantes zangando-se e barafustando com meninos a seu cargo se eles não lhes permitem passar o tempo como seria do seu agrado (...)”. Esta questão toma outras proporções, como refere Beatriz Franco de Almada (cf. Biografias) que, da Madeira, escreve e informa que toda a ilha “(...) não possui ainda um Parque infantil digno desse nome (...)” e as crianças têm de ser entregues a “(...) criados, sem competência educar, menos ainda para lhes formar o carácter (...)” (ONF, Jul. 1951). Esta é uma das afirmações que mais vai ser usada para explicar, como vemos no capítulo da educação infantil, a necessidade de uma boa educação para as mães.

Como referimos no início deste subcapítulo, a relação entre as mães de um determinado grupo social que trabalham e as criadas é um dos problemas que se coloca a uma séria educação das crianças, que deveria ser realizada pelas mães. Estas, por terem de abandonar o lar, têm de deixar os filhos “(...) entregues a pessoas ignorantes e às vezes, más e com terríveis defeitos(...)”. A solução seria muito simples: bastaria que se pensasse na “(...) a criação de jardins-escola em todas as cidades, vilas e aldeias (...)” do país (ONF, Set. 1946).

Na impossibilidade de tal realização, poderiam as mães não entregar os filhos a criadas e seria bom que juntassem “(...) alguns da idade dos seus e mesmo na aldeia, arranje alguém que tome conta dos seus e dos outros(...)” (ONF, Jan. 1948). Eis a solução que a directora da revista encontra para uma leitora que lhe pergunta como resolver o problema recorrente da necessidade de deixar os filhos enquanto trabalha.

Não entregar as crianças da cidade às criadas é também a opinião de Irene Lisboa, que sob o pseudónimo *Airina* dirá: “(...) Como vive a maioria das crianças da Cidade? Em casa (...). A pessoa que acompanha criança deve ser paciente e gentil bem diferente das mercenárias estouvadas ou rabugentas, e atender com inteligência, mas sem peso instrutivo e secante, às constantes perguntas infantis (...)” (*Airina*, ONF, Dez. 1951).

Mas, como se percebe desde início, esta solução não é das mais viáveis. Por um lado, escasseiam as “(...) obras de assistência à Maternidade e Infância em número tal que abranjam todas as mães e todas as crianças (...) porque de tanta protecção necessitam os inocentes que não têm lar, nem pão, nem mãe — como aqueles que, nascidos em berços de ouro, se criam abandonados por mães .frívolas e inconscientes, entregues a criadas ignorantes ou são, pelas próprias mães, pessimamente educados(...)” (*Avòzinha*, ONF, Set. 1947). A falta de escolas adequadas para as crianças antes dos sete anos faz-se

sentir em todos os grupos sociais. Muitas mães vêm-se obrigadas a entregar os filhos às criadas, como último recurso. Uma leitora, *Mónica*, que tem uma criada com sete anos pergunta-se: “(...)Que preparação têm estas crianças, ou raparigas, raríssimas vezes mulheres, Para tratar dos pequeninos? Que educação têm ou podem dar-lhes aos da 2ª infância?(...) Como pode haver boa educação, se na maioria dos casos e no maior número de horas, as crianças até aos 7 anos /visto não haver escolas infantis/ são entregues a «criadas de meninos», que vêm sabe Deus donde? (...) Às criadas de meninos, acho muito bem. Mas que se pense, então, muito a sério, em dar-lhes formação moral necessária. Que pode uma pobre rapariga ignorante ensinar aos nossos filhos? Em caso algum, mesmo supondo-a criada de meninos, preparada convenientemente, como o é na Suíça e na Inglaterra, ela pode substituir, a mãe. No entanto pode ser uma preciosa auxiliar para as Mães, abastadas e para as que têm o seu modo, de vida na própria casa (...). A criada de meninos, apetrechada com os conhecimentos essenciais pode dar-lhes o banho, a papa, vigiar o sono, acompanhá-los no jardim (supondo, a casa com Jardim) (...). Mas para isso precisava de saber higiene, puericultura, psicologia e pedagogia, como acontece nos países civilizados (...)” (*Mónica*, ONF, Dez. 1946).

Maria Lúcia Vassalo Namorado recebe algumas cartas de senhoras que lhe pedem para as ajudar a arranjar criada adequada. Uma delas, Maria José Cordovil Vinagre, que escreve de Évora, com pseudónimo *Esposa e mãe verdadeira*, solicita esse favor à directora da revista em 8 de Maio de 1947 (Caixa 26. Maço 3) para, em 21 de Junho do mesmo ano (Caixa 24. Maço 4) lhe dizer que a criada que Maria Lúcia Vassalo Namorado lhe indicara não tinha sido do seu agrado. Outras vezes é a directora da revista que, em *Os Nossos Filhos*, diz “(...) não conhecemos nenhuma casa que possa fornecer, com rigorosas garantias, criadas para meninos. A casa a que se refere merece realmente toda a confiança, mas o mais que ela pode fazer é responsabilizar-se pela idoneidade moral das raparigas que coloca, e não pela sua preparação profissional. Preparação profissional é, mesmo, coisa que entre nós não existe, no que respeita a criadas e muito menos criadas de crianças. É este outro problema grave que muito nos preocupa e no qual tantas vezes temos falado mas (...)Nada mais podemos fazer (...)” (ONF, Nov. 1946).

Porém, em Dezembro de 1947, na revista, há uma leitora Maria Cecília Dias Bérrio, assinante desde o início da revista, que tem costureira de 15 em 15 dias e que resolveu prescindir de uma das duas criadas que tinha, que considerando as criadas são pessoas

“(...) sem instrução de espécie alguma /que/ não sabem que é educação (...) /que/ a higiene é para elas «esquisitice da senhora» (...) que muitas vezes nos complicam a vida e ainda quando elas não têm defeitos graves, é uma grande sorte (...) (ONF, Dez. 1947) propõe que se obrigasse qualquer rapariga que quer ser criada a ter uns tantos meses de ensino e treino em estabelecimentos próprios, e dar-lhe em troca um certificado, uma espécie de cartão de identidade, sem o qual não poderiam concorrer aos lugares que aparecessem, e onde viriam indicadas as habilitações, comportamento, estado de saúde e o ordenado que deviam receber (...) Mas uma coisa feita a sério, sem «cunhas», nem pedidos(...). Porque não se faz?(...)” (ONF, Dez. 1947).

Esta proposta vai ser desenvolvida por Maria Teresa d'Anta que, ao explicar como poderiam as mães ensinar as suas filhas a serem boas donas de casa pergunta: “(...)Porque não fundar escolas para criadas, para criadas de todos os serviços? Criaturas habilitadas e conscienciosas(...) não as mercenárias de agora, sem saberem nada e, constantemente dominadas pelo desejo do luxo falso e de arranjam quem as tire daquela vida de servidão. Louca miragem! Mas só tardiamente o verificam! (...)” (ONF, Jun. 1948).

No mesmo sentido veja-se ainda a preocupação manifestada pela *Junta Central das Casas do Povo* quando pretende “(...) evitar, mediante regulamentação, que as serviçais domésticas, contratadas para trabalhos grosseiros, assumam responsabilidade nos domínios da puericultura e da pedagogia (...)” (ONF, Out. 1952).

Em Ponta Delgada, na Ilha de S. Miguel, nos Açores, temos informação de funcionar uma ‘escola’ para criadas como refere João H. Anglin, Reitor do Liceu de Ponta Delgada, quando descreve que “(...) no que concerne à recuperação crianças desamparadas e em perigo moral, injustiça grave seria esquecer (...) a instituição das Irmãs do Bom Pastor, que acolhe e se entrega à tarefa de regeneração cristã de raparigas, e a das Filhas de Maria Imaculada, com intuitos, preventivos, recentemente fundada em Ponta Delgada, e que se ocupa ainda da preparação moral e profissional de raparigas destinadas ao serviço doméstico (criadas de servir) e a outras profissões (...). A *Casa de Trabalho do Nordeste* é outra instituição assistencial destinada a preparar raparigas para ganharem a vida por meio do trabalho honesto e remunerado, fornecendo-lhes deste modo uma preciosa arma de defesa contra as ciladas traiçoeiras que tantas vezes o mundo lhes prepara (...)” (ONF, Jul. 1955).

Estas “ciladas”, o desconhecimento desse mundo para muitas das que vinham da província em busca de melhor futuro também se prende com um outro dado, que como

já vimos, tem a ver com o péssimo hábito de algumas senhoras maltratarem as criadas. Em texto de Ilse Losa (*cf. Apêndice Cap. 4- Biografias*) é-nos dado um retrato-tipo de uma dona de uma pensão que a todas punha defeitos, não dava referências abonatórias, obrigava-as a trabalhar, não lhe pagava o necessário, implicava por darem “(...) gargalhadas demais(...)” ou por “(...) cantarem canções da terra (...)” e era fácil elas enveredarem pelo caminho da prostituição (Ilse Losa, ONF, Abr. 1950).

A falta de brio profissional de muitas mulheres que trabalhavam, entre elas as criadas é denunciada por Anália Torres quando, na rubrica *Fémina* de *Os Nossos Filhos* conclui que esse defeito existe pois “(...) é a dona de casa dispatando com as criadas, em vez de as ensinar e de lhes exigir responsabilidades, que é ainda a forma mais eficiente de as educar. É a criada, essa humilde colaboradora doméstica, que só inveja os patrões e não tem qualquer interesse pelo seu mester, desempenhando as obrigações sem brio e sem vontade de acertar (...)” (ONF, Jul. 1950). Mas que “(...) é um espécimen sem o qual não podemos passar em Portugal (...)” (Anália Torres, ONF, Abr. 1951).

Contra o hábito de maltratar as criadas insurge-se também outra leitora da revista, Maria Irene Madail Rosa. Para perceber como certas pessoas humilham outras “(...) bastava que de quando em quando nos puséssemos no lugar dos nossos filhos, das nossas criadas, das empregadas das lojas — que tantas vezes tratamos desabridamente. Que pensássemos e sentíssemos por eles uns momentos, que nos identificássemos com as suas dificuldades ou a sua ignorância, e que ao menos não fôssemos desagradáveis. Que feridas incuráveis produz por vezes a troça ou a impaciência na alma duma criança; a que «desabafos» dão origem as palavras ásperas e injustas ditas a uma criada (...) Para quê vexá-las ou descompô-las como certas senhoras fazem?(...) Para quê exigir de uma criada aquilo que nós próprias não poderíamos fazer?(...)” (ONF, Abr. 1951).

Adriana Rodrigues também chama a atenção para este problema aconselhando a que as mães não batam nos filhos “(...)Não lhes dê palmadas ,«por graça» (...). Eles costumam repetir o mesmo nas «criadas», e nos animais e os resultados nunca são brilhantes (...)” (ONF, Nov. 1951).

Em 1952, quando Maria Lúcia Vassalo Namorado cria uma secção em que pede a colaboração das leitoras para explicarem como intervieram ao ver pessoas a praticar ‘erros educativos’, algumas das respostas descrevem casos passados com criadas. É o caso de Maria de Lourdes (ONF, Maio 1952) e de Maria Adriana da Cruz Guimarães que viu criada a bater a uma criança (ONF, Ago. 1952).

Se a maioria das vezes as criadas são apresentadas como seres pouco inteligentes, descuidadas e com outros ‘atributos’ como os que acabamos de ver mencionados, duas notícias há em que elas são muito elogiadas. Uma primeira, da autoria de M.N. (a própria Maria Lúcia Vassalo Namorado) em que confessa que, numa altura em que teve de se afastar oito dias de casa, e em que deixara deixou “(...) recomendações, ao marido que a ouvia distraidamente, às crianças que ainda eram tão pequenas, e à criada, que me não merecia confiança (...)” e os problemas “(...)entregues às próprias crianças e a uma pobre mulher nada inteligente(...)” foi com “(...)surpresa, (...) muito desanimadora para o amor próprio (...)” que quando chegou, verificou que estava tudo bem e “(...)Pensei que afinal não era tão necessária (...)”(ONF, Dez. 1953).

Numa outra é uma leitora, *M.L.* de pseudónimo, que sendo empregada e deixando as filhas com a criada tem ciúmes desta última e, por isso, pede apoio à revista para ver como há-de ultrapassar o problema É-lhe sugerido que se congratule por ter uma pessoa de tanta confiança a quem deixar as crianças e é aconselhada a não perguntar “(...)às meninas de qual gostam mais da mãe ou da criada (...) e sempre proceder com tacto sem magoar a boa rapariga (...)” (ONF, Set. 1955).

Um outro caso é o de uma professora primária que, como muitas outras em *Os Nossos Filhos*, se queixa de que tem de levar os filhos para a escola por não ter pessoa de confiança a quem os deixar ou de outra que, embora tenha uma boa criada “(...)mas de inteligência acanhada (...)” vê a filha reproduzir as “(...) as conversas banais que ouve entre a criada e colegas, imitando-a nos mais grosseiros trabalhos (...)”. Isto só acontece porque, como de costume, “(...) na terra não há parques, nem jardins, escolas ou escolinhas (...)” (ONF, Abr. 1958) onde as crianças possam ficar enquanto as mães trabalham.

No *Espólio* há algumas cartas que identificamos como sendo de criadas. A título de exemplo citemos a de Maria das Dores, criada de Marcelo Caetano que, quando casa e parte para o Brasil, vai levar a Maria Lúcia Vassalo Namorado um cartão de visita de Teresa de Barros Alves Caetano³⁵⁷, a mulher daquele político que a directora da revista

³⁵⁷ Da leitura da carta de Maria das Dores percebe-se que Maria Lúcia Vassalo Namorado teria oferecido revistas à criada de Teresa de Barros. Diz a carta: “(...)sem me conhecer(...)agradada pelas revistas que me ofereceu(...)como soube pela minha senhora, casei e vou viver para o Brasil(...)levo-as e mostro a meu marido e depois escrevo (...) a dizer como quero (...)”. Junto da carta está um cartão de visita de Teresa de Barros Alves Caetano que diz:“(...) cumprimentos e agradecimentos pela sua amabilidade (...) mando-lhe esta carta da minha criada, escrita unicamente por ela. Apenas lhe disse o seu nome (...) com a

conhece, para ela saber que a referida criada poderá lá assinar a revista. Uma outra é de uma criada a quem a senhora deixa ler a revista e que se insurge pelo facto de nela as criadas aparecerem sempre com epítetos negativos. Diz esta criada que assina com pseudónimo *Uma criada*, de Évora:”(...) Li no seu jornal *Os Nossos Filhos* o artigo de fundo “Jardins Infantis” e confesso que me custa imenço(sic) tanta falta de consideração por quem tem a infelicidade de ser criada. Só as criadas é que têm defeitos terríveis? Então as senhoras que andam quase nuas, todas pintadas, e muito às escondidas trocando os maridos por outros, más línguas para as amigas, deichando (sic) os filhos e vão para as paródias toda a noite quase nuas são boas? Só falam nas criadas porque não fazem os serviços sem precisarem da pobre da criada? Tomaram muitas terem a vergonha e habilitações que tem uma criada. É favor quando se falar numa criada verem que á bom e mau. Certamente como acontece com as senhoras(...)”. (Carta de 13 de Maio 1944. Caixa 16. Maço 1).

Também a revista menciona diversas vezes as criadas de tenra idade como a que, ia deixando cair o menino que segurava porque vira o mar pela primeira vez e a outra que ajoujada, seguia a senhora com as compras. A leitora que tal denuncia, na revista, refere que não resistira e entabulara conversa com esta última explicando que também tinha criada “(...) mas que ficava em casa porque era a senhora que ia à rua porque a criada era para ajudar e não para mostrar a outros que a tinha(...)” (Maria de Lourdes. ONF, Maio 1952).

Quando a directora de *Os Nossos Filhos* cria a *Escola de Noivas e Donas de Casa* não fará, porém, nenhum curso para este grupo profissional.

Outras profissões e ocupações femininas (deputadas, bailarinas, rendeiras...)

Ao mencionar as profissões anteriores verificamos que, na revista, há referências a muitas outras actividades profissionais, como a da fotógrafa, da actriz, da escritora, como vimos já quando abordámos a questão das senhoras que são entrevistadas na revista. A apreciação dos anúncios gratuitos que a directora da revista decidiu oferecer às leitoras e assinantes, até 40 palavras, são também uma boa fonte de informações sobre outras profissões femininas como acontece também com a correspondência do Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado onde encontramos empregadas dos CTT como Hortênsia Martins, em Bissau (Cartas em Caixas 21, 30, 34. Maço 1 e muitos

maior simpatia (...)” (*Espólio*. Caixa 30. Maço 3).

outras), farmacêuticas como Beatriz Franco d'Almada e também visitadora sanitária pela Direcção-Geral de Saúde, do Funchal (Caixa 41. Maço 2), funcionárias públicas como todas as professoras primárias que para ela escrevem, donas de pequenas empresas como a da *Frutas da Beira* 21 Set. 1949. Caixa 26. Maço 4) ou ainda gerente e dona de pensão familiar como Raimunda de Carvalho de Penacova (Caixa 77. Maço 6).

Naqueles anúncios encontramos muitas mulheres que querem trabalhar em casa como preceptoras (ONF, Maio 1947) às vezes indicando “(...) com conhecimentos puericultura, enfermagem, e psicologia infantil (...)” (ONF, Dez. 1950) ou por grande necessidade: “(...)Uma senhora de famílias distintas encontrando-se em situação aflitiva pede às nossas leitoras para uma sua filha de 19 anos, com o 4º ano do liceu, falando e escrevendo correctamente francês um lugar em escritório ou como perceptora(sic)(...)” (ONF, Dez. 1955). Mencionam-se também bordadoras e tricoteiras (ONF, Maio 1948).

Muitas mães, ou as próprias interessadas, como podemos ver no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* solicitam a ajuda da directora da revista para saberem informações sobre possíveis cursos para as filhas/elas frequentarem. Umhas vezes são as cartas, como dizemos, que de tal nos informam, outras são os pequenos textos, sobretudo nas secções da correspondência da *Avòzinha*, que desses cursos nos informam. Vejamos alguns exemplos do primeiro caso que referimos:

Amélia Branquinho de Carvalho e Oliveira³⁵⁸, de Vila Robert Williams, Angola	Embora não a conheça, pedir 1 informação e conselho sobre o seguinte: Pensei em leccionar crianças desde a idade de 5 anos em diante, ensinando-lhes todos trabalhos de mão e máquina, pois estou apta a isso; tenho q ser remunerada pelo meu trabalho visto que não sou rica e com meus proventos queria auxiliar a instrução de meus filhos pois tenho 2 q passaram agora para o 4º ano e 2º do Liceu;...pode dizer-me qlquer coisa na vossa revista ñ sei s na secção de conselhos da Avòzinha, para Amélinha R.W.; desculpa pela minha redacção e ortografia mas meus pais ñ me puderam dar mais que a instrução primária	Carta de 19 de Jan. 1949. Caixa 15. Maço 2
Triste e Pequeninha³⁵⁹	É órfã. Desde pequena que sente inclinação para a enfermagem, mas o Pai contrariou sempre essa ideia.	/3 cartas sem data/

³⁵⁸ Cinco anos depois é uma das alunas da *Escola de Noivas e Donas de Casa* (cf. Apêndice Cap. 5).

³⁵⁹ Tem escrito a vermelho por Maria Lúcia Vassalo Namorado: “(...)... Os conselhos da Avozinha Resp. na Rev. Nº 130(...)”.

	Tem 32 anos...Gostaria de ter feito a inscrição no curso de Visitadora Sanitária mas como ultrapassei a idade e não tenho o 2º ciclo do liceu...Pede conselho sobre o que fazer. Pergunta que habilitações exige o Curso de Didáctica Pré-Primária do Jardim Escola de João de Deus. E o Curso de Educadora Familiar.	Caixa 39. Maço 2
Uma assinante aflita ³⁶⁰	Tem um filha de 19 anos que está no 7º ano de ciências mas não sabe que curso lhe deve aconselhar pois não é amigo de estudar. Ele pensa ir para o magistério. Pede que lhe indique um curso curto e vantajoso para uma rapariga.	Caixa 59. Maço 2
Maria da Conceição Portela,33 anos, Uma mãe que precisa trabalhar, Idanha-a-Nova	/com 4ª classe portuguesa e francesa/ vinha perguntar a V. Exa se eu ainda poderia tirar qualquer curso de enfermeira ou parteira....elucidar na revista ou particularmente	Carta de 6 Jul. 1954. Caixa 34. Maço 3

Em alguns casos conseguimos cruzar as informações resposta que Maria Lúcia Vassalo Namorado envia a estas mães ou raparigas que querem trabalhar. A resposta a *Uma assinante aflita* será:“(...) É muito difícil dizer-lhe que curso «deve” seguir a sua filha, porque isso depende principalmente da vocação da menina. Uma vez que pretende um curso pequeno, lembramos: o de Visitadora Sanitária, que se tira no Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge, Campo dos Mártires da Pátria, 91, Lisboa; o de Assistente Social ou Educadora Familiar (Instituto de Serviço Social, Largo do Mitelo, 1, Lisboa); o do Magistério Primário (Escola do Magistério Primário, Benfica, Lisboa); o de Enfermeira graduada (Escola Técnica de Enfermeiras do Instituto Português de Oncologia, Palhavã, Lisboa). Qualquer deles é relativamente curto. Deve dirigir-se aos diferentes estabelecimentos de ensino que indicamos, e lá lhe darão todos os esclarecimentos de que necessita para fazerem a vossa escolha. Faz muito bem em insistir com sua filha para que tire um curso (...)” (ONF, Abr. 1954).

Vejamos outras perguntas e respostas dadas pelas directora de *Os Nossos Filhos*, como as anteriores, sempre apoiando a mulher que quer tirar um curso, que pode (não) ser obrigatoriamente para dele viver:

filha esperta, activa e engraçada...com 14 anos no 4º ano (...) mas conversadora	/resposta:/ apanhar coisas no ar”, falar constantemente, saber argumentar e convencer(...) esplêndidas qualidades para uma advogada ou uma comerciante! Um curso comercial, ou estudar línguas e vir a ser guia ou intérprete, acompanhando ou recebendo estrangeiros numa companhia de	11- 1952
--	---	-------------

³⁶⁰ Tem escrito a vermelho por Maria Lúcia Vassalo Namorado: “(...)Resp. na Rev. Nº 130(...)”.

	viagens, ou em grandes hotéis, ou em grandes empresas. Pode ser jornalista, repórter fotográfica, propagandista comercial, agente de vendas ou de publicidade, locutora de programas publicitários, etc.. Onde poderá triunfar graças ao que a leitora chama "os defeitos"...	
mãe de menina de 12 anos que só gosta de movimento e ar livre	dirija-se ao INEF- <i>Instituto Nacional de Educação Física</i> ...porque nos colégios, como nas associações desportivos e culturais, é necessário que haja professoras de educação física, cultas, competentes, equilibradamente modernas, e conscientes da importância da sua Influência, orientação e ensinamentos, junta das crianças, das raparigas, e das mulheres jovens	07-1953
	Farmácia, Magistério Primário como muitos próprios para uma rapariga...Também há o da <i>Escola Técnica de Enfermeiras</i> do Instituto Português de Oncologia...com 5º ano dos liceus e 18 anos de idade	06-1953
filha anda 5º ano do liceu, não somos ricos...não curso longo e dispendioso...que poderá seguir?	impossível responder. Escolha da profissão muito sério...tendências, gostos, aptidões da filha... Há muita coisa a fazer, e é necessário que cada qual faça aquilo de que é capaz., com seriedade, com altura, sem confusões nem atropelos. Os deslocados, por vezes reagem e conseguem, depois de muitos esforços, encontrar o seu verdadeiro caminho Mas só excepcionalmente isso acontece. Na grande maioria dos casos, ou se revoltam inutilmente, dominados pelas circunstâncias, azedam; ou se acomodam, caindo na mediocridade, e na apatia. Dirigir <i>Instituto de Orientação Profissional</i>	04-1956
filha conclui 7º ano dentro de semanas...não somos ricos...convinha curso de 2-3 anos; o que aconselha?	vezes temos respondido, a perguntas que nada podemos aconselhar. ...A escolha da profissão é assunto muito sério, que só o interessado pode resolver, depois de, conscientemente, pesar as suas tendências e aptidões intelectuais, capacidades físicas, etc. Tenha uma conversa muito séria com a sua filha, e ajude-a sem interferir. O <i>Instituto de Orientação Profissional</i> pode ajudá-la a tomar uma decisão. No entanto, indico alguns cursos que a sua filha pode tirar no espaço de tempo que indica: — Magistério Primário (dirigir-se à Escola do Magistério Primário, em Benfica), Enfermagem (Escola Técnica de Enfermeiras, do Instituto Português de Oncologia, Palhavã). Assistente Social, ou Educadora Familiar (Instituto de Serviço Social, Largo do Mitelo, 1). Ensino Infantil (Associação dos Jardins Escolas de João de Deus, Avenida Alvares Cabral	07-1956
refere ser filha menina sempre a querer dar ajuda	/resposta:/O serviço social precisa de dedicações como a que Aurora (...) que admirável educadora familiar, ou assistente social, ou assistente auxiliar, ela poderá vir a ser Junto das famílias, das mães, nas instituições de assistência, nas obras de protecção à infância, nas casas de reeducação, lá encontrará largo campo de actividade onde o seu temperamento poderá expandir-se. Esplêndida enfermeira de saúde pública, enfermeira hospitalar, enfermeira visitadora, etc. em qualquer caso, Se as condições económicas permitirem que tem a medicina, tem a psiquiatria infantil(...) a ginástica médica, a reeducação das crianças anormais com os seus inúmeros problemas, e os problemas das crianças cegas, surdas, etc.; tem ainda a investigação científica...regozije-se, não a contrarie, respeite as suas tendências(...)"	08-1952

Uma outra profissão elogiada na revista é a de Sereira Amzalak, a senhora (judia) que criara um *Curso de Tecelagem Doméstica*, funcionando em Lisboa, na R. De

S. Bernardo, 108. 2º, á Estrela, em Lisboa. O primeiro artigo em que se lhe faz referência é de Junho de 1947, seguindo-se-lhe outro em Maio de 1948 e mais anúncios como veremos. O 1º daqueles cursos havia sido inaugurado em Março de 1948 e com ele começara a 1ª “(...) Escola Portuguesa de Tecelagem Doméstica(...)” (ONF, Maio 1948). Ela trouxera os teares da América e, em Portugal, apenas funcionava um curso deste tipo na Escola Industrial de Tomar, dirigido pelo Engº João dos Santos Simões. Em Setembro do mesmo ano a revista informa que o Curso funcionava todos os dias, excepto sábados e domingos, das 9,30 ás 13 e das 15 ás 19 horas(...) /ficando as senhoras/ habilitadas a fazer em suas casas todos os géneros de tecidos: sarjas, tweeds, tecidos duplos, tecidos de fantasia, tapessarias simples, etc.(...)” (ONF, Set. 1948). Algumas exposições dos trabalhos realizados haviam sido feitas, em Lisboa (ONF, Fev. 1956). Dez anos depois ainda se dizia que tirar um destes cursos habilitava a senhora que o fizesse a “(...)ganhar muito dinheiro em sua casa(...)” (ONF, Maio 1958).

As modistas e outras profissões similares são também anunciadas na revista. Saber realizar os seus vestidos, roupa de homem e de criança era também, como vimos na educação feminina e nos artigos de Adriana Rodrigues, o dever de qualquer “(...)burguesa comedida e sensata nas atitudes e elegante e discreta nas aparências (...)” (Guimarães. 2002. p. 150). Apostava-se na revista também na senhora que defendia a moda sóbria, distinta, discreta e simples. Os modelos, como acontecia com os que são anunciados em *Os Nossos Filhos*, eram passíveis de ser confeccionados pelas assinantes ou pela modista, caso a tivessem. O *Curso de Corte e Costura da Escola de Noivas e Donas de Casa* também, na sua forma de curso por correspondência, também recorria aos moldes que as senhoras seguiam em casa. Havia uma certa tradição, como vimos, de escolas para “(...)ensinar a arte da costura (...)” (Guimarães. 2002. p. 164) como algumas das que ainda eram anunciadas na revista: o *Instituto de Corte Ilda Nunes*, fundado 1932 e que também era anunciado em *Portugal Feminino*, com fotografia da própria professora, a *Escola de Corte, Costura e Bordados*, fundada e dirigida por Maria Cordeiro Paixão, em 1933 e onde Afra da Graça Bragança, uma das professoras de *Escola de Noivas e Donas de Casa* tirara o seu curso, (Carta de 2 de Jun. 1948. Caixa 11. Maço 2), a *Escola de Corte Costura e Chapéus Mme Justo* que, em 1945 tem cursos com alunas internas e externas e outras já referidas neste trabalho. Também em *Modas & Bordados* onde Maria Lúcia Vassalo Namorado colaborara, se faziam anúncios ás escolas mencionadas sendo que, em 1938, realizar-se-á a 1938, a *Festa das*

Costureiras cujos lucros reverteram para a *Colónia Infantil de O Século* (Guimarães. 2002. p. 512)

Profissões de mulheres do campo há a referência aquelas que viviam do amanho da terra e que nada sabiam sobre puericultura, assim como ás carqueijeiras do Porto, sobre quem em Março de 1952 saíra uma referência em *Os Nossos Filhos*. O esforço desumano destas mulheres havia sido denunciado pela *Liga Portuguesa de Profilaxia Social*, desde 1928 porque “(...)desde a beira-mar até às partes altas da cidade do Porto, calcurriam (sic) quilómetros vergadas sob enormes fardos de carqueja(...) por uma paga de miséria(...). Algumas mulheres levando ainda crianças ao colo por não terem quem tome conta delas e outras em adiantado estado de gravidez (...) com casos de parto nessa íngreme ladeira a cuja subida os animais são poupados(...)”(LPPS, 1951. p.3 e 4). O Padre Abel Varzim, entre muitos outros, escrevera um artigo sobre este assunto em 9 de Julho de 1944 (LPPS, 1951. p.40) e também outra colaboradora da revista, Isaura Correia Santos “(...) escrevera artigos em 13 de Agosto de 1945, em 10-Dezembro 1945 e em 19-Dezembro 1946 sobre as carqueijeiras do Porto, no jornal *O Comércio do Porto*, na secção *Mulheres e crianças*(...)” (LPPS, 1951. p.42).

Deputadas

Como sabemos, Salazar conseguiu atribuir pouca força à Assembleia Nacional e a quase todos os órgãos de governo porque ele foi capaz de, sob a protecção da Constituição, assumir uma série de poderes. “(...) A maior importância do primeiro ministro face ao Presidente da República sai reforçada após o “terramoto delgadista”, em 1959, quando Salazar consegue a alteração do sistema de sufrágio eleitoral para esse órgão e, desse modo, conseguiu subalternizar o chefe de Estado ao chefe do Governo e atribuir, cada vez mais, um único e mesmo rosto a toda a acção política até porque vai convocar cada vez menos o Conselho de Ministros, esvaziando-o assim das funções que lhe competiam para se debruçar, quando o fazia, apenas sobre temas de natureza administrativa. Mas, antes desta situação, fora também ele que em 1934, permitira a entrada das primeiras três deputadas na *Assembleia Nacional*: Maria Guardiola, com 40 anos, Cândida Parreira, com 58 e Domitila de Carvalho com 64 anos, sendo que a primeira e a última tinham sido, como referimos, professoras de Maria Lúcia Vassalo Namorado no Liceu. Desta forma, o Estado Novo não hostilizou as mulheres mas quis remetê-las ao lar. Embora dando-lhe o que elas não haviam pedido – o voto- que lhe havia sido negado pelo regime anterior a quem elas o tinham pedido e lho tinha negado

(excepto Carolina Beatriz Ângelo...). A lei 2015, promulgada a 28 Maio 1946 alargava o grupo eleitoral feminino: foram consideradas eleitoras para a *Assembleia Nacional* e para a Presidência da República as mulheres, maiores ou emancipadas com curso geral dos liceus, do Magistério Primário, das Belas Artes, do Conservatório Nacional ou do Conservatório de Música do Porto, dos Institutos Industriais e Comerciais (artigo 3.º); as chefes de família (viúvas, divorciadas, judicialmente separadas ou solteiras) que soubessem ler ou escrever ou pagassem ao Estado quantia não inferior a 100\$00 por impostos directos (art.º 4); as casadas que soubessem ler e escrever ou pagassem contribuição predial não inferior a 200\$00 (artigo 5.º); eram eleitores os homens que soubessem ler e escrever (artigo 1.º) ou que pagassem ao estado 100\$00(...)" (Gorjão. 2002. p.151).

Como vimos já no subcapítulo sobre a política, Maria Lúcia Vassalo Namorado tinha uma posição firme sobre essa situação, que expressou então. Na revista *Os Nossos Filhos* as mulheres deputadas na *Assembleia Nacional* vão ser referidas mais do que uma vez quando aí defendem projectos de interesse para a população feminina. Assim se compreendem as notícias sobre as intervenções de Virgínia Gersão (1896-1974)³⁶¹, Maria Luísa Van Zeller e de Maria Leonor Correia Botelho. A primeira destas senhoras foi assinante da revista, uma entusiasta das campanhas de angariação de assinantes e uma das senhoras que escreve diversas cartas para directora e é colaboradora ao longo de diversos anos. Também no *Espólio* de Maria Lúcia Vassalo Namorado existem quase todas as obras que ela publicou de pequenos textos para representações no Liceu onde era professora em Coimbra a obras de maior fôlego(cf. *Bibliografia* deste trabalho). Em 1944, no número especial dedicado a Coimbra, é publicada a sua fotografia³⁶² com o seguinte texto: "(...) nossa colaboradora e amiga dedicadíssima desde a primeira hora, é uma encantadora, nobre e notável figura feminina portuguesa. Inteligente, possuidora duma capacidade de trabalho excepcional e de sólida cultura, apaixonada pela pedagogia sobre a qual tem ideias seguras, esta ilustre senhora, que Coimbra inteira conhece e admira, é uma grande amiga das crianças e para elas trabalha constantemente com a maior ternura. Esta revista deve-lhe muito: colaboração, propaganda, simpatia, carinho. Por isso é com a maior alegria que apresentamos às nossas leitoras esta ilustre

³⁶¹ Devo agradecer a colaboração de Maria Reynolds de Sousa, da Comissão para a Igualdade e Direitos das Mulheres, pelas informações prestadas sobre as deputadas e procuradoras à Câmara Corporativa assim como sobre os decretos regulamentadores das eleições.

³⁶² *Os Nossos Filhos*. N.º 21. Fev. 1944. p. 7

senhora, que de maneira tão adorável e brilhante tem sabido honrar a Mulher e o Professorado”. /scanner/

Três números depois³⁶³, é a vez de publicar a foto da médica Maria Luísa Van Zeller (1906-1983) /scanner/, no local onde costuma estar o Editorial da revista, com um texto de admiração pela intervenção da deputada, a 17 de Março de 1944, na Assembleia Nacional sobre *Assistência Infantil e Maternal* e tráfico de brancas.

Dez anos depois³⁶⁴, nova referência a outra intervenção de uma deputada, neste caso a Maria Leonor Correia Botelho (1915-1996), que fora reeleita para a sexta legislatura da *Assembleia Nacional*. Maria Lúcia Vassalo Namorado conhecia-a há muitos anos, sabia que ela fora uma das primeiras alunas do *Instituto de Serviço Social*, onde, quando termina o curso, continuara como professora. Quando aluna, trabalhara mesmo como operária numa fábrica, para se inteirar dos problemas dessas mulheres. Fora depois *Chefe do Serviço Social* do *Instituto de Assistência à Família* e só depois deputada, um sonho que já tinha desde criança para “(...) fazer muitos discursos, fazer muito barulho...(...)”. A saúde precária obrigara-a a um prolongado afastamento de Lisboa mas ainda fizera intervenções na Assembleia e queria continuar a intervir sobre problemas sociais e sobre a necessidade de valorizar a profissão de *Assistente Social*. Neste número da revista, como acontece com frequência, é publicado um excerto da intervenção desta senhora quase um ano depois dela ter ocorrido³⁶⁵. O tema tinha sido a habitação social para as famílias numerosas das classes pobres e média e são cerradas as críticas que dirige às casas construídas sem ter em conta, como ainda hoje acontece na habitação social, as necessidades e cultura dos agregados familiares a que se destinam. Das vinte e duas deputadas que passaram pela Assembleia Nacional entre 1935 e 1974, eram conhecidas de Maria Lúcia Vassalo Namorado pelo menos, as três já referidas e Custódia Lopes, dez anos mais nova do que a directora de *Os Nossos Filhos*, assim como Domitila de Carvalho (1871-1966) que fora professora no Liceu Almeida Garrett e membro do júri de exame do 5º ano de Maria Lamas³⁶⁶, Maria Guardiola (1895-1987)

³⁶³ *Os Nossos Filhos*. N.º 24. Maio. 1944. p. 3

³⁶⁴ *Os Nossos Filhos*. N.º 140. Jan. 1954. p. 14 e 15

³⁶⁵ A senhora fizera uma intervenção em 20 de Março de 1953 e o texto é publicado em *Os Nossos Filhos*. N.º 140. Janeiro 1954. p. 14 e n.º 142. Março 1954. p. 14

³⁶⁶ Por acaso, ao consultar os livros de exames na Escola Secundária Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, em Lisboa, para perceber o percurso escolar de Maria Lúcia Vassalo Namorado encontrámos os dados que a seguir referimos e dos quais a filha de Maria Lamas, Maria Cândida Caeiro teve conhecimento, pela primeira vez, quando lhos mostrámos em sessão de trabalho em Fevereiro de 2004. Existe no arquivo do Liceu Central de Garrett, em *Exames de passagem à 2ª Secção e 2º Ciclo: alunas externas: 2º Livro* /manuscrito/, ao tempo em que era reitor daquele estabelecimento de ensino o professor

que fora professora de Maria Lúcia Vassalo Namorado no mesmo Liceu e Sinclética Torres (1928-) cuja opinião sobre os problemas das raparigas que estudam foi publicada em *Os Nossos Filhos*, como vimos anteriormente.

Das *Procuradoras à Câmara Corporativa*, num total de seis, Maria Lúcia Vassalo Namorado, já como Directora do *Centro de Reabilitação da Fundação Sain*, esteve com Maria José Novais (1896-1982) que fazia parte da mesa de honra, no Porto, representando o Presidente da Câmara Municipal, no *Clube Fenianos Portuenses*, em 30 de Maio de 1963, quando aí proferiu uma conferência sobre Helen Keller, e na qual também fez longa citação de discursos de Maria Luísa Van Zeller e conhecia ainda Maria Joana Mendes Leal (1897-1976) que lhe escreve, apenas duas vezes: uma quando a directora de *Os Nossos Filhos* ainda não tinha fundado a revista, trabalhando então em *Modas e Bordados*, para agradecer “(...) as informações e a referência a esta instituição Associação Católica para as Obras de Protecção às Raparigas, ali feita (Carta de 12 de Mar. Caixa 57. Maço 1) e uma outra, já para *Os Nossos Filhos* pedindo que ali seja feita “(...) propaganda a esta instituição (...)” (Caixa 57. Maço 2).

Bailado:

Outra das actividades artísticas em *Os Nossos Filhos* é o bailado. Na revista defende-se que a formação artística das meninas e rapazes passe também pela dança. Para que as mães percebessem a importância desta actividade enquanto formadora das crianças, explica-se o que é um novo método que a professora Margarida de Abreu havia iniciado em Portugal e sobre ele será feito artigo teórico para explicação do método *Dalcroze* em que a “(...) transformação dos ritmos musicais em movimentos corporais traz forçosamente o desenvolvimento da sensibilidade(...)O ritmo é a base de todas as manifestações da vida,(...)ao mesmo tempo a ordem, a medida do movimento, e a maneira pessoal de executá-lo....criança sentindo-se livre de todo o incómodo físico e de toda a ocupação cerebral de ordem inferior, adquire a alegria, que é um novo factor do progresso moral e um novo excitador da vontade(...)” (ONF, Dez. 1952).

Caetano Pinto, na 1ª folha, o assento em nome de *Maria da Conceição Vassalo e Silva*, filha de Manuel Caetano da Silva com os resultados obtidos nas provas escritas e orais. Nas primeiras, os resultados foram: Português – 18; Francês - 16; Matemática - 16; Desenho – 15. Nas segundas, ou seja, nas Provas orais obteve: Português – 18; Francês - 19; Inglês – 12; Geografia e História – 17; Ciências Físico-Naturais - 18 e Matemática - 17, tendo obtido o diploma em 21 de Julho de 1923, com distinção e média final de 17 valores. A presidente do júri era Briolanja Belmira Barbosa, sendo as vogais Domitila de Carvalho, Fernanda Cacilda Teixeira Bastos, Christine da Conceição, Seomara da Costa Primo e Maria José Quintas.

A revista publica ainda uma entrevista a Margarida de Abreu, em 1955. Aqui se publica a mesma fotografia que, muitos anos mais tarde, a revista *Visão*³⁶⁷ reproduz também. Esta senhora havia introduzido o método *Dalcroze* no ensino da dança em Portugal, vinte anos antes, sendo professora há 15 e os ensaios decorriam na casa dos Açores. Ela começara a ensinar crianças com 4 anos e apreciava sobretudo a criação de coreografias. Era também professora de Dança no *Conservatório Nacional* e fundou o *Círculo de Iniciação Coreográfica -CIC-* para a formação de bailarinos. Um dos problemas que se colocava á aprendizagem da dança no nosso país era o de que as famílias consideravam interessante que as meninas pequenas frequentassem essas aulas mas, na adolescência, costumavam abandoná-las porque “(...) o ballet entre nós ainda é uma "prenda" e não uma Arte. Outro problema era o da falta de incentivo para os rapazes o frequentarem também. No fim de cada ano lectivo esta professora costumava apresentar uma festa³⁶⁸ de fim de ano em S. Carlos (ONF, Jan. 1955).

Pensamos que todos os artigos sobre este tema foram da autoria da educadora de infância Lucinda Atalaia, embora nem todos por ela estejam assinados e um deles tenha apenas a indicação de *LA*(ONF, Mar. 1957). O bailado é considerado de mais fácil aceitação pelo grande público do que a música porque, “(...) o «ballet» não exigindo como a música ou a pintura uma prévia preparação cultural do espectador pode considerar-se a mais acessível das artes. A pessoa culta sabe que essa acessibilidade é ilusória a mas a pessoa que sem qualquer preparação artística ou intelectual vê «ballet», assiste sem constrangimento e quase sempre com agrado, porque livremente lhe é fácil interpretar os gestos, as atitudes, embora sem o saber, essa interpretação, a «sua» interpretação possa estar errada. ...Não tenhamos dúvida que assistindo a bons espectáculos de «ballet» o povo se irá educando por si próprio, formando assim os seus gostos e marcando as suas preferências(...)pena é que bailado se exhiba a preços de tal modo elevados...Por outro lado o ensino da dança vai generalizando-se cada vez mais, especialmente nas escolas particulares infantis e primárias, como fazendo parte e completando a educação duma menina. Ignoramos, porém, até que ponto esse ensino é feito com plena consciência da sua finalidade, do interesse e vantagens que representa para a criança, e responsabilidades que impõe ao professor (...)” (ONF, Out. 1956). Eis a razão pela qual se refere esta actividade artística na revista: ela era uma forma de completar a “(...) educação duma menina(...)”. Este texto é colocado num artigo em que

³⁶⁷ Entrevista feita em Nov. 2004.

³⁶⁸ A entrevista é acompanhada de fotografia desse espectáculo no ano lectivo 1954/55.

se faz uma entrevista a Maria Antónia de Luna Andermatt Brás de Oliveira, dando alguns aspectos da biografia da dita senhora, que em tempos fora aluna de Margarida de Abreu, mas que fora depois completar a sua formação em Londres e Paris. Ao regressar, passara a 1ª bailarina em S. Carlos e exercia a actividade docente em colégios e cursos particulares. Nas questões que lhe são colocadas, a professora reforça a ideia do “lead” em que se defende a importância da dança no desenvolvimento das raparigas e dos rapazes:“(…) Fisicamente o bailado desenvolve numa forma estética e harmónica o seu corpo. Sob o ponto de vista artístico é completa(...)pode até despertar e estimular nela o gosto por qualquer outra manifestação de arte em especial: a música, a escultura, a pintura, etc.. Harmonia e o controle físicos contribuem para um correspondente controle e domínio psíquicos(...)para uma melhor orientação e disciplina de sentimentos. (...). As vantagens do bailado existem não só para as meninas mas também para os rapazes. O bailado de modo nenhum se opõe e em nada diminui as qualidades másculas próprias do homem(...)” (ONF, Out. 1956). A notícia é feita também para informar as leitoras de que esta senhora, que trabalha com a pianista Ana Domingues, é “(...) Esposa e mãe também encantadora(...) /cujos/ olhos humedecem ao falar da filhinha e (...) vai dirigir o *Centro de Estudos de Bailado Clássico*, criado recentemente pelo Instituto de Alta Cultura(...))E com o apoio do Director de S. Carlos(...)” (ONF, Out. 1956). Duas das alunas desta professora, Mafalda e Maria Vilas, haviam estado na festa comemorativa dos 14 anos da revista *Os Nossos Filhos*.

Aquela escola oficial de bailado - *Centro de Estudos de Preparação de Bailado Clássico* – começara assim a funcionar em Outubro de 1956, em S. Carlos, estando dividida em “(...) duas secções: «Curso de Bailado Clássico», que se destina á formação cultural e artística do bailarino clássico, no qual são admitidos indivíduos de ambos os sexos dos 6 aos 14 anos; e «Curso Gera! De Bailado», onde se ministram as noções gerais de bailado suficientes a um regular desenvolvimento técnico, e onde se visa o aproveitamento de vocações, sempre que não caibam dentro limites estabelecidos para a 1ª secção (...)” (ONF, Mar. 1957). Informa-se ainda que o director do *Teatro Nacional de S. Carlos* era José de Figueiredo, e Maria Antónia Luna Ándermatt Brás de Oliveira, a Professora - Directora, a quem cabia a leccionação de *Técnica clássica, Mímica e Pas-*

de-deux, sendo que o Curso compreendia ainda outras disciplinas, a saber:“(…) *Dança de carácter, História do bailado*, a cargo de Jorge Faria e *História da Música*(…)preços das mensalidades bastante acessíveis(…)” (ONF, Mar. 1957). A pianista era também Ana Domingues. Eis outro curso que será apresentado em *Os Nossos Filhos* como possível saída profissional para as meninas, a par de outros que referimos na análise que, das profissões femininas, também fazemos neste trabalho. Ainda na área do bailado é referida outra professora, Elsa Mastbaum, como uma das novas professoras, que também fizera o Conservatório Nacional de Música, obtendo ali o 1º prémio no ano lectivo 1954/55 e fora formada, em bailado, também por Margarida de Abreu. Seguiu depois para Londres, Como Luna Andermatt e ensinava em Portugal desde 1954. Esta professora particular, tendo como alunas(os) 5 rapazes e algumas meninas entre os 17 e os 23 anos³⁶⁹, deslocava-se uma vez por semana, a Évora “(…) onde rege classe de dança na escola experimental *Arte na educação* dirigida e fundada por Maria José Gamito(…)” (ONF, Jun. 1957). Ao referir o nome das alunas e a actividade profissional que estas quereriam vir a desempenhar mais não pretende do que mostrar como a dança era compatível com outras actividades profissionais, assim como podia ser praticada por meninas que, depois da adolescência, continuavam a estudar, em cursos não considerados ‘fáceis’. Um outro dado é interessante: esta professora desloca-se a Évora onde lecciona na escola da professora que irá colaborar com Maria Lúcia Vassalo Namorado na *Exposição Évora vista pelas suas crianças* e, nessa escola de bailado era aluna uma das netas de Maria Lamas que em determinado momento chegou a pensar fazer do ballet a sua profissão.

³⁶⁹ As alunas particulares eram:“(…) Maria Lídia, de 17 anos, aluna do 6º ano de Ciências, quer formar-se em Medicina; Maria de Fátima tem 16 anos e formar-se em Matemática ou Biológicas; Maria Contreiras, om 23 anos, é professora de classes infantis(…)Maria da Conceição estuda Línguas(…)” (ONF, Jun. 1957).

Outras profissões femininas:

Nesta revista poucas são as escolas comerciais e industriais mencionadas. Há uma porém, a *Escola Industrial e Comercial de Peniche* que tem uma chamada especial de atenção porque nela existem cursos para raparigas na área de costura, bordados e rendas:”(...) para defender nossas indústrias regionais, manter tradição, permitir evolução necessária e inevitável(...) hoje através da herança de pais a filhos mas tb através do ensino nas escolas técnicas (...9 que embora espalhadas por todo país e ultramar interessa-nos conhecer as que funcionam na província nas regiões onde arte popular lançou raízes(...) quisemos ouvir *Director da Escola Industrial e Comercial de Peniche*, Dr. Alberto Marta Louro(...):das mais antigas do País, como escola de desenho industrial criada pela carta de 30 Junho 1887, chamada então “Maria Pia” e inaugurada por Fonseca Benevides, em 26 Set. 1887(...)para evitar exploração das rendeiras que as encomendam às fabricantes(...)escola tem cursos de Ciclo Preparatório e ainda aprendizagem de Comércio iniciada em 1952-53, com 40 alunos; Costura e Bordados com 11 alunas e Rendeiras com plano dos antigos cursos em 1953 escola tinha 160 alunos, em 1954-55 tinha 270 alunos sendo mais de metade do sexo feminino(...)além das aulas, as actividades extra-escolares são superior/ dirigidas pela MP e MPF; às alunas, a par das aulas de ginástica são ministradas lições de formação de carácter, de boas maneiras, danças regionais e jogos escolares(ONF, Out. 1955).

Desta forma *Os Nossos Filhos* mostravam às mães quais as melhores profissões femininas e respectivas condições de frequência, frisando sobretudo a importância da independência económica rápida que as raparigas deveriam alcançar.

4.2.4.5 *Os Nossos Filhos* – controle, sobrevivência e agonia de uma proposta

Censura no quotidiano da revista

Quando a *Polícia de Vigilância e Defesa do Estado* foi criada em 29 de Agosto de 1933 não era uma novidade a existência de uma polícia política, ou seja, não é o Estado Novo que cria uma nova instituição limitativa de direitos civis e políticos. Este apenas introduzirá alterações necessárias a um maior controle das(os) cidadã(o)s. Maria Lúcia Vassalo Namorado tinha quase nove anos, em Dezembro de 1917, data em que se assiste à primeira reorganização séria da polícia através da criação da *Polícia*

*Preventiva*³⁷⁰ de Sidónio Pais, ao mesmo tempo que se cria a *Direcção-Geral de Segurança Pública* (Ribeiro, 1995. p. 41). Entre 1919 e 1922 esta Polícia terá como alvo principal a repressão do movimento operário, sobretudo em Lisboa, onde então Maria Lúcia Vassalo Namorado era aluna do Liceu Central de Almeida Garrett.

A actuação daquela polícia republicana pode ser vista como “(...)um contributo decisivo para a modelação do aparelho repressivo policial salazarista. A sua acção repressiva violenta, em particular durante o consulado de Sidónio Pais, em que são conhecidos os excessos praticados pela *Polícia Preventiva* dirigida por Sollari Alegro, inaugura as perseguições e atropelos ao Direito que assinalarão a actuação da polícia política no Estado Novo(...)” (Ribeiro, 1995. p. 48). Por outro lado, a mesma autora reconhece também que “(...) não nos parece (...) que se possa considerar a polícia política salazarista como mero prolongamento da *Polícia Preventiva e de Segurança do Estado* existente em 1926, à imagem do que sustenta, em Outubro de 1933, uma comissão formada em Agosto desse ano para estudar a reorganização das polícias dependentes do Ministério do Interior, da qual faz parte Agostinho Lourenço, o director da *Polícia de Vigilância e Defesa do Estado*, então criada (...)” (Ribeiro, 1995. p. 50).

A sua função de repressão política é evidente ainda no período da oposição revirallista entre 1926 e 1933 quando se efectuam dezenas de “(...)prisões, deportações, demissões de militares e funcionários e fixação de residência aos implicados (...)” (Ribeiro, 1995. p. 53) nos movimentos de 3 e 7 de Fevereiro de 1927, respectivamente, no Porto e em Lisboa. É neste movimento que o marido de Maria Lamas também participa.

Depois da repressão ao movimento grevista de 18 de Janeiro de 1934, posterior à da criação, como vimos, desta polícia e, até ao fim da 2ª Guerra, assiste-se a um período de certa estabilidade do estado salazarista e é neste espaço e tempo que a Polícia política vai poder manobrar sem reformas de fundo, ou melhor dizendo, vendo até os seus poderes reforçados quer em 1943 quer depois do fim da Guerra quando passa a *Polícia Internacional e de Defesa do Estado*, como consta do Decreto-Lei 35 046, de 22/10/1945. Por determinação do decreto-lei 35 042, promulgado dois dias antes daquele, “(...) o tempo de prisão sem culpa formada – antes legalmente circunscrito a

³⁷⁰ “(...) Em Abril de 1919 a *Polícia Preventiva* passará a chamar-se *Polícia de Segurança do Estado* para, em Fevereiro de 1922, adoptar a denominação de *Polícia de Defesa Social* (...)” (Ribeiro, 1995. p. 42).

um máximo de oito dias – é aumentado para três meses (...) mas passível de se estender ainda por mais duas etapas de quarenta e cinco dias (...)”(Ribeiro, 1995. p.75).

Esta polícia foi organizando os seus serviços em moldes cada vez mais *eficientes* exigindo cada vez maior número de funcionários³⁷¹ a ela ligados.

No período pós 1933 até ao fim da Guerra e, mesmo depois, não pode ser escamoteada a importância que uma instituição destas tinha, no panorama dos meios de comunicação social do período em causa. Assumia-se defensora “(...) de uma ideologia de um conceito de «ordem», de sociedade e de poder, traduzindo uma nítida ruptura com o modelo liberal (...)”(Ribeiro, 1995. p. 35).

No que respeita às funções que lhe eram atribuídas ainda no contexto da imprensa periódica esta polícia podia agir não só “(...) na prevenção e repressão de atitudes e comportamentos dos cidadãos que não se enquadram na ideologia e no conceito de «ordem» definidos pelo Estado (...)” como podia ser usada também “(...) como instrumento de prevenção - dissuasão(...) concebida como instância de vigilância omnipresente e onisciente dos cidadãos (...)” (Ribeiro, 1995. p. 35), em estreita colaboração com os “(...)governadores civis e os administradores dos concelhos (...),a PSP e a GNR /e ainda a/ *Legião Portuguesa*(...)” (Ribeiro, 1995. p. 244-248). Concluindo com Braga da Cruz, “(...) embora tivesse havido muita prática de Censura anterior a este período, é agora que ela, aliada à criação do *Secretariado de Propaganda Nacional* em 1933, promove uma das mais duradoiras alianças entre a repressão estatal e a inculcação ideológica (...)” (1989).

Ao analisarmos a relação da PIDE com as publicações periódicas dos anos 40 e 50, em especial no que toca à forma como ela se relacionou com *Os Nossos Filhos*, há que ter em conta que “(...)a repressão política exercida pelo Estado Novo assumiu sempre um carácter selectivo, atingindo essencialmente adversários declarados e que, mais do que eliminar, se procurava sobretudo neutralizar e punir (...)” (Ribeiro, 1995. p. 249) ou, como afirma João Madeira: “(...) Se a repressão foi violenta durante, por exemplo a Guerra Civil de Espanha, também é certo que “(...) a repressão policial pouco terá afectado os estratos superiores³⁷² da sociedade (...)” (Ribeiro, 1995. p. 252) ou, como afirma João Madeira, “(...) para o regime a “perigosidade social tinha marca de

³⁷¹ Sendo que “(...)em Janeiro de 1938, a PVDE integrava trezentos e quarenta e oito funcionários (...) e em 1943 ascendiam a quatrocentos e sessenta e cinco (...)”(Ribeiro, 1995. p. 126), assistira-se a um aumento de 117 funcionários em menos de cinco anos.

³⁷² Das prisões *por motivos políticos*, realizadas entre 1932 e 1945, 17% eram operários, 0,6% jornalistas, 0,6% médicos e 0,1% escritores (Ribeiro, 1995. p. 293).

classe(...)”(1996. p. 70) porque são mais perseguidos os operários e trabalhadores do que a maioria dos intelectuais.

Apesar disso, nos anos 40-60, de acordo com o *Anuário Estatístico*, deparamos com uma diminuição do número de publicações periódicas porque a “(...) situação política, a Censura, a PIDE e o controle geral das Escolas e Universidades eram um meio de pressão sobre os pensantes(...)” (Madeira. 1996. p. 68).

Se em 1958 é apreendida a 2ª edição de *Seara de Vento* (Madeira. 1996. p. 68) e *Quando os lobos uivam* de Aquilino Ribeiro, também é certo que a repressão sobre a imprensa se fazia sentir desde há muito, independentemente de ser católica ou outra.

Naquela imprensa destaca-se *O Trabalhador* que se tornara “(...)porta-voz de reivindicações sociais aos poderes públicos, numa perspectiva de colaboração (...)” (Cruz, 1992. p. 562). Este quinzenário operário de orientação católica, nascido simbolicamente a 1 de Maio de 1934 que “(...)funcionou, na prática, como órgão de acção católica operária (JOC e LOC), que vai ser encerrado em 3 de Julho de 1948 e que tivera como “(...) principais articulistas e editorialistas o P. Abel Varzim, (...) António Sousa Gomes e (...) Artur Bivar(...)”, fora atacado no mês anterior ao seu encerramento por ter um “estilo marxista” e irá “(...) sucumbir a uma suspensão oficial no dia 9 de Julho de 1948, sob o pretexto de que «prejudica a alma da Nação» (...)” (Cruz, 1992. p. 562).

Sabemos que o “(...) Chefe do Governo tinha da propaganda uma visão essencialmente moral, com atributos de verdade, justiça e objectividade(...) concebia-a de acordo com uma pedagogia nacionalista, em que o político se subordinava ao ideológico (...)” (Veríssimo, 2003. p. 19). É por tal razão que, “(...) numa atitude de profundo paternalismo, e ligando a propaganda à necessidade de evitar a deformação, lhe confere um importante papel na formação política do povo português, atribuindo-lhe duas funções; «informação primeiro, formação política, depois»(...)”. (Veríssimo, 2003. p. 20)

Com base nestes pressupostos e uma vez que nos interessa particularmente a questão da censura aplicada aos intelectuais e às publicações periódicas há que referir que o Decreto-lei 26589 de 14 de Maio de 1936 pretendia³⁷³ “(...) regular, dentro do espírito

³⁷³ Publicado no *Diário de Governo* n.º 112. p. 352-353. Faziam então parte do governo, além do Presidente: “(...) Mário Pais de Sousa, António Faria Carneiro Pacheco, Pedro Teotónio Pereira, Manuel Rodrigues Júnior, Abílio Augusto Valdez de Passos e Sousa, Manuel de Bettencourt, Armino Rodrigues Monteiro, Joaquim Andrade Abranches, Francisco Vieira machado e Rafael da Silva Neves Duque(...)”.

da Revolução Nacional certos casos correntes, interessando as condições devida e o prestígio da publicidade e portanto a defesa da opinião pública(...)" ou seja, introduzia "(...) na metrópole, em 1936, à semelhança do que já anteriormente tinha sido feito nas colónias, o regime discricionário da autorização prévia, (...) que vai cercear o aparecimento de novas publicações. (Veríssimo, 2003. p. 38).

Nele se sugeria que não se devia "(...) abusar na importação de artigos(...)" e o Governo via-se *obrigado* a legislar nesta matéria porque considerava que a imprensa tinha de manter a sua "(...) função de carácter público(...)" e, nesse sentido, competia ao Estado defender a opinião pública de "(...) factores que a desorientem contra a verdade, a justiça, a boa administração e o bem comum(...)". Em *Modas & Bordados* como mais tarde em *Os Nossos Filhos* e em todas as publicações periódicas se faz sentir, de forma mais ou menos pesada, a pressão política pois que a censura alia-se ao controle administrativo, como se vê. É por esta mesma razão que se vai "(...) impedir a fundação de jornais sem que á sua frente se encontrem pessoas de reconhecida idoneidade intelectual e moral e sem que a respectiva empresa mostre possuir meios financeiros indispensáveis(...)". Quando Maria Lúcia Vassalo Namorado decide criar *Os Nossos Filhos* é esta legislação que lhe é também aplicável. Hoje não dispomos já, como referimos, o processo oficial de inscrição da revista. No artigo 2º deste Decreto exige-se que "(...) nenhuma publicação periódica ou não, mas sujeita por lei ao regime de censura prévia, poderá ser fundada sem que seja reconhecida a idoneidade intelectual e moral dos responsáveis pela publicação(...)", além do necessário desafogo financeiro que obrigava a que a nova publicação fizesse prova de poder manter-se pelo menos por seis meses. A Direcção dos serviços de censura tinha poder até para se opor, como refere o artigo 5º do Decreto que citamos, ao "(...) uso de qualquer denominação de jornal, boletim, revista ou outra publicação que possa induzir o público em erro acerca das doutrinas sociais ou políticas ali habitualmente defendidas(...)". No caso vertente, *Os Nossos Filhos* teriam sido um título bem escolhido uma vez que era por demais evidente o conteúdo da revista.

Além destes meios de repressão efectiva, o "(...) regime recorreu sempre a outros meios de condicionamento e inculcação política e ideológica. Meios frequentemente mais subtis, menos perceptíveis, mas cuja acção persistente dispensava muitas vezes a intervenção directa da polícia política (...) foram a censura, a propaganda, a educação, as severas restrições ao exercício da liberdade de associação (...)" (Ribeiro, 1995. p. 252) assim como a participação obrigatória da juventude na *Mocidade Portuguesa*.

Sob a presença da *PIDE*, tutelar e invisível mas omnipresente, muitas actividades foram subsistindo sem serem por ela molestadas. Desde que afirmassem o desejo de não interferir com a ordem estabelecida, estava salvaguardada a sua existência. O medo e a desconfiança permanente em que viveu a revista foram dois poderosos aliados de Maria Lúcia Vassalo Namorado para conseguir um período de tanta longevidade para *Os Nossos Filhos*. Por isso, não é de ter em menor consideração “(...) a auto-censura que muitas vezes os jornalistas se impõem, no sentido de que as suas peças não sejam censuradas ou, pior, de que a repressão não actue (Veríssimo, 2003. p. 39). Àquela última apelam, por vezes, os próprios responsáveis pelos Serviços de Censura. (Veríssimo, 2003. p.39), o mesmo fazendo quer Maria Lúcia Vassalo Namorado quer as(os) colaboradoras(es). Ela via-se na obrigação de fazer um primeiro rastreio do conteúdo dos artigos porque “(...) tinha um medo horrível que lhe fechassem a revista (...) ela tinha pavor da política de censura (...)” (Bissú, 22.Jan. 2004). Não esqueçamos que “(...)cada corte era uma despesa elevada (...)” (Castrim, 28 Fev. 2002). Ela tentava, por isso, “(...) não ferir susceptibilidades sendo que, ma maneira de fugir, era refugiar-se, antecipar-se como se fazia muito naquele tempo (...)” (Castrim, 28 Fev. 2002).

As referências a esta *entidade tutelar* que era a censura é bastas vezes referida quer pela directora da revista quer pelas(os) colaboradoras(es), sobretudo na correspondência que a ela dirigem. Os exemplos abundam, como referimos, nas cartas guardadas no *Espólio* mas apenas citaremos alguns casos, diferentes uns dos outros. Em carta de Emília de Sousa Costa esta refere que aceita os cortes que a directora da revista fizera porque “(...) eu sei a censura o por isso não estranhei o corte. Imagine (...) que há tempos mandei, como costume, algumas das crónicas publicadas no jornal da nossa Maria /Lamas/ onde a censura é rigorosíssima para um jornalzito de província que necessita colaboração e não tem recursos para pagá-la. Pois a censura do respectivo distrito inutilizou uma - tais foram os cortes que lhe fez. E até hoje não compreendi os motivos porque, não ofendia a Deus, nem às leis, nem à mentalidade e só proclamava doutrina cristã(...)” (Carta de 3 de Jul. 1943. Caixa 41. Maço 3).

Sobre o maior ou menor rigor da censura também escreve uma das amigas de António Emílio de Magalhães que diz “(...) publiquei um artigo sem nenhum corte da censura... A censura lá /em Penacova/ é muito benévola(...)” (Carta de Otilia. Caixa 47. Maço 3). À censura se refere também Maria da Luz Albuquerque, em papel timbrado do “(...) *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* federado no *International Council of Women*(...)”: “(...) acabo de receber cartão e tudo quanto acompanhava(...) envie

ontem um novo artigo. Sobre o assunto há tanto que dizer(...)Mas não deviam existir peias. Assim, com os movimentos presos, não se pode fazer nada de útil. E é triste sabermos, antecipadamente, que, o que escrevemos, não encontra eco nas instâncias superiores. Escreve-se, para passar tempo(...)” (Caixa 77. Maço 9). Ferreira de Mira, um dos médicos que colabora na revista também dirá que aceita a decisão da directora se o artigo enviado não puder ser publicado porque tem consciência de que “(...)O último artigo que enviei e foi publicado no número de Novembro tratava de educação sexual. Não passava, porém, de preliminares de ordem geral, acerca dos quais não seria fácil que pudesse estabelecer-se controvérsia. Já o mesmo não sucederia com os artigos seguintes. Como não chegámos a conversar resolvi enviar-lhe o artigo, pedindo-lhe que o leia antes de o mandar compor, porque poderá não concordar com a doutrina, ou, mesmo concordando, notar que este não agradará à maioria do público leitor da revista. Escuso de dizer que não me melindraria, nem para tal haveria razão, se o artigo não fosse publicado(...)”. (Carta de 4 de Dez. 1945. Caixa 41. Maço 3).

Esta autorização tácita que é dada pelas(os) colaboradoras(es) para cortar, alterar ou não publicar os textos enviados é referida também por Clara do Prado quando, de Londres, envia um texto sobre “(...)Dr. Bernardo's Homes"(...)chamo também a atenção para o que digo dos nossos asilos, se achar que é muito forte, corte(...)”(Carta de 5 de Jun. 1946. Caixa 47. Maço 3). O mesmo fará, mais tarde, Mário Soares quando lhe envia um texto sobre o *Colégio Moderno*, dizendo:“(...) claro que fará o favor de, se assim lhe parecer, alterar, corrigir(...)do texto tudo o que quiser(...)” (Carta de 6 de Ago. 1958. Caixa 27. Maço 1). Nesse texto ele dava exemplos de professores que colaboravam com o Colégio mas que Maria Lúcia Vassalo Namorado irá, como vimos, omitir na revista, no artigo publicado. Porém, um desses nomes é Alice Gomes, irmã de Soeiro Pereira Gomes e casada com Casais Monteiro, que também colabora imenso em *Os Nossos Filhos*.

À Censura se referem ainda a própria Maria Lúcia Vassalo Namorado quando, em anotação manuscrita por si sobre carta de Patrícia Joyce³⁷⁴ escreve, a lápis no canto superior direito:“(...) R. Em 23-3 mas não posso publicar por ser muito realista. Espero outro com o mesmo interesse(...)” (Caixa 35. Maço 2).

O impedimento de escrever podia ser também imposto por entidades superiores e então recorre-se como dissemos, a pseudónimos. Esse é o caso da carta em que se informa que

³⁷⁴ Esta tenta saber se a revista recebera um texto, enviado por aquela escritora sobre *Maternidade*, para o Concurso sobre esse tema.

“(…)o senhor Anacleto Pires que escreveu o artigo *Vocações* que o *Notícias do Algarve* publicou é de seu nome o professor primário Manuel José da Trindade e Lima. Não usa o nome porque foi superiormente vedado(…)” (Caixa 59. Maço 2). Uma outra forma de contornar o problema³⁷⁵ é fazer como *Mariac Dimbla*, pseudónimo de Maria do Carmo Dias Monteiro de Barros Lacerda ou a já identificada Maria da Luz Albuquerque. A primeira, um ano antes do 25 de Abril de 1974, diz:“(…) Envio-lhe o *República* com o meu artigo sobre a escritora Maria Lamas e dentro vai a verdadeira cópia do original que escrevi e ao que parece foi cortado. Peço-lhe que o dê a sua prima pois ter-lho-ia mandado se soubesse a morada dela(…)”. (Carta de 14 de Ago. 1973. Caixa 42. Maço 1). A segunda, ao ser convidada para escrever na revista dirá:“(…) poderá (...) deixar de publicar os artigos de que não goste e cortar o que lhe não agrada. Eu, por mim, farei o que puder para agradar. Quanto à censura...(original) muitos dos artigos que eu tenho enviado para a *República* têm sido cortados. Mas que quer minha sra, se eu sou radical?- e o que é, é. Na revista que dirige adoptarei pseudónimo de *Luís* em homenagem a meu saudoso pai que tão amigo era das crianças, se (...) concordar, claro(…)” (Carta de 14 de Jan. 1945. Caixa 31. Maço 1). Escrevendo já sob este pseudónimo, esta professora dirá ainda sobre a Censura, quando Maria Lúcia Vassalo Namorado lhe pede colaboração:“(…) custa-me muito escrever sem poder dizer toda a verdade. Rebuscar termos para encobrir o que era necessário e urgente pôr claro(...) escurecer o que era preciso "branquear"(...) louvar o que é digno de censura - é o que eu não sou capaz de conseguir(...) há um bom par de anos estou sempre em desacordo(...)gostei sempre de situações claras(...) esta a razão acrescida pela falta de competência por que não tenho tentado tratar, como devia ser, assuntos escolares(…)” (Carta de cerca de 17 de Dez. 1947. Caixa 21. Maço 2).

A falta de confiança noutras estruturas como os *Correios* é referida, em particular por Francine Benoît quando escreve:“(…) espero as senhoras da AF para a paz. Depois contarei por telefone (...) visto não haver confiança nos Correios(…)” (Caixa 47. Maço 3). O marido de Infeliz, cheia de esperança era procurado pela *PIDE* e ela fora mesmo presa porque a polícia “(...)queria localizar o meu marido sem o conseguirem(…)O marido, com ajuda de amigos, isolou-se numa aldeia perdida transmontana. Durante 2 anos estive lá sem se contactarem devido ao perigo. Vieram depois as condições necessárias e ele regressou a Lisboa. Casaram e um mês depois foi preso(…)” (Carta de

³⁷⁵ Cf. também GODINHO, José Magalhães (s. d.)- *Quando Falar e Escrever Era Perigoso* (Antes do 25 de Abril) Lisboa: Publicações Europa-América.

12 de Out. 1953. Caixa 39. Maço 2).

Maria Lúcia Vassalo Namorado tem plena consciência de como deve agir para não ser importunada. Em resposta a Manuela que lhe envia um texto para publicar, a directora escreve: "(...) gostei sinceramente dele, a Manuela está à vontade mas, minha querida amiga, não posso publicar em *Os Nossos Filhos* uma história tão tristemente real. Tenho uma luta constante na escolha dos assuntos e na maneira de os tratar porque a revista tem um público especial muito puritano...A Manuela sabe qual é(...) só lhe digo que algumas senhoras deixam de comprar a revista porque afinal "ela não pode ser lida pelas suas filhas mais velhas" e algumas assinantes chegaram a devolvê-la porque se disse num artigo intitulado "Os Mandamentos da grávida" ou qualquer coisa assim- "serei sóbria durante nove meses". Não transijo com tudo, sobretudo na parte científica vou avançando embora muito devagar, mas infelizmente "preciso" de vender a revista e por isso ao menos na literária tenho que ter todas as cautelas. É só por isto que muito contra minha vontade não posso publicar o seu lindo conto tão verdadeiro e tão bem escrito(...)Outro trabalho menos crú para a sensível leitora(...). Veja a Manuela que nem lhe respondia à parte final da carta: interessa-me a página de "Memórias" que gostaria de escrever. Peço-lhe mesmo que o faça porque o assunto merece realmente ser tratado. Simplesmente as palavras têm que ser muito bem escolhidas pois como sabe há palavras que ofendem muito boa gente...é preciso muita cautela na maneira de o tratar para eu poder publicá-lo. Não sei se a contraria escrever desta maneira mas espero que compreenda que eu sou obrigada a seguir este critério(...)" (Carta a Manuela. S.d. Caixa 21. Maço 2).

Se, por um lado, se assistia ao exercício de um “poder refinado”³⁷⁶ sobre a imprensa, por outro, Maria Lúcia Vassalo Namorado teve sempre disso consciência mas não é por tal facto que deixa de exercer o que considera ser um direito seu.

Em 11 de Abril de 1933, como vimos, fora publicado o Decreto-lei 22 469 que reorganizava a censura à imprensa e também o Decreto 26 589 de 14 de Maio, vai definir, três anos depois, o perfil desejável para os responsáveis de periódicos. Não são estas questões, porém, que a impedem de aproveitar as páginas da revista para, mais ou menos veladamente, apontar as falhas existentes na *Assistência Nacional*; ao apresentar

³⁷⁶ Expressão utilizada por Dionísio Andrade, Presidente do Sindicato dos Jornalistas da Madeira, acrescentando que: "(...) uma boa parte dos profissionais /prefere/ a autocensura para não ter chatices (...)", para definir a forma como o actual Presidente do Governo Regional da Madeira intervém na Comunicação Social daquela Região Autónoma.. Cf. Carvalho (2005) – *As Teias da Madeira: Visão*. 20 de Janeiro 2005. p. 35

inúmeros textos de/sobre actividades que se desenrolam no estrangeiro, neste como noutros campos, como iremos ver ao longo da análise do conteúdo da revista *Os Nossos Filhos*, ela não se coíbe de dar a conhecer, da forma mais natural, o que se passa lá fora. Mesmo sem quaisquer comentários, o facto de as mulheres poderem ler estas informações já poderia ser usado para elas pensarem, reflectirem e compararem a sua situação com a de muitas outras mulheres que, por esse mundo fora, não estariam submetidas a tantos constrangimentos quanto ela e as suas contemporâneas. Não refere ter tido problemas com a censura pois ela própria usava os termos que se pretendia que usassem, ou seja, fazia uma autocensura prévia, escrevendo, a título de exemplo, *Liga Feminina Portuguesa para a Paz* em vez de se referir à *Associação Feminina Portuguesa para a Paz*, de que era sócia, já depois de fechada, quando há a exposição de livros no Brasil que ela menciona, sem dizer que a maior parte das mulheres que lá expuseram já o tinham feito aqui, na exposição que fora fechada na SNBA.

Fez do equilíbrio entre os diversos pontos de vista uma questão de princípio pois de outra forma ao teria a revista durado tanto. Refere que apenas uma vez a censura lhe cortou um texto de uma colaboradora: de Emília Sousa Costa, quando ela se referia à linguagem grosseira dos “soldados na caserna”³⁷⁷ que não era suposto dizer-se que falavam mal.

Muitas vezes, em *Os Nossos Filhos* os textos louvam algumas iniciativas de censura porque ela se aplica a certas “(...) revistas e a todas as que, pelo seu aspecto gráfico, sejam pedagogicamente condenáveis sob o ponto de vista da higiene visual. Assim, futuramente não poderão circular no nosso país publicações cuja execução material não correspondo às exigências da higiene visual, e bem assim as que fazem a exaltação do crime, do banditismo, da violência, do senho, do ódio, e apresentam sob uma forma favorável quaisquer actos criminosos ou de natureza a desmoralizar a criança(...)” (ONF, Ago. 1950). Esta censura a publicações atentatórias da educação moral das crianças era favorável a directora da revista como muitas(os) outras(os) colaboradoras(es) da revista como é o caso de Serras e Silva que escreve sobre o mesmo assunto em Março do ano seguinte.

A revista foi, como todas, submetida á censura prévia mas, em 1948 vai ser isenta de tal vigilância como nos prova a carta ofício n.º 1575/E que António Santana Crato, capitão, secretário da *Direcção dos Serviços de Censura* envia a Maria Lúcia Vassalo

³⁷⁷ Entrevista a Maria Lúcia Vassalo Namorado, em 20-6-1998. Borges. 2003. p. 199

Namorado:”(...) por despacho do ex. director destes serviços/então António Ferro/, de 5-12- é dispensada censura prévia, a revista *Os Nossos Filhos* de que v. Ex.a é mui ilustre directora(...).Esta decisão é determinada pelo elevado apreço e consideração que ao mesmo sr. merece a vossa útil revista, que V. Ex.a soube elevar a um nível, jamais atingido, no nosso meio, por publicações congéneres...(...)” (Carta de 6 de Dez. de 1948. Caixa 22. Maço 3). Mais tarde, embora não tenhamos percebido quando, volta a ser submetida a esta vigilância.

Neste tema não podemos deixar de abordar um episódio que envolve Maria da Luz Albuquerque do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, a directora da revista e *Uma professora qualquer*, ou seja, Maria da Conceição da Costa Marques, professora primária em Lourosa, Vila da Feira.

No *Editorial* do número de Outubro de 1947 a directora da revista escreve um artigo sobre uma escola primária numa aldeia em que o campo circundante estaria cheio de “(...)pedras e ortigas que infestam o terreno(...)” e pergunta se não seria possível “(...)ali florir jardim ou horta—enlevo, entretenimento, e óptimo factor educativo para a garotada da aldeia?(...)”. Perante um panorama tão desolador, a directora da revista aproveita para, mais uma vez, tecer críticas á escola existente pois “(...)tal abandono faz-nos, mais uma vez, suspirar pela ampla, arejada reforma que transforme a nossa velha e passiva Escola Primária na Escola activa dos nossos dias. Quando teremos em Portugal a Escola Primária moderna, não a que ensina a ler e a escrever maquinalmente, não a que entope as cabecitas de teorias e abstracções, mas a Escola compreensiva e maleável, que aceita e respeita a personalidade infantil que ensina a ver e a raciocinar, que sabe encaminhar diferentemente os primeiros passos da Criança da cidade, do campo, da montanha, ou do mar, para a vida que a espera?(...)” (ONF, Out. 1947).

Perante este texto há uma professora primária que, sentindo-se incomodada com o texto, responde lamentando “(...)sinceramente a nota de abertura do número de Outubro(...) (Carta de *Uma professora qualquer*, s.d.. Caixa 72. Maço 1). A professora que lê sempre “(...)com muito interesse e proveito a revista(...)em que o bem da criança tem o sentido de um verdadeiro apostolado(...)” insurge-se contra a directora porque a classe profissional a que ela pertence é a primeira a lamentar o estado de degradação a que foi votado aquele nível de ensino pois custa muito “(...) ensinar uma média de 50 crianças, na maioria dos casos distribuídos em quatro classes e estas ainda com subdivisões, se pensar que essas dezenas de alunos têm procedências diversas e apresentam todos os

matizes psicológicos- é impossível que continue a considerar-nos desleixados. Somos os primeiros a desejar ardentemente uma educação completa, bem integrada na vida. Por enquanto, porém, o que *praticamente* nos é exigido é que adestremos os nossos alunos na trilogia do ler, escrever e contar, que inspira sorriso aos utópicos, mas que é afinal mais do que *capitalíssima ciência*, porque constitui hoje indispensáveis instrumentos de saber e de comunicação social(...)”. Chama-lhe injusta e “(...)mostrou até que não viu ainda o problema da criança com um dos seus importantes dados: Como é que se há-de dar tudo Á "rainha deste século", se aqueles que dela tratam pouco mais possuem que nada? Se V. Exa conhecesse de perto o dia a dia de muitas professoras que vivem em meios ingratos, muito mais difíceis de cultivar do que supõem literatos e turistas, se pensasse que a única compensação humana reside quase só na magra remuneração oficial, retiraria algumas expressões ou acrescentaria pelo menos algumas palavras ao que sobre a escola primária escreveu(...)”. Finalmente afirma que há ainda muitos professores que trabalham bem e que a directora da revista “(...)que parece³⁷⁸ tão bem intencionada e dispõe inegavelmente³⁷⁹ de uma grande influência mostraria certa incoerência se, de futuro, continuasse fria e conscientemente desinteressada de uma classe que, em mais de uma dezena de milhar de membros, deve ter muitos relativamente competentes e zelosos, e que é, no fim de contas, a que vive mais de perto com os pequeninos entes, cuja felicidade deverá ser o objectivo principal dessa revista...Não haveria até conveniência em unirmos todos os nossos esforços em prol de uma educação mais perfeita?(...)”.

Este texto manuscrito com uma caligrafia impecavelmente bonita vai ser enviado por Maria Lúcia Vassalo Namorado a Maria da Luz Albuquerque como sabemos pela carta que esta envia á directora da revista dizendo que o Delegado do Director Escolar crê que a “(...)que caligrafia lhe parece igual à da professora de Sanguedo, Feira, mas não pode afirmar positivamente(...)” (Carta de cerca de 17 de Dez. 1947. Caixa 21. Maço 2). Maria Lúcia Vassalo Namorado volta a escrever a Maria da Luz Albuquerque pois queria que esta entregasse uma resposta, em mão, a *Uma professora qualquer* (Carta de Maria Lúcia. Cerca de 8 de Dez. 1947. Caixa 21. Maço 2). Na mesma carta informa esta sócia do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas de que não publicará um texto por ela enviado e intitulado *A Escola Primária* porque “(...)não gosto que na minha

³⁷⁸ Duplo sublinhado no original.

³⁷⁹ Idem, ibidem.

revista saiam louvores àquilo que escrevo(...)”.

Finalmente *Uma professora qualquer* identifica-se como sendo Maria da Conceição Costa Marques e escreve nova carta á directora de *Os Nossos Filhos* pedindo-lhe desculpa mas não percebendo como é que pessoas amigas de Maria Lúcia Vassalo Namorado e também professoras primárias não se haviam indignado com o que ela escrevera. Faz então novo pedido á directora da revista: seria conveniente que V. Ex.a continue a dizer que a Escola é demasiado passiva, que não prepara para a vida, que enche as cabecitas de teorias e abstracções, etc. etc. mas é favor não esquecer estas pequenas grandes coisas: custa-nos bastante ensinar diversos pontos dos programas em que não vemos valor formativo ou utilidade prática e tortura-nos até forçarmos algumas crianças a aprendê-las ou melhor, a darem-nos essa ilusão(...) é pouco animador vermos o nosso trabalho apreciado por um sistema de exames contingente e arcaico, que favorece a rotina e é o maior obstáculo à renovação que se deseja(...). Enquanto os exames forem o que sabemos, ai dos professores que pensarem apenas em preparar alunos para a vida e não lhes subordinassem muitas das suas actividades. Sofriam prejuízos e ficariam até com a má vontade dos pais, dadas as dificuldades da vida e a pouca instrução da maioria, o que acima de tudo se aprecia é o diplomazinho- até com pessoas ilustradas há factos surpreendentes(...)”. A professora continua, indicando que seria também importante que mudassem as condições de vida dos professores e que “(...) o aperfeiçoamento técnico, de que todos, novos e velhos, precisamos viriam depois, “por acréscimo”(...)” (Carta de 9 de Jan. 1950. Caixa 15. Maço 2).

Sobre o Concurso literário que a revista se propunha criar para ajudar as professoras a escrever mais, esta mesma professora pensa que, por impedimento superior, ele pode vir a ter pouco impacto junto das professoras primárias.

Ainda antes deste episódio, Maria da Luz Albuquerque, assinando sempre *Luís*, fora alvo de um processo disciplinar e, na sequência dele, apresenta um pedido a Maria Lúcia Vassalo Namorado:“(...) Isto tinha de dar-se. Já que em outra coisa me não apanham, pegam-me por escrever. Fiz ontem as minhas declarações e foram inquiridas 10 testemunhas. Se por acaso procurarem V. Ex.a. para que diga se colaboro em *Os Nossos Filhos*, não poderá V. Ex.a negar? É este favor que lhe peço- podendo ser e o qual desde já agradeço(...)” (Carta de 14 de Mar. 1946. Caixa 46. Maço 4).

A Censura vai, como vimos, ser um entrave ao desenvolvimento de qualquer publicação. Porém, ao mesmo tempo que Maria Lúcia Vassalo Namorado publica Serras e Silva, não deixa de publicar, sobretudo depois do levantamento da obrigatoriedade da

censura prévia, um conjunto de autoras(es) que tinham também grande contacto com a oposição como é o caso de *Lilia da Fonseca*, Maria Lamas, Maria Palmira Tito de Morais, Maria da Graça Amado da Cunha, Maria Isabel Rodrigues Anjo, entre muitas(os) outras(os).

Avaliação contínua do trabalho realizado

A existência de uma revista deste tipo justificava-se uma vez que o “(...)procedimento dos pais na criação e educação dos seus filhos encontra ainda actuações tão condenáveis que o desânimo quase se sobrepõe ao interesse de esclarecer. E isto é mais de lamentar quando nos lembramos dos esforços despendidos na divulgação de princípios, no ensinamento e indicação de normas educativas, no constante trabalho de elucidação que já hoje se faz por esse mundo fora, pela rádio, pelo cinema, pela Imprensa e por meio de pequenas palestras e conferências, escutada e lidas por muitos milhares de pessoas. No caso concreto do nosso país não devemos no entanto ver as coisas pelo mesmo prisma. Esse grande esforço de divulgação ainda pesa somente nos ombros de muito poucos, constituindo por outro lado uma tarefa cheia de dificuldades sem auxílio nem apoio de pessoas e instituições que tão importante problema deviam dedicar toda a boa vontade. (...) resulta que a grande maioria dos pais quando desejam cumprir os seus deveres na criação e educação dos seus filhos, têm de procurar orientar-se em condições desfavoráveis, não sabendo que livro comprar para se esclarecer, desconhecendo muitas vezes os poucos elementos de informação que existem e na maioria dos casos, sem a preparação nem tempo para se informar convenientemente. Falta-lhes portanto tempo disposição, condições de vida favoráveis a levarem por diante, com consciência e boa vontade a trabalhosa tarefa de criarem e educarem seriamente os seus filhos. Falta-lhes portanto tempo, disposição, condições de vida favoráveis a levarem por diante, com consciência e boa vontade, a trabalhosa tarefa de criarem e educarem seriamente os seus; filhos. Assim se compreende que o desânimo venha por vezes invadir aqueles ,a, quem, por circunstâncias várias, interessam, as, questões, educativas e se esforçam, naturalmente por ajudar o seu semelhante no cumprimento dos seus deveres de pais e de cidadãos (Ferreira de Mira. ONF, Out. 1948). Para ultrapassar estes problemas fundara Maria Lúcia Vassalo Namorado a revista *Os Nossos Filhos*.

Desde o início da publicação da revista em 1 de Junho de 1942 até Dezembro de 1958, Maria Lúcia Vassalo Namorado vai fazer todos os anos, no mês do aniversário da

revista, uma avaliação do trabalho realizado. Para tanto basta consultar os dezasseis *Editoriais* publicados e neles se vê como, cada ano, selecciona um aspecto que mais quer colocar em evidência.

Por vezes essa auto avaliação aparece também sem ser apenas nos números de aniversário. É o caso do que é feito no mês seguinte ao da publicação do primeiro número em que Maria Lúcia Vassalo Namorado menciona a “(...) forma verdadeiramente entusiástica como a nossa Revista foi recebida em todo o País(...)” (ONF, Jul. 1942). É aí que refere quais os objectivos que com ela pretende alcançar: “(...) bem servir a Pátria levando a todos os lares os múltiplos conhecimentos que importam aos Pais e aos Educadores (...)”, tarefa que considera “(...) das mais úteis e urgentes (...)”. No mesmo texto agradece a novas assinantes de “(...)Portugal, Madeira, Açores e Cabo Verde (...)” assim como às crianças portuguesas que “(...)compreenderam, sentiram como ninguém, a beleza, o alcance e a necessidade da nossa Obra /enviando/ cartinhas deliciosas, com palavras de elogio e aplauso, pedidos e promessas, narrações de pequeninos episódios das suas vidas ingénuas!(...)”. Finalmente agradece “(...) ainda, de modo especial, aos ilustres médicos, professores, escritores e artistas que se inscreveram como assinantes da nossa Revista e nos mandaram listas de novos assinantes(...)”(ONF, Jul. 1942).

No primeiro momento de avaliação anual será referida a lacuna que a revista viera preencher uma vez que era o “(...) único país civilizado que não possuía uma Revista para os Pais(...)”² (ONF, Jun. 1943). Ela respondia aos anseios do governo que queria diminuir a mortalidade infantil, lutando contra a “(...) indiferença e a ignorância em que nos temos conservado(...)”. Também agradece às mães de “(...) Aquém e Além Mar(...)”³⁸⁰ que se haviam dirigido á revista, e ainda a “(...) colaboradores, assinantes(...) imprensa da província(...)” destacando a primeira assinante, que não conhecia pessoalmente, Zélia de S. Taveira da Mota, de Vila Nova, Vila Real de Trás-os-Montes e a Liga Portuguesa de Profilaxia Social, na pessoa do seu director, o médico António Emílio de Magalhães, “(...) a quem devemos a mais gentil e inteligente propaganda de *Os Nossos Filhos*(...)” (ONF, Jun. 1943).

No segundo número chamava a atenção para a obra que vinha sendo realizada, “(...) vencer sem mais auxílios, sem atropelar ninguém, sem reclamar sequer(...) vencer pela doutrina exposta(...)” (ONF, Jun. 1944). No terceiro número, de forma quase

³⁸⁰ Joga com o nome da revista com o mesmo título.

matemática, identifica tudo o que foi feito: a publicação ininterrupta de 37 números da revista, a realização dos Programas Radiofônicos para as Mães “(...) que são como que o complemento da revista(...)” (ONF, Jun. 1945), o lançamento da ideia da *Liga Protectora da Infância* e a influência que havia tido o artigo *Se nós quiséssemos...* publicado no número de Março de 1943, na fundação da *Casa Mãe da Gaiata de Lisboa* (cf. *Assistência*). São ainda enumerados os “(...) 1339 livros e revistas, além de inúmeras estampas e páginas soltas(...)” que haviam sido distribuídos por Hospitais de Lisboa, pelos Sanatórios de Outão e da Gelfa, Preventório de Benfica e Colares, assim como os donativos que haviam sido entregues pela revista para apoio das crianças vítimas da Guerra. É neste número de 1945 que, pela primeira vez em *Editorial* se inicia um pedido, posteriormente muito repetido: “(...) não nos envergonhamos de a pedir: que cada leitor de *Os Nossos Filhos* nos obtenha um novo leitor. Para vermos duplicado o número de crianças que servimos(...)” (ONF, Jun. 1945). No número do ano seguinte, ao mencionar novamente a correspondência que recebe, Maria Lúcia Vassalo Namorado identifica um dos objectivos da revista: “(...) encarar de frente e resolver muitos, grandes e dolorosos problemas(...). Não nos cabe solucioná-los. Mas, corajosamente os apontaremos, e continuaremos na nossa cruzada de esclarecer os Pais, ponto capital do fim a atingir(...)” (ONF, Jun. 1946). A referência aos “sacrifícios?, á “luta” que representa esta publicação, assim como ao trabalho extenuante a que el obriga são os aspectos realçados em 1947. Como o “(...) problema educativo está na base dos outros problemas(...)” (ONF, Jun. 1947), a revista deve continuar. É no número de 1948 que se pede, abertamente, a colaboração das mães portuguesas, sobretudo “(...) as raparigas já conscientes mas ainda sem encargos, familiares, tomem iniciativas e façam qualquer coisa do muito que é necessário e urgente fazer (...) Reconhecer as tristes condições de vida da grande massa das nossas crianças e não levantarmos um dedo para lhes acudir, tornamo-nos cúmplices dum crime para com o futuro. Permitir que as nossas crianças cresçam entregues a criadas ignorantes e — digamos tudo- improvisadas, que permaneçam em casa complicando a vida dos adultos e adquirindo defeitos por falta da necessária expansão e orientação educativa, que permaneçam nas ruas adquirindo todos os vícios e sujeitas a todos os perigos(...)” (ONF, Jun. 1948) deveria ser o trabalho a realizar naquele ano. A revista oferecia-se para ser o elo de ligação entre todas as mulheres que quisessem fazer algo no sentido de melhorar as condições de vida das crianças. Neste número o elogio do trabalho da revista ficara ainda a cargo de Serras e Silva. È feito um elogio rasgado quando se diz

que “(...) a obra realizada vale por si (...). Pela utilidade dos seus ensinamentos, pela arte, pela literatura, pelo gosto. Os ensinamentos são de vária ordem, mas devo salientar os que se referem à educação e ao exemplo(...)” (ONF, Jun. 1948).

No mês anterior a directora da revista informara da aproximação dos festejos do sexto ano da publicação, pedindo às leitoras que com ela colaborassem, não só indicando uma nova assinante cada como também indicando o “(...) que há e o que falta na terra ou no bairro onde vive(...)” (ONF, Maio 1948).

Para perceber o tipo de leitoras que tem, e as remodelações que deve realizar para melhor se adequar aos desejos das leitoras³⁸¹, a revista vai lançar um inquérito em Julho de 1949³⁸², em que quer saber: “(...) Quem lê a revista? Entre os artigos publicados no corrente ano de 1949, quais os que mais agradaram? Em geral, o que lêem³⁸³? Agrada-lhe a apresentação da revista? Como a desejaria? O que pensa da secção de bordados, rendas, malhas e figurinos? Deseja que a revista se mantenha tal como está? Têm críticas ou sugestões a apresentar?(...)”. Esta forma de agir é idêntica à de *Portugal Feminino*, outra revista feminina que, também lança um inquérito intitulado: “(...) Às queridas leitoras de *Portugal Feminino*: (...) ao completar o seu sexto anos de ininterrupta publicação, dirige-se às suas queridas leitoras e assinantes, solicitando o favor — que antecipadamente agradece e aceita como testemunho de interesse e estima — de se dignarem responder às seguintes perguntas: 1- V. Ex.a veria com prazer alguma nova secção na nossa Revista? 2- Preferiria que déssemos mais páginas de trabalhos femininos e menos de literatura, ou o contrário ? 3- Dentro dos trabalhos femininos, qual é o que mais aprecia ? 4- Dum modo geral, qual é, dentre as páginas dedicadas sempre, em cada número, a assuntos da mesma natureza, aquela que maior simpatia lhe merece? 5- Gostaria que o nosso *Cantinho da Pequeneda* tivesse carácter diferente? 6- Qual é, a esse respeito, a opinião dos meninos da família de V. Ex.a ? – Qual é a melhor qualidade ou o pior defeito que observa em *Portugal Feminino* ? (...)”.

Como vimos, em Julho de 1949 fora feito o primeiro inquérito sobre o que as(os) leitoras(es) preferiam ver na revista, numa tentativa de a remodelar. Em Janeiro de 1957

³⁸¹ No número 73 de Fevereiro de 1936, em página inteira.

³⁸² Repete em Agosto e Dezembro do mesmo ano.

³⁸³ Subdividida em: “(...) Os artigos sobre puericultura? Os artigos sobre educação? Os artigos que se relacionam com os adolescentes e jovens? Os artigos de interesse social tais como “A criança e a lei” ou menores delinquentes? As entrevistas reportagens? A crítica e secção literária? A secção de problemas domésticos? A secção infantil?(...)”.

será publicado um outro conjunto de questões também com o mesmo objectivo, como veremos adiante neste capítulo.

O *Editorial* de 1950 apela às mães, tratando-as por “tu” para que se empenhem na tarefa de ensinar os outros que lhe estão próximos, para os desviar do “(...) egoísmo, indiferença, descrença e ignorância(...)” (ONF, Jun. 1950) em que ainda se vivia. O balanço do ano seguinte refere *Os Nossos Filhos* como “(...) a ‘nossa’ revista(...)” (ONF, Jun. 1951) e quase como no número de Junho de 1943, agradece a todas(os) quantas(os) a têm ajudado, o mesmo fazendo no número seguinte (ONF, Jun. 1952). A avaliação de 1953 está dividida em duas partes: por um lado, como de costume, refere o apoio das leitoras e os sacrifícios de que se revestiu a publicação da revista; por outro, aproveita para dar uma informação: a decisão que havia sido tomada pela *Conferência Internacional para a Defesa da Criança*, em Abril do ano anterior, em Viena, e que estabelecera que o dia “(...) 1º de Junho fosse em todo o mundo o dia da Criança(...)” (ONF, Jun. 1953). No ano de 1954 a aniversário dava corpo a um “(...) triunfo e a duas interrogações: a certeza de que subsistimos mas o que fizemos? O que faremos?(...)” (ONF, Jun. 1954) eram questões a desenvolver. A reflexão teórica sobre o que havia sido a revista começa em Junho de 1955 e, no ano seguinte, volta-se a insistir na “(...) iniciativa particular(...)” que a revista havia representado, tendo conseguido manter-se “(...) independente e livre(...)” (ONF, Jun. 1956). Pensar nos próprios filhos e nos alheios era uma forma de contribuir para “(...) um mundo melhor, mais perfeito e mais feliz(...)” (ONF, Jun. 1956). O apelo ao aumento de um novo leitor por cada um dos existentes é feito mais uma vez em Junho de 1957. No último balanço anual, publicado no ano seguinte, como de costume sempre em Junho, no dia do aniversário da directora da revista, menciona novamente aquela menina da capa que, dezasseis anos depois até pode já ter casado e lembra também todas as crianças que puderam ser um pouco mais felizes graças aos contributos que as mães receberam de *Os Nossos Filhos*, para melhorar a sua educação (ONF, Jun. 1958).

Com o mesmo objectivo expresso nos *Editoriais* que acabamos de referir, ou seja, para fazer a avaliação da revista *Os Nossos Filhos* irão sendo feitos determinados ‘inquéritos’ ao longo de vários anos e sobre diversas vertentes. Há uma avaliação pedida no n.º 86, em Junho de 1949, sob o título: *Responda, por favor!*³⁸⁴ em que são colocadas

³⁸⁴ *Os Nossos Filhos*. N.º 86 Julho 1949. p. 8

apenas cinco questões/ scanner/, em que três podem ser consideradas fechadas e as duas últimas abertas: Na sua família, quem lê *Os Nossos Filhos*? Entre os artigos publicados no corrente ano de 1949, quais os que mais agradaram? Porquê? Em geral, o que lêem? As questões abertas são: Agrada-lhe a apresentação da revista? Como a desejaria? O que pensa da secção de bordados, rendas, malhas e figurinos? Deseja que a revista se mantenha tal como está? Têm críticas e sugestões a apresentar?(n.º 86. Julho 1949. p. 8). O objectivo destas perguntas era “(...) ajudem-nos a tornar a ‘nossa’ revista tão completa, tão agradável e tão útil quanto possível(...)”.

Em 1957 volta a ser feito um pequeno ‘inquérito’ sobre a Revista a quantos a lêem. Tem apenas duas perguntas, a saber: “(...) Acha que uma Revista como *Os Nossos Filhos* tem utilidade e actualidade? Que secções é que poderão interessar numa revista deste género?(...)”. Pede-se ainda que “(...) responda, assine, indique a profissão e morada; e mande-nos as suas respostas(...)” (ONF, Jan. 1957).

No mesmo número, ocupando uma página inteira³⁸⁵ o apelo é mais ansioso uma vez que tem, em caracteres maiúsculos, o título: “Leitores, isto é muito importante!”. O conteúdo é praticamente igual ao anterior excepto no que diz respeito à introdução e conclusão. Em relação à primeira, o texto refere que “(...) No fim do corrente ano, Portugal receberá a visita de Técnicos da *Organização Mundial de Saúde*, que virão estudar os Serviços de Assistência no nosso País entre eles, evidentemente, os serviços de Assistência Materno-Infantil. Por outro lado, no próximo ano, realizar-se-á em Lisboa um *Congresso Internacional de Psiquiatria Infantil*.

Estes dois factos não podem ser indiferentes à Revista *Os Nossos Filhos* e aos seus Leitores. *Os Nossos Filhos* é a única Revista para os Pais que se publica em Portugal; e é uma das poucas Revistas no género que se publica em todo o Mundo. Grande número de estrangeiros, especialistas dos problemas da Maternidade e da Infância, vão tomar conhecimento da nossa Revista. Pois bem. Pensamos que, neste momento, a todos os nossos Leitores cabe o dever, verdadeiramente patriótico, de se manifestarem sobre a nossa Revista. É preciso que, ao apresentá-la aos nossos visitantes, nos sintamos plenamente satisfeitos, íamos a dizer orgulhosos. Por isso, (...) /pede então para responderem às duas questões e acrescenta:/ Isto sem demora, para podermos remodelar «Os Nossos Filhos» segundo, as vossas sugestões, tornando-a tão variada, actual e completa, quanto possível. (...)”/Em letras maiúsculas tem, no final desta página, o

³⁸⁵ *Os Nossos Filhos*. N.º 176. Jan. 1957. p. 14

apelo para que/ Esperamos as respostas de todos os leitores! Esperamos as indicações de novos assinantes!(...)” (ONF, Jan. 1957. p. 14).

No número seguinte³⁸⁶ há nova chamada de atenção para a necessidade de dar resposta às questões do inquérito. Agora definem-se melhor os destinatários desta iniciativa, ao mesmo tempo que as questões passam de duas a seis. As perguntas dirigem-se “(...)aos Pais, aos Professores de todos os graus de ensino, aos Médicos, às Enfermeiras, aos Advogados, aos Estudantes Universitários e dos últimos anos dos Cursos Secundários, e a quantos se interessam pelos problemas educativos, pergunta-se:

- 1- Acha que uma Revista como *Os Nossos Filhos* tem utilidade e actualidade?
- 2- Que secções é que poderão interessar numa revista deste género?
- 3- Que pensa sobre um Curso que dê às Raparigas o conhecimento da Criança e dos seus problemas?
- 4- E porque não torná-lo extensivo aos Rapazes?
- 5- Conte-nos um facto da sua infância que a tenha levado a pensar na necessidade de modificar a atitude do Adulto perante a criança
- 6- (Só para pessoas de certa idade:) Viveu duas épocas. Em que pontos é que lhe parece que progredimos e em que pontos acha preferível a orientação antiga?(ONF, Fev. 1957).

O final do texto refere a verdadeira intenção do mesmo, ou seja, que a Revista quer “(...) corresponder o melhor possível a essas sugestões criando novas secções e desenvolvendo as que já possui. Mas essa remodelação e ampliação trazem grandes encargos, e só serão possíveis com um aumento de assinantes. Por isso *Os Nossos Filhos* pede, a todas as pessoas que se interessam por este Inquérito, que obtenham o maior número possível de respostas, e também, o maior número possível de assinantes(...) (ONF, Fev. 1957).

No número seguinte, é publicado o mesmo texto que acabamos de transcrever e inicia-se também a publicação de algumas respostas de leitores a estas questões, sobretudo à 5ª, a das ‘recordações da Infância’ porque “(...) quando analisadas por forma objectiva e inteligente, constituem para os educadores, um bom indicativo da atitude correcta que se deve assumir perante a Criança. Elas revelam erros dos adultos que urge emendar, reacções infantis que é necessário compreender, Eis porque, nas respostas ao questionário que apresentamos, avultam em interesse as recordações de

³⁸⁶ *Os Nossos Filhos*. N.º 177. Fev. 1957. p. 21

infância(...)”(ONF, Mar. 1957). São assim transcritas as de *MAC*, assistente social; *MRCs*, professora do Ensino primário; *LCT*, enfermeira, *IMG*, doméstica e *IFS*, Auxiliar social. Pela importância de que se reveste a apreciação /scanner/ feita à Revista pelo escritor Manuel Ferreira, à época vivendo em Caldas da Rainha, (ONF, Nov. 1957) feita meses mais tarde, não podemos deixar de referir o que ele considerava necessário fazer:“(...) será a conjugação de esforços no sentido de modificar o estado de apatia intelectual dos portugueses(...). Este esforço não será realizado para a destruição do futebol ou do gosto pelo espectáculo desportivo(...). Mas para estabelecer o equilíbrio de interesses a(sic) solicitações através de palestras, conferências, exposições, artigos, publicações e alcançar da Imprensa e da Rádio um ambiente de cultura e gosto pelos problemas de espírito (...) onde os problemas sejam debatidos e se crie o amor da leitura e da discussão intelectual nas camadas jovens(...)” (ONF, Nov. 1957).

Um dos primeiros textos de avaliação publicados na revista, em Fevereiro de 1944, da autoria de Augusto de Castro Soares, Governador Civil de Coimbra, no número que àquela cidade é dedicado, considera que “(...)encanta e prende ver preenchida uma lacuna sensível, mesmo grave, pela publicação persistente e cuidada deste magnífico repositório de preceitos educativos e benéficos (...). No plano educativo, na feição moral, «Os Nossos Filhos» avulta (...) pela prudente, despretensiosa sementeira de experientes conselhos e difusão de preceitos salutarés, tão úteis para quem efectuar com zelo a criação dos pequeninos...Tanto poderia dizer-se de bem, acerca deste formulário de bons costumes(...)” (ONF, Fev. 1944).

Nesse mesmo número, o médico Armindo Fernandes também lhe tece elogios, quando se refere à forma violenta como se praticam os desportos no país: “(...)achamos oportuno, nesta Revista que tanto se interessa Pela vida e futuro das crianças, chamar a atenção dos pais para este assunto, lembrando, em todos os desportos, a necessidade dos treinos metódicos e progressivos e perfeitamente de harmonia, com a constituição de cada um (...)” (ONF, Fev. 1944).

Essas mães a quem a revista se dirigia, era suposto serem “(...) senhoras instruídas a quem compete a divulgação(...)” (J. Rosa da Paixão. ONF, Ago. 1944) de todas as medidas aconselhadas para evitar doenças, sobretudo as contagiosas.

Este, como outros elogios, são transcritos em *Os Nossos Filhos* quer a partir de cartas de assinantes quer de outras publicações, como é o caso de *Alma Feminina*, o órgão do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*. Nela se refere concretamente que Maria

Lúcia Vassalo Namorado havia oferecido a assinatura ao Conselho³⁸⁷ e que “(...) recebemos esta interessante revista, única no género em Portugal e que pelo seu valor e apresentação deve merecer a atenção de todas as mulheres. É de tanta utilidade, tão prática e bem orientada que a recomendamos a todas as nossas consócias. Revista cheia de ensinamentos que tanto podem influir para o desenvolvimento da raça (...)”. Novo elogio será publicado no mesmo periódico³⁸⁸ e referido em *Os Nossos Filhos* (Maio 1946).

Apelar á crítica ao trabalho realizado, era uma constante nos textos de Maria Lúcia Vassalo Namorado: ela percebera já a importância de saber agradar ao público que a lia e aquele que poderia ser um potencial leitor. Porém, ela tem sempre a noção de que está ali para ensinar, para aconselhar, para guiar, qual timoneiro de um barco que se quer levar a bom porto. Por isso dirá a directora da revista: “(...) o nosso problema consiste em apresentarmos uma Revista que corresponda, de facto, ao que as mães portuguesas esperam e precisam. Por isso, várias vezes temos pedido às nossas queridas leitoras que façam a crítica sincera do nosso trabalho e apresentem os seus alvitres. Muitas amigas têm respondido ao nosso apelo mas em geral limitam-se a elogiar a nossa obra, o que, se é Para nós muito agradável, não é o que pretendemos. A todas agradecemos mas acreditem que ficamos muito mais satisfeitas quando, com imparcialidade, bom senso, e clara visão do que deve ser uma publicação de carácter educativo como «Os Nossos Filhos», nos apresentam as suas sugestões. E sobretudo venham até nós, À mulher portuguesa é tímida, tem a impressão de que «não é capaz», «não tem jeito». É preciso vencer esse complexo(...) todas nós somos capazes daquilo que sinceramente queremos fazer. Neste caso, dizer o que falta na nossa Revista e o que agrada, é .contribuir grandemente para que ela seja bem «nossa» e cumpra integralmente a sua missão. Esperamos que nos compreendam(...) por isso insistimos tanto é repetimos as nossas perguntas. A altura é excelente, visto que terminou um ano, e outro vai principiar(...)” (ONF, Jan. 1951). Depois deste pedido publica novamente o inquérito que tem vindo a fazer para que as senhoras respondam e avaliem a revista.

Para ajudar a divulgar a revista mas também para dela fazer uma apreciação, começa a ser publicado a partir de Maio de 1957 um conjunto de reportagens feitas por Clélia Varanda junto de estudantes do ensino superior como Escola Superior de Belas Artes e

³⁸⁷ *Alma Feminina*. Ano XXVII. Outubro 1944. n.º 12. p. 7

³⁸⁸ A título de exemplo veja-se *Alma Feminina*. Ano XXIX. Maio 1946. n.º 15. contracapa, em que se refere como “(...) mensário de Puericultura, enfermagem, psicologia, educação, literatura infantil, etc”

Conservatório Nacional de Música (ONF, Maio 1957), Faculdade de Direito e de Medicina (ONF, Jul. 1957). As questões colocadas, com identificação de todas(os) as(os) respondentes foram: Conhecem a revista «Os Nossos Filhos»? Que secções poderá interessar numa revista deste género? Que pensam sobre um curso que dê às raparigas o conhecimento das crianças e dos seus problemas? Porque não tornar esse curso extensivo aos rapazes? Contem-nos um facto da vossa infância que os tenha levado a pensar na necessidade de modificar a atitude do adulto perante a criança (ONF, Jul. 1957).

Ainda no âmbito desta avaliação *interna* poderemos incluir a circular /scanner/ que Maria Lúcia Vassalo Namorado Silva Rosa enviava para as(os) possíveis assinantes continha, nos primeiros quatro parágrafos, uma auto-avaliação da Revista pois aí se afirmava que: “(...) A presente revista tem por fim ajudar os Pais e os Educadores portugueses a resolver os delicados e difíceis problemas que dizem respeito às Crianças e aos Adolescentes. Como V. Ex^a pode verificar, trata-se de uma obra utilíssima, com a mais variada e melhor colaboração que se pode obter no nosso País. Há muito que se fazia notar, entre nós a falta de uma publicação deste género. Sabendo-o não nos poupamos a trabalho e sacrifícios para darmos, sobretudo às Mães portuguesas, a Revista que a grande maioria anciosamente (sic) desejava. E hoje podemos proclamar com orgulho que nunca em Portugal se publicou uma Revista mais útil do que a nossa. Ela corresponde à primeira necessidade das Famílias e da Nação; criar almas sãs em corpos sãos. (...)” (Caixa 22. Maço 3).

A Revista também estava interessada em conhecer o impacto que tinha junto da imprensa em geral e da de Província, em particular. Nesse sentido, desde o primeiro número³⁸⁹, /scanner/ vai firmar um contrato com a *Recorte - Organização Portuguesa de Recortes de Imprensa*³⁹⁰ para que esta lhe organize, por ordem cronológica de saída, as diversas referências que foram sendo feitas a *Os Nossos Filhos*. Os preços a pagar eram feitos a partir de um, cinco, dez ou vinte e cinco dossiês, ao preço de, respectivamente, 1\$80, 8\$00, 15\$00 e 35\$00 (Caixa 36. Maço 1).

A par desta avaliação a que poderemos chamar de *interna* porque feita pela directora da revista ou por colaboradoras(es) que respondem aos inquéritos ali publicados, como maior ou menor regularidade, apresentamos também a apreciação que

³⁸⁹ Como se pode constatar pela consulta dos dossiês intitulados “*Recortes de jornais*”, cujo primeiro conjunto vai de 1 de Junho 1942 a 31 Maio 1943 e que se encontram no Espólio, em Caixa 36. Maço 1.

³⁹⁰ Sita na Rua da Madalena 46, 2º, em Lisboa

dela e de alguns textos de colaboradoras(es) é feita, *no exterior*, quer críticas favoráveis quer contrárias á revista. Como exemplo destas últimas recorreremos a dois documentos guardados no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* e produzidos pela *Comissão de Leituras da Acção Católica Portuguesa* que, em 1954 e em 1955-56, faz publicar, respectivamente, um conjunto de 31 e de 28 fichas de apreciação³⁹¹ de *Literatura Infantil: crítica de livros e jornais*. Tanto no primeiro como no segundo grupo dessas fichas, publicadas pela Comissão que funcionava na Av. Duque de Loulé, 90, r/c dto, em Lisboa, os livros e revistas são apreciados *Condenável*, *Tolerável* e *Não aconselhável*. Em 1954 são ali classificados muitas obras de colaboradoras(es) da publicação que aqui apreciamos e até a própria revista *Os Nossos Filhos*. No conjunto de livros aos quais é atribuída aquela última avaliação figuram obras de Emília de Sousa Costa, tanto no primeiro como no segundo grupo das fichas. Como aconselháveis, em 1954, encontramos livros de Maria Isabel de Mendonça Soares (que só mais tarde irá colaborar, profissionalmente com Maria Lúcia Vassalo Namorado) e de Virgínia de Castro e Almeida.

No segundo grupo de fichas, ou seja, as que foram publicadas em 1955-56, estavam como *Condenável*, o livro *O Alfaiatinho valente* de Emília de Sousa Costa; como *Tolerável*, os livros de Maria de Castro Henriques Osswald e Maria da Natividade Pinheiro Correia; como *Não aconselhável* enumeravam-se obras de Isaura Correia Santos, António Botto, Emília de Sousa Costa Lídia Correia Serras Pereira e Ilse Losa, como se vê, todas(os) colaboradoras(es) de *Os Nossos Filhos* e cujos livros existem no *Espólio*, como também já vimos nas *Dedicatórias*.

Ainda neste segundo grupo de fichas chamamos a atenção para o texto crítico que acompanhava a apreciação feita a *Nós e a Criança*, da Porto Editora, a obra de Ilse Losa, como já vimos, tão frequentemente elogiada em *Os Nossos Filhos*: "(...) Livro de vulgarização onde a autora pretende pôr ao alcance dos pais «um certo número de conhecimentos adquiridos nos livros e na prática». Os diversos capítulos tratados sempre a partir de pequenos casos concretos e expostos numa linguagem simples e clara, estão geralmente ao alcance da compreensão de toda a gente. Mas justamente, para quem possuir fraco hábito de leitura, seria de desejar uma maior sistematização e um acento mais forte posto nos aspectos construtivos. Não se encontra em todo o livro a

³⁹¹ Cf. *Apêndice Cap. 4- Crítica de livros e jornais*.

menor adesão às realidades sobrenaturais, nem, logicamente, à *educação religiosa*³⁹² da criança. /assinatura/ I.L.(...)” (ACP -1955-56. Ficha C1. *Espólio*).

Também é neste conjunto de *Fichas* do segundo grupo, publicadas em 1955-56, que sai uma apreciação de *Não aconselhável*, atribuída a “(...) *Os Nossos Filhos*, mensal, EDITOR: Editorial «Os Nossos Filhos», 6\$00(...)DIRECTOR: Maria Lúcia Silva Rosa(...)” que diz apenas:“(...) Revista que demonstra boa vontade e amor à criança e tem o mérito de ser a única no género era Portugal. Apresenta bons princípios de educação, *mas apenas no natural, como se para além deste nada mais existisse. A leitura desta revista deve portanto ser feita com reservas*. Traz geralmente uma ou duas páginas (de crítica literária e de receitas) que só muito longinquamente se podem relacionar com a finalidade da publicação: educação de crianças. /assinatura/ M.N.L.(...)”(ACP - 1955-56. Ficha D 1. *Espólio*).

Algumas críticas negativas á revista são feitas por Maria Lúcia Vassalo Namorado como se comprova quando escreve para as amigas ou colaboradoras da revista. Por vezes, ela deixa transparecer algumas das dificuldades que enfrenta no seu quotidiano para manter o seu projecto editorial como o faz, em 1950 na carta que dirige a Maria do Carmo Rodrigues dizendo: “(...)“*Os Nossos Filhos* está muito longe de ser aquilo que podia e devia ser. Mas, inteiramente sozinha, sem outra ajuda além da que me vem das leitoras, com uma tiragem relativamente pequena porque a mulher portuguesa continua, na sua maioria, alheia aos grandes problemas da sua própria vida- confesso que não posso fazer mais nem melhor(...)”(Doação Maria do Carmo Rodrigues. Carta 29-10-1950) ou quando no ano seguinte, muito antes de suspender a revista dirá, à mesma colaboradora: “(...)Neste momento grave em que não sei se poderei manter a publicação da revista como até aqui. De todos os lados surgem incompreensões, complicações, dificuldades e agora o aumento do preço do papel e a sua falta é um problema muito sério, que ainda não sei bem como resolver, visto que não quero de modo nenhum aumentar o preço da Revista. Este último número de *Os Nossos Filhos* não saiu exactamente como eu desejava mas as dificuldades de papel não permitiram uma apresentação melhor(...)” (Doação Maria do Carmo Rodrigues. Carta 9-7-1951).

Ainda neste grupo de crítica e avaliação externa da revista, agora do ponto de vista dos elogios que lhe são feitos veja-se que João de Deus Ramos, depois de ter sido entrevistado sobre outro *Jardim Infantil de Benguela* (Cf. Educação as colónias) para a

³⁹² Itálico nosso.

revista, dirá:”(...) Apraz-nos fazer este registo na revista «Os Nossos Filhos», que considero actualmente o melhor baluarte em defesa da Infância no nosso País(...)” (ONF, Out. 1951).

Um grupo de apreciações que retiramos das cartas guardadas no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* mostra-nos a importância atribuída à revista por António Emílio de Magalhães, o médico co-director da *Liga Portuguesa de Profilaxia Social*, do Porto, que mais se empenhou para que *Os Nossos Filhos* não deixasse de se publicar em 1958.

Desde os primeiros números que sublinha a importância da obra, não lhe poupando os maiores elogios. O primeiro contacto³⁹³ entre a revista *Os Nossos Filhos* e a *Liga Portuguesa de Profilaxia Social* estabeleceu-se no final do primeiro ano em que a revista inicia a sua publicação quando, depois de ter recebido um número da mesma, António Emílio de Magalhães informa que não pode assumir o compromisso de se tornar assinante da publicação “(...) por não poder arcar com mais compromissos monetários além daqueles que já tenho (...) como, conjuntamente com (...) Gil da Costa, dirijo a *Liga Portuguesa de Profilaxia Social*, ousou propor a V. Ex. a permuta das publicações da Editorial *Os Nossos Filhos* c/ as da *Liga de Profilaxia* e quero crer que todos lucraremos; se anuírem peço favor de enviarem todos números já publicados para oportunamente mandarmos encadernar; respondendo a apelo da revista, a *Liga* fará seguir, como oferta, algumas das suas edições(...)” (Carta de António Emílio de Magalhães, 14 Dez. 1942. Caixa 4. Maço 2).

Sabemos que em Janeiro de 1943 Maria Lúcia Vassalo Namorado pedira um artigo a António Emílio de Magalhães sobre cinema mas em vez de o escrever, o médico enviou alguns artigos que, sobre o mesmo tema, haviam sido coligidos anos antes pelo Professor Doutor Luiz Cardim, secretário Geral da *Liga Portuguesa de*

³⁹³ A ligação profissional que aqui se iniciou entre Maria Lúcia Vassalo Namorado e António Emílio de Magalhães só vai ser quebrada pela morte física deste último ocorrida enquanto atava os atacadores dos sapatos, em /cf. carta de Gil da Costa/. Sabemos que a relação intelectual estabelecida entre estas duas figuras era muito forte, como se depreende da leitura da correspondência guardada no *Espólio*. A admiração que ele nutria por Maria Lúcia Vassalo Namorado e que não se cansa de sublinhar, não encontra paralelo em nenhuma das outras cartas ali guardadas. Ambos tinham uma profunda admiração por Maria Lamas, foi a ele que Maria Lúcia Vassalo Namorado pediu para intervir no julgamento de Isaura Silva, a enfermeira irmã de Hortense Silva, que foi presa por ter desobedecido à proibição de casar que havia sido estabelecida para as enfermeiras dos Hospitais Cívicos, foi ele que a convidou para fazer duas conferências no Porto (cf. Biografia neste trabalho), foi ele que, com a intimidade possível à época, mais a apoiou nos últimos anos da revista. Até ao último dia da sua longa vida a directora de *Os Nossos Filhos* conservaria a fotografia deste médico em cima da sua secretária, na sua última casa, na Rua Abade Faria, em Lisboa (Entrevista a Rui Rosa. Jun. 2005).

Profilaxia Social. Tomara essa opção porque se conservavam actuais e porque “(...) nesta boa terra de indiferentes, como V. Ex^a muito bem diz, primeiro que uma iniciativa prática, honesta e simples de realizar seja tomada a sério, pode-se à vontade dar volta mundo a pé; os nossos olhos só mergulham em miséria e + miséria; ouvidos já ã têm reflexos para calão da aristocracia nem para calão da escumalha; os extremos tocam-se: regra matemática com aplicações sociais(...)” (Carta de António Emílio de Magalhães. Porto. 25 Fev. 1943. Caixa 4. Maço 2). Nesse mesmo texto, o médico reiterava o apoio que expressara já à revista na carta anterior.

A partir de 1944 este médico vai tentar obter, por diversas vezes, junto de diversas entidades, o apoio oficial para a revista que Maria Lúcia Vassalo Namorado estava a iniciar. Para o conseguir, enviou diversas cartas: à Condessa de Rilvas e a “(...) outras personalidades para as pôr à prova em relação ao seu justíssimo interesse de proteger as crianças (...)” (Carta de António Emílio de Magalhães. Porto. 20 Mar. 1944. Caixa 4. Maço 2). Delas enviou sempre cópia à directora de *Os Nossos Filhos* por considerar a primeira “(...) uma tão inteligente Obreira das grandes causas sociais (...)” (Carta de António Emílio de Magalhães. Porto. 6 Nov. 1956. Caixa 4. Maço 1) e por gostar de colaborar com a revista “(...) que é lida, sem dúvida, pelo escol da população portuguesa (...) magnífica revista de tão boa orientação, colaboração e apresentação gráfica (...)” (Carta de António Emílio de Magalhães. Porto. 8 Jan. 1954. Caixa 4. Maço 1). Este médico, que detestava Diniz da Fonseca³⁹⁴, o subsecretário da Assistência Social, vai escrever-lhe em 4 de Abril de 1944³⁹⁵ para ver se consegue que ele apoie a revista *Os Nossos Filhos*. António Emílio de Magalhães também escrevera à Condessa de Rilvas, a presidente da *Obra das Mães pela Educação Nacional* e nela assegurava que “(...) não temos motivo algum para desconfiar de que a Ex. S. D. Maria Lúcia Silva Rosa não simpatize com o carácter oficial da benemérita Organização Nacional “Defesa da família” visto tratar-se de uma pessoa dotada de nobilíssimos intuítos e funda religiosidade e não nos constar que tenha exteriorizado qualquer animadversão em cooperar intimamente na obra do Estado Novo (...) temos ideia de que a política de

³⁹⁴ Em carta enviada do Gerês para Maria Lúcia Vassalo Namorado, em 17 de Setembro de 1944, António Emílio de Magalhães dirá:“(...) Congratular pela saída do (...)conspícuo Diniz da Fonseca, que enquanto lá esteve deu provas de possuir um coração de chumbo. Felizmente que estamos livres dele!(...)” (Caixa 2. Maço 3).

³⁹⁵ António Emílio de Magalhães escreve a Maria Lúcia Vassalo Namorado em 15 de Abril de 1944 e junta a essa carta a cópia da que, com 3 páginas, havia enviado ao referido governante dia 4 desse mesmo mês. O conteúdo que vamos seguindo é extraído da carta enviada a Joaquim Dinis da Fonseca (Caixa 4. Maço 2).

assistência actualmente preconizada é de esta ser entregue no grau mais elevado às instituições particulares, foi motivo de aprazimento para a Direcção desta *Liga* ser informada de que todos objectivos que aquela ilustre e bondosíssima Sra. se propunha na sua carta, plenamente cabem na alçada da Organização Nacional “Defesa da Família” para que não se verifiquem mais tristes factos como o que refere a PSP do Porto, pedindo ajuda ao *Albergue distrital de Mendicidade* em que diz que há crianças a disputar comida dos caixotes aos cães; vamos transmitir esse despacho à Sr. D. Lúcia Silva Rosa antecipadamente convencidos de que ela aceitará a sugestão de se integrar na benemérita Organização Nacional “Defesa da Família” para a realização do seu sonho de larga protecção à infância; para tranquilizar V. Ex. nunca houve intenção de formar qualquer Liga que trabalhasse à margem do Estado e muito menos contra ele (...)” (Ofício de António Emílio de Magalhães à Condessa de Rilvas. Caixa 4. Maço 2).

Percebemos que a Condessa de Rilvas terá pensado que a *Liga Protectora da Infância* que Maria Lúcia Vassalo Namorado pretendia criar e à qual se referira aquando da conferência que realizara no Porto, intitulada *Pela Criança*, poderia ser posta a funcionar fora do enquadramento legal já existente, ou seja, fora da alçada do *Instituto Defesa da Família*.

Em 14 de Março de 1945 António Emílio de Magalhães envia a Maria Lúcia Vassalo Namorado a cópia do ofício que a *Direcção Geral da Assistência* mandara em resposta ao que a *Liga Portuguesa de Profilaxia Social* lhes enviara em 16 de Novembro do ano anterior (Caixa 7. Maço 2). Nele aquela Direcção Geral prometia que a “(...) sugestão apresentada será tomada oportunamente”(“...”). Perante esta resposta inconclusiva, António Emílio de Magalhães apelida os remetentes de “(...)cáfila de intrujões! (...)”.

Como não tinha obtido nenhuma resposta para oficialmente ver apoiada a revista *Os Nossos Filhos*, António Emílio de Magalhães informa a directora da revista de que tomara a decisão de “(...) em todos os livros de conferências da *Liga* foram postos exemplares idênticos àquele que incluso segue /é outro dos anexos a esta carta, c/ 1 p/. (...) Se não aumentarem os assinantes a *Liga* cumpre honestamente o dever de lhe prestar a sua solidariedade procurando criar-lhe ambiente para que a sua revista atinja o alto esplendor a que tem direito: mulheres da sua qualidade deviam receber atenção dos Educadores, à Obra das Mães e quejandas instituições; tinha mais para dizer mas esta é a 8ª e tenho 1 monte para responder(...)”.

Junto a esta, está outra cópia de uma carta enviada também por António Emílio de Magalhães³⁹⁶ à *Casa do Ribatejo*, em Lisboa. A *Liga...* chamava a atenção daquela *Casa* por ter, “(...) entre as suas actividades, uma *Secção de Beneficência* pensou a *Liga* chamar a atenção para uma ribatejana de alma generosa e esclarecida que dirigindo já uma publicação educativa destinada às famílias, a conceituada revista *Os Nossos Filhos*, há muito sabemos que anseia por se integrar numa obra de assistência educativa, especialmente destinada às crianças; seus propósitos iniciais mais latos, visando criação de *Liga Nacional de Protecção à Infância* que expôs a esta *Liga(...)*”. Além desta iniciativa, a *Liga Portuguesa de Profilaxia Social* vai introduzir, uma página impressa volante em todos os livros de conferências³⁹⁷ que publica, e nela explica que:“(...) A *Liga* chama atenção para revista *Os Nossos Filhos*, orientada com superior critério por uma entusiástica e generosa alma feminina, a Ex. Sra. D. Maria Lúcia Silva Rosa, que lhe consagra o melhor da sua inteligência, dos seus esforços e do seu carinho(...) trata-se duma publicação especialmente destinada à Família, procurando, através de variadas e bem elaboradas secções, ministrar aos Pais o máximo auxílio informativo e normativo para o bom desempenho da sua elevada e difícil tarefa- publicação que tem o seu lugar bem marcado em todos os lares e não devia faltar em nenhum deles(...) a *Liga...* honra-se de dar o seu apoio a uma Revista que, no meio de tantas tendências dissolventes a ameaçarem esse núcleo de puro amor que deve ser a Família, com rara clarividência e persistência se mantém num alto nível de esforço construtivo, bem merecendo conquistar na Terra Portuguesa a mais larga difusão(...) não deixe de adquirir desde já um n.º de *Os Nossos Filhos*, seja por compra avulso seja dirigindo-se à Administração da mesma Revista, que certamente lhe enviará 1 exemplar-espécimen (...) confiados que V. Ex. fará a sua assinatura, na plena certeza de receber no seu lar uma das melhores e mais proveitosas publicações deste género (...)”. Este misto de propaganda da revista e avaliação da qualidade da mesma é sempre assumida por esta instituição quando se refere a *Os Nossos Filhos*.

No início dos anos 50, ao mesmo tempo que não consegue qualquer apoio oficial para a revista, António Emílio de Magalhães vai estabelecer profundas relações de amizade com a directora de *Os Nossos Filhos*. Agradece os artigos que sobre as actividades da

³⁹⁶ Cópia de carta dactilografada de 4 p, dirigido pela *Liga Portuguesa de Profilaxia Social* à Direcção da *Casa do Ribatejo* em Lisboa, datada de Porto, 2 de Janeiro de 1945 (Caixa 7. Maço 2) para também solicitar o apoio daquela instituição à iniciativa de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

³⁹⁷ Sem data, em papel timbrado da *Liga*, A5, e assinada pelos dois directores, António Emílio de Magalhães e Cândido Henrique Gil da Costa.

Liga Portuguesa de Profilaxia Social são publicados³⁹⁸ em *Os Nossos Filhos*, convida-a a proferir uma conferência no Porto, em 15 de Outubro de 1956 ao mesmo tempo que censura aqueles que a não querem apoiar, dizendo: “(...)sabe o que era mais preciso? Que a gente que se diz culta, aqueles que continuamente combatem a situação, sem nunca lhe verem uma virtude, aqueles que sistematicamente defendem a situação sem nunca lhe encontrarem um defeito, se juntassem à volta de *Os Nossos Filhos*, lhes dessem força, colaborassem activamente com eles, lhes levassem a sua contribuição monetária, como assinantes e o mais que fosse preciso fazer para defender a peregrina causa que eles defendem(...)e então se iniciaria uma grande revolução nacional, aquela que, entre tantas que tem havido, teria um triunfo certo e retumbante (...)”(Carta de António Emílio de Magalhães. Porto. 3 Ago. 1956. Caixa 16. Maço 1).

Ajudar a aumentar o número de assinantes vai ser a estratégia seguida por António Emílio de Magalhães para que a revista possa subsistir, começando esta campanha em cabo Verde, Angola e Moçambique, ainda em 1955 e pensando continuá-la nas duas últimas colónias porque “(...)de grão a grão enche a galinha o papo(...)não está de todo desamparada pois ainda tem amigos(...)”(Carta de António Emílio de Magalhães. Porto. 7 de Mar. 1955. Caixa 29. Maço 3).

Em Maio de 1957, perante a iminência de suspensão da revista, António Emílio de Magalhães punha ainda duas hipóteses para resolver o problema financeiro de *Os Nossos Filhos*: “(...)fazer uma circular pedindo assinantes(...)” mas corria-se o risco de poucos resultados obter ou ele “(...)ir a Lisboa e reunir lá algumas pessoas suas amigas e das minhas relações e depois irmos, em comissão, ao Subsecretário da Assistência e à Fundação Gulbenkian (...)” porque sentia que Maria Lúcia Vassalo Namorado estaria “(...) muitas vezes isolada sem o amparo de quem tinha obrigação de lho dar, que são as autoridades assistenciais, a Obra das Mães, etc. etc. mas o egoísmo que em tudo impera não gosta que medre o trabalho honrado dos que gastam a vida a lutar pelo bem das crianças(...)”. António Emílio de Magalhães colocava-se ao lado dela pois não queria “(...) ter responsabilidades de não ter feito nada em favor de tão generosa Obreira(...)”

³⁹⁸ Por exemplo, quando refere estarem “(...) sensibilizados pelos públicos agradecimentos (...) a propósito das nossas campanhas a favor da dignificação da mulher, quando combatemos aquela monstruosidade que transforma algumas infelizes carquejeiras do Porto em menos que animais de carga; e quando agimos contra a vergonha espantosa do pé descalço(...)simpatia dos artigos publicados em *Os Nossos Filhos* do mês transacto subordinados ao tema "O pé descalço" e "As carquejeiras do Porto"(...)revista dedique parte da sua atenção aos problemas morais e sociais que tanto preocupam a LPPS(...)apoio dos portugueses amantes do Bem, da Verdade e da Virtude(...)” (Carta de António Emílio de Magalhães. Porto. 17 Jun. 1953. Caixa 27. Maço 1).

(Carta de António Emílio de Magalhães, Porto. 22 de Maio de 1957. Caixa 27. Maço 1). Tendo visto a ineficácia da campanha de assinaturas e as diligências já referidas, o mesmo médico vai reunir-se com Isaura Correia Santos (cf. *Apêndice Cap. 4 - Biografias*) e informa Maria Lúcia Vassalo Namorado de que “(...)ambos ficamos na disposição de irmos ao seu encontro para tentar modificar o pesadelo que tão vivamente a atormenta. Ela redigiu, como orientação a seguir, a minuta que junto envio que possa corresponder inteiramente à verdade e tocar em pontos essenciais que impressionem os senhores da Fundação Calouste Gulbenkian. Não estejas (sic) com modéstias (...). Suponha que este serviço é feito a favor da nossa amiga D. Isaura e não se furte a traçar um plano conciso, mas, ao mesmo tempo, amplamente esclarecedor das possibilidades da sua revista. Esta representação ou mensagem será subscrita por bastantes personalidades, algumas delas de grande nome e todas vivamente empenhadas no progresso da sua fecunda Obra(...) que, com esta cadeia de boas vontades, o nosso anseio se não perca e alguma coisa de útil resulte em prol de *Os Nossos Filhos*. Se assim não acontecer, salva-se a generosa intenção de todos e a Sra. D. Maria Lúcia fica a saber que tem alguns amigos, sinceros e gratos ao seu construtivo esforço que lhe prestam a devida homenagem de admiração, carinho e respeito. Não se esqueça de enviar uma lista de nomes de pessoas importantes para lhes solicitarmos que assinem a mensagem(...)do muito amigo(...)” (Carta de António Emílio de Magalhães. Porto. 4 Jun. 1957. Caixa 72. Maço 1).

Posteriormente mas, ainda nesse mesmo ano, e mais uma vez com a intenção de salvar a revista *Os Nossos Filhos*, os dois directores da *Liga Portuguesa de Profilaxia Social*, Gil da Costa e António Emílio de Magalhães, optam por uma outra solução, como já fora previsto pelo Director da *Liga...*: enviam uma carta ao Dr. Azeredo Perdigão da Fundação Calouste Gulbenkian (Carta de Gil da Costa e António Emílio de Magalhães. Ca. 1957. Caixa 4. Maço 1) no sentido de lhe solicitar apoio para a continuação da revista de Maria Lúcia Vassalo Namorado. A missiva fora assinada por diversas individualidades³⁹⁹ e explicava que a revista *Os Nossos Filhos* “(...)cujas ética merece

³⁹⁹ /Em carta dactilografada em papel timbrado de/ *Liga Portuguesa de Profilaxia Social* R. De Sta. Catarina, 108, Porto/ em papel com cercadura de luto cortada/, à assinatura dos médicos Dr. Gil da Costa e António Emílio de Magalhães, médicos e directores da *Liga Portuguesa de Profilaxia Social*, seguiam-se Dr. Mário de Vasconcelos e Sá, prof. e escritor, Martha de Mesquita da Câmara, Jornalista e escritora, do Porto, Dr. António Maria Gonçalves Ferreira, Juiz Conselheiro do Sup. Trib. De Justiça e escritor (Porto), Isaura Correia dos Santos, Jornalista e escritora (Porto), Dr. José Maria d’Almeida Corte-Real, médico e presidente da Federação dos Amigos da Escola Primária (Porto), Elaine Sanceau, escritora (Leça do Balio), Dr. Sousa Costa, homem de Letras(da Academia de Ciência e escritor, Porto), Dr.

todos os louvores dos sociólogos, educadores e intelectuais da nossa Terra (...) e cujo objectivo era o de “(...) ajudar os pais e professores na sua nobre e alta missão de fortificar, moral, física e intelectualmente o homem de amanhã (...)”, tinha como directora e fundadora “(...) Maria Lúcia Silva Rosa, mulher e mãe com autoridade moral e intelectual para falar às outras mulheres e outras mães(...)”. A referida senhora havia “(...) lutado para a manter em Portugal e territórios ultramarinos(...)” estava com dificuldades em angariar mais leitores sem o conseguir, como acontecia a publicações “(...)de ordem intelectual e benemérita, que não sejam patrocinadas pelo Estado ou por qualquer Organismo interessado no fortalecimento da raça e do País(...)”. O passivo atingia já “(...)largas dezenas de contos(...)”, correndo o risco de a revista “(...)que tem servido grandes causas da Higiene, Assistência, Profilaxia, Puericultura, bem como as da Pedagogia e Arte(...)” ter de suspender a sua publicação caso a Fundação não pudesse atribuir-lhe um “(...)subsídio para que possa prosseguir na sua nobilíssima tarefa(...)”.

Quando aquele médico se apercebe de que seria impossível continuar a publicação da revista deixa um desabafo de desalento: “(...)”(...) como sua vida teria sido diferente se em lugar de ter nascido em Portugal tivesse nascido nesta terra /Suíça⁴⁰⁰/ onde se aprecia o trabalho de quem tem valor!(...)” (Postal ilustrado de António Emílio de Magalhães. 11 de Set. 1958. Caixa 30. Maço 1).

Domingos Braga da Cruz, Delegado de Saúde do Porto (e ex-Gov-Civil, Porto), D. Maria Irene Faria do Valle, profª (jornalista e escritora, Porto), Belmira de Baptista Almeida, Inspectora do Ens. Particular do MEN(Lisboa), Dr. António Paúl (Adjunto do Delgado de Saúde do Porto e Chefe de serviço do Dispensário Central de Higiene Social do Porto), Dr. Adriano Rodrigues, Prof. Da Fac. De Engenharia (e ex-reitor da Univ. do Porto), Dr. Fonseca e Castro, Prof. De Pediatria) da Fac. De Medicina (do Porto), Dr. Paulo Gonçalves (médico pediatra, Porto),Dr. José Ayres d’Azevedo, médico e jornalista(Porto), Virgínia Faria Gersão, prof. Do Liceu Infanta D. Maria (e ex-deputada) de Coimbra, Maria da Luz de Deus, prof. (e Presidente da Direcção da Ass. De Jardins-Escola João de Deus, Lisboa), Maria do Rosário Carvalho Soares prof. E gerente da Maternidade Abrahão Bensaúde, (Lisboa), Dr. Vitor Fontes, Prof. Da Fac. De medicina e Director do Inst. Ant. Aurélio Costa Ferreira(Lisboa), Maria da Conceição Martins Magalhães, prof. Do Liceu Maria AVCarvalho(Lisboa), Maria Keil do Amaral, Pintora (Lisboa), Guida Keil, Publicista e vice-presidente da Academia de Ex-Libris (Lisboa),Dr. Francisco Freire, médico da Direc. Geral de Saúde (e Direc. Da Liga Portuguesa de Educação Sanitária, Lisboa), Maria Leonor Correa Botelho (Inspectora do Serviço Social e ex-deputada, Lisboa), Virgínia Lopes de Mendonça (escritora, Lisboa), Maria da Luz Ferreira de Oliveira, Prof. E regente do Jardim-Escola João de Deus, Porto, Nina Marques Pereira, concertista e prof. (De Música, Lisboa), Heloise Cid, escritora(Lisboa), Guilhermina Rodrigues Faria Fernandes (Lisboa), Ida da Conceição Guilherme, Prof. Do Liceu Rainha de Sta. Isabel no Porto, Ana Clarice da Costa Pinto, Prof. Da Esc. Técnica Elementar Clara de Resende, (Porto), Alexandrina Reynaud publicista e professora (Porto), Dr. Arlindo Lima de Magalhães, Júnior (prof. Da esc. Comercial Oliveira Martins (Porto), Augusto Gomes de Oliveira, inspector escolar (Porto), Lúcia Herculana de Castro, prof. Do Ensino Especial (de Anormais, Porto),Artur José Figueiredo (Porto),Manuel Caetano de Castro, professor primário aposentado (Porto).

⁴⁰⁰ Postal ilustrado enviado de Genève, com imagem de *Le Pont du Mont Blanc*.

A apreciação que é feita da revista por Ferreira de Castro é das primeiras a referir o problema da Censura. Quando Maria Lúcia Vassalo Namorado o convida para ali escrever, ele responde: "(...) fico pesaroso por não poder atender seu desejo. Mas enquanto existir censura estou decidido a não escrever coisa alguma expressamente para a imprensa portuguesa. Isto mesmo eu já tornei público numa entrevista que dei ao "Diário de Lisboa" em Novembro do ano passado. Eu tinha a esperança de poder enviar-lhe um trecho do meu novo livro(...) mas vejo que ele nada tem que possa servir para o carácter da sua revista. Espero que um dia venha em que possa enviar-lhe algum trabalho. Entretanto quero felicitá-la pela revista, que é, no seu género, muito boa, o que deve dar um grande trabalho e preocupações num meio como o nosso(...)" (Carta de 16 de Outubro de 1946. Caixa 29. Maço 3).

Suspensão de *Os Nossos Filhos*

Durante os anos em que a revista foi publicada muitas são as leitoras que, pelos mais diversos motivos, como vimos, têm de suspender a sua assinatura⁴⁰¹. Uma das senhoras que o faz é Maria Ana Graça, mulher do assinante Dr. Rafael Gagliardini Graça e apenas a incluímos no texto devido às razões apontadas para tal: "(...) Estando completamente em desacordo com as opiniões exteriorizadas pela D. Palmira Tito de Morais na sessão de propaganda realizada há dias na *Voz do Operário*, venho comunicar que a partir desta data não quero receber mais nenhum número dessa revista, a fim de evitar que, através dela, seja ministrada a minhas filhas educação contrária aos salutar e tradicionais princípios que sempre orientaram a Mulher Portuguesa(...)" (Carta de 16 de Janeiro de 1949. Caixa 28. Maço 3). Esta senhora referia-se à sessão em que aquela colaboradora da revista tinha estado presente para a campanha de Norton de Matos, como já referimos neste trabalho. Gerir esta revista não foi nunca tarefa fácil para Maria Lúcia Vassalo Namorado pois, por um lado, estava o problema económico e por outro, os entraves socio-políticos também não faltavam, como se pode constatar.

Vimos como desde meados dos anos 40 a revista vai sofrendo diferentes remodelações, vai lançar diversos inquéritos para identificar gostos e necessidades das leitoras, tudo numa estratégia de sobrevivência. De meados dos anos 50 em diante, várias tinham sido as ocasiões em que, perante o avolumar dos prejuízos, Maria Lúcia Vassalo Namorado

⁴⁰¹ Cf. Cartas do *Espólio* em que se referem essas razões: Pesquisar em *Apêndice Cap. 5*, categoria *ONF, suspensão*.

pensara abandonar a publicação da revista. Vimos também como o médico António Emílio de Magalhães fez os (im)possíveis para que tal suspensão se evitasse. No mesmo sentido, a directora da revista chegou a escrever ao Secretário Nacional de *Informação, Cultura Popular e Turismo* e nessa carta apresentava, como um dos propósitos da revista, “(...) o de criar e educar os filhos dentro da Moral Cristã(...)” (Carta ao Secretário Nacional de *Informação, Cultura Popular e Turismo*. Lisboa. 2 de Maio 1957. Caixa 72. Maço 4). Nela pedia um subsídio para continuar a publicação da revista *Os Nossos Filhos* e ainda um outro para “(...) a feitura do álbum *Lisboa vista pelas suas crianças(...)*”. Vimos já que, no mesmo sentido, escrevera duas cartas ao presidente do Governo mas as respostas nunca foram positivas.

Finalmente em Dezembro de 1958, numa discreta notícia de duas meias páginas, assinada *Maria Lúcia*, chega a informação de que *Os Nossos Filhos* suspende a sua publicação”(Dez. 1958). Dado que é um texto em que se faz não só uma avaliação do que foi feito como uma crua análise das dificuldades intransponíveis parece-nos importante a sua transcrição /scanner/: “(...) Muitas vezes me têm perguntado: Porque se lembrou você de publicar *Os Nossos Filhos*? Nem sempre julguei conveniente responder com a verdade inteira, mas neste momento não vejo razão para a ocultar.

Conhecia muito bem a ignorância da grande maioria das mães rurais, obedientes à rotina e à superstição, e o abandono em que os seus filhos viviam; e, em dado momento, verifiquei com pasmo que não eram menores nem a ignorância das mães nem o abandono das crianças citadinas; só as aparências mudavam, os problemas permaneciam os mesmos, Refiro-me à maioria. Evidentemente, houve sempre em todos os tempos, em todos os meios e circunstâncias, mães perfeitas e educadoras exemplares. Mas era esmagadora a percentagem das que permaneciam ignorantes, mesmo quando guiadas por uma intuição admirável ou adornadas com disfarces de cultura. E eu pensei na necessidade urgente de esclarecer essas mães, de mostrar-lhes problemas que tantas vezes nem sequer suspeitavam, de ajudá-las na sua grande missão que é a mais importante de todas. Ora, uma publicação periódica, escrita com simplicidade, poderia ir a todo o País, até mesmo onde não há professora, nem educadora familiar, nem enfermeira, e ajudar as mães, orientá-las, numa obra de profilaxia e educação. Então, eu ainda supunha que bastava apresentar uma ideia útil, corporizá-la, honestamente para ficar assegurado o seu triunfo. E que obra mais honesta do que «Os Nossos Filhos» procurou servir a ideia, entre todas útil, de contribuir

para a educação das mães? E não será, justamente, a educação das mães o problema raiz de todos os problemas?

Que não tenho muita, razão de queixa, vamos lá. Está provado nestes dezasseis anos e meio de vida de «Os Nossos Filhos», durante os quais tive a alegria de ver a minha obra compreendida e amada por alguns milhares de portugueses. Não esquecerei nunca, e quero lembrar especialmente nesta hora, os médicos, as enfermeiras, os professores e outros técnicos que me ajudaram com os seus conselhos e a sua brilhante colaboração; os leitores, assinantes e amigos dedicados que me têm honrado com a sua confiança, que tantas vezes me elegeram sua confidente partilhando comigo preocupações, desgostos e alegrias, que me dirigiram palavras de amizade e agradecimento, aplauso e estímulo, e que procuraram servir a Criança Portuguesa divulgando a «nossa» Revista. Mas esse apoio, o mais grato ao meu coração e à minha inteligência, o único que tenho tido tornou-se insuficiente. Não me é possível prolongar a luta económica que desesperadamente tenho travado ao longo destes quase dezassete anos. Na verdade, fiz tudo quanto podia e até mais do que podia para manter a Revista. Hoje, para prosseguir seria necessário que “todos” quisessem ajudá-la, incluindo determinados Organismos cujo apoio solicitei inutilmente, embora me recebam com muita delicadeza e me afirmem que a minha obra é necessária e é uma pena acabar...

Nestas circunstâncias, sou forçada, com um desgosto que ninguém avalia, a suspender a publicação de «Os Nossos Filhos». Por quanto tempo? Não sei. Sendo possível gostaria que a Revista prosseguisse, renovada, mais viva e atraente, mais variada e completa, mais útil. Mas isso já não depende só de mim. De qualquer modo, enquanto puder, continuarei trabalhando pela Mãe e pela Criança da nossa Terra. A *Editorial* mantém-se e talvez possa alargar a sua actividade. Há muito que venho tentando criar uma biblioteca infantil em moldes actuais. E a minha iniciativa «Portugal visto pelas suas Crianças» (que tanto está contribuindo para o conhecimento da Criança portuguesa, e cujo êxito ultrapassou as fronteiras, levando a outros povos a beleza da nossa Terra evocada pela graça, frescura e sensibilidade das nossas Crianças — essa iniciativa prossegue. Por tudo isto, embora me doa profundamente a hora presente, não posso dizer que seja nem de derrota nem de renúncia. Por tudo isto e porque a influência de «Os Nossos Filhos», ao longo destes dezasseis anos e

meio, beneficiou muitos milhares de crianças e foi muito longe. E uma obra assim nem é pequena, nem se perde facilmente”. (Dez. 1958).

Apesar de suspender a revista, Maria Lúcia Vassalo Namorado não pretendia ‘desfazer’ a *Editorial* uma vez que ainda tinha o sonho de usar esse nome para com ele, como de facto aconteceu, publicar a Revista mas apenas anual, de Dezembro de 1959 a 1964, e para se dedicar à edição de livros infantis.

Na sequência da suspensão da publicação mensal, ela vai elaborar um “Plano⁴⁰² de trabalho para 1959” /scanner/ (Caixa 22. Maço 3) em que se propõe o seguinte: “(...) começar em Janeiro com programas radiofónicos dirigidos aos educadores, /realizar/ na Primavera um Exposição Internacional de fotos de Crianças, uma Exposição de arte infantil das crianças da Califórnia, em Julho; em Junho, uma Exposição de arte infantil /crianças de vários pontos do País/ / e em/ Dezembro A consoada na Europa, Grande concurso com a colaboração dos principais jornais da Província /e a criação de/ Um suplemento infantil(...)(Caixa 22. Maço 3).

Junto a este texto existe um outro, sem título⁴⁰³, em forma de rascunho manuscrito /scanner/, como a maior parte da documentação deste *Espólio*, e muito rasurado, da autoria de Maria Lúcia Vassalo Namorado, não datado mas que, pelo tema, só pode ser de fins de 1958, em que ela faz uma espécie de ‘borrão’ de um futuro acordo a estabelecer com uma senhora “D. Helena”⁴⁰⁴. Neste rascunho a directora de *Os Nossos Filhos* refere que “Confirmo a conversa que tivemos, segundo a qual se estabelece entre esta casa e V. o seguinte contrato, (...)em regime experimental a servir de base a uma futura operação:

- A partir do dia 1 de Janeiro de 1959 e até 31 de Dezembro do mesmo ano, tomo a responsabilidade da manutenção da Revista *Os Nossos Filhos*.
- Todas as despesas serão da minha conta, cabendo-me igualmente os prejuízos ou lucros que houver. Ficarão a meu cargo(...) a expansão comercial da revista *Os Nossos Filhos* e a sua publicidade.

⁴⁰² “Plano de trabalho para 1959”. (Caixa 22. Maço 3. 4 p. manuscrito)

⁴⁰³ “Confirmo a conversa...”. Caixa 22. Maço 3. 5 p.

⁴⁰⁴ O texto, sem indicação de apelido, apenas diz que “(...) que conhece a minha obra, que tem 16 anos (...) /e/ a senhora mesma me disse que já tinha tido uma conversa com Sr. Agostinho Fernandes que dissera ao Sr. F. que eu sabia muito bem como havia de orientar a Revista e que o que eu precisava era de não ter preocupações de dinheiro. Se a sra. D. M. H. Mantém esta opinião e se o sr. F. quer confiar-me a direcção da Revista eu fico satisfeita e acertarei contas, com prazer e colaboração, as sugestões e conselhos da Sra. D. M. Helena, ficando no entanto bem assente que a direcção é minha. De outra maneira eu não me sinto compreendida e portanto não me sinto bem(...)”.

- Permanecerei no cargo de Directora da Revista *Os Nossos Filhos* na parte técnica e literária, pelo qual receberei mensalmente a quantia de 2.000\$00 procurando melhorar a revista dentro da orientação seguida até aqui.
- No dia 31 de Dezembro caducarão estas condições e serão substituídas por outras que então se virão a acordar(...)" (Caixa 22. Maço 3).

Em pequenos tópicos tem indicação de que só seria submetida a este acordo a Revista porque a *Editorial* ficaria à parte e “continua minha(...)”, seria celebrado “contrato escrito”. Maria Lúcia Vassalo Namorado Silva Rosa estaria preocupada com o que poderia ser o destino da empregada uma vez que num desses tópicos tem apenas escrito “Ilda”⁴⁰⁵, ou seja, o nome da empregada que durante 14 anos trabalhara na Revista (Caixa 22. Maço 3).

A ideia era continuar a revista mas noutros moldes. Segundo dirá Maria Lúcia Namorado, ela queria “(...) assegurar o título /pois/ se se passasse um ano sem publicar eu perdia o direito ao Título e qualquer pessoa podia agarrar no Título e lançar outra revista com aquele nome, a mim não me interessava. A minha ideia era, essas 4 folhas ficarem mais pequenas e fariam 8, como um pequeno livro, e cada livro trataria de um assunto, relativo às mães e as crianças, mas completo, por uma pessoa idónea, especialista do assunto e portanto aquilo punha-se à venda e não era forçoso vender-se num mês, ia-se vendendo a pouco e pouco. Mas eu tinha tanto trabalho que não conseguia fazer isso. Como não consegui, ia publicando artigos, gravuras que já tinham saído, depois daqueles anos (até 1964) o trabalho foi aumentando e não publiquei mais. (...)” (Borges. 2003. p. 200, entrevista feita a ML em 20-6-1998).

Terminava assim uma revista que, durante dezasseis anos fora a razão de ser da vida profissional de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Muitas foram as leitoras e assinantes que lhe escreveram no sentido de a estimularem a continuar ou a dar-lhe algum consolo. Neste grupo esteve Maria Isabel Rodrigues Anjo, professora primária e irmã do médico César Anjo, Filho. Na carta em que Maria Lúcia Vassalo Namorado lhe agradece o conforto que lhe deu com as palavras enviadas aquando da suspensão da revista encontramos dados de grande interesse: a ex-directora da revista aprecia o que a publicação significou na sua vida e, sem dramatismos, estabelece novo plano de acção a curto e médio prazo:“(...) todo este tempo tenho andado ocupadíssima a pôr mil coisas em dia, ea tentar reorganizar a minha vida. Estes quase dezassete anos de vida de Os

⁴⁰⁵ Ilda Águas Marques, ainda viva, residente em Lisboa.

Nossos Filhos não me custaram apenas um trabalho constante e sacrifícios sem conta, mas também uma dívida de quase 80 contos e agora terei de trabalhar muito para poder viver e pagá-la. Preciso urgentemente de organizar a minha vida, mas a verdade é que ainda não consegui aquilo de que tanto necessito. Estou fazendo uma página para o Diário de Lisboa, a qual sai á 4ª feira e gostaria de receber para essa página a sua colaboração(...). Não tenho esperança de poder recomeçar com a revista, pelo menos nestes tempos mais próximos, mas pode ser que venham melhores dias. Como compreende estou muito ligada a todos estes problemas materno- infantis para os quais tenho trabalhado toda a minha vida, e não me é fácil renunciar a este género de trabalho. Para, de certo modo, substituir a revista pensei em ditar uma colecção a que chamei *Os Nossos Filhos* e os seus problemas, constituída por livrinhos úteis e acessíveis, sem período certo para aparecerem, sem encargos obrigatórios em datas fixas; e talvez com mais defesa do que a revista por não perderem oportunidade. O primeiro volume dessa colecção chama-se *O Filho único*⁴⁰⁶ e é da autoria da Dra. Maria da Natividade Pinheiro Correia. Mas, para iniciar a colecção preciso da ajuda das amigas. Poderá colocar-me, entre as suas amigas, alguns exemplares desta primeira obra? Quantos? Cada exemplar custará 15\$00. Ser-lhe-ia possível colocar 20 exemplares?(...)” (Carta de 19 de Mar. 1959. Doação Maria Isabel Rodrigues Anjo). Como veremos no capítulo seguinte, nos anos setenta esta relação profissional será alargada a outras iniciativas de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

É desta forma que, desempregada e pouco antes de completar cinquenta anos, a directora de *Os Nossos Filhos* pretendia continuar o seu empenho profissional em favor das mulheres e das crianças.

⁴⁰⁶ Para apreciar a obra, tem dactilografado, o sumário do livro que também está junto da carta. (Cf. *Apêndice Cap. 1- Doações*).

5 A correspondência no Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado

5.1 Sentido da epistolografia

Referimos já no primeiro capítulo um conjunto de aspectos que, do ponto de vista teórico, devem ser tidos em conta quando se utilizam determinados documentos como fontes de investigação. Vejamos agora como a epistolografia pode contribuir para um melhor conhecimento do quotidiano de determinados grupos sociais, para a identificação de representações sobre educação ou para tornar visível uma certa “(...) cultura política, que possibilitava os políticos, conterrâneos, familiares e amigos a escreverem para agradecer, cumprimentar, sugerir, cobrar. Desempenhando o papel de intermediários, em nome da amizade, da injustiça sofrida ou da necessidade económica, intercediam por empregos (...)” (Mignot, 2003. p. 7).

Ao mexermos nestas cartas lembramos velhos “(...) segredos, emoções, sonhos, expectativas, projectos, costumes e práticas (...) /que/ com o correr dos anos, talvez não se saiba muito bem o que representaram quando foram escritos ou conservados, mas continuam protegidos de olhares indiscretos (...)”(Mignot, 2003. p. 5). Muitas das cartas do *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* fazem lembrar os arquivos “(...) de administradores públicos (...)” porque foram escritas para “(...)pedir, denunciar; propor, reivindicar (...)”(Mignot, 2003. p. 7). Neste arquivo são também as mães, ou apenas as mulheres, que mais escrevem. Muitas delas, como Maria Evelina Faria e Maia de Aguiar Bustorff, Dulce Morais e Castro, Virgínia Jardim Gomes Sousa Ganho, Alice Gomes, Maria José Banha da Fonseca, Francine Benoît, Virgínia Faria Gersão e muitas outras escrevem sobre as suas escolas, sobre as suas aspirações enquanto mães, “(...)comentam as práticas de escrita promovidas pela escola. Reclamam. Sugerem. Divergem. Aplaudem. (...)”(Mignot, 2003. p. 18).

Os documentos de um arquivo são também testemunhos de um quotidiano familiar e provam que “(...) no espaço doméstico, a escrita tem seu lugar privilegiado, desde os textos com uma existência fugaz até aqueles que servem à construção da memória familiar (...)”(Mignot, 2003. p. 21). Exemplo desta situação é, entre muitas outras, o livro *A História do Bebê*, de Maria da Natividade Correia que está no *Espólio de Maria*

Lúcia Vassalo Namorado e que a revista *Os Nossos Filhos* promovia. Estes livros “(...)vendidos em livrarias, descrevem as pequeninas coisas que marcam o primeiro ano de vida, indicando uma importância cada vez maior da infância na sociedade e na família(...) Nada escapa aos olhares atentos: o tamanho, o peso, os presentes recebidos (...)” (Mignot, 2003. p. 21). A sua leitura, hoje, permite-nos acrescentar muitas informações sobre o que, então, era valorizado ou a forma como eram vistos determinados aspectos de puericultura.

Neste *Espólio*, ao lado de documentos de carácter mais íntimo ou de teor administrativo da revista *Os Nossos Filhos*, deparamos com inúmeras cartas que nos dão a conhecer verdadeiras autobiografias das senhoras. Com os dados aqui obtidos é possível, para inúmeros casos como *Clara do Prado*, pseudónimo de *Eduarda Matos*, para Maria José Banha da Fonseca (com diversos pseudónimos), para Maria Isabel Rodrigues Anjo, Fernanda Tasso de Figueiredo, Maria Irene Madaíl Rosa, apenas para citar alguns casos, redigir biografias completas porque, ao mesmo tempo que escreviam sobre a sua vida quotidiana, deixam-nos dados profissionais, sobre as suas relações pessoais, refugiam-se na carta que escrevem para nela esconderem muitas alegrias, dores, desalentos e emoções. Quando escrevem ao longo de vários anos, é possível ver até a evolução do(s) problema(s) que as haviam levado a escrever, pela primeira vez, para a revista.

Sob o ponto de vista formal, a epistolografia é uma fonte inesgotável de informações sobre o quotidiano e muitos outros dados da época em que se insere. No *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* como em muitos outros analisados já por outras(os) investigadoras(es), encontramos desde envelopes de cores como os de Maria da Luz de Deus que escreve quase sempre em papel de carta lilás, a cartas escritas em papel de avião para poderem caber as mesmas folhas no envelope ao mesmo tempo que se pode dizer mais coisas, há senhoras que pedem que a correspondência não seja enviada em nome delas porque escrevem, em segredo, para a revista, há as que escrevem em postais ilustrados como os que Maria Lúcia Vassalo Namorado mandara fazer inspirada nas *Reivindicações do Bebê*, /scanner/que haviam sido publicados na Bélgica, há as que informam, ainda antes de serem abertas, que a pessoa que as envia havia sofrido um desgosto pois a “(...)tarja preta de luto presente no papel indicava falecimento de uma pessoa (....)” (Mignot, 2003. p. 27).

Neste grupo de dados passíveis de serem retirados da epistolografia e dos espólios incluímos ainda a prática corrente (de que também o *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* nos dá conta) da “(...)troca de fotografias com dedicatórias na própria

imagem ou no verso (...)” (Mignot, 2003. p. 28). É-nos possível identificar muitas(os) das(os) colaboradoras(es) de *Os Nossos Filhos* através da observação dessas fotografias. Neste grupo estão *Virgínia de Vilhena*, António Emílio de Magalhães, Maria Teresa Neves, Belmira da Piedade Almeida, Maria Almira Pedrosa Medina, Lídia Correia Serras Pereira, entre muitas(os) outras(os). Porém, apesar do Espólio de *Maria Lúcia Vassalo Namorado* guardar muitas destas fotografias identificáveis, há outras que, por terem sido retiradas das cartas em que forma enviadas, são hoje irrecuperáveis.

Um outro aspecto formal que nos interessou neste *Espólio* foi o da escrita de dedicatórias⁴⁰⁷ que “(...) ocupam geralmente as primeiras páginas dos livros, permitindo compreender sua circulação (...). As mensagens deixadas por intelectuais em livros enviados a interlocutores privilegiados permitem identificar redes de sociabilidade que são tecidas no universo das letras e as palavras escritas em livros, ofertados por leitores comuns também revelam muitas histórias de amor pela leitura(...)” (Mignot, 2003. p. 32). No *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* figuram muitas obras, sobretudo livros, com dedicatória uma vez que lhe foram oferecidas quer pelas(os) colaboradoras(es) aquando do envio de alguma colaboração, quer por autoras(es) que ela desconhece mas que aproveitam para solicitar uma crítica nas páginas de *Os Nossos Filhos* ou ainda e apenas por cortesia. A leitura destas publicações fornece-nos três tipos de indicações: por um lado, permite-nos perceber o círculo de amizades existente para além dos que identificamos apenas como simples colaborações; por outro, dá-nos informações preciosas sobre as representações que, da revista e da sua directora, tinha quem enviava semelhantes textos; por fim, também nos alerta para a forma como Maria Lúcia Vassalo Namorado as utilizou⁴⁰⁸. As dedicatórias das obras que muitas vezes eram acompanhadas de cartas que ainda existem no *Espólio* foram por vezes fundamentais para acrescentar informações á biografia de Maria Lúcia Vassalo Namorado. A título de exemplo citamos a dedicatória manuscrita que lhe é feita num livro oferecido e que diz:“(...) À sua ilustre camarada Exa. Sra. D. Maria Lúcia,

⁴⁰⁷ Cf. *Apêndice Cap. 5- Dedicatórias*, elaborado a partir das obras existentes no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*, num total de 18 p.

⁴⁰⁸ Maria Lúcia Vassalo Namorado tinha o hábito de utilizar um lápis para com ele anotar, à margem, as passagens que queria publicar em *Os Nossos Filhos*, quer em resenha crítica quer sob a forma de texto redigido a partir do livro que lhe era oferecido. Esta última forma de obter notícias para a revista era muito económica uma vez que, tais contribuições, não resultando de convite de colaboração exposto, não seriam remuneradas.

directora do *Quiquiriqui*, homenagem do Autor João Barreto⁴⁰⁹ (...)” (*Espólio*). Como vimos no primeiro capítulo, o texto autobiográfico que Maria Lúcia Vassalo Namorado havia escrito não mencionava que tivesse sido “(...) *directora do Quiquiriqui*(...)”. Dado que o livro tinha sido publicado em 1932, foi com surpresa que percebemos ter a directora de *Os Nossos Filhos* omitido tal dado da sua vida. A informação só se completou e fez sentido quando, ao ler as cartas de Maria Lamas (Caixa 50. Maço 4) verificámos que esta pedia insistentemente à prima que lhe enviasse alguma colaboração do *Notícias*. Dado que, nessa altura, Maria Lúcia Vassalo Namorado vivia ainda em Penacova, pusemos a hipótese de que teria existido naquela localidade uma publicação intitulada *Notícias /de Penacova/* e de ela ali colaboraria. Ao consultar o referido jornal na Biblioteca Nacional, foi com satisfação que encontrámos a colaboração que analisámos num dos capítulos anteriores deste trabalho.

A partir destas dedicatórias foi também possível identificar algumas das “(...) redes de sociabilidade que são tecidas no universo das letras(...)”, como referimos, assim como nos foi permitido ver que essas amizades perduraram muito para além da vigência da revista *Os Nossos Filhos*. Como exemplo do que acabamos de referir, vejam-se as que a seguir mencionamos:

Quadro n.º31.: Dedicatórias de livros no *Espólio*:

ANJO, Maria Isabel César (1981) – A Primavera é o tempo a crescer. Ilustrações de Maria Keil. Lisboa: Sá da Costa Infantil ⁴¹⁰ . /28/ p. (Ler e Reler. Cisne Branco)	(dedicatória manuscrita:) Para a Maria Lúcia, a quem devo os meus primeiros livros, com a estima e muita admiração da Isabel Fev. 1982
ARAÚJO, Matilde Rosa (1998) – As Cancõezinhas da Tila. Ilustrações de Maria Keil. Partituras Fernando Lopes Graça. Inclui o CD interpretado por “O Bando dos Gambozinhos”. Porto: Civilização. 51 p.	(dedicatória manuscrita:) 24-Março-99 Para a Maria Lúcia, à grandeza da sua vida que tanto admiro e à qual tanto devo. Da amiga gratíssima de sempre, Matilde
ATALAIA, Lucinda (1985) – Ler...ouvir...e cantar os pais com os filhos. /ilustrações de/ Zulmira Oliva. Lisboa: Salamandra. /46/ p.	(dedicatória manuscrita:) A Maria Lúcia Namorado Com a amizade que ao longo de tantos anos nos fortaleceu e gratificou profundamente ofereço este livro como expressão de um comunicar em afectuosa simplicidade e encantamento das palavras e das coisas. Dezembro 85 Lucinda Atalaia /dedicatória impressa:/Às crianças que passaram pelo <i>Jardim-Infantil Pestalozzi</i> e às do <i>Centro Experimental da CEFEPÉ</i> .
AZEVEDO, Manuela de (1997) – João de Deus Ramos: Vida e obra. Lisboa: Associação de Jardins Escolas João de Deus, Notícias Editorial. 169 p.	/dedicatória manuscrita do filho, Luís Vassalo Namorado Silva Rosa/: para a Mãe com um beijo de saudade dos meus 5 anos, Luís 99.10.10
COLAÇO, Maria Rosa (1979) – Estas crianças aqui.	(dedicatória manuscrita:) À Maria Lúcia semeadora de

⁴⁰⁹ BARRETO, João (1932) – *O Filho do carvoeiro: conto fantástico para crianças*. Desenhos de Constância Silva. Coimbra: Tip. Bizarro. 91 p. /tem dedicatória impressa a/: “(...) A MINHA FILHA Maria Amélia, morta aos 17 anos. Este livro é teu, minha Filha, porque foi para ti que eu o fiz quando eras pequenina(...)”.

⁴¹⁰ Tem lista das obras da colecção na última guarda e contracapa.

Fotografias de Educaro Gageiro. Desenhos e orientação gráfica de Tossan. Lisboa: Terra Livre. /90/ p. (Edição especial para o Ano Internacional da Criança)	sonhos e esperanças, com um abraço sem tempo e muita amizade da Maria Rosa Colaço, Novembro, 4
GOMES, Madalena (imp. 1966) – Contos para a Maria Madalena ⁴¹¹ . Coimbra: Atlântida. 47 p. (Bandeiras de Todo o mundo)	(dedicatória manuscrita, na 1ª guarda:) Par a sra. D. Maria Lúcia a quem muito admiro este meu primeiro livrinho que é um pouco o “nosso” livrinho, Madalena
GOMES, Alice (org) (imp. 1955) – Poesia para a Infância. Capa e ilustrações de Costa Pinheiro. Lisboa: Ulisseia. 119 p.	(tem dedicatória manuscrita, na p. de rosto:) Para a revista “Os Nossos Filhos” a homenagem do Editor e para a Ilustre Directora a grande amizade da Alice Gomes
LEITÃO, Leonoreta (1978) – Recado: Textos escolhidos de Língua Portuguesa para os Cursos Supletivos e Ciclo Preparatório. Lisboa: Plátano. 124 p.	(dedicatória manuscrita na 1ª guarda:) Para a Maria Lúcia este RECADO com um beijinho muito amigo da Leonoreta, Junho de 79
LOSA, Ilse (1949) – Faísca conta a sua história: para crianças dos 7 aos 11 anos. Desenhos de Augusto Gomes. Porto: Marânus. 29 p.	(dedicatória manuscrita:) Para Maria Lúcia Silva Rosa com admiração e estima de Ilse Losa 28.1.1950
DE MARCHI, João, Padre IMC (1945) – Foi aos pastorinhos que a Virgem falou. Cova da Iria: Seminário das Missões de Nossa Senhora de Fátima. 96 p.	(dedicatória na 1ª guarda:) A Exa Sra D. Maria Lúcia pedindo à Virgem de Fátima uma bênção toda particular para o seu tão precioso Apostolado, P. João de Marchi
MARDEN, O.S. (1924) – O Corpo e o espírito: Maneira de desenvolver entre si a harmonia. Trad. de José de Queirós. Porto: A. Figueirinhas. 207 p.	(oferecido pelo futuro marido) À Maria Lúcia Coimbra 1-01-29 Quim
MENDONÇA, Virgínia Lopes de (ca. 1958) – A Gaivota ⁴¹² : Novelas. Lisboa: Portugália. 295 p. (Biblioteca das Raparigas; XXXII)	(dedicatória manuscrita): À Maria Lúcia, a quem pela sua bondosa amizade tanto deve, oferece Virgínia Lopes de Mendonça Novembro de 1958
RODRIGUES, Adriana (1943) - A Estrela do oriente: contos para crianças ⁴¹³ . Lisboa: Editorial Acção Missionária. 157 p.	dedicatória manuscrita:) Para a amiga e boa Maria Lúcia dar a ler a seus filhos, oferece com muita consideração a Adriana Maio de 1945
RODRIGUES, Adriana (1943a) –Horas alegres: contos para crianças. Lisboa: Edições “L.I.A.M.” ⁴¹⁴ . 167 p.(Biblioteca Missionária)	(dedicatória manuscrita:) Para a amiga e boa Maria Lúcia dar a ler a seus filhos, oferece com muita consideração a Adriana Maio de 1945
PINTO ⁴¹⁵ , Maria Evangelina (1930) – A Higiene nas escolas: necessidade do seu ensino: Dissertação elaborada como título de candidatura ao concurso para provimento do lugar do médica escolar do Liceu de D. Filipa de Lencastre Lisboa: ed. Autora. 74 p.(feito na Tipografia da Cooperativa Militar)	(dedicatória manuscrita:) Homenagem da autora
SOARES, Feliciano ⁴¹⁶ (1953) – Epístolas a quem ensina ⁴¹⁷ . Funchal: Ed. Autor. 56 p. (não foi oferecido pelo autor) (sob o nome do autor, na capa, tem indicação:) do Instituto de Coimbra	(tem cartão de Natal, 9 x 5 cm, datado de 1953, com uma vela acesa do lado esquerdo e um ramo de azevinho no lado direito, com texto a meio:) Best Wishes (impresso) à Sra D. Maria Lúcia, com muito apreço, oferece, Maria do Carmo Rodrigues 1953
MIRA, M. Ferreira de (1938) – Gente moça. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade. 231 p.	(dedicatória manuscrita) À Ilustre directora de “Os Nossos Filhos” of. F Mira
MIRA, M. Ferreira de (1944) – A Arte de educar ⁴¹⁸ . 2ª ed. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade. 218 p.	(na 1ª guarda ou folha de antetítulo, tem dedicatória manuscrita do autor:) À Exa Sra D. Maria Lúcia Silva Rosa, com muitos cumprimentos de, F. Mira

⁴¹¹ Dedicado a/ impresso/ Aos meus sobrinhos Maria Madalena, Maria João e Mário Guilherme; ilustrações de Fernanda Dália.

⁴¹² 2 exemplares no *Espólio*: um, oferta dos editores e outro, oferta da autora.

⁴¹³ 23 contos para crianças mas nunca foram abertas as respectivas páginas.

⁴¹⁴ “L.I.A.M.” *Liga Intensificadora da Acção Missionária*. Promove a formação da consciência missionária em Portugal, criando núcleos de irradiação do espírito missionário: *Ligas Missionárias e Centros da Associação de Nª Sª de África*, Editando: *Acção Missionária* a publicação missionária de maior tiragem e assinatura em Portugal, *Portugal em África* revista de cultura missionária, *Biblioteca Missionária* colecção variada a que Horas Alegres serve de introdução. Rua de Santo Amaro, À Estrela, 47 — Lisboa.

⁴¹⁵ /Autora/ médica e é fundadora – em 1915- e, foi aí médica, no *Colégio Português de Educação Feminina*; “(...)no meu colégio dirijo o ensino de botânica e zoologia(...)” (p. 26).

⁴¹⁶ Cf. Informações de Maria Lyra Keil do Amaral sobre este professor.

⁴¹⁷ Na 1ª guarda tem, com caligrafia de Maria Lúcia Vassalo Namorado, a lápis:/ Notícia no n.º 141 *Diário de Lisboa*- Agosto 1965.

⁴¹⁸ 1ª edição é de 1937. A lápis, na mesma página tem, pela mão de Maria Lúcia Vassalo Namorado: *Um Livro para os pais D.L. Julho 1965*.

MIRANDA ⁴¹⁹ , Maria Natália (1979) – Sementinha: Leituras para o ensino primário: 2º ano da 2ª fase. Lisboa: O Livro. P. 49	A Maria Lúcia Namorado pela preciosa colaboração neste livro, Oferece com admiração e amizade Maria Natália Miranda Natal de 79
MARTINS, Deolinda (s.d.)- A Saúde pela Educação Física. Lisboa: Universo. 201 p. desenhos Dr. Rui Gouveia	/dedicatória de/ Ao superior espírito de Maria Lúcia, que, com a fundação de ONF soube criar um obra, o 3º vol. Da Biblioteca Prática do Lar, em nome da autora ausente, Lília da Fonseca Lisboa 12-4-44
ANJO ⁴²⁰ , Maria Isabel César (1970) – Carta á minha professora. Sep Revista A Nossa Escola. 2 p.	Para a Maria Lúcia com a muita amizade e admiração de Maria Isabel 23-XII- 70
OLIVEIRA, Maria Elisa Nery de (1954) – A Quinta das Amendoeiras para os nosso filhos. Lisboa: imp. Bertrand & Irmãos. 74 p. desenhos de E. Loureiro	5-5-1954- À querida amiga de infância, Maria Lúcia Rosas (sic) oferece o seu primeiro trabalho literário que lhe está infinitamente grata por todas as suas atenções
RUMINA, Branca (1945) – O Guia das Mães: os filhos do nascimento à adolescência. 2ª ed. Lisboa: O Século. 329 p.	À Ex.a Sra. D. Maria Lúcia Silva Rosa homenagem aos seus esforços em prol da criança Rumina 1945

As dedicatórias de *Lília da Fonseca* são as que, no *Espólio*, mais dados nos revelam sobre as amigas da directora de *Os Nossos Filhos*. Ambas eram associadas do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas - CNMP* e da *Associação Feminina Portuguesa Para a Paz- AFPP*, colaboraram nas respectivas publicações de que eram directoras, haviam partilhado as páginas de *Modas & Bordados*, tinham livros publicados na mesma colecção e eram escritoras para crianças. Vejamos também como as dedicatórias dos livros que *Lília da Fonseca* deixa no *Espólio* são reveladoras de tal amizade:

Quadro n.º32.: Dedicatórias de *Lília da Fonseca*:

FONSECA, Lília da /1942/ - O Corte sem mestre. Desenhos de Mário dos Remédios. Lisboa: Edições Universo. 2 v.	(Dedicatória manuscrita 1º Vol.:)A simpática escritora, Maria Lúcia, como colaboradora da Biblioteca Prática do Lar e como amiga, of. Lília da Fonseca Lx 30-6-42 /dedicatória 2º Vol:/ dedicatória manuscrita:) A essa querida amiga Maria Lúcia oferece com grande admiração e amizade, Lília da Fonseca Lx, 1-6-48
FONSECA, Lília da (ca. 1969) – O Livro do Adelinho. (s.l.): Ed. Autora. 47 p. (Carrocel. Histórias de animais. Série A; IV)	(dedicatória manuscrita) À prezada amiga Maria Lúcia Vassalo, com um abraço, of Lília da Fonseca Lx 21-5-69
FONSECA, Lília da(1977 a) – O Livro da Stelinha. Ilustrado por António Pimentel. 2ª edição. Lisboa: Seara Nova. 43 p. (Carrocel. Histórias de Animais. Série A; 3A)	(dedicatória manuscrita:) A Amiga Maria Lúcia Namorado, com um abraço de toda a simpatia of. Lília da Fonseca Lisboa, 31-1-78
FONSECA, Lília da (1977) – O Grande acontecimento ⁴²¹ . Ilustrado por Álvaro Patrício. Lisboa: Seara Nova. 45 p. (Carrocel)	(dedicatória manuscrita:) À Maria Lúcia Namorado, com a simpatia de Lília da Fonseca Lisboa 31/8/77

⁴¹⁹ A lápis, tem indicação de ter sido: ag/radeci/ 2-Abril-80.

⁴²⁰ Ed. No âmbito do *Ano Internacional da Educação 1970*

⁴²¹ Este livro foi *Menção Honrosa* do *Prémio João de Deus 1963*.

FONSECA, Lília da (1987) – O Moinho da Inácia: as aventuras de um pássaro. Ilustrações de Patrícia Garrido. Lisboa: Livros Horizonte. 63 p. (Horizonte Juvenil; 9)	(dedicatória manuscrita:) Para a querida amiga Maria Lúcia, com um abraço de simpatia, of. Lília da Fonseca Lisboa, 19-12-87
FONSECA, Lília da (ca. 1945) – A Borboleta azul: contos em verso. Desenhos de Daniel Lancho. Lisboa: Universo. 93p.	(dedicatória manuscrita) A sua querida amiga Maria Lúcia, que na direcção de “Os Nossos Filhos” tem revelado os seus altos dotes de inteligência e sensibilidade, oferece, Lília da Fonseca Lisboa 20-12-45
FONSECA, Lília da (1946)- Chico Pipa ⁴²² . Lisboa: Livraria Clássica. 111p. (Contos de Encantar: Joanelinha; 54)	Lembrança da tarde organizada pela AFPP. 11-1-1947
FONSECA, Lília da (1987) – O Moinho da Inácia ⁴²³ : as aventuras de um pássaro. Ilustrações de Patrícia Garrido. Lisboa: Livros Horizonte. 63 p. (Horizonte Juvenil; 9)	(dedicatória manuscrita:) Para a querida amiga Maria Lúcia, com um abraço de simpatia, of. Lília da Fonseca Lisboa, 19-12-87
FONSECA, Lília da (ca. 1970) – O realejo de lata: Poemas para as crianças. Desenhos de Calvet de Magalhães. Lisboa: ed. Autora. 37, /2/ p. (Carrocel ⁴²⁴ . Série D - Poesia; 1)	(dedicatória manuscrita:) Á Maria Lúcia, com um abraço de muita simpatia, of. Lília da Fonseca Lx, 30-12-70

Ainda do ponto de vista formal, um outro dado que recolhemos na epistolografia, como já referimos ao analisar a iconografia dos documentos do *Espólio*, é a existência de inúmeras cartas com papel timbrado de diversas instituições ou pessoais e *ex-libris* “(...) que identificam os leitores(...)” (Mignot, 2003. p. 32). Aí encontramos o de Maria Lamas com a sua divisa: *Sempre mais alto* (Caixa 50. Maço 4) /scanner/, referências detalhadas ao do filho de Fernanda Tasso de Figueiredo⁴²⁵, o de Júlia Rocha (Caixa 29. Maço 1) /scanner/, o de Júlia Cândida de Sá Barros Freire, mãe desta menina com *O saber não ocupa lugar* (Caixa 29. Maço 1), entre muitos outros, assim como inúmeros postais ilustrados cuja análise referimos já no subcapítulo que acabamos de mencionar. Os pequenos cartões de visita, simples, com tarjeta de luto, impressos, com formatos diversos, com dados mais ou menos extensos, dão-nos também inúmeras informações sobre as colaboradoras que escrevem a Maria Lúcia Vassalo Namorado. Eles podem ser vistos como “(...)suportes para manifestações de tristezas e alegrias: condolências, participação e felicitações por nascimento(...), aniversário, (...) Natal e Ano Novo.

⁴²² /Tem outro ex. igual, com dedicatória diferente:/ à sua querida amiga Maria Lúcia com um abraço de muita amizade oferece Lília da Fonseca Lisboa, 24-4-46.

⁴²³ No verso da p. de rosto tem: Colecção HORIZONTE JUVENIL n.º 4 - *O Segredo da serra azul*, Maria Lúcia Namorado

⁴²⁴ Colecção com Direcção Literária de *Lília da Fonseca* ; Direcção Artística de M. Calvet De Magalhães ; Direcção Técnica de José de Almeida.

⁴²⁵ A descrição deste *ex-libris* é feita, pormenorizadamente numa das cartas. O desenho foi oferecido por Isabel Maria de Caldas Correia Lage, neta de Fernanda Tasso de Figueiredo e encontra-se na doação com o seu nome.

Atestam práticas de civilidade que os manuais de bom-tom difundiram por um certo tempo no próprio espaço escolar(...)" (Mignot, 2003. p. 33). Os que existem no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* permitiram-nos a identificação de, pelo menos, duas pessoas: uma funcionária da revista e aquela que foi, depois da directora de *Os Nossos Filhos*, a senhora de quem mais artigos seleccionámos naquela publicação: Adriana Rodrigues. Ambas colaboraram na revista ainda solteiras e, por esse facto, eram ali identificadas, respectivamente, como Ilda Águas e Adriana Rodrigues. A organização do *Guia Preliminar* (Cf. *Apêndice Cap. 1- Guia Preliminar*) do *Espólio* permitiu-nos encontrar cartões de visita de ambas onde estavam também os nomes dos maridos e os apelidos que adoptaram depois de casar passando a, respectivamente, Ilda Águas Marques e Adriana Rodrigues Barata Moura⁴²⁶.

A correspondência de um *Espólio* como este pode servir para identificar alguns pseudónimos e retirar as(os) suas(seus) autoras(es) do anonimato a que voluntariamente se submeteram. Como exemplos desta última situação refiram-se os casos, entre muitos outros que já abordámos no subcapítulo respectivo, de *Renée de Charmoy* e de *Marinska*. A primeira, como vimos, só foi possível identificá-la nas cartas de Maria da Luz de Deus (Ponces de Carvalho). Porém, noutro documento do mesmo *Espólio*, temos ainda outra indicação para a verdadeira identidade daquele pseudónimo, dada agora por Maria Lúcia Vassalo Namorado: enquanto que Maria da Luz de Deus refere que Renée de Charmoy é Mme. Oulmont, no segundo documento⁴²⁷ ela aparece identificada como Gilberte Beauvalon (Caixa 72. Maço 1). A senhora que faz o "(...)pedido de publicação do artigo junto na revista (...) incógnito sob pseudónimo de "Marinska"(...)" é Raquel Kalepski (Carta de 26 de Out. 1945. Caixa 21. Maço 2). Nunca teríamos sabido da verdadeira identidade sem a carta que se encontra no *Espólio* analisado.

Como dissemos no primeiro capítulo, nem todas as cartas, postais, folhas de pagamento, verbetes de assinantes e muitos outros documentos foram guardados no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* porque, entre muitas razões então também já definidas, "(...) em sucessivas mudanças de casa, a cada arrumação do armário ou em momentos

⁴²⁶ Foi desta forma que entrámos em contacto telefónico com a primeira e com o filho da segunda. A primeira não esteve disponível para qualquer entrevista, alegando motivos de saúde. Em relação á segunda, foi ainda possível falar com o marido, o pintor Barata Moura, que nos foi apresentado por Maria do Carmo Rodrigues, a antiga assinante da revista e directora do jornal infantil *A Canoa*, do Funchal. Cf. *Apêndice Cap. 4- Biografias* para a de Maria do Carmo Rodrigues e Adriana Rodrigues.

⁴²⁷ Uma lista de 3 p. que pensamos dirigida à Fundação Calouste Gulbenkian, em 3 de Out. de 1957 e em que Maria Lúcia Vassalo Namorado enumera um conjunto de colaboradoras(es) para solicitar que coloquem a revista *Os Nossos Filhos* nas bibliotecas que aquela instituição ia criar (cf. colaboradoras(es), avaliação e suspensão da revista).

de reiniciar a vida, são relidas. Mas nem todas escapam do trágico destino que têm os papéis acumulados e sem aparente utilidade, que visam apenas reter o tempo, impedir o esquecimento, preservar o melhor de cada um(...)” (Mignot, 2003. p. 41).

As cartas que existem no *Espólio* foram uma fonte importante de informações sobre muitas das colaboradoras ou leitoras da revista: na maior parte dos casos, é a partir delas que podemos traçar algumas das biografias⁴²⁸ que figuram neste trabalho; muitas das senhoras que entrevistámos e cujas cartas fazem parte do *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* mostraram-se deveras surpreendidas quando as abordámos porque nunca imaginaram que, muitos e muitos anos depois de as terem escrito, as poderiam ver novamente. Este é o caso de Ema Martiniano Delgado Mercês de Melo, Cecília Menano, de Laura Lopes (Pedroso), Maria Amélia de Almeida Ribeiro Vieira da Luz Carvalho e marido, Maria de Jesus Barroso Soares, Maria do Carmo Rodrigues, Maria Isabel Rodrigues Anjo, Maria Isabel Mendonça Soares, Maria Regina Pereira da Silveira e Sousa, Matilde Rosa Araújo e de Virgínia Jardim Gomes Sousa Ganho ou ainda de familiares dessas senhoras como Carlos Nuno de Abreu Pinto Coelho, filho de Sara Pinto Coelho, de Artur dos Santos Vicente, irmão de Carmélia Vicente, de Isabel Maria de Caldas Correia Lage, neta de Fernanda Tasso de Figueiredo, de Jaime Salazar de Sousa, filho de Carlos Salazar de Sousa, de José Barata Moura, filho de Adriana Rodrigues, de Maria Adelaide Salvador Marques, filha de Berta Pereira Salvador Marques, de Maria Carolina Tito de Morais, sobrinha de Maria Palmira Tito de Morais, de Maria Lira Keil do Amaral, filha de Dalila Pereira ou de Maria Iolanda d’Aguiar Bustorff Lapão, filha Maria Evelina Faria e Maia d’Aguiar Bustorff.

Algumas(alguns) destas(es) entrevistadas(os), ao mesmo tempo que reviam a sua própria correspondência ou a de familiares, facultaram novos dados a este *Espólio* entregando como doação algumas das cartas⁴²⁹ e outros documentos que haviam recebido de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

Pelo sentido que pode ter, neste trabalho assume-se, conscientemente, um género às vezes considerado ainda menor - a epistolografia - e faz-se dele uma fonte histórica (Riaudel, In Galvão e Gotlib, org. 2000. p. 9) porque consideramos que, contextualizadas na época em que foram produzidas, as cartas são uma excelente fonte

⁴²⁸ Cf. *Apêndice Cap. 4- Biografias* neste trabalho.

⁴²⁹ Cf. *Apêndice Cap. 1- Doações*. Foram ainda as cartas que Maria Lúcia Vassalo Namorado enviara a Maria Isabel Rodrigues Anjo, que nos permitiram saber o montante exacto da dívida de *Os Nossos Filhos* aquando da sua suspensão ou as que a directora da revista dirigiu a Maria do Carmo Rodrigues e a Maria Evelina Faria e Maia d’Aguiar Bustorff.

de informações sobre o quotidiano, permitem a identificação de círculos de amizades diversos e sobretudo fornecem informações preciosas para a identificação das preocupações, anseios, propostas e “certezas” educativas de quem as escreveu.

Para justificar a opção que tomámos, apoiamo-nos em diversas(os) autoras(es) que, sobretudo do Brasil, foram fundamentais para a reflexão teórica sobre este tema. Referimo-las(os) já no primeiro capítulo e vamos continuar a fazê-lo neste subcapítulo, antes de analisarmos a correspondência entre Maria Lamas e Maria Lúcia Vassalo Namorado. Também Foucault se mostrou, neste campo, de alguma importância para a sistematização de uma série de dados metodológicos pois nele encontrámos também alguma reflexão sobre o tipo de documentos cuja análise fazemos neste capítulo do trabalho.

Construímos este trabalho também a partir de um *Espólio* com uma enorme quantidade de cartas porque consideramos que elas, apesar de poderem ser escritas com diversas intenções, são documentos que actuam sempre sobre quem as recebe. Como nos artigos das publicações periódicas, também aqui as opiniões e conselhos dados a outra(o) ou a reflexão sobre si própria(o) são uma forma “(...)de cada um se manifestar a si próprio e aos outros (...)”(Foucault, 1992. p.149) e ainda porque aquela(e) que escreve uma carta faz “(...) o escritor ‘presente’ àquele a quem se dirige(...) - pelas informações que lhe dá acerca da sua vida e das suas actividades, dos seus sucessos e fracassos, das suas venturas e infortúnios- (...) de uma espécie de presença imediata e quase física(...) escrever é mostra-se, dar-se a ver(...) fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro(...)a carta é simultaneamente um olhar que se volve para o destinatário e a maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz(...) proporciona quase um face-a-face (...)”(Foucault, 1992. p.149-50).

A utilização das cartas deste *Espólio* nada tem, porém, de *voyeurismo*. Analisar e publicar cartas apenas por “(...) uma quase imposição de muitas vontades e curiosidades(...) independentemente da família deixar ou não(...)” (Nogueira e Azevedo, org.1996. p. 11) é objectivo que não nos move. Cremos que a leitura deste tipo de fontes é fundamental e nada tem de espírito de indiscrição. Se as cartas são partes de “(...) uma escrita privada, particular e íntima(...) elas são /também/ objectos nos quais estão imbricadas as práticas culturais(...)” (Camargo. In Mignot et al, 2000. p. 205). Este é um dos sentidos que queremos que tenha o uso das cartas neste trabalho. Um outro que também nos interessa neste caso específico é o de que as “(...) cartas têm um discurso que não é neutro tendendo a legitimar ou, justificar escolhas, posições e condutas para

os próprios indivíduos num dado momento histórico(...)" (Camargo. 2000. In Mignot et al. p. 206): eis outra das razões pelas quais as usamos.

Elas permite-nos conhecer muito mais do que alguns dados irrelevantes. Na correspondência que encontramos neste *Espólio* assim como em qualquer outro, constatamos que, a relação que se estabelece entre quem escreve e quem lê nem sempre é apenas uma forma de conselho ou de ajuda. Ela pode ser a forma que algumas pessoas têm, sobretudo as mulheres, de se abrirem ao olhar de outra pessoa, ou seja, instala-se "(...)o nosso correspondente no lugar do deus interior, é uma maneira de nos darmos ao olhar do qual devemos dizer a nós próprios que penetra até ao fundo do nosso coração no momento em que pensamos(...)" (Foucault, 1992. p.151). São inúmeras as cartas que, neste *Espólio*, podem ser vistas sob este ângulo do prisma mas, aqui, apenas referiremos as de Maria Lamas, como veremos. Elas apresentam-se quase sempre para além do simples conselho ou ajuda. Elas agem também como exame profundo de cada situação, como "(...) uma objectivação da alma(...) ou uma abertura de si mesmo que se dá ao outro (...)" (Foucault, 1992. p.152), mesmo que esse exercício apresente uma forma mais ou menos literária.

Como acontece tradicionalmente neste tipo de textos, muitas são as referências à saúde: própria, da família, de amigas(os) e conhecidas(os), da(o) destinatária(o), ou da sua família. Também são usadas para "(...)relatar o seu dia ou passar em revista o seu dia(...)/quando/ faz coincidir o olhar do outro e aquele que se volve para si próprio quando se aferem as acções quotidianas às regras de uma técnica de vida (...)"(Foucault, 1992. p.156). Neste trabalho os dados extraídos das cartas foram usados ainda para ajudar a "(...) precisar percursos individuais(...)" (Madeira. 1996. p. 23), neste caso, o de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

Por todas as razões aduzidas, a leitura destas cartas foi fundamental para "(...) reconstruir o espaço e o tempo das práticas sociais(...) porque o quotidiano é um dos níveis constitutivos da história(...)"(Petersen, 1995. p. 59) e a ele, segundo o mesmo autor, se atribui um "(...)carácter político(...)" (p. 56). A expressão *vida quotidiana* pode ser "(...) usada no seu sentido comum, de vida de todos os dias, como qualitativo - o quotidiano operário- ou como 'palco' onde um fenómeno micro-social tem lugar - o quotidiano feminino (...)" (Petersen, 1995. p. 56). É também neste última acepção que aqui o analisamos.

Estes documentos guardados com tanto cuidado, durante tantos anos, conservados tão zelosamente "(...) por indivíduos esclarecidos, constituem elos que nos unem ao passado

e informam os fundamentos do nosso presente, garantindo o legado a ser preservado para as gerações vindouras(...)”. Fazer pesquisa neles é uma outra forma de “(...)fazer falar os documentos acerca do que fomos(...), não é gozo de lembrar o que caiu no esquecimento ou(...)curiosidade de mostrar o desconhecido (...)” (Lima e Figueiredo Jr, In Galvão e Gotlib, org. 2000. p. 241).

Uma última palavra se impõe para identificar o papel de quem investiga nesta rede que criam/são as cartas. Elas foram escritas, como referimos nas frases colocadas no início deste subcapítulo, para serem lidas apenas por duas pessoas: a que escreve e a que a(s) recebe. Em certas ocasiões, porém, algumas cartas são lidas por terceiros: ou quando quem a escreve, dela quer dar conhecimento a outrem que não a(o) destinatária(o) e neste caso, temos inúmeras cartas enviadas a Maria Lúcia Vassalo Namorado por António Emílio de Magalhães (Caixa 4. Maço 1); ou quando quem a recebe dela dá informação a outrem, como é o caso da directora da revista que envia a cópia de uma carta de *Uma professora qualquer*(Carta s.d. Caixa 72. Maço 1) a Maria da Luz Albuquerque (Carta de 10 de Nov. e de 8 Dez.1947. Caixa 21.Maço 2) ou quando, como o fazia a censura, são lidas sem que a isso os emissores e os receptores tenham possibilidade de se opor. O exemplo de uma carta censurada e carimbada como tal⁴³⁰ é a que Maria Lúcia Vassalo Namorado enviou a Maria Evelina Faria e Maia de Aguiar Bustorff em 20 de Setembro de 1943. Porém, a investigação sobre as cartas traz ainda um outro elemento para a relação que se estabelece entre quem escreve e quem lê: aquela(e) que as manuseia nos arquivos, mais ou menos arrumados, onde foram colocadas. Dos cuidados a ter nessa ‘triangulação’ porque aqui a(o) investigador(a)“(…) cria uma relação triangular(...)” (Riaudel, In Galvão e Gotlib, org. 2000. p. 97), falámos em capítulo anterior pelo que apenas aproveitamos agora para, mais uma vez, reforçar a ideia de que quando mexemos no fio invisível que une quem escreve a quem recebe uma carta agimos dentro “(...) dos limites impostos pela ética(...)”Galvão e Gotlib, org. 2000. p.244). Nunca podemos esquecer que nelas se podem encontrar textos escritos em momentos penosos, em momentos difíceis e que, preservar o pudor de tais momentos sem distorcer a investigação é tarefa que exige o máximo de compreensão, bom senso e rigor da parte de quem assim invade a privacidade de alguém, sem para isso ter sido convidada(o).

⁴³⁰ Cf. *Apêndices Cap. 1 – Doações*. Cf. a de Maria Iolanda Faria e Maia de Aguiar Bustorff Lapão.

5.2 Análise morfológica e temática

Ao iniciar este trabalho tínhamos pensado fazer uma análise exaustiva da correspondência do *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*, a partir das categorias que havíamos definido para a análise dos artigos de *Os Nossos Filhos*. A grelha de análise que já apresentámos para os artigos da revista foi também aplicada à correspondência e dela resultou o *Apêndice Cap. 5- Cartas Análise por categorias*, uma vez que a nossa intenção era, desde o início desta pesquisa, estabelecer as relações possíveis entre os dados obtidos na correspondência, nos documentos anexos e nos manuscritos seleccionados do *Espólio* e o conteúdo dos artigos da revista, ou seja, a análise do conteúdo das cartas foi usada para, com os dados obtidos, acrescentar, esclarecer, comparar o que tínhamos concluído da análise dos artigos seleccionados. Temos consciência que delas poderíamos ter retirado ainda mais informações mas, a opção que tomámos de analisar, sobretudo, o conteúdo dos artigos da revista fez com que a análise das cartas, como objecto autónomo, não fosse completa.

Apesar desta limitação a que voltamos na conclusão deste trabalho, não deixámos de fazer a análise aprofundada de um único núcleo da correspondência: a que se estabeleceu entre Maria Lamas e Maria Lúcia Vassalo Namorado, como referimos acima. Antes de a executar não podemos deixar de colocar algumas questões que, sobre essa ou qualquer correspondência, podem ser trazidas para a discussão prévia sobre tal tipo de fontes.

Como referimos, quando recebemos o *Espólio* sobre o qual iríamos trabalhar, este havia sido objecto de um “(...)arquivamento amador: papéis em profusão, documentos apertados em pastas (...) e em classificadores que, sem cerimónia, furavam muitas folhas. A correspondência passiva misturava-se, por vezes, à activa e à de terceiros (...). Esta disposição insatisfatória para os padrões da arquivística actual assinala, como tudo aliás, (...) tanto a movimentação do uso, como o esforço de preservar um património que punha acima da propriedade particular a da duração da sua vida. A organização original registada- não seguida, é claro!- pela pesquisa, ajudou a atestar datas, mediante a análise da sequência primitiva dos documentos(...).Notas apostas a cartas e telegramas, algumas folhas amassadas (...) asseguram que /Maria Lúcia Vassalo Namorado/ reconhecia perfeitamente o valor da sua correspondência. Vislumbrava a contribuição que esse diálogo daria, no futuro, ao trabalho dos que

viesses a “fazer a história”...apoiados em fontes primárias (...)” (Lopez, In Galvão e Gotlib, org. 2000. p. 279-280).

A abordagem da correspondência do *Espólio* permitiu-nos detectar o “(...) despertar, a consolidação e o arrefecer de relacionamentos (...)” (Lopez, In Galvão e Gotlib, org. 2000. p. 280), como o provam as cartas trocadas entre a directora da revista e Ilse Losa (Caixa 41. Maço 1), Elina Guimarães (Caixas 41. Maço 3 e 47. Maço 3), António Emílio de Magalhães e muitas(os) outras(os). A correspondência trocada com este último médico do Porto é a mais interessante sob esse ponto de vista: de uma desconhecimento inicial vamos vendo o cimentar da relação profissional até passar a uma profunda e respeitável relação de amizade. Este é o colaborador com quem se sente mais afinidade com a directora da revista. A apreciação da evolução das formas de tratamento que ele usa para se lhe dirigir são significativas: passa de “(...) Ex^a. sra. D. Maria Lúcia Silva Rosa, ilustre Director (sic) da revista *Os Nossos Filhos(...)*” (Carta de 23 de Maio de 1945. Caixa 4. Maço 2) para “(...) Minha Ex^a. e boa amiga(...)” (Carta de 11 de Set. 1958. Caixa 30. Maço 1) a “(...) minha boa e muito amiga(...)” (Carta s.d. Caixa 7. Maço 3). Dele sabemos ter conservado sempre na secretária de trabalho, até ao dia em que faleceu, uma fotografia numa pequena moldura (Entrevista a Rui Rosa. 17 Jun. 2005).

Sobre toda a correspondência muito haveria a dizer sobre a sua natureza (cartas, bilhetes, telegramas, poucos textos dactiloscritos e muitos manuscritos, com caligrafia, como a de Fernanda Tasso de Figueiredo e muitas outras por vezes quase impossível de decifrar), sobre a “(...) a disposição da escrita, selos, carimbos (...)/porque/ são lugar em que acaso e olhar dos nosso dias somam indivíduos, tempos e lugares, procurando o sentido da peça como um todo (...)e permitem que datas e locais venham a ser atestados em caso de omissão (...)”(Lopez, In Galvão e Gotlib, org. 2000. p. 285), ainda sobre a utilização de postais ilustrados como os das séries já enunciadas de *Conheça a sua terra*, *Conheça a sua História* e outras em que, como no caso do que se refere a Sidónio Pais /scanner/, a mensagem do postal não tem consciência e não tem qualquer relação com a mensagem que passa na ilustração e no texto que a acompanha ou, como é o caso dos postais que Maria Lúcia Vassalo Namorado mandou fazer inspirados na *Obra Nacional da Infância Belga* /scanner/ ou no que Elina Guimarães /scanner/, uma feminista assumida, envia á directora da revista. No primeiro caso, em postal datado de 24 de Out. de 1960, vê-se um desenho estilizado de um militar em uniforme, na rua, rodeado de pessoas do povo tendo, sob a imagem, o seguinte texto: “(...) Como reacção

contra a longa tirania do partido democrático, forças militares dão um golpe de Estado, a 5 de Dezembro de 1917. Comanda-as o Major Sidónio Pais, que é erguido a Chefe do Estado e do Governo- e procura fazer ressurgir o país á luz de nobres ideais patrióticos. Pela sua bondade e amor ás classe humildes, alcança grande popularidade – mas é assassinado a 14 de Dezembro de 1918(...)" (Caixa 29. Maço 3).

Os postais que Maria Lúcia Vassalo Namorado manda fazer são assumidamente ilustrados com mensagens educativas como:"(...) Nós queremos que nos livrem das moscas pais saudáveis ir ás consultas dormir sós quartos higiénicos o leite da mãe e ar e sol(...)" completada com:"(...) Amar os filhos não basta. É preciso proporcionar-lhes vida e hábitos higiénicos, para que sejam saudáveis(...)". Um outro desses postais, representando uma mãe que leva uma criança de colo ao Centro de saúde também explica que "(...) Não espere que o seu menino adoeça para o levar ao médico. Leve-o á consulta regularmente. É mais fácil e mais barato evitar doenças do que tratá-las" (Caixa 76. Maço 7). Esta possibilidade de fazer passar uma mensagem num meio tão simples como o postal ilustrado é consciente na directora da revista assim como em António Emílio de Magalhães que, quando os recebe, lhe diz:"(...) Acabo de receber os magníficos postais dos quais a ser utilizado com o fim de lhe levar os meus melhores agradecimentos. Louvo-a pela iniciativa que além de ser muito feliz é de grande utilidade. Doravante, em correspondência particular e alguns até em correspondência oficial serão utilizados por mim e pelos funcionários da *Liga*(...)" (Carta s.d. Caixa 7. Maço 3).

O que Elina Guimarães envia tem a imagem estilizada de uma cozinha onde três meninas, em trajes regionais, estando uma descalça e outra com socas, diante de um lançador com papéis decorativos recortados, amassam um bolo. O desenho é de "(...) Irene Mariares, 1947(...)" (Caixa 41. Maço 3).

Outra reflexão que poderíamos fazer para toda a correspondência prende-se com o facto de nela podermos encontrar muitas explicações para muitas das opções tomadas por Maria Lúcia Vassalo Namorado ao longo da sua vida, quer antes, durante ou depois de ter sido responsável pela revista cuja análise acabamos de realizar. Apenas a título de exemplo, podemos referir que foi numa carta de Ilse Losa que encontrámos o rascunho de um concurso para crianças e jovens – a que viria a ser dado o título de *Um acontecimento da minha vida* (ONF, Jul. 1951). Vejamos a carta (21 de Nov. 1950. Caixa 41. Maço 1) em que aquela escritora o propõe à directora da revista:

”(...) Plano

Concurso para crianças dos 7-14- anos

1- Escrever uma história

Tema para crianças 7-11- anos: "Alguma coisa engraçada que aconteceu"

Tema para crianças 11-14 anos: "Um acontecimento da minha vida" - triste ou alegre

2- Cada trabalho deve ser acompanhado por 1 ou 2 desenhos

3- O júri, facilmente, distingue os trabalhos que receberam ajuda. Esses trabalhos não interessam nem poderão ser considerados.

3(sic)- Prémios para os três melhores trabalhos- ?-

Estes prémios serão publicados na nossa revista e provavelmente mais outros que o merecem.

4- Pedimos que os autores assinem apenas com o 1º nome, mas que juntem 1 papel com nome completo e direcção.

5- Último dia de entrega - ?-

6- Nomes do júri- ?

Sabemos também ter havido um ligeiro desentendimento entre Ilse Losa e Maria Lúcia Vassalo Namorado pois dele nos apercebemos por outra carta que a primeira escreve para Lisboa:”(...) como vi no último número da revista o júri resolveu dar as classificações aos trabalhos infantis sem saber se eu concordaria(...)infelizmente assim não acontece(...)o conto que veio publicado está muito bem construído mas não me parece inteiramente infantil(...)palavras...naturalmente seguidas por um adulto(...)no entanto, quanto ao trabalho premiado *A minha primeira amizade* pelo menos se se tratar daquele que classifiquei de "pretencioso"- uma menina que trava conhecimento com umas estrangeiras- não posso compreender porque é que não me consultaram(...)rectificando na revista a minha posição no júri, visto eu, na realidade, não ter feito parte dele(...)pode dizer como entender(...)que foi gralha, que apenas a ideia do concurso partira de mim mas que não fiz parte do júri(...)todos os artificios vão contra o que defendo (...) mais um pedido: gostaria que na publicação dos trabalhos das minhas filhas/que também haviam concorrido e ganho prémios/ apenas pusesse os nomes de batismo(...) pois como sou colaboradora da revista, acho assim mais agradável (...)” (Carta de 11 de Abr. 1951. Caixa 41. Maço 1). Por ter havido este problema foi revelada a constituição do júri, formado por “(...)Ilse Losa, Alice Gomes e Maria Lúcia Vassalo Namorado Silva Rosa(...)” (ONF, Jul. 1951). Este texto era de Maria Lira Passos Freitas Pereira⁴³¹, de 13 anos, do Funchal, que, até hoje, nunca soube desta situação.

⁴³¹ Filha da assinante Dalila Pereira, cuja biografia nos confiou e hoje casada com *Pitum* Keil do Amaral. Cf. tb. Entrevistas para este trabalho.

Como o número de cartas e documentos anexos se revelou muito grande, foi importante realizar um conjunto de índices e de quadros que, tal como para os números de *Os Nossos Filhos*, serão facilitadores para quem queira cotejar os dados deste estudo e para futuras investigações que possam ter como fonte a dita correspondência. Ao todo foram produzidos alguns índices a partir da base da correspondência: onomástico, cronológico, geográfico, temático, por tipo de suporte e topográfico (cada Caixa e Maço). O primeiro menciona, por ordem alfabética, os nomes de todas(os) as(os) colaboradoras(es) ou de instituições, entidades, organizações, seguidos de ano(s) em que escrevem cartas e do número total das mesmas. Sempre que foi necessário desdobraram-se siglas e acrónimos. Esta tarefa foi dificultada sempre que a(o) mesma(o) autor(a) assina com diferentes nomes. Quando tal acontece, optou-se por agrupar todas as referências numa mesma entrada. Quando detectámos nomes iguais mas de autoras(es) diferentes⁴³² foram feitas duas entradas mas apenas nos casos em que se sabe não serem a mesma pessoa. O de pseudónimos, por ordem alfabética, inclui, sempre que possível, a identificação da(o) autor(a).

O cronológico parte do ano em que foram escritas as cartas e indica, para cada correspondente, o número de cartas.

O índice geográfico, por ordem alfabética de localidades, permite compreender a extensão da divulgação da revista *Os Nossos Filhos*. Muitas localidades são hoje difíceis de identificar, sobretudo quando quem escreve as cartas se encontra em aldeias, muitas delas com nomes ainda hoje iguais, em concelhos e distritos diversos, no caso do Continente; a tarefa torna-se mais complexa sempre que se trata de identificar localidades das antigas colónias portuguesas. O último, o índice temático, como acontece sempre quer seja ao classificar ou indexar documentos quer seja durante a definição de categorias em qualquer investigação, foi aquele que mais questões colocou, tal como já referimos para a revista. No caso das cartas a tarefa é ainda mais complicada do que para os artigos de *Os Nossos Filhos* pois que para além dos temas considerados fundamentais há uma miríade de outros que tocam inúmeras questões do quotidiano que dificultam um correcto desdobramento desses temas. A categorização do conteúdo nem sempre consegue ser exaustiva e única. A partir dos dados obtidos e após a respectiva

⁴³² Ex: Maria do Carmo Rodrigues, colaboradora e escritora madeirense e Maria do Carmo Rodrigues, colaboradora e professora no *Curso da Escola de Noivas e Dona de Casa*, como referimos já em *Pseudónimos*.

análise documental foi possível redigir o que, em todos os capítulos do presente trabalho de investigação, se retira da correspondência.

Quanto ao género epistolar ele é tido como um dos elementos a figurar no currículo da educação das mães e das crianças. Algumas são as referências a essa necessidade quer na revista *Os Nossos Filhos* quer ainda na epistolografia do *Espólio*.

A preocupação com esses ensinamentos não é característica do séc. XX pois como nota Tiago Miranda⁴³³, desde pelo menos o séc. XVIII que as regras da “arte de escrever cartas” começaram a ser definidas e as regras sobre a forma dos cabeçalhos e das frase de despedida já haviam sido objecto de ‘normalização’ mesmo no séc. XVI. Foram sendo, então, definidas as “(...)fórmulas de expressão que ordenavam em detalhe os mais variados aspectos da escrita oficial: desde a escolha do papel e da caligrafia às referências individuais (...)”(Miranda, In Galvão e Gotlib, org. 2000. p. 41).

Escrever cartas, uma tradição que vem da *Bíblia*, podia revestir duas formas principais, sobretudo se escritas para tratar de assuntos ‘profanos’:(...) por ofício e os que cultivavam correspondência com amigos(...)”; porém, “as congratulatórias, narrativas, “expostulatórias” ou de queixas, de recomendação, de agradecimento, de persuasão, jocosas (...) /foram sempre/ as epístolas mais comuns(...)”(Miranda, In Galvão e Gotlib, org. 2000. p. 43).

Quando era responsável pela *Escola de Donas de Casa em Modas & Bordados* já Maria Lúcia Vassalo Namorado se referia alguns dos preceitos a ter em conta na arte de escrever cartas:“(...) “(...)Uma carta delicada merece sempre resposta⁴³⁴ o mais depressa possível. Se não se pode, acusar a recepção e responder depois escrever sem erros e com letra legível (...) carta de amizade e pura cortesia nunca à máquina de escrever(...). As ocasiões em que se escrevem cartas são: aniversários, casamentos, mortes, nascimentos, todo acontecimento importante alegre ou triste(...). Um convite obriga a responder sim ou não (...) e a hospedagem de dias em casa de pessoas amigas obriga a cartas de

⁴³³ MIRANDA, Tiago C P dos Reis – “A arte de escrever cartas: para a história da epistolografia portuguesa no séc. XVIII”. In GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádya Battella (org.) (2000)- *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. S. Paulo, Brasil: Companhia das Letras. p. 41-54.

⁴³⁴ Sobre esta questão e, dado que Maria Lúcia Vassalo Namorado não terá escrito no prazo adequado, existe uma carta no *Espólio*, da autoria de Faustino Bretes de Torres Novas onde se chama a atenção de Maria Lúcia Vassalo Namorado para a indelicadeza que ela teria cometido ao não ter respondido. Diz aquele correspondente:“(...) um professor que tive, me ensinou que a uma carta correcta /entrelinhado/ se deve sempre dar resposta (...) a falta desta implica uma atitude nada lisonjeira para mais quando assumida por pessoas de alguma cultura (...)” (Carta de 11 de Maio 1956 a que foi dada resposta em 17 de Maio de 1956) (Caixa 7. Maço 1).

agradecimento(...)" (*Modas & Bordados*. 27 de Set. 1939. p. 11).

A obrigatoriedade da carta manuscrita é lembrada por Remo de Noronha, médico municipal em Mesão Frio que, desculpando-se por enviar carta dactilografada, diz:"(...) o ir esta escrita à máquina não representa falta de apreço(...)sabe muito bem quanto me envaideço com a amizade com que me honra. O tempo está tão cheio de neve(...)que os dedos estão perros: junte a isso a "letras de médico" e está a ver como seria um desastre uma carta escrita à mão! (...)" (Carta de 15 de Mar. 1951. Caixa 42. Maço 2).

Também na revista há um artigo que se dedica unicamente a ensinar como é importante que as crianças saibam escrever cartas assumindo, como sempre, que devem ser as mães a ensiná-las. Em artigo de *Clara do Prado* tudo se explica:"(...) "Mães! Ensinai vossos filhos a escrever cartas! É uma riqueza mais que lhes legais!"⁴³⁵. Elas têm "(...) o condão de manter junto de nós, obedecendo ao nosso chamado, amizades, conhecimentos ou família que vive longe (...) abrimo-lo com prazer, e sentimos bater o coração (...)" Mas que cartas escrever? Que orientações seguir? Que defeitos evitar? "(...) cartas vividas, interessantes. (...) simples, naturais(...). meio esplêndido para participarmos das alegrias ou tristezas daqueles que nos são caros ou apenas simpáticos! (...)que solidariedade se pode comunicar numa carta! Que interesse não tem acompanharmos uma infinidade de vidas- sobretudo se se tratar de amizades da infância ou da juventude!(...) Não mandemos cartas indiferentes (...) que seja sincera e para ser sincera terá de ser natural (...) as pretensões literárias nada deviam ter que ver com o género epistolar (...)"

A tarefa de ensinar a escrever cartas cabe essencialmente às mães e aos educadores que também devem ajudar a combater a preguiça de deixar para o dia seguinte uma resposta que deve ser dada de imediato. O ideal seria destinar "(...) aos vossos filhos um recanto, uma gaveta para a sua correspondência(...)". Para começar poderiam ter até um livro onde colocassem nomes e moradas e aniversários de amigos e familiares. Um postal de Boas Festas ou uma fotografia de vez em quando "(...) vai relembrando uma fisionomia que os anos transformaram(...)". Se algum dos correspondentes quebra o circuito há que insistir pois nunca se sabe que factos levaram a essa interrupção.

⁴³⁵ *Os Nossos Filhos*. N.º 172 de Setembro 1956. p. 7 e 27 é o artigo ilustrado em que "(...)Maria Teresa Dias Furtado, de Lagos, já gosta de escrever às suas amigas(...)" é a legenda da fotografia de uma menina, sentada em cadeira frente a uma estante com livros, que se debruça sobre um papel em cima de uma mesa.

Há ainda uma outra vantagem em escrever cartas: “(...) Quem sabe se, mais tarde, as cartas dos vossos filhos tomam a celebridade das de *Mme Sévigné*? (...) que fique ou não na posteridade, uma carta é sempre um pouco de nós mesmos que damos...e que seja do bocadinho melhor...(...) (ONF, Set. 1956). Num outro artigo⁴³⁶, como já vimos, Maria Lúcia Vassalo Namorado ensina a escrever uma carta correcta.

As cartas são o local privilegiado para analisar “(...) as propriedades que caracterizam a, excelência linguística /e que/ cabem em duas palavras: distinção e correcção(...)” (Bourdieu, 1998a. p.45). Se bem que nem todas as cartas tenham a expressão elegante, havendo mesmo muitas com inúmeros erros ortográficos⁴³⁷, mesmo em professoras do ensino primário, a “(...) a expressão correcta, ou seja, corrigida, deve o essencial das suas propriedades sociais ao facto de só poder ser produzida por falantes que dominam a utilização prática das regras cultas, explicitamente constituídas por um trabalho de codificação e expressamente inculcadas por um trabalho pedagógico (...) porque O «uso correcto» é o produto de uma competência que é uma *gramática incorporada*: sendo a palavra gramática tomada de forma ciente e não tacitamente, como entre os linguistas) no seu verdadeiro sentido de sistema de regras cultas, isoladas *ex post* do discurso efectuado e instituídas em normas imperativas do discurso a efectuar (...)” (Bourdieu, 1998a. p. 47). Esta questão explica como um *Espólio* desta natureza também é um *Espólio de classe* e fornece-nos dados importantes sobre determinados grupos sociais e como dele estão, á partida, excluídos as(os) que não dominam esse meio de comunicação que é a escrita ou que, dominando-o, nem sempre têm suficiente coragem

⁴³⁶ Ainda durante a vigência da revista já ela colaborava noutras publicações, como vimos. Este texto foi publicado na Secção *Página da Mulher* de *Rádio e Televisão: semanário com os programas de* (n.º 56, 28 Set. 1957, p. 11).

⁴³⁷ Na análise do *Espólio* não podemos deixar de mencionar as questões que se ligam directamente com a escrita. Sendo *Os Nossos Filhos* uma publicação periódica mensal que só poderia ser apreciada por quem soubesse ler não se pode deixar de ter em conta que o público possível não era muito vasto uma vez que, segundo o censo de 1930, só 2.197 895 portugueses sabiam ler e escrever, dos 6.825 883 que constituíam a população metropolitana, isto é, a percentagem do analfabetismo total era de 67,5 por cento (Rodrigues, 1944. p. 16). Se bem que tenhamos detectado muitos erros na referida revista tomámo-los por gralhas uma vez que os textos eram entregues normalmente manuscritos e depois eram compostos na Tipografia Bertrand, na Condessa do Rio. É no *Espólio*, onde quase só consultámos cartas e documentos anexos, sobretudo neste primeiro tipo de documentos, que encontramos inúmeros erros ortográficos. Não nos referimos á carta da criada de servir que escreve para se insurgir contra a imagem que delas davam as senhoras em *Os Nossos Filhos* (cf. Profissões femininas). Não nos referiremos, em pormenor, a muitas dessas cartas cheias de erros (mesmo tendo em conta as sucessivas mudanças e evolução ortográfica(s)). Neste ponto seleccionámos a carta que mais erros tinha, escrita por uma professora, assinante, a quem Maria Lúcia Vassalo Namorado corrige erros, vírgulas e frases. Esta senhora era conhecida de António Emilio de Magalhães, um dos co-directores da *Liga Portuguesa de Profilaxia Social* do Porto e o seu conto intitulado *A Lagoa Adormecida* fora publicado em *Os Nossos Filhos*. (Carta de Maria Elisa A Santos de Melo. Chaves. S.d. Caixa 30. Maço 3).

para se exprimir, para saírem de si, para comunicar com outrem. Afora estas características, as cartas também nos mostram que “(...) a definição da relação de força simbólica constitutiva do mercado pode ser objecto de uma negociação e que o mercado pode ser manipulado, dentro de certos limites, por um metadiscurso que incide sobre as condições de utilização do discurso: são, por exemplo, as expressões que servem para apresentar ou para desculpar uma palavra excessivamente livre ou chocante («se permitem», «passe a expressão», «com sua licença», «salvo respeito que lhe devo», etc.) ou aquelas que reforçam, enunciando, o mercado («aqui entre nós», «estamos em família» etc.). Mas é evidente que a capacidade de manipulação é tanto maior, como mostram as estratégias da condescendência, quanto maior for a importância do capital possuído (...)” (Bourdieu, 1998a. p.60). Este seria um campo que poderíamos abordar mas que, pelos condicionalismos já expostos, ficou fora deste trabalho assim como um outro a que um dia gostaríamos de voltar: o de constatar que muitas destas cartas foram escritas por mulheres que nelas “(...) mostraram o abandono e a solidão (...) a frustração que resultava da discrepância entre o seu nível de instrução e a sua desqualificação social e a falta de reconhecimento familiar e social pelo seu trabalho(...)” (Amâncio. 1994. p. 22).

5.3 O quotidiano na correspondência

A análise da correspondência do *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* pode ser feita também, como referimos, a partir de diversas categorias porque, além de serem fundamentais para o esclarecimento de muitas situações relacionadas com *Os Nossos Filhos*, ela valeria, *de per si*, um estudo aprofundado que não nos foi possível fazer. Esta asserção é válida quer para a epistolografia no seu todo, quer para a análise aprofundada de muitas das categorias, ‘individualmente’ analisadas. Fica por realizar a análise do quotidiano das professoras primárias que, através das cartas, nos é dado conhecer, assim como as representações que da sua função têm as mães ou também a forma que assume a política no quotidiano destas mulheres ou ainda muitas outras categorias.

Estas cartas e os documentos guardados neste *Espólio* são um manancial importante para, a partir de fontes primárias outras que não os relatos oficiais, entender muito do que na esfera do ‘não dito’ do quotidiano é possível saber sobre o Estado Novo em Portugal. Depois de ter lido e transcrito todas as cartas deste *Espólio*, só por uma grande

impossibilidade de tempo não analisamos as cartas que nos permitiriam definir alguns aspectos do quotidiano feminino deste período. Apenas a título de exemplo cremos que será possível voltar a este arquivo para nele trabalhar os dados sobre a condição feminina, sobre a violência sobre as mulheres ou sobre temas tão actuais quanto estes. Não podemos esquecer que Maria Lúcia Vassalo Namorado e as mulheres que se lhe dirigem, aplaudem o que de bem se faz e denunciam as injustiças que vêm ser cometidas diariamente. É a directora da revista que, depois de ter lido um artigo sobre uma parteira que, em Camarate havia dado um remédio a um mulher que a ia envenenando, escreve: "(...) Quantas mães e quantas crianças morrem ou ficam inutilizadas devido à ignorância das «curiosas»? Todas as mulheres conscientes que vivem em pequenos centros populacionais devem combater a ignorância e trabalhar para que às suas aldeias chegue a assistência devida às grávidas e aos recém-nascidos(...)" (ONF, Ago. 1950).

Nesta categoria temos ainda o peso da 'culpa' constante sobre as mulheres quer por causa de não serem boas mães (por trabalharem e terem necessidade de o fazer) quer por praticarem actos que as humilham como a leitora que, em mais do que uma carta refere que "(...) nas férias provoquei um aborto foi com poucos dias mas era aborto(...). Tenho medo que Deus me castigue, principalmente por intermédio de meus filhos (...). Devo confessar-me?(...)" (Caixa 39. Maço 2).

O mesmo tema é mencionado num conto que ganhara o *Concurso Literário* promovido pela revista em 1948, subordinado ao tema *Maternidade*⁴³⁸. Todos os textos enviados para o concurso, sejam os publicados sejam apenas os outros que não obtiveram prémios, estão guardados no *Espólio* (Caixa 23. Maço 4) e são uma excelente fonte de dados sobre as representações das mulheres sobre a maternidade.

Em carta também aqui guardada e, sobre o mesmo assunto, se manifesta Elina Guimarães (Palma Carlos) quanto pede a Maria Lúcia Vassalo Namorado que, na revista, publique um anúncio a uma parteira:"(...) Peço a V. Ex.a o favor de publicar por minha conta um anúncio dizendo que *Albertina Reis, R. do Loreto, 56 3º Dto*

⁴³⁸ Cf. também Concursos neste trabalho. A vencedora fora *Zizi*, ou seja, Ludovina de Matos que havia concorrido sob esse pseudónimo. Ao levantar o anonimato e, tendo-se verificado que o vencedora era também colaboradora da revista, o júri composto por Maria Lúcia Vassalo Namorado, *Lília da Fonseca* e Manuel Porto optara por atribuir o prémio à concorrente que ficara em 2º lugar, ou seja, *Ana Arlési*, pseudónimo como vimos já no respectivo subcapítulo. Naquele conto, Ludovina Frias de Matos denunciava os patrões que "(...) se metem com criadas que depois são despedidas(...)". Fazia ainda outras alusões sendo uma delas ao "(...) deitar abaixo(...)" ou seja, o aborto.

Tel.(...)enfermeira diplomada, vai ao domicílio dar injeções ou fazer qualquer tratamento. Foi esta a enfermeira que me tratou com muita experiência e carinho. Sendo casada preferia clientela particular a trabalho em hospital mas tem poucas relações e não quer anunciar noutro lado porque só aceita trabalho em casas sérias e sobretudo, não aceita fazer abortos. Queira depois informar do que lhe devo(...)" (Carta de 16 de Abr. 1945. Caixa 41. Maço 3). Esta carta fornece-nos, como muitas outras, também indicações importantes sobre a questão da proibição do casamento das enfermeiras dos hospitais civis, uma das campanhas em que, como vimos, Maria Lúcia Vassalo Namorado se empenhou com afinco.

Sobre o tema que usamos para exemplo das possibilidades de análise de que podem ser alvo as cartas do *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* respigamos ainda um texto publicado em *Os Nossos Filhos* em que, sob a capa de um dos seus pseudónimos, *Avòzinha* e na forma de carta resposta a uma leitora⁴³⁹, ela dá um conselho que sabemos não corresponder ao que aceitava no seu quotidiano: "(...) /a senhora em causa começara a/ vida com 20 anos incompletos, naquela altura em que uma grande dose de optimismo e de coragem nos levam a enfrentar com um sorriso de vitória os maiores trabalhos e as mais intrincadas situações. Foi à custa de canseiras e economias que conseguiste ter o teu lar bonito e confortável, que perdeste muitos noites com os teus três filhos— mas tudo isso aconteceu numa fase da vida em que se é forte, resistente, e rica de boa-vontade. Esse tempo passou, a vida modificou-se, apareceram os primeiros cabelos brancos, surgem desilusões, invadiu-te um certo cansaço, e ao mesmo tempo o desejo, um nadinha egoísta, de te deixarem «em paz». Gostas do mesmo modo da tua casa, do teu marido dos teus filhos(...), continuas a trabalhar e não hesitas em te sacrificar por eles, sempre que seja preciso — mas a tua vida é um caminho traçado que desejas seguir placidamente(...)". Nesta altura surge uma nova gravidez, quando quase já esperava ser avó. É então que Maria Lúcia Vassalo Namorado apela para que, sendo católica, a senhora veja o problema pelo seu lado positivo: a gravidez pode ser uma bênção do Céu, ficará com ela quando os outros já tiverem saído de casa, ou ainda com os irmãos se os pais lhe faltarem, reviver alegrias que teve com os outros, preparar os outros para mais novo...

É também, do ponto de vista social, a denúncia da hipocrisia que se encontra em inúmeras cartas. Neste caso, está a que relata o caso que impede que um rapaz filho de

⁴³⁹ Conselhos da *Avòzinha*. In *Os Nossos Filhos*. N.º 35. Abril 1945. p. 7.

mãe solteira, cujo pai o não reconhece mas de quem se sabe ser comerciante, por tal razão, não possa obter um “(...) atestado de pobreza(...)” (Carta de Adolfo Pereira da Costa (Porto. Caixa 26. Maço 4), ou a da senhora que discorda da ideia de que os irmãos possam ser considerados superiores ás raparigas só pelo facto de serem rapazes (Carta de Flora Pinto. Espinho. Caixa 59. Maço 2), ou a da médica católica cujo marido a não respeita (Carta de São Lucas. Caixa 39. Maço 2), ou a da outra mulher que escreve, aflita, a maior carta do *Espólio* com 21 páginas (*Nenha*. Luanda. Carta de 13 de Out. 1953. Caixa 39. Maço 2), ou as das inúmeras mulheres que reflectem sobre os seus casamentos e a impossibilidade de os mudarem⁴⁴⁰ (Carta de *Neta Maria*. Caixa 39. Maço 2).

5.3.1 A correspondência para Maria Lúcia Vassalo Namorado

Uma vez que pelas razões já enumeradas não podemos abordar esta correspondência no seu todo, optámos por fazer apenas a leitura aprofundada das cartas que, no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* são em maior quantidade: as que lhe escreveu Maria Lamas, sua prima direita, correspondência inédita e que foi analisada à luz das categorias já definidas. Ao mesmo tempo apresentamos ainda uma breve panorâmica da presença de Maria Lamas no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*, seja através de referências em cartas que outras(os) colaboradoras(es) enviam á directora da revista, seja através da participação de Maria Lamas em *Os Nossos Filhos* seja através das referências que á família dela são feitas também na dita publicação.

5.3.1.1 Presença de Maria Lamas no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*

Muitas(os) são as(os) colaboradoras(es) ou simples leitoras que, na correspondência do *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* se referem a Maria Lamas. Seria impossível num trabalho deste género apontar todas as alusões mas não deixamos de enumerar, aleatoriamente, algumas delas uma vez que nos mostram como é importante a identificação da possível rede de amigos e cumplicidades⁴⁴¹ ou

⁴⁴⁰ Cf. também as Cartas de Francisca Alves, ou A. M. (Beja. Caixa 39. Maço 2), de Rosália Maria (Coimbra. Caixa 39. Maço 2), *Mais uma neta aflita* também *Maria de Olhos Verdes* (Nova Lisboa. Caixa 39. Maço 2)...

⁴⁴¹ A análise por categorias permite-nos tal exercício mas não o fazemos porque não é fundamental para o trabalho que apresentamos. Qualquer investigador(a) que venha a consultar o *Espólio de Maria Lúcia*

divergências entre as pessoas que se encontram com uma mesma destinatária. Também no *Espólio* encontramos alguma presença de familiares de Maria Lamas. São essas duas situações que analisamos agora.

As referências a Maria Lamas na correspondência que outras(os) dirigem à prima mostra-nos como, à época, muita gente as associava e como, por essa e outras razões que lhe são imputáveis, como vimos, Maria Lúcia Vassalo Namorado não teve nunca os apoios oficiais a que, fosse outra a sua ligação familiar e pessoal, poderia ter tido do poder oficialmente estabelecido. Vejamos como Maria Lamas é uma presença constante na correspondência que, no *Espólio*, foi enviada à prima. António Emílio de Magalhães, o médico do Porto que frequenta a casa de Maria Lúcia Vassalo Namorado também conhece Maria Lamas, frequenta a casa dela (Caixa 27. Maço 1), é ele que se encontra com ela no Porto (Caixa 4. Maço 2), que pergunta por ela e pede que Maria Lúcia Vassalo Namorado lhe envie cumprimentos em seu nome (Caixa 4. Maço 2 e Caixa 72. Maço 3), que proíbe os desânimos à directora da revista e oferece os seus préstimos se Maria Lamas deles precisar, quando esta última está presa (Carta de 14 de Nov. 1950. Caixa 72. Maço 3). Também é ele que escreve a Maria Lúcia Vassalo Namorado para falar da prima e :“(...) agradecer atenções durante recente estadia em Lisboa(...). Sua prima Maria Lamas proporcionou-me este prazer espiritual de durante algumas horas conviver com espíritos femininos(...) faço seguir o livro que lhe prometi *Em defesa do Porto* no qual o Cepeda de Magalhães, com mãos de mestre, zurze os malandros categorizados que se opõem aos progressos do país(...) e proporciona conhecimento de alguns escândalos nacionais(...)” (Caixa 4. Maço 2).

Fernanda Tasso de Figueiredo é outra das senhoras que, em muitas cartas, se refere a Maria Lamas por também a ter ajudado em algumas actividades como:“(...) Logo levo à Maria Lamas (só) duas senhoras que conosco trabalharão como auxiliares em que sinto óptimos elementos de trabalho(...) é uma senhora Baeta Neves, viúva, isto é que enviuvou isto é que enviuvou quando estava para ser decretado o seu divórcio, rapariga muito nova e com bastante valor que é professora de Trabalhos Manuais na Escola *Queen Elisabeth's Kindergarten e Junior School* da Rua da Quintinha, 70 sabe o que é, não é verdade? A outra é uma rapariga muito esperta que está ainda a acabar o seu curso

Vassalo Namorado tem, na doação que a ele fazemos, todos os dados organizados de forma a fazer essa e muitas outras listagens possíveis.

de farmácia (sic), mas dá explicações em que já dá uns poucos de anos faz perto de 2000\$00 por mês: é Maria Helena Burguette Avilez, cuja mãe é divorciada (...)” (Caixa 41. Maço 3). Ou ainda quando informa Maria Lúcia Vassalo Namorado de que: “(...)“(...) como sei que lhe dou prazer com isso, sabe-me bem participar-lhe que comecei esta tarde a trabalhar com Maria Lamas, dactilografando-lhe o seu importantíssimo e próximo trabalho! Muito contente (...) possa colaborar com ela, dando um pouco do meu humilde esforço à sua grande obra(...) por nos estimar a ambas, apraz-me dar-lhe esta agradabilíssima novidade; foi hoje a primeira vez que consegui ver a Maria Lamas desde que regressou da Madeira(...)” (Caixa 21. Maço 2), ou quando pede à directora de *Os Nossos Filhos*: “(...) um favor: o de pôr o número da porta da Maria /Lamas/ na carta que junto encontrará e fazê-la seguir depois pelo correio(...) perdi tanto direcção da Manuela como número de telefone não há forma de saber apelido do marido dela(...)mande porque gosto de ter para qualquer eventualidade de comunicação com a Maria /Lamas/ (...)” (Caixa 21. Maço 2).

Mariac Dimbla ou Maria do Carmo Dias Monteiro de Barros, moradora Av. Visconde de Valmor, 57, 2º Dto, Lisboa, que é agente de publicidade, envia a Maria Lúcia Vassalo Namorado o “(...)meu artigo sobre a escritora Maria Lamas e dentro vai a verdadeira cópia do original que escrevi e ao que parece foi cortado. Peço-lhe que o dê a sua prima pois ter-lho-ia mandado se soubesse a morada dela(...)” (Caixa 42. Maço 1). A carta desta, como a(s) de muitas outras senhoras, permitem-nos ainda verificar o grau de proximidade que tinha esse conhecimento.

Isaura Correia Santos, por intermédio de quem Maria Lúcia Vassalo Namorado conhecera Guilhermina Suggia, também se refere a Maria Lamas: “(...) Tive ontem prazer e honra da visita da Sra. D. Maria Lamas. Gostei tanto de a ver! Foi pouca sorte não poder ir ouvi-la devido ao meu marido estar doente. Que pena tive! Foi brilhante, como aliás era de esperar(...)” (Carta de V.C.⁴⁴² 3 Nov. 1948. Caixa 41. Maço 1). Neste caso, é a senhora que escreve que aparece com mais protagonismo social do que a prima da directora de *Os Nossos Filhos*.

Maria Osswald, escritora a quem a directora de *Os Nossos Filhos* convida a escrever um texto para o primeiro número que iria sair dois meses depois, e que, pensamos terá invocado o nome da prima para sublinhar o seu pedido, escreve: “(...) meus afectuosos

⁴⁴² Usada muito frequentemente, sobretudo nos anos 40, na correspondência do *Espólio* para indicar *Vossa Casa*, referindo-se ao local de onde o emissor envia a carta; neste caso, é do Porto.

cumprimentos para Maria Lamas (...)”(Carta de 21 Abr. 1942. Caixa 42. Maço 1). Esta forma de cortesia prova como sempre foi facilitada a tarefa a quem, para obter algo, antecipadamente conhece alguém no meio onde quer entrar.

Maria Regina da Silveira e Sousa, assinante da revista, que, da Madeira, pergunta “(...) que notícias há da (...) Maria Lamas?(...)” (Madeira. Carta de 15 de Dez. 1953. Caixa 32. Maço 2) ou que no ano seguinte diz saber o que “(...) aconteceu à sra. D. Maria(...)” (Carta de 19 de Mar. 1954. Caixa 32. Maço 2) mostra-nos como, apesar da morosidade das comunicações, as más notícias chegam a toda a parte e como muitas das leitoras sabiam da relação familiar existente entre Maria Lamas e a directora de *Os Nossos Filhos*.

Muitas e muitas outras alusões, de pessoas mais anónimas a outras mais conhecidas, poderíamos convocar. Citamos ainda Carolina Brilhante Paiva dos Remédios, colaboradora de Modas & Bordados e de *Os Nossos Filhos*, que tem receio que Maria Lamas esteja zangada com ela (Caixa 41. Maço 2), Maria Evelina Faria e Maya de Aguiar Bustorff (Caixa 42. Maço 1), Maria Almira Pedrosa Medina (Caixa 42. Maço 1), Emília Natália Pereira Santos, de Torres Novas que conhece Maria Lamas e as filhas (Caixa 30. Maço 1), Maria do Carmo Rodrigues, do Funchal, directora da *Canoa, publicação infantil*, e em casa de quem Maria Lamas passou alguns tempos (Caixa 77. Maço 6), Maria da Soledade Silva, natural de Torres Novas, como as duas primas, que trabalhava no Funchal e que muito apoio deu a Maria Lamas quando ela ali esteve (Caixa 42. Maço 1) assim como Maria Mendonça, Chefe de redacção de *Eco do Funchal*, jornal da Madeira, que vai editar *Arquipélago da Madeira: maravilha Atlântica*, uma outra obra de Maria Lamas e que no mesmo jornal, n.º 1245, vai anunciar a “(...)obra sensacional: *A Mulher no mundo* (...) de Maria Lamas, (...) de invulgar interesse nos meios cultos, especialmente no elemento feminino(...)”.(Caixa 42. Maço 1).

Neste conjunto de referências a Maria Lamas na correspondência do *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* há três cartas que não podemos omitir: uma de Matilde Rosa Araújo, colaboradora e grande amiga de Maria Lúcia Vassalo Namorado que, de longa data conhecia a família uma vez que fora uma das irmãs de Maria Lamas que a ensinara a ler e cuja mãe era assinante de *Os Nossos Filhos*⁴⁴³, que depois de chegar de Paris informa a directora da revista de que lhe trazia “(...) um grande abraço da nossa amiga

⁴⁴³ Cf. Entrevista para este trabalho em 9 de Novembro de 2001.

que tive a felicidade de encontrar (...). Achei-a esplêndida, linda como sempre e iluminada daquela alma que a torna tão grande!(...)” (Carta s.d. Viana do Castelo. Caixa 42. Maço 1). Além desta carta dum a doçura enorme há ainda duas outras que foram enviadas a Maria Lúcia Vassalo Namorado depois da morte de Maria Lamas e que a ela ainda aludem: uma de Belmira da Piedade Almeida que fala da festa dos 90 anos de Maria Lúcia Vassalo Namorado dizendo que “(...)a sombra da Maria também andou por lá. Quando cheguei de Goa, fomos a Carcavelos vê-la. Lembra-se? A impressão que me causou é inapagável(...)” (Carta de 4 Jun. 1999. Caixa 77. Maço 4) e outra, oito dias depois da morte de Maria Lamas, de Aurélia S. Borges de Moura Gomes, que envia “(...) sentidos pêsames pelo desaparecimento daquela que jamais deve ser esquecida por todas as Mulheres e cuja memória perdurará indelével no coração de quantos a conheceram e admiraram (...)” (Carta de 11 Dez. 1983. Amadora. Caixa 27. Maço 3).

5.3.1.2 Um diálogo silencioso entre duas mulheres – *Maria Lamas e Maria Lúcia*

A correspondência contida no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* pode dar-nos até a possibilidade, como vimos, de desenhar o mapeamento das relações de amizade e de trabalho entre diversas pessoas cujas cartas nele se cruzam. De todas essas cartas um núcleo há que distinguimos e que analisamos em pormenor: o maior de todos, ou seja, o conjunto de 214 cartas e postais enviados por Maria Lamas a Maria Lúcia Vassalo Namorado.

Maria da Conceição Vassalo e Silva⁴⁴⁴ nascera em Torres Novas a 6 de Outubro de 1893. A prima Maria Lúcia Vassalo Namorado nasceria, quase dezasseis anos depois, na mesma localidade, a 1 de Junho de 1909. As mães /scanner/, irmãs, e os pais, republicanos activos, tiveram em ambas uma grande influência. Para esta prima mais nova, Maria da Conceição servir(i)a sempre de exemplo. Casara muito cedo, com Ribeiro da Fonseca, /scanner/ em 1911. Depois de regressar de Angola, onde o marido estivera na 1ª Guerra, mãe de duas filhas – a Maria Emília e a Maria Manuela - /scanner/ o divórcio realiza-se em 1919.

Aquela prima vivia em Lisboa, local onde volta a casar com Alfredo Cunha

⁴⁴⁴ A maior parte dos dados aqui referidos, sobre a biografia de Maria Lamas foram retirados das entrevistas e sessões de trabalho que a filha nos concedeu/que tivemos com Maria Cândida Caeiro, entre 1 Mar. 2002 e 10 de Mar. 2004 (CF. *Entrevistas na Bibliografia final* a este trabalho). As imagens para este texto são retiradas do Arquivo pessoal de Rui Manuel Namorado Rosa, filho mais novo de Maria Lúcia Vassalo Namorado, cedidas como *Doação* (CF. *Apêndices cap. 1- Doações*) em entrevista realizada a 17 de Junho 2005.

Lamas, /scanner/ jornalista, em Abril de 1921, já depois de ter começado a ganhar a vida como jornalista, em 1920, na *Agência Americana de Notícias*. Em Maio de 1921 nasce a última filha de Maria Lamas, Maria Cândida Cunha Lamas (Caeiro), ainda hoje conhecida pelo *petit nom* que a mãe lhe deu, *Bissú*.

Desde a vinda de Maria da Conceição para Lisboa, depois da 1ª Guerra, a capital vai ser o sítio perfeito de cruzamento entre ambas. É ali que dão prova dos seus conhecimentos no mesmo (e) primeiro estabelecimento de ensino feminino da capital: o *Liceu Central de Garrett*. É aí que Maria da Conceição Vassalo e Silva, em 21 de Julho de 1923 “(...) concluiu com distinção e média final de 17 valores /os/ Exames de passagem à 2ª Secção e 2º Ciclo(...)” como se pode comprovar⁴⁴⁵ no 2º *Livro de assentos de exames das alunas externas*. Uma das primeiras deputadas portuguesas em 1934 mas naquele momento professora no Liceu, Domitila de Carvalho, faz parte desse júri, como vogal e será ainda professora de Matemática de Maria Lúcia Vassalo Namorado em alguns dos anos em que esta vai frequentar aquela instituição. Maria Lamas tinha tido aulas de preparação para essas provas como uma senhora, licenciada em Românicas, Maria Adelaide Teixeira de Almeida Ribeiro Vieira da Luz que, mais tarde iria para a Madeira, para a Ponta do Sol, onde viria a nascer a filha Maria Amélia de Almeida Ribeiro Vieira da Luz Carvalho⁴⁴⁶, futura assinante de *Os Nossos Filhos*.

É com/atraves (d)a relação que se estabelece entre as filhas de Maria Lamas (sobretudo a mais velha e a mais nova) e Maria Lúcia Vassalo Namorado que a relação entre as primas vai assentar num maior conhecimento mútuo, nem sempre presencial, que as leva a cimentar uma amizade verdadeira.

De Maria Lamas há diversas cartas no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* (Caixas 12. Maço 2 e sobretudo 50. Maço 4), sendo o total o que apresentamos no quadro seguinte:

⁴⁴⁵ Cf. *Apêndices Cap. 2- Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho*.

⁴⁴⁶ Cf. *Apêndices Cap. 4- Biografias* para biografia de ambas as senhoras. Ainda hoje, a filha de Maria Lamas e a filha de Maria Adelaide Teixeira de Almeida Ribeiro Vieira da Luz pertencem ao mesmo partido político.

Quadro n.º33.: Correspondência⁴⁴⁷ de Maria Lamas para Maria Lúcia Vassalo Namorado:

Cronologia – décadas	Total
1921-1930	33
1931-1940	80
1941-1950	40 ⁴⁴⁸
1951-1960	33
1961-1970	24
1981-1990	2
s.d.	2
TOTAL final	214

Uma leitura deste quadro dá-nos diversas indicações: este é sem dúvida o maior grupo epistolográfico de uma só pessoa no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*. Num universo de 214 missivas, há 210 que são escritas entre 1921 e 1970, ou seja, quando Maria Lamas tinha entre 28 e 77 anos de idade. Percebemos também que durante esse período de maior correspondência foram enviadas uma média de mais de quarenta cartas por ano ou, quase uma por semana. É a análise deste “(...) verdadeiro continente epistolar (...)” (Mezan, In Galvão e Gotlib, org. 2000. p. 166) dentro de um mundo que é o *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* que faremos agora.

Vejamos como através das cartas que trocam, sobretudo das que Maria Lamas envia a Maria Lúcia Vassalo Namorado, podemos retirar um conjunto de dados que permitem esclarecer várias questões sobre a vida e obra desta última e ver os mesmos acontecimentos de um outro ângulo até agora inacessível.

A correspondência entre as duas primas e amigas tem uma primeira razão de ser: de 1927 até 1940 a então ainda futura directora de *Os Nossos Filhos* não vivia, senão esporadicamente, em Lisboa e, uma das funções das cartas é precisamente essa: “(...) a da necessidade de abolir distâncias diversas (...)” (Miranda, In Galvão e Gotlib, org. 2000. p. 52).

⁴⁴⁷ Para Maria Lamas optámos por fazer o inventário de toda a correspondência, independentemente das datas das cartas.

⁴⁴⁸ Uma das cartas é dirigida a Maria Lúcia Vassalo Namorado e ao marido, assim como acontece numa outra da década seguinte, o que não era costume, pois Maria Lamas costumava escrever, em separado, para cada um.

Até 1933 as vindas á capital eram para Maria Lúcia Vassalo Namorado uma forma de passeio, como o foi o que fez em 19 de Fevereiro de 1928 à Boca do Inferno /scanner/, ou para acompanhar os pais quando vinham tratar de algum assunto mais urgente. As idas e vindas de Maria Lamas a Torres Novas ou para o Luso também são frequentes, sobretudo em férias, como aconteceu em Setembro de 1927 /scanner/.

Depois da “(...)organização das cartas pela sequência temporal (...)” houve necessidade de “(...)verificar os envelopes (...) o suporte (...)o lugar de onde a carta é escrita (...)o espaço onde é escrita (...)os vocativos(...)o cerimonial epistolar(...)o assunto(...)os lugares sociais em que se inscreve quem escreve(...)” (Camargo. 2000. In Mignot et al. p. 209) detendo-nos com mais demora na análise do(s) assunto(s) nelas abordados.

Na maior parte das vezes Maria Lamas escreve em papel timbrado com o seu *ex-libris* – *Sempre mais alto*. Muitas e muitas são as cartas que envia em papel de *Sociedade Nacional de Tipografia Editora de O Século O jornal de maior circulação em Portugal, Ilhas e Colónias Cinéfilo Revista semanal de cinematografia Modas & Bordados a Revista da Mulher e do Lar Editorial O Século Rua do Século 41 a 59 Lisboa Tel(...)* *Modas & Bordados* (Carta de 24 Jun. 1937. Caixa 50. Maço 4). Muitas são dactilografadas (Carta de 10 de Fev. 1961. Caixa 50. Maço 4), outras manuscritas como é o caso dos postais ilustrados (Postal de 30 Maio 1961. Caixa 50. Maço 4). Embora haja referência a mais de um telegrama que Maria Lamas diz ter enviado a Maria Lúcia Vassalo Namorado (Carta de 27 de Set. 1938) neste fundo só encontramos um único, sem data, para envio de Felicidades no Natal e Ano Novo (Caixa 72. Maço 5) /scanner/. Quanto a locais de onde são enviadas, há-as de Lisboa (a maioria), do Alto Minho, de Friestas (Carta de 22 de Maio de 1932), de Itália (Postal de 3 Ago. 1967. Caixa 50. Maço 4), de Évora (Carta de 10 de Fev. 1961. Caixa 50. Maço 4), de Paris (2 Nov. 1966. Caixa 50. Maço 4), e da Madeira (Carta de Rochinha, Funchal. 7 de Set. 1961. Caixa 50. Maço 4), assim como da prisão em Caxias (Cartas de 30 de Out., de 27 de Nov. e de 10 Dez. 1950) ou do *Sanatório Sousa Martins*, na Guarda, onde a filha mais velha de Maria Lamas passou sete anos (Carta de 19 Jul. 1930).

As cartas dactilografadas têm todas, sempre, um final manuscrito (Carta de Évora. 31 de Maio 1962. Caixa 50. Maço 4) e algumas delas rasuras diversas e ‘acrescentos’ que podem ir até várias linhas, sobrelinhadas.

Em relação ao contexto do quotidiano e ao espaço onde foram redigidas as cartas sabemos que algumas foram escritas na cama, outras no jornal entre duas tarefas (Carta

de 15 de Set. 1931). Nas cartas, nos finais dos anos 20, Maria Lamas ainda não optara por uma única assinatura uma vez que subscreve as cartas como *Maria Vassalo Lamas* (Benfica. 7 Out. 1926. Caixa 50. Maço 4) como *Maria V. Lamas* (Carta de 13 Jul. 1927. Caixa 50. Maço 4), ou tão só como *Maria*, como o fará na maior parte da correspondência que envia à prima (Caixa 50. Maço 4). Como *Maria da Conceição* (Carta de 27 de Jun. de 1930. Caixa 50. Maço 4), timbrada de *O Século*, apenas há uma carta que escreverá aos tios, pais da prima, a propósito do casamento de Maria Lúcia Vassalo Namorado, como veremos.

A forma como Maria Lamas se dirige á prima, em vocativo, pouco varia ao longo dos anos. A mais frequente é *Minha querida Maria Lúcia* (Carta de 2 Nov. 1933. Caixa 50. Maço 4), mas tem variantes como *Minha muito querida Maria Lúcia* (Carta de 15 de Set. 1933), *Minha querida e saudosa Maria Lúcia* (Carta de 29 de Jun. 1933), *Minha querida e boa Maria Lúcia* (Carta de 16 de Dez. 1930). A forma como termina as cartas⁴⁴⁹ também é sempre de uma grande ternura e resume-se no quadro seguinte:

Quadro n.º34.: Conclusão das cartas de Maria Lamas para a prima:

<i>muito e muito amiga e grata</i>	Carta de 12 de Jan. 1933
<i>tua muito dedicada e amicíssima</i>	Carta de 28 de Jun. 1932
<i>tua prima muito e muito amiga e gratíssima</i>	Carta de 20 Nov. [1930]
<i>não duvides da minha profundíssima estima</i>	Carta de 6 Out. 1934
<i>um abraço cheio de carinho e gratidão da tua do coração</i>	Carta de [1936]
<i>Beija-te e abarça-te a tua velha amiga muito grata</i>	1935
<i>Conta sempre com a boa vontade e a ternura da tua prima muito amiga e grata</i>	Carta de 30 Maio 1935
<i>Desejos que a vida te sorria sempre</i>	Carta de 15 de Jul. [1931]
<i>Tu minha querida Maria Lúcia, tão carinhosa e tão boa, acredita na profunda amizade da tua prima e maior amiga</i>	Carta de 19 de Jul. 1930
<i>Abarça-te com um carinho profundo</i>	Carta de 3 de Maio 1955
<i>Para ti, com um beijo, a ternura e admiração da tua muito grata</i>	Carta de 7 de Jun. 1954
<i>Para ti, a ternura profunda e muitas saudades da tua verdadeira amiga, gratíssima</i>	Carta de 23 de Maio 1954

⁴⁴⁹ Não fazemos o levantamento exaustivo delas.

<i>Abraço-te com o mais terno afecto e sou sempre tua muito grata</i>	Carta de 19 de Maio de 1954
<i>Penso muitas vezes em ti! Não supões quanto te admiro, na tua luta constante pela vida</i>	Carta de 2 de Dez. 1953
<i>Esta carta leva-te o melhor que o meu coração pode dar-te: a minha sinceridade e o mais veemente desejo de todo o bem (...)Beija-te e abraça-te, com o maior carinho a tua, do coração, muito amiga, gratíssima,</i>	Carta de 6 de Jan. 1956
<i>Para ti, querida Maria Lúcia, vai o abraço muito apertado e saudoso da tua verdadeira amiga, imensamente grata, que muito te admira e quer</i>	Carta de 20 Maio 1951
<i>Abarça-te muito ternamente e sou, cada vez mais, a tua amiga verdadeira e gratíssima</i>	Carta de 10 Dez. 1950 ⁴⁵⁰
<i>Tua prima verdadeira amiga, dedicada e grata Maria Lamas</i>	Carta de 1 de Jun. 1942 ⁴⁵¹

Estas cartas são escritas por duas primas que, ao longo da vida tiveram necessidade de comunicar uma série de dados desde os que dizem respeito á saúde dos seus mais directos familiares, a pequenos recados do dia-a-dia, a desabafos, a inconfidências, a projectos profissionais, a reflexões sobre os respectivos casamentos, sobre a política e o papel das mulheres nela. Esta rede de escrita e respostas era um fardo pesado no quotidiano destas mulheres pois que não são estas as únicas cartas que escreveram. No caso de Maria Vassalo Namorado e, dada a extensão deste núcleo assim como a de todo o *Espólio*, podemos verificar como foi árduo o trabalho de manter a correspondência em dia. Sabemos que tentava fazê-lo pois que muitas são as cartas do *Espólio* em que, na margem superior ou no canto superior esquerdo ou direito acrescenta a data da resposta. Nas da prima essa indicação pode ver-se, por exemplo, na que Maria Lamas lhe envia de Paris a 2 de Agosto de 1963 e á qual Maria Lúcia Vassalo Namorado dá “(...) resp. 12/8/963(...)” (Caixa 50. Maço 4), ou seja, dez dias depois. Deste problema se queixam elas com frequência pois que uma carta obrigava sempre a uma resposta mesmo que, como ás vezes sucede com a directora de *Os Nossos Filhos*, ela só o fizesse mais de um ano depois, como já vimos em capítulo anterior. Maria Lamas também se lamenta dessa falta de tempo para pôr a escrita em dia pedindo á prima que lhe perdoe “(...) por ter tardado tanto a agradecer-te os teus postais, o último⁴⁵² dos quais pelo dia 6, mas a minha vida tem sido muito atribulada nestes últimos tempos, não me sendo possível escrever ás pessoas com quem devia e desejava comunicar(...)” (Carta de Paris. 14 de

⁴⁵⁰ Escrita em Caxias, depois de uma visita que Maria Lúcia Vassalo Namorado ali lhe fez.

⁴⁵¹ É a carta em que felicita, como veremos, a prima por ter fundado a revista *Os Nossos Filhos*, no mês em que sai o primeiro número.

⁴⁵² Dia do aniversário de Maria Lamas era 6 de Outubro.

Out. 1967) ou pelas “(...) duas linhas, escritas a correr(...)” (Carta de Paris. 2 de Ago. 1963) ou ainda quando pede desculpa por alguma demora maior: “(...) o meu silêncio não corresponde a desleixo nem esquecimento(...) tens que perdoar-me este meu involuntário interregno na correspondência(...)” (carta de 17 e 19 de Fev. 1937). Muitas vezes, como acontece com a última carta que referimos, elas são redigidas com espaço de tempo entre o início da carta e a sua conclusão, que pode ir de umas horas ou dias, como neste caso, a meses como aconteceu com outras cartas do *Espólio*, enviadas por outras senhoras e também com a que Maria Lamas inicia em 9 de Fevereiro de 1931 e que só acaba em 6 de Março do mesmo ano porque, entretanto “(...) minha Bissú adoeceu muito gravemente, dando-me sérios cuidados (...) junto a uma infecção que me apanhou no nariz e que me obrigou a estar uma semana sem sair, deu em resultado eu não escrever a ninguém(...)” (Cartas de 9 de Fev. e 6 Mar. 1931).

Em alguns casos, a carta era precedida ou seguida de telefonemas ou de encontros que originam novas reflexões e obrigam á escrita de uma outra como aconteceu quando as duas prima se encontraram em 2 de Maio de 1955 mas, não tendo Maria Lamas ficado satisfeita com o aspecto da prima, resolve escrever-lhe no dia seguinte para lhe dizer que “(...) tive muita pena de não ter conversado mais á vontade contigo quando nos encontrámos ontem. Estou preocupada com a tua saúde(...)” (Carta de 3 de Maio 1955).

Ao analisar o conteúdo da correspondência que aqui nos ocupa estamos cientes de que ela é uma das fontes primárias cuja característica fundamental é a de ser quase ‘apócrifa’ porque “(...)mesmo trazendo possíveis novidades (...) as cartas chegam sempre depois(...)” (Castro, In Galvão e Gotlib org. 2000. p. 15). Elas estão cheias de dados objectivos mas também de códigos, de segredos e de cumplicidades tanto mais difíceis de decifrar quanto mais estreita é a relação entre quem a escreve e quem a recebe.

Como normalmente acontece, também aqui a escrita das cartas “(...) envolve personagens históricas (...)” (Amaral, In Galvão e Gotlib, org. 2000. p. 19), umas logo assim consideradas na época em que as escreveram outras só depois recuperadas enquanto tal. A existência deste núcleo epistolar inédito no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*, quer se tivermos em conta apenas as cartas que Maria Lamas escreve á prima quer mais ainda se pensarmos nos milhares de outras aqui guardadas, numa época como a nossa em que este tipo de fontes primárias tem vindo a ser valorizado, leva-nos a reflectir sobre muitas questões que colocámos já no primeiro

capítulo sobre as limitações éticas que tal leitura pode impor assim como também sobre a sua pertinência. Concretamente sobre as cartas que se guardam aqui, há algumas que podem vir a causar danos na imagem que delas(es) têm alguns descendentes de algumas das pessoas cujas cartas manuseámos ou na história que sobre períodos anteriores já foi escrita.

Por outro lado, pode ser importante “(...) entender o interesse público pela correspondência privada e perceber a importância intelectual (...)”(Lafer, In Galvão e Gotlib, org. 2000. p. 121) de Maria Lamas ou de muitas outras mulheres e homens com cartas neste *Espólio* mas o que mais nos move é ver até que ponto a correspondência é “(...)interessante e fundamental para compreender a sua obra(...)” e de que forma as cartas servem como “(...)relato exemplar de como um ser humano lidou com tempos sombrios (...)” (Lafer, In Galvão e Gotlib, org. 2000. p. 123), que foram muitos dos anos em que as primas viveram e trabalharam e assim também já qualificados entre nós por Vanda Gorjão (2002).

As cartas que Maria Lúcia Vassalo Namorado aqui guardou, se podem ser vistas como uma “(...) janela magnífica para se desvendar a vida privada de uma família (...)” (Souza, In Galvão e Gotlib, org. 2000. p. 87), também podem “(...)servir para dar determinada imagem de quem as escreveu (...)”(Hall, In Galvão e Gotlib, org. 2000. p. 72) e essa imagem pode não corresponder á que, até agora, se tinha sobre cada uma dessas pessoas, quer das que foram/são figuras públicas, quer em determinados períodos da vida quer sobre determinados acontecimentos em que estiveram envolvidas. Tal era a consciência que deste problema ela tinha que, quando já no final dos anos noventa do século passado teve a ajuda de Maria Cândida Caeiro para arrumar o *Espólio*, ela terá posto a hipótese de subtrair alguma cartas que Maria Lamas lhe escrevera (Entrevista a Maria Cândida Caeiro. 16 Fev. 2004). Graças aos conselhos da filha mais nova de Maria Lamas podemos ter acesso a este conjunto de cartas que, apesar de tudo, cremos não estar completo. Não saberemos nunca, para as cartas de Maria Lamas e para muitas outras, “(...)qual a causa da destruição dessa correspondência (...)” (Amaral, In Galvão e Gotlib, org. 2000. p. 25) porque ela pode ter sido assumidamente daqui retirada ou ter-se perdido pela passagem do tempo.

Dar a conhecer essas cartas, num diálogo epistolar até agora inédito representa uma enorme responsabilidade que conscientemente assumimos. Também fazemos a apreciação das cartas que Maria Lúcia Vassalo Namorado escreveu a Maria Lamas não porque elas estejam neste *Espólio* mas porque nos foi possível consultar as que, na

Biblioteca Nacional, se guardam como tendo sido enviadas por Maria Lúcia Vassalo Namorado á prima⁴⁵³.

Nestas cartas, raramente se “(...) fala do que se passa no mundo(...)” (Betty Mindlin, In Galvão e Gotlib, org. 2000. p. 193) facto pelo qual, em alguns momentos, não deixaremos de introduzir dados explicativos e contextualizadores da correspondência.

Não duvidamos que “(...) escrever cartas é assim um pequeno ofício “literário” no sentido mais restritivo e convencional desse termo, pois ao escrever uma carta não se pode fugir a um código que modela e altera o que tão simplesmente queremos e gostaríamos de dizer (...)” (Castro In Galvão e Gotlib org. 2000. p. 15). No caso das que Maria Lamas escreve a Maria Lúcia Vassalo Namorado a consciência dessa possibilidade é tão forte que é ela mesma o diz, como veremos, em algumas delas: “(...) gosto imenso de receber as tuas cartinhas(...)e admiro sempre a tua clara inteligência e a tua coragem e serenidade para a vida, a par duma admirável actividade. Olha que isto é a verdade sem sombra de artifício literário nem exagero. Aponto-te muita vez como exemplo! (...)” (Carta de 30 de Nov. de 1935).

Muitas vezes a “(...)correspondência /é/ concebida como uma conversa(...)vigora a informalidade, com mudanças bruscas e constantes de assuntos (...)”(Amaral, In Galvão e Gotlib, org. 2000. p. 22). Essa questão é verbalizada na que Maria Lamas envia, dizendo:“(...) que preguiçosa sou para escrever-te! (...) todos os dias penso(...) vou conversar um bocadinho com a minha prima Maria Lúcia mas aparece isto e mais aquilo... e chego á noite sem ter escrito(...)” (Carta de 15 de Set. 1931) e em todas as cartas se encontra “(...)a diversidade e o fervilhar da vida(...)” (Amaral, In Galvão e Gotlib, org. 2000. p. 26) que essa conversa pode proporcionar.

⁴⁵³ No Espólio de Maria Lamas existente na Biblioteca Nacional – E 28 – existem diversos documentos enviados por muitas(os) colaboradoras(es) e /ou amigas(os)/ conhecidas(os) de ambas. Ali foram consultadas e delas damos não damos nem o número de inventário nem a quantidade; optámos por apenas identificar quem as enviou e a localização: Caixa 4 -Belmira da Piedade Almeida, Ema Quintas Alves, Emília de Sousa Costa e marido. Caixa 5- Isabel Cohen von Bonhorst, *Lília da Fonseca*, Maria do Carmo Rodrigues, Maria Cesarina Castro, Maria da Luz de Deus, Maria Osswald, Mário Soares e Maria de Jesus Barroso, Matilde Rosa Araújo. Caixa 6- Sara Beirão, Lopes de Mendonça, Deolinda Quartin, Fernanda Tasso de Figueiredo também em Caixa 8, Laura Lopes (Pedroso), Lyon de Castro, Maria Amália (Harbert Borges de) Medeiros, Maria Clementina Carneiro de Moura, Maria Evelina Faria e Maia de Aguiar Bustorff, Maria Mendonça. Caixa 7- Ferreira de Castro, Maria do Carmo Amaral Ferreira Azancot, Cesina Bermudes. Caixa 14- Maria Almira Medina. Há ainda diversa documentação sobre o encerramento do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* (Caixa 27) e de familiares como filhas, netas(os), assim como das(os) primas(os): Caixa 11- Alice Vieira, Rui Manuel Namorado Rosa e Luís Vassalo Rosa, irmãos e filhos de Maria Lúcia Vassalo Namorado que também ali tem 19 cartas e do marido desta, Joaquim Silva Rosa que tem 11 documentos.

As cartas que analisamos também começam, muitas vezes, por “(...) resolver problemas ou negócios pendentes e depois acabam em amena conversa (...)” (Hall, In Galvão e Gotlib, org. 2000. p. 73) como é vulgar neste “(...) espaço de uma subjectividade aparentemente banal e fútil(...)” (Riaudel, In Galvão e Gotlib, org. 2000. p. 96).

As cartas de Maria Lamas dão-nos “(...) uma sensibilidade e um olhar agudo para o ser humano(...)” (Amaral, In Galvão e Gotlib, org. 2000. p. 28) porque “(...) a carta é por excelência o lugar dessa retórica do desvio(...)em que se trata de seduzir, deixando acreditar que quem escreve poderia estar-se esquecendo de si mesmo e voltando-se todo para o outro(...)” (Riaudel, In Galvão e Gotlib, org. 2000. p. 99).

Todas as cartas que Maria Lamas que escreve sobre o namoro, o quotidiano de trabalho e familiar, assim como sobre o casamento, a menopausa ou o divórcio da prima são disso exemplos perfeitos: do equilíbrio entre o que de si diz e o que de Maria Lúcia Vassalo Namorado pensa e nos revela.

As cartas, ao revelar a natureza de uma relação entre quem escreve e quem recebe, permitem certos comentários que “(...) levados por uma emoção traiçoeira (...)” (Mindlin, In Galvão e Gotlib, org. 2000. p. 37) nos dão conta de que nem sempre o ambiente de concórdia é a regra. Veja-se o tom ‘seco’ da carta que Maria Lamas envia á prima quando esta, supomos nós, mandou fazer um folheto para publicitar a sua futura revista, trabalhando ainda para *Modas & Bordados*. Outras vezes são esses mesmos comentários ‘traiçoeiros’ que nos dão pistas para melhor compreendermos a relação existente entre quem escreve. Veja-se o que diz sobre Maria Amélia Teixeira, a directora de *Portugal Feminino* onde conseguira publicar alguma colaboração de Maria Lúcia Vassalo Namorado, como veremos.

Quando Maria Lamas se refere ao quotidiano há dois elementos que nos chamam a atenção: as “(...)empregadas que figuram nas cartas (Amaral, In Galvão e Gotlib, org. 2000. p. 29) e o costume de enviar as cartas por portador(a) ou mandá-las redigir por outrém. Em relação ao primeiro aspecto, é Maria Lamas que pede á prima que dê “(...) lembranças á tua empregada, que sempre foi tão gentil para mim(...)” (Carta de 7 de Ago. 1955), quando escreve a primeira carta da Madeira, para onde havia ido compulsivamente.

Muitas cartas são enviadas através de portador ou são mesmo enviadas para uma pessoa que pede a outra que as faça chegar ao seu destino. Este último caso acontece com Fernanda Tasso de Figueiredo que, tendo perdido a direcção da filha de Maria Lamas e não sabendo “(...) o número da porta da Maria (...)”pede a Maria Lúcia Vassalo

Namorado que ponha a direcção no envelope que a outra já lhe envia e que depois “(...)a faça seguir pelo correio(...)”(Carta de 26 de Dez. 1951). Por vezes há cartas que são escritas por uma secretária ou empregada, como acontece em *Os Nossos Filhos* o que “(...) Luís António Verney em *Verdadeiro Método de estudar (1746)* não considera deselegante a correspondência enviada por mão de secretário. Tal recurso evidenciava(...)que um indivíduo era “sumamente ocupado”. Redigir com o próprio punho, via de regra, só se observaria na 1ª carta de cerimónia, ou quando se respondesse, com especial atenção, a quem escrevera do mesmo modo (...)” (Miranda, In Galvão e Gotlib, org. 2000. p. 52). Nos casos em que tal aconteceu neste *Espólio* apenas houvera uma única razão: a directora estava em férias.

Há cartas em que a identificação das(os) implicadas(os) se torna impossível pois que “(...) a camuflagem das identidades por trás de iniciais, que, evidentemente, escondem muitas coisas, mantém um mistério(...)que têm como função exacerbar e denunciar a intromissão do leitor (...)” (Riaudel, In Galvão e Gotlib, org. 2000. p. 97) tanto podem ter sido usadas por receio da censura como porque a identificação era tão evidente para a pessoa a quem a carta era destinada que não havia necessidade de mais pormenores.

A primeira carta aqui guardada de Maria Lamas para Maria Lúcia Vassalo Namorado data de 7 de Outubro de 1926 e nela agradece o telegrama de aniversário que a prima lhe teria enviado, dá conta da ida a férias no Luso, durante os dois meses de Agosto e Setembro e é a primeira vez que encontramos uma referência ao futuro ainda incerto quer das próprias filhas quer de Maria Lúcia Vassalo Namorado :”(...) obrigada pelo telegrama de anos; fomos para o Luso em Agosto e Setembro(...) vou trabalhando sempre para ver se consigo educar as minhas filhas de forma a ficarem aptas a ganhar a sua vida com dignidade. E tu que pensas fazer? Com a nova reforma do ensino não precisas fazer o 7º ano, não é assim? Vais para a politécnica? Tenho pena de que não apareças de vez em quando cá por casa(...)” (Caixa 50. Maço 4).

O convite de Maria Lamas, já depois do golpe de 28 de Maio de 1926 contra a 1ª República, mostra-nos como a relação entre ambas ainda não estava cimentada – Maria Lamas, com 33 anos, tem três filhas, Maria Emília ou *Mimi*, Maria Manuela ou *Manecas* e Maria Cândida ou *Bissú*, a mais nova com quatro anos enquanto Maria Lúcia Vassalo Namorado com dezassete anos, está a sair do Liceu. A relação é mais forte entre as filhas de Maria Lamas e Maria Lúcia Vassalo Namorado. Aquelas primas estiveram no Estoril, em férias, quando no ano lectivo 1926/27 a última deixou o Liceu

por doença (Entrevista a Maria Cândida Caeiro. 22 Jan. 2004). A filha mais nova de Maria Lamas vai passar férias, por diversas vezes, a Torres Novas a casa dos pais de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Elas encontram-se com frequência nas férias em Lisboa ou mesmo no Luso, como foi o caso do verão de 1927 /scanner/ anterior àquele em que António de Oliveira Salazar tomou posse como ministro das Finanças, em 27 Abril 1928 (Brito. 1989. p. 50).

Dos anos posteriores a 1927 e, quando é ainda estudante de Belas Artes, em 1929, datam muitas das cartas que Maria Emília escreve a Maria Lúcia Vassalo Namorado /scanner/. Aquela faz também parte do grupo de amigos desta, no Luso, até 1930 quando dá entrada no *Sanatório da Guarda* (Carta de Marimília. Guarda. 22 de Ago. E 27 de Nov. 1930. Caixa 7. Maço 1). É por Maria Emília que sabemos que, no Luso, ocupavam o tempo como os jovens despreocupados daquele tempo: lendo, andando em grupo, fazendo até serenatas e uma delas terá tido como alvo a futura directora de *Os Nossos Filhos* (Carta de Marimília. 19 de Out. 1928. Caixa 7. Maço 1). Quando a filha mais velha de Maria Lamas está doente é também por ela que sabemos que os propósitos do futuro marido de Maria Lúcia Vassalo Namorado são ‘sérios’ mas que esta queixa-se á prima de que ele será “(...) malcriado(...)” (Carta de Marimília. 7 de Nov. Caixa 7. Maço 1).

No mesmo ano em que Maria Lamas fizera o 5º ano no *Liceu Central de Garrett*, em 1923, publicara também já o seu 1º livro de poesia, sob o pseudónimo de *Rosa Silvestre*. Depois de Maria Lúcia Vassalo Namorado abandonar definitivamente os estudos, em 1929 a prima publica *Maria Cotovia*, história infantil e oferece-lhe um exemplar. Nesse mesmo ano, em Abril, é ela que dá uma novidade á prima: “(...) agora só tenho uma criada e estou a trabalhar nas *Modas & Bordados* com assiduidade(...)e ordenado certo(...)” (Carta de 3 de Abril de 1929). Ali ficará até 1947.

Desde 1927 que Maria Lúcia Vassalo Namorado envia versos para Maria Lamas que tudo faz para lhos conseguir publicar, enviando-lhe as publicações onde tal acontece (Carta de 24 Set. 1927. Caixa 50. Maço 4). É o caso do soneto *Riachos* que fora publicado na “(...)página infantil da *Voz* (...)” (Carta de 9 de Out. 1927).

Muitas vezes vai ser Maria Lamas a pedir a Maria Lúcia Vassalo Namorado que lhe envie colaboração, por exemplo, pede-lhe “(...)alguma novela tua mesmo que seja muito grande, não faz mal, publicar-se-ia por duas ou três vezes (...)” (Carta de 14 de Out. 1929). Nesta mesma carta há as primeiras referências à pouca saúde de Maria Lamas que diz estar “(...)cansada e com espírito muito abatido(...)”. Na altura ela estava com

dores num braço sem saber a origem desse mal e um dos médicos onde vai é Salazar de Sousa.

Mas, depois de meados dos anos trinta este pedido muda de direcção: passa a ser Maria Lúcia Vassalo Namorado a pedir para que a prima lhe envie trabalho, como veremos neste capítulo.

Em 1928 Maria Lamas começa a convencer a prima a publicar um livro de versos. Pelo texto, percebe-se que lhe havia sugerido edição de autor porque diz:“(...) O teu pai não se importa, tenho a certeza e acho que vale a pena. Isto com a maior franqueza(...)” (Carta de 27 de Ago. e de 30 de Dez. 1928). Apesar de se queixar de que os seus livros não são publicados tão depressa como ela desejaria, não deixa de incentivar a prima a escrever ao mesmo tempo que constata que “(...)Muito custa a triunfar neste país! (...)” (cf. carta anterior) ou quando escreve:“(...) custa-me porém, não poder concentrar a minha atenção e o meu entusiasmo numa obra séria, mais profunda, dispersando-me por trabalhinhos que nada valem. Mas a vida tem exigências... (...)” (Carta de 10 Out. 1928). Ainda na mesma carta ficamos a saber que Maria Lúcia Vassalo Namorado colabora, em Torres Novas, na iniciativa cultural local intitulada *Hora útil* e que prepara uma conferência sobre Bocage para ali a apresentar. Em 1929, quando a filha mais nova de Maria Lamas estava em Torres Novas a passar férias é a vez de Maria Lamas participar nessas tertúlias, realizando também uma palestra. Na volta para Lisboa, convida Maria Lúcia Vassalo Namorado a vir também (Carta de 3 de Abr. 1929).

Muito frequentes nesta correspondência são as críticas sempre estimulantes, os conselhos, as sugestões sobre o trabalho de Maria Lúcia Vassalo Namorado: para esta, Maria Lamas assume o papel de conselheira que, mais velha e conhecedora do mundo, se permite orientar a pupila no caminho da qualidade e do êxito.

Os pedidos de colaboração, com ou sem assunto específico, estão aqui também sempre presentes como se pode verificar:

Quadro n.º35.: Pedidos de colaboração e sugestões ou comentários profissionais de Maria Lamas para a prima:

O conto que me mandaste e de que muito gostei sai, afinal, no <i>Modas & Bordados</i> , talvez daqui a três semanas. Hás-de mandar-me outro quando puderes, para o <u>Magazine Civilização</u> ou para a <u>Novela para todos</u> . Quero dizer: conto publicar-te, brevemente, contos teus num e noutro, bem como no <u>Magazine Bertrand</u> ..É tempo de pensares no teu livro de versos. Queres que te saiba orçamentos?...	Carta de 9 de Jul. 1929
o teu conto "Destinos" de que gosto imenso, dai, afinal, no <i>Modas & Bordados</i> , daqui a 15 dias. Quando	20 de Jul.

sair, envio-te o jornal	1929
a minha prima, agora, não teme escrito nada! O tempo aí passa depressa, em distrações e conversas. Não pensas em publicar um livrinho com os teus versos? Penso que deverias publicá-los. São dignos disso e, mesmo que o não fizesses para <u>os outros</u> , fá-lo-ias por ti e pelas pessoas que te conhecem e admiram. Seria o primeiro passo na tua carreira de escritora (...) digo-te sem lisonja nenhuma, pois acredito firmemente na tua inteligência e nas tuas invulgares faculdades de trabalho. O teu maior inimigo é a tua descrença em ti própria! Sei o que é esse tormento, mas tem a vantagem de não nos deixar envaidecer e supor que valemos mais do que valemos na realidade. Sabes o que precisas? Ler muito(...) coisas boas(...) géneros diferentes, para te orientares e habituares o teu critério a definir-se bem. Deves ler, não só português, isso mais que tudo, mas, também, tudo quanto for possível, da literatura estrangeira, cujas melhores obras estão, pelos menos, traduzidas em francês	25-8-29, domingo ⁴⁵⁴
Quando publicas os teus versos e os teus contos?(...)pedir-te desculpa da gralha que saíu na <u>Fatalidade</u> (...)ver se consigo verba para a colaboração literária(...)Não será muito mas esse pouco lá irá ter(...)estímulo para o teu trabalho que merece muito mais que a publicidade dum semanário feminino(...)A <u>Novela para todos</u> acabou; já várias vezes procurei na <u>Civilização</u> o teu conto mas o Ferreira de Castro não trata desse assunto - <i>Os novos</i> - mas tem em seu poder os originais, que estão no Porto(...)O Campos Monteiro teve a ideia e escolhe os contos recebidos. Gostavas que te fizesse publicar um conto no <u>Magazine Bertrand</u> ? Estão a publicar coisas minhas. Naturalmente aceitarão qualquer outra colaboração que eu lhe leve	2-12-29
estado com muito trabalho por causa dono de Natal do <u>Modas & Bordados</u> (...) o teu conto sai e cá fico esperando o outro, para o <u>Magazine Bertrand</u> . Se quiseres mandar alguns versos, publicá-los-ei com muito prazer. E o teu livro? Já não pensas nisso?	22-12-29
se quiseres mandar alguma coisa, prosa ou verso, para publicar, terei nisso o maior prazer	10-10(30)
manda-me versos e contos sempre que tenhas, sim? Os contos mesmo que sejam grandes, não faz mal. Quero publicar qualquer coisa tua numa revista nova, <u>Portugal Feminino</u> que sai por estes dias, além do que se puder ver no <u>Magazine Bertrand</u> e nas <u>Modas</u>	26-1-30
quero agradecer-te o lindo conto que mandaste e felicitar-te sinceramente porque está muito, muito bem feito, com forma literária interessantíssima e cheia de originalidade. Pensava entregá-lo no <u>Magazine Bertrand</u> mas João Fonseca não estava cá e para não demorar muito a publicação fiquei com ele para <u>Modas & Bordados</u> , saindo já na próxima 4ª feira. Merecia ser publicado noutra revista melhor(...)espero outro e então sairá no <u>Magazine</u> . Já tenho verba para colaboração literária, uma verba muito modesta. 30\$ por um conto(...)muito favor faço a alguns colaboradores mas o teu...está magnífico! Para <u>Portugal Feminino</u> manda uma coisa mais pequenina. Os versos que me mandaste também gosto muito. Vou mandar o soneto para <u>Portugal Feminino</u> . Não queres mandar nada para o <u>Almanaque Bertrand</u> ?	9-3-30
Tens visto os últimos números de <u>Modas & Bordados</u> ? Está agora muito melhor. Vou mudar-lhe o título para <i>Vida Feminina</i> . Se tiveres qualquer coisa, verso ou prosa, gostaria que mandasses para publicar, bem como para o <u>Almanaque Bertrand</u> .	16-12-30
/no início da carta tem ainda/ PS- Porque não mandas qualquer coisa tua para <u>Modas & Bordados</u> , <u>Almanaque Bertrand</u> e <u>Portugal Feminino</u> ?..	9-2-31 e 6-3-(31)
já viste o teu soneto no <u>Almanaque Bertrand</u> ? Quando tiveres algum conto, ou poesia, para <u>Modas & Bordados: Vida feminina</u> , manda, sim?	15-9-31
Cá fico esperando que mandes colaboração para <u>Modas & Bordados</u> . E para o <u>Almanaque Bertrand</u> , não queres. Este ano não trouxe nada teu e tenho pena.	28-10-31
Afinal não chegaste a mandar nada para <u>Modas e Bordados</u> . Já viste o novo formato?	26-2-32
Manda alguma coisa para <u>Modas e Bordados</u> para eu ir publicando, sim? As fotografias que aí fizemos ficaram todas razoáveis. Depois te mando provas.	28-6-32

⁴⁵⁴ A filha mais velha de Maria Lamas estava a passar férias com Maria Lúcia Vassalo Namorado no Luso.

<p>Como te disse, podes mandar qualquer coisa para Modas & Bordados, porque irei publicando, umas duas vezes por mês, pelo menos. Para começar podias, se isso te interessar, escrever qualquer coisa sobre Penacova, que eu ilustraria o artigo com as fotografias que de lá trouxe. A propósito, parece que nunca te mandei. Aqui vão estas provazinhas. Também gostava que me fizesses um artigo sobre o <i>Preventório</i> com as fotografias que te fosse possível alcançar. Além disso, algumas novelas ou artigos sobre qualquer assunto que aches interessante e que esteja na índole da revista. Tu podes fazer coisas bonitas. Por enquanto nada mais te posso oferecer do que um lugar entre as colaboradoras da minha modesta revista, com a insignificante remuneração de 30\$00 por artigo. Mas... atrás de tempo tempo vem e podes ter a certeza de que acabará por aparecer a oportunidade de brilhares como mereces. Não são palavras de amiga, são a minha sincera convicção. Olha, eu no teu caso, logo que pudesse, faria um volumezinho com os teus versos - alguns bem lindos e todos tão bons, ou melhores, do que muitos que têm sido publicados com grande fama. Se estivéssemos mais perto, que bom seria convivermos muito e trocarmos impressões que só enriqueceriam o nosso espírito, tornando-nos a vida mais agradável e interessante. ...gostava imenso de dispor de 1 semana, ao menos, para aí passar convosco</p>	<p>8-9-32</p>
<p>Envio junto 60\$00 relativos aos dois artigos publicados em Outubro. Não é preciso mandares recibo selado: basta dizer: recebi de <i>Modas & Bordados</i>, etc. (...) Tenho gostado muito das coisas que tens mandado. Olha, não vale a pena mandares artigos tão grandes como <i>As Amendoeiras em Flor</i> porque pagam o mesmo...Quando puderes, não te esqueças de falar no <i>Preventório</i>, se for possível, com fotografias</p>	<p>3-10-32</p>
<p>Quero pedir-te muita desculpa de não ter publicado ainda o conto e o artigo que cá tenho, teus. Coisas de jornais... <i>As Amendoeiras em Flor</i> já estão ilustradas e compostas. Por sinal que acho lindo! Como porém, é bastante longo, ocupando, pelo menos, duas páginas, não consegui ainda publicá-lo, visto terem-me recomendado que não faça continuações de uns números para outros. Tenho bastantes aborrecimentos por estas coisas e outras parecidas, mas, que hei-de fazer? Espero publicar, ainda, alguma coisa tua este mês, mas, se não puder ser, sairão duas em Janeiro, com certeza. Não penses que é má vontade minha, ou falta de interesse. Tenho, sim, que atender mil pedidos e indicações, que são, quase sempre, ordens disfarçadas, não podendo, por isso, fazer o que entendo e desejo. Nem tu imaginas como tudo isto me contraria!...) Não estejas zangada comigo, por causa do meu silêncio, nem duvides, nunca, da minha profunda estima</p>	<p>21-12-32</p>
<p>Junto importância de 30\$ pelo artigo que saiu em Dezembro. <i>Amendoeiras em Flor</i>, que é tão lindo, tão lindo, está composto, tem gravura feita, mas, como é bastante longo, tenho que esperar para lhe poder dar publicação o que espero seja ainda este mês. Se tiveres disposição para isso, vai sempre mandando coisas, pois publicá-las-hei sempre que possa. Os teus artigos são sempre muito interessantes e inteligentes. Estás a escrever muito bem (...)"</p>	<p>12-1-33</p>
<p>Este mês tens 2 artigos a receber: <i>Raparigas modernas</i> e <i>Amendoeiras em Flor</i>. Sabes? Para poder publicar este lindo conto tive que lhe cortar uns períodos, para caber em duas p. Foi pena porque todas as descrições estão muito bem feitas, mas parece-me que não ficou prejudicado, porque eu procurei suprimir o que menos falta fazia para a compreensão da ideia geral. Como a gravura que o Rocha Vieira fez ficou muito bonita, vou mandar-te também o respectivo original, porque me parece que gostarás de ficar com ele. Vai sempre mandando qualquer coisa, sim? Ainda cá tenho o artigo sobre o <i>Convento do Lorvão</i>....não avalies pela brevidade das minhas cartas o muito que penso em ti e o bem que te quero</p>	<p>21-2-33</p>
<p>Estou envergonhada com a demora na publicação dos teus artigos. A página com o artigo sobre o <i>Preventório</i> já está pronta, composta e revista, mas só poderá sair no dia 12 de Julho. A falta de espaço é um tormento! Tenho originais entregues há mais dum ano! Não penses que me esqueço de ti ou não te aprecio devidamente. Olha sabes uma coisa que eu publicava imediatamente? Aquelas indicações tão úteis que costumavam sair no <i>Notícias de Penacova</i> com este título: <u>Querem saber?</u> Se me puderes mandar essa colecção de conselhos- todos os que saíram e outros que tenhas- será ótimo. Calcularei, pouco mais ou menos o espaço ocupado por um artigo dos teus, recebendo também a mesma importância(...) Independente é claro, de coisas literárias que vás escrevendo e que eu procurarei publicar o mais depressa possível.</p>	<p>29-6-33</p>

<p>Junto a quantia de 60\$ relativa ao artigo sobre o <u>Preventório</u> e a uma das séries de receitas <u>Quer saber?</u>. No mês de Agosto será publicada a outra. Logo que possa escreverei mais.</p>	<p>1-8-33</p>
<p>recebi a tua cartinha e os dois artigos que estão muito bem! É assim mesmo que eu quero. Quanto às gravuras não te incomodes a colá-las ou recortá-las. Podes mandá-las soltas, numerá-las e as legendas num papel áparte, com a numeração correspondente. Eu lhes darei, depois, a disposição que me convier melhor para o arranjo da p. No dia 27 sai o primeiro artigo e depois, espero poder publicar regularmente, em cada número, a tua colaboração. Vou mandar-te mais gravuras. Quando tiveres assunto para qualquer artigo ou comentário de interesse especialmente feminino, aproveita, também. E sempre que possas, vai fazendo a propaganda de <u>Modas e Bordados</u>, sim?</p>	<p>15-9-33</p>
<p>Junto a importância de 120\$ relativa a quatro artigos publicados em Outubro. Tenho agora estes 4 que mandaste, mais uma porção de receitas atrasadas e as que mandaste agora. Além do artiguinho <i>Primavera</i>, que sairá a seu tempo, e o outro sobre o <i>Lorvão</i>, que publicarei com muito gosto na primeira oportunidade. Não é isto? Ainda bem que estás bem disposta e vais escrevendo. Tens todas as qualidades para triunfar. Não desanimes. Vou tratar dos tapetes e dos outros trabalhos, que também me interessam muito. Peço-te que mandes todos os meses um recibo assinado, sobre um selo, dizendo pouco mais ou menos: Recebi dos Escritórios de <i>Modas & Bordados</i> a quantia de...pela minha colaboração no mês de... (...) É melhor deixar a quantia em branco, que eu a preencheri conforme o numero de artigos publicados. Põe um selo correspondente a 120\$ que é pouco mais ou menos a importância que receberás por mês.</p>	<p>2-11-33</p>
<p>Manda sempre colaboração porque é muito conforme com o que eu desejo para <i>Modas & Bordados</i>. Mesmo de vez em quando podes mandar qualquer coisa literária</p>	<p>6-10-34</p>
<p>Vou mandar amanhã pela Joanhinha, a importância da tua colaboração - 120\$- para ela entregar à tua mãe. Mando-te hoje uma porção de gravuras e brevemente mando mais. Peço-te que mandes sempre a prosa correspondente a duas páginas de gravuras- de um lado e outro- para poder aproveitar todas. Assim, não debes recortá-las mas simplesmente numerá-las, que eu as mandarei fazer sem ser preciso inutilizar nenhuma, compreendes? Refiro-me a estas. Os teus artigos são sempre muito bem escritos, cheios de interesse e bom senso. Não publico mais porque nem sempre posso... Isto é uma engrenagem muito complicada. Os semanários que vão aparecendo pagam ainda pior do que aqui e, na maioria dos casos... não pagam. A luta e a concorrência no meio literário é desanimadora. Todos escrevem e quase todos escrevem... mal. Isso é que é o mais grave. O teu artiguinho sobre puericultura vinha ótimo. Foste a única pessoa, até hoje, que viu o caso como deve ser. Desculpa eu ter acrescentado aquela frase relativa à Emília Sousa Costa, mas ela já tinha abordado o assunto no <u>Fradique</u>, embora não tivesse visto, como tu, o caso das que não vão ao liceu, nem, muitas vezes, à escola primária, e se não te referisses a isso, ela ficava zangada, tanto mais que eu tinha já conhecimento do artigo dela, bastante infeliz, aliás. Vou tentar lançar, aqui pelo <i>Século</i>, uma revista exclusivamente destinada às raparigas, dos 12 aos 18 anos. Conto contigo como <i>colaboradora efectiva</i>, com ordenado certo, independente do que escreveres para <i>Modas & Bordados</i> é claro. Oxalá o meu projecto seja aprovado. Entretanto, sempre que um assunto te desperte interesse, escreve qualquer coisa e manda. E se tiveres qualquer ideia, para qualquer secção aqui nas <i>Modas</i>, diz. Escreve de vez em quando uma novelazinha, mas não muito longa. Assim, com assuntos diferentes, sempre é mais fácil ir publicando sempre colaboração tua.</p>	<p>30-5-35</p>
<p>Desculpa a tua colaboração ter saído irregularmente. É sempre um problema complicadíssimo, para mim, a questão das colaborações. Causa-me mais (sic) do que o próprio trabalho. No entanto, creio que vou agora poder orientar as coisas mais conforme o meu critério. Veremos! As tuas <i>Cartas de Coimbra</i> sairão uma vez por mês. Em Dezembro, porém, sairão duas, para que não percam oportunidade as que já mandaste. Interessam-me muito. Gosto muito como tratas os assuntos da <i>Nossa Casa</i>. Ainda lá tens mais gravuras? Desejo publicar essa secção em todos os números. Mando-te mais gravuras. Vou publicar os versos, de vez em quando e a <i>História vulgar</i>. Podes ter a certeza de que o meu empenho seria publicar tudo o mais depressa possível. Mas... Também vou publicar o artigo <i>Pela Paz</i>. Manda-me a colecção de versos que tens e que espero com ansiedade. Olha que eu <i>acredito firmemente</i> em ti, no teu valor literário, na tua personalidade muito bela, exactamente pela claridade moral que erradia, nesta hora de</p>	<p>30-11-35</p>

<p>artifícios e atitudes mórbidas. A partir de janeiro, a novelas, artigos literários e <i>Cartas de Coimbra</i>- nunca menos de uma página- serão pagas a 50\$. As outras secções continuam a ser pagas a 30\$. Manda sempre <i>Quer saber?</i> e <i>A propósito</i>.... Nesta última secção, aquele artigo que se refere à correspondência entre a música e certas expressões humanas, é difícil de publicar, embora muito interessante por causa de ter uma grande parte musical. Em todo o caso, vou ver. Sobre o tapete de Arraiolos cujo desenho reconstituiste, gostava muito de publicar a 4ª parte do desenho, mas isso vai dar-te tanto trabalho que chego a ter remorsos... É preciso quadricular o papel a tinta da China. Estás a ver o trabalho que dá! Sobre isso é que era bom conversar-mos(sic). Talvez se arranjasse uma solução. Assim, por carta, é difícil. (...) artigo sobre <i>Lorvão</i>, que não chegou a ser publicado. Se achares que ainda está bem este, que devolvo para leres, muito bem. Querendo dar-lhe qualquer nota mais actual, arranja como entenderes e volta a enviá-lo. Poderias, talvez, fazer referência aos tapetes que lá foste descobrir... em farrapos. Que achas? Manda sempre, em cada mês, um recibo com o espaço da quantia em branco e assinado sobre um selo de 20\$ com estes dizeres:</p> <p>Recebi da <i>Sociedade Nacional de Tipografia</i> a quantia de....pela minha colaboração literária em <i>Modas & Bordados</i> durante o mês de....Assinatura Lisboa, - data do mês a que se refere deves pôr, por exemplo, dia 25 porque a folha é sempre feita antes do fim do mês- Tenho arranjado as coisas sem o recibo mas não posso nem devo fazê-lo. Esta ideia da tua mãe mandar cá receber é muito boa porque se evitam complicações e andam as contas em dia.</p> <p><u>Agora uma novidade!</u> Deve aparecer em Janeiro, editada pelo <i>Século</i> e dirigida por mim, uma revistazinha para raparigas dos 12 aos 18 anos, intitulada <i>Joaninha</i>. Formato: Cinéfilo- 20 páginas- capa a duas cores- preço 1\$00. Foi uma luta para conseguir realizar esta ideia. Estou muito entusiasmada e espero que será alguma coisa interessante e nova! Deus me ilumine e guarde! Gostava tanto de acertar! Pois bem: peço-te a tua colaboração efectiva. Deixo à tua inteligência e à tua sensibilidade a escolha dos assuntos: novelas- versos- artigos muito leves- tendo em vista dar às raparigas uma noção optimista, bela, saudável e equilibrada da vida. Compreendes? Por agora, essa colaboração será paga a 30\$ mas cada artigo ou conto não deve ser grande. Mandas os primeiros e logo vês. A revista é semanal. Manda-me a colaboração para o 1º número o mais depressa que puderes!</p>	
<p>A tua colaboração é sempre muito boa. Gosto muito da maneira como trata os próprios assuntos práticos. Vou ver se arranjo mais gravuras para te mandar. Aquele artigo das <i>Aves migrantes</i> não foi publicado na devida altura porque as gravuras não davam reprodução capaz. Vou mandar procurar outras adequadas e sairá então. Tens agora a receber colaboração de Dezembro e Janeiro, visto que só mandei à tua mãe as importâncias até fim de Novembro. Manda sempre o que quiseres, pois confio absolutamente no teu critério. <i>Modas & Bordados</i> tem uma expansão cada vez maior e passa, agora, a publicar-se com 24 p., o que me dá margem a publicar mais secções, como tanto desejo. E coisas literárias não tens escrito nada?</p>	1935
<p>recebi o desenho do tapete que chego (sic) muito bem, nada amarrotado. É lindo e está perfeitíssimo! Parabéns. Vou fazer um grande reclame em <i>Modas & Bordados</i> e no <i>Século</i>. Publico a 1ª parte no dia 4 de Março. Preciso que mandes <u>coisas para a Joaninha</u>. <i>A Joaninha na província</i>, por exemplo. Alegria, bom senso, optimismo e coisas úteis, tudo o que tu sabes. (...) Logo que publique o tapete devolverei o desenho, pelo qual receberás 200\$; achas bem? Eu sei que é pouco mas não tenho verba para mais.</p>	19-2-36
<p>Manda qualquer coisa para a <i>Joaninha</i>. Os teus versos- muito bonitos!- também vão ser publicados, mas queria, além disso, qualquer coisa em prosa, pois tenho a certeza que saberás encontrar uma forma interessante, sob todos os aspectos, para te dirigires às raparigas. (...)Manda os tais desenhos bonitos...Deves escrever o teu recibo com a mesma formula mas com a quantia por extenso, neste impresso, nas linhas que levam um traço e mandar até ao dia 29.</p>	6-3-36
<p>Tenho recebido a tua colaboração e os dois desenhos de tapeçarias que enviaste são muito bonitos. Vou mandar-te <u>vários interiores</u>, par aproveitares para artigos- género que agrada muito. Entreguei hoje ao teu Pai 100\$ de três artigos - <i>Joaninha na província</i>- já publicados. Estão agora em atraso uns três, creio eu, publicados em <i>Modas & Bordados</i>, que serão pagos com a colaboração deste mês. Quem me dera a mim, ter-te cá mais pertinho! Serias um óptimo auxiliar para mim, pois bem preciso de colaboradoras</p>	2-6-36

sensatas e conscienciosas. Gosto muito das coisas que tu escreves.	
tenho <u>muita urgência</u> ⁴⁵⁵ no romance que há-de seguir ao relicário ⁴⁵⁶ . Manda já o título e o que estiver feito, sim? Manda também com o nome que usares no livro. Manda a <u>Joaninha na província</u> e qualquer coisa como: <u>Conselhos às raparigas</u> , sim? Manda uma poesia para o <u>Almanaque Bertrand</u> , depressa.	7-5-37
recebi os dois primeiros originais que mandaste da <u>História da Joaninha</u> , <u>mas como eles compõem tudo a seguir, não pude iniciar já a sua publicação</u> . Tive que arranjar, à pressa, uma <u>adaptação, que será publicada em poucos nos</u> , e a seguir irá a tua <u>História da Joaninha</u> . A propósito: manda de vez em quando a Joaninha na Província, porque as pequenas perguntam muito por ela.	21-5-37
quando aqui vens observas bem como tenho o tempo todo tomado com afazeres constantes e inadiáveis...agravados com a preparação das festas que <u>Modas & Bordados</u> , por motivo das suas bodas de prata, vem realizando. Interessam-me muito os artigos sobre o Ribatejo, as <u>ceifas</u> e a <u>Mocidade Portuguesa</u> . Não deixes de me comunicar todas as ideias que tiveres e julgares interessantes para a nossa revista e de realizar tudo o que puderes. Tenho sempre o maior interesse na tua colaboração.	28-5-38
tua carta verifiquei que ao fazer-se a conta para a contabilidade, indiquei menos 30\$ do que deveria ser (...) como já estava entregue, não foi possível fazer-se rectificação...paciência em só receberes essa diferença no fim do mês corrente	1-6-38
só agora responder à tua carta e acusar recepção das fotografias e legendas para <u>O Poema da Lezíria</u> . Achas bem assim? As fotografias estão maravilhosas e creio que faremos um número muito bonito. A que veio para a capa é que é, talvez, pequena demais. Vamos a ver se dá ampliação capaz. Tens cá a receber a importância da tua colaboração em Agosto- 280\$. (...) Vou agora ver se consigo fazer isso rapidamente. Acho que deves descansar uns dias com o teu marido. Isso far-te-á bem e é absolutamente justo, porque tu trabalhas como poucas mulheres. Se não puderes vir agora a Lisboa, não faz mal. Virás para o mês que vem. O que eu gostava era de ter o original a tempo para não interromper as páginas que estão a despertar interesse. Como o artiguinho: <u>Quando o noivado já lá vai...</u> não coube na página, publiquei-o à parte, mas eu quero sempre qualquer coisa naquele género para a página, embora ponha menos gravuras. Qualquer ideia que tenhas vai dizendo	6-9-38
Duas linhas apenas para te dizer que me mandes com a maior <u>urgência</u> , tudo que tiveres pronto para a <u>Agenda</u>	23-9-38
Como até às 16 horas não tivesse recebido e original para a <u>Agenda</u> ,, mandei telegrama, que fica sem efeito visto	27-9-38
Ainda sobre a <u>Agenda</u> , manda-me algumas receitas de beleza, etc. mesmo 10 ou 20 que sejam, o mais breve possível, e vai, depois, mandando mais a pouco e pouco.	28-9-38
como ontem te comuniquei já recebi o original para a <u>Agenda</u> . Está muito bem assim. A ordem da culinária será absolutamente como fizeste. Muito bem igualmente a jardinagem e tudo o mais. Quero agora pedir-te que me mandes, muito depressa, algumas receitas de beleza e mais qualquer coisa que tenhas, porque as primeiras folhas da agenda já estão a imprimir e devem ficar todas impressas até ao fim do mês de Outubro sem falta. Resolveram apressar o trabalho para ser posto à venda antes do fim do ano. O mês de janeiro já está organizado. Digo-te isto para contares só com os 11 meses restantes. Tens razão. Falta-te receber 30\$ do mês passado. Já providenciei para serem incluídos na folha deste mês. São falhas da D. V(itória) Que já está bastante cansada e esquecida. No original para a <u>Escola de donas de casa</u> mandaste, repetido, o mesmo artiguinho <u>Vai comprar mobília</u> que já saiu este mês. Lembras-te? Agradecia-te se pudesses mandar outro, em substituição logo que possas .Falta também, como já disseste, um artigo para a <u>Joaninha</u> (...). O <u>Poema da Lezíria</u> sairá em Outubro, sem falta. Creio que gostarás. Vai mandando dizer a impressão acerca das tuas páginas.	28-9-38

⁴⁵⁵ Duplo sublinhado no original.

⁴⁵⁶ A biografia de Maria Lamas apresenta a informação de que em 1936 ela terá escrito um romance em folhetim - O Relicário Perdido - saindo em Joaninha. Pela leitura desta carta cremos que a autoria de tal romance será de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

Recebi a tua carta e igualmente os originais estão muito bem...Não imaginas como aprecio a tua colaboração e quanto ela me satisfaz O teu critério é admirável, e crê que te estou muito grata por tudo...O original que tens enviado para a <i>Agenda</i> tem sido óptimo. Gomo já tenha agora bastante para organizar os primeiros meses não tens que te apressar a mandar por agora mais; na tua próxima vinda aqui trocaremos impressões detalhadas sobre este assunto. Original para <i>Joaninha</i> , não te preocupes, pois irás fazendo conforme puderes. O original da <i>pagina das creanças</i> foi insuficiente como verás pela publicação	6-10-38
Peço-te para me enviases mais receitas de utilidades caseiras e outros originais sobre elegância, praxes, boas maneiras, etc. , para a <i>Agenda do Lar</i> . Esperando que satisfaças o meu pedido	25-10-38
recebido todo o original que tens mandado, o que muito te agradeço. Espero-te com muito prazer no fim do mês, e então conversaremos largamente. Junto a esta segue uma carta é o extracto de outra. Para fazeres o favor de me dares os elementos necessários para informar devidamente estas duas leitoras de <i>Modas & Bordados</i>	23-10-39
Penaliza-me muito saber-te doente (...) Para a <i>Agenda</i> já pouco original é preciso. Necessitamos ainda, mas pouco, principalmente de assuntos destinados à parte inferior da folha, ou seja, os que são compostos quase a toda a largura da página	25-10-39
Tenho em meu poder o original que mandaste , e que julgo chegar. Se faltar qualquer pequena coisa ,eu comporei. Também recebi as duas respostas para leitoras e aproveito a oportunidade para te mandar uma carta que me parece interessante para a secção <i>Donas de casa</i> . Terei muita alegria em te ver aqui ; porém, que se não te for possível, não venhas	30-10-39
Junto a esta encontrarás uma carta de serviço, carta esta que te peço a fineza de ma devolveres com a resposta devida pois faz parte do nosso arquivo	22-11-39
Pelo correio de ontem seguiu registado o vale da importância da tua colaboração, correspondente ao mês de Novembro findo...Próxima segunda-feira Penso que poderei escrever-te e enviar também dinheiro da <i>Agenda</i> . Junto a esta segue um postal, agradecendo desde já a resposta...espero também resposta à carta de uma <i>consulente que te entreguei aqui, mas quando puderes</i> ⁴⁵⁷ . Quando tiveres, quaisquer originais vai sempre mandando, sem a preocupação de teres de vir aqui por esse motivo.	8-12-39
envergonhadíssima por causa da minha demora em escrever...não penses que se trata de menos amizade(sic) ou desinteresse (...) recebi tuas cartas e colaboração para Fevereiro. Estou desejando que venhas para conversarmos e trocarmos impressões sobre vários assuntos.. Quanto à importância da colaboração de Dezembro quero ver se ta mando amanhã. Houve uma confusão quando passaram a folha a limpo e não incluíram o teu nome. Tudo se arranjará porém. Ou agora ou no fim do mês receberás o atrasado	23-1-40
Estou com precisão, já, de mais serviço para a <i>Agenda</i> ⁴⁵⁸ (...) não deixes de mo mandar com urgência ou de o trazeres na quinta feira se, como espero, vieres aqui	17-9-40
venho prevenir-te que afinal só pagam dia 10 sem falta. Preocupa-me imenso a ideia de que este dinheiro possa fazer-te falta para despesas urgentes. Se assim for, diz, para eu ver o que se pode arranjar- mesmo que não seja tudo, uma parte. Se puderes esperar, ficará o assunto liquidado no dia 10.	6-12-40

⁴⁵⁷ Texto itálico está manuscrito.

⁴⁵⁸ A consulta da *Agenda do Lar* só foi possível para os números de 1942 e 1943 porque não conseguimos os outros na Hemeroteca de Lisboa. No número de 14 de Setembro de 1942 há uma notícia sobre Tapetes de Arraiolos; em 10 de Nov. de 1942, sob a designação *Os Nossos Filhos*, há artigos sobre *Boa educação infantil*, *Boas donas de casa*, *Os Homens não gostam...* e anúncios ao *Breviário da Dona de casa*, da autoria da *Baronesa X*, ao *Guia das Mães* de Branca Rumina e a *A Lei em que vivemos*, de Elina Guimarães. No número de 1943 há também uma rubrica de *Conselhos às mães*, *Deveres da esposa*, *A Missão social da mulher* (11 de Nov.) e *Educação infantil* (20 de Jun.) que não sabemos se terão sido colaboração de Maria Lúcia Vassalo Namorado mas tudo leva a crer que esse seja o caso.

.A leitura deste (extenso) quadro resumo permite-nos compreender o papel que Maria Lamas desempenhou na vida profissional da prima. De uns primeiros versos despreocupados que lhe vai pedindo, passa nos anos 30 a uma insistência contínua. Os elogios constantes á forma da sua escrita ou a análise panegírica que faz dos conteúdos do que lhe é enviado para publicação mostram como Maria Lamas apreciava o trabalho da prima. Mais, é ela que sugere os artigos, os temas, como é o caso do que pede sobre a *Queima das Fitas* em Coimbra, do artigo sobre o *Preventório de Penacova* ou ainda sobre as *ceifas* e a *Mocidade Portuguesa*, dando apenas ligeiras indicações de conteúdo pois confia plenamente nas qualidades de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

Ao mesmo tempo que lhe é solicitada esta colaboração na imprensa, quase sempre com uma intermediária, a da prima Maria Lamas, as cartas dão-nos também a evolução de um outro aspecto da vida de Maria Lúcia Vassalo Namorado: a sua vida privada vai sofrer profunda modificação depois de Março de 1932. O percurso que ela vai fazer nesses anos, assim como o de Maria Lamas e os das filhas, do ponto de vista afectivo e social, é analisado também a partir dessa correspondência. Antes, veremos a forma como o quotidiano destas duas mulheres da classe média se vê reflectido naquilo que sobre ele escreveram.

Do quotidiano de Maria Lamas sabemos-lo preenchido com o trabalho de que não pode prescindir para viver, assim como das preocupações com as filhas como as viagens que tem de fazer para ver a Maria Emília no sanatório (Carta de 19 de Jul. 1930) dos passeios e férias ou amizades que tem. Vai a uma festa que se realizara em casa do Dr. Alberto Bramão, em 3 de Abril desse ano de 1929, ao Estoril “(...)assistir ao *match* de esgrima(...)” (Carta de 6 de Jun. 1929), agradou-lhe a “(...)peça do Tomaz Colaço, "Duas Chamas" que tem muita espiritualidade e beleza literária(...)” (Carta de 28 de Out. 1931) e passa férias em Cascais onde se demora até ao fim de Outubro(Carta de 22 de Out. 1930), ou em Galamares, (Cartas de 3 de Jul. e 30 de Ago. 1940) de onde vem para Lisboa, diariamente, para trabalhar. Ali encontrara, já no ano anterior, a amiga da prima Maria Emília Castro, (Carta de 18 de Ago. 1939) futura reitora de um liceu de Lisboa. De férias no Alto Minho, em Friestas também fala assim como da sua ida a Tuy e Vigo (Carta de 22 de Maio 1932), sendo esta última viagem feita sem a companhia das filhas que diz estarem bem em Lisboa. No verão, também aluga casa em S. João do Estoril para onde convida a prima para “(...) casa é pequenina mas chega para todos, tanto mais que a Bissú talvez vá passar um mês a Torres Novas, com a Aurora...a tua vinda me encheria de prazer. A casa fica perto da estação: *Vivenda Lídia* ao princípio da

Estrada da Galiza(...)” (Carta de 30 de Maio de 1935). Também faz visitas a amigas ou familiares como será o caso dos pais de Maria Lúcia Vassalo Namorado quando estes se instalam em Lisboa (Carta de 29 de Jun. 1933).

Fala das amigas ou conhecidas com mais ou menos inconfidências e apreciações positivas e negativas como quando refere que :”(...) A Lagarim usa agora uns respeitáveis óculos de aros de tartaruga (...)” (Carta de 6 de Jun. 1929), ou “(...)Quanto à Maria Amélia Teixeira, um dia conversaremos. É boa criatura, mas é perfeitamente desequilibrada e duma vaidade que excede todos os limites(...)” (Carta de 6 de Fev. 1932). Também refere os amigos que aprecia. As referências da amizade de Maria Lamas a Ferreira de Castro são sempre positivas : ”(...) tem-me animado muito. É um belíssimo rapaz, bom camarada e sempre pronto a ser útil aos outros (...)um pouco tímido, com pouca prática de sociedade, mas um bom rapaz(...)” (Carta de 30 Dez. 1928). É a ele, como vimos, que Maria Lúcia Vassalo Namorado pedirá um parecer sobre o livro – *Negro e cor de rosa* - que virá a publicar em 1937.

Ao longo da longa correspondência referir-se-á ainda a outras amizades como “(...) fiquei muito satisfeita por saber que a Maria Cesarina de Castro é tua colaboradora. Além de excelente pessoa e um carácter íntegro, ela é inteligente e dotada de grandes qualidades literárias. Será uma colaboradora leal e útil, tenho a certeza. (...)” (Carta de 20 de Set. 1946). Quando anos depois está em Évora, Maria Lamas volta a referir-se-lhe:”(...) tive, ontem, o prazer de receber a visita do marido da Cesarina, que passou por aqui. Deu-me alegria saber da Cesarina e verificar que não se esqueceu de mim. Ele disse-me que talvez viessem cá antes de eu partir. (...)” (Carta de 20 de Maio 1951). Da Madeira, ainda pedirá a Maria Lúcia Vassalo Namorado para: “(...) Se vires a Maria Cesarina, dá-lhe um abraço e diz-lhe que me lembro sempre dela e da família(...)” (Carta de 7 de Ago. 1955). Refere ainda Maria Mendonça, directora do *Eco do Funchal* que, quando Maria Lamas se encontra na Madeira a apoia, sendo “(...) verdadeiramente incansável em me proporcionar tudo quanto possa tornar menos fatigante e difícil a minha tarefa(...)” (Carta de 7 de Ago. 1955) e ainda “(...) se vires a Manuela de Azevedo dá-lhe o mais carinho (sic) abraço meu, com o meu grande apreço de sempre (...) e um abraço sincero para a Maria Isabel(...)” (Carta de 24 de Out. 1958).

Destas indicações temos ainda o agradecimento, embora mais de quinze dias depois, da “(...) bondade que tiveste de vir visitar-me no passado dia 6 e o vasinho de avencas(...)” que a prima lhe tinha levado como presente de aniversário (Carta de 20 de Out. 1946).

Sobre o quotidiano feminino há uma outra questão que vai ser enormemente abordada

em *Os Nossos Filhos* e que é uma constante nas cartas de Maria Lamas, ou seja, onde deixar as filhas enquanto as mães trabalham? Pelas cartas que escreve, vê-se que as deixa com a criada, solução aliás considerada errada por Maria Lúcia Vassalo Namorado, como vimos e nas férias aproveita para as mandar com a Aurora, uma das irmãs de Maria Lamas para Torres Novas, para a praia com a “(...) Fernanda e o Manuel⁴⁵⁹(...)” (Carta de 9 de Jul. 1929), ou para casa de Maria Lúcia Vassalo Namorado, como aconteceu com a Manuela ou, como acontece com Bissú, passar as férias no *Sanatório* do Caramulo com a irmã porque “(...)está muito fraquinha⁴⁶⁰(...)” (Carta de 1 de Ago. 1933) depois de ter feito “(...) exame com distinção(...)”. Neste mês, Maria Lamas diz: “(...) eu agora estou de licença durante o mês de Agosto(...)” (Carta de 1 de Ago. 1933). Do ponto de vista pedagógico esta atitude será também condenada por Maria Lúcia Vassalo Namorado, mais tarde nas páginas da sua revista porque ela considera que, as férias das crianças, se juntas com os pais, são um ótimo espaço para que entre eles se fortaleçam as relações de camaradagem, se ensinem novas coisas às crianças e se viva sem tantas preocupações como durante o ano lectivo.

A vida escolar das outras filhas também a preocupa, como é natural: os exames da *Mimi* (Carta de 9 de Jul. 1929) assim como a orientação a dar aos estudos que ela deva seguir são referidos na correspondência e são considerados obrigação e dever de uma mãe:“(...) mas quero estar ao leme para orientar a cultura que convém ao seu espírito. Por agora, no entanto, é cedo para tudo o que não seja adquirir conhecimentos de Arte, teóricas e práticas. A literatura fica para mais tarde...(..)” (Carta de 25 de Ago. 1929, domingo). A Manuela ajuda a mãe “(...)sai pouco e já ganha dinheiro fazendo amostras de crochet para *Modas & Bordados*...A *Mimi* trabalha demais(...)passa os dias na escola e há noite estuda e dá lições para fazer o 7º ano de Letras(...)” (carta de 2 de Dez. 1929). Apesar destas referências, a correspondência de Maria Lamas para a prima é bem deficitária sobre as questões que se ligam á educação das filhas.

Uma das grandes preocupações de Maria Lamas foi sempre a saúde/doenças das filhas. Dela dá conta detalhada nas cartas (Carta de 10 de Out. [1930]) que escreve a Maria Lúcia Vassalo Namorado. Mais tarde será também a vez de incluir a(os) neta(os) nesta relação de doenças que são referência permanente em todas as cartas, sejam as da sua família sejam as dos familiares ou a da própria Maria Lúcia Vassalo Namorado. Os

⁴⁵⁹ A cunhada e o irmão de Maria Lamas e último governador da Índia em 1961, general Vassalo e Silva.

⁴⁶⁰ Os diminutivos eram muito utilizados mas, como vimos já aquando da hipótese de expansão de *Os Nossos Filhos* para o Brasil, essa característica de certa imprensa feminina não era ali apreciada.

seus problemas também não ficam á margem deste relato. Em 1929 tem “(...)dores horríveis (...) no braço /direito/(...)” e leva “(...)injecções de leite e vários tratamentos eléctricos, fricções(...) e emagrecimento que isso me tem provocado(...)médico diz que pode ser uma artrite, reumatismo deformante ou um tumor frio(...)” (Carta de 9 de Jul. 1929). As opiniões dos diversos médicos a quem recorre são comunicadas nas cartas:“(...) Dr. Gentil é da opinião que tenho um tumor no húmero (sic), ou então, uma pereostite(...)”mas ela tenta superar esse problema porque “(...)Minhas filhas ainda precisam tanto de mim(...)as lágrimas, ponho um pouco de rouge e de pó de arroz, e vou às minhas ocupações como se fosse uma pessoa sem dores! Ainda não faltei um só dia ao Século (...)”(Carta de 2 de Dez. 1929). Outras vezes a resistência não é tão grande e desabafa: “(...)Escrevo-te do *Sanatório Sousa Martins* onde vim trazer a Mimi. ...Vamos a ver como a minha querida filha se dá aqui. Já não posso mais com tanta ralação. Estou exausta(...)” (Carta de 19 de Jul. 1930).

O reumatismo da *Mimi* (Carta de 12 de Ago. 1930), o mau estado do coração de Maria Lamas assim como “(...)o estado geral /que/ estão longe de ser bons (...)” (Carta de 16 de Dez. 1930), a “(...) Manuela tem passado muito mal, com as dores nos joelhos e uma grande fraqueza geral, está levando injecções de cianeto de mercúrio e 914, esperando o médico tirar bom resultado (...)” (Carta de 16 de Dez. 1930), são outras das referências permanentes na correspondência, ao longo das várias décadas de que temos testemunho. A filha que mais preocupações lhe dá como é normal, neste campo, é a mais nova: se quiséssemos fazer um levantamento exaustivo das referências elas fariam uma lista razoável. Das doenças de Maria Lamas sabemos serem no início dos anos 30 as dores no braço (Carta de 28 de Out. 1931), o cansaço quase permanente e uma anemia que ela crê, em parte, provocada pela “(...) fadiga e peso cada vez maior de injustiças e responsabilidades(...)” (Carta de 20 de Set. 1946).

Quando a filha do meio esteve “(...)bastante adoentada, muito fraquinha e cheia de pontadas(...)” e o médico lhe meteu medo porque “(...)era preciso tratar-se, pois de contrário seguiria o caminho da irmã(...)” (Carta de 28 de Out. 1931) o espectro da tuberculose volta a assustá-la. Naqueles anos 30 a 50 do século passado em que tal doença tinha enorme incidência não é difícil entender o receio de que se revestia qualquer fraqueza ou debilidade, mesmo que apenas imaginada. O receio das doenças é compreensível nesta mãe de três filhas que precisa de trabalhar e que durante sete anos vai ver a mais velha numa instituição, longe de casa, com poucas oportunidades de lhe fazer visitas. As deslocações que faz á Guarda onde essa filha está, como referimos, são

feitas de comboio ou no “(...) rápido da manhã ou no *Sud* (Carta de 1 de Jul. 1930), o único comboio que então fazia a ligação terrestre internacional. Anos mais tarde a filha mudará para “(...) *Grande Hotel Sanatório*, Paredes do Guardão, Caramulo (...)” (Carta de 12 de Jan. 1933). Mesmo depois das filhas casadas, não deixa de, nas cartas, se referir ao seu estado de saúde como o faz sobre a Manuela: “(...) que faz o máximo de esforço para aparentar calma, para me não apoquentar, é um dos meus constantes espinhos...(...)”. Estas referências á saúde dos seus são, como neste caso, feitas em segredo pois dirá: “(...) Se falares com ela não abordes o assunto de forma lamentosa, porque ela aflige-se e percebe que evita referir-se a isso. Mas gostaria, se tivesses ocasião, lhe levantasses o ânimo. Ela que tanto têm (sic) suportado corajosamente e sem deixar transparecer as suas amarguras, está agora tão pessimista que me assusta (...)” (Carta de 7 de Ago. 1955). Quando já com 73 anos se refere ás dificuldades que tem a escrever: “(...) canso-me a escrever á máquina e á mão tenho muita dificuldade(...)” (Carta de 26 de Jun. 1966) não menciona a surdez e a diabetes que a atacaram nessa fase da vida.

Ainda neste capítulo das doenças encontramos também inúmeras referências ás da prima, assim como ás dos pais e, mais tarde, a dos filhos e marido. Sendo muitas as menções feitas sobre doenças de Maria Lúcia Vassalo Namorado apenas referimos algumas que não encontramos nos textos da visada e que melhor nos deixam entrever o ambiente em que ela trabalhava. Depois de uma visita que Maria Lamas faz á prima, a carta expressa a admiração da primeira face ao estado de saúde da segunda: “(...) gostei muito de estar contigo ontem (...) vim porém muito impressionada com o teu abatimento físico. Estás muito cansada e exiges demais do teu organismo. Precisas absolutamente de dar tréguas aos teus nervos e ao teu espírito. Ninguém pode compreender isso melhor do que eu. Isto são palavras e sei bem que não é com palavras que o teu problema se resolve. Mas talvez fosse possível aligeirares um pouco o teu fardo no que diz respeito ao esforço físico que dispendes. Não me conformo com a ideia de ires tornando, conscientemente, cada vez mais profundo o teu esgotamento⁴⁶¹(...)” (Carta de 2 de Abr. 1945).

Anos mais tarde, oferecendo-se para ajudar a prima no que for preciso, dirá ainda: “(...)

⁴⁶¹ No texto que Maria Lúcia Vassalo Namorado publica sobre a vantagem das senhoras exercerem uma profissão, feita em casa, conciliando assim trabalho e deveres de mãe, como vimos no capítulo anterior, ela dirá que também ela assim pensava mas que o esgotamento a que tal situação leva, não merece o que se obtém (CF. ONF, Dez. 1947).

transgrido a prescrição médica que me impõe repouso absoluto, sem escrever, nem telefonar, nem receber visitas além das pessoas íntimas, para te dizer que penso muito em ti, com a mais profundo afecto. Estas não são as palavras que eu desejaria dizer-te, para te exprimir a minha profundíssima estima e gratidão. Mas... onde estão as palavras que possam exprimir, sem os diminuir, os sentimentos dum coração agradecido? (...) Atravessas um período muito delicado para a tua vida. Não desanimes, Maria Lúcia! Não é caso para isso! É caso, sim, para te superares a ti própria, fortalecendo o teu organismo, procurando equilibrar os teus nervos e encarar o que te sucede com serenidade e confiança no futuro. O organismo humano tem reservas espantosas! Tudo correrá pelo melhor- à custa da tua energia moral, tantas vezes comprovada!- e nunca se pode prever o que, de bom, pode surgir, mesmo daquilo que se nos afigura pior. Sobre isto eu poderia falar com conhecimento de causa... Hoje ficarei por aqui pois ainda me custa escrever e sinto a mão incerta. Mas estou muito melhor- a análise já não acusa açúcar e isto era a primeira *étape* a vencer! (...) Maria Lúcia! Coração ao alto! Tu vencerás esta crise(...)” (Carta de 12 de Fev. 1951).

Esta depressão e abatimentos de Maria Lúcia Vassalo Namorado afligem Maria Lamas que se propõe ajudá-la:”(...) Não quero desanimar mas não me têm faltado razões para isso... a principal das quais foi a minha quebra de forças e assustador enfraquecimento do coração. Conto-te isto apenas para que me desculpes tão prolongado silêncio, sabendo-te doente e profundamente amargurada, conforme compreendi na visita que me fizeste à Luz. Telefonei depois várias vezes para tua casa, mas soube apenas que estavas de cama, um pouco melhor, conforme me disseram. Pressinto que sofres e, sem saber bem tudo quanto está destruindo o equilíbrio da tua vida - nem é possível dizer tudo, nunca!- tenho-te sempre presente no meu pensamento e na minha ternura. Que poderei fazer por ti? Não te peço confidências: venho pôr-me a teu lado, para que possas ter sempre um coração amigo que te compreenda, e um ombro, embora débil, onde possas repousar a cabeça! Nunca esqueças isto! Principalmente não te deixes dominar pelo desespero. Não te diminuas, no que há de admirável e excepcional na tua luta! Talvez tenhas que encarar a vida sob ângulos diferentes daqueles pelos quais a viste até agora, mas isso não quer dizer que tudo quanto fizeste não tenha valor- um valor enorme, indestrutível! (...) Continuo sem açúcar mas o estado geral ressentiu-se muito com a minha vinda para aqui /Évora/, por vários motivos. Escreve-me se puderes e se isso te fizer bem. Repito: só desejo dar-te a minha amizade profundíssima e aquela solidariedade que a própria vida me ensinou, em relação às outras mulheres. Quereria

ajudar-te a vencer esta crise, se pudesse! Escrevo-te sem a tranquilidade que desejaria, mas espero que tu leias em cada uma das minhas palavras todo o afecto, todo o ardente desejo de te ser útil, que elas traduzem. Oxalá estejas refeita do abalo físico que sofreste e se reflectirá, sem dúvida, no moral, quero dizer, nos nervos. É indispensável seres acompanhada por um médico e não perderes de vista as reacções psíquicas, sempre ligadas ao estado geral do organismo. Recomendo-te muito que não abandones esse aspecto do teu difícil problema. Pensa que a saúde é, fundamentalmente, indispensável ao equilíbrio da vida (...) Abraço-te ternamente, com o maior carinho, como se tu fosses uma Menina que precisa de ser embalada... Vamos, Maria Lúcia, não deixes de ser uma Mulher que é capaz de lutar! Tudo se refaz. Tudo se pode transformar em força. Mesmo quando se nos afigura que sofremos uma derrota- como me está sucedendo a mim...(...)” (Carta de 27 de Fev. 1951).

Sobre estas questões de nervos ainda haverá duas outras menções dignas de nota, pelos conselhos que Maria Lamas dá á prima. Mais uma vez, no dia seguinte a um encontro entre ambas, veja-se a apreciação que dele faz a primeira:”(...) preocupada com a tua saúde, mas não me parece que um neurologista esteja indicado para o teu caso (...) o teu desequilíbrio nervoso ou psíquico deve ser apenas uma consequência da muita fadiga e da fase que atravessas – a delicada “fase crítica” da mulher. Desculpa-me a franqueza, tão amiga, mas penso que deves encarar o teu problema físico de frente, para vences, justamente, a depressão moral. Porque não falas com a Maria Teresa Paulo⁴⁶²? Não precisas dos meus conselhos. Isto é apenas uma expressão do meu profundo interesse por ti(...) Não leves a mal o que te digo, na certeza de que não pretendo, de forma alguma ser a conselheira convencional(...)” (Carta de 3 de Maio 1955).

Sobre o mesmo assunto volta a reflectir na carta que lhe envia quase meio ano depois:”(...) Há também o período especialmente delicado e desorientador, para quem não esteja atenta e lúcida, que atravessas. Lembro-me ainda muito bem que eu própria sofri nessa altura. Deves, portanto, ir ouvindo os conselhos de um bom médico, sempre que entendas, para ajudares, com qualquer droga indicada, a aguentar o teu organismo e, por conseguinte, a tua resistência psicológica também. Mais do que nunca, a mulher tem que viver pela inteligência quando chega ao “cabo tormentoso” da “mudança da idade”. Depois – mas ás vezes só muito depois- é uma libertação. Sob muitos aspectos(...)” (Carta de 22 de Out. 1955).

⁴⁶² Maria Teresa Paulo Rego, amiga de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

As cartas de Maria Lamas também nos guiam sobre a saúde da família de Maria Lúcia Vassalo Namorado: sabemos que esta tem reumatismo e que a mãe tem problemas na vista (Carta de 16 de Dez. 1930) e não há nenhuma carta em que não pergunte, como exigem as regas de bem escrever uma missiva, pela família da prima: primeiro, pais e irmão, depois de casada, por marido e filhos.

Sobre a vida privada não faltam menções aos namoros, casamentos e cotidiano das relações de Maria Lúcia Vassalo Namorado, das filhas de Maria Lamas e da relação que estas duas primas mantêm com os respectivos maridos e filhas(os).

Das incertezas do namoro e da responsabilidade que acarreta a nova situação estão também repletas as cartas que Maria Lamas escreve porque é a própria Maria Lúcia Vassalo Namorado que pede á prima que lhe dê conselhos. Esta ideia de que alguém deve orientar as raparigas neste período da vida é mais uma das que as duas mulheres partilham, como se pode ver pelos textos que Maria Lúcia Vassalo Namorado vai publicando em *Modas & Bordados*, a pedido da prima quer depois quando tiver já a sua revista ou ainda nos livros que escreve.

Quando Maria Lamas, agora com 36 anos, sabe pela prima que esta já tem um namorado e que lhe pede que seja madrinha de casamento, se se vier a realizar, tal informação não lhe chega como novidade. A filha já lhe havia feito chegar alguns rumores sobre o tema: "(...) Obrigada pela tua cartinha enternecedora pelas confidências que me fazes(...) já sabia pela Maria Emília que esse rapaz de Coimbra te fizera a corte, no Luso, com uma grande insistência, mas ignorava que o "namorico tivesse pegado"(...)gostaria muito de conversar contigo sobre isso. Dar-te conselhos? Não. Nem precisas deles nem se trata de qualquer conselho vulgar, destes que é costume dar em situações idênticas, por hábito, sem convicção, nem...autoridade. Não conheço o feliz mortal(...)porém, como te conheço melhor, talvez, do que supões, receio que ele não saiba, ou não possa, realizar, na vida, na convivência de todos os dias, o reflexo daquele Ideal que se sonhou...e que só raros conseguem encontrar! Vê lá, minha Maria Lúcia, não vás enganar-te, vendo nesse rapaz qualidades e encantos que podem, muito bem, ser-lhe emprestados pela tua própria imaginação e pelo teu desejo de ser feliz! (...) sou tão tua amiga, tanto, que não queria, de forma alguma, que, para ti, o desencantamento fosse doloroso e que do sonho te ficasse, apenas, a tristeza de te teres enganado. Por compaixão, por pena dele, por amizade, mesmo, não cedas!(...)serei madrinha de casamento com o maior prazer(...)e o teu pai? Como aceita ele esse acontecimento tão importante?(...) o meu enorme desejo de te ver feliz me faz desejar, para ti, um noivo

que reúna todas as qualidades capazes de o tornarem num homem superior no pensar e na maneira de se conduzir, embora o não seja por qualquer manifestação excepcional de inteligência ou Arte(...) com uma prima velha e duramente experimentada pela infelicidade(...)os meus desejos de ventura (...). Desconfio que ele quando me conhecer deve emburrar muito comigo, principalmente se tiver, algum dia, conhecimento desta carta(...)" (carta de 22 de Dez. 1929).

A luta pela vida não a impede de se lembrar do período de felicidade que ela pensa que Maria Lúcia Vassalo Namorado vai tendo, enquanto o namoro se consolida no Luso e aproveita sempre para acrescentar novos conselhos e desejos ao que vai escrevendo :"(...) Sinto-me cansada, triste, sem disposição para coisa alguma e não queria, de forma alguma, ir pôr uma nota de tristeza no enlevo destes dias, em que aí tens tido a companhia do teu Quim! Oxalá tenham decorrido serenas, envoltas em sonho, essas horas de doce convivência! Desejo tanto o teu bem, a tua felicidade que nem tu, decerto, calculas!(...) O teu pai está aí? Ele já conhece o Quim pessoalmente? (...) Embora eu não conheça o teu Quim, envio-lhe os meus cumprimentos mais afectuosos...Oxalá vocês se entendam sempre e vão pela Vida fora de almas unidas e coração em festa! Só assim vale a pena viver!...(...)" (Carta de 30 de Ago. 1930) ou então quando questiona:"(...) Quando te casas? O teu pai continua a entender-se com o Quim? Estás agora mais tranquila, mais confiada no futuro? Oxalá que sim. Isto, minha filha, a vida é um labirinto, onde os aspectos bons e maus alternam constantemente. Felicidade completa, não há. Temos que aceitar a realidade como ela se nos apresenta e procurar tirar o máximo partido do bem que nos cabe em quinhão(...)" (Carta de 10 de Out. [1930]).

Como se verifica, os conselhos são marcados pela reflexão que ela própria tinha já feito sobre as suas relações conjugais mas, nem por isso, deixa de orientar a amiga, chamando-lhe a atenção mais para determinados problemas negativos do que para uma visão 'rosa' da vida.

Este namoro vai avançando e em 17 de Ago. de 1931 Maria Lúcia Vassalo Namorado terá convidado Maria Lamas, agora com 38 anos, para madrinha do casamento, e esta responde "(...)agradecer tua cartinha recebida ontem e o gentil convite para te servir de madrinha de casamento que muito me sensibilizou(...)ele traduz uma grande e sincera estima, um desejo ardente de me associares, por assim dizer, à realização do teu sonho de felicidade. É claro que aceito com muito prazer, mas quero primeiro fazer-te uma

pequena observação: a tua Madrinha⁴⁶³ não ficará magoada? Compete-lhe a ela ser tua madrinha de casamento, e eu assistirei da mesma forma, sem que seja menor a minha alegria. Pondera bem tudo isso, conversa com os teus pais e não tenhas o menor acanhamento de me falar com franqueza (...)” (Carta de 18 de Ago. 1931). Como de costume, a partir do respeito que os seus 38 anos e a sua experiência lhe conferem, aproveita para a aconselhar, mais uma vez:“(…)não penses agora nos espinhos que hão-de surgir, aqui e ali, como a toda a gente sucede, neste mundo(…) aspira antes, o perfume das rosas que o destino te oferece nesta hora de enlevo e esperança. Dize-me: casas em casa? Vais de *toilette* branca não é verdade? Já trataste do teu vestido de noivado? Conta-me tudo, quando puderes escrever. Sempre vens a Lisboa em Agosto? A Manecas teria o maior prazer em te ajudar no teu enxoval⁴⁶⁴ (...) basta para isso que lhe digas quando queres que ela vá, se te convier, claro. Alegro-me muito com as melhoras da tua mãe, a quem mando um abraço e calculo como ela estará intimamente comovida com a aproximação do teu casamento(…)”. Maior desejo de conhecer o teu Quim, de quem espero ser muito amiga, visto ele ter sabido conquistar a minha

⁴⁶³ Sobre este assunto há um pequeno pormenor que não conseguimos compreender: Maria Lúcia Vassalo Namorado referiu sempre não ter sido baptizada pois o pai a tal se havia oposto, sendo republicano convicto e maçom. Acontece que, quando ela vem estudar para Lisboa é com esses padrinhos /*scanner*/, Maria Coutinho e marido, que vai viver assim como é com este último que o pai de Maria Lúcia Vassalo Namorado terá uma sociedade em Lisboa, quando par cá vem viver, depois de 1933. Se ela não havia sido baptizada porque faz Maria Lamas esta alusão? Como sabemos (Cf. Doação Maria de Lourdes Coutinho de Oliveira Marques), os ditos padrinhos estiveram no casamento de Maria Lúcia Vassalo Namorado em Torres Novas, assim como Maria Lamas. Será que esta referência a “madrinha” era a da vulgar testemunha que, no registo civil, se exigia para registar uma criança?

⁴⁶⁴ Veja-se o que, anos mais tarde, Maria Lúcia Vassalo Namorado vai aconselhar como enxoval das meninas casadoiras, retirado de *Joaninha quer casar*. Indica-se que se deve ter: “(…)Não há regras estabelecidas quanto ao numero de peças de roupa que deve haver. Numa casa. Cada qual tem o que pode e quer. As nossas avôzinhas contavam os lençóis às grosas, hoje, as noivas preferem mais vestidos que lençóis. As senhoras bem, avisadas, riem das grosas que servia três gerações e representava um capital parado, mas lamentam o que não chega às dúzias porque vêem nele pobreza ou imprevidência...Não é possível fazer face às frequentes eventualidades domésticas (doenças, aglomeração de visitas, faltas da lavadeira, etc.), não é possível um certo conforto riem mesmo uma boa organização com as gavetas... Vazias. Uma noiva nunca devia levar menos que o seguinte: Roupa de cama — 12 lençóis, 6 travesseiros, 12 almofadas, 6 almofadões, 4 cobertores e 2 colchas, para cama de casal; 12 lençóis, 6 travesseiros, 6 almofadas, 3 almofadões, 4 cobertores e, 2 colchas, para cama estreita. Roupa de banho — 12 toalhas de mãos, 6 toalhas de ,felpa>, 12 Toalhinhas, 6 lençóis de banho. Roupa de mesa—6 toalhas de mesa, sendo 4 mais pequenas e 2 maiores; 12 guardanapos de jantar para cada toalha; 3 toalhinhas de chá. Com 12 guardanapos pequenos para cada uma ; 6 sacos para guardanapos. Roupa de cozinha—12 panos de sarja branca, 12 de pano cru, 12 de riscado, 6 toalhas de mãos, 3 toalhinhas de mesa e 6 guardanapos, 4 pegas para tachos. Diversos — 6 panos do pó, 6 flanelas, 4 panos do chão; 12 sacos de tamanhos diferentes, 6 aventais para a criada, sendo 4 de cor e 2 brancos. Isto é um enxoval modesto, mas razoável, visto ser o suficiente para um casal e criada. Duplicando a lista, o enxoval está longe de ser opulento, mas pode considerar-se bom (...)”(ONF, Jun. 1944). Não há dúvida de que seria necessária muita ajuda!

encantadora prima e amiguinha. Oxalá sejam bem felizes! (...)” (Carta de 18 de Ago. 1931).

Maria Lamas escrevera já ao pai da prima para lhe reiterar o gosto que teria naquele casamento e dissera:“(...) desejo que ela seja feliz como as minhas próprias filhas!...”(Carta de 27 de Jun. 1930) e também em carta anterior àquela em que Maria Lúcia Vassalo Namorado convida a prima para ser sua madrinha já esta se regozijara com o futuro enlace e oferecera os préstimos da filha Manuela:“(...) alegrei-me sinceramente com o bom andamento das tuas coisas e desejo, tanto como para as minhas filhas, a tua felicidade. Hás-de ser feliz, verás, embora tenhamos sempre que contar com as inevitáveis decepções que a realidade trás (sic) sempre consigo.. A Manecas está na intenção de ir ajudar-te no enxoval e no mais que precisares...que lhe digas quando há-de ir(...)” (Carta de 17 de Jul. 1931).

Nem sempre o namoro é isento de pequenos problemas como sabe Maria Lamas:“(...) “(...) Não faz mal que nem sempre se entendam. Será uma forma de terem sempre assunto para discutir, conversando. Só as pessoas estúpidas é que vêm numa divergência de opiniões motivo para questiúnculas... Vocês, sendo os dois inteligentes e querendo entender-se, podem e devem encontrar, no campo do estudo mútuo, motivo para encher as horas em que o entusiasmo, a exaltação amorosa, ceder lugar à calma, à meditação. O que é indispensável é serem tolerantes e bem educados. Desta última condição estou absolutamente segura; da primeira, creio bem que não será difícil tornarem-se senhores... Sem abdicar da sua ideia, da sua maneira de ser, é possível encontrarem-se num ponto onde cada um veja claro o pensamento do outro. O que eu desejo do mais íntimo da minha alma é que sejas feliz!...” (Carta de 15 de Set. 1931).

Nesta mesma carta ela fala, sem o mencionar explicitamente, da sua situação conjugal e pessoal:“(...) Não tenho agora muito trabalho. Passo, no entanto, muito tempo abstracta, a pensar, a meditar no enigma da Vida, na mentira das convenções, na inutilidade de querer alguém isolar-se, ser sincera, ser como é, realmente! Causam-te admiração estas considerações? É que eu, minha filha, cheguei a um altura em que, olhando para dentro de mim não me encontro, no meio de tanta luta, tanto sofrimento e desilusão que a vida tem posto no meu caminho... e o que mais me faz sofrer é a certeza de que sempre, até ao fim, terei que ser o que as circunstâncias me impuserem em vez de ser eu! Não imaginas o meu desânimo, a minha tristeza! Se isto é neurastenia, já não me admiro de que os neurasténicos, muitas vezes, ponham um ponto final na vida. Mas... deixemos estas divagações por caminhos tão sombrios e vamos, antes, pela estrada banhada de sol

que eu tanto desejo que seja a tua vida! Não penses, Maria Lúcia, que toda a gente é tão infeliz como eu. ...olha para o futuro com esperança e acredita na felicidade que é ainda, uma maneira de se ser feliz (...)”. (Carta de 15 de Set. 1931). Estes não seriam, como Maria Lamas reconhece, os pensamentos mais adequados para enviar a uma noiva.

No mês anterior ao casamento são ainda alguns os conselhos que Maria Lamas envia à prima:”(...) E tu, minha querida Maria Lúcia, quando casas? Sempre é na Páscoa? Quando vens a Lisboa? A tua Mãe tem passado melhorzinha? Já tenho muitas saudades dela. Dá-lhe um abraço por mim e diz-lhe que estamos duas sogras respeitáveis. Se não houver nenhum inconveniente talvez vá passar dois ou três dias a Torres Novas, na Páscoa. Se o teu casamento for nessa altura, melhor. Se não, sempre vou matar saudades tuas e conversar contigo- prazer que há tanto tempo não tenho (...) Ainda bem, minha querida amiguinha, que sentes confiança no futuro. E porque não havias de sentir? Tens todas as qualidades que dão a uma rapariga o direito de ser feliz. O teu noivo gosta muito de ti, é bom, honesto, inteligente, porque não hão-de constituir um Lar venturoso? Pequenos conflitos íntimos, - nuvens leves que não chegam a esconder o sol da felicidade, todos têm - em todas as situações. Desde que duas pessoas se estimem profundamente e se compreendam, aceitando-se mutuamente, com a sua maneira de ser, o casamento é uma força admirável, que dignifica e completa a vida. E quando um dia passar por esse par unido pelo amor, pela inteligência e pela mútua compreensão, uma rajada de amargura, resistirão, porque são dois, e sairão mais fortes, mais amigos desse combate com a dor!(...)” (Carta de 26 de Fev. 1932).

Em 27 de Março de 1932, como vimos, no dia seguinte á saída do primeiro número do jornal *Notícias de Penacova*, Maria Lúcia Vassalo Namorado casa-se com Joaquim Jerónimo da Silva Rosa, em Torres Novas e em Coimbra. Já estão em Penacova quando em 8 de Julho desse mesmo ano Salazar é empossado como Presidente do Conselho de Ministros (Brito. 1989. p. 51). Nesse ministério⁴⁶⁵ Manuel Rodrigues, ocupa o lugar de ministro da Justiça e Cultos. O novo primeiro ministro vai conseguir plebiscitar uma constituição em que o Estado se apresenta “(...)teoricamente ratificado pelo Direito mas, na prática quotidiana vai resvalar para um sistema autoritário e policial (...) ou seja, “(...) O Estado de Direito foi dando lugar a um Estado de polícia em que, a pretexto de

⁴⁶⁵ As outras pastas são ocupadas por:”(...) Sebastião Ramires, Comércio, Indústria e Agricultura; Daniel de Sousa, Guerra; Albino dos Reis, Interior; Oliveira Salazar; Mesquita Guimarães, Marinha; Duarte Pacheco, Obras Públicas e Comunicações e Gustavo Cordeiro Ramos, Instrução Pública. (Rollo. 1989. p. 219 e seg.).

prevenir o abuso, se limitou o uso(...)" (Cruz, 1989. p. 65).

A primeira carta que Maria Lamas escreve á prima depois do casamento desta, pouco mais de uma semana depois, serve para se interrogar sobre a nova situação de senhora casada e para, mais uma vez descrever a falta de saúde que a atormenta."(...) tenho pensado muito em ti agora que vais entrar numa nova fase da tua Vida- que eu desejo de toda a minha alma que seja sempre feliz. Tenho estado contigo em espírito, envolvendo-te em ternura e perguntando a mim mesma: Como estará ela? Como terão decorrido estes primeiros dias de noivado- madrugada duma felicidade que nunca mais tenha o caso? Mas, a minha saúde, já muito abalada quando estive em Torres Novas tem sofrido novas investidas... Uma fraqueza extrema, uma grande fadiga que me têm assustado bastante, pois me sinto sem forças....E só por isso não escrevi há mais tempo a saber de ti e de teu marido, a quem me recomendo muito afectuosamente (...)" (Carta de 5 de Abr. 1932). Pela carta que Maria Lamas escreve a Maria Lúcia Vassalo Namorado sabemos que tudo corre bem porque :"(...) Não imaginas como fiquei contente por me dizeres, na tua carta, que te sentias muito bem de corpo e espírito. Como é consolador saber isso, duma pessoa que estimamos! Que os teus dias vão decorrendo na doce serenidade dum viver iluminado de ternura é o grande desejo da tua Prima e verdadeira amiga muito grata (...)" (Carta de 31 de Maio 1932).

Essa felicidade só era ensombrada pelo facto de o pai de Maria Lúcia Vassalo Namorado ter deixado de lhe falar por ela também se ter casado pela Igreja:"(...) Tens tido notícias de Torres Novas? Não sei nada da tua mãe há muito tempo(...) O teu pai? Não fazes ideia do muito que me tem preocupado o incidente que os afastou. Foi uma pena! Em todo o caso, espero que o netinho, se vier, fará o milagre de os aproximar. Tenho imensa pena da tua mãe estar tanto tempo se(sic) te ver, pois, coitada, deve sofrer muitíssimo com saudades tuas...A tua madrinha disse-me aqui há tempo, pelo telefone, que a tua mãe lhe tinha escrito, pedindo para o teu padrinho servir de intermediário para o teu Pai, dizendo-lhe alguma coisa no sentido de ele mudar de atitude. Não sei o que se passou depois (...)" (Carta de 8 de Set. 1932).

Deste período datam as únicas cartas em que Maria Lamas falam da prima irradiando felicidade:"(...) Fiquei muito satisfeita porque te encontrei com magnífico aspecto e com um ar feliz que me enterneceu. Ainda bem, minha querida Maria Lúcia, que encontraste no Quim o companheiro bom, inteligente e delicado que esperavas. Deus prolongue indefinidamente a vossa felicidade!(...)" (Carta de 9 de Jun. de 1932) embora alguns problemas já tivessem também ocorrido, como se lê na mesma carta:"(...) Penalizou-me

muito o incidente que me contaste. É possível, porém, que o tempo vá limando as arestas que agora surgiram. Oxalá!(...)” (Carta de 9 de Jun. 1932).

Mas não é só o namoro e o casamento de Maria Lúcia Vassalo Namorado que Maria Lamas aqui acompanha. Também a vida das filhas mais velhas nos é apresentada sob esse mesmo prisma pois é nessa década de 30 que Maria Lamas será sucessivamente sogra e avó, pela primeira vez assim como é a década em que mais refere sucessivas mudanças de casa. Vivendo em Benfica em 1930, na Rua Ernesto da Silva, n.º 1 (Carta de 13 de Nov. 1930), mas “(...)continuo desejando imenso mudar-me para Lisboa. Agora mais do que nunca. Como estou sózinha com as pequenas e, além disso por todas as razões, dá-me muito mais jeito estar perto da Baixa. Pode ser que agora, com a redução das rendas, que têm descido muito, eu consiga arranjar outra casinha que não seja má(...)” (Carta de 16 de Dez. 1930). No ano seguinte passa para “(...) a minha casa nova: Alto do Carvalhão, 34-r/c, que é como se fosse tua e dos teus. É uma casinha muito modesta, mas simpática a alegre; fica ao fim da Rua das Amoreiras e muito mais perto do Século do que Benfica. Espero arranjar outra melhor porque agora já há muitas casas (...)” (Carta de 5 de Maio de 1931) e, pouco mais de dois meses depois diz:“(...) a nossa nova morada é Praça da Amoreiras 30-2º Dto(...) muito humilde(...) mas melhor tanto no que diz respeito à casa como ao sítio(...)” (Carta de 18 de Ago. 1931), depois refere já “(...)estou em Lisboa: R. Artilharia Um MP 3º Dto, perto do Rato (...)” (Carta de 30 de Nov. de 1935), volta para a “(...) nossa morada agora é outra vez- Jardim das Amoreiras, 30 2º dto(...)” (Carta de 6 de Mar. 1936) e finalmente “(...)agora a minha casa, onde vivo com a Bissú. R. Marquês de Fronteira, 70- 1º Dto (...)” (Carta de 28 de Set. de 1936).

A filha Manuela casa com Joaquim Calisto em 11 de Fevereiro de 1932: “(...) “(...) dia 10, no registo civil, e na igreja no dia 11, pelas 10 e meia da manhã (...) não fazer convites, além dos Padrinhos(...)Mas tu, minha querida Maria Lúcia, estás tanto no meu coração, que és, também, um pouco filha do meu espírito(...) por isso, se quiseres vir com a Aurora, acompanhar-nos nesse dia, dar-me-ias, assim como à Manecas, o maior prazer. Mesmo que não fosses à igreja, para não estares com preocupações de "toilette", ajudarias a vestir a Manecas e passarias o dia conosco(sic). Como vês, eu falo-te com a maior franqueza. Tu farás como puderes e quiseres (...)” (Carta de 6 de Fev. 1932). Como se vê ainda se faziam convites apenas a quatro dias da cerimónia a que Maria Lúcia Vassalo Namorado não assiste. Da celebração religiosa sai fotografia em *Modas & Bordados* e uma delas é oferecida a Maria Lúcia Vassalo Namorado (CF. Arquivo

Rui Namorado Rosa). Sobre esse namoro, assim como sobre o da filha mais velha, dissera Maria Lamas:”(...) A Manecas pensa em casar no princípio do ano, se estiver melhor, mas ainda não está nada assente...Tu estás desde já convidada assim como teus pais. Vai ser uma festinha muito íntima e singela. O casamento religioso deve realizar-se aqui no Jardim das Amoreiras, muito perto da nossa casa. Não é um casamento brilhante mas o noivo é uma jóia de rapaz, muito honesto e trabalhador, de forma que acho bem. Ele faz agora 24 anos e ela tem 18. Estão em boa idade de se adaptarem ao feitio um do outro, tanto mais que nenhum deles tem complicações sentimentais nem grandes ambições. Ele é sobrinho da Palmira Callisto em casa de quem estive durante o tempo que a Manuela passou em Tancos. Ficam a viver comigo(...). A Mimi tem outra vez bacilos(...) também ela arranjou um namorico lá no Sanatório, um pobre rapaz tuberculoso como ela! Ou ele se cura e, decerto, não pensa mais nela(...) ou morre e ela vai sofrer muito(...) ele tem só 17 anos; belíssimo rapaz, muito inteligente, e que gosta imenso, imenso dela. É filho dum oficial da Aviação Marítima de apelido Bastos e deseja, ele próprio, vir a ser engenheiro naval. Estava no Colégio Militar e agora, para não se atrasar tanto, estão os dois a estudar o 6 ° ano! Vê lá se não é uma loucura! (...) ela tem 19 anos e deixa-se embalar por uma ilusão que lhe torna a realidade menos cruel. Podes calcular como tudo isto me trás (sic) apreensiva...(...)” (Carta de 28 de Out. 1931).

No Verão anterior ao casamento de Maria Emília, esta já completamente curada, vai passar as férias com Maria Lúcia Vassalo Namorado como diz Maria Lamas:”(...) Escrevo-te ainda primeiro do que à minha Mimi, porque não tenho tempo para escrever às duas(...)e não quero deixar de te agradecer todas as maçadas e gentilezas que estás tendo com ela. Gostei muito que a Mimi fosse aí passar estas semanas contigo. Vai fazer-lhe muito bem e ela vai gostar muito da tua companhia, do teu marido e filhos pois é muito tua amiga e admira-te sinceramente. Foi pena ela ir com tanto trabalho pois assim nem descansa como deve! (...)Trabalha constantemente e é boa a valer. Ainda bem que vocês são muito amigas, pois eu estimo-te profundamente, podes crer(...). Na minha vida(...) dá a impressão de que eu vivo indiferente a tudo e a todos, mas está longe de ser verdade(...) sinto uma ternura infinita pelas pessoas que compõem o meu pequeno mundo: as minhas Filhas, os meus netinhos e poucas mais- em cujo número tu estás incluída (...)” (Carta de 19 de Jul. 1937).

A filha mais velha de Maria Lamas casaria a 9 de Dezembro de 1937 (Carta de 1 de Nov. de 1937). Como se vê, ambas realizam os casamentos aqui mencionados e o “(...)

belíssimo rapaz(...)” que irá ser o marido de Maria Emília é Fernando Carlos Pereira Bastos, como veremos, um dos futuros colaboradores de *Os Nossos Filhos*. Terão sete filhos cujos nascimentos, assim como os dos filhos de Maria Manuela também vamos encontrando (Cartas de 8 de Set. 1932, de 3 de Out. 1932, de 24 de Jun. 1937) na correspondência entre as duas primas⁴⁶⁶.

As três gravidezes de Maria Lúcia Vassalo Namorado também não deixam de ser apreciadas na correspondência. A primeira “(...)Pelo que me dizes, fico supondo que se realizará o teu desejo de teres um filhinho! Enternece-me essa ideia e desejo de toda a minha alma que sejas sempre, em tudo, o mais feliz possível (...) (Carta de 28 de Jun. 1932) será seguida de outra perguntando se ”(...) Sempre se confirmam as tuas suspeitas de que terás um filhinho?(...)” (Carta de 8 de Set. 1932) e por uma outra:”(...) Então o bebé vai tendo juízo? Enternece-me imenso a ideia de que vais ter um filhinho, assim como a minha Manuela! Estou avó e, não sei porquê, também considero um pouco meu neto, o teu pequenino! Olha que é verdade!(...)” (Carta de 3 de Out. 1932). Em Dezembro de 1932 já Maria Lamas, aos 39 anos, é avó de uma menina “(...)que se chama Maria Leonor e que é um amor pequenino, muito perfeita e desenvolvida. Já sou avó! ...Vou estando velha e começo a sentir-me fatigada...(...)” (Carta de 21 de Dez. 1932). Em 4 de Fevereiro de 1933 também Maria Lamas havia já recebido a participação de Maria Lúcia Vassalo Namorado informando a prima de que também ela fora mãe, de um rapaz. Esta quer saber pormenores sobre o assunto:”(...) foi com alvoroço com que recebi a notícia do nascimento do teu filhinho...Ele é fortezinho? Vai-se criando regularmente? Tu tens leite? Deves acautelar-te, no caso de o amamentares porque és fraquinha. Tens que te alimentar e fortalecer muito bem. Como se chama o pequenino?(...) Ele já tem o *Livro do Bebê*? Queria mandar-lho para ires registando os acontecimentos importantes da sua vida, mas pensei que podia já ter e nesse caso mandava-lhe outra coisa. Manuela está a fazer-lhe um casaquinho de malha (...)” (Carta de 21 de Fev. 1933).

Pela correspondência também sabemos que Maria Lúcia Vassalo Namorado não aprecia

⁴⁶⁶ Não são só os casamentos que a correspondência testemunha. Em 14 de Out. de 1967 é o filho mais novo de Maria Lúcia Vassalo Namorado que anuncia o seu casamento a Maria Lamas. A própria Maria Lúcia Vassalo Namorado ao anunciar á prima, em 1962, que irai ser ela também avó, provoca este comentário em Maria Lamas: “(...) O nascimento da tua netinha deve ter sido, realmente, uma profunda felicidade para ti – e compreendo perfeitamente o que se passa em ti, pois eu própria tive uma sensação muito estranha quando nasceu o meu primeiro neto, porque desejara ter um filho que nunca tive – ao contrário do que se passou contigo que nunca tiveste a menina que desejaste(...)” (Carta de Paris. 24 de Jul. 1962).

viver em Penacova mas, como a futura directora de *Os Nossos Filhos* fará, anos mais tarde, consolando as senhoras que se queixam da vida desinteressante que levam na *Província*, também Maria Lamas a anima: "(...) Não te desconsolares com a ideia de viver aí. Virás a Lisboa de quando em quando e, para a tua saúde, lucrarás com esse bom ar e serenidade. A tal casinha que tens em vista agrada-te?(...)" (Carta de 15 de Set. 1933).

No ano seguinte a estes conselhos sabemos que Maria Lúcia Vassalo Namorado está perante nova gravidez que leva Maria Lamas a novos conselhos á prima "(...)Então... outro bebé! Que venha uma menina - se assim o desejares- e depois... que o ranchinho não aumente. Não estás de acordo?(...)" (Carta de 6 de Out. 1934). Nesse meio tempo os pais de Maria Lúcia Vassalo Namorado tinham vindo para Lisboa porque:"(...) Fez-me uma grande pena saber que os negócios do teu pai correm mal. A vida é uma luta constante mas os teus pais já chegaram a uma idade em que tinham direito a descansar! Vou procurar arranjar um bocadinho para lá ir na próxima semana (...)" (Carta de 30 de Nov. 1935).

O segundo filho de Maria Lúcia Vassalo Namorado nasce em 1935 e dirá Maria Lamas quando, para o mais velho e para este, envia *Estrela do Norte*, o livro que acabara de publicar:"(...) Nunca me esqueço de ti, mas não consigo arranjar tempo para escrever as *minhas* cartas. Agora(...) quase todos os dias falava em ti a pensar quando chegaria o teu segundo bebé. Fiquei toda satisfeita quando soube que tudo corresse o melhor possível. Compreendo que tenhas pena de não ser uma menina, mas não te desconsolares, ficará para a outra vez...(...)" (Carta de 1935).

O terceiro, ao contrário do que vaticinara Maria Lamas, outro rapaz, nasce em 1940, como já vimos e sobre ele dirá:"(...) não vejo no facto de ires ter mais um bebé motivo para estares desanimada (...) ao contrário, parece-me fonte de novas energias, robustecidas pela tranquilidade de que, afinal, a tua doença era apenas essa(...)" (Carta de 30 de Out. 1939). As duas primas não podiam ainda saber como esse filho iria ser um dos maiores apoios de Maria Lúcia Vassalo Namorado depois dos dois mais velhos terem saído de casa, já casados, muitos anos mais tarde.

Deste quotidiano fazem ainda parte as dificuldades que estas mulheres da classe média vão enfrentar, sobretudo no período depois do início da Guerra e mesmo depois dela ter terminado. O aumento constante de alguns produtos e a sua escassez, por um lado, e o viver acima das reais possibilidades, por outro, leva-as a nem sempre poder dispor do dinheiro suficiente para fazer face a um quotidiano complicado. Saber fazer e gerir um

orçamento caseiro era tarefa que, como ensinará Adriana Rodrigues⁴⁶⁷ em *Os Nossos Filhos*, em Maio de 1951, devia fazer parte dos conhecimentos de qualquer dona de casa. Nesse documento que citamos retiramos diversas informações sobre os preços, em 1951 repetimos, de muitos produtos a que hoje chamaríamos de *primeira necessidade*. Ela propõe que nunca se gaste mais de 1/5 do rendimento do agregado familiar para a renda da casa “(...) ou seja, 20% do que se recebe(...), 10% em água luz e combustível, para despesas de vestuário e calçado, limpeza da casa e algum medicamento admitamos 15%(...)” além da alimentação da família e pagar o ordenado da criada. Nesse tempo, a criada em Viseu, ganharia “(...)entre 60 a 90\$00 por mês(...)” e, em Lisboa, o preço de alguns produtos era o seguinte: “(...) um pão grande – 1\$70, quatro pequenos- 1\$60, meio litro de leite – 1\$60, meio quilo de fressura – 7\$00, 300 g de arroz – 1\$60, alface para a salada - \$50, banha para refogar - \$80, fruta – 1 kg de nêspersas – 2\$00 (...) 30 g de manteiga para o pão – 1\$20, 30 g de açúcar de racionamento por pessoa - \$90, 1 decilitro de azeite – 1\$30, 12\$00 o quilo do peixe, 1 quilo de batatas – 1\$60(...)” (ONF, Maio 1951). Fazemos referência a estas questões do quotidiano porque, a partir de 6 de Maio de 1941, quando Maria Lúcia Vassalo Namorado já vivia em Lisboa, com três filhos pequenos e, como vimos no capítulo dois, com algumas dificuldades económicas a ultrapassar dado que o marido nem sempre recebia o seu vencimento, vamos encontrar inúmeras alusões na correspondência de Maria Lamas, até Janeiro de 1956, a dívidas relativas a pequenos empréstimos que esta contrai junto da prima. Maria Lamas assinara uma letra de mil escudos (Cartas de 6 e 8 de Maio de 1941), a que dois dias depois juntou um novo pedido de mais dinheiro e a negociação da dívida pendente, dizendo:“(...) não imaginas como te estou agradecida pelo trabalho que tens tido comigo. Trabalho não é bem o termo- dedicação e cansa, que não poderei esquecer nunca...dar-te tanto incómodo e ao teu marido! Oxalá eu tenha ocasião de te mostrar o meu reconhecimento(...) tenho dificuldade em arranjar o fiador. Já falei a duas pessoas(...) que o não podem fazer por causa da sua vida comercial, que lho não permite. Um foi o Pinto de Lima, da Pompadour, o outro uma criatura, que é dono duma casa de ferragens e que sempre tem procurado ser-me agradável. A D. Palmira Callisto/sogra da Manuela, a filha do meio/ vai amanhã para o Peral e não sei se estará em condições económicas de dar a garantia necessária. Conheço muita gente. A uns acanho-me de pedir. Outros embora vivam bem, não possuem bens como se requer(...)

⁴⁶⁷ Artigo “A propósito de um orçamento”. *Os Nossos Filhos*. Maio 1951. p. 29, no qual Adriana Rodrigues responde a uma carta de R O R S, uma leitora de Viseu.

deitando contas à minha vida, cheguei à conclusão de que, arranjando mais 2.000\$00, que perfariam 3000\$00 com o que já recebi, e que me permitiriam desembaraçar-me de coisas urgentes, libertando-me de compromissos pequenos com pessoas diferentes, eu poderia pagar 200\$00 mensais, para amortização daquela importância, a que se acrescentariam os juros combinados. Compreendes, não é verdade? Pergunto eu: nestas condições, assinando eu uma letra ou uma declaração de dívida, reconhecida pelo tabelião, não seria possível arranjar essa importância, visto eu ter a garantia do meu ordenado e, em caso de morte, o de um seguro de vida, como posso provar com um documento que possuo? Tu própria serias a portadora da amortização mensal, que receberias quando viesses aqui receber a tua colaboração. Isto é uma coisa absolutamente séria, e quem me emprestasse o dinheiro poderia estar absolutamente tranquilo. Dentro de ano e meio, nem chegava, a pessoa em questão estaria reembolsada...repeto que a essa importância se juntariam os juros que se combinasse.

Acredita, Maria Lúcia que te estou falando de alma aberta mais ainda do que faria a uma filha! Isto vinha resolver a minha vida e dar-me serenidade para trabalhar - porque todo o meu mal-estar deriva destas arrelias, pequenas ou grandes, que me vão queimando, apesar de toda a minha coragem. Depois, estou cansada. Nem tu supões como tenho lutado(...)tenho conseguido resolver as coisas mais importantes, o que só foi possível depois do casamento da Mimi, ficaria tranquila, sob o ponto de vista económico, se conseguisse vencer este último barranco.

Desculpa ser tão longa. É como se conversasse contigo(...) só Deus sabe como estou aflita!(...) Compreendeste bem a minha ideia...isto sem grande maçada para ti, pois bem basta o que tens feito. Talvez a pessoa que me emprestou os 1000\$00 pudesse emprestar o resto nas condições que expus: pagamento e prestações mensais de 200\$, e mais o juro que entender. Era a solução de tudo e ficava-te imensamente agradecida, como ficarei, aliás, mesmo que não consigas isto, pois sei⁴⁶⁸ bem quanto te tens esforçado por me servir (...)" (Carta de 10 de Maio de 1941) . Este assunto arrasta-se nas cartas⁴⁶⁹, até Julho de 1942, data em que, com o pagamento de 500\$00, Maria Lamas salda a dívida que contraíra mais de um ano antes. Durante este tempo, como Maria Lúcia Vassalo Namorado já tinha a sua própria revista, empregara ali a filha mais nova de Maria Lamas, o que esta lhe agradece: "(...) agradeço-te mais uma vez o enorme favor que me fizeste (...) e todas as gentilezas que tens tido com a Bissú(...)" (Carta de 1 de Jul. 1942).

⁴⁶⁸ Duplo sublinhado no original.

⁴⁶⁹ Cartas de 11 de Jun. 1941, 13 de Dez. 1941, 14 de Jan. 1942 e 23 de Fev. de 1942.

Apesar das dificuldades que expressa, fora Maria Lamas quem havia decidido que a neta deveria frequentar o “(...) Colégio de Jesus, Maria e José, na R. De Artilharia Um, das Doroteias(...)” (Carta de 15 de Set. 1944), pagando ela a mensalidade (Entrevista a Maria Cândida Caeiro, 20 Fev. 2004). Dois anos depois, novo problema se inicia (Carta de 7 de Setembro de 1944), quando a *Editorial Os Nossos Filhos* empresta mais dinheiro a Maria Lamas (Carta de 15 de Set. 1944) que ela se comprometia a pagar até Dezembro desse ano. Muita da correspondência mencionará esta dívida⁴⁷⁰ que não consegue pagar tão rapidamente quanto prometera e de que as filhas não têm qualquer conhecimento.

Em 1945 pede a Maria Lúcia Vassalo Namorado que interceda por ela junto do primo comum António Júlio Vassalo, o mesmo que emprestara o capital inicial para *Os Nossos Filhos* e respectiva *Editorial*, como já vimos. Pretende um novo empréstimo, ou melhor dizendo, “(...) Esta ajuda que preciso e tenho consciência de merecer, para poder levar até ao fim a minha missão de Mãe, não é bem uma dificuldade vulgar de dinheiro. Para que hei-de abrir a minha alma a quem não poderá compreender o que, no fundo isto representa para mim? Além de que eu não sei, positivamente, tratar destes assuntos. Isto dar-te-á, talvez, uma noção mais verdadeira do meu estado de espírito (...). Estou descrente, fatigada e...humilhada! Que Deus me dê forças para reagir ainda. Só contigo me sinto à vontade para falar deste problema. Perdoa-me se te maço tanto. Esperarei que fales com o António Júlio, se quiseres ter essa bondade(...). Creio tanto na tua sinceridade que qualquer negativa tua será aceite como verdadeira e de forma alguma me magoará. Não sei de ninguém, nas condições que dizes, que possa indicar para fiador- Ou antes, sei de muitas pessoas, mas ainda me custa mais pedir isso do que dinheiro. Parecendo que não, é mais complicado, porque é preciso assinar letras - o que repugna a muita gente (...). Repito as condições: Um empréstimo de 10.000\$00, com o juro competente, pago em prestações mensais de 500\$00 até Outubro -inclusivé- e daí em diante poderia ser em prestações maiores, se assim se combinasse. Pode ser feita a cobrança no dia último de cada mês- depois das 3 horas, aqui mesmo no Século. Para esse efeito eu assinarei os respectivos documentos - podem ser letras. Parece-me que seria prático e fácil assim. Sendo do António Júlio, tu própria poderias mandar fazer essa cobrança. Isto resolveria a minha vida. Será impossível consegui-lo?(...)” (Carta de

⁴⁷⁰ Cartas de 13 de Jan. 1945 e 2 de Abr. 1945.

12 de Maio de 1945). O mesmo assunto reaparece também na correspondência⁴⁷¹ que, entre as primas, se vai desenrolando até Janeiro de 1956, data em que a dívida ainda não fora toda saldada.

Além destas preocupações do quotidiano, como referimos, também as relações entre Maria Lúcia Vassalo Namorado e o marido assim como as da própria Maria Lamas com o seu segundo marido ocupam diversos parágrafos, senão mesmo cartas inteiras. Sobre este segundo tema, as relações com o segundo marido, Alfredo da Cunha Lamas são motivo de conversa frequente na correspondência, quase sempre para desabafar, com tristeza sobre o que se passa entre eles. Esta postura contrasta com a que, também nas cartas que deste marido de Maria Lamas existem no *Espólio*, dirigidas a Maria Lúcia Vassalo Namorado (Cartas de 21 e 27 de Nov. e 8 de Dez. 1929) em que o tom de ternura com que ele fala dela é evidente. Dele dirá Maria Lamas: “(...) O meu marido passa regularmente, mas é sempre o mesmo feitio complicado e indeciso! Se ele encarasse a vida um pouco mais de alto, talvez se evitassem muitas sensaborias que temos tido! (...)” (Carta de 22 de Out. 1930). Ao reflectir sobre a vida dela aproveita para dar mais alguns conselhos a Maria Lúcia Vassalo Namorado: “(...) oxalá sejas muito feliz e saibas sempre contentar-te com o bem que couber na tua vida! A ambição- mesmo quando é uma ambição de perfeição e beleza- perturba o ritmo natural das existências calmas! O grande segredo da felicidade neste mundo está na renúncia ao que nos não foi destinado, seja no campo moral ou material! (...)” (Carta de 22 de Out. 1930), aliás parecidos com os que, mais tarde a própria directora de *Os Nossos Filhos* passará na sua correspondência e artigos na revista, como demonstrámos no capítulo anterior.

Sobre essa relação Maria Lamas falará das suas idas ao advogado porque “(...)o pai da Mimi e da Manecas tem-se recusado a falar-lhe⁴⁷²(...)nestas circunstâncias...assunto vai ser resolvido pelas vias oficiais (...)” e as relações com o segundo marido são objecto de comentários frequentes: “(...) Meu marido cada vez mais desnorteado! É um desgraçado e faz a desgraça dos outros! Agora deu-lhe para me propor o seguinte: ou sai ele de casa, ou saiem (sic) as minhas Filhas- a Mimi e a Manuela-! Isto é inacreditável! Fez-me essa proposta por escrito. Não sei como isto acabará porque já não tenho forças para sofrer tanta intranquilidade e tanta amargura! (...)” (Carta de 20 de Nov. [1930]).

⁴⁷¹ Cartas de 1 de Jun. 1945, 19 de Maio 1954, 23 de Maio 1954, 7 de Ago. 1955, 22 de Out. 1955 até 6 de Jan. 1956.

⁴⁷² Ao advogado que a representava, dr. Fernando de Castro.

Acrescenta ainda :“(...) cheguei bem a Lisboa embora com um estado de espírito horrível. O meu marido estava em Campolide à minha espera. É uma pessoa que perdeu, completamente, a noção das conveniências e do respeito que deve a si próprio. Uma desgraça!(...). Pobre de quem vive sempre no negrume do desespero...(...)” (Carta de 9 de Ago. 1930) ou ainda quando faz maiores recriminações dizendo:“(...) Do meu marido não te posso dar notícias porque desde o princípio do mês que não está em casa. Incompatibilizou-se de tal forma com as pequenas- agora, principalmente, com a Manuela- que não aceitando eu o alvitre de as pôr a viver numa casa separada, saíu ele. Há culpas dos dois lados, no entanto, muito maiores do lado dele. É um pobre desequilibrado, mas a atitude que de há tempos para cá vem tomando, é inexplicável. Eu cá vou indo, lutando cada vez mais, e triste, profundamente triste com o meu destino! Chegar a mais de meio da viagem, e ver, em redor, só ruínas, dor e desilusões, é horrível! Moral e materialmente, encontro-me só. O meu marido não me dá nada (sub), absolutamente nada. Dá, apenas, à Filha, para sua educação, sustento, etc. 200\$ por mês. Enfim, veremos até onde chega a minha coragem. E no fim de tudo eu tenho a certeza de que ele gosta de mim. Má cabeça, a governar um coração que, por vezes, é bom! A Mimi que já me podia ajudar está naquele estado só por culpa dela (...) a Manecas não tem saúde nenhuma e não tem o cuidado devido(...) a Bissú é uma criança. Vejo-me só na luta tremenda pela Vida! Tudo isto que te conto é um breve desabafo do muito que, neste momento, me está fazendo sofrer. Não digas nada a ninguém. Só à tua mãe. Veremos como tudo isto se resolve mas nunca poderá ser bem. O abismo aberto entre mim e meu marido é medonho! A atitude dele, manifestada em diversas coisas, todas ofensivas para mim, desgostou-me duma forma irremediável! Quando um dia conversarmos te contarei tudo (...)” (Carta de 16 de Dez. 1930). Os estados de alma de Maria Lamas são por ela bastante vezes analisados. Os desabafos como os que faz quando as filhas ou ela estão doentes, quando a vida com o marido não vai como ela imaginara ou quando apenas resolve partilhar as tristezas que a assolam são presença constante também nesta correspondência.

Vejamos alguns exemplos destas situações. Da tristeza profunda que a acomete diz:“(...) Eu sou tão infeliz, que chego ater acanhamento de me chegar para alguém. Posso jurar-te que nunca fiz nada para que a minha vida chegasse a esta complicação. ...a recompensa do pouco que valho já a tenho, e exagerada, até: a amizade e carinho das pessoas que estimo, como tu, a Maria do Carmo /Azancot/ e poucas mais(...)” (Carta de 12 de Ago. 1930)

As opiniões que Maria Lamas tece sobre o casamento da prima são expressas em cartas que lhe dirige⁴⁷³ uma vez que ela tem por hábito escrever separadamente para cada um deles e, por vezes, apercebemo-nos de que cada um não sabia do que ela escrevia ao outra(o). Há uma carta, a mais sugestiva sobre este assunto, que Maria Lamas resolve dirigir a ambos, pois Maria Lúcia Vassalo Namorado e o marido tinham ido passar férias sem os filhos, para Lorvão. Nessa carta, os tais ‘artifícios literários’ de que por vezes as cartas estão cheias, também é visível mas Maria Lamas escreve sempre muito bem e ainda quer ajudar a encontrar uma saída para a crise que o casamento da prima foi atravessando. Diz Maria Lamas:“(…) Hoje a carta é para os dois. Tenho recebido as vossas notícias sempre com enternecimento e gratidão. Ainda bem que tiveram oportunidade de passar aí estes dias, tranquilamente, longe da luta habitual, numa doce intimidade! Mesmo a ausência dos filhos não foi um mal. Pelo contrário, estando eles bem, foi preferível que se encontrassem os dois, sosinhos. Agora, a chegada dos vossos rapazes será mais uma reacção benéfica. Querem saber? Eu tenho uma ideia, que há muito se vinha formando no meu espírito, mas que só ultimamente, ao trabalhar num livro, que tenho entre mãos, se definiu, através dum dos seus personagens: O grande segredo para resistir aos choques mais ou menos brutais da vida, é ter uma rede, daquelas que os equilibristas colocam sob o trapézio onde realizam as suas proezas, simplesmente aparatosas ou na realidade perfeitas e exigindo longa, penosa preparação. Com a vida, no sentido geral e profundo, sucede o mesmo. E quem não tiver tido a precaução indispensável de estender, bem segura, a tal rede, não resistirá ao embate com a dureza duma fatalidade, duma derrota ou apenas dum fracasso transitório. Se resiste, ficará abalado, senão inutilizado para sempre. Mas... como obter a rede salvadora, capaz de amortecer as pancadas mortais? Primeiro, é claro, com uma formação moral justa e solidamente apoiada nos bons princípios(...) depois- e isto é importantíssimo- aproveitando todos os valores afectivos, emocionais e intelectuais, para ir tecendo e reforçando as malhas da rede. As boas recordações, os momentos felizes, as visões de beleza, tudo quanto nos proporciona uma evasão sadia e vibrante das realidades medíocres ou escravizadoras, eis o material com que iremos tecendo a nossa rede... E depois, quando chegam os momentos maus, em que somos projectados do alto do nosso trapézio, ou mesmo nos tombos menos graves, lá está ela, a rede salvadora, a quebrar o choque e a permitir-nos recomeçar, tornando-nos invencíveis...Já

⁴⁷³ As mais significativas são: Carta de 20 de Set. 1950, de 28 de Fev. 1955, 22 de Out. 1955, 6 de Jan. 1956, de 24 de Out. 1958 e ainda 8 de Maio de 1963.

compreenderam, decerto, onde quero chegar...Estas férias, por exemplo, deverão proporcionar-vos o reforçamento da vossa rede. Que lhes parece? Reparei agora que me esqueci de que estava a escrever uma carta ... Por pouco não me sai um capítulo de filosofia familiar... (...)” (Carta de 20 de Set. de 1950). Maria Lamas estava, neste momento, com 62 anos de idade e, como nos indica o carimbo da carta, no “(...)Reduto Norte de Caxias Depósito de presos ...PIDE (...)”. Esta sabedoria e reflexão que a idade acrescentou, vêmo-la noutra carta, a que em 28 de Fevereiro de 1955 envia a Maria Lúcia Vassalo Namorado e onde reflecte sobre o livro que o marido da prima estaria a escrever, como forma de superar a “(...) depressão da doença e do isolamento que a surdez causa(...)” e de que Maria Lamas conhecia os capítulos sobre a infância e adolescência, escritos num tom de “(...) sinceridade (...) constituindo um documento humano valioso, justamente porque não se subordina a escolas nem artificios literários, mas sim a uma necessidade de contar o que foi vivido(...)”.

No ano seguinte, Maria Lamas dirá que ele é inteligente “(...) e em quase todos os campos, lúcido(...) Sem dúvida um doente, um caso patológico, um homem bondoso, sentimental mas destinado a fazer sempre a infelicidade da mulher que se lhe ligar(...) o que penso e o que sinto é que o teu casamento foi um erro tremendo *consequência de outros erros de ordem vária, erro sem qualquer responsabilidade tua*⁴⁷⁴, que deveria ter sido desfeito, em defesa da própria moralidade do casamento – visto que o casamento só é moral quando corresponde à união verdadeira de duas vidas – corpo, espírito e interesses de toda a espécie e *em defesa da tua felicidade*⁴⁷⁵. Qualquer outro caminho só tu o podes escolher e seguir(...)” (Carta de 6 de Jan. 1956). Como vemos, esta era também a concepção de casamento que Maria Lúcia Vassalo Namorado defendia quer em *Os Nossos Filhos* quer nos livros que tinha escrito. Esta é, sem dúvida das mais belas e longas cartas que Maria Lamas escreveu á prima, triste, directa, reflectida e sobretudo, prova uma amizade que, de facto, unia as duas mulheres com quem, dada a craveira intelectual de ambas, não seria fácil um entendimento simples.

A mensagem de esperança que acompanha as cartas que escreve, leva-nos a supor que esta confidente terá sido fundamental apoio para Maria Lúcia Vassalo Namorado que, em 1963 ainda não resolvera o problema que a amarguraria tantos anos seguidos.

Maria Lamas também reconhecia a importância que os filhos tinham na vida da prima. Refere-se-lhes sempre com elogiosas palavras, se bem que, ou a eles aluda

⁴⁷⁴ Texto em itálico está manuscrito.

⁴⁷⁵ Cf. nota anterior.

sempre em conjunto ou, quando fala de cada um em particular, sejam os dois mais novos os mais mencionados nas cartas⁴⁷⁶. A ligação entre a família de Maria Lamas e estes primos era também grande uma vez que, várias são as fotografias de família em conjunto (Arquivo de Maria Cândida Caeiro) e as reuniões, sobretudo em tempo de férias (Carta de 13 de Set. 1940). Também aos 18 anos (Entrevista a Maria Cândida Caeiro. 22 de Jan. de 2004) a filha mais nova de Maria Lamas foi a madrinha de Rui Namorado Rosa, o filho mais novo de Maria Lúcia Vassalo Namorado, ou seja, além de primas muito amigas, eram também comadres. É comovente a ternura com que Maria Cândida Caeiro fala da prima e da importância que ela teve como modelo incontestado de mãe exemplar que terá sido. Disso não tinha dúvida também Maria Lamas quando, ao congratular-se com os excelentes resultados dos filhos de Maria Lúcia Vassalo Namorado nos exames, lhe dizia:“(…) Tens razão para estar muito contente e eles também(...) minha querida Maria Lúcia, bem mereces essa compensação moral porque és, sob todos os aspectos, uma Mãe admirável(...)” (Carta de 5 de Ago. 1950) ou “(...) tens ainda os TEUS FILHOS! Eles vão conquistando o seu futuro e, sob esse aspecto, és uma mãe muito feliz (...)” (carta de 22 de Out. 1955) ou quando diz ainda, muitos anos mais tarde: “(...) no meio da luta e corajosa resistência moral que tem sido a tua vida, minha querida Maria Lúcia, uma coisa te deve encher de consolação e justa desvanecimento: os teus Filhos!...(…)” (carta de 20 de Jan. de 1967).

Uma outra pessoa da família de Maria Lúcia Vassalo Namorado merece uma referência constante nas cartas de Maria Lamas: a mãe da prima, a tia Anita. Por ela pergunta em quase todas as cartas e mostra-se sempre preocupada com a saúde dela, com os “(...) desgostos que tem tido(...)” (Carta de 2 de Abr. 1945) e sente a morte da tia, quando dela teve conhecimento (Carta de 20 de Abr. 1967), durante o período de exílio em Paris.

Como mencionámos, as relações de trabalho são um dos temas também mencionados na correspondência entre Maria Lamas e Maria Lúcia Vassalo Namorado. Enquanto que no final dos anos 20 e no início dos anos 30 é Maria Lamas que pede insistentemente colaboração á prima, como afirmámos anteriormente neste texto, o movimento de pedido de colaboração passa a ter sentido inverso sobretudo depois de meados desta última década, ou seja, será Maria Lúcia Vassalo Namorado a pedir

⁴⁷⁶ Sobre o mais velho, Fernando Vassalo Rosa refere:“(…) Calculo a graça que o Fernandito deve achar ao irmão!(...)” (Carta de 1935), quando o filho do meio de Maria Lúcia Vassalo Namorado nascera. Deste filho mais velho não encontramos quaisquer cartas no *Espólio de Maria Lamas* na Biblioteca Nacional.

também colaboração a Maria Lamas e a pedir para que esta lhe encontre algo mais estável em termos de colaboração, para dela viver, como profissão. A situação compreende-se porque, como vimos, a situação económica de Maria Lúcia Vassalo Namorado ir-se-ia agravando, assim como a das classe médias e funcionalismo público. Ainda antes de se casar, é Maria Lúcia Vassalo Namorado que convida Maria Lamas, por prestígio, a colaborar no jornal onde, em Penacova para onde iriam viver, o marido vai ser o editor. Esta diz que “(...) Quanto ao pedido que me fazes de colaborar no jornalzinho de Penacova, faço-o com o maior prazer- bastava ser um pedido teu- mas não prometo colaboração muito assídua, porque luto sempre com falta de tempo(...)” (Carta de 28 de Out. 1931). Ao receber os exemplares do jornal onde a sua participação vinha publicada, agradece: “(...) Recebi dois números do *Notícias de Penacova* que acho um belo jornal de província, variado, com aspecto agradável e leitura interessante. Felicito-te a ti e ao teu marido, pedindo-lhes que me contem no número dos seus assinantes. Gostava mais que o mandassem para minha casa(...). Obrigada pelo lugar de destaque que deram ao meu pobre soneto (...). Desejo-te apenas, de todo o meu coração, que te estima como se minha filha fosses, que as pequenas nuvens que possam surgir no céu da tua vida (são inevitáveis!) sirvam, apenas, para te deixar avaliar melhor o brilho do sol...Estou satisfeita por estares colaborando no *Notícias de Penacova*. É um belo entretenimento para o teu espírito e uma óptima preparação para trabalhos de maior fôlego, no futuro(...)” (Carta de 5 de Maio 1932).

Quando Maria Lúcia Vassalo Namorado vê que o ordenado do marido não é suficiente para manter o nível de vida a que estava habituada, ela irá pedir á prima que lhe consiga, em Lisboa, uma colaboração mais estável. Das diligências feitas nesse sentido, esta irá dando notícias, por vezes bem lacónicas como o faz dois meses depois do casamento de Maria Lúcia Vassalo Namorado: “(...) Quando fui ao teu casamento já estava perfeitamente esgotada de forças (...)recebi tua boa cartinha e os lindos versos que me mandaste. Sobre o que nela me dizes ácerca duma possível colaboração tua, todo o meu empenho será ser-te agradável e fazer justiça às tuas qualidades de inteligência e trabalho(...) (Carta de 22 de Maio 1932) escrevendo, no mês seguinte: “(...) Quero agora falar-te na tua colaboração. Não consegui ainda, bem contra o que desejava, qualquer colaboração efectiva para ti. Acredita que a crise é enorme. Não fazes ideia!(...) Vou tratar com o máximo interesse do assunto que me recomendaste - a tua colaboração. Entretanto, podes mandar algum conto, ou crónica, para eu publicar. Todo o meu empenho seria arranjar-te imediatamente o que desejas. Vamos ver o que

posso conseguir(...)" (Carta de 9 de Jun. 1932).

Nesse mesmo mês Maria Lúcia Vassalo Namorado volta a insistir e a resposta não tarda: "(...) Não me esqueço das nossas conversas e do que desejas. Estou tratando de tudo com o maior empenho, mas há muita dificuldade em arranjar colaboração efectiva em qualquer jornal, ou revista, porque há também, numerosos pretendentes. No entanto, não desisto de te arranjar alguma coisa. Os teus sonetos foram para o *Almanaque Bertrand* (Carta de 28 de Jun. 1932).

Para mostrar como seria bom que Maria Lúcia pudesse ter uma ocupação permanente e dela viver, dirá:"(...) imagines que me esqueço de ti, ou que sou mal agradecida à boa e carinhosa amizade que te devo. Não calculas o que é a minha vida (...). Tu não imaginas como eu gostaria que estivesses ao pé de mim, pois teria em ti uma colaboradora preciosa. Assim, de longe é difícil explicar-te bem o que preciso e me convém. No entanto peço-te que vás mandando sempre colaboração que é sempre, sempre, aproveitada (...)" (Carta de 31 de Maio 1934).

Dada a necessidade que Maria Lúcia Vassalo Namorado tinha de melhorar a sua situação económica, Maria Lamas sugere-lhe:"(...) escreve sempre, pensa num romance sereno como a tua vida - que é, afinal, a verdadeira felicidade na Terra- e não desanimes. Conta sempre com a boa vontade e a ternura da tua prima muito amiga e grata (...)" (Carta de 30 de Maio de 1935). Como se antevia difícil encontrar uma colaboração permanente para a prima, Maria Lamas promete tratar do assunto:"(...) Se eu souber de alguma colaboração que te interesse não a deixarei perder, descansa. Mas é difícil! Tu não supões a crise de trabalho que há para quem vive da pena. Há meia dúzia de lugares bons e certos, para centenas de pretendentes. Mas não desanimes. Tu tens qualidades para vencer e vencerás (...)" (Carta de 13 de Out. 1937).

Na mesma carta, apresenta-lhe uma proposta de trabalho: "(...) Vou agora expor-te uma coisa que aceitarás, ou não, com a maior franqueza. Trata-se do seguinte: Pediram-me para eu fazer uma tradução livre, encurtando onde me parecesse, dum livro da Condessa de Ségur- Jean-qui-grogne, Jean-qui-rit⁴⁷⁷-. A capa já está feita com o título João que chora, João que ri. Dão pelo trabalho 500\$. Para o nosso meio é bem pago. Mas... querem que eu ponha o meu nome como tradutora, e aqui é que está a dificuldade. Quererás tu ganha este dinheiro e consentir que *Rosa Silvestre* figure como tradutora?

⁴⁷⁷ Existe no *Espólio* de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Comtesse de Ségur (1931) – Jean qui grogne et Jean qui rit. Illustrations de F. Lorioux. Paris: Hachette. 256 p. /É o n.º 100 da base bibliográfica do Espólio- Cf. *Anexos cap. 1- Base bibliográfica Espólio Lisboa*.

Eu não tenho dúvida alguma, porque confio absolutamente no que tu podes fazer e, tratando-se de uma tradução não chega a ser coisa em que entre, a valer, o nosso nome literário. Também não gosto de fazer traduções, mas aceitei pensando em ti. Se não quiseres, arranjaréi tudo, não te preocupes. Responde na volta do correio com a maior franqueza. Têm pressa. Queriam a tradução nos primeiros dias de Novembro. Eu depois mando passar à máquina. Logo que tenhas uma parte, mandas, para adiantar trabalho. Escrevo a correr.. A notícia do teu livro está feita. Sairá muito breve(...)" (Carta de 13 de Out. 1937). No mês seguinte já a prima tinha aceite este pacto, que voltarão a repetir diversas vezes, e enviara uma "(...) parte da tradução (sic)(...)" como dirá Maria Lamas (Carta de 1 de Nov. 1937). No ano seguinte ainda a tradução não tinha sido paga pois "(...) devo dizer-te, a propósito, que não recebi ainda a importância referente à tradução do livro, razão porque não a fiz chegar às tuas mãos(...)" (Carta de 28 de Maio de 1938) e a andava a ser burilada porque "(...)os homens pediram-me para fazer alguns cortes, de forma a tornar o livro menos volumoso, e deram-me outra vez o original. Vou agora ver se consigo fazer isso rapidamente(...)" (Carta de 6 de Set. 1938).

Na sequência da sugestão de fazer um livro, Maria Lúcia Vassalo Namorado escreverá *Negro e cor de rosa*, já analisado neste trabalho, que Maria Lamas considera "(...)escreveste um bom livro sob todos os aspectos!(...)" (Carta de 19 de Jul. 1937, ao mesmo tempo que a ensina a enviar exemplares, para crítica para *O Século* e *A Voz*, prometendo uma notícia, como o fez⁴⁷⁸, em *Modas & Bordados*. O orçamento para a realização do livro fora obtido por Maria Lamas (Carta de 17 e 19 de Fev. 1937) que, quando lho envia, dirá:"(...) O original entreguei-o à tua mãe que mo veio pedir para o teu Pai o ler. Com a maior franqueza te digo que me agradou muito, sendo muito

⁴⁷⁸ Crítica que supomos ter sido feita por Maria Lamas, - com pseudónimo *Vera* - publicada em *Modas & Bordados*. N.º 1345.17-Nov. 1937. p. 6 com crítica também a livro *Almas*, de Laura Wake Marques e *O Solar da Boa-vista*, de Sara Beirão /**scanner**/ Tem cópia em Caixa 77. Maço 2. É com base na leitura da carta de 24 de junho de 1937 que fazemos esta afirmação. Estivera prevista a saída para "(...) Já mandei ilustrar o capítulo do teu livro. A gravura ficou muito bonita. Deve sair no dia 2 de Junho. Tenho muita fé no êxito do teu livro, porque é bem escrito e muito equilibrado. Não conheço o último conto mas creio bem que não será inferior aos outros (...)" (Carta de 21 de Maio 1937).No texto de crítica já se chama a atenção para a compreensão que a autora, já "(...) colaboradora assídua e muito apreciada (...)"daquela revista, mostra face ao sofrimento das mulheres do campo e das crianças entregues à sua má sorte. Da autoria de *Vera* que a conhece e que supomos ser Maria Lamas, lemos que é "(...) muito nova ainda, vive longe de Lisboa, num cantinho provinciano(...)" o seu Lar, onde dois rapazinhos encantadores vão abrindo os olhos para a vida(...) na actividade do seu viver caseiro, simples, modesta, banal, dificilmente surpreenderá o tesouro de inteligência, persistência, e coragem que anima o seu corpo frágil de mulher. (...) é um valor nas letras portuguesas contemporâneas. Culta, estudiosa, norteada por um ideal de beleza e bondade(...)"Refere que esta obra pretende "(...) chamar a atenção da mulher, principalmente da mulher que vive na província, para a sorte impiedosa das crianças abandonadas criminosamente a um acaso, que raras vezes deixa de ser mau(...)".

original a ligação entre os contos embora cada um constitua uma pequena novela. Gostava de ler o que falta. Só não gosto do título, que não corresponde ao interesse da obra. Não poderás arranjar outro? Diz-me o que te parece(...)"

Preocupada com o nome literário que Maria Lúcia Vassalo Namorado adoptará, aconselha-a:"(...) O teu livro? O título é sugestivo. Embora não lesse o final, tenho a certeza que será um bom livro. É verdade: que nome adoptas, literariamente? Pões só Maria Lúcia? Ou pões Maria Lúcia namorado? É porque me parece que só Maria Lúcia não marca tanto, porque é um nome familiar, que faz pensar em amadoras, compreendes? Isto é uma opinião apenas (...)" (Carta de 7 de Maio 1937). Quando recebe o livro, Maria Lamas escreve:"(...) não imaginas a comoção com que recebi o teu livro- eu sei o que é ver, finalmente, reunido em volume o nosso trabalho, a nossa ansiedade e os nosso sonhos de tanto tempo. Agradeço-te as palavras amigas que nele escreveste para mim e felicito-te pela edição que é muito cuidada. Não julgues que digo um mero cumprimento. Quanto à obra em si, que eu já conhecia quase completamente, mantenho a minha opinião de que se trata dum livro bem escrito, cheio de beleza e nobres intenções. Num artigo que vou escrever em M. B. Direi mais pormenorizadamente(sic) o que penso acerca dele. Podes estar contente porque escreveste um bom livro(...)" (Carta de 24 de Jun. 1937).

Com toda esta preocupação não admira que tenha passado sem qualquer referência nas cartas das duas primas o atentado contra Oliveira Salazar, a 4 de Julho de 1937, em Lisboa, na Av. Barbosa do Bocage (Rollo. 1989. p. 219 e seg.), assim como nela não se vislumbra a Guerra Civil de Espanha ou o início da Segunda guerra.

Como nada conseguia de colaboração permanente, Maria Lúcia Vassalo Namorado começara a pensar em dar outro rumo qualquer á vida profissional. É então que Maria Lamas lhe diz:"(...) Tenho pensado muito em ti, preocupada com a ideia de que, o que te disse acerca da tua colaboração noutra jornal, te levasse a tomar uma resolução que te prejudica. Mas acredita que o que te disse é como deve ser. Não imagines, porém, que eu não tomo na devida conta a tua lealdade. Vou procurar, com o maior empenho, compensar-te de qualquer maneira. Também fiquei preocupada com a tua saúde. Trata-se de uma depressão nervosa, mas eu sei, por experiência própria, como isso é doloroso. Olha, Maria Lúcia, tu tens muito valor e precisas de ter saúde para os teus e para ti. Não te deixes desanimar. O teu futuro há-de dar-te, ainda, a compensação do muito que tens lutado e trabalhado. Eu tenho absoluta fé no teu talento e em ti. Queria poder dar-te toda

a coragem e toda a resistência física de que precisas!(...)” (Carta de 18 de Ago. 1939). Antes de fundar a revista *Os Nossos Filhos*, Maria Lamas diz-lhe ainda :“(...) É necessário reagires, não te deixando dominar por um desânimo que não tem razão de ser numa rapariga inteligente e boa como tu és. As coisas são muitas vezes más, é certo, mas só com energia e força de vontade se podem vencer. Para isso é preciso não te entregares a um desfalecimento que só te pode prejudicar. Ânimo pois que eu estarei sempre a teu lado...(...)” (Carta de 17 de Set. 1940).

Dois anos depois, Maria Lúcia Vassalo Namorado irá criar a revista e a *Editorial* que já apresentámos neste trabalho. Porém, nestes anos 30, além de tentar obter colaboração permanente em alguma publicação, outra fora ainda a grande preocupação da prima de Maria Lamas: conseguir que o namorado e depois marido ocupasse um lugar mais próximo de Lisboa. Estando consciente que na capital haveria mais oportunidades de vencer do que na província assim como melhores oportunidades de educação para os filhos, há um tema que atravessa diversas cartas e se arrasta ao longo de diversos anos: é o dos sucessivos pedidos que Maria Lúcia Vassalo Namorado irá fazendo a Maria Lamas para que interceda, junto das devidas instâncias, naquele sentido. Já vimos em capítulo anterior o percurso que Joaquim Jerónimo da Silva Rosa fez, em termos profissionais. Vejamos agora como esse percurso foi relatado na correspondência entre as primas.

A questão da ‘cunha’ ou de ‘trafego de influências’ ou qualquer que seja a designação que se prefira, é conhecida em Portugal independentemente do tipo de regime político instalado. Se foi mal da monarquia e se foi exportada para as antigas colónias, não desapareceu com nenhuma das situações posteriormente ensaiadas. No *Espólio* de Maria Lúcia Vassalo Namorado várias vezes a encontramos seja para solicitar a publicação de uma fotografia em espaço mais ou menos privilegiado da revista (Cf. Carta de Emília de Sousa Costa⁴⁷⁹. Porto. 20 de Ago. 1951. Caixa 41. Maço 3), seja para pedir o envio gratuito da revista ou outras razões. O *Espólio* está recheado de situações deste tipo, como a da professora⁴⁸⁰ que, tendo enviado trabalhos de alunas para o *Concurso Literário e artístico* (ONF, Fev. 1951), chama a atenção para os

⁴⁷⁹ “(...) assim é que me atrevo a fazer outro pedido a V Ex.a: Meu sobrinho e médico Dr. Sérgio de Sousa Costa Pinheiro- o pai duma pequerrucha Helena Maria- que há anos figurou numa cestinha na capa de *Os Nossos Filhos* - tinha o máximo empenho em ver o seu rapazinho de um ano- *Sérgio Fernando* merecer igual distinção à conferida à irmã. Para isso me trouxe a película duma fotografia (...)” Carta de Emília de Sousa Costa. Porto. 20 de Ago. 1951. Caixa 41. Maço 3).

⁴⁸⁰ A senhora é Eduarda Rosa Marques Leitão da Silva, professora (Cartas de Abrantes. 22 de Fev. 1951. Caixa 18. Maço 6); 17 de Maio 1953. Caixa 18. Maço 6; Carta de 13 de Nov. 1955. Caixa 30. Maço 3).

trabalhos de algumas das alunas e insinua um nome de uma das alunas para ganhar o prémio – uma caneta de tinta permanente.

Não era fácil conseguir (tal como Maria Lamas nunca deixa de sublinhar) uma ‘cunha’ adequada para um lugar porque, sendo a “(...) *União Nacional* um importante centro de extracção política de quadros do regime, sobretudo tanto mais importante quanto mais se descia na hierarquia da administração e do funcionalismo(...) (Cruz. 1989. p. 69), essa dificuldade era sempre difícil de superar. Já vimos como foi o percurso do marido de Maria Lúcia Vassalo Namorado entre Coimbra e Lisboa, no capítulo sobre a biografia dela. Para vermos agora o percurso que seguiu, nas palavras de Maria Lamas, a saga da ‘cunha’ para a colocação de Joaquim Silva Rosa organizamos um pequeno quadro colocando ali todas as referências que a esta situação irão ser feitas, ao longo de anos, por Maria Lamas na correspondência:

Quadro n.º36.: Percurso de uma nomeação:

recebi a tua cartinha e fiquei muito contrariada por saber que o Quim não foi despachado para os Açores, como desejava. A pessoa a quem pedi, e que foi o próprio secretário do Ministro da Justiça, disse-me logo que era muito difícil, mas prometeu-me interessar-se o mais possível. Quando lhe perguntei, há dias, o que havia sobre a nomeação, respondeu-me que logo que soubesse alguma coisa me avisaria. Afinal... não foi nomeado! Tenho imensa pena, podes crer e, se eu puder conseguir qualquer coisa, noutra ocasião, dispõe de mim, com a maior franqueza. Queres que veja se consigo que o Quim vá para Serpa ou tens alguém a tratar disso? Vê lá. Eu não valho nada- ficou bem provado agora- mas, ainda assim, tentarei(...)Perdoa a minha inutilidade...	Carta de 13-11-(30)
recebi a tua cartinha e vou tentar de novo conseguir o que desejas. Não duvides da minha boa vontade! Não calculas a quantidade de pedidos que há para todos os lugares e empregos. Pessoas com cursos superiores a concorrerem a lugares de contínuo! É uma luta medonha pela vida! Para o mesmo lugar a que o Quim concorre há imensos candidatos formados em direito, etc. Em todo o caso, veremos o que é possível conseguir.O meu grande desejo era ver-te satisfeita, com os obstáculos que agora te separam da felicidade, vencidos. E é tão pouca coisa, às vezes! Era tão simples fazer desaparecer esses obstáculos! Mas todos nós estamos nas garras da Vida, sujeitos às injustiças e caprichos do Destino, escravos duma sociedade mentirosa e imoral! Só um caminho nos resta: lutar sempre e resignarmos...	20-11-(30?)
outro assunto mais interessante: Os lugares de Serpa e Figueira de Castelo Rodrigo já estão preenchidos. Houve transferências, etc. e disseram-me no Ministério da Justiça que não era possível fazer-se qualquer coisa nesta ocasião. Parece que está a concurso o lugar de Moimenta da Beira. Será possível obter a nomeação do Quim para lá? Vou ver se arranjo novos empenhos para isso, mas não me atrevo a prometer-te nada. Dizem-nos que sim com maneiras muito agradáveis, mas, depois, nomeiam quem lhes parece e agrada. A minha grande pena é não poder conseguir-te rapidamente o que desejas.	16-12-30
preciso que me digas, na volta do correio, tudo o que o Quim pretende. Como se chama o escrivão de Coimbra que ele deseja substituir? Para que outras terras lhe conviria ir? Parece-me que descobri maneira de conseguirmos o que desejas	5-1-31
quero dizer-te que não esqueci o teu pedido(...)está tudo preparado para se obter o que desejas- a colocação do Quim, em Coimbra, como substituto, ou noutra comarca que apareça- mas as coisas lá	9-2-31 e 6-3-(31)

<p>pelo governo não têm andado serenas saíu o Ministro da Justiça, entrou outro novo, o empenho que servia para um já não serve para outro de forma que não te posso dizer nada de positivo ainda hoje. Mas está descansada que não descanso enquanto não conseguir alguma coisa.</p>	
<p>Fui informar-me ao Ministério da Justiça e disseram-me que o pedido estava feito, mas que tinham perdido os apontamentos...tens paciência para me mandar outros?...mesmo com meus silêncios tão prolongados sou bem tua amiga!</p>	5- Maio 1931
<p>Se eu souber alguma coisa sobre a colocação do Quim, mando dizer logo. Se vocês souberem qualquer coisa que interesse, avisem-me também</p>	21-2-36
<p>Venho comunicar-te o que se passou acerca do lugar do Quim, para que saibas que não deixei de me interessar e ao mesmo tempo para que me vás dando as indicações necessárias para eu continuar a tratar do assunto. Ontem à noite a mulher do Ministro telefonou-me para me comunicar que não tinha sido possível fazer a nomeação para vila Nova de Ourém, por motivos que se ligavam com o número e categoria de alguns⁴⁸¹ concorrentes- alguns com muitos anos de serviço, etc. A Comarca de Rio Maior ainda não foi a concurso e, para lá, veremos o que se pode fazer. A própria esposa do ministro se ofereceu para, na ocasião própria, se interessar pelo caso. Não deixes, pois, de me avisar, logo que vague o lugar de Rio Maior, sim? E dispõe sempre de mim como duma irmã.</p>	6-3-36
<p>Queria ter mandado ontem, à minha querida Maria Lúcia, uma boa notícia, que fosse um agradável presente de anos, mas...ainda não pode ser desta vez! Informou-me a mulher do ministro da Justiça que não foi possível dar o lugar de Rio Maior ao Quim, porque houve <u>imposições</u> da comissão distrital da <i>União Nacional</i>, etc. Isto depois de me ter quase garantido que sim, que ele seria colocado! Afirmou-me no entanto, o maior empenho em satisfazer o meu pedido, ou antes, a nossa pretensão. Comunicou-me, em nome do marido, que o lugar do Seixal estava vago. Se o Quim quiser ir para lá, será colocado, disse-me ela. Peço a resposta urgente, devendo ele, é claro, requer imediatamente. Se, por qualquer motivo o Seixal não lhe convier, deve informar-se das vagas que vão ser abertas- disse-me ela também que são bastantes- O teu pai, que veio hoje aqui ao Século, ouviu a conversa e poderá explicar-te também o que se passou(...). Creio que conseguiremos a transferência do Quim para uma comarca - o que afinal não é favor nenhum, visto ele ter direito a isso- a questão é insistir... Peço pois resposta breve à minha pergunta, sendo de opinião que não devem precipitar-se. Se, por acaso o Seixal lhes convier, é talvez preferível esperar. Isto penso eu mas o Quim resolverá.</p>	2-6-36
<p>O que posso afirmar-te é que não me esqueço de ti, nem deixo de me interessar com o maior empenho pelo que desejas. Convencida de que a mulher do Ministro não é <u>bom empenho</u> para o marido, ou então não toma em consideração os meus pedidos, voltei-me para outro lado- para o Nobre Guedes, Presidente da <i>União Nacional</i>. Fiz um memorial com a pretensão do teu marido, tendo pedido constantemente que não se esqueça, por intermédio do Dr. José Pontes, que é o maior amigo dele e que me tem afirmado que ele se interessa pelo caso. Sinto-me até envergonhada porque tu hás-de pensar que é pouca vontade minha de te ser agradável, quando, afinal, todo o meu desejo seria conseguir o que pretendes. Peço-te que me digas o que há acerca da Lousã e também, se souberes de alguém, além do Ministro, a quem eu possa dirigir-me, me digas porque às vezes vale mais tratar do caso com alguém <u>mais acessível</u>, compreendes? Ó que eu não queria era que duvidasses da minha sinceridade.</p>	7-5-37
<p>recebi tua cartinha...já tratei com <u>maior empenho possível</u> do caso do Quim. Não fui falar à mulher do Ministro porque sei, <u>com certeza</u>, que está longe de ser o melhor empenho para o marido. Quem tomou o caso à sua conta foi uma pessoa amiga do ministro e que me prometeu interessar-se a valer. Além, é claro, do pedido feito pelo José Pontes(?) ao Nobre Guedes. Oxalá se consiga o que desejas.</p>	21-5-37
<p>Quantos anos⁴⁸² fazes? 27? E eu que te vi nascer! Como vou ficando velha! Bem queria mandar-te hoje uma boa notícia acerca da colocação, ou antes, da transferência de teu marido, mas apenas posso dizer-te que <u>o caso</u> está o melhor recomendado possível. A vaga da Golegã</p>	31-5-37

⁴⁸¹ Palavra rasurada.

⁴⁸² Véspera do dia do 28º aniversário da prima.

não vai a concurso, por enquanto. Mas sempre que haja qualquer lugar a concurso avisa-me, pois o Chefe de Gabinete do Ministro está muito empenhado em resolver o assunto. Sei até que o Quim esta muito bem classificado. O que tu não podes supor é a quantidade de empenhos e pedidos que há de todos os lados!	
E o teu Marido? Não há mais nada? Logo que seja posto a concurso um lugar que lhe convenha, avisa-me, para eu lembrar a promessa, que me foi feita.	24-6-37
recebi as tuas cartas e acredito que me empenhei ao máximo pela tua pretensão. Quem está tratando do assunto é o Eng.º Branco Cabral, amigo íntimo do Chefe de Gabinete do ministro. Hoje vou insistir. Vamos a ver! Podes crer que não me esqueço. Quem me dera ter-te mais perto de mim! Serias uma ótima colaboradora em coisas que não é possível tratar de longe. Oxalá consigas agora o que desejas.	13-10-37
Não abandono um momento o caso do teu marido. Estou em comunicação diária, pode dizer-se, com o Ministro, que tem o maior empenho em o colocar na Golegã. Mas o Governador Civil de Santarém está muito empenhado por outro concorrente e há <u>grande luta</u> . O teu marido tem a sua causa bem encaminhada mas o Ministro, coitado, põe as mãos na cabeça, aflicto (sic) da sua vida, e perguntou-me se ao teu marido conviria igual lugar em Moura, no Alentejo. Era, para ele, a maneira de resolver o caso. Responde urgentemente	1-11-37
a tua carta e a de teu marido, e creê que de forma alguma descuro o assunto que a ele dia respeito, e em cuja solução estou altamente empenhada . As dificuldades são grandes, como sabes. também se meteram agora as férias, o que possivelmente retardará o andamento das coisas.. Compreendo bem o teu interessa em vires para cá por minha parte, tanto pela amizade que te dedico como pela facilidade de na troca de impressões sobre qualquer assunto creê que não é menor Trabalharemos para isso, pois só assim, com persistência, poderemos chegar ao fim em vista.	17-6-39
recebi a tua carta e fui em seguida tratar pessoalmente do assunto, ..deu-se a vaga, mas antes mesmo de se dar ia estava destinada para uma pessoa de família do ministro. Isto sem rodeios, com toda a franqueza, pois o contrário seria alimentar uma esperança que de antemão sabia não dever existir.	25-10-39
recebi também uma carta de teu marido, contando-me que escreveu ao António Ferro e lhe mandou o teu livros. Eu preferia saber o que ele disse, depois disso, para depois falar com a Fernanda de Castro. Com franqueza, eu não acredito muito na sinceridade das promessas deles, e gostaria de proceder <u>pelo seguro</u> , não precipitando as coisas, porque eles não gostam de empenhos, dizem-me. Gostam de ser <u>eles</u> ⁴⁸³ que faz o favor, sozinhos. Compreendes? Em todo o caso, como vens brevemente, trataremos de tudo e posso mesmo apresentar-te à Fernanda de Castro, se quiseres. Quem me dera apanhar-te cá!	23-1-40

Da análise do conteúdo do quadro acima concluímos que o problema andou mais de dez anos para resolver e que uma das formas de conseguir o bom desfecho para os ‘empenhos’ era pedir às mulheres casadas com os titulares de cargos importantes. A falta de transparência nos concursos, as divisões entre clientelas diversas assim como a força que tinha a *União Nacional* são aqui brilhantemente expostas.

Mais tarde Maria Lúcia Vassalo Namorado voltará a recorrer a este meio para interceder em diversas situações por pessoas que lho pedem: vai pedir ao Dr. Victor Fontes director do *Instituto António Aurélio da Costa Ferreira* para que uma assinante⁴⁸⁴,

⁴⁸³ Sublinhado duplo no original.

⁴⁸⁴ A senhora que identificamos e que ainda é viva, escreverá a Maria Lúcia Vassalo Namorado dizendo:“(…) .../no concurso do /Júlio de Matos fiquei em 2º lugar, apesar de ter quase a certeza de ter estado em 1º(…) com certeza a outra sra. tinha pedidos muito fortes porque eu só tinha a recomendação da

professora do ensino primário com especialização para anormais, consiga um lugar ao qual concorreu (Caixa 32. Maço 2), vai solicitar a Virgínia Faria Gersão alguma atenção para as provas de uma menina que vai a Coimbra fazer exame. A prova é corrigida por esta professora mas a menina obtém tão mau resultado que Virgínia Gersão nada pode fazer para a ajudar e ainda quando em defesa do casamento das enfermeiras vai pedir a António Emílio de Magalhães que interceda por Hortênsia Silva, para que não seja condenada por se ter casado, indo contra a lei, como vimos.

Em 1940 pede a Maria Lamas para interceder para que o filho do meio possa ir frequentar o *Jardim Escola João de Deus*. Sobre isso, diz-lhe a prima:“(…) Quero dizer-te que estejas descansada sobre o caso da Escola-Jardim João de Deus, que vou tratar com o maior empenho e interesse, pois está certa que farei tudo o que me seja possível, para o resultado em vista(…)” (Carta de 13 de Set. 1940). Decerto foi mais acessível o contacto uma vez que, esse e o filho mais novo de Maria Lúcia Vassalo Namorado frequentaram aquela instituição de educação infantil.

Sabemos que também terá escrito duas cartas em Outubro de 1944 a Oliveira Salazar⁴⁸⁵ e que terá enviado exemplares de revistas ao mesmo tempo que fazia um pedido mas não sabemos qual, nem que números enviou porque apenas temos as cartas que recebeu⁴⁸⁶ como resposta dando conta da indisponibilidade para qualquer apoio por parte do Governo.

minha amiga; sabe de que influências muitas vezes servem as pessoas(…) julgo ser equívoco dizerem que não enviei todos documentos (…)” (Carta de 25 de Ago. 1955. Funchal. Caixa 32. Maço 2).

⁴⁸⁵ Se se consultar o *Catálogo de correspondência particular* do *Arquivo Salazar* constata-se que essas cartas não estão aí referenciadas. Não poderiam estar uma vez que, para além desse catálogo já organizado existem 517 Caixas com documentos do mesmo tipo dessas, das quais 390 têm já ficheiro e catálogo informatizado. As restantes apenas são acessíveis por catálogo manual. Porém, nestas também não foi possível encontrar estas duas cartas uma vez que a presidência do Conselho de Ministros começou a guardar documentação...após 1960.O processo da revista *Os Nossos Filhos*, que deveria existir no SNI uma vez que a legislação de 1936 obrigava a que os directores de publicações periódicas obedecessem a um conjunto de requisitos. Não nos foi possível consultar esse processo que está no *Arquivo do Pendão*, em Queluz porque se encontra em fase de tratamento e será integrado no Instituto dos Arquivos Nacionais da Torre do Tombo em Dez. 2003 e será consultável⁴⁸⁵ apenas talvez depois de 2004. (Informações prestadas por Francisco Veloso do atendimento do IANTT em 7-11-2003).

⁴⁸⁶ São três cartas: de Alexandre Ribeiro da Cunha, Secretário da Presidência do Conselho, Gabinete do Presidente, que refere: “(…) sr. Presidente do Conselho recebeu a carta de V. Exa de 20 do corrente e os volumes que a acompanhavam e que por V. Exa lhe foram oferecidos. A revista *Os Nossos Filhos* mereceu o interesse do Sr. Presidente do Conselho que felicita V. Exa pela iniciativa, encarregando-me de agradecer a oferta dos referidos exemplares (…)

informo também que a pretensão exposta no memorial que acompanhava a carta de V. Exa é recomendada ao ministério da Justiça(…)”. (Carta de 23 de Maio 1944. Caixa 72. Maço 1); e carta de secretário da Presidência do Conselho, Gabinete do Presidente com:“(…) com referência à carta de V. Exa de 26 corrente, cumpre-me informar que a carta anterior foi enviada por sua Ex.a o Presidente do Conselho à consideração de Sua Exa o Ministro da Educação Nacional(…)” (carta de 29 de Dez. 1956. Caixa 72. Maço 1) e Carta de:“(…) O subsídio afigura-se só poderia ser concedido através da *Liga de Educação Sanitária* e a verba própria poderia ser de Assis. Mat-

Uma última vez Maria Lúcia Vassalo Namorado terá intercedido por terceiros junto da prima: pede algo para o médico Armindo Fernandes, uma colocação e a resposta, negativa, é escrita por uma “(...) cunhada do Artur Rebelo(...)” (Carta de 1 de Jun. 1945).

A correspondência é também um local privilegiado para Maria Lamas falar dos livros que vai escrevendo, actividade de que não prescinde, a par do emprego de jornalista ou de outras actividades a que se dedica, sempre para ganhar dinheiro pois é daí que tira a sua subsistência. Tenta oferecer os livros a Maria Lúcia Vassalo Namorado como faz com *Maria Cotovia*, cujo título não menciona mas ao qual se refere, dizendo:“(...) Deves ter recebido um livrito de contos para crianças que te mandei. ...não tem importância alguma...obra minha...não quis deixar de to mandar (...)” (Carta de 2 de Dez. 1929) que havia saído no ano anterior e com outros dos que vai publicando nos anos 30 como *As Aventuras de cinco irmãozinhos* (1931), *A Montanha Maravilhosa* (1933), *Estrela do Norte* (1934) mencionada em carta de 1935, *Brincos de Cereja* (1935) e os romances *Para além do amor* (1935), que assina Maria Lamas e *A Ilha Verde* (1938). Sobre esta penúltima obra dirá:“(...) Espero pôr à venda, ainda este mês, um romance - *Para além do amor*- Terá a tua aprovação? É bastante diferente de tudo o que tenho publicado até agora. Veremos...(...)” (Carta de 30 de Maio de 1935). Sobre a última, cujo título não menciona, promete enviá-lo a Maria Lúcia Vassalo Namorado:“(...) eu estou bastante cansada. A minha vida é cada vez mais sobrecarregada de trabalho! O meu livro está pronto, a sair. Lá o receberás qualquer dia(...)” (Carta de 28 de Set. 1938).

Ao mesmo tempo, como se viu e como menciona na correspondência, para ganhar mais dinheiro, faz traduções como *Adriano* de Yourcenar e os *Miseráveis* de Hugo. Também é nessa década tem a carteira de jornalista, com o n.º 178 do *Sindicato dos Jornalistas*, em 1934. Outras publicações que, da sua autoria vão saindo, são também alvo de apresentação na correspondência. Sobre *A Mulher no mundo*⁴⁸⁷ é Maria Lamas que interpela a prima para saber se esta havia visto:“(...) o que o Primeiro de Janeiro e o Comércio do Porto publicaram acerca da Mulher no mundo? Fiquei muito satisfeita porque senti que me tomam a sério(...)”(Carta de 22 de Out. 1955). Nessa mesma data

Inf. do F. de S. Social. Quando houver disponibilidade desta verba deverá este assunto voltar à consideração superior(...)” (Carta de resposta á que Maria Lúcia Vassalo Namorado enviou em 2 de Maio 1957 com data de 1 Jun. Caixa 72. Maço 1).

⁴⁸⁷ *As Mulheres no mundo*- editado em 1952, em dois tomos.

diz que continua a “(...) passar razoavelmente de saúde e a trabalhar bastante que é a melhor maneira de não sentir a distância. Mas o aparecimento do *Arquipélago da Madeira- Maravilha atlântica* está demorado, por causa de não terem chegado ainda o papel e o tipo encomendados de Lisboa. Tudo se arrasta...(...) Mas cá vou andando olhando sempre para diante e para mais alto⁴⁸⁸, sem deixar de sentir a terra debaixo dos pés e de encarar de frente as realidades – minhas e dos meus semelhantes (...)” (Carta da Madeira. 22 de Out. 1955). Nesta ilha não se sente bem, apesar de todos a rodearem das maiores atenções. Diz a Maria Lúcia Vassalo Namorado: “(...) Agradeço tudo quanto possas fazer para a propaganda da obra, a cujo êxito está ligado o meu futuro profissional – sob o ponto de vista de possibilidades de trabalhar noutra género, como tanto desejo. Sinto-me cada vez mais isolada. Vale-me o trabalho e o meu treino de superar a angústia e o isolamento(...). Esta sociedade é verdadeiramente feudal no espírito (...) isto a par do estado de sub-humanidade em que permanece o povo. A ilha, sim, é maravilhosa! (...)” (Carta de 6 de Jan. 1956).

Sobre *As Mulheres do meu país* são diversas as notícias que envia na correspondência para Maria Lúcia Vassalo Namorado. O 1º fascículo desta obra está pronto em Agosto de 1955, como noticia Maria Mendonça: “(...) D. Maria cá está /na Madeira/, já a trabalhar até já tem a *maquete* do 1º fascículo pronta, de manhã está na sua casa a trabalhar e todos os dias por volta das 15 h vem aqui para nossa casa, continuar a trabalhar, onde está, regra geral, até às 19h(...)” (Carta de Maria Mendonça. Funchal. 17 de Ago. 1955. Caixa 26. Maço 2).

A fase de construção dessa obra monumental e fundamental sobre a vida das mulheres portuguesas nos finais dos anos 40/início dos anos 50 do século passado e que, até hoje, ainda não foi ultrapassada, foi dolorosa. Primeiro porque ela será feita em forma de desafio, como vimos, pelo encerramento do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* em 1947. O profundo empenhamento político de Maria Lamas data dessa época em que, a oposição (re)começa a manifestar-se em Portugal, num pós-guerra impossível de regressão. É a partir dessa data que, estando Maria Lamas com 54 anos, vai ultrapassar as maiores provas de resistência da sua (longa) vida: o desemprego e a prisão, como veremos. Sobre a construção da obra recentemente reeditada com prefácio de cada uma das netas mais velhas, diz a Maria Lúcia Vassalo Namorado: “(...) Cá ando na minha viagem a trabalhar com o maior entusiasmo e amor. (...) Já percorri o Alto

⁴⁸⁸ Alusão ao seu ex-libris – *Sempre mais alto*.

Minho e estou agora nesta região, onde me demorarei até meados da próxima semana. Desculpa-me eu não escrever frequentemente mas esta viagem é muito dura, sob vários aspectos, e eu chego á noite fatigada, só capaz de me meter na cama e dormir...quando o sono vem. Mas nunca me esqueço das pessoas amigas, entre as quais tu tens um lugar muito chegado no meu coração (...)” (Carta de 12 de Dez. 1947). O relato não acaba por aqui:”(...) a tua lembrança acompanha-me muitas vezes. Se não te escrevo é porque as condições não mo permitem: viagens constantes e fatigantes, péssima iluminação e um grande desconforto, que me não permitem escrever á noite. Tem sido muito dura esta parte da minha peregrinação. Guimarães, Famalicão, Braga, Chaves, Vila Real, Amarante e, agora, toda a região de Terras de Basto. Percorri as serras do Gerês, Cabreira, Barroso e Marão. Andei pelas terras de Bouro e do Barroso, de que é capital a frigidíssima Montalegre. Já vez (sic) que apesar da neve, da chuva e da ventania, não tenho perdido tempo. Continuo cheia de fé e disposta a não me poupar a qualquer sacrificio para que As mulheres do meu País seja uma obra viva, séria e com interesse. Tenho elementos muito bons (...). Tenho momentos de tristeza e desalento porque a miséria que vejo excede tudo... Mas também em Lisboa eu teria esses momentos(...). Penso tanto na tua luta e no terreno resvaladio que és forçada a pisar, tantas vezes... Admiro a tua força de vontade e resistência, tanto física como moral. Muito lucrarias em fazer a viagem que eu estou fazendo. Compreenderias, então, melhor, muita coisa que ainda se te apresenta deformada... Se eu não fosse indesejável, escreveria artigos sensacionais para a tua revista!(...)” (Carta de 29 de Jan. 1948).

Quem conheça as zonas mencionadas, sabe que este texto, infelizmente, nada tem de exagero e, pelo contrário, é até bastante contido. A dificuldade de comunicação que ainda hoje se sente, em termos de rede de transportes, nestes locais mesmo depois da integração europeia, é uma realidade. O próprio 1º ministro da época, Oliveira Salazar só irá de avião, pela primeira vez, para o Porto em 27 de Maio de 1966 (Rollo. 1989. p. 219 e seg.), ou seja, quase vinte anos depois desta carta ter sido escrita.

Quando este livro fica pronto, é Fernanda Tasso de Figueiredo que o dactilografa para Maria Lamas como a primeira escreve também a Maria Lúcia Vassalo Namorado como vimos já neste trabalho (Carta de 23 de Fev. 1952).

Depois desta alusão á obra de Maria Lamas na correspondência que envia a Maria Lúcia Vassalo Namorado há outro tema que analisaremos: a referência aos tempos em que esteve na prisão (e onde a prima nunca a abandonou) assim como á sua ida para a Madeira.

Na prisão, Maria Lamas teve a visita da prima, todas as vezes que lhe foi possível, porque o director de Caxias a autorizou a “(...) vir abraçar a sua amiga em qualquer dia (...)” (Carta de João da Silva: Caxias. 28 de Ago. 1950) o mesmo sucedendo, por exemplo, em 6 de Outubro do mesmo ano (Carta de João da Silva, director da cadeia de Caxias. 4 de Out. 1950), o dia do aniversário de Maria Lamas. Na carta em que lhe agradece a visita, Maria Lamas aprecia o bolo que a prima lhe levava e a oferta que o marido de Maria Lúcia Vassalo Namorado lhe enviava, ou seja, que “(...)o teu bolo, mesmo tostado e tudo, é delicioso! Sucede porém, que eu prefiro sempre os bolos e pudins um bocadinho tostados, de forma que até parece que foi de propósito... Muito obrigada! Quero ver se escrevo hoje também ao teu marido, para lhe agradecer as flores e o empréstimo da jarrinha, que tanto me sensibilizou! Desejo que as tuas férias te tenham renovado as energias, para continuares a tua missão tão importante mas tão exaustiva, de educadora de Mães! Nem tu imaginas como eu te admiro. Desculpa eu escrever pouco mas estou bastante fatigada... de estar, por assim dizer, imobilizada... Custa-me escrever...O recurso relativo à minha caução já está nas mãos do juiz. Veremos...Sim, deixa o Rui estudar música. Só lhe pode fazer bem sob todos os aspectos. Beija-te e abraça-te a tua do coração gratíssima (...)” (Carta de Caxias. 9 de Out. 1950). Nem sempre eram possíveis essas visitas, como se conclui da missiva que o mesmo director envia a Maria Lúcia Vassalo Namorado quando esta solicitara autorização para ver a prima no dia 25 de Dezembro: “(...)O dia de Natal não é o melhor dia para a concessão de visitas especiais devido a uma maior afluência. Se lhe causar transtorno vir em qualquer outro dia pode vir que será auctorizada (sic)(...)” (Carta de J. Silva. Caxias. 23 de Dez. 1953).

Da prisão Maria Lamas expressa diversos desejos e reflecte sobre a sua situação nas cartas que escreve: “(...) desejo e preciso muito regressar á vida normal e ao convívio dos que me são queridos, mas vou suportando, sem desânimo, este cativo. Sairei daqui mais forte moralmente, espero. E será essa a minha compensação (...)” (Carta de Caxias. 20 de Set. 1950⁴⁸⁹). Considera que está bem e que “(...) todo o meu esforço moral, neste momento, é manter o equilíbrio físico e psíquico para suportar bem, até ao fim, esta rude prova. A amizade dos que me querem bem, ajuda-me muito. Um grande abraço da tua do coração(...)” (Carta de 1 de Set. 1950). Escreve ainda para agradecer mais visitas (Carta de 30 de Out. de 1950) em que a prima lhe levou outro bolo, para

⁴⁸⁹ Nesta data, Maria Lúcia Vassalo Namorado estava de férias, em Lorvão, ainda sem os filhos, apenas com o marido. Esta é das poucas cartas que Maria Lamas escreve para os dois em conjunto.

pedir o envio da revista *Os Nossos Filhos* e a estimulara continuar o seu trabalho:”(…) Como sempre, tua visita deu-me o maior prazer e agradeço-te, de todo o coração, todos os incómodos que tens tido comigo. Desejo muito que o teu marido esteja melhor e tu própria te sintas com mais forças. Penso muitas vezes em ti e no teu esforço admirável, sem teres aqueles pontos de apoio que seria justo não te faltarem. Mas não desanimes! Vai lutando sempre. Como já deves saber, não me foi admitida caução. Por isso, aqui ficarei até... não sei quando. Sinto-me calma, apesar de, fisicamente, não estar tão bem como precisaria para suportar este regime. Mas espero chegar ao fim. Gostaria muito de ver a revista de Dezembro (...)” (Carta de 27 de Nov. de 1950). No mês seguinte volta a sublinhar o quanto gosta de ver a prima e elogia-a mais uma vez:”(…) perdoa a minha demora em agradecer-te a bondade e dedicação com que me tens acompanhado nestes dias de cativo. As tuas visitas dão-me sempre muita consolação, mas peço-te que não te exponhas tanta vez ao frio e à fadiga do caminho. Eu continuo a passar melhor(...)os remédios não bastam- preciso cada vez mais de movimento e sol! Entretanto cá vou dando injeções de cálcio e vitaminas. Desejo muito as tuas melhoras...que tudo te corra sempre como mereces. (...) Mais uma vez, obrigada por tudo. As palavras não exprimem a minha emoção e reconhecimento perante a tua afectuosa solidariedade. Sei que só com muito boa vontade consegues roubar tempo ao teu trabalho para vires verme; e sinto escrúpulos. Bem hajas! Adeus, querida Maria Lúcia. Abraço-te muito ternamente e sou, cada vez mais, a tua amiga verdadeira e gratíssima(...)” (Carta de 10 de Dez. 1950). Da segunda vez em que virá a estar presa as cartas continuam a reflectir sobre a sua situação dizendo:”(…) sinto-me bem, sou excelentemente tratada, não me falta coisa alguma – excepto a mais importante: a liberdade. Desejo-vos um Natal feliz (...). Sinto-me o mais calma possível, bem segura de proceder conforme a minha consciência (...)” (Carta de 24 de Dez. 1953).

Da Madeira escreve muitas cartas em que, além de reflectir sobre a situação do país, ainda envia indicações para o número temático que, sobre aquela ilha, a prima estava a preparar⁴⁹⁰. Numa delas, aquela em que avalia o referido número temático, já por nós analisado neste trabalho, alude á vontade que teria de continuar a colaborar como veremos, além da colaboração infantil, na revista *Os Nossos Filhos*:”(…) O número agradou muito aqui e os jornais têm-lhe feito as melhores referências, aliás

⁴⁹⁰ Cartas de 22 de Mar. 1951, 30 de Maio de 1951, 20 de Jul. 1951, 2 de Dez. 1953, 7 de Ago. 1955 e 30 de Maio de 1958.

muito justas. Tanto a revista como a sua directora são aqui muito apreciadas, o que me enche da mais sincera satisfação. Pela minha parte tenho a agradecer-te sempre as tuas inextinguíveis gentilezas, neste caso a transcrição do trecho de *As Mulheres do meu País*⁴⁹¹, com as generosas palavras que escreveste. O meu coração agradece-te comovidamente. Gostaria de te mandar, de vez em quando, alguma crónica ou apontamento daqui- mesmo sem nome ou com pseudónimo, se assim entendesses- mas a verdade é que, se nalgum sítio a criança vive ao abandono, sob todos os aspectos, é aqui - refiro-me à criança das classes humildes. Já não sou capaz de lisonjear a sociedade em que vivemos. E, no entanto, nunca tive tanto para dizer... Tudo o que diz respeito à assistência à criança assenta em bases erradas, falsas, que se ligam à estrutura falsíssima desta pseudo-civilização tão apregoada. Não basta fazer isto ou aquilo, por melhor que pareça e seja, no momento. É indispensável analisar, sem sofismas, a que conduz o processo empregado ou a solução adoptada. Pergunto eu: A que conduz toda esta assistência dada através das numerosíssimas obras de caridade, oficiais e particulares, que são o cartaz⁴⁹² mais vistoso e aplaudido do sistema social em que vivemos? Por mais que pense e analise, só encontro cada vez mais nítida, esta resposta: Conduz à continuação da mesma assistência sem projecção no futuro das crianças(...) à mesma assistência defeituosa, insuficiente, protectora. Protectora, quer dizer, aqui, beneficiente, pseudo-altruísta e generosa, que coloca quem a recebe num plano de dependência e gratidão para quem a promove. Os eternos protectores e protegidos... Entretanto, a miséria continua a ser o signo da infância, nesta ilha maravilhosa- para me referir somente ao lugar donde te escrevo. Desculpa o arrazoado(sic). Foi como um desabafo da minha consciência! Sou incorrigível... Não esqueço a prometida colaboração- conto infantil- mas só agora principio a sentir um certo equilíbrio físico, pois a mudança de clima e, talvez, as graves preocupações de toda a ordem, que esta minha prolongada convalescença e ausência de Lisboa me causam, provocaram-me uma certa excitação, com perda de 4 quilos, nas primeiras semanas da minha permanência aqui. Mas penso que a crise está debelada. Aparte esta reacção transitória, naturalíssima por vários motivos, tudo me tem sido propício na Madeira, onde encontrei um carinho e atenções que não é possível descrever porque há pequenas coisas que nos tocam o coração e nenhuma palavra pode traduzir. Estou em casa de uma família amiga que me embala como se eu fosse uma menina mimosa... Outros amigos esperam também

⁴⁹¹ Por ex. *Os Nossos Filhos*, Jun. 1948. p. 19 e textos referidos neste capítulo.

⁴⁹² Sublinhado duplo, no original.

receber-me em sua casa. Outros ainda, pensam constantemente em obsequiar-me com passeios, que eu nem e posso aceitar, porque me fatigo muito facilmente. É claro que também há os que têm medo de mim... E são muitos, porque foi posta a correr a versão de que sou "comunista perigosa"⁴⁹³. Creio mesmo que o grande carinho dos meus amigos procura compensar-me desta campanha. A verdade é que ela não chega, sequer, a perturbar-me. Estou a escrever bastante mas o médico mandou-me moderar a actividade mental, por agora. Creio que isso me está a fazer bem, fisicamente, mas é indispensável que eu trabalhe, trabalhe, trabalhe! A redactora-principal de *O Eco do Funchal* como eu lhe falei em ti com a simpatia e admiração que nunca encubro, convenceu-se de que lhe mandaste um exemplar de *Os Nossos Filhos* por indicação minha. E tomou isso como uma gentileza da minha parte, embora eu lhe dissesse que tencionava recomendar-te que mandasses a revista para lá, mas que o não chegara a fazer. Já agora, não vale a pena tirar-lhe a ilusão, porque, não sei porquê, isso parece que lhe dá felicidade. Que te parece? Eu estou a colaborar nesse jornal- com pseudónimo, quase sempre. Parece-me que terás vantagem em permutar com ele, pois terás sempre ali uma referência agradável aos *Nossos Filhos* e tudo o mais que desejares. A redactora de que te falei chama-se Maria Mendonça, é simpática, muito prestável, e creio que me estima sinceramente. Peço-te que me mandes uma fotografia tua, mesmo pequena, desde que esteja boa, e um trecho de qualquer livro teu, que gostes de ver transcrito. Talvez de Negro e Cor de rosa - que tem páginas tão belas- ou de *Joaninha quer casar*. Manda também um exemplar de *A mulher dona de casa*, porque é sempre oportuno fazer-lhe referência. - O jornal tem uma Página da Mulher - Manda qualquer coisa mais que te interesse. O *Eco do Funchal* - bi-semanário- com muita aceitação aqui, embora mal feito- está à tua disposição. Combinado, sim? (...)"(Carta de 20 de Jul. 1951).

De Paris, onde estive de Julho de 1962 a 3 Dezembro de 1969 não deixará também de dar notícias⁴⁹⁴ á prima. Durante este último período irá ao Congresso em Copenhague em 1953, onde estão 2100 mulheres de 74 países e, em 1963, com Georgette de Oliveira Ferreira, ao *Congresso Mundial das Mulheres* onde são discutidos diversos assuntos das lutas das mulheres como os seus direitos, o desarmamento e a amizade entre os povos (Org. Mulheres Comunistas, 1994. p. 83).

⁴⁹³ Cf. nota anterior.

⁴⁹⁴ Cf. Caixa 50. Maço 4, restantes cartas de Maria Lamas ou a sua transcrição em *Apêndice Cap. 5* – Base de cartas total.

Mais uma vez temos de sublinhar que *Os Nossos Filhos* não era uma revista onde passasse a visita de Isabel II a Portugal, realizada entre 18 e 20 de Fevereiro ou se mencionasse o encontro entre Salazar e Franco em Ciudad Rodrigo, a 8-9 Julho desse mesmo ano ou se sublinhasse a posse de Américo Tomás como presidente da República em 9 de Agosto de 1958 (Rollo. 1989. p. 219 e seg.). Não admira, pois parecendo seguir a linha geral, dela se desvia a todo o momento. Não era em vão que Maria Lúcia Vassalo Namorado era, como se sabia nos meios políticos, prima de Maria Lamas, a mulher que fora evoluindo de uma situação de pouco empenhamento político para uma vida de militância partidária, que aos 81 anos, em 1 de Março de 1974 seria testemunha de defesa de Maria Isabel Barreno entre tantas outras manifestações de oposição ao regime que, sem sobressaltos, foi fazendo.

A análise da correspondência entre estas duas primas leva-nos ainda a um aspecto em que, mais uma vez, as suas vidas se cruzaram: a revista *Os Nossos Filhos* que, também nestas cartas tem um peso considerável, como veremos.

No fim da apresentação do conteúdo desta correspondência podemos concluir que ela é um vestígio que nos fala de duas primas, de “(...)duas amigas intelectuais de primeira plana que / ...tratam do seu quotidiano: grandes projectos intelectuais de cada uma delas, discussões políticas se mesclam com cuidados da casa, conversa mais livre sobre as pessoas; as críticas e melecências, alegrias e dramas de amor, educação dos filhos, a família, as roupas, a saúde...a doença(...) que traz à tona a condição feminina vivida /por estas mulheres/(...)” (Lafer, In Galvão e Gotlib, org. 2000. p. 126).

A integração desta análise na de toda a correspondência do *Espólio*, como exemplificamos a seguir, dar-nos-ia “(...) pistas sobre o círculo de amigos(...)agrupando-se por afinidades filosóficas, literárias, políticas (...)” que se sobrepõem ao “(...)diário de doenças, de rotinas de afazeres burocráticos(...)” (Lafer, In Galvão e Gotlib, org. 2000. p. 143) que nelas também estão presentes. O papel que Maria Lamas desempenha neste diálogo silencioso é o de alguém que se assume sempre como mais “sabedora”, mais experiente, mais sofredora, mais velha querendo evitar o desgosto á outra mas, muitas vezes só já consegue levar palavras de conforto. A leitura destas cartas também permite a reconstituição da forma como se foi construindo a relação profissional entre ambas e como a relação afectiva a consolidou e se lhe sobrepôs sempre. Nestas cartas acompanhou-se o “(...)dia-a-dia o seu quotidiano, ideias, preparação de livros, artigos, tristezas, alegrias, cóleras e afectos (...)” (Mezan, In

Galvão e Gotlib, org. 2000. p. 160))das duas primas e o enorme investimento que ambas nele fizeram “(...)enorme em termos de tempo gasto lendo-as e escrevendo-as mas também quanto a intensidade(...”(Mezan, In Galvão e Gotlib, org. 2000. p. 171). A organização inicial que delas fizemos por décadas, sempre discutível, permitiu-nos perceber que houve alturas de ‘picos’ de cartas, mais do que duas na mesma semana, quando os problemas profissionais ou pessoais a isso obrigaram.

Neste caso, as relações pessoais ligam-se fortemente às relações de trabalho e de interesses mas nem sempre é forçoso que assim aconteça. Estas cartas mostram como entre as duas primas houve sempre uma necessidade de contacto e nelas se “(...) revelam sentimentos (...) sobre o que deve ser a mulher, qual o seu papel no mundo, o significado do trabalho, do amor, da paixão, dos filhos, das regras de educação, a moralidade e os costumes, a rebeldia, as prioridades das várias esferas. Permitem entrever ideias políticas, participação em movimentos sociais, a experiência amorosa, de solidão, de luta(...) /e até/ o choque ente as visões do mundo das sucessivas gerações de mulheres (...)” (Betty Mindlin, In Galvão e Gotlib, org. 2000. p. 194).

Bem interessante é apreciar ainda a escrita que, no mesmo período, cada uma tem a nível profissional e perceber como ambas usam dois códigos diferentes: um, na intimidade de quem escreve e pensa não ser lido por terceiras(os) e outro, para quem sabem que as vai ler nas publicações onde colaboram e na Censura.

Muitas são as semelhanças e diferenças que encontramos entre as duas primas, separadas por dezasseis anos de idade e por muitas vivências diversas: das primeiras, a origem na mesma família, com parentesco muito próximo, a educação republicana típica, uma infância agradável, a necessidade de, por motivos diferentes, ganhar a vida, a opção pelo jornalismo e pela escrita em que Maria Lamas assume uma influência decisiva na prima, a caligrafia quase igual, os desgostos, as três filhas de uma e os três filhos da outra, cada uma desejando um rapaz/uma menina, ambas terem sido directoras de revistas, a vida de trabalho permanente que, apesar de Maria Lamas estar com 81 anos e Maria Lúcia Vassalo Namorado com 65 anos no 25 de Abril de 1974, não as impediu de então, ainda mais activamente, se encontrarem, continuando a sua intervenção quotidiana. Semelhantes foram ainda as dificuldades que enfrentaram e alguma dose de autoritarismo herdado da família (Entrevista a Maria Cândida Caeiro. 1 Mar. 2002), as doenças que tiveram como a febre tifóide de Maria Lamas aos 6 anos e Maria Lúcia Vassalo Namorado já no Liceu e até a idade com que viriam a falecer já depois dos noventa anos, entre muitas outras.

Nas diferenças colocamos apenas duas relativas à forma como cada uma vivia a sua feminilidade: Maria Lamas também teve situações de sofrimento amoroso mas ultrapassou-as de forma que entrava em choque com o que então se entendia ser o dever da mulher casada. Maria Lúcia Vassalo Namorado nunca ousou romper com a sua concepção de família: foi capaz de enfrentar diversos desafios mas este foi superior às suas forças. A sua preocupação com a educação dos filhos, com o futuro deles é superior à de Maria Lamas como diz Maria Cândida Caeiro ao reconhecer nela, sobretudo, uma “(...) grande amiga e excelente educadora(...)” (Entrevista em 1 de Mar. 2002). A amizade que Maria Lúcia Vassalo Namorado dedicava a Maria Lamas era incondicional chegando a ir “(...) empenhar uma pulseira que o pai lhe havia dado para emprestar 200\$00 à prima (...)” (cf. mesma entrevista).

Aquelas semelhanças entre elas são verbalizadas, por diversas vezes, nas cartas que Maria Lamas escreve a Maria Lúcia Vassalo Namorado e a primeira não poupa elogios nas diversas apreciações que faz sobre a segunda. Maria Lamas é a primeira a estabelecer comparação entre a vida e maneira de ser das duas primas. Ela dirá: “(...) Todos que nos conhecem te acham parecida comigo! E eu tenho nisso o maior prazer (...)” (Carta de 9 de Mar. 1930) ou ainda “(...) Como vais indo por essa triste vila que a luz parece ter enjeitado?... Já apareceu o eleito? O teu feitio, em muitas coisas parecido com o meu, e a tua ânsia de perfeição em tudo, são pouco propícios à felicidade a que se pode aspirar na Terra- a felicidade banal duma vida confortável e prazeres mais exteriores que espirituais. Mas... contentemo-nos com o que nos é dado possuir e guardemos o resto... para sonhar! (...)” (Carta de 2 de Dez. 1929). É ainda Maria Lamas que diz “(...) As nossas vidas têm bastantes pontos de contacto (...)” (Carta de 1 de Jun. 1945) quando envia os parabéns pelo aniversário da prima ou quando escreve: “(...) A vida tem-me ensinado algumas coisas... Uma delas é o valor das coisas concretas correspondentes a uma consciência da amizade e da solidariedade humana – quero dizer da solidariedade perante os problemas não só da vida organizada como Vida e da nossa condição humana. Estou contigo como Amiga e como Mulher. Poderei ajudar-te nalguma coisa? (...)” (carta de 3 de Maio 1955).

Não duvidamos de que é sincera a alegria que Maria Lamas sente quando, de Paris, escreve a Maria Lúcia Vassalo Namorado pouco antes desta suspender a revista com periodicidade mensal e lhe diz: “(...) Tive notícias directas da tua colaboração no *Diário de Lisboa* pelo Dr. Ribeiro dos Santos que teve a grande gentileza de vir ver-me, o que imensamente me sensibilizou. Ignorava o estreito parentesco que nos une e quando lhe

falei em ti fez as mais entusiásticas e espontâneas referências, com o que me senti bem contente. De resto, não me surpreendeu (...)” (Carta de 24 de Out. 1958). Essa vaidade que Maria Lamas tinha pela qualidade do trabalho e da conduta da prima também a expressa na dedicatória que lhe faz, em 1982, no Catálogo de uma exposição que o *Movimento Democrático das Mulheres* promoveu para Maria Lamas.

Vejamos ainda como foi a relação de Maria Lamas com a revista *Os Nossos Filhos*, revista criada pela prima para quem era uma figura intelectual e tutelar de respeito e amizade e uma referência incontornável.

5.3.2 Presença de Maria Lamas em *Os Nossos Filhos*

A presença de Maria Lamas em *Os Nossos Filhos* é quase permanente não tanto através da sua (esporádica) colaboração mas sobretudo pelas inúmeras referências que são feitas quer à sua obra quer a pessoas da sua família. No *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* a correspondência que as colaboradoras e leitoras lhe iam enviando, serviria também para mostrar a rede de relações existente entre todas pois são muitíssimas as senhoras que, nas cartas que dirigem à directora da revista, explicitamente nomeiam Maria Lamas.

Do que ela ia fazendo, passível de ser tornado público, também nos dá conta a revista *Os Nossos Filhos*. A sua colaboração assim como as referências às actividades desta prima da directora da revista são imensas, como podemos concluir da leitura do quadro seguinte:

Quadro n.º37.: Colaboração de Maria Lamas e actividades noticiadas em *Os Nossos Filhos*:

A escritora que as crianças portuguesas tanto apreciam, acaba de brindar o seu público infantil com a encantadora novela <i>O vale dos encantos</i> ⁴⁹⁵ de Maria Lamas	02-1943
---	---------

⁴⁹⁵ O livro com Ilustrações de Roberto Araújo fora publicado pelas *Edições Universo* (que Emília de Sousa Costa considera de “(...) rubra feição (...)” (Carta do Porto. 3 de Jul. 1943. Caixa 41. Maço 3). O exemplar do *Espólio* tem a seguinte dedicatória manuscrita: “À minha querida Maria Lúcia – um valor literário e um valor moral que ficará como exemplo às mulheres portuguesas – *O Vale dos Encantos* para os seus filhos com a grande amizade e admiração de Maria Lamas Natal 1942 “ (*Espólio*). Em texto de Alice Gomes, percebe-se que esta usou este livro de Maria Lamas como livro de texto das crianças, ou seja, como manual, em sala de aula, durante a 3ª classe da menina Maria Leonor de Lima Gonçalves, “(...)neta do editor de *Serões de África* de Manuel Kopke (...)” (ONF, Fev. 1951).

/entrevistada ⁴⁹⁶ por <i>Lília da Fonseca</i> sobre/ <i>O vale dos encantos</i> : “(...) reprova bruxas e mouras encantadas(...)maravilhoso e real dados(...)através de uma literatura sã, construtiva e bela(.....)maravilhoso deve revestir novos aspectos(...)e levar alma da criança à exaltação do heroísmo, da virtude, da força, da justiça e de todos os sentimentos nobres(...).atender ao temperamento e psicologia da criança portuguesa(...)elogiar Amélia Rey Colaço pondo em cena, com notável gosto, algumas peças infantis(...)”	05-1943
Achamos que faz muito bem em escolher cautelosamente as leituras dos seus filhinhos. Para crianças de 7 a 10 anos, lembramos os livros <i>A montanha maravilhosa</i> e <i>Aventuras de cinco irmãozinhos</i> , de Rosa Silvestre /no final do texto tem:/ será feita crítica a todos os livros destinados à infância e à mocidade de que nos sejam enviados dois exemplares	10-1943
/texto de <i>Rosa Silvestre</i> sobre o que pensa da literatura infantil:/ ...)(Afirmar que o verdadeiro índice do grau de civilização de um povo é dado pela protecção dispensada a à criança, não é, já hoje, uma audácia, néon sequer uma novidade. Noções serão o que forem os seus homens(...). À criança, Uns querem-na forte, disciplinada outros querem-na inteligente e boa(...). Pondo de parte todos os outros elementos de ordem física e moral(...)que tomarão possível a renovação humana, focarei agora um que reputo fundamental na educação infantil: a literatura(....)a maioria dos livros infantis que a criança portuguesa lê, não obedece a nenhum dos requisitos da literatura infantil. Desde o português, quase sempre, mau e a linguagem, por vezes inacessível ao entendimento dos pequenos, até à história, em si, tudo está errado, com duplo prejuízo para a criança, que desaprende o que estuda na escola e vai concebendo a vida e a moral através dos mais insensatos conceitos. O péssimo em oposição ao óptimo, a vingança, a inveja, o ódio, os triunfos fáceis, o cálculo, a ambição da riqueza e a mentira nunca faltam(...)literatura infantil, que deveria ser obra de Arte, delicada como nenhuma outra, duma beleza pura, sã alegre, exigindo preparação especial e sensibilidade fora do vulgar, está, pelo contrário, ao alcance de todas as penas, que, reconhecendo-se ou não, sem nem saber pana qualquer outro género literário, abordam a literatura para crianças convencidas de que nesse campo, tudo serve(...) E os pais, quase sempre ignorantes da leitura que convém aos filhos, vão comprando quanto livro aparece, julgando satisfazer assim a curiosidade insaciável dos pequeninos leitores(...). Fora duas ou três excepções, não há em Portugal escritores para crianças nem crítica orientadora. As revistas ou secções literárias dos jornais desdenham ocupar-se da literatura infantil, considerada, em geral, como «arte menor»(...)”	10-1943
Conto de Natal- <i>O Balão mágico</i> /não fazer sofrer as mães/	Jan.1944
/Maria Lamas assina a crítica de literatura infantil como/ R.S./Rosa Silvestre/: <i>Novas histórias maravilhosas</i> , de Ana de Castro Osório Ilustrações de Laura Costa, Colecção Pinóquio de Henrique Marques Júnior; <i>A Burrinha toleirona</i> , por Lídia Correia Serras Pereira e <i>Páscoa infantil</i> , contos coligidos por Henrique Marques Júnior — II. de Maria de Vasconcelos	02-1944
Aconselhamos os seguintes livros Para as Crianças: <i>O vale dos encantos</i> , novela infantil, de Maria Lamas .. 12\$00	05-1944
Maria Lamas: “(...) dever da mãe vai muito além dos cuidados de puericultura: é mais grave e envolve uma responsabilidade enorme perante o próprio destino humano. Pela ternura com que sabe suavizar as arestas mais ásperas, pelo seu poder compreensivo e a sua intuição admirável, a mulher deve ser duma forma geral, escultora da almas, mentora da adolescência, e, em especial, a grande, a maior amiga e conselheira de seus filhos(...)”	11-1944
/aconselham livros para crianças/ Quanto aos livros para o seu filhinho. Os livros de <i>Rosa Silvestre</i> , escritos com encantadora simplicidade, sem grandes e confusas fantasias, devem agradar-lhe. Já Tem, desta autora, <i>A montanha maravilhosa</i> , <i>Aventuras de cinco irmãozinhos</i> , <i>Brincos de cerejas</i> . Um livro tua muito bom é <i>O vale dos Encantos</i> de Maria Lamas. Todos estes livros são constituídos por novelas (...)”	10-1946
/leitora pede livros para organizar biblioteca da filha, de 9 anos e são sugeridos, entre outros/ <i>O Vale dos</i>	03-1947

⁴⁹⁶ São também entrevistados Aquilino Ribeiro a quem *Lília da Fonseca* “(...) não conhecia nem de vista(...)” e Eduardo Schwabach.

<i>Encantos</i> de Maria Lamas, <i>A Montanha Maravilhosa e Aventuras de Cinco Irmãozinhos</i> , de Rosa Silvestre.	
Mulheres do meu país - Maria Lamas, Obra em 15 fascículos mensais. Actualis, Lda. /crítica muito elogiosa de mais de meia página, com fotografia da autora em que se apresenta Maria Lamas como grande escritora e se resume a metodologia por ela seguida na realização do trabalho/	06-1948
Está alcançando um grande êxito <i>As Mulheres do meu país</i> , obra monumental da notável escritora D. Maria Lamas, da qual já estão distribuídos os três primeiros fascículos. Não nos surpreendeu este triunfo, visto tratar-se de um trabalho de grande envergadura e beleza, que ficará na nossa literatura como elemento precioso de consulta e padrão do valor intelectual e moral da sua autora. Pela apresentação esplêndida, pelo brilho literário, e pela sua qualidade de documento vivo sincero colhido directamente por uma inteligência e sensibilidade privilegiadas, no contacto com as mulheres portuguesas de todas as classes. <i>Mulheres do meu país</i> consolidam a relevante posição da sua autora como artista e pensadora. Assinar esta obra é dever de todas as mulheres portuguesas cuja cultura permita apreciá-la ⁴⁹⁷ .	09-1948
Maria Lamas realizou no Salão do <i>Clube Fenianos Portuenses</i> a convite da <i>Liga Portuguesa de Profilaxia Social</i> uma conferência sobre <i>Mulheres do Povo: vidas anónimas e heróicas</i> Sala repleta(...)a conferente com sua habitual eloquência conquistou o público	12-1948
/entrevistas a <i>Maria Paula de Azevedo</i> , Aurora Jardim, Manuela Porto, <i>Alice Ogando</i> / Maria Lamas/ todas com foto, excepto 1ª/	07-1949
continua publicar-se com regularidade <i>As Mulheres do meu país</i> já vai 12º fascículo. Como sempre acontece com as obras verdadeiramente grandes só à distância podem ser devidamente apreciadas. É ainda cedo para se avaliar o esforço honesto e por vezes heróico da incansável investigadora que tão notável documento humano e literário oferece ao país.	08-1949
/faz o elogio fúnebre da filha de Emília de Sousa Costa:/ mãe, culto da família(...)problemas ligados mulher e criança(...)vários livros para crianças com pseudónimo de <i>Leonor Campos</i> (.. .)Ironia leva com extraordinário sentido crítico(...)para sua mãe- a sua maior amiga- a quem ela dedicava verdadeiro culto, vai nesta hora, o nosso pensamento de indizível comoção. E acompanhamo-la com ternura, respeitosamente (...)"	09-1949
A <i>Liga Feminina Portuguesa para a Paz</i> ⁴⁹⁸ festejou brilhantemente o 15º aniversário da sua fundação, tanto em Lisboa como no Porto, com conferências e recitais(...)em Lisboa, a escritora Maria Lamas falou sobre <i>A Paz e a Vida</i> , e o Professor Vitorino Nemésio sobre <i>Poesia</i> ; os recitais estiveram a cargo da declamadora Manuela Porto e da actriz Maria Barroso(...) na já habitual festa infantil exibiram-se filmes apropriados e apresentou-se o grupo infantil da Associação. No Porto, a escritora Maria Lamas dissertou sobre <i>O dilema da Paz e da Guerra</i> , e o poeta Teixeira de Pascoaes também sobre a <i>Paz</i> . Manuela Porto deu um recital poético(...)"	07-1950
Maria Lamas publicou recentemente uma obra notável, <i>As mulheres do meu País</i> , cuja leitura é indispensável a quantos desejam conhecer a mentalidade, os hábitos, as condições de vida da mulher portuguesa. São dessa obra monumental o trecho, as gravuras e respectivas legendas que a seguir reproduzimos/tem depois o texto sobre a Madeira/	07-1951
<i>Aventuras da Zézinha e do João</i> ⁴⁹⁹ I por Maria Lamas ⁵⁰⁰	03-1952
<i>Aventuras da Zézinha e do João II</i> , por Maria Lamas	04-1952
<i>Aventuras da Zézinha e do João III : O Pássaro mágico</i> , Maria Lamas e ilustrado por Maria Almira Medina /na secção/ <i>Para entreter os pequenitos</i> :	05-1952
<i>Aventuras da Zézinha e do João IV Aparece um gigante</i> , Contadas por Maria Lamas Ilustradas por Maria Almira Medina	06-1952

⁴⁹⁷ Chamamos a atenção para as palavras finais da recensão.

⁴⁹⁸ *Associação Feminina Portuguesa para a Paz* (cf. aspecto político de contextualização biográfica de Maria Lúcia Vassalo Namorado neste trabalho e Castro e Esteves, 2005)

⁴⁹⁹ Dois dos netos de Maria Lamas.

⁵⁰⁰ Na mesma secção tem dois poemas para as crianças recitarem de *Lúcia Benedita*.

Está publicado primeiro fascículo de <i>A Mulher no mundo</i> obra única, mundial, interesse para estudiosos e particularmente para as mulheres.	06-1952
<i>Aventuras da Zêzinha e do João V O gigante o seu moleque</i> , de Maria Lamas. Ilustradas por Maria Almira Medina	07-1952
Distribuindo o 2º fascículo da nova obra de Maria Lamas a <i>A Mulher no Mundo</i> editada pela <i>Sociedade de Intercâmbio Cultural Luso-Brasileiro(...)</i> importância e interesse do assunto e categoria mental da autora dão-nos a medida do valor excepcional desta obra, verdadeiramente monumental	07-1952
<i>Aventuras da Zêzinha e do João: VI A Casinha Verde</i> , Contadas por Maria Lamas Ilustradas por Maria Almira Medina	08-1952
<i>Aventuras da Zêzinha e do João: VII Um Reboição na praia</i> , Contadas por Maria Lamas Ilustradas por Maria Almira Medina	09-1952
<i>Aventuras da Zêzinha e do João VIII: A Airinhas⁵⁰¹ e a boneca de trapos</i> , contadas por Maria Lamas. Ilustradas por Maria Almira Medina	10-1952
<i>A Mulher no mundo: X</i> fascículo já publicado completou-se 1º vol. desta obra notável com que Maria Lamas vem enriquecendo as letras portuguesas. Este 1.º volume apresenta-nos a Mulher na Pré-História e na Antiguidade, a sua mental idade e a sua mental idade, trabalho e Psicologia, .etc., numa evocação pormenorizada, apoiada em estudos de inúmeros sociólogos e historiadores.	05-1953
<i>Uma viagem à lua</i> (de) Rosa Silvestre /história infantil na secção <i>Era uma vez.../</i>	11-1955

Da leitura do quadro concluímos que a presença de Maria Lamas em *Os Nossos Filhos*, apresenta várias facetas: ou surge como informação em anúncio a actividades por ela desenvolvidas, ou tem presença através de entrevistas que lhe são feitas e de inquéritos a que responde, ou é ainda Maria Lamas que, sob pseudónimo, faz recensão crítica a obras de literatura infantil ou, finalmente é como colaboradora, escrevendo histórias ou contos infantis também. Esta é a presença visível de Maria Lamas na obra da prima.

Da análise da correspondência guardada no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* também retiramos diversos dados, além dos que acabamos de mencionar neste capítulo, sobre o que Maria Lamas pensava da revista da prima.

Como vimos, de há muito que Maria Lúcia Vassalo Namorado vinha querendo arranjar novas fontes de subsistência uma vez que o que recebia de *Modas & Bordados* não se lhe apresentava suficiente. Uma das questões que nos pusemos, foi a de saber como é que Maria Lamas, em Junho de 1942, data em que Maria Lúcia Vassalo Namorado foi capaz de se subtrair ao seu apoio protector, havia recebido a iniciativa da edição de uma nova revista feminina - *Os Nossos Filhos* -, com a prima como (única) directora.

Duas são as cartas em que expressamente lhe encontramos alusões: numa delas, parece-nos que Maria Lamas está de alguma forma agastada quando escreve, com a autoridade

⁵⁰¹ Outra das netas de Maria Lamas, filha de Maria Cândida Caeiro.

que a idade e o cargo lhe conferem:”(...) Peço-te que venhas falar-me com a possível brevidade, pois é urgente dares uma explicação sobre a folha solta que organizaste. Eu estou sempre até ao meio dia e das duas às seis horas(...)” (Carta de 29 de Set. de 1941). Não sabemos se Maria Lúcia Vassalo Namorado terá mandado incluir em *Modas & Bordados* alguma “(...)folha solta(...)” anunciando a sua futura revista. O ‘tom’ desta carta não se encontra em mais nenhuma de todas as que se guardam no *Espólio*. A outra missiva em que se refere o primeiro número de *Os Nossos Filhos* não poupa elogios á iniciativa:”(...) venho felicitar-te pelo 1º número de *Os Nossos Filhos* que me agradou inteiramente (...) faço intenções de ir, logo, dar-te um abraço de parabéns pelo dia de hoje⁵⁰²(...) quero dizer-te já quanto me alegrou este teu triunfo! Ninguém é capaz de avaliar melhor do que eu o que isto- o aparecimento do primeiro número da tua revista- representa para ti. Ganhaste a primeira parte de uma batalha tremenda. Estou convencida de que ganharás também a segunda que é a conquista do público. Assim to desejo de todo o coração! No entanto, se tiveres momentos de incerteza não desanimes! A tua ideia é tão nobre e tão útil que acabará por triunfar plenamente. Só uma mãe seria capaz de realizar o milagre da persistência, coragem e fé que tu realizaste. Que Deus abençoe o teu esforço! Por mim, que há tantos anos me preocupo com a educação das mães e que, quando toda a gente só escrevia para os filhos, já pensava que o que era necessário era ensinar as mães, a tua iniciativa representa uma campanha bendita, em que deves ser ajudada por todas as mulheres. Quando planeei a Página das Mães, sonhava com esta revista. Ainda bem que tu conseguiste transformar essa ideia em realidade. Ficar-te-ão devendo, as crianças da nossa terra, um serviço inapreciável. E os teus filhos, que foram os grandes instigadores do teu admirável esforço, terão razão para se orgulharem de ti! Eu própria me orgulho de ter sempre acreditado na tua inteligência, nas tuas faculdades de trabalho e na tua invulgar coragem moral. Foi para te dizer isto que te escrevi. Abraço-te enternecidamente e desejo-te, de toda a minha alma, as maiores alegrias e prosperidades. Tua prima verdadeira amiga, dedicada e grata, Maria Lamas.”(Carta de 1 de Jun. 1942. Caixa 12. Maço 2).

Da leitura desta carta não nos parece que essa separação tenha sido muito bem aceite, de início, pela directora de *Modas & Bordados*, sobretudo quando quer deixar expresso que a ideia (e a prática de uma tal ideia) já ela a(s) tinha vindo a desenvolver na revista

⁵⁰² Dia 1 de Junho, o dia do 33º aniversário de Maria Lúcia Vassalo Namorado que, como vimos, coincidiu com o dia do lançamento do 1º número de *Os Nossos Filhos*.

que dirigia e que fora ela, também, quem descobrira e sempre fomentara, o valor que agora todos reconheciam a Maria Lúcia Vassalo Namorado.

Apesar desta compreensível tensão inicial, Maria Lamas não deixa de fazer na sua correspondência, por diversas vezes, uma apreciação muito elogiosa e agradada de *Os Nossos Filhos*. Muitos são também os conselhos que, do ponto de vista organizativo e de estratégia dá á prima:“(…) Tens ainda uma grande missão a cumprir. Não podes ficar esmagada sob o trabalho puramente material, que outra pessoa, embora debaixo da tua orientação e vigilância, poderá fazer. A revista em si é que deve interessar-te acima de tudo. Não podes nem deves⁵⁰³ sacrificar a alma da revista⁵⁰⁴ a qualquer outra razão. Escrevo-te isto como se te mandasse um grito da minha alma. Poderás ver até que ponto isto é assim? Se vires que de mim te pode vir alguma ajuda, se queres que eu te descubra alguma colaboradora, diz, que eu procurarei. Não supões como eu desejo verte vencer esta crise. És muito nova e tens uma energia e persistência espantosas. Não esgotes até ao fim esse tesouro. Desculpa o desabafo. Foi como se pensasse alto. Tu estás muito só na luta – quero dizer – é excessivamente pesada, só para uns ombros de mulher, a tua tarefa. A parte administrativa propriamente dita, devia estar a cargo de outra pessoa. Tu és a revista, e a revista é uma obra que já tem os seus direitos⁵⁰⁵. (…)” (Carta de 2 de Abr. 1945).

Da avaliação que Maria Lamas vai fazendo de *Os Nossos Filhos*, retenha-se o que diz sobre a publicação, na privacidade de uma carta:“(…) Vou, enfim, conversar um bocadinho contigo, como há tantos dias desejo (…). É uma Obra deveras útil, patriótica e humana, que estás a realizar! Tens vencido grandes batalhas! Compreendo muito bem o teu estado de espírito actual. Em parte é uma consequência da fadiga.

Mas é também muito, aquela melancolia que se aproxima em ti e na Natureza. Todos nós, homens e mulheres passamos por essa fase- a questão é ter sensibilidade e vida interior. Não imagines, porém, que o interesse de viver diminui, lá porque a luz deixa de ser tão forte e deslumbrante como em pleno Verão. Outros valores e interesses se revelam, não menos profundos e doces. Dir-se-ia, até, que uma lucidez maior alarga os nosso horizontes. Isto é, por enquanto, falar antes de tempo, porque tu ainda és muito nova. Quando aqui vieste com o teu filho Fernando, eu enterneci-me, intimamente ao

⁵⁰³ Duplo sublinhado, no original.

⁵⁰⁴ Idem.

⁵⁰⁵ Idem. Ao fazer a apreciação do número total de artigos da revista (na sua análise morfológica) chega-se a esta mesma conclusão.

considerar que tu, que eu vi nascer, já tens ao teu lado filhos desempenados e homens feitos! Tão frágil de aspecto, que grande Mulher tens sido! Mas os teus rapazes, correctos, bons, trabalhadores, são a melhor compensação que a vida poderá dar-te Sabes? Quando sentires essa vaga tristeza, essa onda de romantismo- porque é!- levantar-se no teu espírito e quebrantar-te o ânimo, faz como eu costumo fazer, e muitas pessoas decerto fazem, ao anoitecer: fecha as janelas e acende as luzes, para não dares pelo sortilégio angustioso do crepúsculo... Sim, nós temos em nós próprias recursos admiráveis. A questão é acender as nossas luzes interiores e criarmos o nosso mundo, enquanto escurece lá fora. A vida renova-se sempre! Não te iludas com o encanto bucólico dessa aldeia⁵⁰⁶ - como de qualquer outra. É bela, agora, porque é fim de Verão e a Natureza se torna aliciante. Mas a vida dessa gente é dura e, se aí vivesses, sentirias o mesmo peso da vida, terias os mesmos problemas. Estás aí para descansar, não esqueças. Deixaste o teu pesado fardo em Lisboa. Deves, portanto, ver tudo isso como uma mudança de cenário e um esparecimento para os teus olhos, os teus nervos, a tua sensibilidade. *A felicidade está em nós e não naquilo que nos rodeia*⁵⁰⁷. Não quero maçar-te. Dá-me notícias sempre que possas, sim? (...)” (Carta de 14 de Set. 1950). Como se vê, o pragmatismo de Maria Lamas então com 67 anos não se compadecia com algum romantismo da prima...

No ano seguinte será ainda mais directa, em resposta a uma pergunta que, sobre a mudança da revista, a prima lhe colocara:“(…) Quanto ao caso material, sim, o teu esforço não tem tido a compensação justa. Mas, em vez de desanimares, deves erguer a cabeça, longe, bem longe de te sentires derrotada. Muito obrigada pelo exemplar de *Os Nossos Filhos* que me mandaste. Achei bem mas concordo com o teu desejo de mexer um pouco na revista. O facto de ser uma revista especializada cria-lhe limites que não são favoráveis á sua expansão. Não será? Não me parece que os Concursos só por si, bastem para a propaganda. Conversaremos sobre isso na primeira oportunidade (...)” (Carta de 22 de Mar. 1951). Maria Lamas tinha razão como a prima haveria de ver.

Algo sucinta e lacónica volta a ser a apreciação que faz do espectáculo, a que assistiu, que os “(...) Amigos da tua revista(...)” fizeram a *Os Nossos Filhos*, “(...) no *Nacional*(...)” : “(...) tenho desejado muito falar-te para trocarmos impressões acerca do espectáculo (...). Pensei, porém, que estarias muito cansada e que a arrumação do

⁵⁰⁶ Maria Lúcia Vassalo Namorado estava a passar férias em Unhais da Serra.

⁵⁰⁷ Frase, em itálico, entrelinhada.

assunto sempre te ocuparia ainda alguns dias. Por isso deixei passar tempo. Além de que eu própria tenho andado, como sempre, aliás, ocupadíssima com o meu exaustivo trabalho (...)” (Carta de 28 de Fev. 1955).

Igualmente pouco entusiasta e muito política é a referência a uma possível edição de uma “(...) Enciclopédia infantil(...)” de que não temos mais qualquer informação em todo o *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*: “(...) Sobre a Enciclopédia, ou qualquer outra coisa que te decidas a fazer, eu terei o mais sincero prazer em te ajudar a coordenar ideias e traçar um plano. Não há qualquer incompatibilidade entre isso e a minha projectada ida à Madeira. Eu nunca pensei, em fazer eu⁵⁰⁸, a Enciclopédia e muito menos em pôr o meu nome como organizadora da Obra. Encarei a ideia apenas sob o ponto de vista comercial e estava disposta a dirigi-la, conforme a ideia que tracei, nada mais. Se o editor com quem falei e se comprometeu a realizá-la- depois de ter falado contigo- desistir, podes contar inteiramente comigo para te pôr a par do que eu tencionava fazer e realizares tu a ideia. De resto, não sei bem quando poderei, realmente, ir para o Funchal- nem mesmo se irei, por agora- pois essa viagem depende de vários factores entre eles o económico- sempre aflitivo para mim, como sabes.

Vamos a ver as condições que me são propostas - condições materiais e outras, relativas à minha liberdade de acção Entretanto, repito, conta comigo e, se te interessar, conversaremos calmamente. Escrevo com grande dificuldade- já o compreendeste, certamente. A mão fatiga-se ao menor movimento. O que não quero é deixar de te dizer o que me parece essencial, para que fique bem esclarecido este assunto da Enciclopédia infantil - não lhe dei ainda título definitivo - e, sobretudo, o afectuosíssimo interesse com que acompanho, embora sem qualquer valimento, a tua vida de luta- uma luta que tem muitos campos de batalha... Gostava que pudesses avaliar quanto sou, positivamente tua Amiga. A vida tem-me ensinado algumas coisas... Uma delas é o valor das coisas concretas correspondentes a uma consciência da amizade e da solidariedade humana - quero dizer da solidariedade perante os problemas não só da vida organizada como da Vida e da nossa condição humana -. Estou contigo como Amiga e como Mulher. Poderei ajudar-te nalguma coisa? (...)” (Carta de 3 de Maio 1955). Já da Madeira⁵⁰⁹, pede a Maria Lúcia Vassalo Namorado: “(...) Ficar-te-ei gratíssima se me mandares, de quando em quando, umas palavrinhas- mas sem

⁵⁰⁸ Duplo sublinhado, no original.

⁵⁰⁹ Em carta dactilografada. A morada é: Trav. do Coronel Cunha, 1-A Funchal, Madeira e, no canto superior direito, a lápis, tem: R. em 24-8-55.

sacrifício, pois bem sei como tens o tempo e a tua atenção absorvidos. Não penses que me passa despercebido tudo quanto há de difícil e de admirável na tua vida, sobre vários aspectos. Queria que soubesses quanto te acompanho- quero dizer, como sigo, avaliando tudo, os teus esforços profissionais, a tua luta constante, o teu labor e tudo o mais que te fere e obriga a reagir, com sacrifício, quase sempre, dos teus verdadeiros interesses espirituais(...)" (Carta de 7 de Ago. 1955).

Sobre outras das iniciativas que Maria Lúcia Vassalo Namorado realiza, também Maria Lamas a congratula sempre: é o caso da vontade de "(...) dotar Torres Novas com um jardim escola João de Deus(..)", de Portugal visto pelas suas crianças "(...) muito bela(...) e caminho aberto para o desenvolvimento duma ideia que poderá e deverá ter grande importância para a formação da criança (...)" , assim como a "(...) exposição dos teus tapetes que tanto desejei ver / e não viu/ é outro acontecimento que vai arejar a tua vida e dar-te compensações agradáveis, porque vai ser um êxito com certeza(...)" (Carta de 22 de Out. 1955).

Em mais uma tentativa de ajudar a prima a superar a quebra de vendas de *Os Nossos Filhos*, em 1956, ainda na Madeira, dirá:"(...) já estava apreensiva com o teu silêncio, pois bem sei que não é por desinteresse que deixas de me escrever. Calculava que o teu estado de espírito seria mau, mas não calculava que estivesses tão deprimida como a tua carta me deixa avaliar. Atravessas realmente uma fase muito dolorosa e difícil - todas as mulheres que ultrapassam os cinquenta anos a conhecem, com mais ou menos intensidade. São anos de terrível provação, esses entre os quarenta e os cinquenta, pouco mais ou menos. Quando outras razões crescem a desequilibrar-nos, moral e fisicamente, chega-se a descreer de reencontrar o equilíbrio. Mas ele volta, se resistirmos ao cabo das tormentas... Não dês a estas a estas palavras o sentido duma consolação meramente convencional. É assim mesmo, por uma lei natural(?) que os cientistas modificarão mas na qual influem poderosamente as condições da vida de cada uma de nós e até a nossa mentalidade. Tu tens uma vantagem; encarar de frente o problema e saberes os motivos do teu sofrimento e desequilíbrio. Isso te ajudará a resistir e a recuperar o auto-domínio que agora parece abandonar-te. Mas tens toda a razão para considerares pesada - excessivamente pesada! —a tua cruz... Na parte material não posso aconselhar-te porque tudo quanto eu poderia dizer-te já mais ou menos o conheces: desenvolvimento da Editorial, para amparar a Revista e compensar os prejuízos que ela possa dar. Aquela ideia da edição dos Contos Tradicionais - *eu já a*

*tinha dado a um editor*⁵¹⁰ - é esplêndida e vai, com certeza ter sucesso. Há realmente muita coisa a fazer mesmo dentro da âmbito especial da tua editorial, mas é impossível colherem-se resultados sem semear, quero dizer, obter êxitos sem se arriscar. Repito, porém: há muita coisa a fazer no campo editorial —cada vez o vejo e compreendo melhor - apesar do muito que, bem ou mal, se está a fazer. Mas, sobre esse problema, só tu podes pronunciar-te e sabes melhor que ninguém o que queres fazer. Estás muito só: precisavas de partilhar com alguém o trabalho, responsabilidade e iniciativas da tua empresa. Ainda nesse ponto, tu é que sabes como te interessa e agrada orientar as coisas. Bem merecia a tua revista ser considerada de interesse público e, como tal, ter o apoio concreto das entidades oficiais. Mas isso decerto te levaria a perderes a autonomia compreendo muito bem que tal perspectiva se te apresente inaceitável.

Que há sobre a projectada exposição dos teus tapetes? Nada me dizes acerca disso, quando eu esperava que tivesses realizado. Ainda acerca da Editorial, penso que algumas coisas com verdadeiro interesse e possibilidades de compensação material poderias tentar, mas não é de longe, por carta, que esses assuntos podem ser estudados e resolvidos. No entanto, será sempre com verdadeiro interesse e afecto que conversarei contigo sobre tudo quanto desejes.

Deixei para o fim o teu caso pessoal e íntimo, justamente porque se me afigura, fundamentalmente, a origem do teu desânimo e até das tuas dificuldades relativas ao estagnamento da tua editorial- incluindo a situação pouco próspera da revista -. Quero referir-me à falta de cooperação(sic) e ao teu pessimismo. É gravíssimo para ti o ponto a que as coisas chegaram! Também me parece que é, de certo modo, tarde demais para tomares a resolução que há bastantes anos já deverias ter tomado- uma vez que o desentendimento com o teu marido se tornou evidente. Nem tu supões como avalio o que se passa contigo e como estou a teu lado! Porém, minha querida Maria Lúcia, esses problemas têm que ser resolvidos pela própria pessoa, como ela puder e entender tomando a responsabilidade consciente dos seus actos mesmo quando as circunstâncias se lhe oponham. Há uma lei natural - a autêntica lei moral- que prevalece sobre todas as convenções. Quando nos curvamos às convenções, temos de recalcar e contrariar a lei natural - donde provem um desequilíbrio(sic) gravíssimo para a nossa personalidade. Quanto mais esse problema se arrasta, mais complicado se torna. Como em tudo na vida, de duas uma: ou dominamos as circunstâncias, apoiando-nos em razões justas,

⁵¹⁰ Itálico nosso.

acima da moral convencional ou nos deixamos dominar por elas (circunstâncias). Neste caso temos que suportar até ao fim as consequências da nossa atitude, tal como sucede se seguimos o rumo da moral natural.

Evidentemente que encaro o problema naquele plano de seriedade e consciência das próprias atitudes que lhe dá um aspecto diverso da leviandade, da duplicidade e da falta de respeito por nós mesmos. Há compensações que não deves esquecer - refiro-me especialmente ao teu caso -. Os teus Filhos são um apoio importantíssimo, sob todos os aspectos, para ti. Mas só os teus Filhos. A sociedade, a consideração das pessoas respeitáveis, tudo isso é secundário perante o direito e o dever que todo o ser humano tem de se realizar, procurando o seu equilíbrio e a sua justa felicidade. Há ainda os teus Pais - e eu compreendo perfeitamente que te preocupes com eles. Por isso digo que é, talvez demasiado tarde para tomares a atitude definida que o teu problema requeria - numa altura que os filhos eram mais novos e os teus Pais também. Até para o teu marido teria sido preferível - visto que também ele se sente infeliz no vosso ambiente familiar. Mas a grande vítima és, incontestavelmente tu. E, com toda a sinceridade; segundo o teu ponto de vista quanto aos melindres de Filhos e Pais, e ainda por outras circunstâncias que teu caso apresenta, quanto ao lado material, não vejo outro caminho para ti senão coragem para sobreviver, sem perderes o teu auto-domínio e a confiança, em ti própria. Muito gostaria de conversar contigo sobre este grave assunto. Mas por carta é difícil.(...) *Peço-te muito que não deixes azedar nem tomes uma atitude de hostilidade latente contra a vida. Compreendes? Seria terrível⁵¹¹ (...)*” (Carta de 6 de Jan. 1956). Não se poderia resumir a forma brilhante e pragmática como Maria Lamas verbaliza o problema e as soluções para a vida da prima. Este interesse genuíno pela evolução do trabalho de Maria Lúcia Vassalo Namorado vai continuar, da parte de Maria Lamas, mesmo quando durante anos esta passa a viver, pelas razões políticas sobejamente conhecidas, em Paris (Carta de 24 de Out. de 1958).

No *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* há ainda mais uma carta⁵¹² em

⁵¹¹ Itálico está manuscrito, no original.

⁵¹² As respostas dadas por Maria Lamas ao inquérito feito a(aos) escritoras(es) sobre as suas obras tem as respostas dadas por ela aqui:“(…) 1- Necessidade de me realizar espiritualmente e ganhar o meu pão; 2- Como posso, às vezes, num ambiente de desassossego com tipografia à espera ou de manhã, na quietação de minha casa 3- Interpretar a vida e contribuir para que ela seja compreendida; não se trata de um só caminho literário, um só processo: na interpretação da vida, todos os caminhos literários podem levar à claridade mesmo quando atravessam zonas de escuridão, onde há existências sombrias, sob o signo da injustiça da miséria e de todos os sofrimentos; a literatura, sob qualquer aspecto, deve servir a humanidade e nunca, em especial, a glória do escritor; 4- minha obra é reduzida apesar de eu viver exclusivamente da minha pena há longos anos; o problema económico tem-me escravizado a um

que Maria Lamas aprecia o trabalho da prima e tenta dizer-lhe que não valerá a pena iniciar a iniciativa *Madeira vista pelas suas crianças*: “(...) Tenho recebido e lido com atenção a tua revista. Sinto sempre o teu esforço. E sinto também como deves esbarrar em limites e limites. Que a iniciativa dos desenhos infantis te deve dar muita canseira e arrelia- sempre calculei. No entanto vale a pena, porque é uma realização verdadeiramente interessante e útil, sob vários pontos de vista. Sempre virás à Madeira? (...) para lançares aqui a ideia da cooperação das crianças madeirenses na tua iniciativa. Mas, sem teres aqui alguém que tome o encargo de orientar e acompanhar a adaptação da ideia ao meio, dificilmente obterás resultados positivos, no final. Este ambiente é muito diverso desse- e muito a t r a s a d o⁵¹³ também - e, em consequência de tudo isto, muito difícil de interessar em qualquer realização de carácter colectivo, com a participação de todas as classes. A divisão das classes, aqui, é tremenda- mesmo as pessoas mais inteligentes e compreensivas esbarram nesse ponto. Isto não é para te desanimar: é para te esclarecer e evitar decepções (...)” (Carta de 29 de Maio de 1956).

Mas não é só Maria Lamas que se vê em *Os Nossos Filhos*. Muitas(os) das(os) suas(seus) familiares também ali marcam presença. Vejamos de que forma elas(es) se fazem sentir naquela publicação feminina.

Uma das presenças mais permanentes é a de Fernando Carlos Pereira Bastos, já referido neste subcapítulo e que ilustrava muitos dos textos publicados (ONF, Set.1944) em *Os Nossos Filhos* assim como eram da sua responsabilidade os logotipos de algumas das secções. Ele era “(...) católico, monárquico, miguelista(...)”⁵¹⁴, fez parte do júri do *Concurso de fotografias de crianças*⁵¹⁵. Com esse concurso (cf. subcapítulo sobre este tema) a directora da revista quisera responder às(aos) leitoras(es): porque “(...)ver as fotografias dos seus pequeninos publicadas em *Os Nossos Filhos*: eis a aspiração de

profissionalismo incompatível com o trabalho profundo e longamente meditado do escritor que tem a noção da sua missão e responsabilidade; não creio que tenham exercido influência mas se tivessem, que fosse despertar o interesse dos leitores ligados à conquista de uma vida mais harmoniosa e justa; 5- até agora é o *Livro de Amor*, cuja 1ª parte foi recentemente publicada em *As 4 estações* com o título: “O despertar de Sílvia” é também a minha personagem mais querida (...)” (Carta de 13 de Jun. 1949. Caixa 32. Maço 4). Este texto e o da avaliação do 1º número da revista *Os Nossos Filhos* (Carta de 1 de Jun. 1942. Caixa 12. Maço 2) são os únicos que não estão na Caixa 50 e Maço 4, onde está toda a outra correspondência de Maria Lamas para a prima.

⁵¹³ Assim escrito, no original.

⁵¹⁴ Faleceu durante a realização deste trabalho, casado com a filha mais velha de Maria Lamas, a Maria Emília Ribeiro da Fonseca que “(...) era republicana e faleceu em 1992 (...)” Maria Manuela Ribeiro da Fonseca, a filha do meio de Maria Lamas, falecera, aos 47 anos, de coração (Entrevista a Maria Cândida Caeiro. 1 Mar. 2002).

⁵¹⁵ Início em *Os Nossos Filhos*. N.º 70 de Março 1948. p. 20 e seguintes até n.º 78 de Novembro de 1948. capa

todos os pais portugueses(...)"(ONF, Mar. 1948). Os restante elementos do júri eram "(...)Casimiro Vinagre, colaborador fotográfico, colaboradores artísticos Vera Bordallo Pinheiro e Fernando Carlos Pereira Bastos(...)" (ONF, Mar. 1948).

Quando a revista começou a sua publicação já Maria Lamas era avó. Sendo a publicação para as mães e as crianças e tendo Maria Cândida Caeiro, a filha mais nova de Maria Lamas, ali trabalhado a tempo parcial durante os primeiros tempos da revista, não admira portanto que, que também as(os) netas(os) de Maria Lamas, filhas(os) desta e das outras duas filhas, sejam ali nomeadas.

A publicação de felicitações pela passagem de mais um aniversário, muito ao estilo ainda da revista *Portugal Feminino* e que Maria Lúcia Vassalo Namorado abandonará na revista, a partir dos anos 50, vai ainda ser feita para um dos netos da prima quando refere que "(...) a 12 de Junho fez anos o nosso amiguinho João Manuel Ribeiro da Fonseca Calisto(...)" (ONF, Jul. 1942), filho de Maria Manuela, a filha do meio de Maria Lamas.

Mais tarde, na secção para as crianças *Cantinho dos pequenitos*, será João Carlos da Fonseca Pereira Bastos, de 10 anos, outro neto de Maria Lamas, filho de Maria Emília, que verá publicado o texto *Uma Chouriçada em Fermentelos*.

Em 1954, ao fazer uma série de entrevistas a raparigas que estudam, será a vez de, com fotografia, publicar algumas linhas sobre Maria Leonor Ribeiro da Fonseca Calixto, que fora a primeira neta de Maria Lamas. Dela dirá que está "(...) preparando a Licenciatura em Filologia Germânica, gosta Matemática, a tese é sobre literatura de terror, /considera que a/ falta de cadeiras de cultura geral no ensino universitário é um dos problemas estudantes(...) e lê Camões, Mário de Sá Carneiro, Junqueiro, Eça(...)" (ONF, Jan. 1954).

No segundo caso está Maria José Caeiro, ou Zézinha, que envia diversa colaboração como podemos constatar pela consulta do *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*.

Em 1956 é dela que a directora de *Os Nossos Filhos* recebe a colaboração para o concurso *Se eu tivesse uma varinha de condão* pois dirá:"(...) mandou-nos directamente o seu depoimento Zezinha de Évora(...)" (ONF, Jan. 1956).

Alguma colaboração é mesmo publicada como é o caso de uma quadra que a menina enviara a Maria Lúcia Vassalo Namorado por ocasião do seu aniversário mas que a directora da revista vai aproveitar para, na *Colaboração infantil*, a apresentar como a "(...)Quadra que uma priminha da nossa directora mandou no dia do 13º aniversário da

revista: Parabéns p' ra minha Prima Neste dia abençoado Que este dia se repita Por muitos e muitos anos, Sempre queridos e acarinhados(...)" (ONF, Ago. 1955) pois que a revista também fazia 'anos' no mesmo mês. Nesse número é ainda publicado "(...) *O Mar e a espuma*, história, desenho e versos de Maria José Caeiro, 8 anos(...)", da autoria da mesma criança, que os dedicara a "(...) Maria Lúcia pelo seu aniversário(...)" (Caixa 18. Maço 6).

Outras vezes eram estas crianças, como muitas senhoras também faziam, que solicitavam a publicação de textos enviados para a revista. A mesma menina dirá :"(...) Querida prima pode fazer o favor de mandar publicar *A Rapariga do medalhão*⁵¹⁶? Tinha grande empenho nisso porque gostaria que alguma coisa aparecesse no seu jornal de minha autoria sem ser histórias(...) fiz tudo escrupulosamente(sic) para ver se poderia ser publicado (...) mando carta às escondidas para ver se mãe e pai não sabem nada disto; votos pelo progredimento(sic) da Revista (...)" (Carta de Zezinha, Évora. 28 de Jan. 1958. Caixa 18. Maço 1).

Estas(es) netas(os) de Maria Lamas participaram também na iniciativa da revista *Évora vista pelas suas crianças* e é com os nomes deles que Maria Lamas irá participar em *Os Nossos Filhos*, quando publica, entre Março e Outubro de 1952, a história infantil *Aventuras as Zèzinha e do João*, em oito números seguidos.

Também o *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* nos dá conta dessa ligação forte entre as duas primas. Já vimos que o número de cartas de Maria Lamas para a prima corresponde ao maior lote de todos. Dos livros publicados por Maria Lamas e por alguns dos seus familiares como Maria Emília, a filha mais velha de Maria Lamas, ou mesmo Alice Vieira⁵¹⁷, prima de ambas, muitos são os que se guardam neste *Espólio*⁵¹⁸ (Cf. Bibliografia final deste trabalho). Há, porém, uma parte desses textos que, aquando da separação dos dois núcleos principais do *Espólio* foram para Torres Novas⁵¹⁹. Tal como se verá na conclusão, parece-nos que, do ponto de vista

⁵¹⁶ É um desenho assim intitulado. O papel da carta é infantil: timbrado com figura de carteiro com fato azul, com uma sacola a ir a correr levar a carta.

⁵¹⁷ De quem existe também, sob pseudónimo *Alice e Uma qualquer*, um enorme conjunto de cartas no *Espólio*, lidas e transcritas para a base da correspondência mas que não foram analisadas pois que são posteriores à data do fim de *Os Nossos Filhos*, enviadas para Maria Lúcia Vassalo Namorado quando esta já escrevia no *Diário de Lisboa*.

⁵¹⁸ Como o de SILVESTRE, Rosa (1929) – Maria Cotovia. Porto: Livraria Civilização. 49 p. e outros.

⁵¹⁹ No *Espólio de Torres Novas* estão as seguintes obras de Maria Lamas e de familiares:

arquivístico e patrimonial, esses livros poderiam regressar ao núcleo inicial pois, só por lapso, dele foram retirados. No *Espólio* existe ainda um livro de Henrique Marques Júnior⁵²⁰, com prefácio de Maria Lamas que aqui referimos por nele se darem mais informações sobre o que ela pensava sobre o que devia ser a literatura infantil quando escreve:“(…) ALGUMAS PALAVRAS O aparecimento da *Biblioteca Infantil «Latina»*, nesta, hora em que as mais belas iniciativas esbarram com dificuldades de toda a ordem, é um verdadeiro milagre, Que só a fé e a persistência de Henrique Júnior seriam capazes de realizar. O seu programa é esplêndido: contos escolhidos entre as melhores e resumos de obras notáveis de bons autores Pela sexta vez Henrique Marques Júnior dá realidade ao mais ardente sonho de toda a sua vida: oferecer às crianças leitura apropriada, revelando-lhes a beleza e a bondade através de histórias mais ou menos maravilhosas.

As decepções e obstáculos não conseguem seu entusiasmo de verdadeiro apóstolo da literatura infantil. Ei-lo outra vez no seu posto, a dirigir a *Biblioteca Infantil «Latina»*. Crianças portuguesas têm nele um amigo precioso, a quem devem carinho e gratidão. De resto, a sua acção em prol da literatura infantil dá-lhe direito à admiração de todos os portugueses. Maria Lamas (…)

Nele há ainda diversas cartas de familiares de Maria Lamas. Uma de Maria Emília (*Mimi* e *Marimília*), filha mais velha de Maria Lamas, outras de netas(os) e ainda três cartas de Alfredo da Cunha Lamas, o marido de Maria Lamas, para Maria Lúcia

Ilha verde. Lisboa : O Século, 1938. - 236 p. ; *Mitologia Geral : o mundo dos deuses e dos heróis*. 2ª ed. Lisboa : Estampa, 1972. Volumes I a VI; *As Mulheres do meu país*. Desenhos de Fernando Carlos. Lisboa : Actualis, 1948; *Para além do amor*. Lisboa: Século, 1935; *O Vale dos encantos*. Maia : Meridiano, 1972. *As quatro estações : o grande livro para 1949*. coord. Maria Lamas. Lisboa : Actualis. 3º tomo: Outono 2º Tomo : Verão 1º Tomo : Primavera; *O Caminho luminoso* / Rosa Silvestre. Lisboa : Sociedade Nacional de tipografia, 1930. *Humildes* / Rosa Silvestre. Lisboa : Bertrand, 1928.

Da filha mais velha de Maria Lamas está a obra:

O nosso lar / Marimília e Fernando Carlos; il. Fernando Carlos. Lisboa : *Campanha Nacional de Educação de Adultos*, 1956. (Educativa. Série I ; 2)

De Alice Vieira estão: *De estarmos vivos* / Alice Vassalo Pereira. Lisboa : Silva & Ourêlo, 1964. (Poesia) e *Rosa minha irmã Rosa*. Lisboa : Caminho, 1979.

⁵²⁰ Prefácio de Maria Lamas na obra: MARQUES JÚNIOR, Henrique (compil.) (1942) – *Aventuras maravilhosas de um príncipe e outros contos* com prefácio de Maria Lamas. il. Laura Costa. Porto: Livraria Latina. 63 p.(Biblioteca Infantil Latina . Colecção Pinóquio; I. Este livro tem uma “(…)NÓTULA DOS EDITORES A nossa ideia, ao criar esta. Biblioteca Infantil «Latina», reside em publicar livros para crianças de todas as idades, mas de maneira a educar-lhes o espírito, e por isso não nos limitaremos a contos de fadas; remos ir trm pouco mais lonée: dar-lhes como entretém resumos de obras de notáveis autores estrangeiros como Daudet, Dickens, Homero, Lesage, Molière, Rabelais, Shakespeare, Walter Scott, etc., resumos que as façam conhecer quanto mais não seja em argumento, esses romances, para que mais tarde os possam compreender na íntegra. É compilador desta nova colecção ama pessoa com responsabilidades no género infantil a que, desde muito novo, se dedica. Decerto ele não Quererá perder a sua aura de especializado no assunto...(…)”.

Vassalo Namorado, uma delas timbrada de *A Gazeta: diário conservador independente. Rua da Barroca 59. 2º* (Caixa 50. Maço 4). Nelas são referidas as doenças de Maria Lamas, mas cujo diagnóstico ela desconhecia, por o marido lho ocultar. Tendo tido “(...) febre tifóide aos 6 anos(...)um furúnculo há dez e os dentes descarnavam-se(...)” e perante a infecção nos ossos dos braços, o médico Azevedo Gomes iria recomendar-lhe “(...) raios ultra violeta, diários, durante 13 meses(...)”. Tinham ido já a diversos médicos sendo que Mestre Salazar de Sousa diagnosticara “(...) um caso de sífilis hereditária(...)” e Francisco Gentil diagnosticou um ostio-sarcoma(...)” (Carta de 8 Dez. 1929. Caixa 50. Maço 4).

Além das cartas que muitas e muitas senhoras e colaboradoras(es) escrevem, referindo também Maria Lamas, e cujo inventário aqui não fazemos porque nos afastaria do sentido deste capítulo, encontramos ainda no *Espólio* muitos documentos que, ao longo da vida, Maria Lúcia Vassalo Namorado foi recolhendo sobre a prima. Neste grupo estão o protesto enviado ao *Modas & Bordados* quando Maria Lamas dali foi afastada depois de encerrado o *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* de que ela fora a última presidente: “(...)Amigas e admiradoras, antigas leitoras de *Modas & Bordados* - Maria Lamas(...)preferindo perder o que com incontestável brilho exerceu durante 18 anos(...)a desertar do seu apostolado a bem da Mulher portuguesa, as suas amigas(...)colocam-se a seu lado num movimento de apreço e solidariedade é o protesto de todas nós pelo afastamento de Maria Lamas do cargo de Directora da Revista *Modas & Bordados* protesto que nada significará para V. Exa mas que para nós tem o valor de uma profissão de fé e do público testemunho do nosso aplauso à atitude de Maria Lamas(...)como mulheres estamos ao lado dessa mulher superior e generosa, de vontade inquebrantável, que sabe manter a inteireza do seu carácter(...) e que lhe daremos sempre o nosso apoio na tarefa que tão nobremente tem empreendido em prol da dignificação da Mulher portuguesa(...)” (Caixa 46. Maço 1).

Também ali encontramos a carta em que, respondendo à proposta de Maria Lúcia Vassalo Namorado para que fosse incluída no júri do *Torneio Cultural*, em Torres Novas, a prima Maria Lamas, o conterrâneo Alfredo José Moita dos Santos refere que também haviam tido tal ideia só não a concretizando por “(...)tornar difícil e demorada a classificação dos trabalhos(...)Dificuldades de reunir um júri separado por 120km de estrada(...)”. Também ela propusera que o prémio de conto ou novela que aquela edilidade pretendia atribuir fosse *Prémio Maria Lamas* (Carta de Alfredo José Moita dos Santos. Torres Novas. Carta de 12 Mar. 1941. Caixa 2. Maço 4).

Uma das últimas recordações que, de Maria Lamas, se guarda no *Espólio* é o Catálogo da Exposição *Maria Lamas: uma mulher*, que, entre 7 e 14 de Março de 1982⁵²¹, o *Movimento Democrático das Mulheres* fez de homenagem a Maria Lamas, no Palácio Galveias, em Lisboa. A dedicatória a Maria Lúcia Vassalo Namorado, numa caligrafia já tremida, testemunha a amizade que uniu sempre as duas primas :“(…) Para a Maria Lúcia, "filha" do meu espírito, constante e serena, com a maior ternura e muita admiração pela sua actividade de toda a vida e o seu labor intelectual, com aspectos tão úteis e humanos, Com um beijo maternal da Maria Lamas(…)”(Caixa 76. Maço 8).

Da parte de Maria Lúcia Vassalo Namorado haverá ainda uma última menção pública a essa amizade de sempre. Tal aconteceu no dia do aniversário da (então já antiga ou ex-) directora de *Os Nossos Filhos*, quando em 1 de Junho de 1999, no dia do seu 90º aniversário lembrou e não deixou de invocar, no almoço que a família, as(os) amigos lhe ofereceram, dois nomes que, depois dos pais, mais a haviam influenciado: “(…)minha prima irmã Maria Lamas e meu primo irmão António Júlio Vassalo(…)”(Documento anexo de 1 de Jun. 1999. Caixa 77. Maço 1).

Como referimos, na impossibilidade de analisar o conteúdo de toda a correspondência do *Espólio* que vimos abordando, esta apresentação do conteúdo das cartas enviadas por Maria Lamas a Maria Lúcia Vassalo Namorado pode ser vista como prova evidente de que estes conjuntos documentais são deveras importantes para a abordagem qualitativa e mais próxima a um passado que se quer reconstruir e analisar sob a perspectiva educativa.

⁵²¹ A dedicatória está datada de 8 de Março de 1983.

6 Uma biografia incompleta

Chegando a esta fase do presente trabalho e, de forma extremamente sumária, não podemos deixar de referir como foi a vida e a ocupação profissional de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Ela suspende a revista *Os Nossos Filhos* quando estava prestes a completar meio século de vida. No *Espólio* existem também centenas de documentos e cartas que sobre estes tempos nos deixam ver como decorreu esse período de cerca de 40 anos que ainda a separavam da morte. Ali encontramos um conjunto de correspondência inédita, enviada por Maria Elisa Domingues, por Alice Vieira e por muitas(os) outras(os) crianças, adolescentes e adultos, sobretudo mães, que lhe foram escrevendo para o *Diário de Lisboa*, entre outras publicações onde colaborou. Como referirmos, a análise deste ocaso não será aqui abordada, embora tenhamos lido tudo o que esta pedagoga também escreveu neste período como se deduz da consulta ao *Apêndice Cap. 6* e à *Bibliografia* final da investigação. Todos os dados estão prontos a serem analisados mas o seu exame é impossível neste trabalho. Por esta razão, referimos neste capítulo da investigação (o mais pequeno de todos mas aquele por onde começámos a recolha dos primeiros dados) os aspectos que, da biografia de Maria Lúcia Vassalo Namorado nos importa ainda sublinhar. Deste conjunto fazem parte a descrição da sua colaboração em outras publicações periódicas nos anos que se seguiram e que coincidiram com a publicação anual de *Os Nossos Filhos*, entre 1959 e 1964, assim como a sua actividade ao serviço de uma instituição de recuperação e integração de deficientes visuais, a *Fundação Sain* e também a continuação da sua actividade como editora de publicações para crianças.

6.1 Dos anos 60 e setenta e da militância possível ao ocaso

6.1.1 Colaboração em publicações periódicas

Depois de suspender a revista *Os Nossos Filhos*, como vimos, com publicação mensal em 1958, Maria Lúcia Vassalo Namorado vai ainda fazer sair mais quatro números da revista, entre Dezembro de 1959 e o mesmo mês de 1964. Nestes números,

com apenas 4 páginas, apenas republica textos já anteriormente dados á estampa naquela publicação.

Os jornais onde mais colabora são o *Diário de Lisboa* e o *Comércio do Porto*, neste último sobretudo com contos e histórias na página infantil. Naquela primeira publicação vai colaborar em diversas secções, a saber:

<i>Diário de Lisboa: Magazine</i> Secção <u>Eduquemos os nossos filhos</u> , onde assina Maria Lúcia da Silva Rosa	Entre 19 de Julho de 1958 e 19 de Dezembro de 1962
<i>Diário de Lisboa: Magazine</i> Secção <u>Eduquemos os nossos filhos</u> onde assina <i>Dona Experiência</i>	Outubro de 1961
<i>Diário de Lisboa: Magazine</i> Secção <u>Aqui entre nós...conversa íntima</u> onde assina Telma	entre 1 de Outubro 1960 e 25 de Agosto de 1962
<i>Diário de Lisboa: Magazine</i> Secção <u>Para os mais pequenos</u> assina <i>Tia Maria Lúcia, M.L. e Tia Luísa</i>	entre 8 de Outubro 1960 e 18 de Agosto 1962
<i>Diário de Lisboa: Juvenil</i> Secção <u>Os meus problemas</u> onde assina <i>Tião</i>	entre 1 de Outubro 1960 e 25 de Agosto 1962

No primeiro grupo de textos continua Maria Lúcia Vassalo Namorado a ensinar as mães a saberem sê-lo sendo que o primeiro artigo se intitula mesmo *A Educação das Mães*, nele explicando os malefícios do tabaco, dando explicação teórica sobre a detenção, sobre o sono das crianças e como serená-las enquanto o médico não chega (*Diário de Lisboa*. 19 de Jul. 1958. p. 17). É aqui que inicia, no artigo seguinte, o *Concurso Relâmpago da Boa educadora* que já havia usado também em *Os Nossos Filhos* como vimos nos capítulos anteriores. Continua a dar conselhos sobre leituras para os pais e até sugere a assinatura da revista de que é directora (*Diário de Lisboa*. 16 de Ago. 1958). Colaboram, ainda extraído de *Crianças mal educadas*, Virgínia de Castro e Almeida Maria Alberta Meneres (*Diário de Lisboa*. 18 de Out. 1958) e novos concursos são lançados como o de *Bocadinhos de Ouro* (*Diário de Lisboa*. 16 de Nov. 1958). Alguns artigos já publicados em *Os Nossos Filhos* são aqui novamente apresentados como é o caso de *Educação tradicional e educação moderna* de Roger Gal (*Diário de Lisboa*. 25 de Out. 1958). Sob o pseudónimo *Dona Experiência* escreve os artigos sobre alimentação para as crianças (*Diário de Lisboa*. 4 e 25 de Out.1961). Como se vê, durante mais de meio ano, em 1958, a então ainda directora da revista vai colaborar em *Diário de Lisboa* ao mesmo tempo que tenta manter a publicação que dirige.

Neste jornal *Diário de Lisboa: Magazine* haverá duas outras secções mais viradas para os problemas afectivos, conselhos de conduta e orientações para adolescentes e adultos

intitulados *Aqui entre nós...conversa íntima* em que Maria Lúcia Vassalo Namorado usa o pseudónimo *Telma* e ainda a Secção *Para os mais pequenos* onde assina *Tia Maria Lúcia, M.L.* e *Tia Luísa*, nelas deixando de colaborar ainda antes de suspender definitivamente a publicação anual de *Os Nossos Filhos* uma vez que, em 1962 irá trabalhar na *Fundação Sain*, como veremos. A explicação da secção *Aqui entre nós...conversa íntima* é feita em 1 de Outubro de 1960 e nela são dados conselhos á empregada apaixonada pelo chefe da firma (n.º 118. de 15 de Out. 1960), ás regras a seguir na coabitação com os sogros e identificação de defeitos no marido (n.º 127. 17 de Dez. 1960) passando por conselhos áquela que vive infeliz na província (n.º 185. 27 de Jan. 1961. p. /7/) entre muitos e muitos outros que nos fazem lembrar os conselhos da *Avòzinha* ás leitoras de *Os Nossos Filhos*.

A rubrica do *Diário de Lisboa: Juvenil* Secção *Os meus problemas* é partilhada por Maria Lúcia Vassalo Namorado e por *Mário Castrim* ambos assinando *Tião*, partilhando assim este pseudónimo, entre 1 de Outubro de 1960 e 25 de Agosto de 1962. É para este jornal e secção que escreve Alice Vieira um enorme conjunto de cartas, não sabendo então que, a pessoa que a lia era esta sua prima que, como veremos na conclusão, ela tanto prezava.

Muito semelhante ás actividades que Maria Lúcia Vassalo Namorado propusera na sua revista para as crianças vai retomá-las aqui na forma de novos concursos como *Vá de roda...siga a roda...* (n.º 117. 8 de Jul. 1960), na publicação de pequenas histórias que adapta de contos tradicionais assim como a republicação da iniciativa *Responda quem quiser: Que farias se tivesses uma varinha de condão?* (n.º 119. 22 de Out. 1960). Por vezes publica algumas histórias, como havia feito em *Os Nossos Filhos*, em que o texto e a ilustração são de crianças que ali colaboram (n.º 132. 21 de Jan. 1961) ou a partir de um texto seu que leva as crianças a ilustrar. Como exemplo deste último caso veja-se *Aventuras do Janoca e do Janeca*, que vai publicar em números sucessivos (n.º 143. 8 de Abr. a 24 de Jun. 1961), sob a assinatura *Tia Maria Lúcia*.

Publica também textos e poemas de *Lúcia Benedita* como é o caso de *Para decorar: Um gato meu conhecido* (n.º 129. 31 de Dez. 1960) ou ainda *Para decorar: Não sejas assim!* De Cristina Torres (n.º 133. 28 de Jan. 1961), *As três peneiras* de António Botto e *Conversa pequenina /de/ Matilde Rosa Araújo* (n.º 169. 7 de Out. 1961) entre muitos outros textos de outras(os) colaboradoras(es) que haviam trabalhado em *Os Nossos Filhos*.

Para colaborar em *Diário de Lisboa* a directora de *Os Nossos Filhos* recebe um convite

de Ribeiro dos Santos, por intermédio de Manuel da Fonseca ou *Mário Castrim* ou *Maria Manuela Nunes*, entre outros pseudónimos usados:”(...) No domingo à noite estive com o Dr. Ribeiro dos Santos, por causa de um suplemento de Magazine que vamos fazer - a equipa do *Juvenil*- no *Diário de Lisboa*, aos sábados, a partir do dia 12 de Abril, p.f. Ele disse-me que a Sra. (...) lhe tinha pedido em tempos que lhe deixasse fazer uma página de "pais e filhos" no jornal, e que tinha chegado a altura de pôr mãos à obra. O jornal tem já 1 p. sobre crianças, não sei se já a tem visto algumas vezes; essa página, afirmou o Dr. Ribeiro dos Santos, esteve a cargo de uma redactora, a sra. D. Manuela de Azevedo, exclusivamente para que a posse se pudesse fazer, logo que possível, para as suas mãos. E pronto, já dei o recado, muito mal, segundo me parece pois não sou capaz de raciocinar quando escrevo à máquina. Em conclusão: o Dr. Ribeiro dos Santos quer que a p. seja sua já a partir do próximo dia 12 de Abril. Quanto a remuneração nada sei, mas se ficar equiparada às p. do *Magazine* julgo saber que é de mil escudos mensais. Seria talvez conveniente que a Sra. visse algumas dessas p. que têm saído para se inteirar do "ambiente". Estou a escrever esta num intervalo das aulas, campanha está a tocar...(original) resta-me alguns instantes para lhe dizer que tenho muito prazer em tê-la como "colega" no *Diário de Lisboa*... (...)” (Carta s.d.. Caixa 41. Maço 1). Sobre este contacto com Manuela de Azevedo, que pedirá a Maria Lúcia Vassalo Namorado que execute um trabalho em seu nome, não o assinando(Carta 27. Maço 1), dirá dela, muitos anos mais tarde Maria Lúcia Vassalo Namorado:”(...) devo muito a essa senhora(...) trabalhava no *Diário de Lisboa* e tinha muito, muito trabalho e propôs lá (...) criar uma página chamada Eduquemos o Nossos Filho mas ela fez aquilo porque achava que era preciso e disse-me (...) “Maria Lúcia você é que podia fazer a página(...)” e depois eles lá gostaram e então deram-me três colunas (...) era tudo para as criancinhas, era para as mulheres era para a gente nova (...)” (Borges. 2003. p. 209).

De longa data havia já, como vimos, ligação entre a directora da revista e *Mário Castrim* ou mais propriamente, Manuel da Fonseca. Ele chegara a transcrever “(...) pequenas e valiosas coisas de *Os Nossos Filhos* com especial citação da revista(...)” quando fora responsável pela secção *Manta de retalhos* que mantinha “(...) num jornal de Coimbra(...)” (Carta de Manuel da Fonseca. Caixa 41. Maço 1).

Colaborando já no *Diário de Lisboa* encontramos em Maria Lúcia Vassalo Namorado a mesma postura de assinalar os textos à margem que seriam para publicar. Um dos textos

irá usar naquele jornal é o excerto intitulado *Curiosidades*⁵²² em que tem: *Como se jura dizer a verdade em tribunal /em diferentes países/ e A origem dos bilhetes postais* (p. 123). Por vezes, como é o caso da obra de Manuela Nogueira⁵²³ - *Minha amiga lagartixa e outros contos*, não se coíbe mesmo de assinalar, a lápis, as gralhas da obra ou mesmo emitir um comentário como *Confuso* (Nogueira, 1981)

Também na obra organizada por Carlos de Oliveira e José Gomes Ferreira (Oliveira e Ferreira, 1958), a partir de *Contos Tradicionais Portugueses*, com ilustrações de Maria Keil, Maria Lúcia Vassalo Namorado assinalará diversos contos e também, a lápis, à margem, assinalou o prefácio de José Gomes Ferreira assim como, ao lado de muitos contos escreveu mesmo: *Bom*. Também tem a indicação de todos os que iria publicar em *Diário de Lisboa*, como são os de Teófilo Braga, Adolfo Coelho, Ataíde Oliveira, Leite de Vasconcelos e Bernardino Barbosa.

Uma das obras que mais assinalada está é a de Branca Rumina- *Guia das Mães* – com indicação de *Os Nossos Filhos* e *DL* chegando a ter indicação de *DL* 1962 (p. 45), *DL* Fev. 1968 (p. 189) e também com indicação de *Ficha* pelo que deduzimos que dele tenha feito uma recensão na época em que pertenceu ao ÍBBY onde, com *Lília da Fonseca* participava no grupo de escolha de obras para crianças.

6.1.1. Da educação das mães às necessidades educativas especiais

Além desta intervenção em *Diário de Lisboa* ainda antes de suspender a revista, sabemos que Maria Mendonça entusiasmara Maria Lúcia Vassalo Namorado a publicar a revista na Madeira. Muitas são as cartas que, como podemos ver na base das cartas do *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* (Cf. Apêndice Cap. 5), algumas colaboradoras e leitoras lhe enviaram (como a mulher do general Vassalo e Silva) (Caixa 7. Maço 4) quando a directora informou que iria proceder á suspensão da revista que dirigira durante cerca de 16 anos. A directora de *O Eco do Funchal* irá sugerir que

⁵²² Retirado de BASTOS, Isaura Lusitana Pinto (1956) – *Almanaque ilustrado de Faf: publicação recreativa, literária, artística e regionalista*. Fafê: ano XLVII. 136 p. em que assinala a rubrica “Curiosidades”. Neste almanaque, Isaura Bastos inclui um pequeno texto de Ferdinand Nicolay intitulado *Educação errada /sobre problema da mentira e criança que é enganada/* que também foi publicado em *Os Nossos Filhos*.

⁵²³ NOGUEIRA, Manuela (1981)- *Minha amiga lagartixa e outros contos*. Il António Esquível Calçada Bastos. Lisboa: Ática. 55 p. com dedicatória da autora e assinalado a lápis na história “O Brinquedo que o Zequinha escolheu”

se faça uma remodelação na revista, que em vez de mensal ela passasse a bimestral (Carta em Caixa 27. Maço 2).

A revista procedeu ao envio de um texto circular⁵²⁴ a muitos dos directores dos jornais com os quais mantinha relações de amizade e que muitos deles publicaram na íntegra. Neste grupo figura o jornal *O Despertar de Coimbra*, cujo director era Sílvio Pélico: "(...) "Colega: As dificuldades económicas com que sempre tenho lutado para manter esta revista, obrigam-me a suspender a sua publicação. Ao fazê-lo, desejo manifestar ao colega os meus mais sinceros agradecimentos por todas as atenções que se dignou dispensar a *Os Nossos Filhos*. Com os melhores cumprimentos e votos de prosperidade para o Jornal que dignamente dirige, me subscrevo, Muito atenta e grata, Maria Lúcia Silva Rosa" (...)"'. Este jornal acrescentará: "(...) Lamentamos a perda de tão esplêndida revista, pois ela bem merecia, como por tantas vezes o dissemos, as melhores atenções daqueles que se interessaram pelo bem estar dos filhos. Sinais dos tempos! (...)"'(jornal de 15 de Abr. 1959. Caixa 36. Maço 4).

Como vimos, o relançamento de *Os Nossos Filhos* não foi possível e a suspensão acarretou o desemprego do lugar de directora perto dos cinquenta anos de idade. É então que começa a procura de uma ocupação remunerada, agora querendo passar de empregadora a empregada.

Ela irá procurar obter os diplomas do ensino pré-escolar e primário, que consegue (*Espólio*) mas o processo iniciara-se ainda em 1957, como veremos agora.

Em 10 de Julho de 1957 uma informação sobre Maria Lúcia Vassalo Namorado fora já pedida ao Chefe de Posto da *PIDE* no Entroncamento. A resposta da pelo Chefe de Brigada, Helder Machado Cordeiro Alves e datada dessa localidade, informa: "(...) A referenciada é casada, nasceu a 1 de Junho de 1909, tendo saído da terra da sua naturalidade há cerca de 30 anos. Não lhe é conhecido ali o seu porte moral e político, em virtude de lá não ter mais voltado(...)"⁵²⁵.

Em 16 de Agosto de 1957 há uma informação da *PIDE* sobre Maria Lúcia Vassalo namorado Silva Rosa que será enviada ao *Inspector Superior do Ensino Particular* em que se afirma que "(...) tem bom porte moral e, politicamente, nada consta em seu desabono(...)"'.

⁵²⁴ Está no dossiê da empresa *Recorte* nas folhas de cartolina cosidas a fio amarelo).

⁵²⁵ Arquivo da *PIDE/DGS* – Bol. 107603. 4 fls.; este processo foi consultado pela primeira vez, em 15 de Junho de 1998 por José Manuel Tavares Castilho.

Já em 18 de Março de 1949 fora dada dela informação em como “(...) nada consta em seu desabono tanto moral como político(...), pelo subinspector Simões. Nesta data não sabemos a razão que terá levado a ainda directora de *Os Nossos Filhos* a pedir tal informação. Quanto à primeira que aqui identificamos, em 1957, pensamos que se prenda com a intenção de Maria Lúcia Vassalo Namorado requerer o *Diploma do Ensino Particular* - diploma n.º 22974 do *Ensino Infantil Particular* e o diploma do *Ensino Primário Particular*, em 18 de Março de 1959. (Caixa 83. maço 4). Como informação adicional ela dirá que estava a “(...) estagiar no Jardim Infantil Pestalozzi, rua de Malpique, n.º 20 e pedia para que inquérito que lhe fosse feito, se realizar a “(...) partir de meados do mês de Abril(...)” (Carta de Maria Lúcia Vassalo Namorado e Silva Rosa. 16 de Fev. 1959. Caixa 77. Maço 1). Na prova de “(...) exame de professora do ensino infantil particular” ela teve de responder às seguintes questões:

1ª- A Mãe de uma Criança de 3 anos e meio pediu à Directora de uma Escola Infantil que inscrevesse a filha como aluna. Em conversa explicou que a menina tinha um irmãozinho mais novo de que (sic) tinha muitos ciúmes. Se fosse a Directora da Escola como actuaria neste caso? 2ª- Como procede em relação à habitação à escola de Crianças que foram recentemente inscritas? O medo, actividades livres, (?), acompanhar, colaboração com a família. 3ª- Como encara as fantasias das crianças? Quais as actividades de Educação Infantil que resolvem essas fantasias? Desenho, Modelagem, histórias com mímica, histórias com fanoches, projectos.(...)”. (Caixa 83. maço 4)

O rascunho das respostas, em sete páginas manuscritas de bloco de apontamentos são bem estruturadas e mais uma vez reflectem tudo o que Maria Lúcia Vassalo Namorado defendera sempre em *Os Nossos Filhos*: a importância da preparação para o embate com a escola, a necessidade de cooperação entre a escola e a família, a mãe; a necessidade do respeito pela individualidade de cada criança e as vantagens de diversos tipos de actividades sensoriais na Escola Infantil.

Quando desempregada, ela irá entrar em contacto com diversos colégios explicando que a suspensão da revista nada tinha de desinteresse pelos problemas das crianças e que “(...) tendo algumas horas gostaria de as ocupar num bom colégio, leccionando às crianças das classes infantis e primárias, o desenho, a pintura, a modelação(...)”Dirige essa carta à “(...) Fernanda, Nina /Marques Pereira/, Berta Cunha, D. Ivone, *Escola Alemã*, *Escola Augusto Gil*, Inspector Superior J(osé) F/rancisco/ Rodrigues, *Escola João de Barros*, *Lar dos Pequeninós*, *Escola Luís de Camões*, *O Beiral*, *Escola Queen*

Elisabeth, Joanhina de Deus, Clubes, Livrarias, Vanda (...)” e ainda as moradas do *Colégio Valsassina*, *Colégio de Reeducação Pedagógica*, “(...) Conde Barão, n.º 47, Ponta Delgada, n.º 1 /ou Sta. Joana/, R. Palma de Baixo, 4-A (...)”(Carta de ML. Caixa 24. Maço 1).

Recebe uma resposta de Joana Luísa da Gama, de Carcavelos em que esta refere “(...) /Maria Raquel Ribeiro/ não vê onde a possa colocar pois para os internatos e semi internatos que estão em organização há concorrentes em demasia e (...) não vê trabalho compatível com as aptidões da sra.(...)” (Carta em Caixa 24. Maço 6).

Esta mulher que terá criado um programa /radiofónico/ juvenil com Maria da Natividade Correia aquando das comemorações henriquinas⁵²⁶, que era convidada para casa de Irene Lisboa, de Virgínia Motta, de Virgínia Gersão, que conseguiu criar a *Biblioteca das Nossas Filhas*, entre tantas e tantas outras iniciativas estava agora á procura do primeiro emprego.

⁵²⁶ O rascunho existente no *Espólio* está sem data e o programa de seis páginas (escrito e realizado por ambas) intitulava-se *A Nau dos sete mares: programa juvenil* e era: “(...)dedicado a todos os rapazes e raparigas do Portugal de aquém e de além mar com a história maravilhosa dos heróicos portugueses o descobriram novos mundos na África – música do folclore africano- na Ásia – música do folclore asiático- na América – música do folclore americano- na Oceânia – música do folclore da Oceânia Patrocinado por...transmitido todas as ...às...nas ondas do Rádio.../início com versos de Os Lusíadas; dirigido aos/ rapazes e raparigas de Portugal a aventura de João Marinheiro (a quem o pai convidou a ir à Índia; apelido por causa da paixão do mar/ com 12 anos; João filho do Capitão Diogo Valente, comandante do cargueiro “Estrela do Sul”; vivia perto do Tejo; (conhecia diferentes tipos de embarcações, desde pequeno) nunca vira nenhuma igual à que tinha na imaginação e a que chamava “Nau dos sete Mares” (...) o pai na sua frente com farda azul que o fascinava (...) irmãzita prestável ajudava lá dentro no quarto a mãe que arrumava as malas (...) /2 dias depois/ “Estrela do Sul” pronto para partir para a Índia(...) preparativos, despedidas dos amigos, recomendações da mãe, pedidos da irmã...o pai severamente dava ordens e a tripulação cumpria com calma e disciplina; castelo, Terreiro do Paço, Torre de Belém...para trás (...) Mosteiro dos Jerónimos pano de fundo magnífico de evocações e beleza (pai e filho conversam e para) reviver a espantosa epopeia dos nossos heróicos marinheiros tens de recuar...não vamos principiar com Vasco da Gama...mas com Infante D. Henrique; estamos exactamente nas vésperas das grandes comemorações henriquinas que celebram acção notabilíssima do Infante Navegador; (termina novamente com versos dos Lusíadas); na próxima semana...a esta mesma hora continuaremos aventura de João Marinheiro; porque não tentam rever os vossos conhecimentos acerca do belo arquipélago da Madeira? Se quiserem ficar conhecer melhor maravilhas da ilha ...aconselho que leiam o (...)” (Documentos anexos. Caixa 16. Maço 1).

Por proposta de Maria Amália Harbert Borges de Medeiros (Entrevista a Maria Isabel Pereira. 29 Mar. 2004) sabemos que Maria Lúcia Vassalo Namorado foi trabalhar para a *Fundação Sain*, ainda hoje existente como instituição privada de apoio á reintegração de cegos, e esse foi o último trabalho que teve. Aquela *Fundação* havia sido criada em 1959 para a recuperação e reeducação precoce das crianças assim diminuídas (Fundação Sain. Caixa 5. Maço 1). Foi aí que ela travou amizade com Bernardo Santareno e com Fernanda Lapa, que também lá trabalhavam. É dessa época, do ano de 1960, a sua correspondência para Helen Keller e nela diz estar a trabalhar como directora do *Centro de Reabilitação* da referida *Fundação* desde há vinte meses e fora já capaz de reintegrar 70 cegos. Um pouco mais tarde, ou seja, em 1961 e 1962, Maria Lúcia Vassalo Namorado foi também aprender Inglês e Francês para a *Escola Berlitz* (Arquivo Rui Rosa). O fundador daquela entidade privada era Martin Sain, casado com Raquel Sain e que Maria Lúcia Vassalo Namorado conheceu. Ele nascera “(...) na Moldávia, em 1884, então na Roménia (...) concedeu a 1ª entrevista aos 15 ou 16 anos (...) foi trabalhar antes disso para a companhia petrolífera romena “Steava Română” onde fez relações comerciais, correspondência e contabilidade (PL, 1962. p. 12) (...) em 1909 casa com Raquel Sain e em 1917 cria a “Redeventza”, espécie de antecessora da Sacor (...)” (PL, 1962. p. 14). Viera para Portugal, pela primeira vez, em 1937 para celebrar contrato de refinaria que viria a ser a *Sacor*, nascida em 28-7-1938. (PL, 1962. p. 30). Em 1959 cria a Fundação Raquel e Martin Sain (PL, 1962. p. 44). Deu rádios a hospitais, bolsas de estudo a estudantes do *Instituto Superior Técnico*, ao de *Alta Cultura* e no de *Ciências Económicas e Financeiras* (PL, 1962. p. 46). Recebeu a nacionalidade portuguesa e a Ordem de Comendador da Ordem de Cristo e a da Instrução Pública (PL, 1962. p. 47). Era amigo de Ricardo Espírito Santo e faleceu em 1961 (...). Tinha apenas um filho, Aristide Sain (...)” (PL, 1962. p. 52).

Na criação da *Fundação* que ainda hoje existe, fora apoiado por Assenjo, que trouxe o método da bengala longa - desde o chão ao bico do esterno (Entrevista a Isidro Rodrigues, 19-Jun. 2002). Nos anos 60, para apoio a cegos só havia o *Centro Fundação Sain*, e o primeiro *Centro de Reabilitação de Nossa Sra. dos Anjos*, estatal, da responsabilidade de Teresa Túlio, é posterior a este (Isidro Rodrigues, 19-Jun. 2002). Este período é de ouro para início da recuperação de cegos (Isidro Rodrigues, 19-Jun. 2002). É então que se começa a pensar, como Maria Lúcia Vassalo Namorado acreditava, que eles(as) podiam fazer mais do que a 4ª classe em vez de fazer apenas caixas de sabão, serem telefonistas. Já em 1953-54 se formara Augusto Roque Medina

da Silva, que já cegara aos 16 anos e que o foi o primeiro licenciado português em Filologia Românica em Portugal, cego (Entrevista Isidro Rodrigues. 19 Jun. 2002). Deste grupo de que faz parte Maria Lúcia Vassalo Namorado quando em 1961 se realiza a *Semana de Estudos sobre a Cegueira* para a qual foram convocados a “(...) Liga João de Deus, o Centro N. Sra dos Anjos, a Fundação Sain e Pe Abílio Martins que fazia gravações para cegos (...) esta Semana foi organizada por Ministério da Educação por iniciativa de Ana Maria Bénard da Costa que foi a introdutora do ensino integrado em Portugal com colocação de cegos na Escola Ferreira Borges e nos Liceus Maria Amália Vaz de Carvalho⁵²⁷ e Passos Manuel (...)” (Isidro Rodrigues, 19-Jun. 2002).

Nos anos 60, como directora geral da *Fundação Sain* fica Maria João Vasconcelos que vai receber crianças e depois também os mutilados da guerra colonial, cegos (Isidro Rodrigues, 19-Jun. 2002). A *Directora do Centro de Reabilitação* da Fundação era então Maria Lúcia Vassalo Namorado e o psicólogo era Bernardo Santareno, amigo dela e a assistente social era Fernanda Lapa(...)” (Entrevista a Isidro Rodrigues, 19-Jun. 2002). No desempenho dessas funções a ex-directora de *Os Nossos Filhos* era chamada ‘tia’ pelas suas colaboradoras “(...) mas ela era muito mais ‘arejada’ por dentro do que o seu aspecto deixava transparecer(...)” (Entrevista a Conceição Marques. 29 Abr. 2004).

Como referimos, foi através de Maria Amália Harberts Borges de Medeiros que Maria Lúcia Vassalo Namorado arranjava aquela colocação na Fundação. A colaboração entre ambas começara ainda em *Os Nossos Filhos*, como vimos e vai continuar: quando a primeira sabe que a segunda está desempregada convida-a a dar apoio a duas crianças cegas, aluna(o)s do Instituto António Feliciano de Castilho, que eram acompanhadas na *Clínica de Reeducação de Amblíopes*, ainda na R. Correia Teles. Essas crianças eram Victor Almada e Filomena Almada, o primeiro será professor no *Instituto Superior de Psicologia Aplicada* de Lisboa. Fora João dos Santos que os colocara a ter aulas de *Trabalhos Manuais* com Maria Lúcia Vassalo Namorado. É daqui que a ex-directora de *Os Nossos Filhos* irá transitar para a *Fundação Sain* (Entrevista a Maria Isabel Pereira. 29 Mar. 2004).

Da sua estada nesta instituição temos um Relatório⁵²⁸ da visita de estudo feita a Inglaterra e a França em Outubro e Novembro de 1964, pela directora do *Centro de Reabilitação da Fundação Raquel e Martin Sain*, datado de 1964 em que se relata a

⁵²⁷ Por existir este núcleo no liceu onde andámos, o mesmo onde Maria Lúcia Vassalo Namorado fizera a sua formação secundária, fomos aprender *Braille* na Faculdade de Letras de Lisboa.

⁵²⁸ Ex. Policopiado. 98 p.

visita que fizera entre 2 de Outubro de 1964 e 6 Novembro do mesmo ano, com bolsa da *American Foundation for Overseas Blind –AFOB-* enquanto Directora do *Centro de Reabilitação*.

No programa que fez em Inglaterra não estava prevista uma visita a uma escola de crianças cegas “(...) embora eu não trabalhe com crianças, gostaria de visitar uma escola para elas (...) fui dia 15 de Outubro visitar Conover Hall (...)” (p. 5). Este documento é de um impressionante de rigor descritivo sobre tudo que viu, como funciona.

No capítulo das conclusões refere-se às más condições existentes, em Portugal, para a integração social deste tipo de diminuídos pois que “(...) o analfabetismo, a mendicidade, as condições precárias de habitação, o nível baixo de salários, etc., levantam problemas complexos (...)” (*Relatório... Caixa 77. Maço 2 p. 93*). Aponta a falta de estatísticas credíveis existentes que não permitem que estas pessoas recebam os “(...) serviços de que necessitem, de acordo com saúde, aptidões, interesses, etc. (...)”. Outro dos problemas é o desinvestimento do Estado na sua educação ou reabilitação, emprego, saúde e bem-estar, a falta de coordenação de esforços entre entidades privadas e o estado, a falta de “(...) internatos para casos especiais de crianças cegas (...), de Centros de reabilitação e pré-profissionais para jovens; (...) de Centros de reabilitação para adultos-cegos-doentes ou com outras deficiências; (...) Lares para cegos inválidos sem família, (...)” e a inexistência de professores itinerantes, tanto para crianças como para adultos.

Maria Lúcia Vassalo Namorado defende “(...) a integração de crianças cegas nas escolas primárias correntes, o que é fácil com a colaboração das professoras itinerantes. (...). Quanto ao trabalhador cego, a integração ultrapassou o trabalho protegido. Por isso, em vez de oficinas protegidas são preferíveis os centros e as oficinas de treino, pontos de passagem para a integração dos trabalhadores cegos nos meios normais de trabalho. As oficinas protegidas são necessárias para casos especiais, por exemplo, de pessoas cegas e doentes ou com outras deficiências, cujo rendimento de trabalho é inferior ao normal. (...)”. Defendia ainda que, para aqueles que não se pudessem deslocar, fosse apoiado o trabalho caseiro e o seu escoamento. Finalmente, o mais importante era “(...) que as condições de vida do País melhorem e que os recursos de comunidade aumentem, para que as dificuldades e problemas que afligem os nossos trabalhadores sejam menos e menores (...)” (*Relatório... Caixa 77. Maço 2 p. 94-95*).

Seguidamente veremos ainda muitos outros aspectos da vida desta pedagoga que nos permitem conhecer o seu percurso até 2000. Não o faremos de forma

desenvolvida porque nos desviaríamos do propósito que nos orientou este trabalho. Por outro lado, poderíamos acabar aqui a referência a um percurso de vida que acabamos de delinear. Não o fazemos pois nos parece que esta abordagem que se segue pode constituir uma primeira redacção de um capítulo de uma biografia sistematizada de Maria Lúcia Vassalo Namorado que não nos é possível, infelizmente, elaborar agora.

6.1.2 Vida profissional/pessoal da pedagoga e iniciativas editoriais

Depois de ter acabado a revista *Os Nossos Filhos* e depois de ter publicado, como vimos, uma série de livros a expensas da mesma *Editorial*, Maria Lúcia Vassalo Namorado não deixará de sonhar com a continuação dessa actividade. Ainda antes de acabar com a publicação, em carta não datada (Caixa 24. Maço 1) escreve a Tomé Feteira explicando que estaria “(...) organizando uma colecção de livros com biografias de portugueses do nosso tempo, dignos de serem apontados como exemplo, pelas suas virtudes de carácter e coração, amor ao trabalho ou ao estudo, perseverança e espírito de iniciativa (...) digno de ser apontado aos jovens e aos trabalhadores (...) teria gosto que a biografia e a história da casa que fundou fosse o tema de um dos primeiros livros dessa colecção que estou organizando (...) se concordam com este plano (...) fornecer os esclarecimentos necessários (...) e distribuir pelos seus operários 1000 exemplares do referido livro(...)”.

Esta ideia de não deixar de publicar textos seus e de outras(os) autoras(es) vai ser um dos sonhos que a leva a, quase no final da vida, ainda se preocupar, como vimos, com a organização do seu *Espólio*. Como veremos seguidamente, irá voltar á temática das edições mas, infelizmente, sempre com problemas com editoras, com pouco sucesso se bem que com enorme vontade.

Maria Lúcia Vassalo Namorado foi sempre, como vimos, uma mulher de *causas*. Por esse facto fora condecorada pelos esforços que desenvolvera no apoio ás crianças vítimas da Guerra tendo recebido, a Cruz de Mérito da Cruz Vermelha Portuguesa “(...) por portaria de 6 de Novembro de 1947 (...)” (ONF. Jan.1948).

Vai ser sócia de diversas instituições como a *Associação Portuguesa para a Educação pela Arte* que fora fundada pela *Sociedade Internacional para Educação pela Arte (I N S E A)*, fundada em 1954 sob a protecção da UNESCO, /que/ deseja que se formem em todos os países nela representados sociedades ou associações nacionais que professem os mesmos ideais que a norteiam, os despendam e propaguem(...). Nesta data eram já

“(…) sócios efectivos da I N S EA em Portugal, os (...) estimados colaboradores Professores Calvet de Magalhães e Alice Gomes, os quais desejam reunir à sua volta todas as pessoas interessadas na Arte Infantil e na Educação através da a Arte (...)”(ONF, Set. 1956). Esta funcionava, como dissemos, na R. Pinheiro Chagas, 62, 1º Dto, também o domicílio de Alice Gomes. Uma outra notícia, na forma de anúncio, é publicada em *Os Nossos Filhos* em Novembro de 1957. Por iniciativa de Alice Gomes sabemos que a “(...)redacção dos estatutos da Associação ficou a cargo de Cecília Menano, Calvet de Magalhães e Nikias Sakapinakis (...)” (Carta de 5 Dez. 1956. Caixa 46. Maço 6).

Da Comissão organizadora da *Associação Portuguesa para a Educação pela Arte* faziam parte:“(…) João Rodrigues da Silva Couto, Cecília Rey Colaço Menano, Maria Lúcia Silva Rosa, Manuela Ribeiro Soares, Manuel Maria de Sousa Calvet de Magalhães(...) /sendo o/ Estatuto elaborado por José Francisco de Almeida (...) com aprovação publicada no Diário de Governo nº 223, 3ª série, de 24-9-57 (Caixa 46. Maço 6). Neste primeiro núcleo, sabemos que Maria Lúcia Vassalo Namorado está já como “(...) suplente do Conselho fiscal(...)” (Carta de Manuela Ribeiro Soares. Caixa 46. Maço 2).

Quando deixa de publicar *Os Nossos Filhos* anualmente, em Dezembro de 1958, Maria Lúcia Vassalo Namorado continua ligada aos colaboradores e investigadores directamente relacionados com a Educação Infantil. Neste caso encontra-se a *Associação Portuguesa de Educação pela Arte*. Promovida pela *Associação*, Maria Lúcia Vassalo Namorado vai assistir à Conferência sobre *O Valor da Música na educação infantil* por Maria Luísa Madeira Rodrigues, professora de Educação Musical do *Liceu Francês Charles Lepierre* e do Curso de Didáctica Musical da Fundação Calouste Gulbenkian, da qual é bolseira (Caixa 46. Maço 5) assim como à *Exposição Educação pela Arte: Exposição de testes psicológicos*, realizada no *Secretariado Nacional de Informação*, Palácio Foz, com texto de catálogo assinado pelo Prof. Delfim Santos professor catedrático de Ciências Pedagógicas da Universidade de Lisboa. Esta exposição fora organizada pelo prof. Fernando Fernandes, escultor, com alunos do 2º Ciclo do Liceu Camões /e nela se utilizaram testes de/" tábuas dos processos preceptivos da apreciação estética da cor de tipo objectivo, fisiológico, associativo e carácter de Boullough, associada aos processos de tipo descritivo, observador, erudito e imaginativo ou emocional da escala de Binet, dando assim lugar à tábua mista

Boullough-Binet (...)" (Caixa 46. Maço 6).

Também continuará com excelentes relações profissionais com Cecília Menano pois que, quando esta em 8 de Junho de 1960 é vice-presidente da APEA, solicitará a colaboração da antiga directora de *Os Nossos Filhos* para uma Exposição de arte infantil que estaria a organizar (Caixa 46. Maço 4).

Desde 1956 e ainda nos anos de 1977/78, aquando de novas eleições para os corpos gerentes da APEA, a lista integra a antiga directora de *Os Nossos Filhos*: “(...)Manuel Breda Simões, Maria Lúcia Namorado, Maria Manuela Valssassina Heitor, Irene Fraústo de Oliveira Guimarães Coutinho, Dulce Morais e Castro, Leonoreta Leitão, Maria de Lourdes Pereira Caldas, Irene Ribeiro, Alice Gomes, Madalena Pereira Gomes, Nadir Martinez e Maria Helena Correia(...)” (Caixa 46. Maço 6).

A criação oficial desta *Associação...* sai no *Diário do Governo* de 24 Out. 1957, apresentada como sociedade cultural de cuja Comissão organizadora faziam parte: João Silva Couto, Cecília Menano, Maria Lúcia Namorado, Manuela Ribeiro Soares, MM Calvet de Magalhães (...) com Alice Gomes e o editor José Francisco de Almeida (Entrevista a Leonoreta Leitão. 18 Mar. 2004).

Dois anos antes da criação do *Serviço de Bibliotecas da Fundação Calouste Gulbenkian*, em 15 de Outubro de 1956 Maria Lúcia Vassalo Namorado pronuncia outra conferência no *Clube Fenianos Portuenses*, a convite da *Liga Portuguesa de Profilaxia Social*, intitulada, como vimos, *Mensagem de Helen Keller* que só viria a ser publicada, em volume própria, em conjunto com outra que a pedagoga fez, no mesmo local e a convite da mesma instituição, sobre *A Fundação Sain e a Reabilitação de pessoas cegas em Portugal*, em 10 de Maio de 1963 (*Espólio*).

Como vimos para os primeiros anos, o *Espólio* de que nos ocupamos pode dar-nos algumas indicações sobre as leituras que, em diversas áreas Maria Lúcia Vassalo Namorado foi fazendo. Vejamos os títulos que existem ali e dos quais sabemos ter recolhido ideias, organizado muito do que eram os interesses desta mulher:

Quadro N.38.º Leituras de Maria Lúcia Vassalo Namorado:

ABELAIRA, Augusto	A cidade das flores	1972
CASTRO, Ferreira de	A casa dos moveis dourados	1927
	A curva da estrada	1950
	Emigrantes	1935
	Eternidade	[1930?]
	O instinto supremo	1968
	A lã e a neve	1947

	A selva	1930
	A tempestade	1943
COELHO, António Borges	Roseira verde, poesia	[196-?]
COELHO, António Borges	Roseira verde, poesia	[196-?]
CUNHAL, Avelino	Senalonga : pequenas histórias de uma vila em 1900	1965
DIONISIO, Mário	Conflito e unidade da arte contemporânea	1958
	Não há morte nem princípio	1969
FALCO, João	Começa uma vida	1940
	Outono havias de vir latente triste	1937
FERREIRA, José Gomes	O mundo desabitado	1960
	Poeta militante : viagem do século vinte em mim	1977
GAMA, Sebastião da	Serra-mãe	1957
GARCIA LORCA, Federico	Yerma	1955
GARCIA MARQUEZ, Gabriel	Cem anos de solidão	1971
GOMES, Soeiro Pereira	Engrenagem	1951
	Praça de jorna	1976
LEITE, Bertha	A mulher na história de Portugal	1940
MARTINS, Oliveira ⁵²⁹	Teoria do socialismo ⁵³⁰	1952
	A vida de Nun'Alvares	1955
MIGUÉIS, José Rodrigues	Um homem sorri à morte com meia cara	[196-?]
	O Natal do clandestino	1957
NAMORA, Fernando	O homem disfarçado	[196-?]
	Retalhos da vida de um médico	1949
	As sete partidas do mundo	1958
O NATAL PORTUGUÊS	Seleção e prefácio de Vitorino Nemésio	1944
NERUDA, Pablo	Residencia en la terra [1925-1935]	1957
NETO, João Cabral de Melo	Morte e vida severina	1966
NUNES, Natália	Ao menos um hipopótamo	1967
	Assembleia de mulheres ⁵³¹	1964
PIRES, José Cardoso	Os caminheiros e outros contos	1949
	Jogos de azar	1963
REDOL, Alves	Noite esquecida	1959

⁵²⁹ É deste autor a maior quantidade de volumes do *Espólio*: ao todo são 44 volumes, quer das obras com diversos volumes quer de títulos em volume único, todos em edições publicadas entre 1951 e 1959. Esse tempo corresponde a alguns dos anos em que a revista *Os Nossos Filhos* é publicada. À época, os vizinhos do andar de baixo da revista eram os pais de e o próprio Guilherme d'Oliveira Martins, político sobejamente conhecido nos nossos dias.

⁵³⁰ Com prefácio de António Sérgio.

⁵³¹ Casada com Rómulo de Carvalho ou *António Gedeão* e cuja obra, na época, foi muito mal recebida.

RÉGIO, José	As encruzilhadas de Deus Histórias de mulheres	[196-?] [1970?]
RIBEIRO, Manuel	A batalha nas sombras O deserto A planície heróica A revoada dos anjos	[196-?] [196-?] [196-?] [196-?]
RODRIGUES, Urbano Tavares	A samarra Tempo de cinzas	1964 1968
SALGUEIRO, Manuel Trindade, arcebispo	Pureza e sensualismo	1950
SANTARENO, Bernardo ⁵³²	António Marinheiro : o Édipo de Alfama Anunciação O crime da aldeia velha O duelo ⁵³³ O inferno O judeu Nos mares do fim do mundo O pecado de João Agonia A promessa A traição do padre Martinho	1960 1962 1964 1961 [1966?] [196-?] 1959 1969 1965 1969

Também na revista *Os Nossos Filhos* encontramos algumas referências autobiográficas sobre leituras e interesses diversos. É o caso das menções que faz a idas a exposições:“(…)Estive na *Exposição de Arte Fotográfica*.(..) que me pareceu inferior às dos últimos anos. Consequência da guerra... (M.L. ONF, Abr. 1945) (...)Simplesmente: senti este céu azul onde se não cruzam bombas mortíferas, este Sol doirado acariciando as primeiras flores(...).E lembrei-me de que os meus filhos têm saúde, e, graças ao trabalho do pai e ao meu, o pão de cada dia(...) (ONF, Abr. 1945).

(...)Foi ontem a minha noite de cinema. ...Pobre bebé! Quando deixaremos de presenciar estas lamentáveis manifestações de ignorância? (M.L. ONF, Abr. 1945) ou que “(...)vi lindo filme "A Nobreza corre nas veias" (...)”(ONF, Maio 1947)

Também recomendava a uma senhora que lesse “(...)os livros de Ferreira de Castro, um livro que acaba de publicar-se de Ilse Losa *O Mundo em que vivi* (...) os livros de Pearl Buck *Terra Bendita, A Mãe e Mulheres* (ONF, Ago. 1949) ou ainda “(...)Um livro que certamente gostarás de ler é *Vida inteira*. Também te aconselho a leitura de *A mulher educadora*, de Emília de Sousa Costa (...)” (ONF, Fev. 1946).

⁵³² Na Fundação Sain, já nos anos 60, Maria Lúcia Vassalo Namorado irá travar uma grande amizade com o colega de trabalho Martinho do Rosário, cujo pseudónimo literário é *Bernardo Santareno*.

⁵³³ Tem mesma obra, em edição de 1974.

Uma vez que a leitura pormenorizada do percurso de vida de Maria Lúcia Vassalo Namorado para o período posterior à suspensão de *Os Nossos Filhos* não faz parte dos objectivos deste trabalho optamos por abordar os factos mais relevantes desse período final mas quase só de forma cronológica. Um outro trabalho será necessário para estabelecer, mais ordenadamente, esse fio condutor.

Por texto de uma conferência sobre *Irene Lisboa*, de que existe no *Espólio* o manuscrito de seis páginas, emendado e rasurado, sabemos que Maria Lúcia Vassalo Namorado também pronunciou uma outra conferência dois meses depois da morte⁵³⁴ daquela pedagoga. Foi uma pequena intervenção em que a directora de *Os Nossos Filhos* referiu que Irene Lisboa merecia o “(...) carinho e homenagem por vários motivos mas principalmente por ser uma grande professora e uma grande artista (...) como professora dedicou-se ao ensino primário e infantil (...) grande educadora e pedagoga (...) atraiu-a o estudo da personalidade infantil, dos métodos de ensino que mais convinham para que as crianças aprendessem com alegria; esteve em França, Suíça, Bélgica onde visitou as escolas rurais modernas e trabalhou com grandes mestres entre eles um dos mais notáveis, Eduardo Claparède(...) foi escritora com lugar de destaque (...) contar coisas mais banais com tanta arte (...) trago aqui três livros de Irene Lisboa e vou ler algumas das suas páginas (...)” (Caixa 7. Maço 2).

Neste anos de 1959 até ao fim da vida Maria Lúcia Vassalo Namorado vai continuar a ser uma pessoa bem vista pela generalidade das suas ex-colaboradoras e, como sempre, será ponderada, cautelosa e conciliadora mas sempre interveniente⁵³⁵ e ciente da importância do poder relacional feminino.

No ano de 1965 muda-se para a Rua Abade Faria, em Lisboa, para tomar conta dos pais e aí viverá até final dos seus dias, sempre querendo ser independente e vivendo sozinha, excepto já nos finais dos anos setenta em que aluga um quarto a uma familiar de Maria

⁵³⁴ Irene (do Céu Vieira) Lisboa nasceu em Arruda dos Vinhos em 25 de Dezembro de 1892 e morreu em Lisboa em 25 de Novembro de 1958. Cf. Nóvoa, dir. (2004) – *Dicionário de Educadores portugueses*. Porto: Asa. P. 773. Não temos data para esta conferência nem local onde foi realizada.

⁵³⁵ Como exemplo deste sua última faceta refira-se o papel de intermediária que desenvolveu junto de duas senhoras desavindas por causa do acidente mortal que afectara a filha de uma delas, ou seja, neste ano, a filha de Maria Antónia Assis Santos da Costa (hoje mais conhecida com Maria Antónia Palla, mãe do actual ministro da Administração Interna) faleceu num acidente de viação porque o autocarro onde ia, do Externato Pestalozzi sofrera um acidente na Rua Morais Soares, em Lisboa. Por esta razão, a mãe da menina falecida queria ver fechado o Externato, cuja directora era (e é ainda hoje) uma antiga colaboradora de *Os Nossos Filhos*: Lucinda Atalaia. Nessa época Maria Lúcia Vassalo Namorado vai pedir o apoio de Maria Barroso, já à frente do *Colégio Moderno* para que tal não acontecesse. Para isso Maria Lúcia Vassalo Namorado reúne um conjunto de senhoras que consegue resolver o problema (Carta de Maria Barroso para Maria Antónia. 4 de Jul. 1959. Carta de Lucinda Atalaia para Maria Lúcia. ; Carta de Maria Antónia Assis Santos da Costa para Maria Barroso. Caixa 83. Maço 2).

do Carmo Rodrigues, a colaboradora *Suzana pobre* (cf. *Apêndice Cap. 4- Biografias*), do Funchal.

De meados dos anos sessenta em diante começa a publicar sobretudo literatura para crianças. De 1966 data *A História do Pintainho Amarelo*⁵³⁶, um livro lindíssimo sobre um pequeno pintainho...cego. Esta é uma das primeiras histórias para crianças diferentes em Portugal. Da mesma colecção - *Bandeiras de todo o Mundo* - farão parte histórias de Alice Gomes, por exemplo que para ela escreve *Zora, a pequena árabe*. Aquele livro teve ainda uma edição em Braille (cf. *Bibliografia*).

De Maria do Carmo Rodrigues vai receber em 1969 um convite para participar em *A Canoa* que não aceita dizendo: “(...) não me sinto com forças para grandes empresas nem pressas...Como tenho muito material o que desejo é ‘limpar as gavetas’ para deixar alguns livrinhos aos meus netos(...)” Convida Maria do Carmo para enviar um livro dela porque “(...) Combinei com um Editor lançar uma colecção de livros para crianças, colecção que abrange várias colecções(...)”. Ainda trabalha na Fundação Sain porque diz que Maria Fernanda Lapa vai à Madeira (Doação Maria do Carmo Rodrigues.17-3-1969).

Sobre literatura infantil colabora em 1972 com o texto *Qual a importância da Literatura infantil na formação estética da Criança na idade pré-primária e primária?* Na obra *A Formação Estética na idade pré-primária e primária*⁵³⁷. A esse trabalho deram também a sua colaboração: Adriana Latino, Alice Maria Antunes da Silva, António Torrado, Arquimedes da Silva Santos, José Aquino, José Sasportes, Júlia Babo, Laura Romão, Lucinda Atalaia, Madalena Cabral, Manuel Maria Calvet Magalhães, Maria Leonor Botelho, Maria Lúcia Namorado, Maria Luísa Madeira Rodrigues, Matilde Rosa Araújo e Rui Grácio. A preocupação com a educação infantil vai ser uma constante na sua vida e obra, mesmo depois de deixar a direcção da revista *Os Nosso Filhos*. A reflexão que faz sobre a importância da Literatura Infantil como contribuição para a formação estética é disso exemplo nesta obra em que Maria Lúcia Namorado defende que a Literatura Infantil “(...) é a mais acessível contribuição para essa formação estética: mesmo vivendo entre analfabetos a criança dessas idades, por força da tradição

⁵³⁶ NAMORADO, Maria Lúcia (1966) – *A História do Pintainho Amarelo*. Coimbra: Atlântida.52 p. (Bandeiras de todo o Mundo)

⁵³⁷ NAMORADO, Maria Lúcia (1972) - / Qual a importância da Literatura infantil na formação estética da Criança na idade pré-primária e primária? In ALMEIDA, Maria Luísa Albuquerque Ferreira de (1972) – *A Formação Estética na idade pré-primária e primária*. Lisboa: Escola Preparatória de Francisco Arruda. P. 91. N.º 76 do *Espólio bibliográfico*.

oral, ouve rimas, quadras, máximas, lendas, fábulas, histórias que a cativam e sobre elas exercem profunda influência(...)”. A Literatura para crianças deve encantar, dar alegria, “(...)mas também contribuir para a formação, a harmonia e o enriquecimento da sua personalidade(...) é recurso inesgotável que as mães e educadoras têm ao seu alcance (...) atrai e impressiona a Criança, aguça e satisfaz a sua curiosidade, leva-a a ouvir, observar e concentrar-se, a perguntar, comparar, discorrer e criticar; a adquirir o gosto pela leitura, a descobrir valores morais e estéticos, a dar largas à fantasia; a ampliar o vocabulário e a capacidade de expressão verbal e escrita(...)”⁵³⁸.

Desde os anos setenta colabora também com pequenas histórias infantis em *O Comércio do Porto*, a pedido insistente de Costa Barreto (Caixa 40. Maço 6).

Dos anos setenta data uma das suas grandes iniciativas mas também pouco ou nada lucrativas: a criação da colecção de livros que intitula *Os Livros da Grande Roda*⁵³⁹ sob com plano e direcção sua. À época em que organizou esta colecção era colaboradora da *Página Infantil* de *O Comércio do Porto*, como referimos.

Na brochura de divulgação editada também pela Atlântida Editora⁵⁴⁰, de Coimbra, esta organizadora é apresentada como tendo sido “(...) durante largos anos, responsável pela «Página das Mães» de «Modas e Bordados»; pela secção «Para os mais Pequenos» e pela página «Eduquemos o nosso Filho» do «Diário de Lisboa»(...)”. É considerada a responsável por duas grandes iniciativas, a saber, a publicação da revista *Os Nossos Filhos* “(...) com a qual ajudou muitos milhares de pais e educadores a melhor compreenderem a Criança e a cumprirem a sua missão(...)” e também “(...) do plano e da realização da exposição «Lisboa vista pelas suas Crianças» (1958). Esta exposição, sem dúvida inspiradora das que se lhe têm seguido, em que se apresenta um tema ‘visto pelas crianças’, era o início de um grandioso movimento recreativo-educativo e de intercâmbio que infelizmente Maria Lúcia Namorado não pôde levar a cabo, não

⁵³⁸ Namorado, Maria Lúcia (1972)- “Qual a Importância da Literatura infantil”. In ALMEIDA, Maria Luísa Albuquerque Ferreira de (1972)- *A Formação estética na idade pré-primária e primária*. Lisboa: Escola Preparatória de Francisco de Arruda. (Espólio)

⁵³⁹ A designação da colecção ainda é devedora da actividade de Maria Lúcia Namorado em *Os Nossos Filhos*: não só porque é a sua acção como directora da revista que aqui é assinalada como aí ela promovera, para angariar mais assinantes, ao mesmo tempo que contribuía para obras de assistência várias, o concurso fotográfico *A Grande e Linda Roda de Os Nossos Filhos* como se vê no Cap. 4 deste trabalho onde se faz, mais pormenorizadamente apreciação desse concurso.

⁵⁴⁰ Que publicava notícia mais extensa sobre esta colecção no *Catálogo das Edições Atlântida* (s.d.) em que também se anunciam ou são por ela já postos no mercado, obras de Rómulo de Carvalho como *Física para o Povo* e uma colecção de “*Ciência para gente nova*” com “(...) livrinhos especialmente dedicados aos rapazes e às raparigas em idade liceal(...)” e por ele dirigida. Havia ainda uma colecção *Juventude Atlântida*, dirigida por José Barbosa, sobretudo feita de traduções.(Caixa 71. Maço 7)

obstante os seus persistentes esforços. Ainda assim, esta exposição, depois de apresentada em Lisboa, foi levada a Évora e à América (Oakland); e, dentro do mesmo plano, realizaram-se as exposições «Évora vista pelas crianças», (em Évora), «Castelo Branco visto pelas crianças» (em Castelo Branco) e «Oakland visto pelas crianças», esta última apresentada em Oakland e em Lisboa. (Caixa 71. Maço 7 e *Espólio*)

Ao iniciar esta colecção, Maria Lúcia Namorado já publicara, na mesma Editora, a *História do Pintainho Amarelo*⁵⁴¹ que “(...) Martha Salotti, a grande companheira e colaboradora de Gabriela Mistral, adoptou⁵⁴² no curso que rege no Instituto Summa (Buenos Aires) e *A história de um bago de milho* (Estúdios Cor)(...)” (Caixa 71. Maço 7). Aquele livro *O Pintainho amarelo* foi recusado pela *Comissão de Leitura da Gulbenkian* como não sendo próprio para crianças (Entrevista a Maria Isabel Mendonça Soares. 18 Jun. 2004).

O objectivo da *Colecção Os Livros da Grande Roda* era, como fora também a iniciativa *Lisboa vista pelas suas crianças*, o de desenvolver um movimento recreativo-educativo. Com este conjunto de livros a ideia era “(...) dar às nossas crianças de 2 a 10-12 anos uma colecção de livros graduados e de vários géneros, procurando corresponder às suas necessidades e aos seus interesses. Esta colecção será constituída principalmente por obras originais portuguesas, mas incluirá também antologias, adaptações e traduções. «Os Livros da Grande Roda» constituirão dois grupos:

Grupo I—Série «Era uma vez...» - como o livro com o mesmo título da autoria da organizadora da colecção- onde mães e educadores encontrarão textos variados para ferem ou	Grupo II—Livros para as crianças manusearem e lerem. Neste grupo se incluirão: Histórias de vocabulário graduado (Série Formiguinha) Histórias diversas (Série Bem-me-quer). Histórias maravilhosas, lendas, fábulas, contos tradicionais,
---	---

⁵⁴¹ Este livro foi editado, com o nº 1, na Colecção *Bandeiras de todo o mundo*, que era dirigida por Matilde Rosa Araújo; tinha capa e ilustrações de Maria Keil. Na mesma colecção foram ainda editadas (e estão no *Espólio* de Maria Lúcia Vassalo Namorado) as obras: *Contos para a Maria Madalena* e *Zora, a pequena árabe* de Madalena Gomes; *Histórias para ler no Inverno* de Natividade Cobreia; *Histórias de Animais... e outras mais* por Maria de Santo António. De Matilde Rosa Araújo foram publicados: *O Cantar da Tila: Poemas para a juventude*, com desenhos de Maria Keil e *O Livro da Tila: Cantigas pequeninas — ilustrado por crianças*. (Caixa 71. Maço 7).

⁵⁴² Sobre a *História do pintainho amarelo* dirá ainda *Lília da Fonseca*, em 1969, quando faz fichas de leitura para a Cooperativa LUDUS, à qual ambas pertenciam: “(...) traz para o mundo da criança, dentro da fanatosa história de um pintainho cego, profundos ensinamentos quanto à recuperação de um ser atacado por aquela enfermidade. Só uma pessoa como a autora, com o conhecimento exacto do assunto colhido do seu trabalho profissional podia tratar semelhante tema com a proficiência com que o faz, aliada à forma exemplar, à poesia e à ternura em que a história está vasada(...) magnífico livro para crianças(...) idade de leitura dos 7 aos 10 anos- recomendável(...)” (Caixa 46. Maço 7). Cf. Tb bibliografia deste trabalho.

contarem às crianças.	contos humorísticos (Série Pássaro Azul). Poesia (Série Rouxinol), Teatro (Série Dom Roberto). Histórias de crianças, animais e terras de todo o mundo. Aventuras (Série Gira-Sol). Histórias auxiliares do ensino (Série Estrelas de Ouro) ⁵⁴³ .
-----------------------	--

Por motivos diversos, (existem os documentos no *Espólio* relativos aos problemas havidos entre a *Editora Atlântida*, de Coimbra, e Maria Lúcia Vassalo Namorado) saíram nesta colecção os livros que enumeramos no quadro seguinte. A má qualidade gráfica dos mesmos, assim como os diversos problemas jurídicos que se criaram, vão obrigar Maria Lúcia Vassalo Namorado a desistir de um projecto que desenhara com tanto carinho e empenho.

Quadro nº 39. Livros publicados na Colecção *Os Livros da Grande Roda*:

Título	Autor(a)	Obs.
<i>Era uma vez...</i>	Maria Lúcia Namorado	
<i>A Bola Amarela</i>	Raquel Delgado	em 1971, na Série <i>Rouxinol</i>
<i>A Primavera é o tempo a crescer</i> <i>O Verão é o tempo já grande</i> <i>O Outono é o tempo a envelhecer</i> <i>O Inverno é o tempo já velho</i>	Maria Isabel César Anjo	Foram todos publicados com capas cartonadas mal dobradas. ⁵⁴⁴ Série <i>Bem-me-quer</i>
<i>O meu livrinho de quadras</i> <i>O meu livrinho de adivinhas</i> <i>O meu livrinho de provérbios</i>	Maria Lúcia Namorado	Série <i>Pássaro Azul</i>
<i>Aventuras do Janoca e de Janeca</i> ⁵⁴⁵	Maria Lúcia Namorado	Série <i>Gira-Sol</i> ⁵⁴⁶

⁵⁴³ Sobre esta iniciativa há mais informações num documento dactilografado “*Colecção de livros infantis, graduados e de vários géneros, de modo a corresponder às necessidades e aos interesses de crianças de 3 a 10 anos*” (Caixa 77. Maço 7), em que Maria Lúcia Vassalo Namorado propunha uma organização ligeiramente diversa da que esta colecção veio a ter.

⁵⁴⁴ Esta falta de qualidade levou Maria Isabel Rodrigues Anjo a interpor uma acção judicial à Editora Atlântida. Mais tarde, saíram todos estes livros, outra vez, na Editora Sá da Costa, na colecção *Sá da Costa Infantil. Colecção Ler e reler*, para o ensino primário, na Série *Cisne Branco*. Este foi um rude golpe para ambas, organizadora da colecção e autora.

⁵⁴⁵ Sabemos que vendeu pouco porque de sobras tinha 1544 exemplares (Carta de Maria da Graça. Caixa 71. Maço 9).

⁵⁴⁶ Ver se “Perdido e achado na praia”, na Série Estrelas de Ouro. Em carta de Maria Lúcia Namorado a Joaquim Lopes Cravo, da Atlântida Editora, de Lisboa, 27-Agosto de 1971 (Caixa 71. Maço 7) pode ver-se a preocupação que a autora tinha em rever todas as provas e o cuidado que queria colocar na edição assim como na exigência sobre a qualidade gráfica.

Um primeiro conjunto de livros da autoria de Maria Isabel César Anjo foi publicado pela Atlântida Editora, da colecção *Os Livros da Grande Roda*, Série *Bem-me-quer: Para as mães lerem aos mais pequeninos e para os que já lêem sozinhos*, sob direcção de Maria Lúcia Namorado, em 1971 e com ilustrações de Maria Keil.

Quadro n.º40.: Livros da Colecção *Livros da Grande Roda: Série Bem-me-quer:*

Autoras	Obras publicadas
Série Bem-me-quer: Para as mães lerem aos mais pequeninos e para os que já lêem sozinhos	
ANJO, Maria Isabel César	(1971) –O Inverno é o tempo já velho. Ilustrações de Maria Keil. Coimbra: Atlântida. 28 p. (Os Livros da Grande Roda.; 4)
	ANJO, Maria Isabel César (1971a) –O Outono é o tempo a envelhecer. Ilustrações de Maria Keil. Coimbra: Atlântida. 28 p. (Os Livros da Grande Roda. Bem-me-quer: Para as mães lerem aos mais pequeninos e para os que já lêem sozinhos ; 3)
⁵⁴⁷	(1971 b) – A Primavera é o tempo a crescer. Ilustrações de Maria Keil. Coimbra: Atlântida. 28 p.(Os Livros da Grande Roda. Bem-me-quer: Para as mães lerem aos mais pequeninos e para os que já lêem sozinhos ; 1)
	(1971c) –O Verão é o tempo grande. Ilustrações de Maria Keil. Coimbra: Atlântida. (Os Livros da Grande Roda. Bem-me-quer;; 2)
Série Libelinha B: para as mães lerem aos mais pequeninos e para os que já lêem bem	
Irene Lisboa ⁵⁴⁸	(1971) – A Vidinha da Lita. Desenhos de Ilda Moreira. Coimbra: Atlântida. 55 p.(Os Livros da Grande Roda; 1)
Série Pássaro Azul:	
Maria Lúcia Namorado	(1971) – O Meu livrinho de quadras. Ilustrado po Cila. Coimbra: Atlântida. (Os Livros da Grande Roda. Pássaro Azul; 1)
Maria Lúcia Namorado	(1971) – O Meu livrinho de adivinhas. Ilustrado po Cila. Coimbra: Atlântida. (Os Livros da Grande Roda. Pássaro Azul; 3)
NAMORADO, Maria Lúcia	(1971a) – O Meu livrinho de provérbios. Ilustrado po Cila. Coimbra: Atlântida. Pássaro Azul; 2)
Série Rouxinol	
DELGADO, Raquel	(1971) – A Bola amarela. Poemas de...Desenhos de Cila. Coimbra: Atlântida. 47 p. (Os Livros da Grande Roda.; 1) (tem interesse pq tem plao e

⁵⁴⁷ Volta a ser publicado em 1981 e é oferecido com dedicatória (cf. Base das dedicatórias): ANJO, Maria Isabel César (1981) – A Primavera é o tempo a crescer. Ilustrações de Maria Keil. Lisboa: Sá da Costa Infantil. /28/ p. (Ler e Reler. Cisne Branco)

⁵⁴⁸ Este livro tem dois pequenos textos iniciais: um de Irene Lisboa diz:“(…) Meninas e meninos pequenos, quereis conhecer a Lita? Pois a Lita vos vai ser apresentada! Peço-vos que leiam ou que peçam à mãe para vos ler a vidinha da Lita que vos será aqui contada. I. L. (...)”. O segundo, da autoria da coordenadora da Colecção, Maria Lúcia Namorado, que pergunta:“(…)E contada por quem? Por Irene Lisboa, um nome que é preciso conhecer, um nome que é preciso amar, porque Irene Lisboa foi—e continua a ser nos seus livros—uma grande Escritora, e uma grande Professora. M. L. N.(...)”

justificação da colecção; tenho fotocópia)
--

Em Junho de 1957, no Editorial de *Os Nossos Filhos*, temos a informação de que vai ser publicado o *Livro da Tila*, da autoria de Matilde Rosa Araújo, o primeiro livro da *Colecção Rouxinol* que “(...) é o título de uma colecção de livros de poemas para crianças, que vamos editar. O primeiro volume dessa colecção, que estará à venda dentro de dias, chama-se «O Livro da Tila» da autoria da nossa querida Amiga e ilustre colaboradora Dra. Matilde Rosa Araújo. «Cantigas pequeninas» denominou a autora esse punhado de jóias do mais puro quilate, que à sua sensibilidade finíssima, a sua profunda e comovida ternura pelas crianças lhe inspiraram. Convidada para ilustrar esta obra, (...) Maria Almira Medina, outro delicado espírito de artista, propôs que ela fosse antes ilustrada pelas próprias crianças. E assim aconteceu. O Pintor Nuno Tavares, pai e artista sensível, foi o colaborador prestimoso que pôs em realidade esta difícil e importante tarefa: levar as crianças a sentir a beleza dos poemas, e a interpretá-los livremente através dos seus desenhos. Assim «O Livro da Tila» surge, em edição orientada pelo Pintor Nuno Tavares, ilustrada por alunos seus da Escola Técnica Elementar de Gomes Teixeira, do Porto, e ainda por 3 amiguinhos de «Os Nossos Filhos»: Júlia Maria Rocha, António João Medina Mousinho, e João Nuno Domingues Tavares. Não exageramos dizendo que «O Livro da Tila» é uma dádiva de beleza e amor, de um grupo de crianças e artistas(...)” (ONF, Jun. 1957).

Como vimos, até aos anos setenta não sairia mais nenhum dos livros que Maria Lúcia Vassalo Namorado previra para esta colecção de poesia.

Os livrinhos de quadras, adivinhas e provérbios publicados por Maria Lúcia Vassalo Namorado nesta colecção, em 1971 não são únicos à época. Numa colecção designada *Folclore e Pedagogia* tinha sido republicado *O Livro das Adivinhas*, de Augusto C. Pires de Lima⁵⁴⁹, em 1943. A primeira edição datava de 1921 e, como pode ler-se no prefácio a esta segunda, usara como “(...)fonte mais abundante foi a *Revista Lusitana*, dirigida com a maior abnegação pelo Dr. Leite de Vasconcelos (...)” (Lima,

⁵⁴⁹ LIMA, Augusto C. Pires de (1943) - *O Livro das Adivinhas*. Porto: Domingos Barreira. 135 p. (Folclore e Pedagogia; 2). A primeira edição desta obra é de 1921. O exemplar existente no *Espólio* de Maria Lúcia Vassalo Namorado tem o n.º 155 da base bibliográfica por nós organizada e está carimbado como pertencendo à *Editorial Os Nossos Filhos*. Da colecção de que esta volume é o número 2, havia sido publicado outro livro, também do mesmo autor, intitulado *Jogos e Canções Infantis*, com músicas revistas pelo Prof. Cláudio Carneiro. Deste último livro tinha feito uma recensão crítica o Dr. Agostinho de Campos (cf. prefácio da 1ª edição de *O Livro das Adivinhas*).

1943. p. 5). Com este livro⁵⁵⁰, o autor pretendia trazer para a educação “(...) tradições populares, apresentando ao mesmo tempo aos amadores da etnografia o conjunto das nossas principais adivinhas (...)” (Lima, 1943. p. 8). Estes livros foram um “(...) enorme desgosto(...)” (Entrevista a Maria Keil. 3 Mar. 2002) para Maria Lúcia Vassalo Namorado pois as “(...) *Histórias de vocabulário graduado*- nunca saíram(...) só em 2003 a Verbo publicou a tradução de uns livros semelhantes Da *Série Rouxinol* saíu o livro de Matilde Rosa Araújo- o *Livro da Tila* – e da *Série D. Roberto*- não saíu nenhum. Da *Série Libelinha*- saíu *A vidinha da Lita*, de Irene Lisboa e *Aventuras do Janeca e do Janoca* de Maria Lúcia Vassalo Namorado que chegou a fazer parte do *Conselho de Leitura da Atlântida Editora* (...)”(Entrevista a Maria Isabel Mendonça Soares. 18 Jun. 2004) mas que mesmo assim não conseguiu uma boa edição para os seus livros e esteve em tribunal com a editora, por intermédio de Maria Isabel Rodrigues Anjo (cf. ampla correspondência no *Espólio*). Estes livros, em termos de formato, os da série *Bem me quer* tinham sido inspirados no livro *A Friend is someone who likes you*, como refere a própria directora da colecção (Carta Caixa 71. Maço 1).

Destes anos antes do 25 de Abril de 1974 temos indicação de que Maria Lúcia Vassalo Namorado esteve ligada em 1967 á criação da *Cooperativa LUDUS - círculo de realizações para a Infância e Juventude*, com Lília da Fonseca, MM Calvet de Magalhães, Matilde Rosa Araújo, Manuela de Azevedo, José de Almeida, Melo de Carvalho, António Parrada, Armindo Gonçalves, Hortense de Almeida, Rogério de Moura, Mateus Boa Ventura, Correia da Fonseca e José Vasconcelos Abreu (Entrevista a Leonoreta Leitão, 18 Mar. 2004 e *Doação Maria Isabel Rodrigues Anjo*).

Em 1970 a *Cooperativa Ludus- Círculo de realizações para a infância e juventude. Secção do Livro*, organizou um *Salão de Infância*, entre 1 e 12 de Abril, na *Sociedade Nacional de Belas Artes*, em Lisboa, a fim de comemorar o *Dia Internacional do livro Infantil*. Maria Lúcia Vassalo Namorado, como escritora e responsável de colecção de livros infantis também esteve presente numa mesa-redonda cujo tema era: *A Criança*

⁵⁵⁰ Que consultámos (cf. Fichas de leitura e bibliografia deste trabalho), na 2ª ed., tem várias adivinhas assinaladas com “V” ou com “X” à margem, a lápis e ainda na p. 91, a adivinha assinalada com indicação de, à margem:”127”; na p. 102 tem assinalado, a lápis, na margem direita, “123 modificando 2ª og.” O livro tem inúmeras adivinhas cujas respostas são de foro religioso mas nenhuma delas foi usada por Maria Lúcia Vassalo Namorado. Maria Teresa Vassalo Mendes Rodrigues Alho, de Torres Novas, prima de Maria Lúcia Vassalo Namorado, afirma que a fonte para estes livros foi a sua criada com quem a antiga directora de *Os Nossos Filhos* passara diversas tardes de férias (Entrevista em 9 Mar. 2002).

*Portuguesa- sua integração no mundo actual.*⁵⁵¹ (Caixa 46. Maço7). Neste Salão estiveram expostos 158 livros de 68 autores nacionais entre os quais se encontravam obras de 20 colaboradores da revista *Os Nossos Filhos*. Também duma dessas colaboradoras era o maior número de títulos expostos: de *Lília da Fonseca* estavam vinte e duas obras!

No ano seguinte a IBBY entra em Portugal e a ela também pertenceu a esse grupo onde “(...)estavam Leonoreta Leitão, Natividade Correia, bibliotecária, Maria Lúcia Vassalo Namorado, *Lília da Fonseca* e pertenciam à Comissão de Leitura que reunia semanalmente, liam livros e faziam fichas para propor livro para prémio e escritor para prémio Andersen (Entrevista a Leonoreta Leitão. 18 Mar. 2004). Esta secção fora fundada em 1968 por MM Calvet de Magalhães, Fernando Pires de Lima, *Lília da Fonseca* e o editor Francisco de Almeida (Entrevista a Leonoreta Leitão. 18 Mar. 2004).

Maria Lúcia Vassalo Namorado quisera comemorar os 150 anos do nascimento de Hans Christian Andersen e para tal, escrevera a solicitar apoio que não teve, ainda no tempo em que era directora de *Os Nossos Filhos*, ou seja, ela pensara dedicar o número de Maio de 1955 a esse escritor de literatura infantil e publicar então dois dos livros do escritor em português. Para tal ela apenas pedira que fosse a “(...) Legação Real da Dinamarca a patrocinar esta iniciativa oferecendo o papel para estes dois livrinhos(...)” (Carta de Maria Lúcia. Caixa 28. Maço 2).

Em 1959 Maria Lúcia Vassalo Namorado fez com João dos Santos, João Saraiva, Maria Luíza d’Orey, Sant’Ana Marques e Walter Alexander Katz do Conselho de Redacção da *Revista Portuguesa de Oftalmologia Social: Boletim da Liga Portuguesa de Profilaxia da Cegueira e da Fundação Sain*. Nº único de 1959. editor Henrique Moutinho. Aí publicou o artigo *O público e a recuperação do cego*⁵⁵². Em 1962 colabora com a

⁵⁵¹ Participaram também, como convidadas(os) dessa iniciativa: Alice Gomes, professora e escritora! Arquimedes da Silva Santos, médico pedo-psiquiatra e investigador do Centro de Investigação Pedagógica da Fundação Calouste Gulbenkian, Aura Montenegro, psicóloga, Elisa Ralha, do Centro de Educação Artística Infantil, Porto; Graziela Costa Igrejas, assistente social; João Perry, actor; Joaquim Bairrão, psicólogo da infância e director de observação do Centro Médico Pedagógico, Elisa V. Morgado Oliveira, directora do Ext. Menino Jesus; Luis de Carvalho e Oliveira, jurista; Margarida, Mendo, pedopsiquiatra e directora de Serviço do Centro ds Saúde Mental. de Lisboa; Maria do Carmo Rodrigues, directora do jornal-infantil- “Canoa” do Funchal; Maria Keil do Amaral, pintora e –ilustradora, (...)Maria do Sameiro, coordenadora doa programas infantis TV; Mário Castrim, escritor e crítico TV; Matilde Rosa Araújo, professora e escritora; Patrícia Joyce, escritora e membro do Conselho de Leitura das Bibliotecas Itinerantes da F. Calouste Gulbenkian; Rogério Fernandes, professor e jornalista; Rogério Paulo, actor; Rui Grácio, professor, e investigador do Centro de Investigação Pedagógica da Fa. Calouste Gulbenkian; e Santos Simões, professor e ensaísta.

⁵⁵² *Revista Portuguesa de Oftalmologia Social*. Lisboa. 1959. p. 90-92

revista *Nova Augusta*, de Torres Novas e em 1963 é aprovada como sócia da *Sociedade Portuguesa de Escritores*, com o número 117 e em 1973 oferece, em Novembro, para exposição e para o leilão promovido pela *Comissão de Fundos da Associação Portuguesa de Escritores*: duas cartas de Irene Lisboa, uma carta de Manuela Porto, uma carta de Emília de Sousa Costa e um cartão de Maria Lamas.

Em 1967, como vimos, será membro do júri do certame *O Natal visto pelas crianças*. Comissão composta pelo Prof. Calvet de Magalhães, que presidiu e pelos escritores: José Gomes Ferreira, Matilde Rosa Araújo, Alice Gomes, Lília da Fonseca, Maria Lúcia da Silva Rosa, Mário Castrim, Maria Manuela Costa Torres, António Torrado (...)desenhos seleccionados por Calvet de Magalhães e Isabel Maria Cotinelli Telmo Pardal Monteiro e José Antunes da Silva.

No ano seguinte, em 1968, publica *A História de um bago de milho*⁵⁵³ que dedica aos netos e em que a moral da história é a seguinte:“(...) Tenho aprendido muito contigo, mas não consigo ser como tu. Claro, todos somos diferentes(...) mas isso não faz mal. O que é preciso é que todos nos entendamos. Tu ensinaste-me que ninguém pode fazer tudo sozinho. Cada um precisa da ajuda dos outros. Mas cada um tem de usar a sua força(...)” (P. 48).

Em 1969 evoca Virgínia Lopes de Mendonça em *Literatura e arte*⁵⁵⁴ e em 1973, apoia as decisões do III *Congresso da Oposição Democrática*, em Aveiro, que sente a necessidade de criar um “movimento democrático de mulheres que (...) fomenta a união das mulheres de todas as classes sociais(...) utilizando uma linguagem acessível (...) e reivindicar, tendo em conta a importância da mulher na sociedade, na produção e na família, uma igualdade de direitos em todos os domínios económico, social, jurídico, familiar e político(...)”⁵⁵⁵.

De outras instituições será Maria Lúcia Vassalo Namorado ainda sócia do *CEFEPE- Centro de Formação e Educação Permanente*, criado em 1971 por um Grupo de Professores e alguns pais do *Externato Pestalozzi*, cujo objectivo principal era a reflexão sobre Educação e que só acaba depois do ano 2002. Em 1975 ainda faz parte

⁵⁵³ NAMORADO, Maria Lúcia (imp. 1968) – *A História de um bago de milho*. Desenhos de Zé Manel. Lisboa: Estúdios Cor. 50 p. (Edição especial patrocinada pela Direcção-Geral da Educação Permanente). N.º 60 da base do Espólio bibliográfico.

⁵⁵⁴ *A Capital*. Lisboa. 10 Setembro.

⁵⁵⁵ Cf. *Arquivo Mário Soares*, Pasta n.º 2573.000- Oposição legal e semi-legal/ Congresso da Oposição Democrática/ III Congresso da Oposição Democrática, Aveiro 4-8 Abril 1973

do *Conselho Técnico do CEFEPPE*, Sociedade Cooperativa, com Dulce Rebelo, Elsa Anahory, Francelino Gomes, Lucinda Atalaia, Manuela Avelar, Raquel Delgado Martins, Graça Teixeira(...) e foi representante do Centro de Formação Educacional Permanente - CEFEPPE, com sede no Campo Pequeno, 50 1º Esq., em Lisboa, no CONG (Caixa 66. Maço 1). Em 1978 o *Grupo de Língua* do CEFEPPE publica *Linguagem oral e ortografia*⁵⁵⁶ e como autores, fazem parte: Catilina Prudêncio, Dulce Rebelo, Lucinda Atalaia; Maria da Conceição Costa; Maria do Carmo Lacerda Marques; Maria Lúcia Namorado; Maria Raquel Delgado Martins (*Espólio*).

Maria Lúcia Vassalo Namorado é sócia n.º 6 da *Associação Portuguesa de Surdos* a quem ela dera voz em *Os Nossos Filhos*, da *Liga Portuguesa de Deficientes Motores*, fora eleita *Vice-presidente da Liga Portuguesa Abolicionista* em 24 de Abril de 1948 (Carta de Arnaldo Brazão. Caixa 68. Maço 1), fora membro do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* e da *Associação Feminina Portuguesa para a Paz*, como vimos, será objecto de uma homenagem da *Sociedade de Língua Portuguesa* no mesmo dia em que foi homenageada *Lília da Fonseca*, em 27 de Outubro de 1987 (Carta de Fernando Sylvan. 16 Out. 1987. Caixa 77. Maço 2), foi sócia fundadora do *Instituto de Apoio à Criança* (Carta de Manuel Eanes. Caixa 72. Maço 2) e as suas obras foram, como o livro *O Segredo da Serra Azul* (1971), levadas às escolas ou encenadas, esta última pelo grupo de teatro *Encena* de Ponta Delgada (Carta de Christiano Toste. Caixa 71. Maço 14). Depois do 25 de Abril de 1974 ainda foi professora de Literatura Infantil na escola João de Deus e na Escola do Magistério Primário de Lisboa. Sobre este assunto trocou algumas impressões com Mariana Lopes Viegas, mãe do actor Mário Viegas, que de Santarém, onde vive, lhe enviou alguns pedidos de apoio uma vez que iria também leccionar uma cadeira de Português e Pedagogia (Caixa 26. Maço 1).

A vida de Maria Lúcia Vassalo Namorado sofre uma mudança em 25 de Abril de 1974 mas apenas no sentido de uma maior liberdade de movimentos. Então com 65 anos de idade, vai continuar a desdobrar-se em mil e uma iniciativas, algumas das quais acabamos de referir no parágrafo anterior. Essas actividades, sem filiação de militante, foram sempre ligadas ao *Partido Comunista Português*, onde o filho mais novo estava desde longa data e onde hoje integra o *Comité Central*. Logo no ano seguinte Maria Lúcia Vassalo Namorado pertenceu à *Comissão Unitária de Mulheres* do Alto do Pina (Caixa 65. Maço 1).

⁵⁵⁶ *Linguagem oral e ortografia*⁵⁵⁶. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica. 129 p.

Em 14 de Março de 1976 estará com Maria Lamas no descerrar da lápide que é colocada em casa onde nasceu esta última em Torres Novas (*Doação Maria Cândida Caeiro*). Em 13 de Julho de 1976 ela integrava a Presidência⁵⁵⁷ do *Conselho Português para a Paz e a Cooperação* “(...) órgão colegial, que reúne uma vez. por ano, e tem um máximo de cem membros(...)”. Fora convidada “(...) a partir de uma lista de sugestões de nomes (...) e personalidades realmente representativas dos mais diversos horizontes políticos, religiosos e sectores profissionais(...)”(Caixa 66. Maço 1). Ali irá trabalhar com Laura Lopes, advogada e uma das suas mais interessantes colaboradoras em *Concurso da Boa educadora*, como vimos. Neste ano participa, com 67 anos, como *Delegada do Boletim Interno*, no Plenário distrital do *Movimento Democrático das Mulheres*, realizado em 10 de Outubro, na Voz do Operário, em Lisboa.(Caixa 65. Maço 1).

Em 1974 frequenta o *Curso de Introdução à Musicoterapia*, na *Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Música* para cura de doentes psíquicos através do som, com prof. Rolando Benenzon e maestro Yepes.

No ano seguinte participa no *1º Congresso das Escritoras Portuguesas*, em 10 e 11 Maio, na Biblioteca Nacional, em Lisboa. É entrevistada sobre “Maria Lamas e a nova geração” para *Revista Mulher*⁵⁵⁸ e é Membro da Comissão de Moradores da Freguesia do Alto do Pina, desde Setembro. Em 12 de Outubro do mesmo ano participa, no *2º Encontro Nacional do Movimento da Escola Moderna*. Em Dezembro, apoia a Comissão de Educação e Intervenção Cultural do Movimento Unitário dos Trabalhadores Intelectuais para a Defesa da Revolução com Alexandre Babo, Eduardo Jacques, Luís Francisco Rebelo(...).

Em 1976 faz parte da *Comissão Unitária de Mulheres* contra a alta do custo de vida, no Alto do Pina e participa no Encontro “As mulheres dizem Não ao aumento do Custo de vida”, no Pavilhão dos Desportos, em 24 de Março, como elemento da mesma Comissão. Frequenta “Cursos de Esclarecedores” do Departamento de Informação e Dinamização- DID- na *Secção de Quadros e Documentação do Movimento Democrático de Mulheres*, em Maio. Participa na homenagem a Maria Lamas, realizada em 15 de Julho, no Cine-Teatro Virgínia, em Torres Novas e escreve artigo Um acto de

⁵⁵⁷ Desse grupo são aqui referidos 52 membros por Lisboa. Listem-se apenas os nomes das mulheres: Alcina Bastos, Etelvina Lopes de Almeida, Helena Cidade Moura, Isabel da Nóbrega, Laura Lopes, Maria Eugénia Varela Gomes, Maria Lamas, Maria Lúcia Namorado, Maria Lucília Miranda Santos, Maria Palmira Queimado e Maria Velho da Costa. De outras localidades referidas apenas se encontra mais uma mulher, Maria Adelaide Rosado Pinto, de Setúbal. (Caixa 66. Maço 1).

⁵⁵⁸ *Modas & Bordados*. N.º 3321. 8-10-75. p. 5.

justiça (cf. *Bibliografia*), em homenagem a Maria Lamas. É também *Delegada ao Plenário Distrital do MDM*, pela Comissão MDM- Sede/ Boletim Interno, do MDM, na Voz do Operário, em 10 Outubro. Participa no 1º Encontro Nacional para a Investigação e Ensino do Português na Reitoria da Universidade de Lisboa, de 25 a 29 de Outubro. Também se candidata, para a Câmara de Lisboa nas listas da *Frente Eleitoral Povo Unido* às eleições autárquicas com Mário Casquilho, Rogério Fernandes, Maria da Graça Mexia e à Assembleia Municipal: José Manuel Tengarrinha, Jaime Serra, Mário Ruivo, António Galhordas, José Viana, Sérgio Grácio, Sérgio Carvalhão Duarte... e Helena Cidade Moura, Joaquim Barradas de Carvalho, João de Freitas Branco, José Barata Moura, Luís de Sttau Monteiro, Luzia Maria Martins, Manuel da Fonseca, Maria Eugénia Varela Gomes, Maria Lamas, Maria Lúcia Namorado, Mário Castrim, Pitacas Antunes, Rogério Paulo, Rose Nery Nobre de Melo, Rui Mário Gonçalves, Sá Nogueira, Sérgio Grácio, Urbano Tavares Rodrigues, Vasco Granja, Vespeira,(...). Em 1977 participa, em Fevereiro, no seminário de *Acção Cultural no Departamento de Ensino e Acção Cultural*, org. Por Helena Cidade Moura, em Lisboa, pelo MDP/CDE. Para este seminário escreve o artigo *Acção Cultural e 3ª idade* onde afirma que “(...)as pessoas que viveram são úteis; “(...) têm uma filosofia pessoal(...) foram testemunhas de factos do passado(...)”. Participa ainda nas reuniões preparatórias da organização de um grupo que se ocupe da criança, da educação e da alfabetização, com Laura Arminda Carvalho, Maria Eugénia Neves no *Movimento Democrático das Mulheres*. No ano lectivo 1976-77 frequenta *Curso de Teoria Política* por H. Valdês, no Hotel Vitória, em Lisboa. Deste ano há também a publicação de textos seus em livros de leitura para a escola primária. No manual escolar⁵⁵⁹ para o ensino primário organizado por António Branco vai ter a *História de dois sempre-em-pé*, a *História do Coelho Branco*, baseada num conto popular *A Casa estava em festa* e ainda o *Ninho da Andorinha*. Neste manual há também textos de autores como: Maria Lamas, Sidónio Muralha. José Mário Branco, Pedro Branco⁵⁶⁰ aos 10 anos, de Alves Redol, do jornal *O Diário*, entre outros.

Também em 1977 integrou a *Lista Provisória da Comissão Nacional Portuguesa da Conferência Mundial contra o Apartheid, o Racismo e o Colonialismo na África Austral*, realizada em Lisboa, de 16 a 19 de Junho de 1977, na área

⁵⁵⁹ BRANCO, António (1977)- *Mão na mão: Leituras para e ensino primário: 1º ano: 2ª fase*. Porto: Porto Editora. p. 22, 36-38, p. 51 e 64-65

⁵⁶⁰ Filho de José Mário Branco e hoje professor do 1º Ciclo no Colégio Fernão Mendes Pinto, em Lisboa.

profissional dos Jornalistas, em que figuravam apenas mais duas mulheres: Maria Armada Passos e Maria Eugénia Retorta (Caixa 66- Maço 1).

Integrou ainda o sector de Acção Cultural e 3ª idade do EAC, em 30 de Dezembro de 1977, sob a orientação de Helena Cidade Moura, trabalhando com Dulce Rebelo, Maria Amélia Vassalo e Silva, Luzia Maria Martins, José Manuel Cunha, Maria Leonoreta Leitão e Maria da Piedade Souto (Caixa 67. Maço 4).

Neste grupo, redigiu um texto em que apresenta o que pensa serem os contributos da 3ª idade para um movimento de acção cultural: uma filosofia pessoal que lhes vem do tempo que viveram e das reflexões que forma fazendo, um manancial de informações obre regiões e épocas passados e que correm o risco de se perder enquanto património, nas áreas do vocabulário regional, da literatura oral, da arte popular, do artesanato, de hábitos familiares e quotidianos. A preocupação com a sua integração permite recuperar essas memórias e “(...) libertá-los da dependência segregação e do isolamento a que tem sido votados.(...) /eles poderiam/ Vigiar meninos, contar historias e ensinar jogos, com a paciência e a disponibilidade de tempo e de espírito que por vezes faltam aos pais — não serão, na verdade, tarefas para os mais idosos? (...)” (Caixa 67. Maço 4). Defende ainda a “(...)existência de refeitórios, (...)de centros de convívio onde sintam que não estão a mais; salas de trabalho, sem horários rígidos, onde, sempre que o desejem, se ocupem em pequenos (ou grandes) trabalhos de seu gosto, cujos segredos já só elas, talvez, conheçam(...)”(Caixa 67. Maço 4).

Em 15 de Abril de 1977 escreve um artigo⁵⁶¹ (Namorado. 1977 a) sobre *A Mulher e a lei fundamental: Em defesa da Constituição*. Nele faz um esforço para explicar, em termos comuns, a importância da lei em causa. Pretende desfazer a ideia preconcebida de que a “política é para os homens” uma vez que a percentagem de mulheres é superior à dos homens e a mulher está habituada a governar, quanto mais não seja apenas a sua própria casa. A mulher tem de compreender que não vive isolada e que se refere a desemprego, a baixo salário do marido, se se preocupa com a velhice ou invalidez dos pais ou com a falta de assistência médica e escolar das crianças está a fazer política. As mulheres que assim não pensam é por pensarem nisso, por não terem sido esclarecidas ou por recusarem o esclarecimento.

⁵⁶¹ *Diário Popular*. 15-4-77-. P. 3.

Conhecer a lei em que se vive é um dever das mulheres, sobretudo os artigos sobre casamento, filiação, família, maternidade, infância, ensino, direito ao trabalho, segurança social, saúde e 3ª idade.

Em 1978 termina o *Curso de Preparação Política* do MDM, em 15 de Junho. Com Dulce Rebelo irá colaborar ainda na publicação *Paz e Amizade*, com texto que ali publica (Carta de 7 de Maio 1979. Caixa 77. Maço 2) intitulado *Que as crianças se conheçam e amem*.

Entre 27 Novembro de 1978 e 11 Junho 1979 pertenceu ao *grupo A* de alfabetizadoras que funcionou no Clube Recreativo e Cultural do Banco, Rua da Prata, 234. 4º com Maria Helena Lobo Marques /duas alfabetizadoras/ e grupo com 14 alfabetizandas.

Também em 1979 tem duas frases num manual escolar⁵⁶², uma com título⁵⁶³ e outra só como pensamento. A primeira, intitulada “Nós nunca estamos sós” refere: “(...) Que te enganes quando dizes que estás só. Nunca estamos sós, o que precisamos é de olhar bem à nossa volta, compreender o que nos rodeia e ter amizade pelos outros sers e pelas outras coisas. Quem assim fizer nunca se sente só(...)”. A outra diz: “(...) Todos somos diferentes mas não faz mal. O que é preciso é que haja entendimento(...)”.

No ano seguinte Participa no *1º Congresso do Movimento da Escola Moderna*, em 12 e 13 de Abril e nos lectivos 1978/79 a 1980/81 foi professora de *Literatura para a Infância*, na Escola João de Deus, no Curso de Formação de Educadoras de Infância.

Em 1981 participa no 1º Encontro Distrital de Lisboa do MDM, na Voz do Operário sob o lema: “Mulher: luta pelso teus direitos participa na construção do futuro”, em 22 de Fevereiro e no ano seguinte participa no *Encontro de Mulheres da Cidade de Lisboa*, no Sindicato do Comércio, pela Comissão Concelhia de Lisboa do MDM, em 6 de Junho.

Publica conto que consideramos autobiográfico *Memórias de um candeeiro*, na revista Nova Augusta 2⁵⁶⁴ e ainda o conto *Renúncia*, datado de 1948, na mesma revista⁵⁶⁵ sobre “(...) Adelaidinha que é costureira, pais pobres mas estimados, irmã com meningite em pequena, pai cego, caixeiro da loja pede-a em casamento, mas renuncia por não poder abandonar a família para ir ser feliz(...)”. Publica outro conto em 1983-84 - A

⁵⁶² MIRANDA, Maria Natália (1979) – Sementinha: Leituras para o ensino primário: 2º ano da 2ª fase. Lisboa: O Livro. P. 49

⁵⁶³ Foi retirada de *A História de um bago de milho*

⁵⁶⁴ Revista da Bibl. Municipal de Torres Novas. 2ª série. N.º 2. p. 77-81, n.º comemorativo das bodas de prata da Biblioteca e Museu Municipal Gustavo de Bívar Pinto Lopes (fundador da biblioteca).

⁵⁶⁵ *Nova Augusta: Revista da Biblioteca Municipal de Torres Novas*. 2ª Série. N.º 2. p. 83-84.

Fangueira⁵⁶⁶ sobre “(...)Homem traz destino talhado quando chega a este mundo. Só pedras que medram como batatas. Era barrão e um fangueiro. Ia e vinha fazer trabalhos sazonais. Havia um capataz (conversa com forma popular) Maria ficou só com um olho porque ao jantar a brincar com garfos...casa...marido morre e ela vai e vem a pé para trazer roupa do marido(...)”.

Participa no 2º Congresso de Escritores Portugueses, promovido pela APE, na Fundação Calouste Gulbenkian, de 3-5 Março e continua a dar-se com Maria José Estanco pois com ela, em casa de Maria Cândida Caeiro comemoram os 89 anos de Maria Lamas, em 6 Outubro de 1982 (Doação Maria Cândida Caeiro, em 13 Fevereiro 2004).

Com 78 anos, em 30 de Outubro de 1988, foi convidada especial do 3º Congresso do mesmo Movimento, realizado na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa, ao Campo Grande (Caixa 76. Maço 8).

Em 1990, Mário Castrim a propósito do lançamento da revista *Pais*, de Maria Alberta Meneres refere: “(...) quero lembrar o nome de Maria Lúcia Namorado que durante tantos e tantos anos e com os maiores sacrifícios dirigiu a revista dedicada a pais e educadores, *Os Nossos Filhos*. Até hoje, oficialmente, ninguém se lembrou dela. Nem ao menos para uma condecoraçõzinha, Perdoa-lhes, Maria Lúcia(...)”⁵⁶⁷. Quando fez 90 anos, em cada mesa estava um filho e na mesa dela estavam Matilde Rosa Araújo, Lucinda Atalaia, Leonoreta Leitão e Fernanda Lapa mais duas empregadas dela (Leitão, 18 Mar. 2004)

Em datas que não conseguimos identificar mas das quais há documentos no *Espólio* sabemos que integrou *A Equipa- Personalidades, Profissões liberais e outros sectores socio-profissionais, Mulheres* que, em Abril e Maio se constituíram em *Movimento Nacional de Opinião Não às armas nucleares em Portugal*, com sede na Av. Barbosa du Bocage, 86. 1º, em Lisboa. Num grupo de 40 pessoas, as mulheres eram em número de dezasseis⁵⁶⁸ (Caixa 76. Maço 8).

⁵⁶⁶ *Nova Augusta: Revista da Biblioteca Municipal de Torres Novas*. 3-4. 2ª Série. P. 93-99.

⁵⁶⁷ Artigo “Nem ao menos uma condecoração” de Mário Castrim, no *Diário de Lisboa. Canal da crítica: O anel do Xeique*. 2 de Novembro de 1990 (Caixa 72. Maço 2)

⁵⁶⁸ Interessante verificar que, pelo menos duas, tinham colaborado em *Os Nossos Filhos*: Maria José Estanco que aí assinara artigos de decoração de interiores, como se diz hoje e Laura Lopes, então Laura Lopes Pedroso, que era assinante da revista e cujos filhos andavam no Jardim Infantil Pestalozzi de Lucinda Atalaia. Eram elas: Beatriz Ruivo, química; Elsa WellenKamp, anotadora; Helena Maria Alves Martins de Araújo Sequeira, psicóloga; Josefina da Silva Gonçalves, jurista; Laura Arminda Duarte Almeida Carvalho, profª. Universitária; Laura Lopes, professora e advogada; Maria Manuela Leal Carvalhas, investigadora na Gulbenkian; Maria Elvira C. Cortesão Abreu, técnica do QPCE; Maria José

Com mais 76 pessoas fez parte da *Comissão Promotora das Jornadas Democráticas de Educação*, sendo presidente da Comissão Promotora Rui Luís Gomes. Nesse grupo é identificada como escritora e alfabetizadora com mais 35 outras mulheres em que pelo menos duas são familiares dela: Maria Amélia Vassalo e Silva, dinamizadora cultural, e Maria Benedita Pereira Bastos Monteiro, professora universitária, ambas em Lisboa (Caixa 69. Maço 2).

Em 1989 e depois de ter tentado publicar alguns manuscritos que ainda conserva no *Espólio* são-lhe devolvidos, pela Editora Livros Horizonte, por não serem aceites para tal diversos textos⁵⁶⁹.

Finalmente duas outras questões que se prendem com esta fase da vida de Maria Lúcia Vassalo Namorado: a criação de um Jardim de infância em Torres Novas e as ameaças políticas de que foi alvo pela sua posição de oposição e de esquerda que se sabia ser a sua.

Data de 1960 a inauguração de um *Jardim Escola João de Deus* no Bairro das Tufeiras, em Torres Novas, a terra natal de Maria Lúcia Vassalo Namorado. A direcção desse estabelecimento esteve a cargo de Maria Joana de Sousa Menezes Falcão e ele teve o Alvará N.º 1610 de 6 de Outubro 1960 para o ensino Infantil com 130 alunos com Planos e programas próprios. Maria Lúcia Vassalo Namorado foi uma das promotoras

Brito Estanco, arquitecta e membro do MDM; Maria de Lourdes do Céu Simões Pinheiro, prof^a do ensino secundário; Maria Lúcia Namorado, escritora; Maria Lurdes Alves Rodrigues, socióloga; Maria Teresa Mendes, empregada de escritório; Natália Bento, funcionária da Segurança Social; Rita Matias, advogada e Ana Maria Pires Urbano. (Caixa 76. Maço 8).

⁵⁶⁹ *O menino e a árvore*- p. 1.3: moral: cada \qual tem de cumprir o seu dever, *A planta silvestre*: p. 4-6: Crescimento da flor e das crianças visto pela professora, *O cacto do Rui*: p. 7-10: dá cacto em vez de ramo de floresce murcha depressa e é caro, para os anos da mãe; cacto escolhido (...) recebido e tratado pelo amor de mãe; ficou o cacto do Rui, que é homem, artista e cientista(...) filho longe, só com a mãe esta fala dele ao cacto que alimenta a solidão da mãe, *Marianita*: p. 11-13: devemos dizer sempre a verdade e não se mexe no que não nos pertence, *Toninho pobre e Toninho rico*: p. 14-17: moral: o que se tira e não põe falta faz...e a união faz a força, *Amigo da aldeia e amigo da cidade*: p. 18-20: moral ums sabe da cidade e outro do campo; *Caixa do correio*(será publicado em *O Comércio do Porto*): biografia fantasiada de Louis Bertrand, a partir da sua obra “Souvenir d’un meneur socialiste”, Bruxelas: L’Églantine, 1927, pq nasceu em Bruxelas, a 15-1-1856, foi vendedor de jornais, canteiro, jornalista, livreiro, político, conselheiro do rei; morreu em 17-6-1943. (p. 28) e ainda *Josesito e companhia*- p. 1-3: Importância do trabalho, *Maria Alegre e Maria triste*: p. 4-6: utilidade de tudo no mundo, *Os dois sempre em pé* p. 7: é um erro a mania da superioridade, *Conversa de capoeira*: p. 7-10: todo em verso: vencer a preguiça; *Conto a Tartaruga e os três filhos*, *O peixinho encarnado*, *A gatinha agradecida*, /inspirados em factos verdadeiros/, *O melro*, inspirado na inspiração popular do assobio do melro em Torres Novas, *O rei do pinhal...* e *A Grande aventura do Pequeno*: moral: pensar um bocadinho antes de falar e não dizer coisas à toa (Caixa 76. Maço 2).

sendo que o filho do meio, o Arquitecto Luís Vassalo Rosa foi autor do projecto. A este tema se referirá o jornal O Almonda⁵⁷⁰, ao recordar os beneméritos da terra em 1986.

Sob o ponto de vista político falta-nos emncionar algumas aspectos da vida de Maria Lúcia Vassalo Namorado que, em trabalhos futuros, poderão ser mais aprofundados. Um deles é que o ano de 1958 não é também um dos melhores quer para Portugal quer para Maria Lúcia Vassalo Namorado. Como vimos, começava já a delinear-se um fim difícil para a revista assim como para o regime, embora este ainda não o quisesse perceber e tenha conseguido adiá-lo: nas eleições que dão a vitória a Américo Tomás sabemos que a directora de *Os Nossos Filhos* não apoiou o general Humberto Delgado. Ela estivera e mantivera-se ao lado de Arlindo Vicent e (Entrevista a Rui Namorado Rosa, 17 Jun. 2005). Da leitura da lista de senhoras⁵⁷¹ que apoiam a candidatura do general não fazem parte pessoas da sua ligação profissional ou pessoal. Nesta altura, ainda durante a vigência da revista *Os Nossos Filhos*, a existência de dois candidatos, um pelo regime e que sairá vencedor, o almirante Américo Tomás e outro pela oposição, o general Humberto Delgado, derrotado após diversas manobras menos edificantes, vai trazer ao regime um sobressalto profundo e fornece os argumentos para que se introduza um sistema indirecto de eleição do mais alto magistrado da nação. Do ponto de vista político ainda na noite de 17 para 18 de Dezembro de 1961, um exército de 50 mil homens da *União Indiana*, fortemente armado e apoiado pela Marinha e pela Força Aérea, invade os territórios de Goa, Damão e Diu, sob administração colonial portuguesa, e consuma a ocupação em pouco mais de 24 horas, abalando fortemente o aparelho político da ditadura (Raimundo, 2003. p. 75). A guarnição portuguesa, constituída por quase 4000 homens, rende-se dia 19, à ordem de cessar-fogo do general Vassalo e Silva, irmão de Maria Lamas. A «Operação Vijay» acaba com 26 militares portugueses mortos na praia, 3500 prisioneiros e a humilhação do regime (Raimundo, 2003. p. 77). Por esta razão, mais uma vez, a ainda directora da revista vai colocar-se ao lado da oposição, quer por opção quer por coesão familiar.

⁵⁷⁰ De 27-7-57. p. 1 n.º 1986. Ano XXXIX: (Caixa 80. Maço 1).

⁵⁷¹ *Comissão Nacional de senhoras de apoio á candidatura do Sr. General Humberto Delgado. Espólio de Humberto Delgado.* IANTT. P. 1 Cx. 53. fol. 3-7. Dessa Comissão fazem parte : Adelaide Estrada, Maria do Amparo Barrora Fonseca, Wanda Barbosa Adão e Silva, Maria da Glória Ramos Ataíde Fernandes, Sílvia Nunes da Silva Cabral, Maria Amélia Almeida Dias Abreu, Berta Mendes, Filomena de Sousa Vilarinho, Sofia Domingues da Silva Santos, Maria lúcida Pulido Valente Monjardino, Laura Guilhermina Mourão, Dulce Soromenho, Alice Batista Rocha Silva, Maria Rita Rolão Preto, Maria Angela Ataíde Fernandes, Violinda Morais, Lígia Fernandes Azevedo, Joaquina Odette Sotto Mayor, Maria Vitória Palmira Cal, Maria Antonieta Fernandes Pedroso rego, Maria Lucília Miranda Santos e Alcina Bastos.

Por esta razão, datada de 20 de Agosto de 1963 tem a carta da “Gladius” com o texto “Havemos de chorar os mortos se os vivos os não merecerem” igual à que Cal Brandão⁵⁷² também recebeu e em que se identificam como “Centuriões regressados de Angola, Moçambique e Guiné- somos cem(...)em que é chamada de traidora (Caixa 72. Maço 0). Sobre este grupo que lhe envia a carta dirá Joaquim Barradas de Carvalho (ca. 1978) que era “(...) uma organização terrorista e fascista, senão nazista. Uma organização clandestina com um jornal bem legal(...)” (Carvalho, ca. 1978. p. 147).

Em 7 de Setembro de 1968, Oliveira Salazar presidente do Conselho de Ministros desde 5 de Julho de 1932, foi operado a um hematoma craniano e a 16 do mesmo mês, o seu estado de saúde piorou e um dia depois Américo Tomás, Presidente da República, em reunião do Conselho de Estado, decidiu substituí-lo. (Rosas e Oliveira, coord., p. 2004. p. 29). A agonia do regime com Marcelo Caetano (cuja mulher, Teresa de Barros era assinante de *Os Nossos Filhos*) não sabemos com a passou Maria Lúcia Vassalo Namorado apenas que se foi dando, de amizade, com cada vez mais opositores ao regime. Sem data (apenas 23-10(?)- 197-), mas já depois do 25 de Abril de 1974, temos ainda no *Espólio* uma carta de ameaça, escrita como sendo da *Ex-Comissão de moradores* em que se faz uma ameaça de se estar preparando um movimento por parte do ELP para “(...) Lúcia: Prepara-te para sofrer. E Bastante! Porque o ELP (O Exército Libertador) O ELP está alerta! Vão ser desencadeadas operações para matar os principais comunistas da zona do Alto do Pina. Por isso, cuidado! Depois do Natal viverás num perigo constante. Cuidado! Será o último Natal que passarás viva! Cuidado, Lúcia! Prepara-te para sofrer. E Bastante. Adeus, Lúcia! /termina com dois ossos cruzados em diagonal/” (Caixa 72. Maço 0).

É desta forma que uma activista discreta será também alvo de ameaças, quer antes quer depois do 25 de Abril de 1974.

Esta aproximação biográfica é apenas uma breve e incompleta panorâmica sobre a vida extensa e intensa de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Tudo está ainda para fazer e, neste trabalho não podemos aprofundar, como pretendíamos, mais este período da vida de uma pedagoga ainda tão desconhecida. O desafio fica feito a outras(os) interessadas(os) na questão da educação das mulheres e das crianças no período bem próximo e (ainda) pouco aprofundado do Estado Novo.

⁵⁷² Cf. *Espólio Humberto Delgado*, Doc. HD/DCB/10/Caixa 75. A que foi dirigida a Carlos Cal Brandão tem carimbo de 14 de Agosto de 1963 e é em tudo idêntica à que foi enviada a Maria Lúcia Vassalo Namorado.

7 Conclusões

Ao chegar ao fim desta investigação não podemos deixar de reflectir sobre o percurso realizado: porque fizemos dela o maior, o mais penoso e, ao mesmo tempo, o mais estimulante projecto de trabalho da nossa vida? Porque foi importante a construção de uma biografia, mesmo que incompleta, de Maria Lúcia Vassalo Namorado? Como se caracteriza o seu percurso profissional? Que proposta tinha ela para educar as mulheres e as crianças? Para que serve, hoje, o que acabamos de apresentar? Estas são as questões que, a partir do que anteriormente escrevemos, pretendemos sistematizar nesta conclusão.

Maria Lúcia Vassalo Namorado era para nós uma desconhecida quando há cerca de três anos atrás iniciámos este trabalho. Fora-nos apresentada como uma senhora que se batera pela educação das mulheres, que era prima de Maria Lamas e que, depois de um longo e cheio percurso de vida, deixara um *Espólio* que procurava quem o tratasse e estudasse. Era tudo o que sobre ela sabíamos então. Desconhecíamos a extensão da documentação que legara nem o seu estado de conservação. Fazer a biografia de quem não se conhece pareceu-nos a primeira etapa de um processo que prevíamos mais fácil do que a realidade nos mostrou. Começámos por ler aquela que pensávamos ser toda a colaboração publicada no *Diário de Lisboa*, para onde escreveu, como vimos, anos seguidos. Ao mesmo tempo, porque aquele de que dispúnhamos para realizar este trabalho não se compadezia de qualquer lentidão, fomos manuseando o *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* e lendo *Os Nossos Filhos*. Com o passar dos meses esta desconhecida e muitas outras que com elas se cruzaram, foi adquirindo “(...) um certo grau de intimidade e as suas vidas deixando uma marca na nossa. Como seria de esperar, ao viver tão de perto com /elas/, ocorreram algumas mudanças nas minhas ideias e nos meus preconceitos. Tornei-me mais consciente da profunda solidão do papel que desempenharam; o medo, o perigo, a responsabilidade eram assustadores e, no entanto, aceitaram estes factos(...). O sofrimento e o desconforto físico do seu quotidiano aparecem revestidos de um alarde notável e magnífico, animado de enorme energia e apetite pela própria vida. Acima de tudo, foram as suas personalidades que me cativaram, com as suas diferentes energias e ambições, as vozes distintas e a

complexidade das suas reacções e dos seus sentimentos como seres humanos(...)»⁵⁷³. Foi com esta atitude que fomos enfrentando as diversas dificuldades que foi necessário ultrapassar. Com imensa mágoa vimo-nos na necessidade de abandonar o tratamento arquivístico do *Espólio* e tivemos de escolher apenas *Os Nossos Filhos*, cruzando-a com a correspondência como fonte principal.

Ao fazer a biografia de Maria Lúcia Vassalo Namorado fomos levadas aos estudos sobre as mulheres que, também eles, se têm vindo a afirmar sobretudo desde meados da década de 80 do século passado. Com eles tivemos contacto também com as dificuldades metodológicas inerentes a uma história ainda a fazer. Se o jornalismo feminino se desenvolveu sobretudo a partir do último quartel do séc. XIX, é certo que, com frequência, o estatuto de jornalista não era sequer reivindicado pelas mulheres que o praticaram. Também ela, como muitas outras mulheres, procurou em pseudónimos e iniciais o recato da sua identidade para exprimir o que sabia não ser conveniente ou, simplesmente, para poder escrever mais no mesmo número de uma publicação. Este contacto com o *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* complicou ainda mais o percurso da investigação uma vez que era necessário identificar a mulher que escrevia atrás de *Tricana*, da *Milú* e de todas as outras que já mostrámos. Entrar naquele arquivo foi fazer a descoberta de outra pessoa e de muitas outras que com ela privaram, quer por razões pessoais quer profissionais. Foi ainda rever muitas afirmações feitas sobre as mulheres mas que eram postas em causa pelos documentos que se iam analisando. A biografia dela permite-nos encontrar uma família em que a instrução feminina foi encorajada, que vê na educação uma forma de mobilidade e necessidade sociais mas também um direito natural das mulheres. Por tal razão não podíamos deixar de fazer a contextualização histórica do percurso de vida de Maria Lúcia Vassalo Namorado uma vez que se constata que há uma urgente vantagem em estabelecer laços e reforçar pontes entre as questões da história geral e a história das mulheres. Se podemos criticar algumas abordagens biográficas a figuras especiais, sobretudo masculinas mas também a mulheres, especialmente santas ou rainhas, por serem feitas extraíndo tais personagens da(s) época(s) em que viveram, não é também fácil, nem metodologicamente linear, abordar essas figuras reconstruindo o real em que viveram. Foi também esse desafio que tentámos embora não sem diversas dúvidas e incertezas.

⁵⁷³ Palavras do prefácio de Jane Dunn ao livro *Isabel Tudor e Maria Stuart: primas e rivais*. Lisboa: Bertrand Editora. 2003. p. 18.

A invisibilidade da mulher ao longo de séculos é maior quando se trata, como aqui, de mulheres empreendedoras e empresárias, como diríamos hoje. Muitas vezes, algumas transformaram o seu quotidiano pacato de mães de família porque a isso foram compelidas. A viuvez ou as doenças familiares assim como a emigração podiam lançar essas mulheres, falamos de burguesas mas também de trabalhadoras rurais, na aventura da gestão do património familiar, por muito reduzido que fosse. No caso de Maria Lúcia Vassalo Namorado encontramos uma mulher que, educada apesar de tudo para ficar em casa vai, por motivos alheios á sua vontade mas também por determinação própria, trabalhar duramente com o único trunfo de que dispunha: a escrita. Aquela mulher, usando como arma e aliada a sua enganadora fragilidade, vai transformar-se numa proprietária de uma publicação feminina que, apesar de todos os contratemplos que analisámos, tem uma vida bastante longa.

A grande aposta desta autora vai ser a educação feminina, sobretudo a das mães mas também a da instrução das mulheres em geral. Herdeira de uma tradição familiar de aceitação da escolarização no feminino, ela própria se viu em Lisboa, ainda jovem, para estudar numa escola pública. A interrupção involuntária de um percurso académico que ela pretendia ver chegado ao fim como professora, de Matemática, por motivo de doença, leva-a a uma reflexão constante sobre as (des)vantagens do prosseguimento de uma carreira profissional por parte das mulheres. Os seus textos e iniciativas pretendem contribuir para a formação de uma mulher, culta e interveniente, capaz de conciliar o inconciliável, a saber, trabalho doméstico com carreira ou até mesmo só com uma ocupação profissional. Como vimos, a concepção, aplicação e avaliação quer dos livros que escreveu, quer dos textos que produziu, quer ainda da revista que criou, mostram como, sem nunca perder de vista a necessidade primária de ganhar a vida, a sua grande linha orientadora foi a da luta pela emancipação feminina. Podemos argumentar que tinha uma proposta débil e sobretudo utilitária da educação que preconizava para as mulheres. Pensamos ter conseguido demonstrar que tal não era o caso, embora numa primeira abordagem á sua proposta de educação não-formal, essa possa ser a tentação de quem analisa a vida e obra de Maria Lúcia Vassalo Namorado. A vantagem que pode ter a contextualização histórica de uma vida é a da leitura também política e ideológica desse mesmo percurso. Fazer, como Maria Lúcia Vassalo Namorado sempre defendeu, a apologia da boa dona de casa era vulgar então como ainda hoje. As contradições ainda agora não explicitadas nem resolvidas entre, por um lado, as especificidades atribuídas

desde tempos bíblicos aos problemas de *género* e a luta provocada pela evolução da sociedade ao longo dos séculos, agravada por uma visão conotada com certa origem de classe não podem deixar de estar presentes nesta mulher. Ombreando com esta dificuldade defendemos também que, no que respeita a ideias e teorias, práticas e críticas á educação, instrução e escolarização femininas, quer certos sectores do regime republicano quer do Estado Novo não se afastam tanto como pode parecer, em termos de conteúdos e propostas. Apesar disso, defendemos que Maria Lúcia Vassalo Namorado e a maior parte das(os) colaboradoras(es) da sua revista são partidárias(os) do acesso da mulher á instrução, sabem que esse acréscimo de qualidade aumenta também a capacidade de reivindicação, defendem a participação activa em todos os campos da sociedade. Defendemos ainda que a proposta educativa da directora de *Os Nossos Filhos*, antes, durante e depois dessa aventura tem características que a identificam com o que a oposição ao Estado Novo definia como sua também. Nem sempre o que se propõe nos textos de Maria Lúcia Vassalo Namorado é imediatamente perceptível como crítica ao sistema vigente. Em muitos casos não há mesmo nenhuma diferença entre as propostas de um e outro grupos. Na maior parte das situações, ela convida as(os) melhores nomes da época para com ela participarem em *Os Nossos Filhos*. Se crêssemos nos astros, diríamos que, como excelente nativa do signo de Gémeos que era, ela consegue colocar, face a face, no mesmo número, diversas concepções sobre um mesmo problema como é o caso da entrevista que Isaura Correia Santos faz nos Colégios do Porto, em que põe naturalmente em causa a coeducação sem o dizer nunca ou quando, apenas para citar dois entre muitos exemplos, defendendo com afínco a causa do *Parto sem dor* consegue publicar, em números consecutivos, um discurso papal que não lhe é totalmente favorável. A constante publicação de notícias sobre o *Colégio Moderno* em Lisboa, como vimos, também pode ser vista como a forma em que se refugia para dar visibilidade á oposição. Esta atitude de aceitação tácita e resignada e, ao mesmo tempo, fortemente política e oposicionista que assume está patente em alguns dos casos mais interessantes que deixa publicar: estão neste grupo os textos de Maria Palmira Tito de Morais que, quando já impedida por motivos políticos de escrever e trabalhar como enfermeira de Saúde Pública, verá os seus textos republicados, depois de 1951, com a desculpa de que os números onde haviam saído...estavam esgotados. Também neste grupo podemos incluir a crítica que publica, e que transcrevemos neste trabalho, da autoria de *Lília da Fonseca* em que esta tece considerações políticas arrojadas, no meio de um texto de apreciação do livro *O*

Tesouro Maravilhoso, da obra de literatura infantil da autoria de Sara Pinto Coelho. Estes são apenas alguns dos exemplos que retiramos do texto que acabamos de escrever para não mencionar tudo o que em *Os Nossos Filhos* se publica sobre Ilse Losa, Fernando Lopes Graça, *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, *Associação Feminina Portuguesa para a Paz*, *Mário Castrim*, entre tantas(os) outras(os).

Dito isto, não negamos que, em muitos outros casos, a aproximação a determinadas figuras do regime ou temáticas por ele exaltadas não tenham aqui cabimento. De outra forma não lhe teria sido possível uma tão longa e quase intocável sobrevivência. A vantagem que lhe advinha de ser aceite como parte de um determinado grupo social, que se movia com alguma facilidade junto de figuras do *Estado Novo* mas também da oposição, as ligações que ali era possível estabelecer são evidentes não só em *Os Nossos Filhos* como na restante documentação do *Espólio* que legou. Aqui, é sobretudo a correspondência que nos dá maiores informações sobre essas possíveis redes de amizades e conhecimentos. Quando assistimos, como vimos na correspondência entre Maria Lamas e Maria Lúcia Vassalo Namorado, a um processo moroso e improdutivo que visava a transferência do marido desta última para Lisboa, percebemos como, apesar de tudo, eram ténues as fronteiras pessoais do possível quotidiano. Em virtude do percurso de vida de cada uma delas e da actividade profissional que foram desempenhando, não é de admirar que, por si ou por interpostas pessoas, conhecessem e tivessem acesso, mais ou menos aberto, a muitas figuras gradas do regime. Maria Lúcia Vassalo Namorado fora aluna, no liceu, de Maria Guardiola e de Domitila de Carvalho e esta última estivera no júri das provas finais do 5º ano que Maria Lamas presta na mesma instituição em 1923. Fernanda de Castro, casada com António Ferro, frequentara o mesmo liceu feminino e era amiga pessoal de Maria Heloísa Cid, uma das fundadoras do então *Externato de Santa Cecília* ainda nas Avenidas Novas, em Lisboa. Estes são apenas dois dos muitos exemplos que podemos convocar, deixando de lado a relação profissional criada entre Maria Lúcia Vassalo Namorado e António Emílio de Magalhães a quem aquela, como vimos, pede que interceda por Hortênsia Silva (Campos Lima), aquando do seu julgamento por, sendo enfermeira, ter casado pondo em causa a legislação que o proibia.

A reconstrução e apreciação da biografia de Maria Lúcia Vassalo Namorado, fugaz embora pois esse não era um dos objectivos do presente trabalho, entre os anos 30 e o final do século passado mostra-nos que a sua evolução política se fez de uma forma

graduada, assumindo-se cada vez mais em confronto com o regime, sobretudo depois do início dos anos 50. O parentesco com Maria Lamas deve ser visto, neste campo, sob um ponto de vista positivo e outro negativo. Mais do que qualquer outra, a influência que a prima sobre ela exerceu, foi decisiva na evolução de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Depois do pai que apostara nela ao mandá-la para uma escola laica, pública e republicana, foi sem dúvida, do ponto de vista intelectual, Maria Lamas a maior responsável por um percurso profissional que, iniciado com a publicação de pequenos textos e sonetos juvenis, nunca mais pararia. Depois do casamento, essa actividade esporádica tornar-se-á uma fonte importantíssima de rendimento para Maria Lúcia Vassalo Namorado. Aquela prima que a entusiasmava a publicar porque apreciava a sua boa escrita, vê-se transformada em protectora e entidade patronal. A menina que, quando deflagra a 1ª Guerra, tinha em Maria Lamas uma longínqua prima mais velha a caminho de divorciada é a mesma que, acabada de casar aos 23 anos, lhe pede que lhe arranje uma colocação permanente como colaboradora de qualquer jornal. Até ao final da 2ª Guerra a evolução das duas primas avançou a um ritmo muito semelhante e mais lento do que depois. Muito antes do final da 2ª Guerra, em 1942, Maria Lamas já avó, deixa de ser a prima protectora e vê, com alguma emoção, muita admiração, misturadas com alguma desconfiança, a autonomia empreendedora de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Tanto uma como outra nunca estiveram á espera de apoios exteriores pois vinham de família habituada a arriscar, sabendo que qualquer negócio pode ser para ganhar como para perder.

A correspondência entre elas mostra ainda que os laços afectivos da relação de proximidade familiar foram sendo cimentados por outros, de carácter profissional, político e pessoal. O percurso de ambas, no período posterior ao fim de *Os Nossos Filhos*, assim como nos anos finais das suas longas vidas deve ser entendido como uma constante afirmação de solidariedade feminina. A evolução que continuaram depois de 25 de Abril de 1974, uma então com 81 anos e outra com 65 anos, ou seja, no que hoje se diria a idade da reforma, mais uma vez nos apresenta Maria Lamas como mais visível mas nem por isso ofuscando Maria Lúcia Vassalo Namorado. Quer uma quer outra revêem-se na(o) respectiva(o) filha/no filho mais nova(o), ela madrinha dele, pois ambos são activos militantes de um partido político ao qual Maria Lamas deu o seu nome público mas também ao qual Maria Lúcia Vassalo Namorado não regateou a sua contribuição, como vimos.

Continuando a sistematizar ideias e, depois das questões gerais que acabamos de abordar, é chegado o momento de uma apreciação mais específica do contributo deste *Espólio* e da revista *Os Nossos Filhos* para a construção da História da Educação em Portugal. Nesse sentido, propomo-nos apresentar um conjunto de reflexões sobre estas fontes documentais, identificar ainda as grandes questões a que (não) respondemos e, sempre que for o caso, apreciar os limites que se coloca(ram) a este estudo assim como apresentar propostas para futura utilização do *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*.

Um *Espólio* é, do ponto de vista jurídico, um conjunto de bens deixados por alguém que morreu e destinados a serem partilhados pelos herdeiros. No caso do que serviu de base a esta investigação – o *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* – vimos já como ele está incompleto: primeiro sofreu a triagem natural do tempo, ou seja, houve documentos que inevitavelmente se foram ‘perdendo’ pelo caminho. Outros, foi a acção humana a separá-los: vimos anteriormente como dum núcleo primitivo de documentos foram sendo legitimamente subtraídos pela própria organizadora do *Espólio* e sua também proprietária, algumas cartas de/para marido, filhos e muitos outros parentes. Os critérios que presidiram a essa primeira selecção não os conhecemos embora saibamos que, como dissemos já no primeiro capítulo deste trabalho, depois da morte de Maria Lúcia Vassalo Namorado e por maior intervenção dos dois filhos mais novos, ele foi dividido em três grandes núcleos: aquele que os herdeiros para si reservaram, aquele que foi enviado para Torres Novas e o que ficou á guarda da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, onde ainda se encontra.

Manusear o *Espólio* perante o qual experimentámos, como dissemos já, diversos e contraditórios sentimentos, foi por vezes uma tarefa de imensa mas também “(...)necessária solidão sentida frente aos documentos(...)” (Pires, 2003. p. 13) que, também neste caso, “(...) coexistiu com um deslumbramento subsequente pela riqueza informativa dos documentos em análise, que conduziu a uma dispersão inicial face ao universo múltiplo de informações passíveis de registo, revelando uma certa indisciplina na focalização do objecto específico da pesquisa (...)” (Pires, 2003. p. 14).

Como vimos também, consideramos que este *Espólio*, como a maioria dos documentos privados, foi feito pelo menos com o objectivo de “(...) mostrar o seu íntimo, inscrever o seu nome e o de muitas outras mulheres na História porque “(...) arquivar a própria vida é simbolicamente preparar o próprio processo: reunir as peças necessárias para a própria

defesa, organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós. Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo(...)" (Artrières, 1997. p 31. In Mignot, 2000. p.126). cremos que a sua autora foi orientada por estes dois objectivos atrás enunciados até porque essa mesma ideia perpassa o discurso das duas pessoas que mais de perto privaram com ela nessa reapreciação⁵⁷⁴: Maria Cândida Caeiro ou *Bissú* (Entrevista em 25 Fev. 2004), a filha mais nova de Maria Lamas que a ajudou em diversas tardes de trabalho que passaram juntas e Anabela Moreira, a última empregada (Entrevista em 14 Abr. 2004) que apenas mexeu "(...) nos poemas e textos (...) porque a senhora queria deixar as coisas arrumadas para os filhos editarem (...)". Para a ex-directora de *Os Nossos Filhos* os fins de semana, quando passados em casa dos filhos, eram também tempo para inventário e arrumação dos seus papéis (Entrevista a Rui Rosa, 17 de Jun. 2005).

Apesar desta primeira ordenação dos documentos, a falta de um *Guia Preliminar* detalhado do *Espólio* dificultou a abordagem que dele fizemos como virá a acontecer com todas as pessoas que nele venham a trabalhar. A vastidão da documentação nele guardada obrigou-nos a iniciar essa tarefa mas, por questões já explicadas, desistimos ao fim da Caixa n.º 16 (Cf. *Apêndice Cap. 1- Guia preliminar e Regras Guia preliminar*). O tratamento documental técnico adequado ficou assim por acabar. No futuro pensamos que seria de toda a conveniência entrar em contacto com o Curso de Ciências Documentais existente nesta Universidade de Lisboa a fim de, um grupo de estagiárias(os) da área de Arquivos poder fazer o inventário sobranete e produzir todo o catálogo que o *Espólio* merece e cuja redacção consta das cláusulas do *Protocolo de doação...* que a família de Maria Lúcia Vassalo Namorado fez á Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

Como explicámos, a correspondência então retirada como documentação fundamental para a investigação foi objecto de leitura e transcrição que apresentamos em Apêndice a este trabalho (Cf. *Apêndices Cap. 5*). As cartas foram introduzidas na base de dados à medida que iam sendo objecto de leitura e de categorização uma vez que não dispúnhamos de tempo para retirar cada série e reuni-las de acordo com todos os documentos que, da mesma autoria, encontrámos nas diversas Caixas do *Espólio*. Desta forma, só no final da leitura de todas as cartas que o compõem e que resolvemos

⁵⁷⁴ Maria Lúcia Vassalo Namorado deu as cartas de Maria Lamas a ler a Bissú para ver se não as queria retirar do *Espólio* (Entrevista a Maria Cândida Caeiro, 1 Mar. 2002).

usar como fonte do presente trabalho, foi possível ter uma visão de conjunto de toda a correspondência aí existente.

Manusear esta informação que também foi submetida ao mesmo conjunto de categorias que haviam sido identificadas para a análise da revista *Os Nossos Filhos* teria sido de todo impossível, não fossem as bases de dados criadas e as facilidades que a informática hoje nos proporciona. Vejamos um exemplo: em certos casos há assinantes e leitoras com cartas enviadas de diversos locais, sobre diversos assuntos, sob diversos nomes colocadas por sua vez em diferentes Caixas do *Espólio*. Maria Elsa, assinante de Barcelos, irmã de Maria Isabel Rodrigues Anjo, filhas do inspector César Anjo, irmãos do médico e colaborador César Anjo Filho, assina só assim, omitindo *César Anjo* e também *Faria*, e tem cartas em Caixa 15. Maço 2, Caixa 32. Maço 1 e Caixa 7. Maço 1. Esta situação verifica-se com imensas outras(os) assinantes o que nem sempre foi fácil de ultrapassar, sobretudo quando permanentemente usam o pseudónimo em vez do nome completo, como faz *Maria Paula de Azevedo* ou seja, Iracema Folque do Souto (Carta de 14 de Outubro de 1944. Caixa 27. Maço 1). Pior do que este caso é o de Anatole Marques, agente da revista em Lourenço Marques, que tem também cartas relativas ao quotidiano das encomendas em mais de três Caixas e Maços diferentes. Em certos casos, como acontece com Maria da Luz Albuquerque, do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* ou ainda com Fernanda Tasso de Figueiredo há cartas guardadas numa Caixa e Maço e a respectiva resposta encontra-se muitas Caixas e Maços antes ou depois. Este é também o caso da carta que em 21 de Janeiro de 1946 a directora da revista envia á *Associação Feminina Portuguesa para a Paz*, convidando esta Associação a usar as páginas da sua revista para divulgar iniciativas tendentes a ajudar as crianças vítimas da Guerra (Caixa 47. Maço 1) mas que tem a resposta enviada por Maria Luísa Silva Bastos, 1ª Secretária daquela agremiação, em local completamente diverso (Caixa 24. Maço 5), ou seja, vinte e três caixas antes.

Outra dificuldade que enfrentámos, como é natural quando se trata de correspondência, foi as referências feitas quase em linguagem ‘codificada’ que nem sempre nos permitem identificar o tema da conversa que se trava entre quem escreve e quem recebe a carta. Virgínia Faria Gersão refere-se a uma protegida de Maria Lúcia Vassalo Namorado cujo exame aquela primeira havia corrigido mas não conseguimos identificar quem fora a menina por quem a directora da revista intercedera.

Neste momento julgamos oportuno apresentar uma proposta de revisão da forma como o *Espólio* está arrumado e acondicionado, pois esse é um dos aspectos que a família

expressamente focou no *Protocolo de Doação e constituição do Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*, já analisado no primeiro capítulo deste trabalho. Talvez seja materialmente impossível mas, depois da análise cuidada do conteúdo da parte do Espólio existente em Torres Novas atrevemo-nos a sugerir que alguns desses livros passem para o *Espólio* em Lisboa. Cremos que haveria vantagem em, caso fosse possível, rever a listagem de monografias que aí ficaram depositadas. Elaborámos um documento com as obras que consideramos que deveriam voltar para esta parte do *Espólio* que se encontra em Lisboa, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Esses livros (Cf. *Apêndice à Conclusão*) são obras que, como muitas outras que inventariámos na base bibliográfica do *Espólio* de Lisboa (Cf. *Anexos Base bibliográfica do Espólio- Lisboa*), são da autoria de colaboradoras(es) da revista, ofertas feitas por amigas e conhecimentos de Maria Lúcia Vassalo Namorado cuja leitura fizemos na Biblioteca Nacional e que foram também importantes para a compreensão da vida da directora da revista.

Do ponto de vista da arrumação e acesso a tal documentação muito está também para fazer: o espaço que lhe foi destinado serviu temporariamente, foi sempre objecto de excelente e adequada manutenção mas ainda não é o espaço condigno que merece. O teor de humidade, a temperatura ambiente, a falta de expurgo assim como um urgente e necessário acondicionamento em embalagens adequadas tem de ser pensado a curto prazo.

Quanto ao tratamento arquivístico adequado a realizar, é urgente elaborar uma brochura intitulada *Inventário do Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* como as que têm vindo a ser realizadas para Espólios diversos, guardados na Biblioteca Nacional, onde se encontra o de Maria Lamas, o de Irene Lisboa, entre outros. Dela devem constar os objectivos que presidem a essa sistematização, a identificação das espécies por secções e tudo o mais que deve figurar num documento desse tipo. Era nossa intenção realizar esta tarefa mas, pelos motivos já apresentados, não nos foi possível cumprir um dos fins que havíamos enunciado. Nesta reorganização do *Espólio* há quem nos aconselhe até a propor a sua passagem para a Torre do Tombo pois aí existem outros “(...)arquivos afins como o da *Mocidade Portuguesa*, o da *Obra das Mães pela Educação Nacional*, o da *PIDE*, o de *Salazar*(...)”⁵⁷⁵ por dele fazerem parte inúmeros dados de política e do quotidiano nacionais.

⁵⁷⁵ Conversa com Maria de Lourdes Henriques, em 15/12/2004, em ANTT

Propomos que essa brochura seja organizada de acordo com as regras que têm vindo a ser sistematizadas pela mais recente investigação em arquivos de família e que poderia comportar diversas secções como, apenas a título de proposta, uma para a *Actividade Profissional*, onde figurariam todos os documentos alusivos á sua participação dispersa em diferentes publicações, em *Modas & Bordados*, em *Os Nossos Filhos* assim como na *Fundação Sain*. Numa secção intitulada *Actividade Pessoal* seriam colocados os documentos privados e pessoais ou seja, correspondência, pensamentos sobre a sua família, papéis de pedidos de emprego ou outros. Na subsecção *Correspondência Particular* devem ser colocadas as cartas de amigas, familiares, telegramas, cartões de visita, postais ilustrados enviados a ou por pessoas anónimas e públicas a propósito de questões pessoais, agradecendo, criticando, formulando pedidos a Maria Lúcia Vassalo Namorado. Na Subsecção *Documentos biográficos* devem figurar os documentos pessoais que corroboram o seu percurso pessoal e profissional; nela devem ser colocadas as diversas notas biográficas que existem no *Espólio*, os currículos, a condecoração pela *Cruz Vermelha Portuguesa* e biografias ou entrevistas que sobre ela já tenham sido publicadas. No grupo de *Recortes de Imprensa* devem figurar todos os recortes de artigos de imprensa que Maria Lúcia Vassalo Namorado guardou ou mandou organizar. A sua arrumação por assuntos seria de imensa importância para qualquer investigador(a). Poderia ser discutida a hipótese de organizar uma secção de *Manuscritos da autora*, subdividida em classes ou subséries de *Poesia*, *Prosa* e *Vária*, assim como uma de *Documentos Anexos da autora* nos quais se poderiam colocar *Artigos de imprensa* de *Terceiros* e ainda *Iconografia*. Também como hipótese a ser ponderada poderia criar-se uma secção *Actividade Política* subdividia em classes como a *Associação Portuguesa Feminina para a Paz (AFPP)*, o *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (CNMP)* assim como *Diversos*, relativa a antes e depois de 25 de Abril de 1974. Também ali incluiríamos uma secção designada *Doações* a qual abrangeria o conteúdo *Apêndice Cap. 1* deste trabalho, composto pela documentação nela inventariada.

Nesse documento devem figurar também as normas legais já existentes para a comunicação e conservação de dados, de acordo com o decreto-lei 16.193, publicado em Diário da República 1ª Série em 23 de Julho de 1993 no qual se define o *Regime Geral dos Arquivos*.

Este trabalho poderá servir ainda para concretizar um outro sonho de Maria Lúcia Vassalo Namorado: a realização de uma *Exposição* de fotografias de crianças. Em

meados dos anos 50, ao anunciar a *Grande e Linda Roda de Os Nossos Filhos*, a directora da revista dirá que “(...)se as fotografias que recebermos tiverem, como esperamos, a categoria das dos anteriores Concursos, faremos com elas uma linda Exposição. (...)”(ONF, Jun. 1954).

Na sequência da suspensão da publicação mensal, Maria Lúcia Vassalo Namorado vai elaborar um *Plano*⁵⁷⁶ *de trabalho para 1959* /scanner/ (Caixa 22. Maço 3) em que se propõe “(...) começar em Janeiro com programas radiofónicos dirigidos aos educadores, /realizar/ na Primavera uma *Exposição Internacional de fotos de Crianças*, uma Exposição de arte infantil das crianças da Califórnia, em Julho(...) em Junho, uma Exposição de arte infantil /crianças de vários pontos do País/ e em/ Dezembro A consoada na Europa, Grande concurso com a colaboração dos principais jornais da Província /e a criação de/ Um suplemento infantil(...)”(Caixa 22. Maço 3).

De todas as iniciativas aqui propostas apenas realizou, porque já estava a fazê-lo, *Lisboa vista pelas suas crianças* e as outras que referimos em local próprio neste trabalho. Neste momento, depois de ter feito parte do inventário do *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* e de ter analisado toda a revista *Os Nossos Filhos*, pensamos que será possível concretizar a “(...) linda exposição(...)” e a “(...) *Exposição Internacional de fotos de Crianças*(...), respectivamente, anunciadas em Junho de 1954 e naquele *Plano*. Durante a realização deste trabalho, como referimos, foram entrevistadas colaboradoras(es) ainda vivas(os) ou familiares, sempre que tal contacto não foi possível. Neste último caso entrevistámos o filho e um dos netos de Casimiro Vinagre (Cf. *Entrevistas*) que nos mostrou a colecção de negativos das fotografias, ainda na posse da família. Este *Espólio* fotográfico de valor incalculável foi já amputado de um documento importantíssimo: o registo nominal das(os) fotografadas(os). Antes de morrer, Blandina Vinagre (cf. *Apêndice Cap. 4- Biografias*), queimou o livro de registos que, ao longo de anos, fora guardando a identificação das(os) clientes da sua casa fotográfica. Não sendo mais possível o acesso a tal registo, foi por nós conseguida, apesar de tudo, a identificação de 1700 dessas fotografias, as que estão dadas em *Os Nossos Filhos* ou no *Espólio* como sendo da autoria de Casimiro ou Blandina Vinagre. Com elas poderia ser feita, quase 50 anos depois, aquela exposição com que Maria Lúcia Vassalo Namorado sonhou. A família foi já contactada e não só mostrou o mais vivo interesse por tal possibilidade como se manifestou agradada com a ideia daquele

⁵⁷⁶ “*Plano de trabalho para 1959*”. (Caixa 22. Maço 3. 4 p. manuscrito).

Espólio fotográfico poder vir a ser anexado ao de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

Ainda sob o ponto de vista metodológico seria importante continuar a redacção, que não pudemos fazer, das biografias das(os) colaboradoras(es) de *Os Nossos Filhos* e de todas as figuras identificáveis na correspondência do *Espólio*. O *Apêndice ao Cap. 4- Biografias* que incorporamos no presente trabalho é apenas um pequeno contributo para essa tarefa. A urgência de tal passo é tanto maior quanto muitas(os) das(os) intervenientes quer em *Os Nossos Filhos* quer noutras actividades realizadas ao longo da vida profissional de Maria Lúcia Vassalo Namorado estão hoje com idade(s) avançada(s) impedindo a lei natural da vida, a breve trecho, a recolha de muitos depoimentos fundamentais. Durante a elaboração do presente trabalho faleceu Ana Oliveira, uma das entrevistadas e antiga empregada doméstica da directora de *Os Nossos Filhos*. Também no mesmo período, o meio-irmão de Maria Lúcia Vassalo Namorado aqui entrevistado, António Carlos, foi acometido de um acidente vascular cerebral.

Este trabalho permite também que identifiquemos a proposta que, para a educação não-formal das mulheres e das crianças, Maria Lúcia Vassalo Namorado apresenta em *Os Nossos Filhos*. Como vimos, ela é defensora acérrima da educação infantil em instituições para tal vocacionadas, feita por mulheres com preparação específica, pondo em causa o abandono a que, no Estado Novo, tinha sido votado este nível de ensino. A educação de todas as mulheres e de todas as crianças, independentemente da sua origem social, é vista como uma necessidade á qual a sociedade deve dar especial atenção. Neste ponto a directora de *Os Nossos Filhos* assume a sua revista como um meio privilegiado para essa educação. Ela assume a revista “(...) para os Pais e Educadores — e aqui a temos, «menina bonita» de quantos a conhecem, realizando a mais doce e benéfica acção educativa nos lares onde tem entrada (...)” (ONF, Fev. 1945). Considera-se apta a orientar as pessoas que com ela queiram partilhar preocupações de carácter educativo. Maria Lúcia Vassalo Namorado dirá: “(...) Se é mãe, (...) converse connosco acerca dos seus filhos. Escreva-nos. Fale-nos deles e de si. Conte-nos o que eles dizem, as gracinhas e as manias, as preferências. E aversões desses pequenos senhores. E digam-nos o que pensa, como os educa, exponha-nos as suas descobertas e opiniões. O seu «caso», o seu alvitre interessa-nos sempre. Quando aproveitáveis e acertados, serão publicados. Quando merecedores de reparos, dar-nos-ão ensejo (...) que talvez, nos não ocorressem. Como vê, o nosso desejo é sempre o mesmo: ajudar as mães. E (...)”

pedimos, só isto: deixem-nos ajudá-las, oferecendo-nos o ensejo de o fazer (...)” (ONF, Maio 1945). Ao longo dos anos nunca foi outra a posição da directora da revista, ou seja, nunca deixou de ser ela a “condutora” dessa proposta. Se muito frequentemente pede a opinião das leitoras, ao mesmo tempo, coloca-se, a si e às(aos) suas(seus) colaboradoras(es), na posição de *juiz* sobre as opiniões por expressas por quem a revista se dirige. A legitimidade dessa orientação vai buscá-la á qualidade das(os) colaboradoras(es) de que se rodeia. Às mães e aos pais, também reconhece capacidades para se encarregarem da educação dos filhos porque “(...)ninguém como os Pais e Educadores pode discutir o grande problema da Criança e da Adolescência, porque ninguém como eles possui a ciência prática, a observação directa da matéria viva. Assim, os Pais e os Educadores mesmo sem terem uma preparação atestada por diploma, mesmo sem estarem habituados a escrever para o público, podem, com a autoridade das suas próprias observações e experiências aconselhar, apresentar ideias e sugestões, contribuir (...) para que os outros Pais e Educadores atentos a certos problemas resolvam com felicidade os seus(...). Por isso, pedimos aos nossos leitores que considerem sua esta Revista, e nos enviem as suas sugestões e conselhos (...)” (ONF, Mar. 1946). A publicação assume, assim, a função de ensinar os pais a sê-lo e, da colaboração entre pais e revista, aqueles poderão retirar grandes benefícios para a educação dos filhos, sobretudo identificando erros cometidos e tendo vontade de aprender, para os ultrapassar.

A proposta de educação não-formal delineada em *Os Nossos Filhos* compreende diversas áreas: a educação das raparigas e das mães para se tornarem donas de casa exemplares, a educação das mães para se tornarem excelentes educadoras dos filhos e a defesa da profissionalização feminina como forma de emancipação económica. Das diversas componentes destes três secções da proposta de Maria Lúcia Vassalo Namorado demos conta ao longo do trabalho quando analisámos os conteúdos apresentados em *Os Nossos Filhos*, nas obras que, sobre o tema, a directora da revista foi escrevendo e ainda nos cursos da *Escola de Noivas e Donas de Casa* que dirigiu.

Sobre a educação das mães para se tornarem boas educadoras, a proposta de Maria Lúcia Vassalo Namorado compreende a formação teórica feita por médicos, enfermeiras e restantes colaboradoras(es) da revista. Finalmente, dessa proposta fazem parte outras áreas, como as da formação geral para uma intervenção consciente, política e profissional das mulheres. Estas três partes da mesma proposta visam cobrir todos os

aspectos de uma componente formativa geral que se pretende de qualidade nas áreas que vão da formação em saúde profiláctica (doméstica, infantil, higiénica), “(...) á assistência (crianças abandonadas e delinquentes, instituições existentes), á educação especial e ao apoio a crianças deficientes, (...) a questões educativas no estrangeiro (...) quotidiano doméstico e vivencial das crianças e seu aproveitamento educativo (...) problemas de âmbito cultural na formação infantil e juvenil como cinema, teatro, televisão, jogos e brinquedos, referências especiais a literatura para crianças (...) educação pré-primária fora da família na promoção de jardins de infância, reportagens sobre centros materno infantis, sobre colégios, creches, maternidades (...) orientação sócio profissional, (...) vulgarização de ideais e autores pedagógicos, (...) problemas de educação e ensino escolares- formação de professores, docência feminina, educação especial, artística e manual, ensino técnico-profissional, papel de bibliotecas e museus escolares, actividades extracurriculares e metodologias de ensino e desde 1951, uma secção de *Problemas de Educação* (...)” (Nóvoa, repertório org. 1999. p. 679).

A leitura da revista *Os Nossos Filhos* e da correspondência do *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* e da correspondência nele incluída pode servir ainda para fazer um estudo sociológico sobre as redes de sociabilidade feminina ali referenciadas.

Ao mexer no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado* e, á medida que avançávamos na leitura da correspondência nele guardada, um aspecto nos chamou a atenção: a frequente referência a senhoras que, entre si, também se conheciam. Outro aspecto interessante a tratar futuramente seria fazer o mapeamento de amizades e/ou conhecimentos, mais ou menos cúmplices, mais ou menos distantes que ali encontramos. Muitas vezes foi a directora da revista que aproximou e apresentou as pessoas entre si, como é o caso de Francisca Ferreira Calisto (Caixa 2. Maço 3), a então menina invisual cheia de vontade de aprender, que conheceu Ilda Marques, a funcionária de *Os Nossos Filhos*, assim como Emília Montalvo, a professora do *Instituto António Feliciano de Castilho*, que colabora na revista. Outras vezes são as senhoras que referem esses conhecimentos, que falam sobre amizades e inimizades, que desabafam, que pedem para entrar em contacto com outras que não conhecem, que nos revelam os seus nomes completos, pseudónimos, locais onde colaboram. Apenas a título de exemplo, e além do que já enunciámos, vejamos alguns casos mais que ilustram o que acabamos de afirmar.

Quem escreve	Quem menciona/razão
--------------	---------------------

Conclusões

Emma Calisto, assinante do Porto moradora na R. Dr. Nunes da Ponte, na Foz do Douro a quem Maria Lúcia Vassalo Namorado faz encomendas de roupas	amiga da poetisa <i>Maria da Bruma</i> (Carta de 1-3-53 Caixa 86. Maço 1) e tia de assinante de Rio Maior, Sílvia Calisto Laureano Santos (Carta de 23-6-(42) Caixa 31 Maço 3)
Manuel Palma Leal, médico do colégio Infante de Sagres, em Lisboa	conhece Vera Bordallo Pinheiro (Gomes), ilustradora da revista (Carta de 2 Mar. 1943. Caixa 31. Maço 3)
Maria Duarte Pedro Pereira, <i>Uma Mãe agradecida</i> , de Coimbra, assinante desde n.º 1	Enaltece trabalho de Maria da Natividade Correia, directora do <i>Instituto Infantil</i> , depois do incêndio deste (Carta de 15 de Jun. 1950. Caixa 26. Maço 3).
Maria Elisa Nery de Oliveira, em São Martinho do Porto	Virgínia Gersão tem sido muito gentil ao ponto de publicar dois contos meus no <i>Jornal do Fundão</i> (Carta de 28 de Jan. 1951. Caixa 63. Maço 1).
Victória de (Oliveira) Abreu, <i>Mónica</i> , do Porto	Estive com o nosso amigo comum Doutor António Emílio de Magalhães que me incitou a enviar-lhe os meus trabalhos (Carta de 16 de Maio 1956. Caixa 61. Maço 1)
Carolina Brilhante Paiva dos Remédios, colaboradora de <i>Modas & Bordados</i> e de <i>Os Nossos Filhos</i> , pseudónimo <i>Paula</i> , moradora em Lisboa, R. B à R. Lopes, 65 2º dto	Conhece Maria Lamas (Carta de 12 de Jul. 1943. Caixa 41. Maço 2)
Matilde Rosa Araújo	Hoje, um colega meu, que se assina com o pseudónimo de <i>Lúcia Benedita</i> , mostrou-me estes versos para meninos. Não os acha belos? (Carta s.d. Caixa 42. Maço 1)
Fernanda Tasso de Figueiredo, do <i>Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas</i>	Entrevista Fernanda Jardim (...) Maria Lamas é aquisição minha por seu esplêndido intermédio, Maria Lúcia. (...) Não deixe de ler um artigo que sairá brevemente nas <i>Modas e Bordados</i> , sobre o "Instituto Maternal". Tive a sorte de ele me sair exactamente como idealizara, dizendo certas coisas essenciais que eram precisas(...). Tenho a impressão de que a van Zeller vai ficar satisfeita e isso encanta-me porque além d e a achar uma simpatia e me ser agradável satisfazê-la, lhe dou a noção de que o <i>Conselho</i> quer ser uma instituição conscienciosa e séria que deseja trabalhar a bem da comunidade humana e é constituído por pessoas cuja cabeça não serve, somente, para...usar chapéu... É amiga da Maria Octávia Teixeira Bastos Andrea (Caixa 41. Maço 3).
Vera Bordalo Pinheiro, colaboradora, em férias em <i>Pensão Avenida</i> , Penacova	Fora ali por intermédio da directora da revista e fora apresentar cumprimentos a Raimunda de Carvalho, amiga desta última.(Carta de 15 de Set. 1943. Caixa 42. Maço 2).
(Maria da) Natividade (dos Santos Silva Pinheiro)	Não sei como agradecer todas as atenções(...) como a de apresentar aquela maravilhosa rapariga que é a Belmira

	Almeida. Ela é um misto de ingenuidade nativa e de inteligência evoluída que apetece conhecer e que verdadeiramente me encanta. (Carta s.d. Caixa 42. Maço 1).
Maria Evelina Faria e Maia de Aguiar Bustorff, em Ponta Delgada	Não sei se poderei hoje escrever (...)a Maria Luísa Manso ⁵⁷⁷ mas já lhe escrevi da Madeira em nome da Maria Iolanda (Carta de 7 de Jul. 1946. Caixa 42. Maço 1)
Iracema Folque do Souto, pseudónimo de <i>Maria Paula de Azevedo</i>	Nossa amiga comum, Maria Evelina de Aguiar Bustorff (Carta de 14 de Outubro de 1944. Caixa 27. Maço 1 e Carta de 30 de Jun. 1945. Caixa 35. Maço 1).
Maria do Carmo Rodrigues, colaboradora, <i>Suzana pobre, moradora</i> Caminho de Sto António, ao Pico de S. João, Funchal	Por intermédio de Maria Lúcia Vassalo Namorado o irmão desta senhora trabalha com médico Armindo Fernandes, colaborador da revista e familiar da directora (Carta de 15 de Dez. 1951. Caixa 42. Maço 1). Maria Lamas ficou em sua casa, conhece Dalila Passos Pereira, mãe de Maria Lyra Keil do Amaral, de quem ainda hoje é amiga e foi por seu intermédio que, Rita Vasconcelos Teixeira Lobo veio viver para casa de Maria Lúcia Vassalo Namorado enquanto estudou Medicina em Lisboa (Carta de 22 de Nov. 1976. Caixa 76. Maço 2).
(Maria Barroso)	Sobre problema que opôs Maria Antónia Assis Santos da Costa a Lucinda Atalaia por causa do acidente mortal com filha desta última (Carta de 4 de Jul. 1959. Caixa 83. Maço 2)

Este quadro que vai longo, poderá vir a ser completado com muitas e muitas mais referências cruzadas que permitirão perceber melhor a rede de amizades existente assim como dar visibilidade a muitas mulheres que, nunca deixando de intervir, ficaram silenciadas nos documentos oficiais ou mesmo em muitas investigações que, sobre o século passado e, concretamente o Estado Novo, têm vindo a ser publicados nos tempos mais recentes.

A correspondência do *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*, toda introduzida na base de dados para tal efeito criada (Cf. *Apêndice Cap. 5*) e cujas categorias foram também definidas, pode ser ainda analisada para ver de que forma a revista *Os Nossos Filhos* foi vista e percebida pelas suas(seus) assinantes, enquanto fonte de formação pessoal. O que sobre ela diz Maria da Graça Nunes Pinto da

⁵⁷⁷ Professora de música de Maria Iolanda Bustorff, filha desta colaboradora e de Rui Manuel Rosa, filho de Maria Lúcia Vassalo Namorado.

Fonseca⁵⁷⁸ pode ser encontrado em diversas outras cartas ali guardadas. Diz esta mãe:“(...) a revista só nos honra, a nós, mulheres portuguesas, devemos apreciá-la dentro do nosso lar, vindo sempre povoada de conselhos e ensinamentos, tendo como único interesse o nosso bem estar (...). Todas que a possuem podemos estar de parabéns(...) e que sejam a recompensa de tanto trabalho cheio de lutas pelo bem de toda a mulher(...)” (Carta de 17 de Out. 1946. Caixa 30. Maço 1).

Embora sem muita profundidade, foi fundamental contextualizar esta revista e o percurso da sua directora no quotidiano histórico em que ambas se desenvolveram. Nesse sentido devem ser encarados os subcapítulos sobre a o contexto histórico da emergência da revista assim como aqueles que, mais em particular, se detêm na apreciação, sobretudo a partir da revista, do que era o quotidiano social, político, económico e religioso do período entre as duas guerras até ao ‘terramoto delgadista’.

Querer ‘retirar’ Maria Lúcia Vassalo Namorado da classe social a que pertencia, do grupo político a que se sentia ligada, do contexto pessoal e profissional em que cresceu e viveu, é manifestamente impossível. Viver em permanente contradição entre o que se defende e o que se vive, para uma parte ou a totalidade das opções em que se fora educada, é doloroso. A modificação de algumas das suas concepções de vida, sobretudo no que à família diz respeito, só com dificuldade se vai realizar. A apreciação que fazemos das opiniões expressas por outras contemporâneas (hoje consideradas mais feministas do que ela como é o caso de Elina Guimarães) sobre temas educativos ou mesmo de educação moral das raparigas só diferia no grau de contestação. Neste trabalho concluímos que a proposta de educação das mães e das crianças aqui enunciada por Maria Lúcia Vassalo Namorado é a mesma que defende Adriana Rodrigues, Emília de Sousa Costa ou Maria Palmira Tito de Morais, Maria Amália Harberts Borges de Medeiros ou Maria Lamas. Apenas para citar um exemplo, veja-se que em relação ao problema das mães que trabalham e que não têm onde deixar os filhos, não os querendo deixar com uma criada pelas diversas razões que já apreciamos, a solução preconizada em *Os Nossos Filhos* era defendida por qualquer uma destas mulheres. Todas consideravam grave a inexistência de uma rede de jardins de infância e de creches que a 1ª República, com mais espanto do que concretização, tinha amplamente defendido.

Ao lermos a colaboração de Maria Lúcia Vassalo Namorado em *Modas & Bordados*,

⁵⁷⁸ Com 3 filhos e moradora na Av. Rovisco Pais.8 3º dto, Lisboa.

temos de ter em conta que aquela lre é pedida por Maria Lamas com alguma insistência, como vimos na análise da correspondência do *Espólio*.

Na revista de Maria Lamas a educação da mulher também passa pelo “(...)cultivo de uma vida interior, intelectual e moral (...) /pelo/ conhecimento dos vultos da história e biografias, dos concertos e exposições realizados (...)” (Guimarães, 2002, p. 93) e, em relação á esfera privada, muitas são as referências ás actividades das donas de casa, esposas e mães em simultâneo.

Esta característica do conteúdo das revistas femininas não é mais do que a consequência de um movimento que, desde o séc. XVIII apresentava o “(...)amor da mãe enaltecido e identificava feminilidade com maternidade(...)”(Guimarães. 2002. p.137). A ideia de que há ‘dons’ naturalmente femininos, ou seja, “(...) propriedades naturais exultadas na construção da feminilidade como a virgindade, a maternidade e a santidade(...)” (Brasão, 1999. p.103), está também assumida pelo *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* quando na revista *Alma Feminina* “(...) assume a maternidade como pilar central da construção da identidade feminina, como prova social do poder da mulher mas diferente da perspectiva católica porque não usa concepção religiosa da vida humana(...) assume o sexo feminino como construção social e integralmente desigual(...)” (Brasão, 1999. p.136). Uma concepção religiosa e mesmo católica da feminilidade não se pode atribuir a Maria Lúcia Vassalo Namorado embora seja essa a perspectiva que, sobre esse tema, defendem Fernanda Tasso de Figueiredo ou mesmo Maria S. Anjos nos textos publicados em *Os Nossos Filhos*.

Ainda ao analisarmos o que sobre temas afins era publicado noutras revistas (como é o caso de *Joaninha*, a revista de Maria Lamas onde Maria Lúcia Vassalo Namorado muito colabora) por mulheres hoje tidas como mais empenhadas nas questões feministas, verificamos que os objectivos que norteavam tais publicações pouco diferiam do que inicialmente foram os objectivos de *Os Nossos Filhos*. Com a *Joaninha* pretende-se dar “(...) a indicação de modelos de comportamento, de teor exemplar moralizante, expressos nomeadamente nos contos, histórias e novelas, bem como no romance “destacável” e ainda nas rubricas que traçam pequenas biografias de mulheres célebres (“portuguesas notáveis”).A importância da prática da educação física, divulgada sob a forma de exercícios(“Façam ginástica”)» de propaganda de modalidades desportivas - *Desportos para raparigas*, de reportagens sobre classes e equipas infantis e femininas de vários clubes desportivos (...). As instruções para execução de rendas, bordados e trabalhos manuais decorativos, receitas de culinária, noções puericultura, enfermagem,

fotografia e desenho, modelos de vestuário, curiosidades e dado de cultura geral (...). Particular atenção é atribuída à colaboração das leitoras, solicitada em diversas rubricas e secções, entre as quais, *A estante de Joaninha* (livros recomendados e comentários aos livros preferidos pelas leitoras), *Tentativas literárias das leitoras de Joaninha* e *Horas Alegres* (provérbios, sujeitos a concursos, adivinhas, anedotas, palavras cruzadas, etc.). A divulgação da actividade das *Guias de Portugal* e, em menor grau, a da *Juventude Católica Feminina*, bem como a publicação de “inquéritos” realizados em vários liceus de Lisboa e Porto (“Como pensa utilizar o seu curso? Porque estuda? Para que estuda?”) constituem outros assuntos que importa destacar. Esta publicação organiza, dinamiza actividades complementares: uma festa convívio, para as leitoras, um programa na Emissora Nacional - *Meia hora para raparigas* e o *Clube de Joaninha*, destinado a incentivar, com autorização dos pais e encarregados de Educação, a correspondência entre as sócias(...)” (Nóvoa, dir., 1993. p. 548).

Corria também a representação de que as mulheres que estudavam se masculinizavam. É este estereotipo que a entrevista feita a Cesina Bermudes em *Os Nossos Filhos* pretende desmistificar quando esta questão lhe é colocada directamente e quando a entrevista é acompanhada de uma fotografia espantosa desta médica, com a maior graça feminina possível. A mesma ideia está subjacente á carta da colaboradora Eduarda Mattos, ou *Clara do Prado* quando se mostra “(...)muito satisfeita por saber que o *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* faz progressos. Precisamos, realmente de um bom bocado de feminismo bem compreendido, em Portugal. Concordo plenamente consigo, o Bem tem muita força! Tive hoje uma carta dos Estados Unidos da América em que me falam muito da mulher americana, que segundo a opinião do meu correspondente, apesar de toda a sua liberdades e independência não deixa de ser muito feminina. Pela minha parte, faço toda a propaganda que posso mas tem que ser muito à "socapa" porque são as próprias mulheres as mais difíceis de convencer...(...)” (Carta de 12 de Mar. 1947. Caixa 41. Maço 2).

Nestas revistas também a saúde moral das crianças e das mães, as noções de higiene, saúde, pedagogia e até de educação são uma constante. Como já referimos, as elevadas taxas de mortalidade infantil, a falta de uma rede adequada de assistência materno-infantil e o excesso de pobreza e miséria, dentro e fora de Lisboa, levava a que, no que diz respeito a uma proposta de educação das mães para o serem, os conteúdos sobre puericultura, sobre cuidados higiénicos e sanitários, sobre a profilaxia das doenças, sobretudo das contagiosas fosse uma preocupação quotidiana destas mães, jornalistas e

intelectuais.

Maria Lúcia Vassalo Namorado denuncia constantemente a falta de assistência, a falta de creches, a falta de jardins de infância, a falta de condições de auxílio materno infantil, a falta de conhecimento das mais elementares regras de higiene. Os sucessivos apelos que lança na revista para que as senhoras escrevam sobre “o que há” e “o que falta” nas localidades onde vivem, outro fim não tem que a denúncia do que existe. Quando dá como exemplo de funcionamento modelar o *Centro de Enfermagem da Rua Coelho da Rocha* outra coisa não pretende do mostrar o muito caminho que falta percorrer para que, em todo o país, a cobertura sanitária seja a adequada. Porém, fá-lo de forma muito inteligente porque não pode escrever o que pensa. Ela concorda com a prima que lhe escreve da Madeira, reflectindo sobre o que ali ainda representa a assistência á criança:“(…) se nalgum sítio a criança vive ao abandono, sob todos os aspectos, é aqui - refiro-me à criança das classes humildes. Já não sou capaz de lisonjear a sociedade em que vivemos. E, no entanto, nunca tive tanto para dizer... Tudo o que diz respeito à assistência à criança assenta em bases erradas, falsas, que se ligam à estrutura falsíssima desta pseudo- civilização tão apregoada. Não basta fazer isto ou aquilo, por melhor que pareça e seja, no momento. É indispensável analisar, sem sofismas, a que conduz o processo empregado ou a solução adoptada. Pergunto eu: A que conduz toda esta assistência dada através das numerosíssimas obras de caridade, oficiais e particulares, que são o cartaz⁵⁷⁹ mais vistoso e aplaudido do sistema social em que vivemos? Por mais que pense e analise, só encontro cada vez mais nítida, esta resposta: Conduz à continuação da mesma assistência sem projecção no futuro das crianças(...) à mesma assistência defeituosa, insuficiente, protectora. Protectora, quer dizer, aqui, beneficiente, pseudo-altruísta e generosa, que coloca quem a recebe num plano de dependência e gratidão para quem a promove. Os eternos protectores e protegidos... Entretanto, a miséria continua a ser o signo da infância, nesta ilha maravilhosa- para me referir somente ao lugar donde te escrevo. Desculpa o arrazoado(sic). Foi como um desabafo da minha consciência! Sou incorrigível (...)”(Carta de 20 de Jul. 1951. Caixa 50. Maço 4). É esta também a forma como Maria Lúcia Vassalo Namorado vê a assistência que existe. Se outra fosse a sua visão, ela não deixaria passar a crítica que *Lília da Fonseca* faz a *O Tesouro maravilhoso* de Sara Pinto Coelho, cujo conteúdo deixámos neste trabalho também.

⁵⁷⁹ Sublinhado duplo, no original.

Não duvidamos um momento que Maria Lúcia Vassalo Namorado não fosse uma feminista empenhada na mudança das condições de vida da mulher, sobretudo da mulher trabalhadora. Algumas(ns) autoras(es) apresentam-na como uma mulher moderada e até conservadora (Martins, 1994 e Brasão, 1999. p.167) sobretudo a partir da leitura que fazem dos livros por ela escritos para a educação das mulheres⁵⁸⁰. Esta nossa recusa em a ver sob um prisma mais conservador baseia-se na análise que fazemos a essas obras e às que, sobre os mesmos temas, circulavam à época em que aquelas foram escritas. Não podemos esquecer que, em Portugal, ao contrário do que se passou noutros países, “(...)“(...) o movimento a favor da emancipação da mulher (...) entendido exactamente como tomada de consciência do valor da pessoa, como definição do seu papel na sociedade e como contestação e revisão de preconceitos e limitações até aí impostos à mulher é um movimento que progressivamente toma corpo (...) num país em que nem lutas sufragistas, típicas de outras culturas (...) nem movimentos radicais pelos direitos das mulheres jamais se tinham, feito sentir, de forma organizada(...). O movimento feminista em Portugal é sempre um movimento moderado, nunca, declaradamente subversivo, nem violento, mais atento à satisfação das suas reivindicações pela força da persuasão, do direito do educação que pela força dos gritos e das manifestações (...)” (Silva, Regina 2002. p.10). Maria Lúcia Vassalo Namorado faz parte do grupo de mulheres que, individualmente ou em organizações feministas, perceberam que a situação de inferioridade da mulher “(...) quer legal, quer social, quer ainda cultural, e perante a necessidade de a alterar, nomeadamente através, de um processo de educação e de valorização a empreender urgentemente. Todas insistem neste aspecto, radicais e conservadoras, feministas confessas e não feministas declaradas. Caiël, pseudónimo de Alice Pestana, é uma das precursoras radicais(...) Maria Amália Vaz de Carvalho a grande escritora, é uma não feminista consciente da carência e da pobreza cultural das mulheres(...)” (Silva, 2002. p. 11). Como ela, é

⁵⁸⁰ Nos dois volumes publicados são feitas as biografias de artistas (Maria Augusta Bordalo Pinheiro, Maria Amália Vaz de Carvalho, Ofélia Marques, Sara Afonso, Maria Keil, Maria João Pires), escritoras (Manuela Porto, Florbela Espanca, Irene Lisboa, Fernanda de Castro) no volume 1 e das lutadoras (Elina Guimarães, Ana de Castro Osório, Adelaide Cabete, Carolina Beatriz Angelo, Maria Lamas, Catarina Eufemia), políticas (Rainha D. Amélia) e vedetas (Corina Freire, Maria Matos, Amélia Rey Colaço, Maria Lalande, Eunice Munoz, Cármen Dolores). Na biografia que escreve sobre Manuela Porto (p. 76-78), em jeito de censura para explicar como o ambiente era asfixiante, cita o texto de Maria Lúcia (1944) - A Mulher dona de casa: “(...)Nas suas páginas, escreviam-se frases tão significativas como estas: «Aprende a cozinhar, a coser e engomar, a arrumar os quartos, etc. O trabalho da casa é tão variado e divertido! Quem não gosta de fazer aqueles bolos e pitéus que é duma pessoa chorar por mais?» Até que ponto Manuela Porto sentiu esta mentalidade — que era a dominante, não nos iludamos — sugerir-lhe que se portasse bem— podemos avaliar (...)” (Martins, 1999. p. 77).

precisamente neste aspecto que vai insistir Maria Lúcia Vassalo Namorado ao longo de toda a sua vida, sem nunca desistir, independentemente das circunstâncias mais ou menos favoráveis ou adversas da sua vida. Como Maria Amália Vaz de Carvalho também a directora de *Os Nossos Filhos* faz sua a reivindicação do direito das mulheres á educação e reconhece a importância da sua valorização cultural e da sua afirmação profissional. Se ser feminista é exigir “(...)o direito de voto como manifestação privilegiada da participação cívica e política (...) a independência económica e consequente autonomia psicológica e afectiva da mulher e a educação das mulheres (...)”(Silva, Regina. 2002. p.43), não temos qualquer pejo em afirmar que Maria Lúcia Vassalo Namorado o era: veja-se o que deixámos escrito sobre a sua participação na discussão sobre o direito de voto das mulheres e o que escreveu sobre a profissionalização e sobre a educação das mulheres.

Estas três reivindicações estão *sempre* presentes na obra de Maria Lúcia Vassalo Namorado e delas faz um programa de luta militante quer seja nos seus livros quer em *Os Nossos Filhos* ou até nas obras para crianças. Podemos entender que haja quem reconheça na directora da revista uma mulher conservadora no que dizia respeito à forma como aconselhava as outras mulheres sobre os deveres de esposa e mãe. Porém, depois de termos analisado muitos textos de outras autoras contemporâneas e identificadas como membros do mesmo grupo social, não nos repugna afirmar que, também essas mulheres, sob o ponto de vista dos direitos e deveres femininos no casamento, não se afastavam muito das concepções que a directora de *Os Nossos Filhos* revela nos livros que escreve sobre educação feminina.

Naquele período era ainda muito forte a representação da mulher que defendia, no relacionamento quotidiano entre os sexos, uma dupla perspectiva de relacionamento entre eles: por um lado, no mundo exterior, o homem ganhava o sustento da família; por outro, no interior, a mulher casada deveria velar pelo bem estar dos seus, sobretudo pelo sossego e pelo descanso do marido. Este ponto de vista sobre as relações entre o casal está presente também em *Os Nossos Filhos* mas, sobretudo depois de meados dos anos 40, vai entrando em conflito com a representação da mulher que trabalha para manter a sua independência económica mas...ao mesmo tempo não descarta os deveres de esposa e mãe. Muitas mulheres que trabalham fazem-no para complemento do salário familiar mas muitas outras passam nas páginas da revista para quem não é esse o caso: trabalham para terem também a sua independência. Outras vezes, como vimos até nos pequenos anúncios gratuitos, há mulheres e raparigas que trabalham por necessidade

imprevista, por exemplo, por viuvez, por terem ficado órfãs ou por não terem casado. Se em *Os Nossos Filhos* a questão do trabalho feminino se assume como uma forma de independência económica, como se conclui das entrevistas a “mulheres que trabalham”, outras vezes, sobretudo nos conselhos da *Avòzinha*, perpassa ainda a ideia de que o trabalho pode prejudicar a moralidade e a organização familiar e levar ao desfazer do lar.

A situação e a representação que das mulheres tinha a oposição mais militante de então, como o prova Ana Barradas (2004), não diferia muito das que temos vindo a enunciar. Ainda hoje, a situação das mulheres, para só referir as que se concentram numa área a que se chama Ocidente, está longe de ter resolvido todas estas contradições permanentes. Se a prática já mudou em muitos países é certo também que, em muitos outros e no quotidiano feminino deparamos ainda com flagrantes contradições entre um estatuto que se deve ter e aquele que se tem. Não esqueçamos que, no período em causa, embora várias reuniões internacionais tivessem sido realizadas, como a de Copenhaga em 1958, as grandes conferências da ONU sobre as mulheres ainda estavam para vir, por exemplo, “(...) as de 1975, 1980 e 1985, respectivamente em México, Copenhaga e Nairobi e que a Conferência mais recente, a de Pequim, em 1995 e outras promovidas por outras instituições internacionais (...)” (Thébaud. 1992. p. 21) nem sempre conseguiram atingir os objectivos propostos. Mesmo para o *Conselho da Europa*, “(...) tradicionalmente defensor dos direitos civis e políticos (...)” as questões das mulheres só tiveram mais visibilidade após 1980, aquando da discussão do conceito de “democracia paritária” /sendo que/ o princípio da igualdade entre os sexos só foi inscrito no Tratado de Amsterdão em 1997 (...)” (Thébaud. 1992. p. 22).

Esta aparente contradição que existe em *Os Nossos Filhos* sobre a forma de encarar a mulher mais se pode compreender se se tiver em conta que “(...)a ideia de que a diferença biológica entre os sexos implica diferenças psicológicas entre os géneros foi considerada, durante muito tempo, uma evidência, mesmo nas ciências sociais e por autores tão importantes como Durkheim ou Freud (...)” (Doise. In Amâncio. 1994. p. 9). Se às vezes Maria Lúcia Vassalo Namorado defende uma e, outras vezes uma outra destas representações sobre a mulher, várias são as explicações possíveis para isso mas, de forma muito empírica, apenas arriscamos três: por um lado, a sua experiência juvenil mostrou-lhe que, mesmo em casa de um republicano militante e maçom, o papel da mãe era apagado e fora possível, sem ruptura familiar, o pai ter dois filhos fora do casamento, mais novos do que ela. A frequência de um liceu feminino com as

características que foi ganhando aquele onde ela andou⁵⁸¹ poderiam também reforçar, ao mesmo tempo que contribuía para pôr em causa, essa imagem sobre o papel feminino. Finalmente, “(...) a mesma pessoa, como mostra a psicologia social, pode assumir identidades diversas, de acordo com as relações sociais em que está inserida (...)” (Doise. In Amâncio. 1994. p. 11). Esta é talvez a explicação mais adequada uma vez que, quer ao escrever em *Modas & Bordados* quer em *Os Nossos Filhos* havia um público feminino a formar mas também ele convicto em relação a muitos destes temas.

No que diz respeito á insistência com que Maria Lúcia Vassalo Namorado refere a necessidade de cursos de curta duração para as raparigas, como vimos, a mesma posição era assumida por Carolina Michaëlis de Vasconcelos logo no início do séc. XX. Apesar de existirem também advogadas (Branca A Ferreira e Pena⁵⁸² ou Elina Guimarães e Isabel Magalhães Colaço), médicas (Maria Luísa Van Zeller, Maria Teresa Paulo Rego, Cesina Bermudes), professoras do ensino técnico (Matilde Rosa Araújo) e liceal (Virgínia Gersão) em *Os Nossos Filhos*, ou seja, profissões que exigiam muitos mais anos de estudo do que professoras primárias, enfermeiras ou assistentes sociais, e se apresentam como profissões menos úteis socialmente para a mulher, no futuro, também a revista constata a diferença entre os sexos na construção do futuro profissional. Ela não desapareceu ainda uma vez que, essa “(...) diferença aparece claramente num inquérito sobre a escolha do curso, realizado junto da totalidade dos alunos do propedêutico em 78/79 (...) (Pinto, 1987) e onde se verificou uma preferência das raparigas pelos cursos de Letras e Medicina, nas suas intenções de candidatura, escolhas estas que eram orientadas por critérios de utilidade social da profissão futura, enquanto que para os rapazes os critérios mais importantes para a escolha do curso eram o salário e a criatividade. (...)” (Amâncio. 1994. p. 15).

A revista consegue assim construir e arroga-se, como também já expressámos nesta conclusão, um ‘poder ideológico’ entendido como “(...) o que se vale da posse de determinadas formas de saber, doutrinas, conhecimentos e até apenas informações, ou mesmo códigos de conduta, para exercer uma influência sobre o comportamento de outrem e induzir os membros do grupo a realizar, ou não realizar, uma acção (...). Por meio dos conhecimentos de que dispõem, dos valores que apregoam e inculcam, se

⁵⁸¹ Mantidas e até reforçadas ao longo do Estado Novo como verificámos aquando ali permanecemos também os sete anos da nossa escolaridade liceal, em período bem posterior ao dela.

⁵⁸² Carta de 14 de Abr. 1953 em que, licenciada dois anos antes, vinha propor colaboração á revista; mãe seria assinante desde o primeiro número e ela lia revista desde os 13 anos (Caixa 21. Maço 2).

cumpra o processo de socialização, do qual cada grupo precisa para poder estar unido(...)" (Bobbio, 236 In Ó, 1999. p. 31).

Ao mencionarmos a constante preocupação com a ignorância das mães em muitos assuntos concretamente os de pediatria, de educação infantil ou outros não podemos esquecer que, ainda hoje, eles estão presentes no discurso que, sobre as mulheres que trabalham, muitas vezes é produzido⁵⁸³.

Uma das grandes lutas de Maria Lúcia Vassalo Namorado passa pelo combate ao que ela designa de *ignorância feminina* que ela considera "(...)a base reconhecida confessa de todos os males pior que a ausência de direitos cívicos ou políticos, pior que a dependência económica, é a ignorância total da mulher, a total inércia, intelectual e a total dependência que daí resulta. A par do analfabetismo literal das classes inferiores e, por vezes, não apenas destas, refere-se o analfabetismo cultural e intelectual das classes superiores, resultado de uma educação errada e deformadora que, desde a infância é ministrada à mulher (...) (Silva, 2002. p.58). É precisamente contra esta ignorância que Maria Lúcia Vassalo Namorado vai usar a revista *Os Nossos Filhos* assim como todos os textos que escreve antes e depois de ter dirigido a revista.

Tal combate sem tréguas pode integrar-se na linha das propostas que, muito antes dela, outras feministas haviam já traçado. Uma delas, Carolina Michaelis de Vasconcelos⁵⁸⁴ havia explicitado o problema ainda antes de Maria Lúcia Vassalo Namorado nascer, quando escrevera: "(...)O caminho está pois nitidamente traçado: fundar escolas, libertar as futuras gerações femininas da ignorância e da superstição, de preconceitos mesquinhos e de prevenções dogmáticamente incutidas, pregar-lhes o evangelho do trabalho. Urge, acima de tudo, desenvolver as tendências nativas das futuras esposas e mães, por meio da educação intelectual, moral e física apropriadas, e pela instrução doméstica, científica ou artística. Em segundo lugar importa utilizar as actividades que espontaneamente forem surgindo facultando-lhes a indispensável independência material no exercício das profissões de mais pronto acesso: tais como professoras, médicas, parteiras, aias, enfermeiras. (...)”(Vasconcelos. 1902. cit. In Silva, Regina. 2002. p.59).

⁵⁸³ Ainda hoje se escreve contra os mitos das amigas e avós como se vê em Secção Pediatria, no *Diário de Notícias: Notícias magazine: Pediatria*, de 25 de Setembro 2005, em artigo de Ana Celeste Mendes – *A verdade e os mitos*. P. 50-56.

⁵⁸⁴ Em texto publicado em 18 de Setembro de 1902, no artigo *O Movimento feminista em Portugal*, publicado em *O Primeiro de Janeiro*, entre 11-16 e 18 do dito mês.

Uma outra mulher muito preocupada com a educação feminina, Maria Amália Vaz de Carvalho que grande influência terá na formação de Maria Lúcia Vassalo Namorado, defende também “(...) a educação que valorize as suas qualidades e faculdades, mas que não a desvie do seu tradicional papel social: o de esposa, mãe, dona de casa e educadora(...)”(Silva, 2002. p.65).

Quanto à representação que Maria Lúcia Vassalo Namorado tem do papel social da mulher, ela deve ser vista sob um tríptico aspecto: por um lado, aceita a concepção da mulher complemento do homem “(...)uma visão relativamente conservadora, assente no pressuposto das diferenças bio-psicológicas, originando aptidões femininas específicas, aliás valorizadas (...), /vista/ como gestora da economia familiar e mãe- educadora e a mediadora social (...). Transmitida através do ensinamento burguês, a estratégia da economia doméstica, não funcionava, apenas, como um factor de ordem e de justiça social. Correspondia, igualmente, a um desejo de moralização e dignificação da mulher, nas famílias humildes (...)” (Rosa, 1999. p. 46). Tal como acontecera com muitos políticos republicanos, entre os quais destacamos Bernardino Machado, “(...) o papel da dona de casa reveste-se (...) de um tríptico significado económico, ético e estético (...)” que Maria Lúcia Vassalo Namorado bem menciona nos textos em que discorre sobre o tema. Por tal razão, também ela vê certas profissões como preferencialmente femininas, aquelas que já Carolina M. de Vasconcelos apresentara no texto acima referido.

Um outro aspecto que impregna os textos da directora de *Os Nossos Filhos* é a reflexão sobre um outro ponto dessa representação social, a saber, deve a mulher ser educada para o lar ou para desempenhar uma profissão e ter uma vida profissional activa?

Por vezes, ao responder a esta questão, Maria Lúcia Vassalo Namorado pretende conciliar o impossível, apenas “(...) explicáveis numa óptica classista: a concepção burguesa do angelismo feminino e a da mulher laboriosa. Por um lado, continua a conceber a mulher sob o tríptico aspecto da esposa, filha e mãe, enaltecendo as suas elevadas qualidades afectivas e salientando a profunda influência moral que ela exercia na sociedade como o “anjo bom do lar, a doce companheira do homem, e a primeira criadora de todos nós”. Mas, por outro, condenava o afastamento a mulher do exercício de muitas profissões (onde poderia prestar grandes serviços) e a deficiência da instrução que lhe era ministrada (...)” (Rosa, 1999. p. 47).

Na revista e nos textos que foi publicando sobre educação das mulheres, sobretudo em entrevistas que faz a algumas que trabalham, como vemos nesta investigação, também se defende uma terceira possibilidade: a da relativa facilidade com que se podem

conciliar as tarefas do lar e as da profissão. Quando se coloca neste última perspectiva, ela é sem dúvida alguma, uma defensora da ampla participação da mulher em todas as esferas da vida pública.

Ao identificarmos fins, objectivos e meios da proposta educativa que Maria Lúcia Vassalo Namorado defende para as mulheres, não podemos deixar de aludir a um aspecto menos abordado da questão: a que mulheres se dirige a sua proposta de formação? Sem dúvida que às mulheres burguesas em posição de inferioridade em relação ao homem do mesmo grupo social mas em relação de superioridade (dentro da inferioridade que as separava) da mulher das classes populares. A sociedade burguesa que tanto defendia a família colocava em patamar de inferioridade a mulher burguesa casada, que vai ser alvo dos mais sarcásticos e sérios comentários em *Os Nossos Filhos*, produzidos por Elna Guimarães sempre que analisa a legislação que, em relação aos direitos sobre os filhos, não reconhece á mulher casada aqueles que concede, por exemplo, à mãe solteira. A mulher no Estado Novo, ao mesmo tempo que tem dificuldades no acesso ao voto (como o tivera na 1ª República e como o provou Carolina Beatriz Ângelo) e na participação na vida política activa é investida dos maiores poderes quando está em causa a definição do papel simbólico de mãe e de educadora privilegiada dos filhos.

A mulher burguesa que não precisa de trabalhar para garantir a sua sobrevivência e a dos seus, fica em situação de superioridade em relação àquela que tem de ajudar o marido, trabalhando dentro ou mesmo fora de casa. Esta última, por sua vez, se se iguala à que trabalha fora do lar, ao contrário da mulher do povo, tem a vida facilitada com o apoio que, apesar de tudo, recebe das criadas. É àquele grupo misto a quem a revista se dirige. Maria Lúcia Vassalo Namorado quer que *Os Nossos Filhos* seja o elo de união entre estes diversos grupos de mulheres como se depreende das palavras que diz transcrever de uma carta de Noemy de Carvalho Ferreira Costa, do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* de Coimbra, que diz que a revista :“(...) sendo uma publicação com características próprias, diferenciada de todas as outras, estabelece uma corrente de simpatia e compreensão entre quantos a lêem, não é verdade? Formamos todos, assim como que uma só família, muito unida por este sentimento carinhoso, por este interesse constante que a Criança merece(...)”(ONF, Maio 1952).

Sob o ponto de vista de uma apreciação mais pormenorizada do conteúdo da proposta de educação das mães e das crianças contida em *Os Nossos Filhos* há que alertar para o facto de que ela tem forte incidência na educação doméstica. A educação

das mães deveria integrar diversos conhecimentos teóricos e práticos de forma a que elas ficassem aptas a desenvolver as faculdades psíquicas, intelectuais e morais das crianças.

Sobre questões mais específicas como a coeducação não há dúvida que, da leitura dos textos de publireportagens sobre diversos colégios particulares, se conclui que Maria Lúcia Vassalo Namorado a defendia o mais possível, ao contrário do que exigia a legislação então em vigor e a condenação que dela fora feita por Pio XI na Encíclica *Divini Illius Magistri* de 21 de Dezembro 1931.

Nas páginas da revista também passam alguns dos temas mais candentes das (possíveis) polémicas pedagógicas de então como o da *Escola única*, da *Escola para todos* e da *Escola tradicional* versus *Escola activa*. Aquela primeira “(...)representa em geral (e abstraindo-nos das interpretações diversas de que é alvo) uma forma de organização da escola de modo a que ela seja acessível a todos os seus membros em igualdade de condições, segundo as suas aptidões e competências e não segundo a sua situação económica e social (...) implica a unificação do sistema de ensino até uma idade considerada adequada para o aparecimento de quaisquer especializações, designadamente as natureza profissional(...) e os corolários (...) são a gratuidade(...) , uma selecção assente nos méritos pessoais, o apoio aos alunos capazes mas sem condições económicas e um sistema de orientação vocacional(...)/ou seja,/Uma concepção que se enquadra, claramente, naquilo que hoje designamos como perspectivas meritocráticas (...)” (Pintassilgo e Mogarro, 2003. p.55).

Não há dúvida de que passa também nas páginas de *Os Nossos Filhos* a “(...) defesa da democratização do ensino e de uma *escola para todos*. Podemos, aqui, recordar os nomes de António Sérgio, Bento de Jesus Caraça, Delfim Santos, Agostinho da Silva, Maria Amália Borges Medeiros, João dos Santos e Sérgio Niza, entre outros, para além de Émile Planchard e Rui Grácio(...)” (Pintassilgo e Mogarro, 2003. p.57). Da(os) pedagoga(os) citada(os), só Bento de Jesus Caraça e Sérgio Niza não têm, por razões diferentes, participação em *Os Nossos Filhos* ou no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*. Esta defesa da *escola para todos* passa, na revista, pela afirmação da necessidade de todas as crianças terem acesso também á escola infantil. Tal como Émile Planchard, em *Os Nossos Filhos* reflecte-se bastante sobre a injustiça de um sistema bifurcado que, após a escolaridade primária, obrigava as crianças a uma escolha definitiva: a opção entre o liceu e a escola técnica.

De outros debates como o da *recuperação e reintegração de deficientes*, o da *educação estética* e o da *educação artística* também demos conta ao longo do trabalho e pudemos mostrar como é nestas áreas mais dinâmicas que Maria Lúcia Vassalo Namorado vai continuar a investir, como vimos, após a suspensão de *Os Nossos Filhos*. Sendo ela defensora da “(...) ideologia do re – reabilitação, reeducação, reinserção(...)” (Nóvoa, In Candeias, 2004. p. 14), faz todo o sentido a defesa que promove de instituições como a *Associação de Surdos*, como a *Liga dos Deficientes Motores* de que era a sócia n.º 6, assim como a da recuperação e reintegração de cegos, que foi fazer na *Fundação Sain*, ou da ideia de uma *Liga Portuguesa de Protecção á Infância* que defende nos anos 50 ou o apoio dado á criação do *Instituto de Apoio à Criança* já no pós- 25 de Abril de 1974. Estes são aspectos importantes da sua actuação em defesa destas áreas ainda hoje pobres, do sistema escolar nacional. A iniciativa *Portugal vista pelas suas crianças* pode ser encarada também como um meio a que a directora da revista lançou mão para provar como era possível a *educação estética e artística para todos*.

Fazendo um último esforço para sintetizar o que, do ponto de vista educativo, *Os Nossos Filhos* nos deixa, não há dúvida de que ela oferece uma proposta educativa não formal das mulheres e das crianças em que, como fundamento para a sua apresentação encontramos a necessidade de ultrapassar a situação de ignorância da maioria da população feminina. Se bem que o primeiro objectivo da revista tenha sido o de dar a Maria Lúcia Vassalo Namorado uma forma ajudar a sua sobrevivência económica, do ponto de vista da teleologia educativa, ou seja, dos *objectivos e fins* a atingir, *Os Nossos Filhos* pretende ser a revista feminina para ensinar as mães a sê-lo de forma a melhor poderem educar os filhos. Para alcançar tal objectivo, a sua directora irá usar, como *meios*, os livros que escreve, as palestras que promove no *Rádio Clube Português*, a *Escola de Noivas e Donas de Casa* e, sobretudo, a revista *Os Nossos Filhos*.

Maria de Lúcia Vassalo Namorado não pode considerar-se uma pedagoga porque nunca escreveu nenhum tratado nessa área nem tinha grandes conhecimentos de técnicas, de métodos educativos ou de teorias sobre educação. Ela é uma pedagoga, ou seja, alguém que divulga o que outros escrevem sobre temas pedagógicos. Apesar disso, não deixa de ser uma educadora com capacidades específicas, como a si mesmo se vê, para ensinar, orientar e ajudar outras mães na tarefa educativa. Muito frequentemente insiste nesta vertente prática do seu conhecimento educativo, apresentando tudo de forma simples, como fazem os pais que têm filhos e que sabem, da sua experiência, como agir.

Mais ainda do que uma pedagoga pensamos que Maria Lúcia Vassalo Namorado foi, como ela sempre também se considerou, uma jornalista, ou seja, ”(...) aquele sujeito que não sabe – só sabe encontrar as pessoas que sabem(...)”⁵⁸⁵.

Como processos sócioeducativos ela defendia a educação pelo exemplo, considerava a criança um ser em constante formação e evolução, e a autonomia, a educação do carácter assim como a moral deveriam ser os valores orientadoras da prática educativa.

A proposta que aqui nos apresenta engloba inúmeras referências aos factores educativos, aos meios e aos fins a atingir, sendo que o da erradicação da ignorância é o mais importante e mais frequentemente citado. Sobre a forma como deve ser tratada e orientada a criança assim como sobre as características que definem um(a) bom(a) educador(a) ou sobre a forma como o meio envolvente interage com a crianças, seja ele o ambiente natural ou a família, há inúmeros textos teóricos em *Os Nossos Filhos*.

O sistema de valores que se identifica na revista está ligado ao conjunto de princípios educativos que defende e que visam a autonomia e a formação pessoal e social da criança a educar. Sublinha-se a importância da educação corporal enquanto higiénica e profiláctica, da educação física, enquanto recreativa e desportiva, da educação do carácter e da vontade e da educação moral mas não religiosa. Esta proposta não assenta, porém, como dissemos, em pressupostos católicos se bem que se reja pelos padrões ético-morais da fraternidade, da igualdade e do respeito pelo ser humano em geral.

A importância que aqui é dada à educação pré-escolar e primária, assim como a orientação profissional visa a criação de uma sociedade mais justa e mais culta, em que os valores republicanos do trabalho são também exaltados, assim como a defesa constante dos direitos humanos, na sua vertente dos direitos da criança.

A defesa de princípios como o de, em casa na escola, se desenvolverem todas as capacidades das crianças através da descoberta das motivações naturais de cada uma, leva a que se defendam, como escolas, aquelas em que a criança se sente bem, em que há alegria de viver e em que se promove o contacto com a natureza, se aprenda sem métodos repressivos e retrógrados de disciplina. Neste contexto seria impensável a adopção de castigos corporais. Eles são substituídos, como mostra Ferreira de Mira, por simples chamadas de atenção à criança prevaricadora que às vezes só o é porque em casa assim se actua também.

⁵⁸⁵ VENTURA, Zuenir (2005) – *Inveja: mal secreto*. Lisboa: Palavra. P. 31.

A criança, em casa ou na escola, também deve ser educada para a liberdade, para a responsabilidade, para saber estar em sociedade, para saber aprender e ser útil aos outros. Como valores a desenvolver, as mães e as educadoras deveriam ser capazes de orientar as crianças no sentido da verdade, da beleza, como refere Maria da Luz de Deus Ponces de Carvalho e ainda para a amizade, a disciplina, a honestidade e a tolerância.

A educação do carácter, em que os textos de Fernanda Tasso de Figueiredo, de Serras e Silva, de José Francisco Rodrigues, de Adriana Rodrigues e de Maria Lúcia Vassalo Namorado são os mais emblemáticos, deveria ser sempre ligada, como vimos, à educação moral mas, mais uma vez, não obrigatoriamente religiosa e muito menos católica.

Um dos processos que as mães deveriam saber usar sempre mas, sobretudo com as(os) adolescentes e as filhas namoradeiras seria o diálogo e a criação de ambientes favoráveis ao bom contacto entre pais e filhos. Neste sentido há um exemplo paradigmático: o livro *Joaninha quer casar* ou as diversas propostas que são feitas para que as mães/pais aproveitem as férias para promover esse diálogo com as(os) filhas(os).

Um outro factor decisivo para se obter êxito na tarefa (árdua) de educar mães e crianças seria o papel atribuído à vontade na educação, como o faz D. Manuel Trindade Salgueiro cuja obra homónima é tão citada na revista. Só ela ajuda a que não se desista perante as dificuldades da vida, a que se aprenda a tomar as decisões certas e a ser-se um ser autónomo.

Nesta proposta de educação não-formal dá-se imensa importância à possibilidade que as senhoras têm de aprenderem umas com as outras, ou seja, em que não se distingue quem ensina de quem aprende pois as primeiras têm sempre algo para ensinar às segundas e vice-versa. Nesta 'escola' de mães, como vimos, a directora da revista apresenta-se a si e às(aos) suas(seus) colaboradoras(es) como alguém um pouco 'acima' desse grupo mas que o apoia e que lhes dá a revista para que, nela, se dê o encontro necessário à aprendizagem, à troca entre quem vive tão longe umas das outras. Desta forma, as mães aprendiam aqui a perceber que cuidados emocionais e funcionais⁵⁸⁶ elas precisavam de prestar aos filhos.

Ao analisar a proposta de educação não-formal das mulheres contida na obra de Maria Lúcia Vassalo Namorado, sobretudo na revista *Os Nossos Filhos* pensamos ter contribuído para ajudar a calar o silêncio que, em educação e noutras áreas, se tem

⁵⁸⁶ Susie Orbach, em entrevista à revista *Visão* de 27 de Janeiro 2005. p. 17-19.

abatido sobre a vida e obra de muitas mulheres, um “(...) silêncio no espaço público, nos vestígios e nos relatos(...)” (Perrot, 21 Maio 2003). Esta ideia/prática de que as mulheres podem ser também objecto de investigação toma cada vez mais adeptas(os) porque, só com esses estudos se pode considerar a importância da “(...) História decididamente relacional que interroga toda a sociedade e que é, na mesma medida, história dos homens(...)” (Duby e Perrot, p.7). Muitos desses estudos permitem começar a compreender porque razão sendo elas em maior número, por exemplo, no sistema formal de ensino e no ensino superior, não o são ainda nos postos de decisão política, como defendia Maria Lúcia Vassalo Namorado. Hoje, como então, a proclamada igualdade de direitos entre os sexos é mais teórica do que real pois que, se muito se mudou em geral, muito falta ainda mudar nas práticas do quotidiano. Os problemas da violência doméstica que encontramos no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*, assim como as questões ligadas á falta de apoio á mulher trabalhadora e que tem uma deficitária rede pública de creches e jardins de infância, com horários desadequados ás suas necessidades, a fraca representação partidária das mulheres, a maior desmobilização social das mulheres e muitos outros problemas que poderíamos apontar, então como agora, ainda não foram vistos de forma objectiva e militante. Se os anos 40 e 50 do século passado e mesmo antes, a preocupação com a masculinização da mulher que estudasse ou trabalhasse poderia ser vista como um problema a discutir ele não se coloca dessa forma actualmente. Porém, se essa representação foi banida outras ficaram sem resposta: referimo-nos, por exemplo, aos casos das mulheres que, como Maria Lúcia Vassalo Namorado saem dos espaços tradicionais da feminilidade para ocupar os dos homens, sendo directoras de jornais, motoristas de autocarros, palhaças mas que não conseguem ultrapassar os preconceitos ainda existentes sobre aqueles homens que saem dos espaços de masculinidade para ocupar os delas. Veja-se o caso das educadoras de infância⁵⁸⁷, das bailarinas ou outras em que a entrada dos homens nesse campo profissional está eivada dos mais elementares e retrógrados preconceitos de género. Uma outra questão que nos falta colocar prende-se com a análise sob a perspectiva de *género* que permite ver que as mulheres não são um grupo homogéneo: têm classes e origens étnicas diversas, entre outras. Também aqui a investigação poderia ter avançado nesse sentido mas não foi feito por falta de tempo e de gestão do conteúdo do trabalho.

⁵⁸⁷ A *Porto Editora* tem um conjunto de agendas profissionais para professoras(es). Como todas designam as profissões pela sua nomeação masculina também a das educadoras de infância, embora maioritariamente feminina, tem uma agenda para “Educador de Infância”!

Ao fazer este texto, defendemos ainda que a história das mulheres não pode ser uma história separada da dos homens. Ela tem de ser relacional, não pode ser isolada, não se pode fazer a história delas como se se quisesse tirar ideia de que são vítimas e isolá-las, em termos biográficos, como se faz para a história no masculino.

A revista *Os Nossos Filhos* também analisa algumas das relações de poder entre/das mulheres: ali se referenciam questões como a da relação entre o marido e a mulher, entre esta e os filhos, entre sogras e noras e ainda entre madrastas e enteadas(os).

Muitas questões são ainda passíveis de estudo a partir deste *Espólio*: sobre a educação e concepções de educação ainda por fazer – o que pensavam estas mulheres, era mais o eu as igualava ou o que as distinguiu mesmo entre as do sistema e as de fora do sistema? A leitura e análise das obras doutrinadoras e a sua comparação é outra possível continuação deste trabalho. Este é apenas um primeiro esboço para reflexão e início de identificação de paradigmas educativos do século passado.

Hoje há ainda várias revistas para ensinar a mulher a ser mãe. Distantes no tempo e sem que a sociedade disso fale, a representação mais comum é a de que as mulheres devem ainda tomar conta dos filhos. A pergunta sobre “como conciliar vida pessoal e vida familiar” é hoje colocada como o era nestes recuados anos 40 e 50 do século passado. Em revistas muitas vezes vendedoras de sonhos e ilusões, há algumas pequenas secções dedicadas aos problemas educativos não com a persistência e variedade desta revista cujo objectivo era apenas esse...

Sob o ponto de vista de pequenos conselhos para a família aplicar na relação com a escola, saber o que fazer, como fazer, encontrámos com esta preocupação de ensinar, de orientar correctamente apenas, na actualidade, uma publicação anual - *Calendário Família-Escola para o ensino básico*⁵⁸⁸ – da responsabilidade da Fundação *Pro Dignitate: Fundação de Direitos Humanos*, presidida por Maria Barroso que muito encontrámos nas páginas desta revista. É de sua autoria o *Editorial* do primeiro número

⁵⁸⁸ O *Calendário Família-Escola para o ensino básico* é uma publicação anual, iniciada em 1998-99, da responsabilidade da Fundação *Pro Dignitate: Fundação de Direitos Humanos*, de distribuição gratuita, com cerca de 32 a 34 páginas, do mesmo formato da revista *Os Nossos Filhos* mas, ao baixo, com conselhos que vão dos jogos a realizar, às leituras recomendadas, a artigos sobre problemas de comportamento das crianças, entre muitos outros. Esta publicação foi uma ideia original da *Ouders & Co: Associação de Pais cristãos da Holanda* que a havia realizado, em português, para apoio a emigrantes de Cabo Verde naquele país. Em Portugal é apoiada por diversas instituições sendo (no número de 2003-2004, o último publicado até Fevereiro 2005) a composição gratuita da Gráfilis, a impressão também gratuita da Lisgráfica, o papel oferecido pela Soporcel e com o apoio do Ministério da Educação. Um exemplar de cada um dos números saídos até Fevereiro 2005 está no Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado - Doação Ana Maria Pessoa. Foi através de Maria João Paiva Boléo e de Maria Jesus Barroso que tivemos acesso a estas brochuras.

do Calendário, datado de 1998-1999 em que se assume que a publicação pretende: “(...) ser uma espécie de guia para os pais, sugerindo-lhes idéias e acções que podem enriquecer o seu relacionamento com os filhos ao longo do ano escolar e em complementaridade com a escola(...) a indicação de leituras, segundo as idades, parece-me ser também um dos pontos importantes deste calendário. Alguns pais não estão a par do que se publica especialmente para crianças e jovens ou- *por falta de preparação cultural*⁵⁸⁹- desconhecem as leituras adequadas a cada nível etário.(...)” (Barroso, Maria de Jesus. 1998. p. 2) Como se vê, ainda hoje a falta de preparação dos pais é referida e a necessidade de os ajudar também...O filho mais velho de Maria Lúcia Vassalo Namorado Silva Rosa, membro do *Conselho Fiscal* da referida Fundação, terá mesmo dito, quando tomou contacto com o Calendário: “(...) Faz-me lembrar a revista de minha mãe(...)” (citado por Maria João Paiva Boléo, em Fev. 2005 durante entrevista a Maria Barroso).

Finalmente, neste trabalho não nos foi possível analisar os conteúdos da *Escola de Noivas e Donas de Casa* na sua totalidade. Essa investigação merece, por si, um trabalho autónomo, passível de ser realizado pois que dela guarda o *Espólio* um conjunto enorme de documentos, incluindo os textos, exercícios e conteúdos de cada uma das lições, quer presenciais quer por correspondência ali ministrados. Produzir uma monografia sobre esta iniciativa da directora da revista *Os Nossos Filhos* é assim uma das nossas apostas a breve prazo.

Mas quem foi, afinal, Maria Lúcia Vassalo Namorado? Usando apenas as apreciações (subjectivas, por certo) daquelas(es) que a conheceram e que com ela privaram, por razões profissionais e pessoais, fica-nos o seguinte perfil:

“(...) Sempre preocupada com correcção das relações sociais (...) Certo conservadorismo face à noção de família (...). Consistência da família era para ela fundamental apesar da que ela teve (...)”	Entrevista a Rui Rosa. 22 Fev. 2002
“(...) Com o seu ar muito brando aquilo que ela dizia era o que se fazia (...)”	Entrevista a Maria Cândida Caeiro. 22 Jan. 2004
“(...)educadora extraordinária, determinada, muito minuciosa Não gostava de dar nas vistas (...) teve uma vida de resistência passiva (...) muito determinada, firme e meiga, atenciosa (...)”	Entrevista a Maria Cândida Caeiro. 1 Mar. 2002
“(...)discreta e culta (...) muito exigente em relação à formação e carácter das pessoas (...) tal como Maria Lamas, era um pouco autoritária por temperamento mas sem o parecer; nunca abdicou da sua autoridade de matriarca (...) tinha um orgulho contido em relação ao que gostava dos filhos autoridade reconhecida e não imposta não gostava de ser contrariada (...) tinha o culto das histórias da família e contava muitas	Entrevista a Maria Teresa Carrusca. 4 Mar. 2002

⁵⁸⁹ Sublinhado nosso

Conclusões

histórias da avó Benedita de quem gostava muito (...) muito habilidosa em gerir equilíbrios (...)"	
"(...) gostava de contra histórias da família (...) era amorosa (...)"	Entrevista a Maria da Luz Namorado. 18 Jun. 2002
Viveu muito na sombra de outras pessoas (...) muito discreta, afectuosa(...) prima afastada mas teve uma grande influência sobre mim(...) Uma data de asneiras que não fiz foi por causa dela(...) habituei-me a senti-la perto(...) teria gostado de lhe chamar avó (...) Foi ela a pessoa que me deu mais afectos (...) dizia que a independência da mulher passa por estudar(...) frágil mas também autoritária quando tinha certezas(...) Viveu sempre na sombra de Maria Lamas (...) ela teve mais problemas económicos do que Maria Lamas	Entrevista a Alice Vieira. 16 Abr. 2004
"(...) nunca a vi falar em voz alta, exigente, ternurenta(...)"	António Carlos. 2 Mar. 2002
"(...) terna, de uma delicadeza nata. Muito modesta tinha uma vida modesta, do ponto de vista social (...) é tão difícil defini-la. Tenho para com ela uma gratidão imensa... ajudou-me a olhar o mundo e crescer por dentro(...) foi sempre uma figura materna muito importante para mim (...)"	Entrevista a Matilde Rosa Araújo. 9 Nov. 2001
"(...) respeito por ela fazia parte dum grupo contra o Estado Novo (...) muita energia, muita força de vontade; cheia de tenacidade; era aquilo que era, não era nada de brincadeiras (...)"	Entrevista a Maria Keil. 3 Mar. 2002
"(...) relação muito afectuosa, com enorme capacidade de trabalho (...) extremamente discreta, nunca se queixava (...) uma grande capacidade de contornar circunstâncias adversas; isenção e espírito crítico (...) modelo exemplar de mulher nas relações familiares e como profissional (...)"	Entrevista a Lucinda Atalaia. 11 Jun. 2002
"(...) tinha que ter tudo sobre a sua alçada, muito rígida (...) queria uma certa submissão das pessoas (...)"	Entrevista a Isidro Rodrigues. 19 Jun. 2002
"(...) tinha um enorme sentido do equilíbrio (...) não era extremista nem aventureira(...)"	Entrevista a Mário Castrim, 28 Fev. 2002
"(...) Era uma pessoa muito organizada, pontual, passava a papel químico todas as fichas que fazia (...) Muito serena, afectuosa era de uma independência feroz e queria bastar-se a si própria (...) lutou o que pôde para com mais idade, não ter empregada (...)"	Entrevista a Leonoreta Leitão. 18 Mar. 2004

Muitos e muitos outros testemunhos poderíamos convocar neste momento para ‘definir’ Maria Lúcia Vassalo Namorado mas, a subjectividade destes e doutros impedem-nos de o fazer. Se bem que tenhamos consciência de que estes depoimentos podem soar a elogios após desaparecimento da pessoa em causa, certo é que eles podem contribuir também, descontando esse olhar privado, para ordenar um conjunto de características neles contidos e, decerto, possíveis de não serem desprezados num trabalho como este. Usando também as entrevistas para apoio á caracterização da sua opção política é interessante reter ainda os dados que, do campo político em que se colocou mas também do ‘outro lado’, registar o que sobre Maria Lúcia Vassalo Namorado foi dito:

"(...) Era um bocadinho para a esquerda (...)"	Entrevista a Maria Teresa Alho. 9 Mar.
--	--

	2002
“(…)No verão quente de 1975 estive em férias na Parede comigo que tinha amigos e era a contra revolução (…) ela defendia os seus pontos de vista sem ser agressiva com o ponto de vista dos outros (…) Ainda chegou a pensar escrever como José Saramago (…) Não tinha sido filiada /no PCP/ porque o medo de poder ser delatora aterrava-a (…)”	Entrevista a Maria Teresa Carrusca. 4 Mar. 2002
“(…) Ela tinha tendências de esquerda (…)Respeitava as tendências políticas dos meios irmãos e do filho mais velho que não eram as dela (…)”	Entrevista a António Carlos. 2 Mar. 2002
“(…)Nestes regimes há sempre frestas que se podem ocupar (…) era uma Mulher cuja actividade a caracterizava declaradamente como sendo de esquerda (…)”	Entrevista a Lucinda Atalaia, 11 Jun. 2002
“(…) Para sobreviver as pessoas usavam uma certa máscara, antes do 25 de Abril (…)”	Entrevista a Isidro Rodrigues, 19 Jun. 2002
“(…) Ela esteve presente no funeral de Bento de Jesus Caraça (…) para poder agir tinha de disfarçar; escrever ali era poder disfarçar (…)circulava a ideia de que revista era de oposição, de referência (…)”	Entrevista a Maria Jesus Barroso Soares. 31 Jan. 2005
“(…) a revista era da oposição, sem dúvida(…)”	Entrevista a Maria Regina Silveira Sousa. 23 Abr. 2004
“(…) Muito afectiva, carinhosa, voz doce, queria apoiar os mais novos(…) falava pouco da vida pessoal (…) era sem dúvida uma mulher de esquerda (…)”	Entrevista a Maria Isabel Rodrigues Anjo. 29 Mar. 2004

Depois de três anos passados na companhia da vida e obra de Maria Lúcia Vassalo Namorado, como dissemos já na introdução a este trabalho, não conseguimos a isenção que esta figura feminina e um trabalho deste tipo mereciam. Temos certeza absoluta que não estamos sós, hoje como então. Por esse motivo acabamos transcrevendo a opinião que sobre ela foi expressa por dois dos seus mais incondicionais admiradores: António Emílio de Magalhães e *Mário Castrim*. O primeiro dirá: “(…) só estar muito ocupado e muito só explica o meu silêncio em relação aos seus triunfos (...). Aprecio-a com justiça (...) sei quanto vale e de quanto seria capaz se encontrasse quem decididamente lhe desse os meios com que pudesse traduzir em Obras sociais o que lhe vai na alma e no coração (...) a sua vida, minha Amiga, é verdadeiramente heróica. Apesar de todas as suas dificuldades, dos seus enganões e das suas torturas, a minha Amiga não esmorece, antes pelo contrário, multiplica as suas qualidades de lutadora. E é que há-de plenamente triunfar! Os Nossos Filhos são para nós todos um marco revelador da sua coragem, da sua enorme força de vontade, da sua persistência e das suas grandes qualidades de alma (...). Através de todas as

dificuldades, já conseguiu ser olhada, com admiração e respeito, por muitos dos que até aqui pareciam descrer da sua inteligência e esforço (...)” (Carta de 9 de Ago. 1958. Caixa 76. Maço 6).

Mário Castrim, em nome de *Lúcia Benedita*, pseudónimo que já não usava em 3 de Janeiro de 1989, pedindo desculpa por não a ter saudado pelo aniversário, dirá de Maria Lúcia Vassalo Namorado: “(...)Não é fácil dizer como te amo (...)se te chamo amiga e camarada (...)(...)” (Carta de *Lúcia Benedita*. Caixa 83. Maço 2). Dele é também o último poema que lhe foi dedicado em 24 de Fevereiro de 2000 (Caixas 71 e 77. Maço 1), ou seja, depois da morte da pedagoga ocorrida em 9 de Fevereiro de 2000, em Lisboa, a cidade onde sempre quisera viver.

8 Bibliografia final

Ao longo do texto deste trabalho fazemos as referências recorrendo ora a notas de rodapé ora a citações autor-data. As primeiras são utilizadas sempre que alguma informação adicional ao texto seja imprescindível ou o possa tornar mais claro. Quanto às segundas, usamos apenas o sistema de referência hoje em dia mais vulgarizado, ou seja, a uma citação retirada de um dado autor(a), seguir-se-á, entre parênteses curvos, a sua identificação apenas pela utilização do apelido e ano de publicação.

A bibliografia final está subdividida em dois grandes grupos: fontes primárias e fontes secundárias. No primeiro grupo incluímos as referências a documentos consultados em arquivos, espólios, as entrevistas, os documentos da autoria de Maria Lúcia Vassalo Namorado e as monografias ou documentos que, de outros autores, estão guardados no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado*. No segundo grupo, ou seja, as fontes secundárias, colocámos os textos em que temos referências à directora da revista *Os Nossos Filhos*, assim como as referências dos textos consultados sobre questões metodológicas, sobre comunicações apresentadas em eventos diversos e publicações periódicas e outras monografias gerais. No último subcapítulo colocamos os textos de dissertações e teses utilizadas.

Como critério de ordenação das referências bibliográficas usámos, dentro de cada subgrupo, a ordem alfabética dos apelidos dos autores ou dos títulos quando as obras são anónimas como aconselha a *Norma Portuguesa 405* que seguimos na elaboração das referências bibliográficas de todos os documentos usados.

8.1 Fontes primárias

8.1.2 Arquivos

8.1.2.1 .Arquivo Nacional de Imagens em Movimento – ANIM

A EXPOSIÇÃO Lisboa vista pelas suas crianças. In IMAGENS de Portugal, n.º 135. p/b; 1 min. e 18 seg. (min. 3.00 a 4.18) (Produção de Produtores Associados e

Sociedade Portuguesa de Actualidades Cinematográficas; Laboratórios Ulisseia Filmes; visionamento no Arquivo Nacional de Imagens em Movimento - ANIM, Chamboeira (Loures), em 23/9/2002)

RIBEIRO, António Lopes (real.)(1958) – “Lisboa vista pelas suas crianças” /filme da exposição/. Lisboa: Tobis Portuguesa. cor. 18 min.(Montagem e comentário de António Lopes Ribeiro; som de Shegundo Galarza; fotografia de Aquilino Mendes; subsidiado pelo Fundo de Cinema Nacional; distribuição Secretariado Nacional para a Informação; visionamento no Arquivo Nacional de Imagens em Movimento - ANIM, Chamboeira (Loures), em 23/9/2002)

8.1.2.2 Arquivo da Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho

Liceu Central de Garrett – Exames de passagem à 2ª Secção e 2º Ciclo: alunas externas: 2º Livro /manuscrito/

Liceu Central de Garrett – Livro de Matrícula: Processo 2555. /folha 121 e seguintes/

Liceu Central de Garrett – Livro de Termos de exames de saída do Curso Geral: alunas internas

Livro das Actas da Associação das Antigas Alunas e Amigas do Liceu de Maria Amália Vaz de Carvalho. /manuscrito/

- Livro de registo de frequência, aproveitamento e comportamento das alunas da classe I no ano lectivo de 1919-1920. Liceu Central de Garrett. 1 Outubro 1919 /manuscrito/

- 1921-1922: Classe III /manuscrito/

- 1923-1924: Classe IV /manuscrito/

-1924-1925: Classe V /manuscrito/

- 1925-1926: Curso Complementar de Ciências VI Classe Ciências /manuscrito/

- Curso Complementar de Ciências : 1926-1927 /manuscrito/

- Livro de exames do Curso Especial de Educação Familiar do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho Livro 1

8.1.2.3 Arquivo da Direcção Regional de Educação de Lisboa

- Processos dos estabelecimentos de Ensino Particular e Cooperativo
 - Documentação relativa a Colégio da Bafureira, Cascais
 - Documentação relativa a Colégio Moderno, Lisboa
 - Documentação relativa a Instituto de Reeducação Pedagógica, Lisboa
 - Documentação relativa a Jardim Infantil Pestalozzi- Externato

8.1.2.4 Arquivo da PIDE/DGS

- SC Bol. 107603 NT 8036. 4 p.
- SC Proc. 50/46 NI 2513

8.1.2.5 Arquivo da Fundação Mário Soares Fundo “Antes do 25 de Abril”.

Subsecção: “Oposição legal e semi-legal”

- Carta de Maria Lúcia Silva Rosa a Mário Soares. Lisboa 21-Janeiro-1954. In Pasta n.º 0217.003. Correspondência. P. 2
- Congressos da Oposição Democrática/ III Congresso da Oposição Democrática, Aveiro, 4 a 8 de Abril 1973. In Pasta n.º 2573.000. p. 4.
- Correntes republicanas várias/”Frente Nacional Liberal e Democrata”/”Carta Aberta aos Liberais e Democratas Portugueses”. In Pasta n.º 2598.06
- Hino do MUD, de 12-12-1945. “Companheiros, unidos!”. Letra de Arquimedes da Silva Santos e Música de Fernando Lopes Graça. In Pasta n.º 2598.06
- “Os Intelectuais protestam!”, Lisboa. ---11-1946. In Pasta n.º 2969.052.
- “Pela Paz entre as Nações” (manifesto). Novembro 1953. In Diversos. Pasta 02591.007.002
- “Assembleia Mundial da Paz”. In Diversos. Pasta n.º 2591.052
- “Movimento Nacional de Defesa da Paz”. In Diversos. Pasta n.º 2595.034.
- “Discurso proferido pela sra. Doutora Cezina Bermudes em Évora”...Pasta n.º 2598.016
- “O Movimento Nacional Democrático perante as eleições de Deputados”. 6 p. Pasta n.º 2581.001
- “MUD: moradas de vários indivíduos”. Pasta n.º 2271.00

8.1.2.6 Arquivo do Ministério da Justiça. Direcção-Geral da Administração da Justiça:

- Processo de Joaquim Jerónimo Silva Rosa. Processo DGJ1ª Secção. Caixa 247. Processo 18

8.1.2.7 Arquivo do Movimento Democrático de Mulheres

- Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas - Livro de Reuniões de Sócias. Vistas as actas de 10 Novembro de 1945 a 7 Novembro de 1946. Lisboa /depositado no Movimento Democrático de Mulheres.

8.1.3 Espólios

8.1.3.1 Espólio de Maria Lamas. Lisboa: B. Nacional. E28 Maria Lamas. Caixas 9 e 11

8.1.3.2 Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação. 85 arquivadores + 6 caixas (sala 403 sobre a Biblioteca, sala de trabalho de doutoramento).

8.1.3.3 Espólio de Humberto Delgado. Lisboa: Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo. Caixas 76, 78 e 53.

8.1.3.4 Espólio de António Florentino Namorado. Évora: Biblioteca Geral. Fundo Reservados. 16 pastas.

8.1.4 Entrevistas

8.1.4.1 Filhos

Rui Manuel Vassalo Namorado Rosa, Lisboa, 22 Fevereiro 2002 e 17 Junho 2005, filho mais novo, 6.30h

8.1.4.2 Diversos:

António Carlos, Lisboa, em 2 Março 2002, meio irmão

Isidro Rodrigues, Lisboa, invisual do Centro de Reabilitação Sain

Alice de Jesus Vieira Vassalo Pereira da Fonseca, prima, 16 Abr. 2004, 2 h

Anabela Cerqueira Moreira, empregada ML em 1991, 3 h, 14 Abr. 2004

Ana de Oliveira, empregada, Lisboa, 3-Mar. 2002

Artur dos Santos Vicente, irmão Carmélia Vicente, 1 h, 27 Maio 2004

Carlos Nuno de Abreu Pinto Coelho, filho de Sara Pinto Coelho, Lisboa, 1 h, 28 Abr. 2004

Cecília Menano, colaboradora da revista, 9 Fev. 2004, 3h

Constança Leonoreta da Graça Azambuja Leitão, Lisboa, 2 h, 18 Mar. 2004

Ema Martiniano Delgado Mercês de Melo, Lisboa, 2 e 5 Jun. 2004, 5 h

Isabel Maria de Caldas Correia Lage, 1,30 h, 5 Mar. 2004

José Casimiro dos Santos Vinagre Vinagre, filho de Casimiro e Blandina Vinagre, Ribeira de S. João, 28 Nov. 2004- 3h

Jaime Salazar de Sousa, filho Carlos Salazar de Sousa, Lisboa, por escrito Jun. 2004

José Barata Moura, filho de Adriana Rodrigues, Lisboa, 1 Mar. 2004, 1 h

Laura Lopes Pedroso, premiada da revista, 12 Jan. 2005, 5h

Leonor Lains, biógrafa de Francine Benoît, 17 Mar. 2005. 2.30h

Maria Cândida Caeiro, Lisboa, filha mais nova Maria Lamas, 1 Mar. 2002; 22 Jan. 2004 e 10 Fev. 2004 8 horas e ainda 13 Fev. 2004, 2.30h, 16 Fev. 2004= 3h; 20 Fev. 2004 =3 h, 25 Fe. 2004= 2.30h; 1 Mar. 2004= 3h, 5 Mar. 2004= 3 h; 8 Mar. 2004= 3h; 10 Mar. 2004= 2h= total de 30 horas

Lucinda Atalaia Bicha, Lisboa, 11 Jun. 2002, amiga, por escrito

Maria Amélia de Almeida Ribeiro Vieira da Luz Carvalho, 2.30h, 23 Mar. 2004

Maria Adelaide Salvador Marques, filha de Berta Pereira Salvador Marques- 14 Dez. 2004. 3 h

Maria Carolina Tito de Moraes, sobrinha de Maria Palmira Tito de Moraes, 2 h, em 14 Jun. 2004

Maria da Conceição Coutinho de Oliveira Marques, neta padrinho, 20 Jun. 2004, 3 h Carmões

Maria da Luz Namorado, sobrinha, 18 Jun. 2002, 2 horas, Oeiras Parque

Maria de Jesus Barroso Soares, 31 Jan. 2005, 2 h, Lisboa

Maria do Carmo Rodrigues, Lisboa, 3.30h, 18 Fev. 2004

Maria Eugénia Teixeira dos Prazeres, enfermeira colaboradora, 8 Mar. 2005- 2h

Maria Iolanda d'Aguiar Bustorff Lapão, filha Maria Evelina Faria e Maia d'Aguiar Bustorff, 29 Abr. 2004 3.30 h

Maria Isabel Rodrigues Anjo, Lisboa, 29 Mar. 2004, 3 h

Maria Isabel Mendonça Soares, Oeiras, 2.30h, 18 Jun. 2004
Maria Isabel Vieira Pereira, Lisboa, 29 Mar e 19 Jun. 2004, 3 h
Maria Keil, colaboradora, Lisboa, 3 Mar. 2002 1.30h
Maria Lira Keil do Amaral, menina, 11 Maio 2004, por escrito
Maria Regina Pereira da Silveira e Sousa, 3.30h, 23 Fev. 2004
Maria Helena Rosa Torres Peres de Seixas, 1ª funcionária de *Os Nossos Filhos*, 11 Jan. 2005 e 15 Mar. 2005, 5h
Maria Teresa Sousa Carrusca, prima 2º grau, Lisboa, 4-Mar. 2002
Maria Teresa Vassalo Mendes Rodrigues Alho, Torres Novas, prima direita, 3 horas, 9 Mar. 2002
Mário Castrim, 28 Fev. 2002, marido Alice Vieira, 1h tel.
Matilde Rosa Araújo, amiga, Lisboa, 9 Nov. 2001. 1.30 h
Virgínia Jardim Gomes Sousa Ganho, 3 h, Lisboa, 16 Abr. 2004
Maria Keil, Lisboa, em 3 Março 2002, ilustradora
Professor Moreirinhas Pinheiro, dia 28-2-2003, em Santarém
Responsável pelo Museu João de Deus, em 26-2-2003, na ESE João de Deus

8.1.5 Publicações periódicas/inéditos

8.1.5.1 Publicações periódicas/inéditos da autoria de Maria Lúcia Namorado

Dona Experiência (1961) - Eduquemos os nossos filhos. *Diário de Lisboa: Magazine*. Outubro.

Dona Experiência (1939-1942) - *Modas & Bordados*. Julho 1939- Novembro 1942

Maria Lúcia (1927)- “Alvorada” /poema/. *A Voz: Semana Infantil*. 23-10-1927. p. 5

Maria Lúcia (1928)- “Um conto pobrezinho”. Torres Novas. Novembro. /28 p./ manuscrito.

Maria Lúcia (1928 a)- “Mater dolorosa”. Monte Estoril. /32 p. manuscrito.

Maria Lúcia (1929)- “Os Moinhos” /poema/. *A Renascença: semanário Pela Pátria. Pela República*. Torres Novas. 29-8-1929.

Maria Lúcia (1929 a)- “Um conto pequenino”. *A Renascença: semanário Pela Pátria. Pela República*. Torres Novas. 29-8-1929.

Maria Lúcia (1929 b)- “Folhas perdidas: versos de Maria Lúcia”. /89 p. manuscrito/

Maria Lúcia (1930) – Saudades/soneto/. A Mocidade⁵⁹⁰: semanário da Liga da Mocidade republicana. Torres Novas. N.º 1 p. 3

Maria Lúcia (1930 a)- “Medo” /poema/. Torres Novas. 25-3-1930

Maria Lúcia (1930 b)- “Soneto” /poema/. A Renascença: semanário Pela Pátria. Pela República. Torres Novas. 2-11-1930

Maria Lúcia (1930 c)- “Incerteza“ /poema/. Portugal Feminino. Ano 1. N.º 5. Junho 1930 p. 2

Maria Lúcia (1931)- “Desencanto” /poema/. A Renascença: semanário Pela Pátria. Pela República. Torres Novas. 17-4-31

Maria Lúcia (1931 a)- “Vingança de mulher: conto de Maria Lúcia”. 7-2-1931. 9 p. manuscrito.

Maria Lúcia (1932)- “Canta a lenha na lareira”/poema/. A Renascença: semanário Pela Pátria. Pela República. Torres Novas. 17-4-1932

Maria Lúcia (1932 a)- “Amendoeiras em flor: conto de Maria Lúcia”. /manuscrito de 19 p. para Sr. Rafael Calado.

⁵⁹⁰ Este semanário de que só vão sair 16 números /scanner do 1º n.º/ é publicado, pela primeira vez, em 9 de Março de 1930 e tem como director o advogado José Marques e António Júlio Vassalo como editor, o primo de Maria Lúcia Vassalo Namorado. No n.º 3 sai, na *Página feminina*, um conto – *Amor infeliz* – da sua autoria e no n.º 7 p. 2, um soneto – *Cantares*. No n.º 12 , p. 4 informam-se os leitores de que Maria Lúcia Vassalo Namorado estaria em Lisboa e que faria anos em 1 de Junho. No n.º 16, uma pequena caixa, no canto inferior esquerdo refere:“(…) Por motivos imperiosos e estranhos à nossa vontade *A Mocidade* suspende por alguma tempo a sua publicação. Arredadas as dificuldades que nos obrigam a tomar esta atitude, de novo *A Mocidade* virá enfileirar ao lado dos seus colegas, com a mesma orientação política, lutando pela defesa e engrandecimento da República”. Neste jornal colaborou também Maria Lamas, sob o pseudónimo de *Rosa Silvestre*, com o poema *Pedrinhas da Rua*, publicado na *Página feminina* do n.º 3. A informação sobre a existência deste jornal foi-nos dada por João Carlos Lopes, director da *Biblioteca de Torres Novas*.

Maria Lúcia (1932 b)- “A Nossa terra: Torres Novas, jardins de oliveiras”. Portugal Feminino. Ano II, N.º 24. Janeiro 1932. p. 3

Maria Lúcia (1933)- “Amor” e “viver” /poemas/. Portugal Feminino. Ano IV. N.º 37. Fevereiro 1933. p. 2

Maria Lúcia (1930-36)- /Poemas/. /57 p. manuscritas/

Maria Lúcia (1936) - Joanhina na província. *Joanhina*. Abril 1936-Novembro 1936(antes de integração em *Modas & Bordados*)

Maria Lúcia/ Milú (1937-1942) - *Joanhina: jornal das raparigas*. Abril 1937- Março 1942 (integrado em *Modas e Bordados*)

Maria Lúcia (1929-1941) - *Modas & Bordados*. Maio 1929-Maio 1941

Maria Lúcia (1945) – “Diário”. /5 p. manuscritas/. 27-11-1945

Maria Lúcia (1945a)- Os Sacrificios dos pais. *O Tempo: quinzenário pedagógico*. Mapuçá (Goa). 15 Junho. 7º ano. N.º 402. /p. 1-2/

Maria Lúcia (1947-1949) - Cantinho das mães. *Suplemento Literário Mãos de Fada: revista de labores femininos*. Lisboa. Fevereiro 1947-Fevereiro 1949.

Maria Lúcia (1949-54)- “Poemas” /manuscrito de 8 p./

Maria Lúcia (1950) – Nós, as mães. *Jornal Magazine da Mulher*. Direcção Lília da Fonseca. Lisboa. N.º 1 Junho. p. 21

Maria Lúcia (1960)- “Um Jardim-Escola João de Deus em Torres Novas”. O Almonda: semanário regionalista. Torres Novas. 4-3-1960. p. 2

Maria Lúcia (1982)- “Memórias de um candeeiro”. Nova Augusta: Revista da Biblioteca Municipal de Torres Novas. 2ª série. N.º 2. p. 77-81

Maria Lúcia (s.d.)- “O Destino da árvore” /poema/. In Livro de leitura da 3ª classe. Lisboa: Ministério da Educação Nacional. P. 67-68

Maria Lúcia (s.d. a)- “As minhas quadras. Cantigas”. /manuscrito de 4 p. de cantigas e 27 p. de quadras/

Milú (1933-1942) - *Modas & Bordados*. Setembro 1933- Abril 1942

M.L. (ca. 1936)- “Florbela Espanca”. A Renascença: semanário Pela Pátria. Pela República. Torres Novas.17-4- (1936). P. 1

M.L. (1946)- /Pela Criança: conferência pronunciada a convite da Liga Portuguesa de Profilaxia Social/. Porto. 25 p. dactiloscrito

M.L. (1959)- “Fundação Raquel e Martin Sain”. O Despertar: bisemanário republicano independente: o mais antigo jornal defensor dos interesses de Coimbra. Ano XLIII. Nº 4254. 4-07-1959. p. /4/

M.L. (s.d.)- “Coisas que eu penso”. 3 p. manuscrito. /sobre mulher moderna/. Caixa 77. Maço 9.

M.L. (s.d. a)- “Não conheço melhor factor educativo do que o exemplo”. / 6 p./

M.L. (s.d. b)- /Resposta a inquérito sobre vida e obra/. /6 p. /dactiloscrito.

M.L. (s.d. c)- Vida Nova /manuscrito: romance/. 146 p.

LÚCIA, Maria (1937) – Negro e côr de rosa. Coimbra: Atlântida. 127 p.
Capa e ex-libris de Fernando Carlos Pereira Bastos

LÚCIA, Maria (1944) – Joanhina quiere casar: conselhos às raparigas. Lisboa: Editorial “Os Nossos Filhos”. 182,/10/p.(Biblioteca das nossas Filhas)

LÚCIA, Maria (s.d.) – A Mulher dona de casa. Desenhos de Mário dos Remédios. 3ª ed. Lisboa: Universo. 234 p. (Biblioteca Prática do Lar; 2)

LÚCIA, Maria (s.d.) – História de dois sempre-em-pé. In BRANCO, António (1977) – Mão na Mão: Leituras para o Ensino Primário: 1º ano: 2ª fase. Porto: Porto Editora. p. 22

LÚCIA, Maria (s.d.) – História do Coelho Branco: conto popular: narração de. In BRANCO, António (1977) – Mão na Mão: Leituras para o Ensino Primário: 1º ano: 2ª fase. Porto: Porto Editora. p. 36-38

LÚCIA, Maria (s.d.) – A Casa estava em festa: narração de. In BRANCO, António (1977) – Mão na Mão: Leituras para o Ensino Primário: 1º ano: 2ª fase. Porto: Porto Editora. p. 51

LÚCIA, Maria (s.d.) – Nós nunca estamos sós... Todos somos diferentes... In MIRANDA, Maria Natália (1979) – Sementinha: Leituras para o ensino primário: 2º ano da 2ª fase. Lisboa: O Livro. P. 49

LÚCIA, Maria (1957-1958) - Página da Mulher. *Rádio e Televisão: semanário de programação*. Director Fausto Lopo de Carvalho; editor Joaquim Rodrigues Matias. Lisboa. n.º 51, 25 Agosto 1957 até n.º 75, 15 Fevereiro 1958

LÚCIA, Maria (1959)- Fundação Raquel e Martin Sain. *O Despertar: Bi-semanário republicano independente: mais antigo jornal defensor dos interesses de Coimbra*. N.º 4254. 4-Julho 1959.

NAMORADO, Maria Lúcia (1966) – A História do pintaíno amarelo. Coimbra: Atlântida.. 52 p.(Bandeira de Todo o Mundo)

NAMORADO, Maria Lúcia (imp. 1968) – A História de um bago de milho. Desenhos de Zé Manel. Lisboa: Estúdios Cor. 50 p. (Edição especial patrocinada pela Direcção-Geral da Educação Permanente)

NAMORADO, Maria Lúcia (1969)- “Breve evocação de D. Virgínia Lopes de Mendonça”. *A Capital: Literatura & Arte*. Lisboa. 10-9-1969. p. 3

NAMORADO, Maria Lúcia (1970) – Era uma vez... Coimbra: Atlântida. 151 p. Capa e desenhos de Maria Almira Medina (os Livros da Grande Roda; Era uma vez...)

NAMORADO, Maria Lúcia (1971) – Aventuras do Janoca e do Janeca. A História de Giribi. Coimbra: Atlântida. (Os Livros da Grande Roda; Série Catavento; Nº 1 dos 8 aos 12 anos; plano e direcção de Maria Lúcia Namorado. Desenhos de Alice Jorge

NAMORADO, Maria Lúcia (1971 a) – O Meu livrinho de adivinhas. Ilustrado por Cila. Coimbra: Atlântida. (Os Livros da Grande Roda. Pássaro Azul; 3)

NAMORADO, Maria Lúcia (1971 b) – O Meu livrinho de provérbios. Ilustrado por Cila. Coimbra: Atlântida. (Os Livros da Grande Roda. Pássaro Azul; 2)

NAMORADO, Maria Lúcia (1971 c) – O Meu livrinho de quadras. Ilustrado por Cila. Coimbra: Atlântida. (Os Livros da Grande Roda. Pássaro Azul; 1)

NAMORADO, Maria Lúcia (1971a) - *O Comércio Infantil*: (suplemento de) *O Comércio do Porto*. Janeiro.

NAMORADO, Maria Lúcia (1972) - /Qual a importância da Literatura infantil na formação estética da Criança na idade pré-primária e primária? In ALMEIDA, Maria Luísa Albuquerque Ferreira de (1972) – A Formação Estética na idade pré-primária e primária. Lisboa: Escola Preparatória de Francisco Arruda. P. 91

NAMORADO, Maria Lúcia (1973)- Acto de justiça. *República*. 12 Setembro. P. 3 /sobre Maria Lamas/

NAMORADO, Maria Lúcia (1975)- “Maria Lamas e a nova geração” /entrevista a MLN/. Mulher: Modas & Bordados. Nº 3321. 8-10-1975. p. 5

NAMORADO, Maria Lúcia (1976)- “Jaime da Manta Branca: um poeta popular alentejano”. Mulher: Modas & Bordados. Nº 3357. 1-9-1976. p. 41-42

NAMORADO, Maria Lúcia (1976 a)- “As mulheres na reforma agrária: Cooperativa 5 de Outubro”. Mulher: Modas & Bordados. Nº 3359. 15-9-1976. p. 36-37

NAMORADO, Maria Lúcia (1977)- *Acção Cultural e 3ª Idade*. In MOURA, Helena Cidade (org.)- Seminário de Acção Cultural do MDP/CDE. Lisboa. Fevereiro.

NAMORADO, Maria Lúcia (1977 a)- “A Mulher e a lei fundamental: em defesa da Constituição”. *Diário Popular*. Lisboa. 15-04-77. p. 3

NAMORADO, Maria Lúcia (1981)- *Livros para Crianças*. In Boletim do Conselho Nacional de Organizações não Governamentais para a defesa dos Direitos da Criança. Ano 1. nº 1, Janeiro-Março. P. 14-15

NAMORADO, Maria Lúcia (1984) – O Segredo da Serra Azul. Lisboa: Livros Horizonte. 95 p.(Horizonte Juvenil; 4) il de Madalena Raimundo /O livro está mal encadernado/

NAMORADO, Maria Lúcia (1888)- “A Andorinha distraída”. O Catraio. Diário de Notícias (coord. De Alice Vieira). 7-08-1988. p.2

NAMORADO, Maria Lúcia (s.d.)- *A Criança e a educação*. /2 p./

NAMORADO, Maria Lúcia (s.d. a)- *Bibliotecas infantis*. 2 p A5

NAMORADO, Maria Lúcia (s.d. b) - /Já lá vem nascendo o Sol.../ In NAMORADO, Maria Lúcia (s.d.) – O Meu livrinho de Quadras. In ARAÚJO, Matilde Rosa (1976) – O Sol Livro: Leituras para a 2ª fase/ 2º ano do Ensino Primário. Lisboa: Livros Horizonte. P. 125

Notícias de Penacova: Semanário regionalista. Penacova. Nº 1. Outubro 1932-

ROSA, Maria Lúcia Silva (1950)- “Adelaidinha, novela inédita”. *Eva*. Março 1950. p. 12-13

ROSA, Maria Lúcia Silva (1956) – Tapetes de Arraiolos. In Tapetes de Arraiolos de Maria Lúcia Silva Rosa: /Catálogo da Exposição/ de 20 a 30 de Novembro de 1956. Lisboa: Galeria Pórtico. 3 p.

ROSA, Maria Lúcia da Silva (1958-1962) - Eduquemos os nossos filhos. *Diário de Lisboa: Magazine*. Julho 1958- Dezembro 1962

ROSA, Maria Lúcia Silva (1958) – Prefácio. In FERREIRA, Maria Vitória Garcia (1958) – A Cigarra e a formiga e outros contos para crianças. Porto: Editorial Infantil “Majora”. 128 p.

ROSA, Maria Lúcia Silva Rosa (1959)- “O Público e a recuperação da criança cega”. Boletim da Fundação Raquel e Martin Sain. Nº 1. 1959-60. p. 31-33

ROSA, Maria Lúcia Vassalo Namorado e Silva (1961) – Breves considerações sobre o valor pedagógico e social dos Jardins-Escolas João de Deus. Torres Novas:s.n. (Conferência pronunciada na inauguração do Jardim-Escola João de Deus de Torres Novas no dia 3 de Abril de 1960)

Telma (1960-1962) - Aqui entre nós...conversa íntima. *Diário de Lisboa: Magazine*. 15 Outubro 1960- Agosto 1962

ROSA, Maria Lúcia Silva (1964) – Relatório da visita de estudo feita a Inglaterra e a França em Outubro e Novembro de 1964, pela directora do Centro de Reabilitação da Fundação Raquel e Martin Sain. (ex. Policopiado). 98 p.

ROSA, Maria Lúcia Vassalo Namorado e Silva (1961) – Breves considerações sobre o valor pedagógico e social dos Jardins-Escolas João de Deus. Torres Novas:s.n. (Conferência pronunciada na inauguração do Jardim-Escola João de Deus de Torres Novas no dia 3 de Abril de 1960)

Telma (1960-1962) - Aqui entre nós...conversa íntima. *Diário de Lisboa: Magazine*. 15 Outubro 1960- Agosto 1962

Tia Maria Lúcia/ Tia Maria Luísa/ M.L. (1960-1962) - Para os mais pequenos. *Diário de Lisboa: Magazine*. 7 Outubro 1960- Agosto 1962

Tião (1960-1962) - Os Meus problemas. *Diário de Lisboa: Juvenil*. 1 Outubro 1960- Agosto 1962

Tricana (1935-1938) - *Modas & Bordados*. Julho 1935- Novembro 1938

8.1.6 Monografias

8.1.6.1 Monografias da autoria de Maria Lúcia Namorado

Maria Lúcia (1937) – Negro e côr de rosa. Coimbra: Atlântida. 127 p.(Capa e ex-libris de Fernando Carlos Pereira Bastos)

Maria Lúcia (1944) – Joanhinha quer casar: conselhos às raparigas. Lisboa: Editorial “Os Nossos Filhos”. 182,/10/p.(Biblioteca das nossas Filhas)

ROSA, Maria Lúcia Silva (1958)- Entrevista para o Programa “Jornal Feminino” do Rádio Clube Português, em 23-4-58 (após Exposição Lisboa vista pelas suas crianças, enquanto directora de Os Nossos Filhos). Caixa 16. Maço 1

NAMORADO, Maria Lúcia (1966) – A História do pintainho amarelo. Coimbra: Atlântida.. 52 p.(Bandeira de Todo o Mundo)

NAMORADO, Maria Lúcia (imp. 1968) – A História de um bago de milho. Desenhos de Zé Manel. Lisboa: Estúdios Cor. 50 p.

(Edição especial patrocinada pela Direcção-Geral da Educação Permanente)

NAMORADO, Maria Lúcia (1984) – O Segredo da Serra Azul. Lisboa: Livros Horizonte. 95 p.(Horizonte Juvenil; 4) il de Madalena Raimundo /O livro está mal encadernado/

NAMORADO, Maria Lúcia (1970) – Era uma vez... Capa e desenhos de Maria Almira Medina Coimbra: Atlântida. 151 p. (Os Livros da Grande Roda; Era uma vez...)

NAMORADO, Maria Lúcia (selec.)(1970) – Alguns contos de António Botto /Documento Braille/. Porto: Centro de Produção do Livro para o cego. 38 p. /histórias extraídas da obra O Livro das Crianças/

NAMORADO, Maria Lúcia (1971) – Aventuras do Janoca e do Janeca: A História de Giribi. Desenhos de Alice Jorge. Coimbra: Atlântida. (Os Livros da Grande Roda; Série Catavento; Nº 1 dos 8 aos 12 anos; plano e direcção de Maria Lúcia Namorado)

NAMORADO, Maria Lúcia (1971a) – O Meu livrinho de adivinhas. Ilustrado po Cila. Coimbra: Atlântida. (Os Livros da Grande Roda. Pássaro Azul; 3)

NAMORADO, Maria Lúcia (1971b) – O Meu livrinho de provérbios. Ilustrado po Cila. Coimbra: Atlântida. (Os Livros da Grande Roda. Pássaro Azul; 2)

NAMORADO, Maria Lúcia (1971c) – O Meu livrinho de quadras. Ilustrado po Cila. Coimbra: Atlântida. (Os Livros da Grande Roda. Pássaro Azul; 1)

NAMORADO, Maria Lúcia (1972) - /Qual a importância da Literatura infantil na formação estética da Criança na idade pré-primária e primária? In ALMEIDA, Maria Luísa Albuquerque Ferreira de (1972) – A Formação Estética na idade pré-primária e primária. Lisboa: Escola Preparatória de Francisco Arruda. P. 91

NAMORADO, Maria Lúcia (s.d.) - /Já lá vem nascendo o Sol.../ In NAMORADO, Maria Lúcia (s.d.) – O Meu livrinho de Quadras. In ARAÚJO, Matilde Rosa (1976) – O Sol Livro: Leituras para a 2ª fase/ 2º ano do Ensino Primário. Lisboa: Livros Horizonte. P. 125

ROSA, Maria Lúcia Silva (1958) - Prefácio. In FERREIRA, Maria Vitória Garcia – O Verdadeiro tesouro e outros contos para crianças. Porto: Editorial Infantil Majora. (il. Laura Costa)

ROSA, Maria Lúcia Silva (1960)- O Sonho do Infante : peça infantil. Barcelos: Companhia Editora do Minho. 16 p.

ROSA, Maria Lúcia Silva (1962)- Jogral da Pátria : teatro. Barcelos: Companhia Editora do Minho. 32 p. (desenhos de Gonçalves Torres)

ROSA, Maria Lúcia Vassalo Namorado e Silva (1961) – Breves considerações sobre o valor pedagógico e social dos Jardins-Escolas João de Deus. Torres Novas: s.n. (Conferência pronunciada na inauguração do Jardim-Escola João de Deus, de Torres Novas, em 3 de Abril de 1960)

CORREIA, Maria da Natividade; ROSA, Maria Lúcia (s.d mas data das comemorações henriquinas) – A Nau dos sete mares: programa infantil...(Lisboa: s.n.). 6p. dactilografadas. Espólio Caixa 16. Maço 1 (dactiloscrito)

8.1.6.2 Monografias de outros(as) autores(as)

ACÇÃO CATÓLICA PORTUGUESA (1938)- A Família: estudo doutrinário: 1938-39. Braga: Liga da Acção Católica Feminina. 218 p.

ACP /Associação Católica Portuguesa/: Comissão de Leituras (1955-56) – Literatura Infantil: crítica de livros e jornais. Lisboa: Comissão de Leituras da ACP. Nº 2. /28 fichas de apreciação de livros, revistas.../

ALCOTT , Luísa (s.d.) – Uma jovem à moda antiga: Romance. Traduzido de inglês por Maria da Graça Moura Brás. Lisboa Portugália Editora . 387 p. (Biblioteca das Raparigas; XXXI)

ALGARVIA, Marina (1974) – O Gato da Quinta Azul. Ilustração de Oskar Pinto Lobo. Almada: Ed. Autora. 39 p. (Arlequim Livros Infantis: Contos e Romances; 1)

ALMEIDA, Maria Joana Emiliano de (1963)- A Mocidade Portuguesa feminina e o ideário da rapariga portuguesa. Lisboa: s.n. (Palestra proferida nos Encontros de Dirigentes da MPF realizados em 24/2, 15/4 e 5/5 de 1963, respectivamente em Beja, Fátima e Braga). 21 p.

ALMEIDA, Virgínia de Castro e (1938) – História do rei Capelo e da linda feiticeira. Lisboa: SPN. 14 p. (Pátria; 7)

ALMEIDA, Virgínia de Castro e (trad.) (1940) – Emílio e os detectives de Erich Kastner. Lisboa: Clássica Editora. 221 p.

ALMEIDA, Virgínia de Castro e (1942) – História da Dona Redonda e da sua gente. Lisboa: Livraria Clássica. 236 p. (Os Melhores Livros para Crianças)

ALVARES, Susana (1948) – Delinquência juvenil: suas causas e efeitos. Margão: Ed. Armando Ferreira Alvares. 63 p.(impresso na Tipografia Hindu)

AMARAL, Antonino Gonçalves (1956) – Reconhecimento da Psico-Fisiologia dos Surdos : Suas necessidades médico-pedagógicas*. Separata do «*Boletim do Instituto Nacional de Educação Física*» Ano 17 – nºs 3-4. Lisboa. 30 p.

AMÉRICO, Pe (1942) – Obra da Rua: de como eu amparo o ardina. Coimbra: Casa do Castelo. 78 p.

ANDRÉA, Maria Octávia Teixeira Bastos (1954) – A Reeducação funcional respiratória: ensaio em operados do tórax: dissertação final de Curso. Lisboa: ed. Autora. 79 p.

ANJO, A César (1951) – Educação sexual e moral da juventude: conferência pronunciada em 4/5/51 no Salão Nobre da Associação Académica de Coimbra. Coimbra: secção de Textos da AAC. 45 p.

ANJO, César (1953) – Erros de educação. Porto: Edições “Saber”. 190 p.

ANJO, Maria Isabel César (1970) – Carta à minha professora. Separata da *Revista A Nossa Escola*. 2 p.

ANJO, Maria Isabel César (1981) – A Primavera é o tempo a crescer. Ilustrações de Maria Keil. Lisboa: Sá da Costa Infantil. /28/ p. (Ler e Reler. Cisne Branco)

ARAÚJO, Matilde Rosa (1957) – O Livro da Tila: Cantigas Pequenas. Lisboa: editorial «Os Nossos Filhos». 101 p. (Rouxinol:Poemas para Crianças: Ilustrados por Crianças; 1)

ARAÚJO, Matilde Rosa (1963) – História de um rapaz. Sá da Bandeira: Publicações Imbondeiro.

ARAÚJO, Matilde Rosa (imp. 1967) – O Cantar da Tila: poemas para a juventude. Desenhos de Maria Keil. Coimbra: Atlântida. 54 p. (Bandeiras de todo o mundo)

ARAÚJO, Matilde Rosa (1973) – O Cantar da Tila: Poemas para a juventude. Desenhos de Maria Keil. Coimbra: Atlântida. 54 p. (Bandeiras de todo o mundo)

ARAÚJO, Matilde Rosa (1973 a) – O Livro da Tila: cantigas pequenas. Desenhos de* . Coimbra: Atlântida. 99 p. (Bandeiras de todo o mundo)

ARAÚJO, Matilde Rosa (1973 b) - O Palhaço verde: novela infantil.com ilustrações de Maria Keil. 2ª ed. Coimbra: Atlântida. 28 p.

ARAÚJO, Matilde Rosa (1973 c) – O Sol e o menino dos pés frios: contos. Lisboa: Ática.116 p.

ARAÚJO, Matilde Rosa (1974) – História de um rapaz. Desenhos de Maria Keil. Coimbra: Atlântida. 18 p.

ARAÚJO, Matilde Rosa (1974 b) – O Reino das sete pontas. Coimbra: Atlântida. Il. Cid. 29 p.

ARAÚJO, Matilde Rosa (1977) – As botas de meu pai. Ilustrações de Maria Keil. Lisboa: Livros Horizonte. 31 p.

ARAÚJO, Matilde Rosa (1977) – O Gato dourado. Ilustrações de Maria Keil. Lisboa: Livros Horizonte. 30 p.

ARAÚJO, Matilde Rosa (1983) – A Guitarra da boneca. Ilustrações de Evelina Coelho. Lisboa: Livros Horizonte. 31 p.

ARAÚJO, Matilde Rosa (1983) – A Velha do Bosque: ou a pobre mulher que ia à lenha e o menino que chegou num cavaleiro branco. Ilustrações de Ana Leão. Lisboa: Livros Horizonte. 30 p. (Pássaro Livre; 42)

ARAÚJO, Matilde Rosa (1993) – Problemas. Ilustrações Catarina Câmara Pereira. Lisboa: Vega. 34 p. (Grandes Pequeninos)

ARAÚJO, Matilde Rosa escreveu; SARAIVA, Fernando, ilustrou (1993) - Rosalinda foi à feira. Coimbra: Livraria Arnado. 20 p.

ARAÚJO, Matilde Rosa (1994) – As Fadas verdes. Ilustrou Manuela Bacelar. Porto: Civilização. 26 p.

ARAÚJO, Matilde Rosa (1998) – As Cançõezinhas da Tila. Ilustrações de Maria Keil. Partituras Fernando Lopes Graça. Inclui o CD interpretado por “O Bando dos Gambozinhos”. Porto: Civilização. 51 p.

ASCENSÃO, Carlos Pinto (1958) – A Gaguez na criança. Lisboa: Papelaria Fernandes. 24 p.

ASSOCIAÇÃO de JARDINS-ESCOLAS JOÃO de DEUS (1956)- Jardins-Escolas João de Deus: documentário da sua actividade. Lisboa: AJEJD. /42 p./

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ESCRITORES (s.d.) – Exposição de 12 a 14 de Dezembro: Manuscritos, provas emendadas, edições raras, autógrafos, cartas, inéditos, fotografias, objectos, pinturas, obras de escritores, obras de artistas plásticos: /Catálogo da /. Lisboa: SNBA. /22 p./

ASSOCIAÇÃO PROTECTORA DA PRIMEIRA INFÂNCIA (1954) – Bibliografia da primeira Infância. Lisboa, Faro: Associação Protectora da Primeira Infância e refúgio Aboim Ascensão. 125 p. (Os Lactários e a Puericultura; 9)

ATALAIA, Lucinda (1985) – Ler...ouvir...e cantar os pais com os filhos. /ilustrações de/ Zulmira Oliva. Lisboa: Salamandra. /46/ p.

AZEVEDO, Manuela de (1997) – João de Deus Ramos: Vida e obra. Lisboa: Associação de Jardins Escolas João de Deus, Notícias Editorial. 169 p.

AZEVEDO, Maria Paula de (1944) – História do mundo: contada às crianças. Capa de Alice Rey Colaço Menano Ilustrações de J. de A. C. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora . 142 p.

BAPTISTA, José António Lage Salgado (1969) – O que fica de Helen Keller: Conferência realizada no Clube Fenianos Portuenses, em 22 de Novembro de 1968. Porto: Imprensa Social. 45 p. (Conferências LPPS; 34)

BARRETO, João (1932) – O Filho do carvoeiro: conto fantástico para crianças. Desenhos de Constância Silva. Coimbra: Tip. Bizarro. 91 p.

BARROS, João de (imp. 1933) – Um grande educador: João de Deus Ramos e a obra dos jardins-escolas. Lisboa: Oficinas Gráficas. 21 p.

BASTOS, Isaura Lusitano Pinto (1956) – Almanaque ilustrado de Fafe: publicação recreativa, literária, artística e regionalista. Fafe. Ano XLVII. 136 p.

BENOLIEL, Sara (1946) – Impressões de uma viagem ao Rio de Janeiro. *Revista Portuguesa de Pediatria e Puericultura*: publicação bi-mensal. /Separata/ Vol. IX, Maio-Julho. Nº 3. p. 101- 126

BIANCHI, Thais (1963) – Maria Trapalhona: peça infantil /em verso/. Prefácio de Jorge Amado. Rio de Janeiro: Ed. Lidador. 63 p.

BOLÉO, José de Paiva (1958) – O que as mães devem saber acerca da dentição dos seus filhos. Lisboa: Livraria Portugal. 33 p.

BORBA, Tomás (s.d.) – Escola Musical: I: aprovada oficialmente. 2ª ed. Lisboa: Valentim de Carvalho. 93 p.

BRULÉ, Hélène (1956) – Parents modernes pour enfants modernes. Paris: Hachette. 111p.

ACÇÃO CATÓLICA PORTUGUESA (1938)- A Família: estudo doutrinário: 1938-39. Braga: Liga da Acção Católica Feminina. 218 p.

ACP /Associação Católica Portuguesa/: Comissão de Leituras (1955-56) – Literatura Infantil: crítica de livros e jornais. Lisboa: Comissão de Leituras da ACP. Nº 2. /28 fichas de apreciação de livros, revistas.../

ALMEIDA, Maria Joana Emiliano de (1963)- A Mocidade Portuguesa feminina e o ideário da rapariga portuguesa. Lisboa: s.n. (Palestra proferida nos Encontros de Dirigentes da MPF realizados em 24/2, 15/4 e 5/5 de 1963, respectivamente em Beja, Fátima e Braga). 21 p.

ALMEIDA, Virgínia de Castro e (1938) – História do rei Capelo e da linda feiticeira. Lisboa: SPN. 14 p. (Pátria; 7)

ALMEIDA, Virgínia de Castro e (1942) – História da Dona Redonda e da sua gente. Lisboa: Livraria Clássica. 236 p. (Os Melhores Livros para Crianças)

AMÉRICO, Pe (1942) – Obra da Rua: de como eu amparo o ardina. Coimbra: Casa do Castelo. 78 p.

ANDRÉA, Maria Octávia Teixeira Bastos (1954) – A Reeducação funcional respiratória: ensaio em operados do tórax: dissertação final de Curso. Lisboa: ed. Autora. 79 p.

ANJO, A César – Educação sexual e moral da juventude: conferência pronunciada em 4/5/51 no Salão Nobre da Associação Académica de Coimbra. Coimbra: secção de Textos da AAC. 45 p.

ANJO, Maria Isabel César (1970) – Carta à minha professora. Separata da *Revista A Nossa Escola*. 2 p.

ANJO, Maria Isabel César (1971) –O Inverno é o tempo já velho. Ilustrações de Maria Keil. Coimbra: Atlântida. 28 p. (Os Livros da Grande Roda. Bem-me-quer: Para as mães lerem aos mais pequeninos e para os que já lêem sozinhos ; 4)

ANJO, Maria Isabel César (1971a) –O Outono é o tempo a envelhecer. Ilustrações de Maria Keil. Coimbra: Atlântida. 28 p. (Os Livros da Grande Roda. Bem-me-quer: Para as mães lerem aos mais pequeninos e para os que já lêem sozinhos ; 3)

ANJO, Maria Isabel César (1971 b) – A Primavera é o tempo a crescer. Ilustrações de Maria Keil. Coimbra: Atlântida. 28 p.(Os Livros da Grande Roda. Bem-me-quer: Para as mães lerem aos mais pequeninos e para os que já lêem sozinhos ; 1)

ANJO, Maria Isabel César (1971c) –O Verão é o tempo grande. Ilustrações de Maria Keil. Coimbra: Atlântida. (Os Livros da Grande Roda. Bem-me-quer: Para as mães lerem aos mais pequeninos e para os que já lêem sozinhos ; 2)

ARAÚJO, Matilde Rosa (imp. 1957)- O Livro da Tila: cantigas pequeninas. Lisboa: Editorial “Os Nossos Filhos”. 101 p. (Rouxinol; 1)

ARAÚJO, Matilde Rosa (1963) – História de um rapaz. Sá da Bandeira: Publicações Imbondeiro.

ARAÚJO, Matilde Rosa (1973) – O Sol e o menino dos pés frios: contos. Lisboa: Ática. 116 p.

ARAÚJO, Matilde Rosa (1974) – História de um rapaz. Desenhos de Maria Keil. Coimbra: Atlântida. 18 p.

ARAÚJO, Matilde Rosa (1977) – As botas de meu pai. Ilustrações de Maria Keil. Lisboa: Livros Horizonte. 31 p.

ARAÚJO, Matilde Rosa (1977) – O Gato dourado. Ilustrações de Maria Keil. Lisboa: Livros Horizonte. 30 p.

ARAÚJO, Matilde Rosa (1983) – A Guitarra da boneca. Ilustrações de Evelina Coelho. Lisboa: Livros Horizonte. 31 p.

ARAÚJO, Matilde Rosa (1983) – A Velha do Bosque: ou a pobre mulher que ia à lenha e o menino que chegou num cavaleiro branco. Ilustrações de Ana Leão. Lisboa: Livros Horizonte. 30 p. (Pássaro Livre; 42)

ARAÚJO, Matilde Rosa (1993) – Problemas. Ilustrações Catarina Câmara Pereira. Lisboa: Vega. 34 p. (Grandes Pequeninos)

ASCENSÃO, Carlos Pinto (1958) – A Gaguetz na criança. Lisboa: Papelaria Fernandes. 24 p.

ASSOCIAÇÃO de JARDINS-ESCOLAS JOÃO de DEUS (1956)- Jardins-Escolas João de Deus: documentário da sua actividade. Lisboa: AJEJD. /42 p./

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ESCRITORES (s.d.) – Exposição de 12 a 14 de Dezembro: Manuscritos, provas emendadas, edições raras, autógrafos, cartas, inéditos, fotografias, objectos, pinturas, obras de escritores, obras de artistas plásticos: /Catálogo da /. Lisboa: SNBA. /22 p./

BARROS, João de (imp. 1933) – Um grande educador: João de Deus Ramos e a obra dos jardins-escolas. Lisboa: Oficinas Gráficas. 21 p.

BARROS, Hilda Rumsey d’Almeida Corrêa de (1941) – O que nós queremos que as nossas raparigas sejam. /Boletim da/Mocidade Portuguesa Feminina. N^os Maio a Novembro. /14 p./

BASTOS, Isaura Lusitano Pinto (1956) – *Almanaque ilustrado de Fafe: publicação recreativa, literária, artística e regionalista*. Fafe. Ano XLVII. 136 p.

BIANCHI, Thais (1963) – Maria Trapalhona: peça infantil /em verso/. Prefácio de Jorge Amado. Rio de Janeiro: Ed. Lidador. 63 p.

BOLÉO, José de Paiva (1958) – O que as mães devem saber acerca da dentição dos seus filhos. Lisboa: Livraria Portugal. 33 p.

BORBA, Tomás (s.d.) – Escola Musical: I: aprovada oficialmente. 2^a ed. Lisboa: Valentim de Carvalho. 93 p.

BRAZÃO, Arnaldo (1925) – O Primeiro Congresso Feminista e de Educação: Relatório. Lisboa: Spartacus. 275 p.

CABRAL, Alfredo; FERREIRA, Reinaldo (1949) – ABC teatral: Recitativos, Episódios dramáticos, fantasias, comédias, peças radiofónicas e canções para as crianças de Portugal e Brasil: Com um guia muito útil para os organizadores de espectáculos infantis. Lisboa: Papelaria Fernandes, Livraria. 161 p.

CABRAL, Alfredo; FERREIRA, Reinaldo (s.d.) – Tarde Infantil: Histórias para crianças. Desenhos de António Barata. Lisboa: Tip. Papelaria Fernandes. 31 p. (Pirilampo; 1)

CAMPOS⁵⁹¹, Agostinho de (1922) – Educação e ensino. 2ª ed. Lisboa: Aillaud e Bertrand. 312 p. (Ensaio sobre Educação)

CAMPOS, Leonor de (pseudónimo) (1944) – Bichos, bichinhos e Bicharocos. Ilustrações de Guida Ottolini. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade. 87 p.

CAMPOS, Leonor de (pseudónimo) (compil.)(1944 a) – Os dois compadres marotos e outros contos por.../desenhos de Laura Costa/. Porto: Livraria Latina. 65 p. (Pinóquio/dir. E compilada por Henrique Marques Júnior; V)

CANFIELD-FISHER, D. (s.d.) – L'Éducation Montessori: Les principes qu'applique Mme Montessori dans les « Case dei bambini » causeries et notes d'une mère: Adaptation française de Jacqueline André ; Introduction par Mlle Magdeleine Dufresne .Paris: Librairie Fischbacher. 236 + 22p.

CASTRO, Luís de (1950) – Cartas a uma rapariga fraca. Lisboa: Liv. Luso-Espanhola. 109 p.

CASAL, António (1945) – Nobreza e hierarquia do seguro de vida: Notas para uma palestra. Separata do “*Anuário de Seguros*” — VI ano. 30 p.

CASTELO BRANCO. Câmara Municipal. Associação Protectora da Infância (1955) – Dispensário de Puericultura Dr. Alfredo Mota, de Castelo Branco: 1930-1955. Coimbra: Imprensa de Coimbra. 62 p.

CARVALHO, Carlota Almeida de (1949) – A Profilaxia da Língua Portuguesa: conferência realizada no Clube Fenianos Portuenses, em 30 Outubro de 1943. Porto: Imprensa Social. 28 p.,

⁵⁹¹ Adquirido por Maria Lúcia Vassalo Namorado em Abril de 1941 (tem essa indicação, manuscrita, na 1ª guarda).

CARVALHO, Maria Amália Vaz de (1880)- Mulheres e creanças: notas sobre educação. Porto: Joaquim Antunes Leitão & Irmão. 312 p.

CASA DAS BEIRAS (1942) – Uma Obra social nas Beiras: /Catálogo da Exposição/. Lisboa: Casa das Beiras. /16 p./

CASTRIM, Mário (1964) – Nasceu para lutar. Lisboa: Seara Nova. 46 p. (Carrocel; 9)

CENTRO DE FORMAÇÃO EDUCACIONAL PERMANENTE (CEFEPE), Grupo de Língua (1978) - Linguagem oral e ortografia. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica. 129 p.

COELHO, Judith Furtado (1950) – A Ginástica do bebé: Ginástica contra o raquitismo baseada nos princípios de Per Henrik Ling. Fotografias de Carlota Arons. Lisboa: ed. Autora. /154/ p.

COELHO, Sara Pinto (s.d.) – O Tesouro maravilhoso. /desenhos de Laura Costa/. Braga: Livraria Cruz. 45 p.

COELHO, Virgínia Fernanda de Araújo Parreira Barrão Rocha de Paula (1948) – A Moderna Poesia Portuguesa. *Separata do Boletim da Casa de Portugal*. Junho. Ano 2. n.º 13. Porto Alegre (Brasil). /7 p./

COIMBRA. Junta Distrital do Distrito (s.d.) – Obra de Protecção à Grávida e Defesa da Criança: O Livro da Mãe. /Coimbra: Junta Distrital do Distrito de Coimbra/. 23 p.

COIMBRA, Leonardo (1926) – Problema da Educação Nacional. In Dionísio, Sant'Anna (1983) – Obras de Leonardo Coimbra. 2º vol. Porto: Lello & Irmão. P. 919-954

COLAÇO, Maria Rosa (1979) – Estas crianças aqui. Fotografias de Eduardo Gageiro. Desenhos e orientação gráfica de Tossan. Lisboa: Terra Livre. /90/ p. (Edição especial para o Ano Internacional da Criança)

COMBES, Paulo (1921) – O Livro da dona-de-casa. 3ª ed. Porto: Companhia Portugeza. 219 p. (Biblioteca de Educação Feminina; 2)

COMISSÃO CENTRAL DO MUD (1946) – A Sessão de 30 de Novembro de 1946 do Movimento de Unidade Democrática. Lisboa: Comissão Central do MUD. 62 p.

COMTESSE de Ségur (1931) – Jean qui grogne et Jean qui rit. Illustrations de F. Lorient. Paris: Hachette. 256 p.

CONSELHO NACIONAL DAS MULHERES PORTUGUESAS (1946)- Estatutos do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia O Século. 12 p.

CONSELHO NACIONAL DAS MULHERES PORTUGUESAS (org.) (1947)- Catálogo da exposição de livros escritos por mulheres na Sociedade Nacional de Belas Artes. Lisboa: Gráfica Santelmo. 181 p.

CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUÇÃO PÚBLICA. Secção Permanente (1909) – Projecto de regulamento de higiene geral aplicável aos estabelecimentos oficiais de instrução secundária. /apresentado por/ José Curry da Câmara Cabral, Sebastião Cabral Costa Sacadura, José Estêvão de Morais Sarmiento. Lisboa. 18 de Janeiro. In Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (1995) – Projecto de Regulamento de Higiene destinado aos Liceus –1909. Lisboa: (ex. fot.). 12, /7/ p.(Textos de Apoio à Investigação; 6)

CONSTANÇA, Aurora (1947) – A Macaquinha Hula. Il. De Fernando Bento. Lisboa: Bertrand. (30) p.

CONSTANÇA, Aurora (ca. 1957) – Crianças e animais/conferência parte em verso/ /Desenhos de Fernando Bento; prefácio de Júlio Dantas/ S.l.: s.n. 42 p.

CORREIA, António (1951) – Conversando com os pais. Coimbra: Coimbra Editora. 173 p. (Universitas; 18)

CORREIA, Maria da Natividade Pinheiro (1951) – Algumas considerações a propósito do teste de Binet-Simon. Coimbra: ed. Autora. 12 p.

CORREIA, Maria da Natividade Pinheiro (1951 a) – Cinco pequenas notas sobre Pedagogia. Coimbra: ed. Autora. 30 p.

CORREIA, Maria da Natividade Pinheiro (1951 b) – Educação sexual. Coimbra: ed. Autora. 16 p.

CORREIA, Maria da Natividade Pinheiro (1951 c) –A Linguagem das crianças. Coimbra: ed. Autora. 11 p.

CORREIA, Maria da Natividade (Pinheiro); CORREIA, António (org.) (1950) – A Minha história: O livro da criança. Coimbra: Instituto Infantil. /100 p./

COSTA, Emília de Sousa (1929)- A Caixinha dos Segredos. Ilustrações de Vasco Lopes de Mendonça. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade. (Tip. de Empresa do Anuário Comercial). (Biblioteca dos Pequeninos/Dirigida e organizada por Emilia de Sousa Costa)

COSTA, Emília de Sousa (1932)- Olha a malícia e a maldade das mulheres: conferência pronunciada no salão de festas do Século, em Junho 1930. Lisboa: O Século. 29 p.

COSTA, Emília de Sousa (1943) – Triste vida a da raposa!: novela para crianças de oito a catorze anos. Il. De Raquel Gameiro Ottolini. Porto: Educação Nacional. 86 p. (Biblioteca das Crianças)

COSTA, Emília de Sousa (ca. 1945) – A Mulher no lar. 4ª ed: refundida e melhorada. Porto: Porto Editora. 198 p.

COSTA, Emília de Sousa (s.d.)- A Mulher educadora. Lisboa: Universo. 238, /18/ p. (Biblioteca Prática do Lar; 5)

COSTA, José Gil da (1974) – A Estruturação do homem e da Família e o papel da Escola de Pais: conferência proferida no Clube Fenianos Portuenses em 23/1/74. Porto: Imprensa Social. 43 p.

CRESPO, José Gomes de Almeida (1945) – A Higiene na Escola Primária. Lisboa: Ed. Autor. 70 p.

DE MARCHI, João, Padre IMC (1945) – Foi aos pastorinhos que a Virgem falou. Cova da Iria: Seminário das Missões de Nossa Senhora de Fátima. 96 p.

DELGADO, Raquel (1971) – A Bola amarela. Poemas de...Desenhos de Cila. Coimbra: Atlântida. 47 p. (Os Livros da Grande Roda. Série Rouxinol; 1)

DEUS, Maria da Luz de (ca. 1943) – Os Quatro vestidos da Terra: contos infantis. Pref. De João de Barros. Ilustrações da autora. Lisboa: Papelaria Fernandes. 28 p.

DEUS, Maria da Luz de (s.d.) - Ensaio para a iniciação do ensino do Desenho. Lisboa: Editorial “Os Nossos Filhos». 39 p.

DIRECÇÃO-GERAL DA ASSISTÊNCIA (1963) – Semana de Estudos sobre Problemas relacionados com os Cegos e a cegueira: /Actas/. Lisboa: DGA, 282 p.

DUFOYER, Pierre (s.d.) – A Alma da criança. Trad. Fernanda Falcão. Lisboa: Aster. 210, /6/ p.(Família e Educação; 1)

EDIÇÕES UNIVERSO (1944) – Novidades literárias das Edições Universo. Lisboa: Edições Universo. 12 p.

(s.d.) – A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA: problemas quotidianos. Lisboa: Livros Horizonte. /fascículos não encadernados/

ESCOLA TÉCNICA DE ENFERMEIRAS DO INSTITUTO PORTUGUÊS DE ONCOLOGIA – Curso de 1954: /brochura/. Lisboa: policopiado. 6 p.

FEDERACION DEMOCRATICA INTERNACIONAL DE MUJERES. 4º Congreso. Viena. 1-5 junio 1958 – Material de las Sesiones Plenarias. 152 p.

FERNANDES/, Nuno /Nazareth (il.) - ESOPO; LA FONTAINE (imp. 1957) – Fábulas de animais e outras. Adaptação de Alsácia Fontes Machado. Desenhos de Nuno /Nazareth Fernandes/. Lisboa: Portugalíia. 254 p.

FERNANDES, P.e Baptista (1954) – As Bibliotecas no Plano de Educação Popular. *Mensário das Casas do Povo*. Ano IX. N.º 101. Novembro. p. 3-5

FERREIRA, F.A. Gonçalves (imp. 1946) – Problemas científicos e sociais da alimentação. Lisboa: Cosmos. (Biblioteca Cosmos; 1ª Secção Ciências e Técnicas; 50)123 p.

EVELINA, Maria (1958) – A Noite dos Magos. Luanda: Ed. Autora. 7 p.

FÉDÉRATION ABOLICIONISTE INTERNATIONALE (1931) – Qu'est-ce que la Fédération Abolitionniste Internationale ? Genève : FAI. 8 p.

FERREIRA, Maria Vitória Garcia (adapt.) (1958) – O Verdadeiro tesouro e outros contos para crianças, adaptados do fabulário por...Prefácio de Maria Lúcia Silva Rosa . Ilustrações de Laura Costa. Porto: Majora Infantil. 128 p.

FERREIRA, Maria Vitória Garcia (adapt.) (s.d.) – O Cão Fiel e outros contos para crianças adaptados do fabulário por...Prefácio de Teresa Leitão de Barros. Ilustrações de Laura Costa. Porto: Majora Infantil. 128 p.

FERREIRA, Maria Vitória Garcia (s.d. a) – A Cigarra e a formiga e outros contos infantis. Porto: Majora Infantil. 29 p. (Princesinha; 20)

FIGUEIREDO, Campos de (1955) – O Mocho sábio: fábulas. Capa de Maria Keil. Coimbra: Coimbra Editora. 115 p.

FIGUEIREDO, Dulce Lobo da Costa de (1958) - /Catálogo da Exposição/ Motivos Incaicos e Aztecas em tecelagem e cerâmica de Dulce de Figueiredo. Lisboa: Diário de Notícias. 6 p.

FLORES, Fernanda /1950/ - Os Anos do Pai Gato : conto para os muito pequeninos .Ilustrações de Guida Ottolini Porto: Domingos Barreira. /16 p./

FONSECA, Lília da /1942/ - O Corte sem mestre. Desenhos de Mário dos Remédios. Lisboa: Edições Universo. 2 v.

FONSECA, Lília da (1943)- As Três bolas de sabão. Lisboa: Livraria Clássica. 126 p. (Contos de Encantar. Série Joanhina; 29)

FONSECA, Lília da (ca. 1945) – A Borboleta azul: contos em verso. Desenhos de Daniel Lancho. Lisboa: Universo. 93p.

FONSECA, Lília da (1946)- Chico pipa. Lisboa: Livraria Clássica. 111 p. (Contos de Encantar. Série Joanhina; 54)

FONSECA, Lília da (ca. 1969) – O Livro do Adelininho. (s.l.): Ed. Autora. 47 p. (Carrocel. Histórias de animais. Série A; IV)

FONSECA, Lília da (ca. 1970) – O realejo de lata: Poemas para as crianças. Desenhos de Calvet de Magalhães. Lisboa: ed. Autora. 37, /2/ p. (Carrocel. Série D - Poesia; 1)

FONSECA, Lília da (1971) – Umas férias na Serra de Verdelinda. Ilustrações de Leonor Praça Lisboa: Ed. Autora. 40 p.

FONSECA, Lília da (1977) – O Grande acontecimento. Ilustrado por Álvaro Patrício. Lisboa: Seara Nova. 45 p. (Carrocel)

FONSECA, Lília da (1977 a) – O Livro da Stelinha. Ilustrado por António Pimentel. 2ª edição. Lisboa: Seara Nova. 43 p. (Carrocel. Histórias de Animais. Série A; 3A)

FONSECA, Lília da (1980) – Chico Larico. Capa e il. De Teles Afonso. Cacém: Ed. Ró. (primavera; 1)

FONSECA, Lília da (1983) – Um passeio ao Jardim Zoológico. Capa e ilustrações de Carmen. Lisboa: Ulmeiro. 54 p.

FONSECA, Lília da (1987) – O Moinho da Inácia: as aventuras de um pássaro. Ilustrações de Patrícia Garrido. Lisboa: Livros Horizonte. 63 p. (Horizonte Juvenil; 9)

FONTES, Vitor (org.) (1946) – No Centenário de Pestalozzi. Lisboa: Instituto António Aurélio da Costa Ferreira. 61 p. (Monografias do Boletim; 4)

FONTES, Vitor (1947) – As “Maldades” da Criança: Palestra de Puericultura para os pais e educadores. Lisboa. *Revista Portuguesa de Pediatria*: Separata. Ano X. N.º 4. Jul-Ago. 19 p.

FONTES, Vitor; BOTELHO, Maria Leonor; SACRAMENTO, Mário (1971) – A Criança e o livro: aspectos psicológicos, pedagógicos e literários. Lisboa: Livros Horizonte. 111 p. (Biblioteca do Educador Familiar; 1)

(s.d.) - FUNDAÇÃO RAQUEL E MARTIN SAIN: /brochura/. Lisboa: FRMS.

GERSÃO, Virgínia (Faria) (1931) – O Serão da Infanta: peçazinha em um acto. Coimbra: Minerva. 31 p.

GERSÃO, Virgínia Faria (1932) – A Gramática das criancinhas. 2ª ed. Coimbra: Livraria Gonçalves. 144 p.

GERSÃO, Virgínia (Faria) (1937) – A Gata Borracheira: peçazinha em um acto. S. Martinho do Porto: Ed. Autora. 53 p.

GERSÃO, Virgínia (Faria) (1938a) – Auto do Natal: peçazinha em um acto e dois quadros, musicada pelo insigne professor Tomaz Borba. Coimbra: s.n. 23 p.

GERSÃO, Virgínia (Faria) (1938b) – A Pastorita: opereta em 3 actos...musicada pelo insigne professor Tomaz Borba. Coimbra: Ed. Autora. 110 p.

GERSÃO, Virgínia (Faria) (1938c) – Rosas: peçazinha em um acto. 2ª ed. Coimbra: s.n. 23 p.

GERSÃO, Virgínia (Faria) (1939) – Branca de Neve: peçazinha em um acto e quatro quadros, musicada pelo insigne professor Tomaz Borba. Coimbra: Ed. Autora. 55 p.

GERSÃO, Virgínia (Faria) (1940) – Filipa de Vilhena: peçazinha em um acto...musicada pelo insigne professor Tomaz Borba. Coimbra: s.n. 20 p.

GERSÃO, Virgínia (Faria) (1941) – Uma aurora no Poente: peçazinha em um acto. Coimbra: s.n. 20 p.

GERSÃO, Virgínia (Faria) (1942) – Miosótis: peçazinha em um acto e dois quadros, musicada pelo insigne professor Tomaz Borba. Coimbra: Ed. Autora. 64 p.(Teatrinho Infantil)

/GERSÃO, Virgínia?/ (ca. 1944?)- /Cantigas do verbo dar.../. S.l.:s.n. /16 p./

GERSÃO, Virgínia (Faria) (1950) – Amélia Janny: conferência realizada no Instituto de Coimbra, no dia 5 de Junho de 1950, com uma antologia da poetisa. Coimbra: Ed. Autora. 67 p. (Separata de *O Instituto*; Vol. 114)

GOMES, Alice (org) (imp. 1955) – Poesia para a Infância. Capa e ilustrações de Costa Pinheiro. Lisboa: Ulisseia. 119 p.

GOMES, Alice (1968) – As Histórias da Coca-Bichinhos. Desenhos da Zé Pedro. Lisboa: Aster. 52 p. (Capuchinho Vermelho; 8)

GOMES, Madalena (1965) – Zora, a pequena árabe. Coimbra: Atlântida. 45 p. (Bandeiras de todo o mundo)

GOMES, Madalena (imp. 1966) – Contos para a Maria Madalena. Coimbra: Atlântida. 47 p. (Bandeiras de Todo o mundo)

GOMES, Madalena (1969) – O Tesouro do Mendigo. Lisboa: Seara Nova. /42 p./ (Carrocel; 10)

GOMES, Madalena (1970) – A Maria Pequeninina. Ilustrações de Sobarl Cid. Coimbra: Atlântida Editora. 49 p.

GOMES, Madalena (1975) – O Crocodilo e o passarinho. Il. De Sara Afonso. Lisboa: Arlequim Livros Infantis. 39 p.

GOMES, Madalena (1975 a) – O Leão vegetariano: contos para crianças. Com desenhos de Tossan. Coimbra: Atlântida. 34 p.

GOMES, Madalena (1981) – Contos para a Catarina. Lisboa: Ed. Autora. 63 p. (Educação pela Arte; 5)

GOMES, Madalena (1982) – Um País chamado Infância. Ilustrações de Adelaide Penha e Costa. Lisboa: Ed. Autora. 98 p. (Educação pela Arte; 6)

GRÁCIO, Rui (1966) – Educação, Educação Escolar, Educação Permanente. *O Tempo e o Modo*: Separata. Lisboa. Abril. 23 p.

GRÉMIO NACIONAL DOS EDITORES E LIVREIROS (1949) – Relação dos Agremiados: em 31 de Dezembro de 1948. Lisboa: GNEL. 15 p.

GUIMARÃES, Maria Adriana da Cruz (1979) – Pim-Pim o peixinho prateado.
Ilustrações de Cristina Rosa. Porto: Ed. Autora. /24 p./

GUIMARÃES, Maria Adriana da Cruz (1981) – O sol quando nasce. Porto: Ed. Autora. 57 p.

GUIMARÃES, Maria Adriana da Cruz (1983) – Pim-Pim visita a terra. Ilustrações de Pedro Lopes. Porto: Ed. Autora. /46 p./ (Novas Aventuras de Pim-Pim)

GUIMARÃES, Maria Adriana da Cruz (1987) – Pim-Pim quis voar. Desenhos de Leonor Machado. Porto: Ed. Autora. 52 p. (Novas Aventuras de Pim-Pim)

HERMANN, E. (cop. 1955) – L'Enfant unique. Avignon: Édouard Aubanel. 106 p. (L'Enfant, ses complexes, leur guérison; 10)

IGREJA CATÓLICA...Papa. (João XXIII) (1963) – Pacem in Terris: Carta Encíclica de Sua Santidade João XXIII. Lisboa: União Gráfica. 64 p.

INQUÉRITO às mulheres portuguesas (1935) - In O Diabo: Grande semanário de literatura e crítica. Ano 11, nº 69-85 de Out. 1935- Fev. 1936

LEMOS, José de (1957)- O Sábio que sabia tudo e outras histórias. II. Do autor. Lisboa: Ática. 78 p.

LISBOA, Irene (1944) – Educação: palestra proferida no salão do Grupo dos Modestos, do Porto, na noite de 20 de Janeiro de 1944. Lisboa: Saera Nova. 31 p.

LISBOA, Irene (1971) – A Vidinha da Lita. Desenhos de Ilda Moreira. Coimbra: Atlântida. 55 p.(Os Livros da Grande Roda. Libelinha B: para as mães lerem aos mais pequeninos e para os que já lêem bem; 1)

INSTITUTO DE SERVIÇO SOCIAL /1948/ - Pelas famílias da nossa terra. Lisboa: ISS. 12 p.

IRMÃ Maria da Imaculada Conceição (1959) – Comunicação apresentada na II Reunião de estudos dos Serviços Jurisdicionais de Menores. *Infância e Juventude: Revista da Federação Nacional das Instituições de Protecção à infância*. Lisboa. Ano V. Jan.-Mar.. n.º 17. P. 21-24

JCF /Juventude Católica Feminina/: Serviço de Leituras (1954) – Literatura Infantil: crítica de livros e jornais. Lisboa: Serviço de Leituras da JCF. Nº 1. /31 fichas de apreciação de livros/

JEANSON, Colette (imp.1955) – Princípios e prática do parto sem dor: trad. E nótulas de J. Seabra Dinis e Pedro Monjardino; carta-prefácio de Aquilino Ribeiro. Lisboa: Cosmos. 239 p.

JOYCE, Patrícia (1955) – O Livro da comadre cegonha. Ilustrado por José de Lemos. Lisboa: (ed. Autora); distribuidora Sociedade de Expansão Cultural. 58 p.

JOYCE, Patrícia (1958) –História de um bago de uva. Ilustrado por José de Lemos. Lisboa: (ed. Autora) distribuidora Sociedade de Expansão Cultural. 86 p.

JUVENTUDE CATÓLICA FEMININA (1938)- A Família: estudo doutrinário: 1938-39. Braga: Juventude Católica Feminina/ Acção Católica Portuguesa.

JUVENTUDE CATÓLICA FEMININA (1940)- Cursos de formação da Juventude Católica Feminina. Lisboa: Secretariado Nacional da JCF.

JUVENTUDE CATÓLICA FEMININA (1956)- Sugestões para bibliotecas da JCF. Lisboa: s.n. 9 p.

L., P. (1962) – Martin Sain, evocação de uma vida. Lisboa: s.n. 53 p.

LAMAS, Maria – v. Tb. SILVESTRE, Rosa

LAMAS, Maria (1942) – O Vale dos encantos: novela infantil. Ilustrações de Roberto Araújo. Lisboa: Edições Universo. 211 p.

LAMAS, Maria (1952) - A Mulher no mundo. Lisboa: Livraria Editora do Estudante de Brasão.

LEITÃO, Leonoreta (1978) – Recado: Textos escolhidos de Língua Portuguesa para os Cursos Supletivos e Ciclo Preparatório. Lisboa: Plátano. 124 p.

LEMOS, A. Tovar de (1936) – Dispensários de Higiene Social: relatório de 1935. Lisboa: Direcção Geral de Saúde Dispensário de Higiene Social. 88 p.

LEMOS, A Tovar de (1936 a) – O Serviço de Inspeção de Toleradas em 1935. Lisboa: Imprensa Nacional. 29 p.

LEMOS, A Tovar de (1940) – O Dispensário de Higiene Social de Lisboa: sua organização e funcionamento. Lisboa: Imprensa Libânio da Silva. 57 p. + /2 envelopes com documentos impressos/

LEMOS, Esther de (1957) – A Menina de porcelana e o general de ferro: Contos infantis. Ilustrações de Viviane. Lisboa: Ática. /Edição por intervenção do Serviço de Escolha de Livros para as Bibliotecas das Escolas Primárias/

LIGA DE PROTECÇÃO À INFÂNCIA (1931) – O Livro das Mães. Lisboa: Liga de Protecção à Infância. 64 p.

LIGA PORTUGUESA DA PROFILAXIA SOCIAL (1944) – A Mosca: insecto perigoso e nojento: combatê-lo sem tréguas é defender a saúde da grei. Porto: LPPS. 3 p.

LIGA PORTUGUESA DA PROFILAXIA SOCIAL (1947). - QUE O é que tem realizado a Liga Portuguesa de Profilaxia Social Porto: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

LIGA PORTUGUESA DA PROFILAXIA SOCIAL (1950) A Campanha pelo casamento das enfermeiras: acção da Liga... em prol do casamento das telefonistas da Anglo-Portuguese Telephone Company. Porto: Imprensa Social. 203 p.

LIGA PORTUGUESA DE PROFILAXIA SOCIAL (1951) – A Acção da Liga Portuguesa de Profilaxia Social em prol dos leprosos portugueses. Porto: Imprensa Social. 94 p.(Conferências da LPPS; 11)

LIGA PORTUGUESA DA PROFILAXIA SOCIAL (1951 a) – O Problema das carqueijeiras do Porto e como a Liga de Profilaxia Social tem procurado resolvê-lo. Porto: Imprensa Social. 53 p (10)

LIGA PORTUGUESA DA PROFILAXIA SOCIAL (1954) – O Combate às moscas e mosquitos transmissores de muitas e graves doenças visto através da actuação da LPPS. Porto: Imprensa Social. 97 p. (13)

LIGA PORTUGUESA DA PROFILAXIA SOCIAL (1974) – 50 anos de actividade em prol do bem comum: 1924-1974. Porto: LPPS. 15 p. (41)

LIMA, Augusto C. Pires de (1943) - O Livro das Adivinhas. Porto: Domingos Barreira. 135 p. (Folclore e Pedagogia; 2). (1ª edição é de 1921)

LIMA, Magalhães (s.d) – Episódios da minha vida: Memórias documentadas com fotografias e caricaturas de Rafael Bordalo Pinheiro, Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro e Francisco Valença. Lisboa: Livraria Universal de Armando J. Tavares. 333 p.

LISBOA, Irene (1971) – A Vidinha da Lita. Desenhos de Ilda Moreira. Coimbra: Atlântida. 55 p.(Os Livros da Grande Roda. Libelinha B: para as mães lerem aos mais pequeninos e para os que já lêem bem; 1)

LOSA, Ilse (1949) – Faísca conta a sua história: para crianças dos 7 aos 11 anos. Desenhos de Augusto Gomes. Porto: Marânus. 29 p.

LOSA, Ilse /1954/ - A Flor azul e outras histórias. Ilustrações de Mário Bonito. Porto: Figueirinhas. 102 p.

LOSA, Ilse (1954 a) – Nós e a criança: um livro para os pais./ilustrações de Laura Costa/. Porto: Porto Editora. 236 p.

LOSA, Ilse (1958) – Um fidalgo de pernas curtas: novela infantil. Desenhos de Júlio Resende. Porto: Marânus. 98 p.

LOSA, Ilse (1976) – Beatriz e o plátano. Desenhos de Lisa Couwerberger. Porto: Asa. 31 p. (Asa Juvenil; 1)

LOSA, Ilse (s.d.) – Um artista chamado Duque. Lisboa: Livraria Sampedro Ed. 126 p. (Nosso Mundo. Histórias; 14)

LOSA, Ilse (2002)- O Mundo em que vivi. 23^a ed. Porto: Afrontamento. 196 p.

LOYOLA, Hollanda (1940) – Jogos: Diversões e passatempos – Jogos educativos de acordo com o Método Francês. Rio de Janeiro: Companhia Brasil Editora. 126 p.

MACHADO, F. Falcão (1965) – Orientação profissional. Aveiro: Lusitânia. 15 p. *Revista Labor*: Separata. N.º 238

MAIA, Samuel (s.d.) – Breviário de Medicina Preventiva: para uso das famílias: Prática de sanidade e meios de evitar infecções, contágios, erros de conduta causadores de doença. Lisboa: Bertrand. 386 p.

MAIA, Samuel (s.d.a)- O Meu menino: como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer. Lisboa: Bertrand. 454 p.

MALLET, Georges (ca. 1958) – Pestalozzi. Trad. De Alice Varela Lavrador. Lisboa: Empresa Literária Fluminense. 95 p.

MANDOVI, Carla (1965) – Ragu. Ilustrações de Júlio Resende. Coimbra: Atlântida. 33 p.

MANTEGAZZA, Paulo (1925) - O Elogio da Velhice. Versão do original italiano por Arlindo Varela. Lisboa: Empresa Literária Fluminense. 268 p.

MARDEN, O.S. (1924) – O Corpo e o espírito: Maneira de desenvolver entre si a harmonia. Trad. de José de Queirós. Porto: A. Figueirinhas. 207 p.

MARQUES JÚNIOR, Henrique (compil.) (1942) – Aventuras maravilhosas de um príncipe e outros contos com prefácio de Maria Lamas. il. Laura Costa. Porto: Livraria Latina. 63 p.(Biblioteca Infantil Latina . Coleção Pinóquio; I)

MARQUES JÚNIOR, Henrique (1943) – No Reino do Prodígio: contos infantis. /il. De Maria Vasconcellos). Porto: Educação Nacional. 87 p. (Biblioteca das Crianças)

MARQUES JÚNIOR, Henrique (compil.) (imp. 1943 a) – História do João Gigante e outras aventuras. /desenhos de Laura Costa/.Porto: Livraria Latina. 63 p. (Pinóquio; 2)

MARQUES Júnior, Henrique (imp. 1943) – Novas histórias maravilhosas colhidas da tradição oral por Ana de Castro Osório. Porto: Livraria Latina. 62 p. (Pinóquio; III)

MARQUES Júnior, Henrique (1944) – Aventuras de Robison Crusoé, contadas às crianças por... Ilustrações de Amorim. Lisboa: Romano Torres. 42 + /6/ p.

MARQUES Júnior, Henrique (imp. 1944 a) – O Doente de cisma e o médico à força de Molière. Porto: Livraria Latina. 62 p. (Pinóquio; VI)

MARQUES JÚNIOR, Henrique (compil.) (imp. 1945) – Ivanhoé: romance histórico de Walter Scott adaptado para crianças. /desenhos de Laura Costa/. Porto: Livraria Latina. 64 p. /desenhos de Laura Costa/.Porto: Livraria Latina. 63 p. (Pinóquio; 2)

MARTINS, Deolinda (s.d.) A Saúde pela Educação Física. Desenhos dr. Rui Gouveia. Lisboa: Universo. 201 p. (Biblioteca Prática do Lar)

MATOS (1948) – Os Dois primeiros meses da minha candidatura à Presidência da República. Lisboa: Ed. Autor. 125 p.

MENDONÇA, Virgínia Lopes de (1945)- Ar puro: romance. Lisboa: Editorial “Os Nossos Filhos”. 210 p.

MENDONÇA, Virgínia Lopes de (ca. 1958) – A Gaivota: Novelas. Lisboa: Portugália. 295 p. (Biblioteca das Raparigas; XXXII)

MENERES, Maria Alberta (1981) – O Ouriço-cacheiro espreitou 3 vezes. ilustrou António Modesto. Porto: Asa. 55 p. (Asa Juvenil/ coordenação de Ilse Losa; /22/)

MIRA, M. Ferreira de (1938) – Gente moça. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade. 231 p.

MIRA, M. Ferreira de (1939) – Vida de campo. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade. 217 p.

MIRA, Ferreira de (1940) – Manuel Bento de Sousa. Lisboa: Seara Nova.209 p.

MIRA, M. Ferreira de (1941) – Os Desportos em Val-de-Giestas. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade. 244 p.

MIRA, M. Ferreira de (1943) – Bases da alimentação racional. Lisboa: Cosmos. 125 p. (Biblioteca Cosmos; 1ª Secção. Nº 2 Ciências e Técnicas)

MIRA, Ferreira de (1943 a) – Curiosidades científicas. Lisboa: Seara Nova. 199 p.

MIRA, M. Ferreira de (1944) – A Arte de educar. 2ª ed. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade. 218 p. (1ª edição é de 1937)

MIRA, M. Ferreira de (1945) – Higiene individual: a arte de vestir. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade. 217 p.

MIRA, Ferreira de (1945 a) – Higiene rural. Lisboa: Livraria Luso-Espanhola. 135 p.(Biblioteca Rural. Fundada sob a direcção do Eng. Agrónomo Luís Quartin Graça; 8)

MIRA, Ferreira de (1946) – O Trabalho e a alimentação. Lisboa: Livraria Luso-Hespanhola. 119 p. (Biblioteca Rural/ sob direcção de Agrónomo Luís Quartim Graça; 12)

MIRA, M. Ferreira de (1948) – História da Medicina Portuguesa. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade. 558 p.

MIRA, M. Ferreira de (1949) – A Nossa Casa: Higiene do lar. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade. 174 p.

MIRANDA, António de (1943) – O Sentimento de Justiça na Educação: conferência realizada no Club Nacional a pedido da Associação dos Estudantes da Escola Normal Luís de Camões em 12-11-1943. Bastorá (Índia Portuguesa): Tipografia Rangel. 51 p.

MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA (1945)- Curso de donas de casa. *Boletim mensal da MPF*. N.º 70, Fev. p. 4-5

MORAIS, Lisa Pina de (ca. 1958) – Tiago e o seu cão Igor. Ilustrações de A. Luís. Lisboa: dist. Sociedade de Expansão Cultural. 58 P.

MORAIS, Maria Palmira Tito de Morais (1946) – Enfermagem científica: considerações acerca da sua evolução histórica: conferência realizada a convite da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, no Clube dos Fenianos Portuenses. Separata do *Jornal do Médico: Separata*. VIII (200). P. 655-662

MORAIS, Maria Palmira Tito de (1946 a) – A Enfermagem de Saúde Pública num programa de profilaxia da tuberculose. Separata da *Imprensa Médica* Ano XII (12): 185-196, 25-Junho-1946. 23 p.

MOREIRA, Araújo (1966) – Surdos e incomunicáveis. Capa de Maria Aurélia. Montijo: (ed. Autor). 156 p.

MOREIRA, Manuel Vicente (1933) – Creches industriais: Ensaio Médico-sociais. Coimbra: Imprensa da Universidade. 29 p + 10 fotos

MOREIRA, Manuel Vicente (1934) – Assistência e Educação maternais e infantis de uma zona pobre de Lisboa: Plano geral de conjunto e projecto especial da Creche. Lisboa. 16 p. *Brotéria: Separata*. Vol. XIX. 2-3 Ago.-Set. 1934

MOREIRA, Manuel Vicente (1934 a) – Lisboa oriental: Apontamentos de uma campanha. Lisboa: Livraria Morais. 46 p.

MOREIRA, Manuel Vicente (1935) – A Protecção da Maternidade: alguns problemas. In MOREIRA, Manuel Vicente (1935) - Notas de viagem. Lisboa: Livraria Morais. P. 47-83 /apresentado no Instituto de Serviço Social e publicadas na *Brotéria*. N.º Ago./

MOREIRA, Manuel Vicente (1941) – Dispensários de Puericultura: das sua finalidade e construção. *Revista Portuguesa de Pediatria e Puericultura: Separata*. Vol. IV. N.º 5. 34 p.

MOREIRA, Manuel Vicente (1942) – Propaganda de higiene social e acidentes de trabalho: apelo para a criação dum museu. Lisboa. Separata da revista *Brotéria*, vol. XXXV, 2-3, Ago.- Set. 1942. acrescida de parte do catálogo e 2 gravuras.32 p.

MORGADO, Emília (Augusta de Sá Vargas) (1942) – Cuidemos das criancinhas: Noções de Puericultura. Porto: Imprensa Portuguesa. 150 p.

MOTTA, Virgínia da (1946) – A Princesa e as três irmãs: Novela Infantil./ilustrações de Cambraia/. Lisboa: s.n. (Imp. Gráfica Santelmo). 107 p. (Caracol; 2)

MOURA, Frederico de (1942) – Vista de olhos dum médico sobre o problema da criança. Ilhavo: Tipografia Beira-Mar. 29 p.

(Conferência realizada no SportClub BeiraMar, de Aveiro, na noite de 6 de Março de 1942, sob a presidência do Ex.mo Sr. Álvaro Sampaio, vice-Reitor do Liceu de José Estêvão, que foi secretariado pelos Ex. Srs. Director Escolar do Distrito e Dr. Francisco Soares).

MULLER, Adolfo Simões /1944/ - Historiazinha de Portugal. Ilustração de Emmérico Nunes. Lisboa: SPN. 164, /4/ p. + apêndice cronológico.

MULLER, Adolfo Simões (1949) – O Grande almirante das estrelas do sul. Porto: Livraria Tavares Martins. 217 p.(Gente grande para gente pequena; 5)

MULLER, Adolfo Simões (1957) – O Exército imortal: pequena história de Gutenberg e do livro. Ilustrações José Ruy. Porto: Livraria Tavares Martins. 220 p. (Gente Grande para Gente pequena; 7)

MULLER, Adolfo Simões (trad.) (s.d.) – Aventuras de dois miúdos e dois castores de OWL, Grey. Ilustrações de Manuel Lima. Lisboa: Livraria Clássica Ed. 246 p.

MUSEU JOÃO de DEUS (1951) – No 75º aniversário da «Cartilha Maternal»: Dois discursos comemorativos. Lisboa: Direcção da Associação dos Jardins-Escolas João de Deus. 15 p.

NARCISO, Dr. Armando (1945) – A Criança no mar e na montanha: colónias de férias. Lisboa: Editora Médica. 28 p. Separata da Revista *Clínica, Higiene e Hidrologia* Maio 1945

(1965) O NATAL VISTO PELAS CRIANÇAS. Porto: Portugália Ed. 75 p.

NELLY (pseudónimo de Maria Forjaz Trigueiros) (1945) – O Dia do Zèzinho. Lisboa: Editorial do Povo. 56 p.

NOGUEIRA, Brás (1942) – Lições de higiene. 1ª ed. Lisboa: Herdeiros da Tipografia Vieira. 8 x 15 cm. 131 p. *Ecos de Belém: Separata.*

NOGUEIRA, Manuela (1981) – Minha amiga lagartixa e outros contos. Ilustrações de António Esquível Calçada Bastos. Lisboa: Ática. 55 p.

NORONHA, Remo de (1942) – Alimentação dos rurais do Douro: Subsídios para um estudo médico-social: Conferência promovida pela Liga Portuguesa de Profilaxia Social e proferida no Clube dos Fenianos Portuenses pelo Dr. Demo de Noronha, médico em Mesão Frio, no dia 29 de Maio de 1942, a convite da mesma Liga. Régua: Ed. Autor. 18 p.

OLIVEIRA, Carlos de; FERREIRA, José Gomes (org.) (1958) – Contos Tradicionais Portugueses. Ilustração de Maria Keil. Lisboa: Iniciativas Editoriais. 23 fascículos (48 p. cada)

OLIVEIRA, Hermes de Araújo (1968) – O Homem branco e o homem de cor frente a frente: conferência realizada no Clube Fenianos Portuenses em 6 Maio 1968. Porto: Imprensa Social. 43 p.

OLIVEIRA, Maria Elisa Nery de (1954) – A Quinta das Amendoeiras para os nossos filhos. Desenhos de E. Loureiro. Lisboa: imp. Bertrand & Irmãos. 74 p.

OLIVEIRA, Maria Elisa Nery de (1956) – Férias da Páscoa para os nossos filhos. Desenhos de E. Loureiro. Lisboa: Imprensa Gráfica Bertrand & Irmãos. 96 p.

OSÓRIO, Ana de Castro (s.d.) – Últimas histórias maravilhosas da Tradição Popular Portuguesa, recolhidas e contadas por desenhos de Álvaro Duarte Alemida. 1ª ed. Lisboa: Sociedade de Expansão Cultural. 112 p.

OSSWALD, Maria de Castro Henriques (s.d. a) – Enquanto a avó conta. Porto: Educação Nacional. 252 p.

OSSWALD, Maria de Castro Henriques (s.d.)b) – O Príncipe viaja. Ilustrado por Artur da Fonseca. Porto: Livraria Tavares Martins. 99 p.

OSSWALD, Maria de Castro Henriques (s.d.)c) – Portugal eterno. Porto: Porto Editora. 137 p.

OSSWALD, Maria de Castro Henriques (s.d.) d) – Três sombras sobre um lago. Porto: Porto Editora. 210 p. (Portuguesa)

PAÚL, António (1943) – Assistência estomatológica escolar: sugestões para a sua organização em Portugal. *Revista da Sociedade Portuguesa de Estomatologia: Separata*. Vol. 1 (6). Jul. - Dez. 32 p.

PAÚL, António (1947) – O Serviço de Profilaxia Estomatológica. *Revista da Sociedade Portuguesa de Estomatologia: Separata*. Vol. V (4). Out. - Dez. 14 p.

PAÚL, António da Silva (1948) – A Estomatologia, otorrinolaringologia e oftalmologia vistas sob o aspecto sanitário: Relatório da missão desempenhada na Suécia, Bélgica, França e Espanha...Lisboa. *Separata Boletim da Assistência Social*. Nº 53 a 55. 80 p.

PAÚL, António (1953) – Trabalhadores de tenra idade: subsídios para um Plano Nacional de Higiene nas primeiras idades. Lisboa. *Separata do cJornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa» Tomo CXVII. N.º 7. 72 p.*

PAÚL, António (1956) – Evolucion y progreso de la estomatologia: fundamentos y nuevas orientaciones clinico-terapeuticas. *Separata da Revista Española de Estomatologia*. Tomo IV, nº 2. Marzo-Abril./19 p.

PEREIRA, Henrique da Costa (ca. 1958) – As Touradas: Espectáculos anacrónicos e cruéis. (Vila Nova de Gaia): ed. Autor. 15 p.

PEREIRA, Lídia Correia Serras (1941) – Bicharada endiabrada: contos para crianças. Ilustrações de Guy Manuel. 114 p.

PEREIRA, Lídia Correia Serras Pereira (1943)- O Pinto pintalegrete. Lisboa: Livraria Clássica. 126 p. (Contos de Encantar. Série Joaninha; 24)

PEREIRA, Mário Monteiro dr.(1938) – Crianças escolares. Porto: Educação Nacional. 221 p. (é o nº 13 dos livros do espólio tratados pelo Sr. Valentino)

PEREIRA, Dr. Mário Monteiro (1961) – Problemas médicos da vida quotidiana. Sociedade de Expansão Cultural. 201 p.

PINTO, J. Estêvão (1946) – Luís de Camões. Ilustrações de Júlio Gil. Lisboa: SNI, Portugal Ed. 37 p. (Grandes Portugueses; 6)

PINTO, Maria Evangelina (1930) – A Higiene nas escolas: necessidade do seu ensino: Dissertação elaborada como título de candidatura ao concurso para provimento do lugar do médica escolar do Liceu de D. Filipa de Lencastre Lisboa: ed. Autora. 74 p.(feito na Tipografia da Cooperativa Militar)

PIRES, Maria Luísa Torres e CARNEIRO, Luísa Vieira /1964/- Traçar para escrever. Capa de João Ramires. Ilustrações e arranjo gráfico de Prates. Porto: Livraria Avis. /88/ p.

PLANCHARD, Émile (1952) – Introdução à Psicologia das Crianças. 2ª ed. Actualizada. Coimbra: Arménio Amado. 302 p. (Studium; Temas Filosóficos, Jurídicos, Sociais)

PIRRAYT, Amaral (1936)- O Trabalho das mulheres e dos menores. In UNIÃO Nacional. Centro de Estudos Corporativos – Uma série de conferências. Lisboa: União Nacional. P. 189-239

RAMOS, Gustavo Cordeiro (1936)- Os Fundamentos éticos da escola no Estado Novo. In UNIÃO NACIONAL. Centro de Estudos Corporativos (1937)- Uma série de conferências. Lisboa: União Nacional. P. 363-378

RAMOS, João de Deus (imp. 1940) – A Criança em Portugal antes da Escola Primária: Conferência realizada no Porto em 25 de Fevereiro de 1939, a convite da Liga Portuguesa de Profilaxia Social. Lisboa: Livraria Bertrand. 24 p.

RAMOS, João de Deus e DIAS, Jaime Lopes (1948) - O Livro de capa verde: selecta infantil: Adoptada nos Jardins Escolas João de Deus. Desenhos de Álvaro Duarte de

Almeida. Capa de José Espinho. Direcção Gráfica de Marques da Costa. Lisboa: Livraria Bertrand. 113 p.

RAMOS, Maria Carolina (1937)- Para a mulher: dez minutos ao microfone. Porto: Livraria Simões Lopes. 155 p.

RAPOSO, Luís (1931) – Obra de Protecção à Grávida e Defesa da Criança: suas origens e seus fins: comunicação apresentada ao Congresso Internacional de Protecção à Infância que reuniu em Lisboa de 25 a 29 de Outubro de 1931. Coimbra: Junta Geral do Distrito. 20 p. + mapa

RÉGIO, José (1955) – Marina e a camélia. In *A Criança: órgão da Associação Protectora da Criança Contra a Crueldade e Abandono*. Porto. Janeiro. N.º 1. p. 9-11

REPARTIÇÃO DE ASSISTÊNCIA À INFÂNCIA (1952) - A Criança dos seis aos doze anos: edição portuguesa do púsculo intitulado *Your Child from Six to Twelve* publicado pela Diretoria Federal de Previdência. Washington : Repartição de Línguas Estrangeiras da Secretaria de Estado. 171 p.

RODRIGUES, Adriana (1943) - A Estrela do oriente: contos para crianças. Lisboa: Editorial Acção Missionária.157 p.

RODRIGUES, Adriana (1943a) –Horas alegres: contos para crianças. Lisboa: Edições “L.I.A.M.” 167 p.(Biblioteca Missionária)

RODRIGUES, José Francisco (1944) – O Grande problema: estudos sobre educação. Lisboa: Papelaria Fernandes. 210 p.

RODRIGUES, José Francisco (1949)- A Família, a mulher e o lar. Lisboa: Papelaria Fernandes. 147 p.

RODRIGUES, José Francisco (1962) – Os Dez Mandamentos do Educador cristão: lição de abertura do I Encontro Provincial dos Religiosos para o Ensino em Moçambique. 14-21- Jan. 1962. Beira: I EPREM. 32 p.

RODRIGUES, Maria do Carmo (1964) – Dona Trabucha a costureira bucha. Lisboa: Portugália. 162 p.

RODRIGUES, Maria do Carmo (1980) – Camélias brancas: novela infantil. Ilustrações de Dina Pimenta. Funchal: Ilhatur. 79 p. (Canoa; 3)

RODRIGUES, Maria do Carmo (1982) – Sebastião, o índio: novela infantil. Ilustrações de Dina Pimenta. Funchal: Ilhatur. 77 p. (Canoa; 5)

RUMINA, Branca (1945)- O Guia das mães: os filhos do nascimento à adolescência. 2ª ed. Lisboa: “O Século”. 329 p.

SÁ, Victor de (1955) – O que é a UNESCO. Braga: Ed. Autor. 66 p. (Cultura e Acção; II)

SACADURA, Sebastião C. da Costa (ca. 1929) – Considerações sobre o aborto criminoso em Portugal. Porto: Empresa Ind. Gráfica. 37 p.

SACADURA, Sebastião C. da Costa (1948) – Lactários de leite de mulher: Serviço de doadoras de leite: conferência realizada em Faro, em 28 Janeiro 1945. Lisboa, Faro: Associação Protectora da 1ª Infância e Refúgio Aboim Ascensão. 36 p.

SACADURA, Sebastião C. da Costa(1954) – A Enfermagem: missão espiritual pelo amor do próximo. Porto. *O Médico: Separata*. N.º 138. 22 p.

SACRAMENTO, Mário (1943) – A Criança nas relações com o adulto: Palestra realizada no *Grupo dos Modestos* em 14 de Maio de 1943. Porto: Educação Nacional. 62 p.

SANTA-CLARA, Ana Teresa (compil.) (1995) – Principais reformas do Ensino Secundário. S.L.: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (ex. fot.). /49/ p.(Textos de Apoio à Investigação; 5)

SANTA-RITA, Leonor (1977) – Gosto de ti. Capa e desenhos de Carlos Barradas. Lisboa: Plátano. 15 p. (Caracol; 12)

SANTOS, Isaura Correia (ca. 1946) – O Senhor sabe tudo contou...: para crianças escolares. /ilustrações de Pedro de Figueiredo?/ Porto: Figueirinhas. 150 p.

SANTOS, Isaura Correia (ca. 1947) – Fernandinho e o ABC. Porto: Educação Nacional. (Dos Miúdos; 26)

SANTOS, Isaura Correia (1947 a) – Madalena e os Pirilampos. Porto: Educação Nacional. (Dos Miúdos; 24)

/SANTOS, Isaura Correia/ (1949?) - /Assistência Post-Asilar/. 22 p. (ex. dactilog.)

SANTOS, Isaura Correia (Uma alentejana) (imp. 1949) – O Senhor sabe tudo em Évora: para as crianças escolares. /lustrações de Laura Costa/ Porto: Figueirinhas. 106 p.(Figueirinhas para crianças)

SANTOS, Isaura Correia (dedic. 1952) – O Senhor sabe tudo em Lisboa: para crianças em idade escolar. /lustrações de Laura Costa/ Porto: Figueirinhas. 125 p.(Figueirinhas para crianças)

SANTOS, Isaura Correia (1958) – O Senhor Sabe Tudo e os seus amores: Para crianças em idade escolar. Porto: Figueirinhas. (Figueirinhas para as Crianças)

SANTOS, Júlio Eduardo; CASTRO, Alfredo Vidigal das Neves e; CABRAL, Rodrigo Guerra Álvares (1933) – A Momentosa questão dos “tours de morte” em Portugal:Relatório elaborado pelos delegados das Sociedades Protectoras dos Animais, de Lisboa e Porto, e Liga Nacional de Defesa dos Animais na comissão nomeada pelo Governo, por portaria de 6 de Maio de 1933, lavrada em harmonia com o disposto no artigo 1º do decreto-lei n.º 22.482. Lisboa: Sociedade Protectora dos Animais de Lisboa, Sociedade Protectora dos Animais do Porto e Liga Nacional de Defesa dos Animais. 47 p.

SECRETARIA DE ESTADO. DEPARTAMENTO DA CRIANÇA DA DIRECÇÃO FEDERAL DE PREVIDÊNCIA SOCIAL dos Estados Unidos da América do Norte (1935) – Boa Postura na criança pequena. Lisboa: Repartição de Línguas Estrangeiras da Secretaria de Estado. (Versão portuguesa de *Good Posture in the Little Child* (edição de 1935) publicação do Departamento da Criança da Direcção Federal de Previdência Social). 28 p.

(1910) – SENHORAS?!.... In Almanach d’*O Mundo*. Lisboa. 3º ano. P. 131-132

SERRÃO, Dr. Alfredo de Araújo (1943) – O Valor alimentar do mel e a sua aplicação na terapêutica infantil: trabalho realizado por iniciativa do Posto Central de Fomento Apícola. Lisboa: Ministério da Economia. Direcção Geral dos Serviços Agrícolas. Repartição de Estudos, Informação e Propaganda. 95 p. (Divulgação; 22)

SERVIÇOS CENTRAIS DA CANDIDATURA DO GENERAL NORTON DE MATOS (1949) – Às Mulheres de Portugal: colectânea de alguns discursos pronunciados para propaganda da candidatura. Lisboa: SCCGM. 141 p.

SETEMBRO, Noémia (1947) – Flávio, o rapazinho da floresta. Lisboa: Livraria Clássica. 108 p.

SETEMBRO, Noémia (1962) – No reino das histórias. Desenhos de Maria de las Mercedes Paredes. Lisboa: Minerva. 205 p.

SETEMBRO, Noémia (1964) – Mãos cheias de estrelas e outras histórias. Desenhos de Maria de las Mercedes Paredes. Lisboa: Minerva. 203 p.

SILVA, Pe. Ferreira da (1950) – Por uma juventude melhor. Lisboa: Alpha e Omega. 210 p.

SILVA, Serras e (1952) – Ideias fundamentais sobre a Escola Primária. Coimbra: Coimbra Editora. 108 p.

SIMÕES, Armando Sereno (1948) – Carlitos, o pobre feliz. /desenhos de Cambraia/
Lisboa: Livraria Clássica Editora. 111 p.

SIMÕES, J. Gonçalves (1956) – Mamã ensina: Iniciação da Leitura da Língua Materna.
Desenhos de C. Oliveira. Lisboa: Ed. Autor ou Empresa Literária Fluminense(?). 61 p.
(O Ensino Infantil no Lar)

SILVESTRE, Rosa (1929) – Maria Cotovia. Porto: Livraria Civilização. 49 p.

SOARES, Venceslau (1953) – Festa da árvore: manifestação cívica: Palestra feita às
crianças das escolas primárias, pelo prof. ...no 1º Senado de Goa. 3- Jul. Goa:
Tipografia Rego. 7 p.

SOCIEDADE PORTUGUESA DE PEDIATRIA (org.) (1952) – 1º Congresso Nacional
de Protecção à Infância. Lisboa: imp. Oficinas Gráficas da Casa Pia. 468 p.

STAFFE, Baronesa⁵⁹² (1934) – A Mulher na família: a filha, a esposa, a mãe. Porto:
Educação Nacional. 392 p.

TAVARES, Dr. Acácio (1970) – O Clube Fenianos Portuenses e as sua obra:
Conferencia realizada no Clube Fenianos Portuenses, em Março de 1968 e integrada no
ciclo comemorativo do 64.º aniversário do Clube. Porto: Imprensa Social. 42 p. (N.º 36
colecção)

TORRES, Cristina (1949) – Para crianças: I : contos. Desenhos de Adolfo de Macedo.
Braga: Of. Gráfica de Augusto Costa. 29 p.

TORRES, Cristina (1949) – Para crianças: II: Fábulas. Desenhos de Adolfo de
Macedo. Braga: Of. Gráfica Augusto Costa. 30 p.

⁵⁹² Só lido até página 200

URCOLA, Pedro N. (imp. 1946) – Educación sexual del niño y del adolescente con breves consideraciones sobre la educación sexual de la niña . Buenos Aires: Orientation Integral Humana. 172 p. (Génesis; 7)

VALE, Custódia do (1944) – A Higiene, a criança e o conforto do lar. Lisboa: Livraria Luso-Espanhola. 98 p.(Biblioteca Rural/ dir. Do Engº agrónomo Luís Quartin Graça; 3)

VALLE, Maria Irene Faria do (1947) – A Educação sob o ponto de vista moral. Porto: Educação Nacional. 142 p.

VALLE, Maria Irene Faria do (1963) – Como educar e adaptar à vida os pequeninos: conferência realizada em 2º Janeiro 1961, a convite da Liga Portuguesa de Profilaxia Social no Salão Nobre do Clube dos Fenianos Portuenses. Porto: Imprensa Social. 55 p.(22)

VARZIM, Abel, Padre (1941) – O Dever social: conferência. Lisboa: Acção Católica Portuguesa. 43 p.

VARZIM, Abel, Padre (1942) – O Ideal cristão do trabalho. Lisboa: Accção Católica Portuguesa. 31 p.

VASCONCELOS, J.A Pestana de (1933) – O Conceito de lar e da família no Estado Novo. Coimbra: Imprensa da Universidade. 40 p.

VIANA, Mário Gonçalves (1948) – O Problema agrícola português considerado à luz da Psicologia , da Pedagogia e da Sociologia: conferência realizada no Clube Fenianos Portuenses em 12 Abril de 1947. Porto: Imprensa Social. 44 p.

8.2 Fontes secundárias

8.2.1 Referências diversas a Maria Lúcia Namorado

(1932)- “A Nossa directora em Torres Novas: /homenagem a Maria Amélia Teixeira, directora da revista “Portugal Feminino”, /feita por algumas senhoras e pela nossa ilustre delegada D. Maria Lúcia Vassalo Namorado...”. Portugal Feminino. Ano III, Nº 26, Março 1932. p. 21

(1937)- “Estante da mulher- “A Mulher dona de casa”, por Maria Lúcia.” Modas & Bordados: Vida feminina. 17-11-1937. p. 6

(1938)- “Negro e Cor de rosa” /crítica/. O Diabo. 1-Maio 1938.

(1944) - Uma MULHER exemplar / notícia sobre Tereza Correia de Sá Lavradio, retirada de “Os Nossos Filhos”/ . *Alma Feminina*: órgão e propriedade do CNMP. Outubro Ano XXVII N.º 12. p. 11

(1944) TRIUNFOS femininos: “Os Nossos Filhos”. *Alma Feminina*: órgão e propriedade do CNMP. Outubro Ano XXVII N.º 12. p. 7

(1945)- NOVOS corpos gerentes: Assembleia Geral. *Alma Feminina*. Novembro Ano XXVIII N.º 14. p. 11

(1956)- Liga Portuguesa de Profilaxia Social: Conferência: “A Mensagem de Helen Keller pela sra. D. Maria Lúcia da Silva Rosa”. Região de Leiria. 8-11-1956. p. 1 e 4

(1956 a)- “Notável conferência “A Mensagem de Helen Keller” foi o tema escolhido pela sra. D. Maria Lúcia da Silva Rosa”. Correio da Póvoa do Varzim. 4-11-1956. p. ? e 4

(1956 b)- “A Mensagem de Helen Keller”. Notícias de Guimarães. 4-11-1956. p. 1 e 2

(1956 c)- “A Mensagem de Helen Keller” foi o tema da conferência da sra. D. Maria Lúcia da Silva Rosa na Liga Portuguesa de Profilaxia Social”. Estrela do Minho. 4-11-1956. p. 1 e 2

(1956 d)- “Torres Novas: D. Maria Lúcia Silva Rosa” /sobre conferência sobre Helen Keller/. República. Lisboa. 6-11-1956

(1956 e)- Liga Portuguesa de Profilaxia Social: Conferência: “A Mensagem de Helen Keller pela sra. D. Maria Lúcia da Silva Rosa”. O Desforço: semanário republicano. Fafe. 8-11-1956. p. 1

(1956 f)- “Conferências “ Mensagem de Helen Keller” pela sra. D. Maria Lúcia da Silva Rosa”.Jornal de Notícias. e O Primeiro de Janeiro. Porto. 16-10-1956.

(1956 g)- Conferência: “A Mensagem de Helen Keller pela sra. D. Maria Lúcia da Silva Rosa no Clube Fenianos Portuense promovida pela Liga Portuguesa de Profilaxia Social”. O Comércio do Porto. Porto. 17-10-1956.

(1956 h) – A “Mensagem de Helen Keller”. *Portugal d'aquém e d'além mar: Revista ilustrada*. Lisboa. Ano XX. Dezembro. N.º 78. p. 14

(1957) - Maria Lúcia da Silva Rosa e os seus tapetes de Arraiolos. Lisboa. *Modas & Bordados*. N.º 2343. 2 Janeiro. P. 12

(1988)- MARIA Lúcia Namorado. Boletim do IAC - Instituto de Apoio à Criança. Lisboa. N.º 4 Set.-Out. /p. 6/

(1989)- MARIA Lúcia Namorado: sonhos que não morrem. *Diário de Notícias: Caderno 2: Domingo*. Lisboa. 18 Jun. p. 1

ANDRADE, Adriano da Guerra (1999)- Dicionário de pseudónimos e iniciais de escritores portugueses. Lisboa: Biblioteca Nacional.

ARAÚJO, Matilde Rosa (1989)- Falar de Maria Lúcia. *Diário de Notícias: Caderno 2: Domingo*. Lisboa. 18 Jun. p.7

BARRETO, António Garcia (2002)- Namorado, Maria Lúcia. In Dicionário de literatura infantil portuguesa. Porto: Campo das Letras. P. 366

(1971)- A BÚSSOLA. *O Comércio do Porto: O Comércio Infantil*. N.º 139. 28 Janeiro. P. 16 /recensão de “Era uma vez...”/

CARLOTA, Maria (1972)- *A Literatura Infantil na formação de crianças: Maria Lúcia Namorado: a Literatura infantil terá por missão entreter, distrair, despertar ou alimentar a imaginação, estimular a curiosidade intelectual, informar e educar*. República: Educação. 26-6-72. p. II-III

CORREIA, Natividade (1984)- “A História nos livros para crianças: de 1960 aos nossos dias”. O Diário: cultural. 16-12-1984. p. 8-9

COSTA, Soledade Martinho (1979)- *Maria Lúcia Namorado: viver do que escrevemos? Que ideia!* /entrevista/. Diário de Lisboa: Nacional. 14-4-79. p. 13

COSTA, Soledade Martinho (1988)- “ O jackpot da literatura infantil”. Diário Popular: Cultura, espectáculos. Lisboa. 22-07-1988. p. 13

COSTA, Soledade Martinho (1989)- “Os nossos escritores: Maria Lúcia Namorado”. Diário Popular: Palmo e Meio. 15-4-1989. p. 15

CRUZ, Valdemar (2005) – O Pacto do embaixador Bosques. *Expresso: Actual: Investigação*. Lisboa. 5 Março. P. 22-28

DANGRA, Júlio (1960)- “A Sra. D. Maria Lúcia pronunciou em Torres Novas uma interessante conferência sobre o Jardim-Escola”. O Almonda: semanário regionalista. Torres Novas. 26-3-1960. p. 1 e 6

FIGUEIRO, Maria Antónia Correia Ribeiro (1999)- Maria Lamas:1893-1983, uma mulher jornalista: tentativa e tentação biográfica. Lisboa: Universidade Aberta. (Dissertação de Mestrado em Estudos sobre as Mulheres)

FIGUEIRO, Maria Antónia (2002) – Maria Lúcia Namorado: história verídica de uma exposição de “Arraiolos” única. *Faces de Eva: Estudos sobre a Mulher*. Lisboa. N.º 8. p. 153-159

FONSECA, Lília da (1969)- “A História do Pintainho amarelo de Maria Lúcia Namorado”. In Fichas de leitura crítica- literatura infantil. In LUDUS: Boletim Informativo. N.º 1, I – 1969. última p.

GUIMARÃES, Maria Alice Ramalheite Pinto (2002) – Namorado, Maria Lúcia (1909-2000). Apêndice III – Notas biográficas. In GUIMARÃES, Maria Alice Ramalheite Pinto(2002) – Saberes, modas & pó de arroz: *Modas & Bordados: Vida Feminina: 1933-1955*. Coimbra. Faculdade de Letras. 19 p.(dissertação de Mestrado)

LEAL, Ivone (1982)- O Masculino e o feminino em Literatura Infantil. Lisboa: Comissão da Condição Feminina. (Cadernos Condição Feminina; 16)

LEITÃO, Leonoreta (1999)- Maria Lúcia Vassalo Namorado. “Da ambição, alguma coisa fica”. Escola Informação. N.º 147. Nov. p. 23-24

(1944) - LIVROS Novos: Joanhina quer casar por Maria Lúcia da Silva Rosa. /recensão crítica/ *Alma Feminina*: órgão e propriedade do CNMP. Directora e editora Sarah Beirão. Outubro 1944. Ano XXVII N.º 12. p. 6

(1945) - LIVROS Novos: “Os Nossos Filhos” com directora Maria Lúcia da Silva Rosa. /recensão crítica/ *Alma Feminina*: Março 1945. Ano XXVIII N.º 13. p. 9

“LÚCIA, Maria –1909”. In Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (org.) (1947)- Exposição de livros escritos por mulheres. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes. P. 141

MACIEL, Artur /1956/ - Tapetes de Arraiolos de D. Maria Lúcia Silva Rosa – no “Pórtico”. *Diário de Notícias* /recorte do jornal/. Lisboa.

MENACHO, Anabela, e outras (1987)- “Maria Lúcia Namorado”. Aveiro. (trabalho apresentado na Disciplina de Literatura Infantil da Escola do Magistério Primário)

NAMORADO, Maria Lúcia. In ROCHA, Ilídio (org.) (1998)- Dicionário cronológico de autores portugueses. V. 4. Lisboa: Europa-América. P.409

“Os Nossos Filhos: revista mensal para os pais. In NÓVOA, António (dir) (1993)- A Imprensa de educação e ensino: repertório. Lisboa: Instituto de Investigação Educacional. P. 677-680

OCKERBLOOM, Mary Mark (ed) s.d.- Namorado, Maria Lúcia. In A Celebration of women writers: writers from Portugal.

[Http://www.rery.upenn.edu/women/_generate/Portugal.html](http://www.rery.upenn.edu/women/_generate/Portugal.html).

PESSOA, Ana Maria (2003)- Namorado, Maria Lúcia (1909-2000). In NÓVOA, A (dir.) (2003) – Dicionário de Educadores portugueses. Porto: Asa. P. 971-972

PIRES, Daniel – “Nova Augusta”. In Dicionário da Imprensa periódica Literária Portuguesa do séc. XX: 1941-1974, vol. 2 1º tomo. P. 327

SOCIEDADE DE LÍNGUA PORTUGUESA (s.d.) – Homenagem a Lília da Fonseca e a Maria Lúcia Namorado (Caixa 77. Maço 5)

TRIGUEIROS, Luís Forjaz (1957) – Crónica artística. *Brotéria: Revista Contemporânea de Cultura*. Vol. LXIV. N.º 1. p. 62-63

VIEIRA, Alice (1989)- Maria Lúcia Namorado: uma vida cheia de sonhos. *Diário de Notícias: Caderno 2: Domingo*. Lisboa. 18 Jun. p. 5-6

8.2.2 Monografias sobre questões metodológicas

ABREU, Alzira Alves de (2000) – Dicionário biográfico: a organização de um saber. In SCHMIDT, Benito Bisso (org.) (2000)- O Biográfico: Perspectivas interdisciplinares. Santa Cruz do Sul (Brasil: EDUNISC. P. 71-95

AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio (2000)- La Biografía como género historiográfico: algunas reflexiones sobre sus posibilidades actuales. In SCHMIDT, Benito Bisso (org.) (2000)- O Biográfico: Perspectivas interdisciplinares. Santa Cruz do Sul (Brasil: EDUNISC. P. 9-48

AMÂNCIO, Lígia (2003)- “Como se constrói a diferença e a desigualdade”. Diário de Notícias. Notícias Magazine. 2-2-2003. p. 27-34

AMARAL, Glória Carneiro do (2000)– Sévigné em acção: sévignações. In GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádia Battella (org.) (2000)- Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas. S. Paulo, Brasil: Companhia das Letras. P. 19-33

AZEVEDO, Mário – Teses, relatórios e trabalhos escolares: sugestões para a sua elaboração. Lisboa: Faculdade de Ciências, Departamento de Educação. *

BARDIN, Laurence (1995) - Análise de conteúdo. Lisboa: Ed. 70. *

BARROSO, João (1995)- Os Liceus: organização pedagógica e administração- 1836-1960. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica. 2 v.

BASTOS, Maria Helena Camara (2002)- De Pai para filha: Cartas sobre a educação de Cora: 1849. In BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (org.) – Destino das letras: histórias, educação e escrita epistolar. Passo Fundo (Brasil): UPF. P. 5-9

BASTOS, Maria Helena Camara (2002 a)- Laços de papel. In GÓMEZ, Antonio In BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana

Chrystina Venancio (org.) – Destino das letras: histórias, educação e escrita epistolar. Passo Fundo (Brasil): UPF. P.89-113

BELL, Judith (1997) - Como realizar um projecto de investigação. Lisboa: Gradiva.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari (1994)- Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora.

BOLÍVAR, Antonio; Domingo, Jesús y FERNANDEZ, Manuel (2001) – La Investigación biográfico-narrativa en educación: enfoque y metodología. Madrid: La Muralla. (Aula Abierta)

CARREIRA, Denise (2002)- A Liderança feminina no séc. XXI: /conferência/ Fundação Calouste Gulbenkian. (org. pela CITE, U. Aberta e CIDM)

CASTILLO GÓMEZ, Antonio (2002)- “Como o polvo e o camaleão se transformam”: modelos e práticas epistolares na Espanha Moderna. In BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (org.) – Destino das letras: histórias, educação e escrita epistolar. Passo Fundo (Brasil): UPF. P. 14-42

CASTRO, E M de Melo e (2000) – Odeio cartas. In GALVÃO, Walnice Nogueira e Gotlib, Nádía Battella (org.) (2000)- Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas. S. Paulo, Brasil: Companhia das Letras. P. 11-17

CATANI, Denice Barbara; SOUSA, Cynthia Pereira de (org.) (1999) – Imprensa periódica paulista: 1890-1996: Catálogo. S. Paulo: Plêiade. 204 p.

COHEN, Louis and MANION, Lawrence (1989)- Research in Education. London: Routledge.

CORREIA, José Alberto e STOER, Stephen (1995) – Investigação em Educação em Portugal: Esboço de uma análise crítica. In CAMPOS, Bártolo Paiva (1995) – A Investigação Educacional em Portugal. Lisboa: IIE. P.29-42

CROWL, Thomas (1996)- *Fundamentals of Educational Research*. 2ª ed. N. York: Brown Benchmark. 443 p.

DAUPHIN, Cécile; POUBLAN, Danièle (2002)- *Maneiras de escrever, maneiras de viver : cartas familiares no séc. XIX*. In BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (org.) – *Destino das letras: histórias, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo (Brasil): UPF. P. 75-87

DELGADO, Andréa Ferreira (2000)- *A Rede de memórias e a invenção de Cora Coralina*. In SCHMIDT, Benito Bisso (org.) (2000)- *O Biográfico: Perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul (Brasil: EDUNISC. p.131-177

DIGNEFFE, Françoise (1997)- *Do individual ao social: a abordagem biográfica*. In MAROY, Christian; RUQUOY, Danielle (org.) (1997)- *Práticas e métodos de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva. P. 203-245

DOISE, Willem; CLÉMENCE, Alain; LORENZI-CIOLDI, Fabio (1992)- *Représentations sociales et analyse de données*. Grenoble : Presses Universitaires. 261p.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle (dir.)(1995)- *História das mulheres*. Mem Martins: Círculo de Leitores.

ESTRATÉGIA narrativa. (1987)- In REIS, Carlos; Lopes, Ana Cristina M. – *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Almedina. P. 136-138

EWING, William (2003)- *De caras! O retrato está morto! Viva a cara!* In *Cara a Cara: Exposição de Fotografia:/Catálogo/* Lisboa: Culturgest. 12 Out-28 Dez. 4 p.

FARIA FILHO, Luciano Mendes; SOUZA, Laurana Cristina Belo de (1998)- *O Jornal como fonte para a História da Educação: um estudo sobre jornais mineiros do séc. XIX*. In *II Congresso Luso-Brasileiro de História de Educação: Actas*. V. 2. S. Paulo: Universidade. P. 141-151

FERNANDES, Rogério; ESTEVES, Manuela (1995) – Estrutura e recursos da Investigação Educacional. In CAMPOS, Bártolo Paiva (1995) – A Investigação Educacional em Portugal. Lisboa: IIE. P. 12-28

FRADA, João José Cúcio (s.d.) – Guia prático para elaboração e apresentação de trabalhos científicos: teses, monografias, relatórios, currículos, projectos. Lisboa: Cosmos.

FREIRE LESTÓN, Xosé Vicenzo (1996) – A Prensa de mulleres en Galicia: 1841-1994. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas. 179 p.

FOUCAULT, Michel (1992)- A escrita de si. In FOUCAULT, Michel (1992)- O que é um autor? Lisboa: Veja. P. 129-160

FOURMENT, Alain (1987) – Histoire de la presse des jeunes et des journaux d'enfants : 1768-1988. Paris : Ed. École. 437 p.

GALL, Meredith D.; BORG, Walter R.; GALL, Joyce P. (1996)- Educational Research: an introduction. N. York: Longman. 788 p.

GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádia Battella (2000)- Apresentação. In - Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas. S. Paulo, Brasil: Companhia das Letras. P. 9-10

GILLY, Michel (2001)- As Representações sociais no campo da Educação. In JODELET, Denise (org.)- As Representações sociais. Rio de Janeiro: EdUERJ. P. 321-341

GOETZ, J.P. y LECOMPTE, M.D. (1988)- Etnografía y diseño qualitativo en investigación educativa. Madrid: Morata.

GUERREIRO, Maria das Dores (1998)- Mulheres na vida empresarial. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres. 111 p.

HALL, Michael (2000)– Raymond Chandler. In GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádía Battella (org.) (2000)- Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas. S. Paulo, Brasil: Companhia das Letras. P. 69-75

HIERNAUX, Jean-Pierre (1997)- Análise estrutural de conteúdos e modelos culturais: aplicação a materiais volumosos. In MAROY, Christian; RUQUOY, Danielle (org.) (1997)- Práticas e métodos de investigação em Ciências Sociais. Lisboa: Gradiva. P. 156-202

HUBER, Gunter L. (2001) – Aquad 5: Manual del programa para analizar datos qualitativos. 128 p. <http://www.aquad.de>

INÁCIO FILHO, Geraldo (1998) – A Monografia na universidade. Campinas: Papirus.

IONTA, Marilda (2002)- Cartas de pijama: amizade e relações de género na correspondência de Mário de Andrade e Anita Malfatti. In BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (org.) – Destino das letras: histórias, educação e escrita epistolar. Passo Fundo (Brasil): UPF. P. 248-260

JODELET, Denise (2001)- Representações sociais: um domínio em expansão. In livro Jodelet, Denise (org.)- As Representações sociais. Rio de Janeiro: EdUERJ. P. 17-44

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (1998)- Escolarização e brincadeira na educação infantil. In SOUSA, Cynthia Pereira de (org.)- História da educação: processos, práticas e saberes. S. Paulo: Escrituras. P. 123-138

LAFER, Celso (2000)– Sobre a correspondência de Hannah Arendt. In GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádía Battella (org.) (2000)- Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas. S. Paulo, Brasil: Companhia das Letras. P. 121- 128

LAMAS, Estela (et. Al.) (2002)- Contributos para uma metodologia científica mais cuidada. Lisboa: Instituto Piaget. 161 p.

LE GOFF, Jacques (1986) – A História do quotidiano. In História e Nova História. Lisboa: Teorema. p. 73-82

LEE, Raymond M. (2003)- Métodos não interferentes em Pesquisa Social. Lisboa: Gradiva. 245 p.

LÉON, Antoine (1983)- Introdução à História da Educação. Lisboa: D. Quixote. 257p.

LIMA, Sônia Maria van Dijck; FIGUEIREDO JÚNIOR, Nestor (2000) – De Gilberto Freyre para José Lins do Rego. In GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádia Battella (org.) (2000)- Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas. S. Paulo, Brasil: Companhia das Letras. P. 241- 250

LOPEZ, Telê Ancona (2000)– Uma Ciranda de papel: Mário de Andrade destinatário. In GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádia Battella (org.) (2000)- Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas. S. Paulo, Brasil: Companhia das Letras. P. 275- 285

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D. A. (1986)- Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. S. Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.

MACIEL, Francisca Isabel Pereira (2002)- Cartas pedagógicas: fragmentos de um discurso. In BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; autor MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (org.) – Destino das letras: histórias, educação e escrita epistolar. Passo Fundo (Brasil): UPF. p. 205-215

MAROY, Christian (1997)- A Análise qualitativa de entrevistas. In MAROY, Christian; autor RUQUOY, Danielle (org.) (1997)- Práticas e métodos de investigação em Ciências Sociais. Lisboa: Gradiva. P. 117-155

MATTOSO, José (1997)- A Escrita da História: teorias e métodos. Lisboa: Estampa. 212 p.

MEZAN, Renato (2000) – As cartas de Freud. In GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádía Battella (org.) (2000)- Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas. S. Paulo, Brasil: Companhia das Letras. P. 159-173

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (2002)- Baú de memórias, bastidores de histórias: o legado pioneiro de Armanda Alvaro Alberto. Bragança Paulista: EDUSF.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (2002 a)- Artesãos da palavra: cartas a um prisioneiro político tecem redes de ideias e afectos. In BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Venancio (org.) – Destino das letras: histórias, educação e escrita epistolar. Passo Fundo (Brasil): UPF. P. 115-136

MINDLIN, Betty (2000)– A Panela feminina e feminista: cartas de mães a filhas. In GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádía Battella (org.) (2000)- Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas. S. Paulo, Brasil: Companhia das Letras. P. 193-204

MINDLIN, José (2000) - Cartas, para que vos quero? In GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádía Battella (org.) (2000)- Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas. S. Paulo, Brasil: Companhia das Letras. P. 35-40

MIRANDA, Tiago C P dos Reis (2000) – A arte de escrever cartas: para a história da epistolografia portuguesa no séc. XVIII. In GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádía Battella (org.) (2000)- Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas. S. Paulo, Brasil: Companhia das Letras. p. 41-54

MUCCHIELLI, Alex (dir.) (1996)- Dictionnaire des méthodes qualitatives en Sciences Humaines et Sociales. Paris : Armand Colin.

MUCCHIELLI, Roger (1988)- L'Analyse de contenu des documents et des communications. Paris: Les Editions ESF.

MUTRAN, Munira H. (2000) – Oscar Wilde e o homem fatal. In GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádia Battella (org.) (2000)- Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas. S. Paulo, Brasil: Companhia das Letras. P. 89-94

NÓVOA, António (1988) – A Formação tem de passar por aqui: as histórias de vida no Projecto Prosalus. In NÓVOA, António; FINGER, Mathias – O Método(auto)biográfico e a formação. Cap. 9. Lisboa: Ministério da Saúde, Departamento de Recursos Humanos. p. 107-130

NÓVOA, António (dir.)(1993)- A Imprensa de Educação e Ensino: Repertório analítico (séculos XIX-XX). Lisboa: Instituto de Inovação Educacional. p. XV-XXX

NÓVOA, António (1994)- História da Educação: Relatório da disciplina de História da Educação apresentado no âmbito das provas para a obtenção da agregação. /Lisboa/. Parte I. P. 5-113 /Biblioteca Reitoria Universidade Clássica/

NÓVOA, António (coord.)(1998) – Instituto Histórico da Educação: Estudo realizado pelo grupo de trabalho criado pelos Despachos n.137/ME/96, de 17 de Julho e n.º 218/ME/96, de 25 de Setembro. Lisboa: Ministério da Educação. 168 p.

ORIEUX, Jean (1986) – A Arte do biógrafo. In História e Nova História. Lisboa: Teorema. P. 33-42

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchenisi de (2000) – Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática. Campinas /Brasil/: Papirus. 120 p.

PERELMANN, C. (1987)- Argumentação. In Enciclopédia Einaudi. Lisboa.

PERRONE-MOISÉS, Leyla (2000) – Sinceridade e ficção nas cartas de amor de Fernando Pessoa. In GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádia Battella (org.) (2000)- Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas. S. Paulo, Brasil: Companhia das Letras. P. 175-183

PETERSEN, Silvia Regina Ferraz (1995)- O Cotidiano como objecto teórico ou o impasse entre ciência e senso comum. In MESQUITA, Zélia; BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.)- Territórios do cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências. Porto Alegre, Santa Cruz do Sul: UFRES, UNISC. P. 30-39

PETERSEN, Silvia Regina Ferraz (1995a)- Dilemas e desafios da historiografia brasileira: a temática da vida cotidiana. In In MESQUITA, Zélia; BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.)- Territórios do cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências. Porto Alegre, Santa Cruz do Sul: UFRES, UNISC. P. 49-66

POISSON, Yves (1991) - La Recherche qualitative en éducation. Québec: Presses Universitaires.

QUIVY, Raymond ; VAN CAMPENHOUDT, Luc (1992)- Manual de investigação em Ciências Sociais. Lisboa: Gradiva.275 p.

RAIMUNDO, Orlando (2003) – A biografia na Imprensa. In RAIMUNDO, Orlando (2003) - A Última dama do Estado Novo e outras histórias do Marcelismo. Lisboa: Temas e Debates. p.13-27

RIAUDEL, Michel (2000) – Correspondência secreta. In GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádia Battella (org.) (2000)- Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas. S. Paulo, Brasil: Companhia das Letras. P. 95-99

ROSA, Clara Costa (2000) - Divulgação de documentos referentes à intimidade da vida privada e familiar de outrem: responsabilidade civil. Lisboa: Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas.

RUQUOY, Danielle (1997)- Situação de entrevista e estratégia do entrevistador. In autor MAROY, Christian; RUQUOY, Danielle (org.) (1997)- Práticas e métodos de investigação em Ciências Sociais. Lisboa: Gradiva. P. 84-116

SÁ, Celso Pereira de (1996)- Núcleo central das representações sociais. Petrópolis de (RJ): Vozes. 189 p.

SAINT-GEORGES, Pierre de (1997)- Pesquisa e crítica das fontes de documentação nos domínios económico, social e político. In MAROY, Christian; RUQUOY, Danielle (org.) (1997)- Práticas e métodos de investigação em Ciências Sociais. Lisboa: Gradiva. P. 15-47

SANTOS, Teresa; PEREIRA, Sara Marques (coord.) (2001)- Leonor da Fonseca Pimentel: a portuguesa de Nápoles: 1752-1799. Lisboa: Livros Horizonte. 231 p.

SCHMIDT, Benito Bisso (2000) – Luz e papel, realidade e imaginação: as biografias na história, no jornalismo, na literatura e no cinema. In SCHMIDT, Benito Bisso (org.) (2000)- O Biográfico: Perspectivas interdisciplinares. Santa Cruz do Sul (Brasil: EDUNISC. P. 49-70

SILVA, Augusto Santos; PINTO, José Madureira (1986)- Metodologia das Ciências Sociais. Porto: Afrontamento.

SOUZA, Laura de Mello e (2000) – Fragmentos da vida nobre em Portugal setecentista. In GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádía Battella (org.) (2000)- Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas. S. Paulo, Brasil: Companhia das Letras. P. 77- 88

TENGARRINHA, José (1989)- História da imprensa periódica portuguesa. Lisboa: Caminho.

THOMPSON, Paul (1996)- Formulando e reformulando histórias de vida: problemas e potências no arquivo de narrativas de pesquisa. Santarém: Escola Superior de Educação. (Cadernos do Projecto Museológico sobre Educação e Infância; 50)

UCHA, Paula Cristina (1998) – Inventário do espólio Humberto Delgado. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda. 104 p.

VALA, Jorge (1997)- Representações sociais: para uma Psicologia Social do pensamento social. In VALA, Jorge; MONTEIRO, Maria Benedita (coord.) – Psicologia Social. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. P. 353-384

VALENTE, Vasco Pulido (2003)- “Um momento”. Diário de Notícias: Faz de Conta. 22-2- 2003. p. 56

VAN der MAREN, Jean-Marie (1996)- Méthodes de recherche pour l'Éducation. 2^a ed. Montréal : De Boeck Université. 502 p.

VENANCIO, Giselle Martins (2002)- “Sopros inspiradores: troca de livros, intercâmbios intelectuais e práticas de correspondências no arquivo privado de Oliveira Vianna. In BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (org.) – Destino das letras: histórias, educação e escrita epistolar. Passo Fundo (Brasil): UPF. P. 222-247

WHITE, Randall; HODGSON, Philip and CRAINER, Stuart (1996)-The Future of leadership. London: Pitman. 252 p.

XAVIER, Regina (2000)- Biografando outros sujeitos, valorizando outra história: estudos sobre a experiência dos escravos. In SCHMIDT, Benito Bisso (org.) (2000)- O Biográfico: Perspectivas interdisciplinares. Santa Cruz do Sul (Brasil: EDUNISC. p.97-130

8.2.3 Outras publicações periódicas e textos apresentados em eventos sobre questões metodológicas

8.2.3.1 Outras monografias

ADÃO, Aurea (1992) – Os Primeiros anos de ensino liceal: realidades, necessidades. In FERNANDES, Rogério e MAGALHÃES, Justino(Orgs.) (1999) – Para a História do Ensino Liceal em Portugal: Actas dos Colóquios do I Centenário da Reforma de Jaime

Moniz (1894-1895). Braga: Secção de História da Educação da Sociedade Portuguesa de Ciências de Educação. P.1- 16

ALMEIDA, Pedro Ramos de (1999)- Salazar: biografia da ditadura. Lisboa: Avante.

ALVES, Ricardo António (2002)- Anarquismo e neo-realismo: Ferreira de Castro nas encruzilhadas do século. Lisboa: Âncora. 285 p.

ALVES, Vera Marques (2003) – O SNI e os ranchos folclóricos. In CASTELO-BRANCO, Salva El-Shawan; BRANCO, Jorge Freitas (org.) (2003) – Vozes do povo: A Folclorização em Portugal. Oeiras: Celta. P.191- 205

AMÂNCIO, Lúcia (1994) – Masculino e feminino: a construção social da diferença. Porto: Afrontamento. 204 p.

ARAÚJO, Helena Costa; MAGALHÃES, Maria José (1999) – Des-fiar as vidas. Perspectivas biográficas, mulheres e cidadania. Lisboa: CIDM. 35 p.

ARTIAGA, Maria José (2003) – Canto Coral como representação nacionalista. In CASTELO-BRANCO, Salva El-Shawan; BRANCO, Jorge Freitas (org.) (2003) – Vozes do povo: A Folclorização em Portugal. Oeiras: Celta. P. 265- 273

ASSOCIAÇÃO de JARDINS-ESCOLAS JOÃO de DEUS (1978)- Breve memorial sobre o Curso de Auxiliares de Educação. Lisboa: Associação de Jardins-Escolas João de Deus. 2 p.

BADINTER, Elisabeth (s.d.) – O Amor incerto: história do amor maternal do séc. XVII ao séc. XX. Lisboa: Relógo d'Água (Antropos)

BAPTISTA, Luís Vicente (1990)- Os Discursos moralizadores sobre a família. In REIS, António (dir.) – Portugal Contemporâneo. 4º v. Lisboa: Alfa. p. 353-360

BARCOSO, Cristina (2001)- A Campanha Nacional de Educação de Adultos e o cinema. In TORGAL, Luís Reis (org.)- O Cinema sob o olhar de Salazar...Lisboa: Temas & Debates. p. 162-192

BARRADAS, Ana (1998)- Dicionário incompleto de mulheres rebeldes. Lisboa: Antígona. 232 p.

BARRADAS, Ana (2004) – As Clandestinas. Lisboa: Ela por Ela. 168 p.

BARREIRA, Cecília (1994)- História das nossas avós: retrato da burguesa em Lisboa: 1890-1930. Lisboa: Colibri. 205 p.

BARRETO, António Garcia (2002)- Dicionário de Literatura Infantil. Porto: Campo das Letras. Diversas p.

BARROS, Júlia Teresa Leitão de; HENRIQUES, Raquel Pereira (1987)- A Educação do Estado Novo nos anos 30: com base na rejeição de uma proposta de livro de 1933. In Colóquio Estado Novo: das origens ao fim da autarcia: 1926-1959: Actas. Lisboa: Fragmentos. 2º v. P. 148-158

BARROSO; João (1992) – A Influência do regime de classes na organização pedagógica e na administração do liceu. In FERNANDES, Rogério e MAGALHÃES, Justino(Orgs.) (1999) – Para a História do Ensino Liceal em Portugal: Actas dos Colóquios do I Centenário da Reforma de Jaime Moniz (1894-1895). Braga: Secção de História da Educação da Sociedade Portuguesa de Ciências de Educação. P.17- 36

BASSO, Paula (2004) – O Século XX: o século farmacêutico. In A Farmácia e o medicamento: Uma História concisa. Lisboa: Clube do Coleccionador dos Correios. Cap. VIII. P. 175-207

BELO, Maria; ALÃO, Ana Paula; CABRAL, Iolanda Neves – O Estado Novo e as mulheres. In COLÓQUIO sobre o Estado Novo: das origens ao fim da autarcia: 1926-1959. Lisboa: Fragmentos. P. 263-279

BOUDON, Raymond (2005) – Os Intelectuais e o liberalismo. Lisboa: Gradiva. 141 p.

BOURDIEU, Pierre (1998) – La domination masculine. Paris: Seuil. 134 p.

BOURDIEU, Pierre (1998a) – O que falar quer dizer: a economia das trocas lingüísticas. Lisboa: Difel. 221 p.

BRANCO, Jorge Freitas (2003) – Uma Cartilha portuguesa: entre militância cultural e doutrinação política. In CASTELO-BRANCO, Salva El-Shawan; BRANCO, Jorge Freitas (org.) (2003) – Vozes do povo: A Folclorização em Portugal. Oeiras: Celta. P. 233-243

BRAZÃO, Inês Paulo (1999)- Dons e disciplinas do corpo feminino: os discursos sobre o corpo na História do Estado Novo. Lisboa: Comissão para a Igualdade e os Direitos das Mulheres.

BRITO, José M. Brandão de (1989)- Sobre as idéias económicas de Salazar. In Rosas, Fernando; Brito, José M. Brandão de Brito (1989) - Salazar e o Salazarismo. Lisboa: D. Quixote. P. 33- 58

CAETANO, Marcelo (1942) - A Missão dos dirigentes: reflexões e directivas pelo Comissário Nacional.

CARMO, Isabel do; AMÂNCIO, Lígia ((2004) – Vozes insubmissas: a história das mulheres e dos homens que lutaram pela igualdade dos sexos quando era crime fazê-lo. Lisboa: D. Quixote. 236 p.

CARVALHO, António de Deus Ramos Ponces de (1991)- Éléments pour l’histoire d’une école de formation des instituteurs de maternelle. Lisboa : Associação dos Jardins-Escolas João de Deus. 110 p.

CARVALHO, Rita Almeida de (2002)- A Assembleia Nacional no Pós-Guerra: 1945-1949. Lisboa: Assembleia da República, Afrontamento. 305 p. (Parlamento; 8)

CARVALHO, Rómulo de (imp. 1986) – A Educação e o ensino durante a primeira república. In História do ensino em Portugal: desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar-Caetano. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. P. 650-718

CARVALHO, Rómulo de (imp. 1986 a) – A Política de ensino da ditadura nacional. In História do ensino em Portugal: desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar-Caetano. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. p. 719-813

CASTELO-BRANCO, Salva El-Shawan; BRANCO, Jorge Freitas (2003) – Folclorização em Portugal: uma perspectiva. In CASTELO-BRANCO, Salva El-Shawan; BRANCO, Jorge Freitas (org.) (2003) – Vozes do povo: A Folclorização em Portugal. Oeiras: Celta. P. 1-21

CASTRO, Fernanda de (1988) – Ao fim da memória. 2 v. Lisboa: Verbo.

CASTRO, Ferreira de (2002)- A Curva da estrada: romance. 12ª ed. Lisboa: Guimarães Editores.

CASTRO, Ferreira de (s.d.)- A Lã e a neve: romance. 15ª ed. Lisboa: Guimarães Editores.

CASTRO, Zília Osório de (2003) – Paridade cultural: feministas e intelectuais. In CASTRO, Zília Osório de (dir.) (2003) – Falar de mulheres: da igualdade à paridade. Lisboa: Livros Horizonte. P.153- 226

CHARTIER, Roger (1988)- A História Cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel.

C., A. (2004) – Maria Rosa Colaço: 1935-2004. *Expresso: Actual*. Lisboa. 16 Outubro. P. 8

COELHO, Carlos Pinto (1994) – Posfácio In COELHO, Sarah Pinto (1994) – Memórias de uma menina velha. Lisboa: Editorial Notícias. p. 77-85

COELHO, Sarah Pinto (1994) – Memórias de uma menina velha. Lisboa: Editorial Notícias. 87 p. (Excelsior)

COLÓQUIO “As Mulheres e o Estado”, Porto, 1997- As Mulheres e o Estado. Lisboa: s.n., 1999

COMISSÃO do LIVRO NEGRO SOBRE O REGIME FASCISTA (1981)- Livros proibidos no regime fascista. Lisboa: Europa-América. 118 p.

COSTA, Fernando (2000)- O Papel da história de Portugal e dos Descobrimentos Portugueses na ideologia e na conduta das Associações e Organizações de Juventude: 1850-1950. In PROENÇA, Maria Cândida; VIDIGAL, Luís; COSTA, Fernando (2000)- Os Descobrimentos no imaginário juvenil: 1850-1950. Lisboa: Comissão Nacional para Comemoração dos Descobrimentos Portugueses. P. 133-202

COSTA, Fernando Marques da (1979)- A Maçonaria feminina. Lisboa: Veja. 180 p.

COSTA, Fernando Marques da (1986)- Mulheres, elites e igualitarismo na 1ª República. Coimbra: Coimbra Editora. 19 p. (Separata do colóquio A Mulher na Sociedade Portuguesa, Coimbra, 20-22 Março 1985)

CRUZ, Manuel Braga da (1988) – O Partido e o Estado no Salazarismo. Lisboa: Presença. 295 p.

CRUZ, Manuel Braga da (1989) – Salazar e a política. In Rosas, Fernando; Brito, José M. Brandão de Brito (1989) - Salazar e o Salazarismo. Lisboa: D. Quixote. P. 59- 70

CRUZ, Manuel Braga da (1999)- O Estado Novo e a Igreja Católica. Lisboa: Bizâncio. 199 p.

CRUZEIRO, Maria Manuela (2003)- Maria Eugénia Varela Gomes: contra ventos e marés. Porto: Campo das Letras. 379 p.

CUNHA, Luís (2001)- A Nação nas malhas da sua identidade: o Estado Novo e a construção da identidade nacional. Porto: Afrontamento. 138 p.

DELIMBEUF, Katya e SIMÃO, Jorge (2004) – A Arte de bem dizer: Germana Tânger...*Expresso: Única*. Lisboa. 16 Outubro. P. 30-32

ESTADO Novo: das origens ao fim da autarcia (1987). Lisboa: Fragmentos. 2 v.

ESTEVES, Alberto (1932) – A Família. Coimbra: Atlântida. 109 p.

ESTEVES, João (2003) – Falar de mulheres: silêncios e memórias. In CASTRO, Zília Osório de (dir.) (2003) – Falar de mulheres: da igualdade à paridade. Lisboa: livros horizonte. P. 63- 84

ESTRELA, Rui (2004) – A Publicidade no Estado Novo: 1932-1959. Lisboa: Simplesmente Comunicando. 218 p.

FALAR de Mulheres, História e Historiografia. Actas do II Curso Livre de Estudos sobre a Mulher. Lisboa. 21-23 Maio 2003. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa

FASCISMO O em Portugal (1982) /actas do Colóquio da Faculdade de Letras, Março 1980/. Lisboa: A Regra do Jogo.

FÉLIX, Pedro (2003) – O Concurso “A Aldeia mais portuguesa de Portugal” 1938. In CASTELO-BRANCO, Salva El-Shawan; BRANCO, Jorge Freitas (org.) (2003) – Vozes do povo: A Folclorização em Portugal. Oeiras: Celta. P. 207-232

FERNANDES, Rogério (1994) - Os caminhos do ABC: Sociedade Portuguesa e Ensino das primeiras Letras. /ver resto referência/

FERNANDES, Rogério (2003) - Tendências da política escolar e a Escola para Todos em Portugal na segunda metade do século XX. In FERNANDES, Rogério; PINTASSILGO, Joaquim (Org.) (2003) - A Modernização Pedagógica ca Escola para

Todos na, Europa do Sul no Século XX /Actas do Encontro/. Lisboa: Grupo SPICAE. P. 9-26

FERREIRA, A J. (1988) – O Jornal infantil português ilustrado: Perspectiva e alguma história das publicações periódicas ilustradas dirigidas à gente miúda. (Lisboa: ed. Autor). 12 fascículos (de séc. XIX a 1972-1975). (Usuais BNL)

FERREIRA, Manuel de Pinho (2004) – A Igreja e o Estado Novo na obra de D. António Ferreira Gomes. Porto: Fundação SPES e Universidade Católica. 670 p.

(2003) FMAC: Fundação Musical dos Amigos das Crianças: 50 aniversário. Lisboa: FMAC. 96 p.

GARRIDO, Álvaro (2001)- Coimbra nas imagens do cinema no Estado Novo. In TORGAL, Luís Reis (org.)- O Cinema sob o olhar de Salazar...Lisboa: Temas & Debates. p. 274-304

GOMES, Joaquim Ferreira, et al. (1988)- História da Educação em Portugal. Lisboa: Livros Horizonte. 130 p.

GORJÃO, Vanda (1994) – A Reivindicação do direito do voto no Programa do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* – 1914-1947. Lisboa.

GORJÃO, Vanda (2002)- Mulheres em tempos sombrios: oposição feminina ao Estado Novo. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais. 346 p.

GOULD, Stephen Jay (2004) – A Falsa medida do Homem. Vila Nova de Famalicão: Quasi Edições. 483 p.

GRANJA, Paulo Jorge (2001)- A Comédia à portuguesa ou a máquina de sonhos a preto e branco do Estado Novo. In TORGAL, Luís Reis (org.)- O Cinema sob o olhar de Salazar...Lisboa: Temas & Debates. p. 194-234

GUERREIRO, Maria das Dores (1998)- Mulheres na vida empresarial. Lisboa: CIDM. 111 p.

GUIMARÃES, Elina (1989)- Mulheres portuguesas ontem e hoje. Lisboa: CIDM. 36 p. (Cadernos da Condição Feminina; 24)

GUINOTE, Paulo (1994) – A Vitória do conservadorismo puritano na literatura de educação sexual e formação conjugal. In REIS, António (dir.) – Portugal Contemporâneo. 4º v. Lisboa: Alfa. p. 361-376

GUINOTE, Paulo (1998)- Quotidianos femininos: 1900-1933. Lisboa: Organizações não governamentais do Conselho Consultivo da Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres. 2 v.

GUINOTE, Paulo (2003)- A Educação no feminino: 1900-2000. In CASTRO, Zília Osório de (dir.) (2003) – Falar de mulheres: da igualdade à paridade. Lisboa: Livros Horizonte. P.153- 226

HOBSBAWM, Eric (1993) – Inventing traditions. In HOBSBAWM, Eric and RANGER, Terence – The Invention of Tradition. Cambridge: University Press. p. 1-14

INSTITUTO DA BIBLIOTECA NACIONAL E DO LIVRO (1993) – Maria Lamas: 1893-1983 /Catálogo de exposição/. Lisboa: IBNL. 139 p.

LACERDA, Lílian Maria de (2000) – Lendo vidas: a memória como escritura autobiográfica. In MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos (org.) (2000) – Refúgios do Eu: Educação, história, escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres. P. 81- 107

LAMAS, Rosemarie Wank-Nolasco (1995)- Mulheres para além do seu tempo. Lisboa: Bertrand. 59 p.

LELIÈVRE, Françoise (cop.1991)- Histoire de la scolarisation des filles. Paris: Nathan.

MADEIRA, João (1996) – Os *Engenheiros de almas*: o Partido Comunista e os intelectuais. Lisboa: Estampa. 409 p.

MAGALHÃES, Isabel Allegro de (1987)- O Tempo das mulheres: a dimensão temporal na escrita feminina contemporânea: ficção portuguesa. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 514 p.

MAGALHÃES, Justino (2003) – A escola elementar e a leitura em Portugal. In FERNANDES, Rogério; PINTASSILGO, Joaquim (Org.) (2003) - A Modernização Pedagógica ca Escola para Todos na, Europa do Sul no Século XX /Actas do Encontro/. Lisboa: Grupo SPICAE. P.91-98

MAGALHÃES, Maria José (1998) - Movimento feminista e educação: Portugal, décadas de 70 e 80. Oeiras: Celta.

MARTELO, Maria de Jesus Agapito (1999)- A Escola e a construção da identidade das raparigas: o exemplo nos manuais escolares. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.

MARTINS, Ernesto Candeias (2002) – A Educação popular e a literatura infantil na 1º República. *Educare: Separata*. Ano VIII. N.º 13. Dezembro. 21 p.

MARTINS, Ernesto Candeias (2004) – O Projecto educativo do Padre Américo: O ambiente na Educação do Rapaz. Lisboa: Temas & Debates. 469 p.

MARTINS, Hermínio (1988) - Classes, status e poder. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.

MARTINS, Maria João (1994) – Mulheres portuguesas: divas, santas e demónios. 2 v. Lisboa: Vega, Multilar.

MATOS, Ana Cardoso de et. al. (2004)- A Electricidade em Portugal: dos primórdios à 2ª Guerra Mundial. Lisboa: EDP. Museu da Electricidade. 2º cap.

(Matoso ver 1º relatório pq apaguei sem querer)

MEDEIROS, António (2003) – Primeira Exposição Colonial Portuguesa- 1934: representações etnográficas e cultura popular moderna In CASTELO-BRANCO, Salva El-Shawan; BRANCO, Jorge Freitas (org.) (2003) – Vozes do povo: A Folclorização em Portugal. Oeiras: Celta. P.. 155 –169

MEDINA, João(1990)- História Contemporânea de Portugal. Lisboa: Multilar.

MELO, Daniel (2001)- Salazarismo e cultura popular: 1933-1958. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais. 407 p.

MELO, Daniel (2003) – A FNAT entre conciliação e fragmentação. In CASTELO-BRANCO, Salva El-Shawan; BRANCO, Jorge Freitas (org.) (2003) – Vozes do povo: A Folclorização em Portugal. Oeiras: Celta. P.37-57

MELO, Rose Nery Nobre de (1975) – Mulheres portuguesas na resistência. Lisboa: Seara Nova. 269 p.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (2000)- Editando o legado pioneiro: o arquivo de uma educadora. In MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos (org.) (2000) – Refúgios do Eu: Educação, história, escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres. P. 123-143

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos (2000)- Tecendo Educação, história, escrita autobiográfica. In MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos (org.) (2000) – Refúgios do Eu: Educação, história, escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres. P. 17-27

MIRANDA, Jorge (1986)- O Essencial sobre a Constituição Portuguesa. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

MÓNICA, Maria Filomena (1978)- Educação e sociedade no Portugal de Salazar. Lisboa: Presença.

MONTEIRO, Paulo Filipe (2001)- Uma margem no centro: a arte e o poder do “Novo Cinema”. In TORGAL, Luís Reis (org.)- O Cinema sob o olhar de Salazar...Lisboa: Temas & Debates. P. 306-338

NEVES, Helena; CALADO, Maria (2001) – O Estado Novo e as mulheres: o género como investimento ideológico e de mobilização. Lisboa: Museu República e Resistência: catálogo de exposição.

NOGUEIRA, Manuela; AZEVEDO, Maria da Conceição (org.) (1996) _ Cartas de amor de Ofélia a Fernando Pessoa. Lisboa: Assírio & Alvim. 333 p.

NÓVOA, António (1994)- A Educação portuguesa: 1945-1992. In LOZANO, Claudio (org.)- Educación Ibero Americana: 500 anos. México: García Valadés. 34 p.

NÓVOA, António (1996) - Educação Nacional. In ROSAS, Fernando; BRANDÃO, J.M. de – Dicionário de História do Estado Novo. Lisboa: Círculo de Leitores. P. 286-288

NÓVOA, António (1998)- História da Educação: novos sentidos, velhos problemas. In MAGALHÃES, Justino (org.)- Fazer e ensinar História da Educação em Portugal: actas do 2º Encontro de História da Educação. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia. P. 35-54

NÓVOA, António (dir.) (2003) – Dicionário de Educadores portugueses. Porto: Asa. 900 referências

O, Jorge Ramos do (1999) – Os Anos de Ferro: o dispositivo cultural durante a “Política do Espírito”: 1933-1949. Lisboa: Estampa. 262 p.

O, Jorge do (cop.1990) – O Lugar de Salazar: estudo e antologia. Lisboa: Alfa. 289 p.

O, Jorge do (1990a) – Salazarismo e cultura. In ROSAS, Fernando (coord.) –Portugal e o Estado Novo: 1930-1960 In SERRÃO, Joel; MARQUES, A.H. O. – Nova História de Portugal. Lisboa: Presença. v. XII. p. 391-452

O, Jorge do (1996)- Secretariado de Propaganda Nacional (SPN). In ROSAS, Fernando; BRANDÃO, J.M. de – Dicionário de História do Estado Novo. 2º v. Lisboa: Círculo de Leitores. P. 893-896

OLIVEIRA, César (1989) - Oliveira Salazar e a política externa portuguesa: 1932/1968. In Rosas, Fernando; Brito, José M. Brandão de Brito (1989) - Salazar e o Salazarismo. Lisboa: D. Quixote. P.71-99

ORGANIZAÇÃO DAS MULHERES COMUNISTAS (1994) - Subsídios para a História das Lutas e Movimentos de Mulheres em Portugal sob o regime fascista (1926-1974). Lisboa: Avante.

PAIS, José Machado (1990) – Austeridade e moralismo dos padrões estéticos. In REIS, António (dir.) – Portugal Contemporâneo.4º v. Lisboa: Alfa. p. 349-352

PAULO, Heloísa (2001) – Documentarismo e propaganda. In TORGAL, Luís Reis (org)- O Cinema sob o olhar de Salazar...Lisboa: Temas & Debates. p. 92-116

PAULO, João Carlos (1996)- Exposições coloniais. In ROSAS, Fernando; BRITO, J. M. Brandão (org.)- Dicionário de História do Estado Novo. Lisboa: Círculo de Leitores. P. 327-329

PENA RODRIGUEZ, Alberto (2001)- O cinema português e a propaganda franquista durante a Guerra Civil de Espanha. In TORGAL, Luís Reis (org.)- O Cinema sob o olhar de Salazar...Lisboa: Temas & Debates. p. 137-161

PEREIRA, Sara Marques (2003) – A Ideia de educação feminina em Sampaio Bruno. In CASTRO, Zília Osório de (dir.) (2003) – Falar de mulheres: da igualdade à paridade. Lisboa: Livros Horizonte. P.227- 245

PIMENTEL, Irene Flunser (1996) - Mocidade Portuguesa Feminina (MPF). In ROSAS, Fernando; BRANDÃO, J.M. de – Dicionário de História do Estado Novo. 2º v. Lisboa: Círculo de Leitores. 2º v. p. 609-611

PIMENTEL, Irene Flunser (1996 a) – Obra das Mães para a Educação Nacional. In ROSAS, Fernando; BRANDÃO, J.M. de – Dicionário de História do Estado Novo. 2º v. Lisboa: Círculo de Leitores. p. 675-676

PIMENTEL, Irene Flunser (2000)- História das Organizações femininas no Estado Novo. Mem Martins: Círculo de Leitores.

PINHEIRO, J. C. Moreirinhas (1976) – Notas sobre a Escola Normal Primária de Lisboa e alguns dos seus mestres. Lisboa: Ed. Autor. 44, /4/ p.

PINTASSILGO, Joaquim; MOGARRO, Maria João (2003) – A ideia de Escola para Todos no pensamento pedagógico português. In FERNANDES, Rogério; PINTASSILGO, Joaquim (Org.) (2003) - A Modernização Pedagógica ca Escola para Todos na, Europa do Sul no Século XX /Actas do Encontro/. Lisboa: Grupo SPICAE. P. 51-71

PROENÇA, Maria Cândida (1992) – O Significado histórico-educativo da reforma de Jaime Moniz. In FERNANDES, Rogério e MAGALHÃES, Justino(Orgs.) (1999) – Para a História do Ensino Liceal em Portugal: Actas dos Colóquios do I Centenário da Reforma de Jaime Moniz (1894-1895). Braga: Secção de História da Educação da Sociedade Portuguesa de Ciências de Educação. P.39- 50

PROENÇA, Maria Cândida (1996) - Lima, Fernando Andrade Pires de (1906-1970). In ROSAS, Fernando; BRANDÃO, J.M. de – Dicionário de História do Estado Novo. 2º v. Lisboa: Círculo de Leitores. 1º v. P. 520

PROENÇA, Maria Cândida (1996a)- Ministério da Instrução Pública/ da Educação Nacional. In ROSAS, Fernando; BRANDÃO, J.M. de – Dicionário de História do Estado Novo. 2º v. Lisboa: Círculo de Leitores. 2º v. P. 571-573

PROENÇA, Maria Cândida (1996b)- Pacheco, António Faria Carneiro (1887-1957). In ROSAS, Fernando; BRANDÃO, J.M. de – Dicionário de História do Estado Novo. 2º v. Lisboa: Círculo de Leitores.2º v. P. 709-710

PROENÇA, Maria Cândida (1996c) - Pinto, Francisco de Paula Leite. In ROSAS, Fernando; BRANDÃO, J.M. de – Dicionário de História do Estado Novo. 2º v. Lisboa: Círculo de Leitores.2º v. P. 730

PROENÇA, Maria Cândida (1996d) - Teles, Inocêncio Galvão. In ROSAS, Fernando; BRANDÃO, J.M. de – Dicionário de História do Estado Novo. 2º v. Lisboa: Círculo de Leitores.2º v. P. 969

PROENÇA, Maria Cândida (2000) – Prefácio. In PROENÇA, Maria Cândida; Vidigal, Luís; COSTA, Fernando – Os Descobrimentos no imaginário infantil: 1850-1950. Lisboa: Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses. P. 9-11

PROENÇA, Maria Cândida (2000a) - A Escola e os Descobrimentos. In PROENÇA, Maria Cândida; Vidigal, Luís; COSTA, Fernando – Os Descobrimentos no imaginário infantil: 1850-1950. Lisboa: Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses. p.13-79

PROST, Antoine; VINCENT, Gérard (1991)- Da 1ª Guerra Mundial aos nossos dias. In ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges (org.)- História da vida privada. 5º v. Porto: Afrontamento. P. 9-147

RAMOS, Rui (2003) – A Ciência do povo e as origens do estado cultural. In CASTELO-BRANCO, Salva El-Shawan; BRANCO, Jorge Freitas (org.) (2003) – Vozes do povo: A Folclorização em Portugal. Oeiras: Celta. P.25-35

REIS, António (1990)- Os valores salazaristas. In REIS, António (dir.)- Portugal contemporâneo. Lisboa: Alfa. V. 4. p. 333-338

REIS, Carlos (1990) - A Produção cultural entre a norma e a ruptura. In REIS, António (dir.)- Portugal contemporâneo. Lisboa: Alfa. V. 4. p.201-270

RIBEIRO, Aquilino (1985) – Cinco réis de gente. Lisboa: Bertrand.

ROCHA, João L. de Moraes (imp. 1998) – O Essencial sobre a Imprensa em Portugal. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 59 p.

RODRIGUES, Carlos Farinha (1996)- Assistência Social. In ROSAS, Fernando; BRANDÃO, J.M. de – Dicionário de História do Estado Novo. 2º v. Lisboa: Círculo de Leitores. 1º v. p. 70-73

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda (2002)- Vestígios da educação feminina no séc. XVIII em Portugal. São Paulo: Arte e Ciência. 172 p.

ROLLO, Fernanda (1989) – Salazar através da fotografia: Investigação, selecção e legendagem fotográfica. In Rosas, Fernando; Brito, José M. Brandão de Brito (1989) - Salazar e o Salazarismo. Lisboa: D. Quixote. P 219 em diante

ROSA, Elzira Machado (1999) – A Educação feminina na obra pedagógica de Bernardino Machado: Propostas a favor da igualdade e da emancipação das Mulheres. Vila Nova de Famalicão: Câmara Municipal. 262 p.

ROSAS, Fernando (1986)- O Estado Novo nos anos 30: 1928-1938. Lisboa: Estampa.

ROSAS, Fernando (1989) – Salazar e o Salazarismo: um caso de longevidade política. In Rosas, Fernando; Brito, José M. Brandão de Brito (1989) - Salazar e o Salazarismo. Lisboa: D. Quixote. P. 12-31

ROSAS, Fernando (coord.) (1992)- Portugal e o Estado Novo:1930-1960). In SERRÃO, Joel; MARQUES, A. H. Oliveira (dir.) - Nova História de Portugal. Lisboa: Presença.

ROSAS, Fernando (1994) – O Estado Novo: 1926-1974. In MATTOSO, José (dir.) – História de Portugal: 7º. vol. Lisboa: Círculo de Leitores. 589 p.

ROSAS, Fernando (1996 a)- Constituição política de 1933. In ROSAS, Fernando; BRITO, J. M. Brandão (org.)- Dicionário de História do Estado Novo. Lisboa: Círculo de Leitores. P.198-205

ROSAS, Fernando (1996 b)- Estado Novo In ROSAS, Fernando; BRITO, J.M. Brandão de- Dicionário de História do Estado Novo. 1º v. Lisboa: Círculo de Leitores. 1º v. p. 315-319

ROSAS, Fernando; OLIVEIRA, Pedro Aires (coord.) (2004) – A Transição falhada: o Marcelismo e o fim do Estado Novo: 1968-1974. Lisboa: Editorial Notícias. 375 p.

ROSAS, Fernando (1990)- Os anos guerra e a primeira crise do regime, In REIS, António (dir.) - Portugal Contemporâneo:1926-1958. Lisboa: Alfa. P.33-80

SARDO, Susana (2003) – Cantar em Português: o papel da Música na reconstrução da identidade goesa. CASTELO-BRANCO, Salva El-Shawan; BRANCO, Jorge Freitas (org.) (2003) – Vozes do povo: A Folclorização em Portugal. Oeiras: Celta. P. 579-587

SCHNURBEIN, Christiane (2003) – As Frauleins esquecidas: Preceptoras alemãs nos Açores: testemunhas relatam. Zusmarshausen: SKG. 224 p.

SEABRA, Jorge (2001)- Imagens do Império: o caso Chaimite de Jorge Brun do Canto. In TORGAL, Luís Reis (org.)- O Cinema sob o olhar de Salazar...Lisboa: Temas & Debates. p. 235-273

SILVA, Amaro Carvalho da (1997) – Esboço da vida e obra de Maria Amália Vaz de Carvalho. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 254 p.

SILVA, Amaro Carvalho da (2003) – Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho. In Nóvoa, António; Santa-Clara, Ana Teresa (org.) (2003) - “Liceus de Portugal”: Histórias, Arquivos, memórias. Lisboa: Asa. P. 485- 505

SILVA, A E Duarte (1989) – Salazar e a política colonial do Estado Novo: o Acto Colonial (1930-1951) In Rosas, Fernando; Brito, José M. Brandão de Brito (1989) - Salazar e o Salazarismo. Lisboa: D. Quixote. P101-152

SILVA, Manuel Deniz (2003) – Usos e abusos do folclore musical pela Mocidade Portuguesa. In CASTELO-BRANCO, Salva El-Shawan; BRANCO, Jorge Freitas (org.) (2003) – Vozes do povo: A Folclorização em Portugal. Oeiras: Celta. P. 254- 263

SILVA, Maria Regina Tavares da (2002) – Feminismo em Portugal na voz de mulheres escritoras do início do séc. XX. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das mulheres. 84 p.

SOARES, Maria Isabel (1997) – Da Blusa de brim à touca branca: Contributo para a História do Ensino de Enfermagem em Portugal:1880-1950. Lisboa: Educa, Associação Portuguesa de Enfermeiros. 135 p. (Educa. História; 2).

SOHN, Anne-Marie (1995)- Entre duas guerras: os papéis femininos em França e Inglaterra. In DUBY, Georges; PERROT, Michelle - História das mulheres: o séc. XX. Porto: Afrontamento. V. 5. p. 115-145

STEINER, George (2004) – As Lições dos mestres. Lisboa: Gradiva. 160 p.

TAVARES, Maria Regina ^a (s.d.) – História no feminino: os movimentos feministas em Portugal. /ex. fot.; 16 p/

TEODORO, António (2003)- O Estado Novo e a educação. As mudanças invisíveis na sociedade portuguesa do pós-guerra e a expansão educativa. In FERNANDES, Rogério; PINTASSILGO, Joaquim (Org.) (2003) - A Modernização Pedagógica ca Escola para Todos na, Europa do Sul no Século XX /Actas do Encontro/. Lisboa: Grupo SPICAE. P.27-50

TORGAL, Luís Reis (1992) – Sobre a História do Estado Novo: Fontes, Bibliografia, Áreas de Abordagem e Problemas Metodológicos. Coimbra: *Separata da Revista de História das ideias*, vol. 14.

TORGAL, Luís Reis (1996)- A História em tempo de “ditadura”. In TORGAL, Luís reis; MENDES, José Maria Amado; CATROGA, Fernando – História da História em Portugal: séc. XIX-XX. Lisboa: Círculo de Leitores. P. 241-276

TORGAL, Luís Reis (1996 a)- Afirmação do movimento nacional(ista) durante a República. In TORGAL, Luís Reis; MENDES, José Maria Amado; CATROGA, Fernando (1996)- História da história em Portugal: séc. XIX –XX. Lisboa: Círculo de leitores. p. 219-240

TORGAL, Luís Reis (2001)- Introdução. In TORGAL, Luís Reis (org.)- O Cinema sob o olhar de Salazar...Lisboa: Temas & Debates. P. 13-40

TORGAL, Luís Reis (2001 a) - Propaganda, ideologia e cinema no Estado Novo. In TORGAL, Luís Reis (org.)- O Cinema sob o olhar de Salazar...Lisboa: Temas & Debates. p. 64-91

TORRADO, António (2005) – Dupla carta de amor. In *O Coração das coisas*. Porto: Asa. P. 14

VAQUINHAS, Irene (2004) - Nem Gatas Borracheiras nem bonecas de luxo. Lisboa: Livros Horizonte. 159 p.

VERÍSSIMO, Helena Ângelo (2003)- Os Jornalistas nos anos 30/40: elite do Estado Novo. Coimbra: Minerva. 106 p.

VIANA, Luís (2001) – A Mocidade portuguesa e o Liceu: Lá vamos contando...1936-1974. Lisboa: Educa. 166 p. (Educa. História; 7)

VICENTE, Ana (1998) – As Mulheres em Portugal na transição do milénio: valores, vivências, poderes nas relações sociais entre os dois sexos. Lisboa: Multinova. 227 p.

VICENTE, Ana (2000)- Direitos das Mulheres. Direitos humanos. Lisboa: CIDM. 88 p. (Cadernos da Condição Feminina; 59)

VARGAS, Isabel Nobre (coord.) (1994) - Do Estado Novo ao 25 de Abril. Coimbra: Instituto de História e Teoria das Ideias da Faculdade de Letras. 2 v.

VIDIGAL, Luís (2000)- A Expansão contada às crianças: a invenção da memória colonial na literatura infanto-juvenil (da segunda metade do séc. XIX a meados do séc. XX. In PROENÇA, Maria Cândida; Vidigal, Luís; COSTA, Fernando – Os Descobrimientos no imaginário infantil: 1850-1950. Lisboa: Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimientos Portugueses. p.81-130

VIÑAO, Antonio (2000) – A Modo de prólogo: Refugios del yo, refugios de otros. In MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos (org.) (2000) – Refúgios do Eu: Educação, história, escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres. P. 9-15

8.2.4 Outras publicações periódicas e textos apresentados em eventos

ALMEIDA, Ana Margarida Nunes de (1986)- Entre o dizer e o fazer: a construção da identidade feminina. *Análise Social*. V. XXII (92-93). 3º-4º p. 493-520

AMÂNCIO, Lúcia (1993)- Género: representações e identidades. *Sociologia: Problemas e Práticas*. N.º 14. p. 127-140

BARROS, Hilda Rumsey d'Almeida Corrêa de (1941) – O que nós queremos que as nossas raparigas sejam. /Boletim da/Mocidade Portuguesa Feminina. N.ºs Maio a Novembro. /14 p./

BARROS, Júlia Teresa Leitão de; HENRIQUES, Raquel Pereira (1987)- A Educação do Estado Novo nos anos 30: com base na rejeição de uma proposta de livro de 1933. In Colóquio Estado Novo: das origens ao fim da autarcia: 1926-1959: Actas. Lisboa: Fragmentos. 2º v. P. 148-158

BELO, Maria; ALÃO, Ana Paula; CABRAL, Iolanda Neves – O Estado Novo e as mulheres. In COLÓQUIO sobre o Estado Novo: das origens ao fim da autarcia: 1926-1959. Lisboa: Fragmentos. P. 263-279

BICHO, Joaquim R. (1983) – Meio século ao serviço da Educação. Nova Augusta. II Série. N.º 3-4. 1983-84. p. 28-32

BOCK, Gisela (org.) (1989)- História, história das mulheres, história do género. *Penélope. Fazer e desfazer História*. N.º 4 Novembro. P. 158-187

BRAZÃO, Arnaldo (1925) – O Primeiro Congresso Feminista e de Educação: Relatório. Lisboa: Edições Spartacus. 275 p.

CARREIRA, Denise (2002)- A Liderança feminina no séc. XXI: /conferência/ Fundação Calouste Gulbenkian. (org. pela CITE, U. Aberta e CIDM)

CASTILLO GÓMEZ, Antonio (2000)-Del Tratado a la práctica: La escritura epistolar en los siglos XVI y XVII. In SAEZ, Carlos y CASTILLO GOMEZ, Antonio (ed.) (2002)- La Correspondencia en la Historia: modelos y prácticas de escritura epistolar: Actas del VI Congreso Internacional de Historia de la Cultura Escrita. V. 1. p. 79-107

CASTILLO GÓMEZ, Antonio (2000 a) - “Hablen cartas y callen barbas”: escritura y sociedad en el Siglo de Oro. *Historiar: Revista Cuatrimestral de História*. Número 4. Enero. P. 116-127

CONDE, Idalina (1993)- Falar da vida. *Sociologia Problemas e Práticas*. Nº 14. p. 199-222

CONDE, Idalina (1994)- Falar da vida. *Sociologia Problemas e Práticas*. Nº 16. p. 41-74

COSTA, Fernando Marques da (1986)- Mulheres, elites e igualitarismo na 1ª República. Coimbra: Coimbra Editora. 19 p. (Separata do colóquio A Mulher na Sociedade Portuguesa, Coimbra, 20-22 Março 1985)

COVA, Anne (1999)- Escrever a história das mulheres. In V CURSOS Internacionais de Verão de Cascais. Cascais: Câmara Municipal. V. 4 p. 117-130

COVA, Anne; Pinto, António Costa (1997)- O Salazarismo e as mulheres: uma abordagem comparativa. *Penélope: Fazer e desfazer a História*. 17. p. 71-94

CRUZ, Manuel Braga da (1982)- O Integralismo Lusitano e o Estado Novo. In O Fascismo em Portugal: Actas do Colóquio realizado na Faculdade de Letras de Lisboa em Março de 1980. Lisboa: A REGRA DO JOGO.p. 105- 139

CRUZ, Manuel Braga da (1992) - As Elites católicas nos primórdios do salazarismo. In História social das elites: Comunicações ao Colóquio organizado pelo Instituto de Ciências Sociais. *Análise Social*, volume XXVII, números 116-117, 1992 – 2.º-3.º p. 547-574

Faces de Eva: Estudos sobre a Mulher. Nºs 1 a 3.

FERNANDES, Rogério (2003)- Estratégias de ironia e de sarcasmo contra a educação feminina em Portugal: séc. XVIII-XIX. *Faces de Eva*. Lisboa. N.º 9. p. 13-27

FERREIRA, Isabel Alves (1994)- Mocidade Portuguesa Feminina: um ideal educativo. *Revista de História das Ideias*. V. 16. p. 193-233

FERREIRA, Virgínia (2001)- A Feminização do emprego nos escritórios: 1940-1980. *História*. Ano XXIII (3ª série) Março. P. 24-29 (Dossier O Século das mulheres)

FORTEA MANZANARES, Laura; SIERRA BLAS, Verónica (2002) – La memoria de lo cotidiano: correspondencia de un estudiante: 1956-1957. In SAEZ, Carlos y CASTILLO GOMEZ, Antonio (ed.) (2002)- La Correspondencia en la Historia: modelos y prácticas de escritura epistolar: Actas del VI Congreso Internacional de Historia de la Cultura Escrita. V. 1. p. 554-573

LEAL, Ivone Freitas (coord.) (1994)- Fontes portuguesas para a História das Mulheres. Lisboa: IBNL. 48 p. (Apoio ao Congresso Internacional “O Rosto Feminino da Expansão Portuguesa”)

LOPES, Fátima (2000)– Sobre o tratamento documental dos fundos no Arquivo da Cultura Portuguesa. *Leituras: Revista da Biblioteca Nacional*. Lisboa. S.3 nº 5, Out. 1999-Abril 2000

MAGALHÃES, Justino (1999) – Contributo para a história das instituições educativas – entre a memória e o arquivo In FERNANDES, Rogério e MAGALHÃES, Justino(Orgs.) (1999) – Para a História do Ensino Liceal em Portugal: Actas dos Colóquios do I Centenário da Reforma de Jaime Moniz (1894-1895). Braga: Secção de História da Educação da Sociedade Portuguesa de Ciências de Educação. P.63-77

MAGALHÃES, Justino (1999 a) - Experiências de exploração do arquivo histórico de um liceu. In FERNANDES, Rogério e MAGALHÃES, Justino(Orgs.) (1999) – Para a História do Ensino Liceal em Portugal: Actas dos Colóquios do I Centenário da Reforma de Jaime Moniz (1894-1895). Braga: Secção de História da Educação da Sociedade Portuguesa de Ciências de Educação. P. 51- 61

MARTINS, Moisés de Lemos (1986)- Uma solidão necessária à ordem salazarista: a família como terapêutica nacional. *Cadernos de Ciências Sociais*. n.º 4. Abril. P. 77-83

MARTINS, Moisés de Lemos (1992) – A Dona de casa e a caravela transatlântica. Leitura socio-antropológica do imaginário salazarista. *Cadernos do Noroeste*. V. 5 (1-2). P. 191-204

MATOSO, José (1986) – A Mulher e a família. In A MULHER na sociedade portuguesa: visão histórica e perspectivas actuais: actas do Colóquio. 1º v. Coimbra: Instituto História Económica e Social. P. 35-49

MENDES, José Amado (1992) – O contributo da biografia para o estudo das elites locais: alguns exemplos In História social das elites: Comunicações ao Colóquio organizado pelo Instituto de Ciências Sociais. *Análise Social*, volume XXVII, números 116-117, 1992 – 2.º-3.º p. 357- 365

NÓVOA, António (1998)- História da Educação: novos sentidos, velhos problemas. In MAGALHÃES, Justino (org.)- Fazer e ensinar História da Educação em Portugal: actas do 2º Encontro de História da Educação. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia. P. 35-54

NUNES, João Paulo Avelãs (1993) – Ideologia e história do Estado Novo: 1933-1949. *Vértice*. Set.- Out. II Série. N.º 56. p. 13-23

OLIVEIRA, António Braz de (1992)- Arquivística literária: haec subtilis ars inveniendi. Cadernos BAD (2). p. 107-121

OLIVEIRA, Isabel (2003) – 80 anos de papas: A Sociedade de Produtos Lácteos...*Expresso: Única*. 8-Nov. p. 88-93

OLIVEIRA, Isabel (2003) – O pioneiro da indústria /Henri Nestlé.../ *Expresso: Única*. 8-Nov. p. 94-98

PEIXOTO, Pedro de Abreu (2002)- Perspectivas para o futuro dos arquivos de família em Portugal. *Cadernos BAD: Informação – um direito de cidadania*. Lisboa. P. 76-90

PIMENTEL, Irene Flunser (2001)- Cem anos de vida das mulheres em Portugal. *História*. Ano XXIII (3ª Série) Março. P. 12-23 (Dossier O Século das mulheres)

PINTO, António Costa (1992) – As Elites políticas e a consolidação do salazarismo: o Nacional Sindicalismo e a União Nacional. In História social das elites: Comunicações

ao Colóquio organizado pelo Instituto de Ciências Sociais. *Análise Social*, volume XXVII, números 116-117, 1992 – 2.º-3.º p. 575 – 613

PROENÇA, Maria Cândida (1992) – O Significado histórico-educativo da reforma de Jaime Moniz. In FERNANDES, Rogério e MAGALHÃES, Justino(Orgs.) (1999) – Para a História do Ensino Liceal em Portugal: Actas dos Colóquios do I Centenário da Reforma de Jaime Moniz (1894-1895). Braga: Secção de História da Educação da Sociedade Portuguesa de Ciências de Educação. P.39- 50

RODRIGUES, Adriana (1954) – Educar a mulher para a família: II- Meninas, bonecas ou espantalhos? *Mensário das Casas do Povo*. Ano IX. N.º 101.Novembro. p. 8-9

RODRIGUES, Adriana (1954 a) – Educar a mulher para a família: III- As Meninas, e a Escola. *Mensário das Casas do Povo*. Ano IX. N.º 102. Dezembro. p.6-7

SILVEIRA, Luís (2002) – Os Dados pessoais e os arquivos. *Cadernos BAD: Informação – um direito de cidadania*. Lisboa. P.44-56

SILVEIRA, Paula (1987)- Os Valores do quotidiano no Estado Novo: ruptura ou continuidade?. In COLÓQUIO sobre o Estado Novo: das origens ao fim da autarcia: 1926-1959. 2º v. Lisboa: Fagmentos. P. 303-320

SOUSA, Maria Reynolds de (1986) – As primeiras mulheres deputadas portuguesas. In Colóquio A Mulher na sociedade portuguesa: visão histórica e perspectivas actuais. 20-22 Março 1985. 2º vol. Coimbra: Instituto de História Económica e Social. P. 427-444

STOER, Stephen R.; ARAÚJO, Helena Costa G. (1987)- A Contribuição da Educação para a formação do Estado Novo: continuidades e rupturas: 1926-1933. In COLÓQUIO sobre o Estado Novo: das origens ao fim da autarcia: 1926-1959: actas. 2º v. Lisboa: Fagmentos.p. 125-148

TAVARES, Manuela (2001)- Associações de mulheres nas décadas de 70 e 80. *História*. Ano XXIII (3ª Série) Março. P. 30- 39 (Dossier O Século das mulheres)

TORDO, João (2004) - Vista Alegre: uma grande família...*Sábado*. 9 de Julho. P. 92-99

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA (2002)- Aprender a educar: II Programa Aberto de Formação de Pais da UCP /desdobrável/. Lisboa: UCP, Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa. www.UCP.pt/CEPCEP

VALA, Jorge (1986)- Sobre as representações sociais: para uma epistemologia do senso comum. *Cadernos de Ciências Sociais*. Nº 4 (Abril). P. 5-30

VICENTE, Ana (1998) – As Mulheres em Portugal: valores, vivências, poderes nas relações entre os dois sexos. Lisboa: Multinova. 227 p.

VICENTE, Ana (2002)- Histórias de mulheres. In CASTRO, Zília Osório de (dir.) (2003)- Falar de mulheres: Da igualdade à paridade. Lisboa: Livros Horizonte. /Comunicações do I Curso Livre de Estudos sobre a Mulher, realizado na FCSH da UNL em Maio 2002/.p. 13-42

VIÑAO FRAGO, Antonio (2002)- Espaço escolar /conferência no âmbito do mestrado em História da Educação/. Lisboa: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação/. 15 Fev.

8.2.5 Dissertações e teses:

ABREU, Carlos (1999) – Limpos, sadios e dóceis: História da Saúde Escolar em Portugal no Estado Novo: 1930 a 1960. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. 2 v. (Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação)

BORGES, Ana Maria Rodrigues (2003) – “Os Nossos Filhos”: Uma Revista dos anos 40. Lisboa. 224 p. (Dissertação de Mestrado em Estudos sobre as Mulheres, na Universidade Aberta. Orientação Prof^a Doutora Anne Cova)

DE LA FUENTE, Maria José (1989) – O Ensino secundário feminino: os primeiros vinte anos da Escola Maria Pia. Lisboa.188 p. (dissertação de mestrado)

GUIMARÃES, Maria Alice Ramalhete Pinto (2002) – Saberes, modas & pó de arroz: *Modas & Bordados: Vida Feminina: 1933-1955*. Coimbra: Fac. Letras. 234 p.

ILDEFONSO, Maria Isabel Moutinho Duarte (1998)- *As Mulheres na imprensa periódica do séc. XIX: o jornal A Voz Feminina: 1868-1869*. Lisboa: Universidade Aberta.(Dissertação de mestrado em Estudos sobre as Mulheres)

Ó, Jorge Manuel Nunes Ramos do (2002)- *O Governo de si mesmo: modernidade pedagógica e encenações disciplinares do aluno liceal- último quartel do séc. XIX-meados do séc. XX*. Lisboa. (Dissertação de doutoramento na área de História da Educação, apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa)⁵⁹³

PIRES, Ema Cláudia (2003) – *O Baile do Turismo: Turismo e Propaganda no Estado Novo*. Casal de Cambra: Caleidoscópio. 125 p. (Teses)

RAIMUNDO, Orlando (2003) – *A Última dama do Estado Novo e outras histórias do Marcelismo*. Lisboa: Temas e Debates. 121 p.

REZOLA, Maria Inácia (1999) – *O Sindicalismo no Estado Novo: 1931-1948*. Lisboa: Estampa. 290 p. (Histórias de Portugal; 42)

RIBEIRO, Maria da Conceição (1995) – *A Polícia Política no Estado Novo: 1926-1945*. Lisboa: Estampa. 314 p. (História de Portugal; 17)

RIBEIRO, Maria Helena (2000)- *As Mulheres na sociedade portuguesa dos anos 30 vistas através de romances...*Lisboa: Universidade Aberta. (Dissertação de mestrado em estudos sobre as Mulheres)

SANTO, Sílvia Espírito (2003) – *Adeus, até ao teu regresso: o Movimento Nacional Feminino na Guerra Colonial – 1961-1974*. Lisboa: Livros Horizonte. 117 p.

⁵⁹³ Não publicada à data da consulta

SOUSA, Jorge Pais de (1999) – Bissaya Barreto: ordem e progresso. Coimbra: Minerva. 292 p.(Minerva: História; 19) (acompanhada com) Mendes, João /Cd-rom/ - *Rumo à vida: A Obra de Assistência na Beira Litoral*. 25 min. ISBN 972-8318-75-8

9 Apêndices – (Apenas em suporte digital)

9.1 Apêndices ao capítulo 1

9.1.1 Doações

Rui Manuel Namorado Rosa

Ana Maria Pessoa

Carmélia Vicente

Maria Isabel Rodrigues Anjo

Constança Leonoreta da Graça Azambuja Leitão

Maria Adelaide Salvador Marques

Maria Cândida Caeiro

Maria da Conceição Coutinho de Oliveira Marques

Maria do Carmo Rodrigues

Maria Iolanda Faria e Maia Bustorff Lapão

Ema Martiniano Delgado Mercês de Melo

Isabel Maria de Caldas Correia Lage

Cecília Menano

Carlos Nuno de Abreu Pinto Coelho

José Casimiro dos Santos Vinagre

Jaime Salazar de Sousa

Maria Amélia de Almeida Ribeiro Vieira da Luz Carvalho

Maria Carolina Tito de Morais

Maria Eugénia Teixeira dos Prazeres

Maria Isabel Mendonça Soares

Maria Isabel Vieira Pereira

Maria Lira Keil do Amaral

Maria Regina Pereira da Silveira e Sousa

9.1.2 Guias preliminares

Regras de construção

Guia preliminar

9.1.3 Base bibliográfica de Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado

9.2 Apêndices ao capítulo 2

Liceu Garrett- Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho

Espólio de António Florentino Namorado – Évora

9.3 Apêndices ao capítulo 3

Notícias de Penacova

Modas & Bordados

Página das Mães em Modas & Bordados

Mãos de Fada

Programa radiofónico

Rádio e Televisão

Exposição *Tapetes de Arraiolos*, 1956

9.4 Apêndices ao capítulo 4

Biografias

Critérios de construção da base

Listagem de biografadas(os)

Fotos 1700

Base das fotografias – revista e registo de fotos

Listagem por categorias

Colaboradores estrangeiros

Concursos

Editoriais

Exposição *Lisboa vista pelas suas crianças*

Número de artigos/ano

ONF 205 –base de artigos da revista

Publicidade educativa

9.5 Apêndices ao capítulo 5

9.5.1 Guias da base das cartas

Guia versão Maio 2004- com 11237 cartas

Guia versão seleccionadas – com 9890 cartas

Guia versão 9500 cartas

Cartas: análise por categorias

9.5.2 Dedicatórias

Anexos

Anexos ao Capítulo 1

Base bibliográfica de Espólio de Torres Novas